

**Universidade de Santiago de Compostela**  
**Faculdade de Filologia**  
**Departamento de Filologia Galega**



***OS SETE TRATADOS CARTUSIANOS***  
**Edição e Glossário. Contributos para o**  
**Estudo Linguístico**

Tese de Doutoramento

Aida Sampaio Lemos  
2009



O orientador:

---

(Doutor José António Souto Cabo)

A doutoranda:

---

(Aida Sampaio Lemos)

*A memória do meu avô*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecer, já alguém o disse, é quase sempre tornar público aquilo que ao público não interessa grandemente. Contudo, é um acto de justiça junto daqueles que, de uma forma ou outra, nos ajudaram a levar a cabo determinado trabalho. Assim, quero deixar uma palavra de agradecimento:

À Fundação para a Ciência e Tecnologia pela atribuição da Bolsa de Doutoramento, entre 1999 e 2003.

Ao professor José António Souto Cabo, a quem devo a orientação desta dissertação e o interesse crescente pelo estudo de textos antigos, pelo acompanhamento duto e sincero, a nível científico e humano, agradecendo-lhe igualmente as sugestões, as críticas sempre justas e a atenção que dedicou ao meu trabalho, desde o projecto inicial e ao longo do tempo da sua elaboração.

Ao professor Brian Head, que acompanhou o projecto inicial e demonstrou sempre disponibilidade para atender às minhas dúvidas e preocupações.

Ao Dr. Zé, pelo apoio escrupuloso que me deu no meu trabalho e pelo cuidado fraternal; ao Dr. Nuno Pizarro que generosa e pacientemente me ensinou a ‘ler’ manuscritos medievais; e ao Zé João, pela adaptação e criação de suportes informáticos para os textos que estudei.

Aos meus antigos colegas, e amigos, do Departamento de Estudos Portugueses da Universidade do Minho, Aldina, Teixeira, Álvaro e Ana, pelo apoio em todas as situações, mesmo as mais desconfortáveis, e à Adelina, do Centro de Estudos Humanísticos da mesma universidade, por toda a atenção e disponibilidade demonstradas nas minhas buscas de bibliografia.

Aos meus amigos de sempre, Paula, Rui e Micaela, pelo amparo e lealdade.

Às pessoas próximas da minha vida que se mantiveram presentes e dedicadas mesmo nos momentos mais difíceis.

Ao meu filho, Zé Miguel, companheiro verdadeiro da minha vida.



# ÍNDICE

Agradecimentos

Resumo

INTRODUÇÃO ..... 1

## I. O OUTONO DA IDADE MÉDIA

1. A Igreja e o monaquismo na Baixa Idade Média ..... 5
2. A Regra de S. Bento e o monaquismo ocidental. .... 23
3. Cluny, Cister e Cartuxa. .... 28
4. Livro e Leitura. Cópia e Tradução. .... 33
5. Santa Maria de Alcobaça. O exercício da tradução. Prosa literária escrita em português do século XV. .... 44

## II. PARA A EDIÇÃO DE TEXTOS DA PROSA LITERÁRIA DO SÉCULO XV ESCRITA EM PORTUGUÊS: OS *SETE TRATADOS CARTUSIANOS*

1. Os *Sete Tratados Cartusianos*: datação; autoria; edições; descrição do código Alc. CCLXXVI/199 da Biblioteca- Nacional de Lisboa. .... 58
2. As nossas edições..... 62
  - 2.1. Normas de transcrição. .... 64
3. Edição do do código Alc. CCLXXVI/ 199 da Biblioteca- Nacional de Lisboa.
  - 3.1. Edição “conservadora”. .... 68
  - 3.2. Edição “modernizadora”..... 69

## III. OS *SETE TRATADOS CARTUSIANOS*: GLOSSÁRIO

1. Normas seguidas na realização do Glossário. .... 313
2. Glossário do texto da edição “conservadora”. .... 319

## IV. A LÍNGUA DOS *SETE TRATADOS CARTUSIANOS*: Contributos para o Estudo Linguístico

1. Alguns aspectos da língua dos *Tratados*. .... 451
  - 1.1. Particípios passados em *-udo/ -ido*. .... 455
  - 1.2. Encontros vocálicos: *-eo, -ea*. .... 456
  - 1.3. Terminações hiáticas do plural de formas que terminam no singular em *-l*. .... 457
  - 1.4. Terminações hiáticas *-aes, -ees, -aae* e *-ee* consequência da síncope do *-d-* no morfema número-pessoal *-des/ -de*. .... 457
  - 1.5. Terminações nasais: *-om; -am; -õ; -ã; •o; •os; •e; •es*. .... 458
  - 1.6. Sistema de demonstrativos. .... 461
  - 1.7. Sistema de possessivos. .... 461
2. Organização enunciativa do discurso dos *Sete Tratados Cartusianos*..... 462

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 507

V. BIBLIOGRAFIA ..... 511



## INTRODUÇÃO

A Idade Média, tempo e espaço longínquos que têm suscitado ora fascínios ora aversões, estende-se por séculos povoados por homens e mulheres que foram deixando rasto na história física e mental de que hoje somos derivação e fruto. A influência que teve esse período sobre o pensamento e a cultura ocidentais é de tal forma importante que o seu estudo não apenas se justifica como se apresenta fundamental. Ao longo desses séculos, foram ficando textos, verbais ou outros, produto das vivências e desejos, medos e angústias, crenças e aspirações de quem neles viveu. Essas manifestações estão intimamente ligadas a uma cosmovisão do mundo na qual Deus se configurava como pólo centralizador e a cristandade se assumia como a verdadeira forma de existência. Com efeito, subjacente a toda a actividade da sociedade medieval está a importância da fé cristã e da doutrina da Igreja que alicerçavam e regulavam todo o comportamento moral e intelectual (Price: 1996, 17).

A produção escrita medieval aparece enformada por essa mundividência, servindo-lhe de suporte e ajudando na sua transmissão e divulgação. Os livros assumem-se sobretudo como forma privilegiada de propagar a Palavra de Deus e a literatura espiritual como meio de ensinar e ajudar os homens a chegar a Deus. Esta tarefa estava a cargo daqueles que, fugindo do mundo, se refugiavam nos mosteiros e viviam ali a sua fé. Aos monges de várias Ordens devemos muitos dos textos que nos chegaram, quer pelo labor de produção, autoral ou apócrifa, quer pelo de cópia ou de tradução.

No presente trabalho pretendemos estudar os *Sete Tratados Cartusianos*<sup>1</sup>, um conjunto de textos que, pela temática, pela estrutura, pela proveniência, pela língua em que estão escritos e pela imagem do mundo medieval que veiculam, se configuram como documentos de especial importância para a história da língua portuguesa, em particular, e para a história literária e cultural, em geral, assumindo-se, a par com os castelos, as torres, as muralhas, os mosteiros, as catedrais ou os claustros, como

---

<sup>1</sup> Referidos frequentemente, no corpo do presente trabalho, apenas como *Tratados* ou *Sete Tratados*.

testemunhos e monumentos de uma época e do desenvolvimento do espírito humano.

Assim, no Primeiro Capítulo debruçar-nos-emos sobre o contexto histórico-religioso, cultural e literário do qual emergem os textos, pelo que faremos breves incursões às Ordens que se relacionam com os textos em estudo, à concepção do mundo do homem medieval, ao nascimento do monaquismo ocidental e ao poder e influência que este ideal de vida logrou ter na Europa ocidental; com o mesmo objectivo, falaremos também do livro medieval e da sua importância na construção do pensamento medieval, bem assim como, e tendo em conta o facto de estes *Tratados* terem sido putativamente traduzidos e copiados no *scriptorium* do Mosteiro de Alcobaça, deste Mosteiro como centro difusor da cultura medieval em Portugal e da tradução como forma de propagação de ideais e modelos do mundo, tal como do seu papel relevante na consolidação do vernáculo.

Seguidamente, no Segundo Capítulo, apresentaremos as edições que realizámos dos *Tratados*. Cabe aqui dizer que a edição por nós levada a cabo se iniciou antes da primeira publicação da edição integral do conjunto dos sete tratados desta obra, intento que era igualmente o nosso, por achar que, havendo edições parciais de alguns dos tratados, se configurava importante dar a público a edição integral de todos. No entanto, e como as vicissitudes académicas se assemelham em parte às da vida em geral, o nosso objectivo era partilhado sem o sabermos por outras pessoas<sup>2</sup> – o que, se para propósitos académicos estritamente encarados dilapidou um dos objectivos do nosso trabalho, tal não se afigurou, no entanto, impeditivo de apresentarmos a nossa edição, porquanto cremos que é vantajosa a existência de edições que sirvam públicos distintos e que possam ser suporte fiável para trabalhos linguísticos e, para tal, estruturalmente constituídas. Para além disso, e perseguindo objectivos distintos, fizemos uma edição “conservadora” e outra “modernizadora”<sup>3</sup> e apresentamo-las em confronto página a página. Dos

---

<sup>2</sup> Referimo-nos ao trabalho de Silva (2001).

<sup>3</sup> Na falta de uma terminologia mais conformada com os nossos intentos, optámos pela indicação entre aspas destes dois adjectivos, querendo transmitir a ideia de que os critérios seguidos numa e noutra edição se pautam, na “conservadora”, pela fidelidade ao texto do manuscrito e consequente pouca intervenção neste por parte do editor e, pelo contrário, na “modernizadora”, pela forte interferência, interpretativa e linguisticamente actualizadora, do editor na transcrição do texto.

critérios de transcrição daremos também conta nesta segunda parte do trabalho.

O Terceiro Capítulo é constituído pelo Glossário exaustivo dos *Sete Tratados* (texto da edição “conservadora”) e, finalmente, no Capítulo Quarto, abordaremos alguns aspectos da língua em que os documentos estão escritos e da organização enunciativa do discurso.

Pensamos que trabalhos como o presente, não obstante o facto de serem pouco atractivos para as publicações de mercado e até mesmo académicas, têm um lugar relevante como estudos parciais de um todo que se deseja construir em torno do conhecimento da época medieval do português, contribuindo para esse conhecimento. Assim, pensamos que a edição e o breve estudo linguístico realizados podem ser encarados como contributos para a Linguística Histórica Portuguesa, bem assim como o Glossário que, sendo um repositório de termos usados, num texto desta natureza e em que a tradução tem lugar, se poderá configurar como uma fonte de dados para a construção de um dicionário etimológico da língua portuguesa. Considerando a temática dos textos editados e estudados, este trabalho contribui igualmente para o desenvolvimento do conhecimento sobre a prosa literária escrita em português do século XV, sobretudo no que diz respeito aos textos religiosos e místicos.



## I. O OUTONO DA IDADE MÉDIA

*Toute synthèse repose aujourd'hui  
sur la connaissance de la masse  
immense des travaux antérieurs.*  
(Raymond Bloch)

### 1. A Igreja e o Monaquismo na Baixa Idade Média.

A expressão “Idade Média” foi usada inicialmente pelos humanistas com um pendor pejorativo de forma a estigmatizar o que era considerado como séculos de retrocesso intelectual e social depois da Antiguidade Clássica até ao Iluminismo (Nicholas: 1999, 13). Abarcando uma dezena de séculos, que naturalmente recobrem aspectos muito distintos, a expressão “Idade Média” é também por isso difícil de ser estritamente definida, mesmo que sigamos a via etimológica, tanto mais que, como relembra Eco (1989: 10), “na sua explícita etimologia, é como se tivesse sido inventada para poder integrar uma dezena de séculos que se encontravam a meio caminho entre duas épocas ‘excelentes’, uma de que se estava muito orgulhoso e a outra que se tinha tornado motivo de grande nostalgia”. O facto de remeter indiscriminadamente para um percurso temporal tão longo, traz igualmente dificuldades, na medida em que, e voltando a Eco (1989:10), esta denominação reúne “sob uma mesma etiqueta uma série de séculos tão diferentes entre si, por um lado, os que se situam entre a queda do Império Romano e a reestruturação carolíngia, em que a Europa atravessa a mais assustadora crise [...] e, por outro, os séculos do renascimento que se seguiram ao primeiro milénio”.

A imagem de uma era não esclarecida, intelectual e socialmente obscura, plena de crendices e superstições, valeu à Idade Média a denominação de “Idade das Trevas”. Não obstante a revalorização parcial levada a cabo por alguns, nomeadamente pelos românticos, sobre os quais esta época exerceu um fascínio particular, esse epíteto foi recorrentemente empregue ao longo dos tempos para caracterizar esses dez séculos<sup>4</sup>, embora

---

<sup>4</sup> Le Goff (1977: 13- 15), socorrendo-se da imagem da ‘roda da fortuna’, chama a atenção para as atitudes extremas tomadas nos últimos séculos em relação à Idade Média: “La Renaissance et l’époque classique avaient vu le Moyen Age en noir. C’était le temps de l’art dit «gothique», de la barbare

tenha vindo a ser gradualmente, e bem, recusado pela maioria dos investigadores. Assim, e fundamentando a opinião de que “les ténèbres du Moyen Age ne sont que celles de notre ignorance” (Marrou: 1976), são numerosos os estudiosos, medievalistas ou não, que provaram que tal adjectivação era incorrecta e injusta. Régine Pernoud, por exemplo, no seu livro *Pour en finir avec le Moyen Age*, escrito em 1977 (mas ainda com traduções recentes), desfaz clara e comprovadamente alguns dos mitos que valeram à Idade Média essa identificação com a “obscuridade”, chamando a atenção para factos de todos conhecidos que rebatem essa classificação, tais como o papel importante dos medievais na preservação do saber clássico, a evolução do conhecimento e das letras durante os séculos em que essa época está compreendida, a atitude dos intelectuais medievais perante o saber antigo, considerado este, como dizia Bernardo de Chartres no século XII, um gigante a partir do qual os homens podiam ver mais além. Conservou-se, no entanto, a expressão ‘Idade Média’, cuja validação científica é posta em causa por diversos autores, mas que se impõe por razões metodológicas (Curtius: 1976, 41). Assim, costumam ser indicados dois grandes períodos na Idade Média: a Alta Idade Média (das invasões bárbaras ao século XI) e a Baixa Idade Média (do século XII ao XV).

Concordamos com Price (1996: 21) quando diz que “cada segmento do passado, e a Idade Média não constitui uma excepção, exige a interpretação do seu conteúdo dentro do respectivo contexto [...]”, o que ganha mais acuidade quando nos reportamos a uma época longa e recuada no tempo; com efeito, as “ideias intelectuais medievais são produto do respectivo contexto, que abarcou a recepção do saber clássico pelo latim, o surgimento do monaquismo europeu, a ‘descoberta’ das línguas vernáculas e o escolatismo”. Assim, quando nos debruçamos sobre um texto produzido numa época tão distante de nós, e que não raramente nos causa sobressaltos e muitas dúvidas, não nos podemos abstrair, para tentar compreender o mais profundamente possível o seu funcionamento, do sistema em que ele foi produzido e recebido,

---

scolastique, et les Anglais trouvèrent la bonne formule : *the dark ages*, l’âge des ténèbres. [...] Le romantisme commença à renverser le courant. L’amour des ruines se porta des temples antiques aux châteaux forts ruinés et aux cathédrales inachevées. [...] encouragée par le renouveau catholique et plus largement religieux de la fin du XIX siècle et du XX siècle, la pensée médiévale s’est trouvée soudain revalorisée. [...] à en croire aujourd’hui ses nombreux thuriféraires, le Moyen Age a tout inventé [...]”.

o que não equivale, no entanto, à asseveração de um determinismo absoluto que esconda a realidade da sua construção textual. Tanto mais que, como já referimos, falamos de textos distantes de nós, quer temporal e espacialmente, quer temática e estruturalmente. Para além disso, são documentos escritos sobre cuja autoria e transmissão recaem muitas vezes desconhecimentos e incertezas difíceis de ultrapassar. Gurevitch (1990: 8), a propósito da literatura hagiográfica, chama também a atenção para a importância de se compreender o sistema de valores medievais para entender os textos: “Nous ne pouvons pas non plus ignorer le système de valeurs sur lequel repose la vision du monde de l’homme médiéval et prétendre comprendre sa culture. Au Moyen Age, le genre littéraire le plus largement répandu et le plus populaire est l’hagiographie, les ‘vies’ de saints ; le modèle architectural le plus caractéristique est la cathédrale ; la peinture est dominée par l’icône, la sculpture par les personnages de l’Écriture sainte. Les maîtres médiévaux – écrivains et peintres – méprisant la configuration visible du monde qui les entoure, ont les yeux fixés sur l’autre monde”. Johan Huizinga<sup>5</sup> refere-se igualmente a esta questão, dizendo que, para se compreender o espírito de uma época, é necessário conhecer não só “as suas forças reais e ocultas”, mas também “os seus caprichos, ilusões e erros”, acrescentando que “para a história da civilização as ilusões ou opiniões de uma época têm o valor de factos reais.” Assim, e não obstante as dificuldades em o fazer, dada a abundância de aspectos a saber, torna-se importante conhecer ou, tal como diz Eco (1989: 14) a propósito da estética medieval, “penetrar com muito amor” nas mentalidades, nos ideais, nos medos, nas expectativas e na sensibilidade desta época, para nos aventurarmos na análise e compreensão das suas construções de que os textos são um dos seus grandes exemplos e heranças. Textos que são testemunhos de uma época, marcas de sensibilidades, pensamentos, temores e anseios de homens que viveram o seu tempo do qual incorporaram as concepções mais estruturantes, uma era remota para nós em que, e também por isso, é mais difícil de alcançar sem estar imbuído das concepções modernas que hoje estruturam a nossa realidade.

---

<sup>5</sup> Cf. Huizinga, Johan, *O Declínio da Idade Média*. Trad. portg. de A. Abelaira. Lisboa- Rio de Janeiro: Ed. Ulisseia, s/d, p.58.

Paul Zumthor (1993) adverte para essa ‘individualidade’ e ‘alteridade’ dos textos arcaicos, considerando que estes devem ser analisados dentro duma determinada contextura, a sua, por serem textos que, para além de outros aspectos relevantes, “foram produzidos por homens que viveram num país que de comum com aquele que habitamos apenas tem uma minúscula parcela de terreno, metamorfoseada já até ao desconhecido, cuja mentalidade diferia profundamente da nossa, cuja vida política, social, económica era outra, cuja historicidade, enfim, nos escapa” (Zumthor 1993: 10).

Por conseguinte, quando nos debruçamos sobre textos medievais devemos ter em conta que estamos perante documentos produzidos num determinado processo histórico e tentar, nas palavras de Picchio (1979: 214), “entender, no sentido mais amplo do termo, quanto um outro homem, mesmo distante no tempo e no espaço, confiou aos signos”. Tal não implica que possamos negligenciar os dados resultantes da análise do modo de produção facultados pelo texto, fornecidos pela construção e pela língua em que está escrito; para além de não podermos omitir que os textos são agentes e transmissores de saberes, crenças e ideais, mas que também servem a divulgação de ideias e concepções, ou seja, são modelados pela visão de um mundo determinado, mas também modeladores desse mundo.

O final da Baixa Idade Média, o “Outono da Idade Média” numa feliz expressão de Johan Huizinga, período sobre o qual recai o âmbito do nosso trabalho, é uma época de declínio de um mundo, num movimento de continuidade e não de desaparecimento absoluto, de renovação e ajustamento de mentalidades, comportamentos e crenças. Durante muito tempo, os estudiosos dedicaram-se sobretudo ao estudo dos períodos em ascensão. Assim, e tal como diz Huizinga, “na história medieval, temos buscado tão diligentemente as origens da cultura moderna que parece por vezes que o período a que chamamos Idade Média pouco mais foi que o prelúdio à Renascença. Mas, na História como na natureza, nascimento e morte estão equilibrados entre si”<sup>6</sup>. Para além disso, mesmo épocas ditas em declínio legam aos vindouros testemunhos preciosos para a construção da História do Homem. Esta é uma época de grandes contrastes, na qual ambição e desprezo

---

<sup>6</sup> Cf. Huizinga, Johan. *Op.cit.*, p.7.



pelo mundo, crueldade e piedade, virtudes e vícios, temor a Deus e barbárie, paixão e renúncia, caminham lado a lado numa tensão mediada pelo poder divino e em que as coisas do mundo e dos homens eram encaradas como elos de um movimento de unidade que começava e terminava em Deus. A mundividência medieval roda em torno da convivência entre o humano e o divino, entre o temporal e o espiritual, relação encarada como intrínseca à natureza humana e de que são inúmeros os testemunhos, nomeadamente populares, e de que o provérbio medieval “Nascimento e mortalha no céu se talha” (ainda hoje usado) é exemplo.

Pese embora o facto de a fé medieval não poder ser encarada como um bloco monolítico e unânime (Boureau: 1999, 422), porquanto as dúvidas e os conflitos foram constantemente evocados na vivência do cristianismo medieval, é certo que, até aos finais da Idade Média, “o cristianismo providenciou uma experiência comum para a maioria dos intelectuais, independentemente da nacionalidade ou antecedentes sociais” Nicholas (1999: 14).

Também por isso, a Idade Média é frequentemente caracterizada por ser a “Idade da Fé”. Marc Bloch<sup>7</sup> afirma que “Nada más justo, [...] si por «edad de la fe» se entiende que toda la concepción del mundo en la que esté excluído lo sobrenatural permanecía totalmente extrana a los espíritus de aquel tiempo, la edad media; o dicho con mayor precisión, nada más justo si afirmamos que la imagen que aquellas gentes se hacían de los destinos del hombre y del universo se inscribía, de modo prácticamente unánime, en las enseñanzas trazadas por la teología y la escatología cristianas, según sus formas occidentales”. Rober Sabatino Lopez<sup>8</sup> manifesta a mesma opinião, afirmando que “esos mil anos de la edad media no fueron solamente «una edad de la fe», y no puede decirse, tampoco, que la fe es un fenómeno exclusivamente medieval. Pero sí es cierto que las catedrales fueron los monumentos más impresionantes de esa época; que el más grande de los poemas fue una descripción del infierno, del purgatorio y del paraíso; que las cruzadas fueron las únicas empresas colectivas que temporalmente aliaron a

---

<sup>7</sup> Bloch, Marc (1939), *La société féodale*. Cit por Santiago-Otero, Horacio (1996:125).

<sup>8</sup> Sabatino Lopez, Robert (1965) na apresentação da obra de Anne Fremantle, *Age of Faith*. Cit. por Horacio Santiago-Otero (1996:125).

las diferentes naciones; que, habiendo habido, en esa época, herejes e infieles, el agnosticismo no existió o se vio reducido al silencio; es cierto también que el clero era más numeroso y ejercía una influencia más grande en asuntos de política, de economía, de filosofía y de otras actividades intelectuales como jamás ha sido posible en épocas posteriores”. También Robert Curtius (1976:126) considera que a mensagem principal do pensamento medieval é “el espíritu mediante el cual se reafirma la tradición, y este espíritu es fe y es alegría”.

Tal como nos diz Le Goff (1999: VII), a Idade Média está simultaneamente distante e próxima de nós, “Il est proche parce que, à la couche des héritages préhistoriques et antiques, il a ajouté (et souvent substitué) des apports que nous ressentons, que nous vivons aujourd’hui comme des héritages fondamentaux, des créations originelles d’identité: paysages urbains et ruraux, conflits et compromis entre la raison et la foi, rapports difficiles entre l’Etat et la société, organisation scolaire et universitaire, sensibilité artistique et littéraire. [...] Mais le Moyen Age est également loin de nous. Il nous est souvent étranger, et ce charme exotique constitue une partie importante de la fascination qu’il exerce. Pour ne prendre que quelques exemples, en désordre, le miracle et le diable ne sont plus omniprésents, la mort subite n’est plus considérée comme la pire des morts [...]”. Esta multiplicidade de traços, diversos e por vezes opositivos entre si, é característica da Idade Média, embora também exista naturalmente em outras épocas da humanidade. Talvez alguma da sobrevalorização que desses traços é feita se fique a dever à subalternização que sofreram durante muito tempo, o que, de todo imerecido, foi clarificado por vários estudiosos, nomeadamente Jean-Claude Schmitt (1976:941) que mostrou que “la culture médiévale est multipolaire, interactionnelle, attentive aux médiations et aux médiateurs”. A rejeição de um monolitismo da época medievá é também realçada por Martins (1969: 86): “Não existem épocas monolíticas. Existem épocas orgânicas, com várias estratificações e estruturas complementares. Mera experiência das coisas, expressão estética do mundo interior e exterior, simples ciência humana mais ou menos sistematizada, contemplação divina – tudo isto e muito mais formava a Idade Média. Como hoje em dia.”

A sociedade medieval é, como é sabido e já foi referido, uma sociedade de oposições e contradições; mais do que muitas outras, no dizer de Le Goff (1989:15), se é verdade que esta sociedade “recusou o maniqueísmo doutrinal, praticou um maniqueísmo de facto através de oposições de tipo bons/maus, ou então, de tipo superior/inferior. A cristandade foi, assim, representada muitas vezes por esquemas binários, por pares antitéticos, sendo o mais geral, e o mais importante, a oposição clérigos/leigos, normal numa sociedade dominada por uma religião gerida pelo clero. Mas o poder também foi uma importante linha divisória.”.

A Fé cristã num Deus único, onnipotente e onnipresente, num Deus *fabricator*, *aedificator*, *architectus* e *artifex*, criador do mundo e do homem à sua imagem e ordenador do cosmos, caracteriza efectivamente estes tempos em que as instituições cristãs se assumem como a legibilidade de uma lei do mundo (Certeau: 1975). Com efeito, a ideia congregadora da realidade medieval funda-se na ideia de Deus: “S’il est une notion qui rassemble en elle toute la conception du monde des hommes du Moyen Âge, c’est bien celle de Dieu. Il n’est pas alors d’idée plus englobante, plus universelle que celle-ci. Dieu embrasse ou, pour mieux dire, déborde tout le champ concevable de l’expérience, tout ce qui est observable dans la nature et parmi les hommes, tout ce qui est pensable, à commencer par l’idée même de Dieu” (Schmitt : 1999, 273).

A religião, a moral, o poder, os comportamentos sociais e individuais enquadram-se, explicam-se, geram-se e gerem-se num quadro cristão e cristianizável. A comunidade de crentes era o núcleo central da sociedade, de tal modo que era frequente a identificação dos indivíduos por meio de designações representativas do estilo de vida cristã que seguiam, da posição hierárquica na Igreja ou do seu estado de graça (Price: 1996, 30): anacoreta, clérigo, monge, laico, cardeal, bispo, virgem, mártir, santo, pecador....

Na cosmovisão do mundo medieval “não existiam forças e elementos éticos neutros: todos tinham uma relação com o conflito cósmico do bem e do mal e participavam na história universal da redenção” (Gurevitch: 1990, 337-338). Não é pois de admirar que as instituições cristãs tivessem um lugar preponderante na sociedade medieval e assumissem um papel de

mediação entre o terreno e o transcendente, impelindo o homem a viver na contemplação da eternidade. As doutrinas cristãs veiculadas e reguladas pela Igreja surgem como base comum a todas as actividades da sociedade medieval, pelo que, e nas palavras de Price (1996:17), “O período pode ser caracterizado, na sua globalidade, como um período com um conjunto de ideias cristãs, unificadoras e poderosas, sobre o comportamento moral e intelectual, consideradas o alicerce de toda a actividade humana”. Na *Introdução ao Pensamento Medieval*, Price (1996:18) afirma a sua convicção de que os aspectos desta época reflectem uma vertente intelectual, sendo que “É na própria diversidade de culturas – clássico-pagã e religiosa, cristã e judaica ou muçulmana, religiosa e secular, latina e vernácula – que se encontram os germes da intelectualização medieval” e de que o pensamento moderno é ainda devedor.

Mais como movimento evangélico com uma vocação ecuménica do que como especulação filosófica ou sistema de pensamento racional (Guerrero:1996), o Cristianismo, inicialmente limitado a um número reduzido de seguidores, depressa deu voz a um forte universalismo imanente e propagou-se rapidamente<sup>9</sup>; e, se os primeiros tempos da era cristã, antes de Constantino, se caracterizaram por frequentes perseguições aos cristãos, depois sucederam-se épocas em que o Cristianismo como sistema de crenças assumido por um grande número de pessoas provocou profundas transformações na vida social, política e cultural dos povos, pelo que é considerado, “además como hecho estrictamente religioso, como uno de los acontecimientos que más han influido en el desarrollo de la historia humana.” (Gerrero: 1996, 13).

Desfeita a unidade do império romano, os modelos do Cristianismo ofereceram ao homem uma nova comunidade onde se integrar e promessas de uma vida para além da morte. Segundo Price (1996), um dos fenómenos mais importantes para a dimensão intelectual emergente do conceito de indivíduo inserido numa comunidade cristã foi a criação de um modelo imitativo de Jesus Cristo “na terra” a par com a “ressurreição” depois

---

<sup>9</sup> Na opinião de Price (1996:24), “O êxito do cristianismo dependeu, em termos pragmáticos, da circunstância de ter sido adoptado por grupos organizados, ou melhor, pelos seus líderes. No entanto, um *corpus* crescente de ideias e de escritos iria fomentar também a sedução intelectual do cristianismo e interpretar o seu papel social e político”.

da morte. O baptismo, o culto e a Eucaristia tornaram-se rituais importantes presentes na vida dos cristãos, bem assim como a adopção de formas de vida consagradas à religião cristã – inicialmente o mártir, mais tarde o crente e o eremita – que procuravam imitar Cristo.

A Igreja, instituição organizada e hierárquica, configurava-se como um dos pólos fundamentais da doutrina cristã. Instituição de poder desde os seus inícios, foi mantendo-o ao longo dos séculos, criando e solucionando crises, apoiada nas Escrituras e na Palavra de Deus, e imiscuindo-se nos assuntos temporais.

Assim, a acção de ordenar e regular todas as esferas da vida humana estará sempre subjacente aos procedimentos da Igreja, o que conduzirá ao poder que esta instituição terá continuamente sobre o comportamento do homem. Como diz Punte Ojea (1997:2), “El poder que despliega la Iglesia tiende a invadir, por la propia naturaleza de la Iglesia como institución espiritual y temporal, todas las esferas y ámbitos de la vida humana”.

O monaquismo como novo modelo de vida cristã, sendo uma das marcas da transição entre a Antiguidade e a Idade Média cristãs, institui-se sobretudo como um dos grandes fenómenos da espiritualidade da época e de cuja profundidade e alcance a civilização europeia é a vários níveis devedora. As raízes do seu aparecimento tiveram lugar no Egipto e na Palestina nos finais do século III por homens que, com base no Evangelho, ambicionavam por motivos ascéticos renunciar ao mundo. Depois de Constantino proclamar a paz com a Igreja cristã, o desaparecimento das perseguições e dos mártires deixa um espaço vazio na vivência do ascetismo, pelo que o isolamento do mundo se torna uma forma de se consagrar inteiramente a Deus sem interferência dos males mundanos.

Assim, num processo de continuidade da vida essencialmente solitária e arriscada dos eremitas, aparece uma outra concepção de vivência espiritual, uma forma semi-eremítica de monaquismo que rapidamente se propagou e que acabou por se conformar num modelo de vida comunitária de

monges, cuja origem se encontra no “deserto povoado” (Dalarun: 1996, 35) de seguidores de nomes como Antão e Pacómio<sup>10</sup>.

A Antiguidade deixa à Idade Média duas interpretações etimológicas do vocábulo ‘monge’: uma, mais antiga e mais conforme à origem da palavra, que designava o ‘solitário’ ou o ‘singular’ (tidos como sinónimos); outra, a mais usada na Idade Média, que qualifica aquele cuja alma procura viver isolada do mundo para viver perto de Deus. Num estudo importante sobre o vocabulário monástico da Idade Média, Leclercq (1961: 8), referindo-se às interpretações medievais do vocábulo ‘monge’, diz que “Cet accent mis sur l’unité plus que sur l’isolement devait conduire à une autre interprétation du mot moine, celui-ci désignant le fait de réaliser *l’unité entre plusieurs*”. Esta dualidade de interpretações ficou a dever-se, até certo ponto, a S. Jerónimo, que falou da solidão física do monge em relação aos outros homens, e a Stº Agostinho, cuja orientação ia no sentido de considerar a solidão da alma aliada à unidade entre os iguais. Durante toda a Idade Média estas duas concepções vigoraram, embora a segunda tenha sido mais globalmente utilizada. Para além disso, não raras vezes a palavra ‘monge’ serviu também para designar qualquer pessoa que se dedicasse a um tipo de vida ascética.

O monaquismo, como modo de vida cristã, parece dever assim a sua origem à necessidade de encontrar um lugar onde a espiritualidade individual tivesse expressão longe do mundo, por oposição também ao envolvimento nas coisas temporais de que o clero secular dava conta. Na

---

<sup>10</sup> Santo Antão (m. 356) reuniu ao seu redor um grupo de seguidores que viviam em células separadas ou grutas e que recebiam a sua orientação; são lendários os combates no deserto entre este santo e o diabo e que inspiraram o tríptico de Bosh existente no nosso Museu de Arte Antiga. São Pacómio (m. 346), a quem tradicionalmente se atribui a criação das primeiras comunidades de monges, os cenóbios, incluindo um convento de freiras no vale do Nilo, organizou a vida cenobítica ditando regras de trabalho, de disciplina e de oração e estabeleceu a obediência como base da vida espiritual nos cenóbios; estas regras, escritas originariamente em copta, e que foram depois traduzidas para grego, foram difundidas no Ocidente por meio de uma versão latina feita por Jerónimo. A acção destes santos teve continuidade no Ocidente, nomeadamente na Península Ibérica, com nomes como o de Martinho de Dume e de São Frutuoso. Martinho de Dume, monge húngaro, passou por Roma e pelas Gálias e acabou em Portugal (Braga), onde cerca de 550 fundou em Dume um mosteiro; a ele devemos a implementação intensa aqui e na Galiza da vida monástica. A actividade da vida monástica no norte de Portugal também se desenvolveu com São Frutuoso, sucessor de Martinho de Dume no bispado de Braga, a quem se deve a *Regula Monachorum*, e que, perante a ausência de normas na formação de mosteiros, descrevia da seguinte forma o monaquismo do seu tempo: “Costumam alguns, por temor do inferno, formar para si mosteiros em suas próprias casas. Unem-se num corpo (comunidade) pelo vínculo do juramento, com suas mulheres, filhos, servos, vizinhos e em suas próprias possessões [...] dedicam igrejas sob a invocação dos mártires, e dão-lhes o falso nome de mosteiros; perdição das almas e ruína da Igreja” (Cit. por M. Martins (1947), “A vida económica dos Monges de São Frutuoso”. In *Brotéria*, t.44, pp.391-400).

verdade, na Alta Idade Média viveram-se anos difíceis que, plasmados em aspectos vários, conduziram, nas palavras de Eco (1989: 67), a uma “condição endémica de angústia e de insegurança fundamental”, para a qual uma das respostas sociais e espirituais foi a do monaquismo que oferecia no seio de uma comunidade a ordem e a calma preciosas para viver uma vida mais consentânea com aquela que Cristo perseguira e com os olhos postos na eternidade e na salvação.

A salvação está aliás no centro de todas as preocupações do homem medieval. Ora o monge é, numa das suas definições medievais, “aquele que chora” (*is qui luget*), “que chora os seus próprios pecados e os pecados dos homens e que, com uma vida de oração, meditação e penitência, procura conseguir a sua salvação e a salvação dos homens” (Le Goff: 1989, 10). Ao depositar completamente a sua vida nas mãos de Deus, o monge “intervém na salvação dos outros, redimindo-os no seu sacrifício para com Deus e o seu Filho Jesus Cristo” (Gomes: 2000, 368).

Não obstante ter aparecido na parte oriental do império romano, o monaquismo foi parte integrante e fundamental do tecido social, económico, político, religioso e intelectual do mundo ocidental e a ele devemos muitas influências culturais e religiosas. Na sua forma cenobítica e não eremítica, o monaquismo conquistou o espaço medieval ocidental e assumiu-se como uma vocação que, mais que individual, foi colectiva, e como uma experiência “fascinante pela sua riqueza, pela sua amplitude e pelas suas contradições” (Berlioz: 1996, 5).

O monaquismo inicial configurou-se também como um pólo de difusão e consolidação do cristianismo intelectual primitivo, na medida em que era nos mosteiros que se encontravam os seus textos fundamentais, sendo por meio das cópias efectuadas pelos monges nos *scriptoria* que os ideais expressos nesses escritos foram sendo difundidos pelo mundo cristão. Pode-se, pois, considerar, com Price (1996: 58), que o monaquismo detinha “as rédeas do cristianismo intelectual, depois de Cristo”.

Numa sociedade arreigada nas crenças cristãs, os monges atingiram um lugar preponderante que levou àquilo que alguns denominam de “mistério monástico” (Berlioz: 1996, 5). Na verdade, não deixa de ser surpreendente a influência religiosa, cultural e política que tiveram estes

homens voluntariamente enclausurados e consagrados à contemplação de Deus, tal como nos espanta a excelência das suas livrarias como locais de produção e preservação do saber, bem como o forte domínio que detinham sobre um mundo do qual por vontade própria pareciam querer afastar-se.

Na verdade, deixando sobretudo ao Abade as diligências propícias às influências junto dos poderes real e papal, os monges resguardavam-se e recolhiam-se nos mosteiros que sentiam como protecção e cuja presença faz parte integrante da paisagem física e mental da Idade Média. Ao seu redor constituem-se povoações, grupos de homens que vivem na sombra do poder dos monges, que para eles trabalham e deles esperam uma retribuição naquilo em que se acham inaptos, ou seja, no trilhar avisado do caminho para a salvação. Garantia de uma continuidade quase ininterrupta da presença cristã na história dos povos, os mosteiros são centros de oração, de trabalho e de cultura, mas também depositários de uma esperança colectiva na consecução de um objectivo essencial – o da salvação eterna.

Lugar de ascese e de penitências individuais e colectivas, os mosteiros configuram-se como refúgios de recolhimento e de protecção do mundo exterior. Giovanni Miccoli, num artigo fundamental sobre os monges, caracteriza os mosteiros como ‘cidadelas da oração’. Cidadela efectivamente, rodeada de muros e de crenças, voltada para o divino sem conseguir escapar ao temporal, sempre em luta na defesa do seu território, cumprindo assim “a função que é considerada fundamental para o interesse colectivo: adorar Deus, obter as suas graças e os seus favores, combater a perene presença do «velho inimigo» entre os homens.” (Miccoli: 1989, 41).

Combater os inimigos da Alma, fazendo da vida uma batalha aturada e sem tréguas contra esses três principais adversários – o Mundo, a Carne e o Diabo –, era um dos principais objectivos do ideal monástico. O «velho inimigo», esse, era tido como um combatente sinistro cujo grau de malignidade era tal que se afigurava necessário estar constantemente atento às suas obras maléficas e combatê-las. O diabo, encarnação do Mal, é uma figura muito presente no imaginário medieval, os demónios que ele comanda são tidos como muito espertos e dissimulados, sempre prontos a atacar o homem e a condená-lo aos maiores tormentos depois da morte. Esta atitude era frequentemente induzida pelos sermões religiosos que frequentemente, mais



do que propagar a fé cristã, expunham e enumeravam, num discurso cheio de pormenores descritivos, as terríveis e dolorosas consequências para aqueles que a abandonavam ou dela se afastavam.

Assim, não raramente se converteu o cristianismo numa religião do medo e da ansiedade (Delumeau: 1983), fazendo com que a angústia acompanhasse a vida do homem, de forma a que este visse nas práticas religiosas o caminho para se salvar da maldição eterna. Numa realidade tão inóspita e cruel, compreende-se esta atitude em vida de grande ansiedade de salvação depois da morte. Na verdade, e tal como refere Le Goff (1999 : 98) a propósito do ‘Além’, “L’Eglise catholique, pour inciter les chrétiens à travailler à leur salut, leur proposa davantage la peur de l’enfer que le désir du paradis. Face à la mort, ils craignirent moins la mort elle-même que l’enfer. Ainsi s’installa, malgré quelques nuances, un christianisme de la peur. Ces pratiques montrent comment l’Eglise médiévale utiliza l’au-delà pour asseoir sa domination sur les chrétiens et justifier l’ordre du monde sur lequel elle veillait.” Orientação, benevolência, diligência ou manipulação por parte da Igreja? A questão é talvez supérflua, sobretudo quando se verifica que qualquer um desses objectivos conduzia a Igreja cristã à posição de poder sobre o comportamento do homem. O pecado, como arma do diabo, acaba por ser também uma das armas dos homens de Deus para, aterrorizando, dominar o homem. O pecado, que está na origem dos vários rituais cristãos, tais como o baptismo, o jejum, a penitência, a peregrinação, “domine tout le réseau des rapports dans lesquels l’homme médiéval se meut et se représente: le Dieu auquel cet homme s’adresse est un dieu qui se manifeste à lui pour interdire, punir, pardonner tous les péchés; le diable qu’il fuit est un démon qui le tente et le séduit afin de l’induire à pécher; la communauté à laquelle il appartient est en premier lieu une communauté de pécheurs” (Casagrande e Vecchio: 1999, 877); comunidade de pecadores, pois, desventura que recai sobre todos desde o pecado original, pecado de soberba intelectual, mas também encarado como pecado do corpo que, a partir daí, é visto como prisão da alma, a que nos referiremos adiante.

Esta omnipresença do pecado conduz o homem medieval a um dos fenómenos da vida moral cristã que é o da culpabilização. Delumeau (1983) dedica a este tema uma importante obra, na qual reflecte sobre a ligação no

Ocidente (séculos XIII a XVIII) entre o pecado, o medo e a culpabilização. Segundo este autor, “Dans l’histoire européenne, la mentalité obsidionale [...] s’est accompagnée d’une culpabilisation massive, d’une promotion sans précédent de l’intériorisation et de la conscience morale» (Delumeau:1983, 7). Como força superior, a culpa leva o homem a comprometer-se na luta entre o espiritual e o material, tendo como adversários quer o exterior, quer o seu interior. Com efeito, diz a Igreja, o homem deve ter medo de si mesmo, o seu corpo e a sua vontade são os seus grandes inimigos e da sua natureza provêm todos os males. A percepção do medo de si mesmo e, portanto, da luta interior que se deve travar consigo mesmo, pois o diabo está em todo o lado, mesmo no coração de cada um, pode conduzir o homem à salvação ou, se este se mostra desatento e desinteressado, à condenação eterna.

O sentido do pecado é, pois, encarado como instrumento de medida da consciência de cada um, mas com consequências para o colectivo, dado que aos homens medievais era dito que os pecados individuais acarretariam punições colectivas (o caso da peste negra é só um dos muitos exemplos), pelo que se tornavam vigilantes de si próprios e dos outros. Assim, “sommes-nous conduits à restituer dans toute sa cohérence et ses plus larges dimensions la Peur éprouvée par la civilisation européenne au début des temps modernes et avant la découverte de l’ «inconscient » : à la « crainte », à la « frayeur », à la « terreur », à l’ « épouvante » suscitées par les périls extérieures de toute nature venant des éléments ou des hommes se sont ajoutés deux sentiments non moins oppressants : l’ « horreur » du péché et la « hantise » de la damnation » (Delumeau : 1983, 10), de que o desprezo pelo mundo e pelo corpo é uma das consequências.

Embora seja na Idade Média que se assiste a uma larga expressão do *contemptus mundi*, esta percepção da realidade tem as suas origens na civilização clássica, aparecendo explanada também na *Bíblia* e no ascetismo cristão inicial. A ideia da miserabilidade da condição humana, já expressa na *Ilíada*, figura igualmente nos escritos bíblicos e nos textos de Doutores da Igreja, como em Stº Agostinho que acredita que a natureza se caracteriza pela instabilidade e só Deus pode intervir eficazmente. Delumeau (1983: 16) refere-se à “antropologia angélica” defendida por Robert Bultot, expressão que este usa para exprimir a crença (cuja origem pode ser encontrada em Stº

Agostinho, na ideia por ele exprimida segundo a qual o homem teria sido criado para substituir os anjos caídos) na negação do especificamente humano e na definição de uma realidade na qual o divino suplanta naturalmente o humano. A esta desvalorização do homem, do corpo, do material corresponde uma desvalorização da terra enquanto lugar de passagem breve, mas também, e sob uma perspectiva cosmológica, enquanto lugar inferior e menor – *corpora inferiore* – por oposição aos *coelestia*.

Esta cosmologia, típica da cosmovisão medieval, liga-se estreitamente a uma concepção com raízes na filosofia platónica que encara o corpo como um cárcere da alma, o que conduz à desvalorização do tempo passado na terra. “A mundividência medieval tem a marca platónica do exílio e das sombras [...] e [manifesta-se] uma forte tendência para situar a alma num corpo-prisão e num mundo-exílio, permanentemente ansiosa de libertação, para além do corpo, do mundo e do tempo” (Martins: 1969, 11). Assim, as coisas vividas e tidas durante a vida da alma na terra são tidas como vãs, frágeis e desnecessárias. A vida que decorre na terra é imperfeita e finita, é sombra daquela que se ambiciona, perfeita, infinita e verdadeira, que existirá depois da morte para aqueles que a merecerem.

Deste modo, a Idade Média cristã apresenta uma visão platónica cristianizada da realidade, considerando que a vida do corpo “não passa de uma antecâmara para a verdadeira vida; a vida infinita no tempo, no espaço e na intensidade do gozo ou da dor, a única que vale a pena viver-se, que começa depois da morte do corpo” (Saraiva: 1984, 209). No par antinómico “vida finita e mutável” / “vida infinita e constante”, aliado à aspiração mística de união com Deus e redenção eterna, reside um dos aspectos fundamentais da vida espiritual e moral da Idade Média (Saraiva: 1984), presente nos muitos tratados místicos e espirituais escritos e traduzidos ao longo de toda a época medieval<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Recorde-se, a título de exemplo, a *Vida de Barlaão e Josafate*, texto escrito na Alta Idade Média e do qual existe uma versão em português do século XIV; o *Tratado do Desprezo do Mundo ou Miséria do Corpo Humano* de Inocêncio III, de que existe uma cópia em Alcobaça; o *Bosco Deleitoso*, no qual se tecem considerações sobre a fugacidade dos benefícios e das riquezas mundanas, “como no dito de Salomão, lembrando que «tudo são vaidades», numa confluência entre ascetismo e sabedoria que aspira fundamentalmente à união mística com Deus, por vezes em quadros que chegam a roçar o erotismo” (Calafate: 1999, 39); do *Horto do Esposo*, em que o mundo é descrito como “carcer dos espiritus e das almas e esterram•to muy duro [...] loguar de esterro e de peregrinaçõ e de door” (Cit. por Martins (1969: 13)).

A brevidade da vida terrena e a “velhice do mundo” enunciadas por Stº Agostinho constituem argumentos fortes para aqueles que preconizam o desprezo do corpo e do mundo, as fealdades e torpezas da vida terrena. Note-se, no entanto, que as posições deste Doutor da Igreja não são muito extremadas, de forma que na sua obra podemos encontrar até certo ponto uma valorização teológica dos valores humanos. Todavia, o que ficou do seu pensamento para a posteridade, ou o aproveitamento que dele se fez mais tarde, levou a que muitos o considerassem como voz de autoridade também no que ao desprezo do mundo diz respeito. Para tal ajudaram as expressivas enumerações que faz, nomeadamente na *Cidade de Deus*, dos males do mundo, sobre as misérias e males do mundo<sup>12</sup>.

O *contemptus mundi* encontra-se em temas como a condenação das alegrias vãs e breves do corpo que implicam grandes dores no Além, a concepção da terra e do corpo como exílios da alma, a censura dos sentidos encarados como causadores de pecado, a percepção do homem como produto da podridão do mundo. Uma das formas de fugir desta ‘podridão’ é evadir-se do mundo e refugiar-se no mosteiro que surge assim como uma “ilha de paz num mundo hostil” (Berlioz: 1996, 7), como “sede da oração colectiva e pública de que os homens e as sociedades necessitam para a sua própria sobrevivência” (Miccoli: 1989, 41). Esta mediação entre a vida terrena e a vida celestial traduz-se na contemplação e na oração, mas também em funções de pacificação e de orientação. Na verdade, a vida monástica não é sinónimo de neutralidade, pelo que, e tal como refere Miccoli (1989: 47), os monges envolvem-se nos assuntos do século<sup>13</sup> e constituem “uma presença demasiado

---

<sup>12</sup> A título de exemplo, veja-se, no capítulo XXII do Livro XXII, a enumeração que Stº Agostinho, referindo-se ao castigo do primeiro pecado do qual apenas se é libertado pela graça de Cristo, faz desses males do mundo, sem, nas palavras dele, conseguir uma lista completa: “(...) Que outra coisa atesta este amor de tantas coisas vãs e nocivas donde nascem os cuidados corrosivos, as perturbações, as amarguras, os receios, as alegrias loucas, as discórdias, os litígios, as guerras, as insídias, as cóleras, as inimizades, os enganos, as lisonjas, a fraude, o furto, a rapina, a perfídia, a soberba, a ambição, a inveja, os homicídios, os parricídios, a crueldade, as sevícias, a perversidade, a luxúria, a insolência, a impudência, a impudícia, as fornicções, os adultérios, os incestos e tantos estupro e impurezas (...) e tantos males quejandos que não me vêm à cabeça, mas que não deixam esta vida dos homens?”; mais à frente, continua: “Que males suportam os que palmilham os caminhos da terra! (...) Deste como que inferno de tão desgraçada vida, só nos libertará a graça de Cristo Salvador (...) principalmente para que, depois desta, seja uma vida – e não uma morte mais miserável e eterna – a que nos receba.” (Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*. J. Dias Pereira (Tradução, pref. e transcrições de). vol. III. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, pp. 2325, 2327, 2329).

<sup>13</sup> Figuras de que S. Bernardo de Claraval é um dos mais altos exemplos na influência que teve no desenvolvimento dos ideais cistercienses. Para além dele, Miccoli (1989: 46) relembra nomes como Hugo de S. Vitor e outros “protagonistas das grandes questões da época, de homens como Romualdo, Guilherme de Volpiano ou Desidério de Montecassino, como Guilherme de Hirsau, Suger de Saint-

consistente e articulada para não se tornar uma pedra importante e muitas vezes decisiva nas lutas pela redistribuição do poder, e a autoconfiança e a consciência do significado existencial e simbólico do seu próprio estatuto são [...] demasiado elevadas para não reivindicarem o direito de exercer um juízo profético e resolutório sobre as acções dos homens”.

A extrema valorização dos ideais que conduzem à vida monástica leva as mais das vezes a uma desvalorização da realidade mundana e profana, de que o desprezo pelo mundo é um dos reflexos, havendo uma acção empenhada por parte dos responsáveis monásticos de promover a ideia da superioridade do “espírito em relação à matéria, da alma em relação ao corpo e, por conseguinte, de uma opinião tendencialmente negativa em relação a qualquer condição humana que não tenha a castidade ou, pelo menos, o celibato, como característica principal” (Miccoli: 1989, 43). Assim se compreende que os monges se definam frequentemente a si mesmos como os únicos verdadeiros cristãos e, reelaborando o esquema hierárquico das três *ordines* da cultura eclesiástica de tradição carolínea – *oratores*, *bellatores* e *laboratores* –, se coloquem acima destes. Miccoli (1989: 43) dá dois exemplos desta postura: “Sabemos que entre os cristãos dos dois sexos existem três ordens e, digamos assim, três níveis. O primeiro é o dos leigos, o segundo é o dos clérigos e o terceiro é o dos monges. Embora nenhuma delas esteja livre do pecado, a primeira é boa, a segunda é melhor e a terceira é óptima.”<sup>14</sup>; um outro exemplo é o de Abbon de Fleury, abade de Saint-Benoit-sur-Loire nos finais do século X, que, falando da parábola do semeador e da diferença de rendimento da semente de que Cristo falara (Mateus, 13, 8), “enuncia assim a ideia de que uma remuneração diferente e muito concreta aguarda, no Além, os cristãos, em função da sua condição: aos monges caberá 100, aos clérigos, 60 e aos leigos, 30.” Assim, conclui Miccoli (1989: 44), “Os homens, a sociedade e a história são analisados e repensados em função exclusiva do seu destino celestial e a vida na terra é remodelada e reproposta de acordo com a organização e o modelo rigidamente hierárquico que se imagina serem próprios do céu.”

---

Denis ou Pedro o Venerável, grandes e proeminentes figuras de um monaquismo que conta, na realidade, com uma multidão de actores, por vezes só aparentemente menores, que se movem na mesma direcção e com os mesmos objectivos”.

<sup>14</sup> PL, 139, c.463. cit. por Miccoli (1989: 43).

Subjacente à renúncia da sociedade e da vida profanas e à opção pela vida monástica está assim uma concepção desta como dotada de qualidades especiais e que, para além de permitirem aos monges serem considerados uns eleitos, é tida como caminho privilegiado de formação de homens superiores. “Não é por acaso que dos sete dons do Espírito Santo, o intelecto e a sabedoria – que se situam no topo – são considerados apanágio exclusivo da vida contemplativa, característica precisamente da condição monástica [...]. Trata-se de uma superioridade intelectual e moral que é honrada e reconhecida e que apenas no mosteiro tem possibilidades de ser plenamente concretizada” (Miccoli: 1989, 50). Contudo, e como alerta o mesmo autor, a noção de ‘vocação’ tem de ser relativizada, porquanto raramente é opção individual e consciente tomada na idade adulta, mas antes o produto de uma “vocação colectiva” (Miccoli: 1989, 50) incutida pela sociedade que vê nesta via uma solução também organizativa.

O homem medieval olhava para si mesmo como criação de e à imagem de Deus e como seu servidor, o que não era considerado vexatório, mas, pelo contrário, era motivo de reconhecimento e de salvação; o homem medieval não se assume, por conseguinte, como sujeito cuja individualidade é expressa pela sua personalidade humana. Na verdade, a noção de personalidade foi sendo construída apenas nos últimos tempos da época medieval, sendo que durante muito tempo esta individualização não foi tida em conta. Poder-se-á falar contudo de um “personalismo cristão” (Gurevitch: 1990, 348), na medida em que os teólogos afirmavam a composição dual do homem, como alma e corpo; note-se, no entanto, que, mesmo dotado de livre arbítrio, o homem era persuadido da necessidade de dar atenção sobretudo à sua alma e a tudo o que a pudesse salvar, em detrimento do seu corpo, ou seja, preocupar-se com a salvação eterna e não com a precaridade da vida terrena. Mais do que com a sua personalidade enquanto ser individual e livre, o homem medieval preocupa-se com a sua inserção no seio da sociedade, valorizando e interiorizando os traços da comunidade em que era integrado, mais do que a sua própria personalidade separada dos outros: “Cada qual possuía a personalidade da sua ordem. Em diversos graus, o homem procurava a integração no grupo, de que reproduzia o estilo de vida e cujos ideais e valores, hábitos de pensamento, formas de comportamento e simbolismo

aceitava” Gurevich (1990: 348). Ora, tendo em conta que na Idade Média a sociedade era encarada não como grupo de indivíduos isolados, mas sobretudo como um conjunto de indivíduos unidos a Deus, o requisito fundamental para se ser integrado na sociedade era o de se ser cristão, pelo que se compreende o lugar importante que rituais, crenças e linguagens ligados à visão cristã do mundo detinham na realidade medieval e, neste âmbito, o poder interventivo e regulador quer do clero regular, quer do secular.

A vivência da vida cristã orientada pela Igreja e a ela submetida acarreta influências na concepção da sociedade e desta em relação ao poder religioso. A forte presença dos religiosos faz com que a sua presença e poder se manifestem nas várias esferas da sociedade, quer ao nível do poder eclesiástico, quer ao nível do poder civil. E se é verdade que a submissão do poder real ao poder de Deus é aceite sem contestações aparentes, não o é, todavia, a subalternização daquele relativamente ao poder eclesiástico. Na verdade, as relações entre o Estado e a Igreja foram muitas vezes difíceis e tensas, havendo interferências do poder temporal sobre o espiritual e vice-versa. Encarando-se, como o faz São Tomás de Aquino, o Estado como organismo natural, ele coexistirá com o organismo sobrenatural constituído pela Igreja; no entanto, nem sempre o paralelismo dessa existência foi respeitado, havendo ingerências e confusão de poderes por parte de alguns dos seus representantes<sup>15</sup>.

## **2. A Regra de S. Bento e o monaquismo ocidental**

A influência que a religião e as ordens monásticas sempre tiveram ao longo dos tempos na mediação de comportamentos e crenças sustenta a opinião de muitos investigadores, nomeadamente de Berlioz (1996: 11), segundo o qual “As ordens monásticas e religiosas modelaram no seu conjunto o Ocidente medieval. Numa incessante dialéctica entre a fuga do mundo e a

---

<sup>15</sup> Em Portugal, esta questão colocou-se com alguma agudeza com a dinastia de Avis que, numa leitura singular do “agostinismo político”, tentou abranger sob a sua autoridade a esfera temporal e a espiritual, ao que se opôs o poder eclesiástico, nomeadamente o arcebispo de Braga. “Mercê das circunstâncias comuns a toda a cristandade e das circunstâncias específicas dos primeiros tempos da dinastia de Avis, o rei assume-se como responsável pela Igreja do reino e pela salvação dos súbditos, numa relação ambígua de protecção e intervenção abusivas. Zelo de rei católico e exaltação do poder régio confundem-se [...]” (Ventura: 1997, 241). Com efeito, e ao contrário da atitude de protecção dada aos monges de Alcobaça, por várias vezes à Igreja foram-lhe retirados privilégios pelo poder régio, tais como a proibição de compra de bens de raiz. Cf. Marques, José (1994:137-171) e Ventura, Margarida Garcez (1997).

ação sobre o mundo, formaram um fenómeno total: religioso, social, económico, político, artístico e cultural.”.

Duas tradições monásticas teriam grande expansão e influência na Europa ocidental: uma associada ao nome de S. Bento de Núrsia (c. 480- 547) e outra a um monaquismo celta ou irlandês trazido por S. Columbano (c. 540-615) para o Continente.

A influência de S. Bento, traduzida pelos inúmeros mosteiros que seguiram a sua *Regra*, deve bastante ao Papa Gregório, o Grande (590- 604), que escreveu a *Vida de S. Bento* cerca de 593-594, quase cinquenta anos depois da morte de S. Bento, e que constitui o segundo livro dos *Diálogos* deste Papa. Esta obra, com uma estrutura dialógica, relata a vida de abades e bispos italianos em moldes literários convencionais e tipificados. Tendo alcançado uma grande popularidade, este livro divulgou a figura de S. Bento e os seus ideias de vida monástica, sendo a única fonte para o conhecimento da vida e pensamento deste Santo, porquanto trabalhos da moderna crítica textual concluíram que a sua *Regra* tem ela própria outras fontes e não expõe exclusivamente as opiniões do seu autor. Assim, e considerando que a obra de Gregório é sobretudo hagiográfica, apresentando Bento como um homem santo e milagreiro, as informações continuam a ser escassas. Sabe-se, no entanto, que S. Bento terá nascido por volta de 480, em Itália, na província de Núrsia e que foi para Roma estudar as artes liberais. Discordando da vida dissoluta desta cidade, deixou a cidade e refugiou-se num lugar deserto. Mais tarde, vai para Monte Cassino onde estabelece um mosteiro para uma comunidade cenobítica que dirigiu até ao fim da sua vida.

Mais importante que a figura de S. Bento é a *Regra* que elaborou para os seus monges e que se tornou um modelo de observância monástica no Ocidente. Na verdade, “ao contrário da maior parte das ordens religiosas posteriores (franciscanos, dominicanos, jesuítas, etc.), os beneditinos não devem a sua difusão à irradiação pessoal do seu fundador mas ao êxito de um texto – a regra beneditina – que, segundo a fórmula do seu último editor, constitui «a expressão mais feliz e mais prática da sabedoria tradicional do cenobitismo»” (Vauchez: 1996, 16). Uma das referências mais antigas a esta *Regra* é dada por Gregório, segundo o qual S. Bento terá escrito normas de comportamento para os monges numa linguagem lúcida e discreta. Há vários



manuscritos da *Regra*; o mais antigo dos quais parece ser um datado de 750 que se encontra na Bodleian Library de Oxford, cód. Hatton 48, e o mais valioso o manuscrito de Sankt Gallen, cópia dos princípios do século IX, a partir do códice que Teodemaro, abade de Monte Cassino, enviou a Carlos Magno, por se tratar de uma cópia de um manuscrito tido como autógrafo de S. Bento.

A organização do mosteiro e os deveres e obrigações dos seus monges são os assuntos principais da *Regra*. Com um prólogo (“Escuta, filho, os preceitos do Mestre e inclina o ouvido do teu coração”<sup>16</sup>) e setenta e três capítulos, os temas abordados passam pela exortação da vida ascética e das virtudes da obediência e da humildade (“aceita de boa mente o conselho dum pai cheio de ternura e põe-no em prática, para que, pelo trabalho da obediência, tornes Àquele de quem, pela cobardia da desobediência, te afastaras. [...] O primeiro grau da humildade é a obediência sem tardança”<sup>17</sup>), por instruções para o ofício divino, orações e leituras, por aspectos organizacionais do mosteiro, tais como a eleição (capítulo LXIV) do abade, que “faz no mosteiro as vezes de Cristo, porquanto se lhe dá o mesmo nome que a Ele”<sup>18</sup>, normas de trabalho manual (capítulo XLVIII), de silêncio (“ao mestre pertence falar e ensinar, ao discípulo calar e ouvir”<sup>19</sup>) e de leitura (“À mesa dos irmãos não deve faltar a leitura”, capítulo XXXVIII), bem como sobre horas de sono (capítulo XXII) e da alimentação (capítulo XXXIX); são referidas também as penas atribuídas para quem transgredir a disciplina imposta (capítulo XXVIII) e aspectos relacionados com os irmãos que entram na ordem e do acolhimento dos hóspedes (capítulos LVIII e LIII). A vida monástica é aqui encarada como uma escola<sup>20</sup> onde se aprende a chegar à santidade, ou seja, a regressar a Deus, para o que é imprescindível o silêncio<sup>21</sup>,

---

<sup>16</sup> *Regra de S. Bento*. Trad. do Lat. e anotada pelos Monges de Singeverga. 2ª ed. Mosteiro de Singeverga: «Ora & Labora», 1992, p.13.

<sup>17</sup> Id. *ibid.*, p.13 e 33.

<sup>18</sup> Id. *ibid.* p.23.

<sup>19</sup> Id. *ibid.* p.36.

<sup>20</sup> “Su monasterio no era un lugar de tranquilo retiro y ocio [sendo este tido como o grande inimigo do homem], ni una escuela en el sentido académico: era una especie de unidad de combate, en la que el recluta era adiestrado y equipado para la guerra espiritual bajo un comandante experimentado, el abad. El objetivo era la victoria sobre la sensualidad y los caprichos del individuo. Esta victoria dejaba al hombre totalmente receptivo para Dios” (Lawrence: 1999, 49).

<sup>21</sup> A este propósito os *Livros de Sinais* dão-nos indicações preciosas. Na verdade, o silêncio é encarado simultaneamente como uma necessidade, uma obrigação e como uma cerimónia, porquanto só chega a Deus aquele que possui na alma o silêncio, mas não o que se esconde no mutismo. Silêncio e gestos aliam-se, assim, como forma de enquadramento na moral cristã. Na mansidão de ambientes dos

a obediência<sup>22</sup> ao abade (que na comunidade monástica ocupa lugar semelhante ao de Cristo, com uma função pastoral, confessor e guia espiritual dos seus monges (Lawrence: 1999, 49)) e a humildade como “mãe e senhora de todas as virtudes”; para que estes objectivos fossem atingidos, o mosteiro deveria ser o local onde os monges dedicam o seu dia ao trabalho, à *oratio* e à *lectio divina*, ou seja, à ascese por meio do labor manual, à oração rogativa para a sua salvação e de todos os homens, à leitura e meditação da Palavra de Deus. Ao tornar a *lectio divina* obrigatória ao monge, a *Regra* promoveu os primeiros passos no incremento da espiritualidade, no desenvolvimento do livro e na propagação da cultura.

A *Regra* institui-se assim como um guia para a vida quotidiana dentro do mosteiro e para a vida espiritual dos monges, afastando o monaquismo ocidental do espírito do Oriente no que diz respeito ao isolamento completo e à penitência intensa, embora permaneça no ideal monástico ocidental a abnegação da vontade pessoal, o desdém pelo mundo e pelo corpo.

Como já foi referido, trabalhos contemporâneos de crítica textual trouxeram achegas importantes para a discussão das fontes da *Regra* e, por conseguinte, para a concepção autoral da obra. A *Regula Magistri*, texto anónimo presente em dois manuscritos datados dos anos 600, é tida como a fonte principal da *Regra de S. Bento*, o que levou a que alguns estudiosos passassem a ver S. Bento mais como um “simples abreviador” do que um autor original (Vauchez: 1996, 20), o que será certamente uma atitude excessiva, na medida em que a *Regra* mantém diferenças assinaláveis com a sua fonte, designadamente na concepção e disposição da vida monástica<sup>23</sup>.

---

mosteiros, a mímica, “filha engraçada dum deus mudo”, era tida como “freyo da lingoa” dos monges que usavam gestos, estabelecidos nos “Livros”, para entre eles comunicarem, especialmente durante o estudo ou durante a refeição, períodos de silêncio obrigatório.

<sup>22</sup> Subjacente a esta obediência e docilidade estaria a recusa, por parte do monge, do orgulho espiritual. No entanto, este estado de menoridade do monge perante a Ordem que professa e perante o seu Abade será, mais tarde, sobretudo com o Iluminismo, contestado, defendendo-se um estado de mais adúlterza do monge.

<sup>23</sup> S. Bento afasta-se do autor da Regra do Mestre, na medida em este “concebía a vida monástica acima de tudo como uma iniciação, colocando-se o noviço sob a orientação de um “guru” – o mestre – que devia prepará-lo para a vida solitária. Sem romper com o anacoretismo que permanece para ele “o além glorioso e desejável do cenobitismo”, S. Bento acrescenta à relação vertical que une os monges ao abade uma relação horizontal baseada na caridade mútua que deve reinar entre os “irmãos”. Doravante, as palavras *monachus* ou *monacha* (do grego *monos* = só) não designam necessariamente um homem ou uma mulher que vive para o amor de Deus como solitário e celibatário, mas sim todos aqueles que, ao abrigo de um claustro e no seio de uma comunidade, procurarem refazer em Deus a unidade radical do seu ser. O mesmo realismo, inspirado não por um pessimismo de princípio mas

Esta *Regra*, que se caracteriza pela clareza e brevidade de exposição, mas também pela moderação nos preceitos expostos, recebeu ao longo dos tempos apoios importantes, sobretudo de Gregório e de Carlos Magno (a ele e ao seu sucessor, Luís, o Piedoso, se deve a extensão da regra beneditina a todos os mosteiros do Império) e deste modo se impôs e se converteu na carta do monaquismo ocidental. Assim, graças “ao apoio sistemático de Roma e à iniciativa dos carolíngios, [a *Regula S. Benedicti* transformou-se] na carta normativa da grande maioria das famílias monásticas. Contudo, as razões do seu êxito residem igualmente na sua capacidade de organizar sinteticamente todo o conjunto da vida cenobítica, de acordo com disposições precisas e com os amplos poderes discricionários concedidos ao abade para ter em devida conta a diversidade dos indivíduos e dos locais.” (Miccoli: 1989, 37). Para além dos apoios referidos, a Regra beneditina teve, no século IX, um outro grande impulsionador – Bento de Aniane – que estabeleceu algumas alterações e precisões nos preceitos da Regra, o que lhe valeu por vezes o epíteto de segundo fundador do monaquismo ocidental.

Embora a unidade estabelecida seja muitas vezes abalada pelas diversidades nítidas na observância da regra nos vários mosteiros, o que leva a profundos debates e cisões (basta lembrar os conflitos existentes entre Cluny e Cister que estiveram na origem da criação desta última, aspecto a que voltaremos), todas as ordens do Ocidente medieval, exceptuando a dos Cartuxos, seguem a Regra beneditina. Na apreciação de Vauchez (1996: 28), “Esta conjunção rara deve-se ao génio do seu autor que, ao definir a vida monástica como uma progressão para a união com Deus, se preocupou menos em estabelecer um código jurídico do que em traçar um itinerário espiritual, deixando assim a cada comunidade e a cada indivíduo uma margem considerável de interpretação e de liberdade”.

Pese embora a importância da *Regra* de S. Bento, o seu acatamento exclusivo pelo monaquismo ocidental, nomeadamente na Península Ibérica, não foi contemporâneo do seu autor. Com efeito, “até à

---

pelo estado da sociedade do seu tempo, levou S. Bento a limitar as exigências ascéticas ao mínimo. Não se contentando em reduzir os jejuns, sobretudo no Verão, concede aos monges uma medida de vinho a cada refeição, ao passo que os eremitas da “grande época” só bebiam água. Do mesmo modo, a sua insistência no trabalho manual [...]” (Vauchez: 1996, 21-22).

época carolíngia, o regime de *regula mixta*, isto é, o ecletismo em matéria de observância e costumes, foi geral no Ocidente; a escolha dos usos monásticos dependia muito mais da tradição regional do que de qualquer regra escrita; e o que hoje se considera como texto legislativo, era tomado, antes de S. Bento de Aniano, como objecto de leitura espiritual e como fonte de inspiração para o governo comunitário, em igualdade de circunstâncias com outras regras, e segundo o critério do abade.” (Mattoso: 1982, 55)<sup>24</sup>; em Portugal, até ao século XI não houve, pois, uma observância exclusiva da *Regra* de S. Bento, nem das Regras mais especificamente ibéricas de S. Frutuoso ou de S. Isidoro<sup>25</sup>.

### 3. Cluny, Cister e Cartuxa

Os cluniacenses surgem no século X com a criação do Mosteiro de Cluny (909/ 910) por Guilherme III, o Pio, o qual doou uma vila perto de Mâcon para a fundação dum mosteiro beneditino sob a égide de S. Paulo e S. Pedro, renunciando ao padroado sobre o mosteiro e colocando-o sob a protecção do Papa. Desta forma se criava um tipo de organização monástica autónoma e independente no temporal e no espiritual (Dias: 2000, 381). Em finais do século seguinte, a Ordem de Cluny configurava-se já por toda a Europa ocidental como um império monástico, cuja inspiração religiosa e espiritual era tida como guia nas cortes de papas e imperadores (Lawrence: 1999, 111). Situação que se manteve até à ascensão dos cistercienses que, com S. Bernardo de Claraval à cabeça, criticam fortemente em Cluny as riquezas corporativas, os compromissos mundanos e um ritualismo litúrgico exacerbado de tradição monástica carolíngia<sup>26</sup> (Lawrence: 1999, 211).

---

<sup>24</sup> Sobre este assunto, Mattoso (1982) refere a importância das obras de Hallinger, K. (1963), in *Corpus consuetudinum monasticarum*, I. Siegburg; de Mundó, A. (1957), “Il monachesimo nella Penisula Iberica fino al sec. VII”. In *Il monachismo nell’alto medioevo e la formazione della civiltà occidentale*, IV. Spoleto: 1957; e de Conde, A. Linage (1973), *Los origenes del monacato en la Península Iberica*. Léon. Veja-se também Mattoso, José (1968 e 1969), Almeida, Fortunato de (1967), Lawrence, C. H. (1999), *El monacato medieval. Formas de vida religiosa en Europa Occidental durante la Edad Media*. Trad. J. M. García. Madrid: Gredos.

<sup>25</sup> A este propósito veja-se Mattoso (1982), “O monaquismo ibérico e Cluny”. In *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*. Lisboa: INCM, pp. 55- 72.

<sup>26</sup> As críticas ferozes de S. Bernardo aos cluniacenses não se ficavam apenas por temas maiores, mas abordavam também aspectos como o vestuário e a alimentação dos monges, tal como se pode verificar numa carta deste Santo a Guilherme de St. Thierry: “La mesa se cubre de manjares. Es cierto que se abstienen de carne, pero en cambio duplican las porciones de enormes pescados...Sus cocineros lo preparan todo con arte tan exquisito, que, aun después de devorar cuatro o cinco platillos, la hartura no

Cedo Cister tomou o lugar privilegiado que até então pertencera a Cluny, convertendo-se numa “fuerza poderosa tanto en la política eclesiástica como en la secular. Había obispos cistercienses y cardenales «blancos» e, incluso, con Eugenio III (1145- 1153), un papa cisterciense” (Lawrence: 1999, 222).

Para além da universalidade cultivada nos mosteiros cistercienses, que se abriram à sociedade, captando assim ascendências de vária ordem, nomeadamente económicas e sociais, a Ordem de Cister deve, em grande parte, a sua forte propagação e influência à figura e personalidade de S. Bernardo que, tendo entrado em Cister aos vinte e dois anos, em 1113, e dois anos depois fundado um dos mais famosos mosteiros cistercienses, o Mosteiro de Claraval, foi “el más señero apologista y captador de nuevos miembros de la orden, y su imagen quedó estampada indeleblemente en ella. A sus admiradores contemporáneos les parecía la personificación del ideal monástico” (Lawrence: 1999, 223).

S. Bernardo inspirou o desenvolvimento de uma espiritualidade distinta, da qual se podem destacar: a necessidade de uma união pessoal, real e íntima do homem com Deus; a rejeição da soberba e a sua responsabilização pelos males do mundo; a exortação da humildade<sup>27</sup> por meio da qual se chega à caridade e à verdade, ou seja, à verdadeira vida, à salvação, a Deus; o elogio da pobreza como virtude evangélica; o louvor de Maria por intermédio de quem virá o perdão e a salvação do homem<sup>28</sup>. No ideal bernardiano o conhecimento só tem razão de existir quando é adquirido em função da salvação, já que o que importa é conhecer Cristo crucificado, viver de acordo com a Sua mensagem e, por meio da *caritas*, a *humilitas*, afirmar os princípios cristológicos; o homem tem de estar preparado no seu interior para receber plenamente Deus, para que Este habite em si, o que se poderá traduzir no

---

amengua el apetito...Quién podrá decir de cuántas maneras diversas se arreglan y preparan los huevos (por no hablar de lo demás) [...]?” (PL, CLXXX, 910-911. Cit. por Curtius (1976: 183)).

<sup>27</sup> S. Bernardo é um dos grandes promotores da humildade na vivência do ideal monástico, dizendo que ela é a rainha das virtudes. “Humilitas virtutum magistra, singularis filia summi regis a summo coelo cum coelorum domino descendens... Sola est humilitas quae virtutes beatificat et perennat, quae vim facit regno coelorum, quae dominum majestatis humiliavit usque ad mortem, mortem autem crucis. Verbum enim Dei in sublimi constitutum ut ad nos descendeter, prior humilitas invitavit” (Epist., 469, 2; Patrol. lat., 182, 647). Cit. por Auerbach (1968: 161).

<sup>28</sup> Cf. Abreu, Paulo (1991), “Bernardo de Claraval: a época e o pensamento”. In *IX Centenário do Nascimento de São Bernardo. Actas Encontros de Alcobaça e Simpósio de Lisboa*. Braga-Alcobaça: Universidade Católica, pp.13-26.

“esquecimento de si em Deus” (Ganho: 1991, 42); assim, a relação mais importante do homem é a que deve manter com Deus, afirmá-Lo é dignificá-Lo e dignificar-se, ou seja, para S. Bernardo “Deus é a lei interior da alma humana”. (Ganho: 1991, 50).

Fundada na Borgonha em 1098 por Roberto de Molesmes, abade do Mosteiro beneditino com o mesmo nome, e aprovada por Pascoal II em 1100, Cister pretendia restaurar a estrita observância dos preceitos da regra beneditina. O sucessor de Roberto, Étienne Harding, elaborou uma constituição, a *Carta de Caridade*, com a qual se pretendia congregar todos os mosteiros derivados de Cister. Ordem religiosa fortemente estruturada e hierarquizada (Cocheril: 1981, 21), distinguia-se pela austeridade e subordinação à autoridade episcopal, valorizava o equilíbrio entre a oração e o trabalho manual<sup>29</sup>, criticava os métodos escolásticos das escolas urbanas, censurando-lhes o facto de apoiarem a *lectio diuina* na progressão *lectio, sententia, questio, disputatio*. Aos monges de Cister era igualmente incutido o apego à *lectio diuina*, considerada indispensável para a necessária *meditatio*, guia privilegiada para a *oratio* para atingir a almejada *contemplatio*; contudo, para S. Bernardo, a leitura consistia principalmente em adentrar-se no divino, por isso defendia uma espiritualidade assente na *lectio*, mas apoiada no “orando non disputando”<sup>30</sup> (Gomes: 2000, 367).

Uma das características das abadias cistercienses, que veio a ser uma das causas do seu grande desenvolvimento e riqueza<sup>31</sup>, era a presença de irmãos conversos que se distinguiam dos monges de coro pelas funções que lhes eram atribuídas, pelo lugar que ocupavam na abadia, pela forma como se vestiam, pelos horários e regime alimentar que tinham<sup>32</sup>.

---

<sup>29</sup> “A Regra de Cister fazia do trabalho manual uma obrigação. «Que religião será esta, que consiste em cavar a terra, cortar lenha, carregar estrume?», escreve São Bernardo na sua *Carta a Roberto*.” (Cocheril: 1981, 22).

<sup>30</sup> *De Consideratione*, 5, 32.

<sup>31</sup> Alcobaça foi um centro de “enorme potencialidade económica dada pela força do trabalho dos seus conversos. Se as obras que traduziram [os monges alcobacenses] em português se destinavam sobretudo a eles, como é provável, este facto significa que os irmãos leigos não constituem apenas massas ignaras de camponeses devotos, mas também grupos preocupados com a perfeição espiritual, interessados nas realidades divinas, embora pouco conhecedores da teologia escolástica. Apesar de os conversos estarem, até certo ponto, isolados do mundo, não há dúvida que continuavam a ter contactos com parentes e conhecidos do seu meio, e, desta maneira, exerceram, de certo, uma influência sobre as camadas populares donde procediam.” (Mattoso: 1982, 298).

<sup>32</sup> Os conversos habitavam numa ala própria, usavam uma veste de lã grossa, usavam barba comprida, usavam cabelo rente e não tinham coroa; nos mosteiros, eram normalmente mais numerosos do que os monges, “modestos e humildes [...] foram eles que fizeram a fortuna da Ordem” (Cocheril: 1981, 24).

S. Bernardo, cuja voz foi durante décadas uma das mais eloquentes e poderosas da Igreja ocidental (Lawrence: 1999, 223), defendia ser o claustro o único lugar para viver plenamente a única via para a salvação do homem, a vida cristã, o claustro como símbolo do Paraíso e como local de “reencontro com o mistério iniciático do baptismo e da purificação” (Gomes: 2000, 368). A acção deste cisterciense foi, na verdade, uma “tentativa apaixonada e desmesurada de um homem que queria fazer pender a sociedade inteira para o universo monástico” (Berlioz: 1996, 54) e, também por isso, ficou na história como o “apóstolo do seu século; pregador de palavra inflamada, pacificador de príncipes e dos povos, [que] dizia livremente a verdade aos Papas e aos Reis” (Almeida: 1967, 126), criticando veementemente condutas e personalidades que a seu ver fugiam aos ideais cristãos. Foram muitas as contendas que travou e vários os seus opositores (a quem se dirigia normalmente por meio de epístolas que, na época, embora com um destinatário explícito, tinham um carácter voluntariamente ‘público’), entre os quais se conta Abelardo, que sentiu as consequências do seu conflito com Bernardo de Claraval e a influência deste nas esferas do poder.

Personalidade carismática, S. Bernardo tinha nas suas capacidades intelectuais, na sua energia, no seu discurso apaixonado e na sua grande actividade os trunfos que projectaram o seu nome em França e no resto da Europa, nomeadamente em Portugal onde a Ordem que representava atingiu um lugar importante no panorama do nosso monaquismo medieval, como o prova o número elevado de mosteiros cistercienses portugueses, quer masculinos, quer femininos<sup>33</sup>.

Santa Maria de Alcobaça, um dos mosteiros criados de raiz e com aprovação do próprio S. Bernardo, gravou na nossa história um lugar de preponderante importância como centro de influência religiosa, política, social, económica e cultural, de que falaremos adiante.

---

<sup>33</sup> Alguns dos mosteiros portugueses cistercienses: S. Cristóvão de Lafões (1138); S. João de Tarouca (1144); Santiago de Sever (1141); Stª Mª do Bouro (1153-63); Stª Mª de Maceira-Dão (1154-1161); Stª Mª de Salzeda (1156-59); S. Pedro das Águias (c.1170); Stª Mª de Aguiar (1170-76); Stª Mª de Tomarães (1172); Stª Mª de Seça (1175); Stª Mª de Fiães (1173-94); Freires de Évora (1176-1186); Stª Mª da Estrela (1220); S. Paulo de Almaziva (1221); Stª Mª das Júnias (1247-48); Stª Mª de Ermelo (a.1271). Femininos: S. Mamede de Lorvão (1211); Stª Mª de Celas (c.1215); S. Pedro de Arouca (1224); Stª Mª de Cós (a.1241); S. Salvador de Bouças (1249); S. Bento de Castris (post 1278); Stª Mª de Almoester (1287-1310); S. Dinis de Odivelas (post 1294) (Cf. Marques, Mª Alegria Fernandes (1998) – *Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal*. LX: Colibri).

Mais do que qualquer outra, a Ordem da Cartuxa trouxe para o mosteiro o ideal do isolamento do deserto. A concepção subjacente ao modelo desta forma de vida monástica e o seu austero seguimento foram responsáveis pela manutenção ao longo de toda a Idade Média da Ordem e dos preceitos que seguia, sem, ao contrário de outras, ser alvo de críticas reformistas assinaláveis.

S. Bruno, nascido em Colónia, concluiu os estudos em França, foi cónego da Catedral de Reims e, opondo-se aos desregramentos do arcebispo Manassés, retirou-se para o deserto da “Cartuxa”, perto de Grenoble, sendo o primeiro grande inspirador desta Ordem e, com o auxílio precioso de S. Hugo, concretizou, sob a égide da austeridade e do silêncio absoluto, o seu ideal de eremitismo<sup>34</sup>. Mas desta feita tratava-se de um eremitismo em grupo, no qual o indivíduo dentro de uma comunidade aspirava, e era-lhe dada a oportunidade de a concretizar, a uma vida solitária dentro de uma comunidade de homens com aspirações similares. Assim, a importância das celas individuais onde os monges cartuxos passavam a maior parte do seu tempo e às quais era dada a importância devida de lugares propícios para a contemplação de Deus e para o trabalho de salvação<sup>35</sup>. S. Bruno não deixou escrita uma *Regra*, mesmo quando, encontrando-se já em Itália a pedido de Urbano II, tal lhe foi solicitado pelos seus monges; mais tarde proferiu alguns preceitos seguidos no mosteiro que criara sob a forma de uma carta intitulada *Testamento de S. Bruno*. Foi Guigo quem, em 1127, escreveu para a Ordem um conjunto de regras – *Consuetudines* – de que se destacam os princípios da solidão, da renúncia ao mundo e da pobreza. Aliado ao isolamento em grupo estava a regra do silêncio que era escrupulosamente seguida pelos monges, bem assim como a austeridade física e alimentar. Juntamente com a contemplação e a meditação, uma das únicas tarefas permitas aos monges cartuxos era a que se relacionava com os livros.

---

<sup>34</sup> Villoslada, García (1953: 716) diz desta ordem que “es la Orden que menos ruido ha metido en el mundo, y con ser tan santa, ni siquiera con la santidad de sus hijos ha buscado el campaneio sonoro, ni el paregórico solemne, ni el devoto rumor multitudinario”.

<sup>35</sup> Lawrence (1984: 197) chama a atenção para este facto e cita Guigo: “al igual que el agua es necesaria para los peces y los rediles la son para las ovejas, que considere su celda como necesaria para su vida y salvación”. Na verdade, os mosteiros cartuxos tinham uma arquitectura distinta dos outros, dado que a cada monge era atribuída uma das celas que se encontravam dispostas à volta de um claustro coberto e no fundo das quais havia um pequeno jardim e os aseios pessoais; os monges reuniam-se apenas para a celebração das vésperas e do ofício nocturno, não tomavam normalmente as refeições em conjunto, apenas em dias especiais, domingos ou festas.



A discrição e a sobriedade características dos monges cartuxos não foram entraves à propagação da sua Ordem (112 mosteiros no século XIV); no entanto, e sobretudo quando comparado com outras Ordens nas mesmas épocas, a Ordem da Cartuxa não teve um grande número de seguidores, como se a severa austeridade e a sobriedade dos seus costumes tivessem servido para arreigar nos seus poucos seguidores uma crença inabalável no seu modo de vida que, não os fazendo propagar em número, fez com que resistssem às diversas perturbações sociais e religiosas ao longo dos tempos.

#### **4. Livro e Leitura. Cópia e Tradução**

O livro é desde a sua criação o resultado de um desejo de conservar e veicular mensagens, pelo que falar do livro é também falar das ideias que se foram propagando por meio dele ao longo dos séculos, bem como da ressonância que elas geraram e da influência que tiveram, o que nos conduz ao contexto histórico da sua produção, aos homens que as criaram, aos movimentos intelectuais que as suportaram, as receberam e desenvolveram, bem assim como às implicações sociais, intelectuais, religiosas e económicas que provocaram. São, pois, muitos e complexos os aspectos que a reflexão sobre o livro impõe, determinando também uma profundidade de tratamento que foge ao âmbito do presente trabalho. Deter-nos-emos, portanto, apenas e brevemente sobre o livro na época medieval.

Na Idade Média são comuns as representações do livro na pintura ou na iluminura nas mãos de Cristo, dos apóstolos ou dos Doutores da Igreja; os códices eram objectos que detinham, para além de um grande valor<sup>36</sup> material e artístico, uma “força sobrenatural e até taumatúrgica” (Peixeiro: 1991, 182); eram benzidos e incensados, oferecidos à devoção dos crentes como paradigma da única realidade válida, a da Fé e da Palavra de Deus, o que conduz a uma concepção de livro a que subjaz um profundo carácter de sacralidade.

---

<sup>36</sup> Considerado um objecto de grande valor material, o livro era encarado como um “ (...) cimélio a que se emprestava o requinte próprio da obra-de-arte, graças à conjugação de esforços entre copistas, calígrafos e iluminadores. Deste trabalho colectivo nasceram algumas das melhores peças da iluminura europeia, realizadas nos *scriptoria* de Lorvão, de Santa Cruz de Coimbra ou de Alcobaça, assim como em oficinas particulares ao serviço da Casa Real. projecção não menos significativa tiveram os centros de produção de manuscritos hebraicos iluminados, em especial o de Lisboa, do qual saíram os mais belos espécimes da bibliofilia judaica produzidos na segunda metade do século XV” (Anselmo: 1926, 12).

O advento do cristianismo, tendo ampliado esse pendor por meio da importância central que deu às Escrituras Sagradas, glorificou o livro, o que implicou também um crescendo de glorificação das crenças religiosas, de tal forma que frequentemente se apelida o cristianismo de “religião do livro sagrado”. Como relembra Curtius (1976: 435), “Cristo es el único Dios a quien se representa en el arte antiguo con un rollo de papel en la mano. Desde sus comienzos, la religión cristiana produjo incontables escrituras sagradas, y siguió produciéndolas en toda su primera época: documentos de la fe como los evangelios, las cartas de los apóstoles y los apocalipsis, actas de los mártires, vidas de santos, libros litúrgicos [...]”.

Assim, falar do livro medieval implica falar das crenças religiosas que enformam a sociedade da época, bem assim como dos seus artífices – os monges das diversas ordens religiosas que tinham como sua uma das tarefas mais importantes para a posteridade: a da ‘fabricação’ de códices, cópia e tradução de manuscritos, produção, autoral ou apócrifa, de textos, organização dos *scriptoria*, preservação desse saber nas bibliotecas, bem como a leitura, o comentário e a transmissão desses textos. A grandeza de tal trabalho era posta sobretudo ao serviço das crenças religiosas e da transmissão das verdades da fé cristã, e embora não fossem esquecidos assuntos profanos, com funções práticas ou lúdicas<sup>37</sup>, no acto de escrita dos monges manifesta-se a ligação entre o livro e o sagrado, numa operação física e mental de transmissão cultural que adquire antes do aparecimento da imprensa “um significado transcendente: o copista escreve, e escrevendo ganhará o céu.” (Buescu: 2000, 32).

Assim, dada a situação cultural da sociedade da época e o carácter sagrado atribuído aos códices, não admira que seja o monge a converter-se “em transmissor principal – y, desde el siglo VIII, único – de la escritura y del libro” (Curtius: 1976, 438) e que muitas comunidades monásticas sejam sobretudo comunidades textuais, quer pela importância que o seus *scriptoria* assumem no contexto medieval em geral e, em particular, no próprio mosteiro, quer pelo papel importante que alcança o comentário das Escrituras, quer também pelo trabalho de tradução dos textos dos Doutores da Igreja, quer ainda pelo lugar

---

<sup>37</sup> Nomeadamente textos de leis, tratados de medicina, livros de astrologia, tratados sobre a feitura das cores, textos de temas ficcionais.

da leitura colectiva e individual no quotidiano do monge<sup>38</sup>. A *lectio*, como prática diária prescrita pela *Regra*, consolida-se também como atitude espiritual, proporcionando ao monge a possibilidade de desenvolver o seu conhecimento de Deus, auxiliando-o na oração e no encontro com o divino. A Sagrada Escritura é o livro fundador na relação e vivência do homem com a Palavra de Deus, pelo que a *lectio divina*, a *sacra lectio* é principalmente a leitura, em público ou em privado, dessa Palavra. S. Gregório foi um dos autores que defendeu vivamente a importância da *lectio divina*, dizendo que a “Bíblia é como a carta que Deus escreve aos homens para manifestar os seus próprios segredos, o espelho que permite conhecermo-nos a nós mesmos, o campo de trigo que alimenta a alma, o tesouro inesgotável.”<sup>39</sup> Por isso, ele fala da leitura como “uma visão antecipada da glória divina”, à qual o monge se deve entregar “com esforço, perseverança e fidelidade” para poder “chegar à compunção pelas faltas passadas e à contemplação das realidades eternas” (Mattoso: 1982, 326-327).

Leitura e escrita assumem, pois, no ideal de vida monástico um papel relevante e, como diz Curtius (1976: 460), “A la importancia de la lectura como forma de recepción y de estudio corresponde la de la escritura como forma de producción y configuración. Estos dos complejos se fortalecen uno al otro; en el mundo espiritual de la Edad Media constituyen como los dos hemisferios de un mismo globo”.

A relevância do labor librário é alvo de diversas observações de enaltecimento; Cassiodoro (*m.* 575), por exemplo, considerado por muitos como o principal promotor do trabalho de cópia dos textos antigos, acentuava as vantagens advindas da actividade librária, dizendo aos seus monges que era um caminho preferencial para o afastamento do diabo e consequente salvação dos homens: “Confesso que o meu desejo é que acima de qualquer outro trabalho corporal que vós possais desenvolver esteja o empenho dos artesãos do livro; e não sem razão, pois ao relerem as Escrituras instruem salutarmente

---

<sup>38</sup> Se é certo que a transmissão oral e a leitura em grupo tiveram na Idade Média um lugar de preponderante importância na transferência de conhecimento, também é verdade que havia lugar para a leitura individual, muitas vezes ditada pela regra do silêncio ou pelo trabalho no *scriptorium*.

<sup>39</sup> Podemos encontrar estas ideias defendidas por S. Gregório em várias obras, nomeadamente *Moral e In Ezech.* Citado por Mattoso (1982: 326); no mesmo artigo (1982: 325-353), este autor fala de outros nomes que defenderam o lugar preponderante da *lectio*, designadamente, Stº Isidoro de Sevilha, Alcuíno e S. Pedro Damiano.

a sua mente e ao escreverem os preceitos do Senhor disseminam-nos ao longe e ao largo. Feliz iniciativa essa, esforço de louvar esse o de pregar aos homens com mão operosa, abrir as línguas com os dedos, oferecer aos humanos a salvação sem fazer barulho, e bem assim lutar com a caneta e com a tinta contra as insídias do diabo. [...] Muitas coisas se poderiam dizer de arte tão insígne, mas basta dizer que eles são “librários” e como tal livremente servem ao Senhor e à sua justiça”<sup>40</sup>. Também o cartuxo Guigo, normalmente pouco dado a fervorosas expansões nos seus textos, alerta expressivamente os seus monges para a importância dos livros: “que los hermanos tengan cuidado de que los libros que reciban de la estantería no se ensucien de humo o mugre; los libros son, como si dijéramos, la eterna comida de nuestras almas; deseamos que se guarden con sumo cuidado y se confeccionen celosamente”<sup>41</sup>.

Assim, se, por um lado, o monge executa um trabalho basilar para a sociedade, por outro, a parceria estreita e privilegiada que mantém com o livro dá-lhe um poder enorme sobre os restantes homens, porquanto é ele o principal destinatário do saber que o livro transmite, saber que nem sempre partilha com os outros homens ou que adultera por achar que não são conformes às verdades da fé, pelo que o livro e aquele que o manuseia se transformam frequentemente não em divulgadores do saber, mas sobretudo em avaros guardas do conhecimento. No entanto, e mesmo que tal situação se tenha verificado amiúde, há toda uma civilização devedora a esta empreitada vital que constituiu o labor “librário” levada a cabo pelos monges.

Todo um trabalho de preparação dos suportes da escrita era tido em consideração no *scriptorium*, lida laboriosa que o monge executava paciente e obedientemente; de igual modo o exercício de cópia, labor estafante e moroso, que levava à produção de códices com uma história e uma identidade próprias, mesmo tratando-se de cópias, quer de manuscritos

---

<sup>40</sup> *De Institutione diu. litt.*, cap. 20, cit. por Nascimento, Aires do (1999), “O *scriptorium* medieval, instituição matriz do livro ocidental”. In *A Iluminura em Portugal. Identidade e Influências*. Catálogo da Exposição. Biblioteca Nacional de Lisboa, p.91.

<sup>41</sup> *Coutumes*, cit. por C. H. Lawrence (1999), *El monacato Medieval*. Madrid: Gredos, p.198. Não obstante o facto de, dada a importância, raridade e preciosidade dos manuscritos, os apelos ao seu correcto manuseio serem comuns e generalizados aos vários utilizadores, monges ou leigos, não raramente estes colocavam inscrições e notas sobre os fólios, “sans penser qu’ils détérioraient ou gâchaient peut-être le texte bien tracé des précieux livres. Au contraire, les interventions étaient considérées comme des commentaires critiques utiles à l’amélioration de la saisie globale des textes, aussi vis-à-vis du message transmis que vis-à-vis des formes ou des sens des mots.” (Boulanger : 2002, 10).

originais, quer de outras cópias, pois “no solo cada ejecución, sino también cada copia alcanzaba un estatuto superior al de mera reproducción y se constituía en texto con entidad propia [...]” (Rico: 1997, 151). Esta concepção perder-se-á em grande parte com o advento da imprensa<sup>42</sup>, pois, como refere Curtius (1976: 460), “antes de ella, todo libro era un manuscrito; simplemente por su materia, para no hablar de su presentación artística, el libro escrito poseía un valor que los hombres de la era de la imprenta no son ya capaces de apreciar; en cada libro, en cada copia, había aplicación, habilidad manual, larga concentración del espíritu, trabajo hecho con amor y con cuidado.”.

A escrita é, por conseguinte, mais do que um meio que permite gravar a palavra oral, silenciando-a apenas no que ao som físico diz respeito, a escrita perpetua-a e dota-a de outras potencialidades, nomeadamente as de organizar o pensamento que, a partir do momento em que é inscrito por meio da escrita, fica disponível a outros em tempos e locais distintos, dando-lhe o poder de atravessar os séculos, as vicissitudes dos homens e da História, e ser simultaneamente o motor e o produto dos desenvolvimentos e/ou regressões do espírito humano ao longos dos tempos.

O homem medieval, sobretudo o ‘letrado’, o homem culto, tinha esta perspectiva da coisa escrita, dedicando-lhe tempo e energias. O lugar privilegiado que a Biblioteca ocupava na arquitectura do mosteiro e na vida dos monges atesta bem a importância de toda uma actividade ligada à escrita e ao livro. Aliás, ficou conhecido o provérbio medieval que comparava o mosteiro sem biblioteca a uma fortaleza sem armas: *claustrum sine armario quasi castrum sine armamentario*.

---

<sup>42</sup> No entanto, mesmo após a invenção e divulgação da imprensa o manuscrito conserva um lugar importante na circulação da cultura, “ (...) podendo mesmo afirmar-se que nas quatro primeiras décadas do século XVI o livro manuscrito predominou em Portugal sobre o livro impresso, e que a tipografia era um recurso excepcional ao serviço da Igreja, da Coroa e da Universidade, e não o agente de uma dinâmica cultural importante. Uma análise das livrarias régias no século XVI permite avaliar de forma adequada a lenta difusão do impresso, mesmo a nível das elites, e a permanência do manuscrito. A relação dos livros constantes do inventário do guarda-roupa de D. Manuel, feita em 1522, após a morte do monarca, que inclui cento e sete espécies irregularmente descritas, contém referência explícita a apenas três obras impressas, (...) Em todo o caso, a presença de objectos manuscritos nas livrarias, nomeadamente nas livrarias régias, prolonga-se até ao século XVIII – veja-se a dimensão do inventário dos livros manuscritos da livraria de D. João V. (...) nos séculos XVI e XVII, em Espanha mas também em Portugal, o manuscrito foi o veículo privilegiado da difusão da poesia lírica e das novelas, nomeadamente de cavalaria. Num outro plano, essa circulação abrange por vezes mesmo a reprodução de obras já impressas, prática que se mantém até bastante tarde.” (Buescu: 2000, 39-40).

O livro é, por um lado, o alimento da alma, a arma que a defende, a via da salvação, ou seja, o caminho para conhecer, dar-se e chegar a Deus por meio da *lectio divina* e da *oratio contemplativa*; e, por outro, ele é na cultura monástica “centro de interesse e meio instrumental de relações colectivas” (Nascimento: 1991, 151), porquanto se o conteúdo que guarda o associa ao sagrado, ele é encarado também numa perspectiva instrumental enquanto meio material para chegar ao espiritual.

No *scriptorium* a escrita assumia funções religiosas, estéticas e administrativas que respondiam às diversas necessidades que iam desde os aspectos organizacionais e administrativos respeitantes, por exemplo, a cartas de venda e a testamentos, até à formação intelectual e espiritual e à constituição das livrarias.

As livrarias medievais, sobretudo as monásticas, tinham um papel fulcral na formação da cultura e no desenvolvimento do conhecimento, nomeadamente por se assumirem como veículos transmissores de uma herança intelectual essencial; contudo, esse precioso espólio encontrava-se quase exclusivamente escrito em latim ou, se se tratava de textos mais recentes e inovadores, noutras línguas, pelo que se começou a sentir a necessidade de traduzir essas obras para vernáculo, como forma de as difundir e também de nacionalizar os conhecimentos e ideias por elas transmitidos. Foi também no recolhimento do mosteiro que o exercício da tradução encontrou ambiente cultural propício, bem como destros e pacientes executores.

O exercício de tradução, que atingiu em Portugal o seu apogeu no século XV, ajuda na consolidação de uma necessidade, sentida já com D. Dinis, de afirmação da língua vernácula; há assim nesta época uma certa secundarização da língua latina relativamente ao vernáculo, cuja expansão crescente começa a ser mais notória nesta altura, sendo o latim cada vez mais uma língua de poucos<sup>43</sup>, para o que contribuiu também a degradação mais ou menos generalizada das instituições monásticas a que se assiste neste século. Porém, o latim persistiu como língua de cultura – usada pelos *clerici* e pelos

---

<sup>43</sup> “O latim era a língua das disciplinas sábias, que, pela substância, como pela expressão, alcançaram um verdadeiro internacionalismo; mas é óbvio que só uma minoria podia acompanhar directamente o curso das ideias e das novidades. A tradução impunha-se então, como hoje, como processo de difusão e de nacionalização, exprimindo a variedade de textos o ritmo da adaptação e integração das ideias, sentimentos e géneros literários, embora se não possa dizer em absoluto que os dois movimentos fossem paralelos e mutuamente mensuráveis.” (Carvalho: 1982,139).

*litterati* –, como língua do ensino, da ciência, da justiça, da diplomacia e também como língua literária<sup>44</sup>.

Um dos resultados do trabalho de tradução realizado nos mosteiros foi a consubstanciação de relações verticais e transversais entre línguas (Nascimento: 1997, 137). Na verdade, traduzir o latim ou outras línguas para vernáculo permitiu ou facilitou o acesso aos textos por um maior número de leitores, o que possibilitou a transmissão de ideias conformadas em estruturas linguísticas e culturais pertencentes ao universo do leitor. Para além das consequências positivas que tal exercício trouxe para a propagação do saber, há que considerar também os efeitos positivos na promoção do vernáculo como língua de conhecimento e no seu desenvolvimento e estruturação interna, na medida em que subjacente ao trabalho de tradução está um esforço em ajustar e fazer corresponder na língua vernácula estruturas linguísticas alheias, o que por si só pressupõe um exercício, mesmo que intuitivo, de reflexão (meta)linguística.

Nalgumas obras traduzidas existe um texto-prólogo no qual se podem encontrar concepções subjacentes à tradução. Facilmente se constata que os tradutores tinham preocupações distintas perante textos religiosos e textos profanos; no caso dos primeiros havia sobretudo um cuidado em seguir o original, numa tradução literal, o que tem a ver com o carácter sagrado e de Autoridade que lhe era atribuído; nos textos de assuntos profanos, o tradutor sentia-se mais livre para uma tradução menos literal.

Não seria de todo alheio aos tradutores medievais o reconhecimento da tradução como exercitação de competências culturais e linguísticas, consciência vinda da Antiguidade por meio de Plínio, o Jovem, discípulo de Quintiliano, que foi um dos primeiros a realçar o alcance da tradução na aquisição de riqueza de vocabulário e de meios estilísticos que permitiriam a leitura e o comentário de obras e também a criação de obras similares; de igual modo, conheceriam as doutrinas de Cícero e de Jerónimo sobre esta questão, os quais davam como finalidades primeiras da tradução

---

<sup>44</sup> “También en cuanto lengua literaria sobrevivió el latín en mucho a la Edad Media. Dante, Petrarca, Boccacio escribieron en latín como en italiano. El humanismo dió nuevo y poderoso ímpetu a la dignificación del latín. [...] La literatura latina de la Edad Media siguió viviendo al lado de las grandes corrientes de la incipiente Edad Moderna” (Curtius: 1976, 49-50).

objectivos estilísticos, (sobretudo o primeiro) e de promoção da cultura (particularmente o segundo).

Assim, e embora não cumpram a regra da originalidade para que possam figurar em primeiro plano na história da literatura autóctone, as traduções são indubitavelmente documentos importantes para a história da língua, da cultura e da civilização, porquanto, para além de recuperarem conhecimentos da Antiguidade, tiveram, também por isso, um papel fundamental no enriquecimento dos espíritos que a elas tiveram acesso (tradutores e leitores), com todas as consequências que daí advieram, nomeadamente na produção original, para além da já referida implicação no aperfeiçoamento da desenvoltura da língua vernácula.

A concepção medieval sobre tradução não choca completamente com as teorias defendidas por autores modernos contemporâneos sobre a mesma questão; vários autores, nomeadamente García Yebra (1994), defendem que a tradução enriquece a língua e a cultura de chegada, sendo o acto de traduzir uma operação de selecção em que se acrescentam, se transformam e se eliminam elementos linguísticos, estilísticos e retóricos num trabalho de cotejo entre a língua de partida e a língua do receptor – tradutor/ leitor. De igual modo, e não podendo naturalmente, por variadíssimos motivos, igualar-se o contexto medieval da tradução ao de hoje, não se pode deixar de notar que uma das motivações para a tradução de certo tipo de obras continua a encontrar-se na Autoridade dos textos a traduzir.

A questão da Autoridade assume, como se sabe, especial relevância na história da cultura, mormente da época medieval, na qual a compreensão do mundo era estruturada mais como adopção e recepção das autoridades tradicionais do que como função criadora (Curtius: 1976, 458), pelo que as ideias veiculadas nos textos eram compostas sob a égide de *auctores* cujo prestígio era tido como indiscutível e que funcionavam para o intelectual medieval como fonte de conhecimento e como tesouros de sabedoria (Curtius: 1976, 92). Assim, o conceito da *auctoritates* juntamente com “o latim como língua franca, o texto bíblico como livro fundamental e a tradição patrística como único testemunho da cultura clássica” (Eco: 1989, 11) distinguem-se no quadro da cultura medieval, no qual o pensamento antigo é alvo de consideração e preservação, desde que “cristianizável ou, pelo menos,



moralizável” (Pimpão: 1959, 373). Na verdade, e configurando-se como as bases medievais mais importantes do pensamento ocidental, a recepção e a transmissão da antiguidade clássica aparecem frequentemente aliadas a uma empenhada actividade de propagação e consolidação do cristianismo. E também neste ponto, a Idade Média extraiu da Antiguidade aquilo que favorecia os seus fins<sup>45</sup>, éticos, estéticos ou literários e, conseqüentemente, não se limitou a receber o conhecimento e o pensamento antigos, muitas vezes adaptou-os, alterou-os e deformou-os na sua veiculação<sup>46</sup>, ou inovou mesmo quando parecia pretender apenas repetir<sup>47</sup>; nesta sujeição à transmissão inalterada ou repetição pesa também o facto de entre os monges a originalidade ser considerada como um pecado de orgulho, bem como o facto de ser difícil, senão mesmo perigoso, colocar em causa a tradição oficial (Eco: 1989, 12).

A figura do intelectual<sup>48</sup> medieval foi relativamente desvalorizada ao longo dos séculos que se seguiram à Idade Média pela relação que ele mantinha com as Autoridades. No entanto, e como relembra Brocchieri (1996: 141), “é preciso ter presente que o significado dominante e impositivo do termo «autoridade» foi emergindo no mundo moderno: para os medievais, as *auctoritates* eram os autores, os textos, a biblioteca com que trabalhavam. Uma biblioteca dupla, de santos e de filósofos. E esta, como notava argutamente um estudioso do séc. XII, era constituída por autores que «em vida, nunca tinham estado de acordo uns com os outros e, por isso, era inútil tentar encontrar neles as mesmas posições”. Por um lado, existe a enorme produção de comentários e glosas a Platão, a Aristóteles, aos evangelistas e até a pensadores modernos que surgiram, de repente, como «autoridades» (Pedro

---

<sup>45</sup> A propósito da recepção na Idade Média de artes da Antiguidade, nomeadamente da retórica, Méla (1990: 209) diz que “les médiévaux s’entendent [...] non plus [não apenas, pelo menos no caso português] à abréger et résumer les doctrines antérieures mais à y choisir ce qui sert leur projet et à les retourner pour leur usage propre.”.

<sup>46</sup> Recorde-se, por exemplo, as incorrecções relativamente a personagens da Antiguidade que se podem encontrar em obras de D. Pedro, designadamente a confusão que faz entre os dois Sénecas.

<sup>47</sup> A este propósito não podemos deixar de recordar uma frase de Eco (1989: 12), provocatória para a modernidade, mas nem por isso menos verdadeira: “a cultura medieval tem o sentido da inovação, mas esforça-se por escondê-la sob as vestes da repetição (ao contrário da cultura moderna, que finge inovar mesmo quando se repete)”.

<sup>48</sup> Note-se que a introdução deste termo na nossa língua foi relativamente tardia, século XIV- XV, e que os medievais usavam para o conceito (ou conceitos semelhantes) termos como *letrado*, usado para aqueles que sabiam ler e escrever latim, por oposição aos *iletrados* (frequentemente chamados de *idioti*, *simplici* ou *rudes*); ou palavras como *clericus*, *magister*, *philosophus*, que eram por vezes igualmente utilizadas para expressar o conceito em causa.

Lombardo, por exemplo), mas, por outro lado, há a variedade dos comentários, a multiplicidade de tomadas de posição, os debates acesos, as oposições cerradas, que nos revelam um trabalho muitas vezes pessoal e, por vezes, corajoso.”.

Não parece credível encarar os autores medievais apenas como simples compiladores ou ordenadores de obras antigas, dado que eles, não obstante aceitarem e seguirem a *auctoritas*, interferiram, por meio da *ratio*, nos textos deixando também a sua marca nas ideias por eles difundidas. Tanto mais que essas ideias eram inseridas num quadro em que prevalecia agora a visão e os valores cristãos do homem, do mundo e da divindade<sup>49</sup>.

Aquilo que Eco (1989: 12) denomina de “história de permanências” ganha grande acuidade quando falamos da cópia medieval de manuscritos. Nos *scriptoria* faziam-se execuções de cópias, “cópias físicas”, que eram realizadas pelo copista directamente ou por meio de ditado e nas quais não eram incluídos nem o nome do seu executor nem outras informações, tais como a data e o local de execução; era um trabalho duro e anónimo aquele que o copista levava a cabo e disso tinha consciência quando juntava à conclusão do seu trabalho rogos de recompensas, espirituais ou profanas, e anatematizava todos os que do seu esforço fizessem mau uso (Santos: 2000, 191). Mas no *scriptorium* também se procedia frequentemente àquilo que poderemos chamar de ‘cópia intelectual’ que era inserida nesse trabalho sem levantar questões nem de autoria nem de plágio, conceitos, sobretudo este último, ausentes das preocupações dos autores medievais. Com efeito, a ausência do conceito de autoria, tal como hoje o entendemos, aliada à de Autoridade fazia com que as utilizações e adaptações de textos fossem encaradas como actos proveitosos e justificáveis: “Ninguém pensava que fosse delito, de cópia em cópia, era frequente já ninguém saber de quem verdadeiramente era a paternidade de uma fórmula, e no fim de contas pensava-se que se uma ideia era verdadeira pertencia a todos”, diz Eco (1989:12); também Mário Martins (1969: 83) refere que a “Idade Média tinha

---

<sup>49</sup> A este propósito, diz Martins (1969: 85): “Deus invadira o mundo e transfigurara-o. Sobretudo para os místicos, as criaturas eram elas mesmas e mais alguma coisa. Elevaram-se a símbolo natural de uma realidade sobrenatural, às vezes, unicamente símbolo, ou quase”.

o sentido comunitário da verdade”, para o que concorreria certamente o sentimento de pertença a uma comunidade e o receio de se ser excluído.

Para além disso, há que aventar também a situação que resultaria do facto de o copista medieval por vezes não se ver apenas como um mero executor e, de quando em vez, adaptar e introduzir alterações, proceder ao que lhe pareceria de ‘melhoramento’ ou ‘correção’ dos textos, não sendo improvável, pois, que, motivado por um desejo de criação pessoal, encaixasse produção própria nos textos que lhe eram dados para copiar.

Um outro aspecto importante no âmbito da produção nos *scriptoria* é o que se prende com a apocrifia. A palavra “apócrifo”, etimologicamente “coisa escondida, oculta, secreta”, era usado na Antiguidade para nomear os livros que se destinavam unicamente à utilização privada dos membros de uma seita ou iniciados em algum mistério<sup>50</sup>; nos fins do século II, usa-se para indicar algo duvidoso ou adulterado. A Igreja emprega-o inicialmente para indicar livros de origem imprecisa atribuídos a profetas e apóstolos ou livros que iam contra as verdades da fé cristã; com a fixação do cânone das Escrituras, a partir do século IV, são designados “apócrifos” os livros que, embora se apresentem com carácter sacro, não se integram no cânone<sup>51</sup>.

Embora a Igreja tenha usado inicialmente a designação de “apócrifo” para qualificar escritos suspeitos ou de origem herética, tal foi-se atenuando até serem encarados como obras que, imputadas a Autoridades da ideologia cristã, serviam objectivos de formação intelectual e de elevação espiritual. Assim, a Idade Média legou-nos numerosas obras apócrifas de vários “autores”, tais como o Pseudo-Aristóteles, o Pseudo-Atanásio, o Pseudo-Agostinho, o Pseudo-Jerónimo, o Pseudo-Boécio, o Pseudo-Isidoro de Sevilha, o Pseudo-Dionísio Areopagita, o Pseudo-Bernardo, o Pseudo-Boaventura, o Pseudo-Tomás de Aquino.

---

<sup>50</sup> Oliveira (1998: 1276): “Lucano chamou *Secreta carmina* aos livros sibilinos (*Libri fatales*) que só podiam ser lidos pelos sacerdotes e continham todo o saber que se atribuía ao deuses. São igualmente A., i.é, de conteúdo oculto, as poesias órficas.”

<sup>51</sup> Eco (1992: 197): “Para os protestantes, os apócrifos são em geral catorze livros da versão dos Setenta considerados não canónicos. Como no entanto os católicos aceitam no cânone romano onze destes catorze livros, chamando-lhes deuterocanónicos, chamam apócrifos aos restantes três, assim para os protestantes os livros deuterocanónicos católicos são habitualmente chamados apócrifos, os apócrifos católicos chamam-se pseudo-epígrafos”. Ver também Coelho (1998: 1277-1281 ).

A “Autêntico” ligavam-se valores como o mérito, a autoridade e a credibilidade, pelo que um texto autêntico era assim considerado mais por estas características do que pelas da pertença e originalidade autoral. Assim, actos como a utilização de palavras originalmente escritas por outrem ou a inclusão do nome do autor num determinado texto sem este o ter efectivamente escrito não eram tidos como reprováveis, mas serviam antes objectivos como os de propagar ideias e valores, de louvar virtudes, de celebrar autores, de enaltecer juízos e modelos de pensamento, de exaltar concepções de vida, de transmitir e difundir conhecimentos, objectivos norteados por preocupações de formação, religiosa, espiritual, mística ou intelectual, naturalmente modeladas pelas percepções do mundo e pelo modelo de pensamento cristãos.

Os textos apócrifos não foram, pois, obstáculo à conservação do cânone civilizacional da literatura sagrada e profana<sup>52</sup>, favorecendo-a até nos casos em que autores e obras canónicos foram dados a conhecer em algumas culturas e épocas apenas por meio da produção apócrifa em língua vernácula, pelo que a partir da sua escrita se tem acesso ao conhecimento e ao estudo da língua da época a que se reporta. Para além disso, se o conteúdo dos textos apócrifos contribui para a compreensão da cosmovisão do homem medievo, eles são por si mesmos, pela sua própria existência no panorama medieval, um dos aspectos da definição da cosmovisão medieval.

## **5. Santa Maria de Alcobaça. O exercício da tradução. Prosa literária escrita em português do século XV**

São diversas as manifestações humanas que durante a Idade Média aparecem estreitamente ligadas e modeladas pelas formas de culto litúrgico, pelas instituições religiosas e pelos seus representantes. Como refere um dos grandes estudiosos da nossa Idade Média, José Mattoso (1982: 553), “É vulgar afirmar-se que a história da Idade Média não se pode fazer sem conhecer bem a história dos mosteiros”, reconhecendo-se deste modo a

---

<sup>52</sup> São em grande número as obras apócrifas que nos foram legadas; na Biblioteca Nacional de Lisboa existe um número considerável deste tipo de obras relativas ao período medieval, umas escritas em latim e outras em português, provenientes em grande parte do Mosteiro de Stª Maria de Alcobaça. Os textos apócrifos medievais assumem na história da cultura um papel importante como uma das formas de conservação da memória colectiva.

importância que os monges tiveram no panorama social e cultural, bem como a influência que exerceram no comportamento e na formação dos homens da época medieval e das posteriores. Sabendo que a maior parte dos documentos que chegaram até nós são consequência da acção dos monges, torna-se necessário estudá-los tendo em consideração também o meio onde foram produzidos, sobretudo no que diz respeito àqueles que têm directamente a ver com a organização da sociedade: “Ter, pois, em vista tal origem, conhecer os usos e costumes desses mosteiros, é, sem dúvida alguma, condição indispensável para poder recolhar os documentos no meio que os produziu ou os guardou, e portanto para os interpretar correctamente, e para deles tirar tudo quanto nos podem dizer.” (Mattoso: 1982, 554).

Em todo o território português é visível a importância que as intuições religiosas detiveram em tempos recuados, mormente os mosteiros, entre os quais se destacam pela influência que lograram alcançar os Mosteiros de St<sup>a</sup> Cruz de Coimbra<sup>53</sup> e de St<sup>a</sup> Maria de Alcobaça<sup>54</sup>.

Esta influência fez-se sentir não apenas ao nível cultural e religioso, mas também em aspectos político-ideológicos e sócio-económicos. Com efeito, a intervenção, ora mediação ora ingerência, dos abades de Alcobaça em questões nacionais foi sempre privilegiada e tida em consideração. “Pendant les crises politiques nationales, Alcobaça joue un rôle décisif. Plus encore, ses historiographes contribuent fomellement à donner un support intellectuel et idéologique, voire mythique, aux aspirations de toute la collectivité nationale.” (Nascimento: 1992, 149).

Uma das contribuições mais importantes dos monges do Mosteiro de St<sup>a</sup> Maria de Alcobaça, que foi fundado em meados do século XII<sup>55</sup>, foi

---

<sup>53</sup> O convento de St<sup>a</sup> Cruz de Coimbra começou a ser construído em 1131. Depois de algumas movimentações do arcediago D. Telo, a quem se deve a iniciativa de construção do convento, e de outros, como D. João Peculiar (futuro arcebispo de Braga) e D. Teotónio, junto do Papa Inocêncio II, St<sup>a</sup> Maria de Coimbra adquire algumas liberdades, isenções e privilégios (bula *Desiderium quod*, de 1135) e D. Teotónio (D. Telo morrera entretanto), com a protecção de D. Afonso Henriques, organizou o mosteiro, transformando-o num importante centro de cultura do país. Foi adoptada a Regra de St<sup>o</sup> Agostinho, sendo a ordem conhecida por Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. Para além do *scriptorium*, funcionava no mosteiro uma escola conventual, pelo que na Biblioteca se podiam encontrar textos religiosos, mas também cópias de obras relativas ao Trívio e ao Quadrívio. (Anselmo: 1991, 17-18).

<sup>54</sup> São Mamede de Lervão, Paço de Sousa, Grijó, Nossa Senhora da Conceição, Sé de Coimbra, Sé de Viseu, Colegiada de Guimarães....são alguns dos centros cuja actividade cultural intensa se traduzia na influência que detinham e nas provas documentais que chegaram até aos nossos dias.

<sup>55</sup> A data da criação do Mosteiro de Alcobaça, bem como as causas que lhe estariam subjacentes suscitaram algumas polémicas. Na verdade, os cronistas falam de 1148, mas a crítica histórica contrapõe 1153 como o ano da fundação do Mosteiro, não aceitando que ele tivesse sido criado como

aquela que se prendeu com a língua e a cultura, pelo trabalho que os seus monges fizeram no *scriptorium*, quer por meio das cópias que executaram, quer pelas traduções que levaram a cabo e pelo patrocínio que deram à escrita e ao livro<sup>56</sup>. Há, no entanto, que fazer notar que, e embora seja perfeitamente plausível a ideia de que o interesse em desenvolver a cultura estivesse presente nos espíritos dos monges, as consequências positivas da actividade librária alcobacense devem-se mais à perspectiva funcional do livro como instrumento de vida espiritual do que a uma clara e prévia formulação de tais objectivos, ao que não é alheio o desejo de equilíbrio que pretendiam obter entre as três actividades básicas a que se dedicavam – *opus Dei*, *lectio divina* e *opus manuum*. O livro desempenha na espiritualidade alcobacense “um dado importante como instrumento que torna exequíveis as duas primeiras tarefas e aparece, sempre que necessário, como objecto da terceira” (Nascimento: 1979, 2).

De qualquer forma, pode-se verificar a preocupação diligente que votaram à questão dos livros e da cultura, confirmada pela biblioteca que deixaram e pelas cartas escritas nos primórdios do Mosteiro, nas quais se considera a escrita como uma “fiel guardiã da memória” contra o esquecimento, como “reavivadora das coisas antigas” e “confirmadora das coisas recentes”, considerando-se que “com base na página escrita, se restitui à memória o que se esvai da mente, a fim de que não sejam consideradas nulas, pelos vindouros, as acções do homem”<sup>57</sup>. Esta preocupação em deixar inscrito

---

cumprimento de um voto de D. Afonso Henriques aquando da conquista de Santarém. A fundação de Alcobaça deveu-se sobretudo a uma intenção do soberano de valorização do terreno doado (Cocheril: 1981, 25). Na carta de doação de Alcobaça a S. Bernardo, D. Afonso Henriques institui que se os monges abandonassem sem autorização régia os terrenos onde mais tarde se construiu a abadia, esta reverteria a favor da Coroa (cláusula que se veio a mostrar fundamental aquando do abandono do Mosteiro em 1833). No entanto, só depois de 1195, após as incursões árabes, o Mosteiro teve condições para começar a exercer adequadamente as suas funções. Sob os reinados de D. Afonso II e de D. Pedro, Stª Maria de Alcobaça viu os seus privilégios e domínios aumentados, ao contrário do que aconteceu com D. Afonso IV que contestou parte do património do Mosteiro. A geração de Avis ficou a dever em grande parte a sua formação religiosa e moral aos monges de Alcobaça que nela interferiram, nomeadamente no âmbito da feitura de códices importantes para os monarcas.

<sup>56</sup> O *scriptorium* de Alcobaça tem efectivamente um lugar de relevo no panorama medieval português. No entanto, outros houve que tiveram o seu papel na formação cultural da sociedade medieval, embora em menor grau. No *Index alphabetico dos nossos escriptores* (BN, cód. 1494, nº 43) podemos encontrar uma listagem de escribas, volumes e obras pertencentes a vários *scriptoria*. Marques (1986) dá conta de quarenta escribas e de cinquenta e três volumes distribuídos por onze *scriptoria*, afirmando que tal revela que “[...] os mosteiros portugueses de Cister, apesar do seu isolamento ruaral, não estavam à margem das correntes culturais – teológicas, filosóficas e bíblicas – e de espiritualidade, vigentes na Europa, donde, por certo, procediam alguns dos *exemplares* utilizados na feitura de novas cópias.”

<sup>57</sup> Dado que foram retiradas dos textos apenas algumas expressões e foram traduzidas de forma livre, transcrevemos os textos em latim: “Fida memorie custos est scriptura; hec ninc antiqua inouat, noua confirmat, confirmata, ne in posterum notitie temporum diuturnitate obliuioni tradantur representat”

o presente para o futuro, bem como em reavivar o passado para o presente afigurou-se essencial para o trabalho que os alcobacenses desenvolveram ao longo da sua história e de que a sua livraria é a melhor herança.

Como aponta Carvalho (1982: 133), “Se a livraria de Santa Cruz foi a alma mater dos estudos no centro do País, a do mosteiro de Alcobaça constituiu a biblioteca nacional do Portugal medievo”. Na verdade, na biblioteca do Mosteiro foram-se acumulando códices de várias proveniências e épocas, o que demonstra o grande cuidado por parte do Abade e dos monges posto na actividade librária, o que fez deste Mosteiro um centro de cultura que, no dizer de Mário Martins (1990: 29), “valia por uma pequena universidade”.

A maior parte dos códices da Livraria do Mosteiro de St<sup>a</sup> Maria de Alcobaça são cópias escritas em latim ou cópias de traduções. O fundo mais antigo e o mais importante é composto por textos de literatura patrística, mística, espiritual, dicionários bíblicos, glosas, “catenas”, obras de teologia e hagiografias, onde se podem encontrar autores como São Bento (*Regula*, ms. séc. XII, cód. 231; *Regra*, ms. séc. XV, cód. 44...), St<sup>o</sup> Agostinho (*Confessiones*, ms. séc. XIII, cód. 237...), Hugo de São Vítor (*De sacramentis*, ms. séc. XIII, cód.156...), São Gregório Magno, Orígenes, São Jerónimo, St<sup>o</sup> Ambrósio, São Bernardo (*De laudibus Virginis Mariae*, ms. XII, cód. 152...), Pedro Lombardo, São Tomás de Aquino (*Summa Theologica*, ms. séc. XIII-XIV, cód. 269...), St<sup>o</sup> Anselmo de Cantuária, Mestre Alão, S. Martinho de Dume, St<sup>o</sup> Anselmo, S. Boaventura, e *Vidas de Santos*, como de St<sup>a</sup> Maria Egípcia, St<sup>a</sup> Pelágia, St<sup>o</sup> Aleixo, bem como obras cujo carácter romanesco se mistura com a devoção, tais como a *Vida de Barão e Josafat* e a *História do Cavaleiro Tündalo*. Autores escolásticos, como Escoto Erigenes, Abelardo, Alberto Magno, Duns Escoto, Roger Bacon, não fazem parte desse conjunto, embora exista, numa cópia do século XVI, uma obra de Raimundo Lúlio. No que diz respeito aos textos profanos, existem em Alcobaça textos de autores como St<sup>o</sup> Isidoro (*Liber ethimologiarum*, ms. séc. XIII, cód. 446....), Cassiodoro, Boécio, Aristóteles. Os poetas e prosadores profanos da

---

(ANTT, Alcobaça, Particulares, maço 1, doc. 13) e “Iuxta formam prenotate consuetudinis, ius est et rationi concordat, rerum gestarum series [ne] cedant obliuioni, litterarum fidei commendare, quia multociens euenit quod a mente la[bitur], per scripti paginam memorie reformari, et ne inritum reuocetur a posteris quod agunt homin[es] [...]” (ANTT, Alcobaça, Particulares, maço 1, doc. 38). Estas cartas são transcritas por Nascimento (1992: 150).

Antiguidade e da Idade Média não são parte importante da Livraria, bem como autores de obras historiográficas.

Apesar de uma vasta parte dos códices alcobacenses estarem escritos em latim, há um número considerável de textos traduzidos em português, sobretudo da época de quatrocentos em que o exercício de tradução foi em Portugal, designadamente em Alcobaça, efectivamente laborioso.

Na verdade, assiste-se nesta época a uma proliferação de traduções com as quais se tentava “dar corpo e consistência a uma comunidade cívica e cultural, saída de novas conjunturas políticas, para as quais a geração de Avis foi em Portugal intérprete de excelência” (Nascimento: 2003, 249). Devemos à acção impulsionadora da geração de Avis e do labor monástico alcobacense, o número considerável de textos traduzidos que chegaram até nós. O incremento do exercício da tradução foi favorecido por uma mais vasta concepção de cultura e de acesso à globalidade dessa cultura que começava a sobressair na época, conjuntura à qual se juntaram outras circunstâncias, sobretudo o facto de cada vez serem menos os que dominavam a língua latina, nomeadamente aqueles que tradicionalmente o aprendiam e o utilizavam no seu quotidiano, os monges, bem assim como o facto de existir uma maior apetência pela cultura, consequência também da divulgação de novidades trazidas doutros reinos pelos homens cultos e pelos estudantes portugueses que nesta altura frequentavam universidades estrangeiras, especialmente italianas de onde traziam notícias da cultura humanista (Nascimento: 1998, 138), apetência crescente pela cultura antiga, mas também pela contemporânea reunida em textos literários e não literários traduzidos ou escritos noutras línguas vernáculas.

A geração de Avis desempenhou um papel relevante na promoção e no desenvolvimento das letras do Portugal de quatrocentos, quer por meio da produção literária, quer pela protecção que deu a centros de cultura como o Mosteiro de Alcobaça, quer ainda pela tradução de obras ou pelo patrocínio dado à realização de traduções. O interesse régio votado à tradução de obras remonta em Portugal a meados do século XIII, “num ambiente de relações políticas e culturais com os reinos hispânicos, França e Inglaterra, consolidadas pelos casamentos reais” (Martins: 2000, 35). Assim, temos obras como *O Livro de José de Arimateia*, que foi traduzido por João Vivas durante



o reinado de Afonso III, o *Foro Real* e as *Partidas* de Afonso X, as *Flores de Direito* e os *Tempos dos Preitos* de Jacob de las Leyes traduzidas por ordem de D. Dinis, a quem se fica a dever o alargamento da tradução a textos de outras tipologias que não as religiosas; e textos traduzidos por motivações piedosas de fortalecer a fé cristã no reino, tais como os *Evangelhos*, os *Actos dos Apóstolos* e as *Epístolas de S. Paulo* traduzidos no reinado de D. João I. A actividade da tradução na Idade Média atinge o seu ponto culminante com a acção de D. Duarte e D. Pedro, a quem se devem traduções (por mando ou por acção própria) de várias obras, bem como o que poderíamos designar como uma perspectivização global da importância e papel da tradução num processo cultural que assim instituíam como necessário. A D. Pedro se atribui a tradução de *De Beneficiis* de Séneca e *De Officiis* de Cícero e de outros textos que teriam desaparecido, entre os quais estariam uma versão em vernáculo de *De re militari* e outra de *De regimine principum*, bem como textos traduzidos por encargo dado a Vasco Lucena e que se teriam perdido no terramoto de 1755. Na tradução do texto ciceroniano, D. Pedro especifica que se propôs traduzir esta obra para vernáculo porque “esta linguagem he mais geral que o latim”, alertando, contudo, que a sua tradução para português “não he abastante ao mui notavel estilo” do texto original em latim. Na verdade, e como refere Nascimento (1999: 68), “as traduções medievais, quaisquer que seja o plano em que se colocam, não intentam rivalizar com os originais em modalidade de substituição. Pelo contrário, os tradutores mantêm o sentido de respeito que a consciência da distância lhes incute e não escondem que se predispõem a facilitar o acesso às obras clássicas através do seu trabalho. E os leitores de composições baseadas sobre os textos latinos são levados a regressar aos próprios originais”, pelo que, e no dizer deste estudioso, a tradução medieval tem também como função essencial a de “não deixar perder a memória e recuperar os textos latinos”. D. Duarte, por seu lado, tece interessantes considerações sobre a “maneira de tornar em nossa linguagem”<sup>58</sup> que aparecem no *Livro de Conselhos*<sup>59</sup> e, de forma ampliada e acrescentadas

---

<sup>58</sup> Uma das primeiras atestações do verbo “traduzir” em português data de 1537 na obra *Arte para bem confessar* (...), tradução do castelhano feita pelo cónego de Braga Aires da Costa (Nascimento: 1998, 133). Até então era usado o verbo “tresladar” (e variantes) ou a perífrase “tornar em linguagem”.

<sup>59</sup> J. J. Alves Dias (ed.) e A. H. de Oliveira Marques (Int.) (1982), *Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte (livro da Cartuxa)*. Lisboa: Ed. Estampa.

de um poema traduzido<sup>60</sup>, no *Leal Conselheiro*. São cinco essas regras para “bem tornar algua lectura em nosa lyngoaJem”<sup>61</sup>, entre as quais destacamos: “conheçer bem a sentença do *que* ha de tornar, e poe la Jnteiramente non mudando acreçentando *nen* mingoando alg~ua cousa do que esta escrito/. [...] *non* ponha palauras latynadas nem d outra lyngoagem mes todo seJa portugues [...] escreua claramente *pera* se *bem* poder entender/ e feroso o mais *que* ele poder [...]”<sup>62</sup>. É de notar a importância dada à necessidade quer de conhecimentos linguísticos relativos aos idiomas envolvidos na actividade de tradução, quer de uma hábil compreensão dos temas versados, assim como a advertência sobre uma outra dimensão proeminente no trabalho de tradução que é a dimensão retórica.

O *Leal Conselheiro* configura-se, pois, como um repositório relevante de “avisamentos” sobre a tarefa da tradução na época quatrocentista, o que, para além de mostrar a preocupação e o envolvimento do próprio rei nesta actividade, permite detectar uma iniludível concepção do estatuto da língua vernácula, nomeadamente como língua literária. Esta posição de D. Duarte ganha contornos importantes face aos focos de resistência existentes a que o vernáculo fosse encarado não apenas como língua de comunicação quotidiana, mas como língua litúrgica espiritual e língua de cultura em substituição do latim, focos que, e não obstante o latim continuar a ser por muito tempo considerado a língua científica por excelência, se foram desvanecendo à medida que o vernáculo, por meio da tradução de textos bíblicos<sup>63</sup> e livros de devoção, entrava em campos tradicionalmente vinculados ao latim como eram os do discurso religioso.

A tradução institui-se, pois, por um lado, como meio de acesso a uma cultura antes apenas acessível a um número mais restrito e, por outro, tendo em conta que até ao século XVI os tradutores contavam apenas com o conhecimento que detinham sobre as línguas envolvidas, apenas podendo socorrer-se acessoriamente de gramáticas das línguas clássicas ou de vocabulários bastante elementares, configurou-se igualmente como modo de

---

<sup>60</sup> Trata-se da tradução, com pontos discutíveis, do poema “Juste Judex” contido no *Livro dos Estabelecimentos* de João Cassiano.

<sup>61</sup> *Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte (livro da Cartuxa)* - ff.166v a 167v.

<sup>62</sup> J. J. Alves Dias (ed.) e A. H. de Oliveira Marques (Int.) - *op. cit.* pp.151-152.

<sup>63</sup> *Autos de Apostolo, s Evangelhos, Epistolas de São Paulo, Livro de Horas de Santa Maria* são alguns exemplos.

reflexão, mesmo que empírica e não formal, sobre a língua, reflexão subjacente à tarefa de encontrar para estruturas linguísticas de outras línguas correspondentes em vernáculo. Num estágio de evolução como o que se encontrava na época a língua vernácula, tal concorreu certamente para a sua consolidação e fixação.

No Mosteiro de Alcobaça, a partir de meados do século XIV e sobretudo no século XV, o exercício da tradução teve um lugar privilegiado pelo interesse que lhe votaram os monges e pela existência no Mosteiro de uma biblioteca em que se encontravam livros de leitura e de estudo, “com instrumentos de língua, muitos deles fabricados no mosteiro” (Martins: 2000, 48) e de um “*scriptorium* funcional, capaz de dar resposta às necessidades sentidas, na medida em que possuía os agentes, os materiais e as técnicas necessários à fabricação de códices” (Martins: 2000, 48). As matérias traduzidas eram maioritariamente de natureza pragmático-religiosa, ou seja, consentâneos com os objectivos pretendidos de formação e elevação espiritual e intelectual da comunidade religiosa, objectivos mais prementemente perseguidos no âmbito de um programa de renovação espiritual ditado por uma crise religiosa como a que se viveu no século XV. A Livraria alcobacense oferece-nos traduções de várias obras, principalmente de textos litúrgicos, alegórico-moralistas, hagiografias, obras de devoção e comentários de ordem religiosa<sup>64</sup>.

---

<sup>64</sup> Castelo Perigoso de Fr. Robert (trad. port. de Chastel périlleux cód. alc.CCLXXVI/ 199- BN); Solilóquios de Stº Agostinho (trad. port. do latim *Soliloquia*; cód. alc.CCLXXIII/ 198 - BN) *Diálogos* de S. Gregório (trad. port. do latim *Libri dialogorum*; cód. alc. XXXVII/ 182 - BN); *Vida de S. Bernardo* de Guillaume de Saint- Thierry (trad. port. de *Vita Sanctis Bernardi*, cód. alc. CCXCI/ 200- BN); *Solilóquios* de Stº Agostinho (trad. port. do latim *Soliloquia*; cód. alc.CCLXXIII/ 198 - BN); *Diálogos* de S. Gregório (trad. port. do latim *Libri dialogorum*; cód. alc. XXXVII/ 182 - BN); *Vida de S. Bernardo* de Guillaume de Saint- Thierry (trad. port. de *Vita Sanctis Bernardi*, cód. alc. CCXCI/ 200- BN); *Livro do Desprezo do Mundo* de Isaac de Nínive (trad. port. de *Liber contemptu mundi*; cód. CCLXX, AN/TT); *Do ajuntamento de boos dictos e palavras* (trad. port. de *Collectum*; cód. CCLXX AN/TT); *Vida de S. Aleixo* (trad. port. de *Vita Sancti Alexis*, cód. alc. XXXVI/ 181); *Regra de S. Bento* (trad. port. do latim *Regula*; cód. alc.CCCXXVIII/ 44 e CCCXXVI/ 73 - BN); *Estabelecimentos dos Mosteiros* de João Cassiano (trad. port. do latim *De institutis coenobiorum* cód. alc. CCLVII/ 384- BN); *Vergel de Consolação* de Jacobo de Benavente (trad. port. de *Viridarium consolationis*; cód. alc. CCXLIV/ 211- BN); *Visão de Tündalo* (trad. port., cód. alc. CCXLIV/ 211- BN); *Meditações* do Pseudo-Agostinho (trad. port. do latim *Meditatione*.; cód. alc.CCLXLIV/ 212 - BN); *Meditações* do Pseudo-Bernardo (trad. port. do latim *Meditationes*...; cód. alc. CCXLIV/211 - BN); *Espelho da Cruz* de Domenico Cavalca (trad. port. de *Specchio di croce*, cód. alc.CCLXXII/ 89- BN); *Escada Celestial* de S. João Clímaco (trad. port. de *Scala Paradisi*, cód. alc.CCLXXIVbis/ 213- BN); *Espelho dos Monges* S. João Clímaco (trad. port. de *Speculum monachorum*, cód. alc. CCXCI /200 - BN); *Sermão do Pastor* S. João Clímaco (trad. port. de *Sermo ad pastorem*, cód. alc.CCLXXIVbis/ 213 - BN); *Livro das Confissões* de Martin Perez (trad. port. de *Libro de las confesiones*, cód. alc. 377-78 e 213 - BN); *A disciplina dos Monges* de Hugo de São Vítor (trad. port. de *De Institutione novitiorum*; cód. alc.CCXCI/ 200- BN); *Livro dos Usos da Ordem de Cister*, traduzido por Fr. Nicolau Vieira (cód. alc. CLIII/278 BN); *Vida de Cristo* (1ª, 2ª e 3ª partes) de Ludolfo da Saxónia, traduzido por Fr. Bernardo de

As numerosas obras traduzidas, escritas em português do século XV mostram a tradução como um meio de aceder à cultura em vários níveis e registos (de índole religiosa, didáctica ou literária) e a desenvoltura que a língua vernácula vai demonstrando possuir ao encontrar os instrumentos necessários para a transmissão do saber dito noutras línguas. É de salientar também, e não obstante o facto de para a história da literatura a originalidade das obras ser factor imprescindível, o papel relevante, nomeadamente a nível linguístico e retórico, que a actividade da tradução teve na formação da nossa prosa literária.

Na Livraria do Mosteiro de Alcobaça, as obras originais (exceptuando produção dos séculos XVII e XVIII) são realmente escassas<sup>65</sup>, havendo, no entanto, exemplos assinaláveis, tais como o *Horto do Esposo*<sup>66</sup>, o *Boosco Deleitoso*<sup>67</sup> (embora com capítulos que são tradução), a *Corte Imperial*<sup>68</sup>. Note-

---

Alcobaça (cód. alc. CCLXXIX – CCLXXXV/ 451-453 BN); *Costumes, definições, visitas e estatutos da Ordem de Cister*, traduzidos por Estêvão Vasques, Fr. Nicolau Vieira e FR. Bernardo de Alcobaça (cód. alc. CCCXXXV/ 218 BN); *Vidas e Paixões dos Apóstolos*, traduzido por Fr. Nicolau Vieira (cód. alc. CCLXXXII/ 280 BN); *Livro das Colações dos Santos*..., traduzido por Fr. Nicolau Vieira (cód. alc. CCLVIII- CCLIX/ 385- 386 BN). A estes exemplos do fundo da Livraria alcobacense, juntam-se outras obras traduzidas, tais como *Imitação de Cristo* de Tomas de Kempis (trad. port. de *Imitatio Christi*, BMPP), *Livro das três virtudes* de Christine de Pisan (trad. port. de *Livre de strois vertus*, Res. –BN; Madrid – BN), *Demanda do Santo Graal* (trad. port. de *Histoire du Saint Graal*, Viena-BN), *Esopo* (trad. port. de *Fabulae*, Viena – BN), *O Amante* de John Gower (trad. port. de *Confessio Amantis*, Madrid), *Livro cumprido nos juízos das estrelas* (em caracteres hebraicos, trad. port., Parma), *Barlaão e Josafá* (trad. por., AN/TT).

<sup>65</sup> A este propósito diz Nascimento (1983: 139): “A ausência de textos originais, ou também o reduzido interesse na divulgação, que faz com que nem os de Alcobaça estejam representados em Coimbra nem os de Coimbra em Alcobaça, poderá revelar de imediato um ou outro traço cultural português, conhecido pelo fenómeno de exogeneidade e que se traduz por influências hauridas ou aceites a partir do estrangeiro, já que menos evidente se torna a captação de individualidades nacionais que neste domínio particular saiam a exercer as suas actividades além fronteiras”.

<sup>66</sup> Texto datado do século XV ou de finais do XIV é um dos mais representativos exemplares da literatura espiritual originalmente escrita em português. De autor anónimo, dedicado a uma freira, irmã do autor, é um livro “de edificação religiosa e moral à base de «exemplos» (histórias exemplares), como o *Conde Lucanor*, *Calila y Dimna*, *Libro de los Gatos*, etc [...] o autor termina cada capítulo com uma história extraída de colecções congéneres, das Escrituras, dos *Flos Sanctorum*, dos bestiários e anedóticos históricos. Mas os «exemplos» vêm embrechados numa exposição doutrinária sistemática, cujos principais temas são, sucessivamente, a doçura do nome de Jesus, a meditação alegórica sobre o *Horto*, que são as escrituras, e sobre a vaidade e a transitoriedade de tudo o que é humano [...]” (Saraiva: 1996, 91).

<sup>67</sup> Este texto, cujo testemunho conservado data do século XVI, embora as características da sua redacção o remetam para o século anterior, apresenta, com marcadas ressonâncias petrarquianas, o elogio da vida solitária como via para a contemplação. Livro de espiritualidade que, no dizer de M. Martins (1956:136), é “o mais poético livro de prosa, que apareceu em português até ao século de quinhentos”; livro de ascese, é, nas palavras de Aida Fernanda Dias (1993: 327), “um manual de solitários e de contemplativos. Seguindo a linha doutrinária, típica da época medievá, que almejava encaminhar os homens no seu peregrinar terreno, com os olhos postos em Deus, ele reveste-se do simbolismo, que é também característica da Idade Média. Tudo no *Boosco* tem um sentido para lá do literal: o bosco coberto de névoa representa o estado de ‘pendença’; o campo apartado e deleitoso é a consolação de Deus; o alto monte significa o estado da alta contemplação; as aves, que cantam no ‘bosco nevoso’, são os Doutores da Igreja; a Justiça e a Misericórdia são os pés espirituais de Deus. O *Boosco*, que oferece uma arquitectura alegórica bem urdida, que no descritivo da Natureza, das moradas espirituais, das vestes das personagens, consegue transmitir uma poética visão do real, que reúne já um

se, contudo, que há vestígios de que a biblioteca de Alcobaça chegou aos nossos dias bastante reduzida<sup>69</sup>, ao que não será certamente alheio a forma atribulada<sup>70</sup> e ligeira com que os fundos manuscritos foram recolhidos aquando da extinção das Ordens Religiosas em 1834<sup>71</sup>.

Pese embora o percurso acidentado dos seus últimos tempos, a Livraria de St<sup>a</sup> Maria de Alcobaça ostenta obras que reúnem um conjunto valioso do saber antigo e medieval, o que, sendo objecto de orgulho por parte dos monges alcobacenses, de que Fr. João Claro é exemplo quando, em início de Quinhentos, falava na existência em Alcobaça de “livros antigos e mui *solenes*, tanto para os monges como para algum *hóspede letrado*” (Martins: 1990: 29), se constitui como um espólio precioso para a estruturação e compreensão da nossa memória colectiva, bem assim como para a história da nossa língua.

Constituído por 456 códices<sup>72</sup> relativos aos séculos XII ao XVIII, este Fundo está agora conservado na Biblioteca Nacional de Lisboa<sup>73</sup>, sendo alguns mantidos no Arquivo Nacional da Torre do Tombo<sup>74</sup>.

---

conjunto de marcas estilísticas que dão ao texto um ritmo, uma cadência que convida à leitura, acusa, todavia, em inúmeras páginas, a nota da tradução, acentuadamente a de Petrarca”.

<sup>68</sup> Obra anónima considerada como o primeiro texto teológico- filosófico escrito em português. O testemunho alcobacense é do século XV, embora a redacção do texto pareça ser do século XIV. Nas páginas desta obra de apologética cristã ecoam algumas das ideias de Raimundo Lulo, nomeadamente a necessidade de doutrinação de judeus e muçulmanos de forma a convencê-los da verdade cristã; o seu autor, que se declara como um «simpres ajuntador», põe, perante Cristo, imperador celestial, a Igreja triunfante, a Igreja militante, judeus, mouros, gentios e cristãos a discutirem as verdades da fé cristã, segundo a ordem dos artigos do credo.

<sup>69</sup> “É sabido que o Fundo de Alcobaça guardado na Biblioteca Nacional de Lisboa [...] não esgota o acervo real algum dia reunido na livraria de mão daquele mosteiro cisterciense. Não corresponde sequer ao inventário do *Index Codicum* de 1775, e as lacunas não ficariam sanadas mesmo se lhe adicionassemos o conjunto de códices alcobacenses mantidos, por rotina algo inexplicável, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo” (Nascimento: 1979, 279).

<sup>70</sup> Na confusão de movimentos de pessoas e bens aquando do levantamento que precedeu a extinção das Ordens Religiosas, é provável que se tenham perdido para sempre códices do Mosteiro, quer por negligência, quer por roubo ou destruição, já que em Outubro de 1833 o Mosteiro foi alvo de saque durante dias consecutivos; felizmente, códices houve que foram reunidos atempadamente e outros recuperados. A livraria fora já antes alvo de pilhagens, quer durante a dinastia dos Filipes, quer na época das invasões francesas. A propósito diz Natividade (1885: 181): “Os soldados duma divisão francesa que estava em Peniche e que acudiu aos gritos dos revoltosos foram os que mais prejudicaram o mosteiro. A livraria foi na maior parte dividida por eles, sendo-lhes apreendidos nas Caldas muitos livros de grande importância” (cit. por Nascimento: 1979, 280).

<sup>71</sup> Com a extinção das Ordens Religiosas em 1834, o edifício do Mosteiro de Alcobaça foi sendo usado pelo Estado para instalações de repartições públicas, quartéis, tribunais, bem como para actividades assistenciais e de culto por parte da Igreja. O Mosteiro, classificado em 1907 como Monumento Nacional, faz parte do Património Mundial da Humanidade.

<sup>72</sup> Comparando as obras que se conhecem provenientes do Mosteiro de Alcobaça e de outros mosteiros, pode-se concluir que “a riqueza de obras teológicas e mesmo de obras escolásticas revelada pela biblioteca de Alcobaça devia ser bastante excepcional em meios monásticos” (Mattoso: 1982, 546). Não deixa o mesmo autor, no entanto, de chamar a atenção para a problemática que envolve a origem de muitas das obras classificadas como alcobacenses, levantando a hipótese de algumas serem oriundas de outros mosteiros: “Os seus livros [de St<sup>a</sup> Maria de Alcobaça] resultariam de uma concentração de manuscritos espalhados por todo o país. Se essa hipótese estivesse certa, teríamos de concluir que os

Embora se encontrem na generalidade em condições de conservação bastante razoáveis<sup>75</sup>, o Fundo Alcobacense apresenta códices que, quando comparados com outros estrangeiros, são relativamente pobres na iluminura e na encadernação (Nascimento: 1983, 138). Esta característica não lhes diminui o interesse enquanto testemunhos perduráveis de traços de uma identidade portuguesa religiosa, literária e cultural dos séculos XII ao XVIII, enquanto documentos de épocas essenciais na formação e desenvolvimento do país e da língua, enquanto monumentos da nossa história. Documentos e monumentos<sup>76</sup> pois, textos que permitem perpetuar memórias, legados da memória colectiva de um povo e de uma civilização.

Nos finais da Idade Média o modelo que inspirava a vida monástica não escapou aos sinais de crise generalizada patentes em toda a Europa. Assiste-se a um decréscimo de monges nos mosteiros e a uma erosão no sentido de vida comunitária em benefício do indivíduo. Para tal contribuíram, entre outros aspectos, as sucessivas vagas de peste que, dada a presença dos monges em zonas urbanas e juntos dos doentes, devastaram um grande número de religiosos, as guerras que trouxeram saques e destruição a alguns mosteiros, bem assim como algumas práticas que desacreditavam as comunidades monásticas, tais como o relaxamento na observância das regras e

---

monges brancos da célebre abadia não foram tão excepcionalmente cultos como parece à primeira vista, e que, por outro lado, o conhecimento de obras de um certo nível intelectual, ao menos para a vida religiosa, estava bastante difundido, mesmo em mosteiros rurais. Eis uma hipótese a averiguar, mas que, a verificar-se, modifica um pouco o panorama da nossa cultura medieval.” (Mattoso: 1982, 548).

<sup>73</sup> Os manuscritos do Fundo de Alcobaça que estão na BN de Lisboa são identificados por duas numerações: uma romana, que se refere à marcação que tinham em Alcobaça, seguida de uma numeração árabe, que se reporta à notação da Biblioteca Nacional de Lisboa.

<sup>74</sup> Esta situação foi já alvo de críticas por parte de investigadores, nomeadamente por Aires do Nascimento, por considerar que a manutenção do Fundo Alcobacense num mesmo local seria mais proveitosa para o seu estudo conjunto. No ANTT estão os manuscritos I, II, CLII, CLXXIV, CCLXVI, CCLXX., CCCXXIV e CCCLXXIV.

<sup>75</sup> Nascimento (1983: 137), comparando o melhor estado de conservação do nosso fundo alcobacense com outros estrangeiros, diz que a razão se encontrará no facto de os nossos códices terem viajado menos: “De Alcobaça para Lisboa, e de Coimbra para o Porto, por exemplo, e apesar das circunstâncias adversas em que isso aconteceu, os estragos não se fizeram sentir excessivamente”.

<sup>76</sup> A palavra latina *monumentum* tem na sua constituição *mens* o que remete para uma das faculdades da mente que é a memória; assim, remontando às origens da palavra, um monumento permite o retorno ao passado, à memória veiculada por testemunhos diversos, escritos ou não. A este propósito, recorde-se o lugar preponderante atribuído por Fustel de Coulanges (1888) na construção do saber histórico aos documentos escritos, o que constitui um dos exemplos de como o significado de monumento e de documento foi sofrendo alterações ao longo dos tempos no trabalho dos historiadores; também Paul Zumthor estabelece laços estreitos entre documento e monumento quando diz que o texto escrito é muitas vezes mais monumento do que documento; Le Goff (1991: 236) chama a atenção para o que considera dever principal do historiador que é “la crítica del documento – cualquiera que sea – en cuanto monumento.” e também para o facto de o documento não ser “una mercancía estancada del pasado; es un producto de la sociedad que lo ha fabricado según los vínculos de las fuerzas que en ellas retenían el poder.”

a colocação de seculares comendatários à frente dos mosteiros como seus administradores; o aparecimento de novas formas de vida religiosa, entre as quais as de místicos laicos, mostra também como as mentalidades estavam a mudar. A vida religiosa comunitária já não se assume como única forma de salvação, a função mediadora do mosteiro é posta em causa e o homem começa a pensar na salvação individual, defendendo-se uma maior responsabilização e empenho pessoal na relação que se estabelece com Deus. Esta atitude enquadra-se na “Devotio Moderna”, movimento que aparece nos Países Baixos e na região renana nos inícios do século XIV e que se caracterizou por preconizar a interiorização da vida espiritual e a renovação da vida cristã. A *Imitatio Christi*, obra atribuída a Tomás de Kêmpis, foi a expressão principal deste movimento.

O “crepúsculo do monaquismo” foi sentido em Portugal, tal como em toda a Europa, e tal como refere José Marques nos seus estudos sobre a arquidiocese de Braga no século XV, os mosteiros “tinham vivido o chamado ‘período de ouro’ do monaquismo ocidental, dos séculos XII e XIII, e debatiam-se agora com os problemas específicos da crise monástica dos séculos XIV-XV” (Marques: 1981, 11). Este ambiente de perturbação em Portugal foi consequência também da situação vivida com a peste, sobretudo a de 1348-49, dos maus anos agrícolas, das guerras com Castela, da crise de 1383-85 (Marques: 1981), ou seja, de um quadro político e socioeconómico conturbado, em que os mosteiros eram muitas vezes vítimas de roubo ou de exigências de poderosos senhores laicos, o que, para além de ter contribuído para a degradação das instituições monásticas que levou mesmo à extinção de algumas<sup>77</sup>, provocou diversos conflitos entre os representantes do poder eclesiástico e do poder real<sup>78</sup>. Contudo, não se pode ignorar que esta situação foi igualmente o consequente desenvolvimento do percurso de uma Igreja no

---

<sup>77</sup> A título de exemplo, recorde-se que as comunidades beneditinas da diocese de Braga eram no século XV metade das existentes no século anterior.

<sup>78</sup> As queixas do arcebispo D. Fernando Guerra sobre os abusos de que eram vítimas os mosteiros levaram-no a entrar em conflito com o poder real, nomeadamente com D. João I e com D. Duarte. A este propósito veja-se a obra de José Marques *A Arquidiocese de Braga no século XVI*. Lisboa: INCM, 1988.

seu todo que se caracterizou frequentemente por desvios às práticas e valores cristãos e de que as várias tentativas de reformas dão conta<sup>79</sup>.

Apesar do ambiente desta crise generalizada, o mosteiro de Alcobaça manteve a sua influência, continuando a ser “a mais importante casa religiosa de Portugal, tanto pelas suas riquezas e grande desenvolvimento em todos os ramos da sua actividade, como pela ilustração de seus monges e consequentes distinções de que os cumularam os reis e os pontífices” (Almeida: 1967, 325). A abadia tornara-se bastante rica e poderosa, o Abade era uma figura influente colocado ao lado dos representantes da mais alta nobreza, “tinha o direito de levantar tropas nas suas terras e, durante muito tempo, as suas sentenças, à excepção da pena de morte, não tiveram apelo, mesmo junto do Rei. Nas terras de Alcobaça, quem se via em perigo não bradava, como no resto do país, «Aqui d’el-rei», mas sim «Aqui do Abade» ou «Aqui do Mosteiro»” (Cocheril: 1981, 30).

Reflexo da crise generalizada que se abatera sobre a sociedade e sobre o monaquismo, mas também por certo repercussão de um poder e riqueza exacerbados que levaram a desleixos na observância monástica e a ambições exteriores, o Mosteiro de Alcobaça viveu tempos difíceis, crises de índole espiritual e económico-administrativa, para as quais contribuiu grandemente a presença no Mosteiro de abades comendatários a partir de 1475<sup>80</sup>. O ambiente que se vivia relativamente à necessidade de reformas na Igreja terá influenciado a nomeação de Fr. Estêvão de Aguiar como abade de Alcobaça<sup>81</sup>, o qual veio a ter efectivamente um papel importante no âmbito de transformações levadas a efeito no Mosteiro de Alcobaça, nomeadamente na reestruturação de aspectos administrativos, mas também espirituais, designadamente no estímulo que deu ao exercício de cópia e de tradução de obras espirituais e místicas no *scriptorium* deste Mosteiro. Entre essas obras

---

<sup>79</sup> Foi o que aconteceu em 1488 em Braga, em 1496 no Porto e em 1500 na Guarda. Estas tentativas não alcançaram muito êxito e a reforma almejada veio a concretizar-se apenas na segunda metade do século XVI.

<sup>80</sup> Dom Nicolau Vieira, abade de Alcobaça, em 1475, cedeu os seus direitos ao arcebispo de Lisboa, Dom Jorge da Costa, recebendo para tal uma renda anual de 150 000 réis. Os monges receberam mal esta notícia, expulsaram D. Nicolau e reclamaram junto do Rei e do Papa, sem obterem sucesso.

<sup>81</sup> Agradava aos planos de reforma eclesiástica de D. João I, que queria combater o desmembramento das instituições eclesiásticas, a nomeação de Fr. Estêvão como abade do Mosteiro de Alcobaça, pelo que terá intercedido junto do papa Eugénio IV para que tal acontecesse. Esta nomeação, em 1431, deu-se após Fr. Estêvão Aguiar ter estado cerca de quatro anos em Florença (1422-1426), onde observou reformas efectuadas por D. Gomes, e depois de passar pelo Mosteiro de Pedroso.



figurariam por certo os *Sete Tratados Cartusianos*, embora não seja possível afirmar que a sua tradução também a ele se ficasse a dever.

Muitos destes textos copiados e/ou traduzidos no Mosteiro de Alcobaça fazem parte do que normalmente se designa por “prosa literária” medieval, obras hagiográficas, místicas, espirituais, textos de carácter religioso e filosófico, que, no entanto, quando comparados com os textos de historiografia e os de autoria real, e não obstante o facto de se revestirem de preponderante importância para estudos histórico-culturais e linguísticos, permanecem sem edição ou com edições antigas e a necessitar de reedições.

Por serem traduções ou cópias, muitos destes textos apresentam o inconveniente de frequentemente não possibilitarem a localização e a autoria ou do texto ou da tradução; contudo, por serem textos em prosa mais ou menos extensos e de temática diversa permitem a observação de aspectos importantes das estruturas morfossintáticas (Mattos e Silva : 1995). O facto de muitos desses textos serem traduções não invalida a sua importância, dado que, se para a história da literatura de um povo a originalidade é, na verdade, factor imprescindível, o mesmo não acontece para a história da língua, pois subjacente ao trabalho de tradução está naturalmente um esforço em adequar estruturas linguísticas alheias às nossas, possibilitando o seu estudo.

Os textos hagiográficos, os tratados éticos e místicos, as obras ascéticas e espirituais constituem-se assim como uma parte essencial da prosa escrita em português do século XV, configurando-se como documentos que, escritos na língua de uma época linguística de transição, permitem atestar o desaparecimento e/ou a alteração de certas características da língua da fase anterior e observar determinados fenómenos linguísticos que serão típicos da fase seguinte.

## II. PARA A EDIÇÃO DE TEXTOS DA PROSA LITERÁRIA DO SÉCULO XV ESCRITA EM PORTUGUÊS: OS *SETE TRATADOS CARTUSIANOS*

### 1. Os *Sete Tratados Cartusianos*

Mais conhecidos pelo título de *Castelo Perigoso*, Os *Tratados Cartusianos*<sup>82</sup> são um conjunto de sete breves tratados espirituais e místicos que se integram na chamada prosa literária do século XV escrita em português e, tal como muitos outros dessa época, não são textos originais nossos, mas uma tradução e/ou adaptação, no caso particular, do francês para o português.

Como já foi referido, a partir de meados do século XIV e sobretudo no século XV, foram efectuadas no Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça muitas cópias e traduções de obras de diversas temáticas, designadamente de carácter didáctico e litúrgico, alegórico-moralista, hagiográfico e ascético-místico<sup>83</sup>; entre esses textos encontram-se os *Sete Tratados Cartusianos* que chegaram até nós em dois manuscritos que se encontram na Biblioteca Nacional de Lisboa, dois códices do Fundo Alcobacense, o CCLXXVI/ 199 e o CCLXXV/ 214<sup>84</sup>, datados, respectivamente, da primeira metade do século XV e finais desse século.

O manuscrito português dos *Sete Tratados* do cód. alc. 199 da BN<sup>85</sup> indica 1400 no cólofon como a data em que a obra teria sido "acabada"<sup>86</sup>; no entanto, esta data referir-se-á à data de redacção do original francês e não à da cópia ou tradução da versão portuguesa, porquanto as características grafemáticas e linguísticas do documento, como veremos adiante, o assinalam como pertencente à época de quatrocentos e não à de trezentos, embora a datação do texto levante questões para as quais dificilmente se encontrarão respostas definitivas.

---

<sup>82</sup> Embora a designação mais usada pelos estudiosos para este conjunto de textos seja a de *Castelo Perigoso*, um dos grandes medievalistas que sobre eles se debruçou, o Pe. Mário Martins, usou a denominação de *Tratados Cartusianos*. Usamos no presente trabalho a designação de *Sete Tratados Cartusianos*, remetendo assim para a estrutura seccionada do documento e para a sua génese monástica.

<sup>83</sup> Ver nota 61.

<sup>84</sup> O manuscrito 214 não contém a "Tábua" e o "Prólogo", faltando-lhe igualmente todo o último capítulo e parte do penúltimo; para além disso, apresenta partes significativas do texto bastante deterioradas, o que dificulta ou impossibilita a sua leitura.

<sup>85</sup> Para a edição dos *Sete Tratados Cartusianos* que aqui apresentamos seguimos o manuscrito do cód. alc. 199 da BN de Lisboa. As indicações que são dadas a partir daqui são referentes a este códice e não ao 214.

<sup>86</sup> "Hora praza a todos que este liuro leerem e ouuirem que por amor de *deus* e da sua bem dita uirgem madre ajam memoria em suas horas daquelle *que* o ajuntou e escrepueo E foy acabado a noyte da pascoa florida era 1400." (f150v)

Mário Martins (1952) começa por atribuir a data de 1368 à tradução ou compilação dos *Tratados* em português, mais tarde, Martins (1955) afirma, tal como Marie Brisson, que essa será a data provável da composição do texto original francês. Por outro lado, se parece pacífico atribuir a autoria do original francês a Fr. Robert<sup>87</sup>, embora subsistam muitas dúvidas sobre a autoria das suas diversas versões, o mesmo não acontece com a autoria do manuscrito em português, não se sabendo se se trata de uma tradução de uma versão francesa ou de uma cópia de um texto já traduzido para português e que se perdeu. As informações que são dadas no próprio manuscrito são escritas por mão posterior à data da execução do texto, pelo que a notícia de que o texto teria sido "composto" e "escrito" por Fr. Frutuoso de Alcobaça não nos permite saber se este teria sido o copista ou o tradutor do texto; outras informações posteriores no tempo, dadas na *Bibliotheca Lusitana* por Diogo Barbosa Machado, também não são conclusivas, deixando a questão da autoria em aberto<sup>88</sup>.

Menos dúvidas existem quanto ao facto de o texto português dos *Tratados* ter tido como base um manuscrito do texto em francês, cujo paradeiro é desconhecido, existindo, no entanto, um apógrafo<sup>89</sup> na Biblioteca Nacional em Paris que, como refere Silva (2001)<sup>90</sup>, alberga uma versão muito próxima daquela que o tradutor português terá conhecido para a realização do seu trabalho. A tradição manuscrita francesa do *Chastel Périlleux* conta com dezoito manuscritos, divididos em dois grupos por Brisson (1968), considerando-se o destinatário do discurso – nuns a prima de Fr. Robert, noutros um destinatário genérico. Questões relativas à tradição francesa cotejada com a portuguesa da obra *Castelo Perigoso* foram objecto de estudo por parte de alguns estudiosos. Não obstante a importância que lhe reconhecemos, afasta-se do âmbito do presente trabalho aprofundar esta questão, pelo que nos debruçaremos agora apenas sobre o texto escrito em português do século XV dos *Sete Tratados Cartusianos*.

---

<sup>87</sup> Robert de Saint Martins, monge da Ordem da Cartuxa, de Parc-Saint-Marie ou de "Parc-en-Charnie", da diocese de Mans, que terá vivido no século XIV até cerca de 1388. Cf. Brisson (1968); Silva (2001).

<sup>88</sup> "[...] Fr. Carlos de Lisboa cujo apellido indica a patria onde naceo par o mundo, [...] Compoz. Castello espiritual, em que explica em 199 capitulos o Evangelho «Intrauit JESUS in quodam Castellum» [...]" (Barbosa Machado: vol. I, 559)

"[...] Fr. Victorio de Braga. [...]Escreveo. Castello perigoso M.S. Obra ascetica[...]" (Barbosa Machado, vol. III, 792)

<sup>89</sup> Códice da BN FR, Paris, 1882

<sup>90</sup> A mesma autora afirma poder concluir que este "manuscrito parisino fornece uma versão que foi copiada, embora não directamente, da do manuscrito desaparecido" e que teria, pois, existido um manuscrito que deu origem ao texto traduzido para português e a este apógrafo" (Silva: 2001, 22). Esta autora faz uma comparação entre a versão portuguesa e a francesa contida no códice parisino 1882, designadamente quanto à capitulação e tábua de conteúdos, à mediação dos tratados e ao prólogo, inexistente na versão portuguesa. Cf. Silva (2001: 22-31).

Foram feitas algumas edições parcelares desta obra e uma do conjunto dos sete tratados. Para além de alguns excertos da obra editados em Revistas e Antologias<sup>91</sup> por nomes como José Leite de Vasconcelos e José Joaquim Nunes<sup>92</sup>, existem do primeiro tratado, *Castelo Perigoso*, duas edições: uma do P. Augusto Magne (1945-46)<sup>93</sup> e outra de João Antônio de Santana Neto (1997)<sup>94</sup>; Os tratados *Dos Benefícios de Deus*, *Do Livro da Consciência e do Conhecimento Próprio* e *Da Amizade e das Qualidades do Amigo* foram editados por Rita Queiroz (2002)<sup>95</sup>. Dos dois tratados *Das Penas do Inferno* e *Das Alegrias do Paraíso* há a edição de Maria Manuela Lança (1995)<sup>96</sup>; O último tratado, *Do Livro dos três Caminhos e dos sete sinais do amor embebedado*, foi editado por Rui Viegas (2002)<sup>97</sup>. Do conjunto dos sete tratados é a edição, a que nos referiremos mais detalhadamente adiante, de Elsa Silva (2001)<sup>98</sup>. A Mário Martins devemos os vários estudos<sup>99</sup> sobre a obra, elaborados com a erudição que o caracterizava e nos quais aparecem vários fragmentos transcritos do documento.

O códice alcobacense CCLXXVI/ 199 da BN de Lisboa é composto por 160 fólios membranceos, com cerca de 285× 200mm, com vinte cadernos de oito fólios cada, tendo, antes do primeiro caderno, duas folhas de guarda de papel e

---

<sup>91</sup> Os fragmentos editados em Revistas e Antologias são sobretudo relativos ao primeiro tratado, *Castelo Perigoso*, que é, sem dúvida, o mais editado e estudado. Vasconcelos, José Leite de (1959), *Textos Arcaicos*. 4ª ed. Lisboa: Clássica Editora; Nunes, Joaquim (1981), *Crestomacia Arcaica*. 8ª ed., Lisboa: Clássica Editora; Id. (1932), *Florilégio da Literatura Portuguesa Arcaica*. Lisboa: Imprensa Nacional. Também encontramos um excerto da obra na antologia de Roberts, Kimberley S. (1956), *An Anthology of Old Portuguese*. Lisboa: Livraria Portugal.

<sup>92</sup> Godinho, Hélder (1986), *Prosa Medieval Portuguesa*, Lisboa: Comunicações.

<sup>93</sup> Magne, Augusto, *Verbum*, Rio de Janeiro, t. 2 (1945), p.116-123, 233-238, 345-353, 458-469; t.3 (1946), p. 79-89, 191-201, 298-307 (Exemplares existentes na Biblioteca Geral de Coimbra e aos quais falta o primeiro fascículo) e *Revista Filológica*. Rio de Janeiro. t. 4 (1942), pp.183-202; t.5 (1942), pp.81-87.

<sup>94</sup> Neto, João Antônio de Santana (1997), *Dois Leituras do Tratado Ascético-Místico Castelo Perigoso*, Tese de doutoramento em Filologia e Língua Portuguesa, Univ. São Paulo.

<sup>95</sup> Queiroz, Rita de Cássia Ribeiro de (2002), *Dos Benefícios de Deus, Livro da Consciência e do Conhecimento Próprio, Da Amizade e das Qualidades do Amigo - Edição e Vocabulário onomasiológico de Três Tratados da Obra Ascético-Mística Castelo Perigoso (cód. alc. 199 e 214)*, Tese de Doutoramento, Universidade de São Paulo. [texto policopiado].

<sup>96</sup> Lança, Maria Manuela (1995), *Para uma edição dos dois tratados cartusianos do «Castelo Perigoso» - «das penas do Inferno» e «Das alegrias do paraíso»*. Dissertação de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa.

<sup>97</sup> Viegas, Rui (2002), *Livro dos três caminhos e dos sete sinais do amor embebedado: edição e estudo*. Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa.

<sup>98</sup> Silva, Elsa Maria Branco (2001), *Castelo Perigoso. Edição Crítica*. Lisboa: Colibri.

<sup>99</sup> Martins, Mário (1952), "Os Sete Tratados do cód. CCLXXVI/ 199 de Alcobaca". In separata de *Colectânea de Estudos*, 2ª série, nº3, Braga; (1955), "O Castelo Perigoso na sua forma original e numa adaptação francesa". *Brotéria*, 61, Lisboa, pp. 36-43; (1955), "O Castelo Perigoso em português e no original de Frei Roberto". In *Brotéria*, 61, Lisboa, pp.291-296; (1956), "Os sete tratados cartusianos do cód. CCLXXVI/ 199 de Alcobaca". In *Estudos de Literatura Medieval*, Braga: Cruz, pp.159-167;

outras duas em pergaminho, em que está escrito um texto em latim a duas colunas e, na segunda de papel, um sumário do códice, escrito em letra do século XVIII<sup>100</sup>.

O códice encontra-se em bom estado de conservação, excepto a encadernação; os cadernos estão completos, ordenados e sem lacunas entre eles. Na "Tábua" que se encontra no primeiro caderno aparece uma numeração árabe escrita a preto, mas no segundo caderno os fólhos têm também, para além da numeração árabe, uma numeração romana, a vermelho, e que não tem em conta o primeiro caderno, havendo, por isso, uma diferença de oito fólhos entre as duas numerações. Tendo em conta que a "Tábua dos Capítulos" foi considerada na elaboração quer da edição, quer da realização do glossário e estudo linguístico, mas para que tal não dificultasse e deturpasse as indicações dadas, nomeadamente no Glossário, os oito primeiro fólhos, correspondentes a "Tábua" dos capítulos, são anotados com numeração romana de Ir a VIIIv, sendo usada, a partir do início do primeiro Tratado, numeração árabe de 1r a 150v.

O texto está escrito em letra gótica semicursiva da primeira metade do século XV, a mancha gráfica apresenta cerca de 195mm×130mm, com 20 a 24 linhas em cada fólho; são usadas preferencialmente as tintas preta e vermelha: na "Tábua" (preta e vermelha), nas maiúsculas do corpo do texto (tinta preta e adornadas a vermelho), os capítulos, as rubricas e a numeração romana, bem como as citações em língua latina aparecem a vermelho; há igualmente em alguns fólhos ornamentos em tinta vermelha a separar os capítulos; é também utilizada a tinta azul nas letras capitais (juntamente com o vermelho); no fólho 1, a letra E é filigranada a vermelho e azul, contendo no seu fundo um desenho de um castelo com três torres, tendo ainda uma banda decorativa nessas cores a rodear o texto.

Dos *Sete Tratados* fazem parte o *Castelo Perigoso* (f1r-57v)<sup>101</sup>, primeiro Tratado, no qual se pretende ensinar a todos a construir, à semelhança da

---

<sup>100</sup> Deixamos aqui a transcrição dessa folha: "Castello perigozo, Livro Ascético, que consta de 200 capitulos, nos quaes se moraliza aquella parte do Evangelho de S:Lucas, que a Igreja canta no dia da Assumpção de Maria Santissima – *Intrauit Iesus in quodam castellum* –.

Composto e escripto por Fr. Fructuozo Monge Alcobacense natural de S. Pedro do Sul, que o acabou de escrever na Pascoa de 1362, como consta de huma Rubrica, que está no fim deste codigo.

Depois do ultimo Capitulo do sobredito livro está hum breve Tratado escripto da mesma mao, no qual o Autor para promover á perseverança no bem, e ao augmento no amor de Deus transcreve a Expozição de Origenes sobre aquellas palavras do Evangelho de S.João cap-20. – *Maria stabat ad monumentum foras plorans* –, e discorre sobre a mesma expozição.

Este mesmo Livro aqui intitulado – Castello perigoso - inculca Barboza na sua Biblioteca Luzitana desta maneira – Castello Espiritual. composto por Fr. Carlos de Lisboa, o qual em 199 capitulos explica o Evangelho – *Intrauit Iesus in quodam Castellum* – com reflexoens doutas e piedozas."

<sup>101</sup> Fólhos relativos ao CCLXXVI/ 199da BN.

Virgem, no coração um castelo forte contra os inimigos de Jesus para que Este lá possa morar; *Dos Benefícios de Deus* (f57v-61v), em que se fala da Paixão de Cristo e dos doze benefícios que se devem tomar por sacramento; *Do Livro da Consciência e do Conhecimento Próprio* (f61v-79r), terceiro Tratado que trata a necessidade de se conhecer a si mesmo como forma de conhecer Deus; *Da Amizade* (f79r-84r), quarto Tratado, no qual são abordadas as coisas a ter em consideração para receber Deus no coração; *Das Penas do Inferno* (f84r-104r), quinto Tratado que fala das penas do inferno; *Das Alegrias do Paraíso* (f104r-123r), no qual são dadas a conhecer as glórias de quem ganha o paraíso; e o *Livro dos Tres Caminhos e dos sete sinais do amor embebedado* (f123r-150v), último Tratado que fala dos caminhos purgativo, iluminativo e contemplativo para chegar a Deus.

Os Livros aparecem organizados por capítulos, 201 no total, com a apresentação introdutória de uma tábua de referência, sendo numerados sequencialmente, o que indicia à partida uma organização sequencial e temática destes sete tratados.

## 2. As nossas edições.

Um dos objectivos primeiros perseguido pelo presente trabalho foi o de elaborar uma edição do conjunto dos *Sete Tratados Cartusianos*, porquanto só uma perspectiva de conjunto poderá assegurar, seja qual for o tipo de leitor e a finalidade da leitura, um adequado contacto com a obra e uma mais profícua leitura desta. Devemos assinalar o facto de que tal se impunha tanto mais que, aquando da decisão de realizar este trabalho, como já o referimos na Introdução, existiam apenas edições parcelares da obra<sup>102</sup>.

A única edição que conhecemos do conjunto dos *Sete Tratados* é a de Elsa Silva que apresenta critérios “medianamente conservadores” (2001: 73), com várias intervenções do editor, as quais não adoptámos, por não se coadunarem, por um lado, com a perspectiva que seguimos de fidelidade ao texto manuscrito e, por outro, porque a nossa edição se completa com o Glossário, que resolve problemas de ambiguidades de leitura, e de uma edição “modernizadora”. Assim, as mediações interventivas levadas a cabo por esta autora que não fazem parte das nossas normas

---

<sup>102</sup> O nosso projecto, no âmbito do qual fomos bolseiros da Fundação para a Ciência e Tecnologia até 2003, foi iniciado em 1999. A edição de Elsa Maria Branco da Silva foi publicada em Novembro de 2001.

de transcrição são as seguintes: a nível do vocalismo, o restabelecimento do valor fonético dos grafemas <v>, <j>, transcritos por <u> e <i> quando correspondentes aos fonemas vocálicos /u/ e /i/; a reconstituição da marca de nasalidade em caso de ausência); no que se refere ao consonantismo, a simplificação das consoantes geminadas, com excepção dos pronomes enclíticos e mesoclíticos; a regularização do valor fonético dos grafemas <u> e <i>, transcritos por <v> e <j> quando correspondentes de /v/ e /j/; a restituição do <h> em situações de homografia; no que toca à separação e união de palavras, a normalização das formas *porque/ por que*, *senom/ se nom*, *tambem/ tam bem*, *bem dita/ bem dita*, *com tanto/ com tanto*; o uso do ponto alto na marcação de contracção da preposição *de* com alguns verbos e nomes (*d-esperar*, *d-espirito*), bem como de *ata* com pronome demonstrativo (*ata-aquella*) e na representação da justaposição dos constituintes de expressões como *aa-de:fora*, *bem-aventurança*; a separação dos constituintes nas palavras *desy e desque*; a nível da acentuação, o uso do acento moderno para distinguir formas homógrafas e do acento agudo na distinção entre o indicativo perfeito/ mais-que-perfeito e o indicativo futuro, bem como na distinção entre o conjuntivo futuro do verbo *vir* e o infinitivo do verbo *ver*; no que diz respeito ao uso de maiúsculas, a regularização consoante uso moderno. Esta edição conta ainda com um aparato crítico que inclui aspectos que não fizeram parte do nosso trabalho por não termos como objectivo uma edição crítica, tais como a indicação dos erros do manuscrito, de passos do texto original francês, das fontes citadas, bem como explicações de âmbito filológico e contextuais.

A edição que realizámos pretende oferecer aos leitores com formação filológica uma base de trabalho fiável e rigorosa, facultando uma lição do texto que possa contribuir para um melhor conhecimento da língua do séc. XV ao possibilitar a realização de estudos linguísticos, dando contributos para glossários e outros instrumentos de estudo da língua desse período. Por outro lado, da especificidade e riqueza do texto decorreu a necessidade de elaboração de uma edição “modernizadora” que facultasse o seu conteúdo a leitores sem formação filológica, cujo acesso ao texto se encontra comprometido pela opacidade da transcrição “conservadora”; para tais leitores, o texto dos *Tratados* poderá assim ser objecto de lazer ou instrumento de trabalho, nomeadamente no que se refere ao contacto com o contexto e conteúdo ideológico ou sociocultural da época.

Assim, elaborámos duas edições que se apresentam em confronto página a página, o que permite, para além de um sempre útil cotejo de estruturas e realizações linguísticas, o despertar da curiosidade filológica por parte destes últimos leitores.

## 2.1. Normas de transcrição

A. À edição dita ‘conservadora’ do texto subjaz aquilo que designámos por ‘razão do texto’<sup>103</sup>, ou seja, a obediência ao princípio de autoridade do texto, encarado este como uma realidade histórica e como uma entidade com voz própria, que permite aceder a uma mundividência autoral, epocal e linguística distante no tempo. Este tipo de edição configura-se a nosso ver de especial importância, dado que possibilita o estudo da língua do texto, em particular, e contribui para o conhecimento da língua da época a que se reporta, em geral. Assim, esta edição (A) oferecendo uma lição conservadora, seguiu os seguintes critérios:

1. Foram conservadas todas as unidades do texto, incluindo as diferentes alografias (*apagado/ apaguado; apocalise / apocallipse /apoculipsy; fruto/ frujto/ fruyto; humilldade/ humjldade / humjlldade/ omilldade/ omjldade (...)*).
2. Mantivemos as vogais geminadas, etimológicas ou não, bem como a alternância entre <i>, <j> e <y> como representação da vogal e da semivogal e as consoantes duplas (*guaanha; braadauom; diaboo; diaabo; poo; uoontade; pees; treeuas; çeeo; seer; alguu; huu; beneffição; ffilho; comffissom; capitollo; m•diall; jnnorança; nouenno; anno; rreçeber; rrico; ssua; sso; aautto; (...)*).
3. Não foram introduzidos sinais de pontuação<sup>104</sup> para além dos que aparecem no manuscrito, no qual ocorrem o caldeirão (••, a vírgula suspensiva<sup>105</sup> representada

---

<sup>103</sup> Cf. Lemos, A. S. (2000) “A edição de textos portugueses da prosa literária do século XV”; comunicação apresentada no XVe. *Congrès International de la Société de Rencesvals*, Poitiers, na qual utilizámos esta expressão por oposição a *razão do leitor*: “Argumento semelhante, mas posto ao serviço do leitor, é dado por aqueles que demonstram uma atitude modernizadora na edição dos textos antigos. Na verdade, para estes o trabalho de edição tem de ter em conta o público, diverso nos seus interesses, objectivos e formações, e que terá de ver facilitado o seu acesso ao texto.”

<sup>104</sup> Tem-se considerado o uso de sinais de pontuação nos manuscritos medievais como assistemático e até negligente. Contudo, há estudiosos que discordam desta posição, atestando em manuscritos a presença de comportamentos constantes no que se refere à pontuação. Machado Filho, Américo Venâncio Lopes (1999), na análise que faz de textos medievais, considera que a pontuação nos manuscritos medievais portugueses, produzidos entre os séculos XIII e XV, exhibe um comportamento bastante sistemático de uso, reflectindo hábitos e motivações de ordem lógico-gramatical, representando aspectos prosódicos que poderiam ser



por uma barra diagonal à direita, o ponto simples, seguido de maiúscula ou minúscula, e os dois pontos<sup>106</sup>.

4. Não foram feitas intervenções a nível da acentuação (com excepção das plicas que foram suprimidas e da introdução de ponto sobre o «i»), sendo que as palavras homónimas são distinguidas no Glossário.
5. A vibrante < R> em posição inicial e medial é representada por meio dos grafemas <rr>.
6. Mantivemos, na grande generalidade, a maiusculação, nomeadamente e nomes próprios, início de frase ou depois de indicação de pausa (com sinal ou espaço), não tendo inserido maiúsculas quando elas não ocorriam no manuscrito, mesmo em palavras como *deus*.
7. Conservação do <h> ( *hamauioso; hepistolla; hidade; hir; hiso; homildosa; homilldar; honrra; horaçom; hoste; hubidiência;...*).
8. O emprego da cedilha não foi regularizado conforme norma actual (*çellistreaaes; doçe; façe; meriçimento; naçeo; pred•çia; terceiro;* ).
9. Desdobramento das abreviaturas do manuscrito com indicação na edição em itálico (*peruersos; deus; pera; liuros; confisom; ffilho; Jhesu Christo; contra; quer, seus; auer; seermos; uirgijndade; esprito; ...*)
10. Indicação do sinal tironiano por *e*.
11. Manutenção do caldeirão (...e da numeração romana que aparece no manuscrito (xLvij; Liiij; xxvj; ...)).
12. Transcrição de letras ou palavras sobrescritas sem indicação específica, a não ser quando são frases ou texto (indicação dada nestes casos).

---

condicionados pela língua falada, sugerindo que deveriam existir directrizes orientadoras para os amanuenses no desenvolvimento de suas tarefas de escrita.

Partilhamos da opinião de Martins, Ana Maria (1986: 266), segundo a qual “a alteração da pontuação em textos narrativos medievais (portugueses) exige que se demonstre que ela não tem a função de fixar uma unidade expressiva em que não se pode tocar sem que se modifique o texto. Afastado das práticas de leitura em voz alta, o leitor moderno retém do texto a imagem visual, negligenciando a significação dos elementos fónicos supra-segmentais. Mas se a narrativa medieval nos oferece indicações de leitura que marcam o ritmo de pulsação da história e dos personagens, o editor não pode ser um juiz que condene o réu antes de o ter ouvido.”. Assim, se na época o emprego de sinais pontuação não obedecia a uma perspectiva lógico-gramatical, mas antes a razões de ordem melódica e prosódicas, a produção do sentido fazia-se a partir de uma base ritmo-semântica, que foi, ao longo do tempo, sendo desconsiderada. Numa edição que se deseja fiel ao texto do manuscrito não caberia, pois, introduzir sinais de pontuação segundo a lógica da l

<sup>105</sup> Parkes (1993: 307): “sinal usado para marcar a pausa mais breve ou hesitação num texto”. A barra desapareceria posteriormente no uso da escrita portuguesa, segundo Machado Filho (2000), a partir do século XV, sendo deslocada a sua função, provavelmente, pelo ponto seguido de letra minúscula (sinal que também ocorre no manuscrito estudado), aparentemente com a mesma função. A *vírgula suspensiva* vai estar, sempre, muito ligada às escritas cursivas que suplantarão as escritas dos livros durante os séculos XIV e XV. Esta vírgula era, por vezes, usada, como também aparece no manuscrito em análise, em conjunto com a ‘vírgula dupla’ ‘//’ ou em conjugação com pontos ‘/.’.

<sup>106</sup> Ocorrendo também os dois pontos e traço (:/) e os três pontos ( ).

13. Indicação dos fólhos no início de cada um entre / /; palavras divididas entre dois fólhos aparecem no fólho onde começam.
14. Palavras ou letras repetidas indicadas entre ( ); letras acrescentadas indicadas entre < >; palavras ilegíveis entre (...).
15. Não se procedeu à separação nem a ligação de palavras conforme a norma actual, excepto nos casos de palavra separada por fólho, que aparece inserida no fólho em que se inicia.
16. As contracções com preposição foram mantidas (*daquelles; dauer; descapar; desto; doraçom; ...*).
17. Manutenção da divisão do texto em capítulos como aparecem no manuscrito, bem como do espaço em branco entre eles, também conforme manuscrito.
18. Conservação do sinal geral de abreviatura como marca diacrítica de nasalidade vocálica e consonântica, mesmo quando estes sinal não tem este valor reconhecível<sup>107</sup>.
19. As frases em latim aparecem em itálico entre { }.

**B.** Na edição dita “modernizadora” (B), o texto foi alvo de actualização linguística generalizada, designadamente a nível da ortografia, do vocalismo, do consonantismo, da separação e união de palavras, da acentuação e da pontuação, bem assim como, embora em menor grau, em alguns aspectos do léxico e da sintaxe, com o já assinalado objectivo de tornar a obra acessível a um público mais vasto. Assim, esta edição (B), oferecendo uma lição modernizadora, seguiu os seguintes critérios:

1. Actualizou-se a ortografia segundo a norma actual.
2. Procedeu-se a uma pontuação interpretativa, sendo introduzidos sinais de pontuação de acordo com as normas actuais, assim como as maiúsculas decorrentes dessa opção.
3. Foram acentuadas as palavras segundo a norma actual.

---

<sup>107</sup> Como relembra o Professor Azevedo Ferreira, nem sempre é fácil distinguir com rigor em certos vocábulos quando o til é dado como sinal de nasalidade ou interpretar a intenção do copista, havendo palavras que aparecem com grafias distintas, tais como "nõ/nom; n•ca/ nunca", pelo que decidimos deixá-lo onde aparece no ms.. A este propósito, dizia Silva Neto (1956: 23) sobre os textos anteriores ao séc. XV: "[...] deve respeitar-se rigorosamente a grafia medieval e manter-se, portanto, o til, em escritas como t•po, v•ho, testemo•••, etc. Com relação às vogais duplas nasalizadas (••••, etc.), é aconselhável colocar o til entre ambas." Pensado (1962:15) diz que "Si nos encontramos ante estas tres grafias de la misma palabra: tan/ tam/ tã, con cuál de las otras dos restableceremos la abreviación: por la tilde de la última? Con la primera? Con la segunda? El decidirse por una u otra siempre tendria algo de arbitrario [...]".

4. Uma vez que a edição “conservadora” e o respectivo Glossário permitem a verificação de formas e grafias da época, procedeu-se igualmente à eliminação de características ortográficas e evolutivas, apresentando-se assim nesta edição as formas correspondentes ao português moderno. No entanto, uma vez que poderiam alterar a medida de uma prosa rítmica como a que enforma os *Tratados*, foram mantidas algumas dessas formas hoje consideradas arcaísmos, regionalismos ou de linguagem expressiva e que, dicionarizadas no português moderno, são no entanto pouco usuais, como *cousa*, *semelhável*, *assossego*, *amador*, *quinhoeiro*, *barregã*, *deleitação*, *amercear*, *louvaminheiro*, *aparelhar*, *possessão*, *humildoso*, *ensoberbecer*, *abrasamento*, *esguardar*, *nojoso*, *vianda*, *virtualhas*...
5. Introduziu-se a preposição ‘a’ ou o acento correspondente à sua contracção com determinantes ou pronomes, procedendo-se igualmente à introdução de regências da norma actual.
6. A numeração romana foi substituída.
7. O texto foi dividido em parágrafos que marcámos graficamente.
8. Por meio da acentuação ou actualização ortográfica, as alografias foram resolvidas.
9. Foram mantidas as indicações entre barras dos fólhos do manuscrito.
10. Palavras acrescentadas, com vista a facilitar a leitura, aparecem indicadas entre parêntesis curvos.
11. Foi feita a contracção da preposição ‘em’ com os artigos.
12. Foram estabelecidas concordâncias nominais e verbais.

### 3. Edição “conservadora” do manuscrito do códice alcobacense CCLXXVI/ 199 da Biblioteca Nacional de Lisboa

#### 3.1. Edição A

<sup>108</sup>/Ir/ Comecase o prologo em o liuro que se chama castello *perigoso e* de como a deuota Virgem maria com gram prazer rreçebeo em o seu honrrado castello *conuem* a saber no tenplo do seu glorioso corpo o rrey *e* senhor do çeeo *e* da terra., etc.

Primeiro capitollo com *quem* deue a auer paz *quem* quiser edeficar algh• castello.

*Capitollo* segundo *que* o homem deue *procurar e* buscar confesor discreto *e* sabedor que tenha poderio de absoluer *e* llegar.

*Capitollo* terçeiro que sem confisom nos nom podemos saluar. E poem este autor exempllo.

*Capitollo* quarto em que poem outro exenplo he semelhauil. E diz mais *que* a uergonha *que* o homem ha em a *confissom* he grã parte da peendença.

*Capitollo* quinto *que* o pecador deue a decrarar as çirconstanças do pecado.

*Capitollo* seysto *que* falla dos pecados mortaaes *e* rramos *que* delles procedem.

*Capitollo* setemo da enueja. E diuersas maneiras dela.

*Capitollo* oyto da yra *e* diuersas speçias della.

*Capitollo* nono da pregiça *e* de como pecam os rreliгиозos em muytos modos açerca deste pecado.

*Capitollo* xº desa meesma E de como nom ha cousa tã vill E de tam grã dapno como *perder* tempo.

*Capitollo* xiº da auareza. E de como a *propriedade* em os rreliгиозos he torpe pecado. /Iv/

*Capitollo* xij da gargantoçe. E de diuersas specias e rramos dela E *aqui* trauta dos rreliгиозos.

*Capitollo* xiiij da luxuria. E de como este pecado he mais graue e feo em os rreliгиозos *e* rreliгиозas.

---

<sup>108</sup> O Sumário do códice alc. CCLXXVI/199, que aparece escrito numa folha de papel e com letra do século XVIII, dá indicações que ocultam o facto de o texto ser dividido em sete "Livros" ou "Tratados" e que dão uma data e uma autoria que levam a conclusões desacertadas, indicações essas que, pelo menos enquanto o ms. não foi editado, levou a que vários estudiosos (entre os quais, Leite de Vasconcelos, António Anselmo e José Joaquim Nunes) se referissem ao *Castelo Perigoso* como um único texto constituído por muitos capítulos. Deixamos aqui a transcrição dessa folha :

"Cod.276

Castello perigozo,

Livro Ascético,

que consta de 200 capitulos, nos quaes se moraliza aquella parte do Evangelho de S:Lucas, que a Igreja canta no dia da Assumpção de Maria Santissima – *Intrauit Iesus in quodam castellum* –.

Composto e escripto por Fr. Fructuozo Monge Alcobacense natural de S. Pedro do Sul, que o acabou de escrever na Pascoa de 1362, como consta de huma Rubrica, que está no fim deste codigo.

Depois do ultimo Capitulo do sobredito livro está hum breve Tratado escripto da mesma mao, no qual o Autor para promover á perseverança no bem, e ao augmento no amor de Deus transcreve a Exposição de Origenes sobre aquellas palavras do Evangelho de S.João cap-20. – *Maria stabat ad monumentum foras plorans* –, e discorre sobre a mesma exposiçãõ.

Este mesmo Livro aqui intitulado – Castello perigoso - inculca Barboza na sua Biblioteca Luzitana desta maneira – Castello Espiritual. composto por Fr. Carlos de Lisboa, o qual em 199 capitulos explica o Evangelho – *Intrauit Iesus in quodam Castellum* – com reflexoens doudas e piedozas."

### **3. Edição “modernizadora” do manuscrito do códice alcobacense CCLXXVI/ 199 da Biblioteca Nacional de Lisboa**

#### **3.2. Edição B**

/flr/ Começa-se o prólogo no livro que se chama Castelo Perigoso e de como a devota Virgem Maria com grande prazer recebeu no seu honrado castelo, isto é, no templo do seu glorioso corpo, o Rei e Senhor do Céu e da Terra, etc.

Primeiro Capítulo. – Com quem deve haver paz quem quiser edificar algum Castelo.

Capítulo Segundo. – Que o homem deve procurar e buscar confessor discreto e sabedor que tenha poder de absolver e de ligar.

Capítulo Terceiro. – Que sem confissão não nos podemos salvar. E põe este autor (um) exemplo.

Capítulo Quarto. – Em que põe outro exemplo semelhável. E diz mais que a vergonha que o homem tem na confissão é grande parte da penitência.

Capítulo Quinto. – Que o pecador deve declarar as circunstâncias do pecado.

Capítulo Sexto. – Que fala dos pecados mortais e ramos que deles procedem.

Capítulo Sétimo. – Da inveja e diversas maneiras dela.

Capítulo Oitavo. – Da ira e diversas espécies dela.

Capítulo Nono. – Da preguiça e de como pecam os religiosos em muitos modos acerca deste pecado.

Capítulo 10º. – Dessa mesma e de como não há cousa tão vil e de tão grande dano como perder tempo.

Capítulo 11º. – Da avareza e de como a propriedade nos religiosos é torpe pecado. /Iv/

Capítulo 12º. – Da gula e de diversas espécies e ramos dela. E aqui trata dos religiosos.

Capítulo 13º. – Da luxúria. E de como este pecado é mais grave e feio nos religiosos e religiosas.

*Capitollo xiiijº* em que traute dh•a monja *que* descobreo • este pecado.

*Capitollo xv.* Em que poem outro exemplo he semelhauil.

*Capitollo xvj.* de seis cousas *que* sse requerem aa uerdadeira *confisõ* E de çinquo *que* a enbargam E de como he muyto *perijgosa* cousa ao religioso ameude sayr fora da claustra.

*Capitollo xvij.* da satisfaçom que deue seer *fecta* por o pecado E de como o rreligiosso pode gaanhar paz e amor com seu abbade.

*Capitollo xviiijº* Como sse gaanha a terceira Paz.

*Capitollo xix* da quarta paz E de como *pera* a gaanhar he neçesario falar pouco.

*Capitollo xx* *que* a esposa de Ihesu *christo* deue seer linpa e virgem e põe çertos sinaaes de virgindade.

*Capitollo xxj* do segundo sinal da virgindade E de como sem uergonha neh•a cousa pode seer onesta.

*Capitollo xxij.* do terceiro sinal e quarto E de como a corruta torna virgem E recobra a *graça* antes perdida.

*Capitollo xxijj.* por *que* rrezom ho hom• tem a cabeça jnclinada aa terra E *que* a nosa morada nõ he aquy .

/Iir/ *Capitollo xxiiijº.* *que* o homem deue creer em *deus* E em *seus* sacramentos.

*Capitollo xxv.* *que* a homildade uerdadeira ha dauer tres graaos E *quem* homildoso he amostrao em trajo E em palauras E em *fecto* E que sem ela nõ pode alguem prazer a *deus*.

*Capitollo xxvj.* *per* que guisa fara homem aredar *seus* jmjgos se ouuer esforço E de como he gram sandiçe creer hom• mais aos outros da sua *propria* conciença *que* a si meesmo.

*Capitollo xxvij.* *que* jnorançia do *proprio* estado he homildade

*Capitollo xxviiijº* Como a memoria da morte he saudaujl e termo perentorio de todos pecados E de como he santa cousa auer homem deuaçom em a Virgem maria.

*Capitollo xxix* *que* traute de mujtas estremadas rrezooes por *que* a uirgem gloriosa senhora deue seer *seruida*.

*Capitollo xxx.* Como a memoria do juizo eternal he *aproueitosa* E de quatro consideraç•es dignas de notar.

*Capitollo xxxj.* Como o diabo quando se uee uençido do primeiro cõbate se trabalha combater as deuotas pesoas *per* jnjurias vilanias tribulaç•es.

*Capitollo xxxij.* *que* a paçiença he mujto Necesaria E de como esta uertude n•h• a pode percalçar saluo o *que* for tentado.

*Capitollo xxxiij* da paçiença em *que* se poem exemplo desa meesma.

*Capitollo xxxiiij.* de quatro pensamentos e contenplaç•es mujto singulares e *proueitas*.

*Capitollo xxxv.* da caridade E de como se estende a amigos e a jmjgos E de como deuemos a amar nosa saluaçom mais *que* a dos *proximos*.

/IIv/ *Capitollo xxxvj.* *que* nom ha hi amor • *que* humanal coraçõ aja folgamça senom em amar *deus* E de como este amor nom pode aalgh• vijr senom *per* pureza.

*Capitollo xxxvij.* Como amar *deus* aujua mujto a memoria dos *seus* benefiços.

Capítulo 14º. – Em que trata de uma monja que incorreu neste pecado.

Capítulo 15°. – Em que põe outro exemplo e semelhável.

Capítulo 16°. – De seis coisas que se requerem na verdadeira confissão. E de cinco que a embargam. E de como é muito perigosa coisa ao religioso sair amiúde fora do claustro.

Capítulo 17°. – Da satisfação que deve ser feita pelo pecado. E de como o religioso pode ganhar paz e amor com seu abade.

Capítulo 18°. – Como se ganha a terceira Paz.

Capítulo 19°. – Da quarta paz. E de como para a ganhar é necessário falar pouco.

Capítulo 20°. – Que a esposa de Jesus Cristo deve ser limpa e virgem e põe certos sinais de virgindade.

Capítulo 21°. – Do segundo sinal de virgindade. E de como sem vergonha nenhuma coisa pode ser honesta.

Capítulo 22°. – Do terceiro sinal e quarto. E de como a corrupta (se) torna virgem e recobra a graça antes perdida.

Capítulo 23°. – Por que razão o homem tem a cabeça inclinada (para) a terra. E que a nossa morada não é aqui. /IIr/

Capítulo 24°. – Que o homem deve crer em Deus e em seus sacramentos.

Capítulo 25°. – Que a verdadeira humildade há-de haver três graus. E quem é humilde, mostra-o no traje, nas palavras e nas acções. E que sem ela não pode alguém prazêr a Deus.

Capítulo 26°. – Por que guisa fará (o) homem arredar seus inimigos se fizer esforço. E de como é grande sandice acreditar o homem mais nos outros (nos assuntos) da sua consciência do que em si mesmo.

Capítulo 27°. – Que ignorância do próprio estado é humildade.

Capítulo 28°. – Como a memória da morte é saudável e termo peremptório de todos os pecados. E de como é santa coisa ter (o) homem devoção na Virgem Maria.

Capítulo 29°. – Que trata de muitas estremadas razões por que a Virgem gloriosa Senhora deve ser servida.

Capítulo 30°. – Como a memória do juízo eternal é proveitosa. E de quatro considerações dignas de notar.

Capítulo 31°. – Como o diabo, quando se vê vencido do primeiro combate, se esforça por combater as pessoas devotas por (meio de) injúrias, vilanias e tribulações.

Capítulo 32°. – Que a paciência é muito necessária. E de como esta virtude ninguém a pode alcançar a não ser o que for tentado.

Capítulo 33°. – Da paciência em que se põe exemplo dessa mesma.

Capítulo 34°. – De quatro pensamentos e contemplações muito singulares e proveitosos.

Capítulo 35°. – Da caridade. E de como se estende a amigos e inimigos. E de como devemos amar a nossa salvação mais que a dos próximos. /IIv/

Capítulo 36°. – Que não há aí amor em que humanal coração tenha aprazimento senão em amar (a) Deus. E de como (a) este amor não pode alguém vir senão por pureza.

Capítulo 37°. – Como amar (a) Deus aviva muito a memória dos seus benefícios.

*Capitollo xxxviii* Como a deuota pessoa deue seer conhecida e pensar em as infinitas merções e graças que recebe de deus.

*Capitollo xxxix* Como muito ama com grande fervor quem da quanto tem sem alguma coisa reter.

*Capitollo R* da pobreza e paciência do senhor E de como he muito proveitoso pensar em seus tormentos.

*Capitollo Rj* da paixão de ihesu christo.

*Capitollo Rij* da mesma.

*Capitollo Riij* de como a uirgem maria sofreu na alma todos os tormentos que faziam ao seu filho E de como spirou

*Capitollo Riijj* de tres maneiras de lagrimas que auemos a auer da sua morte E de como a ora de vespera foy deçado da cruz<sup>109</sup>.

*Capitollo Rv.* que as deuotas pessoas deuem fazer em seu coração huu sepulcro para receber o nosso senhor E sepultalo todo em nos.

*Capitollo Rvj.* dos muitos beneficios que nos deus fez des que foy morto.

*Capitollo Rvij* Como o sacramento da eucaristia faz muitos proveitos aaquele que dignamente o recebem E do maior amor que nos deus mostrou.

*/IIIr/ Capitollo Rvii.* da Salve regina e milagres dela E do pensar que o homem deue a auer em os muitos beneficios de deus desde como o uera de fazer a fazer.

*Capitollo Rix* dos cinco sentidos e das muitas linguas E que pouco ual combater contra os outros vícios senão retem sua lingua.

*Capitollo L* que o olho não casto mestejoso he do coração não casto E de viiiº pontos de religião.

*Capitollo Lj* que não deuemos escutar as muitas linguas E de como com palavras duras deuemos a afastar os maldizentes.

*Capitollo Lij* da terceira porta que he cheirar.

*Capitollo Liij* da quarta porta que pertence ao gosto E o porteiro destas duas portas he a temperança.

*Capitollo Liijj* da quinta porta que he o tacto e das quatro uirtudes cardeais.

*Capitollo Lv.* que a vitalha da alma que faz forte o coração he a palavra de deus E de tres maneiras de lagrimas e de como se (guanhem).

*Capitollo Lvj.* que o homem não deue presumir de si posto que (uirtuoso) seja por que (muitas) vezes acontece que so por h (dicto) se perde.

*Capitollo Lvij* que quanto a pessoa (he) mais rica de graças tanto se mais deue temer que lhe não faleça as vitalhas spirituaes E que o monje deue ter cada dia depois de completa capitollo (em si mesmo).

---

<sup>109</sup> Ícone de cruz desenhado em vez da palavras.



Capítulo 38º. – Como a pessoa devota deve ser conhecida e pensar nas infinitas mercês e graças que recebeu de Deus.

Capítulo 39º. – Como muito ama com grande fervor quem dá quanto tem sem alguma coisa reter.

Capítulo 40º. – Da pobreza e paciência do Senhor. E de como é muito proveitoso pensar em seus tormentos.

Capítulo 41º. – Da paixão de Jesus Cristo.

Capítulo 42º. – Dessa mesma (paixão).

Capítulo 43º. – De como a Virgem Maria sofreu na alma todos os tormentos que faziam ao seu Filho. E de como expirou.

Capítulo 44º. – De três maneiras de lágrimas que havemos de ter da sua morte. E de como à hora da véspera foi descido da cruz.

Capítulo 45º. – Que as devotas pessoas devem fazer em seu coração um sepulcro para receber o nosso Senhor e sepultá-lo todo em nós.

Capítulo 46º. – Dos muitos benefícios que Deus nos fez desde que foi morto.

Capítulo 47º. – Como o sacramento da Eucaristia faz muitos proveitos àquele que dignamente o recebe. E do maior amor que Deus nos mostrou. /IIIr /

Capítulo 48º. – Da Salve Rainha e milagres dela. E do pensar que o homem deve ter nos muitos benefícios de Deus e também como o verá face a face.

Capítulo 49º. – Dos cinco sentidos e das más-línguas. E que pouco vale combater contra os outros vícios se não retém sua língua.

Capítulo 50º. – Que o olho não casto é mensageiro do coração não casto. E de 8 pontos de religião.

Capítulo 51º. – Que não devemos escutar as más-línguas. E de como com palavras duras devemos afastar os maldizentes.

Capítulo 52º. – Da terceira porta que é cheirar.

Capítulo 53º. – Da quarta porta que pertence ao gosto. E o porteiro destas duas portas é a temperança.

Capítulo 54º. – Da quinta porta que é o tacto e das quatro virtudes cardeais.

Capítulo 55º. – Que a vitualha da alma que faz forte o coração é a palavra de Deus. E de três maneiras de lágrimas e de como se ganham.

Capítulo 56º. – Que o homem não deve presumir de si, posto que (virtuoso) seja, porque (muitas) vezes acontece que só por um dito se perde.

Capítulo 57º. – Que quanto a pessoa (é) mais rica de graças tanto mais se deve temer que não lhe falem as vitualhas espirituais. E que o monge deve ter cada dia depois de completa capítulo (em si mesmo). /IIIv/

/IIIv/ *Capitollo* Lvijj que a deuota pessoa que se uee apresada de desuairadas tentaç•es *e* teme cayr ella se deue logo acorer aa oraçõ E poem exenplo E posto *que* nos *deus* ajuda em as tentaç•es nom porem *nos* liura de todas por *nos* auiuar aa batalha.

*Capitollo* Lix que a oraçom he h• singular rrefugio *contra* as tentaç•es do pecado E como he apurada de quatro cousas E que alg•a cousa he pedida ao senhor nõ cõ sajeza E que por tanto a nom outorga.

*Capitollo* Lx. *que* homem nom deue uiuer por comer mes *comer* por ujuer E de como auemos a orar.

*Capitollo* Lxj *que* o homem deue despender o domingo e festas em oraçõ.

*Capitollo* Lxij *que* a horaçõ deue a auer duas aas E de como em duas maneiras he enpachada Desy *que* cousa *que* o homem faça em pecado mortal nom *aproueita* quanto he aa saluaçõ.

*Capitollo* Lxiiij Como a este castello nom faleeçe se nom a uella *que* he o temor de *deus* E que de noso estado nom podemos auer çertid•e em quanto formos em esta mortal vida.

*Capitollo* Lxiiij de sete maneiras *que* hi ha de temor.

*Capitollo* Lxv Como as tres maneiras de temor sobreditas *e* derradeiras som tres boas uelas da nosa forteleza.

*Capitollo* Lxvj *per* que modo he aseentado este castelo em terra de paz E de como hi ha quatro pensamentos muy *proueitosos*.

*Capitollo* Lxvij Como a memoria dos benefiços *que* *nos* *deus* fez he mujto boa.

*Capitollo* Lxviij como esta *sancta* memoria faz aa deuota *pessoa* fazer lagrimas.

/IVr/ *Capitollo* Lxix do excelentissimo sacramento do Altar E de como os *que* o rreçebem deu• seer aparelhados.

*Capitollo* Lxx do primeiro fruto deste sacramento.

*Capitollo* Lxxj do segundo fruto.

*Capitollo* Lxxij do terceiro fruto.

*Capitollo* Lxxiij do quarto fruto.

*Capitollo* Lxxiiij do quinto fruto.

*Capitollo* Lxxv do sexto fruto.

*Capitollo* Lxxvj do seitemo fruto.

*Capitollo* Lxxvij do oytauo fruto.

*Capitollo* Lxxviiij do noueno fruto.

*Capitollo* Lxxix do decimo fruto.

*Capitollo* Lxxx do vndecimo fruto.

*Capitollo* Lxxxj do duodeçimo fruto.

*Capitollo* Lxxxij do dapno *que* conseguem os *que* jndinamente rreçebem este sacramento.

*Capitollo* Lxxxiiij *que* a amiga de *deus* deue de seer esguarnecida destes jnstrumentos sprituaaes *que* se seg•.

*Capitollo* Lxxxiiij como he sandeu *quem* escolhe çegidade *e* leixa fremosura.

Capítulo 58º. – Que a pessoa devota que se vê apresada de desvairadas tentações e teme cair, deve ela logo acorrer à oração. E põe exemplo. E posto que Deus nos ajuda nas tentações, porém, não nos livra de todas para nos avivar à batalha.

Capítulo 59º. – Que a oração é um singular refúgio contra as tentações do pecado. E como é apurada de quatro coisas. E que há cousas pedidas ao Senhor insensatamente. E que, portanto, as não concede.

Capítulo 60º. – Que (o) homem não deve viver para comer mas comer para viver. E de como devemos orar.

Capítulo 61º. – Que o homem deve despender o domingo e festas em oração.

Capítulo 62º. – Que a oração deve ter duas asas. E de como é perturbada de duas maneiras e também que coisa que o homem faça (estando) em pecado mortal não (lhe) aproveita quanto à salvação.

Capítulo 63º. – Como a este castelo não falta senão a vela que é o temor de Deus. E que não podemos haver certezas do nosso estado enquanto estivermos nesta mortal vida.

Capítulo 64º. – De sete maneiras que aí há de temor.

Capítulo 65º. – Como as três maneiras de temor sobreditas e derradeiras são três boas velas da nossa fortaleza.

Capítulo 66º. – Por que modo este castelo está assente em terra de paz. E de como aí há quatro pensamentos muito proveitosos.

Capítulo 67º. – Como a memória dos benefícios que Deus nos fez é muito boa.

Capítulo 68º. – Como esta santa memória faz à pessoa devota provocar lágrimas. /IVr/

Capítulo 69º. – Do excelentíssimo Sacramento do Altar. E de como devem ser preparados os que o recebem.

Capítulo 70º. – Do primeiro fruto deste sacramento.

Capítulo 71º. – Do segundo fruto.

Capítulo 72º. – Do terceiro fruto.

Capítulo 73º. – Do quarto fruto.

Capítulo 74º. – Do quinto fruto.

Capítulo 75º. – Do sexto fruto.

Capítulo 76º. – Do sétimo fruto.

Capítulo 77º. – Do oitavo fruto.

Capítulo 78º. – Do nono fruto.

Capítulo 79º. – Do décimo fruto.

Capítulo 80º. – Do undécimo fruto.

Capítulo 81º. – Do duodécimo fruto.

Capítulo 82º. – Do dano que conseguem os que indignamente recebem este sacramento.

Capítulo 83º. – Que a (alma) amiga de Deus deve ser guarnecida destes instrumentos espirituais que se seguem.

Capítulo 84º. – Como é sandeu quem escolhe sujidade e deixa formosura.

*Capitollo Lxxxv que o homem sera boo mestre • as cousas que a deus pert•çem se contemplan na vaidade do mundo E que a uertude pereçe em mujto falar.*

*Capitollo Lxxxvj que nom auemos pecar por quatro cousas.*

*/IVv/ Capitollo Lxxxvij como tres cousas deuem seer pedidas a deus.*

*Capitollo Lxxxviiij que as tribula<ç>•es som necessarias pera purgar ho homem.*

*Capitollo Lxxxix que quanto ho homem vier em moor conhocim•to de sy meesmo tanto he mais chegado aa conhocença do seu criador.*

*Capitollo LR. da forma e modo como se confesse e acuse o pecador ante deus esta confisom deue seer fecta (h•a) uez no dia.*

*Capitollo LRj que o homem que sua lingua nom guarda he cõparado aa naao sem gouernalho E de çinquo cousas que deue consijrar em seu falar E de como he proueitoso pensar em os tormentos de noso Senhor ihesu christo E dos seus marteres desy que o homem por proue que seia nõ he escusado de dizer ao dia sete uezes o pater noster.*

*Capitollo LRij que o noso cora<ç>om he o liuro em que nosa vida he scripta e de tres cousas que nos deuemos hi leer.*

*Capitollo LRiij da segunda cousa que o homem leer deue em este liuro.*

*Capitollo LRiiij da terçeira li<ç>om E de como a deuota pesoa deue todo o dia estudar em as tres liç•es asaz breues.*

*Capitollo LRv Como he boa cousa atender aas meserias e presas deste mundo E de como aqueles que o ham aa sua voontade em h• momento deçendem ao jnferno.*

*Capitollo LRvj Como he mujto saudaujl cousa pensar hom• em seus defectos E nom esguardar os alheos.*

*Capitollo LRvij como se conuerte ho hom• mais çedo que pecador he se esguarda os b•s doutrem.*

*/Vr/ Capitollo LRviiij dos sete enpachamentos da conçiência que enbargam ho homem vijr em conhocimento de sy meesmo.*

*Capitollo LRix do segundo enpachamento.*

*Capitollo C do terçeiro enpachamento (E) de como dizer juizos peruersos e u•os mujto desprazem a deus.*

*Capitollo Cj do quarto enpachamento E dos jpocritas que faz• suas faças amaraleçer.*

*Capitollo Cij do quinto enpachamento E do boo proposito como o nom auemos dapagar.*

*Capitollo Ciiij do sexto enbargo que nom auemos a seguir a conpanhia dos que mal fazem E dos maaos prelados.*

*Capitollo Ciiij do seitimo enpacho E dos uestidos sobejos E de como o coraçom he mujto longe de deus que he ocupado em os mundanos pensam•tos.*

*Capitollo Cv. em que se acaba os sete enbargos.*

*Capitollo Cvj como he gram meriçimento nom defender hom• seus pecados mais confesalos homildosamente.*

*Capitollo Cvij que nom rreçebamos todo homem em nosa spiçiall amjzade.*

Capítulo 85º. – Que o homem será bom mestre nas cousas que a Deus pertencem se meditar na vaidade do mundo. E que a virtude perece em muito falar.

Capítulo 86º. – Que não devemos pecar por quatro coisas. /IVv/

Capítulo 87º. – Como três coisas devem ser pedidas a Deus.

Capítulo 88º. – Que as tribulações são necessárias para purgar o homem.

Capítulo 89º. – Que quanto o homem vier a maior conhecimento de si mesmo tanto mais chegado é ao conhecimento do seu criador.

Capítulo 90º. – Da forma e modo como se deve confessar e acusar o pecador perante Deus. Esta confissão deve ser feita uma vez ao dia.

Capítulo 91º. – Que o homem que não guarda a sua língua é comparado à nau sem governalho. E de cinco coisas que deve considerar em seu falar. E de como é proveitoso pensar nos tormentos de nosso Senhor Jesus Cristo e dos mártires e também que o homem, por pobre que seja, não fica dispensado de dizer por dia sete vezes o *Pater Noster*.

Capítulo 92º. – Que o nosso coração é o livro em que nossa vida é escrita e de três coisas que devemos aí ler.

Capítulo 93º. – Da segunda coisa que o homem deve ler neste livro.

Capítulo 94º. – Da terceira lição. E de como a pessoa devota deve todo o dia estudar nas três lições assaz breves.

Capítulo 95º. – Como é boa coisa atentar nas misérias e prisões deste mundo. E de como aqueles que o possuem à sua vontade em um instante descem ao inferno.

Capítulo 96º. – Como é coisa muito saudável pensar o homem nos seus defeitos e não esguardar os alheios.

Capítulo 97º. – Como se converte o homem mais cedo. Que é pecador se esguarda os bens de outrem. /Vr/

Capítulo 98º. – Dos sete estorvos da consciência que impedem o homem de vir ao conhecimento de si mesmo.

Capítulo 99º. – Do segundo estorvo.

Capítulo 100º. – Do terceiro estorvo. E de como dizer juízos perversos e vãos muito desprazem a Deus.

Capítulo 101º. – Do quarto estorvo. E dos hipócritas que fazem suas faces amarelecer.

Capítulo 102º. – Do quinto estorvo e de como não devemos apagar o bom propósito.

Capítulo 103º. – Do sexto estorvo. Que não devemos seguir a companhia dos que fazem mal e dos maus prelados.

Capítulo 104º. – Do sétimo estorvo. E dos vestidos sobrejos. E de como está muito longe de Deus o coração que está ocupado nos seus pensamentos mundanos.

Capítulo 105º. – Em que se acabam os sete estorvos.

Capítulo 106º. – (De) como é grande merecimento não desculpar o homem os seus pecados, mas confessá-los humildemente.

Capítulo 107º. – Que não recebamos qualquer pessoa na nossa especial amizade.

*Capitollo Cviiij da segunda rrezom.*

*Capitollo Cix da terceira rrezom.*

*Capitollo Cx da quarta rrezom.*

*Capitollo Cxj da quinta rrezom.*

*Capitollo Cxij de que se poem exenplo de dous amigos a esto conforme.*

*/Nv/ Capitollo Cxiiij em que se poem outro exemplo.*

*Capitollo Cxiiiij que o homem deue escolher por amiga pessoa discreta e nom sandia.*

*Capitollo Cxv em que se começa o prologo sobre as penas do jnferno.*

*Capitollo Cxvj em que se trauta das penas jnfernaes.*

*Capitollo Cxvij das penas do jnferno e de mujtas outras doutrinas pera escapar dele.*

*Capitollo Cxviiij em que se trauta das sobreditas E de quatro cousas em as quaees a homrra he perfeita.*

*Capitollo Cxix como os dapnados seram proues e mezquinhos.*

*Capitollo Cxx da pobreza e gram fame que auerã os do jnferno.*

*Capitollo Cxxj da mingua da vistidura E de como he neçesario que nos descubramos aquy per verdadeira confisom E entom seremos cubertos.*

*Capitollo Cxxij que os que jazem no jnferno nom auerã amjgos no çeeo n• na terra E de como padre sera contra o filho e o filho contra a madre.*

*Capitollo Cxxiij da grande minga que auerã os que jazem no jnferno.*

*Capitollo Cxxiiij que os tormentos dos dapnados serã tãtos que nome nã aueram.*

*Capitollo Cxxv que por grã pena e tormento que o hom• sofra no jnferno nã porem tornara a estado de graça.*

*Capitollo Cxxvj ho jnferno he terra de treeuas onde nenh• a hordenança he.*

*/VIr/ Capitollo Cxxvij que en conparaçom do pecado ha (hord•) no jnferno.*

*Capitollo Cxxviiij que os elamentos nom terã dereyta hordem de natureza no jnferno.*

*Capitollo Cxxix que os dapnados ueeram os que som saluos E aueram enueja contra deus E contra seus santos E a prouar esto se podem asijnar oyto rrez•es.*

*Capitollo Cxxx da primeira rrezom E de como se a madre de deus sofre no jnferno ele a nom tiraria.*

*Capitollo Cxxxj da segunda rrezom E de como se alguem teuese tanto bem fecto como maior santo do paraiso e morese em pecado mortal sem fim seria dapnado.*

*Capitollo Cxxxij da terceira rrezom E de como se todollos santos chorando rrogasem depois do juizo por h• dapnado nã seriam de deus ouujdos.*

*Capitollo Cxxxiiij da quarta rrezom que peita nem rriqueza nom aproueitaria pera jnpetrarem h• a soo hora de folgamça.*

*Capitollo Cxxxiiij da quinta rrezom que çiença nem sofismas nem fremosos falamentos que alegados fosem per h• dapnado nom seriam poderosos de fazer com o juiz que o liurase.*

*Capitollo Cxxxv da sexta rrezom que por forte que o hom• seia pouco lhe aproueitara ca sua força sera asy como estopas.*

*Capitollo Cxxxvj da seitema rrezom que fogir n• escapar podera alg•.*

Capítulo 108º. – Da segunda razão.

Capítulo 109º. – Da terceira razão.

Capítulo 110º. – Da quarta razão.

Capítulo 111º. – Da quinta razão.

Capítulo 112º. – De que se apresenta um exemplo de dois amigos, a isto conforme. /Vv/

Capítulo 113º. – Em que se apresenta outro exemplo.

Capítulo 114º. – Que o homem deve escolher por amiga pessoa discreta e não sandia.

Capítulo 115º. – Em que se começa o prólogo sobre as penas do inferno.

Capítulo 116º. – Em que se trata das penas infernais.

Capítulo 117º. – Das penas do inferno e de muitas outras doutrinas para escapar **dele**.

Capítulo 118º. – Em que se trata das sobreditas. E de quatro coisas nas quais a honra é perfeita.

Capítulo 119º. – Como os danados serão pobres e mesquinhos.

Capítulo 120º. – Da pobreza e grande fome que terão os do Inferno.

Capítulo 121º. – Da míngua da vestidura. E de como é necessário que nos descubramos aqui por (uma) verdadeira confissão. E então seremos cobertos.

Capítulo 122º. – Que os que jazem no inferno não terão amigos no céu nem na terra. E de como (o) pai será contra o filho e o filho contra a mãe.

Capítulo 123º. – Da grande míngua que terão os que jazem no Inferno.

Capítulo 124º. – Que os tormentos dos condenados serão tantos que não terão nome.

Capítulo 125º. – Que por grande pena e tormento que o homem sofra no Inferno não tornará, porém, a estado de graça.

Capítulo 126º. – O Inferno é terra de trevas onde não há nenhuma ordenação.

/VIr/ Capítulo 127º. – Que em comparação com o pecado há ordem no Inferno.

Capítulo 128º. – Que os elementos da natureza não terão no inferno a sua ordem natural.

Capítulo 129º. – Que os condenados verão os que são salvos. E terão inveja contra Deus. E contra (os) seus santos. E a provar isto se podem designar oito razões.

Capítulo 130º. – Da primeira razão. E de como, se a mãe de Deus sofrera no Inferno, Ele<sup>110</sup> não a tiraria.

Capítulo 131º. – Da segunda razão. E de como se alguém tivesse feito tanto bem como (o) maior santo do Paraíso e morresse em pecado mortal seria condenado para todo o sempre.

Capítulo 132º. – Da terceira razão. E de como se todos os santos, chorando, rogassem depois do juízo por um condenado, não seriam ouvidos de Deus.

Capítulo 133º. – Da quarta razão. Que peita nem riqueza não aproveitariam para impetrarem uma só hora de alívio.

Capítulo 134º. – Da quinta razão. Que ciência nem sofismas nem falas formosas que fossem alegadas por um condenado não teriam poder para fazerem com que o juiz o livrasse.

Capítulo 135º. – Da sexta razão. Que por forte que o homem seja, pouco lhe aproveitará porque a sua força será assim como estopas.

Capítulo 136º. – Da sétima razão. Que ninguém poderá fugir nem escapar.

---

<sup>110</sup> Seu Filho, Jesus Cristo.

*Capitollo Cxxxvij* da oitaua rrezom *que sperança n• segurãça de sua boa querella lhe nom ualera.*

*/VIv/ Capitollo Cxxxviii* em que fala *daujd* em pessoa dos penitentes.

*Capitollo Cxxxix* em que se poem exemplo *dh•a* molher de *h•* caualeiro.

*Capitollo CR.* em *que* decrara notaujl exposiçom das palauras *scriptas* no euangelho de sam mateus.

*Capitollo CRj* que por quatro rrez•es he boo sguardar as alegrias do paraíso. A Primeira rrezõ.

*Capitollo CRij* da segunda.

*Capitollo CRiij* da terceira.

*Capitollo CRiij* da exposiçom literal sobre cada *h•a* rrezom *alias* palaura em o verso <de> *daujd* *que* se começa {*quam magna, etc*}E poem quatro rrezooes como esta dul<ç>ura he grande Da primeira rrezom.

*Capitollo CRv* da segunda rrezom *e que* conu• *per* Necesidade aquela dul<ç>ura seer grãde.

*Capitollo CRvj* da terceira rrezom.

*Capitollo CRvij* da quarta rrezom.

*Capitollo CRviiij* *que* por tres rrezooes eles escaparã aos males deste mundo. Da Primeira.

*Capitollo CRix* da segunda rrezom.

*Capitollo CL.* da terceira rrezom E esta sera a primeira vianda do paraíso.

*/VIIr/ Capitollo CLj.* da Segunda Vianda E prazer que aueram os sanctos *quando* uirem os dapnados.

*Capitollo CLij* da terceira vianda *e* consolaçom.

*Capitollo CLiij* do quarto manjar.

*Capitollo CLiiij* da quinta viamda. E do corpo que ao presente tem quatro minguas.

*Capitollo CLv* da primeira mingua *e* defecto.

*Capitollo CLvj* da segunda mingua *e* da aruor da Vida.

*Capitollo CLvij* da terceira mingua.

*Capitollo CLviiij* da quarta mingua.

*Capitollo CLix* do vltimo manjar *que* he ueer A *deus* E de como em esta uisom som todos os prazeres dulçuras *e* delectos.

*Capitollo CLx.* da Primeira rrezom *que* nos enbarga a nã podermos percal<ç>ar as alegrias sobredictas.

*Capitollo CLxj* da segunda rrezom E de como aqueles *que* procurã os viçios do mundo nã poderã conseguir prazer n• alegria çelestial.

*Capitollo CLxij* *que* por quatro rrezooes esconde *deus* suas dulçuras. Da primeira E de como esta dul<ç>ura nã entra • coraçõ corruto *per* pecado.

*Capitollo CLxiij* da segunda rrezom.

*/VIIv/ Capitollo CLxiij* da terceira rrezom.

*Capitollo CLxv* da quarta rrezom E que por quatro cousas n•h• pode dyreitamente em esta uida a gloria sentir sobredicta.

*Capitollo CLxvj* da Primeira causa.



Capítulo 137º. – Da oitava razão. Que não lhe valerá esperança nem segurança de sua boa queixa.

/VIv/ Capítulo 138º. – Em que fala David, em pessoa, dos penitentes.

Capítulo 139º. – Em que se põe exemplo de uma mulher de um cavaleiro.

Capítulo 140º. – Em que declara notável exposição das palavras escritas no Evangelho de S. Mateus.

Capítulo 141º. – Que por quatro razões é bom esguardar as alegrias do Paraíso. A primeira razão.

Capítulo 142º. – Da segunda.

Capítulo 143º. – Da terceira.

Capítulo 144º. – Da exposição literal sobre cada uma razão, aliás, palavra, no verso de David que começa {*quam magna, etc*} E põem quatro razões (em) como esta doçura é grande. Da primeira razão.

Capítulo 145º. – Da segunda razão e que por necessidade convém ser grande aquela doçura.

Capítulo 146º. – Da terceira razão.

Capítulo 147º. – Da quarta razão.

Capítulo 148º. – Que por três razões eles escaparão aos males deste mundo. Da primeira.

Capítulo 149º. – Da segunda razão.

Capítulo 150º. – Da terceira razão. E esta será a primeira vianda do Paraíso.

/VIIr/ Capítulo 151º. – Da segunda vianda. E do prazer que terão os santos quando virem os condenados.

Capítulo 152º. – Da terceira vianda e consolação.

Capítulo 153º. – Do quarto manjar.

Capítulo 154º. – Da quinta vianda. E do corpo que, ao presente, tem quatro minguas.

Capítulo 155º. – Da primeira minguia e defeito.

Capítulo 156º. – Da segunda minguia e da árvore da Vida.

Capítulo 157º. – Da terceira minguia.

Capítulo 158º. – Da quarta minguia.

Capítulo 159º. – Do último manjar que é ver a Deus. E de como nesta visão estão presentes todos os prazeres, doçuras e deleites.

Capítulo 160º. – Da primeira razão que nos impede de podermos alcançar as alegrias sobreditas.

Capítulo 161º. – Da segunda razão. E de como aqueles que procuram os vícios do mundo não poderão conseguir prazer nem alegria celestial.

Capítulo 162º. – Que por quatro razões esconde Deus suas doçuras. Da primeira. E de como esta doçura não entra em coração corrompido pelo pecado.

Capítulo 163º. – Da segunda razão. /VIIv/

Capítulo 164º. – Da terceira razão.

Capítulo 165º. – Da quarta razão. E que por quatro cousas ninguém pode directamente sentir nesta vida a glória sobredita.

Capítulo 166º. – Da primeira causa.

*Capitollo CLxvij da segunda causa.*

*Capitollo CLxviii da terceira.*

*Capitollo CLxix da quarta.*

*Capitollo CLxx em que declara outra vez este uersso <de> daujd.*

*Capitollo CLxxj que a alegria e consolaçom que deus da perder se nõ pode por quatro rrez • es Da primeira.*

*Capitollo CLxxjj da segunda.*

*Capitollo CLxxiij da terceira.*

*Capitollo CLxxiiij da quarta.*

*Capitollo CLxxv de sete Sinaaes damor enbeuedado.*

*Capitollo CLxxvj do primeiro caminho que he purgatiuo e este jaz em tres cousas.*

*Capitollo CLxxvij do segundo que he jluminatiuo E he deuso tam bem em tres cousas.*

*Capitollo CLxxviii que o saber jnquisitiuo mortefica E o spritu sancto viuifica E faz sabedor ho homem.*

*Capitollo CLxxix do terceiro caminho que he contenplatiuo.*

*Capitollo CLxxx do amor extitico e verdadeiro.*

*Capitollo CLxxxj que por o amor mundano u • hom • ao amor spritual.*

*/VIIIr/ Capitollo CLxxxij do Primeiro sinal.*

*Capitollo CLxxxiiij do segundo sinal E de como o amor m • diall E do deuinal som dh • a jgualança.*

*Capitollo CLxxxiiij. do terceiro amor extitico que os olhos da santa alma namorada E os do amor mundanal som equiparados e asinase rrezom por que tira deus sua presença a alma que mujto ama.*

*Capitollo CLxxxv de como tira deus a alma namorada a sua duçura e perfecta alegria.*

*Capitollo CLxxxvj em que notam outras rrez • es por que he tirada esta alegria aa sobredicta alma E ajnda a outros muytos.*

*Capitollo CLxxxvij do quarto sinal do amor extitico E de como os namorados deste cujo amor he a alma namorada de deus som aqui parados.*

*Capitollo CLxxxviii que trauta da segunda cousa que tira as lagrimas dos namorados por que • çima trautou da primeira.*

*Capitollo CLxxxix do quinto sinal e do pulssso desordenado E sprituaes amadores.*

*Capitollo CLxxxx. do sexto sinal E de como a deuota alma namorada de ihesu christo ela nom consente falar do mundo senõ del bem asy he polo contrairo do namorado carnal.*

*Capitollo CLRj do seitimo sinal E de como nõ podemos • esta vida presente ueer noso Senhor senõ asy como hom • uee em h • spelho E ajnda escuramente.*

*/VIIIv/ Capitollo CLRij. em o qual ajunta e declara este autor os sinaaes susso ditos E poem sete degraaos polos quaees homem uem aa contemplaçõ que som cõtriçom.*

*Capitollo CLRiiij que a alma enbeuedada em o amor de deus he comparada ao embeuedado.*

*Capitollo CLRiiij de como perfecta seguramça nom pode seer em quanto alg • nõ he em esta uida que nom deua acreçentar de bem em melhor.*

Capítulo 167º. – Da segunda causa.

Capítulo 168º. – Da terceira.

Capítulo 169º. – Da quarta.

Capítulo 170º. – Em que declara outra vez este verso de David.

Capítulo 171º. – Que a alegria e consolação que Deus dá não pode perder-se por quatro razões. Da primeira.

Capítulo 172º. – Da segunda.

Capítulo 173º. – Da terceira.

Capítulo 174º. – Da quarta.

Capítulo 175º. – Dos sete sinais de amor inebriado.

Capítulo 176º. – Do primeiro caminho que é purgativo e que está presente em três cousas.

Capítulo 177º. – Do segundo que é iluminativo e é dividido também em três cousas.

Capítulo 178º. – Que o saber inquisitivo mortifica. E o Espírito Santo vivifica e faz sabedor o homem.

Capítulo 179º. – Do terceiro caminho que é contemplativo.

Capítulo 180º. – Do amor extático e verdadeiro.

Capítulo 181º. – Que pelo amor mundano vem (o) homem ao amor espiritual.

/VIII r/ Capítulo 182º. – Do primeiro sinal.

Capítulo 183º. – Do segundo sinal. E de como o amor mundanal e (o) divinal são da mesma igualdade.

Capítulo 184º. – Do terceiro amor extático. Que os olhos da santa alma namorada e os do amor mundanal são equiparados e designa-se (a) razão por que tira Deus sua presença à alma que muito ama.

Capítulo 185º. – De como tira Deus à alma enamorada a sua doçura e perfeita alegria.

Capítulo 186º. – Em que (se) notam outras razões por que é tirada esta alegria à sobredita alma e, ainda, a outros muitos.

Capítulo 187º. – Do quarto sinal do amor extático e de como os enamorados deste dito amor e a alma enamorada de Deus são equiparados.

Capítulo 188º. – Que trata da segunda cousa que tira as lágrimas dos enamorados porque em cima tratou da primeira.

Capítulo 189º. – Do quinto sinal e do pulso desordenado. E dos amadores espirituais.

Capítulo 190º. – Do sexto sinal. E de como a alma devota, enamorada de Jesus Cristo, não consente falar do mundo senão Dele, ao contrário do que acontece com o namorado carnal.

Capítulo 191º. – Do sétimo sinal. E de como não podemos nesta vida presente ver Nosso Senhor senão como quando alguém vê num espelho, (e neste caso), ainda escuramente.

/VIIIv/ Capítulo 192º. – No qual junta e declara este autor os sinais acima ditos. E põe sete degraus pelos quais alguém vem à contemplação do que são contrição.

Capítulo 193º. – Que a alma inebriada no amor de Deus é comparada ao embebedado.

Capítulo 194º. – De como não pode existir perfeita segurança enquanto alguém está nesta vida que não deva esforçar-se por fazer cada vez melhor.

*Capitollo CLRv per que maneira folga a alma em deus.*

*Capitollo CLRvj que o noso senhor deus muda sua (Sentença) e sanha quando ho home quer emendar seu pecado.*

*Capitollo CLRvij que mujtos fezerom spantosos pecados E despois som vijndos a gram perfeiçom E poem exenplo de rrey daujd.*

*Capitollo CLRviiij em que poem outro exenplo esemelhaue de mateu e paulo.*

*Capitollo CLRxix em que se traute que neh•a cousa jnclina asi hom• a auer (mjsericordia) e conpaixom doutrem como a consideraço de seu pecado.*

*Capitollo CC que o que o sentio as dul<ç>uras da contenplaço della bem nom pode falar E de como a santa alma que nom torua per aduersidade pode chegar ao alto caminho da cõtenplaçom.*

*Capitollo CCj da exposiçom de origenes sobre este euãgelho [maria stabat ad monumentum foras plorans].*

*/1r/[Intrauit Jhesus jn quodam castelum] Luce xi capitulo.*

Esta pallaura he scripta no auangelho de sam lucas. e posta por figura da uirg• maria. madre do filho de deus. porque este foi h• castello. muyto bem guarnido de caua de humildade. E de muro de uirgijndade. E de priuilegios de todas uirtudes. E dauomdamça de todas graças Este glorioso castello achou o rrey da gloria. assy praziuell e deleitoso que ouue gram desejo de o pobrar e morar em elle E enuyou deante seu messegeiro em maneira de rrey e gram senhor que lhe fosse filhar a pousada. Este foy o arcanjo guabriel que saudou a senhora do castello deuotamente dizendo. Aue maria etc. E a saje e deuota uirgem como era de siso comprida com gram prazer rreçebeo em seu homrrado castello. *scilicet*. No tenplo do sseu glorioso corpo. o rrey e senhor e emperador do çeeo e da terra. E jsto he o que dizem as palauras suso ditas. E porque he cousa muy proueitosa seguir o enxemplo desta homrrada senhora Eu com a ajuda do senhor deus quero emssinar a todos e a todas fundar de seus coraç•es h••castello tam forte contra seus jmijgos e tam fremoso e tam bem guarnido de dentro que o doçe rrey Jhesu Christo uerdadeiro esposo das santas almas se cont•te e aja prazer de morar em ell Ca elle dise per salamom que /1v/ seus uiços e prazeres som destar e morar com os ffilhos dos hom•s

Com quem deue a auer paz quem *quiser* edeficar h• castello:

Quem quer fazer h• castello deueo edeficar em terra de paz Porque quanto homem fizesse em comarca de guerra em h• dia. em outro seeria derrubado. E poreo ante *que* começemos de edeficar nosso castello. Compre esguardar e aprender. com quem deuemos dauar paz. E como deuemos a uyuer pera nossa saude ••Eu digo que homem deue dauar paz Primeiro com deus. desy com seus mayores. Terçeira com seus prouiximos. Quarta conssygo meesmo. E se alg•a destas pazes falleçe. mall se pode edeficar castello que dure.

Capítulo 195º. – Por que maneira folga a alma em Deus.

Capítulo 196°. – Que nosso Senhor Deus muda Sua (sentença) e sanha quando o homem quer emendar seu pecado.

Capítulo 197°. – Que muitos fizeram espantosos pecados e depois chegaram a grande perfeição. E apresentam o exemplo do rei David.

Capítulo 198°. – Em que apresentam outro exemplo semelhante de Mateus e Paulo.

Capítulo 199°. – Em que se trata que nenhuma coisa inclina assim uma pessoa a ter (misericórdia) e compaixão de outrem como a consideração do seu pecado.

Capítulo 200°. – Que o que sentiu as doçuras da contemplação não pode falar dela com propriedade. E de como a alma santa que não (se) torva pela adversidade pode chegar ao alto caminho da contemplação.

Capítulo 201°. – Da exposição de Orígenes sobre este Evangelho {*Maria stabat ad monummentum foras plorans*}.

/Ir/ {*Intravit Jesus in quodam castelum*} Luce 11° Capítulo.

Esta palavra está escrita no Evangelho de S. Lucas e posta como imagem da Virgem Maria, mãe do Filho de Deus, porque Este foi um castelo muito bem guarnecido de fosso de humildade e de muro da virgindade. E de privilégios de todas as virtudes. E da abundância de todas as graças. Este glorioso castelo achou-o o Rei da glória tão aprazível e deleitoso que teve grande desejo de o experimentar e nele morar. E enviou adiante seu mensageiro à maneira de rei e grão senhor que fosse tomar conta da pousada. Este foi o Arcanjo Gabriel que saudou a senhora do Castelo dizendo devotamente: Ave Maria, etc. E a prudente e devota Virgem, como era repleta de siso, com grande prazer recebeu no seu honrado castelo, isto é, no templo do seu glorioso corpo, o Rei e Senhor e Imperador do céu e da terra.

E isto é o que dizem as palavras supracitadas. E porque é coisa muito proveitosa seguir o exemplo desta honrada Senhora, eu, com a ajuda do Senhor Deus, quero ensinar a todos e a todas fundar de seus corações um castelo tão forte contra os seus inimigos e tão formoso e tão bem guarnecido de dentro que o doce Rei Jesus Cristo, verdadeiro esposo das santas almas, tenha contentamento e prazer de nele morar. Pois Ele disse através de Salomão que /Iv/ seus atractivos e prazeres são de estar e morar com os filhos dos homens.

Com quem deve ter paz quem quiser edificar um castelo:

Quem quiser fazer um castelo deve-o edificar em terra de paz. Porque quanto (o) homem fizesse em comarca de guerra num dia, noutro seria derrubado. E, porém, antes que comecemos e edificar o nosso castelo, cumpre esguardar e aprender com quem devemos ter paz e como a devemos viver para a nossa salvação.

Eu digo que uma pessoa deve ter paz: primeiro, com Deus; depois, com seus maiores; terceiro, com seus próximos, quarto, consigo mesmo. E se alguma destas pazes falta, mal se pode edificar castelo que dure.

••digo primeiro que homem deve fazer paz com *deus* em tres maneiras. ••Primeira que hom•  
 leixe e ren•cye os pecados de feito e de uoontade. ••Desy que se meta esforçadamente aa  
 pendemça e a fazer boas obras. ••A terceira que perseuere em bem ataa fim. ••E destas tres  
 cousas h•a sem outra Nom uall nada. A esta paz Nom pode alg••v•jr senom ha uerdadeira  
 contriçom e door no coração. Com rrepreendimento dos pecados com que anojou o seu senhor  
*deus*. E muyto ha grande rrazom de profundamente gemer e de sse fundir toda em lagrimas a  
 pessoa que assanha seu cryador Pecando mortalmente honde perde *deus* e o paraíso e gu•ha os  
 tormentos do jnferno E perde os b•s que dantes auya fectos. sse o *deus* nom chama per sua  
 graça. E he tornado seruo /2r/do diaabo. E a alma que era ffilha e esposa do rrey da gloria he  
 fecta serua e barreguaa do jmijgo. E depois do rrepr•dimento deue v•jr aa confisom Esta he a  
 boa camareira que alimpa a casa e lamça fora toda a çugidade com a uassoira da lingua assy  
 como diz daujd.

*Capitollo segundo que ho hom• deue procurar e buscar confessor discreto e sabedor que tenha  
 poderio de absoluer e legar*

Porque a confisom aproueite aa ssaude da alma. deue a auer seis condiç•es a primeira que seia  
 feita saiesmente e esta saieza he em duas cousas. A Primeira que o homem esguarde a quem sse  
 deue a confesar. A segunda de que sse deue a confessar. diz santo agostinho que o que homem  
 faria por esquivar a morte corporall deue fazer por quitar a morte da alma. E Nos ueemos que os  
 doentes por sua saude busquam com boa uoontade os milhores e mais saies fisicos que podem E  
 assy diz elle que quem se quer sajemente confessar e achar graça ante *deus* elle deue a buscar  
 tall confessor que seia entendido pera legar e desleguar. Jsto quer dizer que saibha bem conhecer  
 o pecado e consellar o pecador e que aja poder dasoluer e de dar a pendença segundo o pecado.  
 Mes conuem que aquelles que uiuem em obediência de rrelligiom se tenham a tall confessor  
 como lhe for dado Mes bem esguardem os mayores que confessores dam que se alg•a aalma  
 pereçese per ynorância do confessor *deus* demandaria a elles e aos confesores meesmos que nom  
 deu• /2v/ de filhar tall carregio se se nom sintem abastantes de dar conselho a quem ho ha  
 mester. aalem desto quem saiemmente se quer cõfesar com uyua deligência deue pensar em seus  
 pecados des aquella ora que se soube conhecer se outra uez nom foy cõfessado de uerdadeiro  
 coração sem fingir e fez a penjtença a sseu poder ata aquella ora e todo seu coração e sua  
 conçiência buscar como e per quantas maneiras anojou *deus* e a sua bendita madre e todos os  
 santos per todo o cursso de sa uida. Porque em a mançebia fazem os hom•s muy espantosos  
 pecados de que Nom teem conta. e per uergonha de confessar achamos em liuros muytas gentes.  
 espiçialmente molheres condanadas e perdadas. hee maa creatura dina de perdurauell fogo quall  
 quer que tu es que as uergonha de teu pecado e nom as enpacho de pecar çujamente ante *deus*  
 que a olhos abertos te uee e Nom es ousado de o dizer a h• homem pecador

Digo, primeiro, que uma pessoa deve fazer paz com Deus de três maneiras. Primeira,  
 que a pessoa deixe e renuncie os pecados, efectivamente e de vontade. Depois, que se meta

esforçadamente à penitência e a fazer boas obras. A terceira, que persevere no bem até ao fim. E destas três cousas uma sem a outra não vale nada.

A esta paz ninguém pode chegar se não há verdadeira contrição e dor no coração com arrependimento dos pecados com que anojou o seu Senhor Deus. E há grande motivo de profundamente gemer e de se fundir toda em lágrimas a pessoa que assanha seu criador, pecando mortalmente, perdendo Deus e Paraíso e ganhando os tormentos do Inferno, e perdendo os bens que dantes havia adquirido se Deus o não chama para sua graça. E torna-se servo /2r/ do diabo. E a alma que era filha e esposa do Rei da glória é feita serva e barregã do inimigo.

E depois do arrependimento deve vir à confissão. Esta é a boa camareira que limpa a casa e lança fora toda a sujidade com a vassoura da língua como assim diz David.

Capítulo segundo. – Que o homem deve procurar e buscar confessor discreto e sabedor que tenha poder de absolver e de ligar.

Para que a confissão aproveite à salvação da alma, deve haver seis condições. A primeira, que seja feita sagesmente e esta sageza tem por base duas cousas: a primeira que a pessoa esguarde a quem se deve confessar; a segunda, de que se deve confessar.

Diz Santo Agostinho que o que o homem faria para esquivar a morte corporal deve fazer para quitar a morte da alma. E nós vemos que os doentes, pela sua saúde, buscam com boa vontade os melhores e mais sages físicos que podem. E assim, diz ele, que quem se quer sagesmente confessar e achar graça ante Deus deve buscar um confessor que seja entendido para ligar e desligar. Isto quer dizer que saiba bem conhecer o pecado e aconselhar o pecador e que tenha poder de absolver e de dar penitência segundo o pecado. Mas convém que aqueles que vivem em obediência da religião se atenham ao confessor que lhes for designado. Mas esguardem bem os superiores que designam confessores que, se alguma alma perecesse por ignorância do confessor, Deus demandaria a eles e aos confessores mesmos que não devem /2v/ assumir tal encargo se não se sentem competentes para dar conselho a quem dele necessita.

Além disto, quem sagesmente se quer confessar com viva diligência deve pensar nos seus pecados desde aquela hora que se soube conhecer, se outra vez não se confessou de verdadeiro coração sem fingir e fez a penitência a seu poder até aquela hora e (em) todo o seu coração e sua consciência examinar como e por quantas maneiras anojou Deus e Sua bendita Mãe e todos os santos por todo o curso da sua vida.

Porque na mancebia fazem os homens pecados muito espantosos de que não têm conta e por vergonha de confessar achamos em livros muitas pessoas, especialmente mulheres, condenadas e perdidas.

É má criatura, digna de perdurável fogo, seja quem for que tem vergonha de seu pecado e não tem entrave de pecar sujamente perante Deus que a olhos abertos o vê e não tem o ousio de o dizer a um homem pecador.

Nom ual nada tall fogir que quem seu pecado Nom confesar. se ha tenpo e espaço. Nunca auera deus n• o paraíso por muytos que faça de b•s de que leemos dous enxenpros muito espantosos que aquy som scriptos por edeficaçom:

*Capitollo* iij que sem *confisom nos* ñ podemos saluar E poem este autor exemplo

Foy<sup>111</sup> h•a beguina muyto boa e muy santa e de muy boa nomeada ao poboo. Aconteço que ella uyo h• muy fremoso homem. E assy o cobyçou em seu / 3r/ coração que bem o quisera auer aa ssua voontade se podera sem escandallo E em esto pecou mortalmente que *deus* disse no euãgelho quem vee mulher e a cobijça o fornizio he conprido em sua uoomtade. E assy he da mulher ao homem. e por santidade de que aquella mall auenturada auya fama nom sse ousou a confessar Mes penssou como sandia emguanada do diaabo que faria *per* ssy tanta pendença que aquelle pecado seria apagado. assaz gemeo assaz chorou e tamtas fez de pendenças que todos se espantauom e morreo sem *confesar* o pecado E foi *pera* senpre condanada *per* h• soo consstimento segundo ella despois de sa morte rreuellou e tall rreuelaçom segundo diz sam gregorio faz *deus* pollos uyuos e nom pollos mortos. Ca pouco aproueitou aaquella beguyna o que de ssy rreuellou Mes aproueita a Nos que ho ouuymos que podemos hi filhar emxenplo. Por jsto nom deue homem leixar confessar todollos pensamentos que trazem pecado. e os maaos deleictos e consstimentos em que cayo ca esta uergonha he gram parte da pendença.

*Capitollo* iiij em que poem outro exemplo semelhaujl E diz mais que a uergonha que o hom• ha em *confisom* he grã parte da p•dença

H•a monja nobre de linhagem e de grande santidade foi assi pollo jmijgo enguanada e ouue h••ffilho dh• seu *seruidor* E Nom se ousou confessar tanto por sua nomeada como por seu linhagem. Mes *per* grandes /3v/ penas de seu corpo cuidou rremijr seu pecado assy como disemos da outra ssem se confessar E morreo em aquelle pecado e foi condanada segundo ella meesma disse a ssua aabadessa a que appareço trazendo em *seus* braços h• minino todo embrasado a que ardia o corpo e as entranhas E jamais delle nom sera partida *per* confusom e tormeento e diselhe que mais ñ fezese rrogar por ella que ja nom podia seer rrecobrada. Hee por *deus* mançebas uirg•s e doços amigas que *per* natureza sooes uergonhosas E uos todos seculares e rrelligiosos. *per* aquy uos guardaee e nom *per*caaes uossas fremosas almas e uossos b•s corpos por h•a pequena uergonha que o enpacho que homem filha em se confessando he gram parte da peendença Aa *deus* quanto he grande mall que estas duas creaturas que tam aspera uida faziam *perderõ* todo *per* uergonha aquelas que tantas obras fezerõ *per* que mereçiom seer sãtas em paraíso. se forom bem confesadas E Nom tenhaes *deus* por aspero. se *per* h• tal pecado mortall leixa *perder* e danar h•a pessoa por que ha uergonça que homem ha de *confesar* seu pecado uem de gram soberua que he rraiz e começo de todos malles.

Não vale de nada assim fugir, que, quem seu pecado não confessar, se tiver tempo e espaço, nunca possuirá Deus nem o Paraíso, por muitos bens que faça, de que lemos dois exemplos muito espantosos que aqui são descritos para edificação.

---

<sup>111</sup> Na margem esq.: Enxenplo



Capítulo 3º. – Que sem confissão não nos podemos salvar. E põe este autor exemplo.

Foi uma beguina muito boa, muito santa e de muito boa nomeada, ao povo. Aconteceu que ela viu um homem muito formoso. E, assim, o cobiçou no seu /3r/ coração que bem o quisera ter à sua vontade, se pudera, sem escândalo.

E nisto pecou mortalmente pois Deus disse no Evangelho: quem vê mulher e a cobiça, cometeu fornicção no seu desejo. E o mesmo se diga da mulher em relação ao homem; e, por fama de santidade que aquela desventurada tinha, (ela) não ousou confessar-se. Mas, como sandia enganada do diabo, pensou que fazia por si tanta penitência que aquele pecado seria apagado. Assaz gemeu, assaz chorou e tanta penitência fez que todos se espantavam e morreu sem confessar o pecado. E foi para sempre condenada por um só consentimento, segundo ela depois da sua morte revelou, e tal revelação, segundo diz S. Gregório, faz Deus pelos vivos e não pelos mortos.

Pois pouco aproveitou àquela beguina o que de si revelou, mas aproveita a nós que o ouvimos pois aí podemos aproveitar o exemplo. Por isto não deve o homem deixar de confessar todos os pensamentos que trazem pecados e os maus deleites e consentimentos em que caiu porque esta vergonha é grande parte da penitência.

Capítulo 4º – Em que põe outro exemplo semelhável. E diz mais: que a vergonha que o homem tem na confissão é grande parte da penitência.

Uma monja nobre de linhagem e de grande santidade foi assim pelo inimigo enganada e teve um filho de um seu servidor. E não ousou confessar-se tanto por sua nomeada como por sua linhagem. Mas por grandes /3v/ penas de seu corpo cuidou remir seu pecado, tal como dissemos da outra, sem se confessar. E morreu naquele pecado e foi condenada, segundo ela mesmo disse à sua abadessa, a quem apareceu, trazendo nos seus braços um menino todo abrasado a que ardia o corpo e as entranhas. E jamais dele será apartada por confusão e tormento e disse-lhe que mais não mandasse rogar por ela que já não podia ser recuperada. É por Deus, mancebas virgens e doces amigas, que por natureza sejais vergonhosas.

E vós todos, seculares e religiosos, por aqui vos acautelai e não percais vossas formosas almas e vossos bons corpos por uma pequena vergonha, pois que o incómodo que o homem tem, ao confessar-se, é grande parte da penitência. Ah! Deus, que grande mal que estas duas criaturas, que tão áspera vida faziam, perderam tudo por vergonha, essas mesmas que tantas obras fizeram pelas quais mereciam ser santas no Paraíso, se fossem bem confessadas. E não tendes Deus por áspero se por um tal pecado mortal deixa perder e condenar uma pessoa, porque a vergonha que o homem tem de confessar o seu pecado vem de grande soberba que é raiz e começo de todos os males.

E se ellas temerõ confesar seu pecado foy por nom seerem desprezadas do mundo. Mes honrradas e theudas por santas *contra* rrazom e meriçemento.

*Capitollo* v que o pecador deue a decrarar as çircunstançias do pecado

/4r/ Ora tornemos a nossa materia que auemos leixada. E dizemos quem se bem *quer* confesar deue com grã diligẽcia pensar em todos os malles que fez. E consijrar os lugares em que os fez *e* a companhia com *que* conuersou em sua uida *e* dizer em seu coraçom em tall *compãhia* fezeeste tu tall pecado *e* tall. esta he a cousa *per* que se homem melhor nenbra dos malles que fez *e* deuesse homem a nenbrar de *seus* pecados com grande door do coraçom.

*Capitollo vj que fala dos pecados mortaaes e rramos que deles procedem*

Ora deue de saber cada h• homem *e* molher que dos pecados os prĩncepaaes som sete de que muytos outros deçendem. *scilicet.* soberua • Enueja••Hira ••Preguiça • Auareza ••guarguãtoĩçe ••Luxuria E quem de cada h• destes pecados *e* dos rramos deles quisese trauctar faria h• gram liuro Mes todauya senpre homem passa *per* soberua quando se tem em muyto. ou glorifica dalg• bem se o fez E jsto pode seer pecado mortal *e* veniall. que quando homem começa algh• bem com penssamento *e* deliberaçom dauer o louuor do mundo E que seia theudo por b• *e* nom por *deus*. jsto he ypocresia *e* pecado mortall E assi *perde* homem o que faz. Mes quando hom• começa algh• bem com direita *e* pura entençom por amor de *deus* *e* em fazendo este bem se mistura alg•a /4v/ V• gloria. Ou por homem saber que o veem ou por que he louuado. jsto he pecado ueniall com tanto que assy çedo como a rrazom conhece que ysto he uaidade logo se rrepreenda *e* alance de ssy Tanbem peca homem em soberua em prosumir de ssy mais que dos outros. ou por rreligiom ou por linhagem. ou por rryqueza ou fremosura ou quando sse homem bem correge *e* trabalha de parecer ao mundo Ou quando despreza algh• de boca ou de coraçom Ou quando homem leixa de fazer alg• bem *que* poderia assy como confessar amehude *e* comunguar com medo descarneçer• delle qua pusilanimidade alg•as uezes ueem de soberua quando nom *quer* sofrer seer escarnido por *deus* que tantos viltos *e* uergonças por Nos sofreo Em muytas outras maneiras pecam os hom•s *per* soberua. assy como en buscar auantajadas rroupas *e* nobres. Muito estreitas ou muyto largas. Ou muy curtas ou muy longuas *e* estreitas manguas *e* rricos apostamentos *e* em desobedeçer a *seus* mayores Ou em mall obedeeçer. assy como sosteer *seus* fectos *e* suas openy•es *e* muyto defender suas minguas *e* suas fallas em capitollio. Ou em com• parlamento desprezar os fectos *e* as palauras delles *e* teellos em menos que deue E em se guabar dos b•s que homem faz ou dos malles que he peor E dos b•s que nom fez que he yprocresia. Ou quando homem *serue* *e* obedeeçe a aalg• /5r/ a que se faz mais homildoso que deue. Que muy grande homildade he soberua segundo dizem os santos E assy peca homem muyto *per* soberua quando prosume que alg• bem se o ha he de ssy meesmo. E ajnda cuidando que *deus* lho da. Mes que he *per* *seus*

E se elas temeram confessar o seu pecado foi para não serem desprezadas do mundo, mas honradas e tidas por santas contra razão e merecimento.

Capítulo 5º – Que o pecador deve declarar as circunstâncias do pecado.

/4r/ Ora tornemos à nossa matéria que havemos deixado. E dizemos: Quem bem se quer confessar deve com grande diligência pensar em todos os males que fez e considerar os lugares em que os fez e a companhia com que conversou em sua vida e dizer em seu coração: “Em tal

companhia fizeste tu tal pecado e tal”. Esta é a cousa pela qual a pessoa melhor se lembra dos males que fez e a pessoa deve lembrar-se de seus pecados com grande dor de coração.

Capítulo 6º – Que fala dos pecados mortais e ramos que deles procedem.

Cada homem e mulher devem saber que dos pecados os principais são sete de que muitos procedem, a saber, soberba, inveja, ira, preguiça, avareza, gula, luxúria. E quem de cada um destes pecados e dos ramos deles quisesse tratar, fazia um grande livro. Mas sempre uma pessoa passa por soberba quando se tem em muito ou (se) glorifica de algum bem se o fez. E isto pode ser pecado mortal ou venial.

Que quando alguém começa algum bem com pensamento e deliberação de obter o louvor do mundo e que seja tido por bom, sem ser por Deus, isto é hipocrisia e pecado mortal. E assim perde a pessoa o que faz. Mas quando uma pessoa começa algum bem com direita e pura intenção por amor de Deus e, em fazendo este bem, se mistura alguma /4v/ vã glória ou por saber que a vêem ou porque é louvada, isto é pecado venial contanto que, tão cedo como a razão conhece que isto é vaidade, logo se arrependa e a lance de si.

Também peca alguém por soberba a presumir de si mais que dos outros ou por religião ou por linhagem ou por riqueza ou formosura ou quando tal pessoa bem corrige e trabalha por parecer ao mundo, ou quando despreza alguém de boca ou de coração, ou quando deixa de fazer algum bem que poderia, como confessar-(se) amiúde e comungar, com medo de escarnecerem dele, pois que a pusilanimidade algumas vezes vem de soberba quando não quer sofrer e ser escarnecido por Deus que tantos aviltamentos e vergonhas por nós sofreu.

Em muitas outras maneiras pecam os homens por soberba, como por exemplo, em buscar roupas avantajadas e nobres, muito estreitas ou muito largas, ou muito curtas ou muito longas, e estreitas mangas e ricos acessórios ornamentais e em desobedecer a seus superiores ou em obedecer mal, assim como sustentar seus feitos e suas opiniões e muito defender suas minguas e suas falas em capítulo, ou em comum parlamento desprezar os feitos e as palavras deles e tê-los em menos do que deve; e em se gabar dos bens que faz ou dos males, o que é pior, e dos bens que não fez, o que é hipocrisia, ou quando serve e obedece a outrem /5r/ a quem se faz mais humilde do que deve, pois que muito grande humildade é soberba, segundo dizem os Santos.

E, assim, muito peca o homem por soberba quando presume que algum bem, se o tem, se deve a si mesmo. E, ainda, cuidando que Deus lho dá, mas que é por seus merçimentos. Nos deuemos teer firmemente e assy he que sem a ajuda de *deus* nom podemos bem fazer. Nem ajnda pensallo assy como elle disse no euangelho a *seus* diçipulos. Sem mim n•h•a cousa podees fazer.

*Capitollo vij da enueja e diuersas maneiras della.*

Per enueja peca homem senpre cada uez que ha door ou tristeza do bem e auançamento doutrem. E se alegra com o mall de seu amigo. E per enueja diz hom• mall per detras daquelles a que mostra b• senbrante em presença. E jsto acontece por estes auerem mais graças espirituales e

corporaaes. ou se ham melhor a graça e ho amor de dos senhores que elles. ou se sam mais honrrados e mais louuados ou mais fremosos. ou mais graados ou mais corteses. ou mais rricos. ou mais saies. que elle Quando o enuejoso. vee ou ouue os b•s de taaes pessoas elle os prasma. quanto pode pollos abater . E se alguem diz mall. elle se alegra. e ajunta hi do seu. Este he h• espantoso pecado. e he mais desquiuar se hom• ha enueja da bondade e graça espirituaal doutrem que esto he /5v/ pecar contra o espritu santo.

*Capitollo viij da yra E diuersas speçias dela.*

Per hira peca homem em muytas maneiras Jsto sabem bem os brauos que teem odios em seus coraç•es longuamente dizendo maas palauras a seus prouiximos e jurom e dizem de deus e seus santos palauras vill•s. A quall cousa nom perteençe a rreligioso E quem por hira ou hodio leixa de comer e beuer. ou hir ao moesteiro. ou fazer outro bem E quem tira sua palaura a outrem. estes som todos muy grandes pecados e mujtos hi ha doutros. Per hira homem jura e perjura e mall diz e fere e mata. quem per hira asanha seu prouximo deuelhe pedir merçee ante do sol posto. segundo diz a escriptura. Per hira alg•s caaem em desesperaçom ou tornam sandeus e jsto he danaçom perdurauell este pecado uem denueja. assy como enueja uem da soberua. que quando o enuejoso vee que nom pode v•jr a ssua entençom contra aquelle de que ha enueja. logo caae em tristeza. desy em preguiça. que quando homem esta triste Nom ha prazer em cousa que faça nem digua. Quem serue deus com tristeza. logo entra em preguiça:

*Capitollo ix da prigiça E de como pecam os rreligiosos em mujtos modos açerca deste pecado.*

Per prigiça pequam os rreligiosos cada uez que adormeçem no moesteiro ou som molles ao seruiço de deus. ou quando lhe anoja o longo seruiço Ou quando perdem alg•as oras / 6r/ ou quando veem tarde por dormir ou por sua propria voontade espiçialmente quando per prigiça leixom a seu çyente de dizer suas oras canonicas ou de santa maria. elles pecom mortalmente E saibhã que se pollas cousas que som de graça ou de uoontade leixom ou tardom de dizer suas oras a que som theudos ou leixom a jgreia aa direita ora ou se homem diz suas oras escondidamente por dizer alg•as oraç•es espiçiaaes Ou quando homem he na jgreia que deue quantar e ajudar os outros E o leixa de fazer por outras oraç•es. em todos estes casos pecam os hom•s rreligiosos grauemente.

merecimentos. Nós devemos ter por firme – e assim é – que sem a ajuda de Deus nenhum bem podemos fazer, nem sequer pensá-lo, tal como Ele disse no Evangelho a seus discípulos: “Sem mim nenhuma coisa podeis fazer.”

Capítulo 7º – Da inveja e diversas maneiras dela.

Por inveja peca (o) homem sempre, cada vez que tem dor ou tristeza do bem e avantajamento de outrem e se alegra com o mal do seu amigo. E por inveja diz (o) homem mal por detrás daqueles a quem mostra bom semblante na (sua) presença. E isto acontece por estes possuírem mais graças espirituais e corporais ou se captam melhor a graça e o amor dos

senhores que eles ou são mais honrados e mais louvados ou mais formosos ou mais grados ou cortesões ou mais ricos ou mais sages que ele. Quando o invejoso vê ou ouve os bens de tais pessoas ele os deprecia quanto pode para os abater. E se alguém diz mal, ele se alegra e junta aí (da sua lavra). Este é um espantoso pecado e é mais de esquivar se a pessoa tem inveja da bondade e graça espiritual de outrem pois que isto é /5v/ pecar contra o Espírito Santo.

#### Capítulo 8º. – Da ira e diversas espécies dela.

Por ira peca a pessoa de muitas maneiras. Isto sabem os bravos que têm ódios longamente em seus corações, dizendo más palavras a seus próximos e juram e dizem de Deus e seus santos palavras vilãs. A qual cousa não pertence a (um) religioso. E quem por ira ou ódio deixa de comer e beber ou ir ao mosteiro ou fazer outro bem; e quem tira a sua palavra a outrem, estes são todos muito grandes pecados e muitos aí há de outros.

Por ira a pessoa jura e perjura e maldiz e fere e mata. Quem por ira assanha seu próximo deve-lhe pedir mercê antes do sol-posto, segundo diz a Escritura. Por ira caem alguns em desesperação ou tornam-se sandeus e isto é condenação perdurável. Este pecado vem da inveja assim como (a) inveja vem da soberba. Que quando o invejoso vê que não pode a sua intenção vir contra aquele de quem tem inveja, logo cai em tristeza, depois em preguiça. Que quando alguém está triste não tem prazer em cousa que faça nem diga. Quem serve Deus com tristeza, logo entra em preguiça.

#### Capítulo 9º – Da preguiça e de como pecam os religiosos em muitos modos acerca deste pecado.

Por preguiça pecam os religiosos cada vez que adormecem no mosteiro ou são moles ao serviço de Deus ou quando lhes annoja o longo serviço, ou quando perdem algumas horas<sup>112</sup> /6r/ ou quando vêm tarde por dormir ou por sua própria vontade. Especialmente quando por preguiça deixam a seu arbítrio de dizer suas horas canônicas ou de santa Maria, eles pecam mortalmente.

E saibam que, se pelas cousas que são de graça ou de vontade, deixam ou tardam de dizer suas horas (a) que são obrigados, ou deixam a igreja à hora devida, ou se alguém diz as suas horas escondidamente para dizer algumas orações especiais, ou quando (o) homem está na igreja (em) que deve cantar e ajudar os outros e o deixa de fazer por outras orações, em todos estes casos pecam gravemente os homens religiosos.

Que som bernardo diz. *deus* nom faz conta n• lhe praz de cousa que seia oferecida de uontade ataa que lhe seia paguada a dereita diueda. em esto som enguanados aquelles que som deligentes a fazer o *que* Nom som theudos e sam negrigentes e priguizosos a fazer o *que* som obliguados. E por jsto disse salamom hi ha h• caminho que aos hom•s parece bem dereito Mes na fim leuaos ao jnferno. Ca muytas hi ha de gente de *que* he dauer doo que cujdam estar em cam•ho de saude e som auyados a perdiçõ. E estes som aquelles e aquellas que fazem seus caminhos sem descreçom e que nom querem creer conselho Mes quando homem tem paguado o que deue

---

<sup>112</sup> Horas canônicas, subentenda-se.

entom pode fazer e dizer o que quiser E poder de bem. Espiçialmente a madre de *deus* saudar amehude. e servir e amar. que quem b• a amar e servir. Nom morrera maa morte:

*Capitollo x* desa meesma E de como nõ ha cousa tã vill E de tam gram dapno como perder tempo.

/ 6v/ Per preguiça Caae homem em oçyosidade *que* he causa de muytos malles. Porque quando hom• esta oçioso entom veem as tentaç•es do diaboo e do m•do e da carne. Por hiso disse sam geronymo faze senpre alg• bem que o diaboo nom te ache oçyoso e te meta em suas obras E destar oçyoso vem que o homem encorre em u•s deleitaç•es e em desonestos fallamentos e em m•s conpãhias e em desenfadamentos desordenados. E perde homem o tempo que lhe *deus* da pera fazer peendença dos pecados. Nom ha hi cousa tam priçiosa segundo diz sam bernardo como o t•po. que em hua soo ora pode homem guaanhar o paraíso. Aaa mezquinho que ho dia doje hi nom ha cousa tam uill. gram pecado e gram dano he perder o tempo. Ca dia v•jra que mais amaria o pecador h•a soo ora de tempo pera fazer pendença se a podesse auer. que todo o ouro do mundo. Mes jsto sera muy tarde que a porta da pendença sera ffechada e dirom aas uirg•s sandias. neçio uos E sabee que de todo o tempo mall enpreguado ataa h• soo momemto auemos de dar rrazom no dia do juizo E de todas palauras e pensamentos oçyosos. sam bernardo diz que todo o tempo em que homem nom (diz) faz ou diz algh• bem ou peenssa em *deus* he perdido. haa *deus* quantos malles uem da prigiça e negrigença de servir e amar *deus*. que homem he fryo / 7r/ E sem deuaçom E anojado e triste e fraco e lasso e prigiçoso pera todo bem. Porque jsto uee homem amehude acontecer. que h•a fraca pessoa e de pequena compreissom e doentia que *serue deus* de boo coração e sem prigiça. sera mais forte a fazer todas maneiras de peendença que dez outras fortes de corpo e esforçadas que seiam frias e prigiçosas no amor de *deus*. que quem em *deus* mete seu coração *deus* põe o seu em elle. e lhe da força e tal coração que n•h•a cousa o agraua que faça por seu (seu) *Senhor* e amigo. que a alma e o corpo e o coração ha dado pollo auer em sua conpanhia:

*Capitollo xj* da auareza E de como a propiedade em os rreliosossos he torpe pecado

Que S. Bernardo diz: “Deus não faz conta nem lhe praz de cousa que seja oferecida de vontade até que lhe seja paga a dívida devida”. Nisto se enganam aqueles que são diligentes a fazer o que não são obrigados e são negligentes e preguiçosos em fazer o que são obrigados. E por isto disse Salomão que aí há um caminho que aos homens parece bem certo mas, no fim, leva-os ao inferno. Pois há por aí muitas pessoas, de quem há que ter dó, que cuidam estar em caminho de salvação e estão encaminhados para a perdição. E estes são aqueles e aquelas que tomam seus caminhos sem discrição e que não querem crer (em) conselho.

Mas quando a pessoa tem pagado o que deve, então pode fazer e dizer o que quiser e puder de bem, especialmente saudar amiúde a Mãe de Deus e servir e amá-la, que quem bem a amar e servir não morrerá (de) má morte.

Capítulo 10º – Dessa mesma (preguiça). E de como não há cousa tão vil e de tão grande dano como perder tempo.

/6v/ Por preguiça cai (o) homem em ociosidade que é causa de muitos males. Porque quando alguém está ocioso, então vêm as tentações do diabo, do mundo e da carne. Por isso disse S. Jerónimo: "Faz sempre algum bem (para) que o diabo não te ache ocioso e te meta em suas obras".

E de estar ocioso vem que o homem incorre numas vãs deleitações e em desonestas falas, em más companhias e em desenfadamentos desordenados. E perde (o) homem o tempo que Deus lhe dá para fazer penitência dos pecados. Não há aí cousa tão preciosa, segundo diz S. Bernardo, como o tempo, pois em cada uma só hora pode (o) homem ganhar o paraíso. Ah! Mesquinho, que não há cousa tão vil (como) o dia de hoje! Grande pecado e grande dano é perder tempo, pois (um) dia virá (em) que mais amaria o pecador uma só hora de tempo para fazer penitência, se a pudesse ter, que todo o ouro do mundo. Mas isto será demasiado tarde pois que a porta da penitência estará fechada e dirão às virgens sandias: *{nescio vos}*"<sup>113</sup>.

E sabeis que de todo o tempo mal empregado até um só momento havemos de dar razão no dia do juízo e de todas (as) palavras e pensamentos ociosos. São Bernardo diz que todo o tempo em que (o) homem não faz ou diz algum bem ou (não) pense em Deus é perdido.

Ó Deus, quantos males vêm da preguiça e negligência de servir e amar Deus pois que (o) homem é frio /7r/ e sem devoção e anojado e triste e fraco e cansado e preguiçoso para todo o bem.

Porque isto vê o homem acontecer amiúde – que uma fraca pessoa e de compleição pequena e doentia que serve Deus de bom coração e sem preguiça será mais forte a fazer as maneiras de penitência que dez outras fortes de corpo e esforçadas que sejam frias e preguiçosas no amor de Deus. Que quem em Deus mete seu coração, Deus põe o seu nele e lhe dá força e tal coragem que não o molesta nenhuma cousa que faça por seu Senhor e amigo que a alma e o corpo e o coração deu por o ter na sua companhia.

Capítulo 11º – Da avareza. E de como a propriedade nos religiosos é torpe pecado.

Per auareza peca homem em muytas maneiras e especialmente em tres assi como em cobijçar o alheo contra rrazõ. e com maa voontade trabalhar de o auer e torto o rreteer Quem o alheo cobijça per conprida deliberaçom que de boamente o aueria se ouuesse tempo e lugar Elle peca mortalmente. Mes quem cobijça algh•a cousa per condiçom se a podesse auer sem pecado. tall pecado he uenjall. E quem busca o alheo per maa rrazõ ou per rroubo ou per furto ou per •gano ou por maa barato. ou por husura Jsto he pecado mortall e nom pode sseer quyte Nem assolto se o nom pagua se tem de que e se rrepreenda de boo coraçõ ou aja teençom de o pagar quando

---

<sup>113</sup> "Não vos conheço".

poder. Que quem nom /7v/ ha uontade de pagar senpre esta no pecado. E assi deue homem peenssar se ouue alg•a cousa do alheio per m•o titullo. E sse hom• ha alg•a cousa deuea de dar a cuja he se o pode saber. E se nom dalla por *deus per* conselho do seu mayor. Propriedade em rreligiosos he gram pecado. Mas daquelles que nom ham de ssua jgreia abastamento. que per mandado de seus mayores ham rrendas. ou outras cousas de seus amigos jsto Nom he pecado. Mes que sajesmente se despendam *e* em boas husanças. E deuem saber todollos rreligiosos que n•h•a cousa podem dar nem filhar sem seu mayor jeerall ou espiçiall E se som escassos do que ham. aos outros a *que* he neçessario seia *per* dar. ou *per* enprestar. elles pecam *per* auareza. Ou quando homem he auarento denssynar a outrem o *que* sabe. ou de leteras ou doutras obras honestas. que todo homem deue denssinar de boa mente por amor de *deus*. Mes som algh•s de tam maa natureza *que* ante leixariom o que ham apodreçer que darem a seus jrm•os ou a seus seruidores. çerto esta obra he muy fea *e* he grande auareza *e* gram pecado em rreligiosos E deu•se delle a confessar.

*Capitollo xij da gargantoçe* E diuersas speçias *e* rramos dela E aqui trauta dos rreligiosos.

Per guarguantoçe peca o homem em çinco maneiras. *scilicet*. em comer ante dora hordenada quando *per* pura gulla a nom *quer* nem pode aguardar /8r/ E em comer muyto *triguoso*. *e* em cobijçar *e* buscar ujandas preçadas *e* deleitosas *e* b•s vinhos *e* fortes. E em mujto comer *e* beuer em quantydade tanto que a natureza se agraua *e* homem *serue deus* peor. Ou quando homem se rreuessa quando come muyto açedado *e* muy golosamente *e* muyto asinha. assy que *per* triguãça mastigua mall sua uyãda. E quando homem see muy longuamente aa mesa por joguetar. ou por cuidar. Ou por se longuamente deteer em seus uiços. Este he gram pecado. quando hom• mete grande estudo E faz gram custa em aparelhar suas ujandas com salssas custosas. Assy peca muy grauemente a pessoa que ha hidade *e* quebra os jej•s da sãta jgreia se nom he *per* justa causa. E os rreligiosos que britom os jaj•s de sua hordem. Per gula caae homem em muyto fallar que he fea cousa aos rreligiosos. desy em detrauço *e* em murmuraço. E em çujas palauras *e* em uytuperyos *e* em louçaynha da carne *e* em trazeres desordenados *e* uill•s contenenças.

Capítulo 11º - Da avareza. E de como a propriedade nos religiosos é torpe pecado.

Por avareza peca (o) homem de muitas maneiras, especialmente em três, assim como em cobiçar o alheio contra (a) razão e com má intenção de se esforçar por o obter e ilicitamente o reter. Quem o alheio cobiça por deliberação (tão) insistente, que de boamente o obteria se tivesse tempo e lugar, peca mortalmente. Mas quem cobiça alguma coisa sob a condição de a poder alcançar sem pecado, tal pecado é venial. E quem busca o alheio por má razão ou por roubo ou por furto ou por engano ou por preço insignificante ou por usura, isto é já pecado mortal e não pode ficar desobrigado nem absolvido se o não paga, se tem com quê, e se arrependa de bom



coração ou faça tenção de o pagar quando puder. Que quem não /7v/ tem vontade de pagar sempre permanece em pecado.

E, assim, deve (o) homem pensar se adquiriu alguma coisa do alheio por mau título. E se alguém possui alguma coisa deve dá-la ao respectivo dono se o puder saber. E se não, (deve) dá-la (em nome de) Deus a conselho do seu superior.

Propriedade em religiosos é grande pecado. Mas daqueles que não têm da sua igreja abastamento, que por ordem de seus superiores têm rendas ou outras cousas de seus amigos, isto não é pecado. Mas que com prudência se gastem e em coisas de proveito. E devem saber todos os religiosos que nenhuma coisa podem dar nem adquirir sem (consentimento do) seu superior geral ou especial. E se são avarentos (em porem) o que têm (à disposição) dos outros a quem é necessário, dando ou emprestando, eles pecam por avareza. Ou quando alguém é avaro em ensinar a outrem o que sabe, ou de letras ou de outras obras honestas, pois todo o homem deve ensinar de boamente por amor de Deus. Mas há pessoas de tão má natureza que antes deixariam apodrecer o que têm do que o darem a seus irmãos ou servidores. Certo (é que) esta obra é muito feia, de grande avareza e de grande pecado em religiosos. E devem-se confessar dela.

Capítulo 12º. – Da gula e diversas espécies e ramos dela. E aqui trata dos religiosos.

Por gula peca o homem de cinco maneiras, a saber, em comer antes da hora estabelecida quando por mera gula a não quer nem pode aguardar /8r/ e em comer muito trigoso e em cobiçar e buscar iguarias pretendidas e deleitosas e vinhos bons e fortes. E em muito comer e beber em quantidade tal que a natureza se molesta e (o) homem serve (a) Deus pior. Ou quando (o) homem reversa quando come muito açodado, muito gulosamente e muito depressa, de tal maneira que por trigança mastiga mal a sua comida. E quando (o) homem está sentado muito longamente à mesa, gracejando ou meditando, ou por longamente se deter em seus deleites, este é grande pecado quando (o) homem mete grande estudo e faz grande despesa em preparar suas comidas com condimentos caros. Também peca muito gravemente a pessoa que tem idade e quebra os jejuns da Santa Igreja, se não for por justa causa. E os religiosos que quebram os jejuns da sua ordem.

Por gula cai (o) homem em muito falar que é feia cousa (para) os religiosos, também em detracção e murmuração e em palavras sujas e vitupérios e em louçainha da carne e em trajas desordenados e em abjectos comportamentos.

homem ou molher lançado aa guarguãtoçe espiçialmente ao uinho nom pode v•jr a perfeiçom  
Nem pode rresistir alg• uyçio. Porque a gulla he porta e entrada de todos os pecados:

*Capitollo* xiiij da luxuria E de como este pecado he mais *graue e feyo* em os rreligiosos e rreligiosas

*Per* luxuria peca homem *per* desuairados modos. *Primeiro* /8v/ pollo feito que he em pessoa rreligiosa muy feo e uill•o pecado E as pessoas que em tall çugidade se leixam acostumar. marauilha he se Nunca o de sy podem lançar Ante fazem em elle fim de ssuas uidas. Em maa ora

foi naçida a pessoa de rrelligiom que de tall pecado he sojuguada. se asinha se nom rrepreende e emm•da *per uerdadeira* contriçom e confissom e satisfaçom. Ca *deus* tem senpre os braços abertos *pera* rreçeber os pecadores a misericordia. E assy peca hom• *per* outras maneiras como pollo feito. primeiro *quando* a cobijça do pecado he no primeiro moujmento *ante* que a rrazõ se perçeba bem. jsto he pecado uenjall. Desy quando homem consente destar longamente nos çujos penssamentos e m•s deleitaç•es de luxuria. que a rrazõ bem entende. E se leixa estar açijnte em estes vijs deleitos Jsto he pecado mortall E ajnda que homem nom queira fazer *per* obra *per* n•h•a guisa. desy quando homem *consente* ao feito do pecado que de boa mente o faria se ouuesse tenpo e lugar. Jsto he pecado mortall. E quando h•a pessoa esguarda a outra aficadamente com grande ardor de luxuria e a cobijça Este he ajnda mayor pecado. por que com o m•o penssamento uem o m•o oolhar. Jtem quando com o penssamento e o olhar se mestura maas fallas que homem rroguia aa molher /9r/ E ella o escuita de boamente. Ou que ella diz palauras *per* que homem pode claramente conhecer sua maa uoontade. Quem em tall entençõ as diz este he mayor pecado que os outros. por que ha hi mais de maas condiç•es. Das molheres vem muytas uezes que por suas sandias pallauras e *per* synaaes que mostram *per seus* oolhares e contenenças e *per* outras maneiras que os hom•s as rrequerem. E por jsto todos os rrelligiosos que de b• coração quer• prazer e amar ao seu doçe amigo e uerdadeiro esposo Jhesu Christo deuiam de fogir a todas ocasi•es que podem trazer pecado. as quaaes hom• pode saber *per* rrazõ e *per* uerdadeiro e puro amor sem *scripto*. E ajnda homem peca muy mortallmente quando com o p•samento e o olhar e palauras ueem abraços e beijos e outros vill•os tocamientos em lugares desonestos *per* deleitaçom e ardor de luxuria. E sabe que beijar sua parenta. com ardor de luxuria. ou por ssa fremosura ou por outra rrazõ desordenada. he mais graue pecado que a estranha. E hom• se deue a guardar dh•as e das outras. ajnda he de saber *que* em luxuria pecam os hom•s e as molheres contra natura que he o mais espantoso e o mais auorreçuijll pecado de todos os outros. como e em que maneiras e em quantas *aqueles* e *aquellas* que o fazem o sabem. Mes eu me callarey por que de tam vill e tam fedorento pecado n•h• nom deue /9v/ fallar. que elle foy a causa do doluuyo. E aquelles que esto faz• serom no dia do juizo como bestas. E se lhe aconteçesse *ante* que ouuesse hidade e descreçom

Homem ou mulher lançados à gula, especialmente ao vinho, não podem chegar à perfeição nem podem resistir (a) algum vício porque a gula é porta e entrada de todos os pecados.

Capítulo 13º – Da luxúria. E de como este pecado é mais grave e feio nos religiosos e religiosas.

Pela luxúria peca (o) homem por desvairados modos. Primeiro, /8v/ por obra, que em pessoa religiosa é muito feio e vilão pecado. E as pessoas que em tal sujidade se deixam acostumar, maravilha é se nunca o<sup>114</sup> de si podem lançar, antes fazem nele fim de suas vidas.

---

<sup>114</sup> Refere-se a pecado

Em má hora foi nascida a pessoa de religião que de tal pecado é subjugada, se depressa se não arrepende e emenda por verdadeira contrição e confissão e satisfação. Porque Deus tem sempre os braços abertos para receber os pecadores com misericórdia. E assim peca (o) homem por outras maneiras para além das obras.

Primeiro quando a cobiça do pecado é no primeiro movimento, antes que a razão (dele) se aperceba bem. Isto é pecado venial. Depois disso, quando (o) homem consente em estar longamente nos sujos pensamentos e más deleitações de luxúria que a razão bem entende e se deixa estar conscientemente nestes vis deleites. Isto é pecado mortal, e ainda que (o) homem (o) não queira fazer por obra de nenhuma guisa. Também quando (o) homem consente na prática do pecado que de boamente faria se tivesse tempo e oportunidade. Isto é pecado mortal. E ainda quando uma pessoa esguarda outra afincadamente com grande ardor de luxúria e a cobiça. Este é ainda maior pecado porque com o mau pensamento vem o mau olhar. *Item*<sup>115</sup> quando com o pensamento e o olhar se misturam más falas que (o) homem roga à mulher /9r/ e ela o escuta de boamente ou que ela diz palavras por que (o) homem pode claramente conhecer a sua má vontade. Quem com tal intenção as diz, este é maior pecado que os outros porque há aqui mais de más condições. Das mulheres vem muitas vezes por suas sandias palavras e por sinais que mostram, por seus olhares e trejeitos e por outras maneiras, que os homens as requestam.

E por isto todos os religiosos, que de bom coração querem prazer e amar ao seu doce amigo e verdadeiro esposo, Jesus Cristo, deviam fugir a todas as ocasiões que podem trazer pecado, as quais (o) homem pode saber por razão e por verdadeiro e puro amor sem (norma escrita). E ainda o homem peca muito mortalmente quando, com o pensamento e o olhar e palavras, vêm abraços e beijos e outros vilões tocamentos em lugares desonestos por deleitação e ardor de luxúria. E sabeis que beijar sua parenta com ardor de luxúria ou por sua formosura ou por outra razão desordenada é mais grave pecado que a estranha. E o homem deve guardar-se de umas e de outras. Ainda há que saber que na luxúria pecam os homens e as mulheres contra a natureza, que é o mais espantoso e o mais aborrecível pecado de todos os outros, como e em que maneiras e em quantas o sabem aqueles e aquelas que o fazem. Mas eu me calarei porque de tão vil e fedorento pecado ninguém deve /9v/ falar pois ele foi a causa do dilúvio. E aqueles que isto fazem serão no dia do juízo como bestas. E se lhes acontecesse antes que tivesse idade e discrição

deusesse homem a confessar. ajnda que desto nom ouuesse *perdida uirgijndade* E se homem nom fosse de tall hidade que soubesse *çertamente* que ssua carne era conrronpida assy como *dicto* he que homem filha ardimento de rroguar aa molher *per* sandias contenenças assy he molher *per* molher e homem *per* homem. Espiçialmente rrellygiosos e rrelligiosas. que mall podem fazer *seus fectos* se nom ham quem os sotenha e ajude em suas conpanhas. Mes bem saibham taaes gentes que assi passaram estes *fectos* como se os fizessem *per* obra. que o prouerbio diz. tanto uall quem tem o pee como quem o corta. E em tall caso h• deue prasmr o outro e amoestallo *scondidamente* que sse emmende E se sse nō enmendar. deueo denuçiar em *sagredo* a sseu mayor que o pode emmendar em caridade sem fazer *scandollo*. Jsto nom he defamar seu

---

<sup>115</sup> Do mesmo modo, igualmente.

prouximo quem o faz em boa entençom pollo corregger E quem ho nom faz ha parte no pecado. Quem com grande ardor amasse *deus* e ouuesse o seu temor no coração Mais amaria seer desmembrado que se lançar a tall pecado *e* leixar o amor de Jhesu *Christo* que o deleito he muy breue *e* o tormento he sem fim. E ha mujtas afliç•es *e* temores em *procurando* *e* em fazendo /10r/ *que* homem sempre teme seer descuberto. E se sse parte senpre ha apresado por tornar assy husam estas gentes seu tenpo em door. Mes em bem fazer *e* amar *deus* ha emfijndo prazer *e* gram paz de coração. Mes esto nom sabe senom quem o proua de que uos direj h• enxenpro. Enxenpro dh• a monja:

*Capitollo* xiiij em *que* trauta dh• a monja *que* descoreo • este pecado.

Foy em outro tenpo h• a monja deuota. fremosa de corpo *e* de coração *e* antre as outras fremosuras que auia tijna muy fremosos olhos. O senhor da terra a uyo *e* qujsea auer *per* amores. Mes nõ pode. E mandouha rroubar *per* sua gente. E ella quando os uyo temeos muyto. E preguntouhos por *que* a amaua seu senhor mais *que* as outras. E elles rresponderom senhora por uossos fremossos olhos. E ella os fez logo thirar. E enujoulhos E mandoulhe dizer que ja auia o que deseiaua. que daquello fizesse sua uoontade. E ella amou mais *perder* fremosura do corpo que ha da alma.

*Capitollo* xv. em *que* poem outro exemplo e semelhaujl.

Foy outra monja muyto desassemelhada a esta ja dita assaz era fremosa de corpo. E h• caualleiro a uyo E desejouha *e* fez por auella. a abadessa soubeho *e* metehoa no mais escondido lugar da abadia. O caualleiro a buscava *e* a nõ podia achar. E andaua muy anojado. E ella o ujo *per* h• buraco. *e* chamouho. *e* elle tornou *e* fez sua voontade. dally adeante a auorreçeo mais do *que* Nunca. /10v/ a amara *e* despreçouha *e* fez escarnho della. assi fazem os outros daquellas que sacordam aas suas falssas uoontades. Em estes dous enxemplos podees ueer o bem *e* o mall a ujda *e* a morte. filhaae quall uos prouguer:

*Capitollo* xvj de seis cousas *que* se rrequerem aa uerdadeira confisom E de çinquo *que* a enbargam E de como he mujto *perijgosa* cousa ao rreligioso ameude sair fora da claustra.

deve-se a pessoa confessar, ainda que por isto não tivesse perdido a virgindade. E se homem não fosse de tal idade que soubesse com certeza que sua carne estava corrompida assim como foi dito que o homem ganha ousadia de rogar à mulher por sandios modos, assim é mulher por mulher e homem por homem. Especialmente religiosos e religiosas que mal podem fazer suas acções se não tiverem quem os ampare e ajude nas suas companhias. Mas saibam bem tais pessoas que assim aconteceram estas acções como se as fizessem por obra, que o provérbio diz: "Tanto vale quem tem o pé como quem o corta". E em tal caso uma pessoa deve repreender a outra e admoestá-la secretamente a que se emende. E se esta não se emendar, deve-a denunciar em segredo a seu superior que a pode emendar em caridade sem fazer escândalo. Isto não é difamar seu próximo, quem o faz com boa intenção para o corrigir. E quem o não faz tem parte

no pecado. Quem com grande ardor amasse (a) Deus e tivesse o seu temor no coração, preferiria ser desmembrado que se lançar a tal pecado e deixar o amor de Jesus Cristo, pois o deleite é muito breve e o tormento é sem fim. E há muitas aflições e temores em procurar e em fazer /10r/ pois (o) homem teme sempre ser descoberto. E se se parte, há sempre pressa em voltar, assim usam estas gente seu tempo em dor. Mas em bem fazer e amar a Deus há infindo prazer e grande paz de coração. Mas isto não sabe senão quem o experimenta, de que vos direi um exemplo. Exemplo de uma monja.

Capítulo 14º. – Em que trata de uma monja que caiu neste pecado.

Houve em outro tempo uma monja devota, formosa de corpo e de coração, e entre outras louçanias que possuía, tinha uns olhos muito lindos. O senhor da terra viu-a e desejou tê-la por amores, mas não pôde. E mandou-a raptar por sua gente. E ela, quando os viu, temeu-os muito e perguntou-lhes por que a amava seu senhor mais que as outras e eles responderam logo: "Senhora, por vossos formosos olhos". E ela mandou-os logo arrancar e enviou-lhos. E mandou-lhe dizer que (ele) já tinha o que desejava e que daquilo fizesse a sua vontade. E ela preferiu perder (a) formosura do corpo do que a da alma.

Capítulo 15º. – Em que põe outro exemplo e semelhável.

Foi outra monja muito desassemelhada a esta já dita. Era assaz formosa de corpo e um cavaleiro viu-a e desejou-a e fez por possuí-la. A abadessa soube-o e meteu-a no mais escondido lugar da abadia. O cavaleiro buscava-a e não a podia achar e andava muito anojado. E ela viu-o por um buraco e chamou-o e ele tornou e fez sua vontade. Dali em diante aborreceu-a mais do que nunca /10v/ a amara e desprezou-a e fez escárnio dela.

Assim fazem os outros àquelas que se acordam às suas falsas vontades. Nestes dois exemplos podeis ver o bem e o mal, a vida e a morte. Adoptai o que vos aprouver.

Capítulo 16º. – De seis cousas que se requerem para a verdadeira confissão. E de cinco que a enbargam. E de como é muito perigosa cousa para o religioso sair amiúde fora do claustro.

Porque dizem alg•s que se nom sabem confessar e dizem uerdade mujtos hi ha. Quem se bem quer confessar deue diligentemente buscar toda sua conçiença e esguardar se cayo em algh•s dos pecados suso dictos. E jsto nõ correndo Mes por boo espaço E como e quantas uezes e em quantas maneiras fez queixoso o seu deus E quanto tenpo esteue no pecado. ou se lhe esqueceeo alg• por se confessar tarde ou se sse leixou de confessar com pouca deuaçom. ou por uergonha descarnegerem delle. ou se sse confessou mais por custume que por amor de deus. Ca todas estas cousas som pecado. E des que homem em esto bem peenssa. deuese triguosamente confessar. Esta he a segunda condiçõ que deue seer na confissom que he seer triguosa. El rrey daujd se leuantaua aa mea noite a se confessar segundo elle diz no salteiro. E ha grande tardança he perijguoosa. he perijgosa primeiro polla duujda da morte que nom uenha sobitamente. desy pollos b•s que homem perdeo pecando que pode cobrar na confissom. E quanto /11r/ deus mais

longuamente atende o pecador. tanto o punjra mais grauemente se sse nom emmenda. desy aquelle que mujto espera pera se confessar. esqueeçe muitos pecados de que nõ pode sseer confessado E jsto he grã perijgo. que ajnda que os hom•s esqueeçã nom os esqueeçe *deus*. Quando alg•a pessoa seia homem ou molher entra em rrelligiom. elle afiuzza *Jhesu Christo* que he uerdadeiro esposo das uirg•s e das santas almas. e quando faz profissom esposa e som fectas as uodas de *Jhesu Christo* e lhe promete os tres uotos da rrellegiom. Pobreza. castidade. obidi•cia. E sabe que quem esta na rrelligiom aallem do ano sem fazer protestaço he theudo por professo<sup>116</sup>.

E nos ueemos claramente que hua donzella que he afiuzada ou casada por melhor parecer a sseu amigo corregesse o melhor que pode. e oolhasse e toucasse bem. e esguarda que nom aja em ella cousa que possa desprazer a seu amigo. E Pois mujto he gram confusom e signall de pouca deuaçom a hua pessoa de rrelligiõ que he esposa e amiga do rrey dos rreix Se mais nõ trabalha por prazer a este glorioso esposo. que *nos* chama tam doçemente. E diz uem minha esposa e amigua uem e seras coroada. que nõ faz h•a casada a seu senhor mortall. Ou h•a namorada a h•/11v/ seu namorado. •*Jhesu Christo* o rrey da glloria que he o mais fremoso de todos nom *quer* auer amigua que nom seia fremosa. E alua *per* •noçençya de uida e linpa sem çugidade de pecado e sem uill• tacha e nobremente uestida de rroupa de uertudes. E por jsto a deuota pessoa que *quer* prazer atall esposo e auello por amigo. deuesse cada dia oolhar no espelho da ssua conçiência E como vir alghua noda de pecado deue correr aa fonte da confissom e lauarsse e nõ atender as pascoas. que a conçiência que tanto anda *por* lauar nõ ha poder de sseer linpa. E jsto he signall de pouca deuaçõ. Polla quall cousa eu rrogo a todas deuotas creaturas e conjuro na uirtude do amor que o muy doçe *Jhesu Christo* *nos* amostrou. quando lhe prouue morrer por nos em na cruz de morte tam fea e assy uergonhosa que ellas acostumem a sse confessar amehude ao menos hua uez na somana e mais se mester for. E co••gu• ao mais pouco hua uez no mes.

Porque dizem alguns que se não sabem confessar e dizem verdade, (pois) muitos há, quem bem se quer confessar deve diligentemente perscrutar toda a consciência e esguardar se caiu em algum dos pecados suso ditos. E isto não a correr mas por largo espaço. E como e quantas vezes e em quantas maneiras fez queixoso seu Deus. E quanto tempo permaneceu no pecado ou se lhe esqueceu algum por se confessar mais tarde ou se se deixou de confessar por pouca devoção ou por vergonha de escarnecerem dele ou se se confessou mais por costume que por amor de Deus.

Pois todas estas cousas são pecado. E desde que a pessoa bem pensa nisto, deve-se pressurosamente confessar. Esta é a segunda condição que deve existir na confissão que é ser pressurosa.

El-rei David levantava-se à meia-noite para se confessar, segundo ele diz no Saltério.

---

<sup>116</sup> Ms.] Na margem direita pequeno trecho escrito em latim e por outra mão.

E a grande tardança é perigosa. É perigosa, primeiro pela dúvida da morte: que não venha subitamente. Depois, pelos bens que a pessoa perdeu, pecando, (e) que pode recuperar na confissão. E quanto /11r/ mais longamente espera Deus o pecador, tanto mais gravemente o punirá se não se emenda.

Depois aquele que muito espera para se confessar, esquece muitos pecados de que, (assim), não pode fazer confissão. E isto é grande perigo, pois que, ainda que (os) homens os esqueçam, não os esquece Deus.

Quando alguma pessoa, homem ou mulher, entra em religião, ele promete-se a Jesus Cristo que é verdadeiro esposo das virgens e das santas almas e, quando faz profissão, (torna-se) esposa (de Jesus) e são feitas as núpcias de Jesus Cristo e lhe promete os três votos da religião: pobreza, castidade e obediência. E sabeis que quem está em religião além de (um) ano sem fazer protestaçoão é tido por professo.

E nós vemos claramente que uma moça, que é esposada ou casada, para melhor parecer a seu amigo retoca-se o melhor que pode e olha-se e touca-se bem e esguarda-se que não haja nela cousa que possa desprazer a seu amigo. E, pois, é uma confusão muito grande e sinal de pouca devoção a uma pessoa de religião que é esposa e amiga do Rei dos reis, se mais se não esforce por prazer a este Glorioso esposo que nos chama tão docemente e diz: "Vem, minha esposa e amiga, vem, e serás coroada". (O) que não faz uma casada a seu senhor mortal ou uma namorada a um /11v/ seu namorado.

Jesus Cristo, o Rei da glória, que é o mais formoso de todos, não quer ter amiga que não seja formosa e alva por inocência de vida e limpa sem sujidade de pecado e sem vilã tacha e nobremente vestida de roupa de virtudes. E por isto, a pessoa devota que quer prazer a tal esposo e tê-lo como amigo, deve cada dia olhar-se no espelho da sua consciência e, quando vir alguma nódoa de pecado, deve correr à fonte da confissão e lavar-se e não esperar (pelo tempo de) Páscoa, pois a consciência que tanto (tempo) anda por lavar não poderá ser limpa. E isto é sinal de pouca devoção. Por isso eu rogo a todas as criaturas devotas, e conjuro na virtude do amor que o dulcíssimo Jesus Cristo nos amostrou quando lhe prouve morrer por nós na cruz de morte tão feia e tão vergonhosa, que elas se acostumem a confessar-se amiúde, ao menos, uma vez na semana e mais, se for mister. E comunquem, pelo menos, uma vez no mês.

E *quem* uyue em obidiência comungue segundo sua hordem lho [o]fereçe. E jsto deue homem a fazer nom por u• glloria. nem por louuor. Mes pararmentes por amor daquelle que *nos* amou primeiro. que Nos a elle. E por lhe prazer E se assy acostumam E dam a *deus* todo seu coraçom e lhe trazem lealdade. *deus* lhes da a ssentir que todo terreall amor he çujo /12r/ e amarguoso contra o amor de *deus* e lhes da consolaç•es espirituaes como elle sabe que he seu proueito E de quem tam proueitoso conselho nõ quiser crear. eu me qujto. E este liuro lhe sera apresentado no dia do juizo. esta he a segunda condiçom da confissom que deue seer triguosa • A terceira condiçom he que homem se deue confessar abertamente sem cobertura assi que o confessor ueja e conheça claramente o coraçõ e teençom daquelle que se confessa. Porque o ferido deue de

descobrir sua chaga ao çollorgiom se *quer* seer bem guarido segundo diz ypocras. E assy deue fazer o pecador se *quer* auer misericordia. A quarta condiçom he que homem se deue a confessar *enteiramente*. Jsto he dizer *seus* pecados todos *e* as *cyrconstançias*. s• sse defender nem acusar outr•. E sem alghua cousa encobrir. Assy dezia o ppublicano no tenplo que nom ousaua leuantar os olhos contra o çeeo. Mes batia *seus* peitos por ssua culpa E dezia. senhor *deus* aue merçee de mim pecador. Assy se deue acusar. cada h••pecador. E dizer eu pequey assy *e* assy *per* minha maldade *e* *per* meu m•o coraçom. se *quer* auer merçee. desy a confissom deue seer inteira toda a h• confessor *e* nom ha muytos. Que quem diz h• a parte a h• *e* outra a outro pouco lhe uall. deue hom• dizer as çircōstançias que agrauō o pecado. Ca o pecado he nom soom•te o da luxuria. mas de detrauçom *e* de /12v/ mall fazer ou dizer. ou de odyo mayor em h•a pessoa *que* em outra. desy se homem pecou açijnte ou *per* ynorança assi o deue de dizer. E sse sse conbateo com a tentaçō ou se elle meesmo a buscou desy deue contar os nenbros *per* que mais pecou. Primeiramente o coraçō *e* dizer todos os penssamentos que encaminhom homem a pecados ou carnaaes ou esprituaes. assy como contra a fe. ou de u• glloria ou de •ueja ou de maa uoontade. ou de muytas outras maneiras como ja he dicto. ou de penssamentos de brasffemeas de *deus* ou de *seus* santos. ou dos sacramentos. que o diaboo traz ao coraçō. por toruar a pessoa *e* a meter em desasperaçō. Por jsto he conpridoiro que hom• hi aja desprazer *e* tenperança *e* paçiençia que assy se busca merito. Mais que quando se queixa desordenadamente ao pecado. Por jsto deue dizer a *deus* a pessoa que deuotamente se sofre. Senhor que conheçes os coraç•es E sabees minha u•tade. auee piadade de mim. E Nom me leixees cayr em maaos consssintimentos. Nem sofraaes *que* eu seia tentado aallem de meu poder. E nom he neçessario dizer ao confessor taaes penssamentos. assy como ueem mes soomemte que homem os possa entender. Ca os penssamentos honde nom ha senom tormento *e* desprazer *e* afryçom. aas uezes purguam a alma mais /13r/ que a agrauam Mes os penssamentos em que ha delleito deue homem a dizer quanto lhe deu de consssintimento *e* o tenpo que em elles tardou. E se cobijçou homem prazer aa molher ou a molher ao homem por seer desejado. Ca esto he pecado segundo diz santagostinho. assy deue homem p•sar se corregeo Ja sua cabeça rricamente por prazer ou por u• groria *e* deueo confessar desy dos çinquo sintidos *com* *que* homem muy amehude peca.

E quem vive em obediência, comungue segundo sua ordem lho determina. E isto deve a pessoa fazer não por vã glória nem por louvor, mas especialmente por amor daquele que nos amou primeiro que nós a Ele e por lhe prazer. E assim se acostumam e dão a Deus todo o seu coração e lhe trazem lealdade. Deus lhes dá a sentir que todo (o) terreal amor é sujo /12r/ e amargoso contra o amor de Deus e lhes dá consolações espirituais como Ele sabe que é (de) seu proveito. E de quem tão proveitoso conselho não quiser crer, eu me desobrigo e este livro lhe será apresentado no dia do juízo. Esta é a segunda condição da confissão: que deve ser pressurosa.

A terceira condição é que a pessoa se deve confessar abertamente, sem cobertura, de tal modo que o confessor veja e conheça claramente o coração e intenção daquele que se confessa. Porque o ferido deve descobrir sua chaga ao cirurgião, se quer ser bem guarido, segundo diz Hipócrates. E assim deve fazer o pecador se quer ter misericórdia.



A quarta condição é que (o) homem se deve confessar inteiramente, isto é, dizer todos (os) seus pecados e as circunstâncias, sem se defender nem acusar outrem e sem alguma coisa encobrir. Assim no templo dizia o Publicano, que não ousava levantar os olhos contra o céu, mas batia (no) seu peito por sua culpa e dizia: «Senhor, amerceia-te de mim, pecador». Assim se deve acusar cada pecador e, se quer ter perdão, dizer: “Eu pequei assim e assim por minha maldade e por meu mau coração.” Além disso, a confissão deve ser inteira toda a um confessor e não a muitos, pois quem diz uma parte a um e outra a outro, pouco lhe vale. Deve a pessoa dizer as circunstâncias que agravam o pecado. Porque o pecado é não somente o da luxúria mas (o) de detracção e (o) de /12v/ mal fazer ou dizer, ou de ódio maior em uma pessoa (do) que em outra; também se a pessoa pecou (por) acinte ou por ignorância, assim o deve declarar. E se se combateu com a tentação ou se ela mesmo a buscou. Também deve contar os membros pelos quais mais pecou. Primeiramente, o coração, e dizer todos os pensamentos que encaminham (o) homem a pecados, ou carnisais ou espirituais, assim como contra a fé, ou de vanglória ou de inveja ou de má vontade ou de muitas outras maneiras como já foi dito ou de pensamentos de blasfêmias de Deus ou dos Seus santos ou dos sacramentos, que o diabo traz ao coração para torvar a pessoa e a meter em desesperança. Por isto é conveniente que a pessoa aí tenha desprazer e temperança e paciência, que assim se busca mérito, mais (do) que quando se queixa desordenadamente (d)o pecado.

Por isto deve dizer a Deus a pessoa que devotamente sofre: “Senhor, que conheces os corações e sabeis minha vontade, tende piedade de mim e não me deixeis cair em maus consentimentos, nem sofraís que eu seja tentado além da minha capacidade”. E não é necessário dizer ao confessor tais pensamentos tal como vêm mas somente que a pessoa os possa entender, porque os pensamentos, onde não há senão tormento e desprazer e aflição, às vezes, purgam a alma mais /13r/ que a agravam. Mas os pensamentos em que há deleite deve o homem dizer quanto lhe deu consentimento e o tempo que neles tardou. E se cobiçou (o) homem prazer à mulher ou a mulher ao homem por ser desejado, pois que isto é pecado, segundo diz Santo Agostinho. Igualmente deve (o) homem pensar se emendou já sua cabeça ricamente, por prazer ou por vanglória, e deve-o confessar e também dos cinco sentidos com que (o) homem muito amiúde peca.

pollos olhos em oolhar s•diam•te e cõ soberua e per desprezo e com geitos luxuriosos assy como dizem os filosofos. A luxuria da molher he conhecida pollos olhos que som messegeiros do coraçom E quem nom ha os olhos castos em seu oolhar. o coraçom nom he casto segundo diz santo agostinho. E pellas orelhas assi como em ouujr de boamente as u•s palauras do mundo e os mall dizentes e louuaminheiros e m•tidores e enganadores E outras palauras çujas e sandias. Sam bernardo diz. eu nom sey quem peca mais. ou aquelle que diz mall doutrem. Ou aquelle que de boa uoontade o escuyta. Que se nom fossem os que escuitam. nom auerya hi mall dizentes. Por jsto deue homem mostrar que lhe nom praz. assy polla boca em fallar neçeamente e muytas uaydades com soberua e desonistidade e jurar e perjurar e mentjr aç•te ou em defamar outrem com seu abaixamento. /13v/ Desi com tocamentos vill•os e desonestos. em ssy meesmo ou em

outrem assi se deue homem a confessar do aficado cuydado que teue em sse bem uistir. ou em calçar. e em todas outras maneiras. Quando uay aa jgreia ouujr a palaura de *deus*. E se homem filhou desordenado prazer em cheirar os doces cheiros terreaes. Esta he a quarta cõdiçom que ha dauar na confissom A quinta he que seia humilldosa. que homem se deue confessar em temor e humjldade E esparger todo seu coração ante *deus* e seu confessor assi como h• pote cheo daugua de que nõ fica nem collar nem odor nem sabor assy como faria de vinho ou de mell ou de leite. se elle rretem a collar. que tenha os m•os geitos E se rretem o hodor do pecado que o leixa quanto no feito Mes de boamente ouue fallar em elle. Se rret• o sabor que peenssa nos pecados que fez e se deleita O que uerdadeiramente se rrepeende. deuesse guardar destas tres cousas susso dictas. Mes o rrelligioso ou rrelligiosa que amehude uay fora de ssua crasta. a maas penas se guarda. Nos achamos nas escripturas que hisaque ouue dous *filhos*. Jacob e esau. esau era caçador e hia amehude a caçar bestas saluajees. E assy perdeo a beençom de seu padre que deuia a auer como *primogenjto*. E Jacob que era *segundo* a guaanhou por que ficaua em casa. Per Esau sã entendidos rrelligiosos. E rrelligiosas que desamam sua /14r/ crasta E nom ham hi prazer por mingua do amor de *deus* E por jsto uaaom de boa uoontade caçar ao mundo as u•s consolaç•es e as deleitaç•es secullares E assy acontece que elles perdem a beençom de seu padre que he a graça de *deus* E o parayso que he nossa herdade. Per Jacob se entendem os b•s que amã sua crasta e seu moesteiro. E estõ em elle de boamente por o amor de *deus* em cujo serujço som metidos E elle os crya com deuinas comsolaç•es assy que os terreaes senpre lhe som amarguosos e de desprazer E taaes gentes guardam a beençõ e herdade de seu padre que he a graça de *deus* e o parajso. A seista condiçom que deue seer na confissom he que homem se deue confessar amehude por guaanhar mais graça e mais linpeza de conçi•çia pollos pecados uenjaaes em que homem caae mujtas uezes E quem amehude caae amehude se deue daleuantar.

Pelos olhos, em olhar sandiamente e com soberba e por desprezo e com jeitos luxuriosos como assim dizem os filósofos. A luxúria da mulher é conhecida pelos olhos que são mensageiros do coração. E quem não tem os olhos castos em seu olhar, o coração não é casto, segundo diz Santo Agostinho. E pelas orelhas, assim como em ouvir de boamente as vãs palavras do mundo e os maldizentes e louvaminheiros e mentirosos e enganadores e outras palavras sujas e sandias. São Bernardo diz: “ Eu não sei quem peca mais, ou aquele que diz mal de outrem ou aquele que de boa vontade o escuta”. Que se não existissem os que escutam não haveria aí maldizentes. Por isto deve (o) homem mostrar que não lhe praz em falar assim pela boca nesciamente e muitas vaidades com soberba e desonestidade e jurar e perjurar e mentir (de) acinte em difamar outrem com o seu abaixamento. /13v/ E também com tocamentos vilões e desonestos em si mesmo ou em outrem; igualmente se deve (o) homem confessar do afincado cuidado que teve em bem se vestir ou calçar e em todas as outras maneiras quando vai à igreja ouvir a palavra de Deus.

E se (a) pessoa teve desordenado prazer em cheirar os doces cheiros terreaes. Esta é a quarta condição que há-de existir na confissão.

A quinta é que seja humildosa, pois a pessoa deve confessar-se em temor e humildade. E espargir todo o seu coração ante Deus e seu confessor, assim como um pote cheio de água de que não fica nem cor nem odor nem sabor, assim como faria de vinho ou de mel ou de leite. Ele retém a cor (do pecado) quando retém os maus jeitos; retém o odor do pecado quando o não pratica, mas de boamente ouve falar nele; retém o sabor (do pecado), quando pensa nos pecados que fez e se deleita<sup>117</sup>.

O que verdadeiramente se arrepende deve guardar-se destas três cousas acima ditas. Mas o religioso ou religiosa que amiúde vai fora de seu claustro, para más penas se guarda. Nós achamos nas Escrituras que Isaac teve dois filhos: Jacob e Esaú. Esaú era caçador e ia amiúde caçar bestas selvagens. E, assim, perdeu a bênção de seu pai que havia de ter como primogénito. E Jacob, que era segundo, a ganhou porque ficava em casa. Por Esaú são entendidos (os) religiosos e religiosas que desamam seu /14r/ claustro e não têm aí prazer por minguia do amor de Deus. E por isto vão de boa vontade caçar ao mundo as vãs consolações e as deleitações seculares. E assim acontece que eles perdem a bênção de seu pai que é a graça de Deus e o paraíso que é a nossa herança. Por Jacob se entendem os bons que amam seu claustro e seu mosteiro e estão nele de boamente pelo amor de Deus em cujo serviço estão metidos. E Ele os cria com divinas consolações de modo que os terreaes sempre lhe são amargosos e de desprazer. E tais pessoas guardam a bênção e a herança de seu pai que é a graça de Deus e o paraíso.

A sexta condição que deve existir na confissão é que o homem se deve confessar amiúde para ganhar mais graça e mais limpeza de consciência pelos pecados veniais em que cai muitas vezes. E quem amiúde cai amiúde se deve levantar,

assy como homem sostem a n•o que sse nom alague Desy por encorrer de ssy o diabo. assy como se alonga a aue donde lhe desfazem ho ninho. E ajnda por aprender bem a sse confessar *que* a husança faz os meestres. Desy temendo que homem nom esta bem confessado *e* rrepr•dido. assy deue homem de rrecobrar *e* conprir o que fez *menos* do que *conpria*. desy por obedeeçer *e* auer mais meryto. por estas tres cousas se confessaua h• homem amehude segundo he contado na uida dos padres (...) /14v/ Haauees ouuido como sse homem deue confessar. Ora deuees de saber que çinquo cousas som que enbarguam v•r aa cõfissõ a primeira he uergonha. Mes uergonha da danaçõ perdurauell a deue de uençer. A segunda medo maaõ de fazer penitência A terceira desordenado amor. quando hom• ama tanto seu deleito que nom pode ou nõ quer leixar o pecado *e* peenssa que embalde se confessaria *e* assy se dormeçe em elle como porco em esterco. A quarta cousa esperança de lingua uida. de que muytas gentes som enguanadas. ca *deus* pormete *perdom* aaquelle que sse rrepreende. mais nom lho promete de menh• segundo diz som sam gregorio. A quinta cousa he desesperaça. Mes homem deue

---

<sup>117</sup> Não foi seguida com fidelidade a literalidade do original para que este parágrafo recebesse um mínimo de coerência no seu entendimento, alterando-se a ordem das palavras e acrescentando-se outras.

pensar que *deus* ha mayor uontade de perdoar aaquelles que de b• coração se rrepreendem *que* elles de demandar *perdom*.

*Capitollo* xvij da satisfaçom *que* deue seer *fecta* por o pecado. E de como o rreligioso pode gaanhar paz *e* amor com seu abbade

Despois da confissom deue v•r satisfaçom esto he emmenda que homem deue fazer *per* mandado *e* consselho de seu confessor que deue dar a p•dença segundo o feito. E he tehudo com boa uontade. obedeçeer quem quer auer saude. Ora auees ouujdo como ha paz com *deus* que he h•a das iiijº *que* pert•çe ante *que* homem possa seguramente edeficar seu castello /15r/ A outra he que homem deue dauar paz com *seus* prellados. a qual se pode auer se homem nom detraae nem murmura nem julgua mall deles nem de *seus* ditos nem feitos. nem de ssuas hidas nem vijndas n• de ssuas hordenanças. Nem ouça n• escuyte fallar delles. E sse lhes aas uezes parecer que em elles ha menos de rrelligiom que deue ligeiramente os pode escusar. Porque em muytas cousas som ocupados. E assy diz sam gregorio se alg•s sogeitos ham maaao prellado acus• sy meesmos *e* nom ho prellado ca pollos meriçimentos dos sojeitos som hordenadas as pessoas dos prellados. E *deus* disse pollo pecado do poboo leixo eu rreinar. ho ypocrita *e* uerdade he *que* o exenplo dos m•os prellados faz pecar muytos dos sojeitos Mes segundo disse sam pedro b• he soportar os b•s *e* hos m•os *e* obedeçeerlhe segundo rrazom. E deue o b• rreligioso teer em gram cortesia se seu mayor o auança *e* mete aos ofiçios outros primeiro que elle. Que quem perfeytamente ama *deus* nom deue querer nem buscar senom p•sar em elle *e* seruillo em paz *e* segurança de coraçõ *e* fugir a todas outras ocupaç•es. E assy se busca a paz cõ *seus* mayores.

*Capitollo* xvijº de como se gaanha a terceira paz

tal como a pessoa sustém a nau (para) que se não alague e para afastar de si o diabo, assim como a ave se afasta de onde lhe desfazem o ninho. E ainda para aprender a confessar-se bem, que a usança faz os mestres.

Temendo, igualmente, que (a) pessoa não esteja bem confessada e reprimida, assim deve ela recuperar e cumprir o que fez menos do que cumpria e, também, para obedecer e ter mais mérito. Por estas três razões se confessava um homem amiúde segundo se conta na vida dos padres (...) /14v/.

Haveis ouvido como (a) pessoa se deve confessar, agora deveis saber que há cinco coisas que embaraçam vir à confissão.

A primeira é vergonha. Mas deve vencê-la a vergonha de condenação perdurável. A segunda, medo mau de fazer penitência. A terceira, desordenado amor, quando a pessoa ama tanto o seu deleite que não pode ou não quer deixar o pecado e pensa que em balde se confessaria e, assim, adormece nele como porco em esterco. A quarta coisa, esperança de longa vida – do que muitas pessoas se enganam – porque Deus promete perdão àquele que se arrepende, mas não lho promete de manhã, segundo diz S. Gregório. A quinta coisa é desesperança. Mas a pessoa

deve pensar que Deus tem maior vontade de perdoar àqueles que de bom coração se arrependem do que eles de demandar perdão.

Capítulo 17º. – Da satisfação que deve ser feita pelo pecado. E de como o religioso pode ganhar paz e amor com seu abade.

Depois da confissão, deve vir (a) satisfação, isto é, emenda que o homem deve fazer por mandado e conselho de seu confessor que deve dar a penitência segundo a acção. E quem quer ter salvação é obrigado a obedecer com boa vontade.

Ora haveis ouvido como há paz com Deus que é uma das quatro (espécies de paz) que são mister antes que o homem possa edificar seguramente o seu castelo. /15r/ A outra é que (a) pessoa deve ter paz com seus prelados, a qual se pode alcançar se a pessoa não detrai nem murmura nem julga mal deles nem de suas palavras e acções, nem de suas idas e vindas nem de suas ordenanças. Nem ouça nem escute falar deles. E se às vezes lhe parecer que neles há menos religião do que deve, com facilidade os pode desculpar porque estão ocupados em muitas cousas. E, assim diz S. Gregório, se alguns súbditos têm mau prelado, acusem-se a si mesmos, e não o prelado, porque pelos merecimentos dos súbditos são ordenadas as pessoas dos prelados.

E Deus disse: "Pelo pecado do povo deixo Eu reinar o hipócrita". E verdade é que o exemplo dos maus prelados faz pecar muitos dos súbditos. Mas, segundo disse S. Pedro, bom é suportar os bons e os maus e obedecer-lhes segundo (a) razão. E deve o bom religioso ter em grande cortesia se o seu superior o pretere e mete aos officios outros primeiro que ele, (pois) quem ama a Deus perfeitamente não deve querer nem buscar senão pensar Nele e servi-Lo em paz e em segurança de coração e fugir a todas (as) outras occupaões. E, assim, se granjeia a paz com os seus superiores.

Capítulo 18º. – De como se ganha a terceira paz.

A terceira paz he com aquelles *e* com aquellas com *que* mora que pode auer pollo amar *e* trabalhar /15v/de seer amado. Que assy como diz seneca. o amor doutrem nom pode alguu melhor auer que *per* amar. assy deue home sofrer as •firmidades dos outros *e* fazer como queria que lhe fizessem. E nom julgar nem condanar. Mes sseer benino a todos *e* fazer lhe honrra *e* rreuerença Jsto deue homem fazer por *deus* puramente *e* por auer a uerdadeira paz a todos quanto em elle he. assy como diz sam paullo bem pode homem sagemente *e* sem queixume esquyuar a conpanhia daquelles que he perijgosa de seguir. E por jsto nom deue homem meter seu coraçõ tanto em alg •a creatura que o nom possa bem thirar. se mester for E jsto sera ligeiro de fazer. se todos os amores sã hordenados segundo *deus*. assy ha homem paz a seus proximos *e* a sseus conpanheiros.

Capitollo xixº da quarta paz. E de como *per* a gaanhar he necesario falar pouco

A quarta paz que homem deue a auer conssigo. esta he assaz forte dauer. Mes o amor de *deus* todas cousas pesadas faz ligeiras. esta paz nom pode *perfeitamente* auer *quem* nom ha uerdadeira pobreza que os rreligiosos ham prometida *e* desprezam •to de ssy meesmos. *scilicet*.

que se nom preze nem deseje seer prezado. Mes desprezado por amor de *deus*. esta pobreza desprito ham aquelles a que abasta o que lhes he mynjstrado de ssua rrellegiom. E todo o que lhe dizem e fazem tomam em paçiência. por amor de *deus*. A este estado vijria /16r/ asinha quem teuesse escripta em seu coração e se rrecordasse amehude da grande homildade e maraujlhossa sofrença e jnfijnda pobreza de *Jhesu christo* que morreo em na cruz todo Nuu por Nos. Quem de ssy meesmo busca paz em outra parte ou pobreza ou despreço nom a achara. Que quem murmura ou he triste de ssua pobreza. E quem ha door no coração e he descontente e ha despreza nom ha paz comsigo. E por que hom• possa vijr a esta paz. deue rroguar a *deus* conthinuadamente e amehude peenssar em sua grande pobreza e humjldade e maraujlhossa sofrença. desta paz disse sam bernardo h• glorioso moto e breue. {*Ama nesciri*} Que quer dizer. ama que te nom saibham se tu has alg• bem em ty. tanto como em ty he. deseja que alg• nom to saibha. senom soo *deus*. Bem deuyamos deseiar que nossos prouiximos nos vissem por auer• b• enxemplo E nõ por seermos louuados. Mes *deus* que o faz em Nos. Pera auer esta paz uall muyto falar pouco. assy como diz o prouerbio quem de todo se calla de todo ha paz.

*Capitollo xx* que a esposa de *Jhesu christo* deue seer linpa e virgem E poem çertos sinaaes de virgindade.

Ora auees ouujdo a quem auees dauer paz. a *deus* e a uossos proximos e a uossos mayores e a uos meesmos. Ora deuemos de saber. que *Jhesu christo* he esposso nom tam solamente das mongas. Mes de todas as santas almas /16v/ E assy como elle he linpo quer auer esposa sem çugidade. Assy como diz no liuro do leujtyco. que o prinçepall crelligo deue filhar molher pera seu casamento. que seia uirgem e nõ çuja. n• com•ha. Pollo crelligo se entende *Jhesu christo* que nom filha esposa se nom he ujrgem. E Por Jsto he escripto no quinto liuro da ley. que sse

A terceira paz é com aqueles e aquelas com quem mora, a qual pode obter-se por amar e esforçar-se /15v/ por ser amado, que, assim, como diz Séneca, o amor de outrem ninguém melhor o pode conseguir que por amar.

Assim deve a pessoa sofrer as enfermidades dos outros e fazer como queria que lhe fizessem e não julgar nem condenar, mas ser benigno (para) todos e fazer-lhes honra e reverência. Isto deve (a) pessoa fazer puramente por Deus e para ter a verdadeira paz (com) todos quanto em si cabem. Assim, como diz S. Paulo, bem pode (a) pessoa, sagesmente e sem queixume, esquivar a companhia daqueles que é perigoso de seguir. E, por isto, não deve alguém meter seu coração tanto em alguma criatura que o não possa tirar, se mester for. E isto será ligeiro de fazer se todos os amores forem ordenados segundo Deus. Assim tem (o) homem paz (com) seus próximos e seus companheiros.

Capítulo 19º. – Da quarta paz. E de como para a ganhar é necessário falar pouco.

A quarta paz que a pessoa deve ter consigo é assaz difícil de conseguir. Mas o amor de Deus todas as cousas pesadas faz ligeiras. Esta paz não (a) pode verdadeiramente ter quem não

tem (a) verdadeira pobreza que os religiosos prometeram e desprezo de si mesmos, isto é, que não se preze nem deseje ser prezado, mas desprezado por amor de Deus.

Esta pobreza de espírito têm aqueles a quem abasta o que lhes é ministrado pela sua religião. E tudo o que lhes dizem e fazem tomam em paciência por amor a Deus. A este estado viria /16r/ depressa quem tivesse escrita no seu coração, e (dela) se recordasse amiúde, da grande humildade e maravilhoso sofrimento e infinda pobreza de Jesus Cristo que morreu na cruz, todo nu, por nós. Quem de si mesmo busca paz, em outra parte ou pobreza ou despreço não a acharia. Que quem murmura ou se entristece da sua pobreza, e quem tem dor no coração e está descontente e a despreza, não tem paz consigo. E para que alguém possa vir a esta paz, deve rogar a Deus continuamente e amiúde pensar em sua grande pobreza e humildade e maravilhoso sofrimento. Desta paz disse S. Bernardo um mote glorioso e breve - {*Ama nesciri*} - que quer dizer "ama que não saibam se tu tens algum bem em ti, tanto como em ti é, deseja que ninguém to saiba, senão só Deus".

Bem devíamos desejar que nossos próximos nos vissem para terem bom exemplo e não para sermos louvados, mas Deus que o faz em nós. Para ter esta paz vale muito falar pouco como diz o provérbio: "Quem de tudo se cala, de tudo tem paz".

Capítulo XX – Que a esposa de Jesus Cristo deve ser limpa e virgem. E põem certos sinais de virgindade.

Já ouvistes (com) quem deveis ter paz: com Deus e com vossos próximos e com vossos superiores e com vós mesmos. Ora devemos saber que Jesus Cristo é esposo, não tão-somente das monjas mas de todas as almas santas. /16v/. E, assim, como ele é limpo, quer esposa sem sujidade. Assim como diz no Livro do Levítico que o principal clérigo deve tomar mulher para seu casamento que seja virgem e não suja nem comum. Pelo clérigo se entende Jesus Cristo que não toma esposa que não seja virgem. E por isto está escrito no quinto Livro da Lei que, se o

homem *rrequere* a sua esposa *signaaes* de *uîrgijndade*. *ella* he *theuda* de os mostrar. dos *quaaes* antre os outros *mujtos* som *quatro* *espiçiaaes* *per* que *uîrgijndade* he conhecida. • O primeiro he *humjldade*. Sem a *quall* *uîrgijndade* pouco *uall* Que segundo diz *sam* *bernardo* sem *uîrgijndade* pode homem *seer* *saluo*. O que *nom* pode *sseer* sem *humjlldade*. Por *jsto* disse *nossa* *senhora* no *manjficatē*. que *deus* *esguardara* sua *humjlldade* e *nom* *ssua* *uîrgijndade*. E *h•a* *corruta* *rrepeendida* e *homjldosa* mais *praz* a *deus*. que *h•a* *uîrgem* *soberua*. Mes *quando* *uîrgijndade* e *homjlldade* *sam* em *h•a* *pessoa* *esta* *praz* *mujto* a *deus*.

*Capitollo* *xxj* do segundo sinal da virgindade E de como sem vergonha *n•h•a* *cousa* pode *seer* *onesta*.

O *ssegundo* *signall* da *uîrgijndade* he *uergonha* em *rrosto* de que *sam* *bernardo* diz. Oo como he *fremosa* E *esprandeçente* e *preçiosa* *pedra* *uergonha* em *façe* de *noua* *pessoa*. Esta he *gloria* *espeçiall* de *conçiença* e a *guarda* de *boa* *nomeada*. Çerto de *uirtudes* e *louuor* /17r/ de *natureza*. çerto *signall* de *todas* *onestydades*. *Nom* *sey* se *mais* *graçiosa* *cousa* pode *sseer* *achada* na *conuerssaçom* dos *hom•s* e *molheres*. E *tulio* o *saies*. disse. sem *uergonha* *n•h•a* *cousa* pode

sseer direita nem honesta. Ora pois seja a alma *e* esposa de *Jhesu christo* seguidor do enxenpro da ssua bendita madre temerosa *e* uergonhosa. que aa saudaçom do anjo com pensamento foi toruada. o aauto da toruaçom lhe ueeo de uergonha uirginall. O pensamento naçeo de *pred•çia* *e* descreçom. E assy huu sem outro uall pouco. vergonha sem prudência he bestiall. prudência sem uergonha he *pres•tuosa*. Por jsto a amiga de *deus* deue seer uergonhosa sajesmente. E saies uergonhosamente.

*Capitollo xxij* do terceiro sinal *e* quarto E de como a corruta se torna virgem E rrecobra a graça ante *perdida*

O terceiro signall de uirgijdade he pobreza de dinheiro Ca sse homem a hua sijnpres moça uysse muytos dinheiros a rrazom faria prosomir que nom era uirg• Mes que os ouuera *per* desonesto guaanho. E Por Jsto se custuma dizer dh•a pobre pessoa. elle he mais pobre que h•a uirgem. *Jhesu christo* he rrico rrey. he todo poderoso. Por Jsto *quer* filhar esposa pobre *e* Nua. assy como fazem os rreis da terra. a uerdadeira esposa de *Jhesu christo* nom pode leuar comsigo cousa de que lhe tão /17v/ praza como santa pobreza. que elle amou *senpre* tanto que morreo na cruz pobre *e* todo Nuu. E sabe que pobreza sijnpresm•te nom he uirtude. Porque muytos hi ha de pobres *contra* sua u•tade que nom ham merito. Mes amor de pobreza he meriçimento E uirtude. Por jssso disse *Jhesu christo*. bem auenturados som os pobres despritu. Ho quarto signall de uirgijndade he doçe *e* sijnpres delguada uoz. Porque as currutas ham as uozes grossas *e* rroucas *e* rudes. Sijnpres uoz ha *quem* sijnpresmente se confessa. E doçe uoz. ha quem doçem•te fala a todos pallauras de edeficaçom. Ca *escripto* he em sallamom. a doçe palaura multiprica amigos *e* apaçefica *e* faz boa u•tade aos ymijgos. delguada uoz ha *quem* nom sabe fallar sse nã pallauras çellistreaaes *e* de louuor *e* deuotas oraç•es por ssy *e* por seus prouiximos que u•o ante *deus*. que diz nos canticos a ssua esposa. Seja ouujda tua uoz nas minhas orelhas por que he doçe *e* a tua face fremossa. Aquelles ham grossas uozes que nom sabem fallar.

homem requer a sua esposa sinais de virgindade, ela é obrigada a mostrá-los, dos quais entre os outros muitos são quatro especiais por que (a) virgindade é conhecida: o primeiro é humildade, sem a qual (a) virgindade pouco vale, pois, segundo diz S. Bernardo, sem virgindade pode (o) homem ser salvo – o que não (o) pode ser sem humildade. Por isto disse Nossa Senhora no *Magnificat* que Deus esguardara sua humildade e não sua virgindade. E uma corrupta arrependida e humildosa mais praz a Deus que uma virgem soberba. Mas quando virgindade e humildade existem na mesma pessoa, esta muito praz a Deus.

Capítulo 21º. – Do segundo sinal de virgindade. E de como sem vergonha, nenhuma coisa pode ser honesta.

O segundo sinal da virgindade é vergonha (no) rosto de que S. Bernardo diz: “oh! Como é formosa e resplandecente e preciosa pedra (a) vergonha em face de pessoa nova”. Esta é glória especial da consciência e a guarda da boa nomeada, (sinal) certo de virtudes e louvor /17r/ de natureza, sinal certo de todas (as) honestidades. Não sei se cousa mais graciosa pode ser achada na conversação dos homens e mulheres. E Túlio, o sages, disse: “Sem vergonha, nenhuma cousa pode ser direita nem honesta”. Ora pois seja a alma e esposa de Jesus Cristo seguidora do



exemplo de sua bendita Mãe, temerosa e vergonhosa, que à saudação do anjo foi torvada em pensamento. O acto de torvação lhe veio de vergonha virginal. O pensamento nasceu de prudência e discrição. E assim um sem outro vale pouco: vergonha sem prudência é bestial; prudência sem vergonha é presuntuosa. Por isto a amiga de Deus deve ser vergonhosa sagesmente e sages vergonhosamente.

Capítulo 22°. - Terceiro sinal e quarto. E de como a corrupta se torna virgem e recobra a graça antes perdida.

O terceiro sinal de virgindade é pobreza de dinheiro pois que, se (um) homem a uma simples moça visse muitos dinheiros, a razão faria presumir que não era virgem mas que os obtivera por desonesto ganho. E por isto se costuma dizer de uma pessoa pobre: "Ela é mais pobre que uma virgem". Jesus Cristo é rico Rei, é todo-poderoso. Por isto quer tomar esposa pobre e nua, como assim fazem os reis da terra. A verdadeira esposa de Jesus Cristo não pode levar consigo cousa de que tanto lhe /17v/ praza como santa pobreza que Ele amou sempre tanto que morreu na cruz pobre e todo nu. E sabeis que pobreza simplesmente não é virtude porque muitos pobres aí existem contra sua vontade que não têm mérito. Mas amor de pobreza é merecimento e virtude. Por isso disse Jesus Cristo: "Bem-aventurados são os pobres de espírito".

O quarto sinal de virgindade é doce e simples voz delgada. Porque as corruptas têm as vozes grossas e roucas e rudes. Voz simples tem quem simplesmente se confessa. E voz doce tem quem docemente fala a todos palavras de edificação, pois que está escrito em Salomão: "A palavra doce multiplica amigos e pacifica e faz boa vontade aos inimigos". Voz delgada tem quem não sabe falar senão palavras celestiais e de louvor e devotas orações por si e seus próximos que vão perante Deus, que diz nos cânticos a sua esposa: "Seja ouvida tua voz nas minhas orelhas porque é doce e a tua face formosa". Vozes grossas têm aqueles que não sabem senom das cousas do mundo *e* da carne *e* dos deleitos della. E ssam paullo diz maas pallauras conrronpem boos costumes. Ora deuemos de saber que a alma he senpre uirgem. ataa *que* peca mortalmente. E entom he corruta *e* desauijnda de seu doce amjgo *e* uerdadeiro esposo Jhesu christo. Mes como sse rrepreende uerdadeiramente *e* sse confessa inteiramente *e* faz emmenda /18r/ homildosamente ella he uirgem como dante *e* rrecobrada aa graça *e* amor do sseu esposo b• Jhesu christo. que disse *per* Jeremjas a alma pecador. chamandoa doçemente. Tu as disse elle auydos muytos prazeres *e* has longo tenpo husado de tua u•tade *e* es metida em tuas çujas fornjguaç•es. Mas tornate m•<sup>118</sup> *e* eu te rreçeberey doçemente. dereitamente muyto he o coração desnaturado *e* pouco peenssa *e* em ssua saluaçom que ao chamado de tam doçe Senhor ã torna *per* emmendamento de uida. Pois *per* tornar pode rrecobrar sua vijrgijdade *e* nobreza. assy como diz sam geronjmo. E põe deferença antre o casamento esprituall *e* o carnall que no casamento carnall as uirgees tornam conrrutas. Mas no esprituall a curruta torna uirgem. esto se entende quanto a alma. Por *que* a carne h•a uez conrruta ã pode mais cobrar uirgijndade. aynda que mayor merito pode guaanhar *e* mais amor de deus. que assy como diz sam gregorio. Mais ama h• senhor h• seruidor que foge da batalha *e* despois torna *e* faz grandes fectos *que* aquelle que

<sup>118</sup> Na edição: ••pelo grafema y com ~ no ms.

Nunca fez bem nem fogio. E o canpo que ja teue espinhas *e* depois da boo trijgo he mais amado de seu *Senhor* que aquelle que nunca deu nem espinhas nem frujto E assy he do pecador. se depois de seus pecados se *repreende* amarguosamente *e* ama *deus* *e* honrra com gram feruor *e* esforço /18v/ Elle com este he mais ledo que com outro que Nunca pecou nem amou. nem bem obrou. Ora uistis os quatro signaaes *per* que homem conhece se h•a molher he uirgem. *scilicet*. humjldade *e* uergonha *e* pobreza *e* delguadeza de uoz. *que* sam ja declaradas espiritualmente que o doce *e* leall esposo das santas almas *Jhesu christo* rrequere a ssuas esposas E em quem as acha ama lealmente. E se ella *persseuera* ataa fim em lhe bem guardar lealdade. elle a coroa altaamente em allegria perduraujll. aaquall *nos* leue o padre *e* filho *e* espritu santo amem.

Aquy começa a segunda parte de nosso castello.

*Capitollo* xxiiij por *que* rrezom ho hom• tem a cabeça jnclinada aa terra E que a nosa morada nom he aquy.

Ora auemos buscado o lugar *pera* edeficar nosso castello. esto he em terra de paz *e* a materia aparelhada *pera* hordenar o edefiçio. *scilicet*. graças *e* uirtudes que som neçessarias a buscar aquella paz *e* os quatro signaaes de uirgiyndade que *deus* rrequere a ssuas esposas que som em lugar de pedra /19r/ *e* call *e* de barro que cõuem Juntar *per* trabalho *e* amor. Ora seja *deus* cõnosco que Nos lhe possamos edeficar castellos de nossos coraç•es. em que a elle praza morar. assy como *nos* elle prometeo no euangelho. Eu sam cõuosco ataa fim do mundo falar senão das cousas do mundo *e* da carne *e* dos deleites dela. E S. Paulo diz: “Más palavras corrompem bons costumes”.

Ora devemos saber que a alma é sempre virgem até que peca mortalmente. E, então, é corrupta *e* desavinda de seu doce amigo *e* verdadeiro esposo, Jesus Cristo. Mas quando se arrepende verdadeiramente *e* se confessa inteiramente *e* faz emenda /18r/ humildosamente ela é virgem como dantes *e* recobra a graça *e* amor do seu esposo bom, Jesus Cristo, que disse por Jeremias à alma pecadora, chamando-a docemente, “Tu”, disse Ele, “tiveste muitos prazeres *e* usaste longamente da tua vontade *e* estás metida em tuas sujas fornicções; mas torna-te a mim, Eu te receberei docemente *e* diretamente”.

O coração que ao chamado de tão doce Senhor não torna para emendamento de vida é muito desnaturado *e* pouco pensa em sua salvação. Pois por tornar pode recobrar a sua virgindade *e* nobreza, como assim diz S. Jerónimo. E põe diferença entre o casamento espiritual *e* o carnal pois que no casamento carnal, as virgens (se) tornam corrompidas, mas no espiritual, a corrompida (se) torna virgem. Isto se entende quanto à alma, porque a carne, uma vez corrompida, não pode mais cobrar virgindade, ainda que maior mérito possa ganhar *e* mais amor de Deus, porque, como assim diz S. Gregório, “mais ama um senhor (a) um servidor que foge da batalha *e* depois torna *e* faz grandes feitos do que aquele que nunca fez bem nem fugiu”. E o

campo que já teve espinhos e depois dá bom trigo é mais amado do seu senhor do que aquele que nunca deu nem espinhos nem fruto. E assim é do pecador se depois dos seus pecados se repreende amargosamente e ama Deus e (o) honra com grande fervor e esforço /18v/. Ele com este é mais ledo do que com outro que nunca pecou nem amou nem bem obrou.

Já vistes os quatro sinais por que um homem conhece se uma mulher é virgem, a saber, humildade e vergonha e pobreza e delgadeza de voz que são já declaradas espiritualmente que o doce e leal esposo das santas almas, Jesus Cristo, requer a suas esposas. E em quem as ache ama lealmente. E se ela persevera até (ao) fim em bem lhe guardar lealdade, ele a coroará altamente em alegria perdurável à qual nos levem o pai e filho e espírito santo Amém.

Aqui começa a segunda parte do nosso Castelo.

Capítulo 23º. – Por que razão o homem tem a cabeça inclinada à terra. E que a nossa morada não é aqui.

Já buscámos o lugar para edificar (o) nosso castelo. Isto é em terra de paz e a matéria aparelhada para ordenar o edifício, a saber, graças e virtudes que são necessárias a buscar aquela paz e os quatro sinais de virgindade que Deus requer a suas esposas que são em lugar de pedra /19r/ e cal e de barro que convém juntar por trabalho e amor.

Ora seja Deus connosco que nós lhe possamos edificar castelos de nossos corações em que a Ele praza morar, como assim Ele nos prometeu no evangelho: “Eu estou convosco até (ao) fim do mundo.”

Este castello chamamos nos *perijguoso*. por que sobre os outros he forte de guardar. E *perijguoso* de teer. E quall *quer* que ha entendimento. bem sabe que em fazer h• forte castello ha grande studo E ha mester muytas condiç•es. S• as *quaaes* nom *seria* bem seguro. A Primeira deue seer em terra de paz como Ja he dicto. desy deue sseer aseentado em lugar alto. que os *Jmijgos* nom possam lla bem hir. desy deue dauer aliçeçe porfundo e cauas altas e largas e os muros dobres. E em meyo do castello deue sseer a fortelleza que se chama da menajem honde homem. se a dacolher. se o castello fosse filhado de sospeita. a ho castello *conpre* hua *prinçepall* porta e h• porteiro e assy aas outras portas de fora. E na *prinçepall* torre deue auer hua uella que aja boo cuydado de dia e de noite pera guardar. o castello. e deue sseer bem *proueudo* de bitalhas e daugua E se alg•a destas cousas falleçe mall se pode teer contra os *Jmijgos* espicialmente se de todas partes he combatido. ••E por Jsto eu digo que o castello do coraçõ que nos queremos edeficar deue seer aseentado em lugar alto. *per* alteza de boa ujda /19v/ que como *quer* que conuenha ao corpo morar em este ualle de miseria a cõuersaçom do coraçõ deue seer no çeeo segundo diz sam paullo E por Jsto antre todas as ujuas creaturas. o hom• tem a cabeça derejta ao çeeo. E todas as outras bestas a trazem emcrynada aa terra. Em seneficança que homem deue senpre pensar alto. E que a nossa terra nom he aquy. Mes no çeeo. Nem auemos aquy çidade durauell. Mes aguardamos a que hade v•r. esta he a çidade do parajso. disse sam paullo que do parajso saymos. E lla tornaremos se *per* Nos nom fica. Nos nom somos senõ

pelegr•s em este mundo que he conprido de perijgos. E assy nos deuemos manteer em elle como aquelles que ueem longe de suas terras em rromaria que nom buscam terras nem possiss•es. E fora de sua comarca nom se *querem* deteer Mes uaaom senpre por diante com huu soo desejo de tornar a ssua terra. assy deue fazer a deuota pessoa que conhece que Nos nom somos senõ pelegr•s • este mundo E nom se deue de rreteer em as cousas delle n• cobijçar n• buscar rriquezas nem honrras nem outros uijços tenporaas Mes tam soamente a gouernança do corpo *e* teer senpre o coração a ssua terra. E triguarsse que çedo hi seia. Quem ha seus pensamentos *e* desejos *e* seu amor aficado em o çeeo alongase do mundo *e* despreçao. E começa seu castello em alto lugar *e* nom se teme sseer filhado do laço do diaboo. Que a escriptura diz em uaaom he lançada a rrede ante os olhos das aues. que os caçadores nō filham senom as aues que uoam baixas açerca da terra. que as que alto uoam nom as pode a rrede filhar /20r/ E assy he espiritualmente que aquelles que ham seus coraç•es nos uiços deste mundo *e* çugidades. filha o diaboo em sua rrede. Mes em os que uoam alto *per* alteza de ujda nom ha elle poder *e* espiçialmente em tenpo doraçõ deue homem auer o coração leuantado a *deus*. E na jgreia quando homem *serue deus*. deue teer seu coração em elle. doutra guisa perde seu trabalho Esto he as conssollaç•es deuynaaes. que *deus* tira dos coraçoes *que* uã vagando *per* ca *e* *per* lla *e* nom parã mentes em cousa *que* digã E teem o corpo na jgreia *e* o coração cõ o diaboo. Estes tolh• a *deus* todo o que elle em elles ama. Jsto he o coração *que* de nos quer.

*Capitollo xxiiij que home deue creer em deus E em seus sacram•tos.*

Este castelo chamamos nós perigoso porque sobre os outros é difícil de guardar e perigoso de ter. E qualquer (pessoa) que tem entendimento bem sabe que em fazer um forte castelo há grande estudo e há mister muitas condições, sem as quais não seria bem seguro.

A primeira deve ser em terra de paz, como já se disse, e deve também estar assentado em lugar alto que os inimigos não possam lá ir bem. Depois deve ter alicerce profundo e fossos altos e largos e os muros dobrados. E em meio do castelo deve estar a fortaleza que se chama de menagem onde uma pessoa se há-de acolher se o castelo fosse tomado de surpresa.

Ao castelo pertence uma porta principal e um porteiro e assim às outras portas de fora. E na torre principal deve haver uma sentinela que tenha bom cuidado de dia e de noite para guardar o castelo e deve ser bem provido de vitualhas e de água. E se alguma destas coisas falta, mal se pode aguentar contra os inimigos, especialmente se de todas as partes é combatido. E por isto eu digo que o castelo do coração que nós queremos edificar deve ser assentado em lugar alto, por alteza de boa vida /19v/ que como quer que convenha ao corpo morar neste vale de miséria a conversação do coração deve ser no céu, segundo diz S. Paulo.

E por isso entre todas as criaturas vivas, o homem tem a cabeça direita ao céu e todas as outras bestas a trazem inclinada à terra em significação (de) que (o) homem deve sempre pensar alto e que a nossa terra não é aqui mas no céu. Nem temos aqui cidade durável mas aguardamos

a que há-de vir. Esta é a cidade de Paraíso, disse S.Paulo, que do Paraíso saímos e lá tornaremos se nós não nos afincarmos aqui.

Nós não somos senão peregrinos neste mundo que é cheio de perigos. E assim nos devemos manter nele como aqueles que vêm de longe de suas terras em romaria (e) que não buscam terras nem possessões. E fora de sua comarca não se querem deter mas vão sempre por diante com um só desejo de tornar à sua terra. Assim deve fazer a pessoa devota que conhece que nós não somos senão peregrinos neste mundo e não se deve reter nas coisas dele nem cobiçar nem buscar riquezas nem honras nem outros atractivos temporais mas tão somente a governança do corpo e ter sempre o coração (na) sua terra. E apressar-se que cedo aí esteja. Quem tem seus pensamentos e desejos e seu amor fincado no céu alonga-se do mundo e despreza-o. E começa seu castelo em lugar alto e não teme ser apanhado do laço do diabo. Que a Escritura diz: “Em vão é lançada a rede ante os olhos das aves que os caçadores não apanham senão as aves que voam baixas perto da terra, que as que alto voam não as pode apanhar a rede” /20r/. E assim é espiritualmente que aqueles que têm os seus corações nos atractivos e sujidade deste mundo apanha o diabo na sua rede. Mas os que voam alto por alteza de vida não tem ele poder e especialmente em tempo de oração deve o homem ter o coração levantado a Deus.

E na igreja quando alguém serve Deus deve ter seu coração Nele; de outra guisa perde seu trabalho, isto é, as consolações divinais que Deus tira dos corações que vão vagueando por cá e por lá e não atentam em cousa que digam e têm o corpo na igreja e o coração com o diabo. Estes tolhem a Deus tudo o que Ele neles ama, isto é, o coração que de nós quer.

Capítulo 24°. – Que uma pessoa deve crer em Deus e em seus sacramentos.

Pois que o aseentamento do castello he buscado ora deuemos de fazer o fundamento. que he de uerdadeira fe que homem deue auer *e* teer em *deus* *e* em *seus* sacramentos. que sem aljçe de fe pouco uall edefiço que façamos. E deue homem creer firmamente *e* sijnprezmente os doze artijgos da fe *que* som *contheudos* no credo. que os doze apostollos fizeram. segundo os doze fundamentos da çidade que sam Joham vio no apoculipsy. estes sam os aliçeçes sobre que auemos de fundar noso castello.

*Capitollo xxv que a humildade verdadeira ha dauer tres graaos E quem homildoso he amostrao em trajo E em palauras E em fecto E que sem ela nom pode algu• prazer a deus.*

Ante que uaamos em nosso edefiço. deuemos de fazer as fosas *per* que os jmijgos nom possam empençer a nosso castello que ajnda que eu dissesse que o edeficassemos /20v/ em terra de paz guardando as iiij° pazes suso ditas. aynda hi ha omizi•es ladr•es *e* tredores. estes som njglegências *e* tardanças a boas obras *e* palauras oçyosas. E a nossa propria carne que he h• dos perijguosos auerssairos que Nos auemos. dos quaaes se con deligência *nos* nom guardamos. elles entram em nosso castello. *e* fazem caminho aos grandes jmijgos que som os pecados mortaaes. *e* he filhado o castello. Por jsto sam neçessarias as cauas Estas seram de profunda humildade *e* dobrez de coração *e* dobra. Assy conuem que as fossas sejam dobres. *que* hua

humjldade sem outra pouco uall. que quem he humildoso de coração Elle ho mostra em trazer *e* em palauras *e* no feito. Mes segundo he *scripto* no ecresiastico. sam alg•s que mostram aa de fora signaaes dhumjlldade *e* de dentro sam cheos de soberua. E jsto he simulaçom. E assy quem quer edeficar castello praziuell deue a auer anbas as humjlldades. humjldade jaz em tres cousas. • Primeiro a boa pessoa humjldosa nom se preça nem *quer* seer doutr• preçada. esta semelha a l•a que mingua em sua cõssumaçom. que quando he xxx<sup>a</sup> *e* perfeita. he tam pequena que homem nõ ha pode ueer E jsto he por seer cheguado ao ssoll. E quanto se mais alongua tanto parece mayor. Assy he da /21r/ boa pessoa *e* deuota. que tanto como ella he mais perfeita *e* mais açerca do uerdadeiro soll da justiça Jhesu christo tanto lhe parece que em ssy ha menos de b•s E que he mais aaquem de mereçimentos. qua ella he tam yllumjnada do rrayo do uerdadeiro soll. que nom ha em sy tam pequena falta que ella bem nom ueja. E como melhor se uee tanto melhor se conhece *e* menos se preça. E o pecador. tanto como se mais alongua *per* pecado. deste uerdadeiro soll. tanto se menos uee *e* se conhece. E mais conta faz de ssy. Por jsto disse ysidoro. sey tu pequeno ante teus olhos. por que seias grande ante deus. Ca tanto seras delle mais preçado. quanto menos te preçares em teu coração. A segunda cousa em que ha uerdadeira humjlldade. he quando homem he desprezado doutrem. *e* por ujll tehudo. *e* o sofre de boamente por amor de deus. A terceira cousa he quando homem se tem em seu coração por menos dino *e* menos abastante que os outros em todos feitos. Verdadeira humilldade ha tres degraaos. segundo diz a grossa no auangelho de sam mateu. quando Jhesu christo ueheo a sam Joham por sseer bautizado. O primeiro degrao he abaixarsse *e* obedeeçer a seus mayores. Pero nom se meter ante seus jguaaes. este he assaz abastante a saluaçom *e* he neçessario a toda pessoa que se *quer*

Pois que está buscado o assentamento do castelo, devemos agora fazer o (seu) fundamento que é de verdadeira fé que (o) homem deve haver e ter em Deus e nos seus sacramentos, pois que, sem alicerce de fé, pouco vale edificio que façamos. E deve a pessoa crer firmemente e simplesmente (n)os doze artigos da fé que estão contidos no credo que os doze apóstolos fizeram, segundo os doze fundamentos da cidade que S. João viu no Apocalipse. Estes são os alicerces sobre que havemos de fundar nosso castelo.

Capítulo 25º. – Que a humildade verdadeira deve ter três graus. E quem humildoso é, mostra-o em traje, e em palavras e em acção. E que sem ela não pode alguém prazer a Deus.

Antes que vamos (ao) nosso edificio, devemos fazer os fossos para que os inimigos não possam empecer a nosso castelo que ainda que eu dissesse que o edificássemos /20v/ em terra de paz guardando as quatro pazes acima ditas, ainda aí há inimigos, ladrões e traidores.

Estes são negligências e tardanças (em) boas obras e em palavras ociosas e a nossa própria carne que é um dos perigosos adversários que nós temos, dos quais, se com diligência nos não guardamos, eles entram no nosso castelo e fazem caminho aos grandes inimigos que são os pecados mortais e é tomado o castelo. Por isto são necessários os fossos. Estes serão de profunda humildade e dobrez de coração e de obra. Assim convém que os fossos sejam duplos, pois uma humildade sem outra pouco vale, pois quem é humildoso de coração ele o mostra em

trajar e em palavras e na acção. Mas segundo está escrito no Eclesiástico, há alguns que mostram (ao) de fora sinais de humildade e (ao) de dentro estão cheios de soberba. E isto é simulação. E, assim, quem quer edificar castelo prazível deve ter ambas as humildades.

(A) humildade existe em três coisas. Primeiro. – A boa pessoa humildosa não se preza nem quer ser de outra prezada. Esta semelha à lua que mingua em sua consumação que, quando é trigésima e perfeita, é tão pequena que (o) homem a não pode ver, e isto por estar chegada ao sol que, quanto mais se alonga, tanto parece maior. Assim é da /21r/ pessoa boa e devota que tanto como ela é mais perfeita e mais perto do verdadeiro sol da justiça, Jesus Cristo, tanto lhe parece que em si há menos de bens e que é mais aquém de merecimento. Porque ela é tão iluminada do raio do verdadeiro sol que não há em si tão pequena falta que ela não veja bem. E como melhor se vê, tanto melhor se conhece e menos se preza. E o pecador, tanto como mais se alonga pelo pecado deste verdadeiro sol, tanto menos se vê e se conhece e mais conta faz de si. Por isto disse Isidoro: “Sê tu pequeno perante teus olhos para que sejas grande perante Deus, porque serás dele tanto mais prezado quanto menos te prezares em teu coração.”

A segunda cousa em que há verdadeira humildade é quando (o) homem é desprezado de outro e tido por vil e o sofre de boamente por amor de Deus.

A terceira cousa é quando (o) homem se tem em seu coração por menos digno e menos abastante que os outros em todos (as) acções. (De) verdadeira humildade há três degraus, segundo diz a glosa, no Evangelho de São Mateus, quando Jesus Cristo veio a S. João para ser baptizado. O primeiro degrau é abaixar-se e obedecer a seus superiores e não se meter entre os seus iguais. Isto é assaz abastante à salvação e é necessário a toda a pessoa que se quer salvar.

saluar. O ssegundo graao /21v/ he obedeeçer a seus jguaaes. E Nom se meter ante os meores que ssy. este he auondante. O terçeiro he obedeeçer aos meores. em este he perfeiçom de justiça e he chamado sobre auondante. esta perfeiçom amostrou nosso senhor Jhesu christo quando ueheo a ssam Joham por seer bautizado. Ca o Senhor ueyo ao sseruo. Quem assy se humjlda sem fingim•to e sem buscar o prazer do mundo. E que aja em sy esta dobrada homildade profundamente no coraçõ rreiguada. E que a mostre aa de fora per obras. elle ha as cauas dobradas pera guardar o castello do coraçõ. Ora he de saber que como a deuota pessoa saparelha a edeficar castello contra os jmijgos elles filham o mundo e a carne comsiguo e çercam o castello. E nunca se partem do çerco. ãte auera continuados conbates ataa morte antre o senhor e a senhora do castello e os jmijgos. se sse lhe nom rrendem Por jssso disse Job ujda dhomem sobre a terra he caualaria e he uerdade daquelles e aquellas que deus quer• serujr quer em rrelligiom quer no mundo que sem batalha nom som taaes jentes ataa morte. Jsto he o que sam paullo disse. quem quer viuer segundo deus elle sofrera perssigujç•es Mes sam bernardo diz coroa nom uem sem ujtoria. nem ujtoria sem batalha. E sam paullo diz que nom auera coroa quem lealmente nom pelejar /22r/ Mas o doçe rrey Jhesu christo que he senhor do canpo. da força e esforço a seus caualleiros na batalha. E nom sofre que seiam tentados aallem do seu poder. Esta he a batalha. e este cõbate he assaz ligeiro de uençer aos coraç•es namorados e conpridos desforço. pero seja longo ou trabalhoso aos priguçossos que sã molles ao seruiço de

deus. que neesta batalha n•h• he uençido se elle não quer obedecer e consentyr a sseu auerssaio. Este he o primeiro conbate pera encher as cauas por mais asinha entrar o castello Ca o diaboo se esforça e trabalha de thirar humjlldade do coração Porque ssem ella nom pode algh• prazer a deus. per outro bem que aja. Por jsto disse sam bernardo. eu ouço bem dizer que sem humjlldade a uirgem maria nom prouuera a deus E Sam gregorio disse. que quem sem humjlldade busca as outras uertudes. assy faz como quem lança poo ao uento. Quer dizer que perde seu trabalho. Por jssso uem o diaabo e filha pedras e terra e tonees uazios e lança na primeira fosa. assy como se custuma fazer nos castellos çercados. ataa que a caua he toda chea. E quer dizer que traz ao coração da boa pessoa. os b•s e uertudes que fez e as graças esprítuaaes ou tenporaaes que ha ou cujda auer. mais que os outros. assy que alg•as uezes o coração se leuanta tanto que a caua dhumjlldade he fecta h•a gram montanha de soberua. E santo aguostinho diz soberua he h•a montãha. em aquall o anjo que era mais craro que as strellas foy fecto escuro. E o mundo uem doutra parte que confirma /22v/ o que o diaboo mete no coração Jsto he quando a pessoa he louuada do mundo e tehuda por santa e a carne o consente que ligeiramente sacorda a honrra e uaydade E Por jsto sam os tonees uazios que estas cousas nom sam senom uento E assy se a senhora ou Senhor do castello adormeçem o castello sera asinha filhado se nom ha socorro E Por jsto he neçessario que com a dobre fosa aja dobrado muro que çerque o castello. pollo quall as fossas possam seer defesas.

O segundo grau /21v/ é obedecer a seus iguais e não se meter perante os menores que si. Isto é suficiente.

O terceiro é obedecer aos menores. Neste há perfeição de justiça e é chamado superabundante. Esta perfeição mostrou nosso senhor Jesus Cristo quando veio a S. João para ser baptizado porque o Senhor veio ao servo. Quem assim se humilda, sem fingimento e sem buscar o prazer do mundo e que tenha em si esta duplicada humildade profundamente arrojada no coração e que a mostre ao de fora por obras, tem ele os fossos duplicados para guardar o castelo do coração.

Ora é de saber que quando a pessoa devota se prepara a edificar (o) castelo contra os inimigos, eles tomam o mundo e a carne consigo e cercam o castelo e nunca se partem do cerco, antes haverá continuados combates até à morte entre o senhor e a senhora do Castelo e os inimigos, se não se lhe rendem. Por isso disse Job (que a) vida do homem sobre a terra é cavalaria e é verdade daqueles e daquelas que querem servir (a) Deus quer em religião quer no mundo, pois que tais pessoas não estão sem batalha até à morte. Isto é o que S. Paulo disse: “Quem quer viver segundo Deus, sofrerá perseguições”. Mas S. Bernardo diz: “Não vem coroa sem vitória, nem vitória sem batalha.” E S. Paulo diz que não terá coroa quem lealmente não pelejar /22r/. Mas o doce rei Jesus Cristo, que é senhor do campo, dá força e esforço a seus cavaleiros na batalha e não sofre que sejam tentados além do seu poder.



Esta é a batalha e este combate é assaz ligeiro de vencer aos corações namorados e cheios de esforço, mas será longo ou trabalhoso aos preguiçosos que são moles ao serviço de Deus, pois que nesta batalha ninguém é vencido se ele não quer obedecer e consentir a seu adversário. Este é o primeiro combate para encher os fossos para mais depressa entrar (n) o castelo, porque o diabo se esforça e trabalha (por) tirar (a) humildade do coração porque sem ela não pode alguém prazear a Deus por outro bem que tenha. Por isto disse S. Bernardo: “Eu ouço bem dizer que sem humildade a Virgem Maria não prouvera a Deus”. E S. Gregório disse que quem, sem humildade, busca as outras virtudes, assim faz como quem lança pó ao vento, quer dizer, que perde o seu trabalho.

Por isto vem o diabo e toma pedras e terra e tonéis vazios e lança no primeiro fosso, assim como se costuma fazer nos castelos cercados, até que o fosso fica todo cheio. E quer dizer que traz ao coração da boa pessoa os bens e virtudes que fez e as graças espirituais ou temporais que tem ou cuida ter, mais que os outros, de tal maneira que, algumas vezes, o coração se levanta tanto que o buraco da humildade se torna uma grande montanha de soberba. E S. Agostinho diz: “Soberba é uma montanha na qual o anjo que era mais claro que as estrelas se tornou escuro.”

E o mundo vem de outra parte que confirma /22v/ o que o diabo mete no coração, isto é, quando a pessoa é louvada do mundo e tida por santa e a carne o consente pois que com ligeireza se põem de acordo a honra e vaidade. E isto são os tonéis vazios (pois) que estas cousas não são senão vento. E, assim, se a senhora ou (o) senhor do castelo adormecem, o castelo será depressa tomado se não há socorro. E por isto é necessário que com o duplo fosso haja (um) duplo muro que cerque o castelo pelo qual os fossos possam ser defendidos.

*Capitollo xxvj per que guisa fara homem arredar seus jmiijos se ouuer esforço E de como he gram sandiçe creer hom • mais aos outros da sua propria conciença que a si meesmo.*

Pollo primeiro muro conuem a defender este primeiro conbate que he fecto por encher a primeira fosa. Jsto he *per* descriçom E sse assy este conbate nom he defendido o castello nom se podera longamente teer Quando a boa pessoa sente que o coração se lhe começa a alterar por alg • s b • s se os fez de que he louuada logo deue de acorrer ally E hir ao muro de discreçom E sobre este muro achara quatro beestas com *que* fara arredar seus jmiijos se ouuer esforço • • A Primeira he consijraçom de sua ouriginall naçença. • • A segunda. ynorançia de seu proprio estado. • a terceira consijraçom da morte • A quarta esperança do gram juizo. Quando *descreçom* /23r/ sem a quall n • h • a uertude uall traz ao coração estas quatro consijraç • es E peenssa em ellas profundamente Os jmiijos nom ham poder de sse acheguar. Ca estas som grandes cousas *pera* teer coração em humjldade. *per que* a caua nom pode seer chea E assy deue a deuota pessoa que sse sente çercada peenssar em sua *propria* cõdiçom assy como fazia el rrey daujd {*Ego sum vermis e(t) non homo, etc.*} Eu som disse elle h • pequeno uermem. assy conheçia sseer pequeno e ssua uill pobreza. que assy como o uermem he uill cousa e pequena e desprezada E naçe todo nuu da terra. assy o homem e a molher he ujll cousa de ssy e pobre. Por que quando elle entra no desterro deste mundo. n • h • a cousa traz nem leuara Sam bernardo diz que cousa he homem. çuja

semente em ssua conçeição. sacco cheo desterco em ssua uyda Vianda dos ueerm•s em sua morte Quem bem esguardasse o que saae do corpo dho homem e da molher. elle acharia que hi nom ha cousa tam uyll nem tam çuja. nem de tanto fedor E doutra parte quem cujdasse como a morte uem asinha E des que a carne he morta Nunca foy tam fremosa nem tam bem corregida. que muyto /23v/ asinha nom seia tornada hua tam uill e tam fea e tam fedorenta carregua. que conuem seer metida so a terra que o aar nom se corronpa. assy nom aueria rrazom demssoberueçer Este he o primeiro dardo que muyto faz rretraer o diaboo Mes por jsto nom leixa o mundo de louuar a pessoa que sse assy defende contra o diaboo E Pera uençer esta batalha deue homem tornar a descreçõ e penssar nos pecados e mjnguas que em elle som E sseriam mais se o deus nom guardasse Sem o quall homem nehua cousa pode fazer Pois bem pode homem julguar em seu coração que a torto he louuado nem theudo por santo. E assy he muy gram sandiçe de creer mais aos outros de sua propia conçyençia que a ssy meesmo Que homem nom deue louuar outrem ante de ssa morte segundo diz o saies. por que tall he oje b• que de manh• sera m•o. E mujtos sã que bem sabem que mais som dinos de confusom que de louuor E senpre amam e fazem guasalhado aos louuaminheiros e alegrãsse com seus falsos guabos. Por que diz sam bernardo me abastara o testemunho doutrem. quando seu plasmo me nõ pode fazer m•o. nem som melhor per seus guabos. E aynda diz elle contra os louuamjnheiros.

Capítulo 26º. – Por que guisa fará um homem arredar seus inimigos se houver esforço. E de como é grande sandice crer o homem mais nos outros (acerca) de sua própria consciência do que em si mesmo.

Pelo primeiro muro convém defender este combate que é travado para encher o primeiro fosso, isto é, por discrição. E se assim este combate não é defendido, o castelo não se poderá conservar por muito tempo. Quando a pessoa boa sente que o coração se começa a alterar por alguns bens, se os fez, do que é louvada, logo deve acorrer ali e ir ao muro da discrição. E sobre este muro achará quatro bestas com que fará arredar seus inimigos se houver esforço.

A primeira é consideração de nascimento original; a segunda, ignorância de seu próprio estado; a terceira, consideração da morte; a quarta, esperança do grande juízo.

Quando a discrição /23r/, sem a qual nenhuma virtude vale, traz ao coração estas quatro considerações e pensa nelas profundamente, os inimigos não têm poder para se chegar, porque estas são grandes cousas para ter (o) coração em humildade, pelas quais o fosso não pode ser cheio. E assim deve a devota pessoa, que se sente cercada, pensar em sua própria condição assim como fazia el-rei David: *{Ego sum vermis e(t) non homo, etc.}*. Eu sou, disse ele, um pequeno verme. Assim reconhecia ser pequeno e (a) sua vil pobreza. Que assim como o verme é cousa vil e pequena e desprezada e nasce todo nu da terra, assim o homem e a mulher é cousa vil de si e pobre. Porque quando ele entra no desterro deste mundo nenhuma cousa traz nem levará. S. Bernardo diz “Que cousa é (o) homem? Suja semente em sua conceição, sacco cheio de esterco em sua vida, vianda dos vermes em sua morte.” Quem bem esguardar o que sai do corpo do

homem e da mulher, ele acharia que não há cousa aí tão vil nem tão suja nem de tanto fedor. E de outra parte, quem cuidasse como a morte vem depressa e, desde que a carne morreu, nunca foi tão formosa nem tão perfeita, que muito depressa /23v/ se não torne um carga tão vil, tão feia e tão fedorenta que convém ser metida sob a terra (para) que o ar se não corrompa. Assim não haveria razão de ensoberbecer. Este é o primeiro dardo que muito faz retrair o diabo. Mas por isto não deixa o mundo de louvar a pessoa que assim se defende contra o diabo. E para vencer esta batalha deve a pessoa voltar à discrição e pensar nos pecados e minguas que nele existem e mais seriam se Deus o não guardasse, sem o qual (o) homem nenhuma cousa pode fazer.

Pois bem pode (o) homem julgar em seu coração que sem razão é louvado nem<sup>119</sup> tido por santo, e assim é muito grande sandice acreditar mais nos outros (nos assuntos) de sua própria consciência do que em si mesmo. Que uma pessoa não deve louvar outrem antes da sua morte, segundo diz o sábio, porque é hoje bom quem amanhã será mau. E muitos há que bem sabem que são mais dignos de confusão que de louvor e sempre amam e fazem agasalho aos louvaminheiros e alegram-se com os seus falsos gabos. Porque diz S. Bernardo: “Me bastaria o testemunho de outrem quando a sua censura me não pode fazer mau nem sou melhor pelos seus gabos.” E ainda diz ele contra os louvaminheiros:

se me uos ouuessees de julguar a b• direito me glorificaria de uossa louuaminha. Mes como Jhesu christo me aja de julguar grande sandiçe he auer gloria no /24r/ testemunho doutrem E Por jsto se homem vee que he louuado nom se deue alterar nem alegrar. Ca melhor deuemos nos de saber o que ha dentro em nossas conçyençias que os outros E quem se alegra por aquelle guallardom perde o do paraiso E quem bem se defende em este combate com tall beesta o mundo se rretrae e nom ha poder denpeençer a primeira caua dhumjldade. despois desto homem sse deue defender de sua carne que cryou e tanto ama. Este he o mais forte jmigo que Nos auemos. Ca o mundo n• o diaabo nom aueriam em Nos poder se a carne os nom ajudasse E Por jsto a deue homem teer em deçiplina e metella so seus pees per jej•s e uigillias e oraç•es e per outras asperezas de uida E jsto tenperado com descriçom nõ muyto nem pouco Mes segundo as conpreijss•es. que h• he mais forte que outro E per rrazõ deue seer o juizo ãtre o espritu e a carne que som contrairos. homem deue assy cryar seu corpo que possa seruir E assy o deçiplinar que queira obedeeçer E assy podera auer a vitoria deste primeiro conbate. contra o diaboo e o mundo e a carne.

*Capitollo xxvij que jnoramçia do proprio estado he homjldade.*

A segunda beesta com que homem deue thirar a estes tres jmijgos pera guardar humjldade he jnnorançia de seu propio estado. Ca o sabedor diz n•h• /24v/ sabe se he dino damor ou dodyo E se homem sabe quejando he oje Nom he çerto quall tornara de manh•. Se aquella beesta tira de boa m•o. scilicet. de s•o coração e descreto grande nojo faz aos jmijgos.

<sup>119</sup> Este *nem* deve ser entendido como *ou*.

*Capitollo xxviii* como a memoria da morte he saudaujl e termo perentorio de todos pecados E de como he sancta cousa auer hom • deuaçom em a virg • maria.

A terceira beesta he a memoria da morte. E cada uez que Nos oolharmos a terra nos deue nembrar de nosso sepulcro. E do maaos e espantosso apartamento que pode sseer em ella. este he da alma e do corpo antre os quaaes ouue tam grande amor. Entõ sera a alma ferida dh • tam gram medo *que* se nom poderia dizer nem penssar. Entom uera ella os espãtosos diaabos que de todas partes a çercarom e leuarom conssiguo aos tormentos perdurauees. E nom auera quem a liure de suas m • os E entom segundo diz sam bernardo dirom suas obras. Nos somos tuas e nom te leixaremos Mes hiremos contigo ao juizo E todos seus pecados a acusarom. E entom demandara tregoa de hua soo ora. e nom a auera E mais a amaria se a auer podesse. que tamanho ouro como todo o mundo. Em aquella espantossa tribullaçom nom uallerom guabanças nem rriquezas força nomeada fremossura de corpo nem amigos. /25r/ senom boa conçiência E Pois todos estes falleçem a tall tenpo. S • o consselho he em quanto homem uyue em este m • do buscar amigos que o possam ajudar em tall neçessidade. Estes sam os santos e santas espiçialmente a uirgem maria que N • ca em tall mester faleçe aaquelle que deuotamente a seruem em sa uyda. Mes encorre os jmijgos. Por jsto se canta della na jgreia h • a gloriosa cantigua e breue que nom deuia de sayr do coração. Nem çessar da boca da deuota pessoa. *{Maria, mater gratie, mater misericordie, tu nos ab (h)oste protege et hora mortis suscipe}*.

“Se me tivésseis de julgar, em bom direito me glorificaria da vossa louvaminha; mas como Jesus Cristo me haverá de julgar, grande sandice é ter glória no /24r/ testemunho de outrem.” E por isto se (o) homem vê que é louvado não se deve alterar nem alargar porque melhor devemos nós saber o que há dentro em nossas consciências que os outros. E quem se alegra por aquele galardão perde o do Paraíso. E quem neste combate bem se defende com tal besta, o mundo se retrai e não tem meios para estorvar o primeiro fosso da humildade. Depois disto deve (o) homem defender-se da sua carne que criou e tanto ama. Este é o mais forte inimigo que nós temos, porque nem o mundo nem o diabo teriam em nós poder se a carne os não ajudasse.

E por isto a deve (o) homem ter em disciplina e metê-la sobre os seus pés por jejuns e vigílias e orações e por outras asperezas de vida. E isto temperado com discrição, não muito nem pouco, mas segundo as suas compleições pois um é mais forte do que o outro. E com razão deve o juízo ser entre o espírito e a carne que são contrários. O homem deve assim criar seu corpo (para) que possa servir e assim o disciplinar (para) que queira obedecer. E, assim, poderá alcançar a vitória deste primeiro combate contra o diabo e o mundo e a carne.

Capítulo 27º. – Que ignorância do próprio estado é humildade.

A segunda besta com que (o) homem deve atirar a estes três inimigos para guardar humildade é ignorância de seu próprio estado porque o sábio diz (que) ninguém /24v/ sabe se é digno de amor ou de ódio e, se o homem sabe quejando é hoje, não tem certeza qual se tornará amanhã. Se aquela besta atira de boa mão, isto é, de são e discreto coração, grande nojo faz aos inimigos.

Capítulo 28º. – Como a memória da morte é saudável e termo peremptório de todos (os) pecados. E de como é cousa santa ter (o) homem devoção na Virgem Maria.

A terceira besta é a memória da morte. E cada vez que nós olharmos a terra (esta) nos deve lembrar de nosso sepulcro. E do mau e espantoso apartamento que pode existir nela, isto é, da alma e do corpo entre os quais houve tão grande amor. Então será a alma ferida de um tão grande medo que não se poderia dizer nem pensar. Então verá ela os espantosos diabos que de todas (as) partes a cercarão e levarão consigo aos tormentos perduráveis e não haverá quem a livre de suas mãos. E, então, segundo diz S. Bernardo, dirão as suas obras: “Nós somos tuas e não te deixaremos mas iremos contigo ao juízo”. E todos (os) seus pecados a acusarão. E, então, demandará trégua de uma só hora e não a terá. E mais a amaria se a pudesse ter pois que tamanho ouro (tanto vale) como todo o mundo. Naquela espantosa tribulação não valerão gabanças nem riquezas, força, nomeada, formosura de corpo, nem amigos /25r/, senão boa consciência. E pois todos estes faltam em tal tempo. São conselho é, enquanto (o) homem vive neste mundo, buscar amigos que o possam ajudar em tal necessidade. Estes são os santos e santas, especialmente a Virgem Maria que em tal mester nunca falta àquele que devotamente a serve em sua vida, mas ataca os inimigos. Por isto dela se canta na igreja uma cantiga gloriosa e breve que não devia sair do coração nem desaparecer da boca da pessoa devota. *{Maria, mater gratie, mater misericordie, tu nos ab (h)oste proteges et hora mortis suscipe}*.

Quer dizer. maria madre de graça. madre de misericórdia defendenos do jmiço e rreçebenos na ora da morte. haa *deus* quantos hi ha que de boca o dizem Mes o coraçõ penssa alhures. Por *deus* uos rrogo e conjuuro todas deuotas pessoas. que auees cujdado de uossa saluaçom. honrraae e amaae e *seruij* de coraçõ e de boca e de feito. esta gloriosa senhora. Que quem o assy fizer nom auera maa fim. E ajnda que louuor de pecados nom seia fremosso segundo diz sam geronjmo nom deue alg• çessar damar esta senhora. que mujtas uezes chama o pecador que a *serue*. E o mete a saluo porto e lhe da noua ujda. Segundo uos direy breuemente de h• *crelligo*. que da angillicall saudaçom acostumadamente a saudaua. Pero sua ujda fosse çuja ella o chamou /25v/ graciosamente. h•a uez sonhaua aquelle *crelligo* que era asseentado a hua mesa E aquella mauyosa senhora o *seruja* de muy boas e deleitosas ujandas Mes a escudella era fea e chea de çugidade Quando o *crelligo* a uyo ante se leixara morrer que comer em ella Entom lhe disse a gloriosa *uirg*• se tu de tam fremossa ujanda como te eu apresento nõ queres comer por que a escudella he <ç>uja Como poderia prazer a m• que som tam graciossa e assy gentill o que tua boca mapresenta Se tu queres que tuas saudaç•es cheguem aas minhas orelhas. •menda e aparelha tua ujda. Entom se foy a *uirgem* e o *crelligo* acordou e foy muyto marauilhado do que uyo E emmendou sua ujda. Assy deuemos Nos fazer se queremos prazer a *deus*. Senhora que este millagre fezeste ajudanos a uyuer de guisa que despois de nossa morte ajamos o graciosso *deus* amem.

*Capitollo* xxix que trauta de muytas estremadas rrez•es por que a virgem gloriosa Senhora deue seer *seruida*.

Muytas hi ha de rraz•es *per* que homem deue *seruir* esta glloriosa senhora. por sua santidade por sua pureza E por que he *seruida* de toda a corte do paraíso. Seu gllorioso nome nom deuya seer partido em morte nem ujda do coração da deuota pessoa. Ca ssam bernardo diz *que* assy como a çera se derrete ante o fogo. assy foge o diabo ante o nome de santa *maria*. Elle diz que este nome he /26r/ mell em boca. prazer em coração mellodia nas orelhas. E ajnda diz. *deus* nom *nos* quer alghua cousa dar que não passe pella m•o de maria. Ora pois a seruamos deuotamente E ella *nos* ajudara no gram mester. *scilicet*. na ora da morte

*Capitollo* xxx Como a memoria do juizo eternal he aproueitosa E de quatro consideraç•es dignas de Notar.

A quarta beesta que homem deue lançar. he a cõssyraçom do dia do juizo que muyto sera spantoso. de que Sam jeronymo diz. que eu coma ou beua ou durma ou faça outra quall *quer* cousa senpre me parece *que* ouço soar em minhas orelhas aquella espantosa uoz. Oo uos mortos leuãtaayuos e vijnde ao juizo. Entom *seram* as conçiências de cada h• a todos descubertas. Ca todos os pecados de dito *e* de feito *e* pensamento de que hom• não fez emmenda em sua ujda parçerom a todo o m•do ally rreçeberõ os m•os perdurauell confusom. E serom lançados da allegria do paraíso. E aquelles *e* aquellas que rreportarom suas obras ao louuor do mundo.

Quer dizer: “Maria, mãe de graça, mãe de misericórdia, defende-nos do inimigo e recebe-nos na hora da morte.” Ó Deus, quantos aí há que de boca o dizem mas o coração pensa alhures! Por Deus vos rogo e conjuro todas (as) pessoas devotas que tenhais cuidado de vossa salvação, honrai e amai e servi de coração e de boca e por acto esta gloriosa Senhora. Que quem assim o fizer não terá mau fim. E ainda que louvor de pecados não seja bonito, segundo diz S. Jerónimo, “Não deve alguém desistir de amar esta senhora que muitas vezes chama o pecador que a serve e o mete a salvo porto e lhe dá nova vida.”

Segundo vos direi brevemente de um clérigo que com a saudação angelical acostumadamente a saudava. Embora sua vida fosse suja ela o chamou /25v/ graciosamente. Uma vez sonhava aquele clérigo que estava sentado a uma mesa e aquela maviosa senhora o servia de viandas muito boas e deleitosas, mas a escudela era feia e cheia de sujidade. Quando o clérigo a viu, antes se deixaria morrer do que comer nela. Então lhe disse a gloriosa Virgem: "Se tu, de tão formosa vianda como eu te apresento, não queres comer porque a escudela é suja, como poderia prazer a mim, que sou tão graciososa e assim gentil, o que (a) tua boca me apresenta? Se tu queres que tuas saudações cheguem às minhas orelhas, emenda e prepara a tua vida". Então se foi a Virgem e o clérigo acordou e ficou muito maravilhado do que viu e emendou sua vida. Assim devemos nós fazer se queremos prazer a Deus. Senhora, que este milagre fizeste, ajuda-nos a viver de guisa que, depois de nossa morte, tenhamos o gracioso Deus. Amen.

Capítulo 29º. – Que trata de muitas estremadas razões pelas quais a virgem gloriosa senhora deve ser servida.

Muitas razões há por aí pelas quais (o) homem deve servir esta gloriosa senhora: por sua santidade, pela sua pureza e porque é servida por toda a corte do Paraíso. Seu glorioso nome não devia sair, nem na morte nem na vida, do coração da pessoa devota. Pois que diz S. Bernardo que, assim como a cera se derrete perante o fogo, assim foge o diabo perante o nome de Santa Maria. Ele diz que este nome é /26r/ mel em boca, prazer em coração, melodia nas orelhas. E ainda diz: “Deus não nos quer dar alguma cousa que não passe pela mão de Maria.” Ora pois a sirvamos devotamente e ela nos ajudará no grande mester, isto é, na hora da morte.

Capítulo 30º. – Como a memória do juízo eternal é proveitosa. E de quatro considerações dignas de notar.

A quarta besta que (o) homem deve lançar é a consideração do dia do juízo que será muito espantoso, do qual S. Jerónimo diz:” Que eu coma ou beba ou durma ou faça outra qualquer cousa, sempre me parece que ouço soar em minhas orelhas aquela espantosa voz: Oh! Vós, mortos, levantai-vos e vinde a juízo.” Então serão as consciências de cada um a todos descobertas. Porque todos os pecados de dito, de acto e de pensamento de que (o) homem não fez emenda em sua vida aparecerão a todo o mundo. Ali receberão os maus perdurável confusão e serão lançados da alegria do Paraíso; e aqueles e aquelas que reportaram suas obras ao louvor do mundo.

Aa *deus* diz sam bernardo hu fोगirom entom os pecadores. Ca de çima sera o sanhudo juiz E de fundo o jnferno aparelhado. E aa parte direita os pecados acusadores e /26v/ aa seestra o diaboo que os stara esperando. E de fora o m•do ardendo. E de dentro a concyença feruendo. E assy nom se poderom esconder. que lhe sera mais graue que morte. E pois quem ha contra os combates do diaboo e do m•do e da carne Estas quatro consijraç•es suso ditas. *scilicet*. de seu oryginall naçimento E de ssua fraqueza e de ssua miseria corporall e esprituall. esto he ynorança de sseu estado. E a memoria da morte que muyto he proueitosa E o espãto do grã juizo quem jsto ouuer. ligeiramente pode defender a primeira caua de sseu castello Esto he teer humjldade em seu coração pollo primeiro muro que he descreçõ.

*Capitollo xxxj* como o diabo quando se vee uençido do primeiro Conbate se trabalha combater as deuotas pessoas *per* jnjurias vilanias tribulaç•es.

Mas o diabo que muytos sabe de jogos e dartes quãdo se uee uençido do primeiro conbate. E uee *que* nom pode enpeençer aa primeira caua Nem ao primeiro muro. Por *que* h• nom pode seer filhado S• ho outro. torna muyto triste. E moue outro nouo conbate contra a segunda caua. Ca por jsto sam as cauas dobradas. Por que as humjlldades sam duas como *dicto* he E Porque nom pode encher hua das cauas *per* u• glloria. Nem *per* louuor. esforçasse dencher /27r/ a outra *per* seu contrairo. Jsto he *per* enjurias e uilanyas E *per* despreços e tribulaç•es que elle faz e procura seerem feitas e ditas aas deuotas pessoas que o castello de seu coração quer• guardar em humjldade e paz E moue os outros que ham emueja de ssua profeiçom a os rrepreender e prasmear e doestar e acusar e defamar e escarneçer Porque a segunda caua do castello he em perijgo se sse nom auisam e tornam seu coração a *deus*. Ca sse sse ellas mouem a dar mall por

mall de dito ou de feito. ellas ham *perdida* humilldade que he sofrer seer desprezado *e* ujl theudo assi como de çima he dicto. E Por nom emcher• esta segunda caua he neçessario correr ao segundo muro *que* sera chamado paçiençia. este he o mayor *e* mais alto *e* mais forte çerco do castello. Que *quem* bem teuer paçiençia que he dom de *deus* nom aja medo de *seus* jmijgos. Mas esto nom pode alguu fazer senom *per* descreçom E por jsto a deuota pessoa que se uee assy çercada *e* combatida deuesse logo correr ao muro de descri<ç>om E dally saltar no muro da paçiençia E se bem se çercar destes dous muros nõ ha que temer.

*Capitollo xxxij que* a paçiençia he mujto necessaria E de como esta vertude a n•h• a pode percalçar saluo o *que* for tentado.

E porque fallamos da paçiençia deuemos de saber que nos he neçessaria nom tam soomente/27v/ contra os malles de nossos prouxtimos Mes ajnda contra as auerssidades que *deus* nos enuia. Ca o boo padre castigua *e* fere o filho que ama. se he b•• afim que alterandosse nom pejore E se he m•o que se emmende

Pois eu diguo que *per* uirtude de paçiençia vençem os soffredores todos *seus* jmijgos O diaboo *e* o mundo *e* a carne Este he escudo douro aaquelle que por amor de *deus* sofre. que ho cobre de “Ah, Deus! – diz S. Bernardo – (para) onde fugirão então os pecadores? Porque (na parte) de cima estará o sanhudo juiz e (na parte) do fundo o inferno aparelhado, e à parte direita os pecados acusadores /26v/ e à esquerda o diabo que os estará esperando. E de fora, o mundo ardendo. E de dentro, a consciência fervendo.” E, assim, não se poderão esconder, (o) que lhes será mais grave que (a) morte.

E pois quem há contra os combates do diabo, do mundo e da carne? Estas quatro considerações acima ditas, a saber, de seu original nascimento, e de sua fraqueza corporal e espiritual, isto é, ignorância do seu estado, e (d)a memória da morte (que é muito proveitosa) e (d)o espanto do grande juízo. Quem tiver isto, facilmente pode defender o primeiro fosso do seu castelo – isto é, ter humildade em seu coração – pelo primeiro muro que é (a) discrição.

Capítulo 31º. – Como o diabo, quando se vê vencido do primeiro combate, se esforça (por) combater as pessoas devotas por injúrias, vilanias, tribulações.

Mas o diabo que muito sabe de jogos e de artes, quando se vê vencido do primeiro combate e vê que não pode causar dano ao primeiro fosso nem ao primeiro muro porque um não pode ser tomado sem o outro, torna muito triste e move outro novo combate contra o segundo fosso, pois que por isto são os fossos duplicados. Porque as humildades são duas, como dito é, e porque não pode encher um dos fossos por vã glória nem por louvor, esforça-se (por) encher /27r/ o outro pelo seu contrário, isto é, por injúrias e vilanias e por desprezos e tribulações que ele faz e procura serem feitas e ditas às pessoas devotas que o castelo de seu coração querem guardar em humildade e paz. E move os outros, que têm inveja da sua perfeição, a repreendê-las e censurar e doestar e acusar e difamar e escarnecer. Porque o segundo fosso do castelo está em perigo se não se avisam e voltam seu coração para Deus. Porque, se elas se movem a pagar o



mal com o mal por palavras ou actos, perderam a humildade que é sofrer ser desprezado e tido (por) vil, como acima se disse.

E para não encherem este segundo fosso é necessário correr ao segundo muro que será chamado paciência. Esta é a maior e mais alta e mais forte cerca do castelo. Que quem bem tiver paciência que é dom de Deus não tenha medo de seus inimigos. Mas isto não pode alguém fazer senão por discipulação. E por isto a pessoa devota, que se vê assim cercada e combatida, deve logo correr ao muro da discipulação e dali saltar (para o) muro da paciência. E se bem se cercar destes dous muros não tem que temer.

Capítulo 32º. – Que a paciência é muito necessária. E de como esta virtude ninguém a pode ganhar salvo o que for tentado.

E porque falamos de paciência, devemos saber que nos é necessária não tão-somente /27v/ contra os males de nossos próximos, mas ainda contra as adversidades que Deus nos envia. Porque bom pai castiga e fere o filho que ama; se é bom, a fim de que, modificando-se, não piore; se é mau, (para) que se emende.

Pois eu digo que pela virtude da paciência vencem os sofredores todos os seus inimigos: o diabo, o mundo e a carne. Este é escudo de ouro àquele que por amor de Deus sofre, que o toda parte assy como diz no salteiro que nehua seeta o pode ferir. Esta uirtude nõ ha alg• senom he tentado. Ca tribullaçom forja paçiençia. Sem esta uertude Neh• he prouado assy como o ouro sem fogo nom pode seer fino neh• pode auer sem paçiençia perfeiçom nem uictoria Muito sofre de fogo E lhe conuem levar de guolpes a copa douro ante que uenha aa mesa do rrey. E o callez ante que seia posto no altar. Assy conuem aa creatura sofrer ante que possa chegar aa mesa do rrey do parayso. Ca por muytas tribullaç•es nos conuem hi entrar segundo diz sam paullo. Per esta uertude he o homem e a molher forte assy como o ferro que asenhora os outros metaaes E he prouado como o ouro. que quanto mais he no foguo. tanto mais he claro e puro e melhor se traucta. Sõ alg•s que presumem que seer paçientes. Porque /28r/ nom ha hi quem contra sua uoontade algua cousa faça nem digua. Mes tanto que os homem repreende ou correge de suas m•guas elles mostram bem o que tijnham no coração per suas asperas e argulhosas rrepostas.

*Capitollo xxxiij em que se poem exenplo desa meesma*

A canp• do moesteiro senpre esta Callada emquãto a nom toquom. Mes como homem tira pella corda ella se faz ouuyr per toda a uilla. Assy fazem estes por pouco que os toquem contra sua u•tade. muyto he o castello b• que de tall muro he çercado. Por jsto deue a deuota pessoa correr a elle cada uez que sentyr os combates das tribullaç•es e auerssidades e doenças assy de deus como de seus proximos.

*Capitollo xxxiiij de quatro pensamentos e contenplaç•es muyto singolares e proueitosas.*

Em a fortelleza deste muro acha homem quatro engenhos per athirar contra os jmiçgos que a segunda caua dhumjlldade querem encher per inpaçyençia que uem de soberua E estes engenhos som quatro pensamentos que homem deue a auer no coração ho primeiro he pensar nas penas do

jnferno. que sam tam asperas que quanto homem pode sofrer em este mundo nom he senom huntura a rrespeito daquellas Por jsto diz santo agostinho. /28v/ Senhor *deus* aquy me queyma e me corta assy que *perduraeu*llmente me nom condanes. boa cousa he sofrer a uara do castiguo por escapar aa lança que da *perduraeu*ll morte. Esta he a do jnferno que nom ha fim. Grande signall damor mostra *deus* aaquelles a que enuya auerssidades tenporaaes Ca elle diz Eu castiguo os que amo. ho boy *que* hom• tem *pera* matar pollo *fazer* guordo dalhe a comer tanto como elle *quer* E o que *quer* guardar *pera* trabalho dalhe a comer *per* medida Assy faz *deus* aos que ama. a *quem* elle guarda a alegria do paraíso. da em este mundo trabalho e pobreza e tribullaçom em abastança. pollos teer em humjldade e nom se *perderem* *per* soberua Mas aquelles *que per seus* pecados sam hordenados a condanaçõ da em este mundo ssuas uoontades e seu paraíso. A segunda *que* muyto conforta contra as auerssidades he pensar no galardom do paraíso Assy como diz sam *gregorio* a *esperança* do grande guallardom aliua o trabalho da tribullaçom

cobre de toda a parte, assim como se diz no Saltério, que nenhuma seta o pode ferir. Esta virtude não a tem alguém se não é tentado, porque (a) tribulação forja (a) paciência. Sem esta virtude ninguém é submetido a prova.

Assim como o ouro sem fogo não pode ser fino, (também) sem paciência ninguém pode ter perfeição nem vitória. Muito sofre de fogo e lhe convém levar golpes a copa de ouro antes que venha à mesa do rei e o cálix antes que seja posto no altar. Assim convém à criatura sofrer antes que possa chegar à mesa do Rei do Paraíso, pois que por muitas tribulações nos convém aí entrar, segundo diz S. Paulo. Por esta virtude é o homem e a mulher forte assim como o ferro que assenhora os outros metais. E é submetido à prova, como o ouro que, quanto mais está no fogo, tanto mais claro e puro é, e melhor se manuseia. Há alguns que presumem ser pacientes porque /28r/ não há aí quem contra a sua vontade faça nem diga alguma coisa; mas tanto que alguém os repreende ou corrige de suas mínguas, eles mostram bem o que tinham no coração por respostas ásperas e orgulhosas.

Capítulo 33°. – Em que se põe exemplo dessa mesma.

O sino do mosteiro sempre está calado enquanto o não tocam; mas quando alguém (o) tira pela corda, ele se faz ouvir por toda a vila. Assim fazem estes por pouco que os toquem contra sua vontade. Muito bom é o castelo que de tal muro é cercado. Por isto deve a pessoa devota correr a ele cada vez que sentir os combates das tribulações e adversidades e doenças tanto de Deus como de seus próximos.

Capítulo 34°. – De quatro pensamentos e contemplações muito singulares e proveitosos..

Na fortaleza deste muro acha (o) homem quatro engenhos para atirar contra os inimigos que querem encher o segundo fosso de humildade por impaciência que vem da soberba. E estes engenhos são quatro pensamentos que (o) homem deve ter no coração.

O primeiro é pensar nas penas do inferno que são tão ásperas que quanto (o) homem pode sofrer neste mundo não é senão untura a respeito daquelas. Por isto diz Santo Agostinho /28v/: “Senhor Deus, aqui me queima e me corta para que perduravelmente me não condene.” Boa cousa é sofrer a vara do castigo para escapar à lança que dá perdurável morte. Esta é a do inferno que não tem fim. Grande sinal de amor mostra Deus àqueles a quem envia adversidades temporais porque ele diz: “Eu castigo os que amo.” O boi que uma pessoa tem para matar, para o fazer gordo, dá-lhe a comer tanto como ele quer; e o que quer guardar para o trabalho, dá-lhe a comer por medida. Assim faz Deus aos que ama. A quem ele guarda a alegria do Paraíso, dá neste mundo trabalho e pobreza e tribulação e abastança, para os ter em humildade e não se perderem por soberba. Mas àqueles que por seus pecados são destinados à condenação, dá neste mundo vontades e seu paraíso.

A segunda cousa que muito conforta contras as adversidades é pensar no galardão do paraíso. Assim como diz S. Gregório, “A esperança do grande galardão alivia o trabalho da tribulação.”

A terceira cousa he penssar na paixõ de Jhesu *christo* e no que por Nos sofreo Ca nom he cousa *que* tanto adoçe as penas e tribullaç•es tenporaaes Jsto *nos* he bem mostrado na brjuja polla augua que era amarguosa de que os *filhos* disrraell nom podiam beuer /29r/ E *deus* amostrou a moises h• paao E disselhe que o metesse na augua e logo tornaria doçe. As auguas amarguosas sam as tribullaç•es deste mundo E o paao que a fez doçe he a cruz em *que* Jhesu *christo* pendeo por Nos Ca *quem* bem peenssa em a door que elle sofreo por Nos na cruz Nom ha grande jej• nem ujjillia nem longo *serviço* nem dura obidiencia Nem outras emjurias trabalhos n• auerssidades que nom seiam doçes e ligeiros a sofrer. A quarta cousa penssar que os b•s que as tribullaç•es fazem. sam meezinhas da alma e guareç• as •firmjidades do pecado E diz a escriptura. grande emfirmjdade faz ho homem tenperado que *per* pecado se embebeda amehude E sam bernardo diz nom te seia graue cousa nem dura. o que sofres no corpo aa de fora quando tu *per* hi es guarido da enfermjdade do pecado aa de dentro desy tribullaçõ guaanha a coroa da glloria E Santiago diz bem auenturado he quem sofre e endura tentaç•es. Porque quando for bem *prouado* rreçebera coroa de ujda. desy as tribullaç•es purguam a alma assy como a fornaza ho ouro E como a jueyra o gr•o E como a lima o ferro Segundo diz sam gregorio Quem bem peenssa nas quatro cousas ja ditas *que* /29v/ som quatro enjenhos grandes *pera* quebrantar os jmijgos. elle deue filhar em paçiençia e sofrer todas auerssidades que lhe pode v•r e dar graças a *deus* e dizer Senhor ajnda eu tâto nõ sofry como tenho mereçido. graças e louuores sejam a ty E deuese hom• armar ante do campo penssando nas cousas suso ditas E hordenar seu coração em paçyençia ante que as tribullaç•es uenham. que homem nom seja filhado de sospeita E deue bem formar seu coração a ssouffrer E se acontece que hom• seja toruado dalghua cousa deuesse bem guardar. que *per* signall nem pallaura nom mostre inpaçyençya. que homem possa dizer com daujd. eu fuy toruado e nom falley. E quem assy se manteuer com a ajuda de *deus* ha segunda caua do castello que he omjldade guardara bem *per* o muro de paçyençya. bem he paçyençia senjficada *per* muro Que assy como h• castello sem muro he fraco contra os jmijgos.

assy uall pouco humjldade Nem outra uirtude sem paçiençia Prudencio diz a uirtude he nehua que com paçiençia nom he fechada.

*Capitollo xxxv* da Caridade E de como se estende a amigos e a jmijgos E de como auemos a amar nosa saluaçom mais que a dos *proximos*.

Ora he de saber que assi como dissemos que as cauas aujã de seer longuas e profundas per omjlldade. Assy conu • /30r/ que sejam largas per caridade. que doutra guisa pouco valleriam pera defenssa. Caridade se estende a todos amigos e jmijguos E quem desama hua ssoo pessoa fora he de caridade. dos maaos deuemos per carydade amar a natureza E desamar os pecados de caridade uem que Nos deuemos damar Nossos jmijguos Ca deus o mandou honde disse. amaae uossos jmijguos E fazee bem a quem uos desama E assy per caridade que he largua he entendida a anchura das cauas E per humjldade se entende a profundeza Em toda a profundeza domjldade a caridade desçende E assy h•a nom he Sem outra. Neh•a uirtude se faz nem obra boa sem caridade Seg•do diz Sam paullo.

A terceira cousa é pensar na paixão de Jesus Cristo e no que por nós sofreu pois que não há cousa que tanto adoce as penas e tribulações temporais. Isto nos é bem mostrado na Bíblia pela água que era amargosa de que os filhos de Israel não podiam beber /29r/. E Deus mostrou a Moisés um pau e disse-lhe que o metesse na água e logo (a) tornaria doce.

As águas amargas são as tribulações deste mundo e o pau que a fez doce é a cruz em que Jesus Cristo pendeu por nós. Porque (para) quem bem pensa na dor que Ele sofreu por nós na cruz não há grande jejum nem vigília, nem longo serviço nem dura obediência nem outras injúrias, trabalhos nem adversidades que não sejam doces e ligeiros de sofrer.

A quarta cousa é pensar que os bens que as tribulações fazem são mezinhas da alma e guarecem as enfermidades do pecado. E diz a Escritura: “Grande enfermidade faz o homem temperado que por pecado se embebeda amiúde.” E S. Bernardo diz: “Não te seja grave cousa e dura o que sofres no corpo ao de fora quando tu por aí és guarido da enfermidade do pecado ao de dentro, pois (a) tribulação ganha a coroa da glória”. E Santiago diz: “Bem-aventurado é quem sofre e suporta tentações. Porque quando for bem posto à prova receberá coroa de vida pois as tribulações purgam a alma assim como a fornalha o ouro, e como a joeira o grão, e como a lima o ferro.” Segundo diz S. Gregório, “quem bem pensa nas quatro cousas já ditas que /29v/ são quatro engenhos grandes para quebrantar os inimigos, deve ele tomar com paciência e sofrer todas as adversidades que lhe podem vir e dar graças e Deus e dizer: “Senhor, eu ainda não sofri tanto como tenho merecido; graças e louvores sejam a Ti”; e deve-se (o) homem armar diante do campo pensando nas cousas supraditas e conformar seu coração em paciência antes que as tribulações venham (para) que a pessoa não seja tomada de surpresa. E deve bem formar seu coração a sofrer. E, se acontece que a pessoa seja torvada de alguma coisa, deve-se bem guardar que por sinal nem palavra não mostre impaciência para que ela possa dizer com David: “Fui torvado e não falei.” E quem assim se mantiver com a ajuda de Deus, o segundo fosso do castelo, que é (a) humildade, guardará bem pelo muro da paciência. A paciência é bem significanda por muro, pois que, assim como um castelo sem muro é fraco contra os inimigos,

assim pouco vale humildade ou outra virtude sem paciência. Prudêncio diz: “É de nenhum efeito a virtude que com paciência não é fechada.”

Capítulo 35º. – Da caridade. E de como se estende a amigos e inimigos. E de como devemos amar a nossa salvação mais que a dos próximos.

Agora é de saber que assim como dissemos que os fossos hajam de ser longos e profundos pela humildade, assim convém /30r/ que sejam largos pela caridade, pois que, de outra guisa, pouco valeriam para defesa. A caridade estende-se a todos, amigos e inimigos. E quem desama uma só pessoa, está fora da caridade. Dos maus devemos por caridade amar a natureza e desamar os pecados. De caridade vem que nós devemos amar os nossos inimigos porque Deus o mandou onde disse: “Amai vossos inimigos e fazei bem a quem vos desama.” E assim pela caridade que é larga se entende a largura dos fossos e pela humildade se entende a (sua) profundidade. Em toda a profundidade a caridade provém da humildade e, assim, não existe uma sem a outra. Sem caridade, nenhuma virtude se pratica nem obra boa. Segundo diz S. Paulo, caridade nom he outra cousa. senão amor que deuemos teer a *deus e* a nossos prouxtimos E quando preg•tarom a *jhesu christo* quall era o *primeiro* mandado da lley. Elle rrespondeo. Tu amaras teu *Senhor e* teu *deus* de todo teu coração *e* alma *e* de todo penssamento *e* uirtude. Este he o *primeiro*. O segundo semelhauell a este. Tu amaras teu prouximo como ti meesmo. Nom ha hy mayores mandam•tos que estes dous E *quem* estes conprir teem a lley conprida. do amor dos prouxtimos diz Sam johan. se tu nom amas teu prouximo que tu uees. como amaras tu *deus* que nom uees. Amar nossos prouxtimos *nos* ensina natureza. Ca Nos ueemos que toda /30v/ besta ama seu semelhamte E assy he que nos somos todos nenbros da cabeça que he nosso *Senhor Jhesu* que he cabeça da santa *Jgreia* E assy como Nos ueemos que os nenbros do corpo humanall sam de maraujlhosa concordia Ca sse huu fere ho outro hi nom ha ujinguança. Mes sofreo. E sse sse hom• fere no pee logo a m•o ally uay E o ajuda a guareçer E se algua cousa uem *pera* ferir a cabeça. logo a m•o se mete diante *pera* rreçeber o guolpe *e* a defender. Assy deuemos Nos a amar h• ho outro E sseer de boa concordia E sofrer h• do outro E se mester for meter nossos corpos em perijguo de morte por guardar nossos *proximos* de pecado mortall se fazer o podemos Pois deuemos a amar *deus* sobre todollas cousas E mais que Nos meesmos. E deuemos a amar Nossa saluaçom mais *que* ha de nossos prouxtimos. Que quando elle disse ama teu prouximo como t•. nom disse *primeiro* que t•. Jsto *quer* dizer que tu o deues a amar que tu te amas. *scilicet*. por auer *deus* E tu deues a deseiar. E querer a saude de todos E mais a tua. desy deuemos mais a amar as almas de nossos *proximos* que nossos corpos. E deueryamos mais a amar morrer que a alma dh• nosso prouximo seer perdida /31r/ *per* pecado mortall se guardar a podemos Ca mais Nobre cousa he hua alma que todos os corpos do mundo Ca *deus* soamente pollas almas quis morrer E por jsto deue hom• senpre mais amar as cousas que por melhores conhece E conformar sua voontade com a de *deus* E assy amaremos nossos amigos em *deus* E nossos jmijgos por *deus*. este he direito amor de prouximo.

*Capitollo xxxvj que* nom ha hi amor em *que* humanal Coraçom aja folgança senom em amar *deus* E de como este amor nõ pode aalg• vijr senom *per* pureza. Amar *deus* he tam gloriosa cousa E assi doce que nõ ha deleito nem alegria tenporall que o *queira* parecer. E quem *perfeitamente* ama *deus* todos amores e consollaç•es tenporaaes leixa atras E sam bernardo diz Praziujll cousa he a deujnall consolla<ç>õ E *deus* nom ha da a quem outra rreçebe. Mes quer auer o coraçõ de ssua esposa todo inteiro E nom faz conta damor dobrado Santaguostinho diz quem com maior feruor ama. mais claramente uee *deus* na glloria E nõ ha hi amor em *que* humanall coraçõ aja folgança nem uerdadeira paz Senom em bem amar *deus* Ca os amores deste mundo todos sam cheos damargura E sua fim he tristeza Jsto sabem bem os amigos do mundo. /31v/ Nom ha hi cousa que possa abastar o coraçõ do homem ou mulher senom *deus*. Ca Nos ueemos cumunalmente que quem mais tem mais queria. Por jsto diz o prouerbio. Nom ha tam rrico no mundo que digua eu sam abastado. Mes ho amor de *deus* enche assi o coraçom que outra cousa nom deseja senom amar. A este amor nom pode algh• v•r Senom *per* pureza de coraçõ. por que claramente uerõ *deus* com boa u•tade ouujr fallar de *deus* E confessar

“(a) caridade não é outra coisa senão amor que devemos ter a Deus e a nossos próximos”. E quando perguntaram a Jesus Cristo qual era o primeiro mandado da lei, Ele respondeu: “Tu amarás teu senhor e teu Deus de todo o teu coração e alma e de todo o pensamento e virtude.” Este é o primeiro.

O segundo (é) semelhável a este: “Tu amarás teu próximo como a ti mesmo.” Não há aí maiores mandamentos do que estes dous. E quem estes cumprir tem cumprida a lei do amor dos próximos. Diz S. João: “Se tu não amas teu próximo que tu vês, como amarás tu Deus que não vês?” Amar nossos próximos ensina-nos a natureza porque nós vemos que toda /30v/ (a) besta ama seu semelhante. E assim é que somos todos membros da cabeça que é nosso Senhor Jesus Cristo que é cabeça da Santa Igreja. E assim como nós vemos que os membros do corpo humanal são de maravilhosa concórdia, pois que se um fere o outro não há aí vingança, mas sofre-o. Se alguém se fere no pé logo a mão ali vai e o ajuda a guarecer; e, se alguma coisa vem para ferir a cabeça, logo a mão se mete diante para receber o golpe e a defender. Assim devemos nós amar um ao outro e ser de boa concórdia e sofrer um pelo outro e se mester for meter nossos corpos em perigo de morte para guardar nossos próximos de pecado mortal, se o podemos fazer, pois devemos amar Deus sobre todas as cousas e mais que nós mesmos e devemos amar a nossa salvação mais do que a dos nossos próximos. Que quando ele disse - “Ama teu próximo como tu” -, não disse “Primeiro que tu”. Isto quer dizer que tu o debes amar como tu te amas, a saber, para ter Deus. E tu debes desejar e querer a salvação de todos e mais a tua, pois devemos mais amar as almas dos nossos próximos que nossos corpos. E deveríamos mais desejar morrer do que ser perdida /31r/ a alma de um nosso próximo por pecado mortal se (disso) a podemos guardar, porque mais nobre cousa é uma alma que todos os corpos do mundo pois Deus somente pelas almas quis morrer. E por isto deve (o) homem amar sempre mais as cousas que conhece por melhores e conformar sua vontade com a de Deus. E assim amaremos nossos amigos em Deus e os nossos inimigos por Deus. Este é o recto amor ao próximo.

Capítulo 36º. – Que não há aí amor em que humanal coração tenha prazer senão em amar Deus. E de como este amor não pode vir a alguém senão por pureza.

Amar (a) Deus é cousa tão gloriosa e tão doce que não há deleite nem alegria temporal que o queira semelhar. E quem perfeitamente ama (a) Deus, todos os amores e consolações temporais deixa (para) trás. E S. Bernardo diz: “Prazível é a divinal consolação e Deus não a dá a quem outra recebe, mas quer haver o coração de sua esposa todo inteiro e não faz conta do amor dobrado.” E Santo Agostinho diz: “Quem com maior fervor ama, mais claramente vê Deus na glória.” E não há aí amor em que humanal coração tenha prazer nem verdadeira paz senão em bem amar a Deus, pois que os amores deste mundo são todos cheios de amargura e seu fim é tristeza. Isto sabem os amigos deste mundo. /31v/ Não há aí cousa que possa abastar o coração do homem ou mulher senão Deus, pois nós vemos vulgarmente que, quem mais tem, mais queria. Por isto diz o provérbio: “Não há tão rico no mundo que diga: eu sou abastado.” Mas o amor de Deus enche assim o coração que outra cousa não deseja senão amar. A este amor não pode alguém vir senão por pureza de coração porque claramente verá Deus. Ouvir falar de Deus com boa vontade e confessar-(se)

amehude ajudam bem a auer esta linpeza Por jsto diz sam bernardo ama confissom se *quieres* auer fremosura E hom• nom ama por confessar tres uezes no ano. Quem *quer* sseer amado de *deus* lauasse amehude *per* confissom E assy amara de coraçõ linpo *aquelle que nos primeiro* amou *e* assy achara cõssollaçom *e* duçura *e* cõforto *e* paz *e* folgamça em sua alma. tanto que todas pallauras que nom seiã de *deus* lhe desprazerom. entõ amara silencio *e* estar soo por mais secretamente estar com seu amigo *e* esposo *Jhesu christo*.

*Capitollo xxxvij* Como amar *deus* aviua muyto a memoria dos seus benefícios.

Aamar *deus* auyua mujto E moue a memoria dos seus benefícios *nos* quaaes a deuota pessoa deue pensar amehude *e* conheçello em grande humilldade /32r/ Ca segundo diz sam *pedro* *deus* he contrairo aos soberuos E da graça aos humjlldosos de todos benefícios agradecer deuotamente E agradecimento dos b•s rreçebidos he assy como hua uozina que senpre soa nas orelhas de *deus* *pera* lhe dar mayores b•s.

*Capitollo xxxviiij* Como a deuota pessoa deue seer conhecida E pensar em as jnfinitas merçees *e* graças que rreçebeco de *deus*.

Ora deue a deuota pessoa *primeiro* pensar *nos* benefícios de sseu criador E da ssa cryaçõ Como *deus* por ssua muyta boa vontade o qujs *fazer* aa ssua ymagem E lhe deu poder de sseer filho de *deus* E lhe deu memoria *e* jntindimento *e* u•tade *pera* o conhecer *e* *seruir* *e* amar E se bem fez *pera* o coroar em glloria E sseer conpanheiro dos anjos E sse prouuera a *deus* elle o podera fazer h• uerm• ou alghua terribell besta E nom ho qujs *fazer* ante o fez aa ssua dina Semelhamça. Ora pensa deuota creatura. Se bem Nem pendença que tu faças. pode seer comparado atal benefício Eu *creo* que nom. desy deue homem pensar que *deus* fez *pera* o *seruir* o çeeo *e* a terra com quanto hi ha o ssoll *e* a ll•a *e* as estrellas as aues do aar. as bestas da terra *e* os peixes do mar fez sogeitos aa ssua voontade Aallem desto *deus* lhe deu *pera* o *seruir* os nobres príncepes de sua

casa. *scilicet*. os angos do paraíso que sam segundo /32v/ diz ho apostollo. esprítuaes seruidores enujados a ministrar aquelles que ham dauar a herdade da saluaçom. *scilicet*. a nos E sam bernardo diz que quando Nos cantamos ou oramos ou alg• bem fazemos ou pensamos elles o *presentam* a *deus* E quando folguamos sam cõnosco. Porque cada h• homem ou molher tem h• anjo de *deus* hordenado aa sua guarda. Por jsto diz sam bernardo quando tu sentyres tentação ou tribullaçom *que* grande te pareça chama cõ deuaçom o anjo que he dado em tua guarda.

*Capitollo xxxix* como mujto ama *deus* com gram feruor *quem* da quanto tem sem alg• a cousa rreteer.

Ora esguarda pessoa deuota como *deus* nos ama *que* toda *creatura* deu em nosso *seruiço* E nom por nosso meriçimento Mes por ssua pura bondade. Mujto ama cõ gram feruor *quem* da quanto amiúde ajudam bem a ter esta limpeza.

Por isto diz S. Bernardo: “Ama (a) confissão se queres ter formosura.” E uma pessoa não (a) ama por (se) confessar três vezes ao ano. Quem quer ser amado de Deus, lava-se amiúde pela confissão. E, assim, amará de coração limpo aquele que primeiro nos amou e, assim, achará consolação e doçura e conforto e paz e alegria em sua alma tanto que todas as palavras que não sejam de Deus lhe desprazerão. Então amará (o) silêncio e estar só para mais secretamente estar com seu amigo e esposo, Jesus Cristo.

Capítulo 37º. – Como amar a Deus aviva muito a memória de seus benefícios.

Amar a Deus aviva muito e move a memória dos seus benefícios nos quais a devota pessoa deve pensar amiúde e conhecê-lo em grande humildade. /32r/. Porque, segundo diz S. Pedro, Deus é contrário aos soberbos e dá (a) graça aos humildosos de agradecer devotamente todos os benefícios. E agradecimento dos bens recebidos é, assim, como uma buzina que sempre soa nas orelhas de Deus para lhe dar maiores bens.

Capítulo 38º. – Como deve ser conhecida a pessoa devota. E (como deve) pensar nas infinitas mercês e graças que recebeu de Deus.

Ora deve a pessoa devota primeiro pensar nos benefícios de seu criador e da sua criação. Como Deus por sua muito boa vontade o quis fazer à sua imagem e lhe deu poder de ser filho de Deus e lhe deu memória e entendimento e vontade para o conhecer e servir e amar, e, se bem fizer, para o coroar em glória e ser companheiro dos anjos. E se prouvera a Deus, ele o poderia fazer um verme ou alguma terrível besta e não o quis fazer, antes o fez à sua digna semelhança.

Ora pensa, devota criatura, se cousa boa (ou) penitência que tu faças, podem ser comparadas a tal benefício. Eu penso que não, pois deve o homem pensar que Deus fez para O servir o céu e a terra com quanto aí há: o sol e a lua e as estrelas, as aves do ar, as bestas da terra e os peixes do mar fez sujeitos à Sua vontade. Além disto, Deus lhe deu para servir os nobres príncipes de sua casa, a saber, os anjos do Paraíso que são, segundo /32v/ diz o Apóstolo,



espirituais servidores enviados a servir aqueles que hão-de ter a herança da salvação, isto é, a nós.

E S. Bernardo diz que, quando nós cantamos ou oramos ou algum bem fazemos ou pensamos, eles o apresentam a Deus. E quando folgamos estão connosco, porque cada homem ou mulher tem um anjo de Deus destinado à sua guarda. Por isto diz S. Bernardo: “Quando tu sentires tentação ou tribulação que te pareça grande, chama com devoção o anjo que é dado em tua guarda.”

Capítulo 39º. – Como muito ama Deus com grande fervor quem dá quanto tem sem alguma coisa reter.

Ora esguarda, pessoa devota, como Deus nos ama (tanto) que deu toda a criatura em nosso serviço e não por nosso merecimento mas por sua pura bondade. Muito ama com grande fervor quem dá quanto

tem sem alg•a cousa rreterer Quem podera rrecompenssar tall cortessya Mes penssaae ajnda mais adiante como lhe nom abastou meter so nossos pees toda *creatura* assi como diz daujd no salteiro Mes deunos si meesmo em muytas maneiras. Em cõpanheiro Em *preço e* em guallardom e em ujanda *per* nossa rrefeição.

*Capitollo* xL da pobreza e paçiençia do *Senhor* E de como he mujto *aproueitosa* pensar em *seus* tormentos.

Primeiro elle se da a Nos em jrm•o e conpanheiro /33r/ em ssua encarnaçom quando elle que he foy e sera senpre *Senhor* de toda *creatura* filhou forma de seruo *pera nos servir* E elle disse no auãgelho. eu nom v•m *pera sseer seruido* Mes *pera servir*. jssso meesmo deue pensar a deuota pessoa. que o rrey da gloria nom naçeo em camara nem em ssalla Mes em bem pobre lugar hu *prendiam* bestas Nem foy emuorilhado em cueyros n• gryses. Mes em muy pobres panos Nem foy lançado em berço dourado laurado douro n• de prata Mes em hua pobre manjadoira de bestas. honde nom auja foguo *que* a ssua tenrra carne aqu•tasse Nem augua qu•te em que fosse banhado. Asinha começou sofrer pobreza *aquelle* doce *Senhor* por Nos. Porque de b• coração nom deueriamos desprezar pobreza mes amalla desy este gracioso *Senhor* ao oytauo dia de ssua naçençã come<ç>ou esparger o seu *preçioso* sangue por Nos quando foy çirconçysado. E pella *perssiguiçõ* derodes *conueo* seer trazido de noite assi como mall feitor *per* estranha terra. Desy elle se nos deu em *meestre* em sua santa *preeguaçõ* E enxenpro de uida uirtuosa e de *perfeiçom e* em sua *conuerssaçom* Assy deue homem pensar os trabalhos e fame e sede e frio e queentura e os tortos e emjurias e *despreços e perssigujç•es* que o b••*Jhesu christo* soffreo andando de uilla em ujlla pella culpa dos pecadores E a gram piadade que /33v/ elle auia daquelles que uerdadeiramente se rrepndiam de *seus* pecados de que os euangelhos sam cheos E como elle quis seer tentado do diaabo. Aynda se nos deu • *preço* de *rremijmento* Ca elle nos conprou das penas do jnferno por seu *preçiosso* sangue. aquj pode homem bem conhecer o *preço* de sua aalma Ca diz sam *pedro deus* nom nos conprou douro nem prata nem de pedras *preçiossas* Mes de puro sangue de cordeiro sem maguoa. que elle auondosamente por Nos espargeo. Pois a quem

preguntar • quanto uall tua aalma deue rresponder. Esguarda o preço de que foy conprada O quall he tam grande que nom pode sseer apodado. Este he o filho de deus E rrey da glloria ho mais fremoso. ho melhor E mais saies. E mais rrico. E mais poderoso. de quantos foram n • serem O quall se deu por tua rrendiçõ e por conprar tua aalma Ora penssa se he dyna cousa a alma de que deus he o preço Muito he sandeu e m • o quem por hua pequena deleitaçom ou prazer que passa ante que se acabe. tam nobre e assy dyna cousa quer meter na m • o do diaabo e em sua prisom. aa sua confusom e contra a uontade daquelle que o tam caro conprou Hoo deuotas pessoas. defendee assy como diz sam gregorio. a honrra de uosso tam boo senhor com uosso /34r/ muy gram proueito. contra uossos viçyos E penssae e jnmaginaae em uossos coraç • es do gram uaguar nom como couçe em brasa a ssua bemdita paixom de ponto a ponto.

tem sem alguma coisa reter. Quem poderia recompensar tal cortesia? Mas pensai ainda mais adiante, como lhe não bastou meter sob os nossos pés toda (a) criatura, como diz David no Saltério, mas deu-nos a si mesmo em muitas maneiras: em companheiro, em preço, em galardão e em vianda para nossa refeição.

Capítulo 40º. – Da pobreza e paciência do Senhor. E de como é muito proveitoso pensar em seus tormentos.

Primeiro Ele se dá a nós como irmão e companheiro /33 r/ na sua encarnação quando Ele que é, foi e será sempre Senhor de toda a criatura, tomou forma de servo para nos servir. Ele disse no Evangelho: “Eu não vim para ser servido mas para servir”. Isso mesmo deve pensar a pessoa devota: que o Rei da glória não nasceu em câmara nem em sala, mas em lugar bem pobre onde prendiam bestas; nem foi embrulhado em cueiros nem grises, mas em panos muito pobres; nem foi lançado em berço dourado lavrado de ouro nem de prata, mas em uma pobre manjedoura de bestas onde não havia fogo que a sua tenra carne aquecesse nem água quente em que fosse banhado.

Depressa aquele doce Senhor começou (a) sofrer pobreza por nós. Porque de bom coração não deveríamos desprezar (a) pobreza, mas amá-la, pois este gracioso Senhor, ao oitavo dia da sua nascença, começou (a) derramar o seu precioso sangue por nós quando foi circuncidado. E pela perseguição de Herodes conveio ser trazido de noite, assim como (um) malfeitor, para terra estranha.

Também Ele se nos deu (como) mestre em sua santa pregação e exemplo de vida virtuosa e de perfeição e em sua conversação. Assim deve (o) homem pensar nos trabalhos e fome e sede e frio e quentura e os tortos e injúrias e desprezos e perseguições que o bom Jesus Cristo sofreu andando de vila em vila pela culpa dos pecadores e a grande piedade que /33v/ ele tinha daqueles que verdadeiramente se arrependiam dos seus pecados, de que os Evangelhos estão cheios. E como Ele quis ser tentado do diabo. E ainda se nos deu em preço de remissão. Pois que Ele nos comprou das penas do Inferno pelo seu precioso sangue, (por) aqui pode (o) homem conhecer bem o preço da sua alma, porquanto, diz S. Pedro, Deus não nos comprou de ouro nem prata nem de pedras preciosas, mas de puro sangue de cordeiro sem mácula que Ele abundantemente por nós derramou. Pois a quem perguntar ‘quanto vale a tua alma?’, debes

responder: 'esguarda o preço por que foi comprada', o qual é tão grande que não pode ser determinado. Este é o filho de Deus e rei da glória, o mais famoso, o melhor e mais sages e mais rico e mais poderoso de quantos foram nem serão. O qual se deu para teu resgate e para comprar a tua alma.

Ora pensa se (não) é cousa digna a alma de que Deus é o preço. Muito sandeu e mau é quem, por uma pequena deleitação ou prazer que passa antes que se acabe, tão nobre e digna cousa quer meter na mão do diabo e na sua prisão para sua confusão e contra a vontade daquele que tão caro o comprou.

Ó devotas pessoas, defendei – assim como diz S. Gregório – a honra de vosso tão bom Senhor com vosso /34 r/ muito grande proveito, contra vossos vícios. E pensai e imaginai em vossos corações, com grande vagar e detalhadamente e não como couce em brasa, a sua bendita Esguardaae o rrey da gloria alegria dos anjos do çeeo. *por nos dar prazer e uida sem fim como he apressado e triste ataa morte* segundo elle meesmo disse a *seus* deçipullos quando ssapartou a orar. Entom uyo elle *per* hua maginaçõ *ante seus* olhos todo o que auja de sofrer. E cayu em h• tam grande espanto segundo a humanjdade que de toda a ssua tenrra carne degotaua sangue ataa terra. E disse padre se possyuell he. *passa este callez per m•*. mas amor lhe fez dizer despois. nom como eu *quero* Mes como a ty praz. logo ueheo Judas que o treera *e* cõ elle os Judeus. que o aujã de prender. E o senhor foy *contra* elles E demãdoulhes quem buscaaes. a esta soo uoz cayrõ todos em terra de medo. Hoo doçe Jhesu bem mostrastes em este fecto que de uossa boa u•tade erees ofereçido. Entõ ueo judas *e* deulhe o malleçiosso beijo E os brauos Judeus o filharõ *e* leguaron como ladrom ou mall feitor E leuaronno ao bispo anas E foy toda aquella noite despendida em o aujllar *e* despreçar *e* escarneçer *e* o ferir de bofetadas *e* lançar escarros çujos em aquella gloriosa façe que os anjos deseiam esguardar. / 34v/ E juguauom daquelle que he uerdadeira sabedoria de *deus* assy como dhuu sandeu. hoo doçe *Senhor Jhesu christo* bem erees auondado damor. que segundo diz Jsayas. que Nunca tornastes uossa façe de *seus* çujos jogos Nem abristes uossa boca por h•a soo pallaura rresponder ao que uos fizeram Ora deuotas criaturas porque aquella rrey da gloria tanto sofreo nom esqueçaaes tall beneffiçio que este he h• grande enbrasamento *pera* o amar aynda que mais nom fosse Mes muyto mais hi ouue.

*Capitollo xLj da paixom de ihesu christo.*

Ca os brauos Judeus deste doçe *Senhor* toda a noite fizeram sua uoontade. E em outro dia pella manh• o leuaron leguado a cayfas *e* a pilatos E o acusaron de mujtas falssidades. E braadauom altas uozes que fosse cruçificado. Mes bem entendeo pillatos que jsto era enuejas E por jssso lhes disse eu nom acho em este homem algua causa de morte. eu o castigarey *e* leixalloey. hoo cordeiro sem tacha em que nom auia que purguar Mes purguauées os outros. Como tall emmenda a uos foy cruell. A ora de *prima* o fez pillatos desuestir *e* leguar a hua coluna E ferir *e* rronper aquella t•rra uirgem carne com correas atadas tanto que sobrelle nom /35r/ auia logar inteiro Mes era todo cuberto de ssanguentas chaguas desy uisterõno de purpura. coroarõno despinhos de que as pontas lhe chegauom ataa o testo fazendo delle escarnho. E assy o leuou

pillatos mostrar aos Judeus E lhe disse uedes o homem mostrando que aquello abastaua. Mes nõ foy assy que todos alto deziã. Se tu o leixas assy hir nom es amigo de çesar. Ca elle se faz rrey E moueo o poboo des guallilea ata aquy Quando pillatos ouujo jsto enujouho a erodes. O quall bem escarneçido foy tornado a pillatos. E entom disse pillatos. vos Judeus nem erodes n• eu nom achamos em este homem causa de morte Se uos prouuer eu uollo darey liure E elles rresponderõ este crucifica e leixa barrabas liure Pillatos lhe deu seu senhor E elles forom mais ledos cõ elle que com h• mall feitor. Aa ora de terça se assentou pillatos em Juizo E disse ajnda aos Judeus. eu nõ uejo causa de morte em este homem por que o querees cruçificar. E elles bradarõ altas uozes. Nos ley auemos E segundo ley deue morrer. Entom ouue pillatos por melhor prazer a elles. que fazer Justiça

Paixão. Esguardai o Rei da glória, alegria dos anjos do Céu, para nos dar prazer e vida sem fim, como está oprimido e triste até à morte, segundo Ele mesmo disse a seus discípulos quando se apartou para orar. Então viu Ele por uma imaginação ante seus olhos tudo o que havia de sofrer. E caiu em tão grande espanto segundo a humanidade que de toda a sua tenra carne gotejava sangue até (à) terra. E disse: “Pai, se é possível, passe este cálice de mim”; mas amor lhe fez dizer depois: “Não como eu quero mas como a ti praz”. Logo veio Judas que o traía e com ele os Judeus que o haviam de prender. E o Senhor foi (ao encontro) deles. E perguntou-lhes: “Quem buscais?” A esta voz caíram todos em terra de medo. Ó doce Jesus, bem mostrastes (com) este facto que de vossa boa vontade éreis oferecido. Então veio Judas e deu-Lhe o beijo malicioso. E os bravios judeus o apanharam e ataram como ladrão ou malfeitor e o levaram ao bispo Anás. E toda aquela noite foi despendida em O aviltar e desprezar, escarnecer e O ferir de bofetadas e lançar escarros sujos naquela gloriosa face que os anjos desejam esguardar. /34 v/ E escarneciam daquelle que é verdadeira sabedoria de Deus assim como de um sandeu. Ó doce senhor Jesus Cristo, éreis bem abundante de amor que, segundo diz Isaías, nunca tornastes vossa face de seus sujos jogos nem abristes vossa boca para uma só palavra responder ao que vos fizeram.

Ora, devotas criaturas, porque aquele Rei da glória tanto sofreu, não esqueçais tal benefício que este é um grande abrasamento para O amar ainda que mais não existisse, mas houve muito mais.

Capítulo 41º. – Da paixão de Jesus Cristo.

Pois os bravos judeus deste doce Senhor toda a noite fizeram sua vontade. E no outro dia, pela manhã, levaram-No ligado a Caifás e a Pilatos e acusaram-no de muitas falsidades e bradavam em altas vozes que fosse crucificado. Mas bem entendeu Pilatos que isto era inveja. E por isso lhes disse: “Eu não acho neste homem alguma causa de morte; eu o castigarei e soltá-lo-ei!”. Ó cordeiro sem tacha, em que não havia que purgar, mas purgáveis os outros. Como tal emenda a vós foi cruel! À hora de prima, o fez Pilatos desvestir e atar a uma coluna e ferir e romper aquella tenra carne virgem com correias atadas tanto que sobre ele não /35r/ havia lugar inteiro, mas estava todo coberto de sangrentas chagas. Depois disto, vestiram-no de púrpura, coroaram-no de espinhos de que as pontas chegavam até à testa, fazendo escárnio

dele. E assim o levou Pilatos mostrar aos judeus. E lhes disse: “Vedes o homem?” mostrando que aquilo bastava. Mas não foi assim (pois) que todos alto diziam: “Se tu o deixas assim ir não és amigo de César, porque ele se faz rei e moveu o povo desde (a) Galileia até aqui”. Quando Pilatos ouviu isto, enviou-o a Herodes, o qual, bem escarnecido, foi tornado a Pilatos. E então disse Pilatos: “Vós, judeus, nem Herodes nem eu achamos neste homem causa de morte; se vos prouver eu vo-lo entregarei livre”. E eles responderam: “Crucificai este e deixa livre Barrabás”. Pilatos entregou-lhes seu senhor e eles foram mais ledos com ele do que com um malfeitor. À hora de terça assentou-se Pilatos em juízo e disse, ainda, aos judeus: “Eu não vejo causa de morte neste homem. Por que o quereis crucificar?” E eles bradaram (em) altas vozes: “Nós temos (uma) lei e, segundo ela, (ele) deve morrer”. Então Pilatos houve por melhor prazer a eles

E deulho que o crucificassem Entom foy filhado dos caualleiros e escarneçido e abofetado E assy atormentado carreguarõ da cruz as suas santas espadoas E leuarõno *com* dous /35v/ ladr•es por lhe fazer mais desomrra a monte caluario. Aa ora da noa foi aquelle mansso cordeiro desuestido daquelles uestidos que os menisteros do diaabo ante ssy partirõ Desy estenderom no de longo e dancho assy como h•a pelle na cruz todo Nuu ante seus jmijgos que prazer auiam E em *presença* dos amigos a que mujto pesaua E passarõ de glossos crauos seus gloriosos pees e m•os E assy o leuantarom alto ante os ladr•es por sseer melhor visto Entom a sãta cauerna do seu preçiosso corpo foy aberta a quatro tornos que auomdasamente lançaõ sangue pera embeuedar os deuotos coraç•es damor. Haa doce Senhor Jhesu b• fostes •beuedado em amor. quando todas villanjas e emjurias çugidades tormentos que uos podessem fazer sofrestes tanto que se conprio a profeçia dysaias que disse. des a sola do pee ataa cabeça nom auja em elle cousa s• nem era • elle fremosura. E Nunca abrio sa boca senom por rroguar por aquelles que ho atormentauõ.

*Capitollo xLij* desa meesma.

Hoo uos deuotas *criaturas* que auees cujdado da uossa saude esguardaae a desposiçõ do corpo do uosso amigo. E uos todos pecadores abrij os olhos do uosso coração E esguardaae alto o uosso *deus e* senhor como tem /36r/ os bra<ç>os estendidos por Nos. E todos os *que* a elle *quiserem* tornar de uerdadeiro coraçõ abraçar E ssua glloriosa cabeça enclinada *pera nos* doçemente beijar E seus pees e m•os e costado furados *pera nos* meter dentro em ssy. Oo namorado coraçõ se uos *per* h•a amara conpaixom e ardente deseio entraaes dentro nas chaguas do uosso amigo Eu creyo que uos direes com daujd. aquy he minha folguança aquy morarey sem me partir Ca este luguar escolhy. Çertas bem he dino de confusom de morte quem tall benefício esqueçe. • todos nossos mesteres busquemollo. pendendo na cruz estendido. E ally o acharemos.

*Capitollo xLiiij* de como a uirg• *maria* sofreo na alma todos os tormentos *que* faziam ao seu *filho* E de como spirou

Quando sse chegaua a ora da sua *preçiosa* morte. veo sua madre que da espada da ssua paixom a alma auya *trespassada*. Entom *segundo* diz santo agostinho. ella foy mais que marteirada. Ca ella sofreo na alma todos os tormentos *que* faziam ao sseu bendito *ffilho*. E assy os sofreo no corpo do que ella era assy como morta. O que nom era *pequena* pena ao seu filho que lhe disse *piadosamente* molher ues aquy teu filho. por sam Joham auangellista que hi era *presente* assaz nojoso e *triste*. Ao quall elle disse ues aquy tua madre. Ora penssaee se podees. em que door de coraçõ foi esta *Senhora* quando ouujo esta uoz do seu *filho* / 36v/que sse hia *per* morte E ella rreçebia por filho seu sobrinho E por o *creador* a creatura. Quando a hora da noa se chegou disse nosso senhor Eu hey sede. a jsto diz sam bernardo. aa doce *Jhesu* porque te queixaste tu de sede que fazer justiça e deu-lho (para) que o crucificassem. Então (Jesus) foi apanhado pelos cavaleiros e escarnecido e esbofeteado. E assim, atormentado, carregaram (com) a cruz as suas santas espáduas e levaram-no com dous /35v/ ladrões para lhe fazer mais desonra ao Monte Calvário. À hora de noa foi aquele manso cordeiro desvestido daqueles vestidos que os ministros do diabo perante si partiram. Depois disto, estenderam-No ao comprido e ao largo, assim como uma pele, na cruz, todo nu perante seus inimigos que tinham prazer e na presença dos amigos a quem muito pesava. E passaram com grossos cravos seus gloriosos pés e mãos e assim O levantaram (ao) alto ante os ladrões para ser melhor visto. Então a santa caverna do seu precioso corpo foi aberta a quatro bicas que abundantemente lançavam sangue para embebedar os devotos corações de amor.

Ah! Doce Senhor, bem fostes embebedado em amor quando todas (as) vilanias e injúrias, sujidades, tormentos que vos pudessem fazer, sofrestes tanto que se cumpriu a profecia de Isaías que disse: “Desde a sola do pé até à cabeça não havia nele cousa sã nem havia nele formosura”. E nunca abriu sua boca senão para rogar por aqueles que o atormentavam.

Capítulo 42º. – Dessa mesma.

Ó vós, devotas criaturas, que tendes cuidado de vossa salvação, esguardai a disposição do corpo do vosso amigo. E vós todos, pecadores, abri os olhos do vosso coração e esguardai alto o vosso Deus e Senhor como tem /36r/ os braços estendidos para nós e (para) abraçar todos os que a Ele quiserem tornar de verdadeiro coração e sua cabeça gloriosa inclinada para docemente nos beijar e seus pés e mãos e costado furados para nos meter dentro em si.

Ó coração namorado, se vós, por uma amarga compaixão e ardente desejo, entraís dentro das chagas do vosso amigo, eu creio que vós direis com David: “ Aqui está a minha alegria, aqui morarei, sem (daqui) me partir pois que escolhi este lugar”. Certamente é bem digno de confusão de morte quem tal benefício esquece. Em todos os nossos mesteres busquemo-Lo, pendendo, estendido na cruz e ali O acharemos.

Capítulo 43º. – De como a Virgem Maria sofreu na alma todos os tormentos que faziam ao seu filho. E de como expirou.

Quando se chegava a hora da sua preciosa morte, veio sua mãe que tinha a alma trespassada da espada da sua paixão. Então, segundo diz S. Agostinho, ela foi mais que martirizada, porque sofreu na alma todos os tormentos que faziam ao seu bendito filho. E assim os sofreu no corpo do que ela era assim como morta. O que não era pequena pena (para) o seu filho que lhe disse piedosamente: “Mulher, vê aqui o teu filho”, por S. João Evangelista que ali estava presente assaz nojoso e triste, ao qual ele disse: “Vês aqui tua mãe”. Ora pensai, se pudeses, em que dor de coração ficou esta senhora quando ouviu esta voz do seu filho /36v/ que se ia para (a) morte e ela recebia por filho seu sobrinho e por criador a criatura. Quando a hora de noa chegou disse Nosso Senhor: “Tenho sede”. A isto diz S. Bernardo: “Ah! Doce Jesus, porque te queixaste tu de sede

E callaste os outros torm•tos Eu creyo bem senhor que esta sede era por nossa saude que tanto desejastes. que por ella morrestes cruelm•te. Entom lhe derõ fell e uynagre. Esgotado nõ no quys beuer desy dysse baixamente acabado he desy braadou altas uozes que n•h• se escusou de o ouuyr. Padre em tuas m•os comendo meu sprito. E dito esto encrynou a cabeça e deu a alma. Aquy se deue a deuota pessoa deteer E jnmaginar bem que des ora de meyo dia ataa Noa forõ treeuas per todo mundo sobre a terra. E o soll perdeo sua craridade E fendeosse o ueeo do tenplo E quebrarõse as pedras e tremeo a terra E os moymentos sabrirom E os que jaziã dentro saleuatãuõ batendo seus peitos. E o çenturiom que jsto uyo deu gloria a deus E disse çerto este hom• filho de deus era.

*Capitollo* xLiij de tres maneiras de lagrimas que auemos a auer da sua morte E de como aa ora de vespera foy deçido da cruz.

Hoo uos deuotas pessoas esguardaae profundamente / 37r/ dos olhos de uosso coração vosso senhor E uosso deus Aquelle que he uerdadeiro lume do çeeo allegria e gloria dos anjos e dos santos ho mais fremoso de todos hos hom•s. pendendo morto na cruz como mall feitor feo e sem fremossura por nosso amor. Nom seiaaes mais duros que as creaturas ynsensiuées que ham conpaixom do seu senhor como dicto he Se uos s•es uerdadeiros nenbros e s•os. vos deuees s•tyr os tormentos de uossa cabeça e senhor que uos tam caro conprou. E deuesseuos fender o coração per conpaixom e comtriçom e tremer todo de medo E abrisse todo per lagrimas de deuaçõ. E se uos s•es amigos uerdadeiros estas tres maneiras de lagrimas deuees dauet. de cõtriçom de conpaixom. de deuaçom. E por estas tres causas da morte de uosso amigo. • A primeira he que elle morreo por nossos pecados segundo diz sam paullo E por nos tirar de danaçom E por jsto deuemos dauet lagrimas de contriçõ. • A segunda causa dessa morte quanto he da sua parte foy o amor que nos auya. Ca elle nos lauou de nossos pecados no seu sangue segundo diz sam Joham no apocallipse. E por que nosso amor o fez morrer deuemos dauet lagrimas de deuaçom Desy aquelle que he morto de tam cruell e uerguonhosa morte. he nosso jrm•o segundo ha humanjdade E nosso padre /37v/ segundo a deu•dade. Por jsto deuemos auet lagrimas de piadade e conpaixom. Muito seria afastado de boa natureza quem visse seu padre e seu jrm•o morrer a torto de tã ujl morte senom fosse moujdo a conpaixõ. E sem duujda se Nos

esguardarmos bem dos olhos do coração as penas e a uergonhosa pobreza que nosso amigo por Nos padeção Nos deueriamos leixar e desamar os deleitos deste mundo e as honrras E amar seer pobre como nosso tã b• amigo. Ajnda nos creçe rrazõ de chorar e mais amar. Ca os cruees Judeus despois da morte do nosso doce amigo Jhesu christo. que sobre todas as cruezas foi auâtejada. fizeram o seu santo costado passar dh• a lamça donde sangue e augua sayrõ pera nos guareçer e lauar. E ajnda que os Judeus o mãdassem fazer moujdos per cluedade. O doce Jhesu hordenou seer assy com grande amor Nosso. Por que os seus que amassem pobreza e humilldade podessem entrar ataa o seu coração. E juntar h• coração com outro. Certo quem auantajadamente ama achara o cam•ho feito ataa o seu coração E Nom lhe falleçe senom em e calaste os outros tormentos?” Eu creio bem, Senhor, que esta sede era pela nossa salvação que tanto desejaste que por ela morreste cruelmente”. Então lhe deram fel e vinagre. Esgotado, não o quis beber, depois disse em voz baixa: “Está terminado”, e em seguida bradou (a) altas vozes que ninguém se dispensou de o ouvir: “Pai, em tuas mãos entrego (o) meu espírito”. E dito isto inclinou a cabeça e deu a alma.

Aqui se deve deter a pessoa devota e imaginar bem que desde a hora de meio dia até noa houve trevas sobre a terra por todo o mundo, e o sol perdeu a sua claridade e fendeu-se o véu do templo e quebraram-se as pedras e tremeu a terra e os sepulcros abriram-se e os que jaziam dentro levantavam-se, batendo seus peitos, e o centurião que isto viu deu a glória a Deus e disse: “De certeza que este homem era filho de Deus”.

Capítulo 44º. – De três maneiras de lágrimas que havemos de ter da sua morte. E de como à hora de véspera foi descido da cruz.

Ó vós, devotas pessoas, esguardai profundamente /37r/ dos olhos de vosso coração vosso Senhor e vosso Deus. Aquele que é verdadeiro lume do céu, alegria e glória dos anjos e dos santos, o mais formoso de todos os homens, pendendo morto na cruz como malfeitor feio e sem formosura, por nosso amor. Não sejais mais duros que as criaturas insensíveis que têm compaixão do seu senhor, como foi referido.

Se vós sois membros verdadeiros e sãos, vós deveis sentir os tormentos de vossa cabeça e senhor que tão caro vos comprou e deve-se-vos fender o coração por compaixão e contrição e tremer todo de medo e abrir-se todo por lágrimas de devoção. E se vós sois amigos verdadeiros deveis ter estas três maneiras de lágrimas: de contrição, de compaixão, de devoção. E por estas três causas da morte de vosso amigo.

A primeira é que Ele morreu por nossos pecados, segundo diz S. Paulo, e por nos livrar de condenação. E por isto devemos ter lágrimas de contrição.

A segunda causa dessa morte, quanto é da sua parte, foi o amor que nos tinha, porque Ele nos lavou dos nossos pecados no seu sangue, segundo diz S. João no Apocalipse. E porque (o) nosso amor O fez morrer, devemos ter lágrimas de devoção. Depois aquele que morreu de morte tão cruel e vergonhosa é nosso irmão segundo a humanidade e nosso pai /37v/ segundo a divindade. Por isto devemos ter lágrimas de piedade e compaixão. Muito afastado seria de boa



natureza quem visse seu pai e seu irmão morrer injustamente de morte tão vil se não fosse movido a compaixão.

E, sem dúvida, se nós esguardarmos bem (com) os olhos do coração as penas e a vergonhosa pobreza que (o) nosso amigo por nós padeceu, nós deveríamos deixar e desamar os deleites deste mundo e as honras e amar ser pobre como o nosso tão bom amigo. Ainda nos sobeja razão para chorar e mais amar porque os cruéis judeus depois da morte do nosso doce amigo, Jesus Cristo, que a todas as cruzeiras foi superior, fizeram trespassar o seu santo costado por uma lança, de onde saíram sangue e água para nos guarecer e lavar. E ainda que os Judeus O mandassem fazer movidos por crueldade, o doce Jesus determinou ser assim com grande amor nosso para que os seus que amassem pobreza e humildade pudessem entrar até o seu coração e caminhar *per* ardente amor *e* deuota conpaixom /38r/ Aa ora de uesperas foy o seu corpo deçido da cruz. Ora penssaee a maneira do deçer E como seria rreçebido aquelle corpo morto. E da triste sua madre que *presente* era os sospiros E gimidos mall poderiam seer escriptos.

*Capitollo xLv* que as deuotas pessoas deuem fazer em seu curaçom h• sepulcro *pera* rreçeber o noso *Senhor e* sepultalo em nos.

Aa ora completa foi o senhor da morte *e* da ujda hongido *e* enuorilhado em h• lençoll. E metido No sepulcro Mas Nom sem grande abastança de sospiros E gemjdos *e* lagrimas da sua bendita madre que ajnda pareçem sobre a pedra segundo diz santo agostinho. E uos deuotas pessoas fazee de uosso coraçom h• sepulcro *pera* rreçeber nosso amigo. E teende uossos coraç•es humjlldosos *per* *conthinuada* confissom. E guardaee as suas armas No uosso coraçom que sam emsanguentadas do seu sangue quando morreo na batalha. E *per* ssa morte nos liurou de perdiçom E nos gu•hou o moorguaado do parayso se *per* Nos nom fica. E nom esqueçaaes cada dia desguardar com os olhos do coraçom. Que assy como nos elle abrio a porta do seu coraçom *pera* nos entrarmos dentro em elle. Assy nos rrequere nos canticos que Nos lhe abramos a nossa *pera* elle alberguar dentro em Nos. Pois abrijlhe uosso coraçõ *per* oraçõ *e* uossa boca *per* confisom E uosso esprito *per* doce amor E os braços do /38v/ coraçom *pera* o abraçar. E rreçebio *e* supultaee todo em uos E lauaaelhe ssuas chaguas com uossas doces lagrimas *e* huntaaee de deuaçõ *per* piadade *e* conpaixom. E emuorilhaee em h• lençoll. *scilicet*. em coraçom linpo *e* puro se longamente o querees guardar.

*Capitollo xLvj* dos mujtos benefícios que nos deus fez des que foy morto.

Quando o doce Jhesu foy morto logo deçendeo em alma aconpanhada da deu•dade aos jnfernos por liurar seus amigos. E ao terceiro dia rresurgio. E *per* quareenta dias se mostrou a seus amigos na terra. E ao dia do pinticoste emuyou esprito santo sobre seus deçipullos. E todo esto elle fez *per* nos dar esperança. que assy nos rresuçitara da morte aa ujda E nos fara sobir ao çeeo cõssiguo se nos Nos trabalharmos de rressurgir da morte do pecado a ujda de graça. E se Nos sobirmos cada dia ao çeeo *espiritualmente* *per* santo desejo *e* *per* deuotas contenpllaç•es. E que seiamos senpre aparelhados *pera* rreçeber o espritu santo. O quall nos deus outorgue. amem.

*Capitollo xLvij* como o sacramento da eucarestia faz mujtos proueitos aaquel que dignamente o rreçebem E do moor amor *que nos deus* mostrou.

A mayor bondade *e* amor que *deus* mostrou aos hom•s *he* que elle se deu *e* da cada dia em ujanda. quando *nos* da o sseu preçioso corpo a comer E o seu graçioso sangue a beuer no sacramento do altar. Que ajnda que grande /39r/ cousa seia elle se dar em conpanheiro *e* meestre. Em preço de rremijmento *e* em •xenpllo nom *he* todo h• o dador *e* rreçebedor ante ha hi deferença. Mes quando se elle da no sacramento do altar elle faz h• de ssy E do que o rreçebe *e* o conuerte em ssy meesmo. Assy como disse a santo agostinho. Eu sam *Jhesu christo* vianda

juntar um coração com outro. Com certeza que quem extremamente ama, achará o caminho feito até ao seu coração e não lhe falta senão em caminhar por ardente amor e devota compaixão. /38r/ À hora de vésperas foi o seu corpo descido da cruz. Ora pensai na maneira do descer e de como seria recebido aquele corpo morto e da triste sua mãe que estava presente (cujos) suspiros e gemidos mal poderiam ser descritos.

Capítulo 45º. – Que as pessoas devotas devem fazer em seu coração um sepulcro para receber o nosso Senhor e sepultá-Lo em nós.

À hora completa foi o Senhor da morte e da vida ungido e embrulhado num lençol e metido no sepulcro, não sem grande abundância de suspiros e gemidos e lágrimas da sua bendita mãe que ainda hoje aparecem sobre a pedra, segundo diz Santo Agostinho. E vós, pessoas devotas, fazei de vosso coração um sepulcro para receber nosso amigo e tende vossos corações humildosos por confissão continuada e guardai as suas armas no vosso coração que estão ensanguentadas do seu sangue quando morreu na batalha. E por sua morte nos livrou da perdição e nos ganhou o morgadio do Paraíso se para nós não fica. E não esqueçais cada dia de esguardar com os olhos do coração que, assim como ele nos abriu a porta do seu coração para nós entrarmos dentro dele, assim nos solicita nos cânticos que nós lhe abramos a nossa para Ele (se) albergar dentro em nós. Pois abri-lhe vosso coração pela oração e vossa boca pela confissão e vosso espírito por doce amor e os braços do /38v/ coração para O abraçar. E recebei-O e sepultai-O todo em vós e lavaiLhe suas chagas com vossas doces lágrimas e ungi-O da devoção por piedade e compaixão e embrulhai-O num lençol, isto é, em coração limpo e puro se por longo tempo O quereis guardar.

Capítulo 46º. – Dos muitos benefícios que Deus nos fez desde que foi morto.

Quando o doce Jesus foi morto logo desceu em alma acompanhada da divindade aos infernos para libertar seus amigos. E ao terceiro dia ressurgiu e por quarenta dias se mostrou a seus amigos na terra e no dia de Pentecostes enviou (o) Espírito Santo sobre (os) seus discípulos. E tudo isto ele fez para nos dar esperança (de) que assim nos ressuscitará da morte à vida e nos fará subir ao céu consigo se nós nos esforçarmos (por) ressurgir da morte do pecado à vida de graça e se nós subirmos cada dia ao céu espiritualmente por santo desejo e devotas contemplações. E que sejamos sempre preparados para receber o Espírito Santo o qual Deus nos conceda. Amén.

Capítulo 47º. – Como o sacramento da Eucaristia faz muitos proveitos àquel(es) que dignamente o recebem. E do maior amor que Deus nos mostrou.

A maior bondade e amor que Deus mostrou aos homens é que Ele se deu e dá cada dia em vianda quando nos dá o seu precioso corpo a comer e o seu gracioso sangue a beber no sacramento do altar, que, ainda que grande /39 r/ cousa seja ele se dar como companheiro e mestre em preço de remição e em exemplo, não se unificam o dador e (o) recebedor antes aí há diferença. Mas quando Ele se dá no sacramento do altar, Ele faz um de si e do que O recebe e O converte em si mesmo. Assim como disse a Santo Agostinho: “Eu sou Jesus Cristo, vianda dos grãdes. Mes *per* alteza de uida tu *seras* grande se me comeres. E nom me mudaras em ty. Mes tu *seras* mudado em mim. A alma se muda em *Jhesu christo* quando mais e mais ella o parece *per* boa uida que faz em uertude do sacramento que faz mujtos proueitos aaquelles que dinamente o rreçebem. Primeiro guareçe e alinpa a alma dos pecados uenyaaes E os mortaaes esqueçidos presenta aa memoria *pera* se fazer delles emmenda *per* confissõ. Elle aliuu em todo ou em parte a pena do purgatorio aaquall homem era theudo pollos pecados feitos. E defende a alma *contra* as m•s tentaç•es. E apura a dos penssamentos e afeição•es desonestas. E a faz mouer açerca da uoontade de *deus* E nom segundo a carne e a sensualidade. Elle guarda de consintyr o pecado mortall E crya a alma em graça e a faz *creçer* em uertudes E em amor de *deus*. E sostena que nom falleça em esta peregrinaçom. E confirmaa em todo bem. Sam Joham boca douro diz que os diaabos nõ ousam de chegar. E fogem daquelle que dinamente rreçebe /39v/ o corpo de *Jhesu christo*. Santanbrosio diz que quem rreçebe este sacramento sem rreuerençiall humjldade E sem dilligente aparelho peca mortalmente. E quem o nom cree por sua condanaçom o filha. Aquelle sacramento foy santificado na ley antijgua polla manaa que foi dada no deserto aos *filhos* disrraell que se derretia ao ssoll E endureçya ao fogo. Pollo soll se entende carydade que faz ualler e creçer as outras uertudes. Pollo fogo entende cobijças carnaaes e de rriquezas. E quando afillha a pessoa que esta em caridade elle a faz derreter *per* deuaçõ e creçer em b•s costumes. Mes quãdo he rreçebido dalg•a pessoa auarenta ou luxuriosa. ella emdureçe. Ca santo agostinho diz que neh•s sam tam emdureçidos nem tam *perfiosos* no mall. como aquelles que jndinamente rreçebem este saclamento. Desy o ssoll faz derreter os enguentos aromaticos. E seca e endureçe o lloido. assy faz o uerdadeiro soll da justiça *Jhesu christo*. quando pessoa deuota e de b•s costumes o rreçebe Elle a faz toda fundir em lagrimas de deuaçõ. E quando doutra çuja *per* pecado e emllodada he rreçebido. ella torna tam dura e assy seca de graça que a todo bem he fria e preguiçossa. Mes quem quer que este sacram•to lha [a]proueite. elle se deue aparelhar com deligência. E rreçebello humjldosamente. E com rreuerença E se desy gradeçello deuotamente e guardallo /40r/ honestamente. E sagesmente o que *deus* nos outorgue Am•.

*Capitollo* xLviiij da Salue rregina e milagres dela E do penssar que o homem deue a uer em os mujtos benefícios de *deus* desy como o uera de façe a façe.

Quando homem penssa *nos* geeraaes benefícios que *deus* faz a toda pessoa. assy deue pensar *nos* espiçiaaes assy como no bautismo. E o fazer naçer de padre *e* madre *christ*•os. E como o guarda *e* defende de mujtos perijgos *e* pecados em que cayra se elle nom fora. E como *nos* atende ataa pendenza *e* emmenda dos feitos. E como nõ seg•do nossa maldade *nos* chama a seu seruiço. E outras mujtas graças que cada h• em ssy meesmo bem pode conhecer E assy enbrase seu coração no amor de *deus*. E pode hom• dizer o que a ssamta alma diz *nos* canticos. Meu amigo he todo meu *e* eu sam toda ssua. Desy elle *nos* deu sua madre por uoguada E acorro em todas nossas neçessidades. bem ama o juiz a causa de que faz sua madre uoguada. E çerto grandes. Mas por alteza de vida tu serás grande se me comeres e não me mudarás em ti mas tu serás mudado em mim”.

A alma muda-se em Jesus Cristo quando mais e mais ela com ele (se) parece por vida boa que faz em virtude do sacramento que faz muitos proveitos àqueles que dignamente O recebem. Primeiro, guarece e alimpa a alma dos pecados veniais e os mortais esquecidos presenta à memória para deles se fazer emenda pela confissão. Ele alivia em todo ou em parte a pena do purgatório à qual o homem era obrigado pelos pecados feitos. E defende a alma contra as más tentações e apura-a dos pensamentos e afeições desonestas e a fazer mover a respeito da vontade de Deus e não segundo a carne e a sensualidade. Ele protege de consentir o pecado mortal e cria a alma em graça e a faz crescer em virtudes e em amor de Deus e sustém-na (para) que não desfaleça nesta peregrinação e confirma-a em todo o bem.

São João Boca de Ouro diz que os diabos não ousam chegar e fogem daquele que dignamente recebe /39v/ o corpo de Jesus Cristo. Santo Ambrósio diz que quem recebe este sacramento sem reverencial humildade e sem diligente preparação peca mortalmente e quem o não crê por sua condenação o toma. Aquele sacramento foi santificado na lei antiga pelo maná que foi dado no deserto aos filhos de Israel que se derretia ao sol e endurecia ao fogo. Pelo sol se entende (a) caridade que faz valer e crescer as outras virtudes. Pelo fogo (se) entende(m) cobiças carnaís e de riquezas. E quando apanha a pessoa que está em caridade, ele a faz derreter por devoção e crescer em bons costumes, mas quando é recebido por alguma pessoa avarenta ou luxuriosa, ele endurece. Pois que S. Agostinho diz que não há ninguém tão endurecido nem porfioso no mal como aqueles que indignamente recebem este sacramento. Depois, o sol, faz derreter os unguentos aromáticos e seca e endurece o lodo. Assim faz o verdadeiro sol da justiça, Jesus Cristo. Quando a pessoa devota e de bons costumes o recebe, ele a faz toda fundir em lágrimas de devoção. E quando de outra suja pelo pecado e enlodada é recebido, ela torna-(se) tão dura e tão seca de graça que a todo o bem é fria e preguiçosa. Mas quem quer que este sacramento lhe aproveite ele se deve preparar com diligência e recebê-lo humildosamente e com reverência, e depois agradecê-lo devotamente e guardá-lo /40r/ honestamente e sagesmente – o que Deus nos conceda. Amén.

Capítulo 48º. – Da salve rainha e milagres dela. E do pensar que o homem deve ter nos muitos benefícios de Deus e também como o verá de face a face.

Quando o homem pensa nos gerais benefícios que Deus faz a toda a criatura, assim deve pensar nos especiais, como o baptismo e o fazer nascer de pai e mãe cristãos. E como o guarda e defende de muitos perigos e pecados em que cairia se ele não existisse. E como nos atende até penitência e emenda das acções. E como não segundo a nossa maldade nos chama ao seu serviço e outras muitas graças que cada um em si mesmo bem pode conhecer. E, assim, abra-se seu coração no amor de Deus. E pode uma pessoa dizer o que a santa alma diz nos cânticos: “Meu amigo é todo meu e eu sou toda sua”. Depois ele nos deu sua Mãe por advogada

bem procura por Nos. Que se lee dh• comuento em *que* cada dia cantauõ a salua rregina. E h• santo hom• uja no çeeo nossa senhora que se poinha em giolhos ante seu *filho* rrogando pollo poboo nesta palaura. {Eya, ergo, aduocata nostra} Espiçialmente por aquelle conu•to. Pouco ama sua neçessidade quem com *deus* ha de fazer. que se primeiro Nom encomenda a esta uoguada. *per* cujas m•os todos os b•s /40v/ de *deus* nos ueem segundo diz sam bernardo. E ajnda deue hom• dauer por benefícios de *deus* tribullaç•es jnfirmitades e despreços e dar graças a *deus* por o bem e proueito que nos fazem e nom se queixar nem braadar *per* murmuraçom ou jnpaciência como a maa pesoa que braada quando a fere seu *dereito* marido alg• pouco. Mes todo mall que seu rriballdo lhe faça ella o sofre ledamente. *Jhesu christo* he nosso uerdadeiro esposo. pois filhemos em paciência todo o que nos elle •uja. Assy como fazem os pecadores que sam amigos do m•do e do diaabo que nom contõ trabalho que passem por conprir sua maa voontade. Quando h• grande hom• filha hua pobre molher em terra honde nom he conhecido Elle lhe nõ faz entõ gram festa. Mes fazea despois que he em sua terra. Assy he spritualmente que *Jhesu christo* ueo a este mundo honde dos seus foi pouco conhecido segundo diz o euangelho. E juntousse *per* casamento aa humanall natureza. pero nom lhe fez comprida festa. Porque mujto all teue de fazer. Mes quando ella for com elle em sua gloria que he o paraiso se fara a marauilhosa festa. E por h• pequeno trabalho que ella auera sofrido rreçebera grande E sem fim alegria. Ca *deus* se dara a alma na ujda da gloria em guallardom que ella o ueera /41r/ faça a faça assi como elle he. Que he diz hugo de sam uytor. a glloria dos santos e a sobre todas bem auenturãça (...) veer *deus* em tres pessoas E entendello claramente. E diz Jsaias. olhos nom poderiam esguardar nem orelhas escuytar. n• coração pensar. o que *deus* aparelha a seus amigos. E santãselmo diz. hoo creatura que uaas emsandeçendo em buscar desuayrados b•s aa tua aalma e ao corpo. Ama h• soo bem que he *deus* em que sam todos os b•s e abasta. Ora penssemos como *deus* nos amou. quando toda creatura do çeeo e do mar e da terra deu a nosso proueitoso seruiço. E sy meesmo em jrm•o e conpanheiro. E em meestre e emxenpro. E em preço de remijmento. E em ujanda no sacramento do altar. E guallardom na glloria perdurauell. Pois muyto o deuemos damar E amado sem fim ho aueremos. O que elle nos queira outorguar. amem.

*Capitollo xLix* de çinquo Sentidos e das maas lingoas E que pouco ual conbater contra os outros viçios senom rretem sua lingua.

Ora he nosso castello çercado das cauas do coração que sam profundas *per* humjllidade e larguas *per* caridade. E de muros jsso meesmo que sam altos *per* discreçom E fortes *per* paçiençia. Ora he tenpo de fallar nas portas. E he de saber que no castello honde o coração he çarrado ha hua porta prinçepall que he a boca /41v/ E ha hy çinquo portas de fora *per* que o

e acorro em todas as nossas necessidades.

Bem ama o juiz a causa de que faz sua mãe advogada e com certeza bem procura<sup>120</sup> por nós. Que se lê de um convento em que cada dia cantavam a salve rainha. E um homem santo via no céu Nossa senhora que se punha em joelhos perante seu filho rogando pelo povo nesta palavra: {Eya, ergo, aduocata nostra}, especialmente por aquele convento. Quem pretende apegar-se a Deus, pouco ama a sua necessidade, que<sup>121</sup> primeiro se não encomenda a esta advogada por cujas mãos todos os bens /40v/ de Deus nos vêm, segundo diz S. Bernardo. E ainda deve a pessoa ter por benefícios de Deus tribulações e desprezos e dar graças a Deus pelo bem e proveito que nos fazem e não se queixar nem bradar por murmuração ou impaciência como a pessoa má que brada quando a fere seu legítimo marido algum pouco, mas todo o mal que seu libertino lhe faça, ela o sofre com alegria.

Jesus Cristo é nosso verdadeiro esposo. Pois tomemos com paciência tudo o que ele nos envia, assim como fazem os pecadores que são amigos do mundo e do diabo, que não contam o trabalho que passam para cumprir sua má vontade. Quando um homem grande toma uma mulher pobre em terra onde não é conhecido, ele não faz então grande festa mas fá-la depois que está na sua terra. Assim é espiritualmente (pois) que Jesus Cristo veio a este mundo onde foi pouco conhecido dos seus, segundo diz o Evangelho, e juntou-se por casamento à natureza humanal mas não lhe fez festa completa porque muita outra coisa teve que fazer. Mas quando ela for com ele em sua glória, que é o Paraíso, se fará a maravilhosa festa e por um pequeno trabalho que ela haverá sofrido receberá alegria grande e sem fim. Pois que Deus se dará à alma na vida da glória em galardão (já) que ela o verá /41 r/ face a face assim como ele é, que, diz Hugo de S. Vítor, é a glória dos santos e a sobre todas bem-aventuranças (...) ver Deus em três pessoas e entendê-lo claramente.

E diz Isaías: “Olhos não poderiam esguardar, nem orelhas escutar, nem coração pensar, o que Deus prepara a seus Amigos”. E Santo Anselmo diz: “Ó criatura que vais ensandecendo em buscar desvairados bens à tua alma e ao corpo, ama um só bem que é Deus em que estão contidos todos os bens e basta”.

Ora pensemos como Deus nos amou quando deu a nosso proveitoso serviço toda (a) criatura do céu e do mar e da terra, e si mesmo como irmão e companheiro e como mestre e exemplo e como preço de remissão e como vianda no sacramento do altar e (como) galardão na

---

<sup>120</sup> No sentido de que se o advogado advoga, o procurador procura, isto é, exerce o ofício de procuradoria.

<sup>121</sup> Com sentido condicional.

glória perdurável, pois muito o devemos amar e amado sem fim o teremos. O que ele nos queira conceder. Amén.

Capítulo 49º. – Dos cinco sentidos e das más-línguas. E que pouco vale combater contra os outros vícios se não (se) retém sua língua.

Ora (o) nosso castelo é cercado dos fossos do coração que são profundos por humildade e largos por caridade e também de muros que são altos por discrição e fortes por paciência. Agora é tempo de falar nas portas. E há que saber que no castelo onde o coração está encerrado coração uay muytas uezes uaguar aas cousas deste mundo. Estas sam os çinquo sentidos. • os olhos. • as orelhas. • Os narizes. • o guosto. • E o tocam•to. que sam mujto perijguosas. senom sam bem guardadas pouco uall çercar de fosas nem de muro. Ca sse ellas sam abertas a hoste dos pecados entra ligeiramente. E per tall entrada muytas uezes vem a morte aa alma segundo diz Joell. E diz sam Jeronjmo a torre do coração nom pode seer filhada se as portas nom sam abertas aa oste do diaboo. Mes a boca e a lingua que he a prinçepall he a mais perijguosa. Ca tam mall como sse podem nomear as guotas do mar tã mall se contarõ os pecados que saa• da lingua. E diz santiago que da lingua saae toda malldade. Por jsto he a maa lingua conparada ao corisco e ao toruom. E aa seeta e aa lança e aa espada. E a foguo ardente. E aa serpente que morde com pe<ç>onha. Ca estes todos nom fazem tam mall. como u• das maas linguas. Por jsto deue homem meter boa guarda em esta perijguosa porta. Jsto he o que daujd pede no salteiro. Senhor põe guarda na minha boca. O porteiro e guarda desta porta deue seer o themor de deus. que per ella n•h•a cousa deue deixar entrar. nem sayr senõ per leçença de rrazõ e discreçõ que Som senhores do castello. Vijnho e ujãda entrã per esta porta. de que homem nom deue husar. /42r/ Aallem de tenperança. E jssso meesmo saaem palauras que temor de deus nom deue deixar sayr sem leçença dos sobre ditos. Ca emballde se conbate com os outros ujçios quem nom rretem sua lingua. E quem a bem guarda ha o senhorio do seu corpo. E Sam Jeronjmo diz. pollas pallauras se conhecem os hom•s. Por jsto disse sallamom nos prouerbios. quem leixa hir a augua a todo seu curssso. *scilicet*. a pallaura aa ssua voomtade sem a rreteer cõ prema de discreçõ. amehude se lhe causam demãdas e tenç•es. E diz sam bernardo que a palaura deue primeiro v•r duas uezes aa lima. *scilicet*. de discreçõ e rrazõ que hua uez aa lingua. Desy deue homem penssar pesar as palauras na ballança destes mesmos E esta ballança deue seer justa que nom pese mais a h•a parte que haa outra. Ca por amor nem odio dalg• nom deue hom• deixar de dizer uerdade em tempo e luguar. Se esta porta he assy guardada o castello sera seguro daquela parte.

*Capitollo* L que o olho nom casto mesejeiro he do coração nom casto E de oito pontos de rreligiom.

Das outras portas a dos olhos he maijs perijgosa. Por jssso se diz amehude o que ho olho nom uee Coração nom cobijça. E sam gregorio diz. nom he b• oolhar o que hom• nom pode cobijçar sem pecado. Por jsto a deuota pessoa que ha cujdado de ssua saude. deue teer seus olhos baixos. E nom esguardar aficadamente outra. Nem alto nem sem uergõha. que ella nõ mate elle ou sy

meesmo /42v/ (Sy) por maaõ consssintimento. Ou outr• por lhe daar aazo de pecado. Ca diz sam geronjmo a morte he entrada a Nos pollas freestas Jsto he em nossas almas pollos olhos. E deue pensar que nom he mais forte que sasam. Nem mais uirtuoso que daujd. Nem mais saies que sallamom. que todos cayrõ por sandiam•te esguardar.

há uma porta principal que é a boca /41v/ e há cinco portas de fora pelas quais o coração vai muitas vezes vaguear às coisas deste mundo. Estas são os cinco sentidos – os olhos, as orelhas, os narizes, o gosto, e o tocamento – que são (cousas) muito perigosas; se não são bem guardadas, pouco vale cercar de fossos nem de muro, pois que, se elas estão abertas, a hoste dos pecados entra com facilidade. E por tal entrada muitas vezes vem a morte à alma, segundo diz Joel. E, diz S. Jerónimo, a torre do coração não pode ser tomada se as portas não estão abertas à hoste do Diabo. Mas a boca e a língua que é a principal, é a mais perigosa. Pois que, como tão mal se podem nomear as gotas do mar, tão mal se contarão os pecados que saem da língua.

E diz S. Tiago que da língua sai toda (a) maldade. Por isto é a má-língua comparada ao corisco e ao trovão e à seta e à lança e à espada e ao fogo ardente, e à serpente que morde com peçonha. Porque estes todos não fazem tão mal como vem das más-línguas. Por isto deve (o) homem meter boa guarda nesta perigosa porta. Isto é o que David pede no saltério: “Senhor põe guarda na minha boca”.

O porteiro e guarda desta porta deve ser o temor de Deus que por ela nenhuma coisa deve deixar entrar nem sair senão por licença da razão e discrição que são senhores do castelo. Vinho e vianda entram por esta porta de que (o) homem não deve usar /42 r/ para além da temperança. E também saem palavras que (o) temor de Deus não deve deixar sair sem licença dos sobreditos porque em balde trava combate com os outros vícios quem não retém a sua língua e quem a bem guarda tem o senhorio do seu corpo. E S. Jerónimo diz: “Pelas palavras se conhecem os homens”. Por isto disse Salomão nos Provérbios: “Quem deixa ir a água a todo o seu curso, isto é, a palavra à sua vontade, sem a reter com a disciplina da discrição, amiúde se lhe causam demandas e contendias”.

E diz S. Bernardo que a palavra deve vir primeiro duas vezes à lima, a saber, da discrição e razão, do que uma vez à língua. Depois deve (o) homem pensar (em) pesar as palavras na balança dest(as) mesm(as). E esta balança deve ser justa (para) que não pese mais a uma parte que a outra, porquanto (nem) por amor ou ódio de alguém deve a pessoa deixar de dizer a verdade em tempo e lugar. Se esta porta é assim guardada o castelo estará seguro daquela parte.

Capítulo 50º. – Que o olho não casto é mensageiro do coração não casto. E de oito pontos de religião.

Das outras portas a dos olhos é a mais perigosa. Por isso se diz amiúde: o que o olho não vê, coração não cobiça.



E S. Gregório diz: “Não é bom olhar o que (o) homem não pode cobiçar sem pecado”. Por isto a pessoa devota que tem cuidado de sua salvação deve ter seus olhos baixos e não esguardar fixamente outra. Nem alto nem sem vergonha (para) que ela não mate a (ela) ou a si mesmo, a si, /42v/ por mau consentimento, a outrem, por lhe dar azo de pecado, porquanto diz S. Jerónimo: “A morte entra em nós pelas frestas, isto é, em nossas almas pelos olhos”. E deve pensar que não é mais forte que Sansão, nem mais virtuoso que David, nem mais sages que Salomão, que todos caíram por esguardar sandiamente.

Espicialmente no moesteiro deue homem guardar seus olhos e oolhar a terra em sinall dhumjlldade e uergonha. que he h• dos quatro pontos de rrelligiom. que sam pouco andar pouco fallar e oolhar baixo e pensar alto. Aynda hi ha outras quatro. • Serujr per hubidiença. ••Sofrer per paçiença. ••Sentir per deuocom. ••Sospirar per deuota oraçõ. E nom deue parar mentes aas mjnguas alheas Mes aas suas. Assy se tem homem em humjlldosa paz. Desta porta deue seer porteiro e guarda castidade e uergõha. Ca quem nom tem os olhos castos em oolhar. signall he que seu coração longe he de castidade. E diz santo agostinho a pessoa que ha os olhos leuâtados he sem uergonha. Assy como mujtos hi ha que todo quer• veer e saber Estes nom podem auer paz de coração nem guardar linpamente seu castello. Ca ssua porta he senpre aberta pera entrarem os jmijgos ataa ho coração. *scilicet.* o diaabo. O mundo. E a carne. /43r/

*Capitollo* Lj que nom deuemos escuytar as maas lingoas E de como com palauras duras deuemos a afastar de nos os maldiz•tes.

A segunda porta das de fora sam as orelhas. Esta he assaz perigiosa por que esta senpre aberta e homem nom ha pode çerrar. Pero pode seer rretheuda de que o sajes diz. rretem tuas orelhas com espinhas. E nom escuytes as maas linguoas que enpeçonham sy e os escuytadores. Aas espinhas com que homem deue rreteer as orelhas he ho temor de deus. E a nenbrança das espinhas de que Jhesu christo foy coroado na paixõ. Assy nom auera homem u•tade douujr malldizentes. nem enganadores Nem outras desonestas pallauras. Pellas espinhas que sam agudas se ent•dem as pallauras asperas. Per que homem pode rrepreender os malldizentes e fazellos callar. E mostrarlhe cõten•ça que os nõ ouue de boa m•te. Sam bernardo diz. Os maaos escuytadores dam fauor aos malldizentes. Mes esta porta deue seer aberta a toda pallaura de edeficaçom. E a b•s e deuotos serm•es E obidienças e rrepreenss•es e corregimentos. E Por jsto nos deu natureza duas orelhas e h•a soo boca. Em senefincãça que deuemos seer mais aparelhados a escujtar que a fallar. E Jsto diz santiago. sey prestes a ouujr o bem e falla tarde. Por jsto hordenarom os rrelligiosos muytos tenpos e lugares de silêncio e poucos pera fallar. E nom deue a deuota pessoa seer muyto deseiosa de /43v/ saber o que dizem delle seia bem ou mall. por nom seer cajom de o mouer aa uaa gloria ou a jnpaçiença que assy nõ teeria o coração em paz. O porteiro desta porta deue seer forteleza que he h•a das quatro uertudes cardeaaes. que da ao hom• esforço de sofrer todas as auerssidades. E começar grandes cousas por amor de deus. E ardidamente e sem uergonha afastar de ssy os malldizentes cõ pallauras asperas e feo senbrante.

*Capitollo* Lij da terceira porta *que* he cheirar

A terceira porta sam os narizes com que homem cheira de boamente os boos vinhos *e* ujandas E outras cousas dos ujços do mundo. Em *que* se alg • a uez muito deleita.

Especialmente no mosteiro deve a pessoa guardar seus olhos e olhar a terra em sinal de humildade e vergonha, que é um dos quatro pontos de religião que são: pouco andar, pouco falar e olhar baixo e pensar alto. Ainda há mais outros quatro: servir por obediência; sofrer por paciência; sentir por devoção; suspirar por devota oração. E não deve atentar as minguas alheias mas as suas. Assim se conserva a pessoa em paz humildosa.

Desta porta deve ser porteiro e guarda, castidade e vergonha. Porque quem não tem os olhos castos em olhar é sinal (de) que o seu coração longe está de castidade. E diz Santo Agostinho: “A pessoa que tem os olhos levantados é sem vergonha”. Mas como muitas aí há que tudo querem ver e saber, não podem estes ter paz de coração nem guardar limpamente seu castelo, porque a sua porta está sempre aberta para os inimigos entrarem até ao coração, isto é, o diabo, o mundo e a carne. /43r/

Capítulo 51º. – Que não devemos escutar as más-línguas. E de como com palavras duras devemos afastar de nós os maldizentes.

A segunda porta das de fora são as orelhas. Esta é assaz perigosa porque está sempre aberta e a pessoa não a pode cerrar, mas pode ser segurada de que o sages diz: “Retém tuas orelhas com espinhos”. E não escutes as más-línguas que empeçonham (a) si e aos escutadores.

Os espinhos com que a pessoa deve segurar as orelhas é o temor de Deus e a lembrança dos espinhos de que Jesus Cristo foi coroado na Paixão. Assim não terá a pessoa vontade de ouvir maldizentes nem esguardadores nem outras palavras desonestas. Pelos espinhos, que são agudos, se entendem as palavras ásperas pelas quais a pessoa pode repreender os maldizentes e mandá-los calar e mostrar-lhes semblante (de) que os não ouve de boamente. São Bernardo diz: “Os maus escutadores dão favor aos maldizentes”.

Mas esta porta deve ser aberta a toda a palavra de edificação e a bons e devotos sermões e obediências e repreensões e corregimentos. E por isto nos deu a natureza duas orelhas e uma só boca em significação (de) que devemos ser mais aparelhados a escutar do que a falar. E isto diz S. Tiago: “Sê prestes a ouvir o bem e fala tarde”. Por isto destinaram os religiosos muitos tempos e lugares de silêncio e poucos para falar. E não deve a pessoa devota ser muito desejosa de /43v/ saber o que dizem dele seja bem ou mal por não haver ocasião de o mover a vã glória ou a impaciência que assim não teria o coração em paz.

O porteiro desta porta deve ser (a) fortaleza, que é uma das quatro virtudes cardeais, que dá ao homem esforço de sofrer todas as adversidades e começar grandes cousas por amor de Deus e ardidamente e sem vergonha afastar de si os maldizentes com palavras ásperas e feio semblante.

Capítulo 52º. – Da terceira porta que é o cheirar.

A terceira porta são os narizes com que a pessoa cheira de boamente os bons vinhos e viandas e outras cousas dos atractivos do mundo em que alguma vez muito se deleita.

*Capitollo* Liiij da quarta porta *que pert•çe* ao gosto E o porteiro destas duas portas he a temperança.

A quarta he a boca quanto *perteençe* ao guosto de comer E beuer segundo ja he dicto. Por jssom he necessario seer rrepartido. Ho porteiro destas duas portas deue seer *tenperança que* assy he h•a das *quatro uertudes*, que t• senpre o meyo. *antre* o pouco e ho mujto. *especialmente* em abastança da bem auenturança dos *uços e b•s* tenporaaes. Esta uertude tenpera o cheiro e o guosto que não façã cousa aal• de rrazoada necessidade.

*Capitollo* Liiij da quinta porta *que* he o tocamento e das quatro vertudes cardeaaes.

/ 44r/ A quynta porta he o tocamento pello *quall* o coração muytas uezes he *preso e* enpeçonhado e morto. assy como dicto he honde fallamos da *confisom e* abasta. ho porteiro desta porta he justiça que jssom meesmo he hua das quatro uertudes cardeaaes esta da a cada h• o *que* seu he. E *quando* homem da a cada h• o seu E faz como *queria* que lhe fizessem. Esta he boa dereitura de justiça que he porteiro do tocamento Ca todo homem ou *molher* no rreino do seu corpo. deue todos seus n•bros manteer em justiça e dereitura e hordenallos aa fim por *que* sam feitos. jsto he *seruir deus* E se alg•s se rreuellam deueos costringer *per* justiça E deçeprina. Ca o saje diz. ao maaos *serujdor* *conpre* *prisom e* carçer Ora auemos postos aas portas do castello *porteiros e* guardas diligentes. do que hi ha tres de uertudes cardeaaes. *scilicet*. forteleza. tenperança. E justiça. E não falleçe senom a quarta *que* he chamada prudência que deue seer a *prima* das *quatro* Esta uertude não he outra cousa senom saber *conheçer* o bem e o mall e escolher o bem e leixar o mall. E *porque* esta uertude he assy com • *que* quem ha ouuesse e bem husasse della Nom lhe era necessario outro porteiro a todas as portas de sseu castello. Por jsto nom he ella posta a h•a ssoo porta. Mes he guarda geerall a todas.

/44v/ *Capitollo* Lv *que* a bitalha da alma *que* faz forte o coração he palaura de *deus* E de tres maneiras de lagrimas e de como se gaanham

Ora he o castello çercado e proueudo de *porteiros e* guardas dilig•tes Ora *conpre* seer fornydo de *ujtalhas e* daugas que doutra guisa nom se poderia teer cõtra os *jmiygos*. por mujto que fosse forte. E he de *saber* que a *ujtalha* da alma *que* faz forte o coração e seguro em o castello *contra* seus auerssayros. he a *pallaura* de *deus* segundo elle diz no euãgelho. Nom soomente do pam uyue o homem Mes • toda a *pallaura* que saae da boca de *deus* E he *pron•çiada* pella dos pecadores na *preeguaçõ*. Outra *ujanda* he mujto *proueitosa* pera guardar a alma e o corpo em *uyda* de *graça*. Esta he a memoria da paixom de *ihesu christo* E de todos seus *benefícios* como ja he dicto. A terceira *ujanda e* mais nobre he o *preçioso* corpo de nosso *Senhor Jhesu christo*

que a deuota pessoa deue filhar segundo sua deuação E segundo que ho santo espírito lhe emsyna. Ao menos hua uez no mes.

Capítulo 53º. – Da quarta porta que pertence ao gosto. E o porteiro destas duas portas é a temperança.

A quarta é a boca no que se refere ao gosto de comer e beber segundo já se disse. Por isso não é necessário ser repartido. O porteiro destas duas portas deve ser (a) temperança que, assim, é uma das quatro virtudes que têm sempre o meio entre o pouco e o muito, especialmente em abundância da bem-aventurança dos atractivos e bens temporais. Esta virtude tempera o cheiro e o gosto (para) que não façam cousa além da razoada necessidade.

Capítulo 54º. – Da quinta porta que é o tocamento e das quatro virtudes cardeais.

/44r/ A quinta porta é o tocamento pelo qual o coração muitas vezes é preso e empeçonhado e morto, assim como se disse onde falámos da confissão e basta. O porteiro desta porta é (a) justiça que (por) isso mesmo é uma das quatro virtudes cardeais. Esta dá a cada um o que é seu e quando alguém dá a cada um o seu e faz como queria que lhe fizessem. Esta é (a) boa direitura da justiça que é porteiro do tocamento pois que todo o homem ou mulher no reino do seu corpo deve manter todos (os) seus membros em justiça e direitura e destiná-los ao fim para que são feitos, isto é, servir a Deus e se alguns se rebelam deve-os constranger por justiça e disciplina porque o sages diz: “Ao mau servidor compete prisão e cárcere”.

Ora pusemos às portas do castelo porteiros e guardas diligentes pelo que aí há três das virtudes cardeais, a saber, fortaleza, temperança e justiça. E não falta senão a quarta que é chamada prudência, que deve ser a prima das quatro. Esta virtude não é outra cousa senão saber conhecer o bem e o mal e escolher o bem e deixar o mal. E porque esta virtude é tão comum que quem a tivesse e bem usasse dela, não lhe era necessário outro porteiro a todas as portas do seu castelo. Por isto não é ela posta a uma só porta mas é guarda geral a todas.

/44v/ Capítulo 55º. – Que a virtualha da alma que faz forte o coração é a palavra de Deus. E de três maneiras de lágrimas e de como se ganham.

Ora é o castelo cercado e provido de porteiros e guardas diligentes. Ora é necessário estar fornecido de virtualhas e de águas pois que de outra guisa não se poderia ter contra os inimigos por muito forte que fosse. E cumpre saber que a virtualha da alma que faz o coração forte e seguro no castelo contra seus adversários é a palavra de Deus, segundo Ele diz no Evangelho: “Não somente de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” e é pronunciada pela (boca) dos pecadores na pregação. Outra vianda é muito proveitosa para guardar a alma e o corpo em vida de graça; esta é a memória da paixão de Jesus Cristo e de todos (os) seus benefícios como já foi dito. A terceira e mais nobre vianda é o precioso corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo que a pessoa devota deve tomar segundo a sua devoção e segundo (o) que o Espírito Santo lhe ensina, ao menos uma vez por mês.

Quando a alma he bem guarnjda destas cousas ja ditas. O castello he bem fornjd de desuayradas uyandas. Desy o b• testem•ho dessa conçiência E a alegria que homem ha na *esperança* da misericordia de *deus* em rrecordando *seus* benefícios. he o uinho que alegra o coração *espiritualm•te* assy como faz o b• uinho tenporall. Desy as tres maneiras de lagrimas de *contrição* E deuoção E conpaixom que /45r/ a deuota aalma acha em sse nenbrando da cruell paixom de Nosso senhor *Jhesu christo*. E os outros benefícios ja ditos sam as auguas de que o castello ha de sseer forneçido. E assy nom aja temor de sseer filhado. Ca o diaabo nom housa sofrer as lagrimas da alma deuota n• pode chegar a ellas. que o atormentom mais que foguo ardente. Das lagrimas diz h• santo *que* ellas montam da face *e* trespasom o çeeo. E uaaom sem *contradizimento* ante *deus*. E fazem callar os *jmijgos* acusadores. E algumas uezes a Sentença que ja era dada ellas fazem rreuoguar da boca do juiz. E assy ellas u•çem *aquelle* que *per* força nom pode sseer vençido *e* atam o todo poderoso. Pera auer esta graça de lagrimas que he dom de *deus* Nom ha cousa que tanto aproueite como de sse homem humjlldar E abaixar ante elle. Ca sam *Pedro* diz. *deus* he contrairo aos soberuos E da graça aos humjlldosos E daujd disse. *deus* enuja as fontes aos ualles. Jsto he as lagrimas aos humjlldosos. que *senpre* se teem por meores que todos. E mais baixos *per* humjlldoso coração.

*Capitollo* Lvj *que* o homem nom deue *presumjr* de sy posto *que* vjrduoso seia por *que* mujtas uezes acontece *que* soo *per* h• defecto se perde.

Ora esta o coração em seu castello alto aseentado bem fundado E çercado e bem guarnjdo de ujtalhas E daugua. Ora acontece algumas uezes que a pessoa /45v/ esguarda o castello de seu coração. E ueeo tam forte que se segura mais que rrazõ *per* que caae em alg•a niglligência. E assy algumas uezes o forte castello que a gram pena *e* trabalho do corpo foy edificado em h•a soo ora se perde. Jsto acontece *quando* a pessoa a que *deus* fez tantas *graças* emsoberueçe. E pareçelhe que tem asaz trabalhado E que he bem tenpo de folguar. Jsto nõ he assy que muyto falleçe do *que* o sãdeu penssa. Muitas pessoas forõ ja a que parecia que *per* sua santa conuerssação deuiam de sobir ao çeeo E *per* h•a pouca de soberua ou niglligência ou *per* grande segurança cayam no abisso donde jamais se nom podiam leuantar E eram perdidos Por jsto deue saber a deuota pessoa. que o çerco dos *jmijgos* he posto a sseu coração E ja mais nom sse partira ataa que seia morto ou preso ou se rrenda. E quanto o castello he melhor E mais abastado de *rriquezas* Mais ha de *jmijgos* *e* de fortes conbates. Jsto *quer dizer* que quãto a pessoa he mais deuota. mais ha de tentaç•es E mais lhe durõ. E por jsto *quem* ha cujdado de sua saluação nom se deue muito segurar. Ante deue consijrar como aquelles que sam çercados em h• castello. se *gouernom* saiesmente. E assy se deue homem manteer. Primeyramente elles viuem tenperados em comer que ujtalhas nom lhe falleçom por mais durar sua defenssa. desy pouco saaem fora. E se ham de sayr he hordenadamente /46r/ e bem armados *e* *per* leçença de

seu capitom. E *senpre* com temor e tornam o mais toste que podem E teem cuydado dandar arredor de *seus* muros e buscar todo que nã aja mingua nem lugar *per* que os *jmijgos* possam

Quando a alma é bem guarnecida destas cousas já ditas, o castelo é bem fornecido de desvairadas viandas. Depois, o bom testemunho dessa consciência e a alegria que (o) homem tem na esperança da misericórdia de Deus, ao recordar os seus benefícios, é o vinho que alegra o coração espiritualmente assim como faz o bom vinho temporal. Depois, as três maneiras de lágrimas de contrição e devoção e compaixão que /45r/ a alma devota acha em se lembrando da cruel paixão de nosso Senhor Jesus Cristo.

E os outros benefícios já ditos são as águas de que o castelo há-de ser fornecido. E, assim, não haja temor de ser apanhado porque o diabo não ousa sofrer as lágrimas da alma devota nem pode chegar a elas que o atormentam mais que fogo ardente. Das lágrimas diz um Santo que elas sobem da face e trespassam o céu e vão sem contradição perante Deus e fazem calar os inimigos acusadores e, algumas vezes, a sentença que já estava dada fazem elas revogar da boca do juiz. E, assim, elas vencem aquele que pela força não pode ser vencido e atam o Todo-Poderoso. Para ter esta graça das lágrimas que é dom de Deus, não há cousa que tanto aproveite como de a pessoa se humildar e baixar perante ele, porque diz S. Pedro: “Deus é contrário aos soberbos e dá graça aos humildosos”. E David disse: “Deus envia as fontes aos vales”, isto é, as lágrimas aos humildosos que sempre se têm por menores que todos e mais baixos por humilde coração.

Capítulo 56º. – Que o homem não deve presumir de si posto que seja virtuoso porque muitas vezes acontece que por um só defeito se perde.

Ora está o coração assentado alto em seu castelo bem fundado e cercado e bem guarnecido de vitualhas e de água. Ora acontece algumas vezes que a pessoa /45v/ esguarda o castelo de seu coração e vê-o tão forte que se julga seguro mais do que é razoável, pelo que cai em alguma negligência. E, assim, algumas vezes, o forte castelo que com grande dificuldade e trabalho do corpo foi edificado, em uma só hora se perde. Isto acontece quando a pessoa a quem Deus fez tantas graças ensoberbece e lhe parece que tem assaz trabalhado e que é bem tempo de folgar. Isto não é assim porque falha muito do que o sandeu pensa. Muitas pessoas houve já às quais parecia que por sua santa conversação deviam subir ao céu e por uma pouca soberba ou negligência ou por grande segurança caíam no abismo de onde jamais se não podiam levantar e perdiam-se.

Por isto deve a pessoa devota saber que o cerco dos inimigos é posto a seu coração e que jamais se ausentará até que seja mort(a) ou pres(a) ou se renda. E quanto o castelo é melhor e mais abastado de riquezas, mais tem de inimigos e de fortes combates. Isto quer dizer que quanto a pessoa é mais devota, mais tentações tem e mais lhe duram. E por isto quem tem cuidado da sua salvação não se deve ter por muito seguro, antes deve considerar como aqueles que estão cercados num castelo se governam sagesmente. E assim se deve o homem manter. Primeiramente eles vivem temperados em comer (para) que não lhe falem vitualhas para mais

durar a sua defesa. Por isso pouco saem fora. E se têm de sair é ordenadamente /46r/ e bem armados e com licença do seu capitão e sempre com temor e tornam o mais depressa que podem e têm cuidado de andar ao redor de seus muros e examinar tudo para que não haja falha nem entrar a mall fazer do castello. E sse acham algua cousa mall corregida logo a faz • *corregger* E no mais fraco luguar p • e mayores guardas. desy amehude se amoestam E auyuom huus aos outros. a bem e uertuosam • te obrar E com grande esforço E assy acontece amehude *que* ajnda que elles estem em medo e tristeza ño leixam de quantar sobellos muros por desconfortar os jmijgos.

*Capitollo* Lvij que quanto a pessoa he mais rrica de *gra<ç>*as tanto se mais deue temer *que* lhe nom faleçam as vitalhas sprituaaes E *que* o monje deue teer cada dia depois de conpreta *capitollo* • sy meesmo.

Assy deue fazer a deuota pessoa que sse sente çercada de desuairadas tentaç • es E quamto he mais rrica de graças e meriçementos. tanto se mais deue temer e estar so guarda Ca honde alg • a cousa nom ha Nom he neçessaria fechadura E h • poeta diz. nom he menor uertude de bem guardar o *que* he gu • çado que de o gu • çar. Ora deue a pessoa que de todas partes he çercada uyuer tenperadamente. Ca sã gregorio diz. do canpo da batalha sprituall nom pode alg • auer ujctoria de seus jmijgos. se primeiro nom u • çe o apitito da guargantoição. Por que com elle lhe conuem primeiro a combater. Segundo diz hua grosa de sam mateus /46v/ E se esta primeiro nom he uençada Em u • o homem peleja com os outros uyçios. E assy a uyda tenperada he guarda da saude da alma. E guarguātuição a destruy Ca ella faz hom • pesado e priguçoso e sonorento e doentyio. E assy deue homem uyuer tenperado *que* lhe nom faleçom as vitalhas espritaaes. que Sam lediçe de espritu e deujnall comssolaçom e lagrimas deuotas. Ca sam bernardo diz. uyçossa cousa he a comssolaçom deuynall. E *deus* nom ha da a quem outra rreçebe. Desy os saies poucas uezes saaem fora E assy deue fazer a deuota pessoa. seja rrelligiosa ou secullar. quer dizer sem obidiência. tall pessoa nom deue sayr sem leçença de seu capitom. que he discreçom. E bem armada de deuota oraçom E em gram temor que nom caya em alg • pecado ou outrem por elle. E deue de tornar a seu castello o mais çedo que poder. como aa defenssam e saude de sua aalma. Porque a gram tardança antre os jmijgos he perijgosa. O capitom da pessoa rrelligiosa he seu mayor. Sem cuja leçença ño deue sayr. E deue auer companhia uergonhosa e segura. E assy como he dicto ella deue senpre seer so sua guarda. Aallem desto deue cada dia buscar os muros e todos os edefiçios de seu castello e esguardar com diligência se ha hi alg • a cousa derrubada. Ou /47r/ luguar per honde os jmijgos possam entrar, Jsto he os cantos de ssua conçiência. eixaminar com b • cuidado. que nom aja cousa que rrepreender. E se for achada logo se deue correger per uerdadeira confissom. Ca diz sam bernardo. a deuota pessoa que quer v • r a perfeiçom. deue cada dia despois da completa teer capitollo em ssy meesmo E chamar. *scilicet*. rrecordar todos os feitos e ditos e penssamentos e tardanças de bem fazer daquelle dia. Jsto deue a conçiência acusar e humjldade conhecer. E a discreçom jullguar E o temor de *deus* ponjr. E emm • dar as minguas per contriçom e cõffisõ e satisfaçom. Este custume faz os hom • s v • r aa perfeiçom. E creçer em amor de seu criador. E tem forte o castello do coraçom contra os

jmijgos E emsyna a conhecer os errores. E da esforço nas obras *esprítuaaes. que* aquelle he malldito de *deus*. que em suas obras he nigli<sup>g</sup>•te Por jsto

lugar por onde os inimigos possam entrar a fazer mal (ao) castelo. E se acham alguma coisa mal consertada logo a fazem consertar e no mais fraco lugar põem maiores guardas.

Por isso amiúde se admoestam e animam uns aos outros a bem e valorosamente trabalhar e com grande esforço. E assim acontece amiúde que, ainda que estejam com medo e tristeza, não deixam de aguentar sobre os muros para desencorajar os inimigos.

Capítulo 57º. – Que quanto a pessoa é mais rica de graças tanto mais se deve temer que não lhe falem as virtualhas espirituais. E que o monge deve ter cada dia, depois de completa, capítulo em si mesmo.

Assim deve fazer a pessoa devota que se sente cercada de desvairadas tentações. E quanto mais rica é de graças e merecimentos, tanto mais se deve temer e estar sob guarda porque onde nenhuma cousa há, não é necessária fechadura. E um poeta diz: “Não é menor virtude bem guardar o que se ganhou, que ganhá-lo”. Ora deve a pessoa, que de todas as partes é cercada, viver temperadamente pois S. Gregório diz: “Do campo da batalha espiritual ninguém pode ter vitória dos seus inimigos se primeiro não vence o apetite da gula”. Pelo que com ele lhe convém primeiro combater. Segundo diz uma glosa de S. Mateus /46v/: “E se esta primeiro não é vencida, em vão a pessoa peleja com os outros vícios”. E assim a vida temperada é guarda da salvação da alma e (a) gula a destrói porque ela faz a pessoa pesada e preguiçosa e sonolenta e doentia. E assim deve a pessoa viver temperada para que lhe não falem as virtualhas espirituais que são: ledice de espírito e divinal consolação e lágrimas devotas. Pois que S. Bernardo diz: “Viçosa cousa é consolação divinal e Deus não a dá a quem outra recebe”. Daí que os sages poucas vezes saem fora. E assim deve fazer a pessoa devota, seja religiosa ou secular, isto é, sem obediência.

Tal pessoa não deve sair sem licença do seu capitão que é (a) discrição, e bem armada de devota oração e em grande temor (de) que não caia em algum pecado ou outrem por ele. E deve tornar a seu castelo o mais cedo que puder, como à defesa e saúde de sua alma porque a grande tardança entre os inimigos é perigosa. O capitão da pessoa religiosa é o seu superior sem cuja licença não deve sair e deve ter companhia vergonhosa e segura. E, assim como se disse, ela deve estar sempre sob sua guarda. Além disto, deve todos os dias examinar os muros e todos os edifícios de seu castelo e esguardar com diligência se há aí alguma coisa derrubada ou /47r/ lugar por onde os inimigos possam entrar, isto é, os cantos da sua consciência. Examinar com bom cuidado que não haja cousa que repreender, e se for achada, logo se deve emendar por verdadeira confissão. Porque – diz S. Bernardo – a pessoa devota que quer vir à perfeição, deve cada dia, depois da completa, ter capítulo em si mesmo, e chamar, isto é, recordar todas as obras e ditos e pensamentos e tardanças de bem fazer daquele dia. Isto deve a consciência acusar e (a) humildade conhecer e a discrição julgar e o temor de Deus punir e emendar as faltas por contrição e confissão e satisfação.



Este costume faz os homens virem à perfeição e crescerem no amor de seu criador e tem forte o castelo do coração contra os inimigos e ensina a conhecer os erros e dá esforço nas obras espirituais. Que é maldito de Deus aquele que em suas obras é negligente. Por isto, deve a deue homem seguyr os melhores. Ca daujd disse. com os santos seras santo. E com os *peruerssos seras peruersso*. Nem por jsto ño deue hom• segundo diz sam bernardo. desprezar nem condanar os pecadores. Pero os nom queira sigujr. Ca segundo diz sam gregorio. taaes sam oje pecadores. que de manh• *serã b•s*. E assy pollo contrairo. Desy quando homem tem bem buscados os muros e edefiçios de seu castelo. /47v/ deue poher melhor guarda honde o lugar he mais *perijguoso*. *quer* dizer que dos pecados de que sse homem sente mais tentado e a *que* he mais enclinado deue poher mayor deligençia *pera* se guardar e fogir a todas ocasi•es que a jsto podem demouer. Ca o diaabo que senpre he maaõ. combate a pessoa daquella parte honde a uee mais fraca. E mais emclinada. Desy os hom•s se deuem auyuar h•s aos outros a todas boas obras *esprituaaes* e se guardar de pecado *per* deuaçom e oraçõ. E a louuar a *deus* e darlhe graças. Ca o sacrafiçio do louuor honrra *deus* segundo diz daujd. E espamta e encorre os *jmijgos* do castello do coração. E mujtas acha hi de doçes cõssollaç•es *quem* inteiramente o faz. Desy gente çercada dorme pouco E sam bernardo diz. que muyto dormyr conpanheiro he da beujdiçe. E que quanto dormymos tão *perdemos* de tenpo E diz nosso senhor no auãgelho bem au•turado *sera* o seruo que seu senhor achar vigiando. *quando* bater aa sua porta. E sem duujda muyto dormyr he cajom de muytos malles. E pois *quem* quiser guardar o castello de seu coração. Nom deue de dormyr Mes estar senpre so guarda.

*Capitollo* Lvijj *que* a deuota pesoa *que* se uee apressada de desuairadas tentaç•es e teme cayr ela se deue logo acorrer a oraçõ E poem exemplo E posto *que* nos *deu* ajuda em as tentaç•es ño porem *nos* liura de todas *por* *nos* aujuar aa batalha.

Ora acoeteçe alguas uezes que quando aquelles que asy sam çercados. sam canssados e anojados do lõgo çerco. / 48r/ E sse temem de muyto estarem sem ajuda. enuiam messagees ao senhor de cuja m•o teem o castello pedindolhe que os queira socorrer. Assy deue fazer a deuota pessoa que sse uee apressada de desuayradas tentaç•es. E teme de cayr e perde seu castello. ella deue logo correr ao doujom que he a torre da menajem. Jsto he oraçõ. E deue enuyar seus mesegeiros. *scilicet*. lagrimas e sospiros e deuotos rroguos a *deus* pedindo que o queira ajudar *contra* seus *jmijgos*. Jsto *nos* he bem figurado no segundo liuro dos rreis. honde he *scripto* que Naas amonjtes tijinha çerquados os Jebes. que erõ dos Judeus. E rrequereronlhe paz e naas lha outorgou cõ condiçom que a todos quebrasse os olhos direitos. A elles nom prouue da preitesia. E fezerõno saber a rrey saull e ao poboo disrraell pedindolhe que os socorressem. Quando o poboo ouuyo jsto chorou. E o rrey lhe prometeo acorro e ueo ao çerco e matou aquelles que os tijnham çercados que poucos scaparam. Per naas que *quer* dizer *serpente* se entende o diaabo que çerca a alma *per* desuayradas tentaç•es. E acoeteçe algguas uezes que ella he tam canssada de longuamente combater *que* *quer* assy como rrequerir paz. Jsto he que ella esta açerca de consentyr e obedeeçer ao diaabo.

pessoa seguir os melhores. Porque David disse: “Com os santos serás santo e com os perversos serás perverso”.

Nem por isto deve a pessoa, segundo diz S. Bernardo, desprezar nem condenar os pecadores, mas não os queira seguir, pois, segundo diz S. Gregório, tais são hoje pecadores (os) que amanhã serão bons e assim ao contrário.

Daí que, quando o homem tem bem revistados os muros e edifícios do seu castelo, /47v/ deve pôr melhor guarda onde o lugar é mais perigoso, quer dizer, que dos pecados que o homem se sente mais tentado e a que é mais inclinado deve pôr maior diligência para se guardar e fugir a todas as ocasiões que a isto podem mover, pois que o diabo, que sempre é mau, combate a pessoa daquela parte onde a vê mais fraca e mais inclinada. Daí que os homens se devem avivar uns aos outros a todas as boas obras espirituais e a guardar-se do pecado por devoção e oração e a louvar a Deus e dar-lhe graças. Porque o sacrifício de louvor honra Deus, segundo diz David, e espanta e ataca os inimigos do castelo do coração e muitas doces consolações aí acha quem perfeitamente o faz.

Por isso, gente cercada dorme pouco. E S. Bernardo diz que muito dormir é companheiro de bebedice e que quanto dormimos tanto perdemos de tempo. E diz Nosso Senhor no Evangelho: “Bem-aventurado será o servo que seu senhor achar vigiando quando bater à sua porta”. E, sem dúvida, muito dormir é ocasião de muitos males. E, pois, quem quiser guardar o castelo do seu coração não deve dormir, mas estar sempre sob guarda.

Capítulo 58º – Que a pessoa devota que se vê perseguida de desvairadas tentações e teme cair deve logo acorrer à oração. E põem exemplo. E posto que nos deu ajuda nas tentações, porém, não nos livra de todas para nos avivar à batalha.

Ora acontece algumas vezes que, quando aqueles que assim são cercados ficam cansados e anojados do longo cerco. /48r/ e se temem de muito estarem sem ajuda, enviam mensagens ao senhor de cuja mão têm o castelo, pedindo-lhe que os queira socorrer. Assim deve fazer a pessoa devota que se vê perseguida de desvairadas tentações e teme de cair e perde o seu castelo. Ela deve logo correr ao doujom que é a torre de menagem, isto é, (a) oração e deve enviar seus mensageiros, isto é, lágrimas e suspiros e devotos rogos a Deus pedindo que o<sup>122</sup> queira ajudar contra seus inimigos.

Isto nos é bem figurado no segundo livro dos Reis, onde está escrito que Naás, o amonita, tinha cercados os habitantes de Jabes que eram (da amizade) dos Judeus. E requereram-lhe paz e Naás lha concedeu com (a) condição que a todos quebrasse os olhos direitos.

A eles não aprouveram as condições de paz e fizeram-no saber ao rei Saul e ao povo de Israel pedindo-lhe que os socorressem. Quando o povo ouviu isto chorou e o Rei lhes prometeu acorro e veio ao cerco e matou aqueles que os tinham cercado, (de) que poucos escaparam.

---

<sup>122</sup> Deveria ser a referido a *pessoa devota*.

Por Naás, que quer dizer serpente, se entende o diabo que cerca a alma por desvairadas tentações. E acontece algumas vezes que ela está tão cansada de tão longamente combater que quer assim como requerer paz, isto é, que ela está perto de consentir e obedecer ao diabo.

Mes quando a bõa /48v/ aalma se auisa *e* conhece que *aquella* paz lhe seeria uergonhosa *e* danossa porque lhe comu•ra perder ho olho dereito. que he ho amor *e* conhecimento de *deus e* dos b•s espirituaes. ella •uja a *deus* lagrimas *e* sospiros *e* rroguos deuotos. que lhe acorra em este mester. E que defenda seu castello. Jsso meesmo a uirgem *maria e* a todos os santos qua ajam piadade *e* conpaixom de ssua miseria *e* afriçom. Ca *segundo* diz sam bernardo ajnda que nom sejam passiujs Som compassiuees. Isto senifica o poboo que chorou. E *que* el rrey lhe acorreo *e* matou seus jmijgos fora h•s poucos *que* escaparam. Quer dizer que polla uertude das oraç•es da alma *e* pollo rroguo dos santos *deus* liurou a alma tentada de seus jmijgos. E que nõ foram todos mortos. senjfica que ajnda que *nos* acorra *e* ajude nas tentaç•es Nom *nos* liura de todas. Mes leixa alg•s por *nos* auyuar aa batalha. E por conhecermos nossa fraqueza. E que sem elle pouco podemos. E aynda por nom cayrmos em preguiça ou niglligência.

*Capitollo* Lix *que* a ora<ç>om he huu singular rrefugio contra as tentaç•es do pecado E como he apurada de quatro cousas E que alg•a cousa he pedida ao *Senhor* nom com sajeza E *que* por tanto a nom outorga.

Aquelle doujom que he torre de menagem he chamada /49r/ Oraçom. E he tam forte *e* tam noble que quando o castello do coração treme *e* he a ponto de cayr ou que os jmijgos sam emtrados *per* alg• maaõ consssintimento. ou *per* pecado. Hom• se socorre aa oraçom. Ca este he o sobre todos rremedio *per* que mais asinha he socorrido E rreleuado E santambrosio diz. Oraçom he h• b• scudo *contra* os dardos dos diaabos. E ysidoro diz que este he uerdadeiro rremedio *contra* as tentaç•es do pecado. Oraçom he muyto poderosa ante *deus* quamdo he apurada de quatro cousas. • A *primeira* he fe de que *deus* diz no euangelho quall *quer* cousa que demandardes em uossas oraç•es auee boa fe *e* firme creemça em *deus e* seeruõs ha outorguada • A segunda cousa he *esperança* dauer homem o que *requere*. Ca diz daujd auee *esperança e* elle fara uossas pitiç•es. *Deus* meesmo *nos* da *esperança* de o *requerermos*. Que diz. quem pede *recebe*. E quem busca acha. E quem toca *deus* lhe abre. Isto se entemde *quem* demanda saiente. E quem busca com deligência. E *quem* toca *persseuerando deus*.acaba seus rrogos ajnda que seia tarde. Mes que homem peça homjlldosamente. Por jsto nom foy o fareseu eixalçado que demandaua *presuntosamente* E guabauasse em /49v/ ssua oraçom dos b•s que cuydaua auer *e* alterauasse ante *deus e* desprezaua os outros. Nom deue fazer assy quem *quer* seer ouujdo. Mes como o pobre pobricano que se julgaua *e* desprezaua *e* faziasse humjlldoso ante *deus*. Nem ousaua aleuantar os olhos da terra. E batya sua culpa *e* dizia. Senhor *deus* aue merçee deste catiuo pecador. E nõ me fa<ç>as *segundo* meu meriçimento. Mes *segundo* a auõdança de tua misericordia. Quem assy faz he ouujdo. E quem se acusa. *deus* o escusa. Homem deue demandar saiem•te. *scilicet*. gram cousa E proueitosa.

Mas quando a boa /48v/ alma se avisa e conhece que aquela paz lhe seria vergonhosa e danosa porque lhe acarretará perder o olho direito, que é o amor e o conhecimento de Deus e dos bens espirituais, ela envia a Deus lágrimas e suspiros e rogos devotos (para) que lhe ocorra neste mester e que lhe defenda seu castelo. E também à Virgem Maria e a todos os santos (para) que lhe tenham piedade e compaixão da sua miséria e aflição. Pois que, segundo diz S. Bernardo, ainda que não sejam passíveis são compassíveis. Isto significa o povo que chorou e que el rei lhe acorreu e matou seus inimigos, fora uns poucos que escaparam. Quer dizer que, pela virtude das orações da alma e pelo rogo dos santos, Deus livrou a alma tentada de seus inimigos. E que não foram todos mortos significa que, ainda que nos acorra e nos ajude nas tentações, não nos livra de todas mas deixa algumas<sup>123</sup> para nos avivar à batalha e para conhecermos a nossa fraqueza. E que sem ele pouco podemos E, ainda, para não cairmos em preguiça ou negligência.

Capítulo 59º - Que a oração é um singular refúgio contra as tentações do pecado. E como é temperada de quatro cousas. E que alguma cousa é pedida ao Senhor sem sageza e que, portanto, a não outorga.

Aquele doujom que é torre de menagem é chamada /49r/ oração. E é tão forte e tão nobre que, quando o castelo do coração treme e está a ponto de cair ou que os inimigos entraram por algum mau consentimento ou por pecado, a pessoa socorre-se de orações. Pois que este é, sobre todos, o remédio por que mais depressa é socorrido e relevado. E Santo Ambrósio diz: “A oração é um bom escudo contra os dardos dos diabos.”. E Isidoro diz que este é verdadeiro remédio contra as tentações do pecado. A oração é muito poderosa perante Deus quando é temperada por quatro cousas.

A primeira é (a) fé da qual Deus diz no Evangelho: “Qualquer cousa que demandardes nas vossas orações tende boa fé e firme crença em Deus e ser-vos-á outorgada.

A segunda cousa é (a) esperança de ter a pessoa o que requer porque diz David: “Tende esperança e ele fará vossas petições”. Deus mesmo nos dá esperança de o requerermos pois diz: “Quem pede, recebe; e quem busca acha; e quem toca, Deus lhe abre.” Isto se entende: quem demanda sagesmente; e quem busca com diligência; e quem toca, perseverando, Deus acaba seus rogos, ainda que seja tarde, mas que a pessoa peça humildosamente. Por isto não foi exalçado o fariseu que demandava presuntuosamente e se gabava em /49v/ sua oração dos bens que cuidava ter e se alteava<sup>124</sup> perante Deus e desprezava os outros. Não deve fazer assim quem quer ser ouvido, mas como o pobre publicano que se julgava e desprezava e fazia-se humilde perante Deus. Nem ousava alevantar os olhos da terra e batia sua culpa e dizia: “Senhor Deus, tende mercê deste infeliz pecador e não me faças segundo meu merecimento, mas segundo a

---

<sup>124</sup> A palavra que aparece no texto é “alterar”. Contudo, quer pelo contexto em que se apresenta, quer pela passagem bíblica que lhe subjaz, pensamos que o copista terá querido escrever altear, pois “alterar” no contexto não faz qualquer sentido.

abundância da tua misericórdia.”. Quem assim faz é ouvido; e quem se acusa, Deus o escusa. A pessoa deve demandar sagesmente, isto é, cousa grande e proveitosa.

Sam paullo nom demandou saientemente quando pedio *que* lhe tirasse *deus* a tentação da carne que sofria. Mes noso senhor nom esguardou a ssua u•tade. Mais a seu proueito. E nom lha *quis* tirar que lhe era proueitosa. duas cousas *nos* sam neçessarias. os b•s espirituaaes e os t•poraaes. Por jsto *nos* emsyna *deus* como auemos de rrogar. busquaae *primeiro* o rreyno de *deus*. diz elle. aa ssua Justiça. E todollas outras cousas auerees.

*Capitollo Lx* que o hom• <nô> deue comer por viuer mais comer por viuer E de como auemos a orar.

Jsto he que diz sam paullo. que *quer* que fezerdes ou diserdes seia todo aa homrra e louuor de *deus* E sse buscaaes os b•s tenporaaes. seia a tenção de gouernar o corpo *pera* *seruir* *deus* Ca ho homem nom deue uyuer por comer / 50r/ Mes comer por uyuer. E assi se busca *primeiro* o rregno de *deus*. assy nom deuemos a demãdar que *deus* *nos* tire as tentaç•es mes que *nos* de força de as uençer E deue hom• rroguar *Senhor* Nom me faças segundo *meus* deseios. mes segundo o proueito de minha aalma. Assy demanda homem saientemente. Desy homem deue demandar *persseuerando* assy como fazia a canenea que rogaua por ssua filha. E *deus* por senbrante a despreçaua. Mes ella tanto *persseuerou* em seu rroguo que empetrou sua neçessidade. E se tu nom rreçebes do *primeiro* rroguo. Nom desprezes por jssso tua oração. Ca segundo diz sam bernardo. *deus* nom ha despreça. Mes ante que saya da tua boca a mãda *screpuer* em seu liuro E deues auer çerta esperança que elle te dara o que lhe demandas. Ou all que te seia mais proueito. E deue homem rroguar deuotamente. *scilicet*. çarrar todos os sentidos de sseu corpo e entrar em seu coração. Por nõ auer alg• toruo das cousas de fora. Ca no tempo da oração deue homem leixar o menos pollo mais. E Sam çipriam diz. como *queres* tu *que* te *deus* ouça. *quando* tu meesmo nom tentendes. A oração que he toda em folhas. *scilicet*. de palauras Sem deuação nom pode prazer a *deus*. Ca elle nom he cabra *que* se queira gouernado de folha Mes de froll do amor E do frujto do coração. Jsto diz santo agostinho. E ssam *gregorio* diz verdadeiramente rroguar he lançar amarguosos jemjdos de conp•gimento E tall rrogo *praz* a *deus*. Mais que /50v/ multidom de pallauras afeitadas e ffingidas. deuemos ajnda cada dia braadar a *deus* que *contra* o foguo da cobijça e da luxuria e da yra *nos* de augua de lagrimas que o apague E *contra* as hondas de maaos pensamentos que sse leuantõ amehude no coração ajnda que nom pereça *per* m•o consstimento

*Capitollo Lxj* que o homem deue despender ho domingo e festas em hora<ç>om.

Deuees de *saber* que em todo tempo e lugar pode hom• rroguar *deus* Mes mais espiçalmente no moesteiro E com mayor deuação prinçepallmente aos domingos e festas que *pera* jsto sam estabelleçidos. que entõ he hom• mais asinha ouujdo pollos mereçimentos dos santos E deuesse homem entom a guardar de todas terreaes ocupaç•es E espiçalmente de pecado E ocuparsse

em oração e em servir deus. Ca deus mandou na ley uelha apedrar h• homem por h• a pouca de lenha que colheo ao sabado Pois que sera daquelles que ao domingo e festas fazem os grãdes São Paulo não demandou sagesmente quando pediu que Deus lhe tirasse a tentação da carne que sofria. Mas nosso Senhor não esguardou a sua vontade mas o seu proveito e não lha quis tirar pois que lhe era proveitosa.

Duas cousas nos são necessárias: os bens espirituais e os bens temporais. Por isto ensina Deus como havemos de rogar: “Buscai primeiro o reino de Deus, diz ele, e a sua justiça e todas as outras cousas havedeis”.

Capítulo 60º – Que o homem não deve viver para comer, mas comer para viver E de como devemos orar.

Isto é(o) que diz S. Paulo: “(O) que quer que fizerdes ou disserdes, seja tudo em honra e louvor de Deus.”. E se buscais os bens temporais, seja a tenção de governar o corpo para servir Deus pois que o homem não deve viver para comer /50r/ mas comer para viver.

Assim se busca primeiro o reino de Deus, assim (como) não devemos demandar que Deus nos tire as tentações mas que nos dê forças de as vencer. E a pessoa deve rogar: “ Senhor, não me faças segundo meus desejos mas segundo o proveito da minha alma,”. Assim demanda a pessoa sagesmente. E, também, deve a pessoa demandar perseverando como fazia a cananea que rogava por sua filha e Deus pela aparência a desprezava. Mas ela tanto perseverou em seu rogo que conseguiu o que necessitava. E se tu não recibes do primeiro rogo não desprezes, por isso, a tua oração pois que, segundo diz S. Bernardo, Deus não tem desprezo mas, antes que saia da tua boca, manda-a escrever em seu livro. E debes ter certa esperança que ele te dará o que lhe demandas ou outra cousa que te seja (de) mais proveito. E deve a pessoa rogar devotamente, isto é, cerrar todos os sentidos do seu corpo e entrar em seu coração para não ter algum torvo das cousas de fora porque no tempo da oração deve a pessoa deixar o menos pelo mais. E S. Cipriano diz: “Como queres tu que Deus te ouça quando tu mesmo não te entendes?”.

A oração que é toda em folhas, isto é, de palavras, sem devoção não pode prazear a Deus porque ele não é cabra que se queira governado de folhas mas de flor do amor e do fruto do coração. Isto diz Santo Agostinho. E S. Gregório diz: “Verdadeiramente rogar é lançar amargosos gemidos de compungimento e tal rogo praz a Deus, mais que /50v/ multidão de palavras afeitadas e fingidas”. Devemos ainda cada dia bradar a Deus que contra o fogo da cobiça e da luxúria e da ira nos dê água de lágrimas que o apague. E contra as ondas de maus pensamentos que se levantam amiúde no coração ainda que não pereça por mau consentimento.

Capítulo 61º – Que o homem deve despender o domingo e festas em oração.

Deves saber que em todo o tempo e lugar pode o homem rogar (a) Deus, mas mais especialmente no mosteiro e com maior devoção, principalmente, aos domingos e festas que para isto estão estabelecidos, que então é a pessoa mais depressa ouvida pelos merecimentos dos santos. E deve-se a pessoa então guardar de todas as terreaes ocupações e especialmente de pecado e ocupar-se em oração e servir a Deus.

Pois Deus mandou na lei velha apedrar um homem por uma pouca de lenha que colheu ao sábadu. Pois que será daqueles que ao domingo e festas fazem os grandes pecados e gastam o pecados E guastam o *preçiosso* tempo aas tauollas e aos dados E em fallas u•s e em maas festas. Que santo agostinho diz que som pecados mortaaes. Tirando as que sse fazem nas uodas dos amigos carnaaes Por jsto deue homem guastar o domingo e as festas em oraçom E em *serujr* e louuar *deus* pollos b•s que *lhe* / 51r/ fez E em ouujr os *serm•es*. Ou estudar alg•as *deuoç•es* secretamente em ssua camara antre ssy e *deus* que uall mais ca os gemidos e sospiros e lagrimas que ho homem acha estudando nom se *perdem* *per* uaa glloria Por que homem nã he ujsto E pode os *perder* *nos serm•es* por que ho ueem e ouuem Por jsto disse *deus* no euãgelho Quando tu *quiseres* orar *proueitosamente* entra em tua camara. E çarra a porta. E Nom *seras* empachado dos de fora. *Jhesu christo* meesmo que nã podia auer toruaçõ que ho agrauasse quando queria orar. leixaua todos *seus* deçipullos por *nos* emssynar. que quãdo *quisessemos* orar fuguamos ao arroido da gente E que *nos* çarremos todos em Nos.

*Capitollo* Lxij que a horaçom deue auer duas aas E de como em duas maneiras he enpachada desy que cousa que o homem faça em pecado mortal nã *aproueita* *quanto* he aa saluaçõ. Deuemos de saber que *pera* a oraçõ mais taste sobir ao çeeo deue a auer duas aas jej• e esmolla. Ca segundo diz santãbrossio. boa ujda faz oraçom uoar a *deus* E pecado a torna. E ysidro diz em duas maneiras he a oraçom enpachada ou por homem nã leixar de pecar. ou por n<õ> querer *perdoar* a outrem sua maa v•tade Ca Nunca a chagua pode guareçer em /51v/ *quanto* o ferro for dentro Nem a oraçom muyto ualler. •quanto ha maa uoomtade for no coraçõ do que hora. E deuemos saber que nã he tam pobre que nã aja que dar. Nem pessoas da rrelligiõ que nã deuem dar sem leçença Nom sam scusadas de *fazer* esmolla. Ca *quem* nom ha que dar tenha boa u•tade e abasta a *deus*. E Sam gregorio diz que a m•o N•ca esta uazia de d•es emquanto a arca do coraçõ esta chea de bõa voontade. Quem nã tem de que faça corporall smolla. façaa *esprituall* doraç•es e pregaç•es e b•s enx•pros que mujto uallem. E sam gregorio diz *mayor* cousa he *gouernar* a alma que senpre dura. que ho corpo que asinha morre. E Santiago diz mujto uall a oraçõ do justo *conthinuada* E mais uall a de mujtos Ca *deus* disse no euãgelho Se dous ou tres sam juntos em meu nome. O que pedir• a meu padre seerlhesha outorguado. E por jsto sam boas as piteç•es dos com•s. E sabe que cousa que hom• faça em pecado mortall. nom *lhe* *aproueita* *quanto* aa saluaçom. Mes *aproueitõ* a tres cousas Ca homem he mais asinha chamado a estado da graça E auera mais pouca pena no jnferno. ajnda que mouro no pecado. E aderença melhor todos *seus* *fectos*. Por jsto nã deue aa aalg••leixar de fazer bem. em *quall* *quer* estado que seia.

/52r/ *Capitollo* Lxij como a este castello nom faleçe senom a uella que he o temor de *deus* E que de nosso estado nom podemos auer çertid•e emquanto somos em esta mortal vida.

precioso tempo às távolas e aos dados e em falas vãs e em más festas que santo Agostinho diz que são pecados mortais tirando as que fazem nas bodas dos amigos carnavais?

Por isto deve (o) homem gastar o domingo e as festas em oração e em servir e louvar (a) Deus pelos bens que lhe /51r/ fez e em ouvir os sermões ou estudar algumas devoções secretamente em sua câmara entre si e Deus, que vale mais do que os gemidos e sospiros e lágrimas que o homem acha estudando nom se perdem por vã glória, porque o homem não é visto e pode perdê-los nos sermões porque o vêem e ouvem. Por isto disse Deus no evangelho: “Quando tu quiseses orar proveitosamente entra em tua câmara e cerra a porta e não serás embaraçado dos de fora.”.

Jesus Cristo mesmo, que não podia ter torção que o agravasse, quando queria deixava todos os seus discípulos para nos ensinar que quando quiséssemos orar fuçamos ao arruído da gente e que nos cerremos todos em nós.

Capítulo 62º – Que a oração deve ter duas asas. E de como de duas maneiras é embaraçada. Daí que algo que o homem faça em pecado mortal não aproveita quanto é à salvação.

Devemos saber que para a oração mais cedo subir ao céu deve ter duas asas: jejum e esmola, pois, segundo diz Santo Ambrósio, boa vida faz (a) oração voar a Deus e (o) pecado a (faz) voltar. E Isidro diz: “Em duas maneiras é a oração impedida, ou por o homem não deixar de pecar ou por não querer perdoar a outrem a sua má vontade.” Pois nunca a chaga pode guarecer /51v/ enquanto o ferro estiver dentro nem a oração muito valer enquanto a má vontade estiver no coração do que ora.

E devemos saber que (ninguém) é tão pobre que não tenha que dar. Nem pessoas da religião, que não devem dar sem licença, estão escusados de fazer esmola. E quem não tem que dar, tenha boa vontade e basta a Deus. E S. Gregório diz que a mão nunca está vazia de dons enquanto a arca do coração está cheia de boa vontade. Quem não tem de que faça corporal esmola, faça-a espiritual, de orações e pregações e bons exemplos que muito valem. E S. Gregório diz: “Maior cousa é governar a alma que sempre dura que o corpo que depressa morre.” E Santiago diz: “Muito vale a oração continuada do justo e mais vale a de muitos.” Pois Deus disse no Evangelho: “Se dous ou três estão juntos em meu nome, o que pedirem a meu Pai ser-lhes-á outorgado.”. E por isto são boas as petições dos comuns.

E sabeí que cousa que (o) homem faça em pecado mortal não lhe aproveita à salvação mas aproveita a três cousas porquanto a pessoa é mais depressa chamada a estado de graça; e terá menor pena no inferno ainda que morra no pecado; e adereça melhor todos os seus actos. Por isto não deve alguém deixar de fazer bem em qualquer estado que seja.

/52r/ Capítulo 63º – Como a este castelo não falta senão a sentinela<sup>125</sup> que é o temor de Deus. E que do nosso estado não podemos ter certeza enquanto estamos nesta mortal vida.

---

<sup>125</sup> Fizemos uma excepção e preferimos sentinela a vela, muito embora vela também tenha acepção de sentinela, para que ao leitor não fiquem quaisquer dúvidas do que se trata.



Ora he o castello acabado que nom falleçe senom a uella que ho ha de guardar de dia *e* de noite. Esta uella he o temor de *deus* Ca segundo diz sallamom *quem* teme *deus* a n•h•a cousa he negligente. E ajnda diz elle bem au•turado he ho homem que senpre teme. Este temor he boa uella. Ca segundo diz sallamom pollo temor se guarda hom• dos pecados E a uella ajnda que seia em alta forteleza senpre teme E de quall *quer* gente que ueja v•r *contra* seu castello seia maa ou boa senpre ha medo que seiam jmijgos. E por jsto braada amehude por sse fazer ouujr longe. Quanto a pessoa he mais santa *e* mais perfeita. tanto mais deue temer seus b•s *e* seus pecados Ca nom sabe se lhe sam perdoados. E per h•a pequena de u• gloria pode mujto asinha perder todo o bem que faz. Por jsto disse Job eu temja todas minhas obras Por *que* bem sey que tu nom desprezaras o pecador. E ssam paullo *que* ja fora rracto no paraíso disse eu nom me guabo que aja cobrado o *que* deseio Mes uou senpre por acallçar o guallardõ Pois bem se deuem os outros temer Moormeute que nõ percam per uaa gloria aquijllo que per gram trabalho gu•çarom. Ca este he o jmijgo que primeiro combate os caualleiros de *deus* E que derradeiro os leixa Por que *quando* o diaabo uee que he uençido de todollos outros combates. Diz /52v/ *e* mete no coração. Çerto agora es tu uençedor E es muj santo *e* mujto amado de *deus*. quem sousaria a *comparar contigo*. Mes a deuota pessoa deue rresponder o que daujd diz no salteiro. Confundudos seiam todos meus jmijgos que me buscã mall per seu emguano. de m~y nom ey eu senom pecado. E se alg• bem ey de *deus* me uem *e* a elle deue seer dada a gloria *e* nom a m~y que sam cheo de maldades E deuesse tornar a *deus* humilldosamente *e* dizer deuotamente *Senhor* assy como uençestes em mjm todollos outros combates vençee ajnda este por que uos ajaaes de toda a glloria E os jmijgos a confusam. Ajnda deuemos de temer segundo diz sam bernardo. que se auemos a *graça* de *deus* que nom husamos della como deujamos. E se nos he tirada. muyto mais deuemos estar em temor. que a nossa primçepall guarda nos leixa. E se nos torna. Mais deuemos rreçear de perder Ca peor he rrecayr que cayr. E Por jsto deuemos senpre estar • themor. Por que senpre somos em perijgo Nem podemos auer alg•a çertidom de nosso estado. em quanto somos em esta mortall ujda.

#### *Capitollo Lxiiij de quatro maneiras que hi ha de temor*

Deuemos saber que hi ha temor em sete *maneiras. scilicet.* • Mundanall • E humanall. • E serujll • E naturall /53r/ E comenssauell • E filliall • •E rreuerençiall. temor mundanall he quando homem mujto teme perder seu auer ou homrra tenporall Este he senpre maa *e* fez *e* faz muytos malles. elle fez matar os *primeiros filhos* disrraell E fez matar os jnoçentes E o filho de *deus Jhesu christo*. Temor humanall he quando homem teme aalem da rrazom a pena do corpo ou a morte. Este tam bem he maa Ca elle fez sam *pedro* neguar tres uezes *deus* E os apostollos fugir *e* leixar seu meestre *Jhesu*. Temor serujll he quando alg• leixa de *fazer* mall. ou faz alg• bem nom por amor de justiça Mes cõ temor de pena. assy como os Judeus que guardauom as abseruanças da lley que era *graue* cousa. E leixauom de *fazer* mall nom por amor de *deus*

Ora o castelo está acabado (a) que não falta senão a sentinela que o há-de guardar de dia e de noite. Esta sentinela é o temor de Deus, pois, segundo diz Salomão, quem teme (a) *deus*

(em) nenhuma cousa é negligente. E, ainda, diz ele: “Bem-aventurado é o homem que sempre teme.”. Este temor é boa sentinela, pois, segundo diz Salomão, pelo temor se guarda a pessoa dos pecados. E a sentinela, ainda que esteja em alta fortaleza, sempre teme. E de qualquer gente que veja vir contra o seu castelo, seja má ou boa, sempre tem medo que sejam inimigos. E por isto brada amiúde para se fazer ouvir longe.

Quanto a pessoa é mais santa e mais perfeita tanto mais deve temer os seus bens e seus pecados porquanto não sabe se lhe são perdoados. E por pequena vanglória pode muito depressa perder todo o bem que faz. Por isto disse Job: “Eu temia todas as minhas obras porque bem sei que tu não desprezarás o pecador.” E S. Paulo, que já fora arrebatado (ao) Paraíso, disse: “Eu não me gabo que haja conseguido o que desejo, mas vou sempre para alcançar o galardão.”

Pois bem se devem os outros temer maiormente que não percam por vã glória aquilo que adquiriram por grande trabalho pois este é o inimigo que primeiro combate os cavaleiros de Deus e que derradeiro os deixa. Porque, quando o diabo vê que é vencido de todos os outros combates, diz /52v/ e mete no coração: “Certo agora és tu vencedor e és muito santo e muito amado de Deus. Quem ousaria comparar-se contigo?” Mas a pessoa devota deve responder o que David diz no Saltério: “Confundidos sejam todos (os) meus inimigos que me buscam mal por seu engano. De mim não tenho eu senão pecado; e se algum bem tenho, de Deus me vem e a ele deve ser dada a glória e não a mim que sou cheio de maldades.” E deve-se voltar a Deus humildosamente e dizer devotamente: “Senhor, assim como venceste em mim todos os outros combates, venci ainda este para que vós tenhais toda a glória e os inimigos a confusão.” Ainda devemos temer, segundo diz S. Bernardo, que se temos a graça de Deus, que não usamos dela como deveríamos; e se nos é tirada, muito mais devemos estar em temor, que a nossa principal guarda nos deixa. E se nos torna, mais devemos recear de (a) perder pois pior é recair do que cair. E por isto devemos estar sempre em temor porque sempre estamos em perigo nem podemos ter alguma certeza de nosso estado enquanto estamos nesta mortal vida.

#### Capítulo 64º – De quatro maneiras que há de temor.

Devemos saber que há temor de sete maneiras, a saber: mundanal, e humanal e servil e natural /53r/ e começável e filial e reverencial.

Temor mundanal é quando (o) homem muito teme perder seu haver ou honra temporal. Este é sempre mau e fez e faz muitos males. Ele fez matar os primeiros filhos de Israel e fez matar os inocentes e o filho de Deus, Jesus Cristo.

Temor humanal é quando (o) homem teme, além da razão, a pena do corpo ou a morte. Este também é mau pois ele fez S. Pedro negar três vezes (a) Deus e os apóstolos fugir e deixar seu mestre, Jesus.

Temor servil é quando alguém deixa de fazer mal ou faz algum bem não por amor da justiça mas com temor de pena como os judeus que guardavam as observâncias da lei que era grave cousa e deixaram de fazer mal não por amor de Deus

Mes com medo de sseerem ponjdos. Este nõ he pecado como os outros Mes esta senpre com pecado. Ca segundo diz santo agostinho em taaes gentes viue voomtade de pecado E pecariam Se

não esperassem seer ponjdos. E ajnda diz santo agost•ho em u•o se tem por ujturioso de pecar. *quem* tem a maa voomtade no coração E leixaao de fazer com medo E sse o não conpre aa de fora. aa de dentro lhe fica a morte. E não leixara por jssso de seer condanada. Ca sallamom diz nos prouerbios. Justiça deliura de morte Jsto he /53v/ os males que homem leixa de fazer e os b•s que faz por amor de justiça liurã a alma de morte perdurauell. E Por jsto o medo que nom he fundado sobre justiça não liura das penas. Temor Naturall he quando alguu rreça o que he *contrairo* aa ssua natureza. este nom he bem nem mall. Ca o que auemos *per* natureza não he merito nem desmerito. Este foy em Jhesu *christo* que segundo natureza ouue tam gram medo da morte que suou guotas de sangue. E foy tam bem em sam paullo que cobrio seus olhos dhuu pano com temor da espada E sabe que sse este medo he mujto grande elle torna humanall e he pecado. E Por jsto Jhesu *christo* e os outros marteres em tall medo confortauom sua natureza e amarõ mais morrer *que* perder a coroa da ujtoria E assy deuemos Nos a fazer Nos nom deuemos tanto temer o mall que passa como deuemos damar o bem que dura. Temor com•çauell he quando alg• leixa de fazer mall e faz b•. Nom tam soamente com medo das penas Mes com temor de *perder* a conpanhia de *deus*. E tall temor he senpre boo. Ca não rreça alg• seer partido de *deus* se ho nom ama. Este themor ha dous olhos com o dereito esguarda o bem do paraíso *que* teme de *perder* e com o seestro as penas do jnferno que Nom queria mereçer. Estas duas consijraç•es / 54r/ fazem a alg•as gentes filhar grandes pendenças. Este temor he chamado começauell Porque he começo de sabedoria que de todas as cousas leixa o mall E filha o bem E he naquelles que comecem ujda de perfeiçom Que aynda tem• encorrer na pena e *perder* a allegria Aquelles amam *deus* por boo gualardom que atemdem Este he o primeiro degrao damor. amar *deus* por seu proueito O segundo amar *deus* por elle meesmo seer muj boo O terceiro he amar sy meesmo puramente por *deus*. Temor filliall he quamdo homem teme *deus* não com medo de seu dano Nem com speranza de seu proueito. Ou doutra algh•a condiçom que possa cayr naquelle que teme Mes pollas condiç•es daquelle que hom• teme. Assy como quando homem ama h•a pessoa E rreça de a asanhar pollo amor que lhe ha. E pollos b•s *que* sente e uee em ella. tall medo uem damor e pert•çe aos perfeitos E por jsto he chamado temor de filho. Este atormentam mujto aas uezes as boas e santas pessoas de seus pecados passados Por que elles sam bem çertos que pecarom Mes nom sabem se *deus* os perdoou E segundo diz sallamom ho homem não sabe se he dino damor. ou de mall querença. E assy os torm•ta de seus b•s feitos Ca nom sam çertos se prazem a *deus* ou sam aa sua voontade. Sallamom diz alg•s /54v/ sam justos E sages E ssuas obras sam na m•o de *deus*. Quer dizer. que ssoo *deus* conhece quãto lhe sam praziuijs E nom os *que* as fazem. Este temor e esta cõssijraçom deueria abastar pera uençer todollos conbates da u• gloria que o diaabo e o mundo podem trazer ao coração.

mas com medo de serem punidos. Este não é pecado como os outros mas está sempre em pecado, pois, segundo diz Santo Agostinho, em tais gentes vive vontade de pecado e pecariam se não esperassem ser punidos. E ainda diz Santo Agostinho: “ Em vão se tem por vitorioso de

pecar quem tem a má vontade no coração e deixa de o fazer com medo e se não o comete ao de fora, ao de dentro lhe fica a morte e se não deixará por isso de ser condenado.” Pois Salomão diz nos Provérbios: “Justiça liberta de morte.”. Isto é /53v/ os males que (o) homem deixa de fazer e os bens que faz por amor de justiça livram a alma de morte perdurável. E, por isto, o medo que não é fundado sobre justiça não livra das penas.

Temor natural é quando alguém receia o que é contrário à sua natureza. Este não é bem nem mal porquanto o que temos por natureza não é mérito nem desmérito. Este existiu em Jesus Cristo que segundo (a) natureza teve tão grande medo da morte que suou gotas de sangue e existiu também em S. Paulo que cobriu seus olhos de um pano com temor da espada. E sabei que se este medo é muito grande, ele torna-(se) humanal e é pecado. E por isto Jesus Cristo e os outros mártires em tal medo confortavam (a) sua natureza e amaram mais morrer que perder a coroa da vitória. E assim devemos nós fazer. Nós não devemos temer tanto o mal que passa como devemos amar o bem que dura.

Temor começável é quando alguém deixa de fazer mal e faz bem não tão-somente com medo das penas mas com temor de perder a companhia de Deus. E tal temor é sempre bom pois que ninguém receia ser afastado de Deus se o não amar. Este temor tem dois olhos: com o direito esguarda o bem do Paraíso que teme perder e com o esquerdo as penas do Inferno que não queria merecer.

Estas duas considerações /54r/ fazem a algumas pessoas tomar grandes penitências. Este temor é chamado começável porque é começo de sabedoria que de todas as cousas deixa o mal e apanha o bem. E existe naqueles que começam vida de perfeição que ainda temem incorrer na pena e perder a alegria. Aqueles amam (a) Deus pelo bom galardão que esperam. Este é o primeiro degrau de amar: amar Deus por seu proveito. O segundo, amar Deus por ele mesmo ser muito bom. O terceiro é amar (a) si mesmo puramente por Deus.

Temor filial é quando a pessoa teme (a) Deus não com medo do seu dano nem com esperança de seu proveito ou de outra alguma condição que possa cair naquele que teme mas pelas condições daquele que (a) pessoa teme. Assim como quando alguém ama uma pessoa e receia de a assanhar pelo amor que lhe tem e pelos bens que sente e vê nela. Tal medo vem do amor e pertence aos perfeitos e por isto é chamado temor de filho. Este atormenta muito às vezes as boas e santas pessoas de seus pecados passados porque eles estão bem certos (de) que pecaram mas não sabem se Deus os perdoou. E, segundo diz Salomão, o homem não sabe se é digno de amor ou malquerença. E assim os atormenta de seus bons actos pois não estão certos se prazem a Deus ou são à sua vontade. Salomão diz: “Alguns /54v/ são justos e sages e suas obras estão nas mãos de Deus.” Quer dizer que só Deus conhece quanto lhe são prazíveis e não os que as fazem. Este temor e esta consideração deveria bastar para vencer todos os combates da vanglória que o diabo e o mundo podem trazer ao coração.

Temor rreuerençiall he quando alg• consijra e esguarda o ssyso e a bomdade e a grandeza E o poderio de deus E oolha ssy meesmo tam pequeno. Assy como os tres apostollos na tresfeguraçom de nosso senhor. que quãdo o ujrom cayrom assy como mortos. Este temor he Nom tam sollamente aos hom•s Mes ajnda aos anjos segundo se canta cada dia no profaço

• {Tremunt potestates }. Que *quer* dizer os poderios do paraíso tremem *conssijrãdo* a *grandeza* de *deus*. E no apocallipse he *scripto* que *todollos* anjos cayrõ em suas *façes* ante o trono. Este temhor faz que hos *santos e perfeitos* hom•s se teem por muy *pequenos* assy como abr•o e daujd. que huu se auja por çijnza E ho outro por fedor *e* cam morto segundo diz a *escriptura*. Pois deuiam os outros pobres pecadores que ajnda nom sobirom o primeiro graao de *perfeiçom* teersse em muy pouco E estar em grande humilldade / 55r/ E assy guardarom o castello do coração E nom temerõ combate que o diaboo *e* o mundo n• a carne lhe possam fazer. Mes guardarsseham dos muy *pequenos* *pecados e njgllegenças* que nõ *percam* o b• guasalhado de seu leall padre *e* amigo Jhesu *christo* Este b• guasalhado sam as *comsollaç•es* que *deus* enuya aas deuotas pessoas que senpre sam em sua guarda E fogem aas *afeiç•es* do mundo Pollas quaaes se *perdem* amehude as de *deus*. que he o b• guasalhado do nosso padre *e* amigo como dicto he.

*Capitollo* Lxv como as tres maneiras do temor sobre ditas *e* derradeiras som tres boas uellas da nosa fortaleza.

Das sete maneiras do themor sobreditas. as tres derradeiras. *scilicet*. • temor começauell • E fillial • •E rreuerençiall Sam tres boas uellas de nossa fortelleza contra os nossos tres jmiijos. ho diaabo ho mundo *e* a carne. E estam em lugar alto *e* de *quall quer* parte *que* veem os jmiijos v•r *contra* o castello. braadõ alto *e* fazem arroydo pollos emcorrer. Quer dizer. se Nos auemos bem estas tres maneiras de temor Nom *nos* v•ra *tentaçom* que nom *conheçamos* de longe *e* farnosham braadar *per* deuota ora<ç>om. os braados do coração sam o ardente amor que emcorre os jmiijos / 55v/ *atras*. E assy mora *deus* em Nosso castello *e* Nos com elle. a *quall* cousa *nos* elle outorgue por sua *piadade* am•.

*Capitollo* Lxvj *per* que modo he aseentado este castello em terra de paz E de como hi ha quatro *pensam•tos* muj *proueitosos*.

Ora he nosso castello acabado com a ajuda de *deus*. de todo acabado Asseentado em alto lugar *per* alteza de uida E fundado sobre a fe de *deus e* dos sacramentos que tem a sãta Jgreia. feito em terra de paz. que deuemos *dauer* cõ *deus per uerdadeira* contriçom *e* *comffissom e* *satisfaçom*. E a nossos *mayores per* humjlldosamente *obedeeçer e* *callar seus fectos e* *seus ditos*. E a nossos *prouiximos per* *fazermos* a elles o que *queriamos* que ffezessem a Nos E *pera* *nos* guardar de *pecado* E amar *pobreza e* *seermos despreçados*. assy he o castello aseentado em terra de paz. desy he afortelezado de *dobres fossas profundas per* *dobre humjlldade* de coração *e* de feito *e* *dobras* aa de fora. *larguas per* *carydade e* *amor* que hom• pode emcalçar *per* *amehude* *rrecordar* os *benefiçios* de *deus*. E çercado *daltos muros* *dobres* de *discreçom* de fora *e* *guarnjdos* Temor reverencial é quando alguém considera e esguarda o siso e a bondade e a grandeza e o poderio de Deus e olha (a) si mesmo tão pequeno. Assim como os três apóstolos na transfiguração de Nosso Senhor que, quando o viram, caíram assim como mortos. Este temor é (comum) não tão somente aos homens mas ainda aos anjos, segundo se canta cada dia no prefácio: {Tremunt potestates }. Que quer dizer: “ Os poderios do Paraíso tremem considerando a

grandeza de Deus." E no Apocalipse está escrito que todos os anjos cairão em suas faces perante o trono. Este temor faz que os santos e homens perfeitos se têm por muito pequenos assim como Abraão e David que um se tinha por cinza e o outro por fedor e cão morto, segundo diz a Escritura. Pois deviam os outros pobres pecadores que ainda não subiram o primeiro grau de perfeição ter-se em muito pouco e estar em grande humildade. /55r/

E assim guardarão o castelo do coração e não temerão combate que o diabo e o mundo nem a carne lhe possam fazer mas guardar-se-ão dos muitos pequenos pecados e negligências para que não percam o bom gasalhado de seu leal pai e amigo, Jesus Cristo. Este bom gasalhado são as consolações que Deus envia às pessoas devotas que sempre estão em sua guarda, e fogem às afeições do mundo pelas quais se perdem amiúde as de Deus, que é o bom gasalhado do nosso pai e amigo, como se disse.

Capítulo 65º – Como as três maneiras do temor sobreditas e derradeiras são três boas sentinelas da nossa fortaleza.

Das sete maneiras do temor sobreditas, as três derradeiras, a saber, temor começável e filial e reverencial são três boas sentinelas de nossa fortaleza contra os nossos três inimigos: o diabo, o mundo e a carne. E estão em lugar alto e, de qualquer parte que vêem os inimigos vir contra o castelo, bradam alto e fazem arruído para os atacar. Quer dizer: se nós temos bem estas três maneiras de temor não nos virá tentação que não conheçamos de longe e far-nos-ão bradar por devota oração. Os brados do coração são o ardente amor que rechaça os inimigos. /55v/ E assim mora Deus no nosso castelo e nós com ele – a qual cousa ele nos outorgue por sua piedade. Amén.

Capítulo 66º – Por que modo está este castelo assentado em terra de paz. E de como aí há quatro pensamentos muito proveitosos.

Ora o nosso castelo acabado com a ajuda de Deus é de todo acabado. Assentado em lugar alto por alteza de vida e fundado sobre a fé de Deus e dos sacramentos que tem a Santa Igreja, feito em terra de paz que devemos ter com Deus por verdadeira contrição e confissão e satisfação, e com nossos superiores por humildosamente obedecer e calar seus actos e ditos, e com nossos próximos por fazermos a eles o que queríamos que (eles) fizessem a nós e para nos guardar do pecado e amar a pobreza e sermos desprezados, assim está o castelo assentado em terra de paz. Também é afortalezado de profundos fossos duplos por dupla humildade de coração e de oração e de obras ao de fora, largas por caridade e amor que a pessoa pode alcançar por amiúde recordar os benefícios de Deus e cercado de altos muros duplos de discrição de fora e guarnidos

de boas beestas e cadrellos pera defendellas fossas que sam quatro consisijraç•es. Primeira de sua propria naçença E a ynorança de seu estado e a memoria de ssua morte E a n•brança do gram juizo. E çercado tam bem de muro de paçiência. aa de dentro. /56r/ guarnjdo de fortes engenhos pera defender a segunda caua que som pensar nas penas do jnferno e consisijrar a gloria do paraiso E a paixom de nosso senhor Jhesu christo. E o quarto cujdar no proueito e

guallardom que fazem as tribullaç•es. Estes *quatro* penssamentos sam abastantes pera defender o muro da paçiençia Desy nosso castello he hordenado de portas e porteiros. dos quaaes o prinçepall he a boca e a lingua. de que he porteiro rrazom deligente. E ha hi çinquo portas de fora que sam os çinquo sintidos de que castidade e uergonha sam porteiros da porta dos olhos e tres das uertudes cardeaaes. força tenperança e justiça. sam porteiros das outras portas. E prudênçia que he o quarto porteiro. A primeira das quatro uertudes he guarda geerall a todollas portas E poderia soo abastar a todas segundo he dito. E he guarnido de bitalhas que gouernam a alma que he a pallaura de *deus* e a memoria de *seus* benefícios e o sacramento do altar E he fornido de ujnho dallegría esprituall que a deuota pessoa acha poendo seu coração e amor em *deus*. Assy que aas uezes he tam embeuedada que he alliuada das cousas deste mundo. Aynda he proueudo daugua de lagrimas de contriçom que a boa pessoa acha em rrecordando *seus* pecados E de lagrimas de conpaixom em nembrandosse /56v/ das soffrenças do seu beento padre e amigo *Jhesu christo*. E de lagrimas de deuaçom que ha trazendo aa ssua memoria os benefícios que *deus* fez aa humanall natureza jeerallm•te e a elle em espiçiall. desy hi ha torre de menagem que he chamada oraçom. aa quall se homem deue acorrer como aa prinçepall defesa de todos *seus* mesteres. E sam uellas em çima do castello por veerem longe que sam tres maneiras de temor. começauell E filliall E rreuerençiall contra os nossos tres jmijgos. ho diaabo. o m•do e a carne segundo ja he dito. assy he o castello perijguoso acabado. ajnda que podera dizer muytas mais cousas que leixo. Porque ajnda se estende minha materia aalem de meu proposito começado. Ca eu penssaua *screpuer* hua breue epistolla. a consollaçom dos deuotos amigos de *deus*. que per enxenplo desta glloriosa uirgem em cujo castello o ffilho de *deus* qujs entrar e morar assy como he dicto no começo. Nom sso corporalmente. Mes ajnda espiritualmente. deseiem e trabalhem cada dia hordenar de seu coração h• castello. assi dino e tam forte e tam fremoso. que o filho de *deus* rrey da glloria se contente deçer e morar em elle. como em sua propria casa E sse nom corporalmente asy como uirgem / 57r/ maria a que esta graça foy syngullar. seia espiritualmente que mais he neçessario a nossa saluaçom E sallamom diz que seu viço he morar em nossos coraç•es. E elle meesmo diz m•ha folgança he morar comuosco. daaeme lugar em uos em que folgue dos trabalhos que por uos sofry E Sam bernardo diz que festa e que alegria cujdas tu que aquelle glorioso ospede *Jhesu christo*. aja de fazer a ssua ospeda. Esta sera a alma deuota quando leixar o tabernacollo de seu corpo E elle dira a *seus* amigos. *scilicet*. a todollos anjos e santos do paraíso. Vedes aquy minha ospeda. que com grande rreuerença me rreçeebo. quando eu no desterro do mundo buscua pousada E nom ha podia achar. Entom sera ella festejada e homrrada de *deus*. E

de boas bestas e quadrelos para defender os fossos que são quatro considerações. Primeira, de sua própria nascença, e a ignorância de seu estado e a memória da sua morte e a lembrança do grande juízo. E cercado também de muro de paciência, ao de dentro /56r/ guarnido de fortes engenhos para defender o segundo fosso que são pensar nas penas do Inferno e considerar a glória do paraíso e a paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. E o quarto, cuidar no proveito e galardão que fazem as tribulações.

Estes quatro pensamentos são suficientes para defender o muro da paciência. Também o nosso castelo é provido de portas e porteiros, dos quais o principal é a boca e a língua de que é porteiro razão diligente. E há cinco portas de fora que são os cinco sentidos de que castidade e vergonha são porteiros da porta dos olhos e três das virtudes cardeais – força, temperança e justiça – são porteiros das outras portas. E prudência que é o quarto porteiro.

A primeira das quatro virtudes é guarda geral a todas as portas e poderia só abastar a todas as portas, segundo se disse. E é guarnido de virtualhas que governam a alma que é a palavra de Deus e a memória dos seus benefícios e o sacramento do altar. E é fornido de vinho da alegria espiritual que a devota pessoa acha pondo seu coração e amor em Deus. Assim que às vezes é tão inebriada que é alijada das cousas deste mundo.

Ainda é provido de água de lágrimas de contrição que a pessoa boa acha em recordando os seus pecados e de lágrimas de compaixão em lembrando-se /56v/ dos sofrimentos do seu bendito pai e amigo, Jesus Cristo, e de lágrimas de devoção que tem, trazendo à sua memória os benefícios que Deus fez à humanal natureza geralmente e a ele em especial. Também aí há a torre de menagem que é chamada oração à qual a pessoa se deve acorrer como à principal defesa de todos os seus mesteres. E há sentinelas em cima do castelo para verem (ao) longe que são três maneiras de temor, começável e filial e reverencial contra os nossos três inimigos, o diabo, o mundo e a carne, segundo já se disse.

Assim é acabado o castelo perigoso, ainda que pudera dizer muitas mais cousas que deixo porque ainda se estende minha matéria além de meu propósito começado, pois eu pensava escrever uma breve epístola (para) consolação dos devotos amigos de Deus que, a exemplo desta gloriosa Virgem em cujo castelo o filho de Deus quis entrar e morar como se disse no começo, não só corporalmente mas ainda espiritualmente, desejem e trabalhem cada dia por de seu coração formar um castelo tão digno e tão forte e tão formoso que o filho de Deus, rei da glória, se contente descer e morar nele como em sua própria casa e se não corporalmente assim como (a) Virgem /57r/ Maria a quem esta graça foi singular, seja espiritualmente – (o) que mais necessário é à nossa salvação. Salomão diz que Sua<sup>126</sup> alegria é morar em nossos corações. E Ele mesmo diz: “Minha alegria é morar convosco, dai-me lugar em vós, onde folgue dos trabalhos que por vós sofri.”. E S. Bernardo diz: “ Que festa e que alegria cuidas tu que aquele glorioso hóspede, Jesus Cristo, haja de fazer à sua hóspede? Esta será a alma devota quando deixar o tabernáculo de seu corpo. E ele dirá a seus amigos, a saber, a todos os anjos e santos do Paraíso: “ Vedes aqui minha hóspede que com grande reverência me recebeu, quando eu no desterro do mundo buscava pousada e não a podia achar.” Então será ela festejada e honrada por Deus e abraçada e beijada dos santos. E leuada atee secreta camara do seu amigo. E sera abastada de todos uijos. E embeuedada de deujnall consollaçom tanto que esqueçera todollos trabalhos que tem sofridos. E os m•danaaes prazeres. E uijçejara sem fim em amar e esguardar deus. E podera uerdadeiramente dizer. o que he escripto no ecresiastico. eu trabalhey h• pouco e achey muj gram folgança O quall nos de o padre e filho e o espritu santo amem.

---

<sup>126</sup> Refere-se inequivocamente a Deus.



/57v/Capitollo Lxvij como a memoria dos benefícios *que nos deus* fez he muyto boa.

De todollos benefícios de nosso senhor *Jhesu christo que nos* mouem a o amar. ho de ssua paixom he ho mais piadoso. E o de que os pellejadores de *deus* se deujã armar *contra seus jmiijos*. Por jsto disse sam *Pedro*. *Jhesu christo* soffeo por Nos daquelles penssamentos uos armaae. E por que homem nom se possa escusar de *pequena* memoria ou de mingua despaço. eu quero aquy meter breuem•te a memoria de sua paixom. E sam assy como h•as oras *pera* as deuotas pessoas que nom entendem latym de mouer a deuaçõ e conpaixom e sam thiradas das oras do latim *que* fez o papa Joham.

Aqui falleçem as oras da cruz que nom forom tornadas em portugues porque eram em rrimãço em françes E nom pareçeriom bem sem rrimo.

*Capitollo Lxviij* como esta sancta memoria faz a deuota *persoa* fazer lagrimas.

Asy como dissemos *primeiro* que dos benefícios de Nosso Senhor que *nos* mouem a o amar ho da sua paixom / 58r/ he o mais piadoso E faz auer aa deuota *persoa* lagrimas de conpaixom que sam amarguosas por que nom sam sem door segundo sabem aquelles que o prouarom.

*Capitollo Lxix* do excelentissimo sacramento do altar E de como os *que* o rreçebem deuem seer aparelhados.

Assy o benefi<ç>io que homem filha no sacramento do altar he de todo os outros em este desterro o mais allegre e mais amauioso E faz auer aa deuota *persoa* lagrimas de deuaçõ doçes e praziuées E que embeuedom. Ca em este sacram•to. o amigo se da enteiramente a ssua amiga O que n•h• outro amador pode fazer E polla uertude deste sacram•to a muda em ssy. e a •beueda tanto que a alma n•h•a cousa sente senõ de seu amigo E Por jsto ajnda *que primeiro* ja seja tocado. escreuerya aquy os doçe fruytos que este sacramento faz a *quem* o dinam•te rreçebe. *scilicet*. que seia *contrito e* confessado e rrepreendido de seus pecados feitos e firme proposito de nõ tornar a elles nem *fazer* outros de nouo.

*Capitollo Lxx* do primeiro frujto deste sacramento

O prymeiro fruyto que este sacramento faz he que allimpa e guareçe a alma do pecado de que sãtantoinho diz eu quero senpre ffilhar esta meezinha Por que meus pecados me sejam perdoados. Que / 58v/ *quem* cada dia peca. Cada dia lhe conpre filhar meezinha disto diz sam

abraçada e beijada pelos santos e levada até (à) secreta câmara de seu amigo e será abastada de todos os mimos e inebriada de divinal consolação tanto que esquecerá todos os trabalhos que soffreu e os mundanais prazeres e gozará da eterna beatitude em amar e esguardar Deus. E poderá verdadeiramente dizer o que está escrito no Eclesiástico: “ Eu trabalhei um pouco e achei grande alegria.” A qual nos dê o Pai e Filho e o Espírito Santo. Amén.

/57v/ Capítulo 67º – Como a memória dos benefícios que Deus nos fez é muito boa.

De todos os benefícios de Nosso Senhor Jesus Cristo que nos movem a amá-lo, o da sua paixão é o mais piedoso e o de que os pelejadores de Deus se deviam armar contra os seus inimigos. Por isto disse S. Pedro: “ Jesus Cristo sofreu por nós; daqueles pensamentos vos armai.” E para que a pessoa se não possa desculpar de pequena memória ou de mímica de espaço, eu quero aqui meter brevemente a memória da sua paixão. E são assim como umas horas para mover a devoção e compaixão as pessoas devotas que não entendem latim e são tiradas das horas do latim que fez o papa João.

Aqui faltam as horas da cruz que não foram tornadas em português porque eram em romance em francês. E não pareceriam bem sem rima.

Capítulo 68º – Como esta santa memória faz a devota pessoa chorar lágrimas.

Assim como dissemos primeiro que dos benefícios de Nosso Senhor que nos movem a amá-lo, o da sua paixão /58r/ é o mais piedoso e faz haver à devota pessoa lágrimas de compaixão que são amargosas porque não são sem dor, segundo sabem aqueles que o experimentaram.

Capítulo 69º – Do excelentíssimo sacramento do altar. E de como os que o recebem devem ser preparados.

Assim o benefício que o homem auferi no sacramento do altar é de todos os outros, neste desterro, o mais alegre e mais amavioso e faz ter à pessoa devota lágrimas de devoção doces e prazíveis e que inebriam. Pois neste sacramento o amigo dá-se inteiramente a sua amiga, o que nenhum outro amado pode fazer, e pela virtude deste sacramento a muda em si e a inebria tanto que a alma nenhuma coisa sente senão de seu amigo. E, por isto, ainda que primeiro já esteja tocado, escreveria aqui os doces frutos que este sacramento faz a quem o dignamente recebe, a saber, que esteja contrito e confessado e repreendido de seus pecados feitos e firme propósito de não tornar a eles nem fazer outros de novo.

Capítulo 70º – Do primeiro fruto deste sacramento.

O primeiro fruto que este sacramento faz é que alimpa e guarece a alma do pecado de que Santo António diz: “Eu quero sempre tomar esta mezinha para que meus pecados me sejam perdoados.”. Que /58v/ quem cada dia peca, cada dia lhe cumpre tomar mezinha. Disto diz S.

Joham boca douro. honrosa cousa he o sacramento Ca elle pode apagar toda a doença daquelle que cõ boa uoomtade e de linpo coração o rreçebe.

*Capitollo Lxxj do segundo frujto.*

Ho segundo frujto he que elle assolve das penas *per* pecado mereçidas ou em todo ou em parte de que sam geronymo diz *Jhesu christo* formou seu sangue no callee e meteo hi vinho e augua. Por que em h• *fossemos* purguados de nossos pecados E no outro *conpridos* da pena E desto diz

ajnda santanbrosio. todollas uezes que homem filha dinam•te este sacramento *que* se da perdoa deus os pecados.

*Capitollo Lxxij do terceiro frujto.*

Ho terceiro fruyto he que aquelle sacramento aujsa E guarneçe a alma. assy como boas armaduras e bitalhas fazem aos da hoste *contra seus jmijsos*. de *que* santanbrosio diz. Como o diaabo v•r teu coração abastado de claridade da çellistrial presenceça. elle fugira Ca quando vee o coração deuoto armado darmas esprituuaes. *scilicet*. deste santo sacramento. elle se uay e diz Eu nom posso este castello filhar nem afamar *per* longo / 59r/ çerco Ca he guarnydo de pam e de vinho E nõ pode seer filhado *per* força.

*Capitollo Lxxiij do quarto frujto.*

Ho quarto fruyto he que elle purifica a alma dos m•os e sem proueito penssam•tos e desonestos e das çujas afeiç•es de que daujd diz no salteiro. {Calix meus inebriante etc}. Em esto diz o meu nobre callez que embeueda. *quer* dizer que faz a alma esquecer todollos u•os penssam•tos Assy como o beuedo esquece todos seus feitos.

*Capitollo Lxxiiij do quinto frujto.*

Ho quinto fruyto he que este sacram•to rrestetue e cobra o que homem *perde per* pecado. assy como a ujanda corporall rreforma no corpo o que auia *perdido per* fame e jej•. Assy faz este sacramento a alma que *per* pecado era magra. que ha emguorda *per* deuaçõ. de que sam Johã boca douro diz Aquelle sacramento nom se torna em carne mes em alma E espira em ella e lhe da uertude.

*Capitollo Lxxv do sexto frujto.*

Ho seysto fruyto he que assy como a ujãda da carne mais que outra faz forte o homem Assy aquelle / 59v/ pam de uida confirma e conforta e aforteleza a alma *que* possa rrestitir aas tentaç•es. e sobir aas uertudes. Por jsso he chamado esforço e confirmaçom de uertudes. de que Santanbrosio diz. homem da o corpo de Jhesu christo em maneira dh• pequeno bocado de João Boca de Ouro<sup>127</sup>: “Honrosa cousa é o sacramento porquanto ele pode apagar toda a doença daquele que com boa vontade e de limpo coração o recebe.”

Capítulo 71º – Do segundo fruto.

O segundo fruto é que absolve das penas merecidas pelo pecado ou em todo ou em parte de que S. Jerónimo diz: “Jesus Cristo formou seu sangue no cálix e aí meteu vinho e água para que em um fôssemos purgados dos nossos pecados e no outro remidos da pena.”. E disto diz ainda S. Ambrósio: “Todas as vezes que uma pessoa toma dignamente este sacramento que se dá perdoa Deus os pecados.”

---

<sup>127</sup> Este santo é vulgarmente conhecido por S. João Crisóstomo. Crisóstomo é um helenismo que quer dizer Boca de Ouro.

#### Capítulo 72º – Do terceiro fruto.

O terceiro fruto é que aquele sacramento avisa e guarnece a alma assim como boas armaduras e vitualhas fazem aos da hoste contra seus inimigos, de que S. Ambrósio diz: “Quando o diabo vir teu coração abastado de claridade celestial presença, ele fugirá pois quando vê o coração devoto armado de armas espirituais, isto é, este santo sacramento, ele se vai e diz: Eu não posso tomar este castelo nem esfaimar por longo /59r/ cerco porque está guarnecido de pão e de vinho e não pode ser tomado pela força.

#### Capítulo 73º – Do quarto fruto.

O quarto fruto é que ele purifica a alma dos pensamentos maus e sem proveito e desonestos e de sujas afeições de que David diz no Saltério: {Calix meus inebriante etc}. Em isto diz: “O meu nobre cálix que inebria, quer dizer, que faz a alma esquecer todos os vãos pensamentos assim como o bêbado esquece todos os seus actos.”

#### Capítulo 74º – Do quinto fruto.

O quinto fruto é que este sacramento resistiu e recupera o que (o) homem perde pelo pecado, assim como a vianda corporal reforma no corpo o que havia perdido por fome e jejum. Assim faz este sacramento à alma que pelo pecado era magra, engorda-a por devoção de que S. João Boca de Ouro diz: “Aquele sacramento não se torna em carne mas em alma e sofre nela e dá-lhe virtude.”

#### Capítulo 75º – Do sexto fruto.

O sexto fruto é que, assim como a vianda de carne mais que outra faz forte o homem, assim aquele /59v/ pão de vida confirma e conforta e afortaleza a alma (para) que possa resistir às tentações e subir às virtudes. Por isso são chamados esforço e confirmação de virtudes de que Santo Ambrósio diz: “(O) homem dá sob a forma de um pequeno bocado de

pam. que he tamanho como elle ressoçitou de morte ao terceiro dia E como see adeestra de *deus* padre E no salteiro testemunha daujd assy. O pam. *scilicet*. do sacramento confirma e conforta o coração do homem.

#### Capitollo Lxxvj do seitemo frujto.

Ho Seitemo he mudaçom em melhor. *que* assy como o pam comjdo se conuerte na carne do *que* ho come. assy pollo contrairo ho homem *e* ha molher que dinamente come este pam do altar he comuertjdo em menbro de *Jhesu christo* que ante *per* pecado era m•bro do jmijgo. E *Jhesu christo* diz a santagostinho. eu s• vjanda dos grandes. *per* boas obras fazete grande *e* comermehas. E nom me mudaras • ty Mas seras mudado em m~y que sam rrefeiçom de tua alma.

*Capitollo Lxxvij do oitauo fruto.*

Ho oytauo fruto he que este sacramento faz rreuyuer os b•s que eram *mortos per* pecado. que nosso *Senhor /60r/* diz no euangelho *quem* me comer dinamente *viuera per* mym. Ca eu lhe dou uida abastada. disto diz ajnda sam Joham boca douro. deste sacramento *somos* Nos purguados. Per este sacramento *somos* linpos. *scilicet*. os que os com•. Que assy como Nos comemos *Jhesu christo* Assy *nos* come elle Ca *nos* encorpora • ssy E tornamos h• corpo *e* h•a carne Segundo diz o sãto sobredito.

*Capitollo Lxxviiij do noueno frujto.*

Ho Nouenno fruyto que aquelle sacram•to faz mouer *e* obrar a alma segundo a uõdade de *deus* E nom seg•do a Senssualydade da carne. disto diz daujd no salteiro *sobre* a augua da rrefeiçom me criou E a grosa despõe. que assy como a augua esfria *e* alinpa. assy aquelle sacramento aaquelles que dinamente o rreçebem esfria *e* purgua de toda cobjça *e* carnall deseio E esperta *e* moue a alma a fazer a u•tade de *deus*.

*Capitollo Lxxix do dedezeno frujto.*

Ho dezeno fruto he que aquelles que dinamente o rreçebem entram na confraria do santo espritu /60v/ E de todos os santos do paraíso. Disto diz daujd no salteiro *deus* deu a comer aos hom•s pam dos anjos E rrabano diz em este sacram•to os deuotos *que* com•guam *e* rreçeb• acham huniam da santa conpanhia *e* de paz.

*Capitollo Lxxx do vmdecimo frujto.*

Ho onzeno fruto he que aquelle sacramento da esprítuaes uiços ao coração linpo *e* deuoto. de que he escripto no liuro da sabedoria *Senhor* uos destes aos hom•s pam do çeeo. em que sam todas deleitosas duçuras *e* todo sabor E santagostinho diz. *Senhor quem* em te rreçeber nom sente odor *e* duçura em sua aalma. ou he morto ou he fodorento E aynda diz. Por jsto nom sentem aalg•s ujço em este sacramento. Porque teem o paaço do seu coração pão o corpo de *Jesus Cristo* que é tamanho como ele ressuscitou da morte ao terceiro *e* como está sentado à direita de *Deus Pai*". E no Saltério testemunha *David* assim: "O pão, a saber, do sacramento confirma *e* conforta o coração do homem."

Capítulo 76º – Do sétimo fruto.

O sétimo é mudança em melhor, que assim como o pão comido se converte na carne do que o come, assim pelo contrário, o homem e a mulher que dignamente come este pão do altar é convertido em membro de *Jesus Cristo* que, antes, por pecado era membro do inimigo. E *Jesus Cristo* diz a Santo Agostinho: " Eu sou vianda dos grandes, por boas obras faz-te grande e comer-me-ás. E não me mudarás em ti mas serás mudado em mim que sou refeição da tua alma."

#### Capítulo 77º – Do oitavo fruto

O oitavo fruto é que este sacramento faz reviver os bens que eram mortos pelo pecado, pois Nosso Senhor /69r/ diz no Evangelho: “ Quem me comer dignamente viverá por mim porque eu lhe dou vida abundante.”. Disto diz ainda São João Boca de ouro: “Por este sacramento somos nós purgados. Por este sacramento somos limpos, isto é, os que o comem”. Que assim como nós comemos Jesus Cristo, nos come ele, porque nos incorpora em si e torna-nos um corpo e uma carne, segundo diz o Santo sobreredito.

#### Capítulo 78º – Do nono fruto.

O nono fruto que aquele sacramento faz, (é) mover e obrar a alma segundo a vontade de Deus e não segundo a sensualidade da carne. Disto diz David no Saltério: “ Sobre a água da refeição me criou.”. E a glosa explica que, assim como a água esfria e alimpa, assim aquele sacramento, àqueles que dignamente o recebem, esfria e purga de toda a cobiça e desejo carnal e esperta e move a alma a fazer a vontade de Deus.

#### Capítulo 79º – Do décimo fruto.

O décimo fruto é que, aqueles que dignamente o recebem, entram na companhia do Espírito Santo /60v/ e de todos os santos do Paraíso. Disto diz David no Saltério: “ Deus deu de comer aos homens (o) pão dos anjos” e Rábano diz: “Neste sacramento os devotos que comungam e recebem, acham união da santa companhia e de paz.”

#### Capítulo 80º – Do undécimo fruto.

O undécimo fruto é que aquele sacramento dá espirituais alegrias ao coração limpo e devoto, de que é escrito no livro da Sabedoria: “Senhor, vós destes aos homens pão do céu em que existem todas (as) deleitosas doçuras e todo (o) sabor.” E Santo Agostinho diz: “Senhor, quem em te receber não sente odor e doçura na sua alma, ou está morto ou é fedorento.” E ainda diz: “Por isto não sentem alguns alegria neste sacramento porque têm o paço de seu coração enpachado dos mundanaes prazeres que se filham de boa mente. E sam bernardo diz. viçossa cousa he a deujnall consolaçom Mes *deus* nom a da *quem* outra rreçebe. Jsto he cousa que nom pode seer diz sam geronymo que homem aja *ujços* *esprituaaes* e *carnaaes* e que homem passe dos prazeres do mundo aas *alegrias* do çeeo.

#### *Capitollo Lxxxj do duodeçimo fruto.*

Ho dozeno fruto he *aparahamento* aa gloria *perdurauell* e *cobramento* e possissom della de que rrabano / 61r/ diz Na uertude deste sacramento todos os menbros que sam juntos a ssua cabeça Jhesu christo se alegrarõ e auerõ prazer E festa na *perdurauell* craridade.

#### *Capitollo Lxxxij do dapno que conseguem os que jndinamente rreçebem este sacramento.*

Pois ora peensse cada h•a deuota pessoa que ha cujdado de sua saude de sse meter em ponto e estado que possa dinamente e amehude segundo seu poder bem rreçeber este glorioso ospede no

estaa de seu coração de que tantos b•s proueitosos podem v•r. E assy como o forte ujnho he contrairo *e* empeeçe aaquelles que teem febre E lhe da mujtas uezes a morte se o beuem. Assi aaquelles que este sacramento filham jndinamente rreçebem seu *contrairo e* dano de que santo agostinho diz Aaquelles que jndinamente *e* acijnte rreçebem o corpo de Jhesu *christo*. nom pecam menos que aaquelles *que* o poserõ na cruz. Ora se guarde cada h• E se aparelhe de tall *guisa* que assy linpamente *e* puramente o possa rreçeber que seia sua saluação E assy como diz santo ylario Nom he segura cousa de mujto jejunar de tam proueitosa uyanda Ca *quem* se mujto alongua do corpo de Jhesu *christo* elle sse deue temer que se lhe nom aparte sua saude. E Santagostinho diz. eu nom louuo nem plasmo cada dia comunguar. Mes bem consselho *e* amoesto que /61v/ se faça cada domingo E esto sse entende aaquelles que leixarõ o mundo ou de uoto ou de uoontade que nõ ham ja alg• mordimento de pecado E Nom haaquelles que ajnda *seruem* sua carne E que ssam todos emborilhados no mundo. a estes abastaria comunguar tres uezes no anno ou seis ao mais Ora faça cada h• segundo o que lhe o *espritu* santo emsinar. E assy uiua como que cada dia ho ouuesse de rreçeber. Ho que *nos* outorgue pollos rrogos de ssua santa madre. Jhesu o filho de *deus* padre amem. Aquy se acaba o castello perijguoso que he o *primeiro liuro* desta obra<sup>128</sup>.

Deo gratias.

*Capitollo Lxxxiiij* que a amiga de *deus* deue de seer esguarneçada destes jnstruymentos spirituaaes *que* se seguem.

A Amiga de *deus* deue a uer fe ynlomynada Esperança leuantada Caridade embrasada Afeiçom emcuberta. *scilicet*. Çellistryall palauras adoçadas Obras bem hordenadas Angillicall / 62r/ entendimento. deuynall sentymento. *Esprituall* cortesia Alto penssar. baixo oolhar. Mansso andar. Nada demandar. Muito trabalhar. Pouco fallar. boca horãdo Coração desejando. Olhos embaraçado dos mundanais prazeres que se tomam de boamente.” E S. Bernardo diz: “Mimosa cousa é a divinal consolação mas Deus não a dá (a) quem outra recebe.” Isto é cousa que não pode ser, diz S. Jerónimo, que a pessoa tenha alegrias espirituais e carnaís e que passe dos prazeres do mundo às alegrias do céu.

Capítulo 81º – Do duodécimo fruto.

O duodécimo fruto é preparação à glória perdurável e recuperação e possessão dela de que Rábano /61r/ diz: “ Na virtude deste sacramento todos os membros que estão juntos à sua cabeça, Jesus Cristo, se alegrarão e terão prazer e festa na perdurável claridade.”.

Capítulo 82º – Do dano que conseguem os que indignamente recebem este sacramento.

Pois agora pense cada pessoa devota que tem cuidado de sua salvação de se meter em ponto e estado que possa dignamente e amiúde, segundo a sua possibilidade, bem receber este glorioso hóspede no estau de seu coração de que tantos bens proveitosos podem vir. E assim

<sup>128</sup> Na verdade, acaba-se aqui o segundo tratado e não o primeiro, pelo que a numeração dos tratados subsequentes dada pelo tradutor estará incorrecta.

como o vinho forte é contrário e prejudica aqueles que têm febre e lhe dá muitas vezes a morte se o bebem, assim aqueles que indignamente recebem este sacramento recebem o seu contrário e dano, de que Santo Agostinho diz: “Aqueles que indigna e intencionalmente recebem o corpo de Jesus Cristo não pecam menos que aqueles que o puseram na cruz.”

Ora guarde-se cada um e prepare-se de tal guisa que assim limpa e puramente o possa receber (para) que seja sua salvação. E, assim como diz Santo Hilário, “Não é cousa segura muito jejuar de tão proveitosa vianda, porque quem muito se afasta do corpo de Jesus Cristo ele deve temer-se que se lhe não aparte salvação”. E Santo agostinho diz: “ Eu não louvo nem censuro comungar cada dia, mas bem aconselho e admoesto que /61v/ se faça cada domingo.” E isto se entende (para) aqueles que deixaram o mundo ou por voto ou por vontade que não têm já algum mordimento de pecado e não aqueles que ainda servem sua carne e que estão todos embrulhados no mundo. A estes bastaria comungar três vezes no ano ou seis no máximo. Ora faça cada um segundo o que o Espírito Santo lhe ensinar e assim viva como que cada dia o houvesse de receber. O que nos outorgue pelos rogos de sua Santa Mãe, Jesus, o filho de Deus Pai. Amén.

Aqui acaba o Castelo Perigoso que é o primeiro livro desta obra<sup>129</sup>.

{*Deo Gratias*}

Capítulo 83º – Que a amiga de Deus deve ser guarnecida destes instrumentos espirituais que se seguem.

A Amiga de Deus deve ter a fé iluminada, esperança levantada, caridade abrasada, afeição encoberta, isto é, celestial, palavras adoçadas, obras bem ordenadas, angelical /62v/entendimento, divinal sentimento, espiritual cortesia, alto pensar, baixo olhar, manso andar, nada demandar, muito trabalhar, pouco falar, boca orando, coração desejando, olhos chorando. Jejuar • comendo Vellar em dormindo. Morrer em viuendo Nom *crera* seu coração Nom amara seu corpo Prezarsseha pouco E assy auera *deus*.

*Capitollo* Lxxxiiij como he sandeu *quem* escolhe çegidade e leixa fremosura.

Ho mundo Pouco uall. E muyto custa e Nada dura E *deus* muito uall E pouco custa e senpre dura. Pois sandeu he *quem* escolhe çugidade E leixa fremosura.

*Capitollo* Lxxxv que o hom • sera boo *meestre* em as cousas que a *deus* pert • çem se contenplar na uaidade do m • do e que a uertude pereçe • muyto falar.

Quem bem esguardar a uaydade do mundo E a breueza do tenpo e a ujleza do pecado. E a bondade de *deus* elle sera b • *meestre* nas cousas que a *deus* perteenç • Nosso senhor *deus* disse h • a fremossa palaura. b • filho tornate a mim E eu farey teus penssamentos castos. E tuas afeiç • es uirg • s. E contarey por Nada quanto sey de ty. *deus* he todo poderoso e pouco temydo. rrico e pouco seruido /62v/ b • e pouco amado Nem desejado. doce E pouco afaagado Saies e

---

<sup>129</sup> Na verdade, acaba-se aqui o segundo tratado e não o primeiro, pelo que a numeração dos tratados subsequentes dada pelo tradutor estará incorrecta.



pouco honrrado. bondade aujuada. fremosura esclareçida. Caridade embrasada Sam bernardo diz *deus* he mell em boca mellodia em orelhas. *allegria* no coração. *Jhesu christo* diz nom uos metaaes *nos fectos* do mundo *e* nom *serees* toruados. fallaae pouco *e* ão *serees* rreprendidos. E sam bernardo diz. o tenpo que he passado nom podemos rrecobrar E pallaura dita nom podemos rreuogar E em mujto fallar uertude he pereçida.

*Capitollo Lxxxvj que nom auemos pecar por quatro cousas.*

Nos deuemos leixar de pecar por *quatro* cousas. por que *deus* atende tam longuamente por ssua misericordia E quanto elle mais *nos* aguarda. tanto *nos* punyra mais *grauem* • te segundo diz sam gregorio. desy por *que nos* de b • grado. despois que *nos* seia bem rreportado E em fim *que nos* de a ujda perdurauell.

*Capitollo Lxxxvij como tres cousas deuem seer pedidas a deus*

Nos deuemos demãdar a *deus* tres cousas antre as outras Jsto he conhecimento de bem *e* mall E perdom de nossos pecados /63r/ *e* da pena E dereita entençõ em todas Nossas obras.

*Capitollo Lxxxviij que as tribullaç • es som neçesarias pera purgar ho homem.*

Deuemos aynda de fazer quatro rromarias ao dia. a *primeira* he a nossos pensamentos *e* conçiências A segunda he açerca de *nos* prezar do mundo tanto como vall A terceira he de sso nos pensar nas penas do jnferno. A quarta he sobre Nos cujdar na *allegria* do paraíso. Sam bernardo diz *quem* nom for dos tribullados ão *sera* dos coroados. E santagostinho diz as tribullaç • es sam neçessarias *pera* purguar ho homem. Assy como a jueira *pera* alynpar o gr • o E a lima ao ferro E a fornaça ao ouro. E sam geronymo diz. de ligeiro despreça o mundo *quem* esguarda que haa morte nom ha defessa E sam gregorio diz *deus nos* enuya as tribullaç • es. por chorando, jejuar em comendo, velar em dormindo, morrer em vivendo. Não crerá seu coração, não amará seu corpo, prezar-se-á pouco. E, assim, haverá Deus.

Capítulo 84º – Como é sandeu quem escolhe sujidade e deixa formosura.

O mundo pouco vale e muito custa e nada dura. E Deus muito vale, e pouco custa e sempre dura. Pois sandeu é quem escolhe sujidade e deixa formosura.

Capítulo 85º – Que o homem será bom mestre nas cousas que a Deus pertencem se contemplar a vaidade do mundo e que a virtude perece em muito falar.

Quem bem esguarda a vaidade do mundo e a brevidade do tempo e vileza do pecado e a bondade de Deus, ele será bom mestre nas cousas que a Deus pertencem. Nosso Senhor Deus disse uma formosa palavra: “Bom filho, torna-te a mim e eu farei teus pensamentos castos e tuas afeições virgens e contarei por nada tudo quanto sei de ti.”.

Deus é todo-poderoso e pouco temido, rico e pouco servido /62v/, bom e pouco amado nem desejado, doce e pouco afagado, sages e pouco respeitado, bondade avivada, formosura

esclarecida, caridade abrasada. S. Bernardo diz: “ Deus é mel em boca, melodia em orelhas, alegria no coração.” Jesus Cristo diz: “Não vos meteis nos feitos do mundo e não sereis torvados, falai pouco e não sereis repreendidos.”. E S. Bernardo diz: “ O tempo que passou não (o) podemos recuperar e palavra dita não (a) podemos revocar e em muito falar, a virtude perece.”

Capítulo 86º – Que não havemos de pecar por quatro cousas.

Nós devemos deixar de pecar por quatro cousas: porque Deus espera tão longamente por sua misericórdia, e quanto ele mais nos espera, tanto mais gravemente punirá, diz S. Gregório. E também para que nos dê boa recompensa e que esta seja à nossa medida e que, finalmente, nos dê vida perdurável.

Capítulo 87º – Como três cousas devem ser pedidas a Deus.

Nós devemos pedir a Deus três cousas entre as outras, isto é, o conhecimento do bem e do mal e perdão dos nossos pecados /63r/ e da pena e direita intenção em todas (as) nossas obras.

Capítulo 88º – Que as tribulações são necessárias para purgar o homem.

Devemos, ainda, fazer quatro romarias ao dia. A primeira é a nossos pensamentos e consciências. A segunda é acerca de nós prezarmos o mundo tanto quanto vale. A terceira é de nós só pensarmos nas penas do inferno. A quarta é sobre nós cuidarmos na alegria do Paraíso.

São Bernardo diz: “ Quem não for dos tribulados, não será dos coroados.”. E Santo Agostinho diz: “As tribulações são necessárias para purgar o homem, assim como a joeira para limpar o grão, e a lima o ferro e a fornaça o ouro.” E S. Jerónimo diz: “Depressa despreza o mundo quem esguarda que a morte não tem defesa.” E S. Gregório diz: “Deus envia-nos as nos qytar as penas do purgatorio que mereçemos por nossos pecados E Por nos acreçentar a gloria no paraíso. E santagostinho diz. Este mundo nõ he senõ h• boosco cheo de ladr•es E hua sebe chea despinhos E h• vaso cheo de peçonha. E sam Paullo diz. N•h• deuya uyuer senõ no estado em que housaria morrer Ajnda diz. se deus he Por Nos. quem he contra Nos / 63v/ E sam Pedro diz. Eu uos rrogo como estrangeiros e pellegrijns que uos sofraaes dos carnaaes deseios que fazem caualgadas contra a alma. E Por jsto disse sam paullo se uos viuees segundo o desejo da carne. vos morrerees de morte sem fim E sam gregorio diz deus atormenta aquy por perdoar depois da morte. E perdoa aquy por atormentar depois da morte E diz ajnda se uos esguardades bem O que os boos antijgos fezerom e sofrerom por auer deus Couse que façaaes ou sofraaes nom uos pareçera seer graue. E Sam bernardo diz. doçe Jhesu se assy he doçe couse chorar de ty e de tuas sofrenças Muj doçe sera allegrar de ty e comtiguo sem fim E pois façamos diz Santiago ataa que esta alegria u•nha da cruz leyto. dos crauos almofadas. do sangue banho E de todos seus trabalhos h• saboroso manjar a nossas almas.

*Capitollo Lxxxix* que quãto ho hom• vier em moor conhoçim•to de sy meesmo tanto he mais chegado aa conhocença do seu *criador*.

Quem em conheçimento de seu *criador* E em boa ujda *quer* aproueitar Elle deue *primeiro* conheçer sy meesmo a sseu poder Ca segundo dizem os santos. Quanto se alg• melhor conheçe. Tanto he mais cheguado aa conheçença de sseu *criador*. E Sam bernardo diz se tu fosses tam sajes que conheçesses a largueza da / 64r/ *terra e* soubesses a proff•deza do mar E ajnda todollas cousas se tu nom te conheçesses Pareçerias aquelle que edefica sem fundamento. Por que o *que* faz conu• que caya. E Por que nom he cousa que tanto enpeeça a sse homem bem conheçer. Como as ocupaç•es e apreçamentos das tenporalidades E das cousas do mundo. Segundo diz sam Johã boca douro. Quem se bem *quer* conheçer faça o que diz jsaias. {*Redite, prevaricadores, ad cor*}. Tornaaeuos pecadores a uossos coraç•es E diz echiell. {*Perfodite parietem*}. furaae diz elle a parede. que uos enpacha a ueer e conheçer uosso coraçõ. Estas sam as cousas do mundo *que* uos deuees leixar atras e entrar em uossos coraç•es E assy os ueerees cheos de pecados. o que nõ poderees sendo ocupados nas cousas do mundo. E *quando* assy entrardes • uos thirae emqueriçom com diligência de vossa vida Primeiro que pensamentos e que afeiç•es e desejos ouuestes naquelle dia E se o coraçõ se deleitou em outra cousa senom em *deus* aalem de rrazom. desy se ouue mouimento de soberua desordenada. ou de u• gloria ou enueja ou odio. ou dauareza ou de guargãtuyçe Ou luxuria. ou daçidya. que he nojo ou priguiça que detem homem de bem fazer. E deue /64v/ homem esguardar que tenpo esteue *nos dictos* moujmentos E sse os ouue por pouco ou assaz. desy deue esguardar sse pecou em mentyr ou em mujto fallar. Em andar em ouuyr em cheirar e sentyr. E em sandiamente oolhar Assy como alg•as que eu bem conheço que tam asinha como ellas ouuem levantar o fecho e bater aa porta. ellas saltam auante como guamos Ou por se mostrar ou por oolhar Aquellas taaes se metem em perijguo de seerem mortas na alma. Por h• maao

tribulações para nos tirar as penas do Purgatório que merecemos por nossos pecados e para nos acrescentar a glória no Paraíso.” E Santo Agostinho diz: “ Este mundo não é senão um bosque cheio de ladrões e uma sebe cheia de espinhos e um vaso cheio de peçonha.” E S. Paulo diz: “Ninguém devia viver senão no estado em que ousaria morrer.” Ainda diz: “ Se Deus é por nós, quem é contra nós?” /63v/ E S. Pedro diz: “ Eu vos rogo como estrangeiros e peregrinos que vos abstenhais dos carnavais desejos que fazem investidas contra a alma.” E por isto disse S. Paulo: “ Se vós viveis segundo o desejo da carne, vós morrereis de morte sem fim.” E S. Gregório diz: “Deus atormenta aqui para perdoar depois da morte e perdoa aqui para atormentar depois da morte.”. E diz, ainda: “ Se vós esguardardes bem o que os bons antigos fizeram e sofreram para ter Deus, cousa que façais ou sofrais não vos parecerá ser grave.” E S. Bernardo diz: “ Doce Jesus, se ainda é doce cousa chorar por ti e por teus sofrimentos, muito doce será alegrar por ti e contigo sem fim.” E, pois, diz São Tiago, "Até que esta alegria venha, façamos da cruz, leite, dos cravos, almofadas, do sangue, banho e de todos os seus trabalhos, um saboroso manjar para nossas almas."

Capítulo 89º – Que quanto o homem vier em maior conhecimento de si mesmo tanto mais chegado é ao conhecimento do seu Criador.

Quem em conhecimento de seu Criador e em boa vida quer aproveitar, deve ele primeiro conhecer a si mesmo segundo os seus recursos, pois que, segundo dizem os santos, quanto melhor alguém se conhece, tanto mais chegado é ao conhecimento de seu Criador. E S. Bernardo diz: “ Se tu fosses tão sages que conhecesses a largueza da /64r/ terra e soubesses a profundidade do mar e, ainda, todas as cousas, se tu não te conhecesses, parecerias aquele que edifica sem fundamento, porque o que faz, sucede que caia. E porque não há cousa que tanto impeça o homem de bem se conhecer como as ocupações e apreciações das temporalidades e das cousas do mundo. Segundo diz S. João Boca de Ouro, quem bem se quer conhecer faça o que diz Isaías: “ { *Redite, prevaricadores, ad cor* }. Tornai-vos, pecadores, a vossos corações.” E diz Ezequiel: “{ *Perfodite parietem* }. Furai, diz ele, a parede que vos impede de ver e conhecer vosso coração.”.

Estas são as cousas do mundo que vós deveis deixar atrás e entrar em vossos corações e assim os vereis cheios de pecados, o que não podereis (ver) sendo ocupados nas cousas do mundo. E, quando assim entrardes em vós, tirai inquirição com diligência de vossa vida. Primeiro, que pensamentos e que afeições e desejos tivestes naquele dia. E se o coração se deleitou em outra coisa senão em Deus, além do razoável, e também se houve movimento de soberba desordenada ou de vanglória ou inveja ou ódio, ou de avareza ou de gula ou de luxúria ou desídia que é nojo, ou preguiça que detém a pessoa de fazer bem, e deve /64v/ a pessoa esguardar que tempo esteve nos ditos movimentos e se os teve por pouco ou assaz. Também deve esguardar se pecou em mentir ou muito falar, em andar, em ouvir, em cheirar e sentir e em sandiamente olhar, assim como algumas pessoas que eu bem conheço que, tão depressa como elas ouvem levantar o fecho e bater a porta, elas saltam avante como gamos ou para se mostrar ou para olhar. Aquelas tais se metem em perigo de serem mortas na alma por um mau consintimento que pode v•r de sseu m•o olhar. Ou matharem aquelles que as oolham que he mais perijguosa cousa Ca ella nom se confessara do pecado que aquelle auera feito em a cobijçar. Aynda que ella seia a direita causa E assy podera morrer e seer danada. Por jsto he maaõ tall mostrar sem justa causa. espicialmente a nouas pessoas. desy deue pensar se pecou per obra ou per alg•a outra maneira de ssuas negligências. Se leixou de fazer algua cousa que era theudo. que afeição e ent•ção E que feruor ouue aquelle dia. Se fez bem ou p•ssou ou disse Se pos em obra seu b• proposito ou nom Ca diz sam paullo. { *Spiritum nolite ex(s)tinguere* } /65r/ Nom queiraes apagar o espritu. scilicet. o boo proposito e a boa uoontade. que o ssanto espritu meteo em Nos Nom as matees mes meteeas em obra Desy como homem empregou seu tenpo se foy ou esteue • luguar honde faça de ssua perda ou alhea E se escarneço ou trusou sandiamente ou mostrou a outrem alg•as leuezas que nom perteençem a seu estado. desy se homem disse ssuas oras deuotamente enteyras e hordenadas E sse homem leixa de dizer cousa que fosse theudo Jsto he a pessoa que as sabe ou deue que todo homem he theudo dizer e fazer o bem que sabe e pode E sse deu graças a deus e o louuou Nom soamente dos b•s que lhe fez Mes ajnda das tribullaç•es que lhe emuja que sam bem proueitasas aaquelles que as filhã em

paçiençia E helhe em lugar de purgatorio de que Santo agostinho diz. Senhor aquy me ffire E me deçiplina Por que quando me chamares me aches purguado. E Sam glegorio amou mais seer doente em toda sa uyda que estar tres dias no purgatorio. Jsto deue homem muyto *gradeçer* a *deus*. desy sse homem parou bem mentes em conhecer sua conçyençia E hordenar bem sua uyda E pensar em *deus* / 65v/ Ca en trabalhando. ou fazendo quall *quer* cousa pode homem pensar em *deus* e adoçara seus trabalhos Quando homem tem jsto acabado deue de todo seu coraçõ humilldarsse ante *deus*. E de todos seus maaos feitos pedelhe *merçee*. E dos b•s se os fez darlhe louuor e gloria. Por que os elle multiplique e acreçente a ssua homrra e a edificaçom dos prouiximos E a saluaçom da pessoa. ajnda deue com deligençia pensar *nos* benefiçios de *deus* geeraaes e espiçiaaes. assy como de longe he dicto. E deue temer que nom husou bem das *graças* que lhe *deus* deu. ou se lhas deu que forom em paguamento. assy se teerya homem em themor e humilldade. Jsto deue fazer a deuota pessoa. que cujda em sua saluaçõ em quall *quer* estado que seja. ao menos h•a uez no dia afastarsse das ocupaç•es terreaaes e esqueeçer todo. por melhor aleuãtar a louuar *deus* deuotamente. E lhe dar *graças* assy como dito he. E por que homem nom he abastante agradeçer a sseu criador os benefiçios. deuesse toda criatura demouer como he escripto em *{Bene dicite omnia opera Domini, Domino, etc}* em *{Laudate Dominum de celes}* a fim. Mes por que ujda dhomem e molher sobre a terra nom he sem batalha. deue cada h• pedir a *deus* força e esperançã. sem a quall / 66r/ Nom pode montar aas uertudes. segundo diz sam geronjmo E Por que nom caya em jnpaçiençia Pella quall o tesouro das uertudes se perde. desy deue rroguar por auer humildade e discreçom que se nom leuante *per* soberua no tenpo da

consentimento que pode vir do seu mau olhar ou matarem aqueles que as olham que é coisa mais perigosa. Pois que ela se não confessará do pecado que aquele terá feito em cobiçar, ainda que ela seja a causa directa e, assim, poderá morrer e ser condenada. Por isto é mau tal mostrar sem justa causa, especialmente, a pessoas novas.

Também deve pensar se pecou por obra ou por alguma outra maneira de suas negligências, se deixou de fazer alguma cousa (a) que era obrigado, que afeição e intenção e que fervor teve naquele dia, se fez bem ou pensou ou disse, se pôs em obra seu bom propósito ou não. Pois diz S. Paulo: “*{Spiritus nolite ex(s)tinguere}* /65r/ Não queirais apagar o espírito”, isto é, o bom propósito e a boa vontade que o Espírito Santo meteu em nós. Não os mateis mas metei-os em obra. Também como a pessoa empregou seu tempo, se foi ou esteve em lugar onde faça a sua perda ou alheia e se escarneceu e troçou sandiamente ou mostrou a outrem algumas levezas que não pertencem a seu estado, também se a pessoa disse suas horas devotamente inteiras e ordenadas. E se a pessoa deixa de dizer cousa (a) que fosse obrigada, isto é a pessoa que a sabe ou deve (saber), pois toda a pessoa é obrigada a dizer e a fazer o bem que sabe e pode. E se deu graças a Deus e o louvou não somente pelos bens que lhe fez mas ainda pelas tribulações que lhe envia que são bem proveitosas àqueles que as tomem em paciência e é-lhes

em lugar de Purgatório de que Santo Agostinho diz: “Senhor, aqui me fere e me disciplina para que quando me chamares me aches purgado.”.

E S. Gregório amou mais em ser doente em toda a sua vida que em estar três dias no Purgatório. Isto deve a pessoa muito agradecer a Deus e também se a pessoa atentou bem em conhecer sua consciência e ordenar bem a sua vida e pensar em Deus /65v/ porque, ao trabalhar ou ao fazer qualquer cousa, pode a pessoa pensar em Deus e adoçará seus trabalhos. Quando a pessoa tem isto acabado, deve de todo o coração humilhar-se perante Deus e de todas as suas más acções pede-lhe mercê. E dos bens, se os fez, (deve) dar-lhe louvor e glória para que ele os multiplique e acrescente (para) sua honra e edificação dos próximos e a salvação da pessoa.

Ainda deve com diligência pensar nos benefícios de Deus, gerais e especiais, assim como de longe se disse. E deve temer que não usou bem das graças que Deus lhe deu, ou se lhe deu, que foram em pagamento. Assim se conteria a pessoa em temor e humildade. Isto deve fazer a pessoa devota que cuida em sua salvação em qualquer estado que esteja, ao menos uma vez no dia, afastar-se das ocupações terreas e esquecer tudo para melhor alevantar a louvar (a) Deus devotamente e lhe dar graças como se disse. E porque à pessoa não é suficiente agradecer os benefícios a seu Criador, toda a criatura deve mover-se (espiritualmente) como está escrito em “{*Bene dicite omnia opera Domini, Domino, etc*}”<sup>130</sup> e em “{*Laudate Dominum de celes*}”<sup>131</sup> no fim.

Mas porque (a) vida do homem e mulher sobre a terra não é sem batalha, deve cada um pedir a Deus força e esperança sem as quais /66r/ não pode montar às virtudes, segundo diz S. Jerónimo, e para que não caia em impaciência pela qual se perde o tesouro das virtudes. Deve também rogar para ter humildade e discrição para que se não levante por soberba no tempo da bem auenturança que he mais de temer segundo diz sam gregorio *que a auerssidade. assy como pareço per daujd que em auerssidade se deteue de pecar. E em bem auenturança cayo em adulterio e foy omeçada E deue esguardar como aproueita cada dia nas uertudes na força em minguar os malles. Em tenperança contra os deleitos da carne Em prudência. em esquyuar os malles passados presentes e por v•r. E como em justiça dando a cada h• o que seu he. A deus honrra e obidiência a seu prouximo amor e concordia. assy meesmo castiguo e deçiplina. desy como humjlldade de coraçõ e de palaura e obra creçe em elle. E quãto feruor e deseio e deuaçom conpaixom benjnedade de coraçom e boa palaura a todos he E em elle creçido este anno mais que ho outro E sse emmedou ou pexorou. se he bem custamado em governança e sijnpres em oolhar que nom aja uaydade nem seia dobrez. E se he estauell em seus fectos e ditos Nom deue homem auer muytas afeiç•es. Por nom sentyr door ao partyr. E pollas fallssidades que em muytos sam achadas / 66v/ Nom mostrees sobejo amor a alg• Creede mais outro siso que o uosso Auee senpre como diz Santãsselmo os uossos b•s e os malles dos outros tras uos E os uossos malles e os b•s alheos ante uossos olhos. E assy se uos conparardes aos outros bem uos pareçera que todos uallem mais que uos E assi guardarees humjlldade e trabalhaaeuos daproueitar E auee uergonha dhir soo ao paraíso Mes acheguaae todos aquelles que uos*

<sup>130</sup> (Vós), todas as obras do Senhor, bendizei ao Senhor.

<sup>131</sup> Louvai ao Senhor, lá do Céu.

poderdes *per* boas pallauras e b•s enxenplos de uida e *per* oraçom. Fugij a todollos desejos que uos e os outros podem chegar a pecado. ou arredar do bem. E nom mostrees asinha o moujmento do uosso coraçõ *per* signaaes ou pallauras. Gardaaeuos de jurar sem rrazom. Muito esta bem aa deuota pessoa guardar sua lingua. ca em uaaom se *combate nos* outros ujçyos. quem ssua lingua nom guarda segundo dizem os santos. E Sam paullo diz.

vossa palaura seja senpre tenperada com sall. *quer* dizer *per* discreçom proueitosa. Seiam uossas palauras praziuees. Quem sua lingua nom guarda he tall como çidade sem muros. que nom ha fortelleza *contra* os jmijgos. E segundo diz Sam gregorio he assy como uaso sem cobertura. que era aujdo na ley por çujo / 67r/ E ssem proueito Ca no huso do tabernacullo pouco uallia *quem* nom guardaua ssua lingua. ajnda he como cauallo sem freo E como naao sem gouernalho que de ligeiro uaaom a perdiçom. daquelles que bem guardam suas linguas he *scripto nos* prouerbios<sup>132</sup>. {*De fru(c)tu oris sui unuquisque replebitur bonis*} do fruto de ssua boca sera cada h• conprido de bem. ho fruïto da boca sam oraç•es e agradecimentos e confiss•es e correyç•es dos prouiximos E emsynar os ynorâtes Estas sam as çinquo pallauras de que Sam paullo disse. Eu amo mais fallar çinquo pallauras de meu siso que dez mill sem entemdimento. Ora deue homem consijrar ante que falle O que *quer* dizer. que nom seja palaura sem proueito ou desonesta. desy a *quem* hade fallar. Ca com o ssandeu nom faz b• departir E o saies deue homem descuitar. ajnda deue consijrar o luguar Por que na Jgreia nom deue alg• fallar. senom em oraçõ e louuor de deus. desy deue pensar quanto deue fallar. Ca Sallamom diz h• tenpo he de callar. E outro

bem-aventurança que é mais de temer, segundo diz S. Gregório, (do) que a adversidade, assim como aconteceu por David que na adversidade se deteve de pecar e na bem-aventurança caiu em adultério e foi homicida.

E deve esguardar como aproveita cada dia nas virtudes e na força em minguar os males, em temperança contra os deleites da carne, em prudência, em esquivar os males passados, presentes e por vir e, como em justiça, dando a cada um o que é seu: a Deus, honra e obediência; a seu próximo, amor e concórdia; a si mesmo, castigo e disciplina. Também como humildade de coração e de palavra e obra cresce nele. E quanto fervor e desejo e devoção, compaixão, benignidade de coração e boa palavra em todos e nele cresceu este ano mais do que (no) outro.

E (se) emendou ou piorou, se é bem costumado em governança e simpleza em olhar (para) que não haja vaidade nem exista dobrez. E se é estável em seus feitos e ditos. Não deve a pessoa ter muitas afeições para não sentir dor ao partir e, pelas falsidades que em muitos se acham, /66v/ não mostreis sobejo amor (a) alguém; crede mais (no) siso (de) outrem que no vosso. Tende sempre, como diz Santo Anselmo, os vossos bens e os males dos outros atrás (de) vós e os vossos males e os bens alheios perante vossos olhos. E assim se vos comparardes aos outros, bem vos parecerá que todos valem mais que vós. E assim guardareis humildade, e esforçai-vos por aproveitar e tende vergonha de ir sozinhos ao Paraíso, mas aproximai todos

<sup>132</sup> *in marge.dext.script* nota os.v. fructos da palaura

aqueles que vós poderdes por boas palavras e bons exemplos de vida e pela oração. Fugi a todos os desejos que podem levar a pecado vós e os outros ou arredar do bem. E não mostreis depressa o movimento de vosso coração por sinais ou palavras. Guardai-vos de jurar sem razão.

Muito bem fica à pessoa devota guardar a sua língua, pois em vão combate os outros vícios quem não guarda a sua língua, segundo dizem os santos. E S. Paulo diz: “Vossa palavra seja sempre temperada com sal, quer dizer, por discrição proveitosa.”

Sejam vossas palavras prazíveis. Quem sua língua não guarda é tal como cidade sem muros que não tem fortaleza contra os inimigos. E, segundo diz S. Gregório, é assim como vaso sem cobertura que era havido na lei por sujo /67r/ e sem proveito, pois no serviço do Tabernáculo pouco valia quem não guardava sua língua. Ainda <sup>133</sup> é como cavalo sem freio e como nau sem governo que facilmente vão à perdição.

Daqueles que bem guardam suas línguas, está escrito nos provérbios: “{*De fru(c)tu oris sui unuquisque replebitur bonis*}. Do fruto de sua boca será cada um repleto de fortuna”. Os frutos da boca são orações e agradecimentos e confissões e correções dos próximos e ensinar os ignorantes.

Estas são as cinco palavras de que S. Paulo disse: “Eu amo mais falar cinco palavras de meu siso que dez mil sem entendimento.” Ora deve o homem reflectir antes que fale, o que quer dizer que não seja palavra sem proveito ou desonesta. Depois disso a quem há-de falar que com sanção não adianta conversar familiarmente e o sages deve a pessoa escutar. Ainda deve considerar o lugar porque na igreja ninguém deve falar senão em oração e louvar a Deus. E também deve pensar quanto deve falar. Com efeito, diz Salomão, “Há um tempo de calar e outro de fallar. E Põe o callar primeiro Por *que quem* nom aprende a callar Nunca sabera bem falar. Isto he honestamente *e* com proveitosa saieza. deue mais a cujdar como hade fallar. *scilicet*. a maneira que a palavra deue seer humjldosa *e* temperada E o s• mansso *e* doçe *e* nom alto nem tachoso. E a significação verdadeira /67v/ E nom dobre nem sofisticada. *scilicet*. de dous rostos que aja hua emtenção no coração *e* outra na palavra. taes sam odiosas a todas segundo diz o cresiastico Ora teendes cinco cousas que hom• deue consijrar em seu fallar. que E a *quem e* em *que* lugar *e* quanto *e* como. Sam bernardo diz que homem nõ deue louvar outrem Porque o saies diz. nom louues o homem ante da morte. que tall he oje b• que de manh• sera maaõ. E muito menos o deue pramar. segundo diz sam bernardo. Ca n•h• sabe o que pende em seu olho. Desy deuesuos de dar leaas amauosos aos uossos amigos sprituas que teendes bem prouados por que sse elles possã fiar em uos E deues de seer por elles em uossas oraç•es *e* em todo o all que bem poderdes Se em elles ha que repreender dezelho em escondido E uos meesmos seede ledos *e* alegres se uos repreendem de uossas fautas. Ca Nos nom nos ueemos tam bem como os outros nos ueem. E Por melhor nos conheçermos deuemos pensar amehude na uida dos santos *e* na pureza das uirg•s E na cõtyn•cia das uehuas E na austynençia dos cõfessores E na paçiençia dos marteres E na caridade dos apostollos E deuemollos de seguyr ho mais açerca *que* podermos / 68r/ E rroguellos aficadamente por Nos E pollos outros E rrequerellos deuotamente que nos seiam em ajuda em todas nossas neçessidades Espiçiallmente

---

<sup>133</sup> Tem que antepor-se: Quem sua língua não guarda.



em ssuas festas. Ca entom nos ouujrõ com melhor uoomtade. Se Nos os honrrarmos em suas missas e oraç•es louuãdo *deus* que os taaes fez E guardarnos de pecado. E deuemos aquelles dias p•ssar em suas paix•es E como *per gram* mereçimento de morte ou penjtença guaa<ç>arom o rreyno dos çeeos. E espiçialmente deuemos seer nenbrados dos padecimentos do rrey dos marteres *Jhesu christo*. Assy como no *primeiro liuro* mais conpridam•te he *contheudo* Ca em ssua paixõ acha homem enx•plo de boa uida e santo conhecimento de ssy meesmo e rremedio contra todollos pecados E aliuamentos das tentaç•es e creçimentos de uertudes E esperança de saluaçom E despreço de ssy e do mundo. Amor a todo bem desamor ao contrairo. Siso e sabedoria pera se saluar. disto se nõ pode escusar *crelligo* nem leiguo homem nem molher pobre n•rrico que ligeiramente nom aprenda esta çiença. que he pensar nas soffrenças de nosso senhor *Jhesu christo*. Por que as leteras sam grossas e uermelhas. E cada h• segundo seu estado deuya fazer h•a nembrança / 68v/ E hua compenssaçom cotidiana em dizendo as sete oras canonjcas os *crelligos* e abades aquelles que soubessem e podessem hos outros as oras de santa maria. assy como bojeses e molheres oçyosas e begujnas. hos outros as oras da paixom assy como he ja *escripto*. hos lauradores as oras do pater noster e aue maria. h•s mais e outros menos desto se nõ pode algh• laurador escusar por pobre que seia. que nom possa e deua dizer sete uezes hoo dia o pater noster e aue maria Em nenbrança das sete oras que foram guastadas em marteirar o nosso doce saluador *Jhesu christo* que rreçebe em *grado* o poder da pessoa que de boa uoomtade oferece o que pode

de falar", e põe o calar primeiro porque quem não aprende a calar nunca saberá bem falar, isto é, honestamente e com proveitosa sageza.

Deve mais cuidar como há-de falar, isto é, a maneira pois que a palavra deve ser humildosa e temperada e o som manso e doce e não alto e mordaz e a significação verdadeira /67v/ e não dobre nem sofística, isto é, de dous rostos que haja uma intenção no coração e outra na palavra. Tais (pessoas) são odiosas a todos, segundo diz o Eclesiástico. Ora tendes cinco cousas que a pessoa deve considerar em seu falar: que e a quem e em que lugar e quando e como.

São Bernardo diz que (o) homem não deve louvar outrem porque o sages diz: “ Não louves o homem antes da morte que é hoje bom quem amanhã será mau”. E muito menos o deve censurar, segundo diz S. Bernardo, porquanto ninguém sabe o que pende em seu olho. Também vos deveis entregar, leal e amaviosamente, aos vossos amigos espirituais que tendes bem postos à prova para que eles possam confiar em vós. E deveis de ser por eles em vossas orações e em todo o resto que bem puderdes; se neles há que repreender, dizei-lho em particular e vós mesmos ficai contentes e alegres se vos repreendem de vossas faltas, porque nós não nos vemos tão bem como os outros nos vêem. E para melhor nos conhecermos, devemos pensar amiúde na vida dos santos e na pureza das virgens e na continência das viúvas e na abstinência dos confessores e na paciência dos mártires e na caridade dos apóstolos. E devemos segui-los o mais perto que pudermos /68v/ e rogar-lhes afincadamente por nós e pelos outros e requerê-los devotamente

para que nos sejam de ajuda em todas as nossas necessidades, especialmente em suas festas, pois que então nos ouvirão com melhor vontade, se nós os honrarmos em suas missas e orações, louvando Deus que tais os fez e nos guardarmos de pecado.

E devemos naqueles dias pensar em seus sofrimentos e como por grande merecimento de morte ou penitência ganharam o reino dos céus. E, especialmente, devemos ser lembrados do rei dos mártires, Jesus Cristo, assim como no primeiro livro mais completamente está contido porque em sua paixão acha o homem exemplo de boa vida e santo conhecimento de si mesmo e remédio contra todos os pecados e alívio das tentações e crescimento de virtudes e esperança de salvação e desprezo de si mesmo e do mundo, amor a todo o bem, desamor ao contrário<sup>134</sup>, siso e sabedoria para se salvar. Disto se não pode livrar clérigo nem leigo, homem nem mulher, pobre nem rico, que facilmente não aprenda esta ciência que é pensar nos sofrimentos de nosso Senhor Jesus Cristo porque as letras são grossas e vermelhas.

E cada um segundo o seu estado devia fazer uma lembrança /68v/ e uma compensação quotidiana, dizendo as sete horas canônicas os clérigos e abades, aqueles que soubessem e pudessem, os outros, as horas de Santa Maria, assim como burgueses e mulheres ociosas e beguinhas, os outros, as horas da Paixão, assim como já está escrito, os lavradores, as horas do *Pater Noster* e *Avé Maria*, uns mais outros menos. Disto não se pode algum lavrador escusar, por pobre que seja, que não possa e deva dizer sete vezes ao dia o *Pater Noster* e *Avé Maria*, em lembrança das sete horas que foram gastas em martirizar o nosso doce Salvador, Jesus Cristo, que recebe com agrado o esforço da pessoa que de boa vontade oferece o que pode.

Quall he ho homem ou molher que fosse certo que *per* seu trabalho podia gu•har o rreyno de frança. que cõ marauilhoso esforço nom trabalhasse. Pois sem duujda se alg• fezer seu poder dauer o rreino do çeeo que dura sem fim elle ho auera N•h• se escuse que Nom pode amar E como assy seja. que nõ ha hi cousa *per* que homem Jsto mais asinha percalçe que *per* amar *deus* trabalhemos deuotamente e cõ ujeza rrequerer *deus* espicialmente. aas missas. aas quaaes. homem deue hir com boa voontade e ouuyr o seruiço / 69r/ entendidamente. E çerrar todos seus sentidos que nom ajam alg• huso de fora Mes soamente emtender em louuar *deus* e rroguandolhe dizer Mui doce e hamauioso *Senhor* que me mandaaes que uos ame daaeme o que me assy mãdaaes. fazee esta graça em m•. pobre *creatura*. que eu uos possa amar uerdadeiramente e com feruor e persseuerança Meu doce amor Meu *deus* E meu senhor fazeeme saber e sentir e conhecer. Como de auãtejado amor. E embrasada caridade me amastes e amaaes. *Senhor* por m• crucificado. outorguaaeme que uos ame cõ rreuer•ça E seja humjlldoso e obidiente em serujço. E agradeçedor e temeroso que em jsto persseuere. E quem melhor souber assy o digua E por homem seer mais asinha ouujdo em seu rroguo. deue seer amauioso de coração. homjlldoso em ujstir. bem costumado em geitos Sinprez em oolhar sajes em ouujr. Pensoso em fallar. vol•tarioso aa penitência. Ch•o e de b•s desejos. deuoto em oraçom. Pequeno em pallauras. Amigo aos b•s. estranho ao mundo. larguo a *deus*. Escasso ao segre. Sofrido em auerssidades. rreçeador nas bem auenturanças. Temperado em ujanda. As•tado /69v/

---

<sup>134</sup> Isto é, ao mal.

na lidiçe Callado *e* cheguado a *deus*. Confessar de boa uoomtade. aujdo b• proposito Confessar puramente sajemente *e* inteiramente *e* com uerdade *e* uergonha Assy uem homem ao conhecimento de ssy meesmo. E ao conhecimento *e* amor de seu cryador. O doce Jhesu *christo*. A quall *nos* elle queira outorguar Pella uertude da sua paixom E pollos rroguos da sua gloriosa madre am•.

*Capitollo* LRij<sup>135</sup> *que* o noso coração he o liuro em *que* nosa vida he *scripta* E de tres cousas *que* nos deuemos hi leer.

Tornemos a nosso proposito começado *que* he aproueitar em o conhecimento de nosso criador O quall uem assy como he *dicto* no começo do trauctado da conheçença de nossa propria vida que tanto como se homem melhor conhece. tanto he mais açerca do conhecimento de *deus*. Ora deue cada h• saber que nosso coração E nossa conçiência he o liuro em *que* nossa vida toda he *escripta*. Porem com b• cuidado deuemos hi tornar *e* leer por elle ao menos hua uez no dia. Ca no dia do juizo elle ssera aberto a todos os que hi esteuerem E leerom *per* elle assy /70r/ como diz danjell. *{Iudicium sedit et libri aperti sunt}*. ho juiz see E os liuros sam abertos. *scilicet*. das conçiências que agora sam cubertas. entom *seram* declaradas E pollo que dentro for *scripto sera* cada h• julguado a ujda ou haa morte Por jsto he boo em esta ujda homem leer *per* este liuro *e* emmendarssse que ão leue comsiguo *escripta* sua comdanaçom. disto he *scripto* no apocalipse.

Qual é o homem ou mulher que estivesse certo de que por seu trabalho podia ganhar o reino de França que com grande esforço não trabalhasse? Pois, sem dúvida, se alguém fizer seu esforço de haver o reino do céu que dura sem fim, ele o haverá. Ninguém se desculpe (de) que não pode amar. E como assim seja, pois não há aí cousa que o homem mais depressa alcance do que amar a Deus. Trabalhemos devotamente e com viveza (a) requerer Deus, especialmente nas missas às quais o homem deve ir com boa vontade e ouvir o serviço /69r/ entendidamente e cerrar todos os seus sentidos (para) que não tenham algum uso de fora mas somente empreender em louvar Deus e, rogando-lhe, dizer: “Senhor, muito doce e amavioso, que me mandais que vos ame, dai-me o que assim me mandais, fazei esta graça a mim, pobre criatura. Que eu vos possa amar verdadeiramente e com fervor e perseverança. Meu doce amor, meu Deus e meu Senhor, fazei-me saber e sentir e conhecer como de avantajado amor e abrasada caridade me amaste e amais. Senhor, por mim crucificado, outorgai-me que vos ame com reverência e seja humildoso e obediente em serviço e agradecedor e temeroso (de) que nisto persevere.” E quem melhor souber, assim o diga.

E para (o) homem ser mais depressa ouvido em seu rogo deve ser amavioso de coração, humildoso em vestir, bem costumado em jeitos, simples em olhar, sages em ouvir, pensativo em falar, voluntarioso à penitência, chão e de bons desejos, devoto em oração, pequeno em palavras, amigo dos bons, estranho ao mundo, largo a Deus, escasso ao século, sofrido em adversidades, receador nas bem-aventuranças, temperado em vianda, assentado /69v/ na alegria, calado e chegado a Deus, confessar de boa vontade, havido bom propósito, confessar puramente, sagesmente e inteiramente e com verdade e vergonha.

---

<sup>135</sup> De Lxxxix passa para LRij.

Assim vem (o) homem ao conhecimento de si mesmo e ao conhecimento e amor de seu Criador, o doce Jesus Cristo, a qual<sup>136</sup> ele nos queira outorgar pela virtude de sua paixão e pelos rogos de sua gloriosa mãe. Amén.

Capítulo 92º – Que o nosso coração é o livro em que a nossa vida está escrita. E de três cousas que nós aí devemos ler.

Tornemos a nosso propósito começado que é aproveitar no conhecimento do nosso Criador, o qual vem, assim como se disse no começo do tratado, do conhecimento da nossa própria vida, que tanto como o homem melhor se conhece, tanto mais perto está do conhecimento de Deus. Ora deve cada um saber que o nosso coração e a nossa consciência são o livro em que a nossa vida está toda escrita. Porém, com bom cuidado, devemos aí tornar e por ele ler ao menos uma vez no dia porquanto no dia do juízo ele será aberto a todos os que aí estiverem e lerão por ele assim /70r/ como diz Daniel: “{*Iudicium sedit et libri aperti sunt*}”. O juiz está sentado e os livros são abertos, isto é, das consciências que agora estão cobertas, então serão manifestadas, e pelo que dentro for escrito será cada um julgado à vida ou à morte. Por isto é bom a pessoa nesta vida ler por este livro e emendar-se para que não leve consigo escrita a sua condenação. Disto se escreveu no Apocalipse:

{*Judicati sunt mortui ex his que in libro sunt scripta*}. hos mortos sam julgados pollo que he escripto no liuro de sua concy•cia. Tres cousas sam que nos hi deuemos leer segundo o conselheo dazechiell propheta. {*Lamentaciones, Cármén et uae, etc*} Jsto quer dizer choros de ssuas mallezas e dos perijgos e das mizquijndades do mundo. Porque assy como a augua mata a letera assy fazem as lagrimas aos pecados. Do liuro da conçiência deue tam bem leer as miserias e perijgos do mundo que se alongue delles e lhe fugua. disto diz naum profeta. {*Quis qui uidet te resiliet a te*}. hoo mundo diz elle quem te conhecer fastarsseha de ty. Pois parece que aquelles que o assy amam e abraçam nom ho ueem. Mes fazem caualllos çegos que sse metem em muytos maaos passos / 70v/ Disto diz aynda santagostinho Hoo mundo çujo eu queria que tu fosses tam linpo. que nom emçujasses as almas hou tam çujo que todos vissem tua fealldade.

Capitollo LRiiij da segunda cousa que hom• deue leer em este liuro.

A segunda cousa que homem deue de leer he a gloria dos saluos E o cantar de ssua perdurauell bem auenturãça. que sera louuar deus sem fim. Por que homem o deseia e o cobra. E o que adoça as lagrimas que naçem da nenbrança dos pecados. da cõssijraçom das tribullaç•es do mundo em que ajnda esta.

Capitollo LRiiij da terceira liçom E de como a deuota pesoa deue todo o dia estudar • as tres liç•es asaz breues.

A terceira liçom. a door da perdurauell danaçom dos maaos. Por que temendoa homem fugua e se afaste dos pecados per bem fazer. de que he escripto no salteiro do justo. {*Mare uidit et*

---

<sup>136</sup> A qual referir-se-á, com toda a probabilidade, à “graça” referenciada bastante atrás.

*fugit*}. ho justo vio ho mar e fugio. Pello mar *que* he profundo e turuo e amarguoso se entendem a amargura e door das penas perdurauees do jnferno. Que a deuota pessoa que as uee dos olhos do coraçom / 71r/ teme e fastasse e salta atras e liurasse per boas obras Ora auees ouujdas tres liç•es asaz breues. em que deue estudar cada dia toda pessoa deuota. que ha cujdado de sua saluação E Podees aquy veer como *deus nos mete* antre duas uerdes hua madura. Jsto he antre os choros da consijraçom dos pecados E das mizquijndades do mundo. que apaguã os pecados Pero nom sem tormento. esta he hua uerdade. açerca desta uem a madura. que he a alegria dos b•s E o cantar de ssua bem auenturamça. que alegra a alma e adoça o tormento e aleuãta em h•a esperamça segura Mes por *que* ella per grande segurança nom perca todo. vem logo outra uerde. Esta he a condenaçom dos maaos que tenpera a alegria dita E guarda os b•s da alma.

*Capitollo* LRv como he boa cousa atender aas miserias e presas deste mundo E de como aqueles *que* o ham a sua v•tade em h• momento deçendem ao jnferno.

Estas tres liç•es desejaua mouses ao poboo quando disse. {*Gens absque consilio est et sine prudentia utinam saperent et intel(l)igerent ac nouissima (providrent)*} Aquelle poboo nom quer creer conselheiro e he sem prudência Eu queria que elles guostassem no paadar de seu coraçom a muy /71v/ grande alegria e prazer e desenfadamento E as cantiguas do parayso que os saluos

“{*Judicati sunt mortui ex his que in libro sunt scripta*}. Os mortos são julgados pelo que está escrito no livro da sua consciência.”

Três cousas são que nós aí devemos ler segundo o conselho do profeta Ezequiel: “{*Lamentaciones, Cármes et uae, etc*}”. Isto quer dizer: choros das suas malezas e dos perigos e das mesquindades do mundo. Porque assim como a água mata a letra<sup>137</sup> assim fazem as lágrimas aos pecadores. No livro da consciência deve também ler as misérias e perigos do mundo para que se afaste deles e lhes fuja. Disto diz o profeta Naum: “{*Quis qui uidet te resiliet a te*}.” Ó mundo, diz ele, “quem te conhecer, afastar-se-á de ti”. Pois parece que aqueles que assim o amam e abraçam não o vêem mas fazem (de) cavalos cegos que se metem em muitos maus passos. /70v/ Disto diz ainda Santo Agostinho: “Ó mundo sujo, eu queria que tu fosses tão limpo que não sujasses as almas ou tão sujo que todos vissem tua fealdade.”

Capítulo 93º – Da segunda cousa que o homem deve ler neste livro.

A segunda cousa que o homem deve ler é a glória dos salvos e o cantar da sua perdurável bem-aventurança que será louvar a Deus sem fim – o que (o) homem deseja e ganha. E o que adoça as lágrimas que nascem da lembrança dos pecados e da consideração das tribulações do mundo em que ainda está.

Capítulo 94º – Da terceira lição. E de como a pessoa devota deve todo o dia estudar nas três lições assaz breues.

---

<sup>137</sup> Entenda-se, a escrita do livro da consciência.

A terceira lição (é) a dor da perdurável condenação dos maus para que, temendo-a, o homem fuja e se afaste dos pecados para fazer bem, de que está escrito no Saltério, do justo: “{*Mare uidit et fugit*}”. O justo viu o mar e fugiu. Pelo mar, que é profundo e turvo e amargoso, se entendem a amargura e dor das penas perduráveis do Inferno que a pessoa devota, que as vê com os olhos do coração, /71r/ teme e afasta-se e salta atrás e livra-se por boas obras. Ora haveis ouvido três lições assaz breves e que deve estudar cada dia toda a pessoa devota que tem cuidado da sua salvação e podeis aqui ver como Deus nos mete, entre duas verdes, uma madura, isto é, entre os choros da consideração dos pecados e das mesquindades do mundo que apagam os pecados mas não sem tormento. Esta é uma verdade. Perto desta vem a madura que é a alegria dos bons e o cantar da sua bem-aventurança que alegra a alma e adoça o tormento e (a) levanta numa esperança segura. Mas, para que ela por grande segurança não perca tudo, vem logo outra verde. Esta é a condenação dos maus que tempera a dita alegria e guarda os bens da alma.

Capítulo 95º – Como é boa cousa atender às misérias e presas deste mundo. E de como aqueles que o têm à sua vontade, em um momento descem ao Inferno.

Estas três lições desejava Moisés ao povo quando disse: “{*Gens absque consilio est et sine prudentia utinam saperent et intel(l)igerent ac nouissima (providrent)*}. Aquele povo não quer crer conselho e é sem prudência. Eu queria que eles gostassem no paladar de seu coração a muito /71v/ grande alegria e prazer e desenfadamento e as cantigas do Paraíso que os bem-auerom e trabalharsseham de a buscar Eu queria que elles entendessem as miserias e pressas e choros e trabalhos e doores deste mundo E creio que ho desamariam e fogiriam delle. disse moyses. notauelmente entendessem. Quer dizer que dentro em seus coraç•es perfeitamente leessem. Aaquelles que ho mundo leem e esguardam aa de fora soamente parece elle seer deleytoso e de fremosura E emuorilhamssse neelle como porca em lodo E Nom sabem os mizquinhos como vaaom cantando ao jnferno Sem temor assy como diz Job. {*Ducunt in bonis dies suos et in pun(c)to ad Inferna descendunt*}. Elles leuam aquy seus prazeres e em h•mom<•>to descendem ao jnferno Maa o bocado he de que cõuem pagar tall ezcote Eu queria diz mouses que elles fossem prouehudos contra sua perpetua danaçom pera se bem aparelhar• e fazer boas obras.

*Capitollo* LRvj como he mujto saudaujl cousa pensar hom• • seus <de>fectos e não esguardar os alheos.

O<ra> rroguo eu a todos aquelles que este liuro leer• que assy como elles amam sua salua<ç>om que se guardem /72r/ de parecer aos aluardaaes que não teem peor cousa que sua casa. Quer dizer que nom sejam daquelles que não quer• leer em seu liuro Mes nos alheos estudam mujto. assy como aquelles que senpre esguardam as minguoas dos outros E nom querem oolhar nas ssuas. A fea molher Nom se oolha de boamente no espelho. Assy estas pessoas que teem çujas e fedorentas cõciências nom fazem conta de as esguardar Contra taaes gentes diz Jsido<ro> dos pecados alheos nom emçujes tua boca Nem busques o que a ty nom perteeñçe Nem deseies de saber o que os outros antre ssy dizem. Esguarda teus pecados e leixa

os alheos Muito mall faz a consijraçom<sup>138</sup> das minguas alheas segundo diz santansselmo. Se aquell que os outros pecados esguarda he pecador aazo lhe da de persseuerar em seu pecado o maa enxenplo que uee E se tem começado a fazer pendenza elle arrefeçe e a leixa. E se he tentado de pecado mais asinha se da a uençer E que nom seia tentado p•ssando nos malles doutrem faz caminho aas tentaç•es E se he justo penssando que he melhor *que /72v/* aquelle emsoberueçe E sse ho amaua ante *deus* pollo pecado que em elle uee o começa a desamar. Pois maa cousa he esguardar nos pecados doutrem de que tanto mall uem.

*Capitollo* LRvij como se conuerte ho homem mais çedo *que* pecador he se esguarda os b•s doutrem.

E os b•s alheos deue homem consijrar que faz pollo contrairo. Se aquelle que esguarda o bem doutr• he pecador. elle sse conuerte mais çedo E se esta em pendenza acreçenta em ella E se he tentado melhor se defende E sse he justo fazsse humjldoso E se dantes ho amaua acreçenta seu amor Por jsto uall mais leer homem no liuro de sua conçiência que em outro.

*Capitollo* LRviiij dos sete enpãchamentos da conçiência *que* enbargam ho hom• v•r a conhecimento de sy meesmo.

aventurados terão e se esforçarão de a buscar. Eu queria que eles entendessem as misérias e pressas e choros e trabalhos e dores deste mundo. E creio que o desamariam e fugiriam dele", disse Moisés, "(se) notavelmente entendessem", quer dizer, que dentro em seus corações perfeitamente lessem.

Àqueles que o mundo lêem e esguardam ao de fora somente, parece ele ser deleitoso e de formosura e embrulham-se nele como porca em lodo e não sabem os mesquinhos como vão cantando ao Inferno. Sem temor, assim como diz Job: “ {*Ducunt in bonis dies suos et in pun(c)to ad Inferna descendunt*}. Eles levam aqui seus prazeres e em um momento descem ao Inferno”. Mau bocado é de que convém pagar tal escote. "Eu queria", diz Moisés, "que eles fossem providos contra a sua perpétua condenação para bem se prepararem e fazer(em) boas obras".

Capítulo 96º – Como é muito saudável cousa pensar a pessoa em seus defeitos e não esguardar os alheios.

Ora rogo eu a todos aqueles que este livro lerem que, assim como eles amam sua salvação, se guardem /72r/ de parecer aos aldrabões que não têm pior cousa que sua casa, quer dizer, que não sejam daqueles que não querem ler no seu livro, mas nos alheios estudam muito, assim como aqueles que sempre se guardam as minguas dos outros e não querem olhar as suas. A mulher feia não se olha de boamente no espelho. Assim estas pessoas que têm consciências sujas e fedorentas não fazem conta de as esguardar. Contra tais gentes diz Isidoro: “Dos pecados alheios não sujes tua boca nem busques o que a ti não pertence, nem desejes saber o que os

---

<sup>138</sup> *In marg. dex. scrip.* nota os dannos *que* se seg• desguardar as m•guas alheas

outros entre si dizem. Esguarda (os) teus pecados e deixa os alheios.” Muito mal faz a consideração das minguas alheias, segundo diz Santo Anselmo.

Se aquele que os outros pecados esguarda é pecador, azo lhe dá de perseverar no seu pecado o mau exemplo que vê, e se tem começado a fazer penitência, ele arrefece e a deixa. E se é tentado de pecado, mais depressa se deixa vencer. E (mesmo) que não seja tentado, pensando nos males de outrem, faz caminho às tentações. E se é justo, pensando que é melhor que /72v/aquele, ensoberbece, e se o amava antes Deus, pelo pecado que nele vê, o começa a desamar. Pois má cousa é esguardar nos pecados de outrem de que tanto mal vem.

Capítulo 97º – Como o homem que é pecador se converte mais cedo se esguarda os bens de outrem.

E (ao olhar) os bens alheios, deve a pessoa considerar que faz ao contrário. Se aquele que esguarda o bem de outrem, é pecador, ele se converte mais cedo. E se está em penitência, acrescenta nela. E se é tentado, melhor se defende. E se é justo, faz-se humilde. E se dantes (Deus) o amava, acrescenta seu amor. Por isto vale mais ler uma pessoa no livro de sua consciência que em outro.

Capítulo 98º – Dos sete impedimentos da consciência que embaraçam o homem (de) vir a conhecimento de si mesmo.

Ora he de saber que sam sete cousas *que* enbargã ho homem de lleer pollo liuro de sua propia conçiência E de conhecer sy meesmo. que sam assy como sete fechaduras de que a conçiência he fechada Isto nos foy bem figurado no apocalipse. honde /73r/ he escripto que sam Joham vio h• liuro que era seellado de sete seelos E nom era em alg• em çeeo nem em terra que este liuro podesse *abrir* polla quall cousa sam Joham chorou muyto. Mes huu anjo ueho que ho confortou Nom chores que o doce cordeiro Jhesu *christo* que morreo por Nos he dino dabrir o liuro *e* tirar as sete fechaduras Este he o que çarra o *que* n•h• pode abrir. E abre o *que* mais nõ pode sseer çarrado Elle soo pode thirar os sete enpachamentos do liuro da conçyençia que taaes sam. • Defender seu pecado • Escusar seu erro • Conssijrar os malles alheos *e* nom os seus • Encobrir suas culpas • Apagar o b• proposito • A multidom dos pecadores *e* dos pecados • Ocupaç•es mundanaaes. Estes sam os sete enpachamentos da conciençia E sam seneficados aos sete seellos que o anjo abrio ante sam Joham E lhe rrelleuou ho mesteryo E elle nollo disse no apocalipse em esta guysa {*Et cum aperuis(s)et angelus sigillum primum audiui uocem tanquam tonitrus magni etc*} Quando o anjo diz sam Joham abrio o primeiro seello. eu ouuj hua uoz assy como de gram toruam Em esta primeira rreuellaçom he notado ho primeiro enpacho. que he defender seu pecado Ca sam alg•s /73v/ que quando os hom•s rrepreendem de seus erros em cõfisam ou em outra maneira. elles fazem tam grande arroido come de toruam ou murmum ou se defendem. de taaes pessoas he scripto no ecrestiastico {*Sagit(t)a infixa femori canis, etc.*} Seeta metida em coxa de cam. tall he a pallaura no cora<ç>om do sandeu. Ca assy como o cã *que* he ferido nom *queda* braadar *e* correr ca *e* lla. Assy a pessoa sandia como ao hom• rrepreende por seu bem. Ou lhe diz alg•a palaura *contra* sua voontade Nom se pode



callar. Mes mostrasse a todos queixandosse *e* fazendo clamor E dando maas rrepostas. Diz sam Joham que ujo despois h• cauallo branco E o que ssya sobrelle auja h• arco Esta he h•a meesma seneficaçom Pello arco he entendida a maa lingoa que lança palauras agudas que passom ataa o coração como seetas. Que pollo cauallo branco se entende corpo casto Por que aqueles que u•mente se glorificam. Porque castamente guardauã seus corpos fallam mais agudamente *que* os outros.

*Capitollo* LRix do segundo enpachamento.

O segundo enpacho do liuro da consciência he escusar seu pecado E he seneficado pello abrimto do segundo seello honde sam /74r/ Joham disse {*Et cum aperuis(s)et sigil(l)um sacudum, ecce que(u)s rufus, etc.*}. Quando o anjo abrio o segundo seelo. diz sam Joham eu uy h• cauallo rruam E aaquelle que sobrelle estaua era dado poder de thirar paz da terra E que sse matassem h•s com os outros. bem se matam os pecadores que sam seneficados *per* auelle *que* anda sobre o cauallo rruã. quando thirã a culpa de ssy *e* a lançã sobre os outros. Assy como fez adã sobre eua *e* eua sobre a serpente. E jsto soamente *por* se escusar do pecado taaes gentes thirom paz da terra. *scilicet*. de seus coraç•es. *por* que a nom ham dentro nem de fora Por jsto

Agora há que saber que são sete (as) cousas que embaraçam o homem de ler pelo livro da sua própria consciência e de conhecer a si mesmo, que são assim como sete fechaduras de que a consciência é fechada. Isto nos foi bem figurado no Apocalipse, onde /73r/ está escrito que S. João viu um livro que estava selado de sete selos. E não havia ninguém nem no Céu nem na terra que este livro pudesse abrir, pela qual cousa S. João chorou muito. Mas veio um anjo que o confortou: “ Não chores que o doce cordeiro, Jesus Cristo, que morreu por nós, é digno de abrir o livro e de tirar as sete fechaduras. Este é o que cerra o que ninguém pode abrir e abre o que jamais pode ser cerrado.”

Só ele pode tirar os sete impedimentos do livro da consciência que tais são: defender seu pecado; desculpar seu erro; considerar os males alheios e não os seus; encobrir suas culpas; apagar o bom propósito; a multidão dos pecadores e dos pecados; ocupações mundanais.

Estes são os sete impedimentos da consciência e são significados pelos sete selos que o anjo abriu perante S. João, e lhe revelou o mistério. E ele no-lo disse no Apocalipse nesta guisa: “{*Et cum aperuis(s)et angelus sigilum primum audiui uocem tanquam tonitrus magni etc.*}”<sup>139</sup> Quando o anjo, diz S. João, abriu o primeiro selo, eu ouvi uma voz assim como de grande trovão. Nesta primeira revelação é assinalado o primeiro impedimento que é defender seu pecado, pois que existem pessoas /73v/ que, quando alguém as repreende de seus erros em confissão ou de outra maneira, elas fazem tão grande ruído como de trovão ou murmuram ou se defendem. De tais pessoas está escrito no Eclesiástico: “{*Sagit(t)a infixa femori canis, etc.*}” Seta metida em coxa de cão”, tal é a palavra metida no coração do sandeu, pois assim como o cão que é ferido não pára de bradar e correr para cá e para lá, assim a pessoa sandia, quando

<sup>139</sup> O texto da Vulgata não contém a palavra “magni”.

alguém a repreende para seu bem ou lhe diz alguma palavra contra a sua vontade, não se pode calar, mas mostra-se a todos, queixando-se e fazendo clamor e dando más respostas.

Diz S. João que viu depois um cavalo branco e o que o montava tinha um arco. Esta é a mesma significação. Pelo arco entende-se a má língua que lança palavras agudas que passam até ao coração como setas. Que pelo cavalo branco se entende (o) corpo casto. Porque aqueles que vãmente se glorificam porque castamente guardam<sup>140</sup> seus corpos falam mais agudamente que os outros.

#### Capítulo 99º – Do segundo impedimento.

O segundo impedimento do livro da consciência é desculpar seu pecado e é significado pela abertura do segundo selo, onde São /74r/ João disse: “{*Et cum aperuis(s)et sigil(l)um sacudum, ecce que(u)s rufus, etc.*}”. Quando o anjo abriu o segundo selo, diz S. João, eu vi um cavalo Ruão e àquele que sobre ele estava era dado poder de tirar paz da terra e para que se matassem uns aos outros. Bem se matam os pecadores, que são significados por aquele que anda sobre o cavalo Ruão, quando tiram a culpa de si e a lançam sobre os outros, assim como fez Adão sobre Eva e Eva sobre a serpente. E isto somente para se desculpar do pecado tiram tais gentes paz da terra, isto é, de seus corações porque a não têm dentro nem de fora. Por isso dizia daujd no salteiro. {*Non declines cor meum in verba malicie, etc.*} Senhor deus nom sofras que meu cora<ç>om decline em palauras malliçosas. que em escusando meus pecados os acreçente. Mes dame graça que hos conheça humildosamente E assy sera thirado de minha conçiença o segundo enpachamento.

*Capitollo* çento. do terceiro enpachamento e de como dizer juizos peruersos e u•os mujto desprazem a deus.

Ho terceiro he consijrar nos pecados alheos e leixar os seus E he senificado pello iij seello “{*Et cum aperuis(s)et sigil(l)um tercium, ecce que(u)s Níger, etc.*} Quando o amg<e>o abriu o terceiro seello Eu uy diz sam Joham huu caualllo negro E o que em elle andaua auja h•a balança /74v/ em sua m•o. Pello caualllo negro se entende o corpo do pecador E pella ballança o peso dos pecados e mereçimentos Ora sam algh•s que as culpas alheas penssam com gram peso E as suas propias com muj pequeno. Ca hua pequena faucta em outrem. elles acreçentam E fazem pesada aalem de rrazom E os b•s alheos contam muj pequenos E os sseus pequenos teem em grande conta. disto he scripto nos prouerbios {*Statera dolosa abominabilis est apud Dominum*} A balança enganosa he auorreçeuill ante deus quer dizer juizos peruersos e u•os taaes como ja dissemos. mujto desprazem a deus. Jsto uem de homem querer parecer mayor que os outros e melhor em santidade. A estes diz sam Joham boca douro. queres parecer santo sey duro e cruell a ty E aos outros amauioso e cortes e benjno E manda pequenas cousas e faze grandes E assy sera thirado o terceiro enpachamento da conçiença que he scusar seu pecado.

*Capitollo* Cj do quarto enpacham•to e dos jpocrítas que fazem suas faças amarelas.

<sup>140</sup> Do contexto da frase, alcança-se que o verbo guardar tem de assumir a forma do presente.

Ho quarto enpachamento he encovryr seus pecados /75r/ em confissam Assy como fazem os ipocritas *que* Nom querem seer desprezados. Mes deseiam honrra nom mereçida Este he senificado pollo quarto seello de *que* sam Johã diz. {Et cum aperuisset sigil(l)um quartum ecce equus palidus, etc.} Quando o ang<e>o abryu o quarto seello eu uy h• cauallo amarello E o que em elle andaua auja nome morte *e* sigujao ho jnferno. Pello cauallo amarello sam entendidos os yproquitas que fazem suas fações amarelleçer por parecer aas gentes que sam hom•s de grande pendença E *que* por jsto os louu• *e* tenha por santos E no que disse que a morte sya sobrelle. quer dizer que o diaboo que *primeiro* procurou *e* trouxe a morte ao mundo see sobre os coraç•es de taaes ypocritas E ajnda muj seguro por *que* homem nom nos agraua polla santa uida que mostrem aa de fora. E taaes gentes sam jnferno *que* esta aparelhado *pera* os rreçeber como deste mundo parthirem. Ca sse alg• bem teem fecto rreçebido ham o gualardom. Segundo diz *deus* no euãgelho *e* a boom dereito se diz que a morte see sobrestes E he escripto no apocalipse. ajnda que ajam nomes de uyuos mortos /75v/ sam ante *deus*. E santagostinho diz *quem* se escusa *deus* o acusa. Pois mais uall auer h•a pouca uergonha em sacusando ante h• homem. que atender a gram uergonha de todo ho mundo. ante o quall aquelles que sse agora scusam serem acusados ao dia do juizo.

dizia David no Saltério: “ {*Non declines cor meum in verba malicie, etc.*}”. Senhor Deus, não sofras que meu coração decline em palavras maliciosas, que em desculpando meus pecados os acrescente, mas dá-me graça (para) que os conheça humildosamente.” E assim será tirado da minha consciência o segundo impedimento.

Capítulo 100º – Do terceiro impedimento e de como muito despraz a Deus dizer juízos perversos e vãos.

O terceiro é considerar nos pecados alheios e deixar os seus e é significado pelo terceiro selo: “{*Et cum aperuis(s)et sigil(l)um tercium, ecce que(u)s Níger, etc.*}” Quando o anjo abriu o terceiro selo, "Eu vi", diz S. João, "um cavalo negro e o que o montava tinha uma balança /74v/ na sua mão". Pelo cavalo preto se entende o corpo do pecador e pela balança o peso dos pecados e merecimentos.

Ora há pessoas que pesam as culpas alheias com grande peso e as suas próprias com muito pequeno. Porque uma pequena falta em outrem, eles acrescentam e fazem pesada além do razoável, e os bens alheios contam muito pouco e os seus pequenos têm em grande conta. Disto está escrito nos Provérbios: “ {*Statera dolosa abominabilis est apud Dominum*}. A balança enganosa é aborrecível perante Deus", quer dizer, juízos perversos e vãos, tal como já dissemos, muito desprezam a Deus. Isto vem de a pessoa querer parecer maior que os outros e melhor em santidade. A estes diz S. João Boca de Ouro: “Queres parecer Santo? Sê duro e cruel para ti e amavioso e cortês e benigno para os outros e manda pequenas cousas e faz grandes”. E, assim, será tirado o terceiro impedimento da consciência que é desculpar o pecado.

Capítulo 101º – Do quarto impedimento e dos hipócritas que fazem suas faces amarelas.

O quarto impedimento é encobrir os seus pecados /75r/ em confissão assim como fazem os hipócritas que não querem ser desprezados mas desejam honra não merecida. Este é significado pelo quarto selo de que S. João diz: “{Et cum aperuisset sigil(l)um quartum ecce equus palidus, etc.}”. Quando o anjo abriu um quarto selo eu vi um cavalo amarelo” e o que o montava chamava-se Morte e seguia-o o Inferno. Pelo cavalo amarelo são entendidos os hipócritas que fazem suas faces amarelas por parecer às pessoas que são gente de grande penitência e que por isto os louvem e tenham por santos. E no que disse que a Morte se sentava sobre ele, quer dizer que o Diabo, que primeiro procurou e trouxe a morte ao mundo, se senta sobre os corações de tais hipócritas, e seguramente ainda, porque a pessoa os não agrava pela santa vida que mostram exteriormente. E tais pessoas são inferno que está preparado para os receber quando deste mundo partirem pois que, se algum bem tem feito, receberam o galardão. Segundo diz Deus no Evangelho e apropriadamente se diz que a morte se senta sobre estes.

E está escrito no Apocalipse, (que) ainda que tenham nomes de vivos mortos /75v/ são perante Deus. E Santo Agostinho diz: “ Quem se desculpa, Deus o acusa”. Pois mais vale ter uma pouca (de) vergonha em se acusando perante um homem, do que atender a grande vergonha de todo o mundo, ante o qual aqueles que agora se desculpam serão acusados no dia do juízo.

*Capitollo* Cij do quinto enpachamento E do b• proposito como o nom auemos dapagar.

O quinto enbargo he apagar o b• proposito assy como fazem muytos hi ha que quando lhe *deus* da algua voontade de bem fazer Elles a matam e não a met• em obra por seu maa costume que teem de pecar E por que sam muyto jnclinados a deleitar a ssua carnallidade Jsto foy bem seneficado no qu•to seello de que Sam Johã diz. {Et cum aperuis(s)et sigil(l)um quintum vidi subtus altare animas interfectorum,etc.} Quando o anjo abryo o quinto seello eu vi disse elle sobre o altar as almas dos mortos e bradauom altas uozes. Senhor vingua nosso sangue Pello altar se entende o coração de cada h•. sobre o quall todos os secrefícios. *scilicet.* as obras deuem seer oferecidas a *deus* Ca elle mais esguarda o cora<ç>om que a m•o. Jsto he a bõa uoontade mais que o feito. Pellos mortos /76r/ que sam sobre o altar hos b•s propositos que hom• nom mete em obra que braadam a *deus*. E acusam aquelles que mujtos b•s prepooem e n•h•s fazem E mujto promet• e pouco paguam Grande graça faz *deus* a quem da b• proposito e boa uoontade E elle faz gram pecado se o nom mete em obra. Tall pessoa he conparada ao rrey do egypto que he o diaabo que fez matar os primeiros filhos dos ebreus. Jsto he os b•s propositos do poboo de *deus* Contra taaes pessoas diz sam paullo {*Spiritum nolite ex(s)tinguere*} Nom apaguees diz elle o b• proposito. Mes meteo em obra disto diz Jsayas {*Venerunt filii usque ad partum etc.*} Os filhos veherom ataa o parto E nom ouue hi força de paryr. Jsto quer dizer as obras ueherom ataa uoontade Mes nom poderõ chegar ao feito. Contra estes diz *deus* no auangelho de sam matheu. {*Ve parientibus etc*} Malldiçom e door aaquelles que enpreharõ e parirõ naquelles dias. Quer dizer que at•derom de meter em obra seus b•s propositos ataa morte quando de bem fazer nom seram poderosos.

*Capitollo Ciiij do sexto embargo que nom auemos a seguir a cõpanhia dos que mal fazem E dos m•os prelados.*

Ho vj embargo do liuro da conçiência he a multid•e dos pecadores. Ca *deus* diz no euangelho /76v/ {*Pauci sunt qui inueniunt viam que ducit ad uitam*} Poucos sam os que acham o caminho da uida. E aynda sam mais poucos os que hi *entram*. Esta he hua cousa que rretraae muitos de bem fazer. E os encaminha a *persseuerar* em seus pecados. Contra estes diz *deus* nom siguaaes a conpanhia dos que mall fazem E o enx•pro dos maaos nom uos leue a pecar. Ca segundo diz Santagostinho Se com muytos fordes danados ã arderees *per* hi menos. Esto foy bem seneficado no seisto seello honde sam Joham disse {*Et cum aperuis(s)et sigil(l)um sextum et ecce terre motus, etc.*} Quando o anjo abrio o seisto seello. Eu uy diz sam Joham h• gram tremor de terra. E o ssoll tornou negro *e* a l•a se mudou em sangue. E as estrellas cayrõ do çeeo Pello {*terre motus*}se entende a multid•e dos pecadores na squiridom do soll se entende os arçebispos *e* bispos. *nos quaaes* a quemtura da caridade *e* ho alomeamento de boa doutrina faleçem. Por que mais amam seu proueito que o de *Jhesu christo*. Pella mudaçom da l•a em sangue deuemos dentender os abades *e* priores que nom ham tall cujdado de seus sogeitos. como Capítulo 102º – Do quinto impedimento. E como não devemos apagar o bom propósito.

O quinto impedimento é apagar o bom propósito assim como fazem muitos (que) aí há que, quando Deus lhes dá alguma vontade de bem fazer, eles a matam e não a metem em obra por seu mau costume que têm de pecar e porque são muito inclinados a deleitar a sua carnalidade. Isto foi bem significado no quinto selo de que S. João diz: “{*Et cum aperuis(s)et sigil(l)um quintum vidi subtus altare animas interfectorum,etc.*}”<sup>141</sup>. Quando o anjo abriu o quinto selo, "Eu vi", diz ele, "debaixo do altar as almas dos mortos e bradavam altas vozes: «Senhor vinga o nosso sangue»". Pelo altar se entende o coração de cada um, sobre o qual todos os sacrificios, isto é, as obras, devem ser oferecidas a Deus pois ele mais esguarda o coração que a mão, isto é, a boa vontade mais que a acção. Pelos mortos /76r/ que estão sob o altar, os bons propósitos que a pessoa não mete em obra, que bradam a Deus e acusam aqueles que muitos bens propõem e nenhuns fazem, e muito prometem e pouco pagam.

Grande graça faz Deus a quem dá bom propósito e boa vontade e ele faz grande pecado se o não mete em obra. Tal pessoa é comparada ao rei do Egipto – que é o diabo – que fez matar os primeiros filhos dos hebreus, isto é, os bons propósitos do povo de Deus. Contra tais pessoas diz S. Paulo: “{*Spiritum nolite ex(s)tinguere*}. Não apagueis, diz ele, o bom propósito, mas metei-o em obra". Disto diz Isaías: “{*Venerunt filii usque ad partum etc.*}”. Os filhos vieram até o parto e não houve aí força de parir. Isto quer dizer, as obras vieram até à vontade mas não puderam chegar ao acto. Contra estes diz Deus no Evangelho de S. Mateus: “{*Ve parientibus etc.*}”. Maldição e dor àqueles que emprenharam e pariram naqueles dias, isto é, que esperaram meter em obra seus bons propósitos até à morte quando de bem fazer não terão capacidade.

---

<sup>141</sup> No manuscrito está a palavra *super*, mas o texto bíblico tem *subtus*.

Capítulo 103º – Do sexto impedimento. Que não havemos de seguir a companhia dos que fazem mal e dos maus prelados.

O sexto impedimento do livro da consciência é a multidão dos pecadores porque Deus diz no Evangelho: /76v/ “{Pauci sunt qui inueniunt viam que ducit ad uitam}. Poucos são os que acham o caminho da vida” e ainda são menos os que aí entram. Esta é uma cousa que retrai muitos de bem-fazer e os encaminha a perseverar nos seus pecados. Contra estes, diz Deus, "Não sigais a companhia dos que fazem mal. E o exemplo dos maus não nos leve a pecar", pois que, segundo diz Santo Agostinho, "Se com muitos fordes condenados por isso não ardereis menos". Isto foi bem significado no sexto selo onde S. João disse: “{Et cum aperuis(s)et sigil(l)um sextum et ecce terre motus, etc.}”. Quando o anjo abriu o sexto selo, "Eu vi" – diz S. João – "um grande tremor de terra" e o sol (se) tornou negro e a lua se mudou em sangue e as estrelas caíram do céu. Pelo “terre motus” se entende a multidão dos pecadores, na escuridão do sol se entende os arcebispos e bispos, nos quais a quentura da caridade e o alumramento da boa doutrina faltam, porque mais amam seu proveito que o de Jesus Cristo. Pela mudança da lua em sangue devemos entender os abades e priores que não têm cuidado dos seus súbditos como

de suas carnalydades /77r/ E Por jsto nom he marauilha se as *estrellas* caem do çeeo. Quer dizer se os *sogeitos* caem da çelistríal uida honde deueriã estar E deçendem aa terreal cobijça. Quando a cabeça he doente todollos *nenbros* o ssentem E santanbrosio diz doença das ouelhas *confusom* he do pastor.

*Capitollo* Ciiij do seitemo enpacho e dos vistidos sobejos E de como o coração he mujto longe de *deus* que he ocupado • os mundanos pensamentos.

Ho seitemo enpacho he a ocupaçom do mundo. *Aquelles* que ho mundo tem emlaçados E que mujto sucupã em *seus* feitos. Mall parã mentes em sua cõçiência. Por que as desuairadas *cujdaç*•es tenporaes fazem tam *grande* arroido que nom pode homem •tender cousa que lea • seu *liuro*. E assy nom pode h•a ora inteira auer folgança. Jsto he bem mostrado no sete seello honde disse {Et cum aperuis(s)et sigil(l)um septimum, factum est silencium in cello et in terra, etc.} Quãdo o anjo abrio o seytimo seello. foy *fecto* silêncio no çeeo *per* espaço de mea ora. Pello çeeo se entende a cõçiência de cada h• por que ella cobre e esconde os penssamentos E Por *que* na cõçiência deue de seer e repousar o rrey do çeeo assy como em sua secreta camara Pello /77v/ silynçio sentende a paz da comçiência Ora esguardae por *deus* como esta paz dura pouco nas cõçiências dos m•danaes que metem seu *cujdado* em buscar possiss•es e rriquezas E em prazer os hom•s aas molheres e as molheres a elles. E em tauernar e jugar dinheiro E taaes hi ha a que nõ abasta tres pares de rroupas ou çinquo ou seis Mes quer• auer des ou doze E assy das outras cousas Çertamente taaes rroupas braadam no dia do juizo contra *aquelles* que as buscam. E nom acharom escusa ualliosa. E Nom fazem conta como sua cõçiência aas uezes os morde. Em taaes como estes pouco dura paz. Ca segundo diz sam Joham o silêncio nõ durou no çeeo mais de mea ora E nom acabou ora •teira seneficando a breue paz que ham *aquelles* que sam •laçados nos *cujdados* e amor do mundo. disto diz jsid<o>ro mujto he longe de *deus* o

cora<ç>õ que he ocupado em m•danaaes penssam•tos e nos mesteres terreaaes Por jsto da sam paullo h• b• consseho a todos. ho tenpo diz elle he breue E aquelles que husam deste mundo façam assy como se nom husassem delle. E os *que* sam casados assy fa<ç>am como se ho nom fossem. Sam gregorio /78r/ despoem jsto assy. Aquelles diz elle husam deste mundo E fazem como se nom husassem delle que em todas suas obras buscam *primeiro e prinçepalmente* ha honrra de *deus* e o proueito de ssuas almas. E assy conprem o que he escripto no euãgelho {Primum querite regnum D(e)i, etc.} buscaae *primeiro* o rreino de *deus* E aquelles sam casados e fazem como se o nom fossem que querem *prazer* h• ao outro nom desprazendo a *deus* Que diz no euãgelho. *quem* mais ama prazer a outrem *que* a m• nom he de mim dino. Pois de que. Çertas de fogo de jnferno. Pois mais uall desprazer a sseu marido ou a ssua molher ou a sseu jrm•o ou jrm• que a *deus* *que* mujto mais uall h•a boa guerra *que* maa paz de *que* senjca diz auee guerra nos pecados e paz com *deus*.

*Capitollo* Cv em *que* se acabã os sete enbargos.

de suas carnalidades. /77r/ E por isto, não é maravilha se as estrelas caírem do céu, quer dizer, se os súbditos caírem da vida celestial onde deveriam estar e descem à terreal cobiça. Quando a cabeça está doente, todos os membros o sentem. E Santo Ambrósio diz: “Doença das ovelhas é confusão do pastor.”

Capitulo 104º – Do sétimo impedimento e dos vestidos sobejos. E de como está muito longe de Deus o coração que está ocupado nos pensamentos mundanos.

O sétimo impedimento é a ocupação do mundo, aqueles que o mundo tem enlaçado e que muito se ocupam em suas acções. Mal atentam em sua consciência porque os desvairados cuidados temporais fazem tão grande ruído que a pessoa não pode entender cousa que leia em seu livro. E, assim, não pode ter descanso uma hora inteira. Isto é bem mostrado no sétimo selo onde disse: “{Et com aperuis(s)et sigil(l)um septimum, factum est silencium in cello et in terra, etc.}. Quando o anjo abriu o sétimo selo foi feito silêncio no céu por espaço de meia hora”. Pelo céu se entende a consciência de cada um porque ela cobre e esconde os pensamentos e porque na consciência deve estar e repousar o rei do céu como em sua secreta câmara. Pelo /77v/ silêncio se entende a paz de consciência.

Ora esguardai por Deus como esta paz dura pouco nas consciências dos mundanaes que metem seu cuidado em buscar possessões e riquezas e em prazer os homens às mulheres e as mulheres a eles e em frequentar a taberna e jogar dinheiro. E há pessoas a quem não bastam três pares de roupa ou cinco ou seis, mas querem ter dez ou doze e assim das outras cousas. Certamente tais roupas bradam no dia de júzo contra aqueles que as buscam e não acharão desculpa valiosa. E não fazem conta como a sua consciência às vezes os morde.

Em pessoas como estas pouco dura a paz pois, segundo diz S. João, “O silêncio não durou no céu mais de meia hora e não acabou a hora inteira”, significando a breve paz que têm aqueles que estão enlaçados nos cuidados e amor do mundo. Disto diz Isidoro: “Muito longe de

Deus está o coração que está ocupado em mundanais pensamentos e nos mesteres terreaes”. Por isto dá S. Paulo um bom conselho a todos: "O tempo é breve", diz ele, "e aqueles que usam deste mundo, façam assim como se não usassem dele e os que são casados façam assim como se não o fossem".

São Gregório /78r/ dispõe isto assim: "Aqueles", diz ele, "usam deste mundo e fazem como se não usassem dele (pois) que em todas as suas obras buscam primeiro e principalmente a honra de Deus e o proveito de suas almas. E, assim, cumprem o que está escrito no Evangelho: “[Primum querite regnum D(e)i, etc.]. Buscai primeiro o reino de Deus.”.

E aqueles (que) são casados e fazem como se o não fossem, que querem prazer um ao outro não desprezando a Deus que diz no Evangelho: “Quem mais ama prazer a outrem que a mim, não é digno de mim”. Pois de quê? Certas do fogo do Inferno. Pois mais vale desprezar a seu marido ou a sua mulher ou a seu irmão ou irmã que a Deus, pois que muito mais vale uma boa guerra do que má paz de que Sêneca diz: “Tende guerra nos pecados e paz com Deus.”

Capítulo 105º – Em que se acabam os sete impedimentos.

Ora ouuistes os sete enbargos do liuro da conçiência que nos toruam a nos conheçermos segundo os sete sseellos que sam Joham uio no apocalipse Nom enbarguando que doutra guisa se podesse espoer. Mes segundo nosso proposito bem se podem conparar aos sete Enbargos de homem chegar ao conheçimento de ssy meesmo.

*Capitollo* Cvj como he de gram meriçimento ño defender homem seus pecados mais confesalos homildosamente.

/78v/ Se uos querees leer abertamente no liuro de uossa conçiência E aprenderdes a uos conhecer. Nunca defendaaes uossos pecados em confissam Mes conheços humjlldosamente E nom uos escusees Mes acusaaeuos uerdadeiramente E esguardae as uossas minguas e nom as alheas E nom as encubraaes per ypocresia Mes dezeas claramente a uosso cõffessor Nom apaguees os b•s *propositos* que *deus* uos da. Mes meteos em obra esforçadamente. Nom siguaaes a multidom dos pecadores que uos leuam a ssua danaçom Nom Parees mentes nas cousas do mundo Nem uos ocupees tanto em ellas Per que tardees a fazer as que sam de uossa saluaçom E por estas cousas percalçarmos e mais çedo auermos o doçe cordeiro que per nossos malles morreo que he dino dabrir o liuro de nossa conçiência. rrogaremos aficadamente E assy poderemos cõ grande clareza ueer e leer per nosso liuro E auer conheçimento pera nos correger e emmemdar Per que possamos ante o nosso gram juiz. em testemunho de nossa conçiência levar escripta nossa saluaçõ. A quall cousa nos queira outorguar a todos e a todas. o padre e o filho e santo spritu am•.

*Capitollo* Cvij que nom rreçebamos todo hom• em nosa spicial amjzade. /79r/



Aquy se acaba como *per* a conheçença de sy vem homem aa conheçença de *deus*. E acabasse o segundo liuro E começasse o terceiro das çinquo cousas que deue cõssijrar quem alg•a pessoa quer rreçeber em segredo e espiçiall amizade<sup>142</sup>.

{*Non omnem hominem introducas in domum tuam*} Estas palauras sam escriptas no ecresiastico. E *querem* dizer nom leixees entrar todo homem em uossa casa Ho saies que muitas cousas auja vistas e ouujdas e prouadas. Sabia bem que os pelegrijns que sam em *estranha* terra assy como Nos somos em este mundo segundo diz o apostollo deseiam mujto conforto de boa conpãhia Mes por *que* elle sabia *que* em esta ujdá hom• acha poucos leaaes e fiees segundo diz agostinho. honde quer *que* tu fores aparelhate a ssofrer os falsos e fingidos de que acharas em abastança. E se te nom aparelhas. tu acharas o *que* nõ cujdauas E assy ou tu seras toruado ou desfaleçeras E aquelle desfalleçe que he uençido Por Jsto nos amoesta o ssages nas pallauras ja ditas *que* nom rreçebamos /79v/ todo homem em nossa espeçiall amizade Outro diz auee poucos espiçiaaes acheguados E nom rreçeberees emguano Nem uos doerees mujto ao partir E h• outro diz Nom metaaes tam forte uosso coração em creatura do mundo. que sse mester for vos nom possaaes

Ora ouvistes os sete impedimentos do livro da consciência que nos impedem de nos conhecermos segundo os sete selos que S. João viu no Apocalipse, sem prejuízo de qualquer outra exposição que se pudesse dar. Mas, segundo o nosso propósito, bem se podem comparar aos sete impedimentos de a pessoa chegar ao conhecimento de si mesmo.

Capítulo 106º – Como é de grande merecimento não defender o homem seus pecados mas confessá-los humildosamente. /78v/

Se vós quereis ler abertamente no livro de vossa consciência e aprender a conhecer-vos nunca defendais vossos pecados em confissão, mas conhecei-os humildosamente, e não vos desculpeis, mas acusai-vos verdadeiramente. E esguardai as vossas minguas e não as alheias e não as encubrais por hipocrisia, mas dizei-as claramente a vosso confessor. Não apagueis os bons propósitos que Deus vos dá, mas metei-os em obra esforçadamente. Não sigais a multidão dos pecadores que vos levam à sua condenação. Não atenteis nas cousas do mundo nem vos ocupeis tanto nelas para que (não) tardeis a fazer as que são de vossa salvação e por estas cousas alcançarmos e mais cedo termos o doce cordeiro, que por nossos males morreu e que é digno de abrir o livro de nossa consciência.

Rogaremos afincadamente e assim poderemos com grande clareza ver e ler pelo nosso livro e ter conhecimento para nos corrigir e emendar para que possamos ante o nosso grande juiz, em testemunho de nossa consciência, levar escrita nossa salvação. A qual cousa, a todos e a todas nos queira(m) outorgar o Pai e o filho e o Espírito Santo. Amén. /79r/

Aqui se acaba como pelo conhecimento de si vem a pessoa ao conhecimento de Deus. E acaba-se o segundo livro e começa-se o terceiro das cinco cousas que deve considerar quem alguma pessoa quer receber em segredo e especial amizade.

---

<sup>142</sup> O título do capítulo CVII, apesar de figurar antes deste parágrafo em que se dá conta da finalização de um tratado, diz respeito ao que se vai iniciar. De notar igualmente que há aqui uma confusão quanto ao número do Tratado, pois não se finalizou o segundo, mas sim o terceiro.

Capítulo 107º – Que não recebamos toda a pessoa em nossa especial amizade.

{*Non omnem hominem introducas in domum tuam*}. Estas palavras estão escritas no Eclesiástico e querem dizer: “Não deixeis entrar toda a pessoa em vossa casa”. O sages que muitas cousas tinha visto, ouvido e experimentado, sabia bem que os peregrinos que estão em terra estranha, assim como nós estamos neste mundo, segundo diz o Apóstolo, desejam muito conforto de boa companhia. Mas porque sabia que nesta vida a pessoa acha poucos leais e fiéis, segundo diz o Apóstolo, “Onde quer que tu fores, prepara-te para sofrer os falsos e fingidos de que acharás em abundância. E se não te preparas, tu acharás o que não cuidavas. E assim, ou tu serás perturbado ou desfalecerás. E desfalece aquele que é vencido”. Por isto nos admoesta o sages, nas palavras já ditas, que não recebamos /79v/ toda a pessoa em nossa especial amizade.

Outro diz: “Tende poucos especiais próximos e não recebereis engano nem vos doereis muito ao partir”. E um outro diz: “ Não metais tão forte vosso coração em criatura do mundo que, se for mester, vós não possais

partir sem toruação de uossa v•tade. assi ligeiramente como uos hi metestes E jsto fazees se amardes todos em *deus* segundo o *que* uall cada h•. Ora podemos dizer assy como diz Jsayas que nos amoesta *que* rreçebamos pobres e caminhantes em nossa pousada E o saie diz que nom rreçebamos todo hom• *que quer* dizer jsto vos deuees amar todos em *deus* como uossos jrm•os E assy conprirees o *que* diz jsayas E guardaeuos de cada h• como de uosso jmijgo E assy acabarees o dito do saie Aquelles que ão rreçeam E que ssem descreçom rreçeb• todos em sua espiçiall amizade. Sam taaes como a praça e o moinho honde todos entram e n•h• ha paz Mes senpre arroydo E assy os semelhantes Nunca ham paz E por proueito dos mançebos E daquelles que nom sam muj discretos em escolher em espiçiaaes amizades Enssynarey çinquo cousas que sam desguardar aa pessoa que hom• *quer auer* em ssua amjzade singullar.

/80r/ A Primeira cousa que homem deue consijrar em escolher espiçiall amigo. he *que* seja dyscreto Ca he escripto nos prouerbios {*Amicitie stultorum solent esse nocive*}. Quer dizer a amizade dos sandeus amehude empeeçe E ajnda diz. {*Amicus stultorum eff(f)icietur eis similis*}. Quer dizer que ho amijgo dos sandeus tornara semelhauell a elles. E a ssua amizade dura pouco e de ligeiro se desfaz Por *que* todos os sandeus sam mudadiços E ligeiramente damigos tornã imijgos E seu amor he perijguoso por que nom he fundado sobre descreçõ Deste amor diz hua poeta Nom ha tam fea cousa como dhom• *auer* tençom ou *perfia* com aquelles a *que* tem espiçiall famjliridade E santanbrosio diz estauel e firme deue seer o coração e persseuerar em amizade E ão fazer amehude Nouos amigos como fazem os menjnos Amor que em descreçom nom he fundado nom ha seu começo em boa e uerdadeira tençõ. Amehude acaba em arroydo que he cousa assaz uergonhosa. espiçialmente antre gente de deuaçom.

/80v/ Capitollo Cvijj da segunda rrezam.

A segunda cousa he bondade Ca todo homem a sseu poder deue scolher pera sua amizade boa pessoa Porque os maaos nom sabem seer amigos E diz tullio no liuro da amjzade eu senty e aprendy Ca segura amjgança nom pode seer senom antre os b•s E jsto meesmo testemunha santo agostinho N•h• diz elle pode seer uerdadeiro amigo que *primeiro* nom ame uerdade E aquelles nom podem *uerdadeiramente* amar ho homem que nom amã aquelle *que* fez ho homem E por seer o guallardom da amizade mayor *e* mais forte ho amor deue seer antre hos b•s Porque sam assy como em estranha terra E quando alghuus de hua terra se achã em outra elles se amam tam *uerdadeiramente* como se fossem jrm•os Ora assy he que as boas pessoas ajnda que seiam em este mundo Nom sam delle Porque diz beda. hoo uos pobres nom ajaaes desprazer se os maaos florecer• em este mundo. honde uos sofrees m•guas Ca nom *perteençe* aos rreligiosos seerem emxalçados em estas tenporalidades. E em *esperança* do bem por que trabalhaaes. De quall *quer* cousa que uos veer na uyagem desta estranha terra. /81r/ Auee paçiençia E daae *graças* a *deus* Ca uos nom auees alg•a cousa em este mundo que he terra dos maaos. N• elles auerõ parte no paraíso que he uossa herdade Por Jsto desamom os maaos aos

partir sem perturbação da vossa vontade, tão desembaraçadamente como aí vos metestes. E isto fazei se amardes todos em Deus, segundo o que vale cada um.” Ora podemos dizer, assim como diz Isaías, que nos admoesta que recebamos pobres e caminhanes em nossa pousada. E o sages diz que não recebamos toda a pessoa que quer dizer isto: “ Vós deveis amar todos em Deus como vossos irmãos”. E, assim, cumprireis o que diz Isaías: “ E guardai-vos de cada um como de vosso inimigo”. E, assim, levareis a cabo o dito do sages: “ Aqueles que não receiam e que sem discrição recebem todos em sua especial amizade são como a praça e o moinho onde todos entram e ninguém tem paz mas sempre ruído”. E, assim, os próximos nunca têm paz.

Para proveito dos mancebos e daqueles que não são muito discretos em escolher especiais amizades, ensinarei cinco cousas que são de esguardar à pessoa que quer ter alguém em sua amizade singular. /80r/

A primeira cousa que uma pessoa deve considerar ao escolher especial amigo é que seja discreto pois que está escrito nos provérbios: “{*Amicitie stultorum solent esse nocive*}”. Quer dizer, a amizade dos sandeus amiúde estorva. E, ainda, diz: “{*Amicus stultorum eff(ici)etur eis similis*}”. Quer dizer, que o amigo dos sandeus tornar-se-á semelhável a eles. E a sua amizade dura pouco e facilmente se desfaz porque todos os sandeus são mudadiços e com ligeireza de amigos (se) tornam inimigos e o seu amor é perigoso porque não é fundado sobre discrição. Deste amor diz uma poetisa: “ Não há tão feia cousa como uma pessoa haver contenda ou porfia como aqueles com quem tem especial familiaridade”. E Santo Ambrósio diz: “ Estável e firme deve ser o coração e perseverar em amizade e não fazer amiúde novos amigos como fazem os meninos.” Amor que não é fundado em discrição não tem seu começo em boa e verdadeira intenção. Amiúde acaba em arruído que é cousa assaz vergonhosa, especialmente entre gente de devoção.

/80v/ Capitulo 108º – Da segunda razão.

A segunda cousa é bondade porque todo o homem, segundo a sua capacidade, deve escolher para sua amizade pessoa boa porque os maus não sabem ser amigos. E Túlio diz no livro da amizade: “ Eu senti e aprendi que amizade segura não pode existir senão entre os bons”. Isto mesmo testemunha Santo Agostinho: "Ninguém", diz ele, "pode ser verdadeiro amigo que primeiro não ame a verdade". E não podem verdadeiramente amar o homem aqueles que não amam Aquele que fez o homem. E para ser o galardão da amizade maior e mais forte, o amor deve existir entre os bons. Porque estão assim como em terra estranha. E quando alguns de uma terra se acham noutra, eles se amam tão verdadeiramente como se fossem irmãos.

Ora assim é, pois, que as boas pessoas, ainda que estejam neste mundo, não são dele. Porque diz Bede: “ Ó, vós, pobres, não tenhais desprazer se os maus floresceram neste mundo onde vós sofreis mínguas, porque não pertence aos religiosos serem exalçados nestas temporalidades, e na esperança do bem por que trabalhais.”.

De qualquer cousa que vos vier na viagem desta estranha terra /81r/ tende paciência e dai graças a Deus porque vós não tendes cousa alguma neste mundo que é terra de maus nem eles terão parte no Paraíso que é a vossa herança. Por isto os maus desamam os b•s por que sam de desuayradas comarcas como dicto he Porem se os b•s nom se amã h•s em esta estranha terra. Elles *serã* sem amigos. Disto disse nosso senhor no euãgelho ho mundo desama aquelles a que eu dey minha palaura *Porque* elles nom sam do mundo. E sse delle fossem ele os amaria como *seus*.

#### *Capitollo Cix da terceira rrezom.*

A terceira cousa que homem deue esguardar na pessoa que quer *auer* em espiçiall amorio he que nom seia sanhudo nem brauo. Jsto consselha sallamom *nos* prouerbios. Nom sejaes amigos de pessoa jrosa quanto he despiçiall amjzade Por que a pessoa hirosa he tall como o tiçom *que* queyma aaquelle que o tem E a espinha que fere *quem* a abraça E Por jsto ajnda *que* ha homem aja damar segundo *deus*. bem he de temer ssua espiçiallidade. desy /81v/ seu amor Pouco pode durar Ca o fogo da jra asinha *que*ima os leguamentos damor segundo que hom• vee amehude acontecer Mes a amizade do mansso he *pera* escolher por que he doce *e* passiuell *e* duradoira. disto he *escripto* no ecresiastico filho *e* filha em manssidom acaba tuas obras *e* seras amado mais que gloria nem louuor dhom• E notauellmente disse acaba tua obra *e* nã começa Ca segundo diz sam geronjmo. Muitos hi ha que b• começam *e* poucos sam os *que* bem dam fim E Por jsto pooem em cabo desuairo. Que o proueito que estes amarã seram mais amados que gloria dhom•. quer dizer mais que a gloria nem louuor do mundo he amado dos hom•s. que tanto a amã aalgh•s hi ha *que* perdem *deus* *e* sam danados *pera* senpre.

#### *Capitollo Cx da quarta rrezom.*

A quarta rrazom he que homem nom deue scolher pessoa soberua E he rrazom que o soberuo nã sabe seer conpanheiro Mes senpre *quer* seer meestre E asenhorar Por jsto nom pode seer amigo

E em uerdadeira amizade deue seer tehuda parelha *e* ygualza. que ho mais *grande* se encljne ao mais *pequeno* /82r/ E sse façom jguaaes. de *que* sam geronjmo diz a dereita amjzade. ou filha parelha ou a faz. E Por *que* os argulhosos *e* soberuos nom sabem seer jguaaes como dito he. Nom he conujhauell cousa de hos homem rreçeber em sua amjzade Ante sam dinos de confusam segundo diz salamom Em quem ha soberua ha confusam.

*Capitollo Cxj da quinta rrezom.*

A *quinta* cousa he fiellade. que cada h• he theudo escolher amigo fiell A quall fiellade he em *continuaçom* damor que deue seer firme *e* durar em todo tempo assy em auerssydade como em bem auenturança E jsto meesmo diz o ssabedor. em todo tenpo ama *quem perfeitamente* he amigo. E tall amiguança nom se pode conparar E segundo diz o sabedor. ouro nem prata nõ he de *prezar contra* o bem da lealdade dos amigos Por que os que

bons porque são de desvairadas comarcas, como se disse. Porém, se os bons não se amam (uns aos outros) nesta estranha terra, eles ficarão sem amigos. Disto disse Nosso Senhor no Evangelho: “ O mundo desama aqueles a quem eu dei a minha palavra porque eles não são do mundo e, se dele fossem, ele os amaria como seus.”

Capítulo 109º – Da terceira razão.

A terceira cousa que alguém deve esguardar na pessoa que quer ter em especial predilecção é que não seja sanhuda nem brava. Isto aconselha Salomão nos Provérbios: “Não sejais amigos de pessoa irosa com especial amizade porque a pessoa irosa é tal como o tição que queima aquele que o tem e o espinho que fere quem o abraça.” E por isto, ainda que se tenha de amar segundo Deus, é bom de temer o seu temperamento. Daí /81v/ que seu amor pouco pode durar porque o fogo da ira depressa queima os ligamentos de amor, segundo o que amiúde se vê acontecer. Mas a amizade do manso é para escolher porque é doce e paciente e duradoira. Disto é escrito no Eclesiástico: “ Filho e filha, em mansidão acaba tuas obras e serás amado mais que (por) glória ou louvor de homem”.

E, digno de nota, disse: “ Acaba tua obra” e não começa, porque segundo diz S. Jerónimo: “ Muitos há aí que bem começam mas poucos são os que bem dão fim.” E por isto põem desvairo no cabo, que (pelo) proveito que amaram serão mais amados que glória de homem, quer dizer, mais que a glória e louvor do mundo (são) amados os homens. Alguns aí há que tanto a<sup>143</sup> amam que perdem Deus e são condenados para sempre<sup>144</sup>.

Capítulo 110º – Da quarta razão.

---

<sup>143</sup> Refere-se à "glória"

<sup>144</sup> Estas linhas constituem um passo obscuro da obra e a sua interpretação terá sido dificultada por uma possível lacuna. A versão que apresentamos é uma possibilidade de leitura.

A quarta razão é que ninguém deve escolher pessoa soberba e (a) razão é que o soberbo não sabe ser companheiro mas sempre quer ser mestre e dominar como senhor. Por isto não pode ser amigo. E em verdadeira amizade deve existir parêlha e amizade (e) que o maior se implique ao mais pequeno /82r/ e se façam iguais. De que S. Jerónimo diz: “ A amizade sincera ou toma parêlha ou a faz.” E porque os orgulhosos e soberbos não sabem ser iguais, como se disse, não é convinhável cousa uma pessoa recebê-los em sua amizade; antes são dignos de confusão, segundo diz Salomão: “ Em quem há soberba há confusão.”

#### Capítulo 111º – Da quinta razão.

A quinta cousa é fidelidade pois cada um é obrigado a escolher amigo fiel, a qual fidelidade é em continuação de amor que deve ser firme e durar todo o tempo tanto na adversidade como na bem-aventurança. E isto mesmo diz o Sabedor<sup>145</sup>: “ Em todo o tempo ama quem perfeitamente é amigo”. E tal amizade não sofre comparação. Segundo diz o Sabedor: “ Ouro e prata não são de prezar em confronto com o bem da lealdade dos amigos”. Porque os que lealmente amã ajudam aqui e depois da morte O que nã faz ouro nem prata. E o leall amigo guarda o corporall e esprituall que ho dinheiro nom pode fazer. Jsto se pode bem prouar per muytos enxenpros dos quaaes escrepueremos dous e abastã. Enxenplo de dous amigos.

*Capitollo Cxij* de que poem • xenplo de dous (boos) amigos a esto conformes.

/82v/ Em huu liuro he escripto que foram dous filosefos pagu•os que muyto se amauam Mas uallereo maximo pom em seu liuro que foy dionisio. tyrano de saragoça em siçillia no iiijº honde traucta da amjzade. h• dos amigos auia nome daamom e o outro phiçias. Ho enperador de rroma mandaua matar h• ho quall demandou espaço pera hordenar seus fectos E nom lho queriã outorguar. se nom desse h• fiador obriguado aa ssua pena E aquelle seu amigo o fiou de boa mente E elle se foy E por sua neçessidade h• pouco tardou E o enperador mandou leuar o fiador aa morte O quall ledamente a rreçebia por seu amigo E hõde ho leuauom ho outro ueho E disse leixaae hir meu amigo. ca eu sam prestes a morrer. O enperador se maraujlhou mujto de que o julguado achara fiador E mujto mais por que elle veera a termo assijnado aa morte E diselhe honde foy achada tall amizade Eu uos rroguo que uos me queiraaes em ella rreçeber E todo uos seia perdoado E assy podees ueer como amizade liura de morte corporall. Outro enxemplo.

*Capitollo Cxiiij* em que poem outro • xenplo.

/83r/ Achasse em outro liuro que se chama bem vnjuerssall doutros dous h• christ•o e outro pagu•o que tanto bem ouuirom dizer h• do outro que muyto e muy lealmente se amauom. Pero morassem assaz afastados ho christ•o foy ueer o pagu•o O quall lhe fez a mayor festa que pode E lhe mostrou seus tesouros. E hao departir lhe disse que de todo o que uira filhasse o que lhe mais prazia. de todo o que eu vi disse elle eu nã quero all senom a mais fremosa destas sete uirgeens que uos guardaas pera molher E que uos dizees que amaaes sobre todollas cousas Çertas disse o pagu•o volla auerees Mes eu amara mais de uos leuardes todos meus thesouros.

---

<sup>145</sup> Este versículo está inscrito no Livro dos Prov. 17, 17 e não no Livro da Sabedoria.

que uos me leuaaes o coração E o *christ*•o leuou aquella uirgem conssiguo e fezea bautizar e casou com ella. E a pagu•o salterou tanto cujdãdo em sua amiga que tornou açerca fora de siso E esqueçeço sy meesmo e todos seus *fectos* E tornou tam probe que nom auia nada E foisse a sseu amigo o *christ*•o e bateo aa porta Mes nom foy conhecido E foisse como desesperado asseentar aa porta da Igreja /83v/ E aconteçeço que matharom huu homem açerca delle Pero nom se mudou elle donde ssya E em outro dia acharõno homem morto a par delle E prenderõno E leuarõno preso *perante* seu amigo que ho conheçeço E disse leixaae este homem *que* nom ha culpa em este *fecto* Mes eu sam culpado que o fiz E leixarom o pagu•o e filharom o *christ*•o pera o matharem Mes todos os pobres da çidade e termho a que elle era assy como padre braadauom aa justiça *mezquinhos* uos *nos* mataaes todos *quando* mataaes nosso sosteedor. tanto braadarom *que* aquelle meesmo *que* o homjçidio tijnh *fecto* Ouue piedade e disse çertamente aquelles sam sem culpa Mes eu soo fiz este mall E mais uall que eu moyra que estes dous uallentes hom•s que ho nom

lealmente amam ajudam aqui e depois da morte – o que não fazem ouro nem prata. E o leal amigo guarda o corporal e o espiritual – o que o dinheiro não pode fazer.

Isto se pode bem provar por muitos exemplos dos quais escrevemos dous e chegam. Exemplo de dous amigos.

Capitulo 112º – De que põe exemplo de dous (bons) amigos a isto conformes. /82v/

Está escrito num livro que houve dois filósofos pagãos que muito se amavam. Mas Valério Máximo põe em seu livro – no quarto onde trata da amizade – que foi (no tempo de) Dionísio, Tirano de Siracusa, na Sicília. Um dos amigos tinha o nome de Amom e o outro de Fícias. O Imperador de Roma mandava matar um, o qual pediu espaço para ordenar os seus actos, e não lho queria outorgar se não desse fiador obrigado à sua pena. E aquele seu amigo o fiou de boa mente. E ele foi-se e por sua necessidade tardou um pouco. E o Imperador mandou levar o fiador à morte que com alegria a recebia por seu amigo. E quando o levaram, o outro veio e disse: “Deixai ir o meu amigo que eu estou pronto a morrer”. O Imperador se admirou muito do que o condenado achara fiador e muito mais porque ele viera no prazo designado para a morte. E disse: “Onde foi achada tal amizade eu vos rogo que vós me queirais nela receber e tudo vos seja perdoado”. E assim podeis ver como (a) amizade livra da morte corporal. Outro exemplo.

Capítulo 113º – Em que põe outro exemplo.

/83r/ Acha-se noutro livro, que se chama Bem Universal, de outros dous, um cristão e outro pagão, que tanto bem ouviram dizer um do outro que muito e mui lealmente se amavam. Mas como morassem assaz afastados, o cristão foi ver o pagão, o qual lhe fez a maior festa que pôde e lhe mostrou seus tesouros e, ao partir, lhe disse que, de tudo o que vira, tomasse o que mais lhe prazia. “De tudo o que eu vi”, disse ele, “eu não quero outra cousa senão a mais formosa destas sete virgens que vós guardais para mulher e que vós dizeis que amais sobre todas as cousas”. “Certamente”, disse o pagão, “vós a tereis, mas eu gostaria mais que vós levásseis

todos os meus tesouros (do) que vós me levardes o coração.” E o cristão levou aquela virgem consigo e fê-la baptizar e casou com ela. E ao pagão se alterou tanto cuidado na sua amiga que quase ficou fora de siso. E esqueceu a si mesmo e todas as suas acções e ficou tão pobre que não tinha nada. E foi-se a seu amigo, o cristão, e bateu à porta mas não foi conhecido e foi-se como desesperado, sentou(-se) à porta da Igreja. /83v/

E aconteceu que mataram um homem perto dele mas ele não se mudou de onde estava sentado. E no outro dia acharam o homem morto a par dele e prenderam-no e levaram-no preso perante seu amigo que o conheceu e disse: “Deixai este homem que não tem culpa neste acto mas eu que o fiz (é) que sou culpado”. E deixaram o pagão e agarraram o cristão para o matarem. Mas todos os pobres da cidade e termo, para os quais ele era assim como um pai, bradavam à justiça: “Mesquinhos, vós nos matais a todos quando matais o nosso sustentador.” Tanto bradaram que aquele que tinha feito o homicídio teve piedade e disse: “Sem dúvida aqueles não têm culpa, mas eu só fiz este mal, e mais vale que eu morra que estes dous valentes homens que o não merecem E assy foy aquelle homem *per* sua lealdade quyte de morte E o *christ*•o fez baptizar seu amigo E deulhe por mulher h•a sua jrm• e gram parte de seu auer E viuerom senpre bem des ally e fizeram boa fim Per este enx•plo podees veer que assy como he dito. o b• amigo guarda a uyda tenporall E esprituall O que nom fez /84r/ ouro nem prata disto he *scripto* no ecresiasitico. Amigo de fe he meezinha de ujda.

*Capitollo* Cxiiij *que* o homem deue escolher por amiga pessoa discreta e nom sandia.

Quem quer auer espiçiall e secreta amizade e algua pessoa *que* rreçeber em seus apartados comsselhos Assy tenporaaes come sprituaaes escolha a seu poder pessoa saies e discreta E nom sandia nem arreuatada. E boa e santa E nom maa nem fingida E doce e de boa u•tade E nom braua nem sanhuda E sijnprez e omjlldosa E nom dobre nem soberua E leall e de fe que saibha amar tam bem em auerssydade como em bem auenturamça E nom falssa que ao tenpo de mester falleça como fazem os amigos da mesa Quem tall amigo acha deuesselhe descobrir E assy pode uyuer em este mundo em paz E deste hir mais çedo aa perdurauell folgança. A quall *nos* queira outorguar o *deus* da paz. amem.

*Capitollo* Cxv em *que* se começa o prologo sobre as penas do jnferno.

Por que siso e pensamento do coração humanall he jncrinado a mall de sua mançebia. *segundo* he *scripto* no primeiro liuro da ley E Polla auondança /84v/ da malliciã que he rraynha do mundo he tam arrefeeçida a caridade que poucos acha homem que *deus* amem. Nem que ho temõ Se nom quando elle toruoeja. Por *que* a presente uaydade deste mundo tem os cora<ç>•es dos pecadores assy filhados *que* aadur param mentes nas cousas *que* ham de v•r *segundo* nos amostra a escriptura no çinquo liuro da ley. {*Utinam saperent et intel(l)igerent, etc.*} Eu queria diz moises que os pecadores se afastassem dos prazeres do mundo que sam fallssos e breues E Parassem m•tes aas penas que se de taaes prazeres seguem como sam uerdadeiras e graues E longuas sem fim E assy fossem proueudos que nom buscassem as penas do jnferno perdendo as allegrias do paraíso Por jsto me parece bem de dizer alg• pouco da pena do jnferno. *segundo* se



acha na escriptura pera as pessoas muy afoutas. Por que aquelles que assaz ou muyto tem •. ham mais mester de pensar na glloria do paraíso de que adeante screpueremos prazendo a deus. Ca a mesa nom he bem guarnida honde nom he mais dh • a ujada E quando hi ha muytas cada h • come do que lhe mais praz /85r/ E por jsto seram achadas desuairadas cousas em este liuro que cada h • lea honde lhe prouguer. Aquy se acaba o proleguo E começa o trauctado das penas do jnferno.

*Capitollo Cxvj em que se trauta das penas jnfernaes.*

*{Conuertantur pec(c)atores in Infernum}* Estas palauras diz daujd no salteiro E quer dizer que os pecadores torn • seu coração a pensar nas penas e doores do jnferno pera se rretraerem de seus

merecem". E, assim, foi aquele homem pela sua lealdade quite de morte. E o cristão fez baptizar seu amigo e deu-lhe por mulher uma sua irmã e grande parte do seu haver. E viveram sempre bem desde ali e tiveram bom fim.

Por este exemplo podeis ver que, como assim se disse, o bom amigo guarda a vida temporal e espiritual, o que não faz /84r/ nem ouro nem prata. Disto está escrito no Eclesiástico: "Amigo de fé é mezinha de vida."

Capítulo 114º – Que o homem deve escolher por amiga pessoa discreta e não sandia.

Quem quer ter especial e secreta amizade e alguma pessoa que receber em seus apartados conselhos, tanto temporais como espirituais, escolha a seu alvedrio pessoa sages e discreta, e não sandia nem arrebatada, e boa e santa, e não má nem fingida, e doce e de boa vontade, e não brava nem sanhuda, e simples e humildosa, e não doble nem soberba, e leal e de fé, que saiba amar tão bem na adversidade como na bem-aventurança, e não falsa que no tempo de necessidade falhe como fazem os amigos de mesa. Quem tal amigo acha deve-se-lhe descobrir e, assim, pode viver neste mundo em paz e deste ir mais cedo à perdurável alegria, a qual nos queira outorgar o Deus da paz. Amén.

Capítulo 115º – Em que se começa o prólogo sobre as penas do Inferno.

Porque siso e pensamento do coração humano são inclinados ao mal da sua mancebia, segundo está escrito no primeiro livro da lei e pela abundância /84v/ da malícia que é rainha do mundo, é tão arrefecida a caridade que poucos se acham que amem Deus, nem que o temam senão quando ele troveja. Porque a presente vaidade deste mundo tem corações dos pecadores assim tomados que muito raramente atentam nas cousas que hão-de vir, segundo nos mostra a escriptura no quinto livro de Lei : "{*Utinam saperent et intel(l)igerent, etc.*}". "Eu queria", diz Moisés, "que os pecadores se afastassem dos prazeres do mundo que são falsos e breves e atentassem (em) como são verdadeiras e graves e longas sem fim as penas que de tais prazeres

se seguem". E assim fossem pródidos (para) que não buscassem as penas do Inferno perdendo as alegrias do Paraíso. Por isto me parece bem dizer algum pouco da pena do Inferno, segundo se acha na escritura para as pessoas muito afoutas. Porque aqueles que assaz ou muito temem têm mais necessidade de pensar na glória do Paraíso, de que adiante escreveremos, prazendo a Deus, pois que não é bem guarneçada a mesa onde não há mais que uma vianda e quando aí há muitas cada um come do que mais lhe praz. /85r/ E por isto achar-se-ão desvairadas cousas neste livro que cada um leia onde lhe aprouver.

Aqui se acaba o prólogo e começa o tratado das penas do Inferno.

Capítulo 116º – Em que se trata das penas do Inferno.

“{*Conuertantur pec(c)atores in Infernum*}”. Estas palavras diz David no Saltério e querem dizer que os pecadores voltem seu coração a pensar nas penas e dores do inferno para se pecados que sam tam grandes. que se os homem bem conhecesse *per n•h•a* maneira pecaria mortalmente Ca nom he door que homem possa sofrer em este mundo nem penssar que ão sofresse por escapar aas do jnferno disto auemos enxenpllo nas ujdias dos padres dh• mãço bo *que* longuamente auya fecta penjtência *e* morando em hua coua foy enguanado *e* quys todo /85v/ leixar. Pero penssou de sse consellar a h• uelho *que* açerca delle moraua O quall ouujda sua voontade rrespondeo. Hoo se tu soubesses *quejandas* sam as penas do jnferno. Nom ha tormento em esta uyda que tu n<õ> sofresses de boa mente. ante *que* a meor pena delle Por jsto he escripto no primeiro liuro dos rrejs {*Dominus deducit ad Inferos et reducit*} Quer dizer *deus* leua ao jnferno esguardando as penas delle E a quem as faz bem conhecer rretraae delle *per* pendença Ca o rrepr•demento dos pecados guarda do jnferno seg•do diz daujd no salteiro. {*Eruisti animam meam ex Inferno inferiori*}. Senhor *deus* tu liuraste *per* penjt•çia a minha aalma do profundo jnferno. Jsto podemos bem ueer *per* Nos meesmos que ão entrariamos de boamente em h• forno *queente* E nom he compara<ç>om de fogo delle ao do jnferno Por jsto diz santo agostinho. {*Domine, hic ure hic seca ut in Inferno parcas*}. Senhor diz elle. aquy me *queima* aquy me corta ou atormenta em esta ujda. que na outra *que* me perdooes E leemos de sam gregorio que amou mais em toda sa uida /86r/ auer door que estar tres oras No purgatorio E he çerto que nom ha comparaçõ do purgatorio ao jnferno. Por jsso dizia Job a *deus*. {*Dimite(te) me ut plangam paululum dolorem meum; antequam uadam et non reuertar ad terram tenebrosam et opertam mortis caligine. Terram miserie et tenebrarum, ubi umbra mortis et nul(l)us ordo, sed senpitermus (h)orror in(h)abitat*}. Senhor *deus* dizia Job dame espaço que eu chore h• pouco minha door ante que vaa *e* ão torne aa terra chea de treeuas E cuberta descurudom de morte terra de mesquijndade *e* de treeuas homde soombra de morte *e* neh•a hordenãça Mes temor sem fim mora.

Capitollo Cxvij das penas do jnferno *e* de mujtas outras doutrinas pera escapar dele.

Em esta auctoridade mostrou Job hua parte das penas do jnferno. Por jsto eu *quero* cada hua pallaura *per* ssy desphoer. E dar logo a •tender este primeiro que he. Senhor leyxame. E *quer* dizer senhor dame tempo *e* lugar de pendença Assy como h• hom• *que* deue h•a gram deujda

a h• *Senhor* que nom pode tam çedo pagar *e* teme de seer metido /86v/ em prisam E demanda espaço Assy diz Job em pessoa de pecador Ca se elle atende ataa despois da morte mais lhe conuem pagar do Çem dobro disto se llee no euangelho de sam matheu. que h• *seruo* deuia a seu senhor dez mill besantes E rrogoulhe por espaço. assy faz Job em pessoa de pecador. Por *que* sabe que sse elle atende ataa aallem da morte mujto lhe conuem pagar E demanda tempo *pera* sse quytar em esta uida *per* pendenza E Por jsto disse. leixame. Mes *por* que demandou elle tempo a *deus* por viuer aa ssua uoontade em esta ujda. Certo nom. Mes por chorar *seus* pecados *e* fazer pendenza Jsto he o que diz Jsayas. {*Recogitabo omnes annos meos in amaritudine anime mee*}. *quer* dizer eu rrecordarey todos *meus* annos em amargura de mjnha aalma E Por jsto como Job ouue dito. leixame. logo disse que eu chore. Assy como se dissesse eu nom quero espaço de ujda *pera* rrijr. Nem *pera* deleitosamente viuer

retraírem de seus pecados, que são tão grandes que, se o homem bem (as) conhecesse, por nenhuma maneira pecaria mortalmente. Porque não há dor que uma pessoa possa sofrer neste mundo nem pensar que não sofresse para escapar às do Inferno. Disto temos exemplo nas vidas dos pais de um mancebo que longamente havia feito penitência e, morando numa cova, foi enganado e quis tudo /85v/ deixar, mas pensou aconselhar-se com um velho que morava perto dele, o qual, ouvida a sua vontade, respondeu: "Ó! se tu soubesses que quejandas são as penas do Inferno, não há tormento nesta vida que tu não sofresses de boamente antes que a menor pena dele. Por isto está escrito no primeiro Livro dos Reis: "{*Dominus deducit ad Inferos et reducit*}". Quer dizer: Deus leva ao Inferno esguardando as penas dele e a quem as faz bem conhecer, dele (o) retrai por penitência. Porque o repreendimento dos pecados guarda do Inferno, segundo diz David no Saltério: "{*Eruisti animam meam ex Inferno inferiori*}". "Senhor Deus, tu livraste por penitência minha alma do profundo Inferno". Isto podemos ver bem por nós mesmos que não entraríamos de boamente num forno quente e não tem comparação do fogo dele ao do Inferno. Por isto diz Santo Agostinho: "{*Domine, hic ure hic seca ut in Inferno parcas*}". "Senhor", diz ele, "aqui me queima, aqui me corta ou atormenta nesta vida (para) que na outra me perdoes". E lemos de S. Gregório que amou mais em toda a sua vida /86r/ ter dor do que estar três horas no Purgatório.

E é certo que não há comparação do Purgatório ao Inferno. Por isso dizia Job a Deus: "{*Dimite(te) me ut plangam paululum dolorem meum; antequam uadam et non reuertar ad terram tenebrosam et opertam mortis caligine. Terram miserie et tenebrarum, ubi umbra mortis et nul(l)us ordo, sed senpitermus (h)orror in(h)abitat*}". "Senhor Deus", dizia Job, "dá-me espaço (para) que eu chore um pouco minha dor antes que vá e não torne à terra cheia de trevas e coberta de escuridão de morte, terra de mesquindade e de trevas onde mora a sombra da morte e nenhuma ordem mas temor sem fim".

Capitulo 117º – Das penas do Inferno e de muitas outras doutrinas para escapar dele.

Nesta autoridade mostrou Job uma parte das penas do Inferno. Por isto eu quero cada uma palavra por si dispor e dar logo a entender esta primeira que é: "Senhor, deixa-me" e quer dizer: "Senhor, dá-me tempo e lugar de penitência." Assim como um homem que deve uma

grande dívida a um senhor, a qual não pode pagar tão cedo, e teme ser metido /86v/ em prisão e demanda espaço, assim diz Job em pessoa de pecador. Porque se ele atende até depois da morte mais lhe convém pagar o dobro de cem. Disto se lê no Evangelho de S. Mateus, que um servo devia a seu senhor dez mil besantes e rogou-lhe por espaço. Assim faz Job em pessoa de pecador. Porque sabe que, se ele atende até além da morte, muito lhe convém pagar e demanda tempo para se quitar nesta vida por penitência e por isto disse: “Deixa-me”. Mas por que pediu ele tempo a Deus? Para viver à sua vontade nesta vida? Decerto que não; mas para chorar seus pecados e fazer penitência. Isto é o que diz Isaías: “{*Recogitabo omnes annos meos in amaritudine anime mee*}”. Quer dizer: “Eu recordarei todos os meus anos em amargura de minha alma”. E, por isto, quando Job acabou de dizer: “Deixa-me”, logo disse: “Que eu chore”, assim como se dissesse: “Eu não quero espaço de vida para rir nem para deleitosamente viver, Mes pera chorar meus pecados Assy como faz • alg•s que quando sam doentes demandam espaço de ujda E nom pera semmendarem. Mes por que amam o m•do e os fallssos deleitos da carne. Estes nom demandam /87r/ dia de pagar Mes espaço de mais seerem obrigados per sua diueda de taaes diz daujd no salteiro {*Declinantes autem in obligatione adducet Dominus cum operantibus iniquitatem, etc.*} Quer dizer aquelles que querem acreçentar em ssuas obliguaç•es trazera deus com os condanados E delles diz Job. {*Deus dedit eis tempus penitencie*}. Deus lhes deu t•po pera fazerem pendenza Mes elles husam mall delle por sua soberua E bem diz que husam mall Ca deus nom da o tenpo aos pecadores senom porque se emmendem Porem quem doutra guisa husa senom em emmendar. sua uida e fazer pendenza mall husa Mes por que os coraç•es daquelles que sofrem os trabalhos da pend•ça nom desesperassem polla graueza da door que lhes cõuem sofrer ataa fim. Aas ((a )) pallauras que dizem que eu chore ajuntou Job h• pouco Por que todo o que homem pode sofrer em esta ujda nom he senõ huu momento em comparaçom das penas do jnferno. E esto sse pode prouar per tres rraz•es. por que a pena do jnferno he mais viua e mais aspera E he sem fim. que ella seia mais viua mostrasse que quando alg• sofre em este mundo per seus pecados. acha mujtos confortos /87v/ Dentro em sua aalma Jsso meesmo o que sofre em estado de penitência he gram prazer aa ssua conçiência de que diz daujd {*Secundum multitudinem dolorum mearum in corde meo, consolaciones tue, etc.*}. Senhor diz daujd em pesoa de penitente Segundo as doores que eu sofrya em a pendenza. sentia eu os confortos da tua graça na alma Mes no jnferno arderom os pecadores de fora e de dentro E deus diz no euangelho que aquello deue hom• a temer que pode matar o corpo e a alma e fazer arder pera senpre. Desy a pena do jnferno sera mais aspera. que todas as penas desta ujda Jsto diz a grosa sobre a epistolla de sam paullo ad coryntios. Aquelle fogo sera mais aspero que quanto homem pode sofrer em este mundo sem comparaçom E santagostinho diz que a door das penas do jnferno sera tam grande que coraçom nom a podera penssar. E passa todollas penas tenporaaes por que he sem fim. de que he scripto no deuteronomio. {*Ignis suc(c)ensus est in furore meo, etc.*}. Quer dizer o fogo do jnferno he açendido na m•ha sanha E ardera sem fim Ora parece que quanto homem sofre fazendo pendenza pouco he. esguardãdo as penas do jnferno Por jsto disse Job leixame /88r/ que eu chore h• pouco E aalem destas palauras de Job se segue. ante que uaa e nom torne. Assy como se dissesse se eu nom choro meus pecados em

esta uida Neçessario he que eu uaa *e* nom torne aas penas do jnferno E como *seria deus* Justo se elle leixasse os pecadores que em este mundo senom quer • ponjr em ho outro sem pena. Ca se diz h• proverbio com • Ou pagar ou pender. E eu digo. ou aquj pagar *per* pendenza Ou no jnferno pender *per* justiça Por que *quem* ão sofre a pena da pendenza conuijrlha sofrer amargrossa ujinguaça. Por jsto disse Job na dicta palaura ante *que* uaa *e* nom torne Este he o *primeiro* tormento das penas do jnferno. Ho departamento dos b•s tenporaaes que tanto sam amados *que* homem leixa sem esperança de mais tornar E este he o jntindimento da palaura Eu me jrey dos b•s tenporaaes *que* tanto amey *e* mais nom tornarey a elles. Por jsto disse Job. *{Qui descendit ad Inferos, non ascendit nec reuertetur ultra domum suam Nec*

*mas para chorar meus pecados*". Assim como fazem alguns que, quando estão doentes, demandam espaço de vida, não para se emendarem, mas porque amam o mundo e os falsos deleites da carne. Estes não demandam /87r/ dia de pagar mas espaço para mais serem obrigados por sua dívida. Destes diz David no Saltério: "*{Declinantes autem in obligatione adducet Dominus cum operantibus iniquitatem, etc.}*". Quer dizer: "Aqueles que querem acrescentar em suas obrigações trará Deus com os condenados". E deles diz Job: "*{Deus dedit eis tempus penitencie}*". "Deus lhes deu tempo para fazerem penitência" mas eles usam mal dele por sua soberba. E bem diz que usam mal, porque Deus não dá o tempo aos pecadores senão para que se emendem. Porém quem de outra maneira (o) usa senão em emendar sua vida e fazer penitência, mal (o) usa. Mas para que os corações daqueles que sofrem os trabalhos da penitência não desesperassem pela gravidade da dor que lhes convém sofrer até ao fim, às palavras que dizem "Que eu chore"ajuntou Job " um pouco".Porque tudo o que o homem pode sofrer nesta vida não é senão um momento em comparação das penas do Inferno.

E isto se pode provar por três razões. Porque a pena do Inferno é mais viva e áspera e não tem fim. Que ela seja mais viva mostra-se que, quando alguém sofre neste mundo por seus pecados, acha muitos confortos /87v/ dentro em sua alma. Isso mesmo o que sofre em estado de penitência e grande prazer para a sua consciência, de que diz David: "*{Secundum multitudinem dolorum mearum in corde meo, consolaciones tue, etc.}*". "Senhor", diz David na pessoa de penitente, "segundo as dores que eu sofria na penitência, sentia eu os confortos da tua graça na alma".

Mas no Inferno arderão os pecadores de fora e de dentro. E Deus diz no Evangelho que a pessoa deve temer aquilo que pode matar o corpo e a alma e fazer arder para sempre. Também a pena do Inferno será mais áspera que todas as penas desta vida. Isto diz a glosa sobre a epístola de S. Paulo aos coríntios: "Aquele fogo será sem comparação mais áspero que quanto (o) homem pode sofrer neste mundo." E Santo Agostinho diz que a dor das penas do Inferno será tão grande que (o) coração não a poderá pensar e ultrapassa todas as penas temporais porque não tem fim. De que está escrito no Deuteronomio: "*{Ignis suc(c)ensus est in furore meo, etc.}*". Quer dizer, "O jogo do Inferno é acendido na minha sanha e arderá sem fim".

Ora parece que quanto (o) homem sofre fazendo penitência pouco é, esguardando as penas do Inferno. Por isto disse Job: "Deixa-me /88r/ que eu chore um pouco." E além destas palavras de Job segue-se: "Antes que vá e não torne", assim como se dissesse: "Se eu não choro

meus pecados nesta vida, necessário é que eu vá e não torne às penas do Inferno.” E como seria Deus justo, se ele deixasse os pecadores que neste mundo se não querem punir no outro sem pena? Porque diz um provérbio comum: “Ou pagar ou pender.” E eu digo: ou aqui pagar por penitência ou no Inferno pender por justiça. Porque quem não sofre a pena da penitência convir-lhe-á sofrer amargosa vingança. Por isto disse Job na dita palavra: “Antes que vá e não torne”.

Este é o primeiro tormento das penas do Inferno: o departamento dos bens temporais que tanto são amados (e) que o homem deixa sem esperança de mais tornar. Este é o entendimento da palavra: “Eu me irei dos bens temporais que tanto amei e não tornarei mais a eles”. Por isto disse Job: “{*Qui descendit ad Inferos, non ascendit nec reuertetur ultra domum suam Nec co(g)no(s)cet eum amplius locus eius*} Quer dizer os que deçendem aos jnfernos nom tornaram mais a suas casas. *scilicet*. aos b•s tenporaes /88v/ Nem conhecerom mais seus luguares Os quaees eram as homrras e as denjidades que possuyam Pois se os condanados aueram tam gram door pollo departamento dos b•s tenporaes e dos ujços e homrras do mundo. Como se podem elles alegrar em estas cousas que lhe sam cajom de tanto trabalho e door E sse em as buscar elles ham afriçom e trabalho. grande nojo sera quando em o dia da neçessidade em logar de proueito sentir• dellas grande empeençimento Por jsto disse ho ecrestastico. quem ama as rriquezas nom auera frujto E segundo homem lee no liuro da sapiençia os danados diram no jnferno des que ouuer• o tardinheiro rreprendimento. {*Quid nobis profuit superbia? Quid diuitiarum iactancia? Ecce iam transierunt uelut umbra*} Que nos ualleo nossa soberua e as guãbanças de nossas rriquezas tudo passou assy como soonbra. h•a glosa diz sobre a <e>pistolla de sãtiago. que nō soamente o foguo do jnferno queymara os danados Mes ajnda a memoria das rriquezas lhes dara tormento. das quaees elles p•ssauõ conprar seus pecados. E braadarom contra ellas /89r/ E diram suas maldades. que elles fezerom buscandoas. Nos somos uossas e feitas per uos Nom uos leixaremos. Jsto diz sam bernardo. E amos o profeta diz que as pedras dos muros e os paaos dos edefiços braadarom contrelles. E nō he marauilha se ouuerem doo. quando as cousas que elles tanto amaram em este mundo forem em seu estoruo Por jsto diz santiago aos ricos choraas as mizquijndades que uos ueem. Ca uossas rriquezas apodreçerom E uossas rroupas seram comestas da traça. vosso ouro e uossa prata he ferrugento O quall sera • testemunho contra uos e comera uossa carne. quer dizer a memoria dellas atormentara uossa carnall conçi•çia E assy se hiron os danados dos b•s tenporaes e mais nom tornarom Hora he de saber se alg• fosse degradado por senpre de sua terra. que mais hi nō podesse tornar. se seria elle sandeu nom levar cõssigo todo o melhor que teuesse. Assy os ricos que bem sabem que na ora da morte sam degradados por senpre deste mundo sam mujto sandeus senom leuom conssigos suas rriquezas. as quaaes sam fazer bem aos pobres que sam assy como someres que leuom as /89v/ rriquezas deste mundo ao paraíso Jsto dezia sam Louremço ao thirano que lhe demandaua os thesouros da jgreia que elle partira pollos pobres. Hos thesouros que tu demandas as m•os dos pobres os leuom ao paraíso E deus disse no euangelho uay e uemde o que as dao aos pobres e aueras thesouro na glloria Disto diz o ecrasiastico a esmolla do homem he assy como h• saco cheo de dinheiro. que a pessoa traz senpre comssiguo. Em fegura destas cousas se lee no Jenjy quando abr•o sayo do egipto elle leuou todos seus b•s comssiguo Mes se assy fosse que alg•

leixasse grandes riquezas e uijços e achasse outras tam grandes e mais Nom deuya seer mujto agrauado Mes nom sera assy E Por jsto quando Job disse leixame *que* eu chore h• pouco ante que vaa e nom torne. logo ajuntou aa terra chea de treeuas Assy como se dissesse os danados nom hiram de uijços a prazeres Mes a mizquijndades e a treeuas Por jsto disse sallamom nos prouerbios a fim dos prazeres deste mundo he choros E bem chamou Job ao jnferno terra que assi como ha terra he firme e estauell assy o jnferno he *perdurauell* E ssem fim E *pera* /90r/ *quy* he entendida a *perpetualidade* das penas dos *perdidos* *que* he h• dos grandes tormentos do jnferno Por que

*co(g)no(s)cet eum amplius locus eius}*”. Quer dizer: "Os que descem aos Infernos não tornarão mais a suas casas", isto é, aos bens temporais /88v/, "nem conhecerão mais seus lugares". Os quais eram as honras e as dignidades que possuíam, pois se os condenados terão tão grande dor pelo departamento dos bens temporais e atractivos e honras do mundo, como se podem eles alegrar nestas cousas que lhes são ocasião de tanto trabalho e dor?

E se, em as buscar eles têm aflição e trabalho, grande nojo será quando no dia da necessidade em lugar de proveito sentirem deles grande impedimento. Por isto disse o Eclesiástico: “ Quem ama as riquezas não terá fruto”. E segundo o homem lê no Livro da sapiência, os condenados dirão no Inferno desde que tiverem o arrependimento tardio: “{*Quid nobis profuit superbia? Quid diuitiarum iactancia? Ecce iam transierunt uelut umbra*}”. "Que nos valeu nossa soberba e as gabanças das nossas riquezas? Tudo passou assim como sombra".

Uma glosa diz sobre a epístola de S.Tiago que, não somente o fogo do Inferno queimará os condenados, mas ainda a memória das riquezas, com as quais eles pensavam comprar seus pecados lhes dará tormento. E bradarão contra elas /89r/ e dirão suas maldades que eles fizeram, buscando-as. "Nós somos vossas e feitas por vós, não vos deixaremos" – isto diz S. Bernardo. E o profeta Amós diz que as pedras dos muros e os paus dos edifícios bradarão contra eles. E não é maravilha se tiverem dó quando as cousas que eles tanto amaram neste mundo forem em seu estorvo. Por isto diz S. Tiago aos ricos: “ Chorai as mesquindades que vos vêm porque vossas riquezas apodrecerão e vossas roupas serão comidas pela traça, vosso ouro e vossa prata enferrujar-se-ão" – O que será em testemunho contra vós e comerá vossa carne, quer dizer, a memória delas atormentará vossa carnal consciência. E, assim, se irão os condenados dos bens temporais e mais não tornarão.

É tempo de saber se alguém fosse degradado para sempre de sua terra, que mais aí não pudesse tornar, se não seria ele sandeu (ao) não levar consigo tudo o melhor que tivesse. Assim os ricos que bem sabem que na hora da morte são degradados para sempre deste mundo são muito sandeus se não levam consigo suas riquezas, os quais são fazer bem aos pobres que são assim como bestas de carga que levam as /89v/ riquezas deste mundo ao Paraíso. Isto dizia S. Lourenço ao tirano que lhe demandava os tesouros da Igreja que ele dividira pelos pobres: “ Os tesouros que tu demandas as mãos dos pobres os levam ao Paraíso”. E Deus disse no Evangelho: “ Vai e vende o que tens e dá-o aos pobres e terás tesouro na glória”. Disto diz o Eclesiástico: “ A esmola do homem é assim como um saco cheio de dinheiro que a pessoa traz sempre consigo”. Em figura destas cousas se lê no Génesis: quando Abraão saiu do Egipto, ele levou

todos os seus bens consigo. Mas se assim fosse que alguém deixasse grandes riquezas e atractivos, e achasse outras tão grandes e mais, não devia ser muito agravado. Mas não será assim. E por isto quando Job disse: “Deixa-me que eu chore um pouco antes que vá e não torne”, logo ajuntou “à terra cheia de trevas”, assim como se dissesse: os condenados não irão de alegrias a prazeres mas a mesquindades e a trevas. Por isto disse Salomão nos Provérbios: “O fim dos prazeres deste mundo é choros”. E bem chamou Job ao Inferno terra, que assim como a terra é firme e estável assim o Inferno é perdurável e sem fim e por /90r/ aqui é entendida a perpetuidade das penas dos condenados que é um dos grandes tormentos do Inferno. Porque quando alg• sofre pena e ha esperamça que em alg• tempo faleçera. elle em sua door alg• pouco se conforta. Mes nom he assy no jnferno E por jssso disse Job em outro lugar as hostes dos perdidos falleçerom E todo socorro sera delles longe. E ssua esperamça sera auorriçimento da alma Assy como o lladram a que leguom os pees e as m•os e assy o metem no carçer. a fim que nom possa escapar Assy seram os danados nas penas E seram segundo diz jsayas juntamente emfeyxados e metidos no espantosso carçer. de que sse llee no euangelho que deus mandara aos anjos no dia do juizo que thirem os danados enfeixados pera os queimar. os soberuos com os soberuos. os •uejosos com os emuejosos E assy de cada hua maneira de pecado Por que seiam semelhantes na pena. os que foram semelhantes na culpa E diz Jsayas que despois de mill anos os perdidos seram ujsitados. Quer dizer que ao dia do juizo tornarom em seus corpos. por que seiam confundodos em presença de todos os anjos e hom•s E diz Jeremjas assy como he confundudo o ladrom /90v/ quando he preso. Assy sera confunduda a mesnada disrraell estes sam os pecadores que ouuerõ fe sem bõas obras que serom atormentados sem fim dos corpos e almas. dos quaaes as almas serom primeiro metidas em carçer jnfernall Desy tornarom os corpos ao dia do juizo e seram hi mjtidos sem mais sayr. segundo diz Jsayas o foguo que os atormentara nom sera ja mais apagado E sseu uerm• Nunca morrera E nom he marauilha se o foguo do jnferno nom pode seer apagado Por que a materea delle sera em gramde abastança E auera hi secura jnfijnda a que se apeguara E uento muy forçosso que o acenda E estas tres cousas fazem bem arder o fogo A Materia ardente sera os corpos e as almas que nom podem morrer A secura sera a culpa dos pecadores Por que todo humor de graça foy em elles seco. Ho uento sera a justiça de deus segundo diz Jsayas. {Parata est ab heri thophet, etc} que tanto quer dizer em linguagem como ualle de jnferno he aparelhado des oontem. scilicet. des o começo do m•do. profundo e marauilhosamente larguo. Hora he /91r/ Certo que o foguo do jnferno ardera sem fim Por jsto he chamado terra na pallaura de Job suso dita. verdade he que alg•s carçeres hi ha que teem freestas per que os que em elle jazem ajam alghua claridade. Mes no jnferno nom he assy. Por jsto lhe chamou Job terra chea de treeuas E sem duujda nom pode auer senom escoreza honde o uerdadeiro soll de justiça que he Jhesu christo nom luze de que diz jsayas. {Non erit matutina lux}. Quer dizer a lumeejra Matinall que he Jhesu christo nom luzira antre elles. Este lhe sera gram torm•to por duas cousas • A Primeira he a de que falla ho ecresiastico homde diz doçe e deleitosa cousa he aos olhos ueer o ssoll. scilicet. Jhesu christo. Pois gram tormento sera perder tall lume como os danados teem pera sempre perdido. Por jsto dizia tobias ao anjo. que prazer posso eu filhar que sam em treeuas e nom uejo o lume do çeeo ••A segunda cousa he



que ueer este lume he tam grande bem que neh • pode seer mayor. Por que he bem perdurauell e assy o disse deus no euangelho de sam Joham. E Job disse que veer sua façe he alegria de coraçom e prazer /91v/ tam grande que homem nom o pode dizer. Pois perder este lume tam gram perda sera que se nom pode comparar que quem a perder perde a uida e o prazer E disto he escripto no exsodo que as treeuas do egipto. *scilicet*. do jnferno sam tam escuras que

quando alguém sofre pena e tem esperança em que algum tempo acabará, ele algum pouco se conforta na sua dor; mas não é assim no Inferno. E, por isso, disse Job em outro lugar: "As hostes dos condenados voltarão e todo o socorro será longe deles e a sua esperança será aborrecimento da alma".

Assim como o ladrão a quem ligam os pés e as mãos e assim o metem no cárcere a fim de que não possa escapar, assim serão os condenados nas penas. E serão, segundo diz Isaías, juntamente enfeixados e metidos no espantoso cárcere, de que se lê no Evangelho que Deus mandará aos anjos no dia do juízo que tirem os condenados enfeixados para os queimar, os soberbos com os soberbos, os invejosos com os invejosos, e assim de cada uma maneira de pecado para que sejam semelhantes na pena os que foram semelhantes na culpa. E diz Isaías que depois de mil anos os condenados serão visitados, quer dizer que no dia do juízo tornarão a seus corpos para que sejam confundidos em presença de todos os anjos e homens. E, diz Jeremias, assim como é confundido o ladrão /90v/ quando é preso, assim será confundida a mesnada de Israel.

Estes são os pecadores que tiveram fé sem boas obras que serão atormentados sem fim (n)os corpos e almas, dos quais as almas serão primeiro metidas em cárcere infernal. Também tornarão os corpos ao dia do juízo e serão aí metidos sem (nunca) mais sair. Segundo diz Isaías, o fogo que os atormentará não será jamais apagado e o seu verme nunca morrerá. E não é maravilha se o fogo do Inferno não pode ser apagado porque a matéria dele existirá em grande abundância e haverá aí secura infinda a que se apegará e o vento muito forçoso que o acenda.

E estas três cousas fazem bem arder o fogo: a matéria ardente será os corpos e as almas que não podem morrer. A secura será a culpa dos pecadores porque todo o humor de graça foi neles seco. O vento será justiça de Deus segundo diz Isaías: "{*Parata est ab heri thophet, etc*}". "Thophet" que tanto quer dizer em linguagem como "vale de Inferno é preparado desde ontem", isto é, desde o começo do mundo profundo e maravilhosamente largo. Ora é /91r/ certo que o fogo do Inferno arderá sem fim, por isto é chamado terra na palavra de Job acima dita.

Verdade é que alguns cárceres aí há que têm frestas para (que) os que nele jazem tenham alguma claridade, mas no Inferno não é assim. Por isto lhe chamou Job terra cheia de trevas. E, sem dúvida, não pode haver senão escuridão onde o verdadeiro sol de justiça, que é Jesus Cristo, não luz, de que diz Isaías: "{*Non erit matutina lux*}". Quer dizer, a lumieira matinal, que é Jesus Cristo, não luzirá entre eles.

Este lhes será (de) grande tormento por duas cousas. A primeira é a de que fala o Eclesiástico onde diz: "Doce e deleitosa cousa é aos olhos ver o sol", isto é, Jesus Cristo pois

grande tormento será perder tal lume como os condenados têm para sempre perdido. Por isso dizia Tobias ao anjo: "Que prazer posso eu ter, pois estou em trevas e não vejo o lume do céu?". A segunda cousa é que ver este lume é tão grande bem que nenhum pode ser maior porque é bem perdurável e assim o disse Deus no Evangelho de S. João. E Job disse que ver sua face é a alegria de coração e prazer /91v/ tão grande que (o) homem não o pode dizer, pois perder este lume será tão grande perda que se não pode comparar que, quem a perder, perde a vida e o prazer. E disto é escrito no Êxodo que as trevas do Egipto, isto é, do inferno, são tão escuras que n•h• as pode prouar E Por mostrar jsto ajuntou Job na pallaura ja dita. que aquello a que elle chamaua jnferno he cuberto descuridade de morte Mes por *que* os pecadores nom cujdases que os danados ão sofriam no jnferno a outra pena senom as treeuas. Disse mais adeante. terra de mizquijndade. Por *mostrar* multidom dos tormentos que em elle sam Mes assy como em grosso Nos poderemos achar tres tormentos que hi ha contra tres cousas que os perdidos amarõ em este mundo Primeiro *contra* a glloria delle. aueram uergonha e cõfusam sem homrra E *contra* os deleitos carnaaes aueram door sem deleitaçom E *contra* o amor das rriquezas auerã pobreza sem abastança.

*Capitollo Cxviii* em que se trauta das sobredictas E de quatro cousas em as quaees a honrra he perfecta.

Que elles ajam uerguonha e confusam sem hõrra he scripto no liuro da sabedoria. {*Erunt decidentes, etc*} Quer dizer cayrom sem homrra e seram /92r/ En confusam antre os mortos pera senpre E podemos aquy notar que homrra he perfeita em iiijº cousas. • A primeira he rreuerença segundo ho estado de cada h• esta perderom elles de todo. que tanto *que* como elles forem aquy em mayor homrra tanto *seram* lla em mayor *profundeza* Por *que* em ssua tenporall homrra nom fezerom senom despreçar *deus*. desto he scripto no *primeiro* liuro dos reis. Aquelles que me despreçõ *seram* sem honrra E no liuro da sabedoria se screpue dos rricos. espantosamente e asinha apareçera aquelle que uos despreçaaes E os poderosos no mundo. poderosamente *seram* atormentados • A segunda cousa em *que* ha honrra he auer abastança de serujdores. Disto *seram* muy falleçidos os comdanados. E diz Jsaias dh• maaoo rrey. {*Construit Dominus baculum inpiorum*} E h• pouco mais adjante. {*Nostri Similis ef(f)ectus est*} Quer dizer *deus* britou o teu maaoo poder E es fecto assy como huu de Nos. Porque assi como Nos. hes sogeito. • A terceira cousa em que jaz homrra he denjdade tenporall Esta perderom os perdidos. Por que aquelles que mall husarom das homrras *serom* lla em muy fea sogeiçom Por jsto diz ho ecrasiastico. /92v/ {*Dominium superborum disperdet Deus*} Quer dizer a Senhora dos soberuos destruyra *deus* E Jsayas diz. {*In die illa uisitauit Dominus super fructum magnifici cordis regis Assur*} Quer dizer no dia do juizo ujsitara *deus* a soberua dos coraç•es poderosos E Por jsto faram como saies se aquy creerem o comsselho de Job que diz. {*Depone magnitudinem tuam absque tribulacione, etc.*} Quer dizer sey homilldoso de tua voontade sem tribullaçom ante que *deus* te humjllde *per* condanaçom. • A quarta cousa em que homrra se mostra he seer em mayor alteza *que* os outros ho que os condanados ão faram Ca elles nom auerom no jnferno cadeira nem almofada molle Disto diz Jsayas dh• maaoo rrey em fegura de luçifell E dos Soberuos *que*

querem abaixar os outros. {*Dixisti, super Astra celi exaltabo solium meum; uerumtamen ad Infernum detraheris, etc.*} Quer dizer tu dizes *per* tua soberua que seras

ninguém pode experimentar. E para mostrar isto acrescentou Job na palavra já dita que aquilo a que ele chamava Inferno é coberto da escuridade da morte, mas, para que os pecadores não cuidassem que os condenados não sofriam no Inferno nenhuma outra pena a não ser as trevas, disse mais adiante "terra de mesquindade" para mostrar (a) multidão dos tormentos que nele existem.

Mas assim como por grosso, nós poderemos achar três tormentos que ali há contra três cousas que os perdidos amaram neste mundo. Primeiro, contra a glória dele terão vergonha e confusão sem honra; e contra os deleites carnis terão dor sem deleitação; e contra o amor das riquezas terão pobreza sem abastança.

Capítulo 118º – Em que se trata das sobreditas (cousas). E de quatro cousas nas quais a honra é perfeita.

Que eles tenham vergonha e confusão sem honra, está escrito no livro da Sabedoria: “{*Erunt decidentes, etc*}”. Quer dizer: “Caírao sem honra” e permanecerão /92r/ em confusão entre os mortos para sempre. E podemos aqui notar que (a) honra é perfeita em quatro cousas.

A primeira é reverência segundo o estado de cada um; esta perderão eles de todo, que tanto quanto eles aqui estiverem em maior honra tanto serão lá em maior profundidade, porque em sua honra temporal nada fizeram a não ser desprezar Deus. Sobre isto está escrito no primeiro livro dos Reis: “Aqueles que me desprezam ficarão sem honra”. E no livro da Sabedoria se escreve dos ricos: “espantosamente e depressa aparecerá aquele que vós desprezais e os poderosos do mundo poderosamente serão atormentados”.

A segunda cousa em que há honra é haver a abastança de servidores. Disto estarão muito falhos os condenados. E diz Isaías de um mau rei: “{*Construit Dominus baculum inpiorum*}”. E um pouco mais adiante: “{*Nostris Similis effectus est*}”. Quer dizer: “Deus triturou o teu mau poder e tornaste-te assim como um de nós, porque, assim como nós, (tu) estás sujeito”.

A terceira cousa em que repousa a honra é a dignidade temporal; esta perderam-na os condenados. Porque aqueles que mal usaram das honras estarão lá em muita feia sujeição. Por isto diz o Eclesiástico: /92v/ “{*Dominium superborum disperdet Deus*}”. Quer dizer: “Deus destruirá a senhoria dos soberbos”. E Isaías diz: “{*In die illa uisitauit Dominus super fructum magnifici cordis regis Assur*}”. Quer dizer: “No dia do júzo, visitará Deus a soberba dos corações poderosos”. E por isto procederão como sages se aqui acreditarem no conselho de Job

que diz: “{*Depone magnitudinem tuam absque tribulacione, etc.*}” Quer dizer: “Sê humilde de tua vontade sem tribulação antes que Deus te humilde por condenação”.

A quarta cousa em que se mostra a honra é estar em maior alteza que os outros – o que os condenados não obterão pois que eles no inferno não terão cadeira nem almofada mole. Disto diz Isaías de um mau rei em figura de Lúcifer e dos soberbos que querem abaixar os outros: “{*Dixisti, super Astra celi exaltabo solium meum; uerumtamen ad Infernum detraheris, etc.*}”. Quer dizer: “Tu dizes por tua soberba que estarás sobre todos Mes nom sera assy. ante seras metido no profundo carçer do jnferno. E Job disse. {*Si a(s)cenderit usque ad celos superbia eius et caput eius nubes tetigerit, casi sterquil(l)ina in fine perdetur*}. Jsto quer dizer Job dos soberuos que nom buscam senom as hōrras /93r/ do mundo E os louuores se tua soberua montasse ataa o çeeo e tua cabeça tocasse as Nuueens. tu emfim serias perdido e assi trilhado como a llama dos caminhos. Por que quanto te mais alleuãtares tanto seras despois mais abaixado no esterco e çugidade do jnferno Assy parece bem que os danados aueram ujleza e confusam.

Capitollo Cxix como os dapnados seram (proues e mezquinhos).

((De))despois desto auerom pobreza sem abastança disto diz sallamom {*Veniet eis quasi viator egestas*}. Pobreza lhe v•ra de todas partes. A quall jaz em tres cousas • A primeira he mingua de dinheiro. Esta he bem no jnferno da que diz daujd no salteiro. {*dormierunt somnum suum, etc.*}. Quer dizer os rricos dormirõ seu sono e acordados nom acharõ alg•a cousa em suas m•os Em jsto mostrou daujd que esta ujda quãto aos rricos nom he mais que h• sonho que assy quamdo alg• sonha que ha mujta rriqueza E quando acorda nom acha nada. assy /93v/ he dos rricos que nehua cousa acham em suas m•os quando sam mortos Porque em sua ujda alg•a cousa nom poserom nas m•os dos pobres.

Capitollo Cxx da pobreza e gram fame que auerã os do jnferno.

A segunda cousa em que jaz pobreza he mingua de vianda que bem acontece que alg•s ham do Pam pera comer e da augua que beuam que nõ sam rricos Mes nom sera assi no jnferno Ca hi auera mingua de todos b•s e muy gram fame e b• se mostra que seja grande que per todo o ouro do mundo nõ se acharia h• bocado de pam nem hua guota daugua assy se lee no auangelho de Sam lucas do rrico farto que ardia no fogo do jnferno. que nõ pode enpetrar deus hua soo gota daugua E que hi aja gram fame he scripto em Isayas honde deus fallou aos danados. {*Servi mei comedent et uos esurietis, etc.*}. Hos meus seruidores disse deus comerõ E uos auerees fame E beuerom E uos auerees Sede Que faram entõ os coytaados que na quareesma nõ pod• jejuar h• soo dia Pella uentuiira seram elles abastados das ujandas de que deus diz per Jeremias. {*Cibabo populum istum felli(s) et potabo eum absinthio*} Quer /94r/dizer darei a este poboo uianda de fell e beuerajem dalosna que he hua erua mui amarguosa Nom sam jsto pesseguos moles nem huuas doces nem nozes espurguadas Mes ajnda sera tenperada aquella amarguosa governança de comer e beuer com o que diz daujd no salteiro. {*Ignis, sulfur et spiritus pró cel(l)arum pars calicis eorum*} Quer dizer fogo e exofre mesturado e espritu de tenpestade sera parte de seu uaso Por

jsto deueriã a auer *grande* medo os que nom buscam em este m•do senom deleitosos uijços A seus corpos.

*Capitollo Cxxj* da mingua da vistidura E de como he necesario *que nos* descubramos aqui *per* verdadeira cõfisom E então seremos cubertos.

acima de todos, mas não será assim, antes serás metido no profundo cárcere do Inferno.” E Job disse: “{*Si a(s)cenderit usque ad celos superbia eius et caput eius nubes tetigerit, casi sterquil(l)ina in fine perdetur*}”. Isto quer dizer Job dos soberbos que não buscam senão as honras /93r/ do mundo e os louvores: “Se tua soberba subisse até ao céu e tua cabeça tocasse as nuvens, tu, enfim, estarias perdido e assim trilhado como a lama dos caminhos; porque quanto mais te alevantares, tanto mais serás, depois, abaixado no esterco e sujidade do Inferno.”

Assim parece bem que os condenados terão vileza e confusão.

Capítulo 119º – Como os condenados serão (pobres e mesquinhos).

Depois disto, terão pobreza sem abastança. Disto diz Salomão: “{*Veniet eis quasi viator egestas*}”. “Pobreza lhe virá de todas as partes”, a qual repousa em três cousas: A primeira é a míngua de dinheiro. Esta existe com abundância no Inferno, da qual David diz no Saltério: “{*dormierunt somnum suum, etc*}”. Quer dizer: “Os ricos dormirão seu sono e, acordados, nada acharão em suas mãos”. Nisto mostrou David que esta vida, quantos aos ricos, não é mais que um sonho que, assim, quando alguém sonha que tem muita riqueza e, quando acorda, nada acha, assim /93v/ é dos ricos que nenhuma coisa acham em suas mãos quando estão mortos, porque em sua vida nenhuma coisa puseram nas mãos dos pobres.

Capítulo 120º – Da pobreza e grande fome que terão os do Inferno.

A segunda cousa em que repousa a pobreza é (a) míngua de vianda pois bem acontece que alguns que não são ricos têm pão para comer e água para beber. Mas não será assim no Inferno, porque aí haverá míngua de todos os bens e fome muito grande. E bem se mostra que seja grande pois que (nem) por todo o ouro do mundo se acharia um bocado de pão ou uma gota de água. No Evangelho de S. Lucas assim se lê do rico farto que ardia no fogo do Inferno que não pôde impetrar de Deus uma só gota de água. E que aí haja grande fome que está escrito no Livro de Isaías onde Deus falou aos condenados: “{*Servi mei comedent et uos esurietis, etc*}”. “Os meus servidores”, disse Deus, “comerão e vós tereis fome; e beberão e vós tereis sede”. Que farão então os coitados que na quaresma não podem jejuar um só dia? Porventura serão eles abastados das viandas de que Deus diz por Jeremias: “{*Cibabo populum istum felli(s) et potabo eum absinthio*}”. Quer /94r/ dizer, “Darei a este povo vianda de fel e beberagem da losna”, que é uma erva muito amargosa. Não são isto pêssegos moles nem uvas doces nem nozes descascadas. Mas ainda será temperada aquela amargosa governança de comer e beber com o que diz David no Saltério: “{*Ignis, sulfur et spiritus pró cel(l)arum pars calicis eorum*}”. Quer dizer: “Fogo e

enxofre misturado e espírito de tempestade será parte de seu vaso". Por isto deveriam ter grande medo os que não buscam este mundo senão deleitosos regalos a seus corpos.

Capítulo 121º – Da mingua da vestidura. E de como é necessário que nos descubramos aqui por (uma) verdadeira confissão e, então, seremos cobertos.

A terceira cousa em que ha pobreza he mingua de ujustedura. Esta sera ally tam grande que Nem de uelhos trapos nom se poderom cobrir. *quer dizer espiritualm•te que* de nehua semelhamça de ujustudes poderom cobrir seus pecados Jsto he o que diz Jsayas. {*Minabit rex Asur captiuitatem Egipti nudam et discalceatam*} Quer dizer o rrey dasur *per que* se entende o diaboo leuara a catiuidade do egipto. *scilicet.* os catiuos do m•do Nua e descal<ç>a. assy como se dissesse os pecados de pensamento e dafeiçom e dobra Pareçerom nos condenados Assy como a carne parece em os Nuus Jsto lhes promete *deus per* nahum o profeta. {*Reuelabo pudenda tua etc.*} /94v/ Eu descobrirey diz *deus* todas tuas çugidades aos olhos de todas as gentes Por jsto seria neçessario e proueitoso que elles se descobrissem aquy *per* uerdadeira confissom. E assy seriã emtom cubertos segundo o comsselho de sam Joham no apocalipse que diz eu te louuo que tu te ujustas de uistiduras brancas por que tua confusam ã pareça Jsto he pura confissam e uertudes Por *que* aquelles sam bem auemturados segundo diz daujd cujos pecados sam emcubertos. {*Beati quorum remis(s)e sunt iniquitates et quorum tecta sunt pec(c)ata*}.

Capitollo Cxxij *que os que* jazem no jnferno ã auerã amjgos no çeeo n• na terra e de como o padre sera contra o filho e o filho contra a madre.

A quarta cousa em que he pobreza he mingua damigos Ca se diz em h• prouerbio. Nom he muy pobre qu• tem b•s amigos Mes disto sam os danados falleçidos Ca nom acham amigo em çeeo nem • terra E *deus* meesmo sera seu ymijgo Ca segundo diz daujd elle lhes fallara em sua yra e em sua sanha os contoruara. {*Tunc loquetur ad eos in ira sua, etc*} Desy todollas criaturas e allementos se conbaterom contre elles E segundo se lee no liuro da sabedoria o padre /95r/ sera contra o filho E o filho contra a madre os *que* foram cajom de seu perdimento segundo diz micheas o profeta. {*Filius contumelliam facit patri et filia consurgit adversus matrem (suam)*} Quer dizer o filho se conbatera com seu padre e a filha com sua madre E aquelles que aquy forem mais amigos seram la em mayor discordia E assy nem alto nem baixo nom acharom acorro segundo diz Jsayas. {*Suspice sursum ecce tenebre ad terram ecce tribulacio*} Jsto he assy como se dissesse nem em çeeo nem em terra ã auerom socorro nem amigos Hee *deus* quem podera •tom *temperar* tam gram pressa Ca segundo diz anselmo de çima sera o juiz queixosso de fundo o jnferno aparelhado Aa deestra os pecados que os acusarom As a sestra os diaabos que os atormentarom E de dentro mordimento da conçiência E de fora o mundo que ardera Assy sera presso o catiuo do pecador.

Capitollo Cxxiij da grande mingua *que* auerã os que jazem no jnferno.

Hora se mostra claramente *que* hi auerã *gram* pobreza segundo as rraz•es ja ditas Por jsto disse Job {*ap(p)rehndet eos quasi aqua inopia*}” E elles aueram tanta pobreza como os rribeiros ham daugua.

*Capitollo Cxxiiij que os tormentos dos dapnados serão tantos que nome nom aueram.*

A terceira cousa em que a pobreza é míngua de vestidura. Esta será ali tão grande que nem de velhos trapos se poderão cobrir, quer dizer espiritualmente, que de nenhuma semelhança de virtudes poderão cobrir seus pecados. Isto é o que diz Isaías: “{*Minabit rex Asur captiuitatem Egipti nudam et discalceatam*}.” Quer dizer, o rei de Assur, pelo qual se entende o Diabo, levará a catividade do Egipto, isto é, os cativos do mundo, nua e descalça, assim como se dissesse os pecados de pensamento e da afeição e de obra aparecerão nos condenados assim como a carne aparece em os nus. Isto lhes promete Deus pelo profeta Naum: “{*Reuelabo pudenda tua etc.*}” /94v/ "Eu descobrirei", diz Deus, "todas as sujidades" aos olhos de todas as gentes. Por isto seria necessário e proveitoso que eles se descobrissem aqui por verdadeira confissão. E, assim, seriam então cobertos, segundo o conselho de S. João no Apocalise que diz: “Eu te louvo que tu te vistas de vestiduras brancas para que tua confusão não apareça”, isto é, pura confissão e virtudes porque, segundo diz David, aqueles cujos pecados são encobertos são bem aventurados: “{*Beati quórum remis(s)e sunt iniquitates et quórum tecta sunt pec(c)ata*}”.

Capítulo 122º – Que os que jazem no Inferno não terão amigos no céu nem na terra e de como o pai será contra o filho e o filho contra a mãe.

A quarta cousa em que há pobreza é (a) falta de amigos, porque se diz num provérbio: “Não é muito pobre quem tem bons amigos”; mas disto são faltos os condenados porque não acham amigo no céu nem na terra e o próprio Deus será seu inimigo, pois, segundo diz David, ele lhes falará em sua ira e na sua sanha os conturbará: “{*Tunc loquetur ad eos in ira sua, etc.*}.” Daí que todas as criaturas e elementos se combaterão contra eles e, segundo se lê no livro da Sabedoria, o pai /95r/ será contra o filho e o filho contra a mãe – os que foram ocasião do seu perdimento, segundo diz o profeta Miquéias: “{*Filius contumelliam facit patri et filia consurgit adversus matrem (suam)*}.” Quer dizer: "O filho se combaterá com o seu pai e a filha com sua mãe”.

E aqueles que aqui forem mais amigos, lá serão em maior discórdia e, sim, nem no alto nem em baixo acharão acorro, segundo diz Isaías: “{*Suspiket sursum ecce tenebre ad terram ecce tribulacio*}”. Isto é assim como se dissesse (que) nem no céu nem na terra terão socorro nem amigos. É Deus quem poderá temperar tão grande pressão, pois, segundo diz (Santo) Anselmo: “De cima, estará o juiz queixoso e, do fundo, o inferno preparado; à direita, os pecados que os acusarão; à esquerda, os diabos que os atormentarão; e de dentro, mordimento de consciência e, de fora, o mundo que arderá”. Assim será oprimido o desgraçado do pecador.

Capítulo 123º – Da grande míngua que terão os que jazem no Inferno.

Agora se mostra claramente que aí haverá grande pobreza, segundo as razões já ditas. Por isto disse Job: “{*ap(p)rehndet eos quasi aqua inopia*}”. E eles terão tanta pobreza como os ribeiros têm de água.

Capítulo 124º – Que os tormentos dos condenados serão tantos que não terão nome.

/95v/ A terceira mezquindade *que* ha no jnferno he perfeita door sem deleitaçom E ajnda que assi seja que em as cousas sobreditas Nom aja senom door. ho padiçim•to dos outros tormentos sera tam grande. que olhos nom o poderõ veer nem orelhas ouujr. Mes em duas cousas podemos bem entender os seus tormentos segundo o *que* diz Job. {*Transibunt ab aquis niuium ad calorem nimium*} Quer dizer de gram frjura passaram a marauilhosa queentura Aquy podemos notar que quentura *e* freura sam *contrairos* por mostrar a graueza de seus tormentos Assy como quando alg• ha gram fryo aas m•os *e* se aqueenta a gram fogo. sente mujto grande door nas hunhas polla natureza contraira do fryo *e* queentura Assy serem os danados em desuairadas penas. que lhe sera mais agro tormento Ca se fossem senpre em h•a. Polla uentura pollo costume lhe pareçera mais ligeira. Por jsto diz daujd. {*Multaflagella peccatoris*}. Os pecadores diz elle auerõ mujtos tormentos. E bem disse mujtos que dh•a parte serem as serpentes *que* os espedaçaram segundo diz ho ecesiastico. {*Cum moritur pec(c)ator hereditabit serpentes et bestias et uermes*}. Quer dizer quãdo morrer o pecador auera *per* herdade serpentes *e* bestas *e* uerm•s *que* os queimarõ sem fim Segundo diz Jsayas. /96r/ {*Subter uestem tineas et operimentum tuum erunt uermes*} Quer dizer de fundo auerõ traça em lugar de folguança *e* de çima outros uerm•s em uez de cobertura. dura sera tall cama. Haa doçe Jhesu christo que farõ aquelles que nõ podem sofrer maa cama hua soo noite nem que hua pulgua os morda Quando ally nom auera sentido no homem que nõ seja atormentado aallem de mesura Primeiramente os olhos que tanto se deleitarõ em esguardar os fremosos rrostros das *creaturas*. veram as espantossas faces dos diaabos *e* daquelles que cõ elles ardem. Jsto he o que diz Jsayas. {*Unusquisque ad proximum suum stupebit facies combuste uultus eorum*}. Desy as orelhas que de boa uoomtade ouuirõ as maas pallauras çujas *e* u•s *e* de detrauço *e* ouujrom os espantosos braados segundo diz sophonjas o profeta {*Erit clamor ad portam piscium et ululatus ad secundam*} Clamor *e* braados diz elle sera des a porta dos pexes. que he assy como a entrada das penas honde elles assy como pexes sam filhados. ataa a seg•da *que* he sem fim. Desy os narizes *que* se deleitarom em os odores nom sentirõ senom fedor segundo diz Jsayas. {*Erit per suauem odorem, fetor*} Quer dizer por doçe /96v/ cheiro auerom fedor. E a lingua *que* os b•s bocados emgulio. sentira muy gram fame segundo de çima he dito Disto he scripto no euangelho de sam luca. {*Ve qui satiati estis, quia esurietis*} Quer dizer a uos que auees uossos desarrazoados enchim•tos sera confusom de fame *e* de condanaçom Cada h• membro segundo o *que* auera pecado assi sintira o tormento. Disto diz Jsayas. {*Torsiones et dolores tenebunt eos ut parturiens dolebit*} Quer dizer tormentos *e* doores terram os danados *e* assi se doerõ como molheres que parem Assy como se dissesse *e* de dentro *e* de fora sentirõ muitas doores de dentro pollos pecados emcubertos E de fora pollos praçeres Em esta maneira



todos seus sentidos serem atormentados. E quem mesfforça a dizer suas penas. Cãdo daujd as nom pode dizer honde disse no salteiro. {*Pluet super pec(c)atores laqueos, ignis, sulfur et spiritus procel(l)arum pars calicis eorum*}. Quer dizer chouera sobre os pecadores laços de fogo e exofre e espiritos de tenpestade serem parte de seu calez. *scilicet*. de seus tormentos.

/95v/A terceira desgraça que há no Inferno é dor completa sem deleitação. E ainda que assim seja, que nas cousa sobreditas não haja senão dor, o padecimento dos outros tormentos será tão grande que olhos não o poderão ver nem orelhas ouvir. Mas em duas cousas podemos bem entender os seus tormentos, segundo o que diz Job: “{*Transibunt ab aquis niuium ad calorem nimium*}”. Quer dizer: “De grande friúra passarão a maravilhosa quentura”. Aqui podemos notar que quentura e friura são contrários para mostrar a graveza dos seus tormentos. Assim como quando alguém tem grande frio às mãos e se aquece a grande fogo sente muito grande dor nas unhas pela natureza contrária do frio e quentura, assim serão os condenados em desvairadas penas, pois lhe será mais acerbo (o) tormento. Porque se sofressem sempre uma só pena, por ventura pela acostumação lhes parceria mais leve. Por isto diz David: “{*Multaflagella peccatoris*}<sup>146</sup>”. Os pecadores, diz ele, terão muitos tormentos. E bem disse “muitos”, pois de uma parte serão as serpentes que os espedaçarão, segundo diz o Eclesiástico: “{*Cum moritur pec(c)ator hereditabit serpentes et bestias et uermes*}.” Quer dizer: “Quando morrer, o pecador terá por herança serpentes e bestas e vermes que os queimarão sem fim”, segundo diz Isaías /96r/: “{*Subter uestem tinea et operimentum tuum erunt uermes*}”. Quer dizer, do fundo terão traça em lugar de descanso e de cima outros vermes em vez de cobertura. Dura será tal cama!

Ah! Doce Jesus Cristo, que farão aqueles que não podem sofrer má cama uma só noite nem que uma pulga os morda? Quando ali não haverá no homem sentido que não seja atormentado além da razão. Primeiramente, os olhos, que tanto se deleitaram em esguardar os formosos rostos das criaturas, verão as espantosas caras dos diabos e daqueles que com eles ardem. Isto é o que diz Isaías: “{*Unusquisque ad proximum suum stupebit facies conbuste uultus eorum*}”. Depois, as orelhas, que de boa vontade ouviram as más palavras sujas e vãs e de detracção, ouvirão os espantosos brados, segundo diz o profeta Sofonias: “{*Erit clamor ad portam piscium et ululatus ad secundam*}.” Clamor e brados, diz ele, será desde a porta dos peixes, que é assim como a entrada das penas, onde eles, assim como peixes são apanhados, até à segunda que não tem fim. Depois, os narizes, que se deleitaram com os odores, não sentirão senão fedor, segundo diz Isaías: “{*Erit per suauem odorem, fetor*}”. Quer dizer, por doce /96v/ cheiro terão fedor. E a língua, que os bons bocados engoliu, sentirá a fome muito grande, segundo acima se disse. Disto está escrito no Evangelho de S. Lucas: “{*Ve qui saciati estis, quia esurietis*}”. Quer dizer: “Para vós que tendes os vossos desarrazoados enchimentos, haverá confusão de fome e condenação”. Cada membro, segundo o que terá pecado, assim sentirá o tormento. Disto diz Isaías: “{*Torsiones et dolores tenebunt eos ut parturiens doleant*}”. Quer dizer: “Tormentos e dores aterrorizarão os condenados e assim (estes) se doerão como mulheres

---

<sup>146</sup> O Códice regista fragella.

que parem”, assim como se dissesse “e de dentro e de fora sentirão muitas dores”: de dentro, pelos pecados encobertos, e de fora, pelos prazeres. Desta maneira todos os seus sentidos serão atormentados. E quem me obriga a dizer suas penas quando David as não pode dizer onde disse no Saltério: “*{Pluet super pec(c)atores laqueos, ignis, sulfur et spiritus procel(l)arum pars calicis eorum}*.” Quer dizer: “Choverá sobre os pecadores, laços de fogo e enxofre e espírito de tempestade e serão parte do seu cálice, isto é, dos seus tormentos”.

E o que diz chouera mostra auondança das penas. que assy como a chuiua deseende sem conto. Assy seram /97r/ sem Nome os torm•tos dos condanados E em o que diz laços mostra que seram assy leguados que ja mais Nom poderõ sayr E homde diz foguo da a emtender a graueza da pena que nom pode seer mayor que de foguo E Por que o foguo arde mais forçosamente com a mestura dexofre e fede. Por jsto lho juntou E Por que o foguo em quanto traz materia dexofre nom se pode apagar. Dessy Espritu da tenpestade. E Por que nom creamos que em jsto he toda sua pena diz em a fim que he parte de seu tormento Hoo benino Jhesu quejando sera o todo se tall he a parte Por que • o jnferno auera uilleza e confusam sem homrra. Pobreza sem abastança. Door sem conssollaçom. He bem chamado na pallaura de job suso dita. terra mizqujnha. pollas miserias que em ella sam Assy como he dito.

Capitollo Cxxv que por grã pena e torm•to que hom• sofra no jnferno nõ por• tornara a estado de graça.

Mas por tirar a duujda que homem nom cuidasse que aquella pena lhes fosse pendença e per ella ouuessem de tornar a estado de graça. Diz Job na palaura suso dicta terra de treeuas. Quer dizer segundo as grosas que Por pena que homem sofra nom pode tornar a estado gracioso Assi como faz em esta ujdá per /97v/ pendença Ca des que homem he no jnferno nom se pode rretraer. segundo diz Job *{In Inferno nulla est redencio}* Ante a sentença dada pode homem afaaguar o juiz ou per peita ou per rroguo Mes despois nom. Assi em quanto homem he em esta ujdá Pode apaçificar o alto juiz deus per uerdadeira pendença e rreprendimento. Ca nosso juizo nom he ãte da morte Mes despois honde nom ha mester peita n• rroguo E Por jsto chamou bem Job ao jnferno terra mjzqujnha e de treeuas Por mostrar que nom ha hi n• pode auer lume de graça E Por jsto disse São agostinho que em ballde choram os perdidos seus pecados Ca ja mais nom auerõ perdom. Por jsto lhes seria b• chorar em este mundo. Desy quãdo Job disse que o jnferno era terra mezqujnha e de treeuas logo disse honde ha s•bra de morte A ssoonbra ha semelhamça da cousa que a faz e nõ he ella meesma. Assy a pena do jnferno ha semelhamça de morte. Pollo padiçim•to da pena. Pero nom he morte Ca homem nom pode hi morrer Por jsto disse Job. *{Deuorabit eos ignis qui non suc(c)enditur et non consumetur}*. Quer dizer o foguo perdurauell os queimara E nom poderom desfalleçer. Assi como a erua que homem segua e a llaa que trosquya /98r/ de sobre as ouelhas rrecreçe e se torna a seguar e trosqujar. Assy segundo diz daujd sera no jnferno dos pecadores A morte os comera e cada dia tornarom nouos e frescos aas penas *{Sicut oues in Inferno positi sunt, mors depascit eos}* Entom sera morte sem morte e mingua sem mingua Ca uyuerõ morrendo e morrerõ ujuendo Disto diz sam bernardo Hoo morte

como tu *serias* alli doce. A quem em o mundo foste tam amarguosa Aquelles te deseiarom *que* em o mundo te desamarom Destes diz o apocalipse Elles buscarom a morte *e* nom a poderom *auer*. Disto diz santo agostinho { *Cuius uita mortua fuit in culpa, mors ei uiuet in pena* } Quer dizer. aquelles a que a uida *per* pecado foy morte A morte lhe viuera em pena

E o que diz choverá mostra abundância das penas, pois que, assim como a chuva desce sem conto, assim serão /97r/ sem nome os tormentos dos condenados. E no que diz “laços” mostra que serão assim ligados que jamais poderão sair. E onde diz “fogo” dá a entender a graveza da pena que não pode ser maior que a do fogo e porque o fogo arde mais vigorosamente com a mistura de enxofre e fede. Por isto lho juntou e porque o fogo enquanto traz matéria de enxofre não se pode apagar. Daí (o) espírito de tempestade. E para que não acreditemos que nisto é toda a sua pena, diz no fim que é parte do seu tormento.

Ó benigno Jesus, quejando será o todo se assim é a parte? Porque no inferno haverá vileza e confusão sem honra, pobreza sem abastança, dor sem consolação. Bem se expressou na palavra de Job acima dita “terra mesquinha” pelas misérias que nela existem assim como se disse.

Capítulo 125º – Que por grande pena e tormento que a pessoa sofra no Inferno não voltará, porém, a estado de graça.

Mas para tirar a dúvida de que (a) pessoa não cuidasse que aquela pena lhes fosse (de) penitência e por ele houvessem de voltar a estado de graça, diz Job na palavra acima dita “terra de trevas”, quer dizer, segundo as glosas, que por pena que (a) pessoa sofra, não pode tornar a estado gracioso, assim como faz nesta vida por /97v/ penitência, porque desde que (a) pessoa está no Inferno não se pode retirar, segundo diz Job: “{ *In Inferno nulla est redencio* }”.

Antes da sentença dada pode a pessoa atrair o juiz ou por peita ou por rogo, mas depois não. Assim enquanto a pessoa está nesta vida pode apaziguar o alto juiz, Deus, por verdadeira penitência e arrependimento porque o nosso julgamento não é antes da morte, mas depois, onde não há necessidade de peita ou rogo. E por isto bem chamou Job ao Inferno terra mesquinha e de trevas para mostrar que não há aí nem pode haver lume de graça. E, por isto, disse Santo Agostinho que embalde choram os perdidos seus pecados, porque jamais terão perdão. Por isto lhes seria bom chorar neste mundo.

Daí que quando Job disse que o Inferno era terra mesquinha e de trevas, logo disse “onde há sombra de morte”. A sombra tem semelhança da cousa que a faz e não é ela mesma. Assim, a pena do Inferno tem semelhança da morte pelo padecimento da pena, mas não é morte porque o homem não pode aí morrer. Por isto disse Job: “{ *Deuorabit eos ignis qui non suc(c)enditur et non consumetur* }”. Quer dizer, “ fogo perdurável os queimará e não poderão desfalecer”. Assim como a erva que o homem sega e a lã que tosquia /98r/ de sobre as ovelhas, recresce e se torna a segar e tosquiar, assim, segundo diz David, será no Inferno dos pecadores. A morte os comerá e cada dia voltarão novos e frescos às penas. “{ *Sicut oues in Inferno positi*

*sunt, mors depascit eos}*”. Então será morte sem morte e minguia sem minguia, pois que viverão, morrendo, e morrerão, vivendo. Disto, diz S. Bernardo: “ Ó morte, como tu serias ali doce para quem no mundo foste tão amargosa. Desejar-te-iam aqueles que no mundo te desamariam”. Destes diz o Apocalipse: “ Eles buscarão a morte e não a poderão ter”. Disto diz Santo Agostinho: “{*Cuius uita mortua fuit in culpa, mors ei uiuet in pena*}”. Quer dizer: "Aqueles a quem a vida pelo pecado foi morte, a morte lhe viverá em pena”.

*Capitollo Cxxvj que o jnferno he terra de treeuas onde nehua hordenança he.*

Mes por que homem nom cuidasse por jsto *que* no foguo do jnferno auia alguma claridade *per* que os danados uissem seus jmijgos em os tormentos de que ouuessem alguu prazer ajuntou Job aas pallauras ditas que he terra de treeuas honde nehua hordem ha.

*Capitollo Cxxvij que en comparaçõ do pecado ha hordem no jnferno.*

/98v/ Ora parece seer contrairo ao que diz o liuro da sabedoria. {*Omnia ordine, pondere et numero disposuisti*} Senhor *deus* disse elle vos auees todollas cousas fectas em conto peso *e* hordem. Pois como pode seer que ho jnferno que *deus* fez nõ seia bem hordenado. A jsto rrespondem as grosas. Que em hua maneira auera hi hordenança *e* em outra Nom. Hi auera comparaçom da pena ao pecado. Ca polla pena rrespomdera o pecado em mujtas maneiras. A Primeira em conto Ca por cada h• pecado de pallaura de penssamento *e* de feito *serã* punjdos. Disto diz Job. {*Luet omnia que fecit*} Elle comparara todo o que fez. E sam paullo diz que a sanha *e* ujinguaça de *deus* sera abertamente sobre cada h• pecado dos perdidos. Elle nom diz sobre cada h• pecador. Mes sobre cada h• pecado. Ca assi como n•h• bem pode seer sem guallardom Assi nom passara mall sem pena. Jsto he o que diz sallamom. *Deus* trara todas as cousas ao juizo seiam boas ou m•s Ajnda auera hordem no jnferno em esta maneira que os nenbros que mais pecarom. De mayor pena /99r/ seram ponjdos de que se lee no euangelho que o rrico guoloso foy mais atormentado em sua lingua Desy auera hi hordem segundo a *quallidade* dos pecados. Ca os luxuriosos que ouuerõ mayor ardor *e* fedorento no coraçom em sa ujda serom atormentados de fedor *e* dardor E assy a cada h• pecado rrespondera a pena. Ajnda hi auera hordem segundo a cantidade das penas de *que* he *scripto* no liuro da sabedoria que os poderosos seram poderosamente atormentados. E jsto he o que diz o apocalise. {*Quantum extulit se et in delicus fuit, etc*} Quer dizer. quanto elle ouue mais gloria *e* ujços em este mundo. Tanto lhe seram dados mais chorosos tormentos Assy como o foguo materiall *queima* com maior trabalho os booscos uerdes *que* os secos assy no jnferno segundo a uerdura ou secura dos pecados ardera cada h• mais ou menos E diz o auengelho de sam lucas. {*In qua mensura mensi fueritis, etc*} Quer dizer assy como uos medirdes os deleitos a uos meesmos Assy uos seram medidas as penas. E assy em comparaçom de pecado ha hordem no jnferno.

*Capitollo Cxxviii que os elamentos nõ teram dereyta hordem de natureza no jnferno.*

/99v/ Mes em esto falleçera hordenança *que* os elamentos nom terram a direita hordem de natureza Ca o foguo cuja *propriadade* he arder *e* luzir ardera *e* nom luzira E jsto fara *deus* assy

como fizeram os ricos que dam ha carne aos hom•s e os hossos aos caaes E jsto he o que diz daujd. {*Vox Domini intercide(ntis) flam(m)am ignis*} A pallaura de deus departira a chama do foguo Natureza da chama he quanto mayor. tanto mais luz Mas no jnferno quãto mayor he menos luzira. Porque a claridade sera departida da qu•tura. A claridade auerõ os saluos e ho ardor os condenados Assy despoem sã çipriam a pallaura de daujd suso dita.

Capítulo 126º – Que o inferno é terra de trevas onde nenhuma ordenança há.

Mas para que (o) homem não cuidasse por isto que no fogo do inferno havia alguma claridade para que os condenados vissem seus inimigos nos tormentos, de que tivessem algum prazer, ajuntou Job às palavras ditas que é terra de trevas onde nenhuma ordem há.

Capítulo 127º – Que em comparação (com) o pecado, há ordem no Inferno. /98v/

Ora parece ser contrário ao que diz o livro da Sabedoria: “ {*Omnia ordine, pondere et numero disposuisti*}”. "Senhor Deus", disse ele, "Vós fizestes todas as cousas em conta, peso e ordem". Pois como pode ser que o Inferno que Deus fez não seja bem ordenado? A isto respondem as glosas: Que de uma maneira aí haverá ordem e em outra não. Aí haverá comparação da pena ao pecado que pela pena responderá o pecado de muitas maneiras. A primeira, em conta, porque por cada pecado de palavra, de pensamento e de acção serão punidos. Disto diz Job: “{*Luet omnia que fecit*}”. Ele comparará tudo o que fez. E S. Paulo diz que a sanha e vingança de Deus serão abertamente sobre cada pecado dos condenados. Ele não diz sobre cada pecador, mas sobre cada pecado. Porque assim como nenhum bem pode existir sem galardão, assim nenhum mal passará sem pena. Isto é o que diz Salomão: "Deus trará todas as cousas a juízo sejam boas ou más".

Ainda haverá ordem no Inferno desta maneira: Que os membros que mais pecaram, de maior pena /99r/ serão punidos, de que se lê no Evangelho que o rico guloso foi mais atormentado em sua língua. Também haverá aí ordem segundo a qualidade dos pecados porque os luxuriosos que tiveram ardor maior e fedorento no coração (durante) a sua vida serão atormentados por fedor e ardor. E assim a cada pecado corresponderá a pena. Ainda haverá ordem segundo a quantidade das penas do que é escrito no livro da Sabedoria que os poderosos serão poderosamente atormentados. E isto é o que diz o Apocalipse: “{*Quantum extulit se et in delicus fuit, etc*}”. Quer dizer: "Quanto mais glória e mimos ele houve neste mundo, tanto mais chorosos tormentos lhe serão dados". Assim como o fogo material queima com maior trabalho os bosques verdes do que os secos, assim no Inferno, segundo a verdura ou secura dos pecados, arderá cada um mais ou menos. E diz o Evangelho de S. Lucas: “{*In qua mensura mensi fueritis, etc*}”. Quer dizer: "Assim como vós medirdes os deleites a vós mesmos, assim vos serão medidas as penas".

E, assim, em comparação de pecado haverá ordem no Inferno.

Capítulo 128º – Que os elementos não terão perfeita ordem de natureza no Inferno. /99v/

Mas nisto faltará ordem: que os elementos não terão a perfeita ordem de natureza, porque o fogo, cuja propriedade é arder e luzir, arderá e não luzirá. E isto fará Deus assim como fizeram os ricos que dão a carne aos homens e os ossos aos cães. E isto é o que diz David: “{*Vox Domini intercide(ntis) flam(m)am ignis*}”. A palavra de Deus separará a chama do fogo. A natureza da chama é quanto maior, tanto mais luz. Mas no Inferno, quanto maior é, menos luzirá, porque a claridade será separada da quentura. A claridade tê-la-ão os bem-aventurados, e o ardor, os condenados. Assim dispõe S. Cipriano a palavra de David acima dita.

*Capitollo Cxxix* que os dñados ueeram os *que* som saluos E aueram enueja *contra deus* E *contra seus* santos E a prouar esto se podem asijnar oyto rrez•es.

Por thirar a duujda que os danados nom ouuess• *esperança* aynda que v• fosse descapar aas penas suso ditas. Disse Job em fim de sua pallaura que em o jnferno mora themor sem fim. horror *propriamente* fallando he temor de mall que ha de v•r Ca segundo o que dizem as grosas hos danados nom auerõ alg•a *esperança* que suas penas possam auer temor /100r/ Por jssso disse Job *propriamente* que temor mora dentro. *scilicet*. nas conçienças dos perdidos de *que* sse lee nos prouerbios {*Mortuo inpio homine non erit ultra spes*} Quer dizer despois que o pecador he morto nom ha mais *esperança* E toda a sua atenda pereçera Que *esperança* poderiam elles auer descapar Ca seram tam cheos denuēja. que nõ poderõ deseiar a gloria do paraíso auendo emueja dos santos que em ella sam. Por que a fim que elles ajam mayor tormento veerom os *que* sam saluos E que assy seia que todos os pecados seiam partidos despois da morte Assy como soberua luxuria gulla E os outros pecados que trazem alg•a deleitaçom Aquelles soamente em que nom ha senom door e tormento ficarom senpre cõ elles. Jsto diz sam çipriam sobre a epistolla de sam paulo. {*ad gallatas*} Acerca da fim della Por jsto diz o profeta que elles desçendem em o jnferno com suas armas. que he enueja de que elles foram armados. cõtra os b•s em esta ujda. E assy diz a glosa sobre a palaura suso dita que os danados auerom emueja *contra deus e contra seus* santos E Por jsto neh•a *esperança* poderõ auer descapar. E a prouar jsto se podem aijnar oito rraz•es.

*Capitollo Cxxx* da primeira rrezom E de como se a madre de *deus* fosse no jnferno ele a nõ tiraria.

/100v/ A primeira he a misericordia e piedade de nosso *Senhor* que de todo em todo sera delles alonguada Porque *quando* o ladrom vee que o seu juiz he em alghua parte piadoso e benyno *esperança* tem descapar. Mes nom sera assy no jnferno Ca como a misericordia de *deus* ffoy muito grande ante do juizo Assy conuem *que* a justiça seia muy forte despois delle. Que se sua madre fosse danada no jnferno elle nom a tiraria. Pois menos thirara h• outro pecador A tall *esperança* podem chamar fiuza sandia Por jsto disse o acresiastico. {*Ne dicas misericórdia et ( multitudinis) pec(c)atorum meorum miserebitur, misericórdia enim ira ab ipso proximat*} Quer dizer oo tu pecador nõ digas a misericordia de *deus* he muj grande e auera piadade de mim que tam acerca he delle a hira como a merçee A merçee ante do juizo E a hira despois A qual sera senpre com os pecadores segundo diz o ecrasiastico {*Et in pec (c)atores respicit ira eius, etc.* }.

Capitolo Cxxxj da segunda rezom E de como se algu• teuese tanto bem fecto como o maior santo do paraíso e morese em pecado mortal s• fim seria dapnado.

• A segunda sera destruído de todollos b•s que os danados fizeram Por que nom possam auer /101r/ fiamça. Por que quando alguu faz cortesia ou serujço a seu juiz E despois caae em caso de merecimento de morte. senpre tem esperança no bem que fez. que aquelle juiz lhe seja fauorell a escapar Mes nom sera assy no jnferno. Ca se alg• teuer tanto bem fecto como o

Capítulo 129º – Que os condenados verão os que são salvos e terão inveja contra Deus e contra (os) seus santos. E a provar isto se podem apontar oito razões.

Para tirar a dúvida (de) que os condenados não tivessem a esperança, ainda que vã fosse, de escapar às penas supraditas, disse Job no fim do seu discurso que no Inferno mora temor sem fim. Horror, propriamente falando, é temor de mal que há-de vir porque, segundo dizem as glosas, os condenados não terão alguma esperança (de) que suas penas possam ter temor. /100r/ Por isso, disse Job com propriedade que (o) temor mora dentro, isto é, nas consciências dos condenados, de que se lê nos Provérbios: “ {*Mortuo in pio homine non erit ultra spes*}”. Quer dizer: Depois que o pecador morreu, não há mais esperança e toda a sua expectativa perecerá. Que esperança poderiam ter eles de escapar? Pois serão tão cheios de inveja que não poderão desejar a glória do Paraíso, tendo inveja dos santos que nela estão, porque, a fim de que tenham maior tormento, verão os que são bem-aventurados.

E que assim seja. Que todos os pecados partam depois da morte, como a soberba, luxúria, gula e os outros pecados que trazem alguma deleitação. Só ficarão sempre com eles aqueles (pecados) em que há, apenas, dor e tormento. Isto diz S. Cipriano sobre a Epístola de S. Paulo aos Gálatas acerca do fim dela. Por isto diz o profeta que eles descem ao Inferno com suas armas, que é (a) inveja de que eles foram armados contra os bons nesta vida. E assim diz a glosa sobre a palavra supradita que os condenados terão inveja contra Deus e contra seus santos. E por isto nenhuma esperança podem ter de escapar. E a provar isto se podem apontar oito razões.

Capítulo 130º – Da primeira razão. E de como se a Mãe de Deus estivesse no Inferno, Ele (o Filho de Deus, Jesus Cristo) a não tiraria. /100v/

A primeira é a misericórdia e piedade de nosso Senhor que de todo em todo será deles afastada, porque quando o ladrão vê que o seu juiz é, em alguma parte, piedoso e benigno, tem esperança de escapar. Mas não será, assim, no Inferno, porque como a misericórdia de Deus foi muito grande antes do juízo, assim convém que a justiça seja muito forte depois dele. Que se sua Mãe estivesse condenada no Inferno, Ele não a tiraria, pois menos tirará outro pecador. A tal esperança podem chamar confiança sandia. Por isto disse o Eclesiástico: “{*Ne dicas misericórdia et ( multitudinis) pec(c)atorum meorum miserebitur, misericordia enim ira ab ipso proximat*}”. Quer dizer: ” Ó tu, pecador, não digas: a misericórdia de Deus é muito grande e terá pena de mim, que tão perto dele está a ira como a mercê”. A mercê, antes do juízo, e a ira, depois, a qual estará sempre com os pecadores, segundo diz o Eclesiástico: “{*Et in pec (c)atores respicit ira eius,etc.*}”.

Capítulo 131º – Da segunda razão. E de como se alguém tivesse feito tanto bem como o maior Santo do Paraíso e morresse em pecado mortal, seria condenado eternamente.

A segunda será (a) destruição de todos os bens que os condenados fizeram para que não possam ter /101r/ confiança. Porque quando alguém faz cortesia ou serviço a seu juiz e depois cai em caso de merecimento de morte, sempre tem esperança no bem que fez (e) que aquele juiz lhe seja favorável em escapar (à morte). Mas não será assim no Inferno, pois que se alguém tiver feito tanto bem como o maior santo do paraíso e morresse em h• pecado mortall Assy seria sem fim no jnferno como deus he no paraíso. Isto se lee em ezechiell profeta. {Cum auerterit se iustus a iusticia sua, et fecerit iniquitatem, etc} quer dizer sse ho justo se torna a fazer pecados todas suas justiças e b•s serem esquecidas.

Capitollo Cxxxij da terceira rrezom E de como se todos os (sanctos) chorando (rrogassem depois) do juizo por h• dapnado nam seriam de deus ouujdos.

A terceira rrazom he mingua damigos E aynda que os hi ouuessem nom poderiam ualler. Ca se o ladrom sente que ha alg• b• amigo na corte Elle tem esperãça descapar Assy per uentura podera seer. que alg• danado por que foy em rromaria a santiaguio. ou a alg• outro santo. auera esperança daver per elles alg• rremedio Mes nom sera nada. Ca todos os santos seram assi acordados na justiça de deus. que neh• delles poderia ualler. a poder liurar seu padre ou madre depois do juizo Pois menos farõ /101v/ por nehuu outro Por jsto diz Jsayas em pessoa de cada huu perdido {Factus sum in rapinam et non est qui eruat, etc} Quer dizer eu sam dado aas m•os de meus jmijgos E nõ he quem me liure nem quem digua daae. scilicet. quem rroque por mim. Mes ajnda mais he que se todos os santos do paraíso rrogassem em gíolhos e chorando depois do juizo Por h• danado nom seriam de deus ouujdos. Por jsto disse elle a jheremias. {Nolli orare per popul (l) o isto Nec as(s)umas pró eo laudem quia non exaudiam te, etc} Nom me rroques pollos perdidos que te nom ouujrey.

Capitollo Cxxxiiij da quarta rrezom que peita nem rriqueza nom aproueitaria pera jnpetrarem h•a soo ora de folgança.

A quarta rrazom he que dões Nem promessas nom ualleram por que quando alg• rrico faz mall tem esperan<ç> em sseu auer Ca mujtas uezes per d•es se mudam os juizes Mes ally nom. Ca se h• danado ouuesse ho auer de tres mundos E o desse todo a deus por ssy. nom enpetraria h•a soo ora de folgança. Isto he bem scripto nos prouerbios. “{Non acquiescet /102 r/ cuis quam precibus nec ac (c)ipiet per reden (p) tione dona multa} deus diz elle nem por rroguos nem dões nom se uendera E Job diz. {Non credet er(r)ore deceptus qui aliquo precio redimendus sit} ho pecador condanado nom creera que per alg• preço pode seer conprado.

Capitollo Cxxxiiij da quinta rrezom que çiência n• sofismas nem fremosos falamentos que alegados fosem per h• dapnado nom seria poderosos de fazer cõ o juiz que os liurase.



A (quinta) rrazom *per* que homem pode auer esperança descapar he çiência de bem fallar ou sutileza. assi como os saies uoguardos que *per* seu engenho fazem. que aquelles que deuiã perder guaançom Mes ally nom sera assy Ca segundo diz sam geronjmo se aristotelles com todas suas sofismas e çiphiom com todas suas leix e todollos fremossos fallamentos que forõ se alli juntassem e alleguassem por h• danado nom seriam poderosos de fazer com o juiz que ho liurasse.

maior Santo do Paraíso e morresse em pecado mortal, assim ficaria eternamente no Inferno como Deus está no Paraíso. Isto se lê no Profeta Ezequiel: “{*Cum auerterit se iustus a iusticia sua, et fecerit iniquitatem, etc*}”. Quer dizer: "Se o justo volta a fazer pecados, todas as suas justiças e bens serão esquecidos."

Capítulo 132º – Da terceira razão. E de como se todos os (santos), chorando, (rogassem depois) do juízo por um condenado, não seriam ouvidos de Deus.

A terceira razão é a míngua de amigos, e, ainda que os tivessem aí, não (lhe) poderiam valer. Com efeito, se o ladrão sente que tem algum bom amigo na corte, tem ele esperança de escapar. Assim, porventura, poderá ser algum condenado porque foi em romaria a Santiago, ou a algum outro santo terá esperança de, por intermédio deles, ter algum remédio, mas não conseguirá nada pois todos os santos estarão assim acordados na justiça de Deus (de) que nenhum deles poderia valer a livrar seu pai ou mãe depois do juízo. Pois menos (o) farão /101v/ por nenhum outro. Por isto diz Isaías na pessoa de cada perdido: “ {*Factus sum i n rapinam et non est qui eruat, etc*}”. Quer dizer: "Eu sou entregue às mãos dos meus inimigos e não há quem me livre nem quem diga, “dai”, isto é, quem rogue por mim". Mas mais ainda é que se, depois do juízo, todos os santos do Paraíso rogassem, de joelhos e chorando, por um condenado, não seriam de Deus ouvidos. Por isso, disse ele a Jeremias: “{*Nolli orare per popul (l) o isto Nec as(s)umas pro eo laudem quia non exaudiam te, etc*}”. Não me rogues pelos perdidos, que te não ouvirei”.

Capítulo 133º- Da quarta razão. Que nem peita nem riqueza aproveitaria(m) para impetrarem uma só hora de descanso.

A quarta razão é que nem dons nem promessas valerão. Porque quando algum rico faz mal tem esperança em seus haver(es), porquanto, por dons, muitas vezes se mudam os juízes, mas ali não, pois se um condenado tivesse a fortuna de três mundos e a desse toda a Deus por si, não impetraria uma só hora de descanso. Isto está bem escrito nos Provérbios: “{*Non acquiescet /102 r/ cuis quam precibus nec ac (c)ipiet per reden (p) tione dona multa*}”. Deus, diz ele, nem por rogos nem por dons se venderá. E Job diz: “{*Non credet er(r)ore deceptus qui aliquo precio redimendus sit*}. O pecador condenado não acreditará que por algum preço pode ser comprado”.

Capítulo 134º – Da quinta razão. Que (nem) ciência, nem sofismas, nem formosas falas que fossem alegados por um condenado não seria(m) poderosos de fazer com que o juiz o livrasse.

A quinta razão por que (o) homem pode ter esperança de escapar é ciência de bem falar ou subtileza, assim como os sages advogados que por seu engenho fazem (com) que aqueles que deviam perder, ganhem. Mas ali não será assim, porque, segundo diz São Jerónimo, se Aristóteles, com todos os seus sofismas, e Cipião, com todas as suas leis e todas as formosas falas que existiram, ali se juntassem e alegassem por um condenado, não seriam poderosos para fazer com que o juiz o livrasse.

*Capitollo Cxxxv* da sexta rrezom *que* por forte *que* o hom• seia pouco lhe aproueitara qua (sua) força *sera* asy como estopas.

A seista rrazom he força de corpo que quando alg• homem he muito forte aas uezes escapa per sua fortelleza Mes ally nom vallera. Ca peor força teem /102v/ que minhotos de que Job diz da força daquelle que os tem {*Si portitudinem eius queris, robustis (s)imus est*} Na ssua for<ç>a diz elle nom se compare alg• Ca for<ç>a dos danados he assi como estopas. segundo diz Jsayas.

*Capitollo Cxxxvj* da seitema rrezom *que* fogir nem escapar podera alg•.

A seitema he que *per* uentura poderiã fogir Mes daujd disse. {*Quo ibo a spiritu tuo, etc*} Senhor deus disse ele hu poderej eu fogir que teu espritu nom seia. E honde me hirej ante a tua face. Tu es no çeeo *e* no jnferno *e* todo *per* todo. Por jsso disse Job nom he alg• que de sua m•o possa escapar.

*Capitollo Cxxxvij* da oitaua rrezom *que* esperança n• segurãça de sua boa *querella* lhe nã ualera.

A oitaua rrazom *per* que homem tem *esperamça* descapar he *segurança* de sua boa *querella*. que quando homem cuida que tem direito ardidamente uay ao juizo Mes la nom sera assy que pecados *e* malliças os acusarom Assy como diz Jheremias. {*Arguet te malícia tua, etc*} E por jsto elles nom auerom direito na *querella*. E assy pollas rraz•es aleguadas nom /103r/ auerom os danados *esperam<ç>a* descapar Nem ja mais bem auer Mes temor *e* espanto de mall os terra segundo diz o ecrasiastico {*Erit Timor mortis et languor perseuerans*} Quer dizer temor de morte lhes *sera* em *perseueramça* Por jsso disse bem Job que no jnferno morara temor *perdurauell*. Coraçõ nom sofreria pensar n• lingua a dizer Nem orelha ouujr os tormentos *e* as doores que no jnferno *seram* Pera s•pre.

*Capitollo Cxxxviii* em *que* fala daujd em pesoa dos penjtentes.

E por jsto muj direito juiz Jhesu *christo* daae gra<ç>a aos pecadores que fazem o *que* diz daujd {*Erubescunt inpii et deducantur in Infernum muta fiant lábia dolosa*}. quer dizer os pecadores ajam uergonha E confundansse em ssi meesmos *per* uerdadeiro rrepreendimento de seus pecados *e* u•o ao jnferno *per* comssijra<ç>om das penas *e* tormentos delle E seiam *fectas* mudas as linguas mal dizentes daquelles que sse scusam de fazer pendença em esta ujda /103v/ Ca se elles com boo coraçom parasem mentes Nas cousas suso ditas elles se tornariam a *deus* Assi como diz daujd em pesoa dos penytentes. {*Quantas ostendidisti mihi tribulaciones multas et mallas. E conuersus vivificasti me*} Quer dizer tu me mostraste *e* fezeste entender as

tribulla<ç>•es das penas do jnferno como sam mujtas e maas E assy me as uiuificado per pendença e tirado do abiso delle. per santa conuerssa<ç>om. Ho que queira • Nos todos pecadores conprir por ssua doce misericordia Jhesu christo que cõ o padre e espritu santo uiue e rreina sem fim.

Capítulo 135º – Da sexta razão. Que por forte que o homem seja pouco lhe aproveitará porque sua força será assim como estopa.

A sexta razão é a força do corpo, pois que quando algum homem é muito forte, às vezes escapa pela sua fortaleza. Mas ali não valerá. Pois (Deus) tem mais força /102v/ que minhotos, de que Job diz da força daquele que os tem: “{Si portitudinem eius queris, robustis(s)imus est}”. Com a sua força, diz ele, ninguém se compare. E a força dos condenados é assim como estopa, segundo diz Isaías.

Capítulo 136º – Da sétima razão. Que ninguém poderá fugir nem escapar.

A sétima é que, porventura, poderia fugir mas David disse: “{Quo ibo a spiritu tuo,etc}”. "Senhor Deus", disse ele, "para onde poderei eu fugir (em) que teu espírito não esteja? E aonde me irei perante a tua face? Tu estás no céu e no inferno e todo em tudo". Por isso, disse Job, não há alguém que da sua mão possa escapar.

Capitulo 137º – Da oitava razão. Que lhe não valerá nem esperança nem segurança de sua boa queixa.

A oitava razão por que (o) homem tem esperança de escapar é segurança de sua boa queixa, pois quando (o) homem cuida que tem direito ardidamente vai ao tribunal. Mas lá não será assim, que pecados e malícias o acusarão, assim como diz Jeremias: “ {Arguet te malícia tua, etc}”. E, assim, eles não terão razão na sua queixa. E, assim, pelas razões alegadas não /103r/ terão os condenados esperança de escapar nem jamais ter bem, mas temor e espanto de mal os atemoriza, segundo diz o Eclesiástico: “{Erit timor mortis et languor perseuerans}”. Quer dizer, temor de morte lhes será em perseverança. Por isto disse bem Job que no inferno morará temor perdurável. Coração não sofreria pensar, nem língua dizer, nem orelha ouvir, os tormentos e as dores que no Inferno existirão para sempre.

Capítulo 138º – Em que fala David em nome dos penitentes.

E por isto muito direito Juiz, Jesus Cristo, dai graças aos pecadores que fazem o que diz David: “{Erubescunt inpii et deducantur in Infernum muta fiant lábia dolosa}”. Quer dizer: Os pecadores tenham vergonha e confundam-se em si mesmos por verdadeiro repreendimento de seus pecados e vão ao Inferno pela consideração das penas e tormentos deles. E emudeçam as línguas maldizentes daqueles que se desculparam de fazer penitência nesta vida, /103v/ porque se eles com bom coração atentassem nas cousas supraditas eles se tornariam a Deus, assim como diz David em nome dos penitentes: “{Quantas ostendidisti mihi tribulaciones multas et mallas. E conuersus vivificasti me}”. Quer dizer: “ Tu me mostraste e fizeste entender como são muitas

e más as tribulações das penas do Inferno. E assim me hás vivificado por penitência e tirado do abismo dele por santa conversação" – O que em nós todos, pecadores, queira cumprir por sua doce misericórdia Jesus Cristo que com o Padre e Espírito Santo vive e reina sem fim.

{*Qui amat aliquid plus quam me, non est me dignus*} Quem mais ama alguma cousa que mim nom he dino de mim Jsto disse *deus* no auangelho E nom thirou padre nem *madre* n• marido nem esposa.

*Capitollo* Cxxxix em *que* poem exenplo de h• a molher dh• caualeiro<sup>147</sup>

.Enxenplo.

Foy hua molher dh• caualleiro mujto deuota que tam homilldosamente se gouernaua /104r/ em seu vistir *e* em todo ho all. que aos domingos *e* festas apenas se queria correger segundo seu estado. Mes *per* mujtas uezes lhe disse seu marido. senhora. vos me parecees melhor *e* mais me praz de uosso onesto trajjo. que *quando* uos doutra guisa corregees E sem duujda aquella era boa rrazom. Por que a quem ella deseiaua *prazer. scilicet. a deus* acreçentaua em ssua fremosura. Jsto he bem contrairo aaquellas que Se ão podem abastar de rroupas *e* de corregimentos. E fazem entender que he *per seus* maridos. Mes ao dia do juizo pareçera doutra guisa. em o quall sse ellas bem penssassem de dentro se aparelhariom E prazeriã a *deus e* a seus maridos *e* escapariam aas penas do jnferno.

Aqui se acaba o trauctado das penas do jnferno E se segue das alegrias do paraíso. que aueram os que lla forem E que ja posuem os que hi sam. E começa o çinquo liuro.

*Capitollo* CR em que declara notaujl exposiçõ das palauras *scriptas* no euãgel<h>o de sã mateus.

/104v/ {*Surge et ac(c)ipe puerum et matrem eius, et uade in terram Israel*}. Estas palauras sam escriptas no auangelho de sam matheus *e* disseas o anjo a Josep. E querem dizer em linguajem leuantate *e* toma ho moço *e* sua madre *e* uayte aa terra disrraell. *Primeiro* lhe dissera que deçesse ao egipto com o moço *e* sua madre por erodes que o quiria mathar. Pois segundo o espiritual entendimento Josep que tanto uall como acreçentamento Senifica a santa alma que senpre deue creçer de bem em melhor. E o moço he a boa obra. Herodes que tanto *quer dizer* como glorioso. sinifica a u• glloria. que destruye toda boa obra homde *quer* que seia. Ho anjo senefica a *graça* de *deus*. que quando esta na alma amoestaa que deça ao egipto que he treeuas *e* choros como de çima he dito. Por entender as penas que hi ha. E que se humylde em ssi mesma. Mes por que a alma poderia cayr em gram tristeza. ou em desasperaçom conthinuando em taaes doores Amoestaa a *graça* que depois das consijraç•es das penas do jnferno tome o moço. *e* sua madre. *quer* dizer abastança de boas obras./105r/ E com gramde desejo. se uaa aa terra disrrahel que

---

<sup>147</sup> O título deste capítulo aparece escrito apenas no final do fôlio 103v, depois de se ter já iniciado o respectivo texto.

tanto he como uisom de *deus* segundo diz daujd. {*Videbitur Deus deorum in Sion*} quer dizer o *deus* dos deuses sera uisto em siom. *scilicet*. no paraíso. Com aquella *creatura* mandou o anjo a

“{*Qui amat aliquid plus quam me, non est me dignus*}. Quem ama alguma cousa mais que (a) mim não é digno de mim”. Isto disse Deus no Evangelho. E não excluiu pai nem mãe nem marido nem esposa.

Capítulo 139º – Em que põem exemplo de uma mulher de um cavaleiro.

Exemplo.

Houve uma mulher de um cavaleiro muito devota que tão humildosamente se governava /104r/ em seu vestir e em todo o resto que apenas aos domingos e festas se queria vestir segundo o seu estado. Mas por muitas vezes lhe disse seu marido: "Senhora, vós me pareceis melhor e mais me praz do vosso honesto traje do quando de outra guisa vos enfeitais". E sem dúvida aquela era (uma) boa razão, porque a quem ela desejava prazer, a saber, Deus, (Este) a acrescentava em sua formosura. Isto é bem contrário àquelas que se não podem saciar de roupas e de adereços e deixam entender que é por seus maridos. Mas no dia do juízo parecerá de outra guisa, no qual se elas bem pensassem, se preparariam interiormente e prazeriam a Deus e a seus maridos e escapariam às penas do inferno.

Aqui se acaba o tratado das penas do Inferno e se segue (o) das alegrias do Paraíso que terão os que (para) lá forem e que já possuem os que ali se encontram.

E começa o quinto livro.

Capítulo 140º – Em que apresenta notável exposição das palavras escritas no Evangelho se S. Mateus /104v/

“{*Surge et ac(c)ipe puerum et matrem eius, et uade in terram Israel*}”. Estas palavras estão escritas no Evangelho de S. Mateus e disse-as o anjo a José e querem dizer em romance: “Levanta-te e toma o menino e a mãe e vai-te à terra de Israel”.

Primeiro lhe dissera que descesse ao Egipto com o menino e sua mãe por (causa de) Herodes que o queria matar. Pois segundo o entendimento espiritual, José, que tanto vale como acrescentamento, significa a alma santa que sempre deve crescer de bem em melhor, e o menino é a boa obra. Herodes, que tanto quer dizer como glorioso, significa a vã glória que destrói toda a boa obra onde quer que seja. O anjo significa a graça de Deus que, quando está na alma, a admoesta (para) que desça ao Egipto que é trevas e choros como acima foi dito, para entender as penas que aí há e para que se humilde em si mesma. Mas porque a alma poderia cair em grande tristeza ou grande desesperação continuando em tais dores, a graça admoesta que, depois das considerações das penas do Inferno, tome o menino e sua mãe, quer dizer, abundância de boas obras /105r/ e com grande desejo se vá à terra de Israel que equivale à visão de Deus, segundo diz David: “{*Videbitur Deus deorum in Sion*}”. Quer dizer: "O Deus dos deuses será visto em Sião", isto é, no Paraíso. Com aquela criatura mandou o Anjo

Joseph subir do egipto. Quer dizer esguardadas bem as penas do jnferno. entender em as alegrias e uijos do paraíso por nom cayr em desesperança ou em gram tristeza.

Ajnda por quatro rrazooes he boo esguardar as alegrias do paraíso.

*Capitollo* CRj da primeira rrezom.

A Primeira por que a santa alma possa mais asinha e com melhor uoomtade soportar Os trabalhos da pendença. Por *que* quando os b•s obreiros esguardam o grãde aluguer que atendem sam muyto mais esforçados em sua obra. E em fegura desto se lee no Jenesi {*Isachar uidit requiem quam esse bona(m) et terra(m) quam optimam(m) et suposuit (h)úmeros ad portandum*} *Jsachar* tanto he como nenbrador e senjfica /105v/ A santa alma que ha memoria de deus. Tall alma segundo diz a escriptura ja dita ujo a folgança do paraíso que he bõa E a terra dos viuos que he auantejada. E por jsto se deu toda a lleuar os trabalhos da pendença E *quem* podesse bem ent•der as grandes alegrias daquella doce terra. Nom ha pena nem maaõ geito que nom sofresse de boa uoontade. Por chegar a ellas E ajnda os tormentos do jnferno segundo diz santo agostinho. E Por jsto diz sam geronjmo. {*Nul(l)um tempus longum, nullus labor durus qua gloria eternitatis a(c)quiritur*} quer dizer n•h• tempo longuo Neh• trabalho he duro. *per* que homem guaança a gloria perdurauell Por jssõ disse deus a abr•o no genjsi. {*Surge et perambula terram in longitudinem et latitudinem quia daturus sum tibi,etc.*}. leuantate diz deus aa santa aalma. fora deste mundo e anda de longuo e dancho a terra que te hej de dar. Pollo ancho se entende a alegria. Pello longo a eternjdade E estas duas cousas seram o guallardom dos b•s Pello quall homem deue de boa mente em esta ujda sofrer todos trabalhos.

*Capitollo* CRij da segunda rrezom.

A segunda rrazom he que a consijraçom da alegria /106r/ do paraíso Nom soamente apouquenta os trabalhos desta ujda ou os faz de boamente sofrer Mes faz que homem nõ sente os tormentos do mundo. segundo bem parece em mujtos santos marteres. que Por desejo dauar aquelles prazeres sofriam muj ledamente os tormentos Assy como sam lourenço que dezia ao thirano tuas brasas me sam esfriamento. E assy de mujtos outros.

*Capitollo* CRiij da terceira rrezom.

A terceira rrazom he que a consijraçom destas alegrias fazem cayr a alma em hua tall gloria que desfaleçe de ssy meesma. Assy como homem lee no terçeiro liuro dos rreis. da rrainha sabba que veo a Jherusalem ueer a gloria de sallamom E quando a uyo tanto foy maraujlhada que desfalleço A rrainha sabba tanto quer dizer como enbrasamento e senifica a alma. que he enbrasada de desejo esprituall pera hir a Jherusalem ueer gloria de sallamõ quando *per* tanto desejo ella monta em o paraíso. Por ueer segundo seu poder a gloria do uerdadeiro sallamom

que he Jhesu christo E assy em ssy meesma desfalleçe. Por que entom todos carnaaes sentimentos em ella sam desfalleçidos segundo o que diz sam Joham boca douro.

a José subir do Egipto, quer dizer, esguardadas bem as penas do Inferno, considerar as alegrias e atractivos do Paraíso para não cair em desesperança ou em grande tristeza.

Ainda por quatro razões é bom esguardar as alegrias do Paraíso.

#### Capítulo 141º – Da primeira razão

A primeira, para que a alma santa possa mais asinha e com melhor vontade suportar os trabalhos da penitência. Porque quando os bons operários esguardam o grande salário que esperam, são muito mais esforçados na sua obra. E em símil disto se lê no Génesis: “{*Isachar uidit requiem quam esse bona(m) et terra(m) quam optimam(m) et suposuit (h)úmeros ad portandum*}”. Isachar cujo nome quer dizer lembrador e significa /105v/ a alma santa que tem memória de Deus. Tal alma, segundo diz a Escritura já dita, viu a alegria do Paraíso que é boa e a terra dos vivos que é avantajada. E por isto se deu toda a suportar os trabalhos da penitência. E quem bem pudesse entender as grandes alegrias daquela doce terra, não há pena nem mau jeito que não sofresse de boa vontade para chegar a elas, e até os tormentos do Inferno, segundo diz Santo Agostinho. E por isto diz S. Jerónimo: “{*Nul(l)um tempus longum, nullus labor durus quia gloria eternitatis a(c)quiritur*}”. Quer dizer, nenhum tempo é longo, nenhum trabalho é duro para que o homem ganhe a glória perdurável. Por isso disse Deus a Abraão no Génesis: “{*Surge et perambula terram in longitudinem et latitudinem quia daturus sum tibi, etc.*}”. "Levanta-te", diz Deus à alma santa, "fora deste mundo e anda de longo e de largo, à terra que te hei-de dar". Pelo largo se entende a alegria, pelo longo a eternidade. Estas duas cousas serão o galardão dos bons, pelo qual (o) homem deve de boamente nesta vida sofrer todos (os) trabalhos.

#### Capítulo 142º – Da segunda razão.

A segunda razão é que a consideração da alegria /106r/ do Paraíso não somente reduz os trabalhos desta vida ou os faz de boamente sofrer, mas faz que (o) homem não sente os tormentos do mundo segundo bem parece em muitos Santos mártires que, por desejo de possuir aqueles prazeres, sofriam muito alegremente os tormentos, como S. Lourenço que dizia ao tirano: “Tuas brasas para mim são esfriamento”. E assim de muitos outros.

#### Capítulo 143º – Da terceira razão.

A terceira razão é que a consideração destas alegrias faz cair a alma em uma tal glória que desfalece em si mesma. Assim como uma pessoa lê no terceiro livro dos Reis, da rainha (de) Sabá que veio a Jerusalém ver a glória de Salomão e, quando a viu, ficou tão maravilhada que desfaleceu. A rainha de Sabá quer dizer abrasamento e significa a alma que é abrasada do desejo espiritual para ir a Jerusalém ver (a) glória de Salomão quando por tanto desejo ela sobe (ao) Paraíso para ver, segundo a sua capacidade, a glória do verdadeiro Salomão que é Jesus Cristo.

E, assim, em si mesma desfalece. Porque, então, todos os sentimentos carnaís estão nela desfalecidos, segundo o que diz S. João Boca de Ouro.

*Capitollo CRiii* da exposi<ç>om literal sobre cada h•a rrezom *alias* palaura em o uesto daujd que se começa "*quam magna, etc*" E por quatro rrez•es como esta dulçura he grande. Da Primeira rrezom.

/106v/ E porque daujd muitas uezes auia gostada esta doçura marauilhandosse dezia. {*Quam magna multitudo dulcedinis tue, Domine, quam abscondidisti timentibus te*}. Quer dizer como he gramde a multidom da tua duçura senhor *deus*. a quall tu ascondeste aos *que* te tem•.

Porque em esta palaura sam tocadas alg•as cousas da alegria do paraíso. Por melhor se entender o que *querem* dizer. eu despoerey cada h•a palaura *per* ssy. Hora diz o profeta. como he gramde e sem duujda assi he. que assy como a brãcura he dita *grande* em *que* nom ha alg•a cousa de seu contraíro. *scilicet*. de negro. assy he dita aquella duçura grande. Por que em ella nom ha mestura damarguoso nem de door. Por jsto disse Jsayas daquelles que sam em aquella folgamça. {*Gaudium et leticiam obtinebunt (et) fugiet dolor et gemitus*}. quer dizer aquelles auerom prazer e alegria sem tristeza e door. E ajnda diz aquella. {*In die illa faciet Dominus in monte hoc conuiuuium pinguium (sic) medul(l)atorum, etc*}. Em este dia diz Jsaias. *scilicet*. despois do juizo. quando /107r/ sera dia sem noite fara *deus* em este monte. *scilicet*. no paraíso h• grosso conujte de grossura de meollos que he cousa muy deleitosa ao corpo E fara h• beuer de uinho muy puro. • *que* se entende a delleitação da alma. Ca o uinho allegra o coração do homem segundo diz daujd E bem diz muy puro Por *que* em aquella delleitação Nom auera mestura damargura Nem de door no corpo Nem na alma. E por jsto se entende a groria do corpo na glosura dos meollos em que nō ha cousa magra E o prazer da alma pollo vinho muy puro em que nom ha mestura Aa deferença da alegria do mundo honde a dereito fallar nom ha senō door e amargura Por jsto diz santagostinho {*Omnes iocunditates mundi amaritudinibus replesti, Domine, ut quererem sine off(f)ensione letari et non inuenirem nisi in te*}. Senhor diz elle tu as todollas deleitação•es deste mundo mesturadas com amargura por que eu buscasse pura alegria e nō a podesse achar senō em ty que es paraíso honde auera pura e perfeita folguança sem amargura segundo diz o apocalipse {*Absterget Deus omnem lacrymam ab oculis san(c)torum et non erit amplius, nec lu(c)tus, nec clamor, nec ul(l)us dollor*} *Deus* diz elle tirara as lagrimas dos olhos /107v/ dos santos E Nom auera hi mais choro nem door E bem pode homem dizer daquela alegria O que diz o prouerbio. que mais uall h• dia de bem que çento de mall E esta he a primeira rrazom por que daujd disse que aquella duçura he grande na pallaura ja dita.

*Capitollo CRv* da segunda rrezom E *que* conuem *per* necessidade aquela dulçura seer grande.

A segunda rrazom he que conuem *per* neçessidade aquella duçura seer grande. Por que ha dabastar a mujtos Assy como *conuem* seer grande h• pam de *que* muitos ham de comer E sem duujda *quanto* cada h• for mais acheguado Tanto sentira mayor abastamça Por jsto diz daujd. eu serej farto quando vir a tua gloria. que sera tã grande de *que* os desejos de cada h• serem



perfeitamente *conprydos* segundo diz elle meesmo. *{Replebimur in bonis domus tue}* senhor diz elle. uossos desejos serem *conprydos* nos b•s de tua casa. Nom em os b•s deste mundo que nō

Capítulo 144º – Da exposição literal sobre cada uma razão, aliás, palavra, no verso de David que começa: *{quam magna, etc}*. E como, por quatro razões, esta doçura é grande. Da primeira razão. /106v/

E porque David muitas vezes havia saboreado esta doçura, maravilhando-se, dizia: “*{Quam magna multitudo dulcedinis tue, Domine, quam abscondidisti timentibus te}*.” Quer dizer: “Como é grande a multidão da tua doçura, Senhor Deus, a qual tu escondeste aos que Te temem”. Porque nestas palavras são tratadas algumas cousas das alegrias do Paraíso; para melhor se entender o que querem dizer, eu explicarei cada palavra de per si.

Agora, diz o profeta, como é grande e sem dúvida (de) que assim é, que assim como a brancura se chama grande, em que não há alguma coisa do seu contrário, isto é, de negro, assim aquela doçura se chama grande porque nela não há mistura de amargoso nem de dor. Por isto disse Isaiás daqueles que estão naquela alegria: “*{Gaudium et leticiam obtinebunt (et) fugiet dolor et gemitus}*”. Quer dizer: “Aqueles terão alegria sem tristeza e dor “. E assim diz aquele: “*{In die illa faciet Dominus in monte hoc conuiuuium pinguium (sic) medul(l)atorum, etc}*”. Neste dia, isto é, depois do Juízo, diz Isaiás, quando /107r/ será dia sem noite, fará Deus neste monte, isto é, no Paraíso, um grande convite de gordura de miolos que é cousa muito deleitosa ao corpo. E fará cada um beber vinho muito puro, em que se entende a deleitação da alma, porque o vinho alegra o coração do homem, segundo diz David. E apropriadamente diz muito puro, porque naquela deleitação não haverá mistura de amargura nem de dor no corpo nem da alma. E por isto na gordura dos miolos se entende a glória do corpo em que não há cousa magra. E o prazer da alma pelo vinho muito puro em que não há mistura, diferentemente da alegria do mundo, onde, a falar propriamente, não há senão dor e amargura. Por isto diz Santo Agostinho: “*{Omnes iocunditates mundi amaritudinibus replesti, Domine, ut quererem sine of(f)ensione letari et non inuenirem nisi in te}*”. "Senhor", diz ele, "misturaste todas as deleitações deste mundo com amargura para que eu buscasse pura alegria e não a pudesse achar senão em Ti", que és Paraíso, onde haveria pura e perfeita alegria, segundo diz o Apocalipse: “*{Absterget Deus omnem lacrymam ab oculis san(c)torum et non erit amplius, nec lu(c)tus, nec clamor, nec ul(l)us dollor}*”. "Deus", diz ele, "tirá as lágrimas dos olhos /107v/ dos santos e não haverá aí mais choro nem dor". E bem pode o homem dizer daquela alegria o que diz o provérbio, que mais vale um dia de bem do que cem de mal. E esta é a primeira razão por que David disse que aquela doçura é grande na palavra já dita.

Capítulo 145º – Da segunda razão. E convém por necessidade aquela doçura ser grande.

A segunda razão é que convém por necessidade aquela doçura ser grande porque há-de bastar a muitos, assim como convém ser grande um pão de que muitos hão-de comer. E, sem dúvida, quanto mais chegado for cada um, tanto maior abastança sentirá. Por isto, diz David: “Eu serei farto quando vir a tua glória”, que será tão grande que os desejos de cada um serão inteiramente satisfeitos, segundo diz ele mesmo: “*{Replebimur in bonis domus tue}*”. “Senhor”,

diz ele, "vossos desejos serão satisfeitos nos bens de tua casa". Não em bens deste mundo que não

fazem senom passar E *quem* mais deles ha mais deseia auer. E assi parece *que* taaes b•s sam muj grandes *que* comprem os desejos de tantos coraç•es E os coraç•es dos hom•s sam maraujlhosamente profundos segundo diz Jheremjas

/108r/ Capitollo CRvj da terceira rrezom.

A terceira rrazom he que as Duçuras e as alegrias do paraíso sam tam grandes que faz• esquecer todos os trabalhos que homem sofre pollos gu•çar. Assi como diz Job. {*Miserie quoque tue oblivisceris et quasi aquarum que prete(ri)urunt non recordaberis*} Tu esqueçeras diz Job toda tua mizquijndade E nom aueras della mais nenbrança que das auguas que passom Pellas auguas se entende as tribullaç•es dest<a> uida das quaees nom aueram Nenbrança aquelles que esteuer• na gloria E ajnda as tribullaç•es farom creçer a gloria em elles segundo diz sam paullo. {*Id enim quod in puncto est momentabile et leve tribulationis nostrae, supra modum (in) sublimitatem eternum glorie pondus operabitur in nobis*} As tribullaç•es presentes diz sam paulo *que* sam breues e ligeiras farom creçer em Nos o peso da perdurauell gloria.

Capitollo CRvjj da quarta rrezom.

A quarta rrazom he que assy como homem chama grande e auomdososo a h• manjar quando he tanto que enche todas as escudelas Assy sera aquella duçura tam gramde /108v/ que nehuu podera mais rreçeber no uasso de sseu coração. Por jsto diz daujd. {*Misericordia tua, Domine, magne est super me*} senhor deus a tua misericordia grande he sobre mim tâto que a nã posso compreender Disto diz sallamom no liuro dos rreis. {*Si celum et celi celorum te capere non pos(s)unt, quanto magis domus hec*}. Se os anjos e arcanjos nã podem compreender a tua gloria como a compreendera a humanall natureza Pois he bem dita grande aquella doçura. que per creatura nom pode seer conpreendida. Por jsto disse bem daujd na pallaura suso dicta como he grande Assi como se desse a entender que sua grandeza nom se pode dizer Mes por que na festa destes altos hom•s nom abasta hua soo vianda por grande que seia. que seria theudo por escaseza. querendo daujd mostrar a jnfijnda gr•deza de deus e cortesia. quanto e como he grande. llogo emadeo a multidom que he abastãça daquella duçura E em jsto mostrou *que* nom auera hi hua soo Mes mujtas.

Primeiro hi auera doçe alegria. por que elles escaparõ /109r/ aos malles E perigos deste vill•o mundo E jsto sera per tres rraz•es.

Capitollo CRviii que por tres rrezooes eles escaparam aos males deste mundo. da primeira rrezom.

A Primeira he que hi nom ha tam sandeu. se gram tenpo foi emfermo *que* se nom alegre de ssua saude. Por jsto diz santagostinho {*Nemo quod tolerate amat, si tolerare amat licet, enim gaudeat si tolerare magis uult tunc esse quo non tolerat*} Neh• ama a pena *que* sofre. ajnda que de

uoomtade a sofra E que aja prazer por que a soffre por *deus*. senpre mais deseia chegar ao fazem senão passar e quem mais deles tem, mais deseja ter. E assim parece que tais bens são muito grandes pois satisfazem os desejos de tantos corações. E os corações dos homens são maravilhosamente profundos, segundo diz Jeremias.

#### /108r/ Capítulo 146° – Da terceira razão.

A terceira razão é que as doçuras e as alegrias do Paraíso são tão grandes que fazem esquecer todos os trabalhos que o homem sofre por ganhá-los. Assim como diz Job: “{*Miserie quoque tue oblivisceris et quasi aquarum que prete(ri)urunt non recordaberis*}”. “Tu esquecerás”, diz Job, “toda a tua miséria e não terás dela mais lembrança que das águas que passam”. Pelas águas se entende(m) as tribulações desta vida, das quais não terão lembrança aqueles que estiverem na glória. E, ainda, as tribulações farão crescer a glória neles, segundo diz S. Paulo: “{*Id enim quod in puncto est momentabile et leve tribulationis nostrae, supra modum (in) sublimitatem eternum glorie pondus operabitur in nobis*}”. “As tribulações presentes”, diz S. Paulo, “que são breves e ligeiras, farão crescer em nós o peso da perdurável glória”.

#### Capítulo 147° – Da quarta razão.

A quarta razão é que assim como (o) homem chama grande e abundante a um manjar quando é em tal quantidade que enche todas as escudelas, assim será tão grande aquela doçura /108v/ que ninguém poderá receber mais no vaso do seu coração. Por isto diz David: “{*Misericordia tua, Domine, magne est super me*}”. “Senhor Deus, a tua misericórdia é tão grande sobre mim que não posso compreender”. Disto diz Salomão no livro dos reis: “{*Si celum et celi celorum te capere non pos(s)unt, quanto magis domus hec?*}”. “Se os anjos e arcanjos não podem compreender a tua glória, como a compreenderá a humanal natureza?”.

Pois com propriedade se chama grande àquela doçura que não pode ser compreendida pela criatura. Por isto disse bem David na palavra acima dita, como é grande, assim como se desse a entender que não se pode dizer sua grandeza. Mas porque na festa destes altos homens não basta uma só vianda por abundante que seja, (o) que seria tido por escasseza, querendo David mostrar a infinda grandeza e cortesia de Deus, quando é e como é grande, logo acrescentou “a multidão” que é (a) abundância daquela doçura. E com isto mostrou que não haverá uma só mas muitas. Primeiro aí haverá doce alegria porque eles escaparão /109r/ aos males e perigos deste mundo vilão. E isto será por três razões.

#### Capítulo 148° – Que por três razões eles escaparão aos males deste mundo. Da primeira razão.

A primeira é que não há aí (alguém) tão sandeu, se durante muito tempo esteve doente, que não se alegre de sua saúde. Por isto diz Santo Agostinho: “{*Nemo quod tolerate amat, si tolerare amat licet, enim gaudeat si tolerare magis uult tunc esse quo non tolerat*}”. Ninguém ama a pena que sofre, ainda que de vontade a sofre e que tenha prazer porque a sofre por Deus, sempre deseja mais chegar ao

lugar honde nom ha que sofrer. Em quanto somos em esta uida viemos em door. Por jsto disse sam Paullo {*Infelix ego homo, quis me liberabit de corpore mortis huius*}. Mezquinho de m• quem me liurara deste corpo de morte. a graça de deus diz elle açerca desto E jsto promete deus per Jeremhias. {*Obducam cicatricem tuam et a doloribus tuis sanabo te*} Eu cobrirey diz elle ho çicatriz de tuas feridas e guareçerey as tuas doores. E quer tâto dizer aaquelles que sam saluos. Eu uos guareçerei das maguoas do pecado originall que sam em as santas almas. E aynda das doores que sam /109v/ buscadas pello pecado autuall E de todas outras enfermidades.

*Capitollo CRix da segunda rrezom.*

A segunda rrazom he que se alguu fosse longo tenpo encarçerado Muito seria ledto de sseu liuram•to Assy he em esta parte. Ca tanto como Nos somos em este corpo viemos emcarçerados de que diz daujd {*Educ de carcere animam meam*} Senhor diz elle liura a minha alma do carçer deste corpo Em este carçer ou morada viemos Nos e morremos Pois aquelles sam bem sandeus que de boa uoomtade morã em esta prisom. Por que assy como ho homem emquanto he preso em ferros nom pode andar nem fazer o que quer. tam pouco pode a alma emquanto he no corpo. seus penssamentos n• afeiç•es tornar a deus. Por jsto dis o saies o corpo por sua corruçom agraua a alma Mes deste carçer nos liura deus na nossa terra de çima. quando a humanall creatura que ora he sojuguada a corruçom e ha uaydade sera liure e em sua framqueça na gloria do filho /110r/ de deus Assy como diz sam paullo. Por jsto disse michias o profeta {*Egrediemini et salietis quasi vituli de armento*} Vos sairees disse elle do carçer do corpo a ueer deus. segundo diz a grosa e saltarees como ueado ou como o boy quando o soltom que salta e trebelha com prazer Por que se uee fora da prisom. Assy faram os samtos que saltarom da contenplaçom da humanjdade de Jhesu christo a cont•plar a deu•dade. Ca deus os liurara seg•do diz daujd. {*Dominus soluit compeditos*}. Deus diz elle deslega os atados.

*Capitollo CL da terceira rrezom E esta sera a primeira vianda do paraíso.*

A terceira rrazom he que os seruidores que trabalhom por seu aluguer. quando a fim de seu trabalho se chega. elles ham prazer Por que çessa seu afam e cheguasselhes o guallardom Assy faram os que forem saluos que aguora trabalhom na vinha de deus. *scilicet*. na santa Jgreia. Por que trabalhar cõuem a todollos filhos dadom ajnda que sejam rricos e poderosos Ca pera esto naçerom segundo diz Job. {*Homo nascitur ad laborem*}. Por jsto mandou deus /110v/ Na uelha ley que seis dias trabalhassem os filhos disrraell jsto he todo o tenpo desta uida que corre por seis dias E ao seteno folguassem. *scilicet*. na outra uida da folgança dos uerdadeiros filhos disrraell. que sam os escolheitos que aquy bem trabalharom. Jsto diz o apocalipsse. {*Ut requiescant de laboribus suis*}. Porque ajam folguamça de seus trabalhos Esta sera a primeira ujanda do Paraíso.

*Capitollo CLj da segunda vianda e prazer que auerã os sanctos quando virem os dapnados.*

lugar onde não há que sofrer". Enquanto estamos nesta vida vivemos em dor. Por isto disse S. Paulo: “{*Infelix ego homo, quis me liberabit de corpore mortis huius?*}” “Desgraçado de mim! Quem me livrará deste corpo de morte?”. “A graça de Deus”, disse ele acerca disto. E isto promete Deus por Jeremias: “{*Obducam cicatricem tuam et a doloribus tuis sanabo te*}”. “Eu cobrirei”, diz ele, “a cicatriz de tuas feridas e curarei as tuas dores”. E quer tanto dizer àqueles que são salvos: Eu vos curarei das máculas do pecado original que existem nas almas santas e ainda das dores que são /109v/ buscadas pelo pecado actual e de todas as outras enfermidades.

#### Capítulo 149º – Da segunda razão.

A segunda razão é que se alguém estivesse (por) longo tempo encarcerado, muito se alegraria do seu livramento. Assim é nesta parte, porque enquanto estamos neste corpo, vivemos encarcerados, de que diz David: “{*Educ de carcere animam meam*}”. “Senhor”, diz ele, “livra a minha alma do cárcere deste corpo”. Neste cárcere ou morada vivemos nós e morremos. Pois são bem sandeus aqueles que de boa vontade moram nesta prisão porque, assim como o homem enquanto está preso em ferros não pode andar nem fazer o que quer, tão pouco pode a alma enquanto está no corpo tornar a Deus seus pensamentos e afeições. Por isto diz o sages: o corpo por sua corrupção agrava a alma. Mas deste cárcere nos livra Deus na nossa terra de cima, quando a humanal criatura que agora é subjugada à corrupção e à vaidade será livre e em sua independência na glória do filho /110r/ de Deus, como, assim, diz S. Paulo. Por isto disse o profeta Miqueias: “{*Egrediemini et salietis quasi vituli de armento*}”. “Vós saireis”, disse ele, “do cárcere do corpo a ver Deus”, segundo diz a glosa, e saltareis como veado ou como o boi quando o soltam, que salta e trebelha com prazer porque se vê fora da prisão. Assim farão os santos que saltarão da contemplação da humanidade de Jesus Cristo a contemplar a divindade porque Deus os livrará, segundo diz David: “{*Dominus soluit compeditos*}”. “Deus”, diz ele, “desliga os atados.”

#### Capítulo 150º – Da terceira razão. E esta será a primeira vianda do Paraíso.

A terceira razão é que os servidores que trabalham pelo seu salário, quando chega o fim do seu trabalho, eles têm contentamento porque cessa seu afã e chega-lhes o galardão. Assim farão os que forem salvos que, agora, trabalham na vinha de Deus, a saber, na Santa Igreja. Porque trabalhar convém a todos os filhos de Adão, ainda que sejam ricos e poderosos, pois para isto nasceram, segundo diz Job: “{*Homo nascitur ad laborem*}”. Por isto mandou Deus /110v/ na velha Lei que seis dias trabalhassem os filhos de Israel, isto é, todo o tempo desta vida que corre por seis dias, e ao sétimo folgassem, isto é, na outra vida, da alegria dos verdadeiros filhos de Israel que são os escolhidos que aqui bem trabalharam. Isto diz o Apocalipse: “{*Ut requiescant de laboribus suis*}”. “Para que tenham descanso dos seus trabalhos”. Esta será a primeira vianda do Paraíso.

#### Capítulo 151º – Da segunda vianda e prazer que terão os santos quando virem os condenados.

A segunda uianda sera o gram prazer que elles aueram por que escaparam aas penas do jnferno Assy como se dous hom•s fosem em perijguo de morte e h• escapasse e ho outro perecesse. certo he *que* o liure aueria gram prazer. assi sera ally. ca emquanto Nos somos em esta ujda. andamos em perijguo de perecer. E em fegura desto se lee no Jenesi que o *çaqueteiro* e o copeiro del rrej foram metidos em carçer pera os matarem E o copeiro foy liure e posto em grande honrra e o *çaqueteiro* enforcado de que foy muj ledo o *que* escapou. Mes sem conpara<ç>om o serem os santos quando virem os danados pereeçidos no /111r/ jnferno e ssi meesmos saluos de tall cajom. Por jsto diz daujd {*L(a)etabitur iustus cum uiderit uindi(c)tam*} Hos justos se alegraram quando virem a uinguança. Nom pero segundo diz a glosa por elles veeren os danados perecer. Mes por que elles escaparam dõde elles perecem esta allegria sera tam grande que neh• a podera complender.

*Capitollo* CLij da terceira vianda e consolaçõ.

A terceira viamda sera alegria que os santos aueram da justiça de *deus* que rreinara sobre os danados Por *que* quando elles vir• como *deus* vingara cluelmente os malles que elles fizeram aos santos Elles seram assy cõformados aa vontade de *deus*. *que* auerõ gram prazer veendo os tormentos daquelles *que* os atormentaram Pero nom com odio nem com amor de cluell vinguança Mes por *que* nom poderõ *querer* outra cousa senom o que *deus* quer.

*Capitollo* CLiij do quarto manjar.

O quarto mang<e>ar sera A alegria que os santos /111v/ aueram da saluaçom e gloria de seus prouiximos. Por que alli auera tam gram caridade e assy perfeita que cada h• amara tanto o bem doutrem como o seu meesmo jsto se pode prouar *per* semelhamça. Ca sse alg• visse seu filho ou seu jrm•o ou espiçiall amigo montar na hõrra de h• rreino a rrazom nos ensina que aueria gram prazer E sem duujda cada h• alli amara mais *aquelle* que Nunca vio em esta ujda. que neh•a madre ama seu *filho* Por *que* em todos a caridade sera perfeita. E por jsto o *que* for a huu sera ao ho outro Jsto diz santo agostinho no liuro da çidade de *deus*. {*Erit ibi caritas, pax, gaudium ut quod habent singuli, omnibus sit com(m)une*}. E daujd disse “{*Ecce quam bonum et quam iucundum habitare fratres in unum*} holhaae disse elle como he grande e bem maraujlhosa alegria seer assy como jrm•os juntamente naquella vnjdade.

*Capitollo* CLiiij da quinta vianda E do corpo *que* ao presente tem quatro mjnguas.

A quinta vianda sera o prazer *que* cada h• auera de seu propio bem. E *Primeiro* do poder que elles aueram sobre aquelles *que* *seruirom* em esta uida Assy como diz *deus* no euãgelho /112r/ {*Sedebitis super sedes judicantes, etc*} Vos serees comigo e julguarees. E no liuro da sabedoria {*Judicabunt sancti nationes, etc*} Hos santos julguarom as naç•es E aueram senhorio sobre os poboos E Sam paullo disse ajnda mais que elles julguarom os maaos anjos que este mundo os tentaram {*An nescitis quoniam angelos iudicabimus, etc*} Ho poder e auctoridade que os santos auerõ de julgar. he o seu *primeiro* bem Mas mais hi auera. Ca *deus* dotara a alma e o corpo de

A segunda vianda será o grande prazer que eles terão porque escaparam às penas do Inferno, assim como se dois homens estivessem em perigo de morte e um escapasse e outro perecesse. Certo é que o livre teria grande prazer. Assim será ali. Porque enquanto nós estamos nesta vida andamos em perigo de perecer. E, em símil disto, se lê no Genesis que o saqueteiro e o copeiro de el-Rei foram metidos no cárcere para os matarem. E o copeiro foi libertado e posto em grande honra e o saqueteiro enforcado, de que ficou muito contente o que escapou. Mas sem comparação o serão os santos quando virem os condenados perecidos no /111r/ Inferno e eles mesmos salvos de tal desgraça. Por isto diz David: “{*L(a)etabitur iustus cum uiderit uindi(c)tam*””. “Os justos se alegrarão quando virem a vingança”, não, porém, segundo diz a glosa, por eles verem os condenados perecer, mas porque escaparam de onde eles perecem. Esta alegria será tão grande que ninguém a poderá compreender.

#### Capítulo 152º – Da terceira vianda e consolação.

A terceira vianda será (a) alegria que os santos terão da justiça de Deus que reinará sobre os condenados porque quando eles virem como Deus vingará cruelmente os males que eles fizeram aos santos, eles serão assim conformados à vontade de Deus, pois que terão grande prazer vendo os tormentos daqueles que os atormentaram, mas não com ódio nem com amor de cruel vingança, mas porque não poderão querer outra cousa senão o que Deus quer.

#### Capítulo 153º – Do quarto manjar.

O quarto manjar será a alegria que os santos /111v/ terão da salvação e glória de seus próximos. Porque ali haverá tão grande e perfeita caridade que cada um amará tanto o bem de outrem como o seu mesmo. Isto se pode provar por semelhança, pois se alguém visse seu filho ou seu irmão ou especial amigo montar na honra de um reino, a razão nos ensina que teria grande prazer. E, sem dúvida, cada um ali amará mais aquele que nunca viu nesta vida que nenhuma mãe ama seu filho porque em todos a caridade será perfeita. E por isto o que acontecer a um, acontecerá ao outro. Isto diz Santo Agostinho no livro da Cidade de Deus: “{*Erit ibi caritas, pax, gaudium ut quod habent singuli, omnibus sit com(m)une*}”. E David disse: “{*Ecce quam bonum et quam iucundum habitare fratres in unum*}”. “Olhai”, disse ele, “como é grande e bem maravilhosa alegria ser assim como irmãos naquela unidade”.

#### Capítulo 154º – Da quinta vianda. E do corpo que ao presente tem quatro minguas.

A quinta vianda será o prazer que cada um terá de seu próprio bem. E primeiro, se do poder que eles terão sobre aqueles que serviram nesta vida, como assim diz Deus no Evangelho: /112r/ “{*Sedebitis super sedes judicantes, etc*}”. “Vós sereis comigo e julgareis”. E no Livro da Sabedoria: “{*Judicabunt sancti nationes, etc*}”. “Os santos julgarão as nações e terão senhorio sobre os povos”. E S. Paulo disse ainda mais, que eles julgarão os maus amigos que (n)este mundo os tentaram: “{*An nescitis quoniam angelos iudicabimus, etc*}”. O poder e autoridade que os santos terão de julgar é o seu primeiro bem. Mas mais aí haverá porque Deus dotará a

cada h• de mujtos b•s Ca o corpo no presente tem quatro minguas. Auerã entom quatro perfeiç•es.

*Capitollo CLv da primeira mingua e defecto.*

A Primeira mingua he fealdade ou maa feiçom por *que* homem nom acha na terra fremosura corporall em *que* ão aja que dizer Mes lla sera fremosura perfeita Assy como diz o liuro da sabedoria {*Fulgebunt sicut sol*} Hos justos esprandeçerom e seram assy craros ante deus como o ssoll. O quall ha fremosura sem tacha.

E assy auerom os santos.

*Capitollo CLvj da segunda mingua e da aruor da vida.*

/112v/ A segunda mingua he passybilidade que he sofrer penas e doores Mes ally ão poderom auer nem sofrer mall *per* emfirmidade nem *per* outra corruçom. Por jsto diz deus *per* Jsaias {*Justa dies ligni vite erunt dies populi mei, etc.*} quer dizer. segundo os dias da aruor da uida. serom os dias do meu poboo. *scilicet*. dos saluos. ha aruor da uida he de tall natureza segundo diz beda. que. se alg• come do frujto della seu corpo he consseruado em perdurauell saude A quall aruor he Jhesu christo segundo as grosas e o fruyto he *allegria e* bõa uentura que elle da aos seus santos Pella quall seus corpos seram confirmados em tall inpassibillidade que nom poderõ sseer conrrõpidos nem feridos por n•h•a cousa. E ssam paullo disse. o corpo he corruto Mes elle rressurgira sem corr•çom.

*Capitollo CLvij da terceira mingua.*

A terceira Mingua do corpo he presume e fraqueza Por que nom pode hir nem fazer o que quer Nem tanto como quer. Por que he da terra e he pesado *per* Natureza. Mes no paraíso he a terceira /113r/ Perfeiçom que he ligeiriçe. que sera tam grande. *que* todo o que hom• quiser fazer podera sem trabalho disto diz santo agostinho. {*Ubi cumque uoluerit spiritus statim ibi erit corpus*} Honde o espritu qujser logo alli he o corpo E assy os corpos entõ seram tam ligeiros como as v•tades E jsto he o que diz sam paullo. ho corpo naçe em •firmidade Mes rressurgira em uertude.

*Capitollo CLviii da quarta mingua.*

A quarta mingua do corpo he neçessidade de comer e beuer e uestir e calçar E mujtas outras Neçessidades que cada h• em ssy sente. Por jsto dara deus a quarta perfeiçom que he o corpo seer sprituall E nom auer mester de todas estas cousas de que diz sam paullo. {*Seminatur corpus animalle surget corpus spiritalle*}. Ho corpo diz elle naçe assi como dhua besta que ha mester comer e beuer *pera* uyuer. E rressurgira *spritual* que ão auera mester desto no paraíso. E ssam mujtos de taaes que deseiam e cobijã em este mundo fremosura de corpo que he tall como a froll do feno segundo diz Jsayas E nom fazem conta daquella que /113v/ faz o corpo tam fremosso. E assy claro como o ssoll E ha hi alghuus que mujtos sofrem de trabalhos e penas por nom cayrem em corporall neçessidade E Pouco deseiam a gloria homde neh•a cousa falleçe



alma e o corpo de cada um de muitos bens, pois o corpo no presente tem quatro minguas (e) terá, então quatro perfeições.

#### Capítulo 155º – Da primeira míngua e defeito.

A primeira míngua é fealdade ou má feição porque (o) homem não acha na terra formosura corporal em que não haja que dizer. Mas lá será formosura perfeita, como assim diz o Livro da Sabedoria: “{*Fulgebunt sicut sol*}”. Os justos resplandecerão e serão assim claros perante Deus como o sol, o qual tem formosura sem tacha. E assim terão os santos.

#### Capítulo 156º – Da segunda míngua e da árvore da vida. /112 V/

A segunda míngua é (a) passibilidade que é sofrer penas e dores, mas ali não poderão ter nem sofrer mal por enfermidade nem por outra corrupção. Por isto diz Deus por Isaías: “{*Justa dies ligni vite erunt dies populi mei, etc*}”. Quer dizer, segundo os dias da árvore da vida serão os dias do meu povo, isto é, dos bem-aventurados. A árvore da vida é de tal natureza, segundo diz Beda, que se alguém come do fruto dela, seu corpo é conservado em perdurável saúde, a qual árvore é Jesus Cristo, segundo as glosas, e o fruto é alegria e boa ventura que ele dá aos seus santos, pela qual seus corpos serão confirmados em tal impossibilidade que não poderão ser corrompidos nem feridos por nenhuma cousa. E S. Paulo disse: “O corpo é corrupto mas ele ressurgirá sem corrupção”.

#### Capítulo 157º – Da terceira míngua.

A terceira míngua do corpo é peso e fraqueza porque não pode ir nem fazer o que quer nem tanto como quer, porque é da terra e pesado por natureza. Mas, no Paraíso, há a terceira /113r/ perfeição que é ligeirice, que será tão grande que, tudo o que o homem quiser fazer, poderá fazê-lo sem trabalho. Disto diz Santo Agostinho: “{*Ubicumque uoluerit spiritus statim ibi erit corpus*}”. Onde o espírito quiser logo ali está o corpo. E, assim, os corpos serão tão ligeiros como as vontades. E isto é o que diz S. Paulo: “O corpo nasce em enfermidade, mas ressurgirá em virtude”.

#### Capítulo 158º – Da quarta míngua.

A quarta míngua do corpo é (a) necessidade de comer e beber e vestir e calçar e muitas outras necessidades que cada um em si sente. Por isto dará Deus a quarta perfeição que é o corpo ser espiritual e não ter mester de todas estas cousas de que diz S. Paulo: “{*Seminatur corpus animalle surget corpus spiritalle*}”. O corpo, diz ele, nasce assim de uma besta que tem mester (de) comer e beber para viver e ressurgirá, porque não haverá mester disto no Paraíso. E há muitos destes que desejam e cobiçam neste mundo formosura de corpo que é tal como a flor do feno, segundo diz Isaías, e não fazem conta daquela que /113v/ faz o corpo tão formoso e assim claro como o sol. E há aí alguns que sofrem muitos trabalhos e penas para não caírem em necessidade corporal e pouco desejam a glória onde nenhuma cousa falta

Nem *querem* alg•a cousa sofrer por a *auer*. E Por jsto diz santo agostinho Hoo uelha carnyça tu deuerias desejar a *ujda* honde nom ha morte. hu ha mãçebia sem vilhiçe. lume Sem treeuas. Prazer sem tristeza. Paz sem toruaçom deleitaçom sem emueja rreyno sem fim. todas estas bem au•turanças Poderias *auer* se *quisesses*. Em estas *quatro* cousas sera o *corpo* *perfeito* contra as minguas que ha em esta *ujda*.

*Capitollo* CLix do vltimo manjar *que* he *ueer* a *deus* E de como em esta visom som todos os prazeres dulçuras e delectos.

A Derradeira vianda que *deus* guarda *pera* boca boa sera a uisom de *ssy* meesmo E *nos* outros manjares da dos seus b•s Mes em este dara *ssy* de que diz santo agostinho. {*Cum venerit filius desideriorum nostrorum videbimus, amabimus, laudabimus; videbimus sine fine, amabimus sine fastidio, laudabimus sine fatigatione*}. *quer* dizer quando veer o filho de nossos desejos. Nos o *ueremos* e *amaremos* /114r/ e *louuaremos* *veelloemos* sem fim *Amalloemos* sem emfadamento. E *louualloemos* Sem trabalho Nollo *veremos* E Por jssso o *amaremos* E *louualloemos* por *que* ho *amamos*. Disto diz Jsayas. {*Regem in decore suo uidebunt oculi eius*}. *quer* dizer o *rey* da gloria *ueerã* os *saluos* em sua *fremossura* E jsto *perteençe* aa *ujsom* da *humanjdade*. Ca da uisom da *deydade* diz daujd. {*Videbitur Deus deorum in Sion*}. Ho *deus* dos *deoses* sera *ujsto* em *ssiom* que he ho *Paraíso*. E em jsto jaz todo nosso *guallardom* segundo diz agostinho. E No *Jenesi* he *escripto* que *deus* disse a *abr•o*. Nom temas *que* eu sam teu *perfeito* *guallardom*. *quer* dizer em m• he a *fim* e a *perfei<ç>õ* de todos os *guallard•es*. Este bem nõ pode alg• entender n• *dizer* *per* boca. *Sentyr* bem se pode. Mes *perfeitamente* *dizer*. Nom. Pois bem disse daujd que grande he a *multidom* daquella *duçura* que sera na uisom de *deus*. Ca segundo diz santo aguostinho. Hos *danados* *amarõ* mais *ueer* *deus* no *jnferno* se *seer* *podesse* que *perder* sua uisom e *seer* fora dos *tormentos* Assy gram *prazer* he *ueer* *homem* seu *criador* Por jsto disse sam Bernardo {*Magna et inef(f)abilis dulcedo uidere hominem hominis /114 V/ conditorem*}. Gram *prazer* he diz elle *ueer* ho *homem* que faz hos *hom•s*. Ca em esta uisam sam *todollos* *delleitos* segundo he *escripto* no *liuro* da *sabedoria* {*Panem de celo praestitisti eis, etc*}. *Senhor* diz ho *sabedor* tu *lhes* deste *pam* de *uida* em que ha toda *deleitaçom* e *saborosa* *doçura*. E bem disse tu *lhes* deste Ca elles nom ho *conprarom* nem *guaanharom* de ty Ca por todo ho *houro* do mundo nom se *acharia* h•a *tall* *deleitaçom* como he *ueer* *Jhesu christo* Nem por *taaes* Çem *mjll* mundos. E bem disse que tu *lhes* deste sem trabalho. Por *que* quanto *homem* *podesse* *sofrer* todo *seria* nada *esguardando* *aquelle* *jnfijndo* *prazer* E Por jsto disse que ha em elle toda *folguança* por *que* *neh•* sem elle pode *folguar*. E disse mais que ha toda *doçura* e *sabor*. Por *que* sem elle n•h• pode *auer* *prazer*. E nom he *marauilha* se ho ha Por *que* em elle *auerõ* *aquelles* que *houirem* todo o que *qujserem* segundo *foy* *fegurado* na *magna*. que a cada h• *daua* *tall* *sabor* como elle *queria* que *lhe* *soubesse* Assy he em elle *aquelles* que sam *saluos* segundo diz /115r/ *Daujd* {*Desiderium eorum at(t)ullit eis*} E elle *deu* a cada h• seu *deseio* desto diz Job. {*Tunc super omnipotentem afflues deliciis decernes rem et uenut, etc*} *Quer* dizer quando

nem querem alguma coisa sofrer para a obter. E por isto diz Santo Agostinho: “Ó velha carniça, tu deverias desejar a vida onde não há morte, onde há juventude sem velhice, lume sem trevas, prazer sem tristeza, paz sem torvação, deleitação sem inveja, reino sem fim. Todas estas bem-aventuranças poderias ter, se quisesses”. Nestas quatro cousas será o corpo perfeito contra as mínguas que há nesta vida.

Capítulo 159º – Do último manjar que é ver a Deus. E de como nesta visão estão todos os prazeres, doçuras e deleites.

A derradeira vianda que Deus guarda para boca boa será a visão de si mesmo e nos outros manjares dá (a visão) dos seus bens. Mas neste dar-se-á a si de que diz Santo Agostinho: “{*Cum venerit filius desideriorum nostrorum videbimus, amabimus, laudabimus; videbimus sine fine, amabimus sine fastidio, laudabimus sine fatigatione*}”. Quer dizer, “Quando vier o Filho de nossos desejos, nós o veremos e amaremos / 114 r/ e louvaremos, vê-lo-emos sem fim, amá-lo-emos sem enfadamento e louvá-lo-emos sem trabalho”, nós o veremos e, por isso, o amaremos e louvá-lo-emos porque o amamos.

Disto diz Isaías: “{*Regem in decore suo uidebunt oculi eius*}”. Quer dizer: “O Rei da glória verá os bem-aventurados em sua formosura”. E isto pertence à visão da humanidade, pois da visão da deidade diz David: “{*Videbitur Deus deorum in Sion*}”. “O Deus dos deuses será visto em Sião” que é o Paraíso. E nisto se contém todo (o) nosso galardão, segundo diz Agostinho. E no Génesis está escrito que Deus disse a Abraão: “Não temas que eu sou (o) teu perfeito galardão, quer dizer: “Em mim está o fim e a perfeição de todos os galardões”. Este bem não (o) pode alguém entender nem exprimir oralmente, sentir bem pode-se, mas perfeitamente dizer, não. Pois bem disse David que grande é a multidão daquela doçura que existirá na visão de Deus, pois, segundo diz Santo Agostinho, os condenados amarão mais ver Deus no Inferno, se (isto) pudesse ser, (do) que perder sua visão e estar fora dos tormentos.

Assim, grande prazer é ver (o) homem seu Criador. Por isto disse S. Bernardo: “{*Magna et ineffabilis dulcedo uidere hominem hominis /114 V/ conditorem*}”. “Grande Prazer é”, diz ele, “ver o homem que faz os homens”, porque nesta visão estão todos os deleites, segundo está escrito no Livro da Sabedoria: “{*Panem de celo praestitisti eis, etc*}”. “Senhor”, diz o Sabedor, “Tu lhes deste pão de vida em que há toda deleitação e saborosa doçura”. E bem disse “Tu lhes deste” porque eles não o compraram nem o ganharam de ti, porque nem por todo o ouro do mundo se acharia uma tal deleitação como é ver Jesus Cristo, nem por tais cem mil mundos. E bem disse que “Tu lhes deste” sem trabalho porque quanto (o) homem pudesse sofrer, tudo seria nada, esguardando aquele infinito prazer. E por isto disse que há nele todo o descanso porque sem ele ninguém pode descansar. E disse mais, que há toda a doçura e sabor porque, sem ele, ninguém pode ter prazer. E não é maravilha se o há, porque nele terão aqueles que ouvirem tudo o que quiserem, segundo foi figurado no maná que a cada um dava tal sabor como ele queria que lhe soubesse. Assim é nele (para) aqueles que são salvos, segundo diz /115r/ David: “{*Desiderium eorum at(t)ullit eis*}”; e ele deu a cada um segundo o seu desejo. Disto diz Job: “{*Tunc super omnipotentem afflues deliciis decernes rem et uenut, etc*}”. Quer dizer, “Quando

tu fores no paraíso aueras todos uijços E o que deseiares logo sera conprido. Hora he claro que em este pam de uida sam todos uijços e sabores Pois segundo se diz comunalmente. aquelle nõ he b• guolloso que de todo nõ ploua. *scilicet*. daqueste em que todos boos manjares Sam de que diz santo agostinho. {*In illo gáudio nichil (sic) abest, nichil obest, nichil superfluit, nichil defecit, nichil exterius quod a(p)petitur nichil internius quod fastidiatur*}. quer dizer em aquella delleitosa allegria nehua cousa falleçe Nehua cousa anoja. Nom ha hi mingua n• sobejo Neh•a cousa he fora que homem deseie. n•h•a cousa he dentro que homem auorreça E sam gregorio diz. {*Si consideramus que et quanta sunt que nobis promittuntur in cellis, uilescunt animo omnia que habentur in terris*}. Se nos consisijramos quantos e quaaes sã os prazeres que deus nos promete em os çeeos ligeiramente despraçariam nossos coraç•es todollas cousas da /115v/ terra. Mes por deus se estes uijços sam tam grandes como os santos e as escripturas dizem. Por que nom põe hom• o corpo e ho auer pollos guançar. a jsto podemos assijnar duas rraz•es que nos enbarguam.

Capitollo CLx da primeira rrezom que nos enbarga a nõ podermos percalçar as alegrias sobredictas.

A Primeira he preguiça. Porque assi como homem diz. que o guato come de boamente o pescado e nom se quer molhar pollo pescar Assi ha muitos que de boa mente filharjom estas alegrias Mes que nom trabalhassem em as buscar Assy como diz santo aguostinho. {*Ad mercedem alacer, ad opus piger*}. Ao guallardom esforçado ao trabalho preguiçoso E sallamom diz {*Vult et non uult piger*} ho pregui<ç>osso quer e nom quer. Quer auer prazer. E nom quer sofrer trabalho Mes jsto nom pode seer. Desto se lee no Jenesi que Jacob nom pode auer Rrachell por molher ataa que nom ouuesse lia Rrachell tanto quer dizer como vistoso começo E senefica a allegria do paraíso honde sse vee deus que he começo e fim de todo. segundo diz o apocalipse lia quer dizer trabalhador E senefica esta presente vida que he toda em trabalho. E assy parece que /116r/ Nom pode homem chegar aa ujssom de deus senom per trabalho. Nem os justos que sam entendidos per Jacob. que quer dizer lujtador. Por que lutar nos cõuem com o m•do e com a carne e com o diaboo. E jsto he o que diz sam (paulo) {*Per multas tribulaciones oportet nos introire in regnum colorum*} Per muitas tribulaç•es Nos conuem entrar no rreyno dos çeeos E sam gregorio diz exçitando os pecadores {*Delectat mentem magnitudo premioreem sed mon deterrat certamen laborum*}. Se o guallardom nos allegra Nom nos espante o trabalho. Ca sam paullo diz {*Si nom compatimur nom correguabimus*} Se nom sofremos com Jhesu christo nom rreignaremos com elle.

Capitollo CLxj da segunda rrezõ E de como aqueles que procuram os viçios do m•do nõ poderã cõseguir prazer n• alegria çelestial.

A segunda rrazom he. Por que Nos nõ conheçemos estas alegrias nem as auemos prouadas. Ca se alg• pouco dellas Ouuessemos sentido Nom he cousa que nõ sofressemos pellas auer. Assy como a guolosa que proua o b• vinho. Jsto he b• scripto nos prouerbios da alma aferu•tada

tu estiveres no Paraíso, terás todos os mimos e o que desejares, logo será cumprido". Ora é claro que neste pão de vida estão todos os mimos e sabores, pois se diz comumente: "Não é bom guloso aquele que de tudo não prova deste em que existem todos os bons manjares", de que diz Santo Agostinho: "*{In illo gáudio nichil (sic) abest, nichil obest, nichil superfluit, nichil defecit, nichil exterius quod a(p)petitur nichil internius quod fastidiatur}*". Quer dizer: "Naquela deleitosa alegria nenhuma coisa falta, nenhuma coisa anoja. Não há lá minguagem nem sobrejo. Nenhuma coisa há fora que (o) homem deseje, nenhuma coisa há dentro que (o) homem aborreça". E S. Gregório diz: "*{Si consideramus que et quanta sunt que nobis promittuntur in cellis, uilescunt animo omnia que habentur in terris}*". "Se nós consideramos quantos e quais são os prazeres que Deus nos promete nos céus, rapidamente desprezariam nossos corações todas as coisas da /115v/ terra". Mas, por Deus, se estes atractivos são tão grandes como os santos e as Escrituras dizem, por que não põe (o) homem o corpo e os bens para os ganhar? A isto podemos apontar duas razões que nos impedem.

Capítulo 160º. – Da primeira razão que nos impede de podermos alcançar as alegrias sobreditas.

A primeira é a preguiça. Porque assim como a pessoa diz que o gato come de boamente o peixe mas não se quer molhar para o pescar, assim há muitos que de boamente receberiam estas alegrias desde que não trabalhassem em as buscar, como assim diz Santo Agostinho: "*{Ad mercedem alacer, ad opus piger}*". "Ao galardão, esforçado, ao trabalho, preguiçoso". E Salomão diz: "*{Vult et non uult piger}*". "O preguiçoso quer e não quer". Quer ter prazer e não quer sofrer trabalho. Mas isto não pode ser. Disto se lê no Génesis que Jacob não pôde ter Raquel por mulher enquanto não tivesse Lia. Raquel quer dizer começo vistoso e significa a alegria do Paraíso, onde se vê Deus que é (o) começo e fim de tudo, segundo diz o Apocalipse. Lia quer dizer trabalhador e significa esta presente vida que toda se leva em trabalho.

E assim parece que / 116r/ não pode (o) homem chegar à visão de Deus senão pelo trabalho. Nem os justos que são figurados por Jacob, que quer dizer lutador porque nos convém lutar com o mundo e com a carne e com o diabo. E isto é o que diz S. Paulo: "*{Per multas tribulationes oportet nos introire in regnum colorum}*". Por muitas tribulações convém-nos entrar no reino dos Céus. E S. Gregório diz excitando os pecadores: "*{Delectat mentem magnitudo premioreem sed non deterrat certamen laborum}*". "Se o galardão nos alegra não nos espante o trabalho". Pois S. Paulo diz: "*{Si non compatimur non correguabimus}*". "Se não sofrermos com Jesus Cristo, não reinaremos com ele".

Capítulo 161º – Da segunda razão. E de como aqueles que procuram os vícios do mundo não poderão conseguir prazer nem alegria celestial.

A segunda razão é porque nós não conhecemos estas alegrias nem as havemos experimentado, porquanto se um pouco delas houvéssemos apreciado, não há coisa que não sofrêssemos por consegui-las, assim como a gulosa que prova o bom vinho. Isto é bem descrito, nos provérbios, da alma afervorada:

{*Gustavit et uidet quam bona est negociacio eius*} /116v/ Ella prouou e uio como esta era boa mercadoria e trabalhou por auella Pois bem se mostra que aquelles que com feruente desejo buscam os uijços do mundo. ajnda nom guostarom estes. Mes sam muj escondidos delles De que sam Jeronjmo diz {*Dificille est immo impossibile ut quis bonis fruatur presentibus et futuris, ut hic uentrem alibi mentem saciet, ut de deliciis transeat ad delicias, et ut in cello et in terra ap(p)areat gloriosus*}. Jsto nom pode seer diz elle que alg• possa auer os deleitos do çeeo e da terra E que dos daquj farte seu ventre e dos della seu coração E assy dos prazeres do mundo aas alegrias do çeeo E que no çeeo e na terra pareça glorioso. E Por que aquella alegria he escondida aos que buscam os uijços do mundo. Quando daujd disse. como he grande a multidom da tua doçura E emadeo logo. que tu escondeste aos que te temem E nom he marauilha se ella he escondida aaquelles que o nom tem•. Ca desto se queixaua Jheremjas {*Consollatio abscondita est ab oculis meis*}. Senhor deus diz elle a uossa consollaçom he escondida aos meus /117r/ Olhos. E Pode homem assijnar quatro rraz•es Por que deus esconde suas duçuras.

*Capitollo CLxij* que por quatro rrez•es esconde deus suas dulçuras Da primeira e de como esta dulçura nõ entra • coração curruto per pecado.

A primeira he que assy como o saies tauerneiro nom mete seu b• vinho em maaõ vaso. Assy nom poem deus a doçura de ssua consollaçom Em coração corruto per pecado. Por que tall uaso he muj maaõ segundo que diz Jsayas {*Fraudulenti uasa usant pessima*}. Hos uasos diz elle do fallssõ coração he muy maaõ pera rreçeber a doçura de deus. Por que segundo sam bernardo tall doçura he ballssamo e rrequere ho uaso muj linpo.

*Capitollo CLxiiij* da segunda rrezom.

A segunda rrazom he que assi como o que trabalha nom rreçebe seu aluguer Ataa que aja acabado seu trabalho. Assi nom quer deus pagar ho aluguer da gloria emquamto dura o trabalho desta vida. Por jsto mandou elle no euangelho. que aa uespera. *scilicet*. quando ho dia he acabado paguasse seu despensseiro os obreiros. “{*Cum sero factum est etc*} /117v/ Mas sam alg•s que nom querem atender a u•dima. Mes com•na ante do tempo E assy acham pouco do que achar deuiã. Assy fazem aquelles que cada dia quer• auer sentimento de deus. ou querem auer guallardom dalg•s b•s que fazem de que elles mujto deuiã temer Nom ouujr aquella pallaura que abr•o disse ao hom• rrico {*Recepisti Bona in uita tua*}. Tu rreçebeste os b•s em tua ujda Por jsto diz o prouerbio maa triguãça nom he bondade.

*Capitollo CLxiiij* da terceira rrezom.

A terceira rrazom he que homem e molher he mais auiuado a fazer bem Ca se elle sentisse cada dia aquella doçura. aa sua voomtade poderia cayr em uergonça de bem fazer. E deus ha esconde Por que a alma sinta a mjngua della e trabalhe de buscar mereçimento. Ca

“{*Gustavit et uidet quam bona est negociacio eius*}”. /116v/ “Ela provou e viu como esta era boa mercadoria e trabalhou por tê-la”. Pois bem se mostra que aqueles que, com fervente desejo buscam os atractivos do mundo, ainda não degustaram estes, mas estão muito escondidos deles, de que S. Jerónimo diz: “{*Dificille est immo impossibile ut quis bonis fruatur presentibus et futuris, ut hic uentrem alibi mentem sacet, ut de deliciis transeat ad delicias, et ut in cello et in terra ap(p)areat gloriosus*}”. "Isto não pode ser", diz ele, "que alguém possa ter os deleites do céu e da terra e que dos de aqui farte (o) seu ventre e dos de lá (o) seu coração, e, assim, dos prazeres do mundo às alegrias do céu e que no céu e na terra pareça glorioso". E porque aquela alegria é escondida aos que buscam os atractivos do mundo. Quando David disse: "Como é grande a multidão da tua doçura", acrescentou logo: “que tu escondeste aos que te temem”. E, assim, não deve causar admiração se ela é escondida àqueles que o não temem, porquanto disto se queixava Jeremias: “{*Consollatio abscondita est ab oculis meis*}”. "Senhor Deus", diz ele, "a vossa consolação está escondida aos meus / 117 r/ olhos". E pode uma pessoa apontar quatro razões por que Deus esconde suas doçuras.

Capítulo 162º – Que por quatro razões esconde Deus suas doçuras. Da primeira e de como esta doçura não entra em coração corrompido pelo pecado.

A primeira é que, assim como o sages taberneiro não mete seu bom vinho em mau vaso, assim não põe Deus a doçura de sua consolação em coração corrompido pelo pecado, porque tal vaso é muito mau, segundo diz Isaías: “{*Fraudulenti uasa usant pessima*}”. "Os vasos", diz ele, "do falso coração é muito mau para receber a doçura de Deus", porque, segundo S. Bernardo, tal doçura é bálsamo e requer o vaso muito limpo.

Capítulo 163º – Da segunda razão.

A segunda razão é que assim como o que trabalha não recebe o seu salário até que haja acabado o seu trabalho, assim não quer Deus pagar o salário da glória enquanto dura o trabalho desta vida. Por isto mandou ele no Evangelho que, à vespera, isto é, quando o dia está terminado, pagasse seu despenseiro aos obreiros {*Cum sero factum est etc*}/117v/ Mas há alguns que não querem esperar (pela) vindima mas comem-na antes do tempo. E, assim, acham pouco do que deviam achar. Assim fazem aqueles que cada dia querem ter sentimento de Deus, ou querem ter galardão de alguns bens que fazem, de que eles muito deviam temer<sup>148</sup> ouvir aquela que Abraão disse ao homem rico: “{*Recepisti Bona in uita tua*}”. “Tu recebeste os bens em tua vida”. Por isto diz o provérbio: “Má trigança não é bondade”.

Capítulo 164º. – Da terceira razão.

A terceira razão é que homem e mulher é mais avivado a fazer bem, porque se ele sentisse cada dia aquela doçura, a sua vontade poderia cair em vergonha de bem fazer. E Deus a esconde para que a alma sinta a míngua dela e trabalhe (para) buscar merecimento, pois

---

<sup>148</sup> Suprimiu-se a palavra “não” que é prejudicial à compreensão do texto.

neçessidade faz uelha trotar. Por jsto diz Jsayas. {Domine, in angustia sua requisicrunt te} .  
senhor diz elle elles te buscarom em seu mester. como se dissesse se lhes nom foras neçessario  
nõ te buscarõ.

Capitollo CLxv da quarta rrezom *e que* por quatro coussas n•h• pode dereytamente em esta  
vida a gloria sentir.

/118r/ A quarta rrazom he porque aquella duçura seia com mayor feruor desejada. Assi como os  
meninos quando sua madre lhes arreda a mama elles ham mayor uoontade de a auer E jsto diz a  
grosa sobrestas pallauras {Abscondidisti dulcedinem tuam et occultasti ut auidius ap(p)etatur}.  
Senhor *deus* diz Jsayas tu escondeste a tua duçura por *que* fosse com mayor ardor desejada. E  
ajnda que ella seia assy escondida como dito he. Assy sostem *deus seus* obreiros que nõ  
desfalleçõ em seu *seruiço*. ajnda que lhes guarde o guallardom pera a fim. de que diz daujd  
aaquelles que *deus seruem e* guardam seus mandam•tos {In custodiendis il(l)is, retribucio  
multa} Em guardar teus mãdamentos. diz elle ha mujtos guallard•es E nõ diz grandes. *per que*  
homem entende o guallardom da gloria Mes disse mujtos que ajnda que *deus* guarde aquella  
guallardom glorioso. Aaquelles que o *seruem* nõ fica Porem *que* lhes elle nom de suas  
conssollaç•es *que* som assy como arras ante do gram paguamento da perdurauell gloria de *que*  
sam paullo diz *que deus nos* deu as arras do seu espritu. *scilicet*. das esprituaaes /118v/  
Comssollaç•es que nos enuja E ajnda diz elle meesmo. {Si(g)nati estis spiritu prom(s)isionis  
que est pignus hereditatis} vos s•es sinados do espritu da santa promissom que he arra da  
erdade E por adoçar as mijzquijndades e trabalhos desta ujda nos da *deus* estas arras por aliuar  
nossos coraç•es. Assy como ho tauerneiro da a prouar seu b• vinho por que lho conprem  
melhor E beuã delle tanto ataa que cada h• seja embeuedado E Por jsto diz daujd.  
{Inebriabuntur ab ubertate domus tue}. senhor diz elle tu daras a teus amigos tanto a beuer do  
vinho da gloria que lhe tu mostraras *que* da abastança delle serom beuedos Ca tanto como cada  
h• desejara assy auera segundo diz daujd. {Qui replet in bonis disiderium tuum}. *deus* conplira  
o teu desejo de seus b•s. Pois nom he maraujlha se o ujnho he b• e cada h• o tem aa ssua  
v•tade se senbeueda quando Nos achamos em esta ujda por hua soo guota que mujtos  
senbeuedarom. Quãdo o homem he beuedo ou caae ou embica amehude Assy achamos de  
danjell e ezichiell E de sam Johã /119r/ euangilista que como virom *deus* cayrom em terra E  
Nom se poderom mais teer Desy a beuediçe torua a pallaura Jsto se mostrou bem em sam paullo  
*que* quando foy rrauto ouujo pallauras de segredo que nom ousou de dizer a homem segundo  
elle disse em sua epistolla. Ajnda mais a beuediçe faz esqueçeer. Por jsto disse Job. {Miserie  
quoque obliuiscris} Tu esqueçeeras todas tuas mjzquijmdades Jsto ouuymos de muitos santos  
que assy esqueçiam ssy meesmos que pareçya que nom auiam por mall cousa que lhes  
fezessem. Em jsto parece *que* o vinho he b• por *que* conujda aquella que o beuer. Jsto he  
quando ha hom• mayor sede despois que beue que antes. Assy he deste que quanto homem  
mais



necessidade faz velha trotar. Por isto diz Isaías: “{*Domine, in angustia sua requisicrunt te*}”. "Senhor", diz ele, "eles te buscaram em seu mester", como se dissesse: se lhes não foras necessário, não te buscariam.

Capítulo 165º – Da quarta razão e (de) que por quatro cousas ninguém pode directamente nesta vida sentir a glória.

/118r/ A quarta razão é para que aquela doçura seja desejada com maior fervor, assim como os meninos, quando sua mãe lhes arreda a mama, eles têm maior vontade de a ter. E isto diz a glosa sobre estas palavras: “{*Abscondidisti dulcedinem tuam et occultasti ut avidius ap(p)etatur*}”. "Senhor Deus", diz Isaías, "Tu escondeste a tua doçura para que fosse desejada com maior ardor", e ainda que ela seja assim escondida, como se disse. Assim sustém Deus seus obreiros para que não desfaleçam no seu serviço, ainda que lhes guarde a recompensa para o fim, de que diz David àqueles que servem Deus e guardam seus mandamentos: “{*In custodiendis il(l)is, retribucio multa*}”. "Em guardar teus mandamentos", diz ele, "há muitos galardões". E não diz grandes porque o homem entende o galardão da glória, mas disse muitos pois, ainda que Deus guarde aquele galardão glorioso àqueles que o servem, não invalida, porém, que lhes não dê suas consolações que são, assim, como arras antes do grande pagamento da perdurável glória, de que S. Paulo diz que Deus nos deu as arras do seu espírito, isto é, das espirituais /118v/ consolações que nos envia. E ainda diz ele mesmo: “{*Si(g)nati estis spiritu promiss(s)ionis que est pignus hereditatis*}”. “Vós estais assinalados pelo espírito da santa promessa que é a arra da herança”.

E para dulcificar as mesquindades e trabalhos desta vida, nos dá Deus estas arras para aliviar os nossos corações, assim como o taberneiro dá a provar o seu bom vinho para que lho comprem melhor e dele bebam tanto até que cada um fique embebedado. E por isto diz David: “{*Inebriabuntur ab ubertate domus tue*}”. "Senhor", diz ele, "Tu darás a teus amigos tanto a beber do vinho da glória que tu lhe(s) mostrarás que da abundância eles ficarão bêbados, porque tanto como cada um desejara, assim haverás", segundo diz David: “{*Qui replet in bonis desiderium tuum*}”. “Deus satisfará o teu desejo dos seus bens”. Pois não é de admirar se o vinho é bom e cada um o tem à sua vontade, se se embebeda. Quando nos achamos nesta vida, por uma só gota muitos se embebedarão.

Quando o homem está bêbado, ou cai ou tropeça amiúde. Assim achamos de Daniel, de Ezequiel e de João /119r/ Evangelista que quando viram Deus, caíram em terra e não se puderam mais ter (em pé), pois que a bebedice perturba a palavra. Isto se mostrou bem em S. Paulo que quando foi arrebatado ouviu palavras de segredo que não ousou dizer a alguém, segundo ele disse em sua epístola. E, além disso, a bebedice faz esquecer. Por isto disse Job: “{*Miserie quoque obliuiscris*}”. “Tu esquecerás todas as tuas mesquindades”. Isto ouviremos de muitos santos que (tanto se) esqueciam de si mesmos que parecia que não tinham por mal coisa que lhes fizessem. Nisto parece que o vinho é bom porque convida aquele que o beber, isto é, quando o homem tem maior sede depois que bebe do que antes. Assim é deste, que quanto o

beue mayor sede ha Disto diz o eclesiastico. {*Qui bibunt me ad(h)uc sitient*} Jsto sabem aquelles que o prouarõ. Mes doçe Jhesu bem abastaria aa minha catyua e pecador alma que morre de sede. se podesse auer do vinho da conpunçom de que diz daujd. {*Potasti nos uino compuc(c)ionis*}. E Por que eu que n•h•a sey falle. dame a dizer cousa que te praza e que abaste aaquelles que te deseia /119v/ Ca tu es tauerneiro que o das a quem te praz. E quando te praz Mostraste bem a bondade deste vinho na transfeguraçom quando ta façe rresprandeçeo como o ssoll E tuas ujtaduras foram brancas como neue. segundo diz ho euangelho de que aquelles que contiguo stauom forã tam embeuedados que cairõ em terra. E tanto pareçeo b• a ssam Pedro que quisera senpre ally estar. E disse. {*Domine, bonum est nos hic (esse) etc.*} Senhor bem he que nos moremos aquj Pero jsto nom foi senõ h• pequeno sentimento deste uinho da gloria. Pois doçe Jhesu christo se entom foste tam deleitoso de ueer naquella transfeguraçom que eras aynda homem mortall como seras deleitoso desguardar em tua cõprida gloria E sse h•a soo guota assy enbeueda a alma que desfalleçe com prazer. que sera quando ella beuer do tonell cheo. Hoo mall auenturado filho dadam que pella allegria do mundo que tam fallssa e tam breue he perdes aquella em que ha tanta delleitaçom que he prestes a todos aquelles que de b• coraçom a deseia. Mes mujto he gram door que apenas pode hom• achar quem de auella se bem queira aparelhar. E he pella /120r/ rrazom que ja dissemos que n•h• sabe nem quer aprender quejanda he E pera jsto pode hom• assijnar quatro rraz•es por que n•h• a pode dereitam•te sentjr em esta ujda.

#### Capitollo CLxvj da primeira causa.

A Primeira he jnfirmitade que enpacha o guosto que nom pode sentir o ssabor da boa vianda. Assy faz a •firmjdade do pecado na alma que tira todo o ss•timento do esprituall sabor jsto nos foy bem seneficado no liuro dos nomes dos filhos disrraell a que a magna auorreçia tanto que deziã {*Anima nostra nauseat super cibo isto leuis(s)imo*} Quer dizer esta ujanda leue se torna ja a nossa alma em uoomtade de rreuessar. E nom he maraujlha ca elles nom deseiauom outra cousa senom as carnes e as auguas do egipto per que se entendem os ujços deste mundo E Por jsto os anojaua a magna. E ajnda hi ha alg•s que tanto deseia o mundo que apenas quer• ouujr fallar de deus.

#### Capitollo CLxvij da segunda causa.

A segunda rrazõ por que homem nom sente esta /120v/ doçura.he por que a nom mastigua bem. E o bocado que nom he bem mastiguado nõ da boom sabor. Ca os guolosos teem os bocados mujto na boca por lhes dar melhor guosto E assy quem as allegrias do paraíso bem mastigasse na memoria do seu coraçom. Eu creyo que sentiria grande doçura Por jsto diz daujd. {*Quam dulcia faucibus meis eloquia tua! Super mel ori meo.*} Senhor diz elle tuas pallauras sam mais doçes na boca do meu coraçõ que ho mell.

#### Capitollo CLxviij da terceira causa.

homem mais bebe, maior sede tem. Disto diz o Eclesiástico: “{*Qui bibunt me ad(h)uc sitient*}”. “Isto sabem aqueles que o provaram”.

Mas doce Jesus bem bastaria à minha alma infeliz e pecadora, que morre de sede, se pudesse ter do vinho de compunção de que diz David: “{*Potasti nos uino compuc(c)ionis*}”. E porque eu nenhuma coisa sei (falar), dá-me a dizer cousa que te praza e que abaste àqueles que te desejam /119v/, pois tu és taberneiro que o dás a quem te praz e quando te praz. Mostraste bem a bondade deste vinho na transfiguração quando tua face resplandeceu como o sol e as tuas vestiduras ficaram brancas como a neve, segundo diz o Evangelho, de que aqueles que contigo estavam ficaram tão inebriados que caíram em terra. E tão bem pareceu a S. Pedro que quisera sempre ali estar e disse: {*Domine, bonum est nos hic (esse) etc.*} “Senhor, bom é que nós moremos aqui”. Mas isto não foi senão uma pequena apreciação deste vinho da glória. Pois, doce Jesus Cristo, se então foste tão aprazível de ser visto naquela transfiguração em que eras ainda homem mortal, como serias aprazível de contemplar em tua completa glória? E se uma só gota assim embebida a alma que desfalece com prazer, que será quando ela beber do tonel cheio? Ó mal-aventurado filho de Adão que pela alegria do mundo, que tão falsa e tão breve é, perdes aquela em que há tanta deleitação que está pronta (para) todos aqueles que de bom coração a desejam! Mas é muito grande dor que a pessoa pode achar apenas quem bem se queira preparar (para) possuí-la. E é pela /120r/ razão que já dissemos: que ninguém sabe nem quer aprender quejanda é. E para isto podem apontar-se razões por que ninguém a pode directamente sentir nesta vida.

#### Capítulo 166º – Da primeira causa.

A primeira é enfermidade que embaraça o gosto que não pode sentir o sabor da boa vianda. Assim faz a enfermidade do passado na alma que tira toda a apreciação do sabor espiritual. Isto nos foi bem significado no Livro dos nomes dos filhos de Israel a quem o maná aborrecia tanto que diziam: “{*Anima nostra nauseat super cibo isto leuis(s)imo*}”. Quer dizer: "esta vianda leve se muda à nossa alma em vontade de vomitar". E não é de admirar pois eles não desejavam outra cousa senão as carnes e as águas do Egipto pelas quais se entendem os atractivos deste mundo. E por isto os anojava o maná. E ainda aí há alguns que tanto desejam o mundo que apenas desejam falar dele.

#### Capítulo 167º – Da segunda causa.

A segunda razão por que a pessoa não sente esta /120v/ doçura é porque a não mastiga bem. E o bocado que não é bem mastigado não dá bom sabor pois os gulosos têm os bocados muito (tempo) na boca para lhes dar melhor gosto. E, assim, quem as alegrias do Paraíso bem mastigasse na memória do seu coração, creio eu que sentiria grande doçura. Por isto diz David: “{*Quam dulcia faucibus méis eloquia tua! Super mel ori meo*}”. "Senhor", diz ele, "Tuas palavras são mais doces na boca do meu coração que o mel".

#### Capítulo 168º – Da terceira causa.

A treçeira rrazõ he a agrura das viandas que hom• come. que assy como sobre azedo nõ sabe bem o vinho E Por jsto os *que sse delle paguam* Nom quer• comer salssa de uinagre. Por nom perder o b• guosto Assy he aquy aquellos que amam as agruras dos viços deste mundo Nom podem sobrellas syntir a doçura espirituall de que diz Jheremias {*Qui comederunt uuam ace(r)bam obstupuerunt dentes eius*} quem comer huva uerde botarsselheam os dentes huva que nom he madura sentendem os ujços do mundo Pois quem /121r/ quiser seer bem uiçoso fugua aas cousas que ao gram ujço enbarguom E em fegura desto se lee no euangelho *que Jhesu christo* quando quis hir aa gloria pella morte da cruz. Nom *quis* guostar do fell que lhe ofereçerom Em *que* nos deu a •tender que *quem quer* sentir a deleitaçom spirituall deue fogir aas do m•do que sam •tendidas pello fell que he amarguosso. Disto diz sam bernardo viçossa he a deujnall consolaçõ Mes *deus* nom ha da a quem outra rreçebe.

*Capitollo CLxix da quarta caussa.*

A quarta he *grande enchimento*. Por que *quem* mujto comeo de glossas viandas Nom pode comer das dellguadas. *quer* dizer que quem he cheo dos ujços do mundo. nom pode sentir os çellistraaes Por jsto diz sam bernardo {*Anima saciata calcabit fauum etc*} ha alma farta dos ujços do mundo. trilhara o mell. *quer* dizer desprazera os ujços esprituaaes que sam doçes Pois bem disse daujd na auctoridade suso dita como he *grande* a multidom da duçura que tu escondisti aos *que* te amã.

*Capitollo CLxx em que declara outra uez este ueso de daujd*

/121v/ Ajnda homem pode doutra guisa despoher esta pallaura que tu escomdeste. *quer* dizer tu a poseste em segura m•o Pera a dares em tenpo *e* luguar aaquelles que te temem E assy a auerõ sem fim Ca se ouuessem medo de a *perder* a alegria nom seria perffeita Por jsto disse *deus* no euangelho {*Iterum uidebo uos et gaudebit cor uestrum et gaudium uestrum nemo tol(l)et a uobis*} Eu *uos* tornarey a uer disse *deus* no dia do juizo E alegrarseham uossos coraç•es da gloria que *uos* darej E uossa alegria nom se *uos* podera tolher *que* homem possa *perder* a alegria quando a tem proualloemos por quatro rraz•es.

*Capitollo CLxxj que a alegria e consolaçom que deus da perder se nõ pode por quatro rrez•es. da primeira.*

A primeira he quando a cousa de que homem he ledõ falleçe. A lediçe falleçe com ella Mes a *alegria* que homem ha auemdo *deus* nom podera falleçer Ca *deus* de que ella vem he *e* sera sem fim Por jsto diz daujd {*Dominus in eternum permanet*}. Pois nõ sse deuem a alegrar os do mundo. Ca lhe falleçera. E todas suas alegrias com elle segundo diz daujd. /122r/ {*Ipsi peribunt, tu autem permanes, etc*} Senhor *deus* O mundo *e* seus amigos falleçerom *e* tu seras sem fim.

*Capitollo CLxxij da segunda.*

A terceira razão é a agrura das viandas que uma pessoa come. Que assim como sobre o azedo não sabe bem o vinho e, por isto, os que dele se pagam não querem comer condimento de vinagre para não perder o bom paladar, assim é aqui. Aqueles que amam as agruras dos atractivos deste mundo não podem sobre elas sentir a doçura espiritual de que diz Jeremias: “{*Qui comederunt uuam ace(r)bam obstupuerunt dentes eius*}”. “Quem comer uva verde, botar-se-lhe-ão os dentes”. (Por) uva que não é madura se entendem os atractivos deste mundo pois quem /121r/ quiser ser bem mimoso fuja às cousas que ao grande mimo estorvam. E em símil disto se lê no Evangelho que Jesus Cristo quando quis ir à glória pela morte da Cruz não quis provar do fel que lhe ofereceram, no que nos deu a entender que quem quer sentir a deleitação espiritual deve fugir às do mundo que são figuradas pelo fel que é amargoso. Disto diz S. Bernardo: “Viçosa é a divinal consolação mas Deus não a dá a quem outra recebe”.

#### Capítulo 169º – Da quarta causa.

A quarta é grande enchimento porque quem muito comeu de viandas gordas não pode comer das magras, quer dizer, que quem é cheio dos mimos deste mundo não pode sentir os celestiais. Por isto diz S. Bernardo: “{*Anima saciata calcabit fauum etc*}”. “A alma farta dos mimos do mundo calcará o mel”, quer dizer, desprezará os mimos espirituais que são doces. Pois bem disse David na autoridade acima dela, “Como é grande a multidão da doçura que tu escondeste aos que te amam”.

#### Capítulo 170º – Em que declara outra vez este verso de David /121v/.

Ainda de outra guisa pode (o) homem explicar esta palavra “que tu escondeste”, quer dizer, tu a puseste em mão segura para a dares em tempo e lugar àqueles que te temem. E assim a terão sem fim porque se tivessem medo de a perder, a alegria não seria perfeita. Por isso disse Deus no Evangelho: “{*Iterum uidebo uos et gaudebit cor uestrum et gaudium uestrum nemo tol(l)et a uobis*}”. “Eu vos tornarei a ver”, disse Deus, “no dia do juízo e alegrar-se-ão vossos corações da glória que vos darei e vossa alegria ninguém vo-la poderá tirar”. Que a pessoa possa perder a alegria, quando a tem, prová-lo-emos por quatro razões.

#### Capítulo 171º – Que a alegria e consolação que Deus dá não se pode perder por quatro razões.

Da primeira: A primeira é quando falta a cousa de que o homem se alegra. A alegria falta com ela. Mas a alegria que o homem tem, possuindo Deus, não poderá faltar porque Deus, de que ela provém, é e será sem fim. Por isto diz David: “{*Dominus in eternum permanet*}”. Pois não se devem alegrar os do mundo porque (este) lhe(s) faltará e, com ele, todas as suas alegrias, segundo diz David: /122r/ “{*Ipsi peribunt, tu autem permanes, etc*}”. “Senhor Deus, o mundo e seus amigos faltarão e tu serás sem fim”.

#### Capítulo 172º – Da segunda.

A segunda rrazom he que ajnda que aquello de que homem ha prazer nom possa falleçer Aquelle que o prazer ha pode morrer. Porem os ricos E poderosos deste mundo nom se podem dereitam•te allegrar Ca lhe conuem leixar suas onrras e riquezas per morte Por jsto diz daujd {*Cum interierit homo non sumet hec omnia, etc*} quando os ricos morrer• nom degenderom com elles suas hõrras n• riquezas Mes outrem as lograra. E nõ sera assy dos justos Ca he escripto no liuro da sabedoria {*Iusti in perpetuum uiuent*} Hos justos uyuerõ pera senpre.

Capitollo CLxxiij da terceira.

A terceira rrazõ he que per uentura a cousa de que sse homem allegra he alhea e cõuem que a torne a cuja he E assy se perde a allegria Por jsto os que ham as cousas do mundo. seja auer hõrra /122v/ Ou poderio Nom se deueriam mujto a alegrar Por que nom sam suas Mes deus lhas enprestou Assy como diz sam paullo {*Quid habes quod non recepisti?*} Tu rico que has que deus te nom desse. Sem duujda quando elle quiser todo filhara. segundo elle diz per ossee o profeta. Eu te filharej o meu trijguo e meu vinho e meu azeite E todos os outros b•s que te eu •prestey quando me prouuer Mes nõ se pode assi tolher a allegria aos santos do paraíso Ca deus he seu prazer. Nom se lhe enprestou mes deu segundo diz Jsayas. {*Filius datus est nobis*} Deus disse elle nos he dado E cousa dada nom pode hom• tolher per dereito E Por que deus he leall E deusse de ssua pura v•tade. nom se pode nem quer tolher Assy como dito he E assy sera a allegria sem fim que os santos auerõ delle.

Capitollo CLxxiiij da quarta.

A quarta rrazom he que ajnda que a cousa de que homem ha prazer seja propria daquelle que a tem Podenlha furtar. E assy nõ soomente perde o prazer Mes busca aazo de tristeza. Mes nõ /123r/ he ally asy Ca Daujd disse. {*Deus cordis mei, etc*} deus he de meu coração honde ladrom nom tem poder E Por jsto he elle minha allegria e minha parte sem fim Por jsto disse Jsayas. {*Leticia senpiterna super capita eorum*} lediçe sera sem fim sobre suas cabeças Este he Jhesu christo que he seu prazer que os enbeueda de sseu amor e de sua glloria que he com o padre e com o santo espritu h• deus que rreyna per omnia seculia seculorum amem.

Aquy se acaba o trauctado das alegrias do paraíso E começa ho vijº liuro dos tres caminhos. scilicet. purgatiuo Jlumjnatiuo e contenplatiuo E dos sete signaaes do amor embeuedado.

Capitollo CLxxv de sete signaaes do amor enbeuedado

Quem ha estas alegrias de que h• pouco auemos assy como pallpado como faz o menino quando começa a fallar que diz suas pallauras meas acabadas /123v/ Nom he marauilha se aquelle que nehua cousa sentyo sabe mall fallar segundo o que diz o ecresiastico {*Qui non est expertus quid scit?*} que sabe diz elle quem nom prouou E Jsayas disse quando foy embeuedado. {*Oculus non uidit nec aures audiuit nec in cor hominis ascendit que preparauit Deus diligentibus se*}. o olho nom pode ueer Nem orelha ouujr nem coração penssar Nem

A segunda razão é que, ainda que aquilo de que o homem tem prazer não possa faltar, aquele que tem prazer pode morrer. Porém os ricos e poderosos deste mundo não se podem com razão alegrar pois lhe(s) advém deixar suas honras e riquezas por morte. Por isto diz David: “{*Cum interierit homo non sumet hec omnia, etc*}”. “Quando os ricos morrerem, não descerão com eles suas honras nem riquezas mas outrem as logrará”. E não será assim com os justos pois está escrito no Livro da Sabedoria: “{*Iusti in perpetuum uiuent*}”. “Os justos viverão para sempre”.

#### Capítulo 173º – Da terceira.

A terceira razão é que, porventura, a cousa de que o homem se alegra é alheia e convém que a torne a cuja é. E assim se perde a alegria. Por isto os que têm as cousas do mundo, seja ter honra /122 V/ ou poderio, não se deveriam alegrar muito porque não são suas mas Deus lhas emprestou, assim como diz S. Paulo: “{*Quid habes quod non recepisti?*}” “Tu, rico, que tens que Deus te não desse?” Sem dúvida, quando ele quiser, tudo tomará, segundo ele diz pelo profeta Oséias: “Eu te tomarei o meu trigo e meu vinho e meu azeite e todos os outros bens que eu te emprestei, quando me prouver”. Mas não se pode assim tirar a alegria aos santos do Paraíso, pois Deus é a sua alegria. Não se lhes emprestou mas deu, segundo diz Isaías: “{*Filius datus est nobis*}”. “Deus”, disse ele, “nos-é dado”. E cousa dada não pode (o) homem tirar por justiça. E porque Deus é leal e se deu de sua pura vontade, não se pode nem quer tirar, como se disse. E, assim, será a alegria sem fim que os santos dele terão.

#### Capítulo 174º – Da quarta.

A quarta razão é que, ainda que a cousa em que (o) homem tem prazer seja própria daquele que a tem, podem-lha furtar. E, assim, não somente perde o prazer, mas busca azo de tristeza. Mas não /123 r/ é ali assim pois David disse: “{*Deus cordis mei, etc*}”. “Deus é de meu coração onde ladrão não tem poder”. E por isto é ele minha alegria e minha parte sem fim. Por isto disse Isaías: “{*Leticia sempiterna super capita eorum*}”. “A alegria será sem fim sobre suas cabeças”. Este é Jesus Cristo que é seu prazer, que os inebria de seu amor e de sua glória, que está com o Pai e com o Espírito Santo, um Deus que reina por todos os séculos dos séculos. Amén.

Aqui finda o tratado das alegrias do Paraíso e começa o Sétimo Livro dos Três Caminhos, a saber, purgativo, iluminativo e contemplativo. E dos sete sinais do amor inebriado.

#### Capítulo 175º – De sete sinais do amor inebriado.

Quem possui estas alegrias das quais temos como que palrado um pouco, como faz o menino quando começa a falar que diz suas palavras meias acabadas /123v/, não é de admirar se aquele que nenhuma cousa experimentou sabe falar mal, segundo diz o Eclesiástico: “{*Qui non est expertus quid scit?*}”. “Que sabe”, diz ele, “quem não experimentou?”. E Isaías disse quando foi inebriado: “{*Oculus non uidit nec aures audiuit nec in cor hominis ascendit que preparauit Deus diligentibus se*}”. “O olho não pode ver nem (a) orelha ouvir nem (o) coração pensar nem

lingua dizer os bens que *deus* aparelha aos que ho amam de todo seu coração Mes diz sam gregorio {*Ad magnos labores*}. Nom pode homem chegar a grande guallardom senom per gram trabalho E ajnda diz elle. {*Ad contemplanda eterna mens non perducitur nisi ab his que exterius implicant studiose subtrahatur*}. Quer dizer aa contenplaçom das allegrias perduraees nom o pode o coração chegar se sse nom tira uyualmente das cousas m•danaaes e de fora que o enpachom Mes hom• nom deuia de rreçar o trabalho que faz v•r a tam grande honrra como he a coroa da gloria de que sam gregorio diz {*Si mens vestra ap(p)etit quod demulcet prius bibite quod dolet*}. se o uosso coração /124r/ deseia cousas deleitosas Nom rreçees de beuer ho amarguoso E em os canticos {*Se dederit homo omnem substantiam (domus sue) pro dilec(c)ione quasi nichil despiciet eam*} Se homem da toda sua sustança. *scilicet*. o corpo e auer por v•r ao amor de *deus* quando elle fosse cheguado a sseu desejo parecerlhia que n•h•a cousa auja dado esguardando o bem que rreçebia Pois mujto se deuja a cada h• trabalhar de chegar hi.

Pois quem quer chegar a estes prazeres *conuenhe* que se *esperte* E suba segundo dizem aquelles que o prouaram E disto trauctarom *per quatro* caminhos.

*Capitollo* CLxxvj do primeiro camjnho que he purguatjuo E este jaz em tres cousas

Ho Primeiro he purguatiuo ho segundo he jnlomjnatiuo ho terceiro he contenplatiuo. ho Purgatiuo jaz em tres cousas em contriçom e confissom e satisfaçom. A contriçom naçe da consijraçom do partimento de seu doce e leall amigo e esposo *Jhesu christo* que he antre elle e o pecador per pecado mortall E da cõsijraçom do espantoso E seo senhor o diaabo. em cuja *serujdom* /124v/ homem he metido. As quaees duas cousas bem esguardadas dos olhos do coração Marauilha he se se homem nom rrepreende Confissom naçe da consijraçom das allegrias do paraíso. que homem per pecado auja perdidas E emcorrido na perdurauell pena do jnferno. E ajnda da cõsijraçom de nossa fim nõ çerta satisfaçom naçe do desejo que homem ha de seer rrisquado dos *escriptos* do diaboo Ca çerto he que o estallagedeiro nõ mata de seu liuro aquelle que lhe deue. ataa que paga E Por seer scripto no liuro da ujda domde ja era rriscado. E Por rreformar e acordar esta liança antre o pecador e seu senhor *Jhesu christo*.

*Capitollo* CLxxvij do segundo que he jluminatiuo E he deuiso tã bem em tres coussas.

Ho caminho Jnlumanytiuo jaz tam bem em tres cousas em liçom e penssamento e oraçom. Liçom emsina. Penssamento auyua. Oraçom adoça disto he dito em outra parte. E passarej breuemente.

*Capitollo* CLxxviii que o sabedor jnquisitiuo mortefica E o spritu santo viuifica e faz sabedor ho homem.

Hora poderia alguem dizer quem n•h•a cousa sabe de letera Como podera leer nem studar. /125r/ A jsto uos rrespondo. Que nom ha hi tam rrude ouelheiro que nom ouuisse assaz fallar da morte e da ujda de *Jhesu christo* nosso Senhor. Em a quall se elle cada dia esguardar com deligença achara



(a) língua dizer os bens que Deus prepara aos que o amam de todo (o) seu coração”. Mas diz S. Gregório: “{*Ad magnos labores*}”. “O homem não pode chegar a grande galardão senão por grande trabalho”. E, ainda, diz ele: “{*Ad contemplanda eterna mens non perducitur nisi ab his que exterius implicant studiose subtrahatur*}”. Quer dizer, “À contemplação das alegrias perduráveis não pode o coração chegar se não se separa vivamente das cousas mundanais e de fora que o impedem”. Mas a pessoa não devia recluir o trabalho que faz vir a tão grande honra como é a coroa de glória, de que S. Gregório diz: “{*Si mens vestra appetit quod demulcet prius bibite quod dolet*}”. “Se o vosso coração /124r/ deseja cousas deleitosas, não receies beber o amargoso”. E nos Cânticos: “{*Se dederit homo omnem substantiam (domus sue) pro dilectione quasi nichil despiciet eam*}”. “Se a pessoa dá toda a sua substância, isto é, corpo e haveres, para chegar ao amor de Deus, quando ele tivesse chegado a seu desejo, parecer-lhe-ia que nenhuma coisa havido dado, esguardando o bem que recebia”. Pois muito se devia cada um esforçar por chegar aí. Pois quem quer chegar a estes prazeres, a este convém que se esperte e suba, segundo dizem aqueles que o experimentam, e disto trataram por quatro caminhos.

Capítulo 176º – Do primeiro caminho que é purgativo. E este reside em três cousas.

O primeiro é purgativo, o segundo é iluminativo, o terceiro é contemplativo. O purgativo reside em três cousas: em contrição e confissão e satisfação.

A contrição nasce da consideração da partida do seu doce e leal amigo e esposo Jesus Cristo que ocorre entre ele e o pecador pelo pecado mortal. E da consideração do espantoso e seu senhor, o diabo, em cuja servidão /124v/ (o) homem está metido. As quais duas cousas bem esguardadas pelos olhos do coração, maravilha é se a pessoa se não repreende.

A confissão nasce da consideração das alegrias do Paraíso que o homem pelo pecado havia perdido, e incorrido na perdurável pena do Inferno e, ainda, da consideração do nosso fim não certo.

A satisfação nasce do desejo que o homem tem de ser riscado dos escritos do diabo, pois certo é que o estalajadeiro não extingue do seu livro aquele que lhe deve até que pague, e para ser inscrito no livro da vida, de onde já estava riscado, e para reformar e acordar esta lianção entre o pecador e seu senhor Jesus Cristo.

Capítulo 177º – Do segundo que é iluminativo. E é dividido, também, em três cousas.

O caminho iluminativo reside também em três cousas: em lição e pensamento e oração.

A lição ensina, o pensamento aviva, a oração adoça. Disto se trata em outra parte. E passarei brevemente.

Capítulo 178º – Que o (saber) inquisitivo mortifica e o Espírito Santo vivifica e faz sabedor o homem.

Agora poderia alguém dizer: Quem nada sabe de letras, como poderá ler ou estudar? /125r/ A isto vos respondo que não há aí tão rude ovelheiro que não ouvisse assaz falar da morte e da vida de Jesus Cristo, nosso Senhor, na qual se ele cada dia esguardar com diligência achará

assaz de estudo *pera* chegar aa *soficiente çiença* E ao *primçepall* degraao *damor*. hõde *homem* acha tres maneiras de *letras brancas e negras e uermelhas*. Pellas brancas lee *homem a muj pura e jnoçente* ujda deste *doçe Senhor*. Pellas negras a *aspereza da pena* que elle *sofreo e* passou ataa *morte* Pellas uermelhas leemos a *amarguosa paixom* *que* elle *sofreo* por nos *conprar* das *penas do jnferno*. *quem* em estas tres *letras leesse* cada dia sem duujda elle *tornaria sabedor*. Ca o *santo espritu* lhe *emynaria* *quanto* houuesse *mester* E *ajnda* que o *caminho purguatiuo* vaa *primeiro* que o *jnluminatiuo*. Muito *ajuda* o *segundo* ao *primeiro* como podemos *veer per rrazom* Ca tanto como *homem* he mais *alumeado da graça de deus*. tanto uee *e* *conheçe* *melhor e* mais *claro* sua *comçiença e* ha *purgua* E *quanto* ella he *melhor purguada* tanto u• os *olhos do coração* *melhor a* *deujnall* *bondade de deus*. E *assy /125v/* *ajuda* h• *ho outro* E o *leua ataa* *contenplaçom* *que* he o *terçeiro* *caminho*.

*Capitollo CLxxix* do *terçeiro* *caminho* *que* he *cont•platiuo*.

Em este *caminho* *contenplatiuo* *guosta* a *alma deuota* a *bondade de deus e* *fartasse e* *embeuedasse* A este *ponto* *damor* *leua* a *contenplaçom*. deste *embeuedar* *ffalamos* ja h• *pouco* *Primeiro* ao *quall* o *rrey do amor Jhesu christo* *leua* seus *cauallejros* *que* *sam* de *nobre* *coraçom* que *nom* *quer•* *pecar mortallm•te* por *medo* de *morrer* E *sseus* *amiguos* de *que* *Santo agostinho* *diz* no *lliuro* dos *confessores*. {Quando *introducis* *me*, *Domine Jhesu*, in *affectum uinolentum*, *in* *in* *usitatum introrsus* (ad) *nécio* in *quam dulcedinem*, *quasi perficiatur* in *me*, *nécio* *quid* *erit*, *quod uita* *ista* *non* *erit*}.*senhor Jhesu christo* *diz* elle *alg•as* *uezes* *me* *leuas* *tu* *em* *amor* *embeuedado* *per* *dentro* *nom* *acustumado* *Nem* *buscado* *em* *sy* *de* *tam* *gram* *duçura* *que* *ho* *nom* *sey* *dizer* A *quall* *se* *tu* *em* *mim* *acabares* *nom* *sey* *que* *sera*. *qua* *jsto* *nom* *sera* *desta* *ujda*. *Hora* *podees* *veer* *em* *que* *estado* *santo agostinho* *estaua* *que* *ho* *nom* *podia /126r/* *contar* *nem* *dizer* E *que* *marauilha* *se* o *rrey* *damor* *que* *toda* *cryatura* *fez* a *sseu* *prazer* *traz* *seus* *amigos* a *tall* *estado*. *quando* o *ssandeu e* *çujo* *amor humanall* *que* *mais* *derejtamente* *se* *deue* *chamar* *morte* *que* *amor* *traz* *alg•s* *ataa* *este* *estado* *que* *sam* *tam* *beuedos* *delle* *que* *esqueeçem* *sy* *meesmos e* *todollas* *cousas* *tanto* *que* *nom* *som* *ja* *seus*. *Mes* *sam* *da* *criatura* *que* *amam* *Disto* *poderia* *homem* *mostrar* *mujtos* *enxenplos* *da* *Escriptura e* *dalg•as* *peçoas* *a•da* *uyuas* *Tall* *amor* *chamam* *os* *fisicos* *amor* *hereos* *que* *he* *amor* *fora* *de* *siso* *quando* *por* *creatura* *leixam* o *creador* *que* *elles* *poderiam* *amar* *tam* *proueitosamente* *Nom* *entendaes* *que* *ajnda* *que* *estes* *seiam* *embeuedados* *damor* *como* *dito* *he* *que* *possam* *porem* *sentir* a *esprituall* *duçura e* *allegria* *que* *santo agostinho* *sentya* *Ca* *sse* *todollas* *doçuras* *do m•do* *podessem* *seer* *em* *h•a* *creatura* *todo* *seria* *nada* *esguardãdo* a *duçura* *sprituall* *que* *os* *amigos* *de* *deus* *sentem* *que* *uju•* *no* *stado* *ja* *dito*.

*Capitollo CLxxx* do *amor* *extitico e* *verdadeiro*.

*Sam* *denis* *chama* a *tall* *amor* *extityco* *que* *quer* *tanto* *dizer* *como* *leuantador*. *Por* *que* *elle* *leuãta* */126v/* *assy* o *coraçom* *do* *amador* *que* *nom* *pode* *penssar* *nem* *ouujr* *fallar* *senom* *daquelle* *que* *ama* *De* *tall* *amor* *diz* *elle* *que* *nos* *amou* o *rrej* *dos* *amores* *Jhesu Christo* *Ca* *elle* *se* *despendeo* *todo* *em* *nosso* *proueito*.

bastante estudo para chegar à ciência suficiente e ao principal degrau do amor onde o homem acha três modalidades de letras brancas, negras e vermelhas.

Pelas brancas, lê a pessoa a vida muito pura e inocente deste doce Senhor. Pelas negras, a aspereza da pena que ele sofreu e passou até à morte. Pelas vermelhas, lemos a amargosa Paixão que ele sofreu para nos comprar das penas do Inferno. Quem estas três letras lesse cada dia, sem dúvida, ele (se) tornaria sabedor porque o Espírito Santo lhe ensinaria quanto houvesse mester e, ainda, que o caminho purgativo vai primeiro que o iluminativo. Muito ajuda o segundo ao primeiro, como podemos ver com razão pois tanto como a pessoa está mais iluminada da graça de Deus, tanto melhor e mais claro vê e conhece sua consciência e a purga, e quanto melhor é ela purgada tanto melhor vêem os olhos do coração a divinal bondade de Deus. E assim /125v/ ajuda em o outro e o leva até à contemplação que é o terceiro caminho.

#### Capítulo 179º – Do terceiro caminho que é contemplativo.

Neste caminho contemplativo experimenta a alma devota a bondade de Deus e farta-se e inebria-se. A este pensamento do Amor leva a contemplação. Deste inebriar falámos já um pouco, ao qual, primeiro, o rei do amor, Jesus Cristo, leva seus cavaleiros que são de nobre coração (e) que não querem pecar mortalmente por medo de morrer, e seus amigos de que Santo Agostinho diz no Livro dos Confessores: “{Quando introducis me, Domine Ihesu, in affectum uinolentum, inusitatum introrsus (ad) nescio in quam dulcedinem, quasi perficiatur in me, nescio quid erit, quod uita ista non erit}”. “Senhor Jesus Cristo”, diz ele, “algumas vezes me levas tu em amor inebriado por dentro, não costumado nem buscado em si, de tão grande doçura que o não sei dizer, a qual se tu em mim terminares, não sei que será, pois isto não será nesta vida”. Agora podeis ver em que estado Santo Agostinho estava que o não podia /126r/ contar nem dizer. E que admira se o rei de amor, que toda a criatura fez a seu prazer, traga os seus amigos a tal estado, quando o sandeu e sujo amor humanal, que mais propriamente se deve chamar morte que amor, traz alguns até este estado, que são tão inebriados dele que esquecem tanto (a) si mesmos e todas as cousas que não são já seus, mas são da criatura que amam. Disto poderia a pessoa mostrar muitos exemplos da Escritura e de algumas pessoas ainda vivas. Tal amor chamam os físicos “amor hereos” que é amor fora de siso, quando pela criatura deixam o Criador que eles poderiam amar tão proveitosamente.

Não entendais que, ainda que estes sejam inebriados de amor, como se disse, que possam, porém, sentir a espiritual doçura e alegria que Santo Agostinho sentia, pois que se todas as doçuras do mundo pudessem existir numa criatura, tudo seria nada, esguardando a doçura espiritual que sentem os amigos de Deus que vivem no estado já dito.

#### Capítulo 180º – Do amor extático e verdadeiro.

S. Dinis chama a tal amor extático, que tanto quer dizer como levantador, porque ele levanta /126v/ assim o coração do amator que não pode pensar nem ouvir falar senão daquilo que ama. De tal amor, diz ele, que nos amou o rei dos amores, Jesus Cristo, porquanto ele se despendeu todo em nosso proveito.

*Capitollo CLxxxj que por amor m•dano vem hom• do amor spritual.*

Hora deuees de saber que pellos signaaes que homem uee em estes m•danaes amadores se pode conhecer ho amor esprituall de que fallamos. E nom se deue alg• maraujlhar se homem conhece o b• amor pollo maa Ca sam paullo disse {*Invisibilia Dei por ea que facta sunt Intel(l)ecta conspiciuntur*} Pellas cousas que sam feitas de fora vee homem e ent•de as jnujsivees de deus.

Antre os outros signaaes que podem seer em aquelle amor. Nos notaremos sete espeçias que mais claram•te se mostram em taaes amadores.

*Capitollo CLxxxij do primeiro sinal.*

Ho primeiro signall he que taaes amadores penssam muyto e fallam pouco e diz• pallauras /127r/ nom perfeitas E suas fallas sam propriamente defaleçidas espiçiallmente quamdo fallam aa pessoa que amã ou della.

Esta maneira de fallar m•guado he claramente mostrada nos canticos homde a santa alma falla de sseu amigo e esposo Jhesu Christo e diz {*Dilectus meus michi et ego illi*} Quer dizer eu sam de meu amiguo e elle meu. Hora esguardaae a grande mingua das pallauras. ella nom diz que cousa nem quanto he seu amigo della Nem que ella he a sseu amigo Mes assy como he escripto • no exodo que aarõ fallaua a sseu jrm•o moyses que nom falaua bem Assy deue fallar a rrazom por amor e comprir o que n•h•a afeiçõ n• amor poderia dizer. Ora conprisse aarom as palauras de moyses. *scilicet.* o jntindimento dellas Ou a rrazom acabasse os fallamentos minguaos da afeiçom do amor. E diz assy meu amigo perteençe a m••e me praz e eu a elle Jsto he o que diz sam bernardo. {*Qui Deus placet, Deo non protest displicere*} Aquelle a que deus praz nom pode desprazer a deus. Hora digua aallma meu /127v/ amigo praz a m• etc. Assy como se disesse sua linpeza sua fremosura e graça. sua leall fielldade. de todo em todo em bem amar he entendida e atendida. Meu amigo perteençe a m• e eu assy a elle E entendee s•mente porque a ssanta aalma nom se guaba nem despreza em dizer esto Mes em o dizendo conhece sua graça e cortesya Assy como se disesse o que meu amigo ha per natureza de sua pura bondade mo outorgou Ajnda hi ha mais dajuntar Meu amigo he meu que he jsto santa alma dynos Como teu amigo he teu meu amigo he meu de todas minhas obras de todas minhas doores de todos meus trabalhos o preço do guallardom Assy como elle disse a abr•o no Jenesim {*Nolli timere, Abram, ego sum mercês tua nimis*} Nom temas abr•o eu sam teu gramde guallardom E assy sam eu seu que he jsto de todos seus trabalhos e doores e morte o guallardom e o preço. E como por que elle todo soffreo por me auer E eu assy soffro todo por auer elle. Aynda he neçessario de mais hi ajuntar Meu amigo viueo E morreo todo por m~y E meu E eu viuerey e morrerey Assi toda sua. Jsto he o que diz sam paullo. {*Si morimur, Domino morimur; /128r/ siue vivimus, Domino vivimus; siue ergo morimus, siue uiuimus, Domini sumus*} Quer dizer se nos morremos he a deus. se uyuemos jssso meesmo E uyuamos ou moyramos todos somos de deus. Ajnda

Capítulo 181º – Que por amor mundano vem a pessoa ao amor espiritual.

Agora deveis saber que pelos sinais que o homem vê nestes mundanais amadores se pode conhecer o amor espiritual de que falámos. E não se deve alguém admirar se (o) homem conhece o amor bom através do mau, pois S. Paulo disse: “{*Invisibilia Dei per ea que facta sunt Intel(l)ecta conspiciuntur*}”. “Pelas cousas que são feitas de fora vê o homem e entende as invisíveis de Deus”. Entre os outros sinais que podem existir naquele amor, nós apontaremos sete espécies que mais claramente se mostram em tais amadores.

#### Capítulo 182º – Do primeiro sinal.

O primeiro sinal é que tais amadores pensam muito e falam pouco e dizem palavras /127r/ não perfeitas e suas falas são propriamente desfalecidas, especialmente quando falam à pessoa que amam ou dela. Esta maneira de falar minguido é claramente mostrada nos Cânticos onde a alma santa fala do seu amigo e esposo, Jesus Cristo, e diz: “{*Dilectus meus michi et ego illi*}”. Quer dizer: “Eu sou do meu amigo e ele meu”.

Agora esguardai a grande minguia das palavras. Ela não diz que cousa nem quanto é seu amigo dela, nem que ela é (de) seu amigo. Mas assim como está escrito no Êxodo que Arão falava (em nome de) seu irmão Moisés que não falava bem, assim deve falar a razão por amor e completar o que nenhuma afeição nem amor poderia dizer, quer Arão completasse as palavras de Moisés, isto é, o entendimento delas, quer a razão completasse as falas minguidas da afeição do amor. E diz assim: “Meu amigo pertence a mim e me praz e eu a ele”. Isto é o que diz S. Bernardo: “{*Qui Deus placet, Deo non protest displicere*}”. “Aquele a quem Deus praz não pode desprazer a Deus”. Ora diga a alma “Meu /127v/ amigo praz a mim, etc”, assim como dissesse “Sua limpeza, sua formosura e graça, sua leal fidelidade de tudo em tudo em bem amar é entendida e atendida. Meu amigo pertence a mim e eu assim a ele”.

E entende justamente porque a alma santa não se gaba nem despreza em dizer isto, mas em o dizendo conhece a sua graça e cortesia, assim como se dissesse: “O que meu amigo tem por natureza, de sua pura bondade mo concedeu”. Ainda aí há mais que acrescentar: “Meu amigo é meu”. Que é isto, alma santa, diz-nos como (o) teu amigo é teu? “Meu amigo é meu, de todas as minhas obras, de todas as minhas dores, de todos os meus trabalhos, (ele é) o preço do galardão”. Assim como ele disse a Abraão no Génesis: “{*Nolli timere, Abram, ego sum mercês tua nimis*}”. “Não temas, Abraão, eu sou teu grande galardão”. E assim “Sou eu seu, que isto é, de todos os seus trabalhos e dores e morte, o galardão e o preço”. E como (se dissesse): “porque ele tudo sofreu para me ter, e eu, assim, sofro tudo por possuí-lo”. Ainda é necessário mais aí acrescentar: “Meu amigo viveu e morreu todo por mim e (é) meu e eu viverei e morrerei assim toda sua”. Isto é o que diz S. Paulo: “{*Si morimur, Domino morimur; /128r/ siue vivimus, Domino vivimus; siue ergo morimus, siue uiuimus, Domini sumus*}”. Quer dizer, “Se nós morremos, é em Deus, se vivemos, também é isso, e, vivamos ou morramos, todos somos de Deus. Ainda

conplio rrazom as palauras da alma namurada E diz. Meu amigo he folgamça de meus trabalhos e cõprimto e soma de meus ujços E elle me he perdurauell assessegua Ca elle dis nos

prouerbios {*Delicie mee sunt esse cum filliis hominum*} Meus ujços sam seer com os filhos dos hom•s E per Jsayas disse {*Hec est requies (mea) esse uobiscum, reficite lassum*} Minha folgan<ç>a he seer cōuosco fazee logar de folgãça ao canssado Hora esguardaae e entendeo como as palauras da alma namorada ham mester grãde adimento E ajnda mayor da *que* he desposta E todauja o namorado *que* bem conhece sabe entender a linguaagem damor a *que* as minguadas palauras delle *perfeitamente* soam Nom ha mester tall declaraçom.

*Capitollo* CLxxxiiij do segundo sinal E de como o amor mundjal E do deujnal sō dh•a jgualança. Ho segundo signall damor extitico ou embeuedado que tanto vall he secura de menbros Ca /128v/ taaes namorados senpre sam magros Pello grande apre<ç>amento do coraçom aa cousa amada a *que* o elles dam tam inteiramente que nom he delles nada. Por jssso sam assi secos Assy he da santa alma que he embeuedada do amor deujnall. ella he toda seca de humor dos carnaaes deleitos Jsto nos he bem mostrado no exodo honde moyses disse. {*Abstulit Dominus mare rubrum flante uento uehementi et urente*} Quer dizer que nosso Senhor secou o mar rrujuo pollo soprimento do grande uento queimador Pollo mar se entende o carnal deleito que dereitamente se pode dizer mar por *que* he amarguoso. Ca todas as doçuras que per os carnaaes delleitos sam ofereçidas acabam em amargura e em door. E he dito aquella deleitaçō rruyuo por que he enuollto de carne E de sangue. pollo soprimento do uento queimador que seca o mar he entendida a espira<ç>om do santo espritu que enbrasa e açende o coraçō em *que* deçe de santo e puro amor E o sseca de todo humor de pecado. Assy como em o dia do pinticoste em a u•da do espritu santo que he amor quando deçendeo sobre os apostollos Elles foram tã /129r/ namorados que nom temiam a morte segundo he scripto nos aautos dos apostollos {*Factus est repente de celo sonus, etc*} sobitamente ueo diz elle h• soo do grãde spritu e dh• gram uento he h• pouco mais E forō os apostollos compridos do espritu santo Jsto foy de santo amor Assy que lhes pareciam que todos erã beuedos E sem duujda assy era mas do amor de *deus*. Pois *que* he h• gram uento secou o mar rrujuo. senõ *que* ho amor deujnall seca em os namorados todo o delejto e deseio carnall. E espanta mujto o diaabo *que* ama os lugares humudos E folgua em elles segundo diz Job. E desama os secos e foge delles segundo o euãgelho {*Ambulat per loca inaquose querens requiem et non inuenit*} Quer dizer o diaabo anda per os lugares secos buscandmo folgança e nom a pode achar. Ca elle he espantado da afei<ç>om de todo ho amor carnall. Tanto que nō acha honde possa ficar o pee na alma E em fegura *que* o diaabo desama os lugares secos se lee no liuro de Josue. *que* o rrey de can•o *que* he o diaabo. se temeo mujto quando ouuyo dizer *que* *deus* secara o rryo de Jordam aa v•da /129v/ dos filhos disrraell Pois sobre em nos o gram uento do deuinall amor que seque todos nossos carnaaes delleitos e desejos E todo desordenado E mundanall amor Por que o diaaboo *que* folgua na augua

(aqui) a razão executou as palavras da alma namorada e diz: “Meu amigo é descanso de meus trabalhos e preenchimento e soma dos meus regalos e ele é-me perdurável assossego”, pois que ele diz nos Provérbios “{*Delicie mee sunt esse cum filliis hominum*}”. “Meus prazeres são estar

com os filhos dos homens”. E, por Isaías, disse: “{*Hec est requies (mea) esse uobiscum, reficite lassum*}”. “Minha alegria é estar convosco, faizei lugar de descanso ao cansado”.

Agora esguardai e entendei como as palavras da alma namorada têm necessidade de grande adimento, e, ainda, maior do que é exposto. E, todavia, o namorado que bem conhece (e) sabe entender a linguagem do amor, a que as minguadas palavras dele perfeitamente soam, não tem necessidade de tal declaração.

Capítulo 183º – Do segundo sinal. E de como o amor mundial e divinal são da mesma igualdade.

O segundo sinal do amor extático ou inebriado (que tanto vale) é secura dos membros porque /128v/ tais namorados sempre são magros pela grande estima do coração à cousa amada a que eles o dão tão inteiramente que não é deles nada. Por isso são assim secos. Assim é da alma santa que está inebriada do amor divinal, ela é toda seca de humor dos carnaís deleites. Isto nos é bem mostrado no Êxodo onde Moisés disse: “{*Abstulit Dominus mare rubrum flante uento uehementi et urente*}”. Quer dizer que Nosso Senhor secou o Mar Ruivo pelo sopramento do grande vento queimador. Pelo mar se entende o deleite carnal que, propriamente, se pode dizer mar porque é amargoso, porquanto todas as doçuras que são oferecidas pelos deleites carnaís acabam em amargura e em dor. E aquele deleitamento é dito ruivo porque é envolto de carne e de sangue. Pelo sopramento do vento queimador, que seca o mar, é entendida a expiração do Espírito Santo, que abrasa e acende o coração em que desce, de santo e puro amor, e o seca de todo o humor do pecado.

Assim como no dia de Pentecostes, na vinda do Espírito Santo que é amor, quando desceu sobre os apóstolos, eles ficaram tão /129r/ enamorados, que não temiam a morte, segundo está escrito nos Actos dos Apóstolos:

“{*Factus est repente de celo sonus, etc*}”. “Subitamente veio”, diz ele, “um som do grande Espírito” e de um grande vento e um pouco mais e ficaram os Apóstolos cheios do Espírito Santo, isto é, de Santo amor, de maneira que lhes parecia que todos estavam bêbados. E, sem dúvida, assim era, mas do amor de Deus. Pois que é um grande vento (que) secou o mar ruivo senão que o amor divinal seca nos namorados todo o deleite e desejo carnal? E espanta muito o diabo que ama os lugares húmidos e descansa neles, segundo diz Job, e desama os secos e foge deles, segundo o Evangelho: “{*Ambulat per loca inaquose querens requiem et non invenit*}”. Quer dizer, o diabo anda por lugares secos, buscando descanso e não pode achar, pois ele é tão espantado de afeição de todo o amor carnal, que não acha onde possa fincar o pé na alma. Em sinal de que o diabo desama os lugares secos se lê no Livro de Josué que o rei de Canaã, que é o diabo, se temeu muito quando ouviu dizer que Deus secara o rio Jordão à vinda /129v/ dos filhos de Israel.

Pois sobre em nós o grande vento do amor divinal que seque todos os nossos deleites e desejos carnaís e todo o amor desordenado e mundanal para que o diabo, que se diverte na água dos uijos mais que no seco Nom ache em nos honde possa auer follguança Mes moyra assy como he scripto no liuro de tobias. quando elle thirou fora da augua o peixe que ho mordera. per que entenderemos o diaboo que loguo morreo.

*Capitollo CLxxxiiij* do terceiro amor extitico *que* os olhos da *sancta* alma namorada E os do amor m•danal sã *aquiparados e* asijna se rrezom por *que* tira *deus* sua *presença* a alma *que* mujto ama.

Ho terceiro signall damor extitico he profundeza dolhos Ca estes namorados os teem encouados Mais que os outros. Por que os olhos seguem o *espritu* E rretraensse por que nom veem azerca de ssy cousa que lhes praza Pois o que amã nom he *presente* E corr• ao logar homde cujdam a ueer o *que* o coraçõ ama Assy he spritualmente os olhos da santa alma namorada que sam o jntindimento E o desejo. sam encouados na sua cabeça *que* he o coraçom. Por *que* quanto a deuota alma busca *e* quanto ama todo he dentro em seu coraçõ /130r/ segundo diz moyses aos *filhos* disrrahell no deteronomico Nom te conuem diz elle passar o mar nem andar ca *e* lla por achar teu *Senhor deus*. Ca tu o t•s em teu coraçom se o amas Por jsto se diz assaz propriamente que o namorado tem os olhos emcouados *que* sam o entidim•to *e* o desejo Assy como he dito na profundeza de seu coraçom honde he seu *Senhor deus* E porem quanto ella ama todo he dentro em ella E n•h•a cousa cobijça *que* lhe seia de fora N•h•a lhe anoja que aja em ella. E como lhe anojaria quãdo hi nom ha senom o sseu doce amigo *que* mais çeoso he de saluar a alma *que* marido de ssa molher E ajnda a alma ha os olhos profundos em seu coraçom por esguardar *e* consijrar que nom aja hi cousa que a sseu amigo despraça que soamente vee o coraçom della E por que ella ueja *e* conheça as escuras hidas *e* vijndas delle que toca o coraçom de h•a tam ardente *e* assy desacostumada deuçoõ que a alma desfalleçe tanto que se nom sente E quando se uay thira o ssintimento de sua *presença* E por que thira *deus* sua *presença* a alma /130v/ *que* o tanto ama. Sem duujda por emflamar *e* acreçentar seu desejo Ca diz sam gregorio {San(c)ta desideria dilacione crescunt} Hos santos desejos *creçem per* longamento E o com• prouerio diz {*Nimia familiaritas paret conten(p)tum*}. Gram familiaridade jeera despreço E sam bernardo diz. quem nom esguarda *e* conhece a yda. nom sabe mujto da ujsitaçom. Por jsto aas uezes se afasta *deus* Por seer mais mais deseiado Ca diz santo agostinho {*Desiderium animam Dei capacem facit*} O desejo faz a alma aaucta *pera* rreçeber *deus*. Pois como assi seia que *deus* de a cada h• segundo o que elle pode rreçeber *e* aprender E o desejo seia assy como uaso da alma segundo diz santo agostinho. seguesse que pello creçimento dos desejos sejam dados os d•es da graça de *deus*. Pois quem quer seer conprido daquella graça estenda o ssaco de seu desejo E acreçente o querer do coraçom E assy sera conprido. Aynda afasta *deus* a allegria de sua presemça a alma. Por que ella conheça sua enfermidade *e* pouco poder *e* se homillde Ca quando ella uee que a graça de *deus* lhe he thirada deue conhecer que n•h•a cousa ha de seus /131r/ mereçimentos Mes soamente da pura bondade de seu amigo.

dos regalos mais do que no seco, não ache onde possa ter folgança, mas morra, assim como está escrito no Livro de Tobias, quando ele tirou fora de água o peixe que o mordera, pelo qual entenderemos o diabo, que logo morreu.



Capítulo 184º – Do terceiro amor extático. Que os olhos da santa alma enamorada e os do amor mundanal são equiparados e aponta-se razão por que tira Deus sua presença à alma que muito ama.

O terceiro sinal de amor extático é profundeza de olhos, porque estes enamorados os têm encovados mais que os outros. Porque os olhos seguem o espírito e retraem-se porque não vêm junto si cousa que lhes praza pois o que amam não está presente e correm ao lugar onde cuidam ver o que o coração ama. Assim é espiritualmente. Os olhos da alma santa enamorada, que são o entendimento e o desejo, estão encovados na sua cabeça, que é o coração, porque quanto a devota alma busca e quanto ama, tudo está dentro em seu coração /130r/, segundo diz Moisés aos filhos de Israel no Deuterónimo: “Não te convém”, diz ele, “passar o mar nem andar cá e lá para achar teu Senhor Deus, pois que tu O tens em teu coração se O amas”. Por isto se diz, assaz propriamente, que o enamorado tem os olhos encovados, que são o entendimento e o desejo, como assim se disse, na profundeza de seu coração onde está o seu Senhor Deus. E, porém, quanto ela ama, tudo é dentro dela e nenhuma cousa cobiça que lhe seja de fora, nenhuma lhe anoja que haja nela. E como lhe anojaria quando aí não há senão o seu doce amigo que mais cioso é de salvar a alma que marido de sua mulher?

E, ainda, a alma tem os olhos profundos em seu coração para esguardar e considerar que não haja aí cousa que despraza a seu amigo que somente vê o coração dela e para que ela veja e conheça as escuras idas e vindas dele, que toca o coração de uma tão ardente e assim desacostumada devoção que a alma desfalece tanto, que se não sente e, quando se vai, tira o sentimento da sua presença. E porque tira Deus sua presença à alma /130v/ que tanto O ama? Sem dúvida, para inflamar e acrescentar seu desejo. Pois diz S. Gregório: “{San(c)ta desideria dilacione crescunt}”. “Os santos desejos crescem por afastamento”. E o provérbio comum diz: “{Nimia familiaritas paret conten(p)tum}”. “Grande familiaridade gera desprezo”. E S. Bernardo diz: “Quem não esguarda (nem) conhece a ida, não sabe muito da visitação”. Por isto, às vezes se afasta Deus para ser mais desejado, pois diz Santo Agostinho: “{Desiderium animam Dei capacem facit}”. “O desejo aumenta a capacidade da alma para receber Deus.

Pois como assim seja que Deus dê a cada um segundo o que ele pode receber e aprender, e o desejo seja assim como vaso da alma, segundo diz Santo Agostinho, segue-se que, pelo crescimento dos desejos, sejam dados os dons da graça de Deus. Pois quem quer ser cumulado daquela graça, estenda o saco do seu desejo e acrescente o querer do coração e, assim, será cumulado. Ainda afasta Deus a alegria da sua presença à alma para que ela conheça sua enfermidade e pouco poder e se humilde porque, quando ela vê que a graça de Deus lhe é tirada, deve conhecer que nenhuma cousa tem de seus /131 r/ merecimentos, mas somente da pura bondade de seu amigo.

*Capitollo CLxxxv de como tira deus a alma namorada a sua doçura e perfecta alegria.*

Aynda thira deus a ssua doçura a ssua mingua por lhe escusar despesa Ca sse lha desse aa ssua voontade ella husaria de tall deuoçom que lhe cõijrya desfalleçer Jsto nom quer o amigo que

melhor conhece a fraqueza de ssua amiga *que* ella meesma. jsto *nos* he bem seneficado no segundo liuro dos rreys homde absalom conujdou daujd seu padre *pera* comer E daujd lhe rrespomdeo filho eu nom hirej por te nom anojár E *per* absallom em que nom auja fealdade se entende a santa alma E *per* daujd *deus* E pello comer a deujnall conssollaçom que *deus* nom *quer* conthuruar aalg• segundo he *scripto* no euangelho de sam Joham *que* o ujnho que he deujnall conssollaçõ falleçeo nas uodas honde Jhesu *Christo* era. de que maria que he *contriçom* se queixaua a *deus*. E elle dizia ajnda nom he minha ora. *quer* dizer que ajnda nom he tenpo que eu de a minha esposa e amiga a *perfeita* /131v/ alegria E conssollaçom que ella deseia.

*Capitollo* CLxxxvj em *que* notam outras rrez•es por *que* he tirada esta alegria aa *sobredicta* alma E ajnda a outros mujtos.

Aynda thira *deus* alegria a ssua amiga polla teer em temor Ca sse aquelle breue apartam•to lhe he *graue* *que* sera aquella final partida *que* he sem mais ajuntar Aquelle deuemos todos temer *que* sera tam *graue* que se nom pode dizer E assy a tira aaquelles que se nom guardam de u•s palauras e rrisos e de sandeus desemfadamentos E *que* nom diz• emtendidamente e com deuozom suas oras e o *que* deuem a *deus* E aos *que* muyto amam seus par•tes e carnaaes amigos a todos taaes e semelhantes se tolhe a doçe conssollaçom de *deus* Ca elle he amigo çeoso e *quer* que sua amiga se guarde saientemente e com linpa deligençia. E quando se lhe elle thirar *que* ella faça o que fazia a *madre* de thobias *que* cada dia sospiraua por seu filho e hia aos caminhos *per* homde esperaua que lhe veesse E nom podia rreçeber conssollaçom ante de sua vijnda.

*Capitollo* CLxxxvij do quarto sinal do amor extitico E de como os namorados deste cujo amor he a alma namorada de *deus* som *aquiparadas*.

/132r/ O quarto signall extitico he *secura* dolhos e mingua de lagrimas Ca taaes namorados podem chorar. senom he por causa da cousa que amã nem morte damigos nem perda dauer. nõ pode thirar lagrimas delles Mes soamente a cousa amada E assy he espiritualmente da alma namorada por que cousa que a sseu amigo nom *perteença* nom a pode toruar. nem fazer triste segundo he *scripto* nos prouerbios {*Non conturbabit justum quidquid ei ac(c)iderit*} Açidente he ao justo todo o que lhe nem fora de ssua *prinçepal* •tençom E como a *prinçepall* entençõ da alma namorada. seia deleitarsse e auer prazer em seu amigo. todo o *que* lhe acontece fora daquello nom a pode toruar. nem emtristeçer E nom se torua a deuota alma que *deus* busca e ama por perdas tenporaes de fora Pois seu amigo *que* ella tanto deseia lhe fica s•o hora he de saber que duas cousas sam de *que* os namorados soem de chorar • A *primeira* he quando ouuem cantiguas damor e estormentos de musica espicialmente em terra estranha longe de seus amores. Desto nom he necessaria proua por *que* mujtos viuem *que*

Capítulo 185º – De como tira Deus à alma enamorada a sua doçura e perfeita alegria.

Ainda tira Deus sua doçura à sua (amiga) para lhe poupar despesa, pois se lha desse à sua vontade ela usaria de tal devoção que lhe conviria desfalecer. Isto não quer o amigo que

melhor conhece a fraqueza da sua amiga (do) que ela mesma. Isto nos é bem significado no Segundo Livro dos Reis, onde Absalão convidou David, seu pai, para comer e David lhe respondeu: “Filho, eu não irei para te não anojar”. E por Absalão, em que não havia fealdade, se entende a alma santa, e por David, Deus, e pelo comer, a divinal consolação que Deus não quer conturbar a alguém, segundo está escrito no Evangelho de S. João, que o vinho, que é divinal consolação, faltou nas bodas onde Jesus Cristo estava, de que Maria, que é contrição, se queixava a Deus. E ele dizia. “Ainda não é a minha hora”, quer dizer que ainda não é tempo que eu dê à minha esposa e amiga a perfeita /131v/ alegria e consolação que ela deseja.

Capítulo 186º – Em que notam outras razões por que é tirada esta alegria à sobredita alma e, ainda, a muitos outros.

Ainda tira a Deus (a) alegria à sua amiga para a ter em temor, pois que se aquele breve apartamento lhe é grave, que será aquela partida final que é sem mais ajuntar? Todos devemos temer aquilo que será tão grave que se não pode dizer. E, assim, a tira àqueles que se não guardam de vãs palavras e risos e de sandeus desenfadamentos e que não dizem entendidamente e com devoção suas horas e o que devem a Deus e aos que muito amam seus parentes e amigos carnis. A todos estes e semelhantes se tira a doce consolação de Deus pois ele é amigo cioso e quer que sua amiga se guarde sagesmente e com limpa diligência. E quando ele se lhe retirar, que ela faça como fazia a mãe de Tobias que cada dia suspirava pelo seu filho e ia aos caminhos por onde esperava que viesse e não podia receber consolação antes da sua vinda.

Capítulo 187º – Do quarto sinal do amor extático. E de como os enamorados deste, cujo amor é a alma enamorada de Deus, são equiparados.

/132r/ O quarto sinal extático é secura de olhos e minguia de lágrimas, pois tais namorados (não) podem chorar, se não é por causa da cousa que amam. Nem morte de amigos nem perda de fortuna não pode(m) tirar lágrimas deles, mas somente a cousa amada. E assim é espiritualmente da alma enamorada porque cousa que não pertença a seu amigo não a pode perturbar nem fazer triste, segundo está escrito nos Provérbios: “{*Non conturbabit iustum quidquid ei ac(c)iderit*}”. “Acidente é (para) o justo tudo o que lhe vem fora da sua principal intenção”. E como a principal intenção da alma enamorada é deleitar-se e ter prazer no seu amigo, tudo o que lhe acontece fora daquilo não a pode perturbar nem entristecer. E não se perturba a alma devota que Deus busca e ama por perdas temporais de fora, pois seu amigo, que ela tanto deseja, lhe fica são.

Agora é (ocasião) de saber que existem duas cousas com que os namorados costumam chorar.

A primeira é quando ouvem cantigas de amor e instrumentos de música, especialmente em terra estranha, longe de seus amores. Disto não é necessária prova porque muitos vivem que o sabem bem E entom se nenbram de /132v/ sseus amores Assy he da ssanta alma namorada quando ella ouue os doces quantares que sse cantã cada dia na sãta jgreia de seu amigo Jhesu Christo E ella se sente ajnda em este mundo que a ella stranha terra. Nembrãdosse delle se funde

toda em lagrimas Assy que ella pode dizer o *que* he scripto nos canticos {*Anima mea liquefacta est ut (dilectus) locutus est*} quer dizer o meu coração se fundio em lagrimas quando eu ouuj fallar meu amigo. Tall namorado era santo agostinho que disse no liuro de suas confissões. doce amigo Jhesu Christo quando de uos ouuy doçemente quantar chorey lagrimas em auomdança Em este canto se deuiam as deuotas perssoas freiras e monjas e crelligos a exerçytar E os leiguos dauuyuar em deuaçom E nom cantar pello uento n• pella gloria do mundo que nom seiam daquelles a *que deus* diz per amos o profeta {*Aufer a me tumultum carminum, et cantica lire tue non audiam*} Tira dante mim diz *deus* o arroydo de tuas cantiguas E o canto da tua arpa nom ouujrey. homem pode bem chamar arroydo jeerall {*Non vox sed uotum sonat in auri(bus) Dei*} Deus nom ouuj as uozes altas Mes o deseio. segundo /133r/ he scripto no exodo de moyses {*Quid clamas ad me?*} *que clamas e braadas a m•* diz *deus* Moyses se calaua. mes o sseu deseio chamaua. Por jsto disse *deus* nos canticos aa sãta aalma {*Sonet uox tua in auribus meis*} Eu quero diz *deus* *que* sooe a tua uoz nas minhas orelhas E nõ em as do poboo E que tu cantes por amor de mim e nõ por elle. Hos namorados sooem a fazer cantiguas de seus amores E em o *que* amam penssam cantando E cantã penssando Assy deue fazer a deuota pessoa de sseu amigo Jhesu Christo Assy que ella possa dizer com daujd {*In te, cantacio mea semper*} Meu senhor e meu amigo. Meu cantar he senpre por ty e de ty. Hos jograres fazem rrimos e cantiguas daquelles que lhes dam grandes d•es Assy deue fazer a deuota pessoa que cada dia rreçebe beneficios de *deus* E atende o prinçipall bem. Por *que* ella pode dizer com daujd. {*Cantabo Domino quia bona tribuit mihi*} Eu cantarey a meu Senhor de que todos b•s me ueem E nom pollo mundo falleçedor e •guanoso. todollos dias da minha ujda e nom h• ssoo dia no ano Assy como alg•as pessoas que nom *querem* cantar de *deus* nem louuallo nem fazer /133v/ bem senom nas festas de seus santos *que* elles ouujrom de *que* diz sam Joham boca douro que justiça he homrrar os santos de boca e fugir e desamar santidade e boa ujda *que* a santidade primeiro foy *que* os santos E ssam geronymo diz. • u•o honrra os santos *quem* nom *quer* segujr sua ujda Pois a deuota pessoa que *quer* prazer sseu a sseu amigo E auer lagrimas damor deue fazer o *que* diz sam paullo. {*Psal(l)am spiritu, psal(l)am et mente*} E direy diz elle meus salmos e minhas oras de boca e coraçom pera prazer a meu amigo.

Capitollo CLxxxviii *que* trauta da segunda cousa *que* tira as lagrimas dos namorados por *que* em çima traudou da primeira.

A segunda cousa que thira lagrimas dos namorados he temor dapartamento Jsto he quando temem que lhes conuem partir. segundo he escripto no primeiro liuro dos rrejs de daujd e Jonata *que* quando h• do outro se partirom beijaromsse e chorarom

o sabem bem. E, então, se lembram de /132v/ seus amores. Assim é com a alma santa enamorada quando ela ouve os doces cantares que se cantam cada dia na Santa Igreja de seu amigo, Jesus Cristo, e ela se sente ainda neste mundo que para ela é terra estranha. Lembrando-se dele se funde toda em lágrimas. Assim ela pode dizer o que está escrito nos Cânticos: “{*Anima mea*

*liquefacta est ut (dilectus) locutus est*”]. Quer dizer: “O meu coração se fundiu em lágrimas quando eu ouvi falar (o) meu amigo”. Tal enamorado era Santo Agostinho que disse no Livro de suas confissões: “Doce amigo, Jesus Cristo, quando de vós ouvi docemente cantar, chorei lágrimas em abundância”.

Neste canto se deviam exercitar as pessoas devotas, freiras, monjas e clérigos, e os leigos (se deviam) avivar em devoção, e não cantar pelo vento nem pela glória do mundo para que não sejam daquelas a quem Deus diz pelo profeta Amós: “{*Aufer a me tumultum carminum, et cantica lire tue non audiam*}”. “Tira da minha presença”, diz Deus, “o ruído das tuas cantigas e o cântico da tua arpa não ouvirei”. A pessoa bem pode chamar (a isto) ruído geral: “{*Non vox sed uotum sonat in auri(bus) Dei*}”. “Deus, não ouças as vozes altas, mas o desejo segundo /133r/ está escrito no Êxodo de Moisés: “{*Quid clamas ad me?*}” “Que clamas e bradas a mim?”, diz Deus. Moisés calava-se mas o seu desejo bradava. Por isto disse nos Cânticos à alma santa: “{*Sonet uox tua in auribus meis*}”. “Eu quero”, diz Deus, “que soe a tua voz nas minhas orelhas”, e não nas do povo e que tu cantes por amor de mim e não por ele. Os enamorados soem fazer cantigas de seus amores e naquilo que amam, pensam, cantando, e cantam, pensando. Assim deve fazer a pessoa devota com seu amigo, Jesus Cristo. Que, assim, ela possa dizer com David: “{*In te, cantacio mea semper*}”. “Meu Senhor e meu Amigo, meu cantar é sempre por ti e de ti”.

Os jograis fazem rimas e cantigas daqueles que lhes dão grandes donativos. Assim deve fazer a pessoa devota que cada dia recebe benefícios de Deus e espera o principal bem, porque ela pode dizer com David: “{*Cantabo Domino quia bona tribuit mihi*}”. “Eu cantarei a meu Senhor de onde todos os bens me vêm” - e não pelo mundo falhador e enganoso – todos os dias da minha vida e não um só dia no ano, como assim (fazem) algumas pessoas que não querem cantar de Deus nem louvá-lo nem fazer /133v/ bem, senão nas festas de seus santos que eles ouvirem, dos quais diz S. João Boca de Ouro que (in)justiça é honrar os santos da boca e fugir e desamar a santidade e boa vida pois que a santidade está primeiro que os santos. E S. Jerónimo diz: “Em vão honra os santos quem não quer seguir a sua vida”. Pois a pessoa devota que quer prazer a seu amigo e ter lágrimas de amor deve fazer o que diz S. Paulo: “{*Psal(l)am spiritu, psal(l)am et mente*}”. “E direi”, diz ele, “meus salmos e minhas horas de boca e coração” para prazer a meu amigo.

Capítulo 188º – Que trata da segunda cousa que puxa as lágrimas dos enamorados (pois que em cima se tratou da primeira).

A segunda cousa que puxa as lágrimas dos enamorados é temor de partida, isto é, quando temem que lhes é necessário partir, segundo está escrito no Primeiro Livro dos Reis, (acerca) de David e Jonatas que, quando um do outro se ausentaram, beijaram-se e choraram, Por que se amauom de b • amor Pois tall apartamento he assy como morte aos namorados E os faz amehude chorar E nunca sam sem temor segundo diz ouujdio no liuro da arte damar {*Cun(c)ta quidem timeo? Quis enim securus amauit?*} /134r/ Eu temo todas as cousas diz o namorado E quem amou nunca sem temor. ninguem. E assy he spritualmente da santa alma. que

nom sera de todo segura de ty ataa que seia coroada no paraíso Jsto he o que diz sam paullo {*Non arbitror me comprehendis(s)e*} Eu nõ me guabo que aja guaançado Mes ajnda busco tem•do Pois nom deuem as pobres ouelhas seer sem temor se os pastores ham medo E disto veem amehude lagrimas a alma namorada.

*Capitollo CLxxxix do quinto sinal e do pulssso desordenado e sprituaaes amadores.*

Ho quinto signall damor extitico he o pulssso desordenado. Ca taaes amadores ho teem ou muy brando. ou muj triguoso segundo as *aprehensões que* elles ham da cousa amada. Aquelle *que* nom ha grande esperamça de v•r aa fim. por *que* ama ha o pulssso brãdo e tardinheiro. E aquelle *que* espera ho tem forte e triguoso. ho pulssso dos esprituaaes amadores sam as afeij•es rrijas e açendidas em aquelles *que* sabem bem *que* assy como amã sam amados. Tall aauya daujd *que* dezia. {*Cor meum et caro mea ex(s)ultauerunt in Deum uiuum*} Quer dizer /134v/ segundo as grosas meu penssamemto e afeijom de prazer e esperança *que* eu hej de *deus* som saydas de mim e tornadas a elle. quando a alma namorada comssijra e esguarda seus pecados e o perigo em *que* he e como ella uyo melhores e mais fortes cayr dalto em baixo Entom se lhe começa o pulssso *que* he a afeijom de fazer brando e priguioso. *que* primeiro per esperança era triguoso e rrijo Jsto nos he bem seneficado nos canticos honde as mammas da santa alma per *que* homem •tende as afeij•es sam alg•as uezes conparadas ao corço *que* asinha corre e outras aa torre Por sua jnmobillidade.

*Capitollo CLR do sexto sinal E de como a deuota alma namorada de Jhesu Christo ela nõ consente falar do m•do senõ del bem asy he pollo contraíro do namorado carnall.*

O seisto signall damor embeuedado he profundo pemssamemto e h• adormeçimento toruado da parte de dentro Assy *que* taaes namorados parecem *que* dormem e *que* se nom podem despertar senom quamdo ouuem fallar da *que* amam. E se lhe homem falla dalg•a cousa *que* a seus amores nom perteeamça Nom a *querem* emtender. /135r/ E sse lhe fallam do *que* amã ou de cousa hi cheguada elles se acordam e alegram e escuitam e param hi mentes Por *que* toda sua tençom he ficada naquello de *que* ouu• fallar Assy he esprituallmente da deuota alma namorada. ella tem seus pensamentos ajuntados em seu amigo Jhesu Christo E em elle assy ficado seu coração e deseio *que* se lhe fallã de secularidades nem de cousas do mundo ou dalg•as uaydades *que* a sseu amigo nom perteençom. Ella he assy como adormeçyda E nom para hi mentes. E como lhe fallam de *deus* ou de cousa *que* a elle toque ella acorda e se alegra e escuyta e pergunta por seu amigo Assy como he *scripto* nos cantjcos. *que* ella demandou as guardas da çidade. *scilicet.* aos pastores e rregedores da sãta jgreia {*N(u)m quem diligit anima mea uidistis?*} Oo uos diz ella pastores da santa jgreia. *que* deuees seer guarda della. vistes uos per eleuaçom despritu E per santa cõtenplaçom aquelle *que* eu amo.

porque se amavam de bom amor. Pois tal partida é, assim, como morte (para) os namorados e os faz amiúde chorar e nunca estão sem temor, segundo diz Ovídio no livro da Arte de Amar: “{*Cun(c)ta quidem timeo? Quis enim securus amauit?*}” /134r/ Eu temo todas as cousas, diz o namorado. E quem amou sempre sem temor? Ninguém. E é assim, espiritualmente, da alma

santa, que não será de todo segura de (si) até que seja coroada no Paraíso. Isto é o que diz S. Paulo: “{*Non arbitror me comprehendis(s)e*}”. “Eu não me gabo (de) que tenha ganhado, mas ainda busco, temendo”. Pois não devem as pobres ovelhas estar sem temor se os pastores têm medo. E por isto vêm amiúde lágrimas à alma enamorada.

#### Capítulo 189º – Do quinto sinal e do pulso desordenado e dos amadores espirituais.

O quinto sinal de amor extático é o pulso desordenado, pois tais amadores o têm ou muito brando ou muito apressado, segundo as apreensões que eles têm (quanto) à coisa amada. Aquele que não tem grande esperança de chegar ao objecto do seu amor tem o pulso brando e tardio, e aquele que espera, tem-no forte e apressado. O pulso dos amadores espirituais são as afeições rijas e acesas naqueles que sabem bem que, assim como amam, são amados. Isso tinha David que dizia: “{*Cor meum et caro mea ex(s)ultauerunt in Deum uiuum*}”. Quer dizer /134v/, segundo as glosas, "Meu pensamento e afeição de prazer e esperança que eu tenho de Deus, saíram de mim e tornaram a ele". Quando a alma enamorada considera e esguarda seus pecados e o perigo em que está, e como ela viu melhores e mais fortes cair de alto em baixo, então se lhe começa o pulso, que é a afeição, a fazer brando e preguiçoso, que, primeiro, pela esperança, era trigoso e rijo. Isto nos é bem significado nos Cânticos, onde as mães da alma santa, pelas quais (o) homem entende as afeições, são, algumas vezes, comparadas ao corço que corre ligeiro, e outras (vezes) à torre pela sua imobilidade.

#### Capítulo 190º – Do sexto sinal. E de como a alma devota, enamorada de Jesus Cristo, não consente falar do mundo senão dele, bem ao contrário do namorado carnal.

O sexto sinal de amor inebriado é pensamento profundo e um adormecimento torvado da parte de dentro. Assim, tais namorados parecem que dormem e que se não podem despertar a não ser quando ouvem falar do que amam, e se alguém lhe fala de alguma coisa que a seus amores não pertença não a querem entender. /135r/ E se lhe falam do que amam ou de coisa aí chegada, eles despertam, alegram-se, escutam e pretendem atenção porque toda a sua atenção está fincada naquilo de que ouvem falar. Assim acontece espiritualmente com a devota alma enamorada: ela tem seus pensamentos concentrados no seu amigo Jesus Cristo e nele assim fincado seu coração e desejo que, se lhe falam de secularidades ou de coisas do mundo ou de algumas vaidades que a seu amigo não concernem, ela fica assim como adormecida e não fixa aí a sua atenção; mas quando lhe falam de Deus ou de coisa que a ele toque, ela acorda, alegra-se e escuta e pergunta pelo seu amigo, assim como está escrito nos Cânticos: que ela demandou às guardas da cidade, isto é, aos pastores e dirigentes da Santa Igreja: “{*N(u)m quem diligit anima mea uidistis?*}”. "Ó vós", diz ela, "pastores da Santa Igreja, que deveis ser guarda dela, vistes vós, por elevação de espírito e por santa contemplação, aquele que eu amo?".

Custume he dos *que* amam perguntar amehude por aquelles *que* quer• bem espiçialmente aas pessoas *que* os conhecem Isto faz a santa alma nas pallauras suso ditas /135v/ Ella pergunta por seu amigo Jhesu Christo aos prellados da santa jgreia Mes nom he escripto que lhe elles rrespondõ Ca sem duujda ajnda *que* o elles deuessem melhor saber *per* alteza de ujda e santa

contemplaçom que os outros nom he assy Ca segundo diz Job. {*Non inuenitur in terra (suauiter) uiuencium*} quer dizer aquelles que uiuem uiçossamente nom acham este glorioso amigo Jhesu Christo em a terra de seu coração. Por jsto o chora Jeremjas E diz suas lementaç•es {*Qui nutriebantur in croceis anplexabantur stercora*} Mezquinho diz elle aquelles *que deus* cryou nas doçuras *e* uijços da santa scriptura pera os outros enssinar. aquelles abraçarom o esterco. Ca leixam a duçura da contemplaçom E a cura de seus sogeitos *e* o amor de *deus* por seruir os rreis *e* os duques *e* condes de *que* Jeremyas diz adiante. {*Errauerunt ceci in plateis, pol(l)uti sunt (in) sanguine*} Por *que* os prellados leixarom a contemplaçom E abraçarom as cousas do m•do errarom *e* uaaom fora do caminho como çegos no llodo desta uida E sam todos emçujados de sangue. *scilicet*. de pecado. Pois se a alma deuota E namorada *quer* ouuyr nouas de seu amigo *e* o achar ella os deue /136r/ passar E nom se deteer em elles esguardando sua vida segundo he scripto nos canticos {*Paululum cum pertransis(sem), etc*} Como os eu passey diz a alma logo achey meu amigo Pois a pessoa *que* de boamente ouue *e* escuyta as patranhas E as nouas do mundo *e* das cousas *que* mais perteençem aa louçaynha *e* a carnelydade *que* a *deus* E *que* he priguíçosa em buscar *e* ouujr o *que* a sseu senhor perteençe. Çerto signal he *que* falleçe em ella o amor de *deus* E rreyna ho do mundo Por *que* assy he *que* cada h• ouue de boam•te fallar do *que* ama. E porem uos namoradas almas de *deus* ã ajaes as orelhas prestes pera ouujr as pallauras u•s do mundo Nem *nos* esperteos se uos nom fallam do uosso amigo Jhesu Christo ou de cousa *que* a elle perteença Por *que* possaes dizer com daujd {*Narraeunt mihi iniqui fabulaciones sed non ut lex tua*} Hos maaos deste m•do me contarom fabullas *e* uaydades Mes nom poderõ tão prazer a meu coraçõ nem me mouer a te amar como a tua santa ley *que* he jnssinamento damor E bem diz daujd fabullas Ca o coração namorado todo deue teer por patranha O *que* nom perteençe aa lley deujnall Assy foy Jacob acordado segundo he scripto /136v/ no Jenesi *que* seus filhos lhe contarom *que* Joseph seu mais amado filho viuya *e* era senhor de toda a terra do egipto E como ouujo fallar daquelle *que* amaua. Pareçelhe *que* tornaua da morte aa vida Assy deue fazer a deuota aalma. *quando* ouue fallar de seu amigo Jhesu Christo. de *que* achamos de h•a beguyna *que* era pobre dauer *e* rica damor *que* estaua em h•a preeguaçom homde fallauam de sseu amigo Jhesu Christo E do ajuntam•to delle *e* da santa alma E estaua coberta de seu mâtam. E a cada pallaura *que* nomeauom seu amigo toda se alteraua cõ prazer. E em fim nom pode o pequeno vaso de seu coração conprender tam gramde allegria como elle conçebia E rronpeosselhe ante todos homde espargeo mujto sangue E nom he marauilha se Jhesu Christo *que* he rrey *e* senhor damor a rreçebesse com gram prazer *e* a leuasse conssiguo a rreyno honde amam perfffeitam•te pois ella de puro amor morria.

Costume é dos *que* amam perguntar amiúde por aqueles (a) *que* querem bem, especialmente às pessoas *que* os conhecem. Isto faz a alma santa nas palavras acima ditas. /135v/. Esta pergunta por seu amigo, Jesus Cristo, aos prelados da Santa Igreja; mas não está escrito *que* eles lhe respondam porque, sem dúvida, ainda *que* eles o devessem melhor saber *que*



os outros por alteza de vida e santa contemplação, assim não acontece, pois segundo diz Job: “{*Non invenitur in terra (suauiter) uiuencium*}”. Quer dizer: “Aqueles que vivem exuberantemente não acham este glorioso amigo, Jesus Cristo, na terra de seu coração”. Por isto, chora Jeremias e diz em suas Lamentações: “{*Qui nutriebantur in croceis anplexabantur stercora*}”. "Mesquinho(s)", diz ele, "aqueles que Deus criou nas doçuras e mimos da Santa Escritura para ensinar os outros, aqueles abraçaram o esterco", pois deixam a doçura da contemplação e o cuidado dos seus súbditos e o amor de Deus para servir os reis e os duques e condes de que Jeremias diz adiante: “{*Errauerunt ceci in plateis, pol(l)uti sunt (in) sanguine*}”. Porque os prelados deixaram a contemplação e abraçaram as cousas do mundo, erraram e vão fora do caminho, como cegos, no lodo desta vida e estão todos sujos de sangue, isto é, de pecado.

Pois se a alma devota e enamorada quer ouvir novas de seu amigo e achá-lo, ela deve /136r/ (ultra)passá-los e não se deter neles, esguardando sua vida, segundo está escrito nos Cânticos: “{*Paululum cum pertransis(sem), etc*}”. "Quando eu os (ultra)passei", diz a alma, "logo achei meu amigo". Pois a pessoa que de boamente ouve e escuta as patranhas e as novas do mundo e das cousas que mais pertencem à louçainha e à carnalidade que a Deus e que é preguiçosa em buscar e ouvir o que a seu Senhor pertence, sinal certo é (de) que nela falta o amor de Deus e reina o do mundo, pois que cada um ouve de boamente falar do que ama. Mas, porém, vós, almas enamoradas de Deus, não tenhais as orelhas prontas para ouvir as palavras vãs do mundo, nem vos sobressalteis se vos não falam do vosso amigo, Jesus Cristo, ou de cousa que a ele pertença, para que possais dizer com David: “{*Narraeunt mihi iniqui fabulaciones sed non ut lex tua*}”. “Os maus deste mundo contaram-me fábulas e vaidades, mas não poderão tanto prazer a meu coração nem mover-me a amar-te como a tua santa Lei que é ensinamento de amor”. E diz bem David, "fábulas", porque o coração enamorado deve ter por patranha tudo o que não pertence à lei divinal.

Assim foi despertado Jacob, segundo está escrito /136v/ no Génesis que seus filhos lhe contaram que José, seu mais amado filho, era vivo e senhor de toda a terra do Egipto, e quando ouviu falar daquele que amava, pareceu-lhe que tornava da morte à vida. Assim deve fazer a alma devota, quando ouve falar de seu amigo, Jesus Cristo.

Do que achamos (exemplo) de uma beguina que era pobre de fortuna mas rica de amor, que estava numa pregação onde falavam de seu amigo, Jesus Cristo, e da união dele e da alma santa. E estava coberta com o seu manto e a cada palavra (em) que nomeavam seu amigo toda se alterava com prazer e, enfim, não pôde o pequeno vaso do seu coração comportar tão grande alegria como ela concebia e rompeu-se-lhe perante todos, espargindo muito sangue. E não é de admirar se Jesus Cristo, que é rei e Senhor de amor, a recebesse com grande prazer e a levasse consigo a reino onde amam perfeitamente pois ela de puro amor morria.

*Capitollo CLRj* do seitemo sinal E de como nõ podemos em esta vida presente veer noso *Senhor* senõ asi como homem vee • h • spelho E ajnda escuramente.

O seitemo signall damor extitico he aquelle que esta em sogeiçom de /137r/ tall amor E he em terra *estranha* Ou nom pode amehude veer o *que* ama. quando *peruentura* uee *alguem que*

apareça. ha tam grande allegria que esta a ponto de sayr do siso Assy he espiçialmente da alma namorada *que* aynda he na estranha terra deste mundo E nom pode ueer *perfeitam•te* nem em clareza aquello *que* ama que he o rrey da gloria Mes assy como diz sam paullo {*Vidimus nunc per speculum in enigmatē*} Jsto *que* nos podemos ueer diz elle de nosso amigo e saluador Jhesu Christo em esta *presente* uida. nom he senom assi como homem uee em h• espelho E aynda escuramente E por jsto *quanto* a alma pode sentir *per* h•a elleuação despritu E *per* h• arreuatamento a doçura e bondade de seu amigo *que* he assy como h•a rrepresentaçom e ymag• da gloria e bem auenturamça futura. ella torna assy como alterada e fora de siso E jsto pareço bem em sam Pedro no monte tabor na tresfeguraçom de Jhesu Christo de *que* auemos h• pouco dito ante dos sete signaaes do amor enbeuedado *quando* elle uyo a jimagem da gloria *que* ha de v•r em a fremossura de Jhesu *que* nõ /137v/ era senom h•a guota E elle foy fora de siso e disse *Senhor* bem he *que* moremos aquj E façamos tres tabernacollos A ty h•. A moysem h••A ellias h•. E diz o auangelho *que* nomsabia *que* dezia E ssem duujda assy era Ca segundo diz sam Joham boca douro. Elle ouujra *que* Jhesu Christo auja de morrer em Jerusalem E por jsto dezia bem he *que* estemos aquy E bem parecia *que* de h•a soo guota era embeuedado *quando* mandaua fazer tres tabernacollos E homde demandaua *pera* outrem e nom *pera* ssy nos he notada a libereza e a caridade do franco coraçom •beuedado do amor deujnall *que* nom disse a mim h• E em demandar *pera* os outros e nom *pera* ssy mostrou gram caridade Por nom querer algh•a cousa apropriar a ssy Mes fez todo com• E bem he signall de coraçõ •beuedado amar assy o bem doutrem como o sseu E ajnda mais. Haa doçe Jhesu como sam longe de tall enbeuedamento aquelles auarentos *que* nom podem seer abastados E pareçem a aranha *que* se desfaz toda por fazer a tea *pera* filhar as moscas Assy se guastam e desfaz• todos estes mezquinhos nos cujdados do m•do /138r/ por juntar h• pouco dauar a *que* nom podem chegar E sse peruentuira chegar ajudamse delle pouco em bem fazer Ca segundo diz seneca {*Auaro deficit tam id quod habet, quam il(l)ud quod non habet, [ ] no habet se nec sua*}”.Assy falleçe ao auarento o *que* ha como o *que* nom tem Por *que* do *que* ha nom *quer* n• pode fazer seu proueito. *scilicet*. saude de sua alma. desy nom ha ssy nem seu auer Ca se perde e he seruo do diaabo segundo diz sam paullo Nem ha seu auer Ca conuem leixallo ou na uida ou na morte Esta gente rrepreende sam gregorio e diz. {*Longua desideria nostra increpat, brevis uia uitat in casum multa portantur cum iuxta est quo pergitur*}. *quer* dizer o breue caminho *que* auemos dandar. Ca nom sabemos se morreremos oje ou de manh• rreprende e plasma nossos longos desejos. *scilicet*. nossas desordenadas cobijças Ca em u•o cõ abastança se conforta *quem* esta mujto açerca da porta E daujd diz. {*Iacta cogitatum tuum in Domino et ipse te enutriet*}. Hoo uos auarentos diz elle lançaee nossos coraç•es e penssamentos em *deus* E nom em ajuntar auer E elle uos *criara* em esta uida E despois uos dara

Capítulo 191º – Do sétimo sinal. E de como nesta vida presente não podemos ver Nosso Senhor senão assim como uma pessoa vê num espelho e, ainda, escuramente.

O sétimo sinal de amor extático é aquele que está em sujeição de /137r/ tal amor e está em terra estranha ou não pode ver amiúde o que ama; quando, porventura, vê alguém que apareça, tem tão grande alegria que está a ponto de sair do siso. Assim é, especialmente, da alma

enamorada que, ainda está na estranha terra deste mundo e não pode ver perfeitamente e com clareza aquilo que ama, que é o rei da glória. Mas assim como diz S. Paulo: “{*Vidimus nunc per speculum in enigmate*}”. “Isto que nós podemos ver”, diz ele, “de nosso amigo e Salvador, Jesus Cristo, nesta presente vida, não é senão assim como uma pessoa vê num espelho e, ainda, escuramente”.

E por isto quan(d)o a alma pode sentir, por uma elevação de espírito e por um arrebatamento, a doçura e a bondade de seu amigo, que é assim como uma representação e imagem da glória e bem-aventurança futura, ela torna-se assim como alterada e fora de si. E isto se passou bem com S. Pedro, no monte Tabor, na transfiguração de Jesus Cristo, de que já tratámos um pouco antes dos sete sinais do amor inebriado, quando ele viu a imagem de Jesus que não /137v/ era senão uma gota, ele ficou fora de si e disse: “Senhor, bem é que moremos aqui e façamos três tabernáculos, um para ti, outro para Moisés e outros para Elias”. E diz o Evangelho que não sabia o que dizia. E, sem dúvida, assim era, porque, segundo diz S. João Boca de Ouro, ele ouvira que Jesus havia de morrer em Jerusalém e por isto dizia “Bem é que estejamos aqui”. E bem parecia que por uma só gota estava embebedado quando mandava fazer três tabernáculos. E onde pedia para outrem e não para si, nos é apontada a liberalidade e a caridade do franco coração inebriado do amor divinal que não disse “para mim, um”, e, em demandar para os outros e não para si, mostrou grande caridade por não querer apropriar-se de alguma coisa, mas fez tudo comum. E bem é sinal de amor inebriado amar tanto o bem de outro como o seu e ainda mais. Ah!, doce Jesus, como estão longe de tal inebriamento aqueles avarentos que não podem ser abastados e parecem a aranha que se desfaz toda para fazer a teia para apanhar as moscas. Assim se gastam e desfazem todos estes mesquinhos nos cuidados do mundo /138r/ para juntar um pouco de fortuna a que não podem chegar. E, se porventura chegam, valem-se dela pouco em bem fazer, porque, segundo diz Sêneca: “{*Avaro deficit tam id quod habet, quam il(l)ud quod non habet, [ ] no habet se nec sua*}”.

Assim falta ao avarento o que tem como o que não tem, porque do que tem, não quer nem pode fazer seu proveito, isto é, a salvação da sua alma. Daí que não se tenha a si nem a sua fortuna. (A si) porque se perde e é servo do diabo, segundo diz S. Paulo. Nem à sua fortuna porque é necessário deixá-la na vida ou na morte. S. Gregório repreendeu esta gente e diz: “{*Longua desideria nostra increpat, brevis uia uitat in casum multa portantur cum iuxta est quo pergitur*}”. Quer dizer, o breve caminho que temos de andar, pois não sabemos se morreremos hoje ou amanhã, repreende e censura nossos longos desejos, isto é, nossas desordenadas cobiças, porque em vão com abastança se conforta quem está muito perto da porta. E David diz: “{*Iacta cogitatum tuum in Domino et ipse te enutriet*}”. Ó vós, avarentos, diz ele, “lançai vossos corações e pensamentos em Deus e não em juntar riqueza” e ele vos criará nesta vida e, depois, vos dará perfeita alegria e riqueza que nom falleceria A quall rriqueza /138v/ E alegria sam Pedro prouou h• pouco. De que segundo diz o auangelho foy tam embeuedado que nom sabia o que dezia. quando a j•magem da gloria que elle uya cria e cujdaua seer uerdadeira e perfeita como he escripto em Jsayas { *Oculus non uidit, Deus, absque te que preparasti diligentibus te* }. quer dizer n•h• uee sem ty deus as allegrias que tu aparelhaste aos que te amã e que te esperam per

continuação de boas obras As quaaes alegrias seram craro conhecimento da enfiñda uerdade E perfeito amor da deujnall bomdade e uerdadeira possissom da perdurauell segurança que os uerdadeiros amadores aueram despois desta mortall viuenda no paraíso em deus e pella ajuda de deus que he dom e dador As quaaes alegrias nos faça chegar aquelle deus do amor que por nos quis morrer amem.

Ora auees ouuido rrudemente os sete signaaes per que homem conhece que cousas he amor extítico ou embeudado que tanto uall. rrecordassemos • h• a breueza por melhor rreteer E por esprouar quanto somos longe ou açerca de tall amor E quanto hom• aproueita ou pejora pera chegar a elle.

Capitollo CLRij em o qual ajunta e decrara este autor os sinaaes suso dictos E poem sete degraaos pollos quaaes hom• vem aa cont•pla<ç>om que som cõtriçom e etc.

/139r/ Ho primeiro signall he muyto ouuyr e pouco fallar senom he de cousa amada E falar minguido. Ho segundo he secura de membros polla ardente apricaçom aa cousa que ama Ho terceiro sinall he os olhos encouados. *scilicet.* o jntindimento e aafeiçom profundos no coração e em deus Ca todo o que amã he dentro segundo de çima he dito. Ho quarto signall he mingua de lagrimas se nom u• da cousa amada. Ho quinto he pulsso desordenado. *scilicet.* das afeiç•es que som ou mujto triguosas ou mujto tardinheiras assi como he dito. Ho seisto he profundo cujdado e adormiçimento tornado a dentro Assy que taaes namorados nom entendem senom pouco ou nada das cousas de fora senom de seus amores Ho seitemo he alteraçom que uem quando homem uee algh•a cousa que parece o que ama Per estes sete signaaes conhece homem ho amor enbeudado Ao quall homem pode chegar pollos degraaos suso ditos contriçom confissom satisfaçom leçom meditaçom e oraçom E assy sobre homem a contenplaçom larguamente filhada. Por que a comtemplaçom estreita he /139v/ h• em alheamento dos sentimentos de fora que perdem toda sua husança no espaço do arreuatamento do *espiritu* que uee a gloria de deus tanto como a elle praz de mostrar seus segredos a tall alma E poucos sam ora segundo eu creyo que a tall perfeiçõ vemham E assy nom pode homem estimar a bomdade e franqueza E como he doçe e cortes aaquelles que de uerdadeiro coração se homilldam ente elle E que de ssy nom fazem conta Estes ham fundamento de uertude E podem seguramente edeficar por que ataaes da deus sua graça segundo diz santiago E podem v•r a esta contenplaçom de que fallamos Pero todauya pella exerçitaçom da outra larguamente filhada Ca diz sam paullo {*Non prius quod spiritale est se(d) (quod) animale deinde quod spirituale*} A esprituall exerçitaçom diz elle ajnda que seia melhor e mais dina nõ uay primeiro que a corporall e bestiall e rrude Mes per esta uem homem aa outra E assy conuem de seer homem exerçytado

perfeita alegria e riqueza que não falhará, a qual riqueza /138v/ e alegria S. Pedro experimentou um pouco, de que, segundo diz o Evangelho, ficou tão inebriado que não sabia o que dizia quando a imagem da glória que ele via acreditava e cuidava ser verdadeira e perfeita, como está escrito em Isaías: “{ *Oculus non uidit, Deus, absque te que preparasti diligentibus te* }”. Quer dizer: “Ninguém vê sem ti, ó Deus, as alegrias que tu preparaste aos que te amam e que te

esperam por continuação de boas obras". As quais alegrias serão claro conhecimento da infinda verdade e perfeito amor, da divinal bondade e verdadeira possessão, da perdurável segurança que os verdadeiros amadores terão depois desta mortal vivenda, no Paraíso em Deus e pela ajuda de Deus, que é senhor e dador. Às quais alegrias nos faça chegar aquele Deus do amor que por nós quis morrer. Amén.

Ora ouvistes, de guisa tosca, os sete sinais por que (o) homem conhece que cousa é (o) amor extático ou inebriado (que tanto vale), que recordaremos com brevidade para melhor (os) reter e para experimentar quão longe ou perto estamos de tal amor e quanto ao homem aproveita ou desaproveita chegar a ele.

Capítulo 192º – No qual reúne e enuncia este autor os sinais supra referidos e põe sete degraus pelos quais o homem chega à contemplação, que são contrição, etc. /139 r/.

O primeiro sinal é muito ouvir e pouco falar senão é da cousa amada. E falar minguado. O segundo é secura de membros pela ardente aplicação à cousa que ama. O terceiro sinal é os olhos encovados, isto é, o entendimento e afeição profundos no coração e em Deus, porquanto tudo o que amam está dentro, segundo acima se referiu. O quarto sinal é mingua de lágrimas se não vêm da cousa amada. O quinto é pulso desordenado, isto é, das afeições que são ou muito trigosas ou muito tardas, como foi dito. O sexto é profundo cuidado e adormecimento virado para dentro, e, assim, tais enamorados pouco ou nada entendem das cousas de fora a não ser dos seus amores. O sétimo é (a) alteração que vem quando a pessoa vê alguma cousa que parece o que ama.

Por estes sete sinais conhece a pessoa o amor inebriado ao qual a mesma pode chegar pelos degraus acima ditos: contrição, confissão, lição, meditação e oração. E, assim, sobe o homem à contemplação tomada em sentido lato. Porque a contemplação estrita é /139v/ um alheamento dos sentimentos de fora que perdem todo o seu uso no espaço do arrebatamento do espírito, que vê a glória de Deus na medida em que a ele praz mostrar seus segredos a tal alma. E poucos são agora, segundo creio, (os) que a tal perfeição chegam. E, assim, não pode a pessoa estimar a bondade e franqueza e como é doce e cortês (para) aqueles que de verdadeiro coração se humildam diante dele e que de si não fazem conta. Estes têm fundamento de virtude e podem edificar seguramente porque a tais dá Deus sua graça, segundo diz São Tiago, e podem vir a esta contemplação de que falámos, mas, todavia, pela exercitação da (outra) tomada em sentido lato, porque diz S. Paulo: “{*Non prius quod spiritale est se(d) (quod) animale deinde quod spirituale*}”. "A exercitação espiritual", diz ele, "ainda que seja melhor e mais digna não vai primeiro que a corporal e bestial e rude", mas por esta vem o homem à outra. E, assim, convém ser o homem exercitado

pella outra mais larguamente filhada. que he assy como h• departamento das tenporaaes e seculares ocupaç•es por fazer o que diz no euangelho. {*Venite ad me uos qui laboratis et generati estis*} /140r/ Vos que trabalhaaes em estes m•danaaes E u•os trabalhos E ssooes carreguados de fardees de pecado. vijnde a m• per cont•plaçom e acharees rrefazimento e a uossas almas folguãça e perdom e por fazer o consselho de daujd que diz. {*Gustate et uidete*

*quoniam suavis est Dominus*} quer dizer guostaae e ueede como *deus* he doçe e saboroso E sabe que aquelle asaboramento he assy como o primeiro graao deste terceiro caminho *que* chamamos contenplaçom larguamente filhada E he entrada pera hir ao mais alto estado de perfeiçom. ajnda *que* a este conuenha sobir pollos sete ja ditos. *scilicet*. contriçom etc. E o segundo degraa he h• ardente apetito. E h• desejo guollosos de seer farto e rrepousado na doçura de *deus* *que* a alma achou em guostando esto que dissemos de *que* diz daujd. {*Memor fui Dei et delectatus sum, et exercitatus sum, et defecit spiritus meus*} Eu ouue nembrança de *deus* E achey hi gram folguaça e exercyteyme e acustumey a pensar E desfalleço meu spritu pollo grande e aficado desejo de seer abastado de tall duçura Mes *deus* *que* he piadoso E de mujta misericordia nom quer que a alma sua amigua *que* o tanto deseia desfalleça de seu desejo E aleuãtaa /140v/ tanto que em ella he comprido o *que* diz Job {*Suspendium elegit anima mea*} minha alma escolheo seer pendurada Entom pende a alma quando *per* h• aficado desejo sobre todas as cousas terreaes he leuantada Pero nõ pode chegar a sseu amigo. E por jsto aas uezes lhe conpre elle seu desejo e lhe da de ssua doçura segundo diz daujd {*Delectare in Domino, et dabit tibi petitiones cordis tui*} Deleitete em *deus* e elle comprira teu desejo e fartara teu apetito Aquella fartura he o terceiro degraa deste caminho. Por *que* quando a alma o rreçebe assy se acostuma a buscar a familiaridade de seu amigo *que* despreça toda doçura terreall e do mundo E nom pode outro rreçeber. tanto *que* em ella he comprida a pallaura do sage. {*Anima satiata calcabit fauum*}. Quer dizer quanto a nossa entençom. a alma abastada da duçura de seu amigo. *deus* trilhara e despreçara o fauoo do mell. *scilicet*. toda a m•danall deleitaçom E assy *per* esta acostumada famjliaridade como os beuedores em beuendo e rrebeuendo o b• e forte vinho sam beuedos Assy a alma deuota em se fartando amehude da duçura de seu amigo sembeueda.

*Capitollo* CLRiiij *que* a alma enbeuedada • o amor de *deus* he conparada ao enbeuedado.

/141r/ Este enbeuedamento he o quarto degraa do terceiro caminho ho *que* nos achamos contenplaçõ larguamente filhada de *que* auemos ditos os sete signaaes *per* *que* tall amor he conhecido E perssoa *que* em este degraa he sobida. Assi como o beuedo de vinho se desueste sem uergonha E nom faz conta de cousa *que* lhe seia feita nem dita. Assy faz tall alma Ca ella se desueste sem enpacho de toda sua propia uoomtade e de todas tenporallidades E nom faz comta damor damigos carnaaes nem de perda dauer nem denfirmidade nem perssiguiç•es nem feridas de prouiximos nem de tentaç•es do diaabo nem da morte. se lhe todo conuem sofrer todo filha em grado por amor de seu amigo e se deleita. Pois tall alma pode bem dizer O *que* he scripto nos canticos {*Fortis est ut mors dilectio*} quer dizer ho amor he forte

pela outra tomada mais em sentido lato *que* é, assim, como um afastamento das occupaçoẽs temporais e seculares para fazer o *que* (se) diz no Evangelho: “{*Venite ad me uos qui laboratis et generati estis*}”. /140 r/ “Vós *que* trabalhais nestes trabalhos mundanaes e vãos e estais carregados de fardos de pecado, vinde a mim por contemplaçõ” e achareis refocilamento e descanso e perdão (para) vossas almas e para seguir o conselho de David *que* diz: “{*Gustate et uidete quoniam suavis est Dominus*}”. Quer dizer: “Saboreai e vede como Deus é doce e

saboroso". E sabeis que aquele saboreamento é assim como o terceiro grau deste terceiro caminho que chamamos contemplação tomada em sentido lato e é entrada para ir ao mais alto estado de perfeição, ainda que a este convenha subir pelos sete já ditos, isto é, contração, etc.

E o segundo degrau é um ardente apetite e um desejo guloso de ser farto e repousado na doçura de Deus que a alma achou ao saborear isto que dissemos, de que diz David: “{*Memor fui Dei et delectatus sum, et exercitatus sum, et defecit spiritus meus*}”. “Eu tive lembrança de Deus e achei aí grande alegria e exercitei-me e acostumei-(me) a pensar e o meu espírito desfaleceu pelo grande e afincado desejo de ser abastado de tal doçura”.

Mas Deus que é piedoso e de muita misericórdia não quer que a alma sua amiga, que tanto o deseja, desfaleça de seu desejo e levanta-a /140v/ tanto que nela é cumprido o que diz Job: “{*Suspendium elegit anima mea*}”. “Minha alma escolheu ser pendurada”. Então pende a alma quando por um afincado desejo sobre todas as cousas terreaes é levantada, mas não pode chegar a seu amigo. E por isto às vezes lhe cumpre ele seu desejo e lhe dá da sua doçura segundo diz David: “{*Delectare in Domino, et dabit tibi petitiones cordis tui*}”. “Deleita-te em Deus e ele cumprirá teu desejo e fartará teu apetite”.

Aquela fartura é o terceiro degrau deste caminho, porque quando a alma o recebe, assim se acostuma a buscar a familiaridade de seu amigo que despreza toda a doçura terreal e do mundo, e não pode outro receber, tanto que nela é cumprida a palavra do sage; “{*Anima saciata calcabit fauum*}”. Quer dizer, segundo o nosso entendimento, "a alma abastada da doçura do seu amigo, Deus, calcará e desprezará o favo do mel", isto é, toda a mundanal deleitação. E, assim, por esta acostumada familiaridade, (tal) como os bebedores, ao beberem e rebeberem o bom e forte vinho ficam bêbados, assim a alma devota, ao fartar-se amiúde da doçura de seu amigo, se embebeda.

Capítulo 193º – Que a alma inebriada no amor de Deus é comparada ao embebedado. /141 r/

Este embebedamento é o quarto degrau do terceiro caminho que nós achamos contemplação tomada no sentido lato de que enunciámos os sete sinais por que tal amor é conhecido. E pessoa que subiu a este degrau (faz) assim como o bêbado de vinho, se desveste sem vergonha e não faz conta de cousa que lhe seja feita ou dita; assim faz tal (a) alma, porque ela se desveste, sem embaraço, de toda a sua própria vontade e todas as temporalidades e não faz conta de amor de amigos carnaes nem de perda de fortuna, nem de enfermidade, nem perseguições, nem feridas de próximos, nem de tentações do diabo, nem da morte. Se tudo lhe convém sofrer, tudo toma em agrado por amor de seu amigo e se deleita. Pois tal alma bem pode dizer o que está escrito nos Cânticos: “{*Fortis est ut mors dilectio*}”. Quer dizer: “O amor é forte como morte sam gregorio despoem jsto e diz assy Como a morte departe a alma do corpo e faz o corpo jnsensiuell e o mata Assy amor de deus enbeuedado mata na alma e departe toda terreall e m•danall afeição E torna assy como jnsensiuell a todollos carnaaes delleitos e a toda pena e afrição corporall E por que amor segundo diz sam paullo nom /141v/ busca seu soo proueito Mes o de seus prouiximos E assy como deus he cortes a ella Assy quer ella seer cortes aos prouiximos E por que elles seiam quinhoejros nos b•s que ella sentyo braada ella e diz em o liuro

dos amores { *Comedite et bibite (et) inebriamini carissimi* } quer dizer meus amigos eu uos rrogo que uos afastees dos carnaes deleitos E de todo o m•danall amor E comee e beuee destes saborosos e groriosos viços que homem acha em amar *deus* E uos meus mujto amados amigos que ja sooes departidos e que de taaes doçuras sentistes *per* santa e deuota conthinoaçõ filhaae tanto deste santo vinho atee que seiaaes enbeuedados.

*Capitollo* CLRiii de como *perfecta* seguramça nõ pode seer • quanto alg• nõ he em esta uida que nom deua acreçentar de bem • melhor.

Aquelle degraao he segundo diz *deus* no auangelho o mais alto em que homem pode montar em este m•do { *Maiorem caritatem nemo habet, ut animam suam ponat (quis) pró amicis suis* } N•h• homem diz elle em este mundo ha em ssy mayor caridade nem uem a mais grande perfeiçom que de morrer se mester he por seus amigos E por jsto a alma que em tall estado he bota de ssy /142r/ todo temor *serujll* segundo diz sam paullo { *Perfecta caritas foras milt(t)it timorem* } A perfeita caridade lança fora daquelle que a t• todo temor. *scilicet. seruill* Ca tall pessoa nom obra nem ama por medo das penas nem de seer partida de *deus*. nem por guallardom. mes puramente por seer amada E daquelle amor naçe na alma h•a segura esperamça de chegar aa perfeita ujssom de *deus* A quall seguramça aquelle que faz a fegura do trono de salamom assijna e põe pollo quinto degraao pera chegar ao perfeito amor de *deus*. E jsto he açerca todo h• Ca homem nom pode *perfeitamente* amar *deus*. ataa que o ueja em sua fremossura *perfeitamente*. Pois aquelle degraao nom he contrairo aa sentença do euangelho que diz. { *Maiorem caritatem etc* } Maior caridade nom pode algh• auer que poher sua alma Por outro quanto em este mundo. Mes entendee s•mente que perfeita segurança nom pode seer em quanto algh• he em esta uida se nom he *per* espiçiall priujlegio de *deus* Assy como a uirgem *maria* que foy confirmada a nom poder pecar E jsto pode homem ueer pollo *primeiro* angeo que foy em sua criaçom o mais perfeito de todas as *creaturas* E *per* h• soo pemssamemto /142v/ de soberua cayo sem seer rrecobrado a uida. ssam *Pedro* que amou *deus* mais que todollos apostollos segundo diz o auãgenho tanto que lhe disse { *Animam meam ponam pró te* } Eu poerey a minha alma por ty. Por que *deus* afastou h• pouco delle sua graça cayo em tam gram pecado que o renegou E por jsto diz sam paullo { *Non arbitror me comprehendisse* } E h• pouco mais adiante { *Quodquod perfecti sumus id sapiamus* } Eu nom sam em tam perfeita segurãça que digua ja rreçebi Mes busco

como a morte”. S. Gregório explica isto e diz assim: "Como a morte separa a alma do corpo e torna o corpo insensível e o mata, assim o amor inebriado de Deus mata na alma e afasta toda a afeição terreal e mundanal e torna-(a) assim como insensível a todos os deleites carnaes e a toda a pena e aflição corporal". E, porque amor, segundo diz S. Paulo, não /141v/ busca somente seu proveito mas o dos seus próximos e, assim, como Deus é cortês (com) ela, assim quer ela ser cortês (com) os próximos.



E para que eles sejam quinhoeiros nos bens que ela delibou, brada ela e diz no livro dos amores: “{ *Comedite et bibite (et) inebriamini carissimi* }”. Quer dizer, meus amigos, eu vos rogo que vos afasteis dos carnavais deleites e de todo o amor mundanal e comei e bebei destes saborosos e gloriosos regalos que (o) homem acha em amar (a) Deus. E vós, meus amigos muito amados, que já partistes e que experimentastes tais doçuras por santa e devota continuação, tomai tanto deste santo vinho até que sejais inebriados.

Capítulo 194º – De como não pode existir perfeita segurança enquanto alguém<sup>149</sup> está nesta vida que não deva esforçar-se por fazer cada vez melhor.

Aquele degrau é, segundo diz Deus no Evangelho, o mais alto a que (o) homem pode subir neste mundo: “{ *Maiorem caritatem nemo habet, ut animam suam ponat (quis) pró amicis suis* }”. “Nenhum homem”, diz ele, “neste mundo tem em si maior caridade nem atinge maior perfeição que (a) de morrer, se mester for, por seus amigos”. E por isto a alma que em tal estado está, deita de si /142r/ todo o temor servil, segundo diz S. Paulo: “{ *Perfecta caritas foras militat timorem* }”. “A perfeita caridade lança fora daquele que a tem todo o temor”, isto é, servil. Porque tal pessoa não obra nem ama por medo das penas nem de ser afastada de Deus, nem por galardão, mas puramente por ser amada. E daquele amor nasce na alma uma segura esperança de chegar à perfeita visão de Deus, a qual segurança aquele que faz a figura do trono de Salomão assina e põe pelo quinto degrau para chegar ao perfeito amor de Deus. E isto é quase tudo o mesmo, pois que o homem não pode perfeitamente amar a Deus até que o veja na sua formosura perfeitamente, pois aquele degrau não é contrário à sentença do Evangelho que diz “{ *Maiorem caritatem etc* }”. “Maior caridade não pode alguém ter do que pôr sua alma por outro (en)quanto (está) neste mundo”. Mas entendi sãmente que não pode existir perfeita segurança enquanto alguém está nesta vida se não é por especial privilégio de Deus, assim como a Virgem Maria que foi confirmada em não poder pecar.

E isto pode (o) homem ver pelo primeiro anjo que foi, na sua criação, o mais perfeito de todas as criaturas e por um só pensamento /142v/ de soberba caiu, sem ser recuperado para a vida. S. Pedro, que amou Deus mais que todos os apóstolos, segundo diz o Evangelho, tanto que lhe disse, “{ *Animam meam ponam pró te* }”, “Eu porei a minha vida por ti”, porque Deus afastou um pouco dele a sua graça, caiu em tão grande pecado que o renegou. E por isto diz S. Paulo: “{ *Non arbitror me comprehendisse* }”. E um pouco mais adiante: “{ *Quodquod perfecti sumus id sapiamus* }”. “Eu não estou em tão perfeita segurança que diga “já recebi”, mas busco, ainda esperando de percalçar. E a jsto amoesta elle os outros a ssentyr comsiguo E nos diz quaaes quer que sejamos perfeitos tenhamos *que* nom auemos ajnda rreçebido E em jsto da bem a entender que n•h• por perfeito que seia deue cuidar *que* esta em tall seguramça que nom deua dacreçentar de melhor em melhor ataa chegar aaquella fim honde nom ha que temer.

Ciapitollo *CLRV* pier que maneira folga a alma • deus.

<sup>149</sup> De acordo com o conteúdo do capítulo o advérbio “não” deste título tem que ser suprimido.

Porque esta segura esperança que a alma assy /143r/ enbeuedada damor pera v•r aa perfeita uisom de seu amigo naçe em h•a paz de coração. Assy de que homem pode dizer o que he *scripto* no terceiro liuro dos rreis de sallamom. {*Habuit pacem, ex omni parte*} Sallamom ouue paz de todas partes. de todas partes ha paz a alma quamdo se nom torua senom na memoria de seus pecados que ja lhe sam *perdoados*. Nem sofre *queixume* nem *perde* folguança pollo deseio das cousas *que* ham de v•r de *que* ella ja tem segura esperança E quando ella nõ he britada *per* auerssidade nem leuãtada em soberua *per* bem au•turança tall alma folgua em *deus* E *deus* em ella. Assy que pode dizer com daujd. {*In pace, idipsum dormiam et requiescam*} quer dizer eu acho tanta doçura em amar *deus* *que* hi dormirey *e* folguarey. dormirej em esta uida presente *per* h• doçe arreuetamento despritu que he contenplaçom estreitamente filhada. Aa quall ajuda *e* despoem a paz de coração suso dita E sem ella nom pode v•r a este doçe dormjr Ca em coração toruado segundo diz sam bernardo nom rrelluze a jmagem do criador. nem pode contemplar as cousas do çeeo E assy seram em tranquillidade /143v/ *que* he o seisto degraao da fegura do trono de Sallamom. Aynda qu estes dous derradeiros. segurança *e* tranquillidade. a b• entendedor possam seer achados *e* emçarrados neste quatro degraao a que nos chamamos amor enbeuedado seg•do pode parecer pollos sete signaaes E sam bernardo meesmo nom põe mais de quatro degraaos damor E assy diz a santa alma. desta comtenplaçom em esta ujda começada E destes dous dormires vijrey eu aa *perfeita* folguança *e* aa *perfeita* uisom de meu criador. E de meu Senhor *e* amigo que sera em outra uyda. homde ha folguãça sem trabalho allegria sem door Segurança sem themor Entom poderey eu dizer *uerdadeiramente* o que diz daujd no salteiro. {*Me (autem) adherere Deo: bonum est*}. quer dizer Senhor *deus* eu acho tantos b•s em uos que sento bem *e* sey *que* me foy b• de me juntar a uos *per* amor *e* som uos presente sem departamento O que nos outorgue o padre *e* o filho *e* espritu santo amem.

*Capitollo* CLRvj *que* o noso Senhor *deus* muda sua *sentença* *e* sanha quando ho hom• quer em•dar seu pecado.

Ora sabee que nom he trabalho dh• dia v•r /144r/ a tall *perfeiçom* E nom deue alg• em quall quer stado que seia nem por mujto que aja pecado desperar de chegar hi se quer mudar seu maaos stado *e* emmendar sua ujda. Ca segundo diz santanbrosoy {*Nouit Deus mutare sententiam si tu noueris mutare delictum*} quer dizer nosso senhor *deus* sabe bem mudar a *sentença* *e* quer se tu souberes *e* quiseres emmendar teu

ainda, esperando alcançar". E a isto admoesta ele os outros: a sentir consigo. E nos diz: "Por muito perfeitos que sejamos, tenhamos (em mente) que ainda não recebemos". E com isto dá bem a entender que ninguém, por perfeito que seja, deve cuidar que está em tal segurança que não deva aumentar cada vez mais até chegar àquele fim onde não há que temer.

Capítulo 195º. – Por que maneira a alma se alegra em Deus.

Porque esta segura esperança, que a alma assim /143r/ inebriada de amor (tem) para chegar à visão plena de seu amigo, nasce em uma paz de coração, da qual, assim, pode (o) homem dizer o que está escrito no terceiro Livro dos Reis, de Salomão: “{*Habuit pacem, ex omni parte*}”. “Salomão teve paz de todas as partes”. De todas as partes tem paz a alma quando se não perturba a não ser (pela) memória de seus pecados que já lhe estão perdoados, nem sofre queixume nem perde descanso pelo desejo das cousas que lhe hão-de vir de que ela já tem segura esperança. E quando ela não é triturada pela adversidade nem ensoberbecida pela bem-aventurança, tal alma descansa em Deus e Deus nela. Assim, pode (ela) dizer com David: “{*In pace, idipsum dormiam et requiescam*}”. Quer dizer: “Eu acho tanta doçura em amar a Deus que aí dormirei e descansarei”. Dormirei nesta vida presente por um doce arrebatamento de espírito que é a contemplação tomada (no sentido) estrito à qual ajuda e dispõe a paz de coração acima dita.

E, sem ela, não pode a pessoa chegar a este doce dormir pois que em coração perturbado, segundo diz S. Bernardo, não reluz a imagem do Criador, nem pode (a pessoa) contemplar as cousas do Céu. E, assim, (a alma santa) (estará) em tranquilidade /143v/ que é o sexto degrau da figura do trono de Salomão, ainda que estes dous derradeiros – segurança e tranquilidade - a bom entendedor, possam ser achados e encerrados neste quarto degrau a que nós chamamos amor inebriado, segundo pode parecer pelos sete sinais.

E S. Bernardo, mesmo, não põe mais de quatro degraus de amor. E assim diz a alma santa: “Desta contemplação começada nesta vida e deste dous dormires virei eu à alegria plena e à perfeita visão do meu Criador e do meu Senhor e Amigo que estará na outra vida, onde há descanso sem trabalho, alegria sem dor, segurança sem temor”. Então poderei eu dizer com verdade o que diz David no Saltério: “{*Me (autem) adherere Deo: bonum est*}”. Quer dizer: “Senhor Deus, eu acho tantos bens em vós que sinto bem e sei que (para) mim foi bom juntar-me a vós por amor e sou a vós presente sem afastamento”. O que nos outorgue o Pai e o Filho e Espírito Santo. Amén.

Capítulo 196º – Que o Senhor, nosso Deus, muda sua sentença e sanha quando (o) homem quer emendar (o) seu pecado.

Agora sabeis que não é trabalho de um dia chegar /144r/ a tal perfeição e (que) não deve alguém em qualquer estado que esteja, nem por muito que haja pecado, desesperar de aí chegar se quiser mudar seu mau estado e emendar sua vida. Porque, segundo diz Santo Ambrósio: “{*Nouit Deus mutare sententiam si tu noueris mutare delictum*}”. Quer dizer: “Nosso Senhor Deus sabe bem mudar a sentença e quer (mudá-la), se tu souberes e quiseres emendar teu pecado E diz *deus* no euangelho. {*Non ueni uocare justos sed pec(c)atores*} Eu nom sam vijndo chamar os justos Mes os pecadores. Disto auemos mujtos enx•plos dalgh•s que fezerom muj espantosos pecados *que* despois pola misericórdia de *deus* sam vijndos a gram perfeiçom por *que* conhecerõ seu erro *e* se homilldarom *per* aspereza de pendenza.

*Capitollo* CLRvij *que* mujtos fezerom spantosos pecados *e* depois som vijndos a grã perfeiçom  
E poem exenplo de rrey daujd.

Daujd o proffeta a que *deus* auya feita tam gram cortesia como tirallo das ouelhas *e* fazello rrey de todo seu poboo E liurallo das m•os de saull que o *persiguya* aa morte E declarara que de sua linhagem filharia carne humanall E esqueçeo todo *per* h• maa oolhar *e* cayo em adulterio Ca segundo diz a estorea do segundo liuro /144v/ dos rreis elle tomhou a molher a h• seu leall *e* fiell caualeiro que despois ffez matar *per* traiçom. nom sem gram dano doutra sua gemte. Enpero rrepreenderõ *e* elle se comheçeo doçemente *e* homilldousse uerdadeiramente de coraçom nom fingido assy como fazem algh•s eu sam tam maa *e* tam pecador *que* nom ualho nem sey nada E sse lhe rrespondem çerto assy he. elles sam logo fora de ssy Mes elle se humilldou *per* pendença uerdadeira tanto que despois elle fez conçyençia *que* auja mereçido hua pouca daugua E *quando* lha trouxerõ ão a quis beuer mes ofereçeo no sacrificio a *deus* E por jsto veo a tam grande graça que *deus* disse delle {*Inueni David uirum secundum cor meum qui omnes voluntates meas*}. Eu achei diz *deus* daujd h• homem segundo meu coraçõ *que* fara toda minha uoontade Haa doçe Jhesu bem *nos* he uerdadeira a palaura do sabedor. que diz {*Mollis responsio frangit iram*}. a rreposta branda quebra a yra do juiz *per* sse conhecer *e* homildar. aquelle grã pecador daujd vos uençeo *que* nom podees seer vençido *per* nehua força tanto que vos lhe mostrastes uossos segredos segundo pareceo *nos* fremosos salmos que elle fez Pois nom se deue alg• /145r/ pecador de confortar nem desesperar de v•r a perfeiçom.

*Capitollo* CLRviiij em *que* poem outro exenplo *e* semelhaujl de mateu *e* paullo.

Aynda por confortar *e* esforçar os pecadores emmentarey algh•s outros. Sam matheu *que* era canbador *e* uall pouco mais que ladrom ffoy escolheito a estado dapostollo. E sam paullo *que* era h• grande perssiguidor da santa jgreia de Jhesu *Christo* E em pouca dora elle foy assy mudado que Jhesu *que* elle dante persseguya lhe foi tam doçe em coraçom *e* em boca *que* em suas doçes *e* fremossas epistollas que elle fez por alomear a ssanta jgreia o nomeou bem quinhentas uezes E despois que lhe cortarõ a cabeça elle o nomeou claramente Por que sem duujda o nome de Jhesu *Christo* lhe estaua ficado no coraçom Aquelle perssiguidor comuertido E ffeito apostollo veo a tall perfeiçom que nehua madre pode seer mais deseiosa de *criar* seu filho que elle era de todo o mundo meter no paraíso segundo parece em suas epistollas E aynda que elle fosse ante de sua conuerssaçom saies *e* rico E despois foy rrauto no paraíso elle se auia por muyto pecador E dezia {*Venit Ihesus pec(c)atores saluos facere quórum primus ego sum*} /145v/ Jhesu ueyo por

pecado". E diz Deus no Evangelho: "{*Non ueni uocare justos sed pec(c)atores*}". "Eu não vim chamar os justos mas os pecadores".

Disto temos muitos exemplos de alguns que fizeram pecados muito dignos de espanto (e) que, depois, pela misericórdia de Deus, vieram a grande perfeição porque conheceram seu erro e se humildaram por aspereza de penitência.

Capítulo 197 – Que muitos fizeram espantosos pecados e depois vieram a grande perfeição. E põe exemplo do rei David.

O profeta David, a quem Deus havia feito tão grande fineza como tirá-lo das ovelhas e fazê-lo rei de todo o seu povo, e livrá-lo das mãos de Saul que o perseguia (até) à morte e declarara que de sua linhagem tomaria carne humanal, esqueceu tudo por um mau olhar e caiu em adultério. Pois que, segundo diz a história do segundo Livro /144v/ dos Reis, ele tomou a mulher a um seu leal e fiel cavaleiro que, depois, fez matar à traição, com grande dano de outra sua gente. Então repreenderam-no e ele arrependeu-se docemente e humildou-se verdadeiramente, de coração não fingido, assim como fazem alguns: “Eu sou tão mau e tão pecador que não valho nada nem sei nada”, e se lhes respondem: “Certo, assim é”, eles logo ficam fora de si. Mas ele se humildou por penitência verdadeira, tanto que, depois, teve escrúpulos se teria merecido uma pouca de água e quando lha trouxeram, não a quis beber mas ofereceu-a em sacrifício a Deus. E, por isto, veio a tão grande graça que Deus disse dele: “{*Inueni David uirum secundum cor meum qui omnes voluntates meas*}”. “Eu achei”, diz Deus, “David um homem segundo o meu coração que fará toda a minha vontade”.

Ah! Doce Jesus, bem nos é verdadeira a palavra do Sábio que diz: “{*Mollis responsio frangit iram*}”. “A resposta branda quebra a ira do juiz”. Por se conhecer e humildar aquele grande pecador David vos venceu – (vós) que não podeis ser vencido por nenhuma força – tanto que vós lhe mostrastes vossos segredos segundo ficou patente nos formosos salmos que ele fez. Pois não deve algum /145r/ pecador desanimar nem desesperar de chegar à perfeição.

Capítulo 198º – Em que põe outro exemplo e semelhável de Mateus e Paulo.

Ainda para confortar e encorajar os pecadores, apontarei alguns outros.

São Mateus que era cambista – que pouco mais é que ladrão – foi escolhido para o estado de apóstolo. E S. Paulo, que era um grande perseguidor da Santa Igreja de Jesus Cristo, em menos de uma hora mudou ele tanto que Jesus, que ele dantes perseguia, lhe foi tão doce em coração e em boca que, em suas doces e formosas epístolas que ele lhe fez para iluminar a Santa Igreja, ele o nomeou, pelo menos, quinhentas vezes. E depois que lhe cortaram a cabeça, ele o nomeou claramente, porque, sem dúvida, o nome de Jesus Cristo lhe estava fincado no coração. Aquele perseguidor, convertido e feito apóstolo, veio a tal perfeição que nenhuma mãe pode ser mais desejosa de criar seu filho que ele era de meter todo o mundo no Paraíso, segundo transparece das suas epístolas. E, ainda que antes de sua conversão ele fosse sages e rico, e depois foi arrebatado ao Paraíso, ele se tinha por muito pecador e dizia: “{*Venit Ihesus pec(c)atores saluos facere quórum primus ego sum*}”. /145v/. “Jesus veio para saluar os pecadores dos quaaes eu sam o primeiro. quer dizer o que mais pecou que nom sam dino seer chamado apostollo E amoesta os outros a homilldade E fazer de ssy pequena conta. {*Qui se putat aliquid esse cum nihil sit ipse se seducit*} quem cuida diz elle ualler alguma cousa per seus mereçimentos como elle nom seia nada. sy meesmo enguana E por que se elle homildou foy assy exalçado.

*Capitollo* CLRix em *que* trauta *que* neh•a cousa jnclina asy ho homem a auer *mjsericordia e* conpaixom doutrem como a cõsideraçom de seu pecado.

Sam pedro despois que foy chamado aa conpãhia de *deus* E des que vio a ssua gloria na tresfeguraçom de *Jhesu Christo* E des que ouujo no dia da çea a doçe liçom *e* gracioso amoestamento de seu meestre. Cayo tam uergonhosamente que o rrenegou tres uezes. teendo rreçebido o sseu *preçioso* corpo *e* sangue na çea sobre dicta Mes segundo diz o prouerbio. nom he tam grande uergonha cayr como longuamente jazer Mes elle nom jouue mujto no pecado Ca o auangelho diz {*Respexit Dominus Petrum et fleuit amare*}. Nosso senhor *deus* esguardou sam *Pedro* /146r/ com piadade *e* elle chorou amarguosamente E assy se homildou *per* pendença *e* *per* deuotas lagrimas *que* apenas se podia despois teer de chorar nenbrandosse de seu pecado E dantes era brauo *e* sem piadade aos pecadores *e* tornou doçe *e* misericordioso. Jsto he o *que* santo agostinho diz {*Nihil sic ad misericordiam indinat hominem quam proprii periculi cogitatio*} neh•a cousa inclina assy ho homem a auer *misericordia e* conpaixõ doutrem como a consijraçom de seu *perijgo e* pecado No cayr deste apostollo deuemos notar duas cousas. *scilicet.* *que* nehuu em quall *quer* estado *que* seia de *perfeiçom* E de mereçimento nom se deue muito segurar. Mes estar • temor *e* teersse em homilldade Nem algh• por graueamente *que* aja pecado seia do mundo ou de rrellegiom se *quer* leixar seu pecado *e* conheçersse *per* confissom uerdadeira *e* omilldarsse *per* pendença ante *deus* nom deue desasperar de tornar a graça E o estado de *perfeiçom* como dito he. Porque aquelles quatro *que* dissemos E *maria* maudalena E *maria* egipçiaqua E mujtos outros *que* fizeram muitos *e* espantossos pecados ueherom despois a mayor *perfeiçom* E a melhor estado *que* dantes E *que* muitos outros *que* nunca notauelmente pecarõ /146v/ E nom he marauilha Ca rrecobrarom *per* triguosamente correr o *que* perderom por mujto dormir Aquelle corre asinha *que* homilldosamente *e* com feruor abraça os mandamentos de *deus* E o caminho estreito da pendença de *que* daujd diz a *deus*. {*Dilexi mandata tua super aurum et topazium*} Senhor diz elle eu amey os teus mandamentos. *scilicet.* conplios com amor Mais *que* sse achasse ouro ou pedras topazes *que* sam prezadas do mundo E aynda diz {*Letabor ego super elloquia tua sicut qui inuenit spolia multa*} Eu me allegrey em conprir as tuas pallauras. Assy como faz *quem* acha grandes rroubos. Haa doçe *Jhesu* nom he marauilha se aquelle gram pecador tornou a estado de *graça* de *que* uos disestes Eu achey daujd h• homem ssegundo meu coraçom *que* fara todas minhas uoomtades. Graçioso senhor saluo o melhor jntindimento eu creyo *que* as uossas voomtades seiam humilldar *e* amar. Pois *quem* sse homilldar uerdadeiramente *e* amar em *perfeiçom* conpre uossas uoontades. E nom dorme longuamente em seu pecado Aquelle dorme em suas malezas *que* nom

salvar os pecadores dos quais eu sou o primeiro, quer dizer, o *que* mais pecou, *que* não sou digno de ser chamado apóstolo". E admoesta os outros à humildade e a fazer de si pequena conta: "{*Qui se putat aliquid esse cum nihil sit ipse se seducit*}". "Quem cuida", diz ele, "valer alguma coisa por seus merecimentos, ainda *que* ele nada seja, (a) si mesmo engana". E porque ele se humildou, foi assim exaltado.

Capítulo 199º – Em que trata que nenhuma coisa inclina tanto o homem a ter misericórdia e compaixão de outrem como a consideração do seu pecado.

São Pedro, depois que foi chamado à companhia de Deus e desde que viu a sua glória na transfiguração de Jesus Cristo, e desde que ouviu no dia da ceia a doce lição e gracioso admoestamento de seu Mestre, caiu tão vergonhosamente que o renegou três vezes, tendo recebido seu precioso corpo e sangue na Ceia sobredita. Mas, segundo diz o provérbio, não é tão grande vergonha cair, como por muito tempo estar caído. Mas ele não permaneceu muito no pecado, pois que o evangelho diz: “{*Respexit Dominus Petrum et fleuit amare*}”. “Nosso Senhor esguardou S. Pedro /146r/ com piedade e ele chorou amargosamente”, e tanto se humilidou por penitência e por devotas lágrimas que, depois, a custo, podia deter-se de chorar, lembrando-se de seu pecado. E dantes era bravo e sem piedade (para com) os pecadores, tornou-se, (depois), doce e misericordioso. Isto é o que Santo Agostinho diz: “{*Nihil sic ad misericordiam indinat hominem quam proprii periculi cogitatio*}”. “Nenhuma coisa inclina tanto o homem a ter misericórdia e compaixão de outrem como a consideração do seu perigo e pecado”. No cair deste Apóstolo devemos notar duas coisas, a saber, que ninguém em qualquer estado que esteja de perfeição e merecimento se deve dar por seguro, mas estar em temor e conter-se em humildade; nem alguém, por gravemente que haja pecado, seja do mundo ou de religião, se quer deixar seu pecado e arrepender-se por confissão verdadeira e humilhar-se por penitência perante Deus deve desesperar de tornar à graça e (a)o estado de perfeição, como se disse. Porque aqueles quatro que mencionámos e Maria Madalena e Maria Egipcíaca e muitos outros que fizeram muitos e pavorosos pecados vieram, depois, a maior perfeição e a melhor estado que dantes e que muitos outros que nunca pecaram de modo notável /146v/. E não é de admirar porquanto recuperaram por apressadamente correr o que perderam por muito dormir. Depressa corre aquele que, humildosamente e com fervor, abraça os mandamentos de Deus e o caminho estreito de penitência de que David diz a Deus: “{*Dilexi mandata tua super aurum et topazium*}”. “Senhor Deus”, diz ele, “eu amei os teus mandamentos, isto é, cumpri-os com amor mais do que se achasse ouro ou pedras topázio que são apreciadas do mundo”. E ainda diz: “{*Letabor ego super elloquia tua sicut qui inuenit spolia multa*}”. “Eu me alegrei em cumprir as tuas palavras, assim como faz quem acha grandes roubos”. Ah! Doce Jesus, não é de admirar se aquele grande pecador tornou a estado de graça de que vós dissestes: “Eu achei David um homem segundo o meu coração, que fará todas as minhas vontades”.

Gracioso Senhor, salvo melhor entendimento, eu creio que as vossas vontades sejam humilhar e amar, pois quem se humilhar verdadeiramente e amar em perfeição cumpre vossas vontades e não dorme longamente em seu pecado. Dorme em suas maldades aquele que não acorda a bem fazer de que diz daujd. /147r/ {*Numquid qui dormit non adiiciet ut resurgat*} Aquelle que dorme nom aprendera a sespertar. Assy como se quisesse dizer. vos que dormijs em uossos pecados e que uos nom querees chegar a fazer bem nem uos espertaaes. Nom desesperes mes aprendee de mim E assy como meu espertey per homilldoso comheçimento e per aspereza de pemdença e per me absteer de pecar Assy fazee uos E com boa u•tade uos rreçebera deus como fez a mim E aos outros ja nomeados. Per outro caminho nom pode algh•

montar ao çeeo seja justo ao pecador nem v•r a perfeita alegria da gloria perdurauell segundo parece no filho de deus meesmo. Assy como ele disse no auangelho aaquelles que hiam o dia da pascoa a emaus {*Nonne (haec) sic oportuit pati Christum et ita intrare in gloriam suam*} Nom cõueo disse elle assy homilldar e sofrer Jhesu Christo e assy entrar em sua gloria E diz santo agostinho {*Vis magnus esse? A mínimo incipe*} queres tu seer grado começa de pequeno quer dizer se tu queres chegar a alteza de perfeiçom cõuem que começas per humjlldade E aynda diz elle {*Cogitas magnam fabricam (ex)struere celsitudinis, prius /147v/ fundamentum cogita humilitatis*}. Se tu queres edeficar h• alto edefiçio Penssa primeiro no fundam•to dhumjlldade {*Et quanto super inponere disponis maius edeficium, tanto allevis fode fundamentum*}. E tanto como te desp•es a mais leuamtar teu edefiçio. tanto mais alto lhe caua ho fundamento E diz mais. {*Quo per uenturum cacumen edificii nostri? Usque ad conspectum Dei*}. quam alto queremos nos aleuantar nosso edefiçio rrespondeo elle ataa ujsom de deus E pois nos queremos tam alto edeficar. conuem que lançemos o fundam•to dhumjlldade bem profundo Entendesde de todo nosso poder buscar esta uertude E assy podemos seguramente esperar de v•r aas outras Ca sam gregorio diz. {*Qui sine humilitate uirtutes congregat quasi puluerem in uentum portat*}quem busca as uertudes sem omilldade semelhante he daquelle que lança poo ao uento quer dizer que perde seus trabalhos E bem sabe que jsto nom he contra o que dissemos primeiro do caminho purguatiuo que ha tres degraaos como dito he contriçom confissom satisfaçom que he uerdadeiramente humildar mais que amarguosamente rreprehender e homilldosamente conhecer per confissom e abraçar os /148r/ feitos da deçiplena e da pendenza E abaixarsse a toda criatura por amor de Jhesu Christo E por satisfaçom Assy como diz sam Pedro {*Subditi estote omni humane creature propter Christum*}. quer dizer seede sogeitos a toda creatura por amor de Jhesu Christo que he uerdadeiramente homilldar. senom leixar a u• çiençia do mundo em que he auareza he soberua e luxuria Assy como diz sam Joham auangellista E estudar na santa uida de deus e em seus mandamemtos e pensar sempre em elle andando e estando e trabalhãdo por auyuar o coração a seu amor e rrogar por ssy e por seus amigos e jmijgos Assy auemos os tres degraaos do segundo caminho que he jnlumjnatiuo. liçõ Penssamento e oraçom E sabe que h• destes tres uall pouco sem outro Ca liçom sem penssamento tornasse em negregençia e em oufana Penssamento sem liçom traz error. Penssamento sem oraçom geera uaydade. oraçom sem liçom e sem penssamento he sem lume e sem feruor.

acorda a fazer bem de que diz David: /147r/ “{*Numquid qui dormit non adiiciet ut resurgat*}”. "Aquele que dorme bem não aprenderá a despertar-se", assim como se quisesse dizer: “Vós que dormis em vossos pecados e que vos não quereis chegar a fazer bem nem vos despertais, não desespereis mas aprendei de mim. E assim como eu me despertei por humildoso conhecimento e por aspereza de penitência e por me abster de pecar, assim fazei vós, e com boa vontade vos receberá Deus como fez a mim e aos outros já nomeados”.

Por outro caminho não pode alguém subir ao céu seja justo (ou) pecador nem vir a perfeita alegria perdurável segundo aparece no filho de Deus mesmo, assim como ele disse no



Evangelho àqueles que iam (n)o dia de Páscoa a Emaús: “{*Nonne (haec) sic oportuit pati Christum et ita intrare in gloriam suam?* ”}. "Não conveio", disse ele, "assim humilhar(-se) e sofrer Jesus Cristo e assim entrar em sua glória?". E diz Santo Agostinho: “{*Vis magnus esse? A mínimo incipe*}”. "Queres tu ser graúdo? Começa de pequeno". Quer dizer, se tu queres chegar a alteza de perfeição, convém que comeces por humildade. E ainda diz ele: “{*Cogitas magnam fabricam (ex)struere celsitudinis, prius /147v/ fundamentum cogita humilitatis*}”. “Se tu queres edificar um alto edifício, pensa primeiro no fundamento de humildade”. “{*Et quanto super inponere disponis maius edeficium, tanto allevis fode fundamentum*}”. “E tanto como (tu) te dispões a mais levantar teu edifício, tanto mais alto lhe cava o alicerce”. E diz mais: “{*Quo per uenturum cacumen edificii nostri? Usque ad conspectum Dei*}”. A que altura queremos nós levantar (o) nosso edifício? Respondeu ele: “Até à visão de Deus”.

E, pois, queremos nós tão alto edificar, convém que lancemos o fundamento de humildade bem profundo, entenda-se, com toda a nossa capacidade buscar essa virtude. E, assim, podemos seguramente esperar de chegar às outras, pois que diz S. Gregório: “{*Qui sine humilitate uirtutes congregat quasi puluerem in uentum portat*}”. “Quem busca as virtudes sem humildade é semelhante àquele que lança pó ao vento”, quer dizer, que perde seus trabalhos.

E sabeí bem que isto não é contra o que, primeiramente, dissemos do caminho purgativo que, como já foi dito, tem três degraus – contrição, confissão, satisfação - que é, verdadeiramente, humilhar-se mais que amargosamente repreender, humildosamente conhecer por confissão e abraçar os /148r/ efeitos da disciplina e da penitência, e abaixarse a toda a criatura por amor de Jesus Cristo e por satisfação, assim como diz S. Pedro: “{*Subditi estote omni humane creature propter Christum*}”. Quer dizer: “Sede sujeitos a toda a criatura por amor de Jesus Cristo”.

Que é humilhar-se verdadeiramente senão deixar a vã ciência do mundo em que há avareza, soberba, luxúria, como assim diz S. João Evangelista e estudar na santa vida de Deus e em seus mandamentos e pensar sempre nele, andando, estando e trabalhando, para avivar o coração ao seu amor e rogar por si e por seus amigos e inimigos?

Assim temos os três degraus do segundo caminho que é iluminativo: lição, pensamento e oração. E sabeí que (cada) um destes três vale pouco sem (os) outro(s), porque lição sem pensamento traz error, pensamento sem oração gera vaidade, oração sem lição e sem pensamento é sem lume e sem fervor.

Disto acharees claramente no liuro da deujnall graça do espritu santo de confissom e satisfaçõ de penssamento e doraçom E da homilldade acharees /148v/ no castello perijguoso E assy auees os dous caminhos purguatiuos E jnlumjnatiuo E acharees damor que he começo do caminho contenpratiuo larguamente filhado O quall começa segundo ja he dito per guostar como deus he doce E aproueita per dar sabor E creçe per adoçar. E he perfeita per embeuedar Pello quall enbeuedamento homem uem aa comtenplaçom estreitamente filhada E dhi aa perfeita uisom de deus que he gloria alegria e boa uentura dos saluos Aa quall nos faça v•r o rrey do amor que por nos quer morrer amem.

*Capitollo CC* que o que nom sentyio as dolçuras da contenplaçom dela bem nõ pode falar E de como a *sancta alma* que senõ torua *per* aduersidade pode chegar ao alto caminho da *cont•plaçõ*. Hora auees ouujdo como homem uem pollo caminho purguatiuo ao jnluminatiuo E ao contenplatiuo assaz rrudemente *e* em breue E pouco abastantemente Ca ssem duujda *deus* sabe que nem o ssiso nem o jeito nom he a pessoa de *perfeitamente* trauctar desto que aquy he *escripto* E seria longa cousa de dizer. Pois nom he marauilha se o homem diz rrudemente *e* sem abstança Ca mall faz cantigas /149r/ damor quem nunca amou E pobremente saberia fallar do que nom sentio E nom he marauilha segundo diz daujd no salteiro {*Existimabam ut co(g)no(s)cerem hoc; labor est ante me*} Eu penssaua de v•r a conhecimento de meu *criador* E das allegrias do paraíso. Pello alto caminho da contenplaçom Mes achey que jsto era a m• grã trabalho. Haa mezquinho pois que trabalho seria este a h• pobre pecador de trauctar em liuro Pero segundo o consselho de ssam bernardo quem quisesse ajuntar suas afeiçãoes *e* chamallas de desuairados lugares honde sam espargidas nas creaturas do mundo. ou em amigos carnaaes mujto amar que assaz torua a vjrr aa perfeiçom. ou em buscar auer ou honrras *e* deleitos do mundo E as ditas afeiçãoes quisesse leuantar a *deus* pollos degraaos de que h• pouco auemos fallado. Nom poderia seer que alghua cousa nom sentisse das doçuras que homem acha na contenplaçom E jsto pode homem entender. Porque quando daujd disse as palauras suso ditas disse mais adiante {*Donec intrem in san(c)tuarium Dei, etc*}. quer dizer ataa que entre no santuayro de *deus* Jsto he quamdo /149v/ o coração he partido de todas as afeiçãoes da carne *e* do mundo E que he assy homildoso E assy passiuill que sse nom torua *per* auerssidade Nem se altera *per* bem auenturamça tall coração he santuayro de *deus* Ca *deus* hi mora E dentro em tall <c>oração he aparelhado Ca tall pessoa nom sera trabalho de chegar ao alto caminho da contenpla<ç>om nas pallauras de daujd ja ditas. Ha outra esposiçom mes nos a *passaremos* E abaste nossa pequena oferenda. Ca segundo diz sam paullo na segunda hepietolla aos corintia. {*Si uoluntas prompta est, in eo quod habet accepta et non in eo quod non habet*}. Se a uoontade he aparelhada ela he rreçebida no que ha. Mes nõ no que nõ ha. quer dizer segundo as grosas se homem da do que tem por amor de *deus* segundo seu poder *e* ha uoontade de mais dar se mais teuesse. seu som he açetado ante *deus*. Ca elle nom esguarda camanho he o dom.

Disto achareis claramente no Livro da Divinal Graça do Espírito Santo; de confissão, satisfação, de pensamento, de oração e da humildade achareis /148v/ no Castelo Perigoso. E assim tendes os dous caminhos, purgativo e iluminativo.

E achareis amor que é (o) começo do caminho contemplativo tomado no sentido lato, o qual começa segundo já foi dito, por saborear como Deus é doce, e aproveita por dar sabor e cresce por adoçar e é perfeito(o) por inebriar. Pelo qual inebriamento (o) homem chega à contemplação tomada no seu sentido estrito, e, daí, à perfeita visão de Deus, que é glória,

alegria e boaventura dos eleitos, à qual nos faça vir o Rei do Amor que por nós quis morrer. Amén.

Capítulo 200º. – Que o que não experimentou as doçuras da contemplação, dela bem não pode falar. E de como a alma santa, que se não perturba pela adversidade, pode chegar ao alto caminho da perfeição.

Ora ouvistes como (o) homem vem pelo caminho purgativo ao iluminativo e ao contemplativo, bastante rudemente, com brevidade e com pouca suficiência pois, sem dúvida, Deus sabe que à pessoa (do autor) faltam o discernimento e a habilidade para, com perfeição, tratar desta matéria. E seria cousa longa de explicar. E não é de admirar que se diga rudemente e sem suficiência, porquanto mal faz cantigas /149r/ de amor quem nunca amou e, pobremente, saberia falar do que não experimentou. E não há que admirar, segundo diz David no Saltério: “{*Existimabam ut co(g)no(s)cerem hoc; labor est ante me*}”. “Eu pensava vir a(o) conhecimento do meu Criador e das alegrias do Paraíso pelo alto caminho da contemplação, mas achei que isto era (par)a mim grande trabalho”.

Ah! Mesquinho, pois que trabalho seria este para um pobre pecador tratar (esta matéria) em livro! Mas, segundo o conselho de S. Bernardo, quem quisesse ajuntar suas afeições e chamá-las de desvairados lugares onde estão espalhadas nas criaturas do mundo, ou investir muito amor em amigos carnis – o que muito estorva para chegar à perfeição – ou buscar fortuna ou honras e deleites do mundo, e as ditas afeições quisesse levantar a Deus pelos degraus de que falámos um pouco, algo experimentaria das doçuras que (o) homem acha na contemplação. E isto pode (o) homem entender porque, quando David disse as palavras supra ditas, mais adiante disse: “{*Donec intrem in san(c)tuarium Dei, etc*}”. Quer dizer, até que entre no santuário de Deus, isto é, quando /149v/ o coração se afastou de todas as afeições da carne e do mundo, e que é tão humilde e tão sofredor que se não perturba pela adversidade nem se altera pela bem-aventurança. Tal coração é santuário de Deus porque Deus aí mora e dentro em tal coração é agasalhado, pois a tal pessoa não será difícil chegar ao alto caminho da contemplação.

(Para) as palavras de David há outra interpretação mas nós a omitiremos. E baste a nossa pequena oferta porque segundo diz S. Paulo na Segunda Epístola aos Coríntios: “{*Si uoluntas prompta est, in eo quod habet accepta et non in eo quod non habet*}”. “Se a vontade está preparada, ela é recebida no que há e não no que não há”, quer dizer, segundo as glosas, se a pessoa dá do que tem por amor de Deus segundo a sua capacidade e tem vontade de mais dar se mais tivesse, a sua dádiva é aceite perante Deus porque ele não esguarda quão grande é a dádiva, Mas a grandeza da u•tade do que da. E jsto nos he bem seneficado no quarto liuro do Jenjsis honde elle disse. {*Respexit Dominus ad Abel et ad munera eius*}. Nosso senhor esgardou a abell e aos seus d•es. quer dizer deus esguardou primeiro a uoomtade /150r/ E o coração dabell. Ca elle ofereço a deus o melhor e mais fremoso que pode E de boa uoomtade ofereçera melhor se podera E esguardou a seus d•es. quer dizer que os açeptou e lhe prouuerom E no auangelho he escripto da boa molher que leuou ao tenplo duas dramas E deus testemunhou que ella leuara mais que todollos outros que ofereçerõ Mes jsto sentende quanto ao prazimento de deus. Por

que aquelle pequeno dom lhe prouue mais E *deus* esguardou mais seu coração *que* seu dom E o maaõ *seruidor* de *que* o auangelho fala nom auia mais que h• dinheiro soo *e* foy rrepreendido *e* prasmado de seu senhor. Por *que* amou mais de o esconder *que* de o dar hu moltipricasse Por jsto amoestaua thabias a seu filho *e* dizia. Se t•s mujto da larguamente. se as pouco da ledamente Hora seia nosso pequeno dom açetauell a uos b• *Senhor deus e* a uos gloriosa uirgem *maria* sua madre. Por cujo amor foy começado E per cuja ajuda atee quy perseguido *e* acabado E uos seia toda a homrra *e* gloria E seia a todos o *que* o leerem *e* ouujrem praziuill *e* proueitoso aa /150v/ saude das suas almas Per que possamos seer todos conpanheiros na gloria de *deus* que viue *e* rreyna *per omnia seculum* amem.

Hora praza a todos que este liuro leerem *e* ouuirem que por amor de *deus e* da sua bem dita uirgem madre ajam memoria em suas horaç•es daquelle *que* o ajuntou *e* escrepueo E foy acabado a noyte da pascoa florida era 1400.

mas a grandeza da vontade do que dá. E isto nos é bem significado no quarto Livro do Génesis onde ele disse: “{*Respexit Dominus ad Abel et ad munera eius*}”. “Nosso Senhor esguardou a Abel e às suas dádivas”, quer dizer, Deus esguardou primeiro a vontade /150r/ e o coração de Abel, porque ele ofereceu a Deus o melhor e mais formoso que pode e de boa vontade oferecera melhor se pudera. E esguardou suas dádivas, quer dizer, que as aceitou e lhe agradaram. E no Evangelho se refere (o exemplo) da mulher boa que levou ao Templo duas dracmas e Deus

testemunhou que ela levara mais que todos os outros que tinham oferecido. Mas isto se entende quanto ao aprazimento de Deus porque aquela pequena dádiva lhe agradou e Deus esguardou mais seu coração que sua dádiva.

E o mau servidor, de que o Evangelho fala, não tinha mais que um só dinheiro e foi repreendido e censurado pelo seu Senhor, porque gostou mais de o esconder que de o dar onde (se) multiplicasse: Por isto admoestava Tobias a seu filho e dizia: “Se tens muito, dá com largueza, se tens pouco, dá com alegria”.

Agora seja nossa pequena dádiva aceitável a vós, bom senhor Deus, e a vós, gloriosa Virgem Maria, sua Mãe, por cujo amor (este tratado) foi começado e por cuja ajuda até aqui (foi) prosseguido e acabado. E a vós seja toda a honra e glória e a todos o(s) que o lerem e ouvirem seja aprazível e proveitoso à /150v/ salvação das suas almas, para que possamos ser todos companheiros na glória de Deus que vive e reina por todos os séculos dos séculos. Amén.

Agora praza a todos que este livro lerem e ouvirem que, por amor de Deus e da sua bendita Virgem Mãe, se lembrem nas suas orações daquele que o juntou e escreveu.

E foi acabado à noite da Páscoa Florida (na) era de 1400.



## IV. OS SETE TRATADOS CARTUSIANOS: GLOSSÁRIO

“Les mots sont des créations humaines et, en même temps, comme la plupart des créations de l’homme, ils ont leur vie propre; nous les créons et ils se créent”.  
(Pierre Guiraud)

### 1. Normas seguidas na realização do Glossário

Os glossários de textos medievais, mormente de textos editados seguindo critérios ditos conservadores, configuram-se como ferramentas privilegiadas na exploração e análise da língua usada nesses documentos, complementando os textos editados, clarificando o seu vocabulário, classificando-o e explorando os seus usos no contexto. Foram estas as motivações principais subjacentes à realização do Glossário que a seguir apresentamos.

Dada a extensão do *corpus* e a necessidade de rigor na indicação dos dados, afigurou-se imprescindível o recurso a meios informáticos específicos para a feitura do glossário. Assim, com base no suporte informático da edição que efectuámos (capítulo II), sendo esta transcrita usando o *Word*, com fontes especialmente criadas para o efeito (Xera e Xara) que incluíram caracteres especiais, o texto passou pelo *Unicode*, no qual existiam alguns daqueles caracteres e outros foram criados como representações especiais. Passou-se depois a um processo de conversão para texto analisável, sendo este convertido para uma notação completamente textual (utilizando sempre que possível as convenções LaTeX) – o programa conversor Perl de 20 linhas construído especialmente para o efeito. Em seguida, com vista à contagem das ocorrências de palavras, o ficheiro textual foi analisado por um programa (Oco Tex), capaz de contar as ocorrências de palavras (10 linhas de Perl) e com capacidade para construir uma saída em formato txt e LaTeX. Seguidamente, efectuou-se o processo de geração de índices para *Word*. O ficheiro gerado pôde ser incluído em formato *Word*, sem necessidade de alterações, tendo a possibilidade de ser editado para o

acrescentamento manual necessário de informações em cada entrada. As ferramentas usadas na conversão para texto analisável e no processo de geração de índices para *Word* foram criadas<sup>150</sup> especificamente para o tipo de transcrição que tinha sido feito do manuscrito, as utilizadas no processo de contagem de ocorrência de palavras já existiam<sup>151</sup>.

Decidimos elaborar um glossário exaustivo do documento editado e organizá-lo em artigos remissivos e enunciativos<sup>152</sup> por considerarmos que este tipo de glossário melhor serviria como ferramenta de trabalho, nomeadamente para a realização do estudo linguístico que se pretendia fazer do texto.

Assim, o Glossário dos *Sete Tratados Cartusianos* que a seguir apresentamos contém todas as formas, plenas e as gramaticais, presentes no documento, conforme a edição do texto que apresentámos no Capítulo II. As formas foram ordenadas, segundo um critério semasiológico, pelos significantes, mesmo dentro de cada entrada.

A apresentação das formas mais ligada aos aspectos formais e gráficos do que às relações semânticas configura-se como a mais adequada num trabalho deste tipo, pois possibilita a localização das palavras de forma fácil e rápida. O critério alfabético seguido, essencialmente grafemático, permite, pois, que todas as palavras apareçam no Glossário por ordem alfabética, inclusive os dígrafos e os vocábulos iniciados por u, v, i, j, y, os quais não foram colocadas em grupos separados mediante o seu valor consonântico ou vocálico, por considerarmos que a apresentação por que optámos facilita o estudo linguístico do texto, mormente no que diz respeito à ortografia e à fonética

As formas que aparecem no glossário são as constantes do texto alvo da edição conservadora.

Cada entrada é feita por um lema, entendido este como um paradigma duma palavra tida como unidade gráfica e semântica e que apresenta várias

---

<sup>150</sup> Agradecemos ao Professor Doutor José João Almeida (Departamento de Informática da Escola de Engenharia da Universidade do Minho) a sua competência e generosidade no trabalho que efectuou neste âmbito, acedendo, tal como aconteceu noutras ocasiões, a um pedido/ repto que lhe fizemos de adaptar e criar suportes informáticos para textos medievais.

<sup>151</sup> Projecto Natura.

<sup>152</sup> Nos artigos de carácter remissivo o lema é secundário e reenvia o leitor para o lema principal que introduz o artigo enunciativo.



flexões (Busa: 1969). Na escolha do lema principal adoptámos o critério da frequência; quando uma mesma palavra apresenta formas diferentes, é introduzido como lema a forma que apresenta um maior número de ocorrências, mesmo que apresente a grafia mais afastada da actual; se o número de ocorrências for equivalente, optámos por aquela que apresente a grafia mais semelhante com a actual.

O lema é introduzido no masculino singular (nas formas nominais) e no infinitivo (nas formas verbais). Quando estas formas não existem no texto, apresentámos o lema entre parênteses rectos. Quando existem lemas que se relacionam com outros a nível semântico ou outro, essa indicação é dada no artigo enunciativo por meio de ‘cf’:

**[Desuairado], adj, 13 "Desvairado; incoerente"**  
*desuairadas* (6): "achadas desuairadas cousas" (f85r)  
*desuairados* (2): "de desuairados lugares" (f149r)  
*desuayradas* (4): "desuayradas tentaç•es" (f48r)  
*desuayrados* (1): "buscar desuayrados b•s" (f41r)

**Cõsideraçom, sb, 1 Cf. Conssijraçom**  
*cõsideraçom* (1): "a cõsideraçom de seu pecado" (f145v)

Um mesmo lema pode incluir formas iguais, pertencentes, no entanto, a categorias morfológicas distintas; quando isso acontece, são dados contextos exemplificativos para cada caso:

**Fryo, sb, adj, 6 "Frio"**  
*fria* (1): "he fria e preguiçossa" (f39v)  
*frias* (1): "seiam frias e priguçosas" (f7r)  
*frio* (1): "trabalhos e fome e sede e frio" (f33r)  
*fryo* (3): "alg• ha gram fryo" (f95v)

As categorias gramaticais consideradas foram: verbo (v), advérbio (adv), substantivo (sb), adjectivo (adj), preposição (prep), conjunção (conj), locução (loc), pronome (pr), numeral (nm), artigo (art) e nome próprio (np).

Nas entradas do glossário, o itálico, indicador de desenvolvimento de abreviatura, perdeu-se; aparece depois nos exemplos dos contextos.

As formas com preposição aglutinada fazem parte do grupo com remissão para a entrada da forma sem a preposição; quando tal não acontece, é porque a forma tida como lema só aparece com a forma aglutinada; assim, não considerámos a contracção prep+art. ou pr., por ex. ‘naquelle’ aparece na entrada

de ‘aquelle’, mas ‘no’ e ‘do’ aparecem com uma entrada isolada, dado o seu número elevado de ocorrências e aí damos indicação da contracção.

***Dhomilldade – ver Humjldade***

***Este, pr, 509***

*esta* (148): “*Esta he a boa camareira*” (f2r)  
*desta* (20): “*guarda desta porta*” (f41v)  
*destas* (12): “*porteiro destas duas portas*” (f43v)  
*deste* (68): “*uertude deste sacramento*” (f61r)  
*destes* (10): “*na festa destes altos hom•s*” (f108v)  
*estas* (34): “*assy husam estas gentes*” (f10r)  
*este* (172): “*morar em este ualle de miséria*” (f19v)  
*estes* (41): “*estes sam os pecadores*” (f90v)  
*neesta* (1): “*que neesta batalha*” (f22r)  
*nesta* (1): “*pollo poboo nesta palaura*” (f40r)  
*neste* (1): “*emçarrados neste quatro*” (f143v)

Todas as formas do texto têm uma entrada independente, exceptuando os pronomes que aparecem ligados aos verbos, os artigos quando contraídos com preposições, algumas preposições quando contraídas com verbos ou pronomes.

***Meter, v, 54***

*meta* (2): “*te meta em suas obras*” (f6v)  
*metaaes* (2): “*nom uos metaaes nos fectos do mundo*” (f62v)  
*mete* (11): “*deus mete seu coraçom*” (f7r)  
*met•* (1): “*a matam e nõ a met• em obra*” (f75v)  
*metees* (1): “*Nom as matees mes metees em obra*” (f65r)  
(...)

***Do, prep+art, 1523***

*da* (542): “*diz o liuro da sabedoria*” (f98v)  
*das* (114): “*das tenporilidades E das cousas*” (f64r)  
*dho* (1): “*saae do corpo dho homem*” (f23r)  
*do* (618): “*a cobijça do pecado*” (f8v)  
*dos* (248): “*o peso dos pecados*” (f74v)

***Hir, v, 66 "Ir"***

*dhir* (1): “*uergonha dhir soo ao paraíso*” (f66v)  
*foisse* (2): “*E foisse a sseu amigo*” (f83r)  
*for* (1): “*quando ella for com elle*” (f40v)  
*fora* (3): “*em que cayra se elle nom fora.*” (f40r)

As formas verbais perifrásticas não foram consideradas como formas únicas; o verbo auxiliar e o principal foram introduzidos e contabilizados separadamente em lemas distintos:

***Auer, v, 522 "Haver; ter; possuir; guardar; conservar; manter"***

(...)  
*as* (1): “*assy me as uiuificado per pendença*” (103v)  
*auē* (2): “*senhor deus auē merçee de mim*” (f12r)  
*auēē* (8): “*Auēē paçiença E dae graças*” (f81r)  
*auēēs* (12): “*Hora auēēs ouujdo*” (f148v)  
*auēndo* (1): “*homem ha auēndo deus*” (f121v)  
*auēmos* (34): “*auēmos mujtos enx•plos*” (f144r)  
*auer* (118): “*deue a auer seis condiç•es*” (f2r)

(...)  
*hade* (3): " *a quem hade fallar*" (f67r)  
*ham* (42): " *que nom ham tall cuydado*" (f76v)  
*hao* (1): " *E hao departir lhe disse*" (f83r)

Para que o glossário não atingisse proporções desmedidas e a sua consulta fosse facilitada, decidimos estruturá-lo de forma concisa, designadamente no que diz respeito ao contexto dado; assim, para cada forma é dado um exemplo de contexto, sem extensão definida à partida, mas sempre com a preocupação de o significado da palavra em questão ficar dilucidado. Assim, e pese embora o facto de pensarmos que um contexto longo é preferível a um contexto demasiado curto, sobretudo se se tiver em vista estudos lexicológicos, apresentamos geralmente contextos que, sendo breves, permitem a compreensão do sentido do termo. Quando achámos necessário, transcrevemos contextos mais longos ou transcrevemo-los com a omissão de algumas palavras, indicada por três pontos entre parêntesis curvos.

Do Glossário não fazem parte as formas as palavras em latim do ms..

Cada artigo enunciativo apresenta a seguinte organização:

1. Palavra que constitui o lema ou entrada
2. Classificação gramatical dada por meio de formas abreviadas. (Cf. "Siglas")
3. Número total de ocorrências do lema.
4. Indicações do(s) significado(s) actual(is) do vocábulo (se for considerado pertinente).
5. Referência por meio de Cf. a outras palavras presentes no documento que se relacionem com o lema (se for considerado pertinente).
6. Registo das distintas formas com indicação do número parcial de ocorrências e um contexto exemplificativo (com indicação do fólio).
7. **Siglas utilizadas:**
  - adj = adjetivo
  - adv = advérbio
  - art = artigo
  - int = interjeição

loc.adv = locução adverbial

loc.prep = locução prepositiva

np = nome próprio

num = numeral

pr = pronome

prep = preposição

sb = substantivo

v = verbo

# A

## **A, prep, prep+art, 727**

a (520)

“*quem* deue a auer paz” (f1r)

aa (156)

“de rroguar aa molher” (f10v)

aas (51)

“feitas *e* ditas aas deuotas pessoas” (f27r)

## **[Aa], sb, 3 “Asa; ala”**

aas (3): “a horaçom deue auer duas aas” (f51r)

## **Aa – ver Haa**

## **Aabadessa – Ver Abadessa**

## **Aadur, adv, 1 “Difícilmente”**

**“Apenas; com dificuldade grande; por acaso; mui raras vezes” (Viterbo)**

aadur (1): “*que* aadur param mentes nas cousas *que* ham de v•r” (f84v)

## **Aafeiçom – ver Afeiçom**

## **Aal•• – Ver Aallem**

## **Aalem – ver Aallem**

## **Aalgh• - ver Alg•**

## **Aalg• - ver Alg•**

## **Aallem, adv, 15 – “Além”**

aal• (1): “nõ façã cousa aal• de rrazoada necessidade” (f43v)

aalem (6): “E fazem pesada aalem de rrazom” (f74v)

aallem (8): “Aallem desto *deus* lhe deu *pera* o *seruir*” (f32r)

## **Aalma – ver Alma**

## **Aallma – Ver Alma**

## **Aamar – ver Amar**

## **Aaquall - ver Quall**

## **Aaquel – ver Aquelle**

## **Aaquelle – ver aquelle**

## **Aaquem, adv, 1 “Aquém”**

aaquem (1): “ he mais *aaquem* de mereçimentos” (f21r)

## **Aar, sb, 2 “Ar”**

aar ( 2): “o ssoll *e* a ll•a *e* as estrellas as aues do aar” (f32r)

## **Aarõ, np, 2 “Arão”**

aarõ (1): “aarõ fallaua a sseu jrm•o moyses” (f127r)

aarom (1): “conprissee aarom as palauras de moyses” (f127r)

## **[Aaucto], adj, 1 “Capaz; com capacidade”**

**p.p. do v. lat. *augere* = *aumentar; acrescentar; ampliar.***

aaucta (1): “ O deseio faz a alma aaucta *pera* rreçeber *deus*” (f130v)

## **[Aauto] – ver Aauto**

## **Aauto, sb, 2 “Acto”**

aautos (1): “ he *scripto* nos aautos dos apostollos” (f129r)

aautto (1): “o aautto da toruaçom lhe ueeo de uergonha *uirginall*” (f17r)

## **Aazo, sb, 3**

aazo (3): “ Ou outr• por lhe daar aazo de pecado” (f42v)

## **[Abade] – Ver Abbade**

## **Abadessa, sb, 2**

abadessa (2): “a abadessa soubeho *e* metehoa no mais escondido lugar da abadía” (f10r)

aabadessa (1): “ella meesma disse a ssua aabadessa” (f3v)

## **Abadia, sb, 1**

abadia (1): “no mais escondido lugar da abadía” (f10r)

## **Abaixamento, sb, 1**

abaixamento (1): “em defamar outrem com seu abaixamento” (f13r)

## **Abaixar, v, 5**

abaixado (1): “*seras* depois mais abaixado no esterco” (f93r)

abaixar (2): “: “Soberuos *que* querem abaixar os outros” (F92v)

abaixarsse (2): “: “abaixarsse *e* obedeeçer a seus mayores” (f21r)

## **Abastãça – Ver Abastança**

## **Abastado, adj, 9**

abastado (4): “coraçom abastado de claridade” (f58v)

abastada (3): “lhe dou ujda abastada” (f60r)

abastados (2): “: “*seram* elles abastados das ujandas” (f93v)

## **Abastamça – Ver Abastança**

## **Abastamento, sb, 1**

abastamento (1): “nom ham de ssua *jgreia* abastamento” (f7v)

## **Abastança, sb, 14 “Abastança; abundância; fartura”**

abastança (2): "abastança da bem auenturança" *seruijdores*" (f92r)  
abastança (10): "desto auerom pobreza sem abastança" (f93r)  
abastança (2): "ha honrra he auer abastança" (f43v)

**Abastante, adj, 5 "Suficiente"**

abastante (3): "coraçom por menos dino e menos abastante que os outros" (f21r)  
abastantes (2): "se nom sintem abastantes de dar conselho" (f2v)

**Abastantemente, adv, 1 "Suficientemente"**

abastantemente(1): "em breue E pouco abastantemente" (f148v)

**Abastar, v, 20 "Bastar; chegar"**

abasta (6): "a que nō abasta tres pares" (f77v)  
abastā (1): "dos quaaes escrepueremos dous e abastā." (f82r)  
abastar (4): "cousa que possa abastar o coraçõ" (f31v)  
abastara (1): "me abastara o testemunho doutrem" (f23v)  
abastaria (2): "abastaria comunguar tres uezes no anno" (f61v)  
abastaua (1): "mostrando que aquello abastaua" (f35r)  
abaste (2): "cousa que te praza e que abaste" (f119r)  
abastou (1): "lhe nom abastou meter so nossos pees" (f33v)  
abastança (1): "rrudemente e sem abastança" (f148v)  
dabastar (1): "Por que ha dabastar a mujtos" (f107v)

**Abater, v, 1**

abater (1): "quanto pode pollos abater" (f5r)

**Abbade, Sb, 4**

abades (2): "os crelligos e abades" (f68v)  
abbade (2): "e amor com seu abbade" (f1r)

**Abell, np, 2**

aabell (1): "esgardou a abell" (f149v)

**Abertamente, adv, 3**

abertamente (3): "se deue confessar abertamente" (f12r)

**Aberto, adj, 10**

aberta (4): "ssua porta he senpre aberta" (f42v)  
abertas (2): "se as portas nom sam abertas" (f41v)  
aberto (1): "no dia do juizo elle ssera aberto" (f69v)  
abertos (3): "que a olhos abertos te uee" (f2v)

**Abiso - ver Abisso**

**Abisso, sb, 2 "Abismo"**

abiso (1): "per pendenza e tirado do abiso delle" (f103v)  
abisso (1): "cayam no abisso" (f45v)

**Abofetado, adj, 1 "Esofetado"**

abofetado (1): "foy filhado dos caualleiros e escarneço e abofetado" (f35r)

**Abr••••np, 7**

Abr•o: "disse a abr•o no Jenesim" (f127v)

**Abraçar, v, 9**

abraça (2): "abraça os mandamentos de deus" (f146v)  
abraçada (1): "E abraçada e beijada dos santos" (f57r)  
abraçam (1): "aquelles que o assy amam e abraçam" (f70r)  
abraçar (3): "E os braços do coraçom pera o abraçar" (f38v)  
abraçarom (2): "E abraçarom as cousas do m•do" (f135v)

**[Abraço], sb, 1**

abraços (1): "abraços e beijos e outros villaaos tocamentos" (f9r)

**Abrimento, sb, 1**

abrimento (1): "pello abrimento do segundo seello" (f73v)

**Abrir, v, 20**

abramos (1): "que Nos lhe abramos a nossa" (f38r)  
abre (2): "abre o que mais nō pode sseer çarrado" (f73r)  
abrij (1): "abrij os olhos do uosso coraçom" (f35v)  
abrijlhe (1): "Pois abrijlhe uosso coraçõ per oraçõ" (f38r)  
abrio (8): "abrio a porta do seu coraçom" (f38r)  
abrir (2): "çarra o que n•h• pode abrir" (f73r)  
abrirsse (1): "abrirsse todo per lagrimas de deuaçõ" (f37r)  
abristes (1): "Nem abristes uossa boca" (f34v)  
abrju (1): "abrju o quarto seelo" (f75r)  
abryo (1): "o anjo abryo o quinto seello" (f75v)  
dabrir (2): "he dino dabrir o liuro" (f73r)  
sabrirom (1): "E os moymentos sabrirom" (f36v)

**[Abrjr] – ver Abrir**

**[Abryr] – ver Abrir**

**Abasallom- ver Absalom**

**Absalom, np, 2 "Absalão"**

absallom (1): "E per absallom em que nom auja fealdade" (f131r)  
absalom (1): "absalom conujdou daujd seu padre pera comer2" (f131r)

**[abseruança], sb, 1 "Observância"**

abseruanças (1): "guardauom as abseruanças da lley" (f53r)

**Absoluer, v, 1**

absoluer (2): "poderio de absoluer e llegar" (f1r)

**Abstança - ver Abastança**

**Absteer, v, 1 "Abster"**

absteer (1): "e per me absteer de pecar" (f147r)

**[Acabar], v, 29**

acaba (10): "Aqy se acaba o castello perijguoso"

(f61v)  
 acabã (1): " *que* se acabã os sete enbargos" (f78r)  
 acabadas (1): " suas pallauras meas acabadas" (f123r)  
 acabado (10): " Ora he nosso castello acabado" (f55v)  
 acabam (1): " acabam em amargura *e* em door" (f128v)  
 acabarees (1): " assy acabarees o dito do saie" (f79v)  
 acabares (1): " A *quall* se tu em mim acabares" (f125v)  
 acabasse (2): "E acabasse o segundo liuro" (f79r)  
 acabe (1): " *que* passa ante *que* se acabe" (f33v)  
 acabou (1): " E nom acabou ora •teira" (f77v)

**Acallçar, v, 1 Alcançar" (Viterbo) Cf. Emcalçar**  
 acallçar (1): " uou senpre por acallçar o guallardõ" (f52r)

**Açedado, adj, 1 "Açodado; apressado"**  
 açedado (1): " come muyto açedado *e* muy golosamente" (f8r)

**[açender], v, 4**  
 açenda (1): "uento muy forçosso *que* o açenda" (f91v)  
 açende (1): " *enbrasa e* açende o coraçõ" (f128v)  
 açendidas (1): "sam as afeiz•es rrijas *e* açendidas" (f134r)  
 açendido (1): " o fogo do jnferno he açendido"

**[açeptar], v, 2 "Aceitar"**  
 açeptado (1): " seu som he açeptado ante *deus*" (f149v)  
 açeptou (1): " *quer* dizer *que* os açeptou" (f150r)

**Açeptauell, adj, 1 "Aceitável"**  
 açeptauell (1): " seia nosso pequeno dom açeptauell" (f150r)

**Açerca, adv, loc.prep, 20 "Perto" "Acerca"**  
 açerca (20): " uoam baixas açerca da terra" (f19v)  
 " muytos modos açerca deste pecado" (flr)

**Achar, v, 90**  
 acha (21): " *segundo* se acha na escriptura" (f84v)  
 achã (1): " alghuus de hua terra se achã em outra" (f80v)  
 achada (3): " E se for achada logo se deue correger" (f47r)  
 achadas (2): "fallssidades *que* em muytos sam achadas" (f66r)  
 achados (1): " a b• entendedor possam seer achados" (f143v)  
 acham (7): "que acham o caminho da uida" (f76v)  
 achamos (7): " Nos achamos nas escripturas" (f13v)  
 achar (11): "poderemos achar tres tormentos" (f91v)  
 achara (6): " *e* assy achara cõssollaçom" (f31v)  
 acharas (2): "tu acharas o *que* nõ cujdauas" (f79r)  
 acharees (4): "acharees claramente no liuro" (f148r)  
 acharemos (1): " E ally o acharemos" (f36r)  
 acharia (3): "nom se acharia h•a tall deleitaçom" (f114v)  
 acharõ (1): " nom acharõ alg•a cousa" (f93r)  
 acharom (2): "nom acharom escusa ualliosa" (f77v)  
 acharõno (1): "acharõno homem morto a par" (f83v)

achasse (3): " sse achasse ouro" (f146v); " Achasse em outro liuro" (f83r)  
 ache (2): "que o diaboo nom te ache oçyoso" (f6v)  
 achei (1): " " Eu achei diz *deus*" (f144v)  
 aches (1): "me chamares me aches purguado" (f65r)  
 achey (5): " *e* achey muj gram folgança" (f57r)  
 acho (3): " eu acho tantos b•s" (f143v)  
 achou (2): " : "glorioso castello achou o rrey" (f1r)

**Acheguado, adj, 2 "Próximo"**  
 acheguado (1): "cada h• for mais acheguado" (f107v)  
 acheguados (1): "auee poucos espiçiaaes acheguados" (f79v)

**Acheguar, v, 2 "Aproximar-se" Cf. Cheguar**  
 acheguaae (1): "acheguaae todos aquelles" (f66v)  
 acheguar (1): " nom ham poder de sse acheguar" (f23r)

**Açidente, sb, 1**  
 açidente (1): " Açidente he ao justo todo" (f131r)

**Acijnte - ver Açijnte**

**Açijnte, sb, loc.prep, 4 "Acção propositada; de propósito"**  
 acijnte (1): " jndinamente *e* acijnte rreçebem" (f61r)  
 açijnte (2): " se leixa estar açijnte em estes vijs deleitos" (f8v)  
 aç•te (1): " jurar *e* perjurar *e* mentjr aç•te" (f13r)

**Aç•te - ver Açijnte**

**[Acolher], v, 1 "Acolher"**  
 dacolher (1): " homem. se a dacolher" (f19r)

**[Acomteçer] – ver Aconteçer**

**[Aconpanhado], adj, 1**  
 aconpanhada (1): " em alma aconpanhada da deu•dade" (f38v)

**[Acontecer] - ver Aconteçer**

**Aconteçer, v, 17**  
 acomteçe (1): " Ora acomteçe alguas uezes" (f47v)  
 acontece (1): " Ora acontece alguas uezes" (f45r)  
 aconteçe (9): "aconteçe *que* elles *perdem*" (f14r)  
 aconteçeo (2): "E aconteçeo *que* matharom huu homem" (f83v)  
 aconteçer (2): "uee homem amehude aconteçer" (f7r)  
 aconteçesse (1): " E se lhe aconteçesse ante *que* ouesses hidade" (f9v)  
 aconteee (1): "(muitas) uezes aconteee" (f111r)

**[Acontecer] - ver Aconteçer**

**[Acordar], v, 7 "Acordar"**  
 acorda (3): "cousa *que* a elle toque ella acorda" (f135r)  
 acordado (1): " Assy foy Jacob acordado" (f136r)  
 acordados (2): "dormirõ seu sono *e* acordados" (f93r)  
 acordou (1): " se foy a uirgem *e* o *crelligo* acordou" (f25v)

**Acordar, v, 4 "Acordar, chegar a acordo"**

acordar (1): "E Por rreformat e acordar esta liança"  
 sacorda (1): "sacorda a honrra e uaydade" (f22v)  
 sacordam (2): "sacordam aas suas falssas  
 uoontades" (f10v)

**Acorer - ver Acorrer****Acorrer, v, 10**

acorer (1): "deue logo acorer aa oraçõ" (fIIIv)  
 acorra (2): "que nos acorra e ajude nas tentaç•es"  
 (f48v)  
 acorreio (1): "elrrey lhe acorreio e matou seus  
 jmijgos" (f48v)  
 acorrer (3): "logo deue de acorrer ally" (f22v)  
 acorro (3): "acorro em todas nossas neçessid" (f40r)

**[Acostumar] - ver Acustumar****Acreçentamento, sb, 1 "Acrecentamento"**

acreçentamento (1): "tanto uall como  
 acreçentamento" (f104v)

**Acreçentar, v, 13**

acreçenta (2): "dantes ho amaua acreçenta seu  
 amor" (f72v)  
 acreçentam (1): "" em outrem. elles acreçentam"  
 (f74v)  
 acreçentar (5): "emflamar e acreçentar seu desejo"  
 (f130v)  
 acreçentaua (1): "a deus acreçentaua em ssua  
 fremosura" (f104r)  
 acreçente (3): "multiplique e acreçente a ssua  
 homrra" (f65v)  
 dacreçentar (1): "nom deua dacreçentar" (f142v)

**Acresiastico - ver Ecresiastico****[Acusador], adj, 2**

acusadores (2): "parte derecha os pecados  
 acusadores" (f26r)

**Acusar, v, 15**

acusa (2): "quem se escusa deus o acusa" (f75v)  
 acusaeeuos (1): "nom uos escusees Mes  
 acusaeeuos" (f78v)  
 acusados (1): "seram acusados ao dia do juizo"  
 (f75v)  
 acusam (1): "acusam aquelles que mujtos b•s  
 prepooem" (f76r)  
 acusar (4): "s• sse defender nem acusar outr•."  
 (f12r)  
 acusarom (4): "E o acusarom de mujtas  
 falssidades" (f34v)  
 acus• (1): "maao prellado acus• sy meesmos"  
 (f15r)  
 acuse (1): "e acuse o pecador ante deus" (IVv)  
 sacusando (1): "sacusando ante h• homem" (f75v)

**Acustumadamente, adv, 1**

acustumadamente (1): "acustumadamente a  
 saudaua" (f25r)

**Acustumar, v, 11**

acostumada (1): "per esta acostumada  
 familiaridade" (140v)

acustumado (1): "embeuedado per dentro nom  
 acustumado" (f125v)

acustuma (1): "assy se acustuma a buscar a  
 familiaridade" (f140v)

acustumam (1): "E se assy acustumam" (f11v)

acustumar (1): "em tall çugidade se leixam  
 acustumar" (f8v)

acustumem (1): "acustumem a sse confessar" (f11v)

acustumey (1): "exerçyteyme e acustumey a  
 penssar" (f140r)

custuma (2): "Jsto se custuma dizer" (f17r)

acustumado (1): "se he bem custumado em  
 gouernança" (f66r)

custumado (1): "bem custumado em geitos" (f69r)

**Adã, np, 1 "Adão"**

adã (1): "Assy como fez adã sobre eua" (f74r)

dadam (1): "mall auenturado filho dadam" (f119v)

dadom (1): "a todollos filhos dadom" (f110r)

**Adeante – ver Adiante****Adeestra, loc.adv, 1 "À direita"**

adeestra (1): "see adeestra de deus padre>" (f59v)

**[Aderençar], v, 1 "Adereçar; adornar, guarnecer; compor"**

"Tratar; conferir; tomar assento ou acordo"  
 (Viterbo). "Interessar-se por alguém; proteger;  
 favorecer; adereçar; dirigir" (Moraes).  
 "Consertar; aprontar; ornar; dirigir"  
 (Machado). "Dirigir; encaminhar; consertar;  
 ornar" (Cunha).

aderença (1): "E aderença melhor todos seus  
 fectos." (f51v)

**Adiante, adv, 8**

adeante (3): "dally adeante a auorreçeo mais" (f10r)

adiante (4): "palauras suso ditas disse mais adiante"  
 (f149r)

adjante (1): "E h• pouco mais adjante" (f92r)

**Adimento, sb, 1 "Acrecento"**

adimento (1): "ham mester grãde adimento" (f128r)

**Adjante – ver Adiante****[Adoçado], adj, 1**

adoçadas(1): "Cellistryall palauras adoçadas"  
 (f61v)

**Adoçar, v, 8**

adoça (3): "E o que adoça as lagrimas" (f70v)

adoçar (2): "dar sabor E creçe per adoçar" (f148r)

adoçara (1): "penssar em deus e adoçara seus  
 trabalhos" (f65v)

adoçe (1): "que tanto adoçe as penas" (f28v)

**[Adormeçer], v, 3**

adormeçem (2): "cada uez que adormeçem no  
 moesteiro" (f5v)

adormeçyda(1): "he assy como adormeçyda" (f134r)

**Adormeçimento, sb, 2**

adormeçimento (1): "pemssamemto e h•  
 adormeçimento" (f134v)



adormiçimento (1): "cujdado e adormiçimento" (f139r)

**Adormiçimento - ver Adormeçimento**

**Aduersidade - ver Auerssidade**

**Adulterio, sb, 2**

adulterio (2): "cayo em adulterio e foy omeçada" (f66r)

**Afaagado, adj, 1**

afaagado (1): "doçe E pouco afaagado" (f62v)

**Afaaguar, v, 1**

afaaguar (1): "pode homem afaaguar o juiz" (f97v)

**Afam, sb, 1 "Afã; fadiga"**

afam (1): "Por *que* çessa seu afam" (f110r)

**Afamar, v, 1 "esfaimar; subjugar pela fome"**

**De "fame"= fome.**

afamar (1): "nom posso este castello filhar nem afamar *per* longo çerco Ca he guarnydo de pam e de vinho" (f58v)

**Afastado, adj, 2**

afastado (1): "Muito seria afastado de boa natureza" (f37v)

afastados (1): "morassem assaz afastados" (f83r)

**Afastar, v, 12**

afasta (2): "aas uezes se afasta *deus*" (f130v)

afastar (3): "afastar de nos os maldiz•tes" (f43r)

afastarsse (1): "afastarsse das ocupaç•es terreaes" (f65v)

afastassem (1): "se afastassem dos prazeres do mundo" (f84v)

afaste (1): "e se afaste dos pecados" (f70v)

afastees (1): "uos afastees dos carnaaes deleitos" (f141v)

afastou (1): "que *deus* afastou h• pouco" (f142v)

fastarsseha (1): "quem te conhecer fastarsseha de ty" (f70r)

fastasse (1): "teme e fastasse e salta atrás" (f71r)

**Afeiçõ – ver Afeiçom**

**Afeiçom, sb, 23**

aafiçom (1): "o jntindimento e aafiçom profundos" (f139r)

afeiçõ (2): "que afeiçõ e ent•çõ" (f64v)

afeiçom (6): "e afeiçom de prazer e esperança" (f134v)

afeiç•es (13): "fogem aas afeiç•es do mundo" (f55r)

dafiçom (1): "e dafiçom e dobra" (f94r)

**[Afeitado], adj, 1 "Afeitado; enfeitado"**

afeitadas (1): "pallauras afeitadas e ffigidas" (f50v)

**[Aferu•tado], adj, 1 "Aferventado; afervorado"**

aferu•tada (1): "nos prouerbios da alma aferu•tada" (f116r)

**Aficadamente, adv, 4**

aficadamente (4): "rroguillos aficadamente por

Nos" (f68r)

**Aficado, adj, 4**

aficado (4): "pollo grande e aficado desejo" (f140r)

**[Afilhar], v, 1 Cf. Filhar "Apanhar; tomar; obter"**

afilha (1): "E *quando* afilha a pessoa" (f39v)

**Afim que- ver A fim que**

**A fim que, loc. conj, 3**

afim (1): "afim que alterandosse nom pejore" (f27v)

a fim que (2): "a fim que nom possa escapar" (f90r)

**[Afiuzar], v, 2 "Prometer"**

afiuzar (1): "elle afiuzar *Jhesu Christo*" (f11r)

afiuzada (1): "hua donzella que he afiuzada ou casada" (f11r)

**[Afliç••] - ver Afriçom**

**[Afortelezar], v, 2 "Afortelezar"**

aforteleza (1): "conforta e aforteleza a alma" (f59v)

afortelezado (1): "desy he afortelezado de dobres fossas" (f55v)

**[Afouto], adj, 1 "Afoito"**

afoutas (1): "pera as pessoas muy afoutas" (f84v)

**Afriçom, sb, 5 "Aflição"**

**"Aplicação" (Cunha)**

afliç•es (1): "ha muytas afliç•es e temores" (f9v)

afriçom (3): "conpaixom de ssua miseria e afriçom" (f48v)

afryçom (1): "desprazer e afryçom." (f12v)

**Afryçom - ver Afriçom**

**Agora, adv, 4**

agora (3): "conçienças que agora sam cubertas" (f70r)

aguora (1): "aguora trabalho na vinha de *deus*" (f110r)

**Agost•ho - ver Agostinho**

**Agostinho, np, 37 Cf. Santagostinho**

agost•ho (1): "ajnda diz santo agost•ho" (f53r)

agostinho (33): "testemunha santo agostinho" (f80v)

aguostinho (3): "segundo diz santo aguostinho" (f114r)

**Agradeçedor, adj, 1**

agradeçedor (1): "agradeçedor e temeroso" (f69r)

**Agradeçer, v, 4**

agradeçer (2): "agradeçer a sseu criador os benefícios" (f65v)

gradeçello (1): "gradeçello deuotamente" (f39v)

gradeçer (1): "deue homem muyto gradeçer" (f65r)

**Agradeçimento, sb, 2**

agradeçimento (1): "agradeçimento dos b•s recebidos" (f32r)

agradecimentos (1): "agradecimentos e

confiss•es" (f67r)

### **Agrauar, v, 8**

agraua (4): "corruçom *agraua* a alma" (f109v)  
agrauado (1): "deuya seer mujto *agrauado*" (f89v)  
agrauam (1): "purguam a alma mais que a *agrauam*" (f13r)  
agrauasse (1): "ho *agrauasse* quando queria orar" (f51r)  
agrauõ (1): "çircõstanças que *agrauõ* o pecado" (f12r)

### **Agro, adj, 1**

agro (1): "que *lhe sera* mais *agro* tormento" (f95v)

### **Agrura, sb, 2**

agrura (1): "he a *agrura* das viandas" (f120v)  
agruras (1): "as *agruras* dos viços deste mundo" (f120v)

### **Aguardar, v, 3**

aguarda (1): "quanto *elle* mais *nos* *aguarda*" (f62v)  
aguardamos (1): "aguardamos a que hade *v•r*" (f19v)  
aguardar (1): "nom *quer* nem pode *aguardar*" (f7v)

### **Agudamente, adv, 1**

agudamente (1): "fallam mais *agudamente* *que* os outros" (f73v)

### **[Agudo], adj, 2**

agudas (2): "que *lança* *palauros* *agudas*" (f73v)

### **Aguora – ver Agora**

### **Aguostinho – ver Agostinho**

### **Ainda – ver Ajnda**

### **Ajnda, adv, 130 "Ainda"**

ajnda (1): "Mes busco *ajnda* *esperamdo*" (f142v)  
ajnda (99): "E disse *ajnda* aos Judeus" (f35r)  
A•da (1): "dalg•as pessoas a•da *uyuas*" (f126r)  
aynda (29): "Aynda por confortar *e* *esforçar*" (f145r)

### **Ajuda, sb, 9**

ajuda (9): "com a *ajuda* de *deus*" (f55v)

### **Ajudar, v, 25**

ajuda (5): "*que* *nos* *deus* *ajuda* em as *tentaç•es*" (f111v)  
ajudam (2): "os que *lealmente* *amã* *ajudam* *aqui*" (f82r)  
ajudamse (1): "ajudamse *delle* pouco em *bem fazer*" (f138r)  
ajudanos (1): "millagre *fezeste* *ajudanos* a *uyuer*" (f25v)  
ajudar (3): "ajudar *contra* *seus* *jmijgos*" (f48r)  
ajudara (1): "*ella* *nos* *ajudara* no gram mester" (f26r)  
ajudasse (1): "se a carne os nom *ajudasse*" (f24r)  
ajude (2): "*acorra* *e* *ajude* nas *tentaç•es*" (f48v)

### **Ajuntam•to, sb, 1**

ajuntam•to (1): "E do *ajuntam•to* *delle* *e* da *santa* alma" (f136v)

### **Ajuntar**

ajunta (3): "em o qual *ajunta* *e* *decrara*" (f138v)  
ajuntados (1): "*seus* *penssamentos* *ajuntados*" (f135r)  
ajuntar (4): "quisesse *ajuntar* suas *afeiç•es*" (f149r)  
ajuntassem (1): "se *alli* *ajuntassem* *e* *alleguassem*" (f102r)  
ajuntou (5): "*que* o *ajuntou* *e* *escrepueo*" (f150v)  
dajuntar (1): "Ajnda *hi* ha mais *dajuntar*" (f127v)

### **[Alaguar], v, 1**

alague (1): "a n•o que *sse* nom *alague*" (f14r)

### **[Alançar] - ver Lançar**

### **Alberguar, v, 1**

alberguar (1): "*pera* *elle* *alberguar* dentro em *Nos*" (f38r)

### **[Alegar], v, 4**

alegados (2): "*falamentos* *que* *alegados* *fosem*" (f102r)  
aleguadas (1): "assy *pollas* *rraz•es* *aleguadas*" (f102v)  
alleguassem (1): "se *alli* *ajuntassem* *e* *alleguassem*" (f102r)

### **Alegrar, v, 21**

alegra (6): "o *uinho* que *alegra* o *coraçom*" (f44v)  
alegram (1): "elles se *acordam* *e* *alegram*" (f135r)  
alegrar (3): "se *deue* *alterar* nem *alegrar*" (f24r)  
alegrarõ (1): "se *alegrarõ* *e* *auerõ* *prazer*" (f61r)  
alegrarom (1): "Hos *justos* se *alegrarom*" (f111r)  
alegrãsse (1): "*alegrãsse* com *seus* *falssos* *guabos*" (f23v)  
alegre (1): "*que* se nom *alegre* de *ssua* *saude*" (f109r)  
allegra (3): "o *uinho* *allegra* o *coraçom* do *homem*" (f107r)  
allegrar (2): "*deuem* a *allegrar* os do mundo" (f121v)  
allegrarseham (1): "E *allegrarseham* uossos *coraç•es*" (f121v)  
allegrey (1): "me *allegrey* em *conprir* as *tuas* *pallauras*" (f146v)

### **[Alegre] – ver Allegre**

### **Alegria, sb, 86**

alegria (35): "alegria dos *anjos* do *çeeo*" (f34r)  
alegrias (13): "aas *alegrias* do *çeeo*" (f60v)  
allegria (26): "aquelles *auerom* *prazer* *e* *allegria*" (f106v)  
alegrias (11): "aas *allegrias* do *çeeo*" (f116v)  
dallegría (1): "de *ujnho* *dallegría* *esprituall*" (f56r)

### **Allegría - ver Alegria**

### **[Alleguar] - ver [Alegar]**

### **Aleuantar - ver levantar**

### **Algh• - ver Alg•**

### **Alg•, pr, 175**

aalgh• (1): "amor nom pode *aalgh•* *vijr*" (f11v)

aalgh•s (1): " aalgh•s hi ha *que* perdem " (f81v)  
aalg• (4): " *serue e* obedeeçe a aalg••••••••  
aalg•s (1): " jsto nom sentem aalg•s ujço " (f60v)  
alghua (7): " sem alghua cousa encobrir " (f12r)  
algh•a (4): " algh•a cousa *apropriar* a ssy " (f137v)  
alghuas (1): " aconteçe alghuas uezes " (f48r)  
algh• (12): " pode algh• montar ao çeeo " (f147r)  
algh•a (1): " sem algh•a cousa rreteer " (f11v)  
alghuus (2): "alghuus de hua terra se achã em outra" (f80v)  
algh•s (5): " assy como fazem algh•s " (f144v)  
algua (10): " algua cousa faça nem digua " (f28r)  
alg•a (25): " sem alg•a cousa rreteer " (f32v)  
alguas (4): " Ora acontece alguas uezes " (f45r)  
alg•as (12): " estudar alg•as deuoç•es " (f51r)  
alguu (6): " he quando alguu rreçe " (f53v)  
alg• (61): "na Jgreia nom deue alg• fallar" (f67r)  
alg•a (2): "E que alg•a cousa he pedida" (f11v)  
alg•s (16): "alg•s caaem em desesperaçom" (f5v)  
dalghua (1): " toruado dalghua cousa " (f29v)  
dalgh•s (1): " dalgh•s que fezerom " (f144r)  
dalg•a (2): " dalg•a pessoa auarenta " (f39v)  
dalg•as (2): " *e* dalg•as pessoas " (f126r)  
dalg• (2): " nem odio dalg• " (f42r)  
dalg•s (1): " guallardom dalg•s b•s " (f117v)

#### **Algu• - ver Alguem**

#### **Alguem, pr, 7**

algu• (2): "como se algu• teuese tanto" (f100v)  
alguem (5): " uee alguem *que* apareça " (f137r)

#### **Alheamento, sb, 1**

alheamento (1): " em alheamento dos sentimentos " (f139v)

#### **Alheo, sb, adj, 21**

alhea (2): "faça de ssua perda ou alhea" (f65r)  
alheas (5): " as culpas alheas penssam com gram peso " (f74v)  
alheo (4): " como em cobijçar o alheo " (f7r)  
alheos (10): " os b•s alheos ante uossos olhos " (f66v)

#### **Alhures, sb, 1**

alhures (1): " Mes o coraçõ pensa alhures " (f25r)

#### **Alias, adv, 2 "Aliás; ou seja"**

alias (2): " cada h•a rezom *alias* palaura " (f106r)

#### **Aliçeçe, sb, 3 "Alicerce"**

aliçeçe (1): " dauer aliçeçe porfundo " (f19r)  
aliçeçes (1): " os aliçeçes sobre que auemos de fundar noso castello " (f20r)  
aljçeçe (1): " sem aljçeçe de fe pouco uall " (f20r)

#### **[Alinpar] – ver Alynpar**

#### **[Aliuamento], sb, 1 "Alívio; escoante; correnteza; desembaraço" (Viterbo).**

aliuamentos (1): " aliuamentos das tentaç•es " (f68r)

#### **Aliuar, v, 4 "Alijar"**

"Aliviar; desabafar" (Viterbo). "Levantar (fig.); descarregar; aligeirar" (Machado).

aliua (2): "aliua o trabalho da tribullaçom" (f28v)

aliuar (1): " por aliuar nossos coraç•es " (f118v)

alliuada (1): " que he alliuada das cousas deste mundo " (f56r)

#### **Aljçeçe - ver Aliçeçe**

#### **All, pr, 5 "Outra coisa; outra pessoa" (Michaëlis)**

all (5): " eu ño quero all senom a mais fremosa destas sete uirgeens " (f83r)

#### **Allegrar – Ver Alegrar**

#### **Allegre, adj, 2**

allegre (1): "este desterro o mais allegre *e* mais amauioso" (f58r)

alegres (1): "E uos meesmos seede ledos *e* alegres" (f67v)

#### **Allegria – ver Alegria**

#### **[Allemento] - ver [Elamento]**

#### **[Alleuãtar] - ver Leuantar**

#### **Alli – ver Ally**

#### **[Allimpar] – ver [Alynpar]**

#### **[Alliuar] - ver Aliuar**

#### **Ally, adv, 20**

alli (5): " Hoo morte como tu *serias* alli doce " (f98r)  
ally (13): " *que quisera* senpre ally estar " (f119v)  
dally (2): " dally adeante a auorçeço mais " (f10r)

#### **Alma, sb, 194**

aalma (17): " nos canticos aa sãta aalma " (f133r)  
aallma (1): " Hora digua aallma meu amigo praz " (f127r)  
alma (157): " *quanto* a deuota alma busca " (f129v)  
almas (19): " das uirg•s *e* das santas almas " (f11r)

#### **Almofada, sb, 2**

almofada (1): "cadeira nem almofada molle" (f92v)  
almofadas (1): " dos crauos almofadas " (f63v)

#### **Alomeamento, sb, 1 "Alumiamento; iluminação"**

alomeamento (1): " ho alomeamento de boa doutrina " (f76v)

#### **Alomear, v, 2 "Alumiar; iluminar"**

alomear (1): " epistollas que elle fez por alomear " (f145r)

alumeado (1): "homem he mais alumeado" (f125r)

#### **[Alongar], v, 7**

alonga (1): " assy como se alonga a aue " (f14r)

alongase (1): " alongase do mundo *e* despreçao " (f19v)

alongua (3): " E quanto se mais alongua tanto pareçe mayor " (f20v)

alonguada (1): " de todo em todo sera delles alonguada " (f100v)

alongue (1): " *perijgos* do mundo que se alongue delles " (f70r)

#### **[Alonguar] - ver [Alongar]**

#### **[Alosna], sb, 1 "Alosna; absinto"**

dalosna (1): " e beuerajem dalosna" (f94r)

### **Altamente, adv, 1**

altamente (1): "elle a coroara *altamente* em allegria" (f18v)

### **Altar, sb, 12**

altar (12): " a beuer no sacramento do altar" (f38v)

### **Alteraçom, sb, 1**

alteraçom (1): " Ho seitemo he alteraçom2 (f139r)

### **Alterar, v, 8 "Alterar-se; perturbar-se"**

altera (1): " Nem se altera *per* bem auenturamça" (f149v)

alterada (1): " ella torna assy como alterada *e* fora de siso" (f137r)

alterandosse (1): " afim que alterandosse nom pejore" (f27v)

alterar (2): " : "o coração se lhe começa a alterar" (f22v)

alteraua (1): " toda se alteraua cõ prazer" (f136v)

alterauasse (1): " *e* alterauasse ante *deus*" (f49v)

salterou (1): " E a pagu • o salterou" (f83r)

### **Alteza, sb, 7 "Alteza; nobreza; grandeza"**

alteza (7): " se tu queres chegar a alteza de perfeiçom" (f147r)

### **Alto, adj, 41**

alta (1): " que seia em alta forteleza" (f52r)

altas (6): " *Deus* nom ouuj as uozes altas" (f132v)

alto (30): " queres edeficar h • alto edefiçio" (f147v)

altos (2): "na festa destes altos hom • s" (f108v)

dalto (1): " cayr dalto em baixo" (f134v)

daltos (1): " E çercado daltos muros" (f55v)

### **[Aluo], adj, 1 "Alvo"**

alua (1): " E alua *per* • noçençya de uida" (f11v)

### **[Aluardaom], sb, 1 "Albardão; trapalhão; trapaceiro"**

aluardaaes (1): " se guardem de parecer aos aluardaaes que nõ teem peor cousa que sua casa" (f72r)

### **Aluguer, sb, 4 "Recompensa; paga; salário"**

aluguer (4): " *trabalhom* por seu aluguer" (f110r)

### **[Alumear] - ver Alomear**

### **Alynpar, v, 5 "Limpar"**

alinpa (3): " alinpa a alma dos pecados" (f39r)

allimpa (1): " allimpa *e* guareçe a alma" (f58r)

alynpar (1): " *pera* alynpar o gr • o" (f63r)

### **Amador, sb, 10**

amador (2): " : "n • h • outro amador pode fazer" (f58r)

amadores (8): "se mostram em taaes amadores" (f126v)

### **Amar, v, 219**

ama (48): " mujto ama com gram feruor" (f11v)

amã (12): " que os que lealmente amã" (f82r)

amaae (2): "amaae *e* *seruij* de coração" (f25r)

amaaes (2): "uos dizees que amaaes" (f83r)

amada (6): " puramente por seer amada" (f1432r)

amado (9): " boo trijgo he mais amado" (f18r)

amados (4): " estes amarã seram mais amados" (f81v)

amalla (1): " : " desprezar pobreza mes amalla desy" (f33r)

amalloemos (1): " Amalloemos sem emfadamento" (f114r)

amam (15): "aquelles que amam as agruras" (f120v)

amamos (1): " louualloemos por *que* ho amamos" (f114r)

aamar (1): " "Aamar *deus* auyua mujto (f31v)

amar (52): " que elles poderiam" (f126r)

amaras (3): " Tu amaras teu *Senhor*" (f30r)

amardes (1): " se amardes todos em *deus*" (f79v)

amara (8): " cada h • alli amara mais" (f111v)

amarã (1): " Que o proueito que estes amarã" (f81v)

amaremos (3): " *e* amaremos *e* louuaremos" (f113v)

amaria (4): " : "mais a amaria se a *auer* podesse" (f24v)

amarõ (3): " amarõ mais morrer *que* perder" (f53v)

amarom (1): "cousas que elles tanto amarom" (f89r)

amas (3): " se tu nom amas teu prouximo" (f30r)

amasse (1): " com grande ardor amasse *deus*" (f9v)

amassem (1): " seus que amassem pobreza" (f37v)

amastes (1): " me amastes *e* amaaes" (f69r)

amaua (4): " E se dantes ho amaua" (f72v)

amauam (1): " que muyto se amauam" (f82v)

amauom (2): "se amauom de b • amor" (f133v)

amey (2): "eu amey os teus mandamentos" (f146v)

amou (13): " damor quem nunca amou" (f149r)

ame (3): " que me mandaaes que uos ame" (f69r)

amo (3): " castiguo os que amo" (f28v)

amõ (1): " que tanto a amõ aalgh • s" (f81v)

damar (6): " deuemos damar Nossos jmijguos " (f30r)

### **Amaraleçer - ver Amarelleçer**

### **[Amarelo] – ver Amarelo**

### **Amarelleçer, v, 2**

amaraleçer (1): " dos *jpocritasque* faz • suas faces amaraleçer" (fVr)

amarelleçer (1): " suas faces amarelleçer" (f75r)

### **Amarelo, adj, 3**

amarelas (1): " fazem suas faces amarelas" (f74v)

amarello (2): "eu uy h • cauallo amarello" (f75r)

### **[Amargrosso] - ver Amarguoso**

### **Amarguosamente, adv, 3 "Amargamente"**

amarguosamente (3): "chorou amarguosamente" (f146r)

### **Amarguoso, adj, 16 "Amargoso; amargo"**

amargrossa (1): "sofrer amargrossa *ujnguãça*" (f88r)

amarguosa (5): " he hua erua mui amarguosa" (f94r)

amarguosas (2): "As auguas amarguosas" (f29r)

amarguoso (4): " *mar* por *que* he amarguoso" (f128v)

amarguosos(2): "senpre lhe som amarguosos" (f14r)

amarguosso (1): " fell que he amarguosso" (f121r)

damarguoso (1): "ha mestura damarguoso" (f106v)

**Amargura, sb,8**

amargura (6): "ha senõ door *e* amargura" (f107r)  
 damargura (2): "damargura Nem de door" (f107r)

**Amauioso - ver Amauyoso****Amauyoso, adj, 5 "Amavioso; mavioso; amável"**

amauioso (1): "allegre *e* mais amauioso" (f58r)  
 amauiosos (1): "de dar leaaes amauiosos" (f67v)  
 amauioso (2): "seer amauioso de coraçõ" (f69r)  
 hamauioso (1): "Mui doce *e* hamauioso" (f69r)

**Am • - ver Amem****Amehude, adv, 39 "amiúde"**

amehude (37): "nom pode amehude veer o *que* ama" (f137r)  
 ameude (2): "ameude sair fora da claustra" (f10v)

**Amem, sb, int, 17 "Amém; assim seja"**

am • (4): "por sua piadade am •." (f55v)  
 amem (13): "padre *e* filho *e* o espritu santo amem" (f57r)

**Ameude – ver Amehude****Amigo, sb, adj, 159**

amiga (9): "a amiga de *deus* deue seer uergonhosa" (f17r)  
 amigas (1): "mançebas uirg • s *e* doces amigas" (f3v)  
 amigo (88): "E o leall amigo guarda" (f82r)  
 amigos (42): "tu daras a teus amigos" (f118v)  
 amigua (7): "quer que sua amigua se guarde" (f131v)  
 amiguo (2): "*quem* *perfeitamente* he amiguo" (f82r)  
 amiguos (1): "medo de morrer E sseus amiguos" (f125v)  
 amijgo (1): "que ho amijgo dos sandeus" (f80r)  
 amjgo (1): "desaijnda de seu doce amjgo" (f17v)  
 amjgos (2): "jazem no jnferno nõ auerã amjgos" (f94v)  
 damigos (5): "nem morte damigos" (f132r)

**Amiguança, sb, 2 "Amizade" (Cunha)**

amiguança (1): "E tall amiguança" (f82r)  
 amjgança (1): "segura amjgança nom pode seer" (f80v)

**Amiguo – ver Amigo****Amijgo – ver Amigo****Amizade, sb, 22**

amizade (13): "o guallardom da amizade" (f80v)  
 amizades (1): "escolher em espiçiaaes amizades" (f79v)  
 amjzade (8): "diz tullio no liuro da amjzade" (f80v)

**Amjgança - ver Amiguança****Amjgo – ver Amigo****Amjzade - ver Amizade****[Amoestar], v, 10 "Admoestar"**

amoesta (4): "nos amoesta o ssages" (f79r)

amoestaa (2): "quando esta na alma amoestaa" (f104v)

amoestallo (1): "prasmar o outro *e* amoestallo" (f9v)

amoestam (1): "desy amehude se amoestam" (f46r)

amoestaua (1): "Por jsto amoestaua thabias a seu filho" (f150r)

amoesto (1): "bem consselho *e* amoesto" (f61r)

**Amoestamento, sb, 1 "Admoestação"**

amoestamento (1): "amoestamento de seu meestre" (f145v)

**Amonjtes, sb, 1 "Amonita"**

amonjtes (1): "scripto que Naas amonjtes" (f48r)

**Amor, sb, 197**

amor (153): "todo terreall amor he çujo" (f11v)

amores (11): "que a *seus* amores nom *perteença*" (f134v)

damor (31): "se he dino damor ou dodyo" (f24v)

**Amorio, sb, 1 "Predilecção"**

"Benevolência; amor; affecto; inclinação" (Viterbo).

amorio (1): "quer *auer* em espiçiall amorio" (f81r)

**Amos, Np, 2 "Amós"**

amos (2): "E amos o *profeta* diz" (f89r)

**[Amostrar], v, 6**

amostra (1): "*segundo nos* *amostra* a *escriptura*" (f84v)

amostrao (1): "*quem* homildoso he amostrao em trajo" (f20r)

amostrao (1): "homildoso he amostrao em trajo" (f11r)

amostrou (3): "amostrou nosso senhor *Jhesu christo*" (f21v)

**Amte – ver Antes****Anas, Np, 1 "Anás"**

anas (1): "E leuaromno ao bispo anas" (f34r)

**[Anbos], pr, 1 "Ambos"**

anbas (1): "a *auer* anbas as *humjlldades*" (f20v)

**Ancho - ver Dancho****Anchura, sb, 1 "Largura" Cf. Largueza**

anchura (1): "entendida a anchura das cauas" (f30r)

**Andar, v, 17**

anda (4): "o diaabo anda *per* os lugares" (f129r)

andamos (1): "andamos em *perijguo*" (f110v)

andando (2): "andando *e* estando" (f148r)

andar (5): "Em andar em ouuyr em cheirar" (f64v)

andaua (3): "E o que em elle andaua" (f74r)

dandar (2): "E teem cuydado dandar" (f46r)

**Angeo – ver Anjo****Angillicall, adj, 2 "Angelical"**

angillicall (2): "que da angillicall saudaçom" (f25r)

**[Ango] - ver Anjo****Anjo, sb, 29**

angos (1): ". os angos do paraíso" (f32r)  
angeo (1): " angeo que foy em sua criação" (f142r)  
anjo (15): " jsto dezia tobias ao anjo" (f91r)  
anjos (12): " alegria dos anjos do çeeo" (f34r)

#### **Anno – ver Ano**

#### **Ano, sb, 7**

anno (2): ": comunguar tres uezes no anno" (f61v)  
annos (1): " rrecordarey todos meus annos" (f86v)  
ano (3): " confessar tres uezes no ano" (f31v)  
anos (1): " despois de mill anos" (f90r)

#### **Anojado, adj, 3**

anojado (2): "anojado e triste e fraco e lasso" (f7r)  
anojados (1): " sam cansados e anojados" (f47v)

#### **Anojar, v, 8**

anoja (3): " lhe anoja o longo seuuiço" (f5v)  
anojar (1): " nom hirej por te nom anojar" (f131r)  
anojaria (1): " E como lhe anojaria" (f130r)  
anojaua (1): " Por jsto os anojaua a magna" (f120r)  
anojou (2): "anojou o seu senhor deus" (f1v)

#### **Anselmo, Np, 1 Cf. Santansselmo**

ansselmo (1): " Ca segundo diz anselmo" (f95r)

#### **Ante, prep, adv, 84 "Ante; diante" "Antes"**

ante (78): " de todo seu coração humilldarsse ante deus" (f65v)  
âte (2): " âte auera continúados combates" (f21v)  
amte (1): " leixame que eu chore h• pouco amte que vaa" (f89v)  
antes (2): " mayor sede despois que beue que antes" (f119r)  
dante (2): " Jhesu que elle dante persseguya" (f145r)  
dantes (4): " b•s que dantes auya fectos" (f1v)

#### **Ãte - ver Ante**

#### **Antes - ver Ante**

#### **[Antijgo]**

antijgos (1): " que os boos antijgos fizeram" (f63v)  
antijgua (1): ": foy santificado na ley antijgua" (f39v)

#### **[Antijguo] – ver [Antijgo]**

#### **Antre, prep, 22 "Entre"**

antre (21): ". antre o pouco e ho mujo" (f43v)  
ãtre (1): " âtre o espiritu e a carne" (f24r)

#### **Ao, Prep+artg, 248**

ao (160): " ou hir ao moesteiro" (f5v)  
aos (88): " he obedecer aos meores" (f21v)

#### **[A par de], loc.adv, 1**

par (1): " homem morto a par delle" (f83v)

#### **[Apañificar] - ver Apañificar**

#### **Apañificar, v, 2 "Pacificar; apaziguar"**

apañifica(1): "multiplica amigos e apañifica" (f17v)  
apañificar (1): " apañificar o alto juiz deus" (f97v)

#### **[Apagar] - ver Apaguar**

#### **Apaguar, v, 14 "Apagar; desfazer; desvanecer"**

apagado (1): " aquelle pecado seria apagado" (f3r)  
apaguã (1): " que apaguã os pecados" (f71r)  
apaguado (2): ": " fogo do jnferno nom pode seer apagado" (f90v)  
apaguar (5): " Nom queiraes apagar o espiritu" (f65r)  
apague (1): " lagrimas que o apague" (f50v)  
apaguees (2): "Nom apaguees diz elle o b• proposito" (f76r)  
dapagar (2): " o nom auemos dapagar" (f75v)

#### **Aparalhamento, sb, 1 "Preparação"**

##### **Cf. Aparelho**

aparahamento (1): " aparahamento aa gloria perdurauell" (f60v)

#### **[Aparecer], v, 10 "Aparecer"**

apareça (1): " uee alguem que apareça" (f137r)  
apareçeo (1): "ssua aabadessa a que apareçeo" (f3v)  
apareçera (1): " apareçera aquelle que uos despreçaaes" (f92r)  
parçerom (1): " parçerom a todo o m•do" (f26r)  
pareçe (1): "como a carne pareçe em os Nuus" (f94r)  
parecem (1): " que ajnda parecem sobre a pedra" (f38r)  
pareçeo (3): " segundo pareçeo nos fremosos salmos" (f144v)  
pareçerom (1): " Pareçerom nos condanados" (f94r)

#### **Aparelhar, v, 13 "guarnecer de aparelhos, dar aparelho (primeira pintura) a, preparar, dispor, aprestar, arrear".**

**Para além destas acepções, temos as de "instalar, hospedar, agasalhar", muito embora nenhum etimólogo que consultámos as tenha registado.**

aparelha (3): " deus aparelha a seus amigos" (f41r)  
aparelhada (2): " a uoontade he aparelhada" (f149v)  
aparelhado (5): " em tall <c>oraçom he aparelhado" (f149v)  
aparelhados (4): " o rreçebem deuem seer aparelhados" (f58r)  
aparelhar (3): " se bem queira aparelhar" (f119v)  
aparelhar• (1): " se bem aparelhar• e fazer boas obras" (f71v)  
aparelhariom (1): " de dentro se aparelhariom" (f104r)  
aparelhas (1): " E se te nom aparelhas" (f79r)  
aparelhaste (1): " que tu aparelhaste aos que te amã" (f138v)  
aparelhate (1): " aparelhate a ssofrer os falssos" (f79r)  
aparelhe (1): " se aparelhe de tall guisa" (f61r)  
sapelha (1): " a deuota pessoa sapelha" (f21v)

#### **Aparelho, sb, 1 "Preparação"**

##### **Cf. "Aparalhamento"**

aparelho (1): " E sem dilligente aparelho" (f39v)

#### **Apartamento, sb, 4**

apartamento (2): " apartamento he assy como morte" (f133v)  
apartam•to (1): " sse aquelle breue apartam•to"

(f131v)  
dapartamento (1): " dos namorados he temor dapartamento" (f133v)

**Apartam•to - ver Apartamento**

**Apedrar, v, 1 "Apedrar; apedrejar"**

apedrar (1): " *deus* mandou na ley uelha apedrar h• homem" (f50v)

**[Apeguar], v, 1 "Apegar"**

apeguara (1): " *secura* jnfijnda a que se apeguara" (f90v)

**Apenas, adv, 4 "Mal; com dificuldade, com custo, com pena" (Morais).**

apenas (4): " ajnda hi ha alg•s que tanto deseia o mundo que apenas *quer•* ouujr fallar de *deus*" (f120r)

**[Apartar], v, 3 "Afastar; seleccionar"**

apartados (1): " *seus* apartados comsselhos" (f84r)  
aparte (1): "que se lhe nom *aparte* sua saude" (f61r)  
ssapartou (1): " quando ssapartou a orar"(f34r)

**Apetito, sb, 1 "Apetite"**

apetito (29): " *e* fartara teu apetito" (f140v)  
apitito (1): " o apitito da guargantoice" (f46r)

**Apitito - ver Apetito**

**Apocalipse, sb, 14**

apocalipse (9): " E he *escripto* no apocalipse" (f75r)  
apocalipsse (1): " Jsto diz o apocalipsse" (f110v)  
apocalise (1): " he o que diz o apocalise" (f99r)  
apocallipse (2): " : "no apocallipse he *scripto*" (f54v)  
apoculipsy (1): " Joham vio no apoculipsy" (f20r)

**Apocalipsse – ver Apocalipse**

**Apocalise – ver Apocalipse**

**Apocallipse – ver Apocalipse**

**Apoculipsy – ver Apocalipse**

**[Apodar], v, 1 "Determinar o preço; avaliar" (Viterbo).**

apodado (1): " que nom pode sseer apodado" (f33v)

**Apodreçer, v, 2**

apodreçer(1): "leixariom o que ham apodreçer" (f7v)  
apodreçerom (1): " Ca uossas rriquezas apodreçerom" (f89r)

**[Apostamento], sb, 1 "Ornato; atavio; adorno"**

apostamentos (1): " estreitas manguas e ricos apostamentos" (f4v)

**Apostollo, sb, 14**

apostollo (5): " segundo diz o apostollo" (f79r)  
apostollos (8): " E forô os apostollos compridos" (f129r)  
dapostollo (1): " escolheito a estado dapostollo" (f145r)

**[Apouquentar], v, 1 "Apoucar; reduzir"**

**"Reduzir a pouco" (Viterbo)**

apouquenta (1): " apouquenta os trabalhos desta ujda" (f106r)

**[Apreçamento], sb, 1 "Apreciação"**

**"Apreço; valor; estima; consideração" (Morais)**

apreçamentos (1): " apreçamentos das tenporilidades" (f64r)

**[Apreensão], sb, 1**

apreensões (1): " segundo as apreensões *que* elles ham" (f134r)

**Aprender, v, 10**

aprenda (1): " *ligeiramente* nom aprenda esta çiençia" (f68r)  
aprende (1): " *quem* nom aprende a callar" (f67r)  
aprende (1): " mes aprendee de mim" (f147r)  
aprender (4): " Compre esguardar e aprender" (f1v)  
aprendera (1): " que dorme nom aprendera a sespertar" (f147r)  
aprenderdes (1): " E aprenderdes a uos conhecer" (f78v)  
aprendy (1): " da amjzade eu senty *e* aprendy" (f80v)

**[Apresentar], v, 3 Cf. [Presentar]**

apresentado (1): " este liuro lhe sera apresentado" (f12r)

apresento (1): " ujanda como te eu apresento" (f25v)

mapresenta (1) "o que tua boca mapresenta" (f25v)

**[Apressar], v, 6 "Apertar; acossar; atormentar; molestar; perseguir; oprimir".**

**Do lat. ad + premere = comprimir, apertar contra).**

**Variante de "Apremar = apertar; oprimir; carregar; afligir; angustiar; causar peso" (Viterbo).**

apresada (1): " a deuota pessoa que se uee apresada" (FIIIv)

apresado (1): " senpre ha apresado por tornar assy" (f10r)

apressada (3): " *que* se uee apressada de desuairadas tentaç•es" (f47v)

apressado (1): " *e* ujda sem fim como he apressado" (f34r)

**Apricaçom, sb, 1 "Aplicação; atenção"**

apricaçom (1): " polla ardente apricaçom" (f139r)

**Apropriar, v, 1 "Apropriar-se"**

apropriar (1): " algh•a cousa apropriar a ssy" (f137v)

**Aproueitar, v, 18**

aproueita (7): " lhe aproueita quanto aa saluaçom" (f51v)

aproueitar (2): "E em boa ujda *quer* aproueitar" (f63v)

aproueitara (2): "o hom• seia pouco lhe aproueitara" (f102r)

aproueitaria (2): "nem rriqueza nom aproueitaria" (fVIr)

aproueite (3): "Nom ha cousa que tanto aproueite"

(f45r)  
aproueitō (1): " Mes aproueitō a tres cousas" (f51v)  
aproueitou (1): " pouco aproueitou aaquella beguyna" (f3r)  
daproueitar (1): " e trabalhaaeuos daproueitar" (f66v)

#### **Aproueitoso, adj, 4 "Proveitoso"**

aproueitosa (3): " E de como he mujto aproueitosa pensar" (f32v)  
aproueitoso (1): " E de como he mujto aproueitoso pensar" (f11v)

#### **[Apurar], v, 4**

apura (1): " E apura a dos pensamentos e afeiz•es" (f39r)  
apurada (3): " quando he apurada de quatro cousas" (f49r)

#### **Aquall - ver Quall**

#### **[Aqueentar], v, 2**

aqueenta (1): " se aqueenta a gram fogo" (f95v)  
aqu•tasse (1): " foguo que a ssua tenrra carne aqu•tasse" (f33r)

#### **[Aqu•tar] - ver [Aqueentar]**

#### **[Aquele] – ver Aquelle**

#### **Aquell – ver Aquelle**

#### **Aquelle, det, pr, 261**

aaquel (2): "aaquel que dignamente o rreçebem" (f11v)  
aaquella (2): "aproueitou aaquella beguyna" (f3r)  
aaquellas (1): " he bem contrairo aaquellas" (f104r)  
aaquelle (5): " aaquelle que sse rrepreende" (f14v)  
aaquelles (18): " uoontade de perdoar aaquelles" (f14v)  
aquela (2): "aquela dulçura seer grande" (f107v)  
aquelas (1): " aquelas que tantas obras fezerō" (f3v)  
aqueles (6): " aqueles que procuram os viçios" (f116r)  
aquell (1): " aquell que os outros pecados esguarda" (f72r)  
aquella (33): " aquella uirgem conssiguo" (f83r)  
aquellas (6): " aqueles e aquellas que o fazem" (f9r)  
aquelle (59): " sonhaua aquella crelligo" (f25v)  
aquelles (75): "aquelles que per seus pecados" (f28v)  
daquella (8): " conbate a pessoa daquella parte" (f47v)  
daquellas (2): " daquellas que sacordam" (f10v)  
daquelle (15): " daquelle que nos amou primeiro" (f11v)  
daquelles (18): " desuestido daquelles uestidos" (f35v)  
haaquelles (1): " haaquelles que ajnda seruem" (f61v)  
naquella (2): "juntamente naquella vnjdade" (f111v)  
naquelle (2): " ouuestes naquelle dia" (f64r)  
naquelles (2): " he naquelles que começom" (f54r)

#### **Aquello, pr, 10 "Aquilo"**

aquello (5): " aquello a que elle chamaua jnferno" (f91v)

daquello (3): " senom daquello que ama" (f126r)  
naquello (1): " he ficada naquello de que ouu• fallar" (f135r)  
aqujlllo (1): " aqujlllo que per gram trabalho " (f52r)

#### **[Aqueste], pr, 1 "Este"**

daqueste (1): " daqueste em que todos boos manjares" (f115r)

#### **Aqui – ver Aquy**

#### **[Aquiparado] - ver [Equiparado]**

#### **Aquj – ver aquy**

#### **Aqujlllo - ver Aquello**

#### **Aquy, adv, 50 "Aqui"**

aqui (6): " Aqui falleçem as oras da cruz" (f57v)  
aquj (5): " elle disse ues aquj tua madre" (f36r)  
aquy (38): " Aquy se acaba o castello perijguoso" (f61v)  
daquj (1): " dos daquj farte seu ventre" (f116v)

#### **Aranha, sb, 1**

aranha (1): " E pareçem a aranha que se desfaz" (f137v)

#### **Arca, sb, 1**

arca (1): " arca do coração esta chea de bõa voontade" (f51v)

#### **Arcanjo, sb, 2**

arcanto (1): " foy o arcanjo guabriel" (f1r)  
arcantos (1): " Se os anjos e arcantos" (f108v)

#### **[Arçebispo], sb, 1**

arçebispos (1): " entende os arçebispos e bispos" (f76v)

#### **Arco, sb, 1**

arco (2): "sobrelle auja h• arco" (f73v)

#### **Ardente, adj, 9**

ardente (9): " ardente amor e deuota conpaixom" (f37v)

#### **Arder, v, 15**

arde (1): " Por que o foguo arde mais" (f97r)  
ardem (1): " daquelles que cõ elles ardem" (f96r)  
ardendo (1): " E de fora o m•do ardendo" (f26v)  
arder (3): " fazem bem arder o foguo" (f90v)  
ardera (5): " de fora o mundo que ardera" (f95r)  
arderees (1): " nõ arderees per hi menos" (f76v)  
arderom (1): " arderom os pecadores de fora" (f87v)  
ardia (2): "que ardia no foguo do jnferno" (f93v)

#### **Ardidamente, adv, 2 "Ardidamente; fervorosamente"**

ardidamente (2): "ardidamente uay ao juizo" (f102v)

#### **Ardimento, sb, 1 "Ardileza; ousadia"**

ardimento (1): " filha ardimento de rroguar aa molher" (f9v)

#### **Ardor, sb, 8**



ardor (7): " *e ho ardor os condanados*" (f99v)  
dardor (1): " *atormetados de fedor e dardor*" (f99r)

#### **Aredar - ver Arredar**

**A rrespeito de, loc. prep, 1 "A respeito de"**  
a rrespeito (1): " *huntura a rrespeito daquellas*" (f28r)

**[Argulhoso], adj, sb, 2 "orgulhoso"**  
argulhosas (1): " *asperas e argulhosas rrepostas*" (f28r)  
argulhosos (1): " *os argulhosos e soberuos*" (f82r)

**Aristotelles, np, 1**  
aristotelles (1): " *aristotelles com todas suas sofismas*" (f102r)

**[Armadura], sb, 1**  
armaduras (1): " *boas armaduras e bitalhas*" (f58v)

**Armar, v, 7**  
armaae (1): " *daquelles penssamentos uos armaae*" (f57v)  
armada (1): " *E bem armada de deuota oraçom*" (f46v)  
armado (1): " *coraçom deuoto armado darmas*" (f58v)  
armados (2): " *bem armados e per leçença*" (f46r)  
armar (2): " *armar contra seus jmijgos*" (f57v)

**[Arma], sb, 3**  
armas (2): " *guardaae as suas armas*" (f38r)  
darmas (1): " *deuoto armado darmas esprituaaes*" (f58v)

**[Aromatico], adj, 1**  
aromaticos (1): " *derreter os enguentos aromaticos*" (f39v)

**Arpa, sb, 1**  
arpa (1): " *canto da tua arpa nom ouujrey*" (f132v)

**Arra, sb, 3 "Arras; garantia"**  
arra (1): " *promissom que he arra da erdade*" (f118v)  
arras (3): " *ujda nos da deus estas arras*" (f118v)

**Arredar, v, 5 "Afastar"**  
aredar (1): " *fara homem aredar seus jmijgos*" (f11r)  
arreda (1): " *madre lhes arreda a mama*" (f118r)  
arredar (3): " *arredar seus jmijgos*" (f22v)

**Arredor, adv, 1 "Ao redor"**  
arredor (1): " *dandar arredor de seus muros*" (f46r)

**[Arrefeçer], v, 2**  
arrefeçe (1): " *elle arrefeçe e a leixa*" (f72r)  
arrefeçada (1): " *he tam arrefeçada a caridade*" (f84v)

**[Arreuatado], adj, 1 "Arrebatado"**  
arreuatada (1): " *E nom sandia nem arreuatada*" (f84r)

#### **Arreuatamemto - ver Arreuatamento**

**Arreuatamento, adv, 3 "Arrebatamento; enlevo"**

arreuatamemto (1): " *h • arreuatamemto*" (f137r)  
arreuatamento (1): " *arreuatamento do espritu*" (f139v)  
arreuetamento (1): " *doçe arreuetamento despritu*" (f143r)

#### **Arreuetamento - ver Arreuatamento**

#### **Arroido - ver Arroydo**

**Arroydo, sb, 8 "Ruído"**  
arroido (3): " *fuguamos ao arroido da gente*" (f51r)  
arroydo (5): " *o arroydo de tuas cantiguas*" (f132v)

**Arte, sb, 2**  
arte (1): " *diz ouujdio no liuro da arte damar*" (f133v)  
dartes (1): " *sabe de jogos e dartes*" (f26v)

**[Artijgo], sb, 1**  
artijgos (1): " *os doze artijgos da fe*" (f20r)  
**Aruor, sb, 5 "Árvore"**  
aruor (5): " *e da aruor da vida*" (f112r)

**Asaboramento, sb, 1 "Saboreamento"**  
asaboramento (1): " *E sabee que aquelle asaboramento*" (f140r)

**A saluo, loc. prep, 1 "A salvo"**  
a saluo (1): " *o mete a saluo porto*" (f25r)

**Asanhar, v, 3 "Assanhar; zangar"**  
asanha (1): " *per hira asanha seu prouximo*" (f5v)  
asanhar (1): " *ama h • a pessoa E rreça de a asanhar*" (f54r)  
assanha (1): " *pessoa que assanha seu cryador*" (f1v)

#### **Asaz- ver Assaz**

#### **[Asconder] - ver Esconder**

**Aseentado, adj, 6 "Assente; sentado"**  
aseentado (5): " *que modo he aseentado este castelo*" (f11v)  
as • tado (1): " *As • tado na lidiçe*" (f69r)  
asseentado (3): " *Asseentado em alto lugar*" (f55v)

**Aseentamento, sb, 1**  
aseentamento(1): " *aseentamento do castello*" (f20r)

#### **As • tado - ver Aseentado**

**Asenhorar, v, 2 Variante de "Assenhorear" (Cunha; Moraes).**  
**"Ter domínio ou senhorio". (Moraes).**  
asenhora (1): " *o ferro que asenhora os outros metaaes*" (f27v)  
asenhorar (1): " *seer meestre E asenhorar*" (f81v)

#### **Asi – ver Assy**

#### **Asijnar – ver Assijnar**

#### **[Asinar] – ver Assijnar**

**Asinha, adv, 22 "Depressa"**  
asinha (22): " *ao corço que asinha corre*" (f134v)

## **Asperança - ver Esperança**

### **Aspereza, sb, 4**

aspereza (3): " homillardom *per* aspereza de pendença" (f144r)

asperezas (1): " *e per* outras asperezas de uida" (f24r)

### **Aspero, adj, 9**

aspera (3): " que tam *aspera* uida faziam" (f3v)

asperas (4): " suas *asperas e* argulhosas rrepostas" (f28r)

aspero (2): "fogo *sera* mais aspero" (f87v)

## **[Assanhar] - ver Asanhar**

### **Assaz, adv, 21**

asaz (4): " tres liç•es asaz breues" (f71r)

assaz (17): " se diz assaz propriamente" (f130r)

## **Asseentado - ver Aseentado**

### **Asseentar, v, 2 "Sentar"**

asseentar (1): " como desesperado asseentar aa porta" (f83r)

assentou (1): " se assentou pillatos em Juizo" (f35r)

### **Assesseguo, sb, 1 "Assossego; sossego"**

assesseguro (1): " he perdurauell assesseguro" (f128r)

## **Assi – ver Assy**

### **Assijnar, v, 11 "Assinalar; apontar"**

asijna (1): " *aquiparados e* asijna se rrezom" (f129v)

asijnar (3): "se podem asijnar oyto rrez•es" (fV1r)

asinase (1): " som *equiparados e* asinase rrezom" (fVIIIr)

assijna (1): " assijna *e* põe pollo quinto degraa" (f142r)

assijnado (1): " veera a termo assijnado aa morte" (f82v)

assijnar (3): " Pode homem assijnar quatro rraz•es" (f117r)

sinados (1): " vos s•es sinados do espritu"(f118v)

### **[Assoluer], v, 3 "Absolver"**

assolue (1): " he que elle assolue das penas" (f58v)

dasoluer (1): " *e* que aja poder dasoluer" (f2r)

assolto (1): " pode sseer quyte Nem assolto" (f7r)

### **Assy, adv, 542 "Assim; tanto, tão, de tal sorte, em tal grau ou extremo" (Morais)**

asi (2): "senõ asi como homem vee" (f136v)

assi (57): " assi como de cima he dicto" (f27r)

assy (473): " he prouado assy como o ouro" (f27v)

asy (10): " Asy como dissemos *primeiro*" (f57v)

## **Assy – ver assy**

### **[Asur], np, 1 "Assur"**

dasur (1): " Quer dizer o rrey dasur" (f94r)

## **Ata - ver Ataa**

### **Ataa, prep, 46 "Cf. Atee"**

ata (2): "a sseu poder ata aquella ora" (f2v)

ataa (41): " sse elle atende ataa aallem da morte" (f86v)

atee (3): " vinho atee que seiaaes enbeuedados" (f141v)

## **Atal - ver Tall**

### **[Atar], v, 3**

atadas (1): " carne com correas atadas" (f34v)

atados (1): " *Deus* diz elle deslega os atados." (f110r)

atam (1): " *e* atam o todo poderoso" (f45r)

## **Ãte – ver Ante**

## **[At•der] - ver Atender**

## **Atee – ver Ataa**

### **Atenda, sb, 1 "Expectativa"**

"*Espera; demora concedida ao devedor para realizar o pagamento*" (Morais).

"*Confiança; segurança*" (Cunha).

atenda (1): " E toda a sua atenda pereçera" (f100r)

### **Atender, v, 15 "Esperar"**

at•derom (1): " at•derom de meter em obra" (f76r)

atemdem (1): " boo gualardom que atemdem" (f54r)

atende (6): " E atende o principall bem." (f133r)

atendem (1): " grãde aluguer que atendem" (f105r)

atender (5): " nom querem atender a u•dima" (f117v)

atendida (1): " em bem amar he entendida *e* atendida." (f127v)

### **Athirar, v, 1**

athirar (1): " quatro engenhos *per* athirar" (f28r)

### **Atormentar, v, 19**

atormemtado (2): "que nõ seja atormemtado" (f96r)

atormentado (1): " abofetado E assy atormentado" (f35r)

atormentados (5): " serom atormentados de fedor" (f99r)

atormemtarom (1): " daquelles *que* os atormemtarom" (f111r)

atormenta (2): "aquy me corta ou atormenta" (f85v)

atormentam (1): " atormentam mujto aas uezes as boas" (f54r)

atormentar (1): " por atormentar despois da morte" (f63v)

atormentara (2): "atormentara uossa carnall conçi•çia" (f89r)

atormentarom (1): " diaabos *que* os atormentarom" (f95r)

atormentauõ (1): " por aquelles *que* ho atormentauõ" (f35v)

atormentom (1): " o atormentom mais *que* foguo" (f45r)

torm•ta (1): " E assy os torm•ta" (f54r)

### **Atras, prep, 5**

atras (4): " consollaçoos tenporaes leixa atras" (f31r)

detras (1): " *per* detras daquelles a *que* mostra" (f5r)

## **Ãtre – ver Antre**

**[Auãçar], v, 1 "Avançar"**

auãça (1): " se seu mayor o auãça" (f15r)

**Auãgelho – ver Euangelho**

**Auançamento, sb, 1**

auançamento (1): " tristeza do bem e auançamento doutrem" (f5r)

**Auangelho – ver Euangelho**

**Auangellista, adj, 3 "Evangelista"**

auangellista (2): " sam Joham auangellista" (f36r)

euangilista (1): " sam Johã euangilista" (f119r)

**Auantajadamente, adv, 1**

auantajadamente (1): " *quem* auantajadamente ama" (f37v)

**[Auantajado] - ver Auãtejado**

**Auante, adv, 1 "Avante; adiante"**

auante (1): " salltam auante como guamos" (f64v)

**Auarento, adj, sb, 5 "Avarento"**

auarenta (1): " pessoa auarenta ou luxuriosa" (f39v)

auarento (2): "Assy falleçe ao auarento" (f138r)

auarentos (2): "Hoo uos auarentos" (f138r)

**Auareza, sb, 8 "Avareza"**

auareza (7): " auareza he soberua e luxuria" (f148r)

dauareza (1): " ou odio. ou dauareza" (f64r)

**Auãtejado, adj, 4 "Superior; que excede ou leva vantagem"**

auantajadas (1): " auantajadas rroupas e nobres" (f4v)

auantejada (1): " que he auantejada" (f105v)

auãtejada (1): " todas as cruezas foi auãtejada" (f37v)

auãtejado (1): " Como de auãtejado amor" (f69r)

**Auctoridade, sb, 3**

auctoridade (3): " esta auctoridade mostrou Job" (f86r)

**Aue, sb, 4 "Ave"**

aue (1): " alonga a aue donde lhe desfazem ho ninho" (f14r)

aués (3): " a ll•a e as estrellas as aués do aar" (f32r)

**Aue, int, 2 "Avé"**

aue (2): "do pater noster e aue maria" (f68v)

**[Auenturado] - ver Bem au•turado**

**Auengelho – ver Euangelho**

**Auenturãça - ver Bem Auenturança**

**Auenturado - ver Bem au•turado**

**Auenturado - ver Mall aventurado**

**Auenturamça - ver Bem Auenturança**

**Auenturança - ver Bem Auenturança**

**Auer, v, 522 "Haver; ter; possuir; guardar; conservar; manter"**

aauya (1): " Tall aauya dauijd que dezia" (f134r)

aja (34): " nom aja medo de seus jmijgos" (f27r)

ajaaes (3): " pobres nom ajaaes desprazer" (f80v)

ajam (9): " Que elles ajam uerguonha" (f91v)

ajamos (1): " ajamos o gracioso deus" (f25v)

as (1): " assy me as uiuificado per pendença" (103v)

aue (2): "senhor deus aue merçee de mim" (f12r)

auée (8): " Auee paçiença E daae graças" (f81r)

auées (12): " Hora auées ouuido" (f148v)

auendo (1): " auendo emueja dos santos" (f100r)

auella (3): " e trabalhou por auella" (f116v)

auello (1): " esposo e auello por amigo" (f11v)

auemdo (1): " homem ha auemdo deus" (f121v)

auemos (34): " auemos mujtos enx•plos" (f144r)

auer (118): " deue a auer seis condiç•es" (f2r)

auera (36): " nom auera maa fim" (f25r)

auerã(10): " jnferno nõ auerã amijos no çeeo" (f94v)

aueram (18): " aueram da justiça de deus" (f111r)

aueras (3): " aueras della mais nenbrança" (f108r)

auer• (1): " vissem por auer• b• enxemplo" (f16r)

auerees (4): " todollas outras cousas auerees" (f49v)

auerem (1): " por estes auerem mais graças" (f5r)

aueremos (1): " amado sem fim ho aueremos" (f41r)

aueria (4): " liure aueria gram prazer" (f110v)

aueriam (1): " n• o diaabo nom aueriam" (f24r)

auermos (1): "çedo auermos o doce cordeiro" (f78v)

auerõ (12): " N• elles auerõ parte no paraíso" (f81r)

auerom (10): " auerom socorro nem amigos" (f95r)

auerya (1): " nom auerya hi mall dizentes" (f13r)

auia (12): " elle se auia por muyto pecador" (f145r)

auiam (2): "que parecy a que nom auiam" (f119r)

auja (13): " honde nom auja foguo" (f33r)

aujã (2): "as cauas aujã de seer longuas" (f29v)

aujdo (2): "que era aujdo na ley" (f66v)

auya (6): " foy o amor que nos auya" (f37r)

auydos (1): " Tu as disse elle auydos muytos prazeres" (f18r)

dauer (25): " uerdadeira ha dauer tres graas" (f11r)

ey (2): " nom ey eu senom pecado" (f52v)

ha (231): " E ha mujtas afliç•es" (f9v)

haauées (1): " Haauées ouuido" (f14v)

hade (3): " a quem hade fallar" (f67r)

ham (42): " que nom ham tall cujdado" (f76v)

hao (1): " E hao departir lhe disse" (f83r)

has (3): " se tu has alg• bem em ty" (f16r)

hej (2): " esperança que eu hej de deus" (f134v)

hey (1): " Eu hey sede" (f36v)

houessee (1): " quanto houessee mester" (f125r)

ouue (17): "ouue tam gram medo da morte" (f53v)

ouuer (4): " aredar seus jmijgos se ouuer esforço" (f11r)

ouuera (1): " que os ouuera per desonesto guaanho" (f17r)

ouuer• (1): " que ouuer• o tardinheiro rreprendimento" (f88v)

ouuerem (1): " nõ he marauilha se ouuerem doo" (f89r)

ouuerõ (2): " os pecadores que ouuerõ fe" (f90v)

ouuess• (1): " os danados nom ouuess• esperamça" (f99v)

ouuessee (9): " que nom ouuessee lia" (f115v)

ouuessees (1): " se me uos ouuessees de julguar" (f23v)

ouesses (4): " se ouesses medo de a perder" (f121v)  
ouessesmos (1): " dellas Ouessesmos sentido" (f116r)  
ouestes (1): " desejos ouestes naquelle dia" (f64r)

### **Auerssairo, sb, 3 "Adversário"**

auerssairo (1): "consentyr a sseu auerssairo" (f22r)  
auerssairos (1): "dos *perijguosos* auerssairos" (f20v)  
auerssayros (1): " *contra seus* auerssayros" (f44v)

[Auerssayro] - ver Auerssairo

### **Auerssidade, sb, 16 "Adversidade"**

aduersidade (2): " torua *per* aduersidade" (f148v)  
auerssidade (4): " britada *per* auerssidade" (f143r)  
auerssidades (8): " contra as auerssidades" (f27v)  
auerssydade (2): " assy em auerssydade" (f82r)

Auerssydade - ver Auerssidade

Au•turado - ver Bem au•turado

Au•turança - ver Bem Auenturança

### **Augua, sb, 27 "Água"**

augua (13): " meteo hi vinho *e* augua" (f58v)  
auguas (5): " das auguas que passom" (f108r)  
daugua (8): " hua soo gota daugua" (f93v)  
daugas (1): " de ujtalhas *e* dauguas" (f44v)

### **[Auisar], v, 3 "Avisar; prevenir"**

auisa (1): " a bõa aalma se auisa" (f48v)  
auisam (1): " em periigo se sse nom auisam" (f27r)  
aujsa (1): " aquelle sacramento aujsa" (f58v)

Auiuar – ver Auyuar

### **Aujllar, v, 1 "Aviltar; humilhar"**

aujllar (1): " aujllar *e* despreçar *e* escarneçer" (f34r)

[Aujsar] – ver [Auisar]

Aujuar – ver Auyuar

Auõdança – ver Auontança

Auomdança – ver Auontança

Auomdasamente - ver Auondosamente

**Auomdoso, adj, 1 "Abundante" Cf. Auondante**  
auomdoso (1): " chama grande *e* auomdoso" (f108r)

### **Auondado, adj, 1 "Abundado"**

auondado (1): " bem erees auondado damor" (f34v)

### **Auondança, sb, 5 "Abundância"**

auõdança (1): "a auõdança de tua misericordia" (f49v)  
auomdança (1): "lagrimas em auomdança" (f132v)  
auondança (2): "mostra auondança das penas" (f96v)  
dauomdamça (1): " dauomdamça de todas graças" (f1r)

### **Auondante, adj, 2 "Abundante; suficiente"**

**Cf. Auomdoso**

auondante (2): " este he auondante" (f21v)

### **Auondosamente, adv, 2 "Abundantemente"**

auomdasamente (1): " auomdasamente lançouõ sangue" (f35v)  
auondosamente (1): " auondosamente por Nos espargeo" (f33v)

### **[Aurorçer], v, 3 "Aborrecer"**

aurorça (1): " dentro que homem aurorça" (f115r)  
aurorçeo (1): "aurorçeo mais do *que* Nunca" (f10r)  
aurorçia (1): " a magna aurorçia tanto" (f120r)

### **Aurorçeuill, adj, 2 "Aborrecível"**

aurorçeuill (1): " balança enguanosa he aurorçeuill" (f74v)  
aurorçiuill (1): " o mais aurorçiuill pecado" (f9r)

Aurorçiuill - ver Aurorçeuill

### **Aurriçimento, sb, 1 "Aborrecimento"**

aurriçimento (1): " aurriçimento da alma" (f90r)

### **Austynença, sb, 1 "Abstinência"**

austynença (1): "austynença dos cõfessores" (f67v)

### **Autor, sb, 4**

autor (4): " E poem este autor exemplo" (f2v)

### **Autuall, adj, 1 "Actual"**

autuall (1): " buscadas pello pecado autuall" (f109v)

Aujuar – ver Auyuar

### **Auyuar, v, 13 "Avivar"**

auiuado (1): " he mais auiuado a *fazer* bem" (f117v)  
auiuar (1): " por *nos* auiuar aa batalha" (f11v)  
aujua (1): " aujua mujto a memoria" (f11v)  
aujuada (1): " bondade aujuada" (f62v)  
aujuar (1): " *nos* aujuar aa batalha" (f47v)  
auiua (2): " Aamar *deus* auiua mujto" (f31v)  
auiyados (1): " som auiyados a *perdiçõ*" (f6r)  
auiuar (3): " por *nos* auiuar aa batalha" (f48v)  
auiuom (1): " auiuom huus aos outros" (f46r)  
aviua (1): " aviua muyto a memoria" (f31v)

[Auiuar] – ver Auyuar

Aynda – ver Ajnda

A•da - ver Ajnda

[Azechiell] - ver Ezechiell

### **Azedo, adj, 1**

azedo (1): " que assy como sobre azedo" (f120v)

### **Azeite, sb, 1**

azeite (1): " meu vinho *e* meu azeite" (f122v)

# B

**Baixamente**

baixamente (1): " desy dysse baixamente" (f36v)

**Baixo, adj, 7**

baixas (1): " as aues que uoam baixas" (f19v)

baixo (4): " oolhar baixo e penssar alto" (f42v)

baixos (2): "deue teer seus olhos baixos" (f42r)

**Balança – ver Ballança****Ballança, sb, 5**

balança (2): "h•a balança em sua m•o" (f74r)

ballança (3): " esta ballança deue seer justa" (f42r)

**Ballde - ver Embalde****Ballssamo, sb, 1 "Bálsamo"**

ballssamo (1): " tall doçura he ballssamo" (f117r)

**[Banhar], v, 1**

banhado (1): " qu•te em que fosse banhado" (f33r)

**Banho, sb, 1**

banho (1): " do sangue banho" (f63v)

**Barato, sb, 1**

barato (1): " •gano ou por maa barato" (f7r)

**Barrabas, Np, 1 "Barrabás"**

barrabas (1): "crucifica e leixa barrabas liure" (f35r)

**Barreguaa, Sb, 1 "Barregã"**

barreguaa (1): " serua e barreguaa do jmijgo" (f2r)

**Barro, sb, 1**

barro (1): " de pedra e call e de barro" (f19r)

**Batalha, sb, 13**

batalha (13): " nem ujtoria sem batalha" (f21v)

**Bater, v, 6**

batendo (1): " batendo seus peitos." (f36v)

bateo (1): " e bateo aa porta" (f83r)

bater (2): "quando bater aa sua porta" (f47v)

batia (1): " Mes batia seus peitos" (f12r)

batya (1): " E batya sua culpa e dizia" (f49v)

**Bautiçar - ver Bautizar****Bautizar, v, 4 "Baptizar"**

bautiçar (1): " fez bautiçar seu amigo" (f83v)

bautizado (2): " Joham por sseer bautizado" (f21r)

bautizar (1): " e fezea bautizar" (f83r)

**B• - ver Bem****B• - ver Bem****Beda, Np, 2**

beda (2): " segundo diz beda" (f112v)

**Beençõ – ver Beençom****Beençom, sb, 3 "Bênção"**

beençõ (1): " gentes guardam a beençõ" (f14r)

beençom (2): " a beençom de seu padre" (f13v)

**[Been] – ver Bem****Beento, adj, 1**

beento (1): " do seu beento padre e amigo" (f56v)

**Beesta, sb, 17**

beesta (5): "este combate com tall beesta" (f24r)

beestas (2): " guarnjdos de boas beestas" (f55v)

besta (3): " assi como dhua besta" (f113r)

bestas (7): " a caçar bestas saluajees" (f13v)

**Beguina – ver Beguyna****[Beguina] – ver Beguyna****Beguyna, sb, 4 "Beguina"**

beguina (1): " h•a beguina muyto boa" (f2v)

begujnas (1): " mulheres oçyosas e begujnas" (f68v)

beguyna (2): "h•a beguyna que era pobre" (f136v)

**Beijar, v, 4**

beijada (1): " e beijada dos santos" (f57r)

beijar (2): "que beijar sua parenta" (f9r)

beijaromsse (1): " beijaromsse e chorarom" (f133v)

**Beijo, sb, 2**

beijo (1): " deulhe o malleçiosso beijo!" (f34r)

beijos (1): " ueem abraços e beijos" (f9r)

**Bem, adv, sb, 357**

b• (7): " que quem b• a amar e servir" (f6r)

beens (1): " os beens que deus aparelha" (f123v)

b•s (57): " se esguarda os b•s doutrem" (f1Vv)

bem (292): "o bem que rreçebia" (f124r)

" que nom falaua bem" (f127r)

**Bem - ver Tanbem****Bem au•turado, adj, 5 "Bem-aventurado; feliz"**

bem auemturados (1): " sam bem auemturados" (f94v)

bem auenturado (1): " diz bem auenturado he quem sofre" (f29r)

bem auenturados (1): " bem auenturados som os pobres" (f17v)

bem au•turado (2): " bem au•turado sera o seruo" (f47v)

**Bem auenturança, sb, 13 "Bem-aventurança"**

bem auenturãça (2): "perdurauell bem auenturãça" (f70v)

bem auenturamça (4): " e bem auenturamça futura" (f137r)

bem auenturança (4): " bem auenturança dos ujços" (f43v)

bem auenturanças (1): " rreçeador nas bem auenturanças" (f69r)

bem au•turança (1): " per bem au•turança" (f143r)

bem au•turanças (1): " todas estas bemau•turanças" (f113v)

**Bendito, adj, 4**

bendita (3): " lagrimas da sua bendita madre" (f38r)

bendito (1): " faziam ao sseu bendito ffilho" (f36r)

### **Beneffício – ver Beneficio**

#### **Benefício, sb, 28 "Benefício"**

benefício (1): " nom esqueeçaaes tall beneffício" (f34v)

benefício (3): " tall benefício esqueeçe" (f36r)

benefícios (2): "cada dia rreçebe beneficios" (f133r)

benefícios (22): " a memoria dos seus benefícios" (f11v)

#### **Benino, adj, 4 "Benigno"**

benino (2): "Hoo benino Jhesu quejando" (f97r)

benjno (1): " amauyoso e cortes e benjno" (f74v)

benyno (1): " alghua parte piadoso e benyno" (f100v)

#### **Benjnidade, sb, 1 "Benignidade"**

benjnidade (1): " benjnidade de coração" (f63r)

### **Benjno – ver Benino**

### **Benyno – ver benino**

#### **Berço, sb, 1**

berço (1): " lançado em berço dourado" (f33r)

#### **Bernardo, np, 50**

bernardo (50): " a jsto diz sam bernardo" (f36v)

#### **[Besante], sb, 1 "Besante"**

besantes (1): " deuia a seu senhor dez mill besantes" (f86v)

### **Besta – ver Beesta**

#### **Bestiall, adj, 2**

bestiall (2): "corporall e bestiall e rrude" (f139v)

#### **Beuediçe, sb, 3 "Bebedice; bebedeira"**

beuediçe (2): "a beuediçe torua a pallaura" (f119r)

beujdiçe (1): " conpanheiro he da beujdiçe" (f47v)

#### **Beuedo, sb, adj, 7 "Bêbedo"**

beuedo (3): " o beuedo esqueece todos" (f59r)

beuedos (4): " que todos erã beuedos" (f129r)

#### **[Beuedor], sb, 1 "Bebedor"**

beuedores (1): " como os beuedores" (f140v)

#### **Beuer, v, 24 "Beber"**

beua (1): " coma ou beua ou durma" (f26r)

beuã (1): " E beuã delle tanto ataa" (f118v)

beuam (1): " da augua que beuam" f93v)

beue (2): "despois que beue que antes" (f119r)

beuee (1): " E comee e beuee destes" (f141v)

beuem (1): " a morte se o beuem" (f61r)

beuendo (1): " os beuedores em beuendo" (f140v)

beuer (15): " trouxerõ ñ a quis beuer" (f144v)

beuerom (1): " auerees fame E beuerom" (f93v)

#### **Beuerajem, sb, 1 "Beberagem"**

beuerajem (1): " e beuerajem dalosna" (f94r)

### **Beujdiçe – ver Beuediçe**

#### **Bispo, sb, 2**

bispo (1): " E leuromno ao bispo anas" (f34r)

bispos (1): " entende os arçebispos e bispos" (f76v)

#### **Bitalha, sb, 4 "Vitualha"**

"Mantimentos; víveres; munições de boca" (Viterbo).

bitalha (1): " que a bitalha da alma" (f44v)

bitalhas (3): " E he guarnido de bitalhas" (f56r)

### **Boa mente - ver Boamente**

### **Boa m•te - ver Boamente**

### **Boamemte - ver Boamente**

#### **Boamente, adv, 21**

boa mente (7): " denssinar de boa mente" (f7v)

boa m•te (1): " os ñ ouue de boa m•te" (f43r)

boamemte (1): " os faz de boamente sofrer" (f106r)

boamente (11): " o escuita de boamente" (f9r)

boam•te (1): " cada h• ouue de boam•te" (f136r)

### **Boam•te - ver Boamente**

#### **Boca, sb, 40**

boca (40): " sam Joham boca douro" (f60r)

diz *deus* he mell em boca" (f62v)

#### **Bocado**

bocado (4): " pequeno bocado de pam" (f59v)

bocados (2): "os bocados mujto na boca" (f120v)

#### **[Bofetada], sb, 1**

bofetadas (1): " escarneçer e o ferir de bofetadas" (f34r)

#### **[Bojes], sb, 1 "Burguês"**

bojeses (1): " bojeses e molheres oçyosas" (f68v)

### **Bomdade – ver Bondade**

#### **Bondade, sb, 16**

bomdade (3): " o ssyso e a bomdade" (f54v)

bondade (13): " segunda cousa he bondade" (f80v)

#### **B•, adj, 293**

boa (71): " beguina muyto boa e muy santa" (f2v)

bõa (6): "chea de bõa voontade" (f51v)

boas (19): " muy boas e deleitosas ujandas" (f25v)

bõas (2): " e a fazer bõas obras" (f1v)

boo (18): " *serue deus* de boo coração" (f7r)

b• (44): " deue o b• rreligioso" (f15r)

boom (2): " mastiguado ñ da boom sabor" (f120v)

b•s (27): " e b•sinhos e fortes" (f8r)

boos (5): "conrronpem boos costumes" (f17v)

### **Boom – ver B•**

#### **Boosco, sb, 2 "Bosque"**

boosco (1): " h• boosco cheo de ladr•es" (f63r)

booscos (1): " booscos uerdes *que* os secos" (f99r)

#### **[Botar], v, 2 "Botar; deitar; empurrar"**

bota (1): " em tall estado he bota de ssy" (f141v)

botarsselheam (1): " *quem* comer huva uerde botarsselheam os dentes" (f120v)

**Boutismo, sb, 1 "Baptismo" Cf. Bautizar**  
boutismo (1): "assy como no boutismo" (f40r)

**Boy, sb, 2 "Boi"**  
boy (2): "como ueado ou como o boy" (f110r)

**Braadar, v, 19 "Bradar; clamar; chamar; vociferar"**  
braada (3): "por jsto braada amehude" (f52r)  
braadam (2): "obra que braadam a deus" (f76r)  
braadar (4): "nom se queixar nem braadar" (f40v)  
braadarom (3): "E braadarom contra ellas" (f88v)  
braadas (1): "moyses *que* clamas e braadas" (f133r)  
braadauom (2): "E braadauom altas uozes" (f34v)  
braadô (1): "braadô alto e fazem arroydo" (f55r)  
braadou (1): "desy braadou altas uozes" (f36v)  
bradarô (1): "elles bradarô altas uozes" (f35r)  
bradauom (1): "bradauom altas uozes" (f75v)

**[Braado], sb, 3 "Brado; clamor"**  
braados (3): "Clamor e braados diz elle" (f96r)

**[Braço]**  
braços (4): "tem senpre os braços abertos" (f8v)

**Brâcura, sb, 1 "Brancura"**  
brâcura (1): "a brâcura he dita grande" (f106v)

**Brado – ver Brando**

**Branco, adj, 6**  
brancas (4): "de leteras brancas e negras" (f125r)  
branco (2): "despois h • caualllo branco" (f73v)

**Brando, adj, 4**  
brâdo (1): "que ama ha o pulsso brâdo" (f134r)  
branda (1): "rreposta branda quebra a yra" (f144v)  
brando (2): "de fazer brando e priguizoso" (f134v)

**[Brasa], sb, 2**  
brasa (1): "nom como couçe em brasa" (f34r)  
brasas (1): "tuas brasas me sam esfriamento" (f106r)

**[Brasffemea], sb, 1 "Blasfémia"**  
brasffemeas (1): "penssamentos de brasffemeas" (f12v)

**Brauo, sb, adj, 6 "Bravo; bravio; corajoso"**  
braua (1): "nom braua nem sanhuda" (f84r)  
brauo (2): "seia sanhudo nem brauo" (f81r)  
brauos (3): "Jsto sabem bem os brauos" (f5v)

**Breue, adj, 15 "Breve"**  
breue (10): "screpuer hua breue epistolla" (f56v)  
breues (5): "tres liç • es asaz breues" (f71r)

**Breuemente, adj, 3 "Brevemente; resumidamente; ligeiramente"**  
breuemente (2): "uos direy breuemente" (f25r)  
breuem • te (1): "quero aquy meter breuem • te" (f57v)

**Breuem • te - ver Breuemente**

**Breueza, sb, 2 "Brevidade"**

breueza (2): "E a breueza do tenpo" (f62r)

**[Britar], v, 3 "Partir; quebrar; arrombar"**  
britada (1): "ella nõ he britada per auerssidade" (f143r)  
britom (1): "rrelligiosos que britom os jaj • s" (f8r)  
britou (1): "deus britou o teu maaõ poder" (f92r)

**Brjuja, sb, 1 "Bíblia"**  
brjuja (1): "he bem mostrado na brjuja" (f28v)

**Buraco, sb, 1**  
buraco (1): "ella o ujo per h • buraco" (f10r)

**Buscar, v, 69 "Procurar"**  
busca (13): "que assy se busca merito" (f12v)  
buscã (1): "jmijgos que me buscã mall" (f52v)  
buscaae (1): "buscaae primeiro o rreino de deus" (f78r)  
buscaaes (2): "demãdoulhes quem buscaaes" (f34r)  
buscadas (1): "sam buscadas pello pecado" (f109v)  
buscado (3): "acustumado Nem buscado" (f125v)  
buscados (1): "homem tem bem buscados" (f74r)  
buscam (7): "aquelles que as buscam" (f77v)  
buscamdo (1): "buscamdo folgança" (f129r)  
buscandoas (1): "elles fezerom buscandoas" (f89r)  
buscar (23): "procurar e buscar confesor" (Ir)  
buscarô (1): "foras neçessario nõ te buscarô" (f117v)  
buscarom (2): "Elles buscarom a morte" (f98r)  
buscasae (1): "por que eu buscasae pura allegria" (f107r)  
buscassem (1): "buscassem as penas do jnferno" (f84v)  
buscaua (2): "O caualleiro a buscaua" (f10r)  
busco (2): "Mes ajnda busco tem • do" (f134r)  
buscou (1): "se elle meesmo a buscou" (f12v)  
busquaee (1): "busquaee primeiro o rreyno de deus" (f49v)  
busquam (1): "busquam com bõa uoontade" (f2r)  
busquar (1): "deue a busquar tall confessor" (f2r)  
busquemollo (1): "nossos mesteres busquemollo" (f36r)  
busques (1): "Nem busques o que a ty nom perteeñçe" (f72r)

**Busquar – ver Buscar**

C

**Ca, conj, 251 "Porque; pois; que"**  
ca (251): "ca deus pormete perdom" (f14v)

**Cã, sb, 1 "Cão"**  
cã (1): "assy como o cã que he ferido" (f73v)

**Cabeça, sb, 17**

cabeça (16): " tua cabeça tocasse as Nuueens" (f93r)  
 cabeças (1): " sem fim sobre suas cabeças" (f123r)

**Cabo, sb, 1 "Fim"**

cabo (1): " jsto pooem em cabo desuairo" (f81v)

**Cabra**

cabra (1): " Ca elle nom he cabra" (f50r)

**Caçador, sb, 2**

caçador (1): " esau era caçador" (f13v)  
 caçadores (1): " os caçadores nã filham senom as  
 aues" (f19v)

**Caçar, v, 2**

caçar (2): "a caçar bestas saluajees" (f13v)

**Cada**

cada (85): " liuro que cada h • lea" (f85r)  
 " se elle cada dia esguardar" (f125r)

**Cadeira, sb, 1**

cadeira (1): " cadeira nem almofada molle" (f92v)

**Cãdo – ver Quando****[Cadrello], sb, 1 "Quadrello"**

cadrellos (1): " boas beestas e cadrellos pera  
 defendellas" (f55v)

**[Cair] - ver Cayr****[Caam] - ver Cam****Cajom, sb, 5 "Ocasão" cf. [Ocasi•o]**

"Desgraça; infelicidade; infortúnio" (Viterbo)  
 cajom (5): " por nom seer cajom de o mouer" (f43v)  
 " saluos de tall cajom" (f111r)

**Calçar, v, 2**

calçar (2): "beuer e uestir e calçar" (f113r)

**Calez – ver Callez****Call, sb, 1 "Cal"**

call (1): " de pedra e call" (f19r)

**Callar, v, 13 "Calar"**

calaua (1): " Moyses se calaua" (f133r)  
 callada (1): " senpre esta Callada " (f28r)  
 llamado (1): " Callado e cheguado a deus" (f69v)  
 calla (1): " se calla de todo ha paz" (f16r)  
 callar (7): " callar os jmijgos acusadores" (f45r)  
 callarey (1): " Mes eu me callarey" (f9r)  
 callaste (1): " callaste os outros torm•tos" (f36v)

**Callez, sb, 5 "Cálice"**

calez (1): " parte de seu calez" (f96v)  
 callez (4): " formou seu sangue no callez" (f58v)

**Caluario, sb, 1 "Calvário"**

caluario (1): " desomrra a monte caluario" (f35v)

**Cam, sb, 3 "Cão"**

caes (1): " os hossos aos caes" (f99v)  
 cam (2): "metida em coxa de cam" (f73v)

**Cama**

cama (2): "maa cama hua soo noite" (f96r)

**Camanho "Tamanho, tanto". Do lat. "quam magnus" (Viterbo)**

camanho (1): " Ca elle nom esguarda camanho he o  
 dom" (f149v)

**Camara, sb, 5**

camara (5): " em camara nem em ssalla" (f33r)

**Camareira, sb, 1**

camareira (1): " camareira que alinpa a casa" (f2r)

**[Caminhante], sb, 1**

caminhantes (1): " caminhantes em nossa pousada"  
 (f79v)

**Caminhar, v, 1**

caminhar (1): " senom em caminhar" (f37v)

**Caminho, sb, 35**

caminho (26): " uaaom fora do caminho" (f135v)  
 caminhos (6): " a llama dos caminhos" (f93r)  
 cam•ho (2): "estar em cam•ho de saude" (f6r)  
 camjnho (1): " camjnho que he purguatjuo" (f124r)

**Cam•ho – ver Caminho****Camjnho – ver Caminho****Can•o, Np, 1**

can•o (1): " que o rrey de can•o" (f129r)

**Canbador, adj, 1 "Cambista" (Cunha)****De "cambhar =trocar" (Viterbo)**

canbador (1): " Sam matheu que era canbador"  
 (f145r)

**[Caneneo], sb, 1 "Caneneu"**

canenea (1): " a canenea que rrogaua por ssua filha"  
 (f50r)

**[Canonico], adj, 2**

canonicas (1): " dizer suas oras canonicas" (f6r)  
 canonjcas (1): " as sete oras canonjcas" (f68v)

**[Canonjco] - ver [Canonico]****Canp•, sb, 1 "Campana; sino"**

canp• (1): " A canp• do moesteiro" (f28r)

**Canpo, sb, 4**

canpo (4): " do canpo da batalha" (f46r)

**Canssado, adj, 3**

canssada (1): " ella he tam canssada" (f48r)  
 canssado (1): " lugar de folgãça ao canssado"  
 (f128r)  
 canssados (1): " sam canssados e anojados" (f47v)

**Cantar, v, 18**

canta (2): "segundo se canta cada dia" (f54v)  
 cantã (2): "quantares que sse cantã" (f132v)  
 cantamos (1): " cantamos ou oramos" (f32v)  
 cantando (2): "penssam cantando E cantã" (f13r)  
 cantar (5): " E nom cantar pello uento" (f132v)



cantarey (1): " Eu cantarey a meu Senhor" (f133r)  
cantauõ (1): " cantauõ a salua rregina" (f40r)  
cantes (1): " tu cantes por amor de mim" (f133r)  
quantar (3): " he na jgreia que deue quantar" (f6r)

#### **Cantar, sb, 4**

cantar (3): " Meu cantar he senpre por ty" (f133r)  
quantares (1): " ouue os doçes quantares" (f132v)

#### **[Cantico], sb, 11**

canticos (10): " mostrada nos canticos" (f127r)  
cantjcos (1): " *scripto nos cantjcos*" (f135r)

#### **Cantidade, sb, 1 "Quantidade"**

cantidade (1): " segundo a quantidade das penas" (f99r)

#### **[Cantiga] – ver Cantigua**

#### **Cantigua, sb, 5**

cantigas (1): " faz cantigas damor" (f148v)  
cantigua (1): " gloriosa cantigua e breue" (f25r)  
cantiguas (5): " ouuem cantiguas damor" (f1132r)

#### **[Cantjco] – ver [Cantico]**

#### **Canto, sb, 3**

canto (2): "o canto da tua arpa" (f132v)

#### **[Canto], sb, 1 "Canto; esquina"**

cantos (1): " os cantos de ssua conçiencia" (f47r)

#### **Capitollio, sb, 1 "Capítulo; assembleia"**

##### **Cf. Capitollo**

capitollio (1): " defender suas minguas e suas fallas em capitollio" (f4v)

#### **Capitollo, sb, 402 "Capítulo"**

##### **Cf. Capitollo**

capitollo (401): " *Capitollo* CLRj do seitemo sinal" (f136v)

capitulo (1): " Luce xi capitulo" (f1r)

#### **Capitom, sb, 3 "Capitão"**

capitom (3): " leçença de seu capitom" (f46r)

#### **Capitulo – ver Capitollo**

**Çaqueteiro, sb, 1 "Saqueteiro; saquetário"**  
=oficial que tinha à sua conta a "saquetaria",  
oficina da casa real onde estava o pão cozido  
(Morais).

çaqueteiro (2): " o çaqueteiro e o copeiro del rrej" (f110v)

#### **Carçer, sb, 11 "Cárcere"**

carçer (10): " profundo carçer do jnferno" (f92v)  
carçeres (1): " carçeres hi ha que teem freestas" (f91r)

#### **[Cardeaal], adj, 6 "Cardeal; principal"**

cardeaaes (6): " quatro uertudes cardeaaes" (f43v)

#### **Caridade, sb, 29**

caridade(26): "caridade do franco coraçom" (f137v)  
carydade (3): " per carydade e amor" (f55v)

#### **Carnal – ver Carnall**

#### **Carnall, adj, 24**

carnaaes (15): "afastees dos carnaaes deleitos" (f141v)

carnal (2): "entende o carnal deleito" (f128v)

carnall (7): " o deleito e desejo carnall" (f129r)

#### **Carnallidade, sb, 3 "Carnalidade"**

carnallidade (1): " a deleitar a ssua carnallidade" (f75v)

carnalydades (1): " como de suas carnalydades" (f76v)

carnelydade (1): " perteençem aa louçaynha e a carnelydade" (f136r)

#### **[Carnalydade] – ver Carnallidade**

#### **Carne, sb, 41**

carne (40): " do m•do e da carne" (f6v)

carnes (1): " as carnes e as auguas" (f120r)

#### **Carnelydade – ver Carnallidade**

#### **Carnyça, sb, 1 "Carniça"**

carnyça (1): " Hoo uelha carnyça" (f113v)

#### **Caro, adj, 2**

caro (2): "que o tam caro *conprou*" (f33v)

#### **Çarrar - ver Çerrar**

#### **Carrego, sb, 1 "Encargo" Cf. Carregua**

carrego (1): " de filhar tall carrego" (f2v)

#### **Carregua, sb, 1 "Carga" Cf. Carrego**

carregua (1): " fea e tam fedorenta carregua" (f23v)

#### **[Carregar], v, 2 "Carregar"**

carreguados (1): " ssooes carreguados de fardees" (f140r)

carregarõ (1): " carregarõ da cruz" (f35r)

#### **Carydade – ver Caridade**

#### **Casa, sb, 8**

casa (7): " nos b•s de tua casa" (f107v)

casas (1): " tornarom mais a ssuas casas" (f88r)

#### **[Casado], adj, 4**

casada (2): "que he afiuzada ou casada" (f11r)

casados (2): "os *que* sam casados" (f77v)

#### **Casamento, sb, 4**

casamento (4): " molher *pera* ser casamento" (f16v)

#### **Caso, sb, 3**

caso (2): "E em tall caso h• deue prasmarm" (f9v)

casos (1): " em todos estes casos" (f6r)

#### **[Casar], v, 1**

casou (1): " fezea bautizar e casou com ella" (f83r)

#### **Castamente, adv, 1**

castamente (1): " *castamente* guardauã seus corpos" (f73v)

**Castello, sb, 94 "Castelo"**

castello (90) : " que se chama castello periigoso" (f1r)  
 castellos (2): " possamos edeficar castellos" (f19r)  
 castelo (2): " edefícios de seu castelo" (f47r)

**Castelo – ver Castello****Castidade, sb, 4**

castidade (4): "Pobreza. castidade. obidi•cia" (f11r)

**[Castiguar], v, 3**

castigua (1): " Ca o boo padre castigua" (f27v)  
 castiguary (1): " eu o castiguary e leixallo ey" (f34v)  
 castiguo (1): " Eu castiguo os que amo" (f28v)

**Castiguo, sb, 2 "Castigo"**

castiguo (2): " castiguo e deçiplina" (f66r)

**Casto, adj, 9**

casto (6): " se entende corpo casto" (f73v)  
 castos (3): " *teus* penssamentos castos" (f62r)

**Catiuidade, sb, 1 "Cativeiro; sujeição; escravidão; maldade" (Morais).**

catiuidade (1): " leuara a catiuidade do egipto" (f94r)

**Catiuo, sb, adj, 4 "Cativo; triste; infeliz, infausto; desgraçado"**

catiuo (2): " deste catiuo pecador" (f49v)  
 catiuos (1): " os catiuos do m•do" (f94r)  
 catyua (1): " abastaria aa minha catyua" (f119r)

**Caua, sb, 23 "Cava; fosso; vala"**

caua (14): " a caua dhumjlldade he fecta" (f22r)  
 cauas (9): " cauas altas e largas" (f19r)

**Caualaria, sb, 1 "Cavalaria"**

caualaria (1): " sobre a terra he caualaria" (f21v)

**Caualeiro – ver Caualleiro****[Caualgada], sb, 1 "Ataque; investida (a cavalo)"**

caualgadas (1): " fazem caualgadas *contra* a alma" (f63v)

**Caualleiro, sb, 10 "Cavaleiro"**

caualeiro (3): " seu leall e fiell caualeiro" (f144v)  
 caualleiro (3): " h• caualleiro a uyo" (f10r)  
 caualleiros (3): " os caualleiros de *deus*" (f52r)  
 cauallejros (1): " leua seus cauallejros" (f125v)

**[Cauallejro] – ver Caualleiro****Cauallo, sb, 10 "Cavalo"**

cauallo (9): " despois h• cauallo branco" (f73v)  
 caualllos (1): " fazem caualllos cegos" (f70r)

**Cauerna, sb, 1 "Caverna"**

cauerna (1): " Entom a sãta cauerna" (f35v)

**Causa, sb, 18**

causa (16): " da *Primeira* causa." (fVIIv)  
 causas (1): " E por estas tres causas" (f37r)  
 caussa (1): " da *quarta* caussa" (f121r)

**Causa – ver Causa****[Causar], v, 1**

causam (1): " se lhe causam demãdas" (f42r)

**Cayfas, Np, 1 "Caifás"**

cayfas (1): " leguado a cayfas e a pilatos" (f34v)

**Cayr, v, 48 "Cair"**

caae (8): " Per gula caae homem" (f8r)  
 caaem (3): " *estrellas* caaem do çeeo" (f77r)  
 cairõ (1): " que cairõ em terra" (f119v)  
 caya (3): " *que* nom caya em jnpaciência" (f66r)  
 cayam (1): " cayam no abisso" (f45v)  
 cayo (7): " cayo em tam gram pecado" (f142v)  
 cayr (14): " Ca peor he rrecayr que cayr" (f52v)  
 cayra (1): " e pecados em que cayra" (f40r)  
 cayrem (1): " cayrem em corporall neçessidade" (f113v)  
 cayrmos (1): " nom cayrmos em preguiça" (f48v)  
 cayrõ (4): " todollos anjos cayrõ" (f55v)  
 cayrom (3): " cayrom sem homrra" (f91v)  
 cayu (1): " cayu em h• tam grande espanto" (f34r)

**Çea, sb, 2 "Ceia"**

çea (2): " E des que ouujo no dia da çea" (f145v)

**Çedo, adv, 9 "Cedo"**

çedo (9): " o mais çedo que poder" (f46v)

**Çeeo, sb, 42 "Céu"**

çeeo (39): " *dauer* o rreino do çeeo" (f68v)  
 çeeos (3): " guaa<ç>arom o rreyno dos çeeos" (f68r)

**Çegidade, sb, 2 "Sujidade" Cf. Çugidade**

çegidade (2): " escolhe çegidade e leixa fremosura" (f1Vr)

**[Çego], adj, sb, 2 "Cego"**

çegos (1): " çegos no llodo desta ujda" (f135v)

**Çelestial, adj, 6 "Celestial"**

çelestial (2): " *prazer* n• *alegria* celestial" (f116r)  
 çelistrial (1): " caaem da çelistrial ujda" (f77r)  
 çellistreaes (1): " pode sentir os çellistreaes" (f121r)  
 çellistreaes (1): " nō pallauras çellistreaes" (f17v)  
 çellistrial (1): " da çellistrial *presença*" (f58v)  
 çellistrial (1): " Çellistrial *pallauras*" (f61v)

**Çelistrial - ver Çelestial****[Çellistrial] - ver Çelestial****[Çellistreaal] - ver Çelestial****Çellistrial - ver Çelestial****Çellistrial - ver Çelestial****Çem, num, 2 "Cem"**

çem (2): " por taaes Çem mjjll mundos." (f114v)

**Çento, sb, adj, 2 "Cento"**

çento (2): " h• dia de bem que çento de mall" (f107v)

**Çenturiom, sb, 1 "Centurião"**

çenturiom (1): " E o çenturiom que jsto uyo" (f36v)

**Çeoso, adj, 2 "Cioso"**

çeoso (2): " mais çeoso he de saluar a alma" (f130r)

**Çera, sb, 1 "Cera"**

çera (1): " a çera se derrete ante o fogo" (f25v)

**Çercar, v, 22 "Cercar; rodear; sitiar"**

çerca (1): " o diaabo que çerca a alma" (f48r)  
çercada (5): " de todas partes he çercada" (f46r)  
çercado (6): " he o castello çercado *e proueuado*" (f44v)

çercados (4): " que os tijnham çercados" (f48r)  
çercam (1): " *e* çercam o castello" (f21v)  
çercar (2): " çercar de fosas nem de muro" (f41v)  
çercarom (1): " de todas partes a çercarom" (f24v)  
çerquados (1): " tijnhã çerquados os Jebes" (f48r)  
çerque (1): " muro *que* çerque o castello" (f22v)

**Çerco, sb, 6**

çerco (6): " o çerco dos jmijgos he posto" (f45v)

**[Çerquar] - ver Çercar****Çerrar, v, 8 "Fechar; encerrar"**

çarra (2): "E çarra a porta" (f51r)  
çarrado (2): "nõ pode sseer çarrado" (f73r)  
çarrar (1): " çarrar todos os sentidos" (f50r)  
çarremos (1): " que *nos* çarremos todos em Nos" (f51r)  
çerrar (2): " çerrar todos *seus* sentidos" (f69r)

**Çertamente, adv, 3**

çertamente (3): " disse çertamente aquelles" (f83v)

**Çertidom - ver Çertid•e****Çertid•e, sb, 3 "Certeza"**

çertidom (1): " çertidom de nosso estado" (f52v)  
certid•e (2): " podemos auer certid•e" (f52r)

**Çerto, adv, 25 "Certo; certamente; em verdade" (Viterbo).**

çerta (2): " nõ çerta satisfaçom" (f124v)  
çertas (3): " Certas de fogo de jnferno" (f78r)  
çerto (16): " Nom he çerto quall tornara" (f24v)  
çertos (4): " sam bem çertos que pecarom" (f54r)

**Çesar, Np, 1 "César"**

çesar (1): " nom es amigo de çesar" (f35r)

**Çessar, v, 3 "Cessar; parar"**

çessa (1): " Por *que* çessa seu afam" (f110r)  
çessar (2): " nom deue alg • çessar damar" (f25r)

**Ch•o, adj, 1 "Chão; simples"**

ch•o (1): " Ch•o *e* de b•s desejos." (f69r)

**Chagua, sb, 5 "Chaga"**

chagua (2): " descobrir sua chagua" (f12r)  
chaguas (3): " E lauaaelhe ssuas chaguas" (f38v)

**Chama, sb, 2 "Chama; labareda"**

chama (2): " departira a chama do foguo" (f99v)

**Chamar, v, 43**

chama (10): " que se chama castello *peruigoso*" (f1r)  
chamada (3): " que he chamada oraçom" (f56v)  
chamado (11): " depois que foy chamado" (f145v)  
chamallas (1): "chamallas de desuairados lugares" (f149r)  
chamam (1): " chamam os fisicos amor" (f126r)  
chamamos (3): " chamamos contenplaçom" (f140r)  
chamandoa (1): " chamandoa doçemente" (f18r)  
chamar (5): " podem chamar fiuza sandia" (f110v)  
chamares (1): " pode bem chamar arroydo" (f132v)  
chamaua (2): " a que elle chamaua jnferno" (f91v)  
chamou (4): " chamou Job ao jnferno" (f89v)  
chamouho (1): " *e* chamouho. *e* elle tornou" (f10r)

**Chegar – ver Cheguar****Cheguar, v, 42 "Chegar"**

chegado (2): " tanto he mais chegado aa conhocença" (f63v)  
chegar (5): " pode chegar ao alto caminho" (f148v)  
chegou (1): " a hora da noa se chegou" (f36v)  
chegua (1): " a fim de seu trabalho se chegua" (f110r)  
cheguada (1): " ou de cousa hi chegua" (f135r)  
cheguado (4): " he por seer chegua" (f20v)  
cheguar (24): " homem chegar aa ujssom de *deus*" (f116r)  
cheguasselles (1): " *e* chegua" (f110r)  
cheguaua (1): " Quando sse chegua a ora" (f36r)  
cheguauom (1): " lhe chegua" (f35r)  
cheguem (1): " cheguem aas minhas orelhas" (f25v)

**Cheirar, v, 5**

cheira (1): " narizes com que homem cheira" (f43v)  
cheirar (4): " em ouuyr em cheirar *e sentyr*" (f64v)

**Cheiro, sb, 3**

cheiro (2): " tenpera o cheiro *e* o guosto" (f43v)  
cheiros (1): " os doçes cheiros terre terreaes" (f13v)

**Cheo, adj, 21 "Cheio"**

cheo (8): " boosco cheo de ladr•es" (f63r)  
cheos (5): " todos sam cheos damargura" (f31r)  
chea (8): " aa terra chea de treeuas" (f89v)

**Chorar, v, 30**

chora (1): " Por jsto o chora Jeremjas" (f135v)  
choraa (1): " choraas as mizquijndades" (f89r)  
choram (1): " que em ballde choram" (f97v)  
chorando (4): " chorando depois do juizo" (f101v)  
chorar (9): " E os faz amehude chorar" (f133v)  
chorarom (1): " beijaromsse *e* chorarom" (f133v)  
chore (5): " que eu chore h• pouco" (f88r)  
chores (1): " ho confortou Nom chores" (f73r)  
chorey (1): " chorey lagrimas" (f132v)  
choro (1): " se eu nom choro *meus* pecados" (f88r)  
chorou (5): " sam Joham chorou muyto" (f73r)

**Choro, sb, 6**

choro (1): " hi mais choro nem door" (f107v)

choros (5): " e choro e trabalhos e doores deste mundo" (f71v)

**[Choroso], adj, 1**

chorosos (1): " mais chorosos tormentos" (f99r)

**[Chouer], v, 2 "Chover"**

chouera (2): " chouera sobre os pecadores laços de fogo" (f96v)

**Christ•o, sb, adj, 7 "Cristão"**

christ•o (6): " h• christ•o e outro pagu•o" (f83r)

christ•os (1): " padre e madre christ•os." (f40r)

**Christo, np, 112 "Cristo"**

Christo (112): " Haa doce Jhesu christo" (f96r)

**Chuiua, sb, 1 "Chuva"**

chuiua (1): " a chuiua deseende sem conto" (f96v)

**Çicatriz, sb, 1 "Cicatriz"**

çicatriz (1): " ho çicatriz de tuas feridas" (f109r)

**Çidade, sb, 7 "Cidade"**

çidade (7): " he a çidade do parajso" (f19v)

**Çiençia, sb, 6 "Ciência; conhecimento"**

çiençia (6): " he çiençia de bem fallar" (f102r)

**Cijnza, sb, 1 "Cinza"**

çijnza (1): " que huu se auja por çijnza" (f54v)

**Cima, loc. adv, 11 "Em/de cima"**

çima (11): " como de çima he dito" (f104v)

**Çinquo, num, 20 "Cinco"**

çinquo (20): "as çinquo pallauras" (f67r)

**Çiphom, np, 1 "Cipião"**

çiphom (1): " çiphom com todas suas leix" (f102r)

**Çipriam, np, 3 "Cipriano"**

çipriam (3): " Jsto diz sam çipriam" (f100r)

**Çirconçysado, adj, 1 "Circuncidado"**

çirconçysado (1): " quando foy çirconçysado" (f33r)

**[Çirconstancia] – ver [Çircunstanças]**

**[Çircōstança] – ver [Çircunstanças]**

**[Çircunstança], sb, 4 "Circunstância"**

çircunstanças (1): " çircunstanças do pecado" (f1r)

çircōstanças (1): " çircōstanças que agrauō" (f12r)

çircunstanças (1): " circunstanças do pecado" (f3v)

cyrcunstanças (1): " e as cyrcunstanças" (f12r)

**[Clamar], v, 1**

clamas (1): " que clamas e braadas" (f133r)

**Clamor, sb, 2**

clamor (2): " Clamor e braados diz elle" (f96r)

**Claramente – ver Claramente**

**Claramente, adv, 12**

claramente (1): " Mes dezas claramente" (f78v)

claramente (10): "o nomeou claramente" (f145r)

claram•te (1): " claram•te se mostram" (f126v)

**Claram•te – ver Claramente**

**Clareza, sb, 2**

clareza (2): " cõ grande clareza ueer" (f78v)

**Claridade, sb, 7**

claridade (5): " jnferno auia algua claridade" (f98r)

craridade (2): " E o soll perdeo sua craridade" (f36v)

**Claro, adj, 7**

claro (4): " E assy claro como o soll" (f113v)

craro (2): " mais craro que as strellas" (f22r)

craros (1): " craros ante deus como o soll" (f112r)

**Claustra, sb, 2 "Claustro"**

claustra (2): " sair fora da claustra" (f10v)

**Clueldade, sb, 1 "Crueldade" Cf. [Cruenza]**

clueldade (1): " moujdos per clueldade" (f37v)

**Cluell – ver Cruell**

**Cluelmente – ver Cruelm•te**

**Cõ – ver Com**

**Cõbate – ver Conbate**

**Cobertura, sb, 3**

cobertura (1): " como uaso sem cobertura" (f66v)

cobertura (2): " abertamente sem cobertura" (f12r)

**Cobijça, sb, 5 "Cobiça"**

cobijça (2): " fogo da cobijça e da luxuria" (f50v)

cobijças (2): " entende cobijças carnaaes" (f39v)

cobjça (1): " purgua de toda cobjça" (f60r)

**Cobijçar, v, 15 "Cobiçar"**

cobijça (7): " quem cobijça algh•a cousa" (f7r)

cobijçã (1): " que deseiam e cobijçã" (f113r)

cobijçar (5): " como em cobijçar o alheo" (f7r)

cobijçou (1): " se cobijçou homem prazer" (f13r)

cobyçou (1): " cobyçou em seu oraçom" (f2v)

**Cobjça - ver Cobijça**

**Cobramento, sb, 1 "Recuperação"**

cobramento (1): " e cobramento e possissom della" (f60v)

**Cobrar, v, 5 "Cobrar; recuperar"**

cobra (2): " homem o deseia e o cobra" (f70v)

cobrado (1): " que aja cobrado o que deseio" (f52r)

cobrar (2): " pode cobrar na confissom" (f10v)

**Cobretura – ver Cobertura**

**Cobrir, v, 14**

coberta (1): " estaua coberta de seu mātã" (f136v)

cobre (2): " que ho cobre de toda parte" (f27v)

cobrio (1): " cobrio seus olhos dhuu pano" (f53v)

cobrir (2): " trapos nom se poderom cobrir" (f94r)

cobrirey (1): " cobrirey diz elle ho çicatriz" (f109r)

cuberta (1): " E cuberta descuidom" (f86r)

cubertas (1): " agora sam cubertas" (f70r)  
cuberto (2): " chamaua jnferno he cuberto  
descuridade" (f91v)  
cubertos (3): " entom seremos cubertos" (fVv)

**[Cobyçar] - ver Cobiçar**

**Cõçiença - ver Conçiença**

**Cõdiçom - ver Condiçom**

**Cõfesar - ver Confessar**

**[Cõfessor] - ver Confessor**

**Cõffessor - ver Confessor**

**Cõffisõ - ver Confissom**

**Cõfisam - ver Confissom**

**Cõfisom - ver Confissom**

**Cõfissõ - ver Confissom**

**[Cõformar] - ver Conformar**

**Cõforto - ver Conforto**

**Cõfusam – ver Confusom**

**[Colher], v, 1 "Colher; apanhar"**

colheo (1): " lenha que colheo ao sabado" (f50v)

**Collor, sb, 2 "Cor"**

collor (2): " nõ fica nem collor nem odor" (f13v)

**Çollorgiom, sb, 1 "Cirurgião"**

çollorgiom (1): " descobrir sua chagua ao  
çollorgiom" (f12r)

**Coluna, sb, 1**

coluna (1): " leguar a hua coluna" (f34v)

**Com, prep, 206**

cõ (24): "e cõ soberua e per desprezo" (f13r)

com (181): "com soberua e desonistidade" (f13r)

con (1): "con deligença nos nom guardamos" (f20v)

**Comarca, sb, 3**

comarca (2): " E fora de sua comarca" (f19v)

comarcas (1): " de desuayradas comarcas" (f81r)

**Combate – ver Conbate**

**Comçiença - ver Conçiença**

**Comdanaçom - ver Condanaçom**

**[Comdanado] – ver Condanado**

**Come – ver Como**

**Começamento, sb, 1 "Começo"**

começamento (1): " vistoso começamento" (f115v)

**Começar, v, 33**

começa (18): "começa a segunda parte" (f18v)

começada (1): " em esta ujda começada" (f143v)

começado (4): " cujo amor foy começado" (f150r)

começam (1): " hi ha que b • começam" (f81v)

começar (1): " começar grandes cousas" (f43v)

começasse (2): " começasse o terceiro" (f79r)

começemos (1): "ante *que* começemos" (f1v)

começas (1): " começas *per* humjlldade" (f147r)

começom (1): " começom ujda de *perfeçom*" (f54r)

começou (3): " Asinha começou sofrer" (f33r)

**Começauell, adj, 5 "Começável"**

começauell (3): " temor começauell" (f55r)

com • çauell (1): " Temor com • çauell" (f53v)

comenssauell (1): " E comenssauell" (f53r)

**Com • çauell - ver Começauell**

**Começo, sb, 8**

começo (8): " o começo do m • do" (f90v)

**Comenssauell - ver Começauell**

**[Comendar], v, 1 Cf. [Encomendar]**

**Comenda (séc. XIV) = Confiar; entregar"**

comendo (1): " comendo meu sprito" (f36v)

**Comer, v, 49**

coma (1): " que eu coma ou beua" (f26r)

come (7): " alg • come do frujto" (f112v)

com • (1): " os que os com •." (f60r)

comee (1): " E comee e beuee" (f141v)

comendo (1): " Jejuar • comendo" (f62r)

comemos (1): " Nos comemos Jhesu *christo*" (f60r)

com • na (1): " Mes com • na ante do tempo" (f117v)

comeo (1): " comeo de glossas viandas" (f121r)

comer (29): " nom deue uiuer por comer" (fIIIv)

comera (2): " e comera uossa carne" (f89v)

comeres (1): " *seras* grande se me comeres" (f39r)

comermehas (1): " e comermehas" (f59v)

comerõ (1): " comerõ E uos auerees fame" (f93v)

comestas (1): " *seram* comestas da traça" (f89r)

comjdo (1): " assy como o pam comjdo" (f59v)

**[Comfessor] - ver Confessor**

**Comffissom - ver Confissom**

**[Comfirmar] - ver [Confirmar]**

**Comfisom - ver Confissom**

**[Comfortar] - ver Confortar**

**[Comheçer] - ver Conheçer**

**Comheçimento - ver Conhecimento**

**Comigo, pr, 1**

comigo (1): " Vos serees comigo" (f112r)

**Como, conj, 583**

come (3): "arroido come de toruam" (f73v)

como (580): "assy claro como o ssol" (f113v)

**Companhia – ver Conpanhia**

## Comparaçõ – ver Comparaçom

### Comparar – ver Conparar

[Compassiuel], adj, 1 "Compassível; compassivo"  
compassiuees (1): "Som compassiuees" (f48v)

### Comprido - ver Conprido

### Comprir – ver Conprir

### Comsigo – ver Comsiguo

#### Comsiguo, pr, 15 "Consigo"

comsigo (2): "nom ha paz comsigo" (f16r)  
comsiguo (3): "outros a ssentyr comsiguo" (f142v)  
comssiguo (2): "traz senpre comssiguo" (f89v)  
conssigo (2): "homem deue a auer conssigo" (f15v)  
conssiguo (3): "e leuaram conssiguo" (f24v)  
conssygo (1): "Quarta conssygo meesmo" (f1v)  
cössigo (1): "sandeu nom leuar cössigo" (f89r)  
cössiguo (1): "sobir ao çeeo cössiguo" (f38v)

### [Comssolaçom] – ver Conssollaçom

### Comsollaçom – ver Conssollaçom

### Comsselho – ver Consselho

### Comssiguo – ver Comsiguo

### [Comssijrar] – ver Conssijrar

### [Comssijraçom] – ver Conssijraçom

### Comssolaçom – ver Conssollaçom

### [Comssollaçom] – ver Conssollaçom

### Comta – ver Conta

### Comtemplaçom – ver Contemplaçom

### Comtenplaçom – ver Contemplaçom

### Comtigo – ver Comtiguio

#### Comtiguio, pr, 4 "Contigo"

comtigo (1): "hiremos comtigo ao juizo" (f24v)  
comtiguio (2): "de ty e comtiguio sem fim" (f63v)  
contigo (1): "comparar contigo" (f52v)

### Comtrairo – ver Contrairo

### Comtriçom – ver Contriçom

#### Comuento, sb, 2 "Convento"

comuento (1): "sse llee dh • comuento" (f40r)  
conu • to (1): "por aquelle conu • to" (f40r)

#### Comuertido, adj, 2

comuertido (1): "perssiguidor comuertido" (f145r)  
comuertjdo (1): "pam do altar he comuertjdo" (f59v)

### Comuertjdo – ver Comuertido

### [Com•guar] – ver Comunguar

### [Comu•r] - ver [Conuijr]

#### Comunalmente, adv, 2 "Commumente; vulgarmente; geralmente" (Morais)

comunalmente (1): "segundo se diz comunalmente" (f115r)  
cumunalmente (1): "Nos ueemos cumunalmente" (f31v)

#### Comunguar, v, 6 "Comungar"

com • guam (1): "deutos *que* com • guam" (f60v)  
com • gu • (1): "co • • gu • ao mais pouco hua uez" (f11v)  
comunguar (3): "abastaria comunguar" (f61v)  
comungue (1): "em obidiençia comungue" (f11v)

### Comuosco – ver Cõuosco

#### Com•, sb, adj, 7 "Comum; pertencente a mais do que um; vulgar"

com • ha (1): "nõ çuja. n • com • ha" (f16v)  
com • (5): "E o com • prouerbio" (f130v)  
com • s (1): "as piteç • es dos com • s" (f51v)

### Con – ver Com

#### Conbate, sb, 21

cõbate (2): "uencido do primeiro cõbate" (f11r)  
combate (2): "defende em este combate" (f24r)  
conbate (11): "uenciço do primeiro conbate" (f26v)  
conbates (7): "outros conbates vençee" (f52v)

#### Conbater, v, 11

conbateo (1): "sse conbateo com a tentaçõ" (f12v)  
conbater (6): "conbater contra os outros" (f11r)  
conbatera (1): "se conbatera com seu padre" (f95r)  
conbaterom (1): "conbaterom contre elles" (f94v)  
conbatida (1): "assy çercada e conbatida" (f27r)  
conbatido (1): "de todas partes he conbatido" (f19r)

#### [Conçeber], v, 1

conçebia (1): "allegria como elle concebia" (f136v)

#### Conçeiçom, sb, 1 "Conceição; concepção"

conçeiçom (1): "semente em ssua conçeiçom" (f23r)

### Conçi•çia – ver Conçiençia

### Conçiençia – ver Conçiençia

#### Conçiençia, sb, 50 "Consciência"

cõçiençia (2): "sua cõçiençia aas uezes os morde" (f77v)  
cõçiençias (1): "fedorentas cõçiençias" (f72r)  
comçiençia (2): "a paz da comçiençia" (f77v)  
conçi • çia (2): "uossa carnall conçi • çia" (f89r)  
conçiençia (4): "da sua *propria* conçiençia" (f11r)  
conçiençia (27): "espelho da ssua conçiençia" (f11v)  
conçiençias (5): "penssamentos e conçiençias" (f63r)  
concy • çia (1): "liuro de sua concy • çia." (f70r)  
concyençia (1): "a concyençia feruendo" (f26v)

conçyençia (4): " do liuro da conçyençia" (f73r)  
conçyençias (1): " em nossas conçyençias" (f24r)

**Concordia, sb, 3 "Concórdia; paz"**

concordia (3): " amor e concordia" (f66r)

**Concy • çia - ver Conçiençia**

**Conçyençia - ver Conçiençia**

**Conçyençia – ver Conçiençia**

**Condanação - ver Condanação**

**Condanação, sb, 6 "Condenação"**

condanação (1): " escripta sua condanação" (f70r)

condanação (1): " hordenados a condanação" (f28v)

condanação (3): " sua condanação o filha" (f39v)

condanação (1): " he a condanação dos maaos" (f71r)

**Condandar, v, 5 "Condendar"**

condanadas (1): " mulheres condanadas" (f2v)

condanado (1): " ho pecador condanado" (f102r)

condanar (2): " nom julgar nem condanar" (f15v)

condanes (1): " me nom condanes" (f28v)

**Condano, sb, 7 "Condano"**

condanos (1): " fallecidos os condanos" (f92r)

condanos (6): " torm • tos dos condanos" (f97r)

**Condano – ver Condano**

**[Conde], sb, 1**

condes (1): " rreis e os duques e condes" (f135v)

**Condição - ver Condição**

**Condição, sb, 14 "Condição"**

côdição (2): " he a quarta côdição" (f13v)

condiço (1): " he a segunda condiço" (f10v)

condiço (7): " he a segunda condiço" (f12r)

condiç • es (4): " muytas condiç • es" (f19r)

**Confesar - ver Confessar**

**Confesor - ver Confessor**

**Confessar, v, 53**

côfesar (1): " saimente se quer côfesar" (f2v)

côfessado (1): " nom foy côfessado" (f2v)

confesadas (1): " se foram bem confesadas" (f3v)

confesalos (2): " confesalos homildosamente" (f78r)

confesar (6): " a quem sse deue a confesar" (f2r)

confessa (3): " daquele que se confessa" (f12r)

confessado (3): " nom esta bem confessado" (f14r)

confessando (1): " filha em se confessando" (f3v)

confessar (30): " deuesse homem a confessar" (f9v)

confessara (1): " ella nom se confessara" (f64v)

confessaria (1): " embalde se confessaria" (f14v)

confessaua (1): " tres cousas se confessaua" (f14r)

confesse (1): " modo como se confesse" (f1Vv)

confessou (1): " sse confessou mais" (f10v)

**Confessor, sb, 15**

confessores (1): " lliuro dos confessores" (f125v)

côfessores (1): " austynçia dos côfessores" (f67v)

côffessor (1): " a uosso côffessor" (f78v)

confesor (1): " buscar confesor discreto" (f1r)

confesores (1): " aos confesores meemos" (f1r)

confessor (9): " ante deus e seu confessor" (f13v)

confessores (1): " que confessores dam" (f1r)

**Confissam – ver Confissom**

**Confissom – ver Confissom**

**Confirmação, sb, 1 "Confirmação"**

confirmação (1): " e confirmação de uertudes" (f59v)

**[Confirmar], v, 6**

confirma (1): " pam de uida confirma" (f59v)

confirmada (1): " que foy confirmada" (f142r)

confirma (2): " do sacramento confirma" (f59v)

confirmaa (1): " E confirmaa em todo bem" (f39r)

confirmados (1): " corpos seram confirmados" (f112v)

**Confisô – ver Confissom**

**Confissom – ver Confissom**

**Confissam – ver Confissom**

**Confissom sb, 43 "Confissão"**

comffissom (1): " contriço e comffissom" (f55v)

comfissom (1): " a comfissom aproueite aa ssaude" (f2r)

côffisô (1): " per contriço e côffisô" (f47r)

côfisam (1): " seus erros em côfisam" (f73v)

côfisom (1): " verdadeira côfisom" (f94r)

côfissô (1): " v • r aa côfissô" (f14v)

comffissam (1): " pecados em comffissam" (f78v)

comffissom (2): " conhecer per comffissom" (f147v)

confisô (1): " emmenda per confisô" (f39r)

confissom (9): " honde fallamos da confissom" (f44r)

confissam (2): " seus pecados em confissam" (f75r)

confissom (20): " contriço e confissom" (f124r)

confiss • es (2): " liuro de suas confiss • es" (f132v)

**[Confondir], v, 5 "Confundir"**

confondansse (1): " confondansse em ssi meemos" (f103r)

confondudos (1): " que sejam confondudos" (f90r)

confunduda (1): " sera confunduda a mesnada" (f90v)

confundudo (1): " assy como he confundudo" (f90r)

confundudos (1): " Confundudos sejam todos" (f52v)

**Conformar, v, 2**

côformados (1): " Elles seram assy côformados" (f111r)

conformar (1): " conformar sua voontade com a de deus" (f31r)

**Conforme, adj, 2**

conforme (1): " a esto conforme" (fVr)

conformes (1): " amigos a esto conformes" (f82r)

**Confortar, v, 8**

comforta (1): " alg • pouco se comforta" (f90r)

conforta (4): " e conforta o coração" (f59v)

confortar (1): "de confortar nem desesperar" (f145r)  
confortauom (1): "tall medo confortauom" (f53v)  
confortou (1): " ueho que ho confortou" (f73r)

#### **Conforto, sb, 4**

cõforto (1): " duçura e cõforto e paz" (f31v)  
conforto (1): " deseiam mujto conforto" (f79r)  
confortos (2): " acha mujtos confortos" (f87r)

#### **Confraria, sb, 1**

confraria (1): " na confraria do santo espritu" (f60r)

#### **[Confundir] – ver [Confondir]**

#### **Confusam – ver Confusom**

#### **Confusom, sb, 17 "Confusão"**

confusam (8): " sam dinos de confusam" (f82r)  
confusom (8): " sera confusom de fame" (f96v)

#### **Conheçença, sb, 6 "Conhecimento"**

##### **Cf. Conhecimento**

conheçença (4): " conheçença de nossa propria vida" (f69v)  
conhocença (2): " chegado aa conhocença do seu criador" (f63v)

#### **Conheçer, v, 72 "Conhecer; reconhecer; admitir; confessar; arrepender-se"**

começeo (1): " elle se começeo doçemente" (f144v)  
conheça (4): " conheça claramente o coraçõ" (f12r)  
conheçamos (1): " tentaçom que nom conheçamos" (f55r)  
conheçe (18): " tanto uee e conhece melhor" (f125r)  
conheçello (1): " conheçello em grande humilldade" (f31v)  
conheçem (2): " pessoas que os conheçem" (f135r)  
conheçemos (1): " nõ conheçemos estas alegrias" (f116r)  
conheçeo (1): " amigo que ho conheçeo" (f83v)  
conheçeos (1): " conheçeos humjlldosamente" (f78v)  
conhecer (2): " per sse conhecer e homildar" (f144v)  
conheçer (21): " saibha bem conheçer o pecado" (f1r)  
conheçermos (3): " conheçermos nossa fraqueza" (f48v)  
conheçerõ (1): " que conhecerõ seu erro" (f144r)  
conheçerom (1): " Nem conheçerom mais" (f88v)  
conheçersse (1): " conheçersse per confissom" (f146r)  
conheçes (1): " conheçes os coraç•es" (f12v)  
conheçesse (1): "os homem bem conhecesse" (f85r)  
conheçesses (2): " que conheçesses a largueza" (f63v)  
conheçia (1): " assy conheçia sseer pequeno" (f23r)  
conheçida (2): " da molher he conhecida" (f13r)  
conheçido (4): " honde nom he conhecido" (f40v)  
conheço (1): " alg•as que eu bem conheço" (f64v)  
conhoçida (2): " pessoa deue seer conhoçida" (f32r)

#### **Conhecimento, sb, 7 Cf. Conheçença**

conhecimento (1): " homilldoso conhecimento" (f147r)  
conhecimento (1): " v•r a conhecimento de meu

criador" (f149r)  
conheçimento (1): " conhecimento de deus" (f48v)  
conhocimento (1): " conhocimento de sy meesmo" (fVr)  
conhoçimento (1): " a conhoçimento de sy meesmo." (f72v)  
conhocim•to (1): " em moor conhocim•to" (fIVv)  
conhoçim•to (1): " vier em moor conhoçim•to" (f63v)

#### **Conheçimento - ver Conhecimento**

#### **Conhocença – ver Conheçença**

#### **[Conhoçer] – ver Conheçer**

#### **Conhocimento – ver Conhecimento**

#### **Conhoçimento – ver Conhecimento**

#### **Conhocim•to – ver Conhecimento**

#### **Conhoçim•to – ver Conhecimento**

#### **[Conjurar], v, 2**

conjuo (2): " deus uos rrogo e conjuro" (f25r)

#### **Cõnosco, pr, 2 "Connosco"**

cõnosco (2): " Ora seja deus cõnosco" (f19r)

#### **Conpãhia – ver Companhia**

#### **Conpaixõ – ver Conpaixom**

#### **Conpaixom, sb, 17**

conpaixõ (2): " fosse moujdo a conpaixõ" (f37v)  
conpaixom (15): " amor e deuota conpaixom" (f37v)

#### **[Conpanha] - ver Companhia**

#### **Conpanheiro, sb, 9**

conpanheiro (6): " em jrm•o e conpanheiro" (f32v)  
conpanheiros (2): " proximos e a sseus conpanheiros" (f15v)  
cõpanheiro (1): " Em cõpanheiro Em preço" (f32v)

#### **Companhia, sb, 14**

companhia (1): " companhia uergonhosa" (f46v)  
compãhia (3): " conforto de boa compãhia" (f79r)  
compãhias (1): " e em m•s compãhias" (f6v)  
companhas (1): " ajude em suas companhas" (f9v)  
companhia (7): " santa companhia e de paz" (f60v)  
cõpanhia (1): " a seguir a cõpanhia" (f76r)

#### **Conparaçõ – ver Conparaçom**

#### **Conparaçom, sb, 9**

comparaçõ (2): " comparaçõ do purgatorio ao jnferno" (f85v)  
comparaçõ (1): " este mundo sem comparaçõ" (f87v)  
conparaçom (6): " auera conparaçom da pena" (98v)

#### **Comparar, v, 14**

comparar (1): " que se nom pode comparar" (91v)  
conparada (4): " conparada ao enbeuedado" (f139v)



comparadas (1): "comparadas ao corço" (f134v)  
 comparado (1): "pode seer comparado atal" (f32r)  
 comparar (3): "comparar aos sete Enbargos" (f78r)  
 comparara (1): "comparara todo o que fez" (f98v)  
 comparardes (1): "uos comparardes aos outros" (f66v)  
 compare (1): "nom se compare alg•" (f102v)  
 cōparado (1): "he cōparado aa naao sem gouernalho" (fIVv)

#### **Compenssaçom, sb, 1 "Compensação"**

compenssaçom (1): "compenssaçom cotidiana" (f68v)

#### **Conplender - ver Comprender**

#### **Completa, sb, 4 "Completas"**

completa (3): "deue cada dia depois da completa" (f47r)  
 conpreta (1): "cada dia depois de conpreta" (f46r)

#### **[Conplir], v, 3 "Cumprir; executar"**

conplio (1): "conplio rrazom as palauras da alma namurada" (f128r)  
 conplios (1): "eu amey os teus mandamentos. scilicet. conplios com amor" (f146v)  
 conplira (1): "deus conplira o teu desejo" (f118v)

#### **Conprar, v, 10**

conprada (1): "o preço de que foy conprada" (f33v)  
 conprado (1): "preço pode seer conprado" (f102r)  
 conprar (2): "por conprar tua aalma" (f33v)  
 conprarom (1): "elles nom ho conprarom" (f114v)  
 conprem (1): "por que lho conprem melhor" (f118v)  
 conprou (4): "nos conprou das penas do jnferno" (f33v)

#### **[Conpreijssom] - ver Compreissom**

#### **Conpreissom, sb, 2 "Compleição"**

conpreijss•es (1): "segundo as conpreijss•es" (f24r)  
 conpreissom (1): "de pequena conpreissom" (f7r)

#### **Comprender, v, 6 "Compreender"**

conplender (1): "a podera conplender" (f111r)  
 conpreendida (1): "creatura nom pode seer conpreendida." (f108v)  
 compreender (3): "a não posso compreender" (f108v)  
 compreendera (1): "compreendera a humanall natureza" (f108v)

#### **Conpreta - ver Completa**

#### **Conpridam•te, adv, 1 "Completamente; extensamente"**

conpridam•te (1): "no primeiro liuro mais conpridam•te he contheudo" (f68r)

#### **Conprido, adj, 12 "Comprido; completo"**

comprida (2): "lhe fez comprida festa" (f40v)  
 compridos (1): "compridos do espiritu santo" (f129r)  
 conprida (1): "per conprida deliberaçom" (f7r)  
 conprido (5): "he conprido de perijgos" (f19v)  
 conpridos (2): "e conpridos desforço" (f22r)

cōprida (1): "em tua cōprida gloria" (f119v)

#### **Conpridoiro, adj, 1 "Conveniente"**

conpridoiro (1): "Por jsto he conpridoiro" (f12v)

#### **Conprir, v, 27 "Cumprir"**

comprida (1): "he comprida a pallaura do sage" (f140v)  
 comprido (1): "em ella he comprido" (f140v)  
 comprir (1): "e comprir o que n•h•a afeição" (f127r)  
 comprira (1): "elle comprira teu deseio" (f140v)  
 compre (8): "Compre esguardar e aprender" (f1v)  
 conprem (2): "conprem o que he escripto" (f78r)  
 conpria (1): "fez menos do que conpria" (f14r)  
 conprida (1): "teem a lley conprida" (f30r)  
 conprido (1): "deseiares logo sera conprido" (f115r)  
 conpridos (1): "uossos deseios seram conpridos" (f107v)  
 conprio (1): "que se conprio a profecia" (f35v)  
 conprir (5): "em conprir as tuas pallauras" (f146v)  
 conprirees (1): "conprirees o que diz jsayas" (f79v)  
 conprissee (1): "conprissee aarom as palauras de moyses" (f127r)  
 conprydos (1): "seram perfeitamente conprydos" (f107v)

#### **Conp•gimento, sb, 1 "Compugimento"**

##### **Cf. Conpunçom**

conp•gimento (1): "jemjdos de conp•gimento" (f50r)

#### **Conpunçom, sb, 1 "Compunção"**

##### **Cf. Conp•gimento**

conpunçom (1): "do vinho da conpunçom" (f119r)

#### **[Conrronper], v, 4 "Corromper"**

conrronpem (1): "conrronpem boos costumes" (f17v)  
 conrronpida (1): "carne era conrronpida" (f9v)  
 conrrôpidos (1): "nom poderô sseer conrrôpidos" (f112v)  
 corronpa (1): "o aar nom se corronpa" (f23v)

#### **[Conrrôper] - ver [Conrronper]**

#### **[Conrruto] - ver Corruito**

#### **Consegir, v, 4 "Conseguir"**

consegir (1): "não poderã conseguir prazer" (fVIIr)  
 conseguem (2): "do dapno que conseguem" (f61r)  
 cōseguir (1): "não poderã cōseguir prazer" (f116r)

#### **[Conseguir] - ver Consegir**

#### **Conselho - ver Conselho**

#### **Consentyr, v, 8 "Consentir"**

consente (2): "ela não consente falar" (f134v)  
 consentyr (2): "quer obedecer e consentyr" (f22r)  
 consente (3): "quando homem consente" (f8v)  
 consintyr (1): "consintyr o pecado mortall" (f39r)

#### **Consideraçõ, sb, 3 "Consideração"**

##### **Cf. Conssijraçom**

consideraçõ (1): "a consideraçõ de seu pecado"

(fVIIIv)  
consideraç•es (2): " consideraç•es dignas de notar"  
(fIIr)

**Consijraçom – ver Conssijraçom**

**Consijrar – ver Conssijrar**

**Consolaçõ – ver Conssollaçom**

**Consolaçom – ver Conssollaçom**

**Consselhar, v, 4 “Aconselhar”**

conselha (1): " Jsto conselha sallamom" (f81r)  
conselhar (2): " sse conselhar a h• uelho" (f85v)  
conselho (1): " bem conselho *e* amoesto" (f61r)

**Conselho, sb, 14 "Conselho"**

conselho (7): "o conselho dazechiell" (f70r)  
conselho (4): " tam proueitoso conselho" (f12r)  
comselho (2): " o comselho de Job" (f92v)  
comselhos (1): " apartados comselhos" (f84r)

**[Consentyr] – ver Consentyr**

**[Conseruar], v, 1 "Conservar"**

conseruado (1): " seu corpo he consseruado"  
(f112v)

**Conssigo – ver Comsiguo**

**Conssiguo – ver Comsiguo**

**Conssijraçom, sb, 20 "Consideração"**

**Cf. Consideraçõ**

comssijraçom (1): " comssijra<ç>om das penas"  
(f103r)  
consijraçom (2): " a consijraçom da alegria"  
(f105v)  
consijraç•es (1): " quatro consijraç•es" (f26v)  
conssijraçom (7): " conssijraçom dos pecados"  
(f71r)  
conssijraç•es (4): "conssijraç•es das penas"  
(f104v)  
cõssijraçõ (1): " da cõssijraçõ de nossa fim" (f124v)  
cõssijraçom (2): " cõssijraçom das tribullaç•es"  
(f70v)  
cõssyraçom (1): " cõssyraçom do dia do juizo"  
(f26r)  
cõsijraçõ (1): " E da cõsijraçõ do espantoso" (f124r)

**Cõssijraçõ – ver Conssijraçom**

**Cõssijraçom – ver Conssijraçom**

**Cõssyraçom – ver Conssijraçom**

**Conssijrar, v, 17 "Considerar"**

consijrar (1): " deue consijrar em seu falar" (fIVv)  
comssijra (1): " comssijra *e* esguarda" (f134v)  
conssijra (1): " conssijra *e* esguarda o ssyso" (f54v)  
conssijrãdo (1): " conssijrãdo a grandeza de deus"  
(f54v)  
conssijramos (1): " conssijramos quantos" (f115r)  
conssijrar (11): " esguardar *e* conssijrar" (f130r)  
cõssijrar (1): " cousas que deue cõssijrar" (f79r)

**Consintimento, sb, 8 "Consentimento"**

consintimento (6): " lhe deu de consintimento"  
(f13r)  
consintimentos (2): " em maaos consintimentos"  
(f12v)

**Consintyr – ver Consentyr**

**Conssolaçõ – ver Conssollaçom**

**Conssollaçom – ver Conssollaçom**

**Conssollaçõ – ver Conssollaçom**

**Conssollaçom, sb, 29 "Consolação"**

comsolaç•es (1): " crya com deuinas comsolaç•es"  
(f14r)  
comsollaçom (1): " podia rreçeber comsollaçom"  
(f131v)  
comsollaç•es (1): " comsollaç•es que *deus* enuya"  
(f55r)  
comssollaçom (2): " podia rreçeber comsollaçom"  
(f131v)  
comssollaç•es (1): " Comssollaç•es que *nos* enuja"  
(f118v)  
consolaçõ (1): " terceira vianda *e* consolaçõ"  
(f111r)  
consolaçom (3): " consolaçom *que deus* da" (f121v)  
consolaç•es (2): " *e* lhes da consolaç•es" (f12r)  
conssolaçõ (2): " deujnall conssolaçõ" (f121r)  
conssolaçom (1): " he a deujnall conssolaçom"  
(f60v)  
conssollaçõ (1): " he a deujnall conssolla<ç>õ"  
(f31r)  
conssollaçom (8): " Door sem conssollaçom" (f97r)  
conssollaç•es (3): " de suas conssollaç•es" (f118r)  
cõssollaçom (1): " achara cõssollaçom *e* duçura"  
(f31v)  
cõssollaç•es (1): " de doces cõssollaç•es" (f47v)

**Conssygo – ver Comsiguo**

**Conta, sb, 12**

comta (1): " faz comta damor damigos" (f141r)  
conta (11): " *deus* nom faz conta" (f6r)

**Contar, v, 9**

contado (1): " amehude segundo he contado" (f14r)  
contam (1): " contam muj *pequenos*" (f74v)  
contar (2): " desy deue contar os nenbros" (f12v)  
contarey (1): " E contarey por Nada" (f62r)  
contarõ (1): " mall se contarõ os pecados" (f41v)  
contarom (2): " contarom fabullas *e* uaydades"  
(f136r)  
contõ (1): " diaabo que nom contõ trabalho" (f40v)

**Contemplaçõ – ver Contenplaçom**

**[Contenença] – ver Cõtyn•çia**

**Contenplaçõ – ver Contenplaçom**

**Contenplaçom, sb, 29 "Contemplanção"**

comtenplaçom (1): " a comtenplaçom estreita he"  
(f139r)  
comtenplaçom (2): " comtenplaçom em esta ujda"  
(f143v)

contemplaçõ (1): " homem uem aa contemplaçõ" (fVIIIv)  
 contenplaçõ (2): " dul<ç>uras da contenplaçõ" (fVIIIv)  
 contenplaçom (15): "contenplaçom da humanjdade" (f110r)  
 contenplaç•es (2): " pensamentos e contenplaç•es" (f11r)  
 contenpllaç•es (1): " deuotas contenpllaç•es" (f38v)  
 cont•plaçõ (1): " caminho da cont•plaçõ" (f148v)  
 cont•plaçom (2): " vem aa cont•pla<ç>om" (f138v)  
 cõtenplaçom (2): " alto caminho da cõtenplaçom" (fVIIIv)

#### **Contenplar, v, 4**

contenplar (3): " contenplar as cousas do çeeo" (f143r)  
 cont•plar (1): " cont•plar a deu•dade" (f110r)

#### **Contenplatiuo, adj, sb, 7 "Contemplativo"**

contenplatiuo (5): "E ao contenplatiuo assaz" (f148v)  
 cont•platiuo (1): " caminho que he cont•platiuo" (f125v)  
 contenpratiuo (1): " caminho contenpratiuo" (f148v)

[Contenpllaçom] – ver Contenplaçom

Contenpratiuo – ver Contenplatiuo

#### **[Contentar], v, 2**

contente (1): " se contente deçer e morar em elle" (f56v)  
 cont•te (1): " se cont•te e aja prazer de morar" (f1r)

Cont•plaçõ – ver Contenplaçom

Cont•plaçom – ver Contenplaçom

Cont•plar – ver Contenplar

Cont•platiuo– cer Contenplatiuo

[Cont•tar]– ver [Contentar]

#### **[Contheer], v, 2 "Conter; incluir"**

contheudo (1): " conpridam•te he contheudo" (f68r)  
 contheudos (1): " que som contheudos no credo" (f20r)

Conthinoaçõ – ver Continoaçõ

Conthinuaçom – ver Continoaçõ

#### **[Conthinuado], adj, 3 "Seguido; contínuo"**

conthinuada (2): " conthinuada confissom" (f38r)  
 conthinuados (1): " conthinuados conbates" (f21v)

#### **Conthinuadamente, adv, 1 "Ininterruptamente"**

conthinuadamente (1): " rroguar a deus conthinuadamente" (f16r)

#### **[Conthinar], v, 1 "Continuar"**

conthinuando (1): " conthinuando em taaes doores" (f104v)

#### **Conthurar, v, 2 "Conturbar"**

conthurar (1): " deus nom quer conthurar" (f131r)  
 contoruara (1): " em sua sanha os contoruara" (f94v)

Contigo – ver Contiguo

#### **Continoaçõ, sb, 3 "Continuação"**

conthinoaçõ (1): " e deuota conthinoaçõ" (f141v)  
 conthinuaçom (1): " em conthinuaçom damor" (f82r)  
 continoaçõ (1): "continoaçõ de boas obras" (f138v)

#### **Conto, sb, 3 "Conta"**

conto (3): " deseende sem conto" (f96v)

[Contoruar] – ver Conthurar

#### **Contra, prep, 81**

contra (78): " enueja contra deus E contra seus santos" (f99v)  
 contre (1): " se conbaterom contre elles" (f94v)  
 cõtra (2): " teer cõtra os jmijos" (f44v)

#### **Contradizimento, sb, 1 "Contradição"**

contradizimento (1): " uaaom sem contradizimento" (f45r)

#### **Contraíro, adj, sb, 19 "Contrário; oposto; inimigo"**

contraíro (1): " cousa de seu contraíro" (f106v)  
 contraira (1): " natureza contraira do fryo" (f95v)  
 contraíro (15): " que faz pollo contraíro" (f72v)  
 contraíros (2): " espritu e a carne que som contraíros" (f24r)

Contre – ver Contra

[Contreelle] - ver Elle

Contriçõ – ver Contriçom

#### **Contriçom, sb, 17 "Contrição"**

comtriçom (1): " conpaixom e comtriçom" (f37r)  
 contriçõ (1): " lagrimas de contriçõ" (f37r)  
 contriçom (12): "lagrimas de contriçom" (f44v)  
 cõtriçom (3): " que som cõtriçom" (f138v)

#### **Contrito, adj, 1 "Contrito; arrependido"**

contrito (1): " que seia contrito e confessado" (f58r)

#### **[Conuijr], v, 41 "Convir; ser necessário" "Sucedor; ocorrer; resultar"**

No entanto, no fólho 48v, o verbo não poderá ser entendido no sentido de "Ser útil, proveitoso, conveniente", mas no seu sentido etimológico de "cum + venire" = vir com , ajuntar-se; vir juntamente".

comu•ra (1): " lhe comu•ra perder ho olho dereito" (f48v)

conu• (3): " o que faz conu• que caya." (f64r)

conuem (23): " mais lhe conuem pagar" (f86v)

conuenha (2): " *que a este conuenha sobir*" (f140r)  
 conuenhe (1): " *conuenhe que se esperte*" (f124r)  
 conueo (1): " *conueo seer trazido de noite*" (f33r)  
 conuijrlha (1): " *conuijrlha sofrer amargrossa ujnğuâça*" (f88r)  
 cõuem (7): " *trabalhar cõuem a todollos filhos*" (f110r)  
 cõueo (1): " *Nom cõueo disse elle*" (f147r)  
 cõuijrya (1): " *que lhe cõuijrya desfalleçer*" (f131r)

#### [Conuersar], v, 1

conuersou (1): " *conpanhia com que conuersou*" (f4r)

#### Conuerssaçom, sb, 6 "Conversaço"

conuerssaçom (5): " *e em sua conuerssaçom*" (f33r)  
 cõuersaçom (1): " *a cõuersaçom do coraçõ*" (f19v)

#### [Conuerter], v, 5

conuerte (5): " *se conuerte na carne*" (f59v)

#### Conu•to – ver Comuento

#### [Conuidar], v, 2

conujda (1): " *conujda aquelle que o beuer*" (f119r)  
 conujdou (1): " *conujdou daujd seu padre*" (f131r)

#### Conu•hauell, adj, 1 "Convinhável; conveniente"

conu•hauell (1): " *Nom he conu•hauell cousa*" (f82r)

#### Conujte, sb, 1 "Convite"

conujte (1): " *. no paraíso h• grosso conujte*" (f107r)

#### Copa, sb, 1 "Copo"

copa (1): " *a copa douro*" (f27v)

#### Cõpanheiro – ver Conpanheiro

#### Cõpanhia – ver Conpanhia

#### [Cõparar] – ver Conparar

#### Copeiro, sb, 2

copeiro (2): " *o çaqueteiro e o copeiro*" (f110v)

#### [Cõprir] – ver Conprir

#### Cõprimeto, sb, 1 "Comprimento"

cõprimeto (1): " *e cõprimeto e soma de meus ujços*" (f128r)

#### Coraçõ – ver Coraçom

#### Coraçom, sb, 271 "Coração"

coraçõ (106): " *amam de todo seu coraçõ*" (f123v)  
 coraçom (138): " *sam de nobre coraçom*" (f125v)  
 coraç•es (24): " *odios em seus coraç•es*" (f5v)  
 coraçooes (1): " *que deus tira dos coraçooes*" (f20r)  
 curaçõ (1): " *seu curaçõ huu sepulcro*" (f11v)  
 curaçom (1): " *seu curaçom h• sepulcro*" (f38r)

#### Corço, sb, 1

corço (1): " *ao corço que asinha corre*" (f134v)

#### Corda, sb, 1

corda (1): " *homem tira pella corda*" (f28r)

#### Cordeiro, sb, 5

cordeiro (5): " *hoo cordeiro sem tacha*" (f34v)

#### Corintia - ver [Coryntio]

#### Corisco, sb, 1

corisco (1): " *ao corisco e ao toruom*" (f41v)

#### Coroa, sb, 6

coroa (6): " *a coroa da glloria*" (f29r)

#### Coroar, v, 6

coroad (2): " *que seia coroad no paraíso*" (f134r)  
 coroad (1): " *christo foy coroad na paixõ*" (f43r)  
 coroar (1): " *pera o coroar em glloria*" (f32r)  
 coroa (1): " *a coroa altamente*" (f18v)  
 coroarõno (1): " *coroarõno despinhos*" (f35r)

#### [Coroad], sb, 1

coroados (1): " *nõ sera dos coroados*" (f63r)

#### Corpo, sb, 87

corpo (75): " *seu corpo deçido da cruz*" (f38r)  
 corpos (12): " *dos corpos e almas*" (f90v)

#### Corporall, adj, 11

corporaes (1): " *graças esprituaaes e corporaaes*" (f5r)  
 corporall (10): " *de ssua miseria corporall*" (f26v)

#### Corporallmente, adv, 2

corporallmente (2): " *Nom sso corporallmente*" (f56v)

#### [Correa], sb, 1 "Correia"

correas (1): " *com correas atadas*" (f34v)

#### Correger, v, 12 "Corrigir" "Adornar"

**Do lat. *cum + regere* = "tornar recto, direito; emendar; consertar; corrigir".**

correge (2): " *bem correge e trabalha*" (f4v)  
 corregees (1): " *uos doutra guisa corregees*" (f104r)  
 corregeo (1): " *homem p•sar se corregeo*" (f13r)  
 correger (5): " *logo se deue correger*" (f47r)  
 corregesse (1): " *corregesse o melhor que pode*" (f11r)  
 corregida (2): " *tam fremosa nem tam bem corregida*" (f23r)

#### [Corregimento], sb, 2 "Conserto; preparo" "Arreios; adornos".

corregimentos (2): " *e repreenss•es e corregimentos*" (f43r)  
 " *nõ podem abastar de rroupas e de corregimentos*" (f104r)

#### Correr, v, 12

corre (3): " *que corre por seis dias*" (f110v)  
 corr• (1): " *corr• ao logar homde cujdã*" (f129v)  
 correndo (1): " *jsto nõ correndo*" (f10v)  
 correr (7): " *deue correr aa fonte*" (f11v)

#### [Correyç•o], sb, 1 "Correcção"

**Cf. [Corregimento]**

correyç•es (1): " e correyç•es dos prouxtimos" (f67r)

[Corronper] – ver [Conrronper]

**Corr•çom – ver Corruçom**

**Corruçom, sb, 4 “Corrupção”**

corr•çom (1): " rressurgira sem corr•çom" (f112v)  
corruçom (3): " a corruçom e ha uaydade" (f109v)

**Corruto, adj, sb, 12 “Corrupto”**

conrruta (1): " a carne h•a uez conrruta" (f18r)  
conrrutas (1): " as uirgees tornam conrrutas" (f18r)  
corruta (4): " a corruta torna virgem" (Iv)  
corruto (3): " coração corruto *per* pecado" (fVIIr)  
curruta (1): " a curruta torna uirgem" (f18r)  
currutas (1): " as currutas ham as uozes grosas" (f17v)  
curruto (1): " • coração curruto *per* pecado" (f117r)

**[Cortar], v, 4**

corta (3): " me queyma e me corta" (f28v)  
cortarõ (1): " que lhe cortarõ a cabeça" (f145r)

**Corte, sb, 2**

corte (2): " de toda a corte do paraíso" (f25v)  
cortes (1): "cortes. ou mais rricos" (f5r)

**Cortes, ad, 4 “Cortês”**

cortes (4): " outros amauyoso e cortes" (f74v)

**Cortesia, sb, 7**

cortesia (5): "teer em gram cortesia" (f15r)  
cortessya (1): " rrecompensar tall cortessya" (f32v)  
cortesia (1): " sua graça e cortesia" (f127v)

**Cortessya – ver Cortesia**

**Cortesia – ver Cortesia**

**[Coryntio], adj, 2 “Coríntio”**

corintia (1): " hepiatolla aos coríntia" (f149v)  
coryntios (1): " de sam paullo ad coryntios" (f87v)

**Cõseguir – ver Conseguir**

**Cõsideraçom, sb, 1 Cf. Conssijraçom**

cõsideraçom (1): " a cõsideraçom de seu pecado" (f145v)

**Cõsijraçõ – ver Conssijraçom**

**Cõssigo – ver Comsiguo**

**Cõssiguo – ver Comsiguo**

**Cõssijraçõ – ver Conssijraçom**

**Cõssijraçom – ver Conssijraçom**

**Cõssijrar – ver Conssijrar**

**Cõssollaçom – ver Conssollaçom**

**Cõssumaçom, sb, 1 "Consumaçom"**

cõssumaçom (1): " mingua em sua cõssumaçom" (f20v)

**Cõssyraçom – ver Conssijraçom**

**Costado, sb, 3 "Costas"**

costado (2): " pees e m•os e costado furados" (f36r)

**Costranger, v, 1 "Constranger"**

costranger (1): " deueos constranger *per* justiça" (f44r)

**Cõten•ça - ver Cõtyn•cia**

**Cõtenplaçom – ver Contenplaçom**

**[Cotidiano], adj, 1 "Quotidiano"**

cotidiana (1): " conpenssaçom cotidiana" (f68v)

**Cõtra – ver Contra**

**Cõtriçom – ver Contriçom**

**Cõtyn•cia, sb, 5 "Continência; temperança; parecer"**

contenenças (3): " *per* sandias contenenças" (f9v)  
cõten•ça (1): " E mostrarlhe cõten•ça *que* os nõ ouue de boa m•te" (f43r)  
cõtyn•cia (1): " E na cõtyn•cia das uehuuas" (f67v)

**Couua, sb, 1 “Cova”**

coua (1): " e morando em hua coua" (f85r)

**Couçe, sb, 1 "Coice"**

couçe (1): " nom como couçe em brasa" (f34r)

**Cõuersaçom – ver Conuerssaçom**

**[Cõuijr] - ver [Conuijr]**

**Cõuosco, pr, 3 "Convosco"**

comuosco (1): " folgança he morar comuosco" (f57r)  
cõuosco (2): " Eu sam cõuosco ataa fim" (f19r)

**Cousa, sb, 293 "Cousa; coisa"**

cousa (183): "he uill cousa e pequena" (f23r)  
cousas (108): "aproueitõ a tres cousas" (f51v)  
coussas (2): " tãbem em tres coussas" (f124v)

**[Coussa] – ver Cosa**

**Coxa, sb, 1**

coxa (1): " Seeta metida em coxa de cam" (f73v)

**[Coytado], sb, 1 "Coitado"**

coytados (1): " faram entõ os coytados" (f93v)

**Craridade – ver Claridade**

**Craro – ver Claro**

**Crasta, sb, 1 "Casta; espécie"**

crasta (3): " uay fora de ssua crasta" (f13v)

**[Crauo], sb, 1 "Cravo; prego"**

crauos (2): " u•nha da cruz leyto. dos crauos almofadas" (f63v)

**Creador – ver Criador****Creatura, sb, 32 "Criatura"**

creatura (18): " pensa deuota *creatura*" (f32r)  
 creaturas (7): " as *creaturas* ynsensiuées" (f37r)  
 criatura (3): " sam da criatura *que* amam" (f126r)  
 criaturas (3): " deuotas *criaturas*" (f34v)  
 cryatura (1): " damor *que* toda cryatura fez" (f126r)

**Creçer, v, 12 "Crescer"**

creçe (3): " palaura e obra *creçe* em elle" (f66r)  
 creçem (1): " deseios *creçem* per longamento" (f130v)  
 creçer (7): " e a faz *creçer* em uertudes" (f39r)  
 creçido (1): " a todos he E em elle creçido" (f66r)

**Creçimento, sb, 2 "crescimento"**

creçimento (1): " creçimento dos deseios" (f130v)  
 creçimentos (1): " e creçimentos de uertudes" (f68r)

**Credo, sb, 1**

credo (1): " som *contheudos* no credo" (f20r)

**Creemça, sb, 1 "Crença"**

creemça (1): " auee boa fe e firme *creemça* em *deus*" (f49r)

**Creer, v, 22 "Crer"**

creamos (1): " nom *creamos que* em jsto he toda sua pena" (f97r)  
 cree (1): " o nom *cree* por sua condanaçom" (f39v)  
 creede (1): " Creede mais outro siso" (f66v)  
 creer (9): " homem deue *creer* em *deus* " (f11r)  
 creera (1): " pecador condanado nom *creera*" (f102r)  
 creerem (1): " creerem o comsselho de Job" (f92v)  
 creio (2): " Eu *creo* que nom" (f32r)  
 crera (1): " Nom *crera* seu coração" (f62r)  
 creyo (4): " *creyo* que uos direes com daujd" (f36r)  
 cria (1): " *cria* e cujdaua seer uerdadeira" (f138v)

**Crellego – ver Crellego****Crellego, sb, 9 "Clérigo"**

crellego (1): " Pollo *crellego* se entende *Jhesu*" (f16v)  
 crellego (6): " o *princepall* *crellego* deue filhar molher" (f16v)  
 crelligos (2): " os *crelligos* e abades" (f68v)

**Cresiastico – ver Ecresiastico****Criaçom, sb, 2 "Criação"**

criaçom (1): " sua *criaçom* o mais perfeito" (f142r)  
 cryaçõ (1): " *criador* E da ssa *cryaçõ*" (f32r)

**Criador, sb, 16 "Criador"**

creador (2): " por o *creador* a creatura" (f36v)  
 criador (12): " *conhocença* do seu *criador*." (f1Vv)  
 cryador (2): " ver se é re ou ri *abreviatura*

**Criar, v, 3**

criar (1): " *deseiosa* de *criar* seu filho" (f145r)

criara (1): " elle uos *criara* em esta ujdá" (f138r)

criou (1): " da refeição me *criou*" (f60r)

**Criatura – ver Creatura****[Crucificar] – ver Cruçificar****Cruçificar, v, 5**

crucifica (1): " *crucifica* e leixa *barrabas* liure" (f35r)  
 crucificado (2): " *que* fosse *crucificado*" (f34v)  
 crucificar (1): " *que* o *querees* *crucificar*" (f35r)  
 crucificassem (1): " *deulho* *que* o *crucificassem*" (f35r)

**Cruell, adj, 6 "Cruel"**

cluell (1): " amor de *cluell* vingança" (f111r)  
 cruell (4): " *cruell* e uerguonhosa morte" (f37r)  
 cruees (1): " os *cruees* *Judeus* despois da morte" (f37v)

**Cruelm•te, adv, 2 "Cruelmente"**

cluelmente (1): " *deus* vingara *cluelmente*" (f111r)  
 cruelm•te (1): " *morrestes* *cruelm•te*" (f36v)

**[Crueza], sb, 1 "Crueza; crueldade"****Cf. Clueldade**

cruezas (1): " sobre todas as *cruezas*" (f37v)

**Cruz, sb, 17**

cruz (17): " seu corpo deçido da *cruz*" (f38r)

**Cryaçõ – ver Criaçom****Cryador – ver Criador****Cryar, v, 5 "Criar; gerar"**

crya (2): " *crya* a alma em graça" (f39r)  
 cryar (1): " homem deue *assy* *cryar* seu corpo" (f24r)  
 cryou (2): " *que* *cryou* e tanto ama" (f24r)

**Cryatura – ver Creatura****[Cubrir] - ver Cobrir****[Cueyro], sb, 1 "Cueiro"**

cueyros (1): " *emuorilhado* em *cueyros*" (f33r)

**Çugidade, sb, 10 "Sujidade; partes pudendas"****Cf. Çegidade**

çugidade (7): " e *çugidade* do jnferno" (f93r)  
 çugidades (3): " *villanjas* e *emjurias* *çugidades*" (f35v)

**Cuidado – ver Cujado****Cuidar – ver Cujdar****Çujamente, adv, 1 "Sujamente"**

çujamente (1): " *enpacho* de *pecar* *çujamente*" (f2v)

**Cujdar, v, 22 "Cuidar; pensar"**

cuida (2): " *cuida* *que* tem *dereito*" (f102v)  
 cuidando (1): " *cuidando* *que* *deus* lho da" (f5r)  
 cuidar (2): " deue *cuidar que* esta em tall *seguramça*" (f142v)  
 cuidasse (1): " *homem* nom *cuidasse* por jsto"

(f98r)  
 cuidou (1): " cuidou rremijr seu pecado assy" (f3v)  
 cujda (2): " que ha ou cujda auer" (f22r)  
 cujdado (6): "que auees cujdado da uossa saude" (f35v)  
 cujdam (2): " ao logar homde cujdam a ueer" (f129v)  
 cujdar (3): " mais a cujdar como hade fallar" (f67r)  
 cujdas (1): " e que alegria cujdas tu" (f57r)  
 cujdasem (1): " cujdasem que os danados nõ sofriam" (f91v)  
 cujdasse (2): " duujda que homem nom cujdasse" (f97r)  
 cujdaua (1): " cujdaua seer uerdadeira" (f138v)  
 cujdauas (1): " acharas o *que* nõ cujdauas" (f79r)  
 cujdado (1): " cujdado em sua amigua" (f83r)  
 cuydaua (1): " b•s que cuydaua auer" (f49v)

**[Cujdaçom], sb, 1 "Desvelo; cuidado" (Viterbo).**  
**"Cogitar; pensar" (Moraes).**  
 cujdaç•es (1): " desuairadas cujdaç•es tenporaes" (f77r)

**Cujdado, sb, 10 "Cuidado"**  
 cuidado (1): "examinar com b• cuidado" (f47r)  
 cuidado (5): "que metem seu cuidado" (f77v)  
 cujdados (2): " sam •laçados nos cujdados" (f77v)  
 cuydado (2): " cuydado que teue em sse bem uistir" (f13v)

**Cujo, pr, 14**  
 cuja (7): " Sem cuja leçença nõ deue sayr" (f46v)  
 cujas (1): " *per* cujas m•os todos os b•s" (f40r)  
 cujo (5): "Por cujo amor foy começado" (f150r)  
 cujos (1): " cujos pecados sam emcubertos" (f94v)  
**Çujo, adj, 20 "Sujo"**  
 çuja (6): " que seia uirgem *e* nõ çuja" (f16v)  
 çujas (6): " çujas *e* fedorentas cõçiências" (f72r)  
 çujo (5): "Hoo mundo cujo" (f70v)  
 çujos (3): " *seus* çujos jogos" (f34v)

**Culpa, sb, 10**  
 culpa (8): " nom ha culpa em este fecto" (f83v)  
 culpas (2): " Encobrir suas culpas" (f73r)

**Culpado, adj, 1**  
 culpado (1): " Mes eu sam culpado" (f83v)

**Cumunalmente – ver Comunalmente**

**Cura, sb, 1**  
 cura (1): " E a cura de *seus* sogeitos" (f135v)

**Curaçõ – ver Coraçom**

**Curaçom – ver Coraçom**

**Curruro – ver Corrueto**

**Cursso, sb, 1 "curso; decurso"**  
 cursso (2): " todo o cursso de sa uйда." (f2v)

**[Curto], adj, 1**  
 curtas (1): " Ou muy curtas ou muy longuas" (f4v)

**Custa, sb, 1 "Custa; despesa"**  
 custa (1): " E faz gram custa em aparelhar" (f8r)

**[Custar], v, 2**  
 custa (2): " E muyto custa" (f62r)

**Custamado – ver Acustumado**

**[Custoso], adj, 1**  
 custosas (1): " com salssas custosas" (f8r)

**[Custumar] – ver Acustumar**

**Custumado – ver Acustumado**

**Custume, sb, 8 "Costume"**  
 custume (5): " por seu maaõ custume" (f75v)  
 costumes (3): " conrronpem boos costumes" (f17v)

**[Cuydar] – ver Cujdar**

**Cuydado – ver ver Cujdado**

**Çyente, sb, 1 "Ciente; opinião; arbítrio"**  
 çyente (1): " leixom a seu çyente de dizer suas oras canónicas" (f6r)

**[Cyrconstança] – ver [Circunstança]**

D

**Daamom, np, 1**  
 daamom (1): " nome daamom *e* o outro phiças" (f82v)

**Daar - ver dar**

**Dabastar - ver Abastar**

**Dabrir - ver Abrir**

**Daçidya, sb, 1 "Desídia"**  
 Provavelmente da forma lat. *de + sedere* = "posição de estar sentado (sobretudo diante de um espelho", daí, e por extensão, " ociosidade; indolência; incúria; preguiça".  
 daçidya (1): " guargätuyçe Ou luxuria. ou daçidya" (f64r)

**Dacolher - ver [Acolher]**

**Dacreçentar - ver Acreçentar**

**Dadam - ver Adã**

**Dadom - ver Adã**

**Dador, sb, 2**

dador (2): " o dador e rreçebedor" (f39r)

**[Dado], sb, 1**

dados (3): " aas tauollas e aos dados" (f50v)

**Dafeiçom - ver Afeiçom**

**Dajuntar - ver Ajuntar**

**Daleuantar - ver Aleuantar**

**[Dalgh•]- ver Alg•**

**Dalg• - ver Alg•**

**Dallegria - ver Alegria**

**Dally - ver Ally**

**Dalosna - ver [Alosna]**

**Dalto - ver Alto**

**Damar - ver Amar**

**Damarguoso - ver Amarguoso**

**Damargura - Amargura**

**[Damigo] - ver Amigo**

**Damor - ver Amor**

**Danaçõ – ver Danaçom**

**Danaçom, sb, 5 "Danação; condenação"**

danaçõ (1): " Mes uergonha da danaçõ" (f14v)

danaçom (5): " sua perpetua danaçom" (f71v)

**Danado, sb, adj, 44 "Danado; condenado"**

danado (4): " se h• danado ouuesse" (f101v)

danados (26): " Se com muytos fordes danados" (f76v)

dapnado (6): " morese em pecado mortal s• fim seria dapnado" (f100v)

dapnados (8): " os dapnados seram proues" (fVv)

**Danar, v, 3 "Danar; condenar"**

danada (2): " sua madre fosse danada no jnferno" (f100v)

danar (1): " leixa perder e danar" (f3v)

**Dancho, adj, 3 "largo" Cf. Larguo**

ancho (1): " Pollo ancho se entende a alegria" (f105v)

dancho (2): " e anda de longuo e dancho" (f105v)

**Dandar - ver Andar**

**Danjell, np, 2 "Daniel"**

danjell (2): " achamos de danjell e ezichiell" (f118v)

**Dano, sb, 4**

dano (4): " dano he perder o tenpo" (f6v)

dapno (4): " gram dapno como perder tenpo" (f6r)

**Danossa, adj, 1 "Danosa"**

danossa (1): " seeria uergonhosa e danossa" (f48v)

**Dante - ver Diante**

**Dante - ver Ante**

**Dantes - ver Ante**

**Dapagar - ver Apaguar**

**Dapartamento - ver Apartamento**

**Dapnado – ver Danado**

**Dapno - ver Dano**

**Dapostollo - ver apostollo**

**Daproueitar - ver Aproueitar**

**Daquelle – ver Aquelle**

**Daquello – ver Aquello**

**Daqueste – ver [Aqueste]**

**Daquj - ver Aquy**

**Dar, v, 143**

da (47) : " quem da quanto tem" (fIIv)

que deus lho da

daae (3): " E daae graças a deus" (f81r)

daaeme (2): " daaeme lugar em uos" (f57r)

daar (1): " daar aazo de pecado" (f42v)

dada (5): " deue seer dada a gloria" (f52v)

dado (7): "Deus disse elle nos he dado" (f122v)

dados (2): " dados (3):" (f99r)

dalhe (2): " fazer guordo dalhe a comer" (f28v)

dalla (1): " E se nom dalla por deus" (f7v)

dam (7): " os que bem dam fim" (f81v)

dame (4): " dezia Job dame espaço" (f86r)

dando (2): " E dando maas rrepostas" (f73v)

dao (1): " uemde o que as dao aos pobres" (f89v)

dara (6): " deus se dara a alma na uida" (f40v)

daras (1): " diz elle tu daras a teus amigos" (f118v)

darei (1): " darei a este poboo uianda de fell" (f94r)

darej (1): " da gloria que uos darej" (f121v)

darem (1): " que darem a seus jrm•os" (f7v)

dares (1): " segura m•o Pera a dares" (f121v)

darey (1): " Se uos prouuer eu uollo darey" (f35r)

darlhe (2): " a louuar a deus e darlhe graças" (f47v)

daua (1): " que a cada h• daua tall sabor" (f114v)

derõ (1): " lhe derõ fell e uynagre" (f36v)

deu (27): " E lhe deu memoria" (f32r)

desse (5): " E o desse todo a deus" (f101v)

deste (3): " tu lhes deste pam de uida" (f114v)

destes (1): " Senhor uos destes aos hom•s" (f60v)

deulhe (2): " deulhe por molher" (f83v)

deulho (1): " deulho que o crucificassem" (f35r)

deunos (1): " deunos si meesmo em muytas maneiras" (f32v)

deusse (1): " E deusse de ssua pura v•tade" (f122v)

dou (1): " Ca eu lhe dou uida abastada" (f60r)



dey (1): " a que eu dey minha palaura" (f81r)

**Dardo, sb, 2**

dardo (1): " dardo que muyto faz rretraer o diaboo" (f23v)

dardos (1): " *contra* os dardos dos diaabos" (f49r)

**Dardor - ver Ardor**

**[Darma] - ver [Arma]**

**[Darte] - ver Arte**

**Dasoluer - ver [Assoluer]**

**Dasur - ver [Asur]**

**Dauareza - ver Auareza**

**Dauer - ver Auer**

**Daugua - ver Augua**

**Daujd, np, 95 "David"**

dauid (95): " o que dauid diz no salteiro" (f52v)

**Dauomdamça - ver Auondança**

**Dazechiell - ver Ezechiell**

**De, prep, 1869**

de (1869): " dereitura de justiça" (f44r)  
" o castello ha de sseer forneçido" (f45r)

**Deante – ver Diante**

**Deçeprina - ver Deçiplina**

**[Deçender] - ver [Desçender]**

**Deçer, v, 8 "Descer" Cf. [Desçender]**

deça (1): " amoestaa que deça ao egipto" (f104v)  
deçe (1): " açende o coraçõ em *que* deçe" (f128v)  
deçer (2): " deçer *e* morar em elle" (f56v)  
deçesse (1): " que deçesse ao egjto" (f104v)  
deçido (3): " corpo deçido da cruz" (f38r)

**Decimo, num, 1 Cf. Dezeno**

decimo (1): " do decimo fruto" (f1Vr)

**Deçiplena - ver Deçiplina**

**Deçiplina, sb, 4 "Disciplina"**

deçeprina (1): " *per* justiça E deçeprina" (f44r)  
deçiplena (1): " deçiplena *e* da pendença" (f148r)  
deçiplina (2): " meesmo castiguo *e* deçiplina" (f66r)

**Deçiplinar, v, 2 "Disciplinar"**

deçiplina (1): " aquy me ffire E me deçiplina" (f65r)  
deçiplinar (1): " E assy o deçiplinar" (f24r)

**[Deçipullo], sb, 4 "Discípulo"**

deçipullos (3): " disse a *seus* deçipullos" (f34r)  
diçipulos (1): " euangelho a *seus* diçipulos" (f5r)

**Declaraçom, sb, 1 "Declaração"**

declaraçom (1): " Nom ha mester tall declaraçom" (f128r)

**[Declarar] - ver Decrarar**

**Decrarar, v, 11 "Declarar"**

declara (4): " em *que* declara outra vez este uersso" (fVIIv)  
declaradas (2): " entom *seram* declaradas" (f70r)  
declarara (1): " declarara que de sua linhagem" (f144r)  
decrara (2): decrara notaujl exposiçom" (fVIv)  
decrarar (2): "" decrarar as circunstancias do pecado" (fIr)

**[Declinar], v, 1**

decline (1): " meu cora<ç>om decline em palauras" (f74r)

**Dedezeno - ver Dezeno**

**Deestra**

deestra (1): " Aa deestra os pecados" (f95r)

**[Defaleçer], v, 1**

defaleçidas (1): " fallas sam propriamente defaleçidas" (f127r)

**Defamar, v, 3**

defamar (3): " nom he defamar seu prouximo" (f9v)

**Defecto, sb, 5 "Defeito"**

defecto (3): " da *primeira* mjngua *e* defecto" (f112r)  
defectos (2): " pensar hom• em *seus* defectos" (fIVv)

**Defender, v, 24**

defenda (1): " que defenda seu castello" (f48v)  
defendaaes (1): " defendaaes uossos pecados" (f78v)  
defende (5): " defende *contra* o diaboo" (f23v)  
defendee (1): " Hoo deuotas pessoas. defendee" (f33v)  
defendellas (1): " *pera* defendellas fossas" (f55v)  
defendem (1): " se defendem. de taaes pessoas" (f73v)  
defendenos (1): " defendenos do jmijgo" (f25r)  
defender (12): " que he defender seu pecado" (f73r)  
defendido (1): " nom he defendido o castello" (f22v)

**Defenssa - ver Defesa**

**Defenssam, sb, 1 "Defesa" Cf. Defesa**

defenssam (1): " como aa defenssam *e* saude" (f46v)

**Deferença, sb, 3**

deferença (3): " deferença da alegria" (f107r)

**Defesa, sb, 5**

defenssa (2): " valleriam *pera* defenssa" (f30r)  
defesa (1): " aa *princepall* defesa" (f56v)  
defesas (1): " as fossas possam seer defesas" (f22v)  
defessa (1): " haa morte nom ha defessa" (f63r)

**Defessa - ver Defesa**

**[Degotar], v, 1 “Gotejar”**

degotaua (1): " a ssua tenrra carne degotaua sangue ataa terra" (f34r)

**Degraao, sb, 21**

degraao (13): " fartura he o terceiro degraao" (f140v)

degraos (8): " de quatro degraos damor" (f143v)

**Degradado, adj, 2**

degradado (1): " se alg • fosse degradado" (f89r)

degradados (1): " ora da morte sam degradados" (f89r)

**Del - ver El****Del - ver Elle****Dele - ver Elle****[Delecto] - ver Deleito****[Deleicto] - ver Deleito****Deleitaço - ver Deleitaçom****Deleitaçom, sb, 18 "Deleitação; deleite"**

deleitaço (1): " dito aquella deleitaço" (f128v)

deleitaçom (10): " deleitaçom sem emueja" (f113v)

deleitaç•es (4): " encorre em u•s deleitaç•es" (f6v)

delleitaço (1): " aquella delleitaço Nom auera" (f107r)

delleitaçom (2): " a delleitaçom da alma" (f107r)

**Deleitar, v,**

deleita (3): " pecados que fez e se deleita" (f13v)

deleitar (1): " deleitar a ssua carnalidade" (f75v)

deleitarõ (1): " se deleitarõ em esguardar" (f96r)

deleitarom (1): " os narizes *que* se deleitarom" (f96r)

deleitarssse (1): " seia deleitarssse e auer prazer" (f132r)

deleitare (1): " Deleitare em *deus*" (f140v)

deleitou (1): " se o coração se deleitou" (f64r)

**Deleito, sb, 24 "Deleite; regalo"**

delectos (2): " prazeres dulçuras e delectos" (f113v)

delectos (1): " e os maaos delectos e consintimentos" (f3r)

deleito (4): " deleito nem alegria tenporall" (f31r)

deleitos (11): " desamar os deleitos deste mundo" (f37v)

deleito (1): " todo o deleito e deseio carnall" (f129r)

delleito (1): " pensamentos em que ha delleito" (f13r)

delleitos (4): " per os carnaes delleitos" (f128v)

**Deleitosamente, adv, 1**

deleitosamente (1): " pera deleitosamente viuer" (f86v)

**Deleitoso, adj, 12**

deleitosa (2): " doce e deletosa cousa" (f91r)

deleitosas (4): " deseia cousas deleitosas" (f124r)

deleitoso (3): " . assy praziuell e deleitoso" (f1r)

deleitosos (1): " senom deleitosos uijos" (f94r)

deleytoso (1): " elle seer deleytoso" (f71v)

delleitosa (1): " aquella delleitosa allegria" (f115r)

**Deleito - ver Deleito****Deleytoso - ver Deleitoso****[Delguado], adj, 3**

delguada (2): " delguada uoz ha *quem* nom sabe fallar" (f17v)

dellguadas (1): " comer das dellguadas" (f121r)

**Delguadeza, sb, 1**

delguadeza (1): " pobreza e delguadeza de uoz" (f18v)

**Deliberaçom, sb, 2**

deliberaçom (2): " *per* conprida deliberaçom" (f7r)

**Deligência, sb, 11**

deligência (8): " quem busca com deligência" (f49r)

diligência (3): "

**Deligente, adj, 5**

deligente (1): " he *porteiro* rrazom deligente" (f56r)

deligentes (1): " aquelles que som deligentes" (f6r)

diligentes (1): " e guardas diligentes" (f44r)

dilig•tes (1): " de *porteiros* e guardas dilig•tes" (f44v)

dilligente (1): " sem dilligente aparelho peca" (f39v)

**Deligentemente, adv, 1**

deligentemente (1): " *deue* deligentemente buscar" (f10v)

**Delle - ver Elle****Delleitaço - ver Deleitaçom****Delleitaçom - ver Deleitaçom****Delleito - ver Deleito****[Delleitoso] - ver Deleitoso****[Dellguado] - ver [Delguado]****[Deliurar], v, 1 "Libertar"****"Despachar" (Viterbo).**

deliura (1): " Justiça deliura de morte" (f53r)

**[Demãda], sb, 1**

demãdas (1): "causam demãdas e tenç•es" (f42r)

**Demãdar - ver Demandar****Demandar, v, 26 "Procurar; pedir; perguntar"**

demãdar (2): " demãdar a *deus* tres cousas" (f62v)

demãdoulhes (1): " demãdoulhes quem buscaes" (f34r)

demanda (4): " *quem* demanda saiemente" (f49r)

demandam (2): " demandam espaço de ujda" (f86v)

demandar (5): " elles de demandar *perdom*" (f14v)

demandara (1): " entom demandara tregoa" (f24v)

demandardes (1): " cousa que demandardes" (f49r)

demandaria (1): " demandaria a elles" (f2r)

demandas (2): " thesouros que tu demandas" (f89v)  
demandaua (3): " demandaua os thesouros" (f89v)  
demandou (4): " nom demandou saientemente" (f49v)

**Demouer, v, 2 "Demover; mover"**

demouer (2): " deuesse toda criatura demouer" (f65v)

**Demssoberueçer - ver [Emssoberueçer]**

**Dencher - ver Encher**

**Denfirמידade - ver Enfirמידade**

**De nouo, loc.adv, 1 "De novo; novamente"**

De nouo (1): " fazer outros de nouo" (f58r)

**Denis, np, 1**

denis (1): " Sam denis chama" (f126r)

**Denjdade, sb, 2 "Dignidade"**

denjdade (1): " homrra he denjdade tenporall" (f92r)  
denjdades (1): " homrras e as denjdades" (f88v)

**Denpeençer - ver Enpeençer**

**Denssinar - ver Enssinar**

**Denssynar - ver Enssinar**

**Dentender - ver Entender**

**[Dente], sb, 1**

dentes (1): " botarsselheam os dentes" (f120v)

**Dentro, adv, 31**

dentro (31): " entrarmos dentro em elle" (f38r)

**Denuçiar, v, 1 "Denunciar"**

denuçiar (1): " deueo denuçiar em sagredo" (f9v)

**Denueja - ver**

**[Deos] - ver Deus**

**Departir, v, 6 "Apartar-se; separar-se; retirar-se (da briga, do combate, etc.) (Morais).**

**"Praticar ou conversar familiarmente" (Viterbo).**

departe (2): " departe a alma do corpo" (f141r)  
departida (1): " sera departida da qu • tura" (f99v)  
departidos (1): " que ja sooes departidos" (f141v)  
departir (2): " nom faz b • departir" (f67r)  
departira (1): " departira a chama do foguo" (f99v)

**Departimento, sb, 4 "Partida; afastamento"**

departimento (4): " departamento dos b • s tenporaes" (f88v)

**Depois - ver Depois**

**Dereitamente, adv, 7 "Com razão"**

dereitamente (3): " que dereitamente se pode dizer" (f128v)  
dereitam • te (2): " a pode dereitam • te sentjr" (f120r)  
dereytamente (1): " pode dereytamente em esta

vida" (f117v)

dyreitamente (1): " pode dyreitamente em esta uida" (fVIIv)

**Dereitam • te - ver Dereitamente**

**Dereito, adj, sb, 5 "Direito"**

dereita (1): " E aa parte direita os pecados" (f26r)  
dereito (3): " ha dous olhos com o direito esguarda" (f53v)  
dereitos (1): " a todos quebrasse os olhos direitos" (f48r)

**Dereito, adj, 20 "Direito; justo; recto; certo"**

dereita (8): " seia paguada a direita diueda" (f6r)  
dereito (9): " hom • s parece bem direito" (f6r)  
derejta (1): " tem a cabeça derejta ao çeeo" (f19v)  
dereyta (2): " nō teram dereyta hordem de natureza" (f99r)

**Dereitura, sb, 2 "Direitura; rectidão; integridade"**

dereitura (2): " manteer em justiça e dereitura" (f44r)

**[Derejto] - ver Direito**

**Dereytamente - ver Dereitamente**

**Derodes - ver Eroles**

**Derradeiro, adj, 6**

derradeira (1): " A Derradeira vianda" (f113v)  
derradeiras (3): " as tres derradeiras" (f55r)  
derradeiro (1): " E que derradeiro os leixa" (f52r)  
derradeiros (1): " estes dous derradeiros" (f143v)

**Derreter, v, 4**

derrete (1): " a çera se derrete ante o fogo" (f25v)  
derreter (2): " Desy o ssoll faz derreter" (f39v)  
derretia (1): " disrraell que se derretia ao ssoll" (f39v)

**Derrubado, adj, 2**

derrubada (1): " se ha hi alg • a cousa derrubada" (f46v)  
derrubado (1): " em outro seeria derrubado" (f1v)

**Des, prep, 17 "Desde"**

des (17): " des guallilea ata aquy" (f35r)

**[Desacostumado], ad, 1**

desacostumada (1): " e assy desacostumada deuoçom" (f130v)

**Desamar, v, 12**

desama (5): " E quem desama hua ssoo pessoa" (f30r)  
desamam (1): " que desamam sua crasta" (f13v)  
desamar (4): " leixar e desamar os deleitos" (f37v)  
desamariam (1): " ho desamariam e fogiriam delle" (f71v)  
desamarom (1): " em o mundo te desamarom" (f98r)  
desamom (1): " Por Jsto desamom os maaos aos b • s" (f81r)

**Desamor, sb, 1**

desamor (1): " Amor a todo bem desamor ao *contraio*" (f68r)

**[Desarrazoado], adj, 1**

desarrazoados (1): " uossos desarrazoados enchim•tos" (f96v)

**Desasperaço - ver Desesperaçom**

**Desasperaço - ver Desesperaçom**

**Desasperar - ver Desesperar**

**[Desassemelhado], adj, 1 "Desassemelhada; dissemelhante"**

desassemelhada (1): " outra monja muyto desassemelhada a esta" (f10r)

**[Desauijndo], adj, 1 "Desavindo; discorde"**

desauijnda (1): " he corruta e desauijnda" (f17v)

**Descapar - ver Escapar**

**[Descarneçer] - ver Escarneçer**

**[Deçender], v, 12 "Descender; descer"**

**Cf. Deçer**

deçendem (5): " *que* deçendem aos *jnfernos*" (f88r)  
deçendeo (1): " deçendeo sobre os apostollos" (f128v)

deçenderom (1): " nom deçenderom com elles" (f122r)

deçendeo (1): " logo deçendeo em alma" (f38v)

deçende (1): " domjldade a caridade deçende" (f30r)

deçendem (2): " elles deçendem em o *jnferno*" (f100r)

deseende (1): " chuiua deseende sem conto" (f96v)

**Descobrir, v, 8**

descobrir (2): " deue de descobrir sua chagua" (f12r)

descobrirey (1): " Eu descobrirey diz *deus*" (f94v)

descobrissem (1): " que elles se descobrissem aquy" (f94v)

descubertas (1): " *seram* as conçiências de cada h• a todos descubertas" (f26r)

descuberto (1): " sempre teme seer descoberto" (f10r)

descubramos (2): " he neçesario que nos descubramos" (Vv)

**Desconfortar, v, 1**

desconfortar (1): " muros por desconfortar os *jmijgos*" (f46r)

**Descontente, adj, 1**

descontente (1): " door no coração e he descontente" (f16r)

**Descordia, sb, 1 "Discórdia"**

descordia (1): " *seram* la em *mayor* descordia" (f95r)

**[Descorer], v, 2 "Incorrer; chamar sobre si"**

descoreo (2): " monja *que* descoreo • este pecado" (f1v)

**Descreço - ver Descreço**

**Descreço, sb, 20 "Discrição"**

descreço (3): "he fundado sobre descreço" (f80r)

descreço (7): " *pred*•çia e descreço" (f17r)

descríço (3): " *tenperado* com descríço" (f24r)

discreço (4): " *leçença* de rrazõ e discreço" (f41v)

discreço (6): " *humildade* e discreço" (f66r)

**Descreto, adj, 1 "Discreto"**

descreto (1): " s•o coração e discreto" (f24v)

**Descríço - ver Descreço**

**[Descubrir] - ver Descobrir**

**Descuitar - ver Escuytar**

**Descuridade - ver [Ecuridade]**

**Descurudom -ver [Ecurudom]**

**[Dese] - ver [Esse]**

**[Deseender] - ver [Deçender]**

**Deseiar, v, 40 "Desejar"**

deseia (7): " *conssollaço* que ella deseia" (f131v)

deseiã (3): " *aaquelles que* te deseia" (f119r)

deseiada (1): " *seia* com *mayor* feruor deseiada" (f118r)

deseiado (1): "seer mais deseiad" (f130v)

deseiam (5): " que deseiam e cobijã em este mundo" (f113r)

deseiar (3): " deseiar a gloria do paraíso" (f100r)

deseiares (1): " o que deseiares logo sera *conprido*" (f115r)

deseiarom (1): " *Aquelles* te deseiarom" (f98r)

deseiaua (2): " a quem ella deseiaua *prazer*" (f104r)

deseiauum (1): " deseiauum outra cousa" (f120r)

deseie (1): " he fora que homem deseie" (f115r)

deseiem (1): " deseiem e trabalhem cada dia" (f56v)

deseies (1): " *Nem* deseies de saber" (f72r)

deseiouha (1): " a uyo E deseiouha" (f10r)

deseja (2): " nom deseja *senom* amar" (f31v)

desejada (1): " com *mayor* ardor desejada" (f118r)

desejado (2): " homem por seer desejado" (f13r)

desejando (1): " boca *horãdo* Coração desejando" (f62r)

desejar (1): " tu *deuerias* desejar a *ujda*" (f113v)

desejara (1): " cada h• desejara *assy*" (f118v)

desejastes (1): " *saude* que tanto desejastes" (f36v)

desejaua (1): " *Estas* tres *liç*•es desejaua" (f71r)

deseje (1): " se nom *preze* nem deseje" (f15v)

**Deseio, sb, 36 "Desejo"**

deseio (33): " *conpaixom* e ardente desejo" (f36r)

deseios (12): " *sofraaes* dos *carnaes* deseios" (f63v)

desejo (1): " *enbrasada* de desejo *esprituall*" (f106r)

desejos (2): " *que* os desejos de cada h•" (f107v)

**[Deseios], ad, 2 "Desejoso"**

deseiosa (2): " *deuota* pessoa seer muyto deseiosa" (f43r)

**Desejar - ver Deseiar**

**Desejo - ver Deseio**

**[Desenfadamento] - ver Desenfadamento**

**Desenfadamento, sb, 3 "Desenfado; divertimento"**

desenfadamentos (1): " sandeus desenfadamentos" (f131v)

desenfadamento (1): " prazer e desenfadamento" (f71v)

desenfadamentos (1): " desenfadamentos desordenados." (f6v)

**Deserto, sb, 1**

deserto (1): " dada no deserto aos filhos disrraell" (f39v)

**Desesperança, sb, 2 "Desesperança; desespero"**

**Cf. Desesperaçom**

desesperança (1): " quinta cousa he desesperança" (f14v)

desesperança (1): " nom cayr em desesperança" (f105r)

**Desesperaçom, sb, 3 "Desesperação; desespero"**

**Cf. Desesperança**

desasparaçom (1): " e a meter em desasparaçom" (f12v)

desasparaçom (1): " gram tristeza. ou em desasparaçom" (f104v)

desesperaçom (1): " caaem em desesperaçom" (f5v)

**Desesperança - ver desesperança**

**Desesperar, v, 5**

desesperado (1): " fuisse como desesperado" (f83r)

desasparar (1): " nom deue desasparar" (f146r)

desesperar (1): " desesperar de v•r a perfeiçom" (f145r)

desesperassem (1): " da pend•ça nom desesperassem" (f87r)

desesperees (1): " Nom desesperees mes aprendee" (f147r)

desperar (1): " desperar de chegar hi" (f144r)

**[Desfalecer] - ver Desfallecer**

**Desfallecer, v, 11 "Desfalecer"**

desfaleçe (1): " desfaleçe de ssy meesma" (f106r)

desfaleçeras (1): " toruado ou desfaleçeras" (f79r)

desfalleça (1): " desfalleça de seu desejo" (f140r)

desfalleçe (4): " desfalleçe que he uençido" (f79r)

desfalleçeo (2): " foy maraujlhada que desfalleçeo" (f106r)

desfalleçer (2): " lhe cõuijrya desfalleçer" (f131r)

desfalleçidos (1): " sam desfalleçidos" (f106r)

desfalleçõ (1): " desfalleçõ em seu seruiço" (f118r)

**[Desfazer], v, 4**

desfaz (2): " a aranha que se desfaz" (f137v)

desfaz• (1): " Assy se guastam e desfaz•" (f137v)

desfazem (1): " donde lhe desfazem ho ninho" (f14r)

**Desforço - ver Esforço**

**Desguardar - ver Esguardar**

**Desi - ver Desy**

**[Deslegar] - ver Desleguar**

**Desleguar, v, 2 "Desligar"**

deslega (1): " Deus diz elle deslega os atados." (f110r)

desleguar (1): " pera legar e desleguar" (f2r)

**Desmerito, sb, 1 "Demérito"**

desmerito (1): " nõ he merito nem desmerito" (f53v)

**Desnaturado, adj, 1**

desnaturado (1): " he o coraçõ desnaturado" (f18r)

**Desnembrado, adj, 1 "Desmembrado"**

desnembrado (1): " Mais amaria seer desnembrado" (f9v)

**Desobedeecer, v, 1 "Desobedecer"**

desobedeecer (1): " desobedeecer a seus mayores" (f4v)

**Desomrra, sb, 1 Desonra"**

desomrra (1): " por lhe fazer mais desomrra" (f35v)

**Desonesto, adj, 8**

desonesta (1): " palaura sem proueito ou desonesta" (f67r)

desonestas (2): " afeição es desonestas" (f39r)

desonesto (1): " per desonesto guaaño" (f17r)

desonestos (4): " em desonestos fallamentos" (f6v)

**Desonistidade, sb, 1 "Desonestidade"**

desonistidade (1): " com soberua e desonistidade" (f13r)

**Desordenadamente, adv, 1 "Desmedidamente"**

desordenadamente (1): " se queixa desordenadamente" (f12v)

**Desordenado, adj, 12 "Desmedido"**

desordenada (2): " de soberua desordenada" (f64r)

desordenadas (1): " nossas desordenadas cobijças" (f138r)

desordenado (7): " he pulssõ desordenado." (f139r)

desordenados (2): " desenfadamentos desordenados." (f6v)

**Despaço - ver Espaço**

**Despender, v, 5**

despendam (1): " que sajesmente se despendam" (f7v)

despendeo (1): " se despendeo todo em nosso proueito" (f126v)

despender (2): " o homem deue despender o domingo" (f11v)

despendida (1): " noite despendida em o aujllar" (f34r)

**Despenseiro, sb, 1 "Despenseiro"**

despenseiro (1): " paguasse seu despenseiro" (f117r)

## **Desperar - ver Desesperar**

### **Despesa, sb, 1**

despesa (1): " por lhe escusar despesa" (f131r)

## **Desphoer - ver Despoher**

### **Despiçiall - ver Espiçiall**

### **[Despinho], sb, 2**

despinhos (2): " coroarõno despinhos" (f35r)

## **[Despoer] - ver Despoher**

### **Despoher, v, 11 "Expor; explicar; dispor" (Morais). "Explicar" (Viterbo).**

desphoer (1): " pallaura *per* ssy desphoer" (f86r)

despõe (1): " E a grossa despõe" (f60r)

despoem (4): " *e* despoem a paz de coraçom" (f143r)

despoerey (1): " eu despoerey cada h•a palaura" (f106v)

despoher (1): " pode doutra guisa despoher esta pallaura" (f121v)

desp•es (1): " como te desp•es a mais leuamtar" (f147v)

desposta (1): " mayor da *que* he desposta" (f128r)

espoer (1): " doutra guisa se podesse espoer" F78r)

### **Depois, adv, 49 "Depois; posteriormente"**

depois (5): " cada dia depois de conpreta" (f46r)

depois (44): " cada dia depois da completa" (f47r)

### **Desposiçõ, sb, 1 "Disposição"**

desposiçõ (1): " a desposiçõ do corpo do uosso amigo" (f35v)

### **Desprazer, v, 11 "Desagradar; desgostar"**

despraça (1): " cousa que a sseu amigo despraça" (f130r)

despraçariam (1): " despraçariam nossos coraç•es" (f115r)

desprazem (3): " mujto desprazem a *deus*" (f74r)

desprazendo (1): " nom desprazendo a *deus*" (f78r)

desprazer (3): " que possa desprazer a seu amigo" (f11r)

desprazera (1): " desprazera os ujços esprituaaes" (f121r)

desprazerom (1): " nom seiã de *deus* lhe desprazerom" (f31v)

### **Desprazer, sb, 4**

desprazer (4): " senom tormento *e* desprazer" (f12v)

## **Despreçar - ver Desprezar**

### **Desprezam•to, sb, 1 "Desprezo**

#### **Cf. Despreço**

desprezam•to (1): " *e* desprezam•to de ssy meesmos" (f15v)

### **Desprezar, v, 28**

despreça (3): " despreça toda doçura terreall" (f140v)

despreçaaes (1): " aquelle que uos despreçaaes" (f92r)

despreçados (1): " *e* seermos despreçados" (f55v)

despreçao (1): " alongase do mundo *e* despreçao" (f19v)

despreçar (2): " senom despreçar *deus*" (f92r)

despreçara (1): " despreçara o fauoo do mell" (f140v)

despreçaua (1): " senbrante a despreçaua" (f50r)

despreçõ (1): " Aquelles que me despre<ç>õ" (f92r)

despreçouha (1): " despreçouha *e* fez escarnho" (f10v)

despreza (3): " quando despreza algh•" (f4v)

desprezada (1): " pequena *e* desprezada" (f23r)

desprezadas (1): " seerem desprezadas do mundo" (f3v)

desprezado (3): " homem he desprezado doutrem" (f21r)

desprezados (1): " querem seer desprezados" (f75r)

desprezar (3): " nom deueriamos desprezar pobreza" (f33r)

desprezaras (1): " nom desprezaras o pecador" (f52r)

desprezaua (2): " desprezaua os outros" (f49v)

desprezes (1): " . Nom desprezes por jssso tua oraçom" (f50r)

### **Despreço, sb, 7 "Desprezo"**

despreço (3): " familiaridade jeera despreço" (f130v)

despreços (3): " emjurias *e* despreços" (f33r)

desprezo (1): " *per* desprezo *e* com geitos" (f13r)

## **Desprezo - ver Despreço**

## **Desprito - ver Espritu**

## **Despritu - ver Espritu**

## **Desquiuar - ver Esquyuar**

## **[Desse] - ver Esse**

## **Dessy - ver Desy**

## **Destar - ver Estar**

## **Deste - ver Este**

## **Desterco - ver Esterco**

### **Desterro, sb, 3**

desterro (3): " entra no desterro deste mundo" (f23r)

## **Desto - ver Esto**

### **[Destruyr], v, 3 "Destruir"**

destruy (1): " guarguãtuice a destruy" (f46v)

destruye (1): " que destruye toda boa obra" (f104v)

destruyra (1): " dos soberuos destruyra *deus*" (f92v)

### **[Desuairado], adj, 13 "Desvairado; incoerente"**

desuairadas (6): " achadas desuairadas cousas" (f85r)

desuairados (2): " de desuairados lugares" (f149r)

desuayradas (4): " desuayradas tentaç•es" (f48r)

desuayrados (1): " buscar desuayrados b•s" (f41r)

## **Desuairo, sb, 1 "Desvario; devaneio"**

desuairo (1): " pooem em cabo desuairo." (f81v)

[Desuayrado] - ver [Desuairado]

**Desuestir, v, 3 "Desvestir; desnudar"**

desueste (1): " se desueste sem uergonha" (f141r)

desuestido (1): " desuestido daquelles uestidos" (f35v)

desuestir (1): " o fez pillatos desuestir" (f34v)

**Desy, adv, 73**

**"Também; depois disto; além destas cousas" (Viterbo).**

**"Depois; depois disso" (Moraes).**

**Além destas acepções, dados os contextos em que o vocábulo aparece, adoptámos outras, nomeadamente nos fólhos 29r, 30v e 33r, em que usámos "Pois"; nos fólhos 35r e 35v, nos quais adoptámos a expressão "Depois disto"; e nos fólhos 37r, 39v, 47v, etc. em que registámos as expressões "Daí que; Por isso".**

desi (2): " Desi com tocamentos vill•os" (f13v)

dessy (1): " Dessy Espritu da tenpestade" (f97r)

desy (70): " desy deue sseer aseentado" (f19r)

" desy as tribullaç•es purguam a alma" (f29r)

" . Desy os hom•s se deuem auyuar" (f47v)

**Deteer, v, 6 "Deter; parar; interromper"**

deteer (4): " deue a deuota pessoa deteer" (f36v)

detem (1): " detem homem de bem fazer" (f64r)

deteue (1): " se deteue de pecar" (f66r)

[Deter] - ver Deteer

**Deteronomico, sb, 2 "Deutoronómio"**

deteronomico (1): " aos *filhos* disrrahell no deteronomico" (f130r)

deuteronimjo (1): " *scripto* no deuteronimjo" (f87v)

**[Detraer], v, 1 "Detrair; apoucar; difamar"**

detraae (1): " se homem nom detraae" (f15r)

**Detras - ver Atras**

**Detrauço, sb, 3 "Detracção; difamação"**

detrauçõ (2): " em detrauço *e* em murmuraçõ" (f8r)

detrauçom (1): " detrauçom *e* de mall fazer" (f12r)

**Detraucom - ver Detrauço**

**Deuaço - ver Deuaçom**

**Deuaçom, sb, 30 "Devoção"**

deuaçõ (9): " signall de pouca deuaçõ" (f11v)

deuaçom (15): " *antre* gente de deuaçom" (f80r)

deuoçom (5): " Sentir *per* deuoçom" (f42v)

deuoç•es (1): " estudar alg•as deuoç•es" (f51r)

**Deuer, v, 412 "Dever"**

deua (4): " deua dizer sete uezes hoo dia" (f68v)

deue (277): " nom deue louuar outrem" (f23v)

"deue h•a gram deujda" (f86r)

deu• (2): " deu• seer aparelhados" (f1v)

deuea (1): " deuea de dar a cuja he" (f7v)

deuees (9): " *que* uos deuees leixar atras" (f64r)

deueesuos (1): " deueesuos de dar leaaes amauiosos" (f67v)

deuelhe (1): " deuelhe pedir merçee" (f5v)

deuem (13): " nõ deuem dar sem leçença" (f51v)

deuemollos (1): " E deuemollos de seguyr" (f67v)

deuemos (54): " deuemos notar duas cousas" (f146r)

deueo (3): " deueo edeficar em terra de paz" (f1v)

deueos (1): " deueos costranger *per* justiça" (f44r)

deueria (1): " cõssijraçom deueria abastar" (f54v)

deueriã (2): " ujda honde deueriã estar" (f77r)

deueriam (1): " deueriam mujto a alegrar" (f122v)

deueriamos (2): " nom deueriamos desprezar pobreza" (f33r)

deuerias (1): " tu deuerias desejar a ujda" (f113v)

deueryamos (1): " deueryamos mais a amar" (f30v)

deues (3): " tu deues a deseiar" (f30v)

deu•se (1): " deu•se delle a confessar" (f7v)

deuese (2): " deuese hom• armar" (f29v)

deuesse (9): " deuesse homem a confessar" (f9v)

deuesselhe (1): " deuesselhe descobrir" (f84r)

deuesssem (1): " deuesssem melhor saber" (f135v)

deuesseuos (1): " deuesseuos fender o coraçõ" (f37r)

deuia (4): " • nom deuia de rreçar" (f123v)

deuiã (3): " mujto deuiã temer" (f117v)

deuiam (4): " deuiam de fogir" (f9r)

deuja (1): " deuja a cada h• trabalhar" (f124r)

deujã (1): " se deujã armar contra *seus* jmiijos" (f57v)

deujamos (1): " husamos della como deujamos" (f52v)

deuya (4): " deuya fazer h•a nembrança" (f68r)

deuyamos (1): " Bem deuyamos deseiar" (f16r)

**Deu•dade, sb, 3 "Divindade" Cf. Deydade**

deu•dade (2): " segundo a deu•dade" (f37v)

deu~ydade (1): " aconpanhada da deu~ydade" (f38v)

**Deuinal - ver Deujnal**

**Deuinall - ver Deujnal**

**[Deuino], adj, 1 "Divino"**

deuinas (1): " com deuinas comsolaç•es" (f14r)

**Deuiso, adj, 2 "Dividido"**

deuiso (2): " he deuiso tâbem em tres coussas" (f124v)

**Deujda – ver Diueda**

**Deujnal - ver Deujnal**

**Deujnal, adj, 20 "Divinal"**

deuinal (1): " amor m•diall E do deuinal" (fVIIIr)

deuinall (1): " do deuinal amor" (f129v)

deujnal (1): " amor mundjal E do deujnal" (f128r)

deujnal (14): " deujnal *graça* do *espritu* santo" (f148r)

deuynaaes (1): " consollaç•es deuynaaes" (f20r)

deujnal (2): " a comsolaçom deujnal" (f46v)

**Deuoçom - ver Dauaçom**

**Deuotamente, adv, 12**

deuotamente (12): " rroguar deuotamente" (f50r)

**Deuoto, adj, 94**

deuota (66): " a deuota alma namorada" (f134v)  
 deuotas (19): " todas deuotas creaturas" (f11v)  
 deuoto (3): " coração limpo e deuoto" (f60v)  
 deuotos (6): " b•s e deuotos serm•es" (f43r)

**Deus, Np, sb, 620**

Deus (618): "Senhor *deus* diz elle" (f116v)  
 " paraíso honde sse vee *deus*" (f115v)  
 deoses (1): " Ho *deus* dos deoses" (f114r)  
 deuses (1): " o *deus* dos deuses" (f105r)

**Deuteronimjo - ver Deteronimico****Deuydade ver Deu•dade****Deuynall – ver Deujnall****Dexofre - ver Exofre****Deydade, sb, 1 "Deidade; divindade"****Cf. Deu•dade**

deydade (1): " Ca da uisom da deydade" (f114r)

**Dez, num, 3**

dez (3): " deuia a seu senhor dez mill besantes" (f86v)

**Dezeno, num, 2 "Décimo" Cf. Decimo**

dedezeno (1): " do dedezeno frujto" (f60r)  
 dezeno (1): " Ho dezeno fruito he " (f60r)

**[Dezer] - ver Dizer****Dhi - ver Hi****Dhir – ver Hir****Dho – ver Do****Dhom••– ver Homem****Dhomem – ver Homem****Dhomilldade – ver Humjldade****Dh•••– ver H•****Dhumjldade – ver Humjldade****Dhumjlldade – ver Humjldade****Dia, sb, 83**

dia (74): " dar rrazom no dia do juízo" (f6v)  
 dias (9): " seis dias trabalhassem" (f110v)

**Diaabo, sb, 58 "Diabo"**

diaabo (28): " de tentaç•es do diaabo" (f141r)  
 diaaboo (1): " o diaaboo *que* folgua na augua" (f129v)  
 diaabos (5): " uera ella os espãtosos diaabos" (f24v)  
 diabo (2): " o diabo quando se uee uencido" (f11r)  
 diaboo (22): " filhado do laço do diaboo" (f19v)

**Diaboo – ver Diaabo****Diante, adv, 4"Diante; defronte"**dante (1): " Tira dante mim diz *deus* o arroydo" (f132v)

deante (1): " E enuyou deante seu messegeiro" (f1r)

diante (2): " logo a m•o se mete diante" (f30v)

**[Diçipulo] - ver [Deçipullo]****Dignamente – ver Dinamente****[Digno] – ver Dino****Diligência - ver Deligência****[Diligente] - ver Deligente****[Dilig•te] - ver Deligente****Dilligente - ver Deligente****Dinamente, adv, 11 "Dignamente"**

dignamente (2): " que dignamente o rreçebem" (f38v)

dinamente (7): " dinamente come este pam" (f59v)

dinam•te (2): " *quem* o dinam•te rreçebe" (f58r)**Dinam•te – ver Dinamente****Dinheiro, sb, 7**

dinheiro (6): " tauernar e jugar dinheiro" (f77v)

dinheiros (1): " uysse mujtos dinheiros" (f17r)

**Dino, adj, 20 "Digno"**

dignas (2): " consideraç•es dignas de notar" (f11r)

dina (3): " fez aa ssua dina Semelhamça" (f32r)

dino (10): " coração por menos dino" (f21r)

dinos (2): " mais som dinos de confusom" (f23v)

dyna (2): " nobre e assy dyna cousa" (f33v)

dynos (1): " he jsto santa alma dynos" (f127v)

**Dionisio, np, 1 "Dionísio"**

dionisio (1): " foy dionisio. tyrano de saragoça" (f82v)

**Discreção - ver Descreçom****Discreçom - ver Descreçom****Discreto, adj, 7**

discreta (3): " por amiga pesoa discreta" (f84r)

discreto (2): " confesor discreto e sabedor" (f1r)

discretos (1): " nom sam muj discretos" (f79v)

dyscreto (1): " he *que* seja dyscreto" (f80r)**Disrraell - ver [Isrraell]****Disrrahel – ver [Isrraell]****Disrrahell – ver [Isrraell]****Disto – ver Jsto****Diueda sb, 3 "Dívida"**

deujda (1): " deue h•a gram deujda" (f86r)

diueda (2): " paguada a direita diueda" (f6r)

**[Diuersos], adj, 6 "Diversos"**



diuersas (6): " diuersas specias e rramos" (f1r)

### **Dizer, v, 1076**

dezas (1): " dezas claramente a uosso cõfessor" (f78v)

dezeelho (1): " dezeelho em escondido" (f67v)

dezia (16): " dezia daujd no salteiro" (f74r)

deziã (1): " aurreçia tanto *que* deziã" (f120r)

deziam (1): " assy que todos alto deziam" (f35r)

digã (1): " mentes em cousa *que* diga" (f20r)

digas (1): " nõ digas a misericórdia" (f100v)

digo (4): " eu digo que o castello do coraçõ" (f19r)

digua (7): " que digua eu sam abastado" (f31v)

diguo (1): " eu diguo que *per* uirtude" (f27v)

dicta (4): " na pallaura suso dicta" (f108v)

dictas (1): " cousas suso dictas" (f13v)

dicto (16): " assi como de çima he dicto" (f27r)

dictos (3): " os sinaaes suso dictos" (f138v)

dira (1): " elle dira a seus amigos." (f57r)

diram (2): " os danados diram no jnferno" (f88v)

direes (1): " que uos direes com daujd" (f36r)

direj (1): " que uos direj h • enxenpro" (f10r)

direy (2): " uos direy breuemente" (f25r)

dirom (2): " e dirom aas uirg • s sandias" (f6v)

dis (2): " Ca elle dis nos prouerbios" (f128r)

dise (1): " elle dise *per* salamom" (f1r)

diselhe (2): " diselhe que mais nõ fezese" (f3v)

disemos (1): " pecado assy como disemos" (f3v)

diserdes (1): " que fezerdes ou diserdes" (f49v)

disesse (1): " Assy como se disesse" (f127v)

disestes (1): " *graça* de *que* uos disestes" (f146v)

disse (143): " daujd disse as palauras" (f149r)

disseas (1): " e disseas o anjo a Josep" (104v)

disselhe (1): " disselhe que o metesse" (f29r)

dissemos (7): " como dissemos *primeiro*" (f57v)

dissera (1): " lhe dissera que deçesse" (f104v)

disseste (9): " que ajnda que eu disseste" (f20r)

dita (18): " pallaura de Job suso dita" (f91r)

ditas (17): " nas pallauras suso ditadas" (f135r)

dito (26): " uju • no stado ja dito" (f126r)

ditos (10): " pollos degraaos suso ditos" (f139r)

diz (550): " E se alguem diz mall" (f5r)

diz • (2): " fallam pouco e diz • pallauras" (f126v)

dizees (1): " uos dizees que amaaes" (f83r)

dizem (16): " como dizem os filósofos" (f13r)

dizemos (1): " dizemos quem se bem *quer*" (f4r)

dizendo (4): " dizendo maas palauras" (f5v)

dizer (191): " podera dizer muytas mais cousas" (f56v)

dizes (1): " tu dizes *per* tua soberua" (f92v)

dizia (1): " batya sua culpa e dizia" (f49v)

dysse (1): " dysse baixamente acabado he" (f36v)

### **Do, prep+art, 1523**

da (542): " diz o liuro da sabedoria" (f98v)

das (114): " das tenporilidades E das cousas" (f64r)

dho (1): " saae do corpo dho homem" (f23r)

do (618): " a cobijça do pecado" (f8v)

dos (248): " o peso dos pecados" (f74v)

### **Dobra – ver Obra**

### **Dobrado, adj, 5 "Duplicado; repetido"**

dobrada (1): " esta dobrada homildade" (f21v)

dobradas (2): " sam as cauas dobradas" (f26v)

dobrado (2): " faz conta damor dobrado" (f31r)

### **Dobre, adj, 8 "Duplo"**

dobre (4): " que com a dobre fosa" (f22v)

dobres (4): " afortezado de dobres fossas" (f55v)

### **Dobrez, sb, 1 "Dobrez; dobro" Cf. Dobro**

dobrez (2): " e dobrez de coraçom" (f20v)

### **Dobro, num, 1**

dobro (1): " pagar do Çem dobro" (f86v)

### **Doçe, adj, 74 "Doce"**

doçe (63): " diz doçe e deleitosa cousa" (f91r)

doçes (11): " pesseguos moles nuem huas doces" (f94r)

### **Doçemente, adv, 7 Docemente"**

doçemente (6): " ouuy doçemente *quantar*" (f132v)

doçem • te (1): " ha quem doçem • te fala" (f17v)

### **Doçem • te – ver Doçemente**

### **Doçura – ver Duçura**

### **Dõde – ver Honde**

### **Dodyo – ver Odio**

### **Doença, sb, 3**

doença (2): " pode apagar toda a doença" (f58v)

doenças (1): " auerssidades e doenças" (f28r)

### **Doente, adj, sb, 4**

doente (2): " cabeça he doente" (f77r)

doentes (2): " os doentes por sua saude busquam" (f2r)

### **[Dentio] – ver Doentyio**

### **Doentyio, adj, 2 "Doentio"**

doentia (1): " pequena compreissom e doentia" (f7r)

doentyio (1): " sonorento e doentyio" (f46v)

### **[Doer], v, 2**

doerees (1): " uos doerees mujto ao partir" (f79v)

doerõ (1): " doerõ como molheres que parem" (f96v)

### **Doestar, v, 1 "doestar; injuriar"**

doestar (1): " prasmear e doestar e acusar" (f27r)

### **Doje – ver Oje**

### **[Dolçura] – ver Duçura**

### **[Dolho] – ver Olho**

### **Doluuyo, sb, 1 "Dilúvio"**

doluuyo (1): " foy a causa do doluuyo" (f9v)

### **Dom, sb,**

dões (2): " nem por rroguos nem dões" (f102r)

dom (8): " que he dom de *deus*" (f45r)

d • es (6): " os d • es da *graça* de *deus*." (f130v)

### **Domde – ver Honde**

**Domingo – ver Dominguo**

**Dominguo, sb, 7 "Domingo**

domingo (2): "deue despende ho domingo" (f50v)  
domingos (1): "aos domingos e festas" (f50v)  
dominguo (3): "homem guastar o domingo" (f49v)  
dominguos (1): "aos dominguos e festas" (f104r)

**Domjldade – ver Humjldade**

**Donde – ver Honde**

**Donzella, sb, 1 "Donzela"**

donzella (1): "donzella que he afiuzada ou casada" (f11r)

**Doo, sb, 1 "Dó; compaixão"**

doo (2): "he marauilha se ouuerem doo" (f89r)

**Door, sb, 47 "Dor; sofrimento"**

door (35): "allegria sem tristeza e door" (f106v)  
doores (12): "guareçerey as tuas doores" (f109r)

**Dora – ver Ora**

**Doraçõ – ver Oraçom**

**Oraçom – ver Oraçom**

**Dormir – ver Dormyr**

**[Dormir] – ver Dormjr**

**Dormjr, sb, 2 "Dormir; sono"**

dormires (1): "destes dous dormires" (f143v)  
dormjr (1): "v•r a este doçe dormjr" (f143r)

**[Dormeçer], v, 1 "Adormecer"**

dormeçe (1): "e assy se dormeçe em elle" (f14v)

**Dormyr, v, 17 "Dormir"**

dorme (4): "nom dorme longuamente" (f146v)  
dormem (1): "parecem que dormem" (f134v)  
dormijs (1): "dormijs em uossos pecados" (f147r)  
dormindo (1): "Vellar em dormindo" (f62r)  
dormir (2): "perderom por mujto dormir" (f146v)  
dormirej (1): "dormirej em esta uida" (f143r)  
dormirey (1): "hi dormirey e folguarey" (f143r)  
dormirõ (1): "os rricos dormirõ seu sono" (f93r)  
dormymos (1): "dormymos tãoto perdemos de tempo" (f47v)  
dormyr (3): "Nom deue de dormyr" (f47v)  
durma (1): "coma ou beua ou durma" (f26r)

**[Dotar], v, 1**

dotara (1): "Ca deus dotara a alma" (f112r)

**Doujom, sb, 2 "Torre de menagem"**

**Do fr. "Donjon", do lat. pop. "dominio": torre do senhor. "Tour principale qui dominait le château fort et formait le dernier retranchement de la garnison" (Petit Robert).**

doujom (2): "correr ao doujom que he a torre da menagem" (f48r)

**Dourado, adj, 1**

dourado (1): "lançado em berço dourado laurado"

(f33r)

**Douro – ver Ouro**

**Dous, num, sb, 44 "Dois"**

dous (20): "auees os dous caminhos" (f148v)  
duas (24): "que estas duas creaturas" (f3v)

**Doutr• – ver Outrem**

**Doutrem – ver Outrem**

**Doutrina, sb, 3**

doutrina (1): "alomeamento de boa doutrina" (f76v)  
doutrinas (2): "de mujtas outras doutrinas" (f86r)

**[Doutro] – ver Outro**

**Douujr – ver Ouujr**

**Doze, num, 4**

doze (4): "os doze artigos da fe" (f20r)

**Dozeno, num, 1 "Duodécimo; décimo segundo"**

**Cf. Duodeçimo**

dozeno (1): "Ho dozeno fruto" (f60v)

**[Drama], sb, 1 "Dracma; moeda"**

dramas (1): "que leuou ao tenplo duas dramas" (f150r)

**Duçura, sb, 59 "Doçura"**

doçura (19): "ha toda doçura e sabor" (f114v)  
doçuras (5): "todollas doçuras do m•do" (f126r)  
dolçuras (1): "as dolçuras da contenplaçom" (f148v)  
duçura (20): "da tua duçura senhor deus" (f106v)  
duçuras (3): "todas deleitosas duçuras" (f60v)  
dulçura (6): "esta dulçura he grande" (f106r)  
dulçuras (5): "esconde deus suas dulçuras" (fVIIr)

**Dulçura – ver Duçura**

**Duodeçimo, num, 2 "Duodécimo" Cf. Dozeno**

duodeçimo (2): "Lxxxj do duodeçimo fruto" (f60v)

**[Duque], sb, 1**

duques (1): "os rreis e os duques e condes" (f135v)

**Durar, v, 15**

dura (9): "çeeo que dura sem" (f68v)  
durar (3): "deue seer firme e durar" (f82r)  
dure (1): "edeficar castello que dure" (f1v)  
durõ (1): "E mais lhe duro" (f45v)  
durou (1): "durou no çeeo mais de mea ora" (f77v)

**Duro, adj, 9**

duro (2): "sey duro e cruell a ty" (f74v)  
duros (1): "mais duros que as creaturas" (f37r)  
dura (4): "tam dura e assy seca" (f39v)  
duras (2): "como com palauras duras" (fIIIr)

**Duradoira, adj, 1**

duradoira (1): "doçe e passiuell e duradoira" (f81v)

**Durauell, adj, 1 "Durável"**

durauell (1): "a quy çidade durauell" (f19v)

**Duujda, sb, 19 "Dúvida"**  
duujda (19): " Mas por tirar a duujda" (f97r)

[Dyno] – ver Dino

**Dyreitamente – ver Dereitamente**

**Dysaias – ver Jsayas**

**Dyscreto – ver Discreto**

E

**E, conj, 3654**  
e (3655):  
"e alterauasse ante *deus e* desprezaua" (f49v)  
"E Sam çipriam" (f50r)  
• – ver Em

[•beuedar] – ver Embeuedar

[•beuedado] – ver Enbeuedado

**[Ebreu], sb, 1 "Hebreu"**  
ebreus (1): " *primeiros* filhos dos ebreus" (f76r)

**Echiell – ver Ezechiell**

**Ecrasiastico – ver Ecresiasistico**

**Ecresiasistico, sb, 17 "Eclesiástico"**  
acresiasistico (1): " Por jsto disse o acresiasistico" (f100v)  
cresiasistico (1): " segundo diz o cresiasistico" (f67v)  
ecresiasistico (4): "segundo diz o ecresiasistico" (f103r)  
ecresiasistico (11): " Disto diz o ecresiasistico" (f119r)

**Edeficaçom, sb, 4 "Edificação"**  
edeficaçom (3): "pallaura de edeficaçom" (f43r)  
edeficaçom (1): " edeficaçom dos prouxtimos" (f65v)

**Edeficar, v, 17 "Edificar"**  
edefica (1): " edefica sem fundamento" (f64r)  
edeficado (1): " trabalho do corpo foy edeficado" (f45v)  
edeficar (14): " edeficar h • alto edefiçio" (f147v)  
edeficassemos (1): " dissesse que o edeficassemos" (f20r)

**Edefiçio, sb, 9 "Edifício"**  
edefiçio (6): "edeficar h • alto edefiçio" (f147v)  
edefiçios (3): " muros e todos os edefiçios" (f46v)

**Edificaçom – ver Edeficaçom**

•firmidade – ver Enfirmidade

•firmidade – ver Enfirmidade

•gano – ver Emguano

**Egipçiaqua, adj, 1 "Egipciaca"**  
egipçiaqua (1): " E *maria* egipçiaqua" (f146r)

**Egipto – ver Egipto**

**Egito – ver Egipto**

•guanoso, adj, 2 "Enganoso; enganador"  
•guanoso (1): " mundo falleçedor e •guanoso" (f133r)  
enguanosa (1): " A balança enguanosa" (f74v)

**Egipto, np, 9 "Egipto"**  
egipto (3): " amoestaa que deça ao Egipto" (f104v)  
egjto (1): " deçesse ao egjto" (f104v)  
egipto (4): " a Joseph sobir so egipto" (f104v)  
egito (1): " comparada ao rrey do egito" (f76r)

**Eigito – ver Egipto**

**Eixalçado, adj, 3 "Exalçado; engrandecido; exaltado" (Viterbo).**  
eixalçado (1): " nom foy o fareseu eixalçado" (f49r)  
emxalçados (1): " seerem emxalçados em estas tenporalidades" (f80v)  
exalçado (1): " elle homildou foy assy exalçado" (f145v)

**Eixaminar, v, 1 "Examinar"**  
eixaminar (1): " eixaminar com b • cuidado" (f47r)

**El, art, 2**  
del (1): " e o copeiro del rrej" (f110v)  
el (3): " El rrey daujd" (f10v)  
[•laçar] – ver [emlaçar]

**[Elamento] , sb, 4 "Elemento"**  
allementos (1): " todollas criaturas e allementos" (f94v)  
elamentos (3): " os elamentos nom terram" (f99v)

**Ele – ver Elle**

**Eleuaçom, sb, 2 "Elevação"**  
eleuaçom (1): " *per* eleuaçom despritu" (f135r)  
elleuaçõ (1): " h • a elleuaçõ despritu" (f137r)

**Ell – ver Elle**

**Elle, pr, 639 "Ele"**  
controlles (1): " braadarom controlles" (f98r)  
del (2): " falar do m • do senõ del" (f134v)  
dela (7): " E diuersas maneiras dela" (f1r)  
dele (2): " doutrinas *pera* escapar dele" (f86r)  
deles (4): " rramos *que* deles procedem" (f4r)  
della (18): " come do frujto della" (f112v)  
dellas (4): " o jntindimento dellas" (f127r)  
delle (39): " Nembrãdosse delle" (f132v)  
delles (13): " n • escuyte fallar delles" (f15r)  
ela (6): " E que sem ela nom pode" (f20r)  
ell (1): " de morar em ell" (f1r)  
ele (5): "ele a nom tiraria" (fVIr)

eles (2): " eles escaparam aos males" (f109r)  
ella (116): " Ella prouou e uio" (f116v)  
ellas (16): " sse ellas sam abertas" (f41v)  
elle (302): " segundo elle diz" (f44v)  
elles (100): " elles sam bem certos" (f54r)  
neelle (1): " E emuorilhamse neelle" (f71v)

**Elleuação – ver Eleuação**

**Ellias, np, 1 "Elias"**

ellias (1): " moysem h • A ellias h • ." (f137v)

**Em, prep, 1179**

• (39) : " • cima trautou da primeira." (fVIIIr)  
em (1136): " alma enbeuedada em o amor" (fVIIIv)  
en (5): " serem En confusam" (f92r)

**[Emader], v, 1 "Acrescentar; juntar"**

**Do lat. addere (ad + dare)**

emadeo (2): " Quando daujd disse. como he grande a multidom da tua doçura E emadeo logo. que tu escondeste aos *que* te temem" (f116v)

**Emaus, np, 1 "Emaús"**

emaus (1): " o dia da pascoa a emaus" (f147r)

**Embalde, adv, 3 "Debalde"**

em balde (1): " em balde choram os *perdidos seus* pecados" (f97v)  
embalde (1): " peenssa que embalde se confessaria" (f14v)  
embalde (1): " embalde se conbate" (f42r)

**Embalde - ver Embalde**

**Embargo – ver Enbargo**

**Embebedar – ver Embeuedar**

**Embeuedar, v, 11 "Embebedar; embriagar; inebriar"**

•beueda (1): " em ssy. e a •beueda tanto" (f58r)  
embebeda (1): " *per* pecado se embebeda" (f29r)  
embeuedar (2): " *perfeita per* embeuedar" (f148v)  
embeuedom (1): " E que embeuedom" (f58r)  
enbeueda (2): " assy enbeueda a alma" (f119v)  
enbeuedasse (1): "fartasse e enbeuedasse" (f125v)  
sembeueda (1): " de seu amigo sembeueda" (f140v)  
senbeueda (1): "ssua v•tade se senbeueda" (f118v)  
senbeuedarom (1): "mujtos senbeuedarom" (f118v)

**[Embicar], v, 1 "Embicar; tropeçar; esbarrar"**

embica (1): " caae ou embica amehude" (f118v)

**[Emborilhado] - ver [Emuorilhar]**

**[Embrasar], v, 7 "Abrasar; entusiasmar; inflamar; exaltar"**

embrasada (3): " Caridade embrasada" (f61v)  
embrasado (1): " minino todo embrasado" (f3v)  
enbrasada (1): " enbrasada de desejo" (f106r)  
enbrasa (1): " enbrasa e açende o coração" (f128v)

**Emcalçar, v, 1 "Alcançar" Cf. Acalçar**

emcalçar(1): "amor que hom• pode emcalçar" (f55v)

**[Emcarçerado] – ver Encarçerado**

**[Emçarrado], adj 1 "Encerrado"**

emçarrados (1): " achados e emçarrados" (f143v)

**[Emcher] – ver Encher**

**[Emclinado] – ver Enclinado**

**Emcorrer – ver Encorrer**

**[Emcouado] - ver [Encouado]**

**[Emcrynar] – ver [Inclinar]**

**[Emcuberto], adj, 3 "Encoberto; escondido"**

emcuberta (1): " Afeiçom emcuberta" (f61v)  
emcubertos (2): " *pecados* sam emcubertos" (f94v)

**[Emçujar], v, 3 "Sujar"**

emçujados (1): " sam todos emçujados de sangue" (f135v)  
emçujasses (1): " que nom emçujasses as almas" (f70v)  
emçujes (1): " nom emçujes tua boca" (f72r)

**[Emdureçer] – ver [Endureçer]**

**Em•dar - ver Emmendar**

**[•mendar] - ver Emmendar**

**Emendar- ver Emmendar**

**Em fim, adv, 3 "Enfim; finalmente"**

emfim (1): " tu emfim *serias* perdido" (f93r)  
em fim (2) " E em fim *que* nos de a uida perdurauell" (f62v)

**Emfadamento, sb, 1**

emfadamento (1): " Amalloemos sem emfadamento" (f114r)

**Emfermo, adj, 1**

emfermo (1): " *gram* tenpo foi emfermo" (f109r)

**[Emfeyxado] - ver [Enfeixado]**

**Emfijndo, adj, 2 "Infindo"**

emfijndo (1): " amar *deus* ha emfijndo prazer" (f10r)  
enfijnda (1): " *conhecimento* da enfijnda uerdade" (f138v)

**Emfim - ver Em fim**

**Emfirmidade – ver Enfirmidade**

**Emfirmjdade – ver Enfirmidade**

**Emflamar, v, 1 "Inflamar"**

emflamar (1): " emflamar e *acreçentar*" (f130v)

**[Emguanado] – ver Enguanado**

**Emguano, sb, 3 "Engano"**

•gano (1): " ou *per* furto ou *per* •gano" (f7r)  
emguano (2): " nom reçeberees emguano" (f79v)

**[Engulir], v, 1 "Engolir"**

emgulio (1): " os b • s bocados emgulio" (f96v)

**[Emguordar], v, 1**

emguorda (1): " que ha emguorda *per* deuação" (f59r)

**[Emjuria], sb, 6 "Injúria"**

emjurias (3): " Nem outras emjurias" (f29r)

enjurias (1): " *per* enjurias e uilanyas" (f27r)

jnjurias (2): " jnjurias vilanias tribulaç • es. " (f11r)

**[Emlaçar], v, 2 "Enlaçar; enleiar"**

•laçados (1): " aquelles que sam •laçados" (f77v)

emlaçados (1): " ho mundo tem emlaçados" (f77r)

**[Emllodado], adj, 1 "Enlodado; enlameado"**

emllodada (1): " çuja *per* pecado e emllodada" (f39v)

**Emm • dar – ver Emmendar**

**Emmenda, sb, 6 "Emenda" Cf. Enmendamento**

emmenda (6): "pendença e emmenda dos feitos" (f40r)

**Emmendamento, sb, 1 "Emenda" Cf. Enmenda**

emmendamento (1): " emmendamento de ujda" (f18r)

**Emmendar, v, 19 "Emendar"**

emm • da (1): " repreende e emm • da" (f8v)

emm • dar (1): " E emm • dar as minguas" (f47r)

emmedou (1): " sse emmedou ou pexorou" (f66r)

em • dar (1): " *quer* em • dar seu pecado" (f143v)

•menda (1): " •menda e aparelha tua ujda." (f25v)

emendar (1): " emendar seu pecado" (fVIIIv)

emmendar (1): " nos correger e emmendar" (f78v)

emmenda (1): " se sse nom emmenda" (f11r)

emmendar (4): " husa senom em emmendar" (f87r)

emmendarsse (1): " leer *per* este liuro e emmendarsse" (f70r)

emmende (2): " he m • o que se emmende" (f27v)

emmendem (1): " *porque* se emmendem" (f87r)

emmendou (1): " E emmendou sua ujda" (f25v)

enmendar (1): " E se sse nō enmendar" (f10r)

semmendarem (1): " nom *pera* semmendarem" (f86v)

**[Emmentar], v, 1 "Recapitular; relemburar; apontar" (Viterbo)**

emmentarey (1): " Aynda por confortar e esforçar os pecadores emmentarey algh • s outros" (f145r)

**[Empachar]– ver [Enpachar]**

**Empeençer – ver Enpeençer**

**Empeençimento, sb, 1 "Impedimento"**

empeençimento (1): " sentir • • dellas grande empeençimento" (f88v)

**Emperador – ver Enperador**

**[Empetrar] – ver Enpetrar**

**[Empregar], v, 2**

empregou (1): " como homem empregou seu tenpo" (f65r)

**Emquanto – ver Emquanto**

**Emquanto, conj, 8 "Enquanto"**

emquanto (1): " emquamto dura o trabalho" (f117r)

emquanto (5): "emquanto somos em esta mortal vida" (f52r)

emquãto (1): " Callada emquãto a nom toquom" (f28r)

•quanto (1): " . •quanto ha maa uoomtade" (f51v)

**Emquãto – ver Emquanto**

**Emqueriçom, sb, 1 "Inquirição**

emqueriçom (1): " thirae emqueriçom com diligencia" (f64r)

**[Emsandecer], v, 1 "Ensandecer"**

emsandecendo (1): " que uaas emsandecendo" (f41r)

**[Emsangoentar], v, 1 "Ensanguentar"**

emsanguoentadas (1): " sam emsanguoentadas do seu sangue" (f38r)

**Emsinar – ver Enssinar**

**[Emsoberueçe] - ver [Emssoberueçer]**

**Emssinar – ver Enssinar**

**[Emssoberueçer], v, 2 "Ensoberbecer"**

demssoberueçer (1): " rrazom demssoberueçer" (f23v)

emsoberueçe (2): " a pessoa a que *deus* fez tantas graças emsobreueçe." (f45v)

**Emssynar – ver Enssinar**

**Emsynar – ver Enssinar**

**Emtençõ – ver Entençom**

**Emtender - ver Entender**

**Emtendidamente – ver Entendidamente**

**Emtom – ver Entom**

**[Emtrar] – ver Entrar**

**Emtristeçer, v, 1 "Entristecer"**

emtristeçer (1): " nem emtristeçer" (f132r)

**Emueja - ver Enueja**

**[Emuejoso] - ver Enuejoso**

**[Emujar] – ver Enuyar**

**[Emuorilhar], v, 5 "Embrulhar"**

Segundo Machado, a etimologia estará no lat. "involucrare": "meter num invólucro; cobrir com véu".

emborilhados (1): "que ssam todos emborilhados"

(f61v)  
 emuorilhaeo (1): " emuorilhaeo em h• lençoll"  
 (f38v)  
 emuorilhado (1): " foy emuorilhado em cueyros"  
 (f33r)  
 emuorilhamsse (1): " emuorilhamsse neelle" (f71v)  
 enuorilhado (1): " enuorilhado em h• lençoll"  
 (f38r)

[Emuyar] – ver Enuyar

[Emxalçado] - ver Eixalçado

Emxenplo – ver Enxenplo

Emxenpro – ver Enxenplo

En – ver Em

[Enbargar], v, 11

enbarga (2): " rrezom que nos enbarga" (f115v)  
 enbargã (1): " cousas *que* enbargã ho homem"  
 (f72v)  
 enbargam (4): " çinco *que* a enbargam " (f1v)  
 enbarguam (2): " cousas som que enbarguam"  
 (f14v)  
 enbarguando (1): " Nom enbarguando que doutra  
 guisa" (f78r)  
 enbarguom (1): " ao gram ujço enbarguom" (f121r)

[Enbargar] – ver [Enbargar]

Enbargo, sb, 8

embargo (1): " Ho vj embargo do liuro" (f76r)  
 embargo (3): " do sexto embargo" (f76r)  
 embargos (4): " acabã os sete embargos" (f78r)

Enbeuedado, adj, 30 "Embriagado; inebriado;  
 extasiado"

•beuedado (3): " fostes •beuedado em amor"  
 (f35v)  
 embeueda (1): " callez que embeueda" (f59r)  
 embeuedada (3): " alma que he embeuedada"  
 (f128v)  
 embeuedado (10): " soo guota era embeuedado"  
 (f137v)  
 embeuedados (2): " forã tam embeuedados" (f119v)  
 enbeuedada (3): " alma enbeuedada • o amor"  
 (f140v)  
 enbeuedado (7): " chamamos amor enbeuedado"  
 (f143v)  
 enbeuedados (1): " seiaes enbeuedados" (f141v)

Enbeuedamento, sb, 3 "Embriagamento"

Cf. Enbeuedar

enbeuedamento (3): " longe de tall enbeuedamento"  
 (f137v)

[Enbeuedar] - ver Embeuedar

Enbeuedar, sb, 1 "Embriagamento;  
 inebriamento" Cf. Enbeuedamento

enbeuedar (1): " deste enbeuedar ffalamos já"  
 (f125v)

[Enbrasar] - ver [Embrasar]

Enbrasamento, sb, 2 "Abramento; ardor;  
 paixão; exaltação"

enbrasamento (2): " enbrasamento pera o amar"  
 (f34v)

[Encaminhar], v, 2

encaminha (1): " os encaminha a persseuerar"  
 (f76v)  
 encaminhom (1): " que encaminhom homem"  
 (f12v)

Encarçerado, adj, 2

emcarçerados (1): " viuemos emcarçerados" (f109v)  
 encarçerado (1): " longo tempo encarçerado" (f109v)

Encarnaçom, sb, 1

encarnaçom (1): " em ssua encarnaçom" (f33r)

Encher, v, 8

dencher (1): " esforçasse dencher" (f26v)  
 emcher• (1): " emcher• esta segunda caua" (f27r)  
 enche (2): " *deus* enche assi o coraçom" (f31v)  
 encher (4): " por encher a primeira fosa" (f22v)

Enchimento, sb, 2

enchimento (1): " he *grande* enchimento" (f121r)  
 enchim•tos (1): " desarrazoados enchim•tos"  
 (f96v)

Enchim•tos – ver Enchimento

[Encljnar] - ver [Inclinar]

Encobrir, v, 3

encobrir (2): " sem alghua cousa encobrir" (f12r)  
 encovryr (1): " he encovryr *seus* pecados" (f74v)  
 encubraes (1): " as encubraes *per* ypocrisia"  
 (f78v)

[Encomendar], v, 1 "Encomendar" Cf.  
 [Comendar]

encomenda (1): " encomenda a esta uogada" (f40r)

[Encorporar], v, 1

encorpora (1): " nos encorpora • ssy" (f60r)

Encorrer, v, 8 "Incorrer; investir contra alguém;  
 acometer; atacar; rechaçar".

emcorre (1): " que emcorre os jmijgos" (f55r)  
 emcorrer (1): " arroydo pollos emcorrer" (f55r)  
 emcorrido (1): " emcorrido na perdurauell pena"  
 (f124v)  
 encorre (3): " Mes encorre os jmijgo" (f25r)  
 encorrer (2): " tem• encorrer na pena" (f54r)

[Encouado], adj, 4 "Encovado; com olheiras"

emcouados (1): " namorado tem os olhos  
 emcouados" (f130r)  
 encouados (3): " namorados os teem encouados"  
 (f129v)

Encovryr - ver Encobrir

[Encrynar] - ver [Inclinar]

[Encubrir] - ver Encobrir

[Endurar], v, 1 Cf. [Endurecer]

"Endurecer; tornar duro"

Este vocábulo parece o aportuguesamento do correspondente fr. "endurer" (lat. "indurare"): "Suportar com paciência o que é duro, penoso" (Petit Robert).

endura (1): " quem sofre e endura tentaç • es" (f29r)

[Endurecer], v, 4 Cf. [Endurar]

emdureçe (1): " ella emdureçe" (f39v)

emdureçidos (1): " sam tam emdureçidos" (f39v)

endureçe (1): " endureçe o lloido" (f39v)

endureçya (1): " endureçya ao fogo" (f39v)

[Enfeixado], adj, 2 "Enfaixado; ligado"

emfeixados (1): " emfeixados e metidos no espantoso carçer" (f90r)

enfeixados (1): "enfeixados pera os queimar" (f90r)

[Enfijndo] - ver Emfijndo

Enfirmedade, sb, 12

denfirmedade (1): " dauer nem denfirmedade" (f141r)

•firmidade (1): " corpo naçe em •firmidade" (f113r)

•firmidades (1): " sofrer as •firmidades" (f15v)

•firmjdade (1): " •firmjdade do pecado" (f120r)

•firmjidades (1): " guareç • as •firmjidades" (f29r)

emfirmedade (1): " mall per emfirmedade" (f112v)

emfirmjdade (1): " grande emfirmjdade faz" (f29r)

enfirmedade (1): "conheça sua enfirmedade" (f130v)

enfirmedades (1): " outras enfirmedades" (f109v)

enfirmedade (1): " es guarido da enfirmedade" (f29r)

jnfirmedade (1): " jnfirmedade que enpacha" (f120r)

jnfirmedades (1): " jnfirmedades e despreços" (f40v)

Enfirmjdade - ver Enfirmedade

Enforcado, adj, 1

enforcado (1): " e o çaqueteiro enforcado" (f110v)

Engenho, sb, 4

engenho (1): " per seu engenho fazem." (f102r)

engenhos (3): " acha homem quatro engenhos" (f28r)

[Enguanar], v, 1 "Enganar"

enguana (1): " sy meesmo enguana" (f145v)

Enguanado, adj, 5 "Enganado"

emguanada (1): " sandia emguanada do diaabo" (f3r)

enguanada (1): " pollo jmijgo enguanada" (f3r)

enguanadas (1): " gentes som enguanadas" (f14v)

enguanado (1): " coua foy enguanado" (f85r)

enguanados (1): " esto som enguanados" (f6r)

[Enguanador], sb, 2

enguanadores (2): " m•tidores e enguanadores" (f13r)

[Emguanosos] – ver •guanosos

[Enguento], sb, 1 "Unguento"

enguentos (1): " os enguentos aromaticos" (f39v)

[Enjenho], sb, 1

enjenhos (1): " quatro enjenhos grandes" (f29v)

[Enjuria] – ver [Emjuria]

Enmendar – ver Emmendar

•noçençya, sb, 1 "Inocência"

•noçençya (1): " alua per •noçençya de uida" (f11v)

[Enpachar], v, 2 "Embaraçar; impedir"

enpacha (2): " que uos enpacha a ueer" (f64r)

empachado (1): " Nom seras empachado" (f51r)

enpachada (3): " oraçom enpachada" (f51r)

enpachado (1): " coraçom enpachado" (f60v)

Enpachamento, sb, 15 "Embaraço; impedimento" Cf. Enpacho

enpachamento (10): " terceiro enpachamento da conçiência" (f74v)

enpachamentos (3): " os sete enpachamentos do liuro" (f73r)

enpãchamentos (1): " dos sete enpãchamentos" (f72v)

enpacham•to (1): " do quarto enpacham•to" (f74v)

Enpacho, sb, 8 "Embaraço; impedimento"

Cf. Enpachamento

enpacho (8): " se deueste sem enpacho" (f141r)

[Enpeçonhar], v, 2 "Empeçonhar; conspurcar"

enpeçonhado (1): " he preso e enpeçonhado" (f44r)

enpeçonham (1): "linguas que enpeçonham" (f43r)

Enpeençer, v, 6 "Impedir; embaraçar; obstruir"

enpeeça (1): " cousa que tanto enpeeça" (f64r)

denpeençer (1): "denpeençer a primeira caua" (f24r)

empeençe (2): " sandeus amehude empeençe" (f80r)

empeençer (1): " empeençer a nosso castello" (f20r)

enpeençer (1): " enpeençer aa primeira caua" (f26v)

Enperador, sb, 4 "Imperador"

emperador (1): " senhor e emperador do çeeo" (f1r)

enperador (3): " Ho enperador de rroma" (f82v)

Enpero, conj, 1 "Então"

"Porém; todavia" (Viterbo). "Apesar de; ainda assim; não obstante" (Michaëlis).

enpero (1): " Enpero repreenderõno" (f144v)

Enpetrar, v, 5 "Suplicar; requerer; conseguir por súplica"

empetrou (1): " rroguo que empetrou sua necessidade" (f50r)

enpetrar (1): " nõ pode enpetrar deus" (f93v)

enpetraria (1): " enpetraria h•a soo ora" (f101v)

jnpetrarem (2): " jnpetrarem h•a soo ora" (f101v)

Enpreguado, adj, 1 "Empregado"

enpreguado (1): " todo o tenpo mall enpreguado" (f6v)

[Enprenhar], v, 1

enprenharõ (1): " enprenharõ e parirõ naquelles dias" (f76r)

**Enprestar, v, 4**

enprestar (1): " *per* dar. ou *per* enprestar" (f7v)  
 enprestou (2): " Mes *deus* lhas enprestou" (f122v)  
 •prestei (1): " b • s que te eu •prestei" (f122v)

**[Ensinar] – ver Enssinar****Enssinar, v, 15 "Ensinar"**

denssinar (1): " homem *deue* denssinar" (f7v)  
 denssynar (1): " denssynar a *ourem* o *que* sabe" (f7v)  
 emsina (1): " Liçom emsina" (f124v)  
 emsinar (1): " o *espritu* santo emsinar" (f61v)  
 emssinar (1): " quero emssinar a todos" (f1r)  
 emssynar (1): " *deçipullos* por *nos* emssynar" (f51r)  
 emsyna (3): " santo *espritu* *lhe* emsyna" (f44v)  
 emsynar (1): " E emsynar os *ynorâtes*" (f67r)  
 emsynaria (1): " *espritu* *lhe* emsynaria" (f125r)  
 ensina (1): " a *rrazom* nos ensina" (f111v)  
 enssina (1): " nos enssina *natureza*" (f30r)  
 enssinar (1): " *pera* os outros enssinar" (f135v)  
 enssynarey (1): " Enssynarey cinco cousas" (f79v)

**[Enssynar] – ver Enssinar****Ent•çõ – ver Entençom****Ent•der – ver Entender****Enteiramente, adv, 6 "Inteiramente; completamente"**

enteiramente (6): " a confessar *enteiramente*" (f12r)

**Enteiro, adj, 6 "Inteiro; completo"**

enteira (2): " nom pode h • a ora inteira" (f77r)  
 inteiro (2): " auia logar inteiro" (f35r)  
 enteyras (1): " oras *deuotamente* enteyras" (f65r)  
 •teira (1): " nom acabou ora •teira" (f77v)

**Entendedor, adj, 1**

entendedor (1): " a b • entendedor possam" (f143v)

**[Entemder] – ver Entender****Entemdimento – ver Jntindimento****Entençõ – ver Entençom****Entençom, sb, 10 "Intenção; entendimento"****Cf. Tençom**

emtençõ (1): " aja hua emtençõ no *coraçõ*" (f67v)  
 ent•çõ (1): " que *afeiçõ* e ent•çõ" (f64v)  
 entençõ (3): " como a *prnçepall* entençõ" (f132r)  
 entençom (4): " pura entençom por amor" (f4r)  
 •tençom (1): " de *ssua* *prnçepal* •tençom" (f132r)

**Entender, v, 75**

dentender (1): " *deuemos* dentender os *abades*" (f76v)  
 emtender (3): " emtender a *graueza* da pena" (f97r)  
 ent•de (1): " e ent•de as *jnujsivees* de *deus*" (f126v)  
 em•dem (1): " ent•dem as *pallauras ásperas*" (f43r)  
 ent•der (1): " ent•der as grandes *allegrias*" (f105v)  
 entemde (1): " se entemde *quem* demanda" (f49r)  
 entendaes (1): " Nom *entendaes*" (f126r)  
 entende (22): " se entende o *carnal deleito*" (f128v)

entendee (3): " E *entendee* s • *mente*" (f127v)  
 entendello (1): " E *entendello* claramente" (f41r)  
 entendem (5): " nom *entendem* *latym*" (f57v)  
 entendeo (1): " bem *entendeo* *pillatos*" (f34v)  
 entender (12): " *entender* os seus *tormentos*" (f95v)  
 entenderemos (1): " *per que* *entenderemos* o *diaboo*" (f129v)  
 entendesse (1): " *Entendesse* de todo *nosso* poder" (f147v)  
 entendessem (2): " *entendessem* as *miserias*" (f71v)  
 entendida (5): " *quy* he *entendida* a *perpetualidade*" (f90r)  
 entendido (1): " *confessor* que *seia* *entendido*" (f2r)  
 entendidos (3): " que *sam* *entendidos* *per* *Jacob*" (f116r)  
 •tende (1): " homem •tende as *afeiç* •es" (f134v)  
 •tender (3): " pode homem •tender *cousa*" (f77r)  
 •tendidas (1): " que *sam* •tendidas" (f121r)  
 sentende (2): " *Pello* *silynçio* *sentende* a *paz*" (f77v)  
 sentendem (1): " *sentendem* os *ujços* do mundo" (f120v)  
 tentendes (1): " tu *meesmo* *nom* *tentendes*" (f50r)

**Entendidamente, adv, 2**

emtendidamente (1): " nom diz • emtendidamente" (f131v)  
 entdidamente (1): " ouuyr o *seruiço* *entendidamente*" (f69r)

**Entendimento – ver Jntindimento****[Enteyro] – ver Enteiro****Entidim•to – ver Jntindimento****Entõ - ver Entom****Entom, adv, 40 "Então"**

emtom (1): " *seriã* emtom *cubertos*" (f94v)  
 entõ (8): " Entõ *ueo* *judas*" (f34r)  
 entom (30): " E *entom* *disse* *pillatos*" (f35r)  
 •tom (1): " *podera* •tom *tenperar*" (f95r)

**Entrada, sb, 5**

entrada (5): " a *gulla* he *porta* e *entrada* de todos os *pecados*" (f8r)

**[Entranha], sb, 1**

entranhas (1): " *ardia* o *corpo* e as *entranhas*" (f3v)

**Entrar, v, 31**

emtrados (1): " *jmiçgos* *sam* *emtrados*" (f49r)  
 emtram (1): " *emtram* na *confraria* do *santo*" (f60r)  
 entra (7): " *entra* • *coraçõ* *curruto*" (f117r)  
 entrã (1): " *entrã* *per* esta *porta*" (f41v)  
 entraaes (1): " *entraaes* dentro nas *chaguas*" (f36r)  
 entram (3): " *entram* em *nosso* *castello*" (f20v)  
 entrar (12): " *entrar* em seu *coraçom*" (f50r)  
 entrardes (1): " *quando* *assy* *entrardes*" (f64r)  
 entrarem (1): " *pera* *entrarem* os *jmiçgos*" (f42v)  
 entrariamos (1): " *entrariamos* de *boamente*" (f85v)  
 entrarmos (1): " *entrarmos* dentro em *elle*" (f38r)  
 entre (1): " *entre* no *santuayro*" (f149r)

**Enueja, sb, 20 "Inveja"**

denuēja (2): " este *pecado* *uem* *denuēja*" (f5v)  
 emueja (4): " *emueja* de *ssua* *profeiçom*" (f27r)



enueja (12): " ou enueja ou ódio" (f64v)  
 enuejas (1): " que jsto era enuejas" (f34v)  
 •ueja (1): " u • glloria ou de •ueja" (f12v)

#### **Enuejoso, sb, 4 "Invejoso"**

emuejosos (1): " os •uejosos com os emuejosos" (f90r)  
 enuejoso (2): " o enuejoso. vee ou ouue" (f5r)  
 •uejosos (1): "os •uejosos com os emuejosos" (f90r)

[Enuiar] – ver Enuyar

[Enujar] – ver Enuyar

#### **Enuollto, adj, 1 "Envolto"**

enuollto (1): " por que he enuollto de carne" (f128v)

[Enuorilhar] – ver [Emuorilhar]

#### **Enuyar, v, 16 "Enviar"**

enuja (1): " tribullaç •es que lhe enuja" (f65r)  
 emuyou (1): " pinticoste emuyou esprito santo" (f38v)  
 enuia (1): " auerssidades que *deus nos enuia*" (f27v)  
 enuiam (1): " enuiam messagees ao senhor" (f48r)  
 enuja (2): " Comssollaç •es que *nos enuja*" (f118v)  
 enujados (1): " enujados a ministrar aquelles" (f32v)  
 enujouho (1): " enujouho a erodes" (f35r)  
 enujoulhos (1): " os fez logo thirar. E enujoulhos" (f10r)  
 enuya (3): " *deus enuya* aas deuotas pessoas" (f55r)  
 enuyar (1): " enuyar seus mesegeiros" (f48r)  
 enuyou (1): " enuyou deante seu messegeiro" (f1r)  
 •uja (2): " todo o que *nos elle •uja*." (f40v)

**Enxemplo – ver Enxenplo**

**Enxenplo – ver Enxenplo**

#### **Enxenplo, sb, 25 "Exemplo"**

emxenplo (1): " podemos hi filhar emxenplo" (f3r)  
 emxenpro (1): " meestre *e* emxenpro" (f41r)  
 enxemplo (1): " seguir o enxemplo" (f1r)  
 enxempllo (2): " enxempllo nas ujdadas dos padres" (f85r)  
 enxemplo (6): " pecado o maaos enxemplo" (f72r)  
 enxemplos (3): " enxemplos da *Esriptura*" (f126r)  
 enxemplo (4): " uos direj h • enxemplo" (f10r)  
 enxemplos (2): " enxemplos muito espantosos" (f2v)  
 enx •plo (2): " enx •plo de boa ujdada" (f68r)  
 enx •plos (1): " auemos mujtos enx •plos" (f144r)  
 enx •pro (1): " o enx •pro dos maaos" (f76v)  
 enx •pros (1): " pregaç •es *e* b •s enx •pros" (f51v)

**Enxenpro – ver Enxenplo**

**Enx •plo – ver Enxenplo**

**Enx •pro – ver Enxenplo**

#### **Epistolla, sb, 7 "Epístola"**

epistolla (5): "a epistolla de sam paullo" (f87v)  
 epistollas (2): " doçes *e* fremossas epistollas" (f145r)  
 hepiastolla (1): " hepiastolla aos corintia" (f149v)

••prestar] – ver Enprestar

•quanto - ver Emquanto

#### **[Equiparado], adj, 4 "Semelhante"**

aquiparadas (1): " namorada de *deus* som aequiparadas" (f131v)  
 aequiparados (2): " amor m •danal sō aequiparados" (f129v)  
 equiparados (1): " os do amor mundanal som equiparados" (fVIIIr)

**Erdade – ver Herdade**

#### **Erodes, np, 5 "Herodes"**

derodes (1): " pella *perssiguiçõ* derodes" (f33r)  
 erodes (3): " erodes que o quiria mathar" (f104v)  
 Herodes (1): "Herodes que tanto *quer dizer*" (f104v)

#### **[Error], v, 1**

errarom (1): " errarom *e* uaaom fora do caminho" (f135v)

#### **Erro, sb, 3**

erro (2): " por *que* conhecerõ seu erro" (f114r)  
 erros (1): " seus erros em cõfisam" (f73v)

#### **Error, sb, 2 Cf. Erro**

error (1): " Pensamento sem liçom traz error" (f148r)  
 errores (1): " a conhecer os errores" (f47r)

#### **Erua, sb, 2 "Erva"**

erua (2): " hua erua mui amarguosa" (f94r)

#### **Esau, np, 3 "Esaú"**

esau (3): " dous *filhos*. Jacob *e* esau" (f13v)

#### **Escandallo, sb, 2 "Escândalo"**

escandallo (1): " podera sem escandallo" (f3r)  
 scandollo (1): " sem fazer scandollo" (f9v)

#### **Escapar, v, 28**

descapar (8): " fosse descapar aas penas suso ditas" (f99v)  
 escapa (1): " escapa *per* sua fortelleza" (f102r)  
 escapar (9): " de sua maaos possa escapar" (f102v)  
 escapara (1): " escapara aos males deste mundo" (fVIv)  
 escaparam (1): " escaparam aos males deste mundo" (f109r)  
 escapariam (1): " escapariam aas penas do jnferno" (f104r)  
 escaparõ (1): " escaparõ aos malles" (f108v)  
 escaparam (3): " escaparam aas penas do jnferno" (f110v)  
 escapasse (1): " escapasse *e* ho outro percesse" (f110v)  
 escapou (1): " muj ledo o *que* escapou" (f110v)  
 scaparam (1): " çercados que poucos scaparam" (f48r)

#### **Escarneçer, v, 8 "Escarnecer; motejar"**

descarneçer • (1): " medo descarneçer • delle" (f4v)  
 descarneçerem (1): " uergonha descarneçerem delle" (f10v)

escarneço (1): " se escarneço ou trusou" (f65r)  
escarneçer (2): " defamar e escarnecer" (f27r)  
escarneçido (2): " bem escarneçido foy" (f35r)  
escarnido (1): " seer escarnido por *deus*" (f4v)

**Escarnho, sb, 2 "Escárnio"**

escarnho (2): " fazendo delle escarnho" (f35r)

**[Escarro], sb, 1**

escarros (1): " bofetadas e lançar escarros" (f34r)

**Escaseza, sb, 1 "Escassez"**

escaseza (1): " *seria* theudo por escaseza" (f108v)

**Escasso, adj, 2**

escassos (1): " se som escassos do que ham" (f7v)  
escasso (1): "largo a *deus*. Escasso ao segre." (f69r)

**[Esclarecido], adj, 1 "Esclarecido; iluminado"**

esclarecida (1): " fremosura esclarecida" (f62v)

**Escolher, v, 17**

escolha (1): " escolha a seu poder pessoa saies" (f84r)  
escolhe (3): " *quem* escolhe cegidade" (f1Vr)  
escolheito (1): " ffoy escolheito a estado dapostollo" (f145r)  
escolheitos (1): " que sam os escolheitos" (f110v)  
escolheo (1): " escolheo seer pendurada" (f140v)  
escolher (7): " e escolher o bem" (f44r)  
escolhy (1): " Ca este lugar escolhy" (f36r)  
scolher (2): " scolher pessoa soberua" (f81v)

**[Escomder] – ver Esconder**

**Esconder, v, 19**

ascondeste (1): " a quall tu ascondeste aos *que* te tem•." (f106v)  
escondeste(1): "pallaura que tu escomdeste" (f121v)  
esconde (5): " *deus* esconde suas duçuras" (f117r)  
esconder (2): " nom se poderom esconder" (f26v)  
escondeste (2): " escondeste aos *que* te temem" (f116v)  
escondida (4): " ella seia assy escondida" (f118r)  
escondido (2): " no mais escondido lugar" (f10r)  
escondidos (1): " muj escondidos delles" (f116v)  
escondisti (1): " escondisti aos *que* te Amã" (f121r)

**Escondidamente, adv, 2**

escondidamente (1): " homem diz suas oras escondidamente" (f6r)  
scondidamente(1): "amoestallo scondidamente" (f9v)

**[Escrepuer] – ver Screpuer**

**[Escreuer] - ver Screpuer**

**[Escripto], sb, 1 "Escrito"**

escriptos (1): " dos *escriptos* do diaboo" (f124v)

**Escriptura, sb, 11 "Escritura"**

escriptura (8): " *segundo* diz a *escriptura*" (f105v)  
escripturas (2): " achamos nas *escripturas*" (f13v)  
scriptura (1): " da santa *scriptura*" (f135v)

**[Escudela] - ver Escudella**

**Escudella, sb, 3 "Escudela; malga"**

escudelas (1): " enche todas as escudelas" (f108r)  
escudella (2): " Mes a escudella era fea" (f25v)

**Escudo, sb, 2**

escudo (1): " Este he escudo douro" (f27v)  
scudo (1): "scudo *contra* os dardos dos diaabos" (f49r)

**[Escuitar] - ver Escuytar**

**Escujtar - ver escuytar**

**Escuramente, adv, 3 Sombriamente"**

escuramente (3): " E ajnda escuramente" (f136v)

**Escureza, sb, 1 "Escureza; escuridão"**

**Cf. [Escuridade] e [Escrudom]**

escureza (1): " nom pode auer senom escureza" (f91r)

**[Escuridade], sb, 1 "Escruidade; escuridão"**

**Cf. Escureza e [Escrudom]**

descuridade (1): " he cuberto descuridade de morte" (f91v)

**Escuro, adj, 3**

escuras (2): " conheça as escuras hidas" (f130r)  
escuro (1): " *strellas* foy fecto escuro" (f22r)

**[Escrudom], sb, 3 "Escruidão"**

**Cf. Escureza e [Escruidade]**

descurudom (2): " descurudom de treuas" (f86r)  
scuridom (1): " na squridom do soll" (f76v)

**Escusar, v, 20**

escusa (3): " quem se acusa. *deus* o escusa" (f49v)  
escusado (1): " que seia nõ he escusado" (f1Vv)  
escusando (1): " escusando meus pecados os *acreçente*" (f74r)  
escusar (8): " se nõ pode escusar *crello*" (f68r)  
escuse (1): " N•h• se escuse" (f68v)  
escusees (1): " E nom uos escusees" (f78v)  
escusou (1): " se escusou de o ouuyr" (f36v)  
scusadas (1): " Nom sam scusadas de fazer *esmol*" (f51v)  
scusam (2): " aquelles que sse agora scusam" (f75v)  
scusar (1): " he scusar seu pecado" (f74v)

**[Escuitar] – ver Escuytar**

**Escujtar – ver Escuytar**

**Escuytar, v, 13 "Escutar"**

descuitar (1): " saies deue homem descuitar" (f67r)  
escuita (1): " o escuita de boamente" (f9r)  
escuitam (2): " fossem os que escuitam" (f13r)  
escujtar (2): " a escujtar que a fallar" (f43r)  
escuyta (3): " e escuyta e pergunta" (f135r)  
escuytar (2): " nem orelhas escuytar" (f41r)  
escuyte (1): " Nem ouça n• escuyte" (f15r)  
escuytes (1): " escuytes as maas linguoas" (f43r)

**[Escuytador], sb, 2 "Escutador"**

escuytadores (2): " enpeçonham sy e os

escuytadores" (f43r)

#### **Esemelhauel - ver Semelhauj**

#### **Esforçadamente, adv, 2**

esforçadamente (2): " meteos em obra  
esforçadamente" (f78v)

#### **Esforçar, v, 7 "Esforçar; obrigar"**

esforça (1): " o diabo se esforça e trabalha" (f22r)  
esforçadas (1): " fortes de corpo e esforçadas" (f7r)  
esforçado (1): " Ao guallardom esforçado" (f115v)  
esforçados (1): " esforçados em sua obra" (f105r)  
esforçar (1): " confortar e esforçar os pecadores" (f145r)  
esforçasse (1): " esforçasse dencher a outra" (f26v)  
mesfforça (1): " quem mesfforça a dizer suas penas" (f96v)

#### **Esforço, sb, 11**

desforço (1): " e conpridos desforço" (f22r)  
esforço (10): " E com grande esforço" (f46r)

#### **[Esfriar], v, 2**

esfria (2): " como a augua esfria e alinpa" (f60r)

#### **Esfriamento, sb, 1**

esfriamento (1): " tuas brasas me sam esfriamento" (f106r)

#### **[Esgardar] – ver Esguardar**

#### **Esgotado, adj, 1**

Esgotado (1): " Esgotado nō no quys beuer" (f36v)

#### **Esguardar, v, 73 "Esguardar; tomar em conta; respeitar; acautelar-se"**

desguardar (3): " desguardar com os olhos do coração" (f38r)  
esgardou (1): " senhor esgardou a abell" (f149v)  
esguarda (17): " esguarda o castello de seu coração" (f45v)  
esguardaae (8): " Esguardaae o rrey da gloria" (f34r)  
esguardadas (2): " esguardadas bem as penas do inferno" (f105r)  
esguardado (2): " esguardado a duçura sprituall" (f126r)  
esguardam (3): " esguardam o grãde aluguer" (f105r)  
esguardando (4): " esguardando aquelle jnfijndo prazer" (f114v)  
esguardar (21): " nom esguardar os alheos" (f1Vv)  
esguardara (1): " esguardara sua humjllidade" (f16v)  
esguardardes (1): " se uos esguardardes bem" (f63v)  
esguardarmos (1): " esguardarmos bem dos olhos do coração" (f37v)  
esguardasse (1): " esguardasse o que saae do corpo" (f23r)  
esgarde (1): " esgarde a quem sse deue a confesar" (f2r)  
esguardem (1): " esguardem os mayores" (f2r)  
esguardou (5): "esguardou a ssua u•tade" (f49v)  
sguardar (1): "sguardar as alegrias do paraíso"(fVIv)

#### **[Esguarneçer] - ver [Guarneçer]**

#### **Esmolla, sb, 3**

esmolla (3): " duas aas jej • e esmolla" (f51r)

#### **Espaço, sb, 12**

despaço (1): " ou de mingua despaço" (f57v)  
espaço (11): " per espaço de mea ora" (f77r)

#### **Espada, sb, 3**

espada (3): " aa lança e aa espada" (f41v)

#### **Espadoas, sb, 1 "Espáduas; ombros"**

espadoas (1): " cruz as suas santas espadoas" (f35r)

#### **[Espamtar] – ver [Espantar]**

#### **[Espantar], v, 5**

espamta (1): " espamta e encorre os jmijsos" (f47v)  
espanta (1): " espanta mujto o diaabo" (f129r)  
espantado (1): "he espantado da afei<ç>om" (f129r)  
espantauom (1): "que todos se espantauom" (f3r)  
espante (1): " Nom nos espante o trabalho" (f116r)

#### **Espanto, sb, 3**

espanto (2): " Mes temor e espanto de mall" (f103r)  
espato (1): " o espato do grã juízo" (f26v)

#### **Espantosamente, adv, 1**

espantosamente (1): " espantosamente e asinha appareçera aquelle" (f92r)

#### **Espantoso, adj, 17**

espantosa (1): " aquella espantosa uoz" (f26r)  
espantoso (3): " h • espantoso pecado" (f5r)  
espantosos (4): " os espantosos braados" (f96r)  
espantossa (1): " espantossa tribullaçom" (f24v)  
espantossas (1): " veram as espantossas façes dos diaabos" (f96r)  
espantosso (2): " espantosso apartamento" (f24v)  
espantossos (1): " e espantossos pecados" (f146r)  
espãtosos (1): " os espãtosos diaabos" (f24v)  
spantoso (1): " que muyto sera spantoso" (f26r)  
spantosos (2): " fezerom spantosos pecados" (f144r)

#### **Espantoso – ver Espantoso**

#### **Esparger, v, 5 "Espargir; derramar"**

espargio (2): " espargio mujto sangue" (f136v)  
esparger (2): " esparger todo seu coração" (f13v)  
espargidas (1): " sam espargidas nas creaturas" (f149r)

#### **Espãto – ver Espanto**

#### **[Espãtosos] – ver espantoso**

#### **Espeçiall – ver Espeçiall**

#### **Espeçialmente – ver Espeçialmente**

#### **[Espeçia] – ver [Speçia]**

#### **[Espedaçar], v, 1 "Despedaçar"**

espedaçarom (1): " as serpentes que os espedaçarom" (f95v)

#### **Espelho, sb, 5**

espelho (3): " homem uee em h • espelho" (f137r)

espelho (2): "hom • uee em h • espelho" (fVIIIr)

### **Esperança – ver Esperança**

### **Esperança – ver Esperança**

#### **Esperança, sb, 39**

asperança (1): "neh • a asperança poderō auer" (f100r)

esperança (3): "na esperança da misericórdia" (f44v)

esperança (17): "nom ouuess • esperança" (f99v)

esperança (17): "esperança do gram juízo" (f22v)

sperança (2): "sperança de seu proueito" (f54r)

#### **Esperar, v, 8**

espera (2): "aquelle que mujto espera" (f11r)

esperam (1): "te amã *e que* te esperam" (f138v)

esperamdo (1): "esperamdo de percalçar" (f142v)

esperando (1): "que os stara esperando" (f26v)

esperar (1): "esperar de v • r aas outras" (f147v)

esperassem (1): "esperassem seer ponjdos" (f53r)

esperaua (1): "esperaua que lhe veesse" (f131v)

#### **Esperar, v, 7 "Despertar"**

esperta (1): "E esperta *e* moue a alma" (f60r)

espertaes (1): "bem nem uos espertaes" (f147r)

espertar (1): "dormem *e* que se nom podem espertar" (f134v)

esperte (1): "*conuenhe* que se esperte" (f124r)

espertees (1): "espertees se uos nom fallam" (f136r)

espertey (1): "assy como meu espertey" (f147r)

sespertar (1): "Aquelle que dorme nom aprendera a sespertar" (f147r)

#### **Espiçiall, adj, 21 "Especial"**

despiçiall (1): "he despiçiall amjzade" (f81r)

espeçiall (2): "he gloria espeçiall" (f16v)

espiçiaaes (6): "alg • as oraç • es espiçiaaes" (f6r)

espiçiall (10): "mayor jeeral ou espiçiall" (f7v)

spiçiall (2): "em nosa spiçiall amjzade" (fVr)

#### **Espiçialidade, sb, 1 "Especialidade"**

espiçialidade (1): "temer ssua espiçialidade" (f81r)

### **Espiçialmente – ver Espiçialmente**

### **Especialmente – ver Espiçialmente**

#### **Espiçialmente, adv, 23 "Especialmente"**

especialmente (1): "especialmente em abastança" (f43v)

espiçialmente (2): "espiçialmente quando fallam" (f127r)

especialmente (6): "especialmente em terra estranha" (f132r)

espiçialmente (14): "espiçialmente da alma namorada" (f137r)

#### **Espinha, sb, 7 "Espinho" (Moraes)**

espinha (1): "E a espinha que fere" (f81r)

espinhas (6): "espinhas de *que* Jhesu" (f43r)

### **[Espirar] - ver [Spirar]**

#### **Espiraçom, sb, 1 "Espiração; respiração; alento"**

espiraçom (1): "a espira<ç>om do santo espritu"

(f128v)

### **Espoer - ver Despoher**

#### **Esposiçom, sb, 1 "Exposição"**

esposiçom (1): "Ha outra esposiçom" (f149v)

#### **Esposo, sb, 31**

esposa (12): "a esposa de Ihesu *christo*" (fIv)

esposas (2): "rrequere a ssuas esposas" (f18v)

esposo (12): "*Christo* uerdadeiro esposo" (f1r)

espossa (4): "filhar espossa pobre" (f17r)

esposso (1): "*christo* he esposso" (f16r)

### **Esposso – ver Esposo**

#### **Esprandeçente, adj, 1**

esprandeçente (1): "esprandeçente *e* preciosa pedra" (f16v)

#### **[Esprandeçer], v, 1 "Resplandecer"**

esprandeçerom (1): "esprandeçerom *e* seram assy craros" (f112r)

### **Esprito – ver Espritu**

#### **Espritu, sb, np, 41 "Espírito; Espírito Santo"**

esprito (2): "emuyou esprito santo" (f38v)

espritos (1): "exofre *e* espritos de tenpestade" (f96v)

desprito (1): "esta pobreza desprito" (f15v)

despritu (4): "*per* eleuaçom despritu" (f135r)

espritu (27): "santo espritu *lhe* emsyna" (f44v)

sprito (1): "comendo meu sprito" (f36v)

spritu (5): "filho *e* santo spritu am • ." (f78v)

### **Espritual – ver Esprituall**

#### **Esprituall, adj, 47 "Espiritual"**

esprituaaes (16): "boas obras esprituaaes" (f47v)

esprituall (1): "o esprituall entendimento Josep" (f104v)

esprituall (16): "enbrasada de desejo esprituall" (f106r)

sprituaaes (6): "*e* sprituaaes amadores" (f134r)

sprituaes (1): "uossos amigos sprituaes" (f67v)

sprituall (3): "hom • do amor sprituall" (f126v)

sprituall (3): "da batalha sprituall" (f46r)

spirituuaes (1): "destes jnstruymentos spirituuaes" (f61v)

### **Esprituallmente – ver Espritualmente**

#### **Espritualmente, adv, 12 "Espiritualmente"**

esprituallmente (1): "Assy he esprituallmente" (f135r)

esprituallmente (6): "declaradas esprituallmente" (f18v)

esprituallm • te (2): "alegra o coraçom esprituallm • te" (f44v)

sprituallmente (3): "sprituallmente os olhos da santa" (f129v)

### **Esprituallm • te – ver Espritualmente**

#### **Esprouar, v, 1 "Experimentar; ensaiar"**

esprouar (1): "esprouar *quanto* somos longe" (f138v)

**[Espurgado], adj, 1 "Expurgar; limpar; descascar"**

espurgadas (1): "nem nozes espurgadas" (f94r)

**Esqueeer – ver Esqueeer**

**Esqueeer, v, 21 "Esquecer"**

esqueçaaes (1): "nom esqueçaaes cada dia desguardar" (f38r)

esqueçeeo (1): "ou se lhe esqueçeeo alg•" (f10v)

esqueçeer (2): "a beuediçe faz esqueçeer" (f119r)

esqueçeer (1): "esqueçeer as tuas mizquijmdades" (f119r)

esqueçeo (1): "E esqueçeo todo per h•" (f144r)

esqueçeras (1): "Tu esqueçeras diz Job" (f108r)

esqueçã (1): "que os hom•s esqueçã" (f11r)

esqueçaaes (1): "esqueçaaes tall benefiço" (f34v)

esqueçe (4): "quem tall benefiço esqueçe" (f36r)

esqueçem (1): "esqueçem sy meesmos" (f126r)

esqueçeo (1): "esqueçeo sy meesmo" (f83r)

esqueçer (2): "que faz• esqueçer todos" (f108r)

esqueçera (1): "esqueçera todollos trabalhos" (f57r)

esqueçiam (1): "esqueçiam ssy meesmos" (f119r)

esqueçadas (1): "b•s seram esqueçadas" (f101r)

esquecidos (1): "os mortaaes esquecidos" (f39r)

**Esquyuar, v, 4 "Esquivar; desviar"**

desquiar (1): "e he mais desquiar" (f5r)

esquyuar (3): "em esquyuar os malles" (f66r)

**[Esse], pr, 8**

dessa (2): "causa dessa morte" (f37r)

desa (6): "poem exemplo desa meesma" (f11r)

**[Estabellecer], v, 1 "Estabelecer"**

estabellecidos (1): "pera jsto sam estabellecidos" (f50v)

**Estado, sb, 37**

estado (34): "he ynorancia de sseu estado" (f26v)

stado (3): "que uju• no stado ja dito" (f126r)

**Estallagedeiro, sb, 1**

estallagedeiro (1): "o estallagedeiro nõ mata de seu liuro aquelle que lhe deue" (f124v)

**Estaao, sb, 1 "Estau; albergue; pousada; casa"**

estaao (1): "rreber este glorioso ospede no estaao de seu coraçõ" (f61r)

**Estar, v, 55**

destar (3): "E destar ocyoso" (f6v)

esta (21): "que quando homem esta triste" (f5v)

estam (1): "E estam em lugar alto" (f55r)

estando (1): "andando e estando" (f148r)

estar (13): "deuemos estar em temor" (f52v)

estarem (1): "de muyto estarem sem ajuda" (f48r)

estaua (5): "aaquelle que sobrelle estaua" (f74r)

estem (1): "ajnda que elles estem em medo" (f46r)

estemos (1): "bem he que estemos aquy" (f137v)

esteue (3): "quanto tenpo esteue no pecado" (f10v)

esteuer• (1): "que esteuer• na gloria" (f108r)

esteuerem (1): "todos os que hi esteuerem" (f69v)

estõ (1): "E estõ em elle de boamente" (f14r)

stara (1): "o diaboo que os stara esperando" (f26v)

stauom (1): "aquelles que comtiguio stauom" (f119v)

**Estauel – ver Estauell**

**Estauell, adj, 3 "Estável"**

estauel (1): "estauel e firme deue seer o coraçõ" (f80r)

estauell (2): "terra he firme e estauell" (f89v)

**Este, pr, 509**

esta (148): "Esta he a boa camareira" (f2r)

desta (20): "guarda desta porta" (f41v)

destas (12): "porteiro destas duas portas" (f43v)

deste (68): "uertude deste sacramento" (f61r)

destes (10): "na festa destes altos hom•s" (f108v)

estas (34): "assy husam estas gentes" (f10r)

este (172): "morar em este ualle de miséria" (f19v)

estes (41): "estes sam os pecadores" (f90v)

neesta (1): "que neesta batalha" (f22r)

nesta (1): "pollo poboo nesta palaura" (f40r)

neste (1): "emçarrados neste quatro" (f143v)

**[Estender], v, 8**

estenda (1): "estenda o ssaco de seu deseio" (f130v)

estende (4): "Caridade se estende a todos" (f30r)

estenderom (1): "estenderom no de longo" (f35v)

estendido (1): "pendendo na cruz estendido" (f36r)

estendidos (1): "os bra<ç>os estendidos por Nos" (f35v)

**Esterco, sb, 4**

desterco (1): "saco cheo desterco" (f23r)

esterco (3): "esterco e çugidade do jnferno" (f93r)

**Estimar, v, 1**

estimar (1): "homem estimar a bomdade" (f139v)

**Esto, pr, 47 "Isto"**

desto (19): "diz elle açerca desto" (f109r)

esto (28): "Ca pera esto naçerom" (f110r)

**[Estopa], sb, 1**

estopas (3): "força sera asy como estopas" (f102r)

**Estorea, sb, 1 "História"**

estorea (1): "a estorea do segundo liuro" (f144r)

**[Estormento], sb, 1 "Instrumento" (Machado)**

**Cf. [Jnstrumento]**

estormentos (1): "e estormentos de musica" (f132r)

**Estoruo, sb, 1 "Estorvo; dificuldade"**

estoruo (1): "forem em seu estoruo" (f89r)

**[Estrangeiro], sb, 1**

estrangeiros (1): "estrangeiros e pellegrijns" (f63v)

**Estranho, adj, 11**

estranha (9): "sam em estranha terra" (f79r)

estranho (1): "estranho ao mundo" (f69r)

stranha (1): "a ella strana terra" (f132v)

**Estreitamente, adv, 2**

estreitamente (2): "estreitamente filhada" (f148v)

**Estreito, adj, 4**

estreita (1): " comtemplaçom estreita he" (f139r)  
 estreitas (2): " muy longuas e estreitas" (f4v)  
 estreito (1): " caminho estreito da pendenza" (f146v)

**[Estrella], sb, 4 "Estrela"**

estrellas (3): " o sroll e a ll•a e as estrellas" (f32r)  
 strellas (1): " as strellas foy fecto escuro" (f22r)

**[Estremado], adj, 1**

estremadas (2): " mujtas estremadas rrezooes" (f11r)

**Estudar, v, 8**

estudam (1): " nos alheos estudam mujto" (f72r)  
 estudando (1): " estudando nom se perdem" (f51r)  
 estudar (5): "dia estudar • as tres liç•es" (f70v)  
 studar (1): " podera leer nem studar" (f124v)

**Estudo – ver Studo****Etc., abrev. da loc. lat. *et caetera* = e o resto; as outras coisas; e assim por diante.**

etc (4): " sete ja ditos. *scilicet*. contriçom etc." (f140r)

**••teiro] – ver Enteiro****••tençom] – ver Entençom****•tender – ver Entender****Eternal, adj, 1**

eternal (2): " memoria do juizo eternal" (f11r)

**Eternjdade, sb, 1 "Eternidade"**

eternjdade (1): " Pello longo a eternjdade" (f105v)

**•tom – ver Entom****Eu, pr, 140**

eu (139): "que eu sam teu perfeito guallardom" (f114r)  
 meu (1): "assy como meu espertey" (f147r)

**Eua, np, 2 "Eva"**

eua (2): " fez adã sobre eua e eua sobre a serpente" (f74r)

**Euãgelho – ver Euangelho****Euangelho – ver Euangelho****Euangelho, sb, 52 "Evangelho"**

auangelho (1): "o auangelho de sam Lucas" (f99r)  
 euãgelho (12): "diz *deus* no euãgelho" (f111v)  
 euangelho (1): " no euangelho de sam luca" (f96v)  
 auãgelho (3): " elle disse no auãgelho" (f33r)  
 auangelho (13): "auangelho de sam matheu" (f76r)  
 euangelho (21): "euangelho de sam matheu" (f86v)  
 euangelhos (1): " os euangelhos sam cheos" (f33v)

**Euangilista – ver Auangellista****Eucarestia, sb, 2**

eucarestia (2): " o sacramento da eucarestia" (f11v)

**•ueja – ver Enueja****••uejoso] – ver Enuejoso****••ujar ] – ver Enuyar****Exalçado - ver Eixalçado****Excelentissimo, adj, 2**

excelentissimo (2): " do excelentissimo sacramento do altar" (f58r)

**[Exçitar], v, 1 "Excitar; incitar"**

exçitando (1): " sam gregorio diz exçitando os pecadores" (f116r)

**Exemplo – ver Exenplo****Exemplo – ver Exenplo****•xenplo – ver Exenplo****Exenplo, sb, 22 "Exemplo"**

exempllo (1): " poem este autor exempllo" (f1r)  
 exemplo (7): " exemplo dh•a molher" (fVIv)  
 •xenplo (1): " rremijmento e em •xenplo" (f39r)  
 exenplo (11): " exenplo de h•a molher" (f103v)  
 •xenplo (2): "•xenplo de dous (boos) amigos" (f82r)

**•xenplo – ver Exenplo****Exerçitaçom, sb, 2 "Exercitação"**

exerçitaçom (2): " *esprituall* exerçitaçom" (f139v)

**Exerçytar, v, 3 "Exercitar"**

exerçytado (1): " de seer homem exerçytado" (f139v)  
 exerçytar (1): " crelligos a exerçytar" (f132v)  
 exerçyteyme (1): " e exerçyteyme e acustumey" (f139v)

**Exodo, np, 4 " Êxodo"**

exodo (3): " *scripto* no exodo de moyses" (f133r)  
 exsodo (1): " disto he *escripto* no exsodo" (f91v)

**Exofre, sb, 4 "Enxofre"**

dexofre (2): " com a mestura dexofre e fede" (f97r)  
 exofre (2): " fogo e exofre mesturado" (f94r)

**Exposiçõ – ver Exposiçom****Exposiçom, sb, 5 "Exposição"**

exposiçõ (1): " notaujl exposiçõ das palauras" (f104r)  
 exposiçom (4): " notaujl exposiçom das palauras" (fVIv)

**Exsodo – ver Exodo****Extitico, 13 "Extático; em êxtase; enlevado; inebriado"**

extitico (12): " signall damor extitico" (f129v)  
 extityco (1): " chama a tall amor extityco" (f126r)

**Extityco – ver Extitico****Ezcote, sb, 1 "Escote; quota individual para**

### **uma despesa comum"**

ezcote (1): " Maaõ bocado he de *que* cõuem pagar  
tall ezcote" (f71v)

### **Ezechiell, np, 4 "Ezequiel"**

dazechiell (1): " o conselheiro dazechiell *propheta*"  
(f70r)

echiell (1): " E diz echiell" (f64r)

ezechiell (1): " em ezechiell *profeta*" (f101r)

ezichiell (1): " de danjell *e* ezichiell" (f118v)

### **Ezichiell – ver Ezechiell**

# F

### **[fabulla], sb, 2 "Fábula"**

fabullas (2): " contarom fabullas *e* uaydades"  
(f136r)

### **Façe, sb, 19 "Face; rosto"**

façe (14): " veer sua façe he alegria" (f91r)

faces (5): "espantossas faças dos diaabos" (f96r)

### **[Falamento] – ver [Fallamento]**

### **Falar – ver Fallar**

### **[Falecer] – ver Falleçer**

### **[Faleecer] – ver Falleçer**

### **[Fallamento], sb, 5 "Falamento; fala; discurso"**

#### **Cf. [Falla]**

falamentos (2): " sofismas nem fremosos  
falamentos" (fV1r)

fallamentos (3): " desonestos fallamentos" (f6v)

### **Fallar, v, 85 "Falar"**

fala (5): "de *que* o auangelho fala" (f150r)

falar (12): " he neçesario falar pouco" (f1v)

falaua (1): " que nom falaua bem" (f127r)

falla (5): "que falla dos pecados mortaaes" (f1r)

fallã (1): " lhe fallã de secularidades" (f135r)

fallaae (1): " fallaae pouco *e* nõ serees  
rreprendidos" (f62v)

fallado (1): " pouco auemos fallado" (f149r)

fallam (6): " penssam muyto *e* fallam pouco"  
(f126v)

fallamos (4): " contenplaçom de *que* fallamos"  
(f139v)

fallando (1): " horror *propriamente* fallando" (f99v)

fallar (40): " he çiençia de bem fallar" (f102r)

fallara (1): " lhes fallara em sua yra" (f94v)

fallaua (1): " aarõ fallaua a sseu jrm•o" (f127r)

fallauam (1): " fallauam de sseu amigo Jhesu"  
(f136v)

falle (2): " consijrar ante que falle" (f67r)

fallay (1): " fuy toruado *e* nom fallay" (f29v)

fallou (1): " *deus* fallou aos danados" (f93v)

ffalamos (1): " deste enbeuedar ffalamos ja h•  
pouco" (f125v)

### **[Falla], sb, 4 "Fala"**

#### **Cf. [Fallamento]**

fallas (4): " se mestura maas fallas" (f8v)

### **Falleçer, v, 35 "Desfalecer; desalentar; esmorecer; perder as forças; falhar"**

faleçam (1): " lhe nom faleçam as vitalhas  
*sprituaaes*" (f46r)

faleçe (2): " a este castello nom faleçe" (f52r)

faleçem (1): " de boa doutrina falecem" (f76v)

faleçera (1): " em alg• tempo falecera" (f90r)

faleçom (1): " lhe nom faleçom as vitalhas  
*esprituaaes*" (f46v)

faleeçã (1): " nom faleeçã as vitalhas" (f111r)

faleeçe (1): " este castello nom faleeçe" (f111v)

falleça (2): " falleça em esta *peregrinaçom*" (f39r)

falleçe (12): " neh•a cousa falleçe" (f113v)

falleçem (2): " todos estes falleçem" (f25r)

falleçeo (1): " falleçeo nas uodas" (f131r)

falleçer (2): " nom podera falleçer" (f121v)

falleçera (3): " falleçera hordenança" (f99v)

falleçerom (2): " *e* seus amigos falleçerom" (f122r)

falleçidos (2): " *seram* muy falleçidos" (f92r)

falleçom (1): " ujtalhas nom lhe falleçom" (f45v)

### **Falleçedor, adj, 1 "Falhado"**

falleçedor (1): " pollo mundo falleçedor" (f133r)

### **[Fallssidade] – ver [Falssidade]**

### **Fallsso, adj, 8 "Falso"**

fallssa (1): " fallssa *e* tam breue he" (f119v)

fallssso (1): " fallssso coração he muy maaõ" (f117r)

fallssos (2): " sam fallssos *e* breues" (f84v)

falssa (1): " E nom falssa" (f84r)

falssas (1): " suas falssas uoontades" (f10v)

falssos (2): " com *seus* falssos guabos" (f23v)

### **[Falssidade], sb, 2 "Falsidade"**

fallssidades (1): " E pollas fallssidades" (f66r)

falssidades (1): " acusarom de mujtas falssidades"  
(f34v)

### **[Fallsso] – ver Fallsso**

### **Fama, sb, 1**

fama (1): " auenturada auya fama" (f3r)

### **[Fame], sb, 9 "Fome"**

fame (9): " *e* fame *e* sede *e* frio" (f33r)

### **Familiaridade, sb, 4**

familiaridade (2): " a familiaridade de seu amigo"  
(f140v)

famjliaridade (1): " esta acostumada famjliaridade"  
(f140v)

famjliriadade (1): " *que* tem espiçiall famjliriadade" (f80r)

#### **Famjliaridade – ver Familiaridade**

#### **Famjliriadade - ver Familiaridade**

#### **[Fardel], sb, 1 "Fardo" (Machado)**

fardees (1): " carreguados de fardees de pecado" (f140r)

#### **Fareseu, sb, 1 "Fariseu"**

fareseu (1): " foy o fareseu eixalçado" (f49r)

#### **[Fartar], v, 4**

fartando (1): " em se fartando amehude" (f140v)

fartara (1): " *e* fartara teu apetito" (f140v)

fartasse (1): " *e* fartasse *e* enbeuedasse" (f125v)

farte (1): " dos daquj farte seu ventre" (f116v)

#### **Farto, adj, 4**

farta (1): " ha alma farta dos ujços" (f121r)

farto (3): " do rrico farto que ardia no foguo" (f93v)

#### **Fartura, sb, 1**

fartura (1): " Aquella fartura he o terceiro degraa" (f140v)

#### **[Fastar] – ver Afastar**

#### **Faucta, sb, 3 "Falta"**

faucta (1): " hua pequena faucta em outrem" (f74v)

fauctas (1): " rrepreendem de uossas fauctas" (f67v)

fauta (1): " em sy tam pequena fauta" (f21r)

#### **Fauoo, sb, 1 "Favo"**

fauoo (1): " despreçara o fauoo do mell" (f140v)

#### **Fauor, sb, 1 "Favor"**

fauor (1): " dam fauor aos malldizentes" (f43r)

#### **Fauorell, adj, 1 "Favorável"**

fauorell (1): " lhe seja fauorell a escapar" (f101r)

#### **Fauta – ver Faucta**

#### **Fazer, v, 501**

faça (17): " faça o que diz jsaias" (f64r)

façã (1): " que nõ façã cousa aal•" (f43v)•

façaaes (1): " que façaaes ou sofraaes" (f63v)

façam (2): " deste mundo façam assy" (f77v)

façamos (3): " façamos tres tabernacollos" (f137v)

faças (3): " faças segundo meus deseios" (f50r)

façom (1): "sse façom jguaaes" (f82r)

farey (1): " farey teus penssamentos castos" (f62r)

faria (6): " faria h• gram liuro" (f4r)

farnosham (1): "longe *e* farnosham braadar" (f55r)

farõ (2): " farõ aquelles que nõ podem sofrer" (f96r)

farom (2): " es farom *creçer* a gloria" (f108r)

fara (11): " fara homem aredar seus jmjgos " (f11r)

faram (5): "Assy faram os samtos" (f110r)

fazer (121): "fazer peendencia dos pecados" (f6v)

faz (107): "a husança faz os meestres" (f14r)

faz• (5): "aquelles que esto faz•" (f9v)

faze (2): " pequenas cousas *e* faze grandes" (f74v)

fazea (1): " fazea depois que he em sua terra" (f40v)

fazee (5): "fazee logar de folgãça" (f128r)

fazeeme (1): " senhor fazeeme saber" (f69r)

fazees (1): " fazees se amardes todos" (f79v)

fazello (1): "fazello rrey de todo seu poboo" (f144r)

fazellos (1): "os malldizentes *e* fazellos callar" (f43r)

fazem (55): "fazem callar os jmijgos" (f45r)

fazemos (1): " bem fazemos ou penssamos" (f32v)

fazendo (6): " fazendo delle escarnho" (f35r)

fazerem (1): " *pera* fazerem pendenza" (f87r)

fazermos (1): " *per* fazermos a elles" (f55v)

fazete (1): " boas obras fazete grande" (f59v)

fazia (3): " o que fazia a madre" (f131v)

faziam (4): " os tormentos *que* faziam" (f11v)

faziasse (1): " *e* faziasse humjldoso" (f49v)

fazsse (1): " he justo fazsse humjldoso" (f72v)

fecta (6): " deue seer fecta por o pecado" (f1v)

fectas (3): " som fectas as uodas" (f11r)

fecto (9): " foy fecto silencio no çeeo" (f77r)

fectos (1): " os b•s que dantes auya fectos" (f1v)

feita (3): " a primeira que seia feita" (f2r)

feitas (3): " cousas que sam feitas" (f126v)

feito (3): " pecado que aquelle auera feito" (f64v)

feitos (3): " aa fim por *que* sam feitos" (f44r)

fez (58): "como fez adã sobre eua" (f74r)

fezea (1): " *e* fezea bautizar" (f83r)

fezer (2): " se alg• fezer seu poder" (f68v)

fezerdes (1): " *quer* que fezerdes ou diserdes" (f49v)

fezerõ (1): " que tantas obras fezerõ" (f3v)

fezerom (14): " os doze apostollos fezerom" (f20r)

fezerõno (1): " fezerõno saber a rrey saull" (f48r)

fezese (1): " que mais nõ fezese rroguar" (f3v)

fezesse (2): " daquello fezesse sua uoontade" (f10r)

fezessem (4): " queria que lhe fezessem" (f15v)

fezeste (3): " que este millagre fezeste" (f25v)

fiz (2): " eu sam culpado que o fiz" (f83v)

fizer (1): " quem o assy *fizer*" (f25r)

fizerom (1): " que os danados fizerom" (100v)

ffeito (1): " comuertido E ffeito apostollo" (f145r)

ffez (1): " ffez matar *per* traicom" (f144v)

ffezessem (1): " queriamos que ffezessem a Nos" (f55v)

#### **Fe, sb, 11 "Fé"**

fe (11): " deue a auer fe ynlomynada" (f61v)

#### **Fealdade – ver Fealldade**

#### **Fealldade, sb, 3 "Fealdade"**

fealdade (1): " que nom auja fealdade" (f131r)

fealldade (2): " fealldade ou maa feicom" (f112r)

#### **Febre, sb, 1**

febre (1): " que teem febre" (f61r)

#### **[Fechado], adj, 3**

fechada (2): " conçiencia he fechada" (f72v)

ffechada (1): " pendenza sera ffechada" (f6v)

#### **Fechadura, sb, 3**

fechadura (1): " he neçessaria fechadura" (f46r)

fechaduras (2): " como sete fechaduras" (f72v)

#### **Fecho, sb, 1**

fecho (1): " leuantar o fecho *e* bater" (f64v)



**Fecto – ver Feito****[Feder], v, 1**

fedre (1): "mestura dexofre e fedre" (f97r)

**Fedor, sb, 5**

Fedor (5): "serom atormentados de fedor" (f99r)

**Fedorento, adj, 5**

fedorenta (1): "fea e tam fedorenta carregua" (f23v)

fedorentas (1): "çujas e fedorentas cõciências" (f72r)

fedorento (2): "tam fedorento pecado" (f9r)

fodorento (1): "he morto ou he fodorento" (f60v)

**Fegura, sb, 9 "Figura"**

fegura (8): "em fegura de luçifell" (f92v)

figura (1): "posta por figura da uirg • maria" (f1r)

**Fegurado – ver Figurado****Feiçom, sb, 1 "Feição"**

feiçom (1): "fealldade ou maa feiçom" (f112r)

**Feito, sb, 38 "Feito, acção, facto, façanha, empresa, lance".**

No fólho 148r nenhuma destas acepções quadra ao sentido em que o vocábulo está empregado: "abraçar os feitos da disciplina e da penitência".

Parece-nos que aqui podemos falar de uma variante aferética de "efeito": "os efeitos da disciplina e da penitência".

fecto (4): "bem mostrastes em este fecto" (f34r)

fectos (11): "callar seus fectos e seus ditos" (f55v)

feito (14): "os pecados de dito e de feito" (f26r)

feitos (9): "abraçar os feitos da deçiplena" (f148r)

**Feitor – ver Mall feitor****Fell, sb, 4 "Fel"**

fell (4): "derõ fell e uynagre" (f36v)

**Fender, v, 2**

fendeosse (1): "fendeosse o ueeo do tenplo" (f36v)

fender (1): "deussesuos fender o coração" (f37r)

**Feno, sb, 1**

feno (1): "como a froll do feno" (f113r)

**Feo, adj, 13 "Feio"**

fea (8): "que he fea cousa" (f8r)

feo (4): "mall feitor feo e sem fremossura" (f37r)

feyo (1): "he mais graue e feyo" (f8r)

**Ferido, sb, 5**

feridas (2): "çicatriz de tuas feridas" (f109r)

ferido (2): "o ferido deue de descobrir" (f12r)

feridos (1): "nem feridos por n • h • a cousa" (f112v)

**Ferir, v, 12**

ferida (1): "Entõ sera a alma ferida" (f24v)

ffire (1): "Senhor aquy me ffire" (f65r) fere (6): "que fere quem a abraça" (f81r)

ferir (4): "nehua seeta o pode ferir" (f27v)

**Ferro, sb, 5**

ferro (4): "como a lima o ferro" (f29r)

ferros (1): "he preso em ferros" (109v)

**Ferrugento, adj, 1**

ferrugento (1): "uossa prata he ferrugento" (f89r)

**[Feruer], v, 1 "Ferver"**

feruendo (1): "dentro a concyencia feruendo" (f26v)

**Feruyente, adj, 1 "Fervente"**

feruyente (1): "com feruyente desejo buscam" (f116v)

**Feruor, sb, 11 "Fervor"**

feruor (11): "com maior feruor ama" (f31r)

**Festa, sb, 16**

festa (7): "fara a marauilhosa festa" (f40v)

festas (9): "ho domingo e festas" (f50v)

**[Festejar], v, 1**

festejada (1): "sera ella festejada" (f57r)

**Feyo – ver Feo****[Ffalar] – ver Fallar****[Ffechado] – ver [Fechado]****[Ffazer] - ver fazer****Ffilhar – ver Filhar****Ffilho – ver Filho****[Ffingido] – ver Fingido****[Ffirir] - ver Ferir****Fiador, sb, 3**

fiador (3): "mandou leuar o fiador" (f82v)

**Fiamça, sb, 1**

fiamça (1): "nom possam auer fiamça" (f101r)

**Fiar, v, 1**

fiar (1): "elles possã fiar em uos" (f67v)

**Ficar, v, 12 "Ficar"**

fica (5): "dentro lhe fica a morte" (f53r)

ficada (1): "sua tençom he ficada naquello" (f135r)

ficado (2): "elle assy ficado seu coração" (f135r)

ficar (1): "honde possa ficar o pee na alma" (f129r)

ficarom (1): "tormemto ficarom senpre cõ elles" (f100r)

ficaua (1): "por que ficaua em casa" (f13v)

fiqua (1): "se per Nos nom fica" (f38r)

**Fieldade – ver Fielldade****Fiell, adj, 3 "Fiel"**

fiees (1): "poucos leaaes e fiees" (f79r)

fiell (2): "escolher amigo fiell" (f82r)

**Fielldade, sb, 3 "Fidelidade" (Viterbo)**

fielldade (1): "A quinta cousa he fielldade" (f82r)

fielldade (2): "sua leall fielldade" (f127v)

**Figura – ver Fegura****Figurado, adj, 3**

fegurado (1): "segundo foy fegurado na magna."

(f114v)  
figurado (2): "he bem figurado no segundo liur"  
(f48r)

**Filhar, v, 64 Cf. Afilhar "Apanhar; tomar; obter"**

ffilhar (1): " senpre ffilhar esta meezinha" (f58r)  
filha (12): "homem filha no sacramento" (f58r)  
filhã (1): " que as filhã em paçiençia" (f65r)  
filhae (2): "filhae tanto deste santo vinho" (f141v)  
filhada (8): " torre do coração nom pode seer filhada" (f41v)  
filhado (10): "nõ pode seer filhado *per* força" (f59r)  
filhados (2): " como pexes sam filhados" (f96r)  
filham (4): " que este sacramento filham" (f61r)  
filhar (14): " que prazer posso eu filhar" (f91r)  
filhara (1): "quando elle *quiser* todo filhara" (f122v)  
filharej (1): " Eu te filharej o meu trijguo" (f122v)  
filharia (1): " filharia carne humanall" (f144r)  
filharjom (1): " filharjom estas alegrias" (f115v)  
filharõ (1): " brauos Judeus o filharõ" (f34r)  
filharom (1): " filharom o *christ*•o" (f83v)  
filhasse (1): " de todo o que uira filhasse" (f83r)  
filhemos (1): " filhemos em paçiençia" (f40v)  
filhou (2): " E se homem filhou" (f13v)

**Filho, sb, 62**

ffilha (1): " que era ffilha *e* esposa do rrey" (f2r)  
ffilho (3): " ao sseu bendito ffilho" (f36r)  
filhos (1): " com os ffilhos dos hom•s" (f1v)  
filha (3): " rrogaua por ssua filha" (f50r)  
filho (40): "sseer filho de *deus*" (f32r)  
filhos (14): "aos *filhos* disrrahell" (f130r)

**Fillial, adj, 4**

filhall (3): " Temor filliall he quamdo homem teme"  
(f54r)  
fillial (1): " temor começauell•E fillial" (f55r)

**[Filosefo] – ver [Filosofo]**

**[Filosofo], sb, 2**

filosefos (1): " dous filosefos pagu•os" (f82v)  
filosofos (1): " assy como dizem os filósofos" (f13r)

**Fim, sb, 54**

fim (58): " de morte sem fim" (f63v)  
"nom auera maa fim" (f25v)

**Final, adj, 1**

final (1): " sera aquella final partida" (f131v)

**Fingido, adj, sb, 4**

ffingidas (1): "pallauras afeitadas *e* fffingidas" (f50v)  
fingida (1): " E nom maa nem fingida" (f84r)  
fingido (1): " coração nom fingido" (f144v)  
fingidos (1): " ssofrer os falssos *e* fingidos" (f79r)

**Fingim•to, sb, 1 "Fingimento"**

fingim•to (1): " humjlida sem fingim•to" (f21v)

**Fingir, v, 1**

fingir (1): " coração sem fingir" (f2v)

**Fino, adj, 1**

fino (1): "ouro sem fogo nom pode seer fino" (f27v)

**[Fiar], v, 1**

fiou (1): " amigo o fiou de boa mente" (f82v)

**[Fiquar] – ver Ficar**

**Firmamente – ver Firmemente**

**Firme, adj, 5**

firme (5): "boa fe *e* firme *creemça*" (f49r)

**Firmemente, adv, 2**

firmamente (1): " homem creer firmamente"(f20r)  
firmemente (1): " *deuemos* teer firmemente" (f5r)

**[Físico], sb, 2 "Físico; médico"**

físicos (2): " chamam os físicos amor hereos"  
(f126r)

**Fiuza, sb, 1 "Fiúza; confiança"**

fiuza (1): " *esperança* podem chamar fiuza sandia"  
(f100v)

**[Florecer], v, 1 "Florescer"**

florece• (1): " se os maaos *florece•* em este mundo" (f80v)

**[Florido], adj, 1**

florida (1): " da pascoa florida" (f150v)

**Fodorento – ver Fedorento**

**Fogir, v, 26 "Fugir"**

foge (3): " *servidor* que foge da batalha" (f18r)  
fogem (2): " fogem aas afeiç•es do mundo" (f55r)  
fogio (1): " Nunca fez bem nem fogio" (f18r)  
fogir (8): " fogir aas do m•do" (f121r)  
fogiriam (1): " *e* fogiriam delle" (f71v)  
fogirom (1): " fogirom entom os pecadores" (f26r)  
fugij (1): " Fugij a todollos deseios" (f66v)  
fugio (1): " vio ho mar *e* fugio" (f70v)  
fugir (3): " fugir *e* leixar seu mestre" (f53r)  
fugira (1): " elle fugira" (f58v)  
fugua (3): " se alongue delles *e* lhe fugua" (f70r)  
fuguamos (1): " *fuguamos* ao arroido da gente"  
(f51r)

**Fogo – ver Foguo**

**Foguo, sb, 34 "Fogo"**

fogo (12): "de fogo de jnferno" (f78r)  
foguo (22): "foguo *que* os atormentara" (f90v)

**[Folgar] – ver Folguar**

**Folgãça – ver Folgança**

**Folgamça – ver Folgança**

**Folgança, sb, 29 "Folgança"**

**Em contextos distintos ganha acepções diversas , tais como "Prazer" (Morais); "Alegria" e "Descanso".**

folgãça (1): " logar de folgãça" (f128r)  
folgamça (6): "folgamça senom em amar *deus*" f11v)  
folgança (10): "Coração aja folgança" (f31r)  
folguãça (3): " pura *e* perfeita folguãça" (f107r)  
folguança (7): " em elle toda folguança" (f114v)

folguamça (1): " folguamça de seus trabalhos" (f110v)

follguança (1): "possa auer follguança" (f129v)

**Folguança – ver Folgança**

**Folguamça – ver Folgança**

**Folguança – ver Folgança**

**Folguar, v, 11 "Folgar; ter prazer; divertir-se"**

folga (2): " maneira folga a alma • deus" (f142v)

folgua (3): " alma folgua em deus" (f143r)

folguamos (1): " quando folguamos sam cōnosco" (f32v)

folguar (2): " bem tenpo de folguar" (f45v)

folguarey (1): " hi dormirey e folguarey" (f143r)

folguassem (1): " ao seteno folguassem" (f110v)

folgue (1): " que folgue dos trabalhos" (f57r)

**Folha, sb, 2**

folha (1): " queira gouernado de folha" (f50r)

folhas (1): " que he toda em folhas" (f50r)

**Follguança – ver Folgança**

**Fonte, sb, 2**

fonte (1): " correr aa fonte da confissom" (f11v)

fontes (1): " enuja as fontes aos ualles" (f45r)

**Fora, prep, 1 "Fora; excepto"**

fora (1): "matou seus jmijgos fora h•s poucos" (f48v)

**Fora, adv, 48 "Fora; lado exterior"**

fora (48): "thirou fora da augua o peixe" (f129v)

**Força, sb, 18**

força (18): "nos de força de as uençer" (f50r)

**Forçosamente, adv, 1**

forçosamente (1): " fogo arde mais forçosamente" (f97r)

**Forçosso, adj, 1 "Forçoso"**

forçosso (1): " uento muy forçosso" (f90v)

**[Forjar], v, 1**

forja (1): " tribullaçom forja paciençia." (f27v)

**Forma, sb, 2**

forma (2): " filhou forma de seruo" (f33r)

**Formar, v, 2**

formar (1): " deue bem formar seu coração" (f29v)

formou (1): " formou seu sangue no callez" (f58v)

**Fornaça, sb, 2 "Forno" Cf. Forno**

fornaça (1): " E a fornaza ao ouro" (f63r)

fornaza (1): " como a fornaza ho ouro" (f29r)

**Fornaza – ver Fornaça**

**[Forneçer], v, 1 Cf. [Fornir]**

forneçido (1): " castello ha de sseer fornecido" (f45r)

**[Fornir], v, 3 Cf. Forneçer**

fornjdo (2): " O castello he bem fornjdo" (f44v)

fornydo (1): " seer fornydo de ujtalhas" (f44v)

**Fornizio, sb, 1 "Fornicação" Cf. [Fornjguaç•o]**

fornizio (1): " o fornizio he conprido" (f3r)

**[Fornjguaç•o], sb, 1 "Fornicação" Cf. Fornizio**

fornjguaç•es (1): " metida em tuas çujas

fornjguaç•es" (f18r)

**Forno, sb, 1**

forno (1): " em h• forno queente" (f85v)

**Forte, adj, 36**

forte (30): "fazer h• forte castello" (f19r)

fortes (6): " e de fortes conbates" (f45v)

**Forteleza, sb, 10 "Fortaleza;Forte"**

forteleza (5): "forteleza. tenperança.E justiça" (f44r)

fortelleza (5): "a fortelleza deste muro" (f28r)

**Fortelleza – ver Forteleza**

**Fosa, sb, 9 "Fossa; cova"**

fosa (3): " lança na primeira fosa" (f22r)

fosas (2): " çercar de fosas" (f41v)

fossas (4): "as fossas seiam dobres" (f20v)

**[Fossa] – ver Fosa**

**Fraco, adj, 5**

fraca (2): " h•a fraca pessoa" (f7r)

fraco (3): " no mais fraco luguar" (f46r)

**Framça, np, 1 "França"**

framça (1): " gu•har o rreyno de framça" (f68v)

**Framqueça – ver Franqueza**

**Françes, adj, 1 "Francês"**

françes (1): " eram em rrimão em françes" (f57v)

**Franco, adj, 1**

franco (1): " do franco coração" (f137v)

**Franqueza, sb, 2**

framqueça (1): " em sua framqueça na gloria do filho" (f109v)

franqueza (1): " a bomdade e franqueza" (f139v)

**Fraqueza, sb, 4**

fraqueza (4): " ssua fraqueza e de ssua miséria" (f26v)

**[Freesta], sb, 2 "Fresta"**

freestas (2): " que teem freestas" (f91r)

**[Freira], sb, 1**

freiras (1): " perssoas freiras e monjas" (f132v)

**Fremoso, adj, 28 "Formoso"**

fremosa (6): " a mais fremosa" (f83r)

fremosas (1): " uossas fremosas almas" (f3v)

fremoso (7): " muy fremoso homem" (f2v)

fremosos (6): " muy fremosos olhos" (f10r)

fremossa (3): " a tua face fremossa" (f17v)

fremossas (1): " fremossas epistollas" (f145r)

fremosso (2): " corpo tam fremosso" (f113v)

fremossos (2): " uossos fremossos olhos" (f10r)

**Fremosso – ver Formoso**

**Fremossura – ver Fremosura**

**Fremosura, adj, 22 "Formosura"**

fremossura (5): "saluos em sua fremossura" (f114r)

fremosura (16): " sua fremosura e graça" (f127v)

fremosuras (1): " antre as outras fremosuras" (f10r)

**Freio, sb, 1 "Freio"**

freio (1): " cauallo sem freio" (f67r)

**[Fresco], sb, 1**

frescos (1): " novos e frescos aas penas " (f98r)

**Freura – ver Frjura**

**[Frio] – ver Fryo**

**Frjura, sb, 2 "Friúra"**

freura (1): " quentura e freura" (f95v)

frjura (1): " dizer de gram frjura" (f95v)

**Froll, sb, 2 "Flor"**

froll (2): " como a froll do feno" (f113r)

**Fruito, sb, 43 "Fruto"**

fruito (20): " do fruto de ssua boca" (f67r)

frujto (16): " alg • come do frujto" (f112v)

fruyto (6): " e o fruyto he allegria" (f112v)

fruytos (1): " aquy os doce fruytos" (f58r)

**Frujto – ver Fruto**

**Fruyto – ver Fruto**

**Fryo, sb, adj, 6 "Frio"**

fria (1): " he fria e preguiçossa" (f39v)

frias (1): " seiam frias e priguçosas" (f7r)

frio (1): " trabalhos e fame e sede e frio" (f33r)

fryo (3): " alg • ha gram fryo" (f95v)

**Fugir – ver Fogir**

**Fundamento, sb, 7**

fundamento (4): " edefica sem fundamento" (f64r)

fundamentos (1): " os doze fundamentos da cidade" (f20r)

fundam•to (2): " no fundam•to dhomilldade" (f147v)

**Fundam•to – ver Fundamento**

**Fundar, v, 7**

fundado (5): "nom he fundado sobre justiça" (f53v)

fundar (2): " auemos de fundar noso castello" (f20r)

**Fundir, v, 4**

funde (1): " se funde toda em lágrimas" (f132v)

fundio (1): " se fundio em lágrimas" (f132v)

fundir (2): " sse fundir toda em lágrimas" (f1v)

**Fundo, sb, 3**

fundo (3): " E de fundo o jnferno" (f26r)

**[Furar], v, 2**

furaae (1): " furaae diz elle a parede" (f64r)

furados (1): " pees e m•os e costado furados" (f36r)

**Furtar, v, 1**

furtar (1): " a tem Podenlha furtar" (f122v)

**Furto, sb, 1**

furto (1): " rroubo ou per furto ou per • gano" (f7r)

**[Futuro], adj, 1**

futura (1): " bem auenturamça futura" (f137r)

G

**Gaanhar, v, 17 "Ganhar"**

gaanha (2): " Como sse gaanha" (f1v)

gaanham (1): " de como se gaanham" (f44v)

gaanhar (4): " rreligiosso pode gaanhar paz" (f1v)

gu • ha (1): " gu • ha os tormentos" (f1v)

gu • har (1): " podia gu • har o rreyno" (f68v)

gu • hou (1): " gu • hou o moorguaado" (f38r)

guaanha (1): " guaanha a coroa da glloria" (f29r)

guaanham (1): " e de como se (guaanham)." (f11r)

guaanhar (3): " homem guaanhar o paraíso" (f6v)

guaanharom (1): " nem guaanharom de ty" (f114v)

guaanhou (1): " era segundo a guaanhou" (f13v)

**Galardom – ver Guallardom**

**[Gardar] – ver Guardar**

**Gargantoïçe – ver Guarguãtoïçe**

**[Geerar], v, 2 "Gerar"**

geera (1): " sem oraçom geera uaydade" (f148r)

jeera (1): " familiaridade jeera despreço" (f130v)

**Geerall, adj, 6 "Geral"**

geeraaes (2): " nos geeraaes benefícios" (f40r)

geerall (2): " he guarda geerall" (f56r)

jeerall (2): " sem seu mayor jeerall ou espiçiall" (f7v)

**Geito, sb, 5 "Jeito"**

geito (1): " ha pena nem maaõ geito" (f105v)

geitos (3): " com geitos luxuriosos" (f13r)

jeito (1): " nem o ssoisõ nem o jeito" (f148v)

**Gemer, v, 2**

gemeo (1): " assaz gemeo assaz chorou" (f3r)

gemer (1): " de profundamente gemer" (f1v)

**[Gemido], sb, 4**

gemidos (1): " os gemidos e sospiros" (f51r)

gemjdos (1): " E gemjdos e lágrimas" (f38r)

jemjdos (1): "lançar amarguosos jemjdos" (f50r)  
gimidos (1): "os sospiros E gimidos" (f38r)

**[Gemjdo] – ver [Gemido]**  
gemte (1): "

**Genjsi – ver Jenesi**

**Gente, sb, 20 "Gente; povo"**  
gente (7): "ao arroido da gente" (f51r)  
gentes (12): "husam estas gentes" (f10r)  
jentes (1): "taaes jentes ataa morte" (f21v)

**Gentill, adj, 1 "Gentil"**  
gentill (1): "graciosa e assy gentill" (f25v)

**Geronjmo, np, 17 "Jerónimo"**  
geronjmo (8): "Ca diz sam geronjmo" (f42v)  
geronymo (5): "diz sam geronymo" (f60v)  
jeronjmo (3): "E Sam Jeronjmo diz" (f42r)  
jeronymo (1): "que Sam jeronymo diz" (f26r)

**Geronymo – ver Geronjmo**

**[Gimido] – ver [Gemido]**

**[Giolho], sb, 2 "Joelho"**  
giolhos (2): "sse poinha em giolhos" (f40r)

**Glegorio – ver Gregorio**

**Glloria – ver Gloria**

**Gllorioso – ver Glorioso**

**Gloria, sb, 85 "Glória"**  
glloria (18): "se perdem per uaa glloria" (f51r)  
gloria (65): "a gloria do paraíso" (f56r)  
groria (2): "ou por u • groria" (f13r)

**[Glorificar], v, 3**  
glorifica (1): "ou glorifica dalg • bem" (f4r)  
glorificam (1): "u • mente se glorificam" (f73v)  
glorificaria (1): "glorificaria de uossa louuaminha" (f23v)

**Glorioso, adj, 25**  
glloriosa (3): "esta glloriosa senhora" (f25v)  
gllorioso (1): "Seu gllorioso nome" (f25v)  
gloriosa (9): "da sua gloriosa madre" (f69v)  
glorioso (10): "Este glorioso castello" (f1r)  
gloriosos (1): "crauos seus gloriosos pees" (f35v)  
groriosos (1): "groriosos viços" (f141v)

**Glosa – ver Glosa**

**[Glossa] – ver Grosso**

**Glosura – ver Grossura**

**Golosamente, adv, 1 "Gulosamente"**  
golosamente(1): "açedado e muy golosamente" (f8r)

**[Gostar] – ver Guostar**

**Gosto – ver Guosto**

**Gota – ver Guota**

**Gouernança, sb, 3 "Governança; governo"**  
gouernança (2): "custamado em gouernança" (f66r)  
gouernança (1): "a gouernança do corpo" (19v)

**Gouernalho, sb, 2 "Governo; leme"**  
gouernalho (2): "aa naao sem gouernalho" (f1Vv)

**Gouernança – ver Gouernança**

**Gouernar, v, 6 "Governar"**  
gouernado (1): "queira gouernado de folha" (f50r)  
gouernam (1): "gouernam a alma" (f56r)  
gouernar (2): "a tençom de gouernar" (f49v)  
gouernaua (1): "homilldosamente se gouernaua" (f103v)  
gouernom (1): "se gouernom saiesmente" (f45v)

**Grã – ver Gram**

**Grade – ver Grande**

**Grãdeza – ver Grandeza**

**[Graado] – ver Grado**

**Graao, sb, 4 "Grau"**  
graao (2): "O ssegundo graao" (f21r)  
graao (2): "ha dauer tres graaos" (f11r)

**Gr•o "Grão"**  
gr•o (2): "como a jueyra o gr•o" (f29r)

**Graça, sb, 66**  
graça (47): "bondade e graça espirituall" (f5r)  
graças (19): "graças e uirtudes" (f18v)

**Graçiosamente, adv, 1**  
graçiosamente (1): "chamou graçiosamente" (f25v)

**Graçioso, adj, 8**  
graçiosa (1): "se mais graça couse" (f17r)  
graçioso (4): "este graça Senhor" (f33r)  
graciosa (1): "graciosa e assy gentill" (f25v)  
gracioso (2): "gracioso amoestamento" (f145v)

**Gracioso – ver Graçioso**

**Grãde – ver Grande**

**Gradeçer – ver Agradeçer**

**Grado, sb, adj, 5 "Grado; gráudo; importante; notável". "Satisfação; prazer; consentimento" (Viterbo). "Vontade; consentimento; concessão sem constrangimento de força o judicial" (Moraes).**  
graados (1): "mais graados ou mais cortesés" (f5r)  
grado (4): "queres tu seer grado" (f147r)

**Gram, adj, 106 "Grão; grande"**  
grã (11): "por grã pena e torm•to" (f97r)  
gram (95): "cayr em gram tristeza" (f104v)

**Gramde – ver Grande**

**Grande, adj, 131**

grãde (4): " mester grãde adimento" (f128r)  
 grãdes (2): " os grãdes pecados" (f50v)  
 gramde (12): " teu gramde guallardom" (f127v)  
 gramdes (1): " gramdes tormementos" (f90r)  
 grande (92): " tam *grande* arroido" (f73v)  
 grandes (20): " grandes rriquezas *e* uijos" (f89v)

**Gr•deza – ver Grandeza****Grandeza, sb, 5**

gr•deza (1): " jnfijnda gr•deza de *deus*" (f108v)  
 grandeza (4): " a *grandeza* de *deus*

**Graue, adj, 10 "Grave"**

graue (9): " pecado he mais graue" (f1r)  
 graues (1): " sam uerdadeiras *e* graues" (f84v)

**Graumente, adv, 5 "Gravemente"**

grauemente (4): " peca muy *grauemente*" (f8r)  
 grauem•te (1): " punyra mais *grauem•te*" (f62v)

**Grauem•te – ver Graumente****Graueza, sb, 3 "Graveza; gravidade"**

grauenza (3): " polla graueza da door" (f87r)

**Gregorio, np, 30 "Gregório"**

glegorio (1): " Sam glegorio amou" (f65r)  
 gregorio (29): " diz sam Gregório" (f66r)

**Groria – ver Gloria****[Grorioso] – ver Glorioso****Grosa, sb, 15 "Glosa"**

glosa (3): " segundo diz a glosa" (f111r)  
 grosa (5): "hua grosa de sam Mateus" (f46r)  
 grosas (6): " o que dizem as grosas" (f99v)  
 grossa (1): " diz a grossa no auangelho" (f21r)

**Groso – ver Grosso****Grosso, adj, 7**

glossas (1): " comeo de glossas viandas" (f121r)  
 glossos (1): " passarõ de glossos crauos" (f35v)  
 grosas (1): "ham as uozes grosas" (f17v)  
 grosso (1): "h• grosso conujte de grossura " (f107r)  
 grossas (2): " ham grossas uozes" (f17v)  
 grosso (1): " assy como em grosso" (f91v)

**Grossa – ver Glosa****Grossura, sb, 2 "Grossura; gordura"**

glosura (1): " na glosura dos meollos" (f107r)  
 grossura (1): " grossura de meollos" (f107r)

**[Grys], sb, 1 "Pano"**

**Viterbo na rubrica "grizisco" explica o que são "grise" (pl. de "gris"): "panos, porventura, de carácter sumptuário e caros, de cor parda, usados na confecção de vestidos, cortinados, véus, etc."**

gryses (1): " emuorilhado em cueyros n• gryses." (f33r)

**Gu•çar, v, 8 "Ganhar; obter; alcançar;****conseguir; granjear" (Viterbo)**

gu•çado (1): "o *que* he gu•çado" (46r)  
 gu•çar (2): " homem sofre pollos gu•çar" (f108r)  
 gu•çarom (1): "gram trabalho gu•çarom" (f52r)  
 guaança (1): " homem guaança a gloria" (f105v)  
 guaançado (1): " guabo que aja guaançado" (f134r)  
 guançar (1): " *e* ho auer pollos guançar" (f115v)  
 guaançom (1): " deuiã *perder* guaançom" (f102r)

**Gu•har – ver Gaanhar****[Guaançar] – ver Gu•çar****Guaanhar – ver Gaanhar****Guaanho, sb, 1 "Ganho"**

guaanho (1): " *per* desonesto guaanho" (f17r)

**[Guabança], sb, 2 "Gabança; gabação"**

guabanças (1): " uallerom guabanças nem rriquezas" (f24v)  
 guãbanças (1): " as guãbanças de nossas rriquezas" (f88v)

**[Guãbança] – ver [Guabança]****Guabar, v, 5 "Gabar; vangloriar-se"**

guaba (1): " nom se guaba nem despreza" (f127v)  
 guabar (1): " em se guabar dos b•s" (f4v)  
 guabauasse(1): " guabauasse em ssua oraçom" (f49r)  
 guabo (2): " disse eu nom me guabo" (f52r)

**[Guabo], sb, 2 "Gabo; elogio; jactância"**

guabos (2): " com *seus* falssos guabos" (f23v)

**Guabriel, np, 1 "Gabriel"**

guabriel (1): " foy o arcanjo guabriel" (f1r)

**Gualardom – ver Guallardom****Guallardõ – ver Guallardom****Guallardom, sb, 29 "Galardão; recompensa; prémio"**

galardom (1): " galardom do paraíso" (f28v)  
 gualardom (2): "por boo gualardom" (f54r)  
 guallardõ (1): " acallçar o guallardõ" (f52r)  
 guallardom (23): " o guallardom da gloria" (f118r)  
 guallard•es (2): " todos os guallard•es" (f114r)

**Guallilea, np, 1 "Galileia"**

guallilea (1): " poboo des guallilea ata aquy" (f35r)

**[Guamo], sb, 1 "Gamo"**

guamos (1): " saltam auante como guamos" (f64v)

**Guançar – ver Gu•çar****Guarda, sb, 18**

guarda(14): "O porteiro *e* guarda desta porta" (f41v)  
 guardas (4): " *porteiros e* guardas diligentes" (f44r)

**Guardar, v, 70**

gardaaeuos (1): " Gardaaeuos de jurar sem rrazom" (f66v)  
 guarda (17): " Quem sua lingua nom guarda " (f66v)  
 guardaee (2): " *per* aquy uos guardaee" (f3v)  
 guardaees (1): " uos guardaees *pera* molher" (f83r)

guardaeuos (1): "guardaeuos de cada h•" (f79v)  
 guardada (1): " porta he assy guardada" (f42r)  
 guardadas (1): " sam bem guardadas" (f41v)  
 guardallo (1): " guardallo honestamente" (f39v)  
 guardam (4): " guardam suas linguas" (f67r)  
 guardamos (1): "deligência nos guardamos" (f20v)  
 guardando (1): " terra de paz guardando" (f20v)  
 guardar (25): " pera guardar o castello" (f21v)  
 guardara (1): " que he omjldade guardara" (f29v)  
 guardarees (1): " guardarees humjldade" (f66v)  
 guardarnos (1): " guardarnos de pecado" (f68r)  
 guardarom (1): " guardarom o castello" (f55r)  
 guardarsseham (1): " guardarsseham dos muy pequenos pecados" (f55r)  
 guardasse (1): " se o deus nom guardasse" (f23v)  
 guardaua (1): " nom guardaua ssua lingua" (f67r)  
 guardauã (1): " guardauã seus corpos" (f73v)  
 guardauom (1): " guardauom as abseruanças da lley" (f53r)  
 guarde (4): " amigua se guarde saiemente" (f131v)  
 guardem (1): " guardem de parecer aos aluardaes" (f71v)

#### **Guarecer, v, 10 "Guarecer; curar; livrar"**

guareç• (1): " e guareç• as •firmjldades" (f29r)  
 guareçe (2): " guareçe e alinpa a alma" (f39r)  
 guareçer (3): " nos guareçer e lauar" (f37v)  
 guareçerei(1): "uos guareçerei das maguas" (f109r)  
 guareçerey (1): " guareçerey as tuas doores" (f109r)  
 guarido (2): " se quer seer bem guarido" (f12r)

#### **Guargantoçe – ver Guarguãtoçe**

#### **Guargãtuyçe – ver Guarguãtoçe**

#### **Guarguantoçe – ver Guarguãtoçe**

#### **Guarguãtoçe, sb, 8 "Gargantoçe; gula"**

gargantoçe (2): " da gargantoçe" (f7v)  
 guargantoçe (1): " apitito da guargantoçe" (f46r)  
 guargãtuyçe(1): "dauareza ou de guargãtuyçe" (f64r)  
 guarguantoçe (1): " Per guarguantoçe peca o homem" (f7v)  
 guarguãtoçe (2): " lançado aa guarguãtoçe" (f8r)  
 guarguãtuyçe (1): " guarguãtuyçe a destruy" (f46v)

#### **Guarguãtuyçe – ver Guarguãtoçe**

#### **[Guarneçer], v, 12 "Guarnecer; guarnir; munir; fortificar"**

esguarneçida (2): " seer esguarneçida destes jnstruymentos" (f61v)  
 guarneçe (1): " E guarneçe a alma" (f58v)  
 guarnida (1): " mesa nom he bem guarnida" (f84v)  
 guarnido (3): " he guarnido de bitalhas" (f56r)  
 guarnjda (1): " alma he bem guarnjda" (f44v)  
 guarnjdo (2): " bem guarnjdo de ujtalhas" (f45r)  
 guarnjdos (1): " guarnjdos de boas beestas" (f55v)  
 guarnydo (1): " he guarnydo de pam" (f59r)

#### **Guasalhado, sb, 4 "Gasalhado; agasalho; aconchego"**

guasalhado (4): " percam o b• guasalhado" (f55r)

#### **Guastar, v, 4 "Gastar"**

guastadas (1): " oras que foram guastadas" (f68v)

guastam (2): " guastam o preçiosso tenpo" (f50v)  
 guastar (1): " homem guastar o domingo" (f50v)

#### **Guato, sb, 1 "Gato"**

guato (1): " o guato come de boamente o pescado" (f115v)

#### **Guerra, sb, 3**

guerra (3): " auee guerra nos pecados" (f78r)

#### **Guisa, sb, 14 "Guisa; maneira; modo"**

guisa (13): " quem doutra guisa husa" (f87r)  
 guysa (1): " no apocalipse em esta guysa" (f73r)

#### **Gula – ver Gulla**

#### **Gulla, sb, 4 "Gula"**

gula (1): " Per gula caae homem" (f8r)  
 gulla (3): " soberua luxuria gulla" (f100r)

#### **Guoloso, asj, sb, 5 "Guloso"**

guoloso (2): " h• deseio guoloso" (f140r)  
 guolosa (1): " como a guolosa que proua" (f116r)  
 guoloso (1): " que o rrico guoloso" (f99r)  
 guolosos (1): " os guolosos teem os bocados" (f120v)

#### **Guoloso – ver Guoloso**

#### **Guolpe, sb, 2 "Golpe"**

guolpe (1): " pera rreçeber o guolpe" (f30v)  
 guolpes (1): " conuem leuar de guolpes" (f27v)

#### **Guodo, adj, 1 "Gordo"**

guordo (1): " pollo fazer guordo dalhe a comer tanto" (f28v)

#### **Guostar, v, 8 "Gostar"**

gostada (1): " auia gostada esta doçura" (f106v)  
 guosta (1): " guosta a alma deuota" (f125v)  
 guostaae (1): " guostaae e ueede como deus" (f140r)  
 guostando (1): " em guostando esto" (f140r)  
 guostar (2): " Nom quis guostar do fell" (f121r)  
 guostarom (1): " nom guostarom estes" (f116v)  
 guostassem (1): " elles guostassem no paadar" (f71r)

#### **Guosto, sb, 8 "Gosto"**

gosto (2): " que perteeçe ao gosto" (f43v)  
 guosto (6): "ao guosto de comer" (f43v)

#### **Guota, sb, 8 "Gota"**

gota (1): " hua soo gota daugua" (f93v)  
 quota (5): "nem hua quota daugua" (f93v)  
 guotas (2): " nomear as guotas do mar" (f41v)

#### **Guysa – ver Guisa**

# H

## Ha – ver O

### Haa, interj, 7

aaa (1): "Aaa mezquinho que ho dia doje" (f6v)

haa (6): "Haa doce Jhesu christo" (f95v)

### [Haaquelle]– ver Aquelle

### Hamauioso – ver Amauyoso

### Hepistolla – ver Epistolla

### Herdade, sb, 6

erdade (1): "promissom que he arra da erdade" (f118v)

herdade (5): "paraíso que he uossa herdade" (f81r)

### Hereos, adj, 1 "Relativo ao amor oposto ao celestial; o lado negro do amor, encarado como uma doença". Do gr. 'eros' em transcrição latina deficiente.

hereos (1): "chamam os fisicos amor hereos" (f126r)

### Herodes – ver Eroides

### Hi, adv, 99 "Aí"

dhi (1): "E dhi aa perfeita uisom de deus" (f148v)

hi (96): "hi nom ha cousa tam ujl" (f23r)

hy (2): "Nom ha hy mayores" (f30r)

### Hidade, sb, 3 "Idade"

hidade (3): "a pessoa que ha hidade" (f8r)

### [Hida] - ver Yda

### Hir, v, 66 "Ir"

dhir (1): "uergonha dhir soo ao paraíso" (f66v)

foisse (2): "E foisse a sseu amigo" (f83r)

for (1): "quando ella for com elle" (f40v)

fora (3): "em que cayra se elle nom fora." (f40r)

forem (1): "alegrias do paraíso. que aueram os que lla forem" (f104r)

fores (2): "honde quer que tu fores" (f79r)

fosse (1): "se a madre de deus fosse no jnferno" (100r)

foy (4): "Entom se foy a uirgem" (f25v)

hia (3): "hia amehude a caçar bestas" (f13v)

hiam (1): "hiam o dia da pascoa a emaus" (f147r)

hir (12): "deue hir com boa vontade" (f68v)

hiram (1): "nom hiram de uços a prazeres" (f89v)

hirej (2): "honde me hirej ante a tua face" (f102v)

hiremos (1): "hiremos contigo ao juízo" (f24v)

hirom (1): "assy se hirom os danados" (f89r)

jrey (1): "Eu me jrey dos b•s tenporaes" (f88r)

uaa (4): "que uaa e nom torne" (f88r)

uaamos (1): "que uaamos em nosso edefício" (f20r)

u•o (2): "e u•o ao jnferno" (f103r)

uã (1): "que uã vagando per ca" (f20r)

uaaom (5): "Mes uaaom senpre por diante" (f19v)

uaas (1): "creatura que uas emsandeçando" (f41r)

uay (9): "Quando uay aa jgreia" (f13v)

uayte (1): "e uayte aa terra disrraell" (f104v)

uou (1): "uou senpre por acallçar" (f52r)

vaa (3): "que vaa e não torne aa terra" (f86r)

vaaom (1): "vaaom cantando ao jnferno" (f71v)

### Hira, sb, 14 "Ira"

hira (8): "Enueja • Hira • Preguiça" (f4r)

jra (1): "fogo da jra asinha queima" (f81v)

yra (5): "da luxuria e da yra" (f50v)

### [Hiroso], adj, 2 "Iroso"

hirosa (1): "Por que a pessoa hirosa" (f81r)

jrosa (1): "amigos de pessoa jrosa" (f81r)

### Hisaque, np, 1 "Isaac"

hisaque (1): "que hisaque ouue dous filhos" (f13v)

### Hiso – ver Jsso

### Ho - ver O

### Hôde – ver Honde

### Hodio – ver Odio

### Hodor – ver Odor

### [Holhar] – ver Oolhar

### Homde – ver Honde

### Hom• - ver Homem

### Home – ver Homem

### Homem, sb, 504 "Homem; pessoa"

dhom• (3): "como dhom• auer tençom" (f80r)

dhomem (2): "ujda dhomem sobre a terra" (f21v)

hom• (88): "este hom• filho de deus era" (f36v)

home (3): "que home deue creer em deus" (f20r)

hom•s (28): "deus mostrou aos hom•s" (f38v)

homem (381): "do pam uyue o homem" (f44v)

hom•s (2): "os hom•s esqueçã" (f11r)

### Homildade – ver Humjldade

### Homildar – ver Homildar

### Homildosamente, adv, 12 "Humildemente"

homildosamente (3): "confesalos homildosamente" (fVr)

homilldosamente (3): "homilldosamente se governaua" (f103v)

homjlldosamente(1): "peça homjlldosamente" (f49r)

humildosamente (1): "conheça humildosamente" (f74r)

humilldosamente (1): "tornar a deus humilldosamente" (f52v)

humjldosamente (1): "reçebello humjldosamente" (f39v)

humjlldosamente (2): "humjlldosamente obedeeçer" (f55v)

### Homildoso, adj, sb, 22 "Humilde"

homildoso (4): "que he assy homildoso" (f149v)

homilldoso (2): "homilldoso de tua vontade" (f92v)

homjldosa (1): "rrepeendida e homjldosa" (f16v)

homjlldoso (1): "homjlldoso em ujstir" (f69r)

humildoso (1): "he humildoso de coraçõ" (f20v)

humilldosa (1): "que seia humilldosa" (f13v)



humjldosa (2): " a boa pessoa humjldosa" (f20v)  
humjldoso (1): " justo fazsse humjldoso" (f72v)  
humjlldosa (1): " em humjlldosa paz" (f42v)  
humjlldoso (3): " *per* humjlldoso coração" (f45r)  
humjlldosos (4): " da graça aos humjlldosos" (f32r)  
omjlldosa (1): " E sijnprez *e* omjlldosa" (f84r)

#### **Homilldade – ver Humjldade**

#### **Homillardar, v, 19 "Humilhar"**

homillardar (1): " conhecer *e* homillardar" (f144v)  
homildou (2): " se homildou *per* pendenza" (f146r)  
homilldam (1): " se homilldam ente elle" (f139v)  
homilldar (3): " quem sse homilldar" (f146v)  
homillardarom (1): " homillardarom *per* aspreza" (f144r)  
homilldousse (1): " homilldousse uerdadeiramente" (f144v)  
homillde (1): " pouco poder *e* se homillde" (f130v)  
humilldou (1): " Mes elle se humilldou" (f144v)  
humjlda (1): " Quem assy se humjlda" (f21v)  
humildar (1): " *uerdadeiramente* humildar" (f147v)  
humilldar (1): " seiam humilldar *e* amar" (f146v)  
humilldarsse (1): " humilldarsse ante *deus*" (f65v)  
humjlldar (1): " homem humjlldar" (f45r)  
humjllde (1): " te humjllde *per* condanação" (f92v)  
humylde (1): " que se humylde em ssi" (f104v)  
omilldarsse (1): "omilldarsse *per* pendenza" (f146r)

#### **Homilldosamente – ver Homildosamente**

#### **Homilldoso – ver Homildoso**

#### **Homjçidio, sb, 1 "Homicídio"**

homjçidio (1): " *que* o homjçidio tijnha fecto" (f83v)

#### **Homjldade – ver Humjldade**

#### **[Homjldoso] – ver Homildoso**

#### **Homjlldosamente – ver Homildosamente**

#### **Homjldoso – ver Homildoso**

#### **[Homm•] – ver Homem**

#### **Homrra – ver Honrra**

#### **[Homrrar], v, 14 "Honrrar"**

homrrada (2): "festejada *e* homrrada de *deus*" (f75r)  
homrrado (1): " em seu homrrado castello" (f1r)  
homrrar (1): " justiça he homrrar os santos" (f133v)  
honrraae (1): " honrraae *e* amaae" (f25r)  
honrradas (1): " honrradas *e* theudas por santas" (f3v)  
honrrado (2): " Saies *e* pouco honrrado" (f62v)  
honrrados (1): " se sam mais honrrados" (f5r)  
honrrarmos (1): "honrrarmos em suas missas" (f68r)  
honrra (4): " ama *deus* *e* honrra com gram feruor" (f18r)

#### **[Horar] – ver Orar**

#### **[Honda], sb, 1 "Onda"**

hondas (1): "hondas de maaos penssamentos" (f50v)

#### **Honde, adv, 75 "Onde" Cf. Hu**

döde (1): " döde elle *pereçem* esta allegria" (f111r)  
domde (1): " da ujda domde ja era rriscado" (f124v)  
donde (4): " mudou elle donde ssya" (f83v)  
hōde (2): " E hōde ho leuauom" (f82v)  
homde (13): " logar homde cujdama a ueer" (f129v)  
onde (2): "treeuas onde nehua hordenança he" (f98r)  
honde (52): "ujda honde nom ha morte" (f113v)

#### **[Honesto] – ver Onesto**

#### **Honestamente, adv, 2**

honestamente (2): " guardallo honestamente" (f40r)

#### **Hongido, adj, 1 "Ungido"**

hongido (1): " hongido *e* enuorilhado em h • lençoll" (f38r)

#### **Honrra, sb, 35 "Honra"**

homrra (13): " a homrra he *perfeita*" (fVv)  
homrras (3): " *quaees* eram as homrras" (f88v)  
hōrra (3): " confusam sem hōrra" (f91v)  
hōrras (2): " suas hōrras n • rriquezas" (f122r)  
onrras (1): " suas onrras *e* rriquezas" (f122r)  
honrra (10): " a honrra *e* uaydade" (f22v)  
honrras (3): " os deleitos deste mundo *e* as honrras" (f37v)

#### **[Honrrar] - ver [Homrrar]**

#### **[Honrroso], adj, 1 "Honroso"**

honrrosa (1): " honrrosa cousa he o sacramento" (f58v)

#### **Hoo, int, 21 "Ó; oh"**

Hoo (16): " Hoo uos auarentos diz elle" (f138r)  
oo (5): " Oo uos diz ella pastores da santa jgreia" (f135r)

#### **Hoo - ver O**

#### **Hora – ver Ora**

#### **Horaço – ver Oraço**

#### **Horaço – ver Oraço**

#### **Hord• – ver Hordem**

#### **Hordem, sb, 13 "Ordem"**

hord• (1): " do pecado ha (hord•) no jnferno" (fVlr)  
hordem (12): " em conto peso *e* hordem" (f98v)

#### **Hordenança – ver Hordenança**

#### **Hordenadamente, adv, 1**

hordenadamente (1): "sayr he hordenadamente" (f45v)

#### **Hordenança, sb, 6**

hordenança (1): " *e* neh • a hordenança" (f86r)  
hordenança (4): " esto falleçera hordenança" (f99v)  
hordenanças (1): " n • de ssuas hordenanças" (f15r)

#### **Hordenar, v, 17 "Ordenar". Em alguns contextos a acepção é a de "Destinar", noutros**

as de "Regular; dispor; conformar; prover; dotar; equipar".

hordenada (1): " ante dora hordenada" (f7v)  
hordenadas (3): " Obras bem hordenadas" (f61v)  
hordenado (3): "nosso castello he hordenado" (f56r)  
hordenados (2): " os amores sō hordenados" (f15v)  
hordenallos (1): " e hordenallos aa fim" (f44r)  
hordenar (5): "hordenar de seu coração" (f56v)  
hordenarom (1): "hordenarom os rreligiosos" (f43r)  
hordenou (1): " hordenou seer assy" (f37v)

**Hõrra – ver Honrra**

**Horror, sb, 1**

horror (1): " themor sem fim. horror *propriamente*" (f99v)

**[Hosso], sb, 1 "Osso"**

hossos (1): " e os hossos aos caaes" (f99v)

**Hoste, sb, 4**

hoste (2): " aos da hoste *contra seus* jmijgos" (f58v)  
hostes (1): " hostes dos *perdidos* falleçerom" (f90r)  
oste (1): " abertas aa oste do diaboo" (f41v)

**Hou – ver Ou**

**[Houir] – ver Ouuir**

**Houro – ver Ouro**

**[Housar] – ver [Ousar]**

**Hu, adv, 5 "Onde" Cf. Honde**

hu (5): "lugar hu *prendiam* bestas" (f33r)

**Hubidiência – ver Obidiência**

**Hugo, np, 1**

hugo (1): " he diz hugo de sam uytor" (f41r)

**Humanal – ver Humanall**

**Humanall, adj, 14 "Humanal"**

humanal (2): " em *que* humanal Coração" (f31r)  
humanall (12): " aa humanall natureza" (f56v)

**Humanjdade, sb, 4 "Humanidade"**

humanjdade (4): " da humanjdade de Jhesu" (f110r)

**Humildade – ver Humjldade**

**Humildar – ver Homildar**

**Humildosamente – ver Homildosamente**

**Humildoso – ver Homildoso**

**Humilldade – ver Humjldade**

**Humilldar – ver Homildar**

**[Humilldoso] – ver Homildoso**

**Humilldosamente – ver Homildosamente**

**[Humjldar] – ver Homildar**

**Humjldade, sb, 60 "Humildade"**

dhumilldade (1): " fundam•to dhumilldade" (f147v)  
domjldade (1): " a profundeza domjldade" (f30r)  
dhumjldade (1): " *primeira* caua dhumjldade" (f24r)  
dhumjldade (5): "em sinall dhumjldade" (f42v)  
domjldade (1): " a profundeza domjldade" (f30r)  
homildade (5): "a homildade *uerdadeira*" (f11r)  
homilldade (4): " *uirgijndade e* homilldade" (f16v)  
homjldade (1): " estado he homjldade" (f24r)  
humildade (4): " *profunda* humildade" (f20v)  
humilldade (7): " *Verdadeira* humilldade" (f21r)  
humjldade (15): " *rreuerençiall* humjldade" (f39v)  
humjldade (10): " humjldade de coração" (f55v)  
humjlldades (2): " anbas as humjlldades" (f20v)  
omilldade (1): " *uertudes* sem omilldade" (f147v)  
omjldade (1): " castello que he omjldade" (f29v)  
omjldade (1): " profundas *per* omjldade" (29v)

**Humjldosamente – ver Homildosamente**

**Humjldoso – ver Homildoso**

**Humjldade – ver Humjldade**

**Humjlldar – ver Homildar**

**[Humjlldar] – ver Homildar**

**Humjlldosamente – ver Homildosamente**

**Humjlldoso – ver Homildoso**

**Humor, sb, 3**

humor (3): " *que* todo humor de graça" (f90v)

**[Humudo], adj, 1 "Húmido"**

humudos (1): " ama os lugares humudos" (f129r)

**[Humyldar] – ver Homildar**

**[Hunha], sb, 1 "Unha"**

hunhas (1): " *grande* door nas hunhas" (f95v)

**[Hunir], v, 1 "Unir"**

huniam (1): " huniam da santa conpanhia" (f60v)

**[Huntar], v, 1 "Untar"**

huntaaeo (1): " e huntaaeo de deuaço" (f38v)

**Huntura, sb, 1 "Untura"**

huntura (1): " nom he senom huntura" (f28r)

**Husamça – ver Husança**

**Husança, sb, 3 "Usança; uso"**

husamça (1): " *perdem* toda sua husamça" (f139v)  
husança (1): " a husança faz os meestres" (f14r)  
husanças (1): " e em boas husanças" (f7v)

**Husar, v, 16 "Usar"**

husa (2): " *quem* doutra guisa husa" (f87r)  
husado (1): " has longo tenpo husado" (f18r)  
husam(5): "aquelles que husam *deste* mundo" (f77v)  
husamos (1): " que nom husamos della como *deujamos*" (f52v)

husar (1): " homem nom deue husar" (f41v)  
 husaria (1): " husaria de tall deuoçom" (f131r)  
 husarom (1): " mall husarom das homrras" (f92r)  
 husasse (1): " e bem husasse della" (f44r)  
 husassem (2): " se nom husassem delle" (f77v)  
 husou (1): " nom husou bem das graças" (f65v)

#### **Huso, sb, 2 "Uso"**

huso (2): " no huso do tabernacullo" (f67r)

#### **Husura, sb, 1 "Usura"**

husura (1): " por maaõ barato. ou por husura" (f7r)

#### **H•••art, 388 "Um"**

dhua (1): " assi como dhua besta " (f113r)  
 dh•a(5): "passar dh•a lamça" (f37v)  
 dh•as (1): " a guardar dh•as e das outras" (f9r)  
 dhua (2): " assy como dhua sandeu" (f34v)  
 dh• (12): " a alma dh• nosso prouximo" (f30v)  
 dh•a (5): " exemplo dh•a molher" (fVIv)  
 h•a (70): " H•a monja nobre de linhagem" (f3r)  
 hua (53): " deuaçom a hua pessoa" (f11r)  
 h•as (1): " assy como h•as oras" (f57v)  
 huu (14): " Mes huu anjo ueho" (f73r)  
 h• (213): " quiser edeficar h• castello" (f1v)  
 h•a (5): "jnpetrarem h•a soo ora" (f101v)  
 h•s (5): "h•s poucos *que* escaparam" (f48v)  
 huus (1): " auyuom huus aos outros" (f46r)

#### **[Huua] - ver Huva**

#### **Huva, sb, 3 "Uva"**

huva (2): " comer huva uerde" (f120v)  
 huuas (1): " pesseguos moles nem huuas doces" (f94r)

#### **Hy – ver Hi**

**I**

#### **Ihesu – ver Jhesu**

#### **[Imijgo] – ver Jmijgo**

#### **[Inclinar], v, 13**

emclinada (1): " E mais emclinada" (f47v)  
 emcrynada (1): " trazem emcrynada aa terra" (f19v)  
 enclinada (1): " glloriosa cabeça enclinada" (f36r)  
 enclinado (1): " a *que* he mais enclinado" (f47v)  
 encljne (1): " ho mais grande se encljne ao mais pequeno" (f81v)  
 encrynou (1): " dito esto encrynou a cabeça" (f36v)  
 inclina (1): " cousa inclina assy ho homem" (f146r)  
 jnclina (2): " cousa jnclina asy ho homem" (f145v)  
 jnclinada (2): " tem a cabeça jnclinada " (fIv)  
 jnclinados (1): " sam muyto jnclinados" (f75v)  
 jncrinado (1): " coraçom humanall he jncrinado a mall" (f84r)

#### **Inpaçyência – ver Jnpaçiência**

#### **Inpaçyência – ver Jnpaçiência**

#### **Inpassibillidade, sb, 1 "Impassibilidade"**

inpassibillidade (1): " confirmados em tall inpassibillidade" (f112)

#### **[Ipocrita] – ver Ypocrita**

#### **[Isrraell], sb, 12 "Israel"**

disrraell (10): " uayte aa terra disrraell" (f104v)  
 disrrahel (1): " se uaa aa terra disrrahel" (f105r)  
 disrrahell (1): " diz miyses aos *filhos* disrrahell" (f130r)

**J**

#### **Ja, adv, 42 "Já"**

ja (42): " maneiras como ja he dicto" (f12v)

#### **Jacob, Np, 6**

Jacob (6): " lee no Jenesi que Jacob" (f115v)

#### **[jaj•] – ver jej•**

#### **Jamais - ver Ja mais**

#### **Ja mais, adv, 6 "Jamais"**

jamais (2): " jamais se nom podiam leuantar" (f45v)  
 ja mais (4): " Ca ja mais nom auerõ perdom" (f97v)

#### **Jazer, v, 16 "Estar; jazer; permanecer"**

jaz (8): " cousa em *que* jaz pobreza" (f93v)  
 jazem (5): "os *que* jazem no jnferno" (f94v)  
 jazer (1): " cayr como longuamente jazer" (f145v)  
 jaziã (1): " os *que* jaziã dentro" (f36v)  
 jouue (1): " elle nom jouue mujto no pecado" (f145v)

#### **Jebes, np, 1 "Jebas"**

jebes (1): " çerquados os Jebes" (f48r)

#### **[Jeerar] – ver [Geerar]**

#### **Jeerall – ver Geerall**

#### **Jeerallm•te, adv, 1 "Geralmente"**

jeerallm•te (1): " que *deus* fez aa humanall natureza jeerallm•te" (f56v)

#### **Jeito – ver Geito**

#### **Jejuar, v, 3**

jejuar (2): " nõ pod• jejuar h• soo" (f93v)  
 jejunar (1): " cousa de mujto jejunar" (f61r)

## **Jejunar - ver Jejuar**

### **Jeje • , sb, 6 “Jejum”**

jaj • s (1): " os jaj • s de sua hordem" (f8r)  
jej • (3): " grande jej • nem uigillia" (f29r)  
jej • s (2): " jej • s e uigillias e oraç • es" (f24r)

## **[Jemjdo] – ver [Gemido]**

### **Jenesi, np, 9 "Génesis"**

genjsi (1): " *deus* a abr • o no genjsi" (f105v)  
jenesi (5): "desto se lee no Jenesi" (f105r)  
jenesim (1): " a abr • o no Jenesim" (f127v)  
jenjsis (1): " no *quarto* liuro do Jenjsis" (f149v)  
jenjsy (1): " cousas se lee no Jenjsy" (f89v)

## **[Jente] – ver Gente**

## **Jeremhias – ver Jeremjas**

## **Jeremias – ver Jeremjas**

### **Jeremjas, np, 11 “Jeremias”**

jeremhias (1): " *deus per* Jeremhias" (f109r)  
jeremias (1): " *deus diz per* Jeremias" (f93v)  
jeremjas (3): " jsto o chora Jeremjas" (f135v)  
jeremyas (1): " Jeremyas diz adiante" (f135v)  
jheremias (3): " jsto disse elle a jheremias" (f101v)  
jheremjas (2): " *segundo* diz Jheremjas" (f107v)

## **Jeremyas – ver Jeremjas**

## **Jeronjmo– ver Geronjmo**

## **Jeronymo– ver Geronjmo**

## **Jerusalem – ver Jherusalem**

## **Jesus – ver Jhesu**

### **Jgreia, sb, 19 “Igreja”**

jgreia (19): " na santa Jgreia" (f110r)

### **[Jgual], sb, adj, 4 “Igual”**

jguaaes (4): " se meter ante *seus* jguaaes" (f21r)  
"sse façom jguaaes" (f82r)

## **Jgualamça – ver Jgualança**

### **Jgualança, sb, 2 "Igualdade" Cf. Ygualenza**

jgualamça (1): "som dh • a jgualamça" (fVIIIr)  
jgualança (1): " sô dh • a jgualança" (f128r)

## **Jheremias – ver Jeremjas**

## **Jheremjas – ver Jeremjas**

### **Jherusalem, np, 3 “Jerusalém”**

jerusalem (1): " auja de morrer em Jerusalem" (f137v)  
jherusalem (2): " que veo a Jherusalem" (f106r)

### **Jhesu, np, 129 “Jesus”**

ihesu (6): " da paixom de ihesu *christo*" (fIIv)  
jhesu (123): "que o doce rrey Jhesu *Christo*" (f1r)

## **Jluminatiuo, adj, 3 "Iluminativo"**

jluminatiuo (2): " *que* he jluminatiuo" (f124v)  
Jlumjnatiuo (1): " Jlumjnatiuo e contenplatiuo" (f123r)  
jnlomjnatiuo (1): " segundo he jnlomjnatiuo" (f124r)  
jnlumanytiuo (1): "caminho Jnlumanytiuo" (f124v)  
jnluminatiuo (2): " purguatiuo ao jnluminatiuo" (f148v)  
jnlumjnatiuo (2): " caminho que he jnlumjnatiuo" (f148r)

## **Jlumjnatiuo – ver Jluminatiuo**

### **Jmagem, sb, 5 “Imagem”**

jimagem (3): " uyo a jimagem da gloria" (f137r)  
ymag • (1): " e ymag • da gloria" (f137r)  
ymagem (1): " fazer aa ssua ymagem" (f32r)

## **Jmigo – ver Jmijgo**

### **Jmijgo, sb, 65 “Inimigo”**

imijgos (1): " *damigos* tornã imijgos" (f80r)  
jmigo (1): " he o mais forte jmigo" (f24r)  
jmijgo (6): " *defendenos* do jmijgo" (f25r)  
jmijgos (51): "medo de *seus* jmijgos" (f27r)  
jmijguos (3): " *amigos e* jmijguos" (f30r)  
jmijgos (1): " aredar *seus* jmijgos " (fIIr)  
ymijgo (1): " *sera* seu ymijgo" (f94v)  
ymijgos (1): " u • tade aos ymijgos" (f17v)

## **[Jmijguo] – ver Jmijgo**

## **[Jmjgo] – ver Jmijgo**

## **[Jnclinar] - ver [Inclinar]**

## **[Jncrinar] – ver [Inclinar]**

### **Jndinamente, adv, 5 “Indignamente”**

Jndinamente (5): "sacramento filham jndinamente" (f61r)

### **Jnfernall, adj, 3 “Infernal”**

jnfernaes (2): " trautas das penas jnfernaes" (f85r)  
jnfernall (1): " medidas em carçer jnfernall" (f90v)

### **Jnferno, sb, 116 “Inferno”**

jnferno (114): " o fogo do jnferno" (f91r)  
jnfernos (2): " deçendem aos jnfernos" (f88r)

### **Jnfijndo, adj, 4 “Infindo; Infindável”**

jnfijnda (3): " sofrença e jnfijnda pobreza" (f16r)  
jnfijndo (1): " aquelle jnfijndo prazer" (f114v)

### **[Jnfinito], adj, 2 “Infinito”**

jnfinitas (2): " as jnfinitas merçees" (f32r)

## **Jnfirmitade – ver Enfirmitade**

## **[Jnjuria] ver [Emjuria],**

## **Jnlomjnatiuo – ver Jluminatiuo**

## **Jnlumanytiuo – ver Jluminatiuo**

## **Jnluminatiuo - ver Jluminatiuo**

## **Jnlumjnatiuo – ver Jluminatiuo**

**Jnmaginar, v, 2 “Imaginar”**

jnmaginae (1): " pensae e jnmaginae" (f34r)

jnmaginar (1): " deteer E jnmaginar" (f36v)

**Jnmobilidade, sb, 1 “Imobilidade”**

jnmobilidade (1): " Por sua jnmobilidade" (f134v)

**Jnnorancia – ver Ynorancia****Jnoçente, adj, sb, 2 “Inocente”**

jnoçente (1): " muj pura e jnoçente uida" (f125r)

jnoçentes (1): " fez matar os jnoçentes" (f53r)

**Jnoramça – ver Ynorancia****Jnorãcia - ver Ynorancia****Jnpaciencia, sb, 5 “Impaciência”**

inpaçyençia (1): " encher per inpaçyençia" (f28r)

inpaçyençya (1): " nom mostre inpaçyençya" (f29v)

jnpaciência (3): "uaa gloria ou a jnpaciência" (f43v)

**[Jnpetrar] - Enpetrar****Jnquisitio, adj, 1 “Inquisitivo”**

jnquisitio (2): " o sabedor jnquisitio" (f124v)

**Jnsensiuell, adj, 3 “Insensível”**

jnsensiuell (2): " faz o corpo jnsensiuell" (f141r)

ynsensiuées (1): " as creaturas ynsensiuées" (f37r)

**Jnssinamento, sb, 1 “Ensino”**

jnssinamento (1): "he jnssinamento damor" (f136r)

**[Jnstruimento], sb, 2 “Instrumento”****Cf. [Estormento]**

jnstruimentos (1): " jnstruimentos sprituuaes" (f14r)

jnstruymientos(1): "jnstruymientos spirituuas" (f61v)

**[Jnstruymiento] – ver [Jnstruimento]****Jntindimento, sb, 11 “Entendimento”**

entemdimento (1): " mill sem entemdimento" (f67r)

entendimento (3): " espiritual entendimento" (f104v)

entidim•to (1): "que sam o entidim•to"

jntindimento (6): "jntindimento e aafeiçom" (f139r)

**[Jnujsivel], sb, 1 “Invisível”**

jnujsivees(1): "ent•de as jnujsivees de deus" (f126v)

**Job, Np, 49**

job (49): " Senhor deus dezia Job" (f86r)

**Joell, np, 1 "Joel"**

joell (1): " aa alma segundo diz Joell" (f41v)

**[Jograr], sb, 1 “Jogral”**

jograes (1): " Hos jograes fazem rrimos" (f133r)

**Jogueta, v, 1 "Joqueta; gracejar"**

jogueta (1): " aa mesa por joqueta" (f8r)

**[Joguo], sb, 2 “Jogo”**

joguos (2): " sabe de joguos e dartes" (f26v)

**Johã – ver Joham****Joham, np, 35 "João"**

johã (5): " sam Johã boca douro" (f59r)

joham (30): " sam Joham boca douro" (f60r)

**Jonata, np, 1 "Jonatas"**

Jonata (1): " dos rrejs de daujd e Jonata" (f133v)

**Jordam, np, 1 “Jordão”**

jordam (1): " secara o rryo de Jordam" (f129r)

**Josep – ver Joseph****Joseph, np, 4 “José”**

Josep (2): " disseas o anjo a Josep" (f104v)

Joseph (2): " mandou o anjo a Joseph" (f105r)

**Josue, np, 1 “Josué”**

josue (1): " lee no liuro de Josue" (f129r)

**[Jpocrita] – ver Ypocrita****Jra – ver Hira****[Jr] – ver Hir****Jrm•o, sb, 13 “Irmão”**

jrm• (2): " h•a sua jrm•" (f83v)

jrm•o (7): " seu filho ou seu jrm•o" (f111v)

jrm•os (4): " seer assy como jrm•os" (f111v)

**[Jroso] – ver [Hiroso]****Jsaías – ver Jsaias****Jsayas, np, 38 “Isaías”**

dysaias (1): " se conprio a profeçia dysaias" (f35v)

jsaias (5): " diz deus per Jsaias" (f112v)

jsayas (32): " Senhor deus diz Jsayas" (f118r)

**Jsidoro – ver Ysidoro****Jssso, pr, 25 “Isso”**

hiso (1): " Por hiso disse sam geronymo" (f6v)

jssso (24): " se uyemos jssso meesmo" (f128r)

**Jsto, pr, 358 “Isto”**

disto (38): " disto veem amehude lágrimas" (f134r)

jsto (319): "jsto he pecado uenjaill" (f8v)

ysto (1): " que ysto he uidade" (f4v)

**Jtem, adv, 1 "Item; do mesmo modo; igualmente"**

Jtem (1): " Jtem quando com o penssamento" (f8v)

**Judas, np, 2**

judas (2): " Judas que o treera" (f34r)

**Judeus, sb, 20**

judeus (10): " pillatos mostrar aos Judeus" (f35r)

**Jueira, sb, 2 “Joeira; crivo”**

jueira (1): " jueira pera alympar o gr•o" (f63r)

jueyra (1): " como a jueyra o gr•o" (f29r)

**Jueyra – ver Jueira****Jugar, v, 2 “Jogar”**

jugar (1): " tauernar e jugar dinheiro" (f77v)

juguauiom (1): " E juguauiom daquelle" (f34v)

#### **Juiz, sb, 17**

juiz (16): " apaçificar o alto juiz *deus*" (f97v)

juizes (1): " se mudam os juizes" (f101v)

#### **Juízo, sb, 35**

juizo (32): " ao dia do juízo" (f104r)

juizos (3): " dizer juizos *peruersos*" (f74r)

#### **Julgar – ver Julguar**

#### **Julguar, v, 14**

julgar (1): " nom julgar nem condanar" (f15v)

jugaua (1): " jugaua *e* desprezaui" (f49v)

jugua (1): " nem murmura nem jugua" (f15r)

juguado (2): " *sera* cada h • juguado " (f70r)

juguados (1): " hos mortos sam juguados" (f70r)

juguar (4): " *christo* me aja de juguar" (f23v)

juguares (1): " *serees* comigo *e* juguares" (f112r)

juguarom (2): " juguarom os maaos anjos" (f112r)

jullguar (1): " a discreçom jullguar" (f47r)

#### **Jullguar – ver Julguar**

#### **Juntamente, adv, 2**

juntamente (2): " juntamente *emfeyxados*" (f90r)

#### **Juntar, v, 6**

juntar (4): " de me juntar a uos *per amor*" (f143v)

juntou (1): " Por jsto lho juntou" (f97r)

juntosse (1): " juntosse *per casamento*" (f40v)

#### **[Junto], adj, 2**

juntos (2): " menbros que sam *juntos*" (f61r)

#### **Jurar, v, 4**

jura (1): " homem jura *e perjura*" (f5v)

jurar (2): " de jurar sem *rrazom*" (f66v)

jurom (1): " a seus prouiximos *e* jurom" (f5v)

#### **Justiça, sb, 25**

justiça (24): " soll da justiça *Jhesu christo*" (f39v)

justiças (1): " todas suas justiças *e b • s*" (f101r)

#### **Justo, adj, sb, 19**

justa (3): " he *per* justa causa" (f8r)

justo (9): " ho justo vio ho mar" (f70v)

justos (7): " Hos justos se alegrarom" (f111r)

# L

#### **La, - ver Lla**

#### **Laço, sb, 3**

laço (1): " filhado do laço do diaboo" (f19v)

laços (2): " laços de fogo *e* exofre" (f96v)

#### **Ladrom, sb, 11 “Ladrão”**

ladrom (6): " ladrom ou mall feitor" (f34r)

ladr • es (4): " leuarõno *com* dous ladr • es" (f35v)

lladram (1): " o lladram a que leguom os pees" (f90r)

#### **[Lagrima], sb, 45**

lagrimas (45): "lagrimas de deuaçõ" (f37r)

#### **Lamça – ver Lança**

#### **[Lamçar]- ver Lançar**

#### **Lança, sb, 2**

lança (1): " seu santo costado passar dh • a lança" (f37v)

lança (3): " seeta *e* aa lança *e* aa espada" (f41v)

#### **Lançar, v, 19**

alanche (1): " se *rrepreenda e* alanche de *ssy*" (f4v)

lança (1): " *e* lança fora toda a çugidade" (f2r)

lança (4): "que lança palauras agudas" (f73v)

lançã (1): " *e* a lançã sobre os outros" (f74r)

lançaa (1): " lançaa nossos coraç • es" (f138r)

lançada (1): " em uaaom he lançada a *rrede*" (f19v)

lançado (2): " Nem foy lançado em berço" (f33r)

lançados (1): " serom lançados da allegria" (f26r)

lançar (5): "lançar amarguosos *jemjdos*" (f50r)

lançauõ (1): " lançauõ sangue" (f35v)

lançemos (1): " lançemos o fundam • to" (f147v)

#### **[largo] – ver larguo**

#### **Largamente, adv, 7 “Largamente”**

larguamente (7): " mais larguamente filhada" (f139v)

#### **Largueza, sb, 1**

largueza (1): " a largueza da terra" (f63v)

#### **larguo, adj, 8 “Largo”**

largas (1): " *e* cauas altas *e* largas" (f19r)

largua (1): " caridade que he largua" (f30r)

larguas (4): " estreitas ou muyto largas" (f4v)

larguo (2): " marauilhosamente larguo" (f90v)

#### **Lasso, adj, 1**

lasso (1): " fraco *e* lasso *e* priguicoso" (f7r)

#### **Latim, sb, 2**

latim (1): " thiradas das oras do latim" (f57v)

latym (1): " que nom entendem latym" (f57v)

#### **Latym – ver Latim**

#### **Lauar, v, 6**

lauaaelhe (1): " lauaaelhe ssuas chaguas" (f38v)

lauar (2): " nos guareçer *e* lauar" (f37v)

lauarsse (1): "fonte da confissom *e* lauarsse" (f11v)

lauasse (1): "lauasse amehude *per* confissom" (f31v)

lauou (1): " *nos* lauou de nossos pecados" (f37r)

#### **Laurado, adj, 1 “Lavrado”**

laurado (1): " berço dourado laurado douro" (f33r)

#### **Laurador, sb, 2 “Lavrador”**

laurador (1): " laurador escusar por pobre" (f68v)

lauradores (1): "hos lauradores as oras do pater" (f68v)

**Lealdade, sb, 4**

lealdade (3): " da lealdade dos amigos" (f82r)  
lealldade (1): " homem *per* sua lealldade" (f83v)

**Leall, adj, 19 "Leal"**

leaaes (2): " dar leaaes amauiosos" (f67v)  
leall (8): " E o leall amigo guarda" (f82r)

**Lealldade – ver Lealdade****Lealmente, adv, 4**

lealmente (4): " muy lealmente se amauom" (f83r)

**Leçença, sb, 6 "Licença"**

leçença (6): " leixar sayr sem leçença" (f42r)

**Leçom – ver Liçom****Ledamente, adv, 4**

ledamente (4): " ella o sofre ledamente." (f40v)

**Lediçe, sb, 4 "Ledice; alegria"**

lediçe (3): " A lediçe falleçe com ella" (f121v)  
lidiçe (1): " As •tado na lidiçe" (f69v)

**Ledo, adj, 6**

ledo (4): " foy muj led o *que* escapou" (f110v)  
ledos (2): " seede ledos *e* alegres" (f67v)

**Leer, v, 44 "Ler"**

lea (2): " que lea • seu liuro" (f77r)  
lee (14): " segundo homem lee no liuro" (f88v)  
leem (1): " que ho mundo lêem" (f71v)  
leemos (3): " E leemos de sam Gregório" (f85v)  
leer (13): " leer deue em este liuro" (f1Vv)  
leer• (1): " aquelles que este liuro leer•" (f71v)  
leerem (2): "todos o *que* o leerem *e* ouujrem" (f150r)  
leerom (1): " leerom *per* elle assy" (f69v)  
leesse (1): " tres leteras leesse cada dia" (f125r)  
leessem (1): " *perfeitamente* leessem" (f71v)  
lleer (3): " disto se lleer no euangelho" (f86v)  
lleer (2): " homem de lleer pollo liuro" (f72v)

**Legar, v, 8 "Ligar; atar"**

legar (2): " poderio de absoluer *e* legar" (f2r)

leguado (1): " o leurom leguado" (f34v)  
leguados (1): " seram assy leguados" (f97r)  
leguar (1): " *e* leguar a hua coluna" (f34v)  
leguarom (1): " *e* leguarom como ladrom" (f34r)  
leguom (1): " lladram a que leguom os pees" (f90r)  
llegar (1): " poderio de absoluer *e* llegar" (f1r)

**[Leguamento], sb, 1 "Ligamento"**

leguamentos (1): " os leguamentos damor" (f81v)

**Leguar – ver Legar****Leiguo, sb, 2 "Leigo"**

leiguo (1): " escusar *crelligo* nem leiguo" (f68r)  
leiguos (1): "leiguos dauuyuar em deuaçom" (f132v)

**Leite, sb, 1**

leite (1): " ou de mell ou de leite" (f13v)

**Leixar, v, 81 "Deixar"**

leixa (24): " leixa de comer *e* beuer" (f5v)

leixaae (2): " leixaae hir meu amigo" (f82v)  
leixaao (1): " leixaao de fazer com medo" (f53r)  
leixada (1): " materia que auemos leixada" (f4r)  
leixallo (1): "Ca conuem leixallo" (f138r)  
leixalloey (1): " o castigauerey *e* leixallo ey" (f34v)  
leixam(4): "tall çugidade se leixam acostumar" (f8v)  
leixame (4): " jsto disse. Leixame" (f86v)  
leixar (20): " leixar suas onrras *e* rriquezas" (f122r)  
leixara (2): " ante se leixara morrer" (f25v)  
leixaremos (2): " Nom uos leixaremos" (f89r)  
leixariom(1): "leixariom o que ham apodrecer" (f7v)  
leixarõ (1): " que leixarõ o mundo" (f61v)  
leixarom (2): " E leixarom o pagu •o" (f83v)  
leixas (1): " tu o leixas assy hir" (f35r)  
leixasse (2): " se elle leixasse os pecadores" (f88r)  
leixaua (1): " leixaua todos seus deçipullos" (f51r)  
leixauom (1): " leixauom de fazer mall" (f53r)  
leixe (1): " leixe *e* rrenucye os pecados" (f1v)  
leixees (2): " E Nom me leixees cayr" (f12v)  
leixo (2): " leixo eu rreinar" (f15r)  
leixom (3): " leixom a jgreia aa direita ora" (f6r)  
leixou (2): " se sse leixou de confessar" (f10v)  
leyxame (1): " Senhor leyxame. E *quer* dizer senhor dame tempo" (f86r)

**[Lememtaç••], sb, 1 "Lamentação"**

lememtaç•es (1): " E diz suas lememtaç•es Mezquinho diz elle" (f135v)

**Lençoll, sb, 2 "Lençol"**

lençoll (2): " enuorilhado em h • lençoll" (f38r)

**Lenha, sb, 1**

lenha (1): " pouca de lenha que colheo" (f50v)

**Letera, sb, 6 "Letra"**

letera (2): " quem n • h • a cousa sabe de letera" (f124v)  
leteras (4): " estas tres leteras leesse" (f125r)

**Leuamtar – ver Leuantar****Leuantador, sb, 1 "Levantador"**

leuantador (1): " extityco que *quer* tanto dizer como leuantador" (f126r)

**Leuantar, v, 27 "Levantar"**

leuantar (2): " aleuantar nosso edefiçio" (f147v)  
aleuãta (1): " aleuãta em h • a esperamça" (f71r)  
aleuãtaa (1): " E aleuãtaa tanto" (f140r)  
aleuãtar (1): " aleuãtar a louuar *deus*" (f65v)  
alleuãtares (1): " *quanto* te mais alleuãtares" (f93r)  
daleuantar (1): " amehude se deue daleuantar" (f14r)  
leuamtar (1): " mais leuamtar teu edefiçio" (f147v)  
leuanta (1): " coraçõ se leuanta tanto" (f22r)  
leuantada (2): " terreaes he leuantada" (f140v)  
leuantado (1): " auer o coraçom leuantado" (f20r)  
leuantar (4): " ousaua leuantar os olhos" (f12r)  
leuantarom (1): " assy o leuantarom alto" (f35v)  
leuantate (2): " leuantate diz *deus* aa santa" (f105v)  
leuantaua (1): " se leuantaua aa mea noite" (f10v)  
leuante (1): " se nom leuante *per* sobreua" (f66r)  
leuantõ (1): " que sse leuantõ amehude" (f50v)  
leuãta (1): " elle leuãta assy o coraçom" (f126r)  
leuãtaayuos (1): "Oo uos mortos leuãtaayuos" (f26r)  
leuãtada (1): " nem leuãtada em sobreua" (f143r)  
leuãtados (1): " ha os olhos leuãtados" (f42v)

saleuatãuõ (1): " *que* jaziã dentro saleuatãuõ" (f36v)

### **Leuar, v, 37 “Levar”**

leuada (1): " E leuada atee secreta camara" (f57r)  
leua (4): " E o leua ataa contemplaçom" (f125v)  
leuaaes (1): " uos me leuaaes o coraçom" (f83r)  
leuam (2): " uos leuam a ssua danaçom" (f78v)  
leuaos (1): " na fim leuaos ao jnferno" (f6r)  
leuom (3): " leuom conssgio suas rriquezas" (f89r)  
leuou (4): " assy o leuou pillatos" (f35r)  
leuar (5): " mandou leuar o fiador aa morte" (f82v)  
leuara (3): " o diaboo leuara a catiuidade" (f94r)  
leuardes (1): "leuardes todos meus thesouros" (f83r)  
leurom (2): " pella manh • o leurom" (f34v)  
leuromno (1): " leuromno ao bispo anãs" (f34r)  
leuaroño (2): " leuaroño *com* dous ladr•es" (f35r)  
leuas (1): " leuas tu em amor embeuedado" (f125v)  
leuasse (1): " a leuasse conssgio a rreyno" (f136v)  
leuauom (1): " E hõde ho leuauom" (f82v)  
leue (3): " que nõ leue conssgio *escripta*" (f70r)  
lleuar (1): " a lleuar os trabalhos" (f105v)

### **[Leuãtar] – ver Leuantar**

### **Leue, adj, 1 “Leve”**

leue (1): " esta uijanda leue se torna ja a nossa alma" (f120r)

### **[Leueza], sb, 1 “Leveza”**

leuezas (1): " alg • as leuezas que nom perteençem a seu estado" (f65r)

### **Leujtyco, sb, 1 “Levítico; terceiro livro do Pentateuco”**

leujtyco (1): " diz no liuro do leujtyco" (f16v)

### **Ley, sb, 15 “Lei”**

leix (1): " çiphom com todas suas leix" (f102r)  
ley (10): "segundo ley deue morrer" (f35r)  
lley (4): " abseruanças da lley" (f53r)

### **Leyto, sb, 1 “Leito”**

leyto (1): " façamos diz Santiago ataa que esta alegria u • nha da cruz leyto" (f63v)

### **[Leyxar] – ver Leixar**

### **Lhe, pr, 200**

lha (5): " nom lha *quis* tirar" (f49v)  
lhas (2): " *deus* lhas enprestou" (f122v)  
lhe (160): "liuro aquelle que lhe deue" (f124v)  
lhes (26): " *Deus* lhes deu t • po" (f87r)  
lho (6): "mais nom lho promete" (f14v)

### **Lia, np, 2**

lia (2): " que nom ouuesse lia Rrachell" (f115v)

### **Liança, sb, 1 “Aliança”**

liança (1): " acordar esta liança antre o pecador e seu senhor Jhesu" (f124v)

### **Liberalaleza, sb, 1 "Liberalidade" (Viterbo)**

liberalaleza (1): " a liberalaleza e a caridade" (f137v)

### **Liçõ – ver Liçom**

### **Liçom, sb, 15 “Lição”**

leçom (1): " leçom meditaçom e oraçom" (f139r)

liçõ (1): " liçõ Penssamento e oraçom" (f148r)

liçom (9): " Liçom emsina" (f124v)

liç • es (4): " estudar • as tres liç • es" (f70v)

### **Lidiçe – ver Lediçe**

### **Ligeiramente, adv, 8**

ligeiramente (8): " ligeiramente os pode escusar" (f15r)

### **Ligeiriçe, sb, 1 “Ligeirice; ligeireza”**

ligeiriçe (1): " Perfeiçom que he ligeiriçe." (f113r)

### **Ligeiro, adj, 10 “Ligeiro; fácil”**

ligeira (1): " lhe parecera mais ligeira" (f95v)  
ligeiras (2): " *que* sam breues e ligeiras" (f108r)  
ligeiro (5): "he assaz ligeiro de uençer" (f22r)  
ligeiros (2): " doces e ligeiros a sofrer" (f29r)

### **Lima, sb, 3**

lima (3): " E a lima ao ferro" (f63r)

### **Lingoa – ver Lingua**

### **Lingua – ver Lingua**

### **Linguajem, sb, 3 “Linguagem; idioma”**

linguajem (3): " *quer* dizer em linguajem" (f90v)

### **Lingua, sb, 28 “Língua”**

lingoa (4): " entendida a maa lingoa" (f73v)  
lingoas (4): " escujtar as maas lingos" (f11r)  
lingua (6): " da lingua saae toda malldade" (f41v)  
linguas (1): " as linguas mal dizentes" (f103r)  
lingua (10): " *pecados* que saa • da lingua" (f41v)  
linguoas (3): " as maas linguoas" (f43r)

### **Linhagem, sb, 4**

linhagem (4): " monja nobre de linhagem" (f3r)

### **Linpamente, adv, 2 “Limpamente”**

linpamente (2): " guardar linpamente seu castello" (f42v)

### **Linpeza, sb, 3 “Limpeza”**

linpeza (3): " mais linpeza de conçi • çia" (f14r)

### **Linpo, adj, 13 “Limpo”**

linpa (5): "deue seer linpa e virgem" (f1v)  
linpo (7): " amara de coraçõ linpo" (f31v)  
linpos (1): " este sacramento somos linpos" (f60r)

### **Literal, adj, 2**

literal (2): " da exposiçom literal" (fVIv)

### **Liuram • to, sb, 1 “Livramento; libertamento”**

liuram • to (1): " led de sseu liuram • to" (f109v)

### **Liurar, v, 23 “Livrar; libertar”**

liura (7): " nõ liura das penas" (f53v)  
liurã (1): " liurã a alma de morte" (f53v)  
liurallo (1): " liurallo das m • os de saull" (f144r)  
liurar (2): " a poder liurar seu padre" (f101r)  
liurara (2): " me liurara deste corpo" (f109r)  
liurase (2): " com o juiz *que* o liurase" (fVIr)  
liurasse (2): " com o juiz que ho liurasse" (f102r)  
liuraste (1): " Senhor *deus* tu liuraste" (f85v)



liure (3): "quem a liure de suas m•os" (f24v)  
liurou (2): " nos liurou de perdiçom" (f38r)

**Liure, adj, 4 "Livre"**

liure (4): " e leixa barrabas liure" (f35r)

**Liuro, sb, 77 "Livro"**

liuro (74): " cousa que lea • seu liuro" (f77r)  
liuros (2): " E os liuros sam abertos" (f70r)  
lliuro (1): " no lliuro dos confesores" (f125v)

**Lla, adv, 11 "Lá"**

lla (9): " nem andar ca e lla" (f130r)  
la (2): " mais amigos seram la" (f95r)

**Llaa, sb, 1 "Lã"**

llaa (1): " a llaa que trosquya" (f97v)

**Lladram – ver ladrom**

**Llama, sb, 1 "Lama"**

llama (1): " a llama dos caminhos" (f93r)

**Lleer – ver Leer**

**[Llegar] – ver Legar**

**Lleuar - ver Leuar**

**Lley – ver Ley**

**Lliuro – ver Liuro**

**Llodo, sb, 3 "Lodo"**

llodo (2): " no llodo desta ujda" (f135v)  
lodo (1): " como porca em lodo" (f71v)

**Llogo – ver Logo**

**Ll•a – ver L•a**

**Lodo – ver Llodo**

**Logar – ver Lugar**

**Logo, sb, conj, 28 "Logo; imediatamente; portanto"**

llogo (1): " llogo emadeo a multídom" (f108v)  
logo (26): " elles sam logo fora de ssy" (f144v)  
loguo (1): " o diaboo que loguo morreo" (f129v)

**Lôgo – ver Longo**

**[Lograr], v, 1**

lograra (1): " Mes outrem as lograra" (f122r)

**Loguo – ver Logo**

**Longamente – ver Longuamente**

**Longamento, sb, 1 "Afastamento"**

**De *alongae* = pôr longe; afastar; apartar" (Morais)**

longamento (1): " Hos santos desejos *creçem per* longamento" (f130v)

**Longe, adv, 13**

longe (13): " ueem longe de suas terras" (f19v)

**Longo, adj, 17**

lôgo (1): " anojados do lôgo cerco" (f47v)  
longa (1): " seria longa cousa de dizer" (f148v)  
longo (8): "fosse longo tempo encarcerado" (f109v)  
longos (1): " nossos longos desejos" (f138r)  
longua (1): " esperança de longua ujda" (f14v)  
longuas (3): " muy curtas ou muy longuas" (f4v)  
longuo (2): " n•h• tenpo longuo" (f105v)

**Longuamente, adv, 12 "Longamente"**

longamente (3): " podera longamente teer" (f22v)  
longuamente (9): " canssada de longuamente conbater" (f48r)

**Longuo – ver Longo**

**Louçaynha, sb, 2 "Louçania; gala; garradice"**

louçaynha (2): " uytuperyos e em louçaynha da carne" (f8r)

**Louremço – ver Lourenço**

**Lourenço, np, 2**

louremço (1): " dezia sam Louremço" (f89v)  
lourenço (1): " Assy como sam lourenço" (f106r)

**Louuaminha, sb, 1 "Louvaminha; lisonja"**

louuaminha (1): " glorificaria de uossa louuaminha" (f23v)

**[Louuaminheiro], adj, sb, 3 "Louvaminheiro; adulador"**

louuaminheiros (2): " mall dizentes e louuaminheiros" (f13r)  
louuamjnheiros (1): " diz elle contra os louuamjnheiros" (f23v)

**[Louuamjnheiro] – ver [Louuaminheiro]**

**Louuar, v, 25 "Louvar"**

louuada (2): " se os fez de que he louuada" (f22v)  
louuado (3): " homem vee que he louuado" (f24r)  
louuâdo (1): " e oraç•es louuâdo deus" (f68r)  
louuados (2): " nã por seermos louuados" (f16r)  
louuallo (1): " cantar de deus nem louuallo" (f133r)  
louualloemos (2): " louualloemos por que ho amamos" (f114r)  
louuar (8): " E a louuar a deus" (f47v)  
louuaremos (1): " amaremos e louuaremos" (f114r)  
louu• (1): " por jsto os louu•" (f75r)  
louuou (1): " graças a deus e o louuou" (f65r)  
louues (1): " nom louues o homem" (f67v)  
louuo (2): "no apocalipse que diz eu te louuo" (f94v)

**Louuor, sb, 16 "Louvor"**

louuor (14): " homrra e louuor de deus" (f49v)  
louuores (2): " graças e louuores sejam a ty" (f29v)

**L•a, sb, 4 "Lua"**

ll•a (1): " hi ha o ssoll e a ll•a" (f32r)  
l•a (3): "ssoll tornou negro e a l•a se mudou" (f76v)

**Luca – ver Lucas**

**Lucas, np, 4**

luca (1): " no euangelho de sam luca" (f96v)

lucas (3): " o auengelho de sam Lucas" (f99r)

**Luçifell, sb, 1 "Lucifer"**

luçifell (1): " rrey em fegura de luçifell" (f92v)

**Lugar, sb, loc.adv, 40 "Lugar; em lugar de"**

logar (4): " auia logar inteiro" (f35r)

lugar (15): " nem lugar *per* que os jmijgos" (f46r)

"auerô traça em lugar de folguança" (f96r)

lugares (7): " ama os lugares humudos" (f129r)

lugar (13): " dares em tenpo *e* lugar" (f121v)

luguares (1): "conheçerom mais *seus* luguares" (f88v)

**Lugar – ver Lugar**

**Lujtador, sb, 1 "Lutador"**

lujtador (1): " *que quer* dizer lujtador" (f116r)

**Lume, sb, 8**

lume (8): " nom uejo o lume do çeeo" (f91r)

**Lumeejra, sb, 1 "Lumieira; luz"**

lumeejra (1): " a lumeejra Matinall" (f91r)

**Lutar, v, 1**

lutar (1): " lutar *nos* cõuem com o m•do" (f116r)

**Luxuria, sb, 15 "Luxúria"**

luxuria (15): "da cobijça *e* da luxúria" (f50v)

**[Luxurioso], adj, sb, 3**

luxuriosa (1): "pessoa auarenta ou luxuriosa" (f39v)

luxuriosos (2): " os luxuriosos que ouuerô" (f99r)

**Luzir, v, 6**

luz (1): " *quanto* mayor. tanto mais luz" (f99v)

luze (1): " he Jhesu *christo* nom luze" (f91r)

luzir (1): " *propriedade* he arder *e* luzir" (f99v)

luzira (3): " *christo* nom luzira antre elles" (f91r)

M

**Maa, adj, sb, 100 "Mau"**

maa (23): " com maa voontade trabalhar" (7r)

maao (29): " b• vinho em maao vaso" (f117r)

maaos (17): " os maaos nom sabem seer amigos" (f80v)

maas (15): " escujtar as maas lingoas" (fIIIr)

m•s (4): " *e* em m•s conpâhias" (f6v)

m•o (10): "que com o m•o pensamento uem o m•o oolhar (f8v)

m•os (2): " o exenplo dos m•os prelados" (f15r)

**M•o - ver Maa**

**M•o, sb, 28 "Mão"**

m•o (11): " pella m•o de maria" (f26r)

m•os (17): " quem a liure de suas m•os" (f24v)

**Mãçebia - ver Mançebia**

**Mãçebo, sb, 3 "Mancebo"**

mãçebo (1): " padres dh• mãçebo" (f85r)

mançebas (1): " mançebas uirg•s *e* doces" (f3v)

mançebos (1): " proueito dos mançebos" (f79v)

[Mădar] - ver [Mandar]

[Mădamento] - ver [Mandamento]

**Madre, sb, 33**

madre (33): " que fazia a *madre* de thobias" (f131v)

**[Maduro], adj, 3**

madura (3): " huva que nom he madura" (f120v)

**Maginaçõ, sb, 1 "Imaginação"**

maginaçõ (1): " uyo elle *per* hua maginaçõ" (f34r)

**Magna, sb, 3 "Maná" Cf. Manaa**

magna (3): " foy fegurado na magna" (f114v)

**[Magro], adj, 3**

magra (2): " que nō ha cousa *magra*" (f107r)

magros(1): "namorados *senpre* sam magros" (f128v)

**Maguoa, sb, 2 "Mácula; mancha" Cf. Noda**

maguoa (1): " de cordeiro sem maguoa" (f33v)

maguoas (1): "maguoas do pecado originall" (f109r)

**Maijs – ver Mais**

**Maior – ver Mayor**

**Mais, adv, 311**

maijs (1): " a dos olhos he maijs *perijgosa*" (f42r)

mais (310): " quanto homem mais beue" (f119r)

**Mal – ver Mall**

**Maldade, sb, 5**

maldade (2): " assy *per* minha maldade" (f12r)

malldade (1): " saae toda malldade" (f41v)

malldades (2): " sam cheo de malldades" (f52v)

[Maldizente] - ver [Malldizente]

[Maldiz•te] - ver [Malldizente]

[Mal dizente] - ver [Malldizente]

**[Mal dizer], v, 1 "Maldizer"**

mal diz (1): " mall diz *e* fere *e* mata" (f5v)

**[Maleza], sb, 1 "Maleza; maldade; mal"**

malezas (1): " dorme em suas malezas" (f146v)

mallezas (1): " choros de ssuas mallezas" (f70r)

**Mall, sb, 76 "Mal"**

mal (2): " dos *que* mal fazem" (fVr)

mall (53): " E se alguem diz mall" (f5r)

males (3): " os males que homem leixa" (f53v)

malles (18): " em minguar os malles" (f66r)

**Mall auenturado, adj, 2 "Mal-aventurado;**

**infeliz"**

mall auenturada (1): " aquella mall auenturada" (f3r)

mall auenturado (1): "mall auenturado filho dadam" (f119v)

**Mall feitor, sb, 4 "Malfeitor"**

mall feitor (4): " que com h • mall feitor" (f35r)

**Malldade – ver Maldade****Malldiçom, sb, 1 "Maldição"**

malldiçom (1): "Malldiçom e door aaquelles" (f76r)

**Malldito, adj, 1 "Maldito"**

malldito (1): " aquele he malldito de deus" (f47r)

**[Malldizente], sb, adj, 10 "Maldizente"**

maldizentes (1): " afastar os maldizentes" (f111r)

maldiz • tes (1): "afastar de nos os maldiz • tes" (f43r)

mal dizentes (1): " as linguas mal dizentes" (f103r)

malldizentes(4): "rrepreender os malldizentes" (f43r)

mall dizentes (3): "as linguas mal dizentes" (f103r)

**[Mall dizente] - ver [Malldizente]****Malleçiosso, adj, 2 "Malicioso"**

malleçiosso (1): " deulhe o malleçiosso beijo" (f34r)

malliciõsas (1): " em palauras malliciõsas" (f74r)

**[Malleza] - ver [Maleza]****Malliça, sb, 2 "Malícia"**

malliciã (1): " auonadança da malliciã" (f84v)

malliciãas (1): " e malliciãas os acusarom" (f102v)

**[Malliciõso] - ver Malleçiosso****Mall querença, sb, 1 "Malquerença"**

Mall querença (1): " ou de mall querença" (f54r)

**Mama, sb, 2**

mama (1): " madre lhes arreda a mama" (f118r)

mamas (1): " honde as mamas da santa alma" (f134v)

**Manaa, sb, 1 "Maná" Cf. Magna**

manaa (1): " na ley antiygua polla manaa" (f39v)

**Mançebia, sb, 3 "Idade de mancebo; juventude" (Morais)**

mãçebia (1): " hu ha mãçebia sem vilhiçe" (f113v)

mançebia (2): " a mall de sua mançebia" (f84r)

**[Mançebo] - ver Mãçebo****Mandado, sb, 3 "mandado; mandamento"****Cf. [Mandamento]**

mandado (3): " o primeiro mandado da lley" (f30r)

**[Mandamemto] - ver [Mandamento]****[Mandamento], sb, 6 Cf. Mandado**

mãdamentos(1): "guardar teus mãdamentos" (f118r)

mandamemtos (1): " deus e em seus mandamemtos" (f148r)

mandamentos (2): " os mandamentos de deus"

(f146v)

mandam • tos (2): " hy mayores mandam • tos" (f30r)

**[Mandar], v, 16**

mãda (1): " mãda screpuer em seu liuro" (f50r)

mãdaaes (1): " o que me assy mãdaaes" (f69r)

mãdassem (1): " o mãdassem fazer moujdos" (f37v)

manda (1): " manda pequenas cousas" (f74v)

mandaaes (1): " Senhor que me mandaaes" (f69r)

mandara (1): " deus mandara aos anjos" (f90r)

mandaua (2): " mandaua matar h • " (f82v)

mandou (6): " Ca deus o mandou" (f30r)

mandouha (1): " mandouha rroubar" (f10r)

mandoulhe (1): "mandoulhe dizer que ja auia" (f10r)

**Maneira, sb, 49**

maneira (14): " que maneira folga a alma" (fVIIIv)

maneiras (35): " em çinquo maneiras" (f7v)

**[Mangua], sb, 1 "Manga"**

manguas (1): " e estreitas manguas" (f4v)

**Manh •, sb, adv, 7 "Manhã; amanhã"**

manh • (6): " outro dia pella manh • " (f34v)

" oje b • que de manh • sera maa" (f67v)

menh • (1): " mais nom lho promete de menh • " (f14v)

**Manjadoira, sb, 1 "Mangedoura"**

manjadoira (1): "pobre manjadoira de bestas" (f33r)

**Manjar, sb, 8**

manjar (6): " • saboroso manjar" (f63v)

manjares (2): " todos boos manjares" (f115r)

**Manjficat, sb, 1 "Magnificat; música de Maria"**

manjficat (1): "nossa senhora no manjficat" (f16v)

**Manssidom, sb, 1 "Mansidão"**

manssidom (1): " e filha em manssidom" (f81v)

**Mansso, adj, 4 "Manso"**

mansso (4): " aquelle mansso cordeiro" (f35v)

**Manteer, v, 4 "Manter"**

manteer (3): " assy se deue homem manteer" (f45v)

manteuer (1): " quem assy se manteuer" (f29v)

**[Mapresentar] – ver [Apresentar]****Mar, sb, 12**

mar (12): " e do mar e da terra" (f41r)

**Marauilha, sb, 16 "Maravilha"**

marauilha (14): " Por jsto nom he marauilha" (f77r)

maraujlha (2): " he maraujlha se o ujnho" (f118v)

**[Marauilhar] - ver Maraujlhar****Marauilhoso, adj, 7 "Maravilhoso"**

marauilhosa (2): " fara a marauilhosa festa" (f40v)

marauilhoso (1): " cõ marauilhoso esforço" (f68v)

maraujlhosa (2): " maraujlhosa alegria" (f111v)

maraujlhossa (2): " maraujlhossa sofrença" (f16r)

## **Maraujlha – ver Marauilha**

### **Maraujlhar, v, 5 "Maravilhar"**

marauilhado (1): " foy muyto marauilhado" (f25v)  
marauilhandosse (1): "marauilhandosse dezia" (f106v)  
maraujlhada (1): " tanto foy maraujlhada" (f106r)  
maraujlhar (1): " se deue alg • maraujlhar" (f126v)  
maraujlhou (1): "O enperador se maraujlhou" (f82v)

### **[Maraujlhoso] - ver Marauilhoso**

### **Maraujlhosamente, adv, 2 "Maravilhosamente"**

maraujlhosamente (2): " sam maraujlhosamente profundos" (f107v)

### **[Maraujlhoso] - ver Marauilhoso**

### **Maria, np, 25**

maria (25): " maria. madre do filho de deus" (f1r)

### **Marido, sb, 7**

marido (5): " sseu marido ou a ssua molher" (f78r)  
maridos (2): " he *per seus* maridos" (f104r)

### **Marteirar, v, 2 "Martirizar"**

De "marteeiro" (séc. XIII = martírio).

marteirada (1): " foy mais que marteirada" (f36r)  
martear (1): " martear o nosso doce saluador" (f68v)

### **[Marter], sb, adj, 5 "Mártir"**

marteres (5): " rrey dos marteres Jhesu" (f68r)

### **Mas, conj, 18 Cf. Mes**

mas (18): "Mas o diaabo que muytos sabe de jogos" (f26v)

### **[Mastigar] - ver [Mastiguar]**

### **[Mastiguar], v, 4 "Mastigar"**

mastigasse (1): " bem mastigasse na memoria" (f120v)  
mastigua (2): " mastigua mall sua uyãda" (f8r)  
mastiguado (1): " nom he bem mastiguado" (f83v)

### **Matar, v, 26**

mata (5): " mall diz e fere e mata" (f5v)  
mataaes (2): " mezquinhos uos nos mataaes" (f120v)  
matam (2): " bem se matam os pecadores" (f74r)  
matar (7): " ffez matar *per* traíçom" (f144v)  
matarem (1): " em carçer *pera* os matarem" (f110v)  
matassem (1): " que sse matassem h • s" (f74r)  
mate (1): " que ella nõ mate elle" (f42r)  
matees (1): " Nom as matees" (f65r)  
matou (2): " ueo ao çerco e matou" (f48r)  
mathar (1): " erodes que o quiria mathar" (f104v)  
matharem (2): " *christ* • o *pera* o matharem" (f83v)  
matharom (1): " que matharom huu homem" (f83v)

### **Mâtam, sb, 1 "Manto" (Machado)**

mâtam (1): " coberta de seu mâtam" (f136v)

### **Materea - ver Materia**

### **Materia, sb, 6 "Matéria"**

materea (1): " a materea delle sera em gramde" (f90v)

materia (5): " tornemos a nossa materia" (f4r)

### **Materiall, adj, 1 "Material"**

materiall (1): " como o foguo materiall" (f99r)

### **Mateu – Mateus**

#### **Mateus, np, 10**

mateu (3): " semelhaujl de mateu e paullo" (f145r)  
mateus (3): " grosa de sam mateus" (f46r)  
matheu (3): " auangelho de sam matheu" (f76r)  
matheus (1): " auangelho de sam matheus" (f104v)

### **Mathar– ver Matar**

### **Matheu - ver Mateus**

### **Matheus - ver Mateus**

### **Matinall, adj, 1 "Matinal"**

matinall (1): "Quer dizer a lumeejra Matinall" (f91r)

### **Maudalena, np, 1 "Madalena"**

maudalena (1): " E *maria* maudalena" (f146r)

### **[Mauyoso], adj, 1 "Amavioso; suave"**

mauyosa (1): " aquella mauyosa senhora" (f25v)

### **Maximo, np, 1**

maximo (1): "uallereo maximo pom em seu liuro" (f82v)

### **Mayor, adj, 42 "Maior"**

maior (5): " *queima* com maior trabalho" (f99r)  
mayor (35): " *ajam* mayor tormento" (f100r)  
mayores (2): " lhe dar mayores b • s" (f32r)

### **Mayor, sb, 14 "Maior; superior; ascendente"**

mayor (5): " *per* conselho do seu mayor" (f7v)  
mayores (9): "E a nossos mayores *per* humjlldosamente obedeeçer" (f55v)

### **Me, pr, 63**

me (62): " E nom me mudaras em ty" (f39r)  
mo (1): "de sua pura bondade mo outorgou" (f127v)

### **[Meo] – ver Meyo**

### **M•bro - ver Menbro**

### **Medida, sb, 1**

medida (1): " dalhe a comer *per* medida" (f28v)

### **[Medir], v, 2**

medidas (1): " uos seram medidas as penas" (f99r)  
medirdes(1): "como uos medirdes os deleitos" (f99r)

### **Meditaçom, sb, 1 "Meditação"**

meditaçom (1): " meditaçom e oraçom" (f139r)

### **Medo, sb, 22**

medo (22): " nom aja medo de *seus* jmijgos" (f27r)

### **Meesmo, pr, 80 "Mesmo"**

meesma (12): " nõ he ella meesma" (f97v)  
meesmo (54): " a uisom de ssy meesmo" (f113v)

meesmos (12): "esqueçiam ssy meesmos" (f119r)  
mesma (1): "humylde em ssi mesma" (f104v)  
mesmos (1): "na ballança destes mesmos" (f42r)

**Meestre, sb, 10 “Mestre”**

meestre (9): "leixar seu meestre Jhesu" (f53r)  
meestres (1): "a husança faz os meestres" (f14r)

**Meezinha, sb, 4 “Mezinha”**

meezinha (3): "Amigo de fe he meezinha de ujda" (f83v)  
meezinhas (1): "sam meezinhas da alma" (f29r)

**Melhor, adj, sb, 52**

melhor (48): "quanto o castello he melhor" (f45v)  
melhores (3): "uyo melhores e mais fortes" (f134v)  
milhores (1): "os milhores e mais saies" (f2r)

**Mell, sb, 6 “Mel”**

mell (6): "de mell ou de leite" (f13v)

**Mellodia, sb, 2 “Melodia”**

mellodia (2): "mellodia em orelhas" (f62v)

**[Membro] – ver Menbro**

**Memoria, sb, 27**

memoria (27): "ajam memoria em suas horaç •es" (f150v)

**Menagem**

menagem (2): "que he torre de menagem" (f48v)  
menajem (2): "he a torre da menajem" (f48r)

**Menajem – ver Menagem**

**Menbro, sb, 6 “Membro”**

m •bro (1): "pecado era m •bro do jmijgo" (f59v)  
membros (1): "he secura de membros" (f139r)  
menbro (2): "he comuertjdo em menbro" (f59v)  
menbros (2): "he secura de menbros" (f128r)

**Menh • - ver Mah •**

**Menino, sb, 4**

menino (1): "como faz o menino" (f123r)  
meninos (1): "Assi como os meninos" (f118r)  
menjnos (1): "como fazem os menjnos" (f80r)  
minino (1): "seus braços h • minino" (f3v)

**[Menistero], sb, 1 “Ministro”**

menisteros (1): "que os menisteros do diaabo" (f35v)

**[Menjno] – ver Menino**

**Menor – ver Meor**

**Menos, adj, 22**

menos (22): "conprir o que fez menos" (f14r)

**Mentes – ver Parar mentes**

**Mentjr, v, 2 “Mentir”**

mentjr (1): "perjurar e mentjr" (f13r)  
mentyr (1): "sse pecou em mentyr" (f64v)

**Mentyr - ver Mentjr**

**[Meollo], sb, 2 “Miolo”**

meollos (2): "na glosura dos meollos" (f107r)

**Meor, adj, sb, 5 “menor; inferior”**

menor (1): "nom he menor uertude" (f46r)  
meor (1): "ante *que* a meor pena delle" (f85v)  
meores (3): "se teem por meores que todos." (f45r)

**Mercadoria, sb, 1**

mercadoria (1): "era boa mercadoria" (f116v)

**Merçee, sb, 9 “Mercê”**

merçee (7): "deuelhe pedir merçee" (f5v)  
merçees (2): "jnfinitas merçees e graças" (f32r)

**Mereçer, v, 8**

mereçem (1): "que ho nom mereçem" (f83v)  
mereçemos (1): "purgatorio que mereçemos" (f63r)  
mereçer (1): "Nom queria mereçer" (f53v)  
mereçida (1): "honrra nom mereçida" (f75r)  
mereçidas (1): "penas *per* pecado mereçidas" (f58v)  
mereçido (2): "que auja mereçido" (f144v)  
mereçiom (1): "que mereçiom seer sâtas" (f3v)

**Mereçimento, sb, 18**

mereçimento (4): "per gram mereçimento" (f68r)  
mereçimentos (5): "mereçimentos dos santos" (f50v)  
meriçimento (1): "razom e meriçimento" (f3v)  
meriçimentos (1): "graças e meriçimentos" (f46r)  
meriçimento (5): "segundo meu meriçimento" (f49v)  
meriçimentos (2): "he *per* seus meriçimentos" (f5r)

**Meriçimento - ver Mereçimento**

**Meriçimento - ver Mereçimento**

**Merito, sb, 5**

merito (4): "merito nem desmerito" (f53v)  
meryto (1): "auer mais meryto" (f14r)

**Meryto – ver Merito**

**Mes, conj, 251 "Mas" Cf. Mas**

mes (251): "nom auera hi hua soo Mes mujtas" (f108v)

**Mesa, sb, 6**

mesa (6): "asseentado a hua mesa" (f25v)

**[Mesegeiro] - ver Mesejeiro**

**Mesejeiro, sb, 5 "Mensagem"**

mesegeiros (1): "enuyar seus mesegeiros" (f48r)  
mesejeiro (2): "mesejeiro he do coraçõ" (f11r)  
messegeiro (1): "deante seu messegeiro" (f1r)  
messegeiros (1): "messegeiros do coraçom" (f13r)

**[Meseria] – ver Miséria**

**[Mesfforçar] - ver Esforçar**

**[Mesmo] – ver Meesmo**

**Mesnada, sb, 1 “Mesnada; tropa”**

mesnada (1): "confunduda a mesnada disrraell"

(f90v)

**Mesquijndade - ver Mizquijndade**

**[Message], sb, 1 "Mensagem"**

messagees (1): "enuiam messagees ao senhor" (f48r)

**Messegeiro - ver Mesejeiro**

**Mester, sb, 23**

mester (20): " não auera mester desto no paraíso" (f113r)

mesteres (3): " defesa de todos seus mesteres" (f56v)

**Mesteryo, sb, 1 "Mistério"**

mesteryo (1): " lhe rrelleuou ho mesteryo" (f73r)

**Mestura, sb, 4 "Mistura"**

mestura (4): " a mestura dexofre e fede" (f97r)

**[Mesturar], v, 2 "Misturar"**

mestura (2): " olhar se mestura maas fallas" (f8v)

**Mesturado, adj, 2 "Misturado"**

mesturadas (1): " deleitaç•es deste mundo  
mesturadas" (f107r)

mesturado (1): " fogo e exofre mesturado" (f94r)

**Mesura, sb, 1 "Medida; termo; conta; razão" (Viterbo)**

mesura (1): " atormemtado aallem de misura" (f96r)

**[Metal], sb, 1**

metaaes (1): " que asenhora os outros metaaes" (f27v)

**M•tes - ver Parar mentes**

**Meter, v, 54**

meta (2): " te meta em suas obras" (f6v)

metaaes (2): " nom uos metaaes nos fectos do mundo" (f62v)

mete (11): " deus mete seu coração" (f7r)

met• (1): " a matam e não a met• em obra" (f75v)

meteadas (1): " Nom as matees mes meteadas em obra" (f65r)

metehoa (1): " soubeho e metehoa no mais escondido lugar" (f10r)

metella (1): " e metella so seus pees" (f24r)

metem (4): " o metem no carçer" (f90r)

meteo (3): " e meteo hi vinho e augua" (f58v)

meteos (1): "meteos em obra esforçadamente" (f78v)

meter (13): " a meter em desasparaçõ" (f12v)

metesse (1): " que o metesse na augua" (f29r)

metestes (1): " como uos hi metestes" (f79v)

metida (3): " seer metida so a terra" (f23v)

metidas (1): " serom primeiro metidas" (f90v)

metido (4): " de seer metido em prisam" (f86r)

metidos (3): "rrej foram metidos em carçer" (f110v)

mjtidos (1): " serem hi mjtidos sem mais sayir" (f90v)

**Meu, pr, 69**

meu (51): " Meu deus E meu senhor" (f69r)

meus (18): " façaz segundo meus deseios" (f50r)

**Meu - ver Eu**

**Meyo, adj, sb, 7 "Meio; metade"**

mea (3): " per espaço de mea ora" (f77r)

meas (1): " pallauras meas acabadas" (f123r)

meyo (3): " E em meyo do castello" (f19r)

**Mezquindade - ver Mizquijndade**

**Mezquinho, sb, adj, 12 "Mesquinho; desgraçado"**

mezquinha(1): "terra mezquinha e de treeuas" (f97v)

mezquinho (4): " Mezquinho de m• (f109r)

mezquinhos (3): "seram proues e mezquinhos" (fVv)

mezquinhos (1): " desfaz• todos estes mezquinhos" (f137v)

mizquinhos (1): "Nom sabem os mizquinhos" (f71v)

mizqujnha (1): " . terra mizqujnha" (f97r)

mjzqujnha (1): " ao jnferno terra mjzqujnha" (f97v)

**[Mesqujnho] - ver Mezquinho**

**Micheas, np, 2 "Miqueias"**

micheas (1): "segundo diz micheas o profeta" (f95r)

michias (1): " disse michias o profeta" (f110r)

**Michias - ver Micheas**

**[Mijzquijndade] - ver Mizquijndade**

**[Milagre] - ver Millagre**

**[Milhor] - ver Melhor**

**Mill,num, 4 "Mil"**

mill (3): " depois de mill anos" (f90r)

mjll (1): " Çem mjll mundos" (f114v)

**Millagre, sb, 3 "Milagre"**

milagres (2): " Salue regina e milagres" (fIIIr)

millagre (1): " este millagre fezeste" (f25v)

**Mim, pr, 38**

mim (18): " cantes por amor de mim" (f133r)

mjm (1): " como uençestes em mjm" (f52v)

m• (18): " tornate m• e eu te rreceberey" (f18r)

mym (1): " dinamente viuera per mym" (f60r)

**Minga - ver Mingua**

**Mingua, sb, 48 "Míngua"**

minga (1): " da grande minga que auerã" (fVv)

mingua (31): " pobreza he mingua damigos" (f94v)

minguas (7): "esguardaae as uossas minguas" (f78v)

minguoas (1): " esguardam as minguoas" (f72r)

m• guas (3): "correge de suas m• guas" (f28r)

mjngua (2): " alma sinta a mjngua" (f117v)

mjnguas(3): "penssar nos pecados e mjnguas" (f23v)

**Minguado, adj, 4**

minguadas (1): " as minguadas palauras" (f128r)

minguado (1): " E falar minguado" (f139r)

minguados (1): " os fallamentos minguados" (f127r)

m• guado (1): " maneira de fallar m• guado" (f127r)

**Minguar, v,**

minguar (1): " força em minguar os malles" (f66r)

[Mingua] - ver Mingua

**Minha, pr, 45 Cf. Meu**

minha (23): " eu dey minha palaura" (f80v)

minhas (9): " uoz nas minhas orelhas" (f133r)

m•ha (2): " m•ha folgança he morar comusco" (f57r)

mjnha (1): " amargura de mjnha aalma" (f86v)

[Minhoto], sb, 1 "Minhoto; milhafre"

minhotos (1): " pior força teem que minhotos" (f102v)

**Minino – ver Menino**

**Ministrar, v, 2**

ministrar (1): " enujados a ministrar aquelles" (f32v)

mynjstrado (1): " lhes he mynjstrado de ssua rrellegiom" (f15v)

**Miseria, sb, 8 "Miséria"**

meserias (1): " atender aas meserias" (f1Vv)

miseria (3): " em este ualle de miseria" (f19v)

miserias (4): " miserias e perijgos do mundo" (f70r)

**Misericordia, sb, 16**

misericordia (14): "esperança da misericordia" (f44v)

mjsericordia (2): "homem a auer mjsericordia" (f145v)

**Misericordioso, adj, 1**

misericordioso (1): " tornou doce e misericordioso" (f146r)

[Missa], sb, 2

missas (2): " em suas missas e oraç•es" (f68r)

[m•tidor], adj, 1 "Mentiroso"

m•tidores (1): " louuaminheiros e m•tidores" (f13r)

**Mizquijndade, sb, 10 "Desgraça; mofina; infortúnio" (Morais).**

mesquijndade (1): " terra de mesquijndade" (f86r)

mezquindade (1): " mezquindade que ha no jnferno" (f95v)

mijzquijndades (1): " as mijzquijndades e trabalhos" (f118v)

mizquijndade (2): " terra de mizquijndade" (f91v)

mizquijndades(4): "mizquijndades do mundo" (f70r)

mjzquijmdades (1): "todas tuas mjzquijmdades" (f119r)

[Mizquinho] - ver Mezquinho

[Mizqujnh] - ver Mezquinh

**M•guado - ver Minguado**

**M•ha - ver Minha**

**Mjll - Mill**

**Mjm - Mim**

[M•gua] - ver Mingua

[Mjngua] - ver Mingua

**Mjnha - ver Minha**

**Mjsericordia - ver Misericordia**

[Mjter] - ver Meter

[Mjzquijmdade] - ver Mizquijndade

[Mjzqujnh] - ver Mezquinho

**Mo - ver O**

**Moço, sb, 5 "Moço; Jovem"**

moça (1): " a hua sijnprez moça" (f17r)

moço (4): " ho moço e sua madre" (f104v)

**Modo, sb, 6**

modo (3): " modo como se confesse" (f1Vv)

modos (3): " per desuairados modos" (f8r)

**Moesteiro, sb, 6 "Mosteiro"**

moesteiro (6): " A canp• do moesteiro" (f28r)

**Moinho, sb, 1**

moinho (1): " como a praça e o moinho" (f79v)

**Moises - ver Moyses**

[Mole] - ver Molle

**Molhar, v, 1**

molhar (1): " quer molhar pollo pescar" (f115v)

**Molher, sb, 46 "Mulher"**

molher (38): " he que homem e molher" (f117v)

mulheres (8): " os hom•s e as mulheres" (9r)

**Molle, adj, 4 "Mole; brando"**

moles (1): " pesseguos moles nem huas" (f94r)

molle (1): " nem almofada molle" (f92v)

molles (2): " sō molles ao serviço de deus" (f22r)

[Multiplicar] - ver [Multiplicar]

**Moment - ver Momento**

**Momento, sb, 5**

momento (1): " ataa h• soo momento" (f6v)

momento (3): " nom he senõ huu momento" (f87r)

mom•to (1): " h• mom<•>to deesçendem ao jnferno" (f71v)

**Mom•to - ver Momento**

[Monge] - ver Monje

**Monje, sb, 10**

mongas (1): " tam solamente das mongas" (f16r)

monja (6): " Enxenpro dh•a monja" (f10r)

monjas (1): " e monjas e crelligos" (f132v)

monje (2): " E que o monje deue teer" (f46r)

**Montãha - ver Montanha**

**Montanha, sb, 2**

montãha (1): " soberua he h•a montãha" (f22r)

montanha (1): " gram montanha de soberua" (f22r)

#### **Montar, v, 6**

monta (1): " ella monta em o paraíso" (f106r)  
montam (1): " *que* ellas montam da face" (f45r)  
montar (4): " algh • montar ao çeeo" (f147r)  
montasse (1): "soberua montasse ataa o çeeo" (f93r)

#### **Monte, sb, 3**

monte (3): " desomrra a monte caluario" (f35v)

#### **Moor, adj, 4 Cf. Mayor**

moor (4): " vier em moor conhoçim • to" (f63v)

#### **Moorguaado, sb, 1 "Morgadio"**

moorguaado (1): "o moorguaado do parayso" (f38r)

#### **Moormente, adv, 1 "Mormente"**

moormente (1): "Moormente que nõ percam" (f52r)

#### **Morada, sb, 3**

morada (3): " nosa morada nom he aquy" (f18v)

#### **Morar, v, 22**

mora (6): " em o jnferno mora themor" (f99v)  
morã (1): " morã em esta prisom" (f109v)  
morando (1): " morando em hua coua" (f85r)  
morar (9): " morar em este ualle de miseria" (f19v)  
morara (1): " que no jnferno morara temor" (f103r)  
morarey (1): " aquy morarey" (f36r)  
morassem (1): " morassem assaz afastados" (f83r)  
moraua (1): " *que* açerca delle moraua" (f85v)  
moremos (1): " *que* nos moremos aquj" (f119v)

#### **[Morder], v, 4**

morda (1): " que hua pulgua os morda" (f96r)  
morde (2): " cõçiençia aas uezes os morde" (f77v)  
mordera (1): " o peixe que ho mordera" (f129v)

#### **Mordimento, sb, 2**

mordimento (2): " alg • mordimento de pecado" (f61v)

#### **[Moror] - ver Morrer**

#### **Morrer, v, 52**

morese (2): " e morese em pecado mortal" (fVlr)  
morre (2): " alma que morre de sede" (f119r)  
morremos (2): "se nos morremos *he a deus*" (f128r)  
morrendo (1): " uyuerõ morrendo" (f98r)  
morreo (10): " o diabo que loguo morreo" (f129v)  
morrer (21): "auja de morrer em Jerusalem" (f137v)  
morrera (2): " Nom morrera maa morte" (f6r)  
morrer • (1): "quando os ricos morrer •" (f122r) • •  
morrerees (1): "morrerees de morte sem fim" (f63v)  
morreremos (1): "se morreremos oje" (f138r)  
morrerey (1): " viurey e morrerey" (f127v)  
morrerõ (1): " e morrerõ ujuendo" (f98r)  
morresse (1): " morresse em h • pecado" (f101r)  
morrestes (1): " que por ella morrestes" (f36v)  
morria (1): " de puro amor morria" (f136v)  
moura (1): " ajnda que moura no pecado" (f51v)  
moyra (2): " mais uall que eu moyra" (f83v)  
moyramos (1): " uyuamos ou moyramos" (f128r)

#### **Mortal – ver Mortall**

#### **Mortall, adj, 27 "Mortal"**

mortal (7): " faça em pecado mortal" (f51r)  
mortall (15): " somos em esta mortall ujda" (f52v)  
mortaaes (5): " fala dos pecados mortaaes" (f4r)

#### **Mortallmente – ver Mortalmente**

#### **Mortallm • te – ver Mortalmente**

#### **Mortalmente, adv, 9**

mortalmente (1): " peca muy mortallmente" (f9r)  
mortallm • te (1): "quer • pecar mortallm • te" (f125v)  
mortalmente (7): " esto pecou mortalmente" (f3r)

#### **Morte, sb, 107**

morte(107): "o bem e o mall a ujda e a morte" (f10v)

#### **[Morteficar], v, 2 "Mortificar"**

mortefica(2): "o saber jnquisitiuo mortefica" (fVIIv)

#### **Morto, adj, sb, 26**

morta (2): " des que a carne he morta" (f23r)  
mortas (1): " seerem mortas na alma" (f64v)  
morto (12): " acharõno homem morto" (f83v)  
mortos (11): " Oo uos mortos leuãtaayuos" (f26r)

#### **[Mosca], sb, 1**

moscas (1): " tea pera filhar as moscas" (f137v)

#### **Mostrar, v, 54**

mostra (9): " signall damor mostra *deus*" (f28v)  
mostrada (1): " he claramente mostrada" (f127r)  
mostrado (3): " Jsto he bem mostrado" (f77r)  
mostram (4): " mostram *per seus* oolhares" (f9r)  
mostrando (1): "mostrando que aquello abastaua" (f35r)  
mostrar (12): " de mostrar seus segredos" (f139r)  
mostraras (1): " gloria que lhe tu mostraras" (f118v)  
mostrarlhe (1): " E mostrarlhe cõten • ça" (f43r)  
mostrasse (2): " Mes mostrasse a todos" (f73v)  
mostraste (2): " Mostraste bem a bondade" (f119v)  
mostrastes(2): "mostrastes uossos segredos" (f144v)  
mostre (2): " nom mostre inpaçyençya" (f29v)  
mostrees (2): " Nom mostrees sobejo amor" (f66v)  
mostrem (1): " que mostrem aa de fora" (f75r)  
mostrou (11): " lhe mostrou seus tesouros" (f83r)

#### **Moto, sb, 1 "Mote"**

moto (1): " disse sam bernardo h • glorioso moto" (f16r)

#### **Mouer, v, 15 "Mover ; mexer ; estimular"**

moue (4): " E moue a memoria" (f31v)  
mouem (3): " nos mouem a o amar" (f57v)  
moueo (1): " E moueo o poboo des guallilea" (f35r)  
mouer (5): " aquelle sacram • to faz mouer" (f60r)  
moujdo (1): " fosse moujdo a conpaixõ" (f37v)  
moujdos (1): " os Judeus o mãdassem fazer moujdos *per* crueldade" (f37v)

#### **Mouimento – ver Moujmento**

#### **Moujmento, sb, 4 "Movimento"**

mouimento (1): "ouue mouimento de soberua" (f64r)  
moujmento(2): "moujmento do uosso coraçõ" (f66v)  
moujmentos (1): " *nos dictos* moujmentos" (f64v)



[Mourer] - ver Morrer

Mouses - ver Moyses

[Moymento], sb, 1 "Sepultura" (Viterbo)  
moymentos (1): "E os moymentos sabrirom" (f36v)

[Moyrer] - ver Morrer

Moysem - ver Moyses

Moyses, np, 12 "Moisés"  
moises (2): "deus amostrou a moises" (f29r)  
mouses (2): "desejaau mouses ao poboo" (f71r)  
moysem (1): "A moysem h • • A ellias h •" (f137v)  
moyses(7): "diz moyses aos *filhos* disrrahell" (f130r)

[Mudo], adj, 1  
mudas (1): "fectas mudas as linguas mal dizentes" (f103r)

Mudaçom, sb, 2 "Mutaçõo; mudança"  
mudaçom (2): "mudaçom da l • a em sangue" (f76v)

[Mudadiço], adj, 1 "Mudável"  
mudadiços (1): "os sandeus sam mudadiços" (f80r)

M • danal - ver Mundanall

M • danall - ver Mundanall

M • dano - ver Mundano

Mudar, v, 14  
muda (4): "alma se muda em Jhesu" (f39r)  
mudado (3): "Mes tu *seras* mudado em mim" (f39r)  
mudam (1): "per d • es se mudam os juizes" (f101v)  
mudou (2): "a l • a se mudou em sangue" (f76v)  
mudar(2): "deus sabe bem mudar a sentença" (f144r)  
mudaras (2): "nom me mudaras em ty" (f39r)

M • diall, adj, 2 "Mundial"  
m • diall (1): "como o amor m • diall" (fVIIIr)  
mundjal (1): "como o amor mundjal" (f128r)

M • do, sb, 21 "Mundo"  
m • do (21): "Hos maaos deste m • do" (f136r)

Mui – ver Muy

Muito – ver Mujto

Muj – ver Muy

Mujto pr, adv, 252 "Muito"  
muito (16): "homem he muito forte" (f102r)  
mujto (81): "esta praz mujto a *deus*" (f16v)  
muyto (46): "sam Joham chorou muyto" (f73r)  
muitas (6): "sentirõ muitas doores" (f96v)  
muitos (8): "ouuymos de muitos santos" (f119r)  
mujta (2): "de mujta misericordia" (f140r)  
mujtas (17): "E ha mujtas afliç • es" (f9v)  
mujtos (36): "uysse mujtos dinheiros" (f17r)  
muyta (1): "muyta boa vontade" (f32r)  
muytas (21): "dizer muytas mais cousas" (f56v)  
muytos (18): "prouar *per* muytos enxenpros" (f82r)

Multidom - ver Multidom

Multidom, sb, 11 "Multidão; profusão; abundância"  
multidom (1): "mostrar multidom dos tormentos" (f91v)  
multidom (8): "multidom de pallauras afeitadas" (f50v)  
multid • e (2): "a multid • e dos pecadores" (f76r)

Multid • e - ver Multidom

[Multiplicar], v, 3  
moltipricasse(1): "de o dar hu moltipricasse" (f150r)  
multiplique (1): "que os elle multiplique" (f65v)  
multiprica (1): "doçe palaura multiprica amigos" (f17v)

[Multiplicar] - ver [Multiplicar]

Mundanal - ver Mundanall

Mundanall, adj, 15 "Mundanal"  
m • danaaes (5): "m • danaaes penssam • tos" (f77v)  
m • danal (1): "os do amor m • danal" (f129v)  
m • danall (3): "e m • danall afeiçom" (f141r)  
mundanaaes (2): "dos mundanaaes prazeres" (f60v)  
mundanal (1): "os do amor mundanal" (VIIIr)  
mundanall (3): "temor mundanall" (f53r)

Mundano, adj, 4  
m • dano (1): "por amor m • dano" (f126v)  
mundano (1): "o amor mundano" (fVIIv)  
mundanos (2): "em os mundanos pensam • tos" (fVr)

Mundjal - ver M • diall

Mundo, sb, 156  
mundo (154): "u • s palauras do mundo" (f13r)  
mundos (2): "ho auer de tres mundos" (f101v)

Murmuraçõ, sb, 2 "Murmuraçõo"  
murmuraçõ (1): "detrauçõ e em murmuraçõ" (f8r)  
murmuraçom (1): "braadar *per* murmuraçom" (f40v)

Murmuraçom - ver Murmuraçõ

[Murmurar], v, 3  
murmura (2): "nem murmura nem julgua" (f15r)  
murmuro (1): "murmuro ou se defendem" (f73v)

Muro, sb, 28  
muro (18): "hir ao muro de discreçõ" (f22v)  
muros (10): "arredor de seus muros" (f46r)

Musica, sb, 1 "Música"  
musica (1): "estormentos de musica" (f132r)

Muy, adv, 67 "Mui"  
mui (2): "erua mui amarguosa" (f94r)  
muj (20): "de que foy muj ledõ" (f110v)  
muy (45): "coraçõ he muy maaõ" (f117r)

Muyto – ver Mujto

M • - ver Mim

**Mym - ver Mim**

**[Mynjstrar] - ver Ministrar**

**N**

**Naao, sb, 3 "Nau"**

naao (2): " E como naao sem gouernalho" (f67r)

n•o (1): " sostem a n•o que sse nom alague" (f14r)

**N•o - ver Naao**

**Naas, np, 3 "Naás"**

naas (3): " e naas lha outorgou" (f48r)

**Naçença, sb, 3 Cf. Nascimento**

naçença (3): " dia de ssua naçença" (f33r)

**Naçer, v, 14 "Nascer"**

naçe (8): " corpo naçe em •firmidade" (f113r)

naçem (1): " que naçem da nenbrança" (f70v)

naçeo (2): " nom naçeo em camara" (f33r)

naçer (1): " naçer de padre e madre" (f40r)

naçerom (1): " Ca pera esto naçerom" (f110r)

naçida (1): " Em maa ora foi naçida" (f8v)

**Naçimento, sb, 1 "Nascimento" Cf. Naçença**

naçimento (1): " de seu oryginall naçimento" (f26v)

**[Naç•o], sb, 1 "Nação"**

naç•es (1): " santos julguarom as naç•es" (f112r)

**Nada, pr, 14**

nada (14): " tam probe que nom auia nada" (f83r)

**Nahum, np, 1 "Naum"**

nahum (1): " promete deus per nahum o profeta" (f94r)

**Namorado, sb, adj, 46**

namorada (20): " sancta alma namorada" (f129v)

namoradas (1): " namoradas almas de deus" (f136r)

namorado (9): " as cousas diz o namorado" (f134r)

namorados (16): "lagrimas dos namorados" (fVIIIr)

**Naquelle - ver Aquelle**

**Naquello - ver Aquello**

**[Nariz], sb, 3**

narizes (3): " terceira porta sam os narizes" (f43v)

**Natura, sb, 1 "Natureza" Cf. Natureza**

natura (1): " luxuria pecam os hom•s e as molheres contra natura" (f9r)

**Naturall, adj, 2**

naturall (2): " Temor Naturall" (f53v)

**Natureza, sb, 23 Cf. Natura**

natureza (23): " de tam maa natureza" (f7v)

**Naum, np, 1**

naum (1): " disto diz naum profeta" (f70r)

**N• - ver Nem**

**N•brança - ver Nenbrança**

**[N•bro] - ver [Nenbro]**

**Necesario - ver Neçessario**

**Neçessario - ver Neçessario**

**[Necessario] - ver Neçessario**

**Necesidade - ver Neçessidade**

**Neçessario , adj, 27 "Necessário"**

necesaria (1): " paçiencia he mujto Necesaria" (fIIr)

necesarias (1): "tribulaç•es som necessarias" (fIVv)

neçesarias (1): "tribullaç•es som neçesarias" (f63r)

necesario (2): " he necesario falar pouco" (f15v)

neçesario (2): " he neçesario falar pouco" (fIVv)

necessaria(2): "paciencia he mujto necessaria" (f27r)

neçessaria (2): "he neçessaria fechadura" (f46r)

neçessarias (4): " neçessarias as cauas" (f20v)

neçessario (12): " outros a que he neçessario" (f7v)

**Neçessidade, sb, 15 "Necessidade"**

necesidade (2): conuem per necesidade" (f107v)

neçessidade (10): " de rrazoada neçessidade." (f43v)

neçessidades (3): "todas nossas neçessidades" (f40r)

**Neelle - ver Elle**

**[Neeste] - ver Este**

**[Neglignência] – ver Niglignência**

**Negregência – ver Niglignência**

**Negrignência – ver Niglignência**

**[Negrigente] – ver Niglig•te**

**Negro, adj, 6**

negras (2): " leteras brancas e negras" (f125r)

negro (4): " E o ssoll tornou negro" (f76v)

**Neguar, v, 1 "Negar"**

neguar (1): " sam pedro neguar tres uezes" (f53r)

**Nehuu - ver N•h•**

**Neh• - ver N•h•**

**N•h•••pr, 81 "Nenhum"**

nehua (11): " nehua cousa pode fazer" (f23v)

n•h•a (3): " n•h•a cousa deue leixar" (f41v)

neh•a (26): "neh•a asperança poderō auer" (f100r)

nehuu (3): " nehuu podera mais rreçeber" (f108v)

n•h• (24): " a n•h• a pode percalçar" (f27r)

neh• (8): "que neh• pode seer mayor" (f91r)  
 neh•a (2): " neh•a cousa jnclina asy ho homem" (f145v)  
 n•h•a (1): "n•h•a cousa pode seer onesta" (f16v)  
 neh•s (1): " neh•s sam tam emdurecido" (f39v)  
 n•h•s (1): " e n•h•s fazem" (f76r)  
 nenh•a (1): " onde nenh•a hordenança he" (fVv)

#### **Neiçeamente, adv, 1 "Nesciamente"**

neiçeamente (1): " assy polla boca em fallar neiçeamente" (f13r)

#### **Nem, conj, 253**

n• (37): " n• de ssuas hordenanças" (f15r)  
 nem (216): "nem murmura nem julgua" (f15r)

#### **Nembrança - ver Nenbrança**

#### **Nembrança - ver Nenbrança**

#### **Nembrar, v, 9 "Lembrar"**

nembrãdosse (1): " Nembrãdosse delle se funde toda em lágrimas" (f132v)  
 nembrandosse (1): " nembrandosse das sofrenças" (f56r)  
 nembrar (1): " nembrar de nosso sepulcro" (f24v)  
 nenbra (1): " nenbra dos malles que fez" (f4r)  
 nenbrados (1): " seer nenbrados dos padecimentos" (f68r)  
 nenbram (1): " se nenbram de sseus amores" (f132r)  
 nenbrando (1): " em sse nenbrando da cruell paixom" (f45r)  
 nenbrandosse (1): " nenbrandosse de seu pecado" (f146r)  
 nenbrar (1): " a nenbrar de seus pecados" (f4r)

#### **Nenbrador, adj, 1 "Lembrador"**

nenbrador (1): " Jsachar tanto he como nenbrador" (f105r)

#### **Nenbrança, sb, 8 "Lembrança"**

n•brança (1): " E a n•brança do gram juizo" (f55v)  
 nembrança (1): " ouue nembrança de deus" (f140r)  
 nembrança (1): " fazer h•a nembrança" (f68r)  
 nenbrança (5): " Em nenbrança das sete oras" (f68v)

#### **Nenbrar – ver Nembrar**

#### **[Nenbro], sb, 7 "Membro"**

n•bros (1): " deue todos seus n•bros" (f44r)  
 nenbros (6): "todollos nenbros o ssentem" (f77r)

#### **[Nen h••]- ver N•h•**

#### **Neste - ver Este**

#### **Neue, sb, 1 "Neve"**

neue (1): " foram brancas como neue" (f119v)

#### **Nigligência - ver Niglligência**

#### **Niglig•te, adj, 3 "Negligente"**

negrigentes (1): " sam negrigentes e priguiçosos" (f6r)  
 niglig•te (1): " que em suas obras he niglig•te" (f47r)  
 niglligente (1): " n•h•a cousa he niglligente" (f52r)

#### **Niglligência sb, 8 "Negligência"**

negligências (1): " de ssuas negligências" (f54v)  
 negregeñcia (1): " tornasse em negregeñcia" (f148r)  
 negrigeñcia (1): " da priguia e negrigeñcia" (f6v)  
 nigligência (1): " de soberua ou nigligência" (f45v)  
 niglligência (2): " preguia ou niglligência" (f48v)  
 njglegeñcias (1): " estes som njglegeñcias" (f20v)  
 njgllegeñcias (1): " pecados e njgllegeñcias" (f55r)

#### **Niglligente – ver Niglig•te**

#### **Ninho, sb, 1**

ninho (1): " lhe desfazem ho ninho" (f14r)

#### **[Njglegeñcia] – ver Niglligência**

#### **[Njgllegeñcia] – ver Niglligência**

#### **No, prep+art, prep+pr, 548**

na (140): " sseer achada na conuerssaçom" (f17r)  
 nas (38): " Nos achamos nas escripturas" (f13v)  
 no (316): " que no jnferno morara" (f103r)  
 nos (54): " nos b•s de tua casa" (f107v)

#### **Nõ - ver Nom**

#### **Noa, sb, 3**

noa (3): " Aa ora da noa" (f35v)

#### **Noble - ver Nobre**

#### **Nobre, adj, 9**

noble (1): " tam forte e tam noble" (f49r)  
 nobre (6): " sam de nobre coraçom" (f125v)  
 nobres (2): " auantajadas rroupas e nobres" (f4v)

#### **Nobrememente, adv, 1**

nobrememente (1): " nobrememente uestida" (f11v)

#### **Nobreza, sb, 1**

nobreza (1): " sua vijrgijdade e nobreza" (f18r)

#### **Noda, sb, 1 "Nódoa" Cf. Maguoa**

noda (1): " alghua noda de pecado" (f11v)

#### **Noite, sb, 9**

noite (8): " cujdado de dia e de noite" (f19r)  
 noyte (1): " acabado a noyte da pascoa" (f150v)

#### **Nojo, sb, 3**

nojo (3): " grande nojo faz aos jmijos" (f24v)

#### **Nojoso, adj, 1**

nojoso (1): " assaz nojoso e triste" (f36r)

#### **Nollo, pr, 2 Cf. Nos Cf. O**

nollo (2): " E elle nollo disse" (f73r)

#### **Nom, adv, 1118 "Não"**

nõ (197): " que ella nõ mate elle" (f42r)  
 nom (921): " nom se poderia teer" (f44v)

#### **Nome, sb, 12**

nome (10): " Seu gllorioso nome" (f25v)  
 nomes (2): " liuro dos nomes dos filhos" (f120r)

**Nomeada, sb, 4 “Nomeada; nome; reputação”**

nomeada (4): " força nomeada fremossura de corpo" (f24v)

**Nomear, v, 5 “Nomear; designar”**

nomeados (1): " aos outros ja nomeados" (f147r)

nomear (1): " mall como sse podem nomear" (f41v)

nomeauom (1): " a cada pallaura que nomeauom" (f136v)

nomeou (2): " elle o nomeou claramente" (f145r)

**Nono, num, 1**

nono (1): " *Capitollo* nono da pregiça" (flr)

**Nos, pron, 332 "Nós; nos"**

nos (332): " nos hi deuemos leer" (f70r)

" o *que deus* nos outorgue" (f40r)

**Noso - ver Nosso****Nosso, pr, 158**

nosa (10): " em nosa spiciall amjzade" (fVr)

noso (12): " de fundar noso castello" (f20r)

nossa (31): " a nossa *propria* carne" (f20v)

nossas (8): " em nossas conçyencias" (f24r)

nosso (64): " que he nosso *Senhor Jhesu*" (f30v)

nossos (32): " amaremos nossos amigos" (f31r)

**Notar, v, 10**

notada (1): " ssy nos he notada a libereza" (f137v)

notado (1): " rreuellaçom he notado" (f73r)

notam (2): " *que* notam outras rrez•es" (f131v)

notar (5): " deuemos notar duas cousas" (f146r)

notaremos(1): "notaremos sete espeças" (f126v)

**Notauellmente – ver Notauelemente****Notauelemente, adv, 3 “Notavelmente”**

notauelemente (1): " E notauelemente disse" (f81v)

notauelemente (2): " nunca notauelemente pecarõ" (f146r)

**Notaujl, adj, 2 "Notável"**

notaujl (2): " declara notaujl exposiçõ" (f104r)

**Nouenno - ver Noueno****Noueno, adj, 3 “Noveno; nono”**

Nouenno (1): " Ho Nouenno fruyto" (f60r)

noueno (2): " do noueno frujto" (f60r)

**Nouas, sb, 2 “Novas; notícia”**

nouas (2): " *quer* ouuyr nouas de seu amigo" (f135v)

**Nouo, adj, 6 "Novo"**

noua (2): " e lhe da noua uida" (f25r)

nouas (1): " *especialmente* a nouas pessoas" (f64v)

nouo (1): " moue outro nouo *conbate*" (f26v)

nouos (2): " tornaram nouos e frescos" (f98r)

**Nouo - ver De nouo****Noyte – ver Noite****[Noz], sb, 1**

nozes (1): " nem nozes espurguadas" (f94r)

**N•ca – ver Nunca****Nunca, adv, 22**

nunca (20): " Nunca fez bem nem fogio" (f18r)

n•ca (2): " N•ca esta uazia de d•es" (f51v)

**Nuu, adj, sb, 7 “Nu”**

nua (2): " esposa pobre e Nua" (f17r)

nuu (4): " E naçe todo nuu" (f23r)

nuus (1): " carne parece em os Nuus" (f94r)

**[Nuueen], sb, 1 “Nuvem”**

nuueens(1): "tua cabeça tocasse as Nuueens" (f93r)

# O

**O, art, 2470**

a (863): "a doce palaura multiprica" (f17v)

as (201): "contra as m•s tentaç•es" (f39r)

ha (5): assi como ha terra he firme" (f89v)

o (830): " bem conhecer o pecado" (f2r)

os (518): " segundo dizem os santos" (f5r)

ho (128): " Ho quarto enpachamento" (f74v)

hoo (1): "sete uezes hoo dia o pater" (f68v)

hos (24): " hos mortos sam julgados" (f70r)

**O, pr, 1006**

a (333)

"elle a coroara altamente" (f18v)

as (129)

"que as que alto uoam" (f19v)

ha (3): "E *deus* ha esconde" (f117v)

ho (78): "por aquelles que ho atormentauõ." (f35v)

ho (1) "dame graça que hos conheça" (f74r)

o (334): "daame o que me assy mãdaes" (f69r)

os (128): "a todos os que hi esteuerem" (f69v)

**Obedeeçer – ver Obedeeçer****Obedeeçer, v, 12 “Obedecer”**

obedeçer (1): " boa uontade. obedeçer" (f14v)

obedeçe (1): " homem *serue e* obedeçe" (f4v)

obedeçer (9): " desy por obedeçer" (f14r)

obedeçerlhe (1): "obedeçerlhe segundo rrazom" (f15r)

**Obediençia – ver Obidiençia****Obidi•çia– ver Obidiençia****Obidiençia, sb, 8 “Obediência”**

hubidiençia (1): " Serujr *per* hubidiençia" (f42v)

obidiençia (1): " obidiençia de rrelligiom" (f2r)

obidi•çia (1): " castidade. obidi•çia" (f11r)

obidiençia (4): " uyue em obidiençia" (f11v)

obidienças(1): "obidienças e rrepreenss•es" (f43r)

**Obidiente, adj, 1 “Obediente”**

obidiente (1): " obidiente em *serujço*" (f69r)

**[Obliguaç•o], sb, 1 “Obrigaç•ão”**

obligaç•es (1): " acreçentar em ssuas  
obligaç•es" (f86v)

**[Obliguar] – ver [Obrigar]****Obra, sb, 48**

dobra (2): " e dobrez de coração e dobra" (f20v)  
dobras (1): " e de feito e dobras" (f55v)  
obra (20): " esta obra he muy fea" (f7v)  
obras (25): "nas obras esprituuaes" (f47r)

**Obrar, v, 4**

obra (1): "Ca tall pessoa nom obra nem ama"  
(f142r)  
obrar (2): " faz mouer e obrar" (f60r)  
obrou (1): " nem amou. nem bem obrou" (f18v)

**[Obreiro], sb, 3**

obreiros (3): " sostem deus seus obreiros" (f118r)

**[Obrigar], v, 3 “Obrigar”**

obligados (1): " fazer o que som obligados" (f6r)  
obriguados (1): " obrigados per sua diueda" (f87r)  
obriguado (1): " fiador obriguado aa ssua pena"  
(f82v)

**[Ocasi•o], sb, 2 “Ocasiaç•ão” Cf. Cajom**

ocasi•es (2): " fogir a todas ocasi•es" (f9r)

**Oçioso – ver Oçyoso****Ocupaçom, sb, 7 “Ocupaç•ão”**

ocupaçom (1): " he a ocupaçom do mundo"  
(f77r)ocupaç•es (6): " seculares ocupaç•es"  
(f139v)

**[Ocupar], v, 8**

ocupado (3): " deus que he ocupado" (fVr)  
ocupados (2): " cousas som ocupados." (f15r)  
ocuparsse (1): " ocuparsse em oraç•o" (f50v)  
ocupees (1): " Nem uos ocupees tanto" (f78v)  
sucupã (1): " sucupã em seus feitos" (f77r)

**Oçyosidade, sb, 1**

oçyosidade (1): "Caee homem em oçyosidade" (f6v)

**Oçyoso, adj, 6 “Ocioso”**

oçioso (1): " hom• esta oçioso" (f6v)  
oçyosas (2): " bojeses e molheres oçyosas" (f68v)  
oçyoso (2): " o diaboo nom te ache oçyoso" (f6v)  
oçyosos(1): "palauras e pensamentos oçyosos" (f6v)

**Odio, sb, 7 “Ódio”**

dodyo (1): " dino damor ou dodyo" (f24v)  
hodio (1): " por hira ou hodio" (f5v)  
odio (3): " ou enueja ou odio" (f64r)  
odios (1): " odios em seus coraç•es" (f5v)  
odyo (1): " de odyo mayor em h•a pessoa" (f12v)

**[Odioso], adj, 1**

odiosas (1): "taaes sam odiosas a todas" (f67v)

**Odor, sb, 4**

hodor (1): " rretem o hodor do pecado" (f13v)

odor (2): " nom sente odor e duçura" (f60v)  
odores (1): " deleitaram em os odores" (f96r)

**Odyo – ver Odio****[Ofereçer], v, 10 “Oferecer”**

ofereçe (1): " de boa uoomtade ofereçe" (f68v)  
ofereçeo (1): " ofereçeo a deus o melhor" (f150r)  
ofereçeo (1): " ofereçeo no sacrificio" (f144v)  
ofereçera (1): " uoomtade ofereçera melhor" (f150r)  
ofereçerõ (1): " outros que ofereçerõ" (f150r)  
ofereçerom (1): "do fell que lhe ofereçerom" (f121r)  
ofereçida (1): " cousa que seia ofereçida" (f6r)  
ofereçidas(2): "deuem seer ofereçidas a deus" (f75v)  
ofereçido (1): " boa u•tade erees ofereçido" (f34r)

**Oferenda, sb, 1**

oferenda (1): " nossa pequena oferenda" (f149v)

**[Ofiçio], sb, 1 “Ofiçio”**

ofiçios (1): " e mete aos ofiçios" (f15r)

**Oitauo – ver Oytauo****Oito – ver Oyto****Oje, adv, 6 “Hoje”**

doje (1): " que ho dia doje hi nom ha cousa" (f6v)  
oje (5): " sam oje pecadores" (f47r)

**Olhar - ver Oolhar****Olho, sb, 53**

dolhos (2): " secura dolhos e mingua de lágrimas"  
(f132r)  
olho (6): " o que ho olho nom uee" (f42r)  
olhos (45): " teer seus olhos baixos" (f42r)

**Omeçida, sb, 1 “Homicida”**

omeçida (1): " cayo em adulterio e foy omeçida"  
(f66r)

**Omilldade – ver Humjldade****[Omildar] – ver Homildar****[Omizi•o], sb, 1 "Homicida; inimigo"**

omizi•es (1): " hi ha omizi•es ladr•es e treedores"  
(f20v)

**Omjldade – ver Humjldade****Omjlldade – ver Humjldade****[Omjlldoso] – ver Homildoso****Onde – ver Honde****Onesto, adj, 5 "Honesto"**

honesta (1): " sseer direita nem honesta" (f17r)  
honestas (1): " doutras obras honestas" (f7v)  
onesta (2): " cousa pode seer onesta" (f1v)  
onesto (1): " de uosso onesto traijo" (f104r)

**[Onestydade], sb, 1 "Honestidade"**

onestydades (1): "signall de todas onestydades"  
(f17r)

[Onrra] – ver Honrra

**Onzeno, adj, 1 “Onzeno; undécimo”**

onzeno (1): " Ho onzeno fruito" (f60v)

**Oo - ver Hoo**

**Oolhar, v, 20 “Olhar”**

holhaae (1): " holhaae disse elle como he grande" (f111v)

olhar (2): " o p•samento e o olhar" (f9r)

oolha (2): " Nom se oolha de boamente" (f72r)

oolham (1): " aquelles que as oolham2 (f64v)

oolhar (12): " pouco fallar e oolhar baixo" (f42v)

oolharmos (1): " Nos oolharmos a terra" (f24v)

oolhasse (1): " oolhasse e toucassem bem" (f11r)

**Oolhar, sb, 5 “Olhar”**

oolhar (4): " uem o m•o oolhar" (f8v)

oolhares (1): " mostram per seus oolhares" (f9r)

**Oontem, adv, 1 “Ontem”**

oontem (1): " he aparelhado des oontem" (f90v)

**[Openy•o], sb, 1 “Opinião”**

openy•es (1): "seus factos e suas openy•es" (f4v)

**Ora, sb, 63 “Hora”**

dora (2): " em comer ante dora hordenada" (f7v)

hora (18): "

ora (27): "des ora de meyo dia ataa Noa" (f36v)

oras (16): " dizer suas oras canonicas" (f6r)

**Ora, conj, adv, 54 “Ora; agora”**

ora (55): "Ora deue a deuota pessoa" (f32r)

"Ora penssa deuota creatura" (f32r)

**Oraçõ – ver Oraçom**

**Oraçom, sb, 51 “Oração”**

doraçõ (1): " em tempo doraçõ" (f20r)

doraçom (1): " de pensamento e doraçom" (f148r)

doraç•es (1): " doraç•es e pregaç•es" (f51v)

horaçõ (1): " a horaçõ deue a auer duas aas" (fIIIv)

horaçom (1): " a horaçom deue a auer duas aas" (f51r)

horaç•es(1): "memoria em suas horaç•es" (f150v)

oraçõ (12): " per deuota oraçõ" (f42v)

oraçom (24): " deuoto em oraçom" (f69r)

oraç•es (9): " alg•as oraç•es espiçiaaes" (f6r)

**Orar, v, 8**

horãdo (1): " Pouco fallar. boca horãdo" (f62r)

oramos (1): " cantamos ou oramos" (f32v)

orar (6): " como auemos a orar" (f49v)

**Orelha, sb, 19**

orelha (2): " Nem orelha ouujr" (f103r)

orelhas (17): " mellodia nas orelhas" (f26r)

**[Origem], sb, 1**

origens (1): " origens sobre este euãgelho" (fVIIIv)

**Originall, adj, 3 “Original”**

originall (1): "magoas do pecado originall" (f109r)

oryginall (1): " de seu oryginall naçimento" (f26v)

ouriginall (1): " de sua ouriginall naçença" (f22v)

**Oryginall – ver Originall**

**Ospede, sb, 4 "Hóspede"**

ospeda (2): " Vedes aquy minha ospeda" (f57r)

ospede (2): " que aquelle glorioso ospede" (f57r)

**Ossee, np, 1 “Oséias”**

ossee (1): " per ossee o profeta" (f122v)

**Oste - ver Hoste**

**Ou, conj, 256**

hou (1): " emçujasses as almas hou tam çujo que todos vissem" (f70v)

ou (255): "ou por rreligiom ou por linhagem" (f4v)

"aliua em todo ou em parte" (f39r)

**[Ouelha], sb, 4 "Ovelha"**

ouelhas (4): " trosquya de sobre as ouelhas" (f98r)

**Ouelheiro, sb, 1 “Ovelheiro; pastor de ovelhas”**

ouelheiro (1): " hi tam rrude ouelheiro" (f125r)

**Oufana, sb, 1 “Ufania”**

oufana (1): " em negregençia e em oufana" (f148r)

**Ouriginall – ver Originall**

**Ouro, sb, 26**

douro (13): " lauradoouro n• de prata" (f33r)

houro (1): " por todo ho houro do mundo" (f114v)

ouro (12): " ouro nem prata" (f82r)

**[Ousar], v, 10**

housa (1): " o diaabo nom housa sofrer" (f45r)

housaria (1): " em que housaria morrer" (f63r)

ousado (1): " Nom es ousado de o dizer" (f2v)

ousam (1): " nã ousam de chegar" (f39r)

ousaua (2): " nom ousaua leuantar os olhos" (f12r)

ousou (3): " Nom se ousou confessar" (f3r)

sousaria (1): " quem sousaria a conparar contigo" (f52v)

**[Outorgar] - ver Outorguar**

**Outorguar, v, 17 “Outorgar”**

outorga (2): " por tanto a nom outorga" (fIIIv)

outorgou (2): " pura bondade mo outorgou" (f127v)

outorguaaeme (1): " outorguaaeme que uos ame" (f69r)

outorguada (1): " seeruos ha outorguada" (f49r)

outorguado (1): " seerlhesha outorguado" (f51v)

outorguar (5): " nom lho queriã outorguar" (f82v)

outorgue (5): " o que deus nos outorgue" (f40r)

**Outr•• - ver Outrem**

**Outrem, pr, 33**

doutr• (2): " esguarda o bem doutr•" (f72v)

doutrem (16): "aquelle que diz mall doutrem" (f13r)

outr• (2): " defender nem acusar outr•" (f12r)

outrem (13): " ou em defamar outrem" (f13r)

**Outro, pr, 234**

doutra (13): " pode doutra guisa" (f121v)

doutras (1): " ou doutras obras honestas" (f7v)

doutros (2): " vnjuersall doutros dous" (f83r)

outra (48): " Nem outra uirtude" (f29v)  
 outras (37): " Aynda hi ha outras quatro2 (f42v)  
 outro (55): " mais forte que outro2 (f24r)  
 outros (78): " contra os outros viçios" (f41r)

### Ouujdio, np, 1 "Ovídio"

ouujdio (1): "diz ouujdio no liuro da arte damar"  
 (f133v)

### Ouujr, v, 79 "Ouvir"

douujr (1): " douujr malldizentes" (f43r)  
 houirem (1): " auerõ aquelles que houirem" (f114v)  
 ouue (6): " ouue os doçes quantares" (f132v)  
 ouu• (1): " naquello de *que* ouu• fallar" (f135r)  
 ouuem (4): " ouuem cantiguas damor" (f132r)  
 ouuido (2): " Ora auees ouuido rrudemente" (f138v)  
 ouça (2): " Nem ouça n• escuyte fallar" (f15r)  
 ouço (2): " eu ouço bem dizer" (f22r)  
 ouuirem (1): " que este liuro leerem e ouuirem"  
 (f150v)  
 ouuirõ (1): " ouuirõ as maas pallauras" (f96r)  
 ouuirom (1): " tanto bem ouuirom dizer" (f83r)  
 ouuisse (1): " nom ouuisse assaz fallar" (f125r)  
 ouuistes (1): " Ora ouuistes os sete enbargos" (f78r)  
 ouuj (3): " eu ouuj fallar meu amigo" (f132v)  
 ouujda (2): " Seja ouujda tua uoz" (f17v)  
 ouujdas (2): " auees ouujdas tres liç•es" (f71r)  
 ouujdo (7): " auees ouujdo como ha paz" (f14v)  
 ouujdos (3): " nam *seriam* de *deus* ouujdos" (f101r)  
 ouujo (5): "ouujo pallauras de segredo" (f119r)  
 ouujr (15): " *quer*• ouujr fallar de *deus*" (f119r)  
 ouujra (1): " Elle ouujra *que* Jhesu Christo auja de  
 morrer" (f137v)  
 ouujrem (1): " todos o *que* o leerem e ouujrem"  
 (f150r)  
 ouujrey (2): " canto da tua arpa nom ouujrey"  
 (f132v)  
 ouujrõ (1): " nos ouujrõ com melhor uoomtade"  
 (f68r)  
 ouujrom (2): " ouujrom os espantosos braados"  
 (f96r)  
 ouuy (1): " quando de uos ouuy docemente" (f132v)  
 ouuymos (2): " a Nos que ho ouuymos" (f3r)  
 ouuyo (2): " Quando o poboo ouuyo jsto" (f48r)  
 ouuyr (6): " em ouuyr em cheirar e sentyr" (f64v)

### Ouuyr – ver Ouujr

### Oytauo, num, 7 "Oitavo"

oitaua (3): " da oitaua rrezom" (f102v)  
 oitauo (1): " do oitauo fruto" (f59v)  
 oytauo (3): " *Senhor* ao oytauo dia" (f33r)

### Oyto, num, 5 "Oito"

oito (2): " podem aijnar oito rraz•es" (f100r)  
 oyto (3): " podem asijnar oyto rrez•es" (f99v)

# P

### Paaço, sb, 1 "Paço"

paaço (1): " o paaço do seu coração" (f60v)

### Paadar, sb, 1 "Paladar"

paadar (1): " elles guostassem no paadar de seu  
 coração" (f71r)

### Paaço, sb, 3 "Pau"

paaço (2): " amostrou a moises h• paaço" (f29r)  
 paaos (1): " pedras dos muros e os paaos" (f89r)

### Paçiençia, sb, 27 "Paciência"

paçiençia (24): "outra uirtude sem paçiençia" (f29v)  
 paçyençia (2): " seu coração em paçyençia" (f29v)  
 paçyençya (1): " *per* o muro de paçyençya" (f29v)

### [Paciente], adj, 1 "Paciente"

paçientes (1): "presumem que seer pacientes" (f27v)

### Paçyençia – ver Paçiençia

### Paçyençya – ver Paçiençia

### [Padecer], v, 1

padeçeo (1): " por Nos padeçeo" (f37v)

### [Padecimento] – ver Padiçim•to

### Padiçim•to, sb, 3 "Padecimento"

padecimentos (1): " padecimentos do rrey" (f68r)  
 padiçim•to (2): " padiçim•to da pena" (f97v)

### Padre, sb, 32 "Pai do céu; pai"

padre (30): " cõ o padre e *espírito* santo" (f103v)  
 "liurar seu padre ou madre" (f101r)  
 padres (2): " nas ujdas dos padres" (f85r)

### Pagar – ver Paguar

### Pagu•o, sb, adj, 6 "Pagão"

pagu•o (5): " foy ueer o pagu•o" (f83r)  
 pagu•os (1): " dous filosefos pagu•os" (f82v)

### Paguamento, sb, 2 "Pagamento"

paguamento (2): "ante do gram paguamento" (f118r)

### Paguar "Pagar"

pagar (1): " pagar ho aluguer da gloria" (f117r)  
 pagua (2): " Nem assolto se o nom pagua" (f7r)  
 paguada (1): " ataa que lhe seia paguada" (f6r)  
 paguado (1): " tem paguado o que deue" (f6r)  
 paguam (2): " promet• e pouco paguam" (f76r)  
 paguar (9): " aqj paguar *per* pendença" (f88r)  
 paguasse (1): " paguasse seu despensseiro" (f117r)

### Paixõ – ver Paixom

### Paixom, sb, 17 "Paixão; sofrimento de dores"

**(Morais)**

paixõ (3): " na paixõ de Jhesu *christo*" (f28v)  
 paixom (13): " paixão de ihesu *christo*" (f44v)  
 paix•es (1): " p•ssar em suas paix•es" (f68r)

**Palaura, sb, 115 "Palavra"**

palaura (26): " ouujr a palaura de *deus*" (f13v)  
 palauras (35): " obras e palauras oçyosas" (f20v)  
 pallaura (25): " he a pallaura de *deus*" (f44v)  
 pallauras (29): " ouuirõ as maas pallauras" (f96r)

**Pallaura – ver Paluara****[Pallpar], v, 1 "Palrar"**

pallpado (1): " auemos assy como pallpado" (f123r)

**Pam, sb, 14 "Pão; alimento"**

pam (14): " guarnydo de pam e de vinho" (f59r)

**Pano, sb, 2**

pano (1): " cobrio seus olhos dhuu pano" (f53v)  
 panos (1): " em muy pobres panos" (f33r)

**Papa, sb, 1**

papa (1): " do latim *que* fez o papa Joham" (f57v)

**Par - ver [A par de]****[Par], sb, 1**

pares (1): " tres pares de rroupas" (f77v)

**Paraíso, sb, 68 "Paraíso"**

paraíso (60): " das allegrias do paraíso" (f149r)  
 paraíso (1): " *primeira* vianda do paraíso" (f110r)  
 parajso (3): " a çidade do parajso" (f19v)  
 parayso (4): " aa mesa do rrey do parayso" (f27v)

**Paraíso – ver Paraíso****Parajso – ver Paraíso****Parar mentes, v, 10 "Reflectir; lançar a sua confiança; esperar-se" (Viterbo). "Reparar; bem examinar; atentar" (Morais).**

para mentes (1): "E nom para hi mentes" (f135r)  
 parã (2): " e nom parã mentes em cousa" (f20r)  
 parar mentes (1): " parar mentes aas mjnguas alheas" (f42v)  
 param (2): " param mentes nas cousas *que* ham de v•r" (f84v)  
 parassem m•tes (1): " Parassem m•tes aas penas" (f84v)  
 parassem m••tes (1): "parassem mentes Nas cousas suso ditas" (f103v)  
 Pares mentes (1): " Pares mentes nas cousas do mundo" (f78v)  
 parou (1): "parou bem mentes em conhecer sua conçyençia" (f65r)  
 pararmentes (1): "Mes pararmentes por amor" (f11v)

**Parayso – ver Paraíso****Parecer, v, 47 "Parecer"**

pareça(3): "tribullaçom *que* grande te pareça" (f32v)  
 parece (18): " jsto me parece bem de dizer" (f84v)  
 pareçeriom (1): " nom pareçeriom bem sem rrimo" (f57v)

pareçees (1): " senhora. vos me pareçees melhor" (f104r)

pareçelhe (2): " Pareçelhe que tornaua" (f136v)

parecem (2): "parecem a aranha que se desfaz" (f137v)

pareçeo (1): " pareçeo b• a ssam *Pedro*" (f119v)

pareçer (9): " melhor pareçer a sseu amigo" (f11r)

pareçera (4): " nom uos pareçera seer graue" (f63v)

pareçerias (1): "Pareçerias aquelle que edefica "f64r)

pareçerlhia (1): " pareçerlhia que n•h•a cousa auja dado" (f124r)

pareçia (2): "pareçia que de h•a soo guota" (f137v)

pareciam (1): "pareciam que todos erã beuedos" (f129r)

pareçya (1): "pareçya que nom auiam" (f119r)

**[Pareçer] – ver [Apareçer]****Parede, sb, 1**

parede (1): " furaae diz elle a parede" (f64r)

**Parelha, sb, 2 "Parelha; par"**

parelha (2): " tehuda parelha e ygualeza" (f81v)

**[Parente], sb, 2**

parenta (1): "abee que beijar sua parenta" (f9r)

par•tes (1): " muyto amam seus par•tes" (f131v)

**[Par•te] – ver [Parente]****[Parir] – ver Paryr****Parlamento, sb, 1**

parlamento (1): " Ou em com• parlamento" (f4v)

**Parte, sb, 38**

parte (32): "h•a parte a h• e outra a outro" (f12r)

partes (6): "de todas partes a çercarom" (f24v)

**[Parthir] – ver Partir****Partida, sb, 1**

partida (1): " sera aquella final partida" (f131v)

**Partimento, sb, 1 "Partida"**

partimento (1): "consijraçom do partimento" (f124r)

**Partir, v, 16 "Partir; afastar"**

parte (1): "se sse parte senpre ha apresado por tornar" (f10r)

partem (1): " nunca se partem do cerco" (f21v)

parthirem (1): "como deste mundo parthirem" (f75r)

partida (2): " nem de seer partida de *deus*" (f142r)

partido (3): "o coraçom he partido de todas as afeiçãoes da carne" (f149v)

partidos (1): "seiam partidos despois da morte" (f100r)

partir (4): " aquy morarey sem me partir" (f36r)

partira (1): " E ja mais nom sse partira" (f45v)

partirom (1): " h• do outro se partirom" (f133v)

partyr (1): " nom sentyr door ao partyr" (f66r)

**[Partir], v, 2 "Repartir"**

partira (1): " elle partira pollos pobres" (f89v)

partirõ (1): " que os menisteros do diaabo ante ssy partirõ" (f35v)



**Parto, sb, 1**

parto (1): " Os filhos veherom ataa o parto" (f76r)

**Partyr – ver Partir****[Parir] – ver Paryr****Paryr, v, 3 “Parir”**

parem (1): "doerõ como molheres que parem" (f96v)

paryr (1): " E nom ouue hi força de paryr" (f76r)

parirõ (1): "enprenharõ e parirõ" (f76r)

**Pascoa, sb, 2 “Páscoa”**

pascoa (1): "hiam o dia da pascoa a emaus" (f147r)

pascoas(1): "lauarsse e nõ atender as pascoas" (f11v)

**Passar, v, 26 “Passar; transpor”**

passa (4): "passa todollas penas tenporaaes" (f87v)

passado (1): " o tempo que he passado" (f62v)

passados (2): " de *seus* pecados passados" (f54r)

passar (4): " passar o mar nem andar" (f130r)

passara (1): " nom passara mall sem pena" (f98v)

passarej (1): " E passarej breuemente" (f124v)

passaremos (1): " mes nos a passaremos" (f149v)

passarõ (1): " passarõ de glossos crauos" (f35v)

passarom (2): " assi passarom estes fectos" (f9v)

passse (3): " passe dos prazeres do mundo" (f60v)

passem (1): " passem por conprir" (f40v)

passey (1): " Como os eu passey" (f136r)

passou (2): " passou assy como soonbra" (f88v)

passom (2): " que das auguas que passom" (f108r)

**Passiuell, adj, 3 “Passível”**

passiuell (1): " doce e passiuell e duradoira" (f81v)

passiuijs (1): "ajnda que nom sejam passiuuijs" (f48v)

passiujll (1): " que he assy homildoso E assy

passiujll" (f149v)

**Passiujll – ver Passiuell****[Passo], sb, 1**

passos (1): " em muytos maaos passos" (f70r)

**Passybilidade, sb, 1 “Passibilidade”**

passybilidade (1): " A segunda mingua he

passybilidade" (f112v)

**Pastor, sb, 4 "Pastor; Pastor da Igreja"**

pastor (1): " confusom he do pastor" (f77r)

pastores (3): " pastores da santa jgreia" (f135r)

**Patranha, sb, 2**

patranha (1): " deue teer por patranha" (f136r)

patranhas (1): "ouue e escuyta as patranhas" (f136r)

**Paullo, np, 50**

paullo (46): " Ca diz sam paullo" (f139v)

paulo (4): " epistolla de sam paulo" (f100r)

**Paulo - ver Paullo****Paz, sb, 67**

paz (65): " edeficar em terra de paz " (f1v)

pazes (2): " alg • a destas pazes falleçe" (f1v)

**Pecado, sb, 252**

pecado (153): "persseuerar em seu pecado" (f72r)

pecados (99): " rrepndiam de *seus* pecados" (f33v)

**Pecador, adj, sb, 76**

pecador (40): "deste catiuo pecador" (f49v)

pecadores (36): "multidom dos pecadores" (f73r)

**Pecar, v, 54**

peca (16): "Per auareza peca homem" (f7r)

pecam (7): " como pecam os rreliгиозos" (flr)

pecando (2): " Pecando mortalmente" (f1v)

pecar (14): "pecar mortallm • te" (f125v)

pecaria (1): " pecaria mortalmente" (f85r)

pecariam (1): " pecariam Se nõ esperassem" (f53r)

pecarõ (1): " notauelmente pecarõ" (f146r)

pecarom (2): " bem çertos que pecarom" (f54r)

pecom (1): " elles pecom mortalmente" (f6r)

pecou (7): " sse pecou em mentyr" (f64v)

pequam (1): " pequam os rreliгиозos" (f5v)

pequey (1): " pequey assy" (f12r)

**Peçonha, sb, 2**

peçonha (2): " vaso cheo de peçonha" (f63r)

**Pedir, v, 15**

peça (1): " peça homjlldosamente" (f49r)

pede (2): " quem pede rreçebe" (f49r)

pedelhe (1): " maaos feitos pedelhe merçee" (f65v)

pedida (2): " alg • a cousa he pedida" (f48v)

pedidas (2): " deuem seer pedidas a *deus*" (f1Vv)

pedindo (1): " pedindo que o queira ajudar" (f48r)

pedindolhe (2): " pedindolhe que os socorressem" (f48r)

pedio (1): " pedio *que* lhe tirasse *deus*" (f49v)

pedir (2): " deuelhe pedir merçee" (f5v)

pedir • (1): " O que pedir • a meu padre" (f51v)

**Pedra, sb, 8**

pedra (3): " de pedra e call e de barro" (f18v)

pedras (5): " nem de pedras preçiosas" (f33v)

**Pedro, np, 14**

pedro (14): "E sam *Pedro* diz" (f63v)

**Pee, sb, 9 “Pê”**

pee (4): " des a sola do pee" (f35v)

pees (5): " leguom os pees e as m • os" (f90r)

**P • dença – ver Pendenza****Peendencia – ver Pendenza****Peenssar – ver Penssar****P • sar – ver Penssar****Peita, sb, 4**

peita (4): " ou *per* peita ou *per* rroguo" (f97v)

**[Peito], sb, 2**

peitos (2): " Mes batia *seus* peitos" (f12r)

**Peixe, sb, 2**

peixe (1): " fora da augua o peixe" (f129v)

peixes (1): " os peixes do mar" (f32r)

**[Pejorar], v, 2 “Piorar”**

pejora (1): " ou pejora *pera* chegar a elle" (f138v)

pejore (1): " que alterandosse nom pejore" (f27v)

[Pelegrijn] – ver [Pelegr•]

[Pelegr•], sb, adj, 4 “Peregrino”

pelegrijns (1): “ pelegrijns que sam em estranha terra” (f79r)

pelegr•s (2): “ somos senõ pelegr•s em este mundo” (f19v)

pellegrijns (1): “ estrangeiros e pellegrijns” (f63v)

**Pelejar, v, 2**

peleja (1): “ homem peleja com os outros uyçios” (f46v)

pelejar (1): “ quem lealmente nom pelejar” (f21v)

**Pelle, sb, 1 “Pele”**

pelle (1): “ como h•a pelle na cruz” (f35v)

[Pellegrijn] – ver [Pelegr•]

[Pellejador], sb, 1 “Pelejador”

pellejadores (1): “ os pellejadores de deus” (f57v)

**Pello - ver Pollo**

**Pemdença – ver Pendença**

**Pemssamemto – ver Penssamento**

**Pena, sb, 95**

pena (38): “Assy a pena do jnferno” (f97v)

penas (57): “fosse descapar aas penas” (f99v)

**Pend•ça – ver Pendença**

**Pendemça – ver Pendença**

**Pendença, sb, 43 “Penitência” Cf. Penitência**

p•dença (2): “ grã parte da p•dença” (f3r)

peendença (4): “ maneiras de peendença” (f7r)

pemdença (1): “ aspereza de pemdença” (f147r)

pend•ça (1): “ trabalhos da pend•ça” (f87r)

pendemça (2): “ per ssy tanta pendemça” (f3r)

pendença (31): “tretrae delle per pendença” (f85v)

pendenças (2): “ tamtas fez de pendenças” (f3r)

**Pender, v, 8**

pende (2): “ Entom pende a alma” (f140v)

pendendo (2): “ pendendo na cruz estendido” (f36r)

pendeo (1): “ christo pendeo por Nos” (f29r)

pender (2): “ Ou no jnferno pender” (f88r)

[Pendurar], v, 1

pendurada (1): “ escolheo seer pendurada” (f140v)

**Penitência, sb, 7 “Penitência” Cf. Pendença**

penitência (3): “ vol•tarioso aa penitencia” (f69r)

penjt•çia (1): “ liuraste per penjt•çia” (f85v)

penjtência (3): “ fez a penjtência a sseu poder”(f2v)

**Penitente, sb, 4**

penitente (1): “ daujd em pesoa de penitente” (f87v)

penitentes (1): “ em pessoa dos penitentes” (fVIv)

penjtentes (1): “ em pesoa dos penjtentes” (f103r)

penytentes (1): “ em pessoa dos penytentes” (f103v)

**Penjt•çia – ver Penitência**

**Penjtência – ver Penitência**

[Penjtente] – ver Penitente

**Pensamento – ver Penssamento**

[Pensam•to] – ver Penssamento

**Pensar – ver Penssar**

**Penssamemto – ver Penssamento**

**Penssamento, sb, 53 “Pensamento”**

pemssamemto (2): “ profundo pemssamemto” (f134v)

pensamento (1): “ O pensamento nação” (f17r)

pensamentos (8): “ ha seus pensamentos” (f19v)

pensam•tos (2): “ ha quatro pensam•tos” (f55v)

penssamemto (1): “ grosas meu penssamemto” (f134v)

penssamento (17): “penssamento e oraçõ” (f124v)

penssamentos (18): “penssamentos em deus” (f138r)

penssam•tos (3): “penssam•tos e desonestos” (f59r)

p•samento (1): “ o p•samento e o olhar” (f9r)

[Penssam•to] – ver Penssamento

**Penssar, v, 89 “Pensar”**

peenssa (8): “ ou peenssa em deus” (f6v)

peenssar(3): “peenssar em sua grande pobreza”(f16r)

peensse (1): “ peensse cada h•a deuota” (f61r)

p•sar (1): “ deue homem p•sar” (f13r)

pensallo (1): “ Nem ajnda pensallo” (f5r)

pensar (9): “ pensar no galardom” (f28v)

penssa (6): “ penssa deuota creatura” (f32r)

penssaee (3): “ Ora penssaee se podees” (f36r)

penssae (1): “ penssae e jnmaginaae” (f34r)

penssam (2): “ amadores penssam muyto” (f126v)

penssamos (1): “ fazemos ou penssamos” (f32v)

penssando (3): “ penssando nas cousas” (f29v)

penssar (39): “ oolhar baixo e penssar alto” (f42v)

penssassem (1): “sse ellas bem penssassem” (f104r)

penssaua (2): “ penssaua screpuer hua breue” (f56v)

penssemos (1): “penssemos como deus nos amou” (f41r)

penssou (2): “ penssou de sse consellar” (f85v)

p•sar (1): “ senom p•sar em elle” (f15r)

p•ssando (1): “p•ssando nos malles doutrem” (f72r)

p•ssar (1): “ p•ssar em suas paix•es” (f68r)

p•ssauõ (1): “p•ssauõ comprar seus pecados” (f88v)

p•ssou (1): “ Se fez bem ou p•ssou” (f64v)

**Penssar, sb, 1 “Pensar; pensamento”**

“E do penssar que o homem deue a auer” (f40r)

[Penssar] – ver Pesar

**Penssoso, adj, 1 “Pensativo; taciturno; carregado”**

penssoso (1): “ sajes em ouujr. Penssoso em fallar” (f69r)

[Penytente] – ver Penitente

**Peor, adj, 5 “Pior”**

peor (5): “ homem serue deus peor” (f8r)

**[Pequar] – ver Pecar**

**Pequeno, adj, 32**

pequena (12): "nossa pequena oferenda" (f149v)  
pequenas (1): "manda pequenas cousas" (f74v)  
pequeno (15): "h • pequeno uermem" (f23r)  
pequenos (4): "muy pequenos pecados" (f55r)

**Per, prep, 403 Cf. Por**

per (400): "faz ouuyr per toda a uilla" (f28r)

**Pera, prep, 118**

pera (118): "molher pera seu casamento" (f16v)

**Perante, prep, 1**

perante(1): "preso perante seu amigo" (f83v)

**Percalçar, v, 6 "Ganhar; adquirir; lucrar".**

percalçar (4): "nõ podermos percalçar as alegrias" (f115v)  
percalçarmos(1): "estas cousas percalçarmos" (f78v)  
percalçe (1): "mais asinha percalçe" (f68v)

**[Perçeber], v, 1 "Perceber"**

perçeba (1): "a rrazõ se perçeba bem" (f8v)

**Perda, sb, 5**

perda (4): "faça de ssua perda ou alhea" (f65r)  
perdas (1): "por perdas tenporaaes de fora" (f132r)

**Perder, v, 78**

perca (1): "segurança nom perca todo" (f71r)  
percaaes (1): "percaaes uossas fremosas almas" (f3v)  
percam (2): "percam o b • guasalhado" (f55r)  
perdadas (1): "condanadas e perdadas" (f2v)  
perde (19): "perde homem o que faz" (f4r)  
perdem (6): "hi ha que perdem deus" (f81v)  
perdemos (1): "tãto perdemos de tempo" (f47v)  
perdendo (1): "perdendo as allegrias do paraíso" (f84v)  
perdeo (3): "soll perdeo sua craridade" (f36v)  
perder (24): "paraíso que teme de perder" (f53v)  
perderem (1): "nom se perderem per soberua" (f28v)  
perderõ (1): "perderõ todo per uergonha" (f3v)  
perderom (3): "esta perderom elles de todo" (f92r)  
perdes (1): "perdes aquella em que ha tanta" (f119v)  
perdida (5): "ouuesse perdida uirgijndade" (f9v)  
perdidas (1): "per pecado auja perdidas" (f124v)  
perdido (4): "o que auia perdido per fame" (f59r)  
perdidos (1): "E eram perdidos" (f45v)  
perdooes (1): "na outra que me perdooes" (f85v)  
perdudo (1): "peenssa em deus he perdudo" (f6v)

**Perdição – ver Perdição**

**Perdição, sb, 3 "Perdição"**

perdição (1): "e som auyados a perdição" (f6r)  
perdição (2): "nos liurou de perdição" (f38r)

**[Perdido], sb, 9**

perdidos (9): "das penas dos perdidos" (f90r)

**Perdimento, sb, 1 "Perdimento; perdição"**

perdimento (1): "cajom de seu perdimento" (f95r)

**Perdoar, v, 10**

perdoa (2): "perdoa deus os pecados" (f58v)  
perdoado (1): "E todo uos seia perdoado" (f82v)  
perdoados (3): "pecados me seiam perdoados" (f58r)  
perdoar (3): "perdoar despois da morte" (f63v)  
perdoou (1): "sabem se deus os perdoou" (f54r)

**Perdom, sb, 5 "Perdão"**

perdom (5): "perdom de nossos pecados" (f62v)

**Perduraell, adj, 29 "Perdurável"**

perduraees(3): "door das penas perduraees" (f70v)  
perduraell (25): "morara temor perduraell" (103r)  
perduraell (1): "em allegria perduraell" (f18v)

**Perduraellmente, adv, 1 "Perduravelmente"**

perduraellmente (1): "perduraellmente me nom condanes" (f28v)

**Perduraell – ver Perduraell**

**Perecer, v, 12**

pereça (1): "ajnda que nom pereça" (f50v)  
perece (3): "uertude perece • mujto falar" (f62r)  
perecem(1): "escaparam dõde elles perecem" (f111r)  
perecer (2): "veeren os danados perecer" (f111r)  
pereçera (1): "toda a sua atenda pereçera" (f100r)  
pereçese (1): "se alg • a aalma pereçese" (f2r)  
pereçesse (1): "ho outro pereçesse" (f110v)  
pereçada (1): "uertude he pereçada" (f62v)  
pereçados (1): "virem os danados pereçados" (f110v)

**Peregrinaçom, sb, 1 "Peregrinação"**

peregrinaçom (1): "falleça em esta peregrinaçom" (f39r)

**Perentorio, adj, 2 "Peremptório"**

perentorio (2): "he saudaujl e termo perentorio" (f24v)

**[Perfecto] - ver Perfeito**

**Perfeiço – ver Perfeiçom**

**Perfeiçom, sb, 29 "Perfeição"**

perfeiço (2): "que a tall perfeiço vemham" (f139v)  
perfeiçom (25): "alto estado de perfeiçom" (f140r)  
perfeiç • es (1): "entom quatro perfeiç • es" (f112r)  
profeiçom (1): "emueja de ssua profeiçom" (f27r)

**Perfeito - ver Perfeito**

**Perfeitamente, adv, 13**

perfeitamente (10): "pode perfeitamente auer" (f15v)  
perfeitam • te (1): "pode uer perfeitam • te" (f137r)  
perfeytamente (1): "quem perfeytamente ama" (f15r)  
perffeytam • te (1): "amam perffeytam • te" (f136v)

**Perfeitam • te – ver Perfeitamente**

**Perfeito, adj, 39**

perfecta (5): "quaees a honrra he perfecta" (f91v)  
perfecto (1): "sera o corpo perfecto" (f113v)  
perfeita (24): "aa perfeita uisom de deus" (f148v)  
perfeitas (1): "pallauras nom perfeitas" (f127r)  
perfeito (5): "cheguar ao perfeito amor" (f142r)  
perfeitos (3): "santos e perfeitos hom • s" (f54v)

**Perfeytamente – ver Perfeitamente**

**Perfffeitam•te – ver Perfeitamente**

**Perfia, sb, 1 "Porfia"**

perfia (1): " *auer* tençom ou *perfia* (f80r)

**[Perfioso], adj, 1 "Porfioso"**

perfiosos (1): " tam *perfiosos* no mall" (f39v)

**Perigo – ver Perijgo**

**[Periguoso] - ver Perijguoso**

**[Periugoso] - ver Perijguoso**

**Perijgo, sb, 14 "Perigo"**

perigo (1): " *e* o *perigo* em *que* he" (f134v)

perigos (1): " aos malles *E* *perigos*" (f109r)

perijgo (4): " consijraçom de seu *perijgo*" (f146r)

perijgos (4): " que he conprido de *perijgos*" (f19v)

perijguo (4): " em *perijguo* de *pereçer*" (f110v)

**[Perijgoso] - ver Perijguoso**

**Perijguo – ver Perijgo**

**[Perijguoso] - ver Perijguoso**

**Perijguoso, adj, 21 "Perigoso"**

periguosa (1): " Esta he assaz *periguosa*" (f43r)

periugoso (1): " chama castello *periugoso*" (f1r)

perijgosa (6): " dos olhos he maijs *perijgosa*" (f42r)

perijguoosa (1): " tardança he *perijguoosa*" (f10v)

perijguosa (3): " he a mais *perijguosa*" (f41v)

perijguosas (1): " sam mujto *perijguosas*" (f41v)

perijguoso (7): " he o castello *perijguoso*" (f56v)

perijguosos (1): "dos *perijguosos* auerssairos"(f20v)

**Perjurar, v, 2**

perjura (1): " homem jura *e* *perjura*" (f5v)

perjurar (1): " *e* jurar *e* *perjurar*" (f13r)

**Pero, conj, 16 "Mas; porém; ainda que"**

pero (16): "pero nom lhe fez comprida festa" (f40v)

**[Perpetuo], adj, 1 "Perpétuo"**

perpetua (1): " sua *perpetua* danaçom" (f71v)

**Perpetualidade, sb, 1**

perpetualidade (1): "a *perpetualidade* das penas"(f90r)

**[Perseguir], v, 3**

perseguido (1): " atee quy *perseguido e* acabado" (f150r)

persiguya (1): " que o *persiguya* aa morte" (f144r)

persseguya (1): " que elle dante *persseguya*" (f145r)

**Perseueramça, sb, 2 "Perseverança"**

perseueramça (1): " *sera* em *perseueramça*" (f103r)

persseuerança (1): " *feruor e* *persseuerança*" (f69r)

**[Perseuerar] - ver Persseuerar**

**[Persiguyr] - ver [Perseguir]**

**Persoa – ver Pessoa**

**[Persseguyr] - ver [Perseguir]**

**Persseuerança - ver Perseueramça**

**Persseuerar, v, 9 "Perseverar"**

perseuere (1): " *perseuere* em bem ataa fim" (f1v)

persseuera (1): " ella *persseuera* ataa fim" (f18v)

persseuerando (2):" demandar *persseuerando*"(f50r)

persseuerar(3):" *persseuerar* em seus pecados(f76v)

perseuere (1): " que em jsto *persseuere*" (f69r)

persseuerou (1): " *persseuerou* em seu roguo"(f50r)

**Perssiguiçõ, sb, 4 "Perseguição"**

perssiguiçõ (1): " *perssiguiçõ* derodes" (f33r)

perssiguiç•es (1): " *perssiguiç•es* nem feridas" (f141r)

perssiguiç•es (2): " sofrera *perssiguiç•es*" (f21v)

**Perssiguidor, adj, 2 "Perseguidor"**

perssiguidor (2): " h• grande *perssiguidor*" (f145r)

**[Perssiguiçõ] - ver Perssiguiçõ**

**Perssoa - ver Pessoa**

**[Pert•çer] - ver [Perteençer]**

**[Pert•çer] - ver [Perteençer]**

**[Perteemçer] - ver [Perteençer]**

**[Perteençer], v, 22 "Pertencer"**

perteçem (2): " cousas *que a deus* *perteçem*" (f1Vr)

pert•çe (4): " porta *que* *pert•çe* ao gosto" (f11r)

perteença (1): " que a *seus* amores nom *perteença*" (f134v)

perteença (2): " cousa que a elle *perteença*" (f136r)

perteençe (9): " o *que a ty* nom *perteençe*" (f72r)

perteenç• (1): " cousas que a *deus* *perteenç•*" (f62r)

perteençem(2):"leuezas que nom *perteençem*"(f65r)

perteençom (1): " a sseu amigo nom *perteençom*" (f135r)

**Peruentuira - ver Peruentura**

**Peruentura, adv, 7 "Porventura"**

peruentuira (1): " sse *peruentuira* chegar" (f138r)

peruentura (1): " *quando* *peruentura* uee alguem" (f137r)

per uentuira (3): " *per* uentuira podera seer" (f101r)

pella uentuira (1):"Pella uentuira *seram* elles"(f93v)

polla uentura (1): " Polla uentura pollo costume" (f95v)

**[Peruerso] - ver Peruersso**

**Peruersso, adj, 5 "Perverso"**

peruersos (2): " dizer juizos *peruersos*" (fVr)

peruersso (1): " com os *preuerssos* *seras* *peruersso*" (f47r)

peruerssos (2): " com os *peruerssos* *seras* *peruersso*" (f47r)

**Pesado, adj, 4**

pesada (1): "fazem pesada aalem de rrazom" (f74v)  
pesadas (1): " cousas pesadas faz ligeiras" (f15v)  
pesado (2): " hom • pesado e priguizoso" (f46v)

**P•samento - ver Penssamento**

**Pesar, v, 4**

penssam (1): "penssam com gram peso" (f74v)  
pesar (1): " pesar as palauras na ballança" (f42r)  
pesaua (1): " a que mujto pesaua" (f35v)  
pese (1): " nom pese mais a h • a parte" (f42r)

**P•sar – ver Penssar**

**Pescado, sb, 1**

pescado (1): " o guato come de boamente o pescado" (f115v)

**Pescar, v, 1**

pescar (1): " molhar pollo pescar" (f115v)

**Peso, sb, 4**

peso (4): " o peso dos pecados" (f74v)

**Pessoa – ver pessoa**

**P•ssar - ver Penssar**

**[Pessegua], sb, 1 "Pêssego"**

pessegua (1): " pessegua moles nem huuas" (f94r)

**Pessoa, sb, 140**

persoa (2): " faz a deuota persoa" (f57v)  
perssoa (1): " perssoa que em este degraa he sobida" (f141r)  
perssoas (1): " as deuotas perssoas" (f132v)  
pesoa (13): " pessoa discreta e nom sandia" (f84r)  
pesoas (4): " pesoas da rrelligão" (f51v)  
perssoa (96): " a perssoa he mais santa" (f52r)  
perssoas (23): " ditas aas deuotas perssoas" (f27r)

**Pesume, sb, 1 "Peso; carga" (Viterbo)**

pesume (1): " corpo he pesume e fraqueza" (f112v)

**[Pexe], sb, 2 "Peixe"**

pexes (2): " assy como pexes sam filhados" (f96r)

**[Pexorar], v, "Piorar"**

**Provavelmente da forma lat. *pejor*. Estando atestada a forma "peiorar".**

pexorou (1): " E sse emmedou ou pexorou." (f66r)

**Phiçias, np, 1 "Fícias"**

phiçias (1): " nome daamom e o outro phiçias" (f82v)

**Piidade, sb, 11 "Piedade"**

piidade (9): " e auera piidade de mim" (f100v)  
piidade (2): " misericordia e piidade" (f100v)

**Piadosamente, adv, 1 "Piedosamente"**

piadosamente (1): " lhe disse piadosamente" (f36r)

**Piadoso, adj, 4 "Piedoso"**

piadoso (4): " deus que he piadoso" (f140r)

**Piedade – ver Piidade**

**[Piedo] – ver Piadoso**

**Pilatos – ver Pillatos**

**Pillatos, np, 11 "Pilatos"**

pillatos (1): " a cayfas e a pilatos" (f34v)  
pillatos (10): " bem entendeo pillatos" (f34v)

**Pinticoste, sb, 2 "Pentecoste"**

pinticoste (2): " E ao dia do pinticoste" (f38v)

**[Pitecom] - ver [Pitiçom]**

**[Pitiçom], sb, 2 "Petição"**

piteç • es (1): " sam boas as piteç • es" (f51v)  
pitiç • es (1): " fara uossas pitiç • es" (f49r)

**[Plasmar] - ver Prasmar**

**Plasmo, sb, 1 "Censura" Cf. Prasmar**

plasmo (1): " quando seu plasmo me não pode fazer m • o" (f23v)

**[Plouar], v, 1 "Provar" Cf. Pobrar**

ploua (1): " b • guoloso que de todo não ploua" (f115r)

**Publicano, sb, 2 "Publicano; cobrador de impostos"**

publicano (1): " dezia o publicano no tenplo" (f12r)  
pobricano (1): " pobricano que se julgaua" (f49v)

**Poboo, sb, 15 "Povo"**

poboo (14): " moueo o poboo des guallilea" (f35r)  
poboos (1): " senhorio sobre os poboos" (f112r)

**Pobrar, v, 1 "Provar" Cf. [Plouar]**

pobrar (1): " gram desejo de o pobrar" (f1r)

**Pobre, adj, sb, 34**

pobre (17): " pobre manjadoira de bestas" (f33r)  
pobres (13): " hoo uos pobres" (f80v)  
probe (1): " tam probe que nom auia nada" (f83r)  
proue (1): " que o homem por proue que seia" (f1Vv)  
proues (2): " serem proues e mezquinhos" (fVv)

**Pobrememente, adv, 1**

pobrememente (1): " pobrememente saberia fallar" (f149r)

**Pobreza, sb, 32**

pobreza (32): " que amassem pobreza" (f37v)

**Pobricano - ver Publicano**

**Poder, v, 414**

pode (212): " pode cobrar na confissom" (f10v)  
pod • (1): " não pod • jejuar h • soo dia" (f93v)  
podees (8): " E Podees aquy veer" (f71r)  
podem (32): " nom podem auer paz" (f42v)  
podemos (23): " nom podemos rrecobrar" (f62v)  
Podenlha (1): " Podenlha furtar" (f122v)  
poder (4): " o pagar quando poder" (f7r)  
" a nom poder pecar" (f142r)  
podera (19): " podera auer a vitoria" (f24r)  
poderã (2): " não poderã cõseguir prazer" (f116r)  
poderdes (2): " todo o all que bem poderdes" (f67v)

poderees (1): " poderees seendo ocupados" (f64r)  
 poderej (1): " hu poderej eu fogir" (f102v)  
 poderemos (2): " poderemos achar tres tormentos" (f91v)  
 poderey (1): " Entom poderey eu dizer" (f143v)  
 poderia (12): " *que* se nom poderia dizer" (f24v)  
 poderiã (1): " *per* uentuiira poderiã fogir" (f102v)  
 poderiam (5): " elles poderiam amar" (f126r)  
 poderias (1): " Poderias *auer* se *quisesses*" (f113v)  
 podermos (3): " a nã podermos *percalçar*" (f115v)  
 poderõ (8): " nom poderõ chegar" (f76r)  
 podera (1): " *per* uentuiira podera seer" (f101r)  
 poderom (7): " nom se poderom cobrir" (f94r)  
 podesse (11): " nã a podesse achar" (f107r)  
 podessem (4): " *uos* podessem fazer" (f35v)  
 podia (8): " nã podia *auer* toruaçõ" (f51r)  
 podiam (2): " se nom podiam leuantar" (f45v)  
 possa (26): " possa rrestitir aas tentaça•es" (f59v)  
 possã (1): " que sse elles possã fiar" (f67v)  
 possaes (2): " nom possaes partir" (f79v)  
 possam (11): " fossas possam seer defesas" (f22v)  
 possamos (3): " possamos edeficar castellos" (f19r)  
 posso (3): " que a nã posso *comprender*" (f108v)

#### **Poder, sb, 26**

poder (26): " aallem de meu poder" (f12v)

#### **Poderio, sb, 5**

poderio (4): " E o poderio de *deus*" (f54v)  
 poderios (1): " os poderios do paraíso" (f54v)

#### **Poderosamente, adv, 2**

poderosamente (2): " *seram* poderosamente atormentados2 (f99r)

#### **Poderoso, adj, sb, 14**

poderosa (1): " Oraçom he muyto poderosa" (f49r)  
 poderoso (4): " *deus* he todo poderoso" (f62r)  
 poderosos (9): " E os poderosos no mundo" (f92r)

#### **[Poer] – ver Poher**

#### **Poeta, sb, 2**

poeta (2): " Deste amor diz hua poeta" (f80r)

#### **Poher, v, 57 "Pôr"**

põe (7): " *deus* põe o seu em elle" (f7r)  
 poem (25): " . em *que* poem outro exemplo" (f10r)  
 poendo (1): " acha poendo seu coraçom" (f56r)  
 poerey (1): " poerey a minha alma por ty" (f142v)  
 poher (3): " deue poher mayor deligençia" (f47v)  
 poinha (1): " que sse poinha em giolhos" (f40r)  
 pom (1): "uallereo maximo pom em seu liuro"(f82v)  
 p•e (1): " p•e mayores guardas" (f46r)  
 pooem (2): " Pooem o callar primeiro" (f67r)  
 pos (1): " pos em obra seu b• proposito" (f64v)  
 poserõ (1): " *que* o poserõ na cruz" (f61r)  
 poserom (1): " alg•a cousa nom poserom" (f93v)  
 poseste (1): " tu a poseste em segura m•o" (f121v)  
 posta (2): " jsto nom he ella posta" (f44r)  
 posto (8): " deue *presumir* de sy posto" (f45r)  
 postos (1): " Ora *auemos* postos aas portas" (f44r)

#### **Pois, conj, 66**

pois (66): " Pois muyto o deuemos damar" (f41r)

#### **Polo - ver Pollo**

#### **Pollo, prep+art, 142 "Pelo"**

pella (18): " pella ballança o peso" (f74v)  
 pellas (8): " Pellas brancas lee homem" (f125r)  
 pello (23): "pello creçimento dos deseios" (f130v)  
 pellos (2): " que pellos signaaes" (f126v)  
 pola (1): " pola misericordia de *deus*" (f144r)  
 polla (15): " assy polla boca em fallar" (f13r)  
 pollas (9): " a Nos pollas freestas" (f42v)  
 pollo (45): " *e* pollo rroguo dos santos" (f48v)  
 pollos (29): " partira pollos pobres" (f89v)  
 polo (1): " bem asy he polo *contraíro*" (fVIIIr)  
 polos (1): " degraaos polos *quaees*" (fVIIIv)

#### **Ponjr, v, 8 "Punir"**

ponjdos (3): " mayor pena *seram* ponjdos" (f99r)  
 ponjr (2): " o temor de *deus* ponjr" (f47r)  
 punjra (1): " punjra mais graueamente" (f11r)  
 punjdos (1): " de feito *serã* punjdos" (f98v)  
 punyra (1): " punyra mais *grauem*•te2 (f62v)

#### **[Ponta], sb, 1 "Ponta; extremidade"**

pontas (1): " as pontas *lhe* chegauom ataa o testo" (f35r)

#### **Ponto, sb, 9**

ponto (6): " he a ponto de *cayr*" (f49r)  
 pontos (3): " *quatro* pontos de rrelligiom" (f42v)

#### **Poo, sb, 2 "Pó"**

poo (2): " lança poo ao uento" (f147v)

#### **Por, prep, 650 Cf. Per**

por (650): " fazem estes por pouco" (f28r)  
 "esparger o seu *preçioso* sangue por Nos" (f33r)

#### **Porco, sb, 2**

porca (1): " como porca em lodo" (f71v)  
 porco (1): " como porco em esterco" (f14v)

#### **Por••- ver Porem**

#### **Porem, conj, 13 "Porém; apesar de"**

por• (1): " nã por• tornara a estado de graça" (f97r)  
 porem (12): " *que* possam porem sentir" (f126r)

#### **Porfundo - ver Profundo**

#### **[Pormeter] - ver [Prometer]**

#### **Por que, conj, prep+pr, 121 "Porque; para que; por que"**

por que (121): " namorados por *que* • çima traoutou da *primeira*" (fVIIIr)  
 "por que seias grande ante *deus*" (f21r)  
 " por *que* rrezom ho hom• tem a cabeça jnclinada" (f1v)

#### **Porque, conj, 52 "Porque; para que"**

porque (52): " . *Porque* a gulla he porta" (f8r)  
 " *Porque* a comfisom *aproueite*" (f2r)

#### **Porta, sb, 46**

porta (32): " abrio a porta do seu coraçom" (f38r)  
 portas (14): " çinquo portas de fora" (f41v)

**Porteiro, sb, 17**

porteiro(12): "O porteiro *e* guarda desta porta"(f41v)  
 porteiros (5): " *porteiros e* guardas diligentes"(f44r)

**Porto, sb, 1**

porto (1): " E o mete a saluo porto" (f25r)

**Possissom, sb, 4 "Possessão; posse"**

possissom(2): "cobramento *e* possissom della"(f60v)  
 possiss•es(2): " possiss•es *e* rriquezas"(f77v)

**[Possuyr], v, 2 "Possuir"**

possuyam (1): " denjdades que possuyam" (f88v)  
 posuem (1): " que ja posuem os qui hi sam" (f104r)

**Possyuell, adj, 1 "Possível"**

possyuell (1): " disse padre se possyuell he" (f34r)

**[Posuyr] - ver [Possuyr]****Pote, sb, 1**

pote (1): " h• pote cheo daugua" (f13v)

**Pouco, pr, 99**

pouca (9): " *per* h•a pouca de soberua" (f45v)  
 poucas (1): " poucas uezes saaem fora" (f46v)  
 pouco (79): " he necesario falar pouco" (f15v)  
 poucos (10): " que poucos scaparon" (f48r)

**Pousada, sb, 3**

pousada (3): "caminhantes em nossa pousada"(f79v)

**Praça, sb, 1**

praça (1): " como a praça *e* o moinho"(f79v)

**[Praçer] - ver Prazer****Prasmar, v, 7 "Censurar"**

"Vituperar; arguir; criticar; repreender;  
 abominar" (Viterbo).

plasma (1): " plasma nossos longos deseios" (f138r)  
 plasmo (1): " eu nom louuo nem plasmo" (f61r)  
 prasma (1): " taaes pesoas elle os prasma" (f5r)  
 prasmado (1): " foy repreendido *e* prasmado de seu senhor" (f150r)  
 prasmar (3): " prasmar o outro *e* amoestallo" (f9v)

**Prata, sb, 6**

prata (6): " laurado douro n• de prata" (f33r)

**Prazer, v, 46**

praz (13): " pessoa esta praz mujto a *deus*" (f16v)  
 praza (5): " dizer cousa que te praza" (f119r)  
 prazem (1): " sam çertos se prazem a *deus*" (f54r)  
 prazendo (1): "screpueremos prazendo a *deus*"(f84v)  
 prazer (14): " nō pode alguem prazer a *deus*" (f11r)  
 prazeriã (1): " E prazeriã a *deus*" (f104r)  
 prazia (1): " filhasse o que lhe mais prazia" (f83r)  
 prouguer (2): " honde lhe prouguer" (f85r)  
 prouue (3): " dom lhe prouue mais" (f150r)  
 prouuer (2): " Se uos prouuer eu uollo darey" (f35r)  
 prouuera (2): " nom prouuera a *deus*" (f22r)  
 prouuerom (1): " açeptou *e* lhe prouuerom" (f150r)

**Prazer, sb, 74**

praçeres (1): " de fora pollos praçeres" (f96v)  
 prazer (57): " buscar o prazer do mundo" (f21v)  
 prazeres (16): " *prazeres dulçuras e* delectos" (fVIIr)

**Prazimento, sb, 1 "Aprazimento"**

prazimento (1): " ao prazimento de *deus*" (f150r)

**Praziuell, adj, 7 "Aprazível"**

praziuees (2): " deuaçõ doces *e* praziuees" (f58r)  
 praziuell (2): " edeficar castello praziuell" (f20v)  
 praziuijs (1): " quãto lhe sam praziuijs" (f54v)  
 praziuill (2): " seia a todos o *que* o leerem *e* ouujrem praziuill *e* proueitoso" (f150r)

**Praziujll - ver Praziuell****[Preçar] - ver Prezar****Preçioso, adj, 11 "Precioso"**

preçiosa (2): " da sua preçiosa morte" (f36r)  
 preçioso (4): " preçioso corpo *e* sangue" (f145v)  
 preçiosas (1): " nem de pedras preçiosas" (f33v)  
 preçiosso (3): " seu preçiosso corpo" (f35v)  
 priçiosa (1): " ha hi cousa tam priçiosa" (f6v)

**Preçiosso - ver Preçioso****Preço, sb, 10**

preço (10): " • preço de rremijmento" (f33v)

**Pred•çia - ver Prudência****Preeguaço, sb, 4 "Pregação"**

preeguaço (2): " em sua santa preeguaço" (f33r)  
 preeguaçom (1): " em h•a preeguaçom"(f136v)  
 pregaç•es (1): " doraç•es *e* pregaç•es" (f51v)

**Preeguaçom - ver Preeguaço****[Pregaço] - ver Preeguaço****Pregiça - ver Preguiça****Preguiça, sb, 13**

pregiça (1): " da pregiça *e* de como pecam os rreliгиозos" (f1r)  
 pregiça (6): " Hira ••Preguiça • Auareza" (f4r)  
 prigiça (1): " da prigiça E de como pecam" (f6v)  
 prigiça (5): " que he nojo ou prigiça" (f64r)

**Preguiçoso - ver Priguiçoso****Preguiçosso - ver Priguiçoso****Preguntar, v, 6 "Perguntar"**

pregunta (2): " pergunta por seu amigo" (f135r)  
 preguntar (1): " preguntar amehude" (f135r)  
 preguntar• (1): " a quem preguntar•" (f33v)  
 preguntouhos (1): " preguntouhos por *que* a amaua" (f10r)  
 preg•tarom (1): " *quando* preg•tarom a jhesu"(f30r)

**[Preg•tar] - ver Preguntar****Preitesia, sb, 1 "Condições de paz"**

"Capitulação; ajuste; concerto" (Viterbo).  
 "Negociação; ajuste; composição; artigo de paz" (Moraes)

preitesia (1): " A elles nom prouue da preitesia" (f48r)

**[Prelado] – ver Prellado**

**Prellado, sb, 9 "Prelado"**

prelados (3): "exemplo dos m•os prelados" (f15r)

prellado (2): "ham maaos prellado" (f15r)

prellados (4): "prellados da santa jgreia" (f135v)

**Prema, sb, 1 "Disciplina"**

"Vexame; angústia; dar; trabalho; aflição; pena". Forma do séc. XV, do lat. "premo" (Viterbo). "Violência; coação; opressão".

Forma do séc. XIII (Cunha). "Constrangimento; opressão; violência": *Os matrimonios por prema nom ham boa fim* (Morais). "Pressão" (Nunes).

No contexto dado estas acepções não nos pareceram as mais adequadas.

prema (1): "a rreter cõ prema de discreção" (f42r)

**Prender, v, 9**

prender (1): "que o aujã de prender" (f34r)

prenderõno (1): "prenderõno E leuarõno" (f83v)

prendiam (1): "lugar hu prendiam bestas" (f33r)

preso (5): "prenderõno E leuarõno preso" (f81v)

presso (1): "sera presso o catiuo do pecador" (f95r)

**[Prepor], v, 1 "Prepor; antepor; nomear"**

prepooem (1): "mujtos b•s prepooem e n•h•s fazem" (76r)

**Presença – ver Presença**

**Presença, sb, 9**

presença (1): "a alegria de sua presença" (f130v)

presença (8): "em presença dos amigos" (f35v)

**[Presentar], v, 1 "Presentar; apresentar"**

**Cf. [Apresentar]**

presentam (1): "elles o presentam a deus" (f32v)

**Presente, adj, sb, 15**

presente (13): "auangellista que hi era presente" (f36r)

presentes (2): "os malles passados presentes e por v•r" (f66r)

**[Presa] - ver Pressa**

**Pressa, sb, 4 "Pressão; trabalhos"**

"Aperto; trabalho; urgência" (Morais)

presas (2): "miserias e presas deste mundo" (f71r)

pressa (1): "tenperar tam gram pressa" (f95r)

pressas (1): "as miserias e pressas e choros" (f71v)

**Prestes, adj, adv, 4**

prestes (4): "ca eu sam prestes a morrer" (f82v)

"sey prestes a oujir o bem" (f43r)

**Presumir, v, 6**

presumem (1): "alg•s que presumem" (f27v)

presumir (1): "nom deue presumir de sy" (f11r)

presumjr (1): "nom deue presumjr de sy" (f45r)

prosomir (1): "a rrazom faria prosomir" (f17r)

prosume (1): "per soberua quando prosume" (f5r)

prosumir (1): "em prosumir de ssy mais" (f4v)

**Presumjr – ver Presumir**

**Presuntosamente, adv, 1 "Presunçosamente"**

presuntosamente (1): "demandaua presuntosamente" (f49r)

**[Pres•tuosa], adj, 1 "Presuntuoso; presunçoso"**

pres•tuosa (1): "sem uergonha he pres•tuosa" (f17r)

**Prezar, v, 12**

preça (2): "se conhece e menos se preça" (f21r)

preçada (1): "quer seer doutr• preçada" (f20v)

preçadas (1): "buscar ujandas preçadas" (f8r)

preçado (1): "seras delle mais preçado" (f21r)

preçares (1): "quanto menos te preçares" (f21r)

prezadas (1): "sam prezadas do mundo" (f146v)

prezado (1): "nem deseje seer prezado" (f15v)

prezar (2): "prezar contra o bem da lealdade" (f82r)

prezarsshe (1): "Prezarsshe pouco E assy auera deus" (f62r)

preze (1): "que se nom preze" (f15v)

**[Priçioso] - ver Preçioso**

**Prigixa - ver Preguiça**

**Priguiça - ver Preguiça**

**Priguiçoso, adj, sb, 10 "Preguiçoso"**

preguiçoso (1): "ao trabalho preguiçoso" (f115v)

preguiçossa (1): "he fria e preguiçossa" (f39v)

preguiçosso (1): "ho pregui<ç>osso quer" (f115v)

priguiçosa (1): "he priguiçosa em buscar" (f136r)

priguiçosas (1): "seiam frias e priguiçosas" (f7r)

priguiçoso (3): "e lasso e priguiçoso" (f7r)

priguiçosos(1): "sam negrigentes e priguiçosos" (f6r)

priguiçossos (1): "aos priguiçossos que sã molles" (f22r)

**[Priguiçosso] - ver Priguiçoso**

**Prima, sb, 2 "Primeira"**

prima (2): "A ora de prima" (f34v)

"deue seer a prima das quatro" (f44v)

**Primçepall - ver Prinçepall**

**Primeiramente, adv, 3**

primeiramente (2): "Primeiramente os olhos" (f96r)

primeyramente (1): "Primeyramente elles viuem" (f45v)

**Primeiro, num, adj, 145**

primeira (55): "encher a primeira fosa" (f22v)

primeiro (87): "Este he o primeiro dardo" (f23v)

primeiros (2): "os primeiros filhos disrraell" (f53r)

prymeiro (1): "O prymeiro fruyto" (f58r)

**Primeyramente – ver primeiramente**

**Primogenjto, adj, 1 "Primogénito"**

primogenjto (1): "a auer como primogenjto" (f13v)

**Prinçepall, adj, sb, 13 "Principal"**

primçepall (3): "primçepall degraao damor" (f125r)

prinçepaaes (1): "os prinçepaaes som sete" (f4r)

prinçepall (8): "ha hua porta prinçepall" (f41r)



princípall (1): " o princípall bem" (f133r)

**Prinçepallmente, adv, 2 "Principalmente"**

prinçepallmente (1): " prinçepallmente aos domingos" (f50v)

prinçepalmente (1): " prinçepalmente ha honrra" (f78r)

**Prinçepalmente - ver Prinçepallmente**

**[Prinçepe], sb, 1 "Príncipe"**

prinçepes (1): " servir os nobres prinçepes" (f32r)

**Prinçipall - ver Prinçepall**

**[Prior], sb, 1**

priores (1): " dentender os abades e priores" (f76v)

**Prisam – ver Prisom**

**Prisom, sb, 5 "Prisão"**

prisam (1): " seer metido em prisam" (f86v)

prisom (4): " compre prisom e carçer" (f44r)

**[Priuilegio] - ver Priuilegio**

**Priuilegio, sb, 2 "Privilégio"**

priuilegios (1): " priuilegios de todas uirtudes" (f1r)

priuilegio (1): " espiçiall priuilegio de deus" (f142r)

**Probe - ver Pobre**

**[Proceder], v, 2**

procedem (2): " rramos que deles procedem" (f4r)

**Procurar, v, 8**

procura (2): " çerto bem procura por Nos" (f40r)

procurã (1): " procurã os vicios do mundo" (fVIIr)

procuram (1): "procuram os viçios do m•do" (f116r)

procurando (1): "em procurando e em fazendo" (f9v)

procurar (2): " procurar e buscar confessor" (f2r)

procurou(1): "diaboo que primeiro procurou" (f75r)

**Profaço, sb, 1 "Prefácio"**

profaço (1): " canta cada dia no profaço" (f54v)

**Profeçia, sb, 1 "Profecia"**

profeçia (1): " que se conprio a profeçia" (f35v)

**Profeçom - ver Perfeçom**

**Professo, sb, 1**

professo (1): " he theudo por professo" (f11r)

**Profeta, sb, 13**

profeta (11): " disto diz naum profeta" (f70r)

proffeta (1): "Daujd o proffeta" (f144r)

propheta (1): " dazechiell propheta" (f70r)

**Proffeta - ver Profeta**

**Proff•deza – ver Profundeza**

**Profissom, sb, 1 "Profissão"**

profissom (1): " e quando faz profissom" (f11r)

**Profundamente, adv, 4**

profundamente (4): "de profundamente gemer" (f1v)

**Profundeza, sb, 6**

proff•deza (1): " proff•deza do mar" (f64r)

profundeza (5): " he profundeza dolhos" (f129v)

**Profundo, adj, 15**

porfundo (1): " dauer aliçeçe porfundo" (f19r)

profunda (1): "seram de profunda humildade" (f20v)

profundas (3): " de dobres fossas profundas" (f55v)

profundo (7): " aalma do profundo jnferno" (f85v)

profundos (3): " ha os olhos profundos" (f130r)

**Proleguo – ver Prologo**

**Prologo, sb, 4 "Prólogo"**

proleguo (1): " Aquy se acaba o proleguo" (f85r)

prologo (3): " em que se começa o prologo" (f84r)

**[Promessa], sb, 1**

promessas (1): " dões Nem promessas" (f101v)

**[Prometer], v, 10**

pormete (1): " deus pormete perdom" (f14v)

promet• (1): " promet• e pouco paguam" (f76r)

promete (5): " promete deus per Jeremhias" (f109r)

prometeo(2): "elle prometeo no euangelho" (f19r)

prometida (1): " pobreza que os rreliçiosos ham prometida" (f15v)

**Promissom, sb, 1 "Promissão"**

promissom (1): " espritu da santa promissom" (f118v)

**[Pron•çiar], v, 1 "Pronunciar"**

pron•çiada (1): "da boca de deus E he pron•çiada" (f44v)

**Propheta - ver profeta**

**Propiamente – ver Propriamente**

**Proopiedade – ver Propriedade**

**Propio – ver proprio**

**Proposito, sb, 11 "Propósito"**

proposito (7): " pos em obra seu b• proposito" (f64v)

propositos (4): "apaguees os b•s propositos" (f78v)

**Propriedade, sb, 4 "Propriedade"**

propiedade(1): "propiedade em os rreliçiosos" (f7r)

propriadade (2): " Propriadade em rreliçiosos" (f7v)

propriedade (1): "propriedade em os rreliçiosos" (f1r)

**Propriamente, adv, 4**

propriamente (3): "propriamente defaleçidas" (f127r)

propriamente (1): " diz assaz propriamente" (f130r)

**Propriedade – ver propriidade**

**Proprio, adj, 18 "Próprio"**

propia (3): " de sua propia conçiencia" (f72v)

propias (1): " E as suas propias" (f74v)

propio (2): " de seu propio estado" (f24r)

propria (9): " sua propria naçença" (f55v)

proprio (3): " seu proprio estado" (f22v)

**Prosomir - ver Presumir**

**Prosumir - ver Presumir**

**Protestaçõ, sb, 1 "Protestação; protesto"**

protestaçõ (1): " sem fazer protestaçaõ" (f11r)

**Proua, sb, 1 "Prova"**

proua (1): " Desto nom he necessaria proua" (f132r)

**Prouar, v, 23 "Provar; demonstrar; degustar"**

proua (2): " *que* proua o b • *vinho*" (f116r)

prouadas (2): " nem as auemos prouadas" (f116r)

prouado (3): " he prouado como o ouro" (f27v)

prouados (1): " que teendes bem prouados" (f67v)

proualloeamos (1): " proualloeamos por quatro rraz • es" (f121v)

prouar (8): " prouar *per* muytos enxenpros" (f82r)

" da a prouar seu b • *vinho*" (f118v)

prouarõ (1): " aquellos que o prouarõ" (f119r)

prouarom (2): " aquellos que o prouarom" (f58r)

prouou (3): " Ella prouou e uio" (f116v)

**[Prouehudo] - ver Proueudo**

**Proue - ver Pobre**

**Proueito, sb, 23 "Proveito"**

proueito (19): " sabe que he seu proueito" (f12r)

proueitos (3): " faz muytos proueitos" (f38v)

prouejto (1): " o prouejto de minha aalma" (f50r)

**Proueitosamente, adv, 2 "Proveitosamente"**

proueitosamente (2): " orar proueitosamente" (f51r)

**Proueitoso, adj, 19 "Proveitoso"**

proueitosa (8): " tam proueitosa uyanda" (f61r)

proueitosas (3): " singulares e proueitosas" (f28r)

proueitoso (5): " neçessario e proueitoso" (f94v)

proueitosos(3): "pensam • tos muj proueitosos" (f55v)

**Prouejto – ver Proueito**

**Prouerbio, sb, 18 "Provérbio; adágio"**

prouerbio (9): " se diz h • prouerbio com •" (f88r)

**Prouerbios, sb, 12 "Provérbios (Livro dos)"**

prouerbios (12): " he *scripto nos* prouerbios" (f67r)

**Proueudo, adj, 5 "Próvido; acautelado; providente; cauteloso; prudente".**

prouehudos (1): " elles fossem prouehudos" (f71v)

proueudo (3): " o castello çercado e proueudo de porteiros" (f44v)

proueudos (1): " E assy fossem proueudos" (f84v)

**Prouximo, sb, 31 "Próximo"**

prouximo (8): " Tu amaras teu prouximo" (f30r)

prouximos (16): " E a nossos prouximos" (f55v)

proximos (7): " a *deus* e a uossos proximos" (f16r)

**Proximo – ver Prouximo**

**Prudência, sb, 7 "Prudência"**

pred • çia (1): " *pred • çia e* descreçom" (f17r)

prudência (6): " vergonha sem prudência" (f17r)

**Prudência, np, 1 "Prudência"**

prudência (1): " Prudência diz a *uirtude*" (f29v)

**Prymeiro – ver Primeiro**

**Pulgua, sb, 1 "Pulga"**

pulgua (1): " hua pulgua os morda" (f96r)

**pulsso, sb, 7 "Pulso"**

pulsso (7): " do pulsso desordenado" (f134r)

**[Punj] - ver Ponjr**

**[Punyr] - ver Ponjr**

**Puramente, adv, 5**

puramente (5): " Confessar puramente" (f69v)

**Pureza, sb, 5**

pureza (5): " *vijr* senom *per* pureza" (f31r)

**Purgar, v, 13**

purgar (2): " *pera* purgar ho homem" (f63r)

purgua (2): " purgua de toda cobjça" (f60r)

purguada (1): " he melhor purguada" (f125r)

purguado (1): " me aches purguado" (f65r)

purguados (2): "purguados de nossos pecados" (f58v)

purguam (2): " purguam a alma mais" (f12v)

purguar (2): " *pera* purguar ho homem" (f63r)

purgauaes (1): " purgauaes os outros" (f34v)

**Purgatiuo - ver Purgatiuo**

**Purguar - ver Purgar**

**purgatiuo, adj, 8 "Purgativo"**

purgatiuo (2): " caminho *que* he purgatiuo" (fVIIv)

purgatiuo (6): " que o caminho purgatiuo" (f125r)

**Purgatorio, sb, 6 "Purgatório"**

purgatorio (6): " as penas do purgatorio" (f63r)

**Puro, adj, 19**

puro (9): " beuer de uinho muy puro" (f107r)

pura (10): " por ssua pura bondade" (f32v)

**Purpura, sb, 1 "Púrpura"**

purpura (1): " desy uisterõno de purpura" (f35r)

**Purtugues, sb, 1 "Português"**

purtugues (1): " nom foram tomadas em purtugues" (f57v)

**[Puryficar], v, 1 "Purificar"**

puryfica (1): " elle puryfica a alma" (f59r)

**Pusilanimidade, sb, 1**

pusilanimidade (1): " pusilanimidade alg • as uezes ueem de soberua" (f4v)

# Q

## **Qua, conj, 5 "Pois; que"**

qua (5): "qua jsto nom sera desta ujda" (f125v)  
"a todos os santos qua ajam piadade" (f48v)  
"descarneçer • delle qua pusilanimidade" (f4v)

## **Quão – ver Quando**

## **Qual – ver Quall**

## **Quall, pr, 81 "Qual"**

aaquall (2): "allegria perduraujll. aaquall nos leue" (f18v)  
aquall (1): "montâha. em aquall" (f22r)  
quaaes (18): "e quaaes sã os prazeres" (f115r)  
qual (4): "Capitollo CLRij em o qual ajunta" (f138v)  
quall (49): "Pello quall enbeuedamento" (f148v)  
quaees (7): "cousas em as quaees a honrra" (f91v)

## **Quallidade, sb, 1**

quallidade (1): "a quallidade dos pecados" (f99r)

## **Quall quer, pr, 12 "Qualquer"**

quall quer (12): "faça outra quall quer cousa" (f26r)

## **Quam, adv, 1 "Quão"**

quam (1): "quam alto queremos nos aleuantar  
nosso edefiçio" (f147v)

## **Quamdo – ver Quando**

## **Quamto – ver Quanto**

## **Quando, conj, 222**

cãdo (1): "Cãdo daujd as nom pode dizer" (f96v)  
quãdo (10): "Quãdo o homem he beuedo" (f118v)  
quamdo (10): "quamdo homem teme deus" (f54r)  
quando (201): "que quando me chamares" (f65r)

## **Quantar - ver Cantar**

## **Quanto, pr, 91**

quamto (1): "E quamto he mais rrica" (f46r)  
quantas (4): "quantas uezes e em quantas  
maneiras" (10v)  
quanto (66): "a dizer quanto lhe deu de  
consintimento" (f13r)  
quantos (4): "quantos e quaaes sã os prazeres" (f115r)  
quãto (6): "quãto mayor he menos luzira" (f99v)

## **Quandydade, sb, 1 "Quantidade"**

quandydade (1): "e beuer em quandydade" (f8r)

## **Quareenta, num, 1 "Quarenta"**

quareenta (1): "E per quareenta dias" (f38v)

## **Quareesma, sb, 1 "Quaresma"**

quareesma(1): "na quareesma nõ pod • jejuar" (f93v)

## **Quarto, num, 62**

quarta (39): "Esta he a quarta cõdiçom" (f13v)  
quarto (23): "do quarto enpacham • to" (f74v)

## **Quão – ver Quanto**

## **Quatro, num, 60**

quatro (60): "uistis os quatro signaaes" (f18v)

## **Que, pr, 1144**

"o enpacho que homem filha" (f3v)

## **Que, conj, 1981**

"homem saber que o veem" (f4v)

## **Qu • – ver Quem**

## **Quebrantar, v, 1**

quebrantar (1): "pera quebrantar os jmijgos" (f29v)

## **[Quebrar], v, 4**

quebra (2): "quebra os jej • s da sãta jgreia" (f8r)  
quebrarõse (1): "quebrarõse as pedras e termeo a  
terra" (f36v)  
quebrasse (1): "quebrasse os olhos dereitos" (f48r)

## **[Quedar], v, 1**

queda (1): "he ferido nom queda braadar" (f73v)

## **Queente, adj, 2 "Quente"**

queente (1): "em h • forno queente" (f85v)  
qu • te (1): "Nem augua qu • te" (f33r)

## **Queentura, sb, 6 "Quentura"**

queentura (3): "sede e frio e queentura" (f33r)  
qu • tura (1): "sera departida da qu • tura" (f99v)  
quemtura (1): "a quemtura da caridade" (f76v)  
quentura (1): "quentura e freura sam contrairos" (f95v)

## **Qu • te - ver Queente**

## **Queimador, adj, 2**

queimador (2): "grande uento queimador" (f128v)

## **Queimar, v, 9**

queima (3): "o foguo materiall queima" (f99r)  
queimar (1): "enfeixados pera os queimar" (f90r)  
queimara (1): "foguo perdurauell os queimara" (f97v)  
queimarõ (1): "os queimarõ sem fim" (f95v)  
queyma (2): "o tiçom que queyma" (f81r)  
queymara (1): "jnferno queymara os danados" (f88v)

## **Queixar, v, 6**

queixa (1): "se queixa dedordenadamente" (f12v)  
queixandosse (1): "mostrasse a todos  
queixandosse" (f73v)  
queixar (1): "nom se queixar nem braadar" (f40v)  
queixaste (1): "te queixaste tu de sede" (f36v)  
queixaua (2): "desto se queixaua Jheremjas" (f116v)

## **Queixoso, adj, 2**

queixoso (1): "fez queixoso o seu deus" (f10v)  
queixosso (1): "sera o juiz queixosso" (f95r)

## **Queixosso - ver Queixosso**

## **Queixume, sb, 2**

queixume (2): " Nem sofre *queixume*" (f143r)

#### **Quejando, adj, 4**

quejanda (1): " *quer* aprender *quejanda*" (f120r)  
quejandas (1): " tu soubesses *quejandas* sam" (f85v)  
quejando (2): " se homem sabe *quejando* he oje" (f24v)

#### **Quem, pr, 197**

qu • (1): " qu • tem b • s amigos" (f94v)  
quem (196): " *quem* rroque por mim" (f101v)

#### **Quemtura - ver Queentura**

#### **Quentura - ver Queentura**

#### **Querella, sb, 4**

querella (4): " auerom dereito na querella" (f102v)

#### **Querença - ver Mall querença**

#### **Querer, v, 319**

queira (13): " que queira obedecer" (f24r)  
queiraaes(2): "me *queiraaes* em ella rregeber" (f82v)  
quer (195): " quem se bem *quer* confesar" (f4r)  
quer • (12): " quer • ponjr em ho outro" (f88r)  
querees (4): " que o querees crufificar" (f35r)  
querem (16): " nom querem *creer* conselho" (f6r)  
queremos (4): " *que* nos queremos edeficar" (f19r)  
querendo (1): " *querendo* daujd *mostrar*" (f108v)  
querer (6): " E *querer* a saude de todos" (f30v)  
queres (8): " *queres* auer fremosura" (f31v)  
queria (12): " quando *queria* orar" (f51r)  
queriã (1): " nom lho *queriã* outorguar" (f82v)  
queriamos (1): " a elles o que *queriamos*" (f55v)  
quero (8): " quero emssinar a todos" (f1r)  
quiria (1): " erodes que o quiria mathar" (f104v)  
quis (8): " que por nos quis morrer" (f138v)  
quiser (8): " *e dizer* o que *quiser*" (f6r)  
quisera (2): " bem o quisera auer" (f3r)  
quiserem (1): " *que* a elle *quiserem* tornar" (f36r)  
quiseres (2): " Quando tu *quiseres* orar" (f51r)  
quisese (1): " *deles* *quisese* trauctar" (f4r)  
quisesse (3): " como se *quisesse* dizer" (f147r)  
quisessemos (1): " quãdo *quisessemos* orar" (f51r)  
quisesses (1): " Poderias *auer* se *quisesses*" (f113v)  
qujs (3): " o qujs *fazer* aa ssua ymagem" (f32r)  
qujsea (1): " a uyo *e* qujsea *auer*" (f0r)  
qujser (1): " Honde o espritu *qujser*" (f113r)  
qujserem(1): "houirem todo o que *qujserem*" (f114v)  
quys (2): " nã no quys beuer" (f36v)

#### **Querer, sb, 1**

querer (1): " *acreçente* o *querer* do coração" (f130v)

#### **Qu•tura - ver Queentura**

#### **[Queymar] - ver Queimar**

#### **[Quinhentos], num, 1**

quinhentas (1): " nomeou bem *quinhentas* uezes" (f145r)

#### **[Quinhoejro], sb, 1 "Quinhoeiro"**

quinhoejros (1): " seiam *quinhoejros* nos b • s" (f141v)

#### **Quinto, num, 29**

quinta (12): " A *quinta* cousa he fieldade" (f82r)  
quinto (14): " pollo *quinto* degraa" (f141r)  
quynta (2): " A *quynta* porta he o tocamento" (f44r)  
qu • to (1): " seneficado no qu • to seello" (f75v)

#### **[Quirer] - ver Querer**

#### **Quitar - ver Quytar**

#### **[Qujtar] - ver Quytar**

#### **Quy, adv, 2 "Aqui"**

quy (2): " E per cuja ajuda atee *quy*" (f150r)

#### **[Quynto] - ver Quinto**

#### **Quytar, v, 6 "Quitar; desobrigar"**

quitar (1): " por *quitar* a morte da alma" (f2r)  
qujto (1): " eu me *qujto*." (f12r)  
quytar (2): "quytar as penas do purgatorio" (f63r)  
quyte (2): " sua lealldade *quyte* de morte" (f83v)

#### **Qu•to - ver Quinto**

## **R**

#### **Religioso - ver Rreligioso**

#### **Rrabano, np, 2**

rrabano (2): "rrabano diz em este sacram • to" (f60v)

#### **Rrachell, np, 2 "Raquel"**

Rrachell (2): "Jacob nom pode *auer* Rrachell" (f115v)

#### **Rracto - ver Rrauto**

#### **Rrainha, sb, 3 "Rainha"**

rainha (2): " *rrainha* sabba que veo a *Jherusalem*" (f106r)  
rraynha (1): " *malliça* que he *rraynha* do mundo" (f84v)

#### **Rraiz, sb, 1 "Raiz"**

raiz (1): " *rraiz* *e* começo de todos malles" (f3v)

#### **[Rramo], sb, 5 "Ramo"**

rramos (5): " diuersas *speçias* *e* rramos dela" (f7v)

#### **Rrauto, adj, 3 "Arrebatado" (Morais)**

rracto (1): " ssam paullo *que* ja fora *rracto* no paraíso" (f52r)  
rrauto (2): " depois foy *rrauto* no paraíso" (f145r)

#### **Rraynha - ver Rrainha**

#### **Rrayo, sb, 1 "Raio"**

rrayo (1): " *yllumjnada* do rrayo do uerdadeiro soll"

(f21r)

## **Rrazõ - ver Rrazom**

### **[Rrazoado], adj, 1 "Razoado"**

rrazoada (1): "aal • de rrazoada neçessidade" (f43v)

### **Rrazom, sb, 65 "Razão"**

rrazõ (14): "busca o alheo *per* maa rrazõ" (f7r)  
rrazom (40): "A quarta rrazom he" (f81v)  
rraz • es(10): "pode *prouar per* tres rraz • es" (f87r)  
rrazooes (1): "Ajnda por quatro rrazooes" (f105r)

### **[Rrebeuer], v, 1 "Beber (muito; mais)"**

rrebeuendo (1): "em beuendo *e* rrebeuendo" (f140v)

### **Rrecayr, v, 1 "Recair"**

rrecayr (1): "peor he rrecayr que cayr" (f52v)

### **Rreçeador, adj, 1 "Receoso"**

rreçeador (1): "rreçeador nas bem auenturanças" (f69r)

### **Rreçear, v, 7 "Recear"**

rreçea (3): "nõ rreçea alg • seer partido" (f53v)  
rreçeam (1): " *Aquelles* que nõ rreçeam" (f79v)  
rreçear (2): "nom deuia de rreçear o trabalho" (f123v)  
rreçees (1): "Nom rreçees de beuer" (f124r)

### **Rreçebedor, adj, 1 "Recebedor"**

rreçebedor (1): "rreçebedor ante ha hi deferença" (f39r)

### **Rreçeber, v, 82 "Receber"**

rreçebamos (5): "que rreçebamos pobres" (f79v)  
rreçebe (15): "rreçebe beneficios de *deus*" (f133r)  
rreçeb • (2): " *que* com • guam *e* rreçeb • " (f60v)  
rreçebeco (2): "graças *que* rreçebeco de *deus*" (f11v)  
rreçebello (1): "rreçebello humjldosamente" (f39v)  
rreçebem (12): "rreçebem este sacramento" (f61r)  
rreçebenos (1): "rreçebenos na ora da morte" (f25r)  
rreçebeo (4): "rreçebeo em o seu honrrado castello" (f1r)  
rreçeber (21): "quer rreçeber em segredo" (f79r)  
rreçebera (3): "rreçebera coroa de uja" (f29r)  
rreçeberees (1): "nom rreçeberees emguano" (f79v)  
rreçeberey (1): "eu te rreçeberey doçemente" (f18r)  
rreçeberõ (1): "ally rreçeberõ os m • os" (f26r)  
rreçebes (1): "se tu nom rreçebes" (f50r)  
rreçebesse(1): "rreçebesse com gram prazer" (f136v)  
rreçebeste (1): "rreçebeste os b • s em tua uja" (f117v)  
rreçebi (1): "que digua ja rreçebi" (f142v)  
rreçebia (3): "a rreçebia por seu amigo" (f82v)  
rreçebida (1): "aparelhada ela he rreçebida" (f149v)  
rreçebido (5): "seria rreçebido aquelle corpo" (f38r)  
rreçebidos (1): "agradeçimento dos b • s rreçebidos" (f32r)

### **Rrecobrar, v, 9 "Recobrar"**

rrecobra (2): "rrecobra a *graça* ante *perdida*" (f17r)  
rrecobrada (2): "nom podia seer rrecobrada" (f3v)  
rrecobrado (1): "cayo sem seer rrecobrado" (f142v)  
rrecobrar (3): "pode rrecobrar sua vijrgijdade" (f18r)  
rrecobrarom (1): "rrecobrarom *per* triguosamente correr" (f146v)

### **Rrecompensar, v, 1 "Recompensar"**

rrecompensar (1): "rrecompensar tall cortessya" (f32v)

### **Rrecordar, v, 7 "Recordar"**

rrecordando (2): "rrecordando *seus* pecados" (f56r)  
rrecordar(2): "rrecordar os benefícios de *deus*" (f55v)  
rrecordarey (1): " *quer* dizer eu rrecordarey" (f86v)  
rrecordasse (1): " *e* se rrecordasse amehude" (f16r)  
rrecordassemos (1): "rrecordassemos • h • a breueza por melhor rreter" (f138v)

### **[Rrecreçer], v, 1 "Recrescer"**

rrecreçe (1): "ltaa que trosquya de sobre as ouelhas rrecreçe" (f98r)

### **Rrede, sb, 3 "rede"**

rede (3): "diaboo em sua rede" (f20r)

### **Rrefazemento, sb, 1 "Refocilamento"**

rrefazemento (1): "acharees rrefazemento" (f140r)

### **Rrefeiçom, sb, 3 "Refeição"**

rrefeiçom (3): "ujanda *per* nossa rrefeiçom" (f32v)

### **Rreformat, v, 2 "Reformar"**

rreforma (1): "rreforma no corpo" (f59r)  
rreformat (1): "rreformat *e* acordar esta liança" (f124v)

### **Rrefugio, sb, 2 "Refúgio"**

rrefugio (2): "rrefugio contra as tentaç • es" (f48v)

### **[Rregedor], sb, 1**

rregedores (1): "rregedores da sãta jgreia" (f135r)

## **Rregno - ver Rreyno**

### **[Rregnar] - ver Rreinar**

### **[Rreiguado], adj, 1 "Arreigado"**

rreiguada (1): "no coraçõ rreiguada" (f21v)

### **Rreinar, v, 7 "Reinar"**

rreignaremos (1): "nom rreignaremos *com* elle" (f116r)  
reina (1): "uiue *e* reina sem fim" (f103v)  
rreinar (1): "leixo eu rreinar" (f15r)  
rreinara (1): "que rreinara sobre os danados" (f111r)  
rreyna (3): "*deus* que viue *e* rreyna" (f150v)

## **Rreino - ver Rreyno**

### **[Rrei] – ver Rrey**

### **Rrej – ver Rrey**

### **[Rreleuar] - ver [Rrelleuar]**

## **Rreligiom - ver Rrelligiom**

### **Rreligioso, sb, adj, 37 "Religioso"**

rreligioso (1): " *perijgosa* cousa ao religioso" (f1v)  
rreligiosas (2): "os rreligiosos *e* rreligiosas" (f1v)  
rreligioso (3): "o rreligioso pode ganhar paz" (f14v)  
rreligiosos (11): "pecam os hom • s rreligiosos" (f6r)  
rreligiosso(1): "o rreligiosso pode ganhar paz" (f1v)

rreligiosos (2): "trauta dos rreligiosos" (f7v)  
rreligiosa (4): "da pessoa rreligiosa" (f46v)  
rreligiosas (2): "rreligiosas que desamam" (f13v)  
rreligioso (2): "deue o b • rreligioso" (f15r)  
rreligiosos (8): "hordenarom os rreligiosos" (f43r)  
rrellygiosos (1): "rrellygiosos e rreligiosas" (f9v)

**Rreliossio - ver Rreliossio**

**Rrellegiom - ver Rrellegiom**

**[Rreleuado], adj, 1 "Relevado"**

rreleuado (1): "he socorrido E rreleuado" (f49r)

**[Rreleuar] - ver [Rreuellar]**

**Rrelligiõ - ver Rrelligiom**

**Rrelligiom, sb, 15 "Religião"**

rreligiom (3): "por rreligiom ou por linhagem" (f4v)  
rrellegiom (3): "tres uotos da rrellegiom" (f11r)  
rrelligiõ (2): "pesoas da rrelligiõ" (f51v)  
rrelligiom (7): "em obediência de rrelligiom" (f2r)

**Rrelligioso - ver Rrelligioso**

**[Rrelluzir], v, 1 "Reluzir"**

rrelluze (1): "nom rrelluze a jmagem do criador" (f143r)

**[Rrellygios] - ver Rrelligioso**

**Rremedio, sb, 4 "Remédio"**

rremedio (4): "remedio *contra* as tentaç•es" (f49r)

**Rremijmento, sb, 3 "Remissão; resgate; perdão" (Viterbo).**

rremijmento(3): "em *preço* de rremijmento" (f41r)

**Rremijr, v, 1 "Remir"**

rremijr (1): "cuidou rremijr seu pecado" (f3v)

**[Rrenda], sb, 1 "Renda"**

rrendas (1): "maiores ham rrendas" (f7v)

**[Rrender], v, 2 "render"**

rrenda (1): "ou *preso* ou se rrenda" (f45v)  
rrendem (1): "se sse lhe nom rrendem" (f21v)

**Rrendiçõ, sb, 1 "Rendição" "Redenção; remiçõ; resgate, preço com que se compra a liberdade" (Morais). "Pagamento" (Viterbo).**

rrendiçõ (1): "se deu por tua rrendiçõ" (f33v)

**[Rrenegar], v, 2 "Renegar"**

rrenegou (2): "pecado *que* o rrenegou" (f142v)

**[Rren•cyar], v, 1 "Renunciar"**

rren•cye (1): "rren•cye os pecados" (f1v)

**[Rrepartir], v, 1 "Repartir"**

rrepartido (1): "he necessário seer rrepartido" (f43v)

**[Rrepeender] - ver Rrepreender**

**[Rreponder] - ver [Rrepreender]**

**[Rreportar], v, 2 "Reportar"**

rreportado (1): "nos seia bem rreportado" (f62v)  
rreportarom (1): "que rreportarom suas obras" (f26r)

**Rreposta, sb, 3 "Resposta"**

rreposta (1): "a rreposta branda quebra a yra" (f144v)

rrepostas (2): "dando maas rrepostas" (f73v)

**Rrepousar, v, 2 "Repousar"**

rrepousado (1): "de seer farto e rrepousado" (f140r)

rrepousar (1): "rrepousar o rrey do çeeo" (f77r)

**Rrepr•demento - ver Rrepreendimento**

**[Rrepr•der] - ver Rrepreender**

**Rrepr•dimento - ver Rrepreendimento**

**Rrepreender, v, 18 "Arrepreender"**

rrepeende(1): "uerdadeiramente se rrepeende" (f13v)  
rrepeendida (1): "E h • a corruta rrepeendida" (f16v)  
rrependiam(1): "rrependiam de *seus* pecados" (f33v)  
rrepr•dido (1): "confessado e repr•dido" (f14r)  
rrepreenda (2): "uaidade logo se rrepreenda" (f4v)  
rrepreende(6): "de *seus* pecados se rrepreende" (f18r)  
rreprendem (2): "de b • coração se rreprendem" (f14v)  
rrepreender (1): "aja cousa que rrepreender" (f47r)  
rrepreenderõno(1): "Enpero rrepreenderõno" (f144v)  
rreprendido (2): "rreprendido de *seus* pecados" (f58r)

**Rrepreender, v, 10 "Repreender"**

rreprendem (1): "se uos rreprendem de uossas fauctas" (f67v)  
rrepreende (3): "Esta gente rrepreende sam gregorio" (f138r)  
rrepreender (3): "pode rrepreender os malldizentes" (f43r)  
rreprehender (1): "amarguosamente rreprehender" (f147v)  
rreprende (1): "rreprende e plasma" (f138r)  
rreprendidos (1): "e nõ serees rreprendidos" (f62v)

**Rrepreendimento, sb, 6 "Arrepreendimento"**

**"Acto de repreender, criticar, censurar" (Machado).**

rrepr•demento (1): "rrepr•demento dos pecados" (f85v)  
rrepr•dimento (1): "do rrepr•dimento deue v • jr aa confisom" (f2r)  
rrepreendimento (2): "uerdadeiro rrepreendimento de *seus* pecados" (f103r)  
rreprendimento (2): "o tardinheiro rreprendimento" (f88v)

**[Rrepreensõ], sb, 1 "Repreensão"**

rrepreenss•es (1): "rrepreenss•es e corregimentos" (f43r)

**Rreprehender - ver Rrepreender**

**[Rrepreender] - ver Rrepreender**

**Rreprendimento - ver Rrepreendimento**

**Rrepresentaçom, sb, 1 "Representação"**

rrepresentaçom (1): "assy como h • a

rrepresentaçom" (f137r)

### **Rrequerer, v, 14 "Requerer"**

rrequere (6): " rrequere ho uaso muj linpo" (f117r)  
rrequerellos (1): " rrequerellos deuotamente" (f68r)  
rrequerem (3): " se rrequerem aa uerdadeira confisom" (f10v)  
rrequerer (1): " cõ ujueza rrequerer *deus*" (f68v)  
rrequerermos (1): "esperamça de o rrequerermos" (f49r)  
rrequereronlhe (1): " E rrequereronlhe paz" (f48r)  
rrequerir (1): " *quer* assy como rrequerir paz" (f48r)

### **Rrequerir - ver Rrequerer**

### **Rrequeza - ver Rriqueza**

### **Rresestir - ver Rresistir**

### **Rresistir, v, 2 "Resistir"**

rresestir (1): " possa rresestir aas tentaç•es" (f59v)  
rresistir (1): " Nem pode rresistir alg• uyçio" (f8r)

### **Rrespeito - ver A rrespeito de**

### **[Rrespomder] - ver Rresponder**

### **Rresponder, v, 15 "Responder"**

rrespomdeo (1): " E daujd lhe rrespomdeo" (f131r)  
rrespomdera (1): " polla pena rrespomdera" (98v)  
rrespondem (2): " jsto rrespondem as grosas" (f98v)  
rrespondeo (3): " rrespondeo. Tu amaras " (f30r)  
rresponder (3): "h•a soo pallaura rresponder" (f34v)  
rrespondera (1): "pecado rrespondera a pena" (f99r)  
rresponderõ (1): " elles rresponderõ " (f35r)  
rresponderom (1): " E elles rresponderom! (f10r)  
rrespondo (1): " A jsto uos rrespondo" (f125r)  
rrespondõ (1): " que lhe elles rrespondõ" (f135v)

### **[Rresprandeçer], v, 1 "Resplandecer"**

rresprandeçeo (1): " ta face rresprandeçeo como o ssoll" (f119v)

### **[Rressoçitar] - ver [Rresuçitar]**

### **Rressurgir, v, 5 "Ressurgir; ressuscitar"**

rressurgir (1): " de rressurgir da morte" (f38v)  
rressurgira (3): " rressurgira sem corr•çom" (f112v)  
rresurgio (1): " ao terçeiro dia rresurgio" (f38v)

### **[Rrestetuir], v, 1 "Restituir"**

rrestetue (1): " este sacram•to rrestetue" (f59r)

### **[Rresuçitar], v, 2 "Ressuscitar"**

rressoçitou (1): " elle rressoçitou de morte" (f59v)  
rresuçitara (1): "rresuçitara da morte aa ujda" (f38v)

### **[Rressurgir] - ver Rressurgir**

### **Rreteer, v, 16 "reter"**

rret• (1): " rret• o sabor que peenssa" (f13v)  
rreteer (8): " de o auer *e torto* o rreteer" (f7r)  
rrettem (6): " nom rrettem sua lingua" (f42r)  
rretheuda (1): " Pero pode seer rretheuda" (f43r)

### **[Rreter] - ver Rreteer**

### **Rretraer, v, 7 "Retrair; impedir; afastar"**

rretraae (2): " cousa que rretraae muitos" (f76v)

rretrae (1): " o mundo se rretrae" (f24r)

rretraensse (1): " rretraensse por que nom veem" (f129v)

rretraer (2): " muyto faz rretraer o diaboo" (f23v)

rretraerem(1): "se rretraerem de *seus* pecados" (f85r)

### **Rreuelaçom, sb, 2 "Revelação"**

rreuelaçom (1): " rreuellou *e* tall rreuelaçom" (f3r)

rreuellaçom (1): " esta *primeira* rreuellaçom" (f73r)

### **Rreuellaçom - ver Rreuelaçom**

### **[Rreuellar], v, 4 "Revelar"**

rreluou (1): " lhe rreluou ho mesteryo" (f73r)

rreuellam (1): " se alg•s se rreuellam" (f44r)

rreuellou (2): " o que de ssy rreuellou" (f3r)

### **Rreuer•ça - ver Rreuerença**

### **Rreueremça - ver Rreuerença**

### **Rreuerença, sb, 5 "Reverência"**

rreuer•ça (1): " uos ame cõ rreuer•ça" (f69r)

rreueremça (1): " A *primeira* he rreueremça" (f92r)

rreuerença(3): "fazer lhe honrra *e* rreuerença" (f15v)

### **Rreuerençial, adj, 5 "Reverencial"**

rreuerençiall (5): " rreuerençiall humjldade" (f39v)

### **Rreuessar, v, 2 "revessar; vomitar"**

rreuessa (1): " quando homem se rreuessa" (f8r)

rreuessar (1): " em uoomtade de rreuessar" (f120r)

### **Rreuogar, v, 2 "Anular; revocar".**

rreuogar (1): " nom podemos rreuogar" (f62v)

rreuoguar (1): " ellas fazem rreuoguar" (f45r)

### **Rreuoguar - ver Rreuogar**

### **Rreuyuer, v, 1 "Reviver"**

rreuyuer (1): " este sacramento faz rreuyuer" (f59v)

### **Rrey, sb, 53 "Rei"**

rreis (8): " fazem os rreis da terra" (f17r)

rrej (2): " nos amou o rrej dos amores" (f126v)

rrejs (2): " no *primeiro* liuro dos rrejs" (f85v)

rrey (39): " o rrey do amor *Jhesu*" (f125v)

rreys (1): " segundo liuro dos rreys" (f131r)

rreix (1): " amiga do rrey dos rreix" (f11r)

### **[Rreynar] - ver Rreinar**

### **Rreyno, sb, 11 "Reino"**

rregno (1): " *primeiro* o rregno de *deus*" (f50r)

rreino (4): " no rreino do seu corpo" (f44r)

rreyno (6): " entrar no rreyno dos çeeos" (f116r)

### **Rrezam – ver Rrezom**

### **Rrezõ – ver Rrezom**

### **Rrezom, sb, 72 "Razão"**

rrezam (1): " da segunda rrezam" (f80v)

rrezõ (2): " da segunda rrezõ" (f116r)

rrezom (54): " por *que* rrezom ho hom• tem a cabeça jnclinada aa terra " (f18v)

rez•es (10): "muytas estremadas rez•es" (f25v)

rrezooes (5): " poem quatro rrezooes" (fVIv)

**Rriballdo, sb, 1 "Libertino; vagabundo; malandro; soldado saqueador". Do ant. fr. "ribalt" (Machado).**  
rriballdo (1): " que seu rriballdo lhe faça" (f40v)

**[Rribeiro], sb, 1 "Ribeiro"**  
rribeiros (1): " os rribeiros ham daugua" (f95r)

**Rricamente, adv, 1 "Ricamente"**  
rricamente (1): " corregeo Ja sua cabeça rricamente por prazer " (f13r)

**Rrico, adj, sb, 28 "Rico"**  
rrica (4): " a pessoa he mais rrica" (f46r)  
rrico (11): " o rrico guoloso foy mais atormemtado em sua linguoa " (f99r)  
rricos (13): " que seiam rricos e poderosos" (f110r)

**Rrijo, adj, 2 "Rijo"**  
rrijas (1): " sam as afeiçãoes rrijas" (f134r)  
rrijo (1): " era triguoso e rrijo" (f134v)

**Rrijr, v, 1 "Rir"**  
rrijr (1): " espaço de uida pera rrijr" (f86v)

**Rrimão, sb, 1 "Romance"**  
rimão (1): " em rrimão em françes" (f57v)

**Rrimo, sb, 2 "Rima"**  
rimo (1): "nom pareceeriom bem sem rrimo" (f57v)  
rimos (1): " Hos jograres fazem rrimos" (f133r)

**Rriqueza, sb, 21 "Riqueza"**  
rriqueza (1): " que peita nem rriqueza" (fV1r)  
rriquezas(1): "buscar rriquezas nem honrras" (f19v)  
riqueza (4): " perfeita alegria e rriqueza" (f138r)  
riquezas (14): " guabanças nem rriquezas" (f24v)  
rriqueza (1): " por rriqueza ou fremosura" (f4v)  
**[Rriscar], v, 2 "Riscar"**  
riscado (1): " domde ja era riscado" (f124v)  
risquado (1): "seer risquado dos escriptos" (f124v)

**[Rrisquar] - ver [Rriscar]**

**[Rrisso], sb, 1 "Riso"**  
rriossos (1): " u • s palauras e rriossos" (f131v)

**Rrogar - ver Rroguar**

**Rrogo - ver Rroguo**

**Rroguar, v, 29 "Rogar"**  
rrogando (1): " rrogando pollo poboo" (f40r)  
rogar (2): " e rrogar por ssy" (f148r)  
rogaremos (1): " rrogaremos aficadamente" (f78v)  
rogasem (2): " rogasem depois do juizo" (fV1r)  
rogaua (1): " que rrogaua por ssua filha" (f50r)  
rogo (4): " Por deus uos rogo" (f25r)  
rogoulhe (1): " E rogoulhe por espaço" (f86v)  
rogua (1): " homem rrogua aa molher" (f8v)  
roguallos (1): " roguallos aficadamente" (f68r)  
roguandolhe (1): " deus e roguandolhe" (f69r)  
roguar (9): " mais não fezese rroguar por ella" (f3v)  
roguassem (1): " roguassem em giolhos" (f101v)  
rogue (1): " quem rrogue por mim" (f101v)  
rogues (1): " me rrogues pollos perdidos" (f101v)

rroguo (2): " rroguo eu a todos aquelles" (f71v)

**Rroguo, sb, 13 "Rogo"**  
rrogo (1): " E tall rrogo praz a deus" (f50r)  
rrogos (2): " outorgue pollos rrogos" (f61v)  
rroguo (6): " rreçebes do primeiro rroguo" (f50r)  
rroguos (4): " por rroguos nem dões" (f102r)

**Rroma, np, 1 "Roma"**  
rroma (1): " Ho enperador de rroma" (f82v)

**Rromaria, sb, 3 "Romaria"**  
rromaria (2): " foy em rromaria a santiago" (f101r)  
rromarias (1): " quatro rromarias ao dia" (f63r)

**Rronper, v, 2 "Romper"**  
rronpeosselhe(1): "rronpeosselhe ante todos" (f136v)  
rronper (1): " rronper aquella t-erra uirgem" (f34v)

**[Rrosto] - ver Rrostro**

**Rrostro, sb, 3 "Rosto"**  
rrostos (1): " de dous rrostos que aja" (f67v)  
rrostro (1): " he uergonha em rrostro" (f16v)  
rrostros (1): " rrostros das creaturas" (f96r)

**Rroubar "Roubar"**  
rroubar (1): " mandouha rroubar" (f10r)

**Rroubo, sb, 2 "Roubo"**  
rroubo (1): " ou per rroubo ou per furto" (f7r)  
rroubos (1): " quem acha grandes rroubos" (f146v)

**[Rrouca], adj, 1 "Rouca"**  
rroucas (1): " uozes grosas e rroucas" (f17v)

**Rroupa, sb, 6 "Roupa"**  
rroupa (1): " uestida de roupa de uertudes" (f11v)  
rroupas (5): " auantajadas rroupas e nobres" (f4v)  
**Rruã, sb, 2 "Ruão"**  
rruã (1): " anda sobre o caualllo rruã" (f74r)  
rruam (1): " h • caualllo rruam" (f74r)

**Rruam - ver Rruã**

**Rrude, adj, 3 "Rude"**  
rrude (2): " ha hi tam rrude ouelheiro" (f125r)  
rrudes (1): " grosas e rroucas e rrudes" (f17v)

**Rrudemente, adv, 1 "Rudemente"**  
rrudemente (3): " auees ouuido rrudemente" (f138v)

**Rrujuo, adj, 3 "Ruivo"**  
rrujuo (2): " secou o mar rrujuo" (f129r)  
rruyuo (1): " rruyuo por que he enuollto de carne E de sangue. " (f128v)

**Rruyuo - ver Rruiuo**

**Rryo, sb, 1 "Rio"**  
rryo (1): " secara o rryo de Jordam" (f129r)

**Rryqueza - ver Rriqueza**



# S

**Sa – ver Sua**

**Sã - ver Sam**

**S•mente, adv, 2 "Sãmente"**

s•mente (2): " E entendee s•mente" (f127v)

**S•o, adj, 5 "São"**

s• (1): " nom auja em elle cousa s•" (f35v)

s•o (3): " deseia lhe fica s•o" (f132r)

s•os (1): " uerdadeiros nenbros e s•os" (f37r)

**Sabado, sb, 1 "Sábado"**

sabado (1): " que colheo ao sabado" (f50v)

**Sabba, np, 2 "Sabá"**

sabba (2): " da rrainha sabba que veo a Jherusalem

**Sabedor, adj, 11**

sabedor (10): " e faz sabedor ho homem" (f124v)

" o sabedor jnquisitiuo mortefica" (f124v)

ssabedor (1): " jsto meesmo diz o ssabedor" (f82r)

**Sabedoria, sb, 13**

sabedoria (13): " se lee no liuro da sabedoria"(f94v)

" uerdadeira sabedoria de deus" (f34v)

**Saber, v, 111**

sabe (24): " o bem que sabe e pode" (f65r)

sabee (10): "Ora sabee que nom he trabalho"(f143v)

sabees (1): " E sabees minha u•tade" (f12v)

sabem (15): " uozes que nom sabem fallar" (f17v)

sabemos (1): " nom sabemos se morreremos"(f138r)

saber (33): " que todo quer• veer e saber" (f42v)

sabera (1): " Nunca sabera bem falar" (f67r)

saberia(1):"saberia fallar do que nom sentio"(f149r)

sabia (3): " nom sabia o que dezia" (f138v)

saibha (3): " e de fe que saibha amar" (f84r)

saibhã (1): " pecom mortalmente E saibhã" (f6r)

saibham (2): " Mes bem saibham taaes gentes" (f9v)

soube (1): " des aquella ora que se soube" (f2v)

soubeho (1): " a abadessa soubeho" (f10r)

souber (1):"quem melhor souber assy o digua"(f69r)

souberes (1): " se tu souberes e quiseres" (f144r)

soubesse (1): " que soubesse çertamente" (f9v)

soubessem (1): " que soubessem e podessem"(f68v)

soubesses (2): " . Hoo se tu soubesses" (f85v)

sey (8): " eu nom sey quem peca mais" (f13r)

**Saber, sb, 1 Cf. Sabedor**

saber (1): " o saber jnquisitiuo mortefica" (fVIIv)

**[Saber], v, 1 "Ter sabor"**

soubesse (1): "elle queria que lhe soubesse" (f114v)

**Sabor, sb, 10**

sabor (8): " ha toda doçura e sabor" (f114v)

sabores (1): " todos ujços e sabores" (f115r)

ssabor (1): " o ssabor da boa vianda" (f120r)

**Saboroso, adj, 4**

saborosa (1): " e saborosa doçura" (f114v)

saboroso (2): " he doçe e saboroso" (f140r)

saborosos (1): " saborosos e groriosos viços"(f141v)

**[Sabrir] - ver Abrir**

**Saclamento - ver Sacramento**

**Saco, sb, 3**

saco (2): " saco cheo destercio" (f23r)

ssaco (1): " o ssaco de seu desejo" (f130v)

**[Sacordar] - ver Acordar**

**Sacrafição - ver Sacrifição**

**Sacramento, sb, 45**

saclamento (1): " rreçebem este saclamento" (f39v)

sacramento (33):"o sacramento da eucarestia"(f38v)

sacramentos (4): "de deus e dos sacramentos"(f55v)

sacram•to (6): " uertude deste sacram•to" (f58r)

sacram•tos (1): " E em seus sacram•tos" (f20r)

**Sacram•to - ver Sacramento**

**Sacrifição, sb, 3 "Sacrificio"**

sacrafição (1): " Ca o sacrafição do louuor2 (f47v)

sacrifição (1): " mes ofereçeo a no sacrifição"(f144v)

secrefições (1): "o quall todos os secrefições"(f785v)

**[Sacusar] - ver Acusar**

**Sãdeu - ver Sandeu**

**Sãdiam•te - ver Sandiamente**

**Sage - ver Saie**

**Sagemente - ver Saiemente**

**Sagesmente - ver Saiemente**

**Sagredo - ver Segredo**

**Saie, sb, adj, 28 "Sage"**

sage (1): " a pallaura do sage" (f140v)

sages (1): " sam justos E sages" (f54v)

saie (2): " E o saie diz que nom rreçebamos"(f79v)

saies (18): " Porque o saies diz. nom louues"(f67v)

saje (2): " Ca o saje diz. ao maa" (f44r)

sajes (3): " Sinprez em oolhar sajes em ouujr"(f69r)

ssages (1): " nos amoesta o ssages" (f79r)

**Saiemente, adv, 14 "Prudentemente"**

sagemente (1): " sagemente e sem queixume" (f15v)

sagesmente (1):"honestamente. E sagesmente"(f40r)

saiemente (5): " nom demandou saiemente" (f49v)

saiem•te (1): " deue demandar saiem•te" (f49v)

saiesmente (2): " se gouernom saiesmente" (f45v)

sajemente (2): " Confessar puramente sajemente" (f69v)

sajesmente (2): " sajemente se despendam" (f7v)

**Saiem•te - ver Saiemente**

**Saiesmente - ver Saiemente**

**Saieza, sb, 4 "Sageza; prudência"**

saieza (2): " com proueitosa saieza" (f67r)

sajeza (2): " ao *Senhor* nom com sajeza"(f48v)

**Sair – ver Sayr**

**Saje - ver Saie**

**Sajemente - ver Saiemente**

**Sajesmente - ver Saiemente**

**Sajeza - ver Saieza**

**Salamom - ver Sallamom**

**[Saleuãtar] - ver Aleuantar**

**Sall, sb, 1 "Sal"**

sall (1): " senpre tenperada com sall"(f66v)

**Sallamõ - ver Sallamom**

**Sallamom, np, 26 "Salomão"**

salamom (4): " segundo diz salamom"(f82r)

sallamõ (1): " gloria de sallamõ" (f106r)

sallamom (21): " do trono de Sallamom"(f143v)

**[Saltar] - ver Saltar**

**[Salmo], sb, 2**

salmos (2): " meus salmos *e* minhas oras" (f133v)

**Salssa, sb, 2 "Salsa"**

salssa (1): " comer salssa de uinagre" (f120v)

salssas (1): " com salssas custosas" (f8r)

**Saltar, v, 6**

salltam (1): " salltam auante como guamos" (f64v)

salta (2): " fastasse *e* salta atras" (f71r)

saltar (1): " saltar no muro da paçiençia" (f27r)

saltarees (1): " *e* saltarees como ueado" (f110r)

saltarom (1): " saltarom da contenplaçom" (f110r)

**Salteiro, sb, 19 "Saltério"**

salteiro (19): " diz daujd no salteiro" (f32v)

**[Salterar] - ver Alterar**

**Salua - ver Salue**

**Saluaçõ - ver Saluaçom**

**Saluaçom, sb, 21 "Salvação"**

saluaçõ (6): " que seia sua saluaçõ" (f61r)

saluaçom (15): " assaz abastante a saluaçom" (f21r)

**Saluador, adj, 2 "Salvador"**

saluador (2): " nosso doce saluador Jhesu" (f68v)

**[Saluaje], adj, 1 "Selvagem"**

saluajees (1): " a caçar bestas saluajees" (f13v)

**Saluar, v, 6 "Salvar"**

saluar (6): " he de saluar a alma" (f130r)

**Salue, sb, 3 "Salvé"**

salua (1): " cantauõ a salua rregina" (f40r)

salue (2): " da Salue rregina" (f40r)

**Saluo, adj, sb, 15 "Salvo; livre"**

saluo (2): " pode homem seer saluo" (f16v)

saluos (13): " parayso que os saluos auerom"(f71v)

**Saluo, prep, 2 "Salvo"**

saluo (2): " senhor saluo o melhor jntindimento"

(f146v)

**Saluo - ver A saluo**

**Sam, adj, 306 "São" Cf. Santo**

sã (3): " Ca sã gregorio diz" (f46r)

sam (102): " segundo diz sam bernardo" (f6v)

ssam (11): " E ssam paullo disse" (f112v)

**Samtagostinho - ver Santagostinho**

**[Samto] – ver Santo**

**Sancto – ver Santo**

**Sandeu, adj, sb, 28**

sãdeu (1): " *que* o sãdeu pensa" (f45v)

sandeu (8): " he sandeu *e* m•o" (f33v)

sandeus (7): " sam mujto sandeus" (f89r)

sandia (6): " Assy a pessoa sandia" (f73v)

sandias (4): " dirom aas uirg•s sandias" (f6v)

ssandeu (2): "o ssandeu nom faz b• departir"(f67r)

**Sandiamente, adv, 4 "Sandeiramente"**

sãdiam•te (1): " pollos olhos em oolhar s•diam•te"

(f13r)

sandiamente (2): " em sandiamente oolhar" (f64v)

sandiam•te (1): " por sandiam•te esguardar" (f42v)

**Sandiam•te - ver Sandiamente**

**Sandice, sb, 4 "Sandice"**

sandice (4): " assy he muy gram sandice" (f23v)

**Sangue, sb, 19**

sangue (19): " nossos pecados no seu sangue" (f37r)

**Sanha, sb, 5**

sanha (5): " que a sanha *e* ujnguãça" (f98v)

**Sanhudo, adj, 3**

sanhuda (1): " nom braua nem sanhuda" (f84r)

sanhudo (2): " sera o sanhudo juiz" (f26r)

**Santãbrossio - ver Santabrosio**

**Santagostinho, np, 13 "Santo Agostinho"**

**Cf. Agostinho**

santagostinho (1): " E santagostinho diz" (f87v)

santagostinho (11): " E Santagostinho diz " (f61r)

santaguostinho (1): " Santaguostinho diz" (f31r)

**Santaguostinho - ver Santagostinho**

**Santambrosio - ver Santabrosio**

**Santanbrosio, np, 9 "Santo Ambrósio"**

santãbrossio (1): " segundo diz santãbrossio" (f51r)

santambrosio (1): " E santambrosio diz" (f49r)

santanbrosio (6): " diz ajnda santanbrosio" (f58v)

santanbrosyo (1): "segundo diz santanbrosyo"(f144r)

**Santanbrosyo - ver Santanbrosio**

**Santansselmo, np, 3 "Santo Anselmo"**

**Cf. Anselmo**

santansselmo (1): "segundo diz santansselmo"(f72r)

santãselmo (1): " E santãselmo diz" (f42r)

santãsselmo (1): " como diz Santãsselmo" (f66v)

**Santãselmo - ver Santansselmo**

**Santãsselmo - ver Santansselmo**

**Santiago, np, 9**

santiago (6): " E Santiago diz" (f29r)

santiaguio (2): " jsto diz santiaguio" (f89r)

sãtiaguio (1): "<e>pistolla de sãtiaguio" (f88v)

**Santiaguio - ver Santiago**

**Santidade, sb, 6**

santidade (6): "sua santidade por sua pureza"(f25v)

**Santificado, adj, 1**

santificado (1): " Aquelle sacramento foy

santificado" (f39v)

**Santo, adj, sb, 191**

santos (1): " faram os santos" (f110r)

sancta (5): " da *sancta* alma namorada" (f129v)

sancto (1): " E o *spritu sancto* viujfica" (fVIIv)

sanctos (3): " prazer *que* auerã os *sanctos*" (f110v)

santo (70): " diz santo agostinho" (f36r)

santa (43): " homde a santa alma" (f127r)

santas (9): " em as santas almas" (f109r)

santos (45): " hos *santos e* perfeitos hom•s" (f54v)

sãta (6): " rregedores da sãta jgreia" (f135r)

sãtas (1): " seer sãtas em paraíso" (f3v)

sãto (2): " diz o sãto sobredito" (f60r)

ssamta (1): " que a ssamta alma diz" (f40r)

ssanta (3): " a ssanta jgreia" (f145r)

ssanto (1): " o ssanto *espritu meteo*" (f65r)

**Santuayro, sb, 2 "Santuário"**

santuayro (2): " entre no santuayro de *deus*" (f149r)

**[Saparelhar] - ver Aparelhar**

**Sapiência, sb, 1 "Sapiência"**

sapiência (1): " lee no *liuro* da sapiência" (f88v)

**Saraguoça, np, 1**

saraguoça (1): "dionisio. tyrano de saraguoça"(f82v)

**Sasam, np, 1 "Sansão"**

sasam (1): " he mais forte que sasam" (f42v)

**Sãtantoinho, np, 1 "Santo António"**

sãtantoinho (1): " de que sãtantoinho diz" (f58r)

**Sãtiaguio - ver Santiago**

**Satisfaço – ver Satisfaçom**

**Satisfaçom, sb, 12 "Satisfação"**

satisfaço (1): " satisfação de pensamento" (f148r)

satisfaçom (11): " cõffisõ *e* satisfaçom" (f47r)

**Sãto – ver Santo**

**Saudaçom, sb, 3 "Saudação"**

saudaçom (2): " aa saudaçom do anjo" (f17r)

saudaç•es (1): " tuas saudaç•es cheguem" (f25v)

**Saudar, v, 3**

saudar (1): " saudar amehude. *e servir*" (f6r)

saudaia (1): " acostumadamente a saudaua" (f25r)

saudou (1): " arcanjo guabriel que saudou" (f1r)

**Saudaujl, adj, 4 "Saudável"**

saudaujl (4): " he muito saudaujl cousa" (f71v)

**Saude, sb, 17 "Salvação; saúde"**

saude (16): " em *perdurauell saude*" (f112v)

" se nom alegre de ssua saude" (f109r)

ssaude (1): " aa ssaude da alma" (f2r)

**Saull, np, 2 "Saúl"**

saull (2): " saber a rrey saull" (f48r)

**Sayr, v, 24 "Sair"**

saa•(1): " os pecados que saa• da lingua" (f41v)

saae (3): " o que saae do corpo" (f23r)

saaem (3): " uezes saaem fora" (f46v)

sair (1): " sair fora da claustra" (f10v)

saieres (1): "Vos saieres disse elle do carçer"(f110r)

saya (1): " ante que saya da tua boca" (f50r)

saydas (1): " som saydas de mim *e* tornadas"(f134v)

saymos (1): " que do parajso saymos" (f19v)

sayo (1): " abr•o sayo do egipto" (f89v)

sayr (10): " a ponto de sayr do sisso" (f137r)

sayrõ (1): " sangue *e* augua sayrõ" (f37v)

**Scandollo – ver Escandallo**

**[Scapar] – ver Escapar**

**Scolher – ver escolher**

**Scondidamente - ver Escondidamente**

**Screpuer, v, 76 "Escrever"**

escrepueo (1): " o ajuntou *e* escrepueo" (f150v)

escrepueremos (1): " escrepueremos dous" (f82r)

escreuerya (1): " escreuerya aquy os doce fruytos" (f58r)

screpue (1): " se screpue dos ricos" (f92r)

screpuer (2): " mãda *screpuer* em seu *liuro*" (f50r)

screpueremos (1): " de que adeante *screpueremos*"(f84v)

escripta (4): " quem teuesse *escripta*" (f16r)

escriptas (2): " *palauras* sam *escriptas*" (f79r)

escripto (26): " Ca he *escripto* nos prouerbios"(f80r)

escriptos (1): " poderiam seer *escriptos*" (f38r)

scripta (3): " *que* nosa vida he *scripta*" (f69v)

scriptas (2): " *scriptas* no euãgel<h>o"(f104r)

scripto (30): " no apocallipse he *scripto*" (f54v)  
scriptos (1): " som *scriptos* por edeficaçom"(f2v)

## Scriptura – ver Escriptura

## Scudo – ver Escudo

## Scusar – ver Escusar

## Se, pr, conj, 856

se (743): " ssem se confessar" (f3v)  
" ou glorifica dalg • bem se o fez" (f4r)  
sse (113): " Tirando as que sse fazem" (f50v)  
" sse hom • ha alg • a cousa" (f7v)

## S• - ver Sem

## Sebe, sb, 1

sebe (1): " hua sebe chea despinhos" (f63r)

## [Secar], v, 10

seca (5): " seca e endureçe o lloido" (f39v)  
secara (1): " *deus* secara o rryo de Jordam"(f129r)  
seco (2): " *Senhor* secoo o mar rrujuo" (f128v)  
seque (1): " deuinall amor que seque" (f129v)  
sseca (1): " E o sseca de todo humor " (f128v)

## Seco, adj, sb, 7

seco (2): " de graça foy em elles seco" (f90v)  
secos (5): " E desama os secos" (f129r)

## [Secrefiço] - ver Sacrifiço

## [Secreto], adj, 3

secreta (3): " secreta camara do seu amigo"(f57r)

## Secretamente, adv, 2

secretamente (2): " secretamente estar com seu amigo" (f31v)

## [Secular] - ver Secullar

## [Secularidade], sb, 1

secularidades (1): " se lhe fallã de secularidades" (f135r)

## Secullar, adj, sb, 4 "Secular; leigo"

seculares (2): " *seculares e rrelligiosos*" (f3v)  
secullar (1): " seia rrelligiosa ou secullar"(f46v)  
secullares (1): " as deleitaç • es secullares" (f14r)

## Secura, sb, 6

secura (6): " auera hi secura jnfijnda" (f90v)

## Sede, sb, 8

sede (8): " e fame e sede e frio" (f33r)

## [Seelar], v, 1 "Selar"

seellado (1): " era seellado de sete seelos" (f73r)

## Seello, sb, 16 "Selo"

seello (10): " abryo o *quinto* seello" (f75v)  
seellos (1): " sete seellos que o anjo abrio"(f72r)  
seelo (3): " abrju o *quarto* seello" (f75r)  
seelos (1): " era seellado de sete seelos" (f73r)  
sseellos (1): " os sete sseellos" (f78r)

## Seelo – ver Seello

## Seer (1), v, 2329 "Ser"

era (53): ella era assy como morta" (f36r)  
erã (1): " que todos erã beuedos" (f129r)  
eram (4): " E eram *perdidos*" (f45v)  
eras (1): " que eras aynda homem mortall" (f119v)  
erees (2): " bem erees auondado damor" (f34v)  
erõ (1): " que erõ dos Judeus" (f48r)  
es (11): " es tu uençedor E es muj santo" (f52v)  
ffoy (2): " ladrom ffoy escolheito" (f145r)  
foi (14): " foi *pera* senpre condanada" (f3r)  
for (15): " como lhe for dado" (f2r)  
forã (1): " forã tam embeuedados" (f119v)  
foram (3): " oras que foram guastadas" (f68v)  
foras (1): " se lhes nom foras neçessario" (f117v)  
fordes (1): " Se com muytos fordes danados" (f76v)  
forem (4): "que aquy forem mais amigos" (f95r)  
formos (1): " em quanto formos em esta mortal vida" (fIIIv)  
forõ (4): " forõ treeuas *per* todo mundo" (f36v)  
forom (11): " se forom bem confesadas" (f3v)  
fosem (3): " hom • s fosem em *perijguo*" (f110v)  
fosse (20): " homem nom fosse de tall hidade" (f9v)  
fossem (8): " como se fossem jrmaos" (f80v)  
fossemos (1): " em h • fossemos purguados" (f58v)  
fosses (2): " se tu fosses tam sajes" (f63v)  
foste (2): " foste tam amarguosa" (f98r)  
fostes (1): " b • fostes • beuedado em amor" (f35v)  
foy (78): " elle foy a causa do doluuyo" (f9v)  
fuy (1): " eu fuy toruado e nom falley" (f29v)  
he (1221): "esposa se nom he ujrgem" (f16v)  
hee (3): " hee maa creatura" (f2v)  
helhe (1): " helhe em lugar de purguatorio" (f65r)  
hes (1): " assi como Nos. hes sogeito" (f92r)  
sã (1): " quaaes sã os *prazeres*" (f115r)  
sam (314): " sam *negrigentes e priguicosos*" (f6r)  
seendo (1): " seendo ocupados nas cousas" (f64r)  
seer (157): " mereçiom seer sãtas em paraíso" (f3v)  
seerem (5): "de seerem mortas na alma" (f64v)  
seeria (2): " outro seeria derrubado" (f1v)  
seerlhesha (1): " seerlhesha outorguado" (f51v)  
seermos (2): " e seermos despreçados" (f55v)  
seede (2): " uos meesmos seede ledos" (f67v)  
seia (71): " ataa que lhe seia paguada" (f6r)  
seiã (1): " pallauras que nom seiã de *deus*" (f31v)  
seiaaes (2): " Nom seiaaes mais duros" (f37r)  
seiam (22): " medo que seiam jmijgos" (f52r)  
seiamos (1): " seiamos senpre aparelhados"(f38v)  
seias (1): " por que seias grande ante *deus*" (f21r)  
seja (16): " que homem nom seja filhado" (f29v)  
sejaaes (1): " sejaaes amigos de pessoa jrosa" (f81r)  
sejam (3): " louuores sejam a ty" (f29v)  
sejamos (1): " que sejamos perfeitos" (f142v)  
sera (117): " esta *sera* a primeira vianda" (fVIv)  
serã (5): "de manh • *serã* b • s." (f47r)  
seram (45): " seram acusados ao dia do juízo"(f75v)  
seras (15): " ou tu seras toruado" (f79r)  
serees (3): " Vos serees comigo" (f112r)  
serej (1): " diz daujd. eu *serej* farto" (f107v)  
seremos (2): " entõ seremos cubertos" (f94r)  
seria (19): " mortal s • fim *seria* dapnado" (f100v)  
seriã (1): " assy *seriã* emtom cubertos" (f94v)  
seriam (5): "nam *seriam* de *deus* ouujdos" (f101r)  
serias (2): " tu emfim *serias* perdido" (f93r)  
serom (9): " serom atormentados de fedor" (f99r)  
som (68): " muytas gentes som enguadas" (f14v)  
somos (16): " nom somos senõ *pelegr • s*" (f19v)

seeruos ha (1): " *e seeruos ha outorguada*" (f49r)  
 sey( 5): " disse ysidoro. sey tu pequeno" (f21r)  
 s • • (1): " eu s • vjanda dos grandes" (f59v)  
 s • es (3): " vos s • es sinados do espiritu" (f118v)  
 sooes (2): " que ja sooes departidos" (f141v)  
 sseer (26): " nō pode sseer confessado" (f11r)  
 sseerem (1): " medo de sseerem ponjdos" (f53r)  
 ssam (2): " que ssam todos emborilhados" (f61v)  
 ssera (1): " elle ssera aberto a todos" (f69v)  
 sseriam (1): " em elle som E sseriam mais" (f23v)  
 ssooes (1): " ssooes carreguados de fardees"(f140r)

#### [Seer] (2), v, 8 "Estar sentado"

see (5): " ho juiz see E os liuros sam abertos" (f70r)  
 sya (1): " que a morte sya sobrele" (f75r)  
 ssya (2): " nom se mudou elle donde ssya" (f83v)

#### Seestro, sb, 3 "Sestro; esquerdo"

seestra (1): " aa seestra o diaboo" (f26v)  
 seestro(1): " o seestro as penas do jnferno"(f53v)  
 sestra (1): " a sestra os diaabos que os atormentarom" (f95r)

#### Seeta, sb, 4 "Seta"

seeta (3): " aa seeta e aa lança" (f41v)  
 seetas (1): " coraçom como seetas" (f73v)  
 sō (7): " sō entendidos rreligiosos" (f13v)

#### Segre, sb, 1 "Século" (Viterbo)

segre (1): " larguo a deus. Escasso ao segre" (f69r)

#### Segredo

sagredo (1): " deueo denuçiar em sagredo" (f9v)  
 segredo (2): "  
 segredos (2): "

#### Seguar, v, 2 "Segar; ceifar"

segua (1): " a erua que homem segua" (f97v)  
 seguar (1): " se torna a seguar e trosqujar"(f98r)

#### Seg•do – ver Segundo

#### Seguidor, sb, 1

seguidor (1): " seguidor do enxenpro" (f17r)

#### Seguir, v, 19

seg • (2): " jnstruimentos sprituaes que se seg •." (f1v)  
 segue (2): "se segue das alegrias do paraíso"(f104r)  
 seguem (3): " os olhos seguem o espiritu" (f129v)  
 seguesse(1): "seguesse que pello creçimento"(f130v)  
 seguir (4): " he perijgosa de seguir" (f15v)  
 segujr (1): " nom quer segujr sua ujda" (f133v)  
 seguyr (2): "deue homem seguyr os melhores"(f47r)  
 siguaaes (2): " Nom siguaaes a multidom" (f78v)  
 sigujao (1): " e sigujao ho jnferno" (f75r)  
 sigujr (1): " os nom queira sigujr" (f47r)

#### Segujr – ver Seguir

#### Segundo, prep, 255 "Segundo; conforme"

seg • do (6): "seg • do diz daujd no salteiro" (f85v)  
 segundo(248): "do segundo sinal da virgindade"(f1v)  
 ssegundo (1): " homem ssegundo meu coraçom"(f146v)

#### Segundo, num, 72

seg • da (1): " ataa a seg • da que he sem fim" (f96r)

segunda (62): " trauta da segunda cousa" (fVIIIr)  
 segundo(7): "do segundo sinal da virgindade"(f1v)  
 ssegundo (2): " O ssegundo graao" (f21r)

#### Segurãça - ver Segurança

#### Segurança - ver Segurança

#### Seguramente, adv, 3

seguramente (3): " podemos seguramente esperar" (147v)

#### Segurança, sb, 17

segurãça (3): " em tam perfeita segurãça"(f142v)  
 seguramça (4): seguramça nō pode seer" (f141v)  
 segurança (7): " segurança e tranquillidade"(f143v)

#### Segurar-se, v, 3 "Ficar seguro, destemido, intrépido; não se dar por seguro, livre de pecar, de errar" (Morais)

segura (1): " que se segura mais que rrazō" (45v)  
 segurar (2): " nom se deue muito segurar" (f146r)

#### Seguro, adj, 13

seguro (4): " es nom seria bem seguro" (19r)  
 segura (9): "companhia uergonhosa e segura" (f46v)

#### Seguyr – ver Seguir

#### Seis, num, 7

seis (7): " deue a auer seis condiç • es" (f2r)

#### Seisto, num, 7 "Sexto"

seista (2): " A seista rrazom he força" (f101r)  
 seisto (5): "O seisto signall damor" (f134v)

#### Seitemo, num, 16 "Sétimo"

seitema (3): " da seitema rrezom" (f102v)  
 seitemo (8): " do seitemo sinal" (f136v)  
 seitimo (2): " do seitimo enpacho" (fVr)  
 setemo (1): " Capitollo setemo da enueja" (f1r)  
 seteno (1): " E ao seteno folguassem" (f110v)  
 seytimo (1): " o anjo abrio o seytimo seello" (f77r)

#### Seitimo – ver Seitimo

#### Sem, prep, 216

s • (4): " s • sse defender nem acusar outr •" (12r)  
 sem (205): "tres cousas h • a sem outra" (f1v)  
 ssem (7): " ssem se confessar" (f3v)

#### [Sembeuedar] – ver Embeuedar

#### [Semelhar], v, 1 "Semelhar; assemelhar"

semelha (1): " esta semelha a l • a" (f20v)

#### Semelhamça, sb, 5

semelhamça (4): " ha semelhamça da cousa" (f97v)  
 semilhamça (1): " semilhamça de morte" (f97v)

#### Semelhamte – ver Semelhante

#### Semelhante, adj, sb, 6

semelhamte (1): " ama seu semelhamte" (f30v)  
 semelhante (1): " semelhante he daquelle" (f147v)  
 semelhantes (4): " assy os semelhantes" (f79v)

#### Semelhauell - ver Semelhaujl

## **Semelhauil - ver Semelhaujl**

### **Semelhaujl, adj, 8 "Semelhável; semelhante"**

#### **Cf. Semelhante**

esemelhauel (1): " outro exenplo esemelhauel de mateu" (fVIIIv)

semelhauell (2): " tornara semelhauell a elles" (f80r)

semelhauil (2): " exenplo he semelhauil" (flr)

semelhaujl (3): "

### **Semente, sb, 1**

semente (1): " semente em ssua conçeição" (f23r)

## **Semilhamça – ver Semelhamça**

## **[Semmendar] - ver Emmendar**

## **Sempre – ver Senpre**

## **[Senbeuedar] – ver Embeuedar**

### **Senbrante, sb, 3 "Semblante"**

senbrante (3): " a que mostra b • senbrante" (f5r)

### **Seneca, Np, 3 "Séneca"**

seneca (2): " Ca segundo diz Séneca" (f138r)

senjca (1): " senjca diz auee guerra" (f78r)

### **Seneficação, sb, 2 "Significação"**

#### **Cf. Seneficança**

seneficação (1): " Esta he h • a meesma seneficação" (f73v)

sseneficação (1): " E a sseneficação uerdadeira" (f67r)

### **Seneficança, sb, 2 "Significação; significado"**

seneficança (1): " Em seneficança que homem deue senpre penssar alto" (f19v)

senefincança (1): " Em senefincança que deuemos seer mais aparelhados" (f43r)

## **Senefincança - ver Seneficança**

### **[Seneficar], v, 21 "Significar; simbolizar"**

senefica (3): " senefica a graça de deus" (f104v)

seneficado (7): " jsto nos foy bem seneficado" (f120r)

seneficados (2): " que sam seneficados per aquelle que anda sobre o caualllo rruã" (f74r)

seneficando (1): " acabou ora • teira seneficando a breue paz" (f77v)

senifica (3): " Jsto senifica o poboo" (f48v)

senificado (2): "he senificado pello iij seello" (f74r)

senjfica (2): " senjfica A santa alma" (f105r)

senjficada (1): "he paçyençia senjficada per muro" (f29v)

sinifica (1): " sinifica a u • glloria" (f104v)

### **Senhor, sb, 141**

senhor (122): "senhor do çeeo" (flr)

senhora (17): " senhora do castello" (f1r)

senhores (2): " Som senhores do castello" (f41v)

### **Senhorio, sb, 2**

senhorio (2): " ha o senhorio do seu corpo" (f42r)

## **[Senificar] – ver [Seneficar]**

## **Senjca - ver Seneca**

## **[Senjficar] – ver [Seneficar]**

## **Senom – ver Senom**

### **Senom, prep, 80 "Senão"**

senõ (16): " nom ha senõ door e amargura" (f107r)

senom (64): " nom he senom huntura" (f28r)

### **Senpre, adv, 67**

sempre (3): " teem pera sempre perdido" (f91r)

senpre (63): " deue hom • senpre mais amar" (f31r)

s • pre (1): " no jnferno seram Pera s • pre" (f103r)

## **Senssualydade – ver Sensualidade**

### **Sensualidade, sb, 2**

senssualydade (1): " seg • do a Senssualydade da carne" (f60r)

sensualidade (1): " a carne e a sensualidade" (f39r)

### **Sentença, sb, 6**

sentença (6): " Ante a sentença dada" (f97v)

## **[Sentender] – ver Entender**

### **[Sentido], sb, 8**

sentidos (5): " Estas sam os çinquo sentidos" (f41v)

sintidos (3): " que sam os çinquo sintidos" (f56r)

### **Sentimento, sb, 7**

sentimento (1): " h • pequeno sentimento" (f119v)

sentymento (1): " deuynall sentymento" (f62r)

ss • timento (1): " que tira todo o ss • timento" (f120r)

ssintimento(1): "ssintimento de sua presença" (f130r)

sintimento (1): " auer sintimento de deus" (f117v)

sintimentos (2): " carnaaes sentimentos" (f106r)

### **Sentir, v, 59**

sente (14): " nom sente odor e duçura" (f60v)

sentem(2): "sentem que uju • no stado ja dito" (f126r)

sentia (1): " sentia eu os confortos" (f87v)

sentido (2): " Ouuessemos sentido" (f116r)

sentio (2): " fallar do que nom sentio" (f149r)

sentir (9): " saber e sentir e conhecer" (f69r)

sentira (2): " sentira muy gram fame" (f96v)

sentir • (1): " sentir • dellas grande empençimento" (f88v)

sentiria (1): " que sentiria grande doçura" (f120v)

sentirõ (2): " nom sentirõ senom fedor" (f96r)

sentisse (2): " se elle sentisse cada dia" (f117v)

sentistes (1): " de taaes doçuras sentistes" (f141v)

sentjr (1): " sentjr em esta ujda" (f120r)

sento (1): " que sento bem e sey" (f143v)

senty (1): " eu senty e aprendy" (f80v)

sentya (1): " santo agostinho sentya" (f126r)

sentyo (3): " nos b • s que ella sentyo" (f141v)

sentyr (4): " ouuyr em cheirar e sentyr" (f64v)

sentyres (1): " quando tu sentyres tentaço" (f32v)

s • tyr (1): " deuees s • tyr os tormentos" (f37r)

ssentem (1): " todollos nenbros o ssentem" (f77r)

ssentir (1): " deus lhes da a ssentir" (f11v)

ssentyr (1): " a ssentyr comsiguo" (f142v)

sinta (1): " a alma sinta a mjingua" (f117v)  
sintem (1): " se se nom sintem abastantes"(f2v)  
sintira (1): " assi sintira o tormento"(f96v)  
syntir (1): " syntir a doçura espirituall" (f120v)

**Sentyr – ver Sentir**

**Sentymento - ver Sentimento**

**Seo - ver Seu**

**S•pre – ver Senpre**

**Sepulcro, sb, 5**

sepulcro (5): " E metido No sepulcro" (f38r)

**[Sepultar], v, 3**

sepultalo (2): " rreçeber o noso *Senhor e* sepultalo em nos" (f38r)

supultaao (1): " supultaao todo em uos" (f38v)

**[Serm•o], sb, 3 "Sermão"**

serm•es (3): " b•s e deuotos *serm•es*" (f43r)

**Serpente, sb, 5**

serpente (3): " aa *serpente que* morde" (f41v)

serpentes (2): " *serpentes e* bestas e uerm•s"(f95v)

**Seruiço, sb, 12 "Serviço"**

seruiço (9): "nem ujjillia nem longo *seruiço*"(f29r)

seruiço (3): " ou *seruiço* a seu juiz" (f101r)

**Seruidor, sb, 9 "Servidor"**

seruidor (3): " ffilho dh• seu *seruidor*" (f3r)

seruidores (4): " Hos meus *seruidores*" (f93v)

serujdor (1): " diz. ao maa *serujdor*" (f44r)

serujdores (1): "auer abastança de *serujdores*"(f92r)

**Seruill - ver Serujll**

**Seruir, v, 37 "Servir"**

seruamos (1): " a *seruamos* deuotamente" (f26r)

serue (6): " homem *serue e* obedeçe" (f4v)

seruem (4): " ajnda *seruem* sua carne" (f61v)

seruida (3): " *Senhora* deue seer *seruida*" (f25v)

seruido (2): " v•m *pera sseer seruido*" (f33r)

seruij (1): " honrraae e amaae e *seruij*" (f25r)

seruillo (1): " *seruillo* em paz e segurança" (f15r)

seruir(14): "deue *seruir* esta glloriosa *senhora*"(f25v)

seruirom (1): " *que seruirom* em esta uida" (f111v)

seruja (1): " mauyosa *senhora o seruja*" (f25v)

serujr (3): " em *serujr e* louuar *deus*" (f50v)

**Seruiço - ver Seruiço**

**Serujdom, sb, 1 "Servidão"**

serujdom (1): " em cuja *serujdom* homem he metido" (f124r)

**Serujdor - ver Seruidor**

**Serujll, adj, 2 "Servil"**

seruill (1): " a t• todo temor. *scilicet. seruill*"(f142r)

serujll (3): " todo temor *serujll*" (f142r)

**Serujr - ver Seruir**

**Seruo, sb, adj, 7 "Servo"**

serua (1): " he *fecta serua e* barreguaa" (f2r)

seruo (5): "h• *seruo* deuia a seu *senhor*" (f86v)

sseruo (1): " o *Senhor* ueyo ao *sseruo*"(f21v)

**Sespertar - ver Espertar**

**[Sestro] – ver Seestro**

**Sete, num, 36**

sete (36): " as sete oras *canonjcas*" (f68v)

**Setemo - ver Seitemo**

**Seteno - ver Seitemo**

**S•tyr - ver Sentir**

**Seu, pr, 533**

seo (1): " E seo *senhor* o *diaabo*" (f124r)

seu (299): " *conselho* do seu *mayor*" (f7v)

seus (183): " E em seus *sacram•tos*" (f20r)

sseu (45): " da o *sseu* *preçioso* *corpo*" (f38v)

sseus (5): " E os *sseus* *pequenos* *teem*" (f74v)

**Sexto, num, 10**

sexta (2): " da sexta *rrezom*" (f102r)

sexta (6): " do sexto *enbargo*" (fVr)

seysto (2): " Ho *seysto* *fruito*" (f59r)

**Seysto - ver Sexto**

**Seytimo - ver Seitemo**

**Sguardar - ver Esguardar**

**Si - ver Ssy**

**Siçillia, np, 1 "Sicília"**

siçillia (1): " tyrano de saraguoça em *siçillia*" (f82v)

**Signal - ver Sinal**

**Sigujr - ver Seguir**

**Sijnprez , adj, sb, 6 "Simpleza; simples"**

Viterbo regista *sipres* como variante de *simplez*.  
Moraes em 1889 regista *simpleza*.

sijnprez (5): " doce e *sijnprez* delguada uoz" (f17v)

sinprez (1): " Sinprez em oolhar *sajes* em ouujr" (f69r)

**Sijnprezmente, adv, 3 "Simplesmente"**

sijnprezmente(2): "sijnprezmente se *confessa*"(f17v)

sijnprezm•te (1): " sabe que *pobreza* *sijnprezm•te* nom he *uirtude*" (f17v)

**Sijnprezm•te - ver Sijnprezmente**

**Silêncio, sb, 5 "Silêncio"**

silêncio (4): " amara *silêncio e* estar soo"(f31v)

silynção (1): " Pello *silynção* *sentende* a paz" (f77v)

**Silynção - ver Silêncio**

**Simulaçom, sb, 1 "Simulação"**

simulaçom (1): " jsto he *simulaçom*" (f20v)

**[Sinar] - ver Assijnar**

**Sinal, sb, 58**

signaaes (14): "de fora signaaes dhumjlldade"(f20v)  
 signal (1): " signal he *que* falleçe" (f136r)  
 signall (19): " Grande signall damor" (f28v)  
 sinaaes (5): " sinaaes de virgindade" (f1v)  
 sinal (16): " segundo sinal da virgindade" (f1v)  
 sinall (2): " em sinall dhumjlldade" (f42v)  
 synaaes (1): " *per* synaaes que mostram" (f9r)

**Sinall – ver Sinal****Singular, adj, 6 "Singular; único"**

singular (2): " he huu singular rrefugio"(f48v)  
 singulares (2): " singulares *e* proueitosas"(f28r)  
 singullar (1): " em ssua amjzade singullar"(f79v)  
 syngullar (1): " esta *graça* foy syngullar" (f57r)

**Singullar - ver Singular****[Sinificar] - ver [Seneficar]****Sinprez - ver Sijnprez****[Sintido] - ver [Sentido]****Sintimento - ver Sentimento****[Sintir] - ver Sentir****Siom, sb, 2 "Sião"**

siom (1): " deuses sera uisto em siom" (f105r)  
 ssiom (1): " em ssiom que he ho Paraíso"(f114r)

**Siso, sb, 12**

siso (7): " era de siso comprida" (f1r)  
 siso (2): " a ponto de sayr do siso"(f137r)  
 ssiso (2): " elle foy fora de ssiso" (f137v)  
 ssyso (1): " *e* esguarda o ssyso" (f54v)

**Sisso – ver Siso****Smolla, sb, 1 "Esmola"**

smolla (1): " que faça corporall smolla"(f51v)

**So, prep, 5 "Sob"**

so (5): " seer metida so a terra" (f23v)

**Soar, v, 4**

soa (1): " que senpre soa nas orelhas"(f32r)  
 soam (1): " palauras delle perfectamente soam" (f128r)  
 soar (1): "ouço soar em minhas orelhas" (f26r)  
 sooe (1): " *que* sooe a tua uoz nas minhas orelhas" (f133r)

**Sobejo, adj, 4**

sobejo (2): " Nom mostrees sobejo amor" (f66v)  
 sobejos (2): " *e* dos vistidos sobejos" (f77r)

**[Sobello] - ver Sobre****Soberua, sb, 30 "Soberba"**

soberua (30): " soberua ou nigligência" (f45v)

**Soberuo, adj, sb, 11 "Soberbo"**

soberua (2): " scoller pessoa soberua" (f81v)  
 soberuo (1): " o soberuo não sabe seer conpanheiro"

(f81v)

soberuos (8): " os soberuos com os soberuos"(f90r)

**Sobir, v, 10 "Subir"**

sobida (1): " *perssoa* que em este degraa he sobida" (f141r)  
 sobir (6): " E *nos* fara sobir ao çeeo" (f38v)  
 sobirmos (1): " se Nos sobirmos cada dia" (f38v)  
 sobirom (1): "nom sobirom o primeiro graao"(f54v)  
 suba (1): " que se *esperte* E suba" (f124r)

**Sobitamente, adv, 2 "Subitamente"**

sobitamente (2): " nom uenha sobitamente"(f10v)

**Sobre, prep, 62**

sobellos (1): " *quantar* sobellos muros" (f46r)  
 sobre (54): "amar *deus* sobre todollas cousas"(f30v)  
 sobrellas (1): " sobrellas syntir a doçura" (f120v)  
 sobrelle (4): " o que ssya sobrelle" (f73v)  
 sobrestas (1): " diz a grossa sobrestas pallauras" (f118r)  
 sobrestes (1): " a morte see sobrestes" (f75r)

**[Sobredicto] - ver Sobredito****Sobredito, adj, 11**

sobredicta (3): " *alegria* aa sobredicta alma"(f131v)  
 sobredictas (3): "que se traute das sobredictas"(f91v)  
 sobreditas (4): " as cousas sobreditas" (f95v)  
 sobredito (1): " Segundo diz o sãto sobredito" (f60r)

**Sobrelle - ver Sobre****[Sobreste] - ver Sobre****Sobrinho, sb, 1**

sobrinho (1): "rreçebia por filho seu sobrinho"(f36v)

**Socorrer, v, 4**

socorre (1): " Hom • se socorre aa oraçom"(f49r)  
 socorrer (1): " pedindolhe que os queira socorrer" (f48r)  
 socorressem (1): " pedindolhe que os socorressem" (f48r)  
 socorrido (1): " asinha he socorrido" (f49r)

**Socorro, sb, 3**

socorro (3): " todo socorro sera delles longe" (f90r)

**Sofiçiente, adj, 1 "Suficiente"**

sofiçiente(1): "chegar aa sofiçiente çiença" (f125r)

**[Sofisma], sb, 3**

sofismas (3): " *que* çiença n • sofismas" (f102r)

**Sofistica, sb, 1 "Sofística"**

sofistica (1): " nom dobre nem sofistica" (f67v)

**[Sofredor], sb, 1**

sofredores (1): " vençem os sofredores" (f27v)

**Sofrença, sb, 5 "Sofrimento; aflição; dor; angústia" (Viterbo)**

sofrença (2): " sofrença *e* jnfijnda pobreza" (f16r)  
 sofrenças (3): " nas sofrenças de nosso senhor Jhesu" (f68r)



**Sofrer, v, 94**

sofra (4): "hom • sofra no jnferno" (f97r)  
 sofraaes (3): "sofraaes dos carnaaes desejos" (f63v)  
 sofras (1): "Senhor *deus* nom sofras" (f74r)  
 sofre (16): "sofre em este mundo" (f87r)  
 sofrees (1): "maria sofrees na alma" (f11v)  
 sofrees (1): "uos sofrees m • guas" (f80v)  
 sofrem (2): "daquelles que sofrem" (f87r)  
 sofremos (1): "sofremos com *Jhesu christo*" (f116r)  
 sofreo (13): "da pena que elle sofreo" (f125r)  
 sofrer (30): "possa sofrer em este mundo" (f85r)  
 sofrera (1): "sofrera *perssigujç • es*" (f21v)  
 sofreria (1): "Coraçõ nom sofreria" (f103r)  
 sofrerom (1): "sofferom por *auer deus*" (f63v)  
 sofres (1): "o que sofres no corpo" (f29r)  
 sofresse (2): "que nõ sofresse" (f85r)  
 sofressemos (1): "sofressemos pellas *auer*" (f116r)  
 sofresses (1): "que tu n<õ> sofresses" (f85v)  
 sofrestes (1): "sofrestes tanto que se conprio" (f35v)  
 sofria (1): "da carne que sofria" (f49v)  
 sofriam (2): "que os danados nõ sofriam" (f91v)  
 sofrido (2): "ella auera sofrido" (f40v)  
 sofridos (1): "trabalhos que tem sofridos" (f57r)  
 soffro (1): "eu assy soffro todo" (f127v)  
 soffry (2): "Senhor ajnda eu tão nõ soffry" (f29v)  
 soffrya (1): "doores que eu soffrya" (f87v)  
 ssoffre (1): "que a soffre por *deus*" (f109r)  
 ssoffer (2): "aparelhate a soffrer" (f79r)

**Sogeicom, sb, 2 "Sujeição"**

sogeicom (2): "aquelle que esta em sogeicom" (f136v)

**Sogeito, sb, adj, 8 "Submetido; súbdito"**

sogeito (1): "assy como Nos. hes sogeito" (f92r)  
 sogeitos (7): "se alg • s sogeitos ham maao prellado" (f15r)  
 sojeitos (1): "merçimentos dos sojeitos" (f15r)

**[Sojeito] - ver Sogeito****[Sojugar], v, 1 "Subjugar"**

sojuguada (2): "creatura que ora he sojuguada" (f109v)

**Sol - ver Ssoll****Sola, sb, 1**

sola (1): "des a sola do pee" (f35v)

**Solamente, adv, 2 Cf. Soomente**

solamente (1): "tam solamente das mongas" (f16r)  
 sollamente (1): "tam sollamente aos hom • s" (f54v)

**Soll - ver Ssoll****Sollamente - ver Solamente****[Soltar], v, 1**

soltom (1): "o boy quando o soltom" (f110r)

**Soma, sb, 1**

soma (1): "soma de *meus* ujços" (f128r)

**Somana, sb, 1 "Semana"**

somana (1): "ao menos hua uez na somana" (f11v)

**Someres, sb, 1 "Bestas de carga"**

someres (1): "que sam assy como *someres*" (f89r)

**[Sonhar], v, 2**

sonha (1): "sonha que ha mujta rriqueza" (f93r)  
 sonhaua (1): "sonhaua aquelle *crelligo*" (f25v)

**Sonho, sb, 1**

sonho (1): "nom he mais que h • sonho" (f93r)

**Sono, sb, 1**

sono (1): "os ricos dormirõ seu sono" (f93r)

**Sonorento, adj, 1 "Sonolento"**

sonorento (1): "hom • pesado e priguçoso e sonorento" (f46v)

**Soo, adv, 39 "Só; apenas"**

soo (34): "hua soo gota daugua" (f93v)  
 sso (2): "he de sso nos pensar nas penas" (f63r)  
 ssoo (4): "que ssoo *deus* conhece" (f54v)

**Soo, adj, 1 "Só; sozinho"**

soo (1): "amara silencio e estar soo" (f31v)

**S • bra – ver Soombra****[Sooer], v, 1 "Soer; costumar"**

sooem (2): "os namorados sooem de chorar" (f132r)

**Soombra, sb, 4 "Sombra"**

s • bra (1): "honde ha s • bra de morte" (f97v)  
 soombra (1): "homde soombra de morte" (f86r)  
 soonbra (1): "passou assy como soonbra" (f88v)  
 ssoonbra (1): "A ssoonbra ha semelhamça" (f97v)

**Soomemte - ver Soomente****Soomente, adv, 18**

soomemte (1): "mes soomemte que homem os possa entender" (f12v)  
 soomente (16): "tam soomente a gouernança" (f19v)  
 soom • te (1): "nom soom • te o da luxuria" (f12r)

**Soom • te - ver Soomente****Soonbra – ver Soombra****S •, sb, 1 "Som"**

s • (1): "E o s • mansso e doce" (f67r)

**Sophonjas, np, 1 "Sofonias"**

sophonjas (1): "diz sophonjas o profeta" (f96r)

**Soportar, v, 1 "Suportar"**

soportar (2): "melhor uoomtade soportar" (f105r)

**[Soprar], v, 1**

sopre (1): "sopre em nos o *gram* uento" (f129v)

**Soprimento, sb, 2 "Sopro"**

soprimento (2): "soprimento do uento queimador" (f128v)

**Sospeita, sb, 2 "Suspeita"**

sospeita (2): "fosse filhado de sospeita" (f19r)

**Sospirar, v, 2 "Suspitar"**

sospirar (1): " Sospirar *per* deuota oraçõ" (f42v)

sospiraua (1): " sospiraua por seu filho" (f131v)

**[Sospio], sb, 5 "Suspiro"**

sospiros (5): " lagrimas e sospiros e rroguos"(f48v)

**Soosteedor, sb, 1 "Sustentador"**

sosteedor (1): " mataaes nosso sosteedor"(f83v)

**Sosteer, v, 5 "Suster; aguentar; amparar"**

sosteer (1): " como sosteer *seus* fectos" (f4v)

sostem (2): " homem sostem a n•o" (f14r)

sostena (1): " sostena que nom falleça" (f39r)

sotenha (1): " nom ham quem os sotenha" (f9v)

[Soteer] - ver Sosteer

[Sousar] - ver [Ousar]

Spantoso – ver Espantoso

**[Speçia], sb, 5 "Espécie"**

espeçias (1): " notaremos sete espeçias" (f126v)

speçias (4): " da yra E diuersas speçias dela"(f5v)

Spelho – ver Espelho

Sperança – ver Esperança

Spicial – ver Espicial

[Spirituell] – ver Esprituall

**[Spirar], v, 3 "Espirar; Soprar"**

espira (1): " espira em ella e lhe da uertude" (f59r)

spirou (2): " E de como spirou" (f11v)

Sprito – ver Espritu

Spritu – ver Espritu

Spritual – ver Esprituall

Sprituall – ver Esprituall

Spritualmente – ver Espritualmente

Squidom - ver [Esurudom]

Ssa - ver Sua

Ssabedor – ver Sabedor

Ssabor – ver Sabor

Ssaco - ver Saco

[Ssage] - ver Saie

**Ssalla, sb, 1 "Sala"**

ssalla (1): " nom nação em camara nem em ssalla"(f33r)

Ssam - ver Sam

[Ssanto] – ver Santo

Ssandeu - ver Sandeu

**[Ssanguento], adj, 1 "Sanguento; sangrento"**

ssanguentas (1): " cuberto de ssanguentas chaguas" (f35r)

[Ssanto] – ver Santo

[Ssapartar] - ver [Apartar]

Ssaude - ver Saude

Sse - ver Se

[Ssecar] - ver Secar

[Sseello] - ver Seello

Sseer - ver Seer

Ssegundo - ver Segundo

Ssem - ver Sem

Ssenificação - ver Seneficação

Ssentir - ver Sentir

Ssentyr - ver Sentir

Sseruo - ver Seruo

Ss•timento - ver Sentimento

Sseu - ver Seu

Ssi - ver Ssy

Ssintimento - ver Sentimento

Ssiom - ver Siom

Ssiso - ver Siso

Sso - ver Soo

Ssofrer - ver Sofrer

**Ssoll, sb, 18 "Sol"**

sol (1): " ante do sol posto" (f5v)

soll (8): " rrayo do uerdadeiro soll" (f21r)

ssoll (9): " hi ha o ssoll e a ll•a" (f32r)

Ssoo - ver Soo

Ssoonbra – ver Soombra

Ssua - ver Sua

**Ssy, pr, 82 "Si"**

si (3): " conciencia *que* a si meesmo" (f22v)

ssi (3): " se humylde em ssi mesma" (f104v)

ssy (52): " afastar de ssy os malldizentes" (f43v)

sy (24): " E sy meesmo em jrm•o" (f41r)

[Seer] - ver [Seer] (2)

Ssyso - ver Siso

**Stado – ver estado**

**[Star] – ver estar**

**[Stranho] – ver Estranho**

**[Strella] – ver [Estrella]**

**Studar – ver Estudar**

**Studo, sb, 3 "Estudo"**

estudo (1): " mete grande estudo" (f8r)

studo (2): " castello ha grande studo" (f19r)

**Sua, pr, 385**

sa (7): " todo o curso de sa uya" (f2v)

ssa (5): "marido de ssa molher" (f130r)

ssua (89): " disse a ssua aabadessa" (f3v)

ssuas (16): " fim de ssuas uidas" (f8v)

sua (206): " fezesse sua uoontade" (f10r)

suas (62): " ueem longe de suas terras" (f19v)

**[Subir] - ver Sobir**

**[Sucupar] - ver[Ocupar]**

**[Suar], v, 1**

suou (1): " suou guotas de sangue" (f53v)

**[Supultar] - ver [Sepultar]**

**Suso, adv, 21 "Acima; anteriormente"**

suso (19): " consijraç • es suso ditas" (f26v)

susso (2): " cousas susso dictas" (f13v)

**Susso - ver Suso**

**Sustança, sb, 1 "Substância"**

sustança (1): "homem da toda sua sustança"(f124r)

**Sutileza, sb, 1 "Subtileza"**

sutileza (1): " çiença de bem fallar ou sutileza" (f102r)

**Sy - ver Ssy**

**[Synal] - ver Sinal**

**Syngullar - ver Singular**

**Syntir - ver Sentir**

**Ta – ver Tua**

**Tã – ver Tam**

**Tã bem - ver Tanbem**

**Tabernacollo ver Tabernacullo**

**Tabernacullo, sb, 4 "Tabernáculo"**

tabernacollo (1): "o tabernacollo de seu corpo"(f57r)

tabernacollos(2): " fazer tres tabernacollos" (f137v)

tabernacullo (1): " no huso do tabernacullo" (f67r)

**Tabor, np, 1**

tabor (1): " sam Pedro no monte tabor" (f137r)

**Tacha, sb, 3 "Mancha; nódoa; falta que se põe em alguém ; censura dos defeitos" (Morais).**

tacha (3): " O quall ha fremosura sem tacha" (f112r)

**Tachoso, adj, 1 De "Tacha". "O que põe defeitos; mordaz; viperino".**

tachoso (1): " E o s • mansso e doce e nom alto nem tachoso" (f67r)

**Tal – ver Tall**

**Tall, pr, adv, 126 "Tal"**

atal (1): " seer comparado atal benefício" (f32r)

atall (1): " quer prazer atall esposo" (f11v)

ataaes (1): " por que ataaes da deus sua graça" (f139v)

taaes (37): " conçyença que taaes sam" (f73r)

tal (2): " se per h • tal pecado mortall" (f3v)

tall (84): " tu tall pecado e tall" (f4r)

**Tam, adv, 130 "Tão"**

tã (7): " nom ha cousa tã vill" (f1r)

tam (123): " nom ha cousa tam uill" (f6v)

**Tam Bem - ver Tanbem**

**Tamanho, adj, 2**

tamanho (2): " que tamanho ouro" (f24v)

**[Tamto] - ver Tanto**

**Tanbem, adv, 9 "Também"**

tã bem (1): " deuiso tã bem em tres coussas" (f124v)

tam bem (7): " çercado tam bem de muro"(f55v)

tanbem(1): "Tanbem peca homem em soberua"(f4v)

**Tanto, adv, pr, 127**

tamtas (1): " tamtas fez de pendenças" (f3r)

tanta (4): " elles aueram tanta pobreza" (f95r)

tantas (2): " que tantas obras fezêrõ" (f3v)

tanto (108): "doutrem de que tanto mall uem"(f72v)

" que o tanto ama" (f130v)

tantos (5): " que tantos viltos e uergonças" (f4v)

tãto (6): " ajnda eu tãto ão soffry" (f29v)

tãtos (1): "tormentos dos dapnados serã tãtos" (fVv)

**Tardança, sb, 4**

T

tardança (2): " E ha grande tardança" (f10v)  
tardanças (2): " pensamentos e tardanças" (f47r)

### **Tarde, adv, 5**

tarde (5): " quando veem tarde por dormir"(f6r)

### **[Tardar], v, 4**

tardees (1): " que tardees a fazer as que sam"(f78v)  
tardom (1): " tardom de dizer suas oras" (f6r)  
tardou (2): " tenpo que em elles tardou"(f13r)

### **Tardinho, adj, 3**

tardinheiras (1): " ou mujto tardinheiras"(f139r)  
tardinho (2): " pulssso brãdo e tardinho"(f134r)

### **Tãto – ver Tanto**

### **Tauernar, v, 1 "Frequantar a taberna"**

tauernar (1): " E em tauernar e jugar dinheiro" (f77v)

### **Tauerneiro, adj, 3 "Taberneiro"**

tauerneiro (3): " tauerneiro nom mete seu b • vinho" (f117r)

### **[Tauolla], sb, 1 "Mesa de jogo"**

tauollas (1): " tenpo aas tauollas e aos dados" (f50v)

### **Te, pr, 46**

te (45): " e eu te rreçeberey" (f18r)  
to (1): " alg • nom to saibha" (f16r)

### **Tea, sb, 1 "Teia"**

tea (1): " a tea pera filhar as moscas" (f137v)

### **Tençom - ver Tençom**

### **Teer, v, 154 "Ter; ter-se" (Ter-se =conter-se, reprimir-se; deter-se; parar (Morais))**

t • (2): " que t • senpre o meyo" (f43v)  
teellos (1): " teellos em menos que deue"(f4v)  
teem (21): " E teem cuydado" (f46r)  
teende (1): " teende uossos coraç • es humjlldosos" (f38r)  
teendes (2): " teendes çinquo cousas" (f67v)  
teendo (1): "teendo rreçebido o sseu preçioso corpo e sangue "(f145v)  
teer (22): " deue teer seus olhos baixos"(f42r)  
teerria (1): " não teerria o coraçõ em paz"(f43v)  
teersse (2): " teersse em homilldade" (f145r)  
teerya (1): " se teerya homem em themor" (f65v)  
t • s (2): " tu o t • s em teu coraçom" (f130r)  
tehuda (2): " tehuda por santa" (f22v)  
tehudo (2): " doutrem. e por ujll tehudo"(f21r)  
tem (53): " quem da quanto tem" (f32v)  
terã (1): " nom terã deryta hordem" (fVIR)  
teram (1): " não teram deryta hordem" (f99r)  
tenha (4): " tenha boa u • tade" (f51v)  
tenhã (1): " louu • e tenhã por santos" (f75r)  
tenhaes (1): " Nom tenhaes deus" (f3v)  
tenham (1): " se tenham a tall confessor" (f2r)  
tenhamos (1): " tenhamos que nom auemos ajnda rreçebido" (f142v)  
tenho (1): " soffry como tenho mereçido" (f29v)  
teue (3): " aficado cuydado que teue" (f13v)  
teuer (2): " quem bem teuer paçiença" (f27r)  
teuese (2): " teuese tanto bem fecto" (f100v)

teuesse (3): " todo o melhor que teuesse" (f89r)  
theuda (1): " he theuda de os mostrar" (f16v)  
theudas (1): " e theudas por santas" (f3v)  
theudo (10): " que seia theudo por b • " (f4r)  
theudos (2): " oras a que som theudos" (f6r)  
tijnha (3): " tijnha muy fremosos olhos" (f10r)  
tijnham (2): " o que tijnham no coraçõ" (f28r)

### **Temer, v, 54**

temas (2): " Nom temas abr • o" (f127v)  
tem • (4): " aynda tem • encorrer na pena" (f54r)  
teme (16): " tentaç • es e teme cayr" (f47v)  
tem • do (1): " ajnda busco tem • do" (f134r)  
temem (4): " aauelles que te temem" (f121v)  
temendo (1): " Desy temendo que homem"(f14r)  
temendoa (1): " temendoa homem fugua" (f70v)  
temeo (1): " o diaabo. se temeo" (f129r)  
temeos (1): " quando os uyo temeos muyto"(f10r)  
temer (16): " aquello deue hom • a temer" (f87v)  
temerõ (2): " temerõ confesar seu pecado" (f3v)  
temiam (1): " que nom temiam a morte" (f129r)  
temja (1): " eu temja todas minhas obras" (f52r)  
temo (1): " Eu temo todas as cousas" (f134r)  
temõ (1): " Nem que ho temõ" (f84v)  
temydo (1): " poderoso e pouco temydo" (f62r)

### **Temeroso, adj, 2**

temerosa (1): " bendita madre temerosa" (f17r)  
temeroso (1): " agradeçedor e temeroso" (f69r)

### **Temhor - ver Temor**

### **Temor, sb, 61**

temhor (1): "Este temhor faz" (f54v)  
temor (52): " deue confessar em temor" (f13v)  
temores (1): " mujtas afliç • es e temores" (f9v)  
themor (7): " seer o themor de deus" (f41v)

### **Temperança - ver Tenperança**

### **Tempo – ver Tenpo**

### **Tençõ - ver Tençom**

### **Tençom, sb, 7 Cf. Entençom**

"Propósito; intento; desígnio; vontade; ideia".  
"Contenda; arruído; briga; revolta" (Viterbo).  
teençom (2): " ou aja teençom de o pagar" (f7r)  
tençõ (1): " em boa e uerdadeira tençõ" (f80r)  
tençom (3): " auer tençom ou perfia com aquelles a que tem espiçiall famjliridade" (f80r)  
tenç • es (1): " causam demãdas e tenç • es" (f42r)

### **Tenperadamente, adv, 1 "Temperadamente; moderadamente"**

tenperadamente (1): " uyuer tenperadamente"(f46r)

### **Tenperança - ver Tenperança**

### **Tenperança, sb, 8 "Temperança"**

temperança (1): " duas portas he a temperança" (f43v)  
tenperança (1): " aja desprazer e tenperança" (f12v)  
tenperança (6): " tenperança. E justiça" (f44r)

### **Tenperar, v, 12 "Temperar; moderar"**

temperar (1): " temperar tam gram pressa" (f95r)  
tenpera (2): " uertude tenpera o cheiro" (f43v)  
temperada (4): " Mes ajnda sera temperada" (f94r)  
temperado (4): " homem uyuer temperado" (f46v)  
temperados (1): " elles viuem temperados" (f45v)

**Tenpestade, sb, 3 "Tempestade"**

tenpestade (3): " e espritu de tenpestade" (f94r)

**Tenplo - ver Templo**

**Templo, sb, 5 "Templo"**

tenplo (1): " tenplo do sseu glorioso corpo"(f1r)  
tenplo (4): " que leuou ao templo" (f150r)

**Tenpo, sb, 59 "Tempo"**

tempo (4): " durar em todo tempo" (f82r)  
tenpo (42): " bem tenpo de folguar" (f45v)  
tenpos (1): " tenpos e lugares de silencio" (f43r)  
t•po (2): " Deus lhes deu t•po" (f87r)

**[Tenporalidade], sb, 3 "Temporalidade"**

tenporalidades (2): " em estas tenporalidades"(f80v)  
tenporallidades (1): " todas tenporallidades"(f141r)

**Tenporall, adj, 24 "Temporal; mundanal"**

tenporaas (17): " buscaas os b•s tenporaas" (f49v)  
tenporall (6): " guarda a uyda tenporall" (f83v)  
t•poraas (1): " por perdas tenporaas" (f132r)

**[Tenporallidade] - ver [Temporalidade]**

**[Tenro], adj, 3 "Tenro"**

tenrra (2): " a ssua tenrra carne" (f33r)  
t•rra (1): " t•rra uirgem carne" (f34v)

**Tentaço – ver Tentaçom**

**Tentaçom, sb, 24 "Tentação"**

tentaço (2): " sse conbatego com a tentaço" (f12v)  
tentaçom (2): " a tentaçom da carne" (f49v)  
tentaç•es (20): " contra as m•s tentaç•es"(f39r)

**[Tentar], v, 12**

tentada (1): " liurou a alma tentada" (f48v)  
tentado (9): " se he tentado de pecado" (f72r)  
tentados (1): " que sejam tentados aallem" (f22r)  
tentarom (1): " que este mundo os tentarom" (f112r)

**[Tentender] - ver Entender**

**T•po – ver Tenpo**

**[T•porall] - ver Tenporall**

**Ter – ver Teer**

**Terça, adj, 1**

terça (1): " Aa ora de terça se assentou" (f35r)

**Terceiro - ver Terçeiro**

**Terçeiro, num, 83**

terceira (11): " da terceira causa" (f120v)  
terçeira (41): " A terçeira cousa" (f28v)  
terceiro (3): " abrio o terceiro seelo" (f74r)  
terçeiro (27): " E ao terçeiro dia rresurgio" (f38v)

treçeira (1): " A treçeira rrazõ" (f120v)

**Termho - ver Termo**

**Termo, sb, 4 "Termo; prazo; fim"**

termho (1): " pobres da çidade e termho" (f83v)  
termo (3): " elle veera a termo assijnado" (f82v)

**[T•rro] - ver [Tenro]**

**Terra, sb, 91**

terra (89): " O senhor da terra" (f10r)  
terras (2): " ueem longe de suas terras" (f19v)

**[Terrar], v, 1 "Aterrorizar; terrificar" (Do lat. *terrere*).**

terram (2): " tormentos e doores terram os danados" (f96v)

**Terreall, adj, 10 "Terreal"**

terreaas (6): " terreaas ocupaç•es" (f50v)  
terreall (4): " todo terreall amor he çujo"(f11v)

**Terribell, adj, 1 "Terrível"**

terribell (1): " ou alghua terribell besta"(f32r)

**Tesouro, sb, 6**

tesouro (1): " o tesouro das uertudes" (f66r)  
tesouros (1): " lhe mostrou seus tesouros" (f83r)  
thesouro (1): " aueras thesouro na glloria" (f89v)  
thesouros (3): " os thesouros da jgreia" (f89v)

**[Testemunhar], v, 3**

testemunha (2): " testemunha santo agostinho"(f80v)  
testemunhou (1): " E deus testemunhou"(f150r)

**Testemunho, sb, 5**

testemunho (4): "abastara o testemunho doutrem" (f23v)  
testem•ho (1): "testem•ho dessa conçiência" (f44v)

**Testem•ho - ver Testemunho**

**Testo, sb, 1 "Casco da cabeça" (Machado)**

testo (1): " cheguauom ataa o testo" (f35r)

**Teu, pr, 29**

teu (23): " ues aquy teu filho" (f36r)  
teus (6): " teus penssamentos castos"(f62r)

**Thabias - ver Tobias**

**Themor - ver Temor**

**Thesouro - ver Tesouro**

**Thirano, sb, 3 "Tirano"**

thirano (2): " lourenço que dezia ao thirano" (f106r)  
tyrano (1): " dionisio. tyrano de saragoça" (f82v)

**Thirar, v, 55 "Tirar"**

thira (5): " cousa que thira lagrimas"(f133v)  
thirã (1): " thirã a culpa de ssy" (f74r)  
thirada (1): " graça de deus lhe he thirada"(f130v)  
thiradas (1): " sam thiradas das oras" (f57v)  
thirado (2): " sera thirado o terçeiro" (f74v)  
thirae (1): " thirae emqueriçom" (f64r)

thirar (9): " os fez logo thirar" (f10r)  
 thirara (1): " thirara h • outro pecador" (f100v)  
 thirem (1): " thirem os danados" (f90r)  
 thirom (1): " gentes thirom paz da terra" (f74r)  
 thirou (2): " thirou fora da augua o peixe" (f129v)  
 tira (14): " *deus* tira dos coraçoos" (f20r)  
 tirada (3): " he tirada esta alegria" (f131v)  
 tirado (1): " tirado do abiso delle" (f103v)  
 tirallo (1): " tirallo das ouelhas" (f144r)  
 tirando (1): " Tirando as que sse fazem" (f50v)  
 tirar (4): " tirar as sete fechaduras" (f73r)  
 tirara (1): " tirara as lagrimas dos olhos" (f107r)  
 tiraria (3): " elle nom a tiraria" (f100v)  
 tirasse (1): " lhe tirasse *deus* a tentaçon" (f49v)  
 tire (1): " *deus* nos tire as tentaçon • es" (f50r)

**Thobias - ver Tobias**

**Ti – ver Ty**

**Tiçom, sb, 1 "Tição"**

tiçom (1): " o tiçom *que* queyma" (f81r)

**Tirar – ver Thirar**

**Titullo, sb, 1 "Título"**

titullo (1): " alheo *per m • o* titullo" (f7v)

**To - ver Te**

**Tobias, np, 4**

thabias (1): " jsto amoestaua thabias" (f150r)

thobias (1): " a *madre* de thobias" (f131v)

tobias (2): " dezia tobias ao anjo" (f91r)

**Tocamento, sb, 7**

tocamento (4): " porta *que* he o tocamento" (f43v)

tocamentos (2): " vill • os tocamentos" (f9r)

tocam • to (1): " o guosto. • E o tocam • to" (f41v)

**Tocam • to – ver Tocamento**

**[Tocar], v, 9**

toca (3): " que toca o coração" (f130r)

tocadas (1): " sam tocadas alg • as cousas" (f106v)

tocado (1): " *primeiro* ja seja tocado" (f58r)

tocasce (1): " cabeça tocasce as Nuueens" (f92v)

toque (1): " de cousa que a elle toque" (f135r)

toquem (1): " por pouco que os *toquem*" (f28r)

toquom (1): " emquãto a nom toquom" (f28r)

**Todauja - ver Todaulya**

**Todaulya, conj, 3**

todauja (1): " E todaulya o namorado" (f128r)

todaulya (2): " Mes todaulya senpre homem" (f4r)

**Todo, pr, 418 "Todo; tudo" Cf. Tudo**

toda (61): " todo o ouro do mundo" (f6v)

todas (68): " fogir a todas ocasi • es" (f9r)

todo (129): " E todo o que lhe dizem" (f15v)

todos (123): " quem doçem • te fala a todos" (f17v)

todollas (13): " sobre todollas cousas" (f30v)

todollos (23): " a todollos filhos dadom" (f110r)

todolos (1): " como se todolos (*sanctos*)" (f101r)

**Todollo - ver Todo**

**[Todolo] – ver Todo**

**Tolher, v, 6 "Tolher; embargar; tirar"**

**Do lat. tollere.**

tolh • (1): " Estes tolh • a *deus* todo o que elle em elles ama" (f20r)

tolhe (1): " se tolhe a doçe consollaçon de *deus*" (f131v)

tolher (4): " cousa dada nom pode hom • tolher" (f122v)

**[Tomar], v, 3 "Tomar; pegar em; arrebatat"**

toma (1): " toma ho moço *e* sua madre" (f104v)

tomam (1): " tomam em paçiença" (f15v)

tome (1): " tome o moço. *e* sua madre" (f104v)

tomhou (1): " elle tombou a molher

**[Tomhar] - ver [Tomar]**

**Tonell, sb, 3 "Tonel"**

tonees (2): " *e* terra *e* tonees uazios" (f22r)

tonell (1): " beuer do tonell cheo" (f119v)

**[Topaz], sb, 1 "Topázio"**

topazes (1): " ouro ou pedras topazes" (f146v)

**[Toquar] - ver [Tocar]**

**[Torm • tar] - ver Atormentar**

**Tormento - ver Tormento**

**Tormento, sb, 49**

tormemto (2): " confusom *e* tormemto" (f3v)

tormemtos (2): " tormemtos do jnferno" (f90r)

tormento (13): " o tormento he sem fim" (f9v)

tormentos (28): " s • tyr os tormentos" (f37r)

torm • to (2): " por grã pena *e* torm • to" (f97r)

torm • tos (2): " os torm • tos dos condanados" (f97r)

**Torm • to - ver Tormento**

**Tornar "Tornar-se; voltar-se; regressar; trasladar"**

torna (16): " como a corruta torna virgem" (flv)

tornã (1): " damigos tornã imijgos" (f80r)

tornaaeuos (1): " Tornaaeuos pecadores a uossos coraç • es" (f64r)

tornada (1): " seia tornada hua tam uill" (f23v)

tornadas (2): " nom foram tornadas em purtugues" (f57v)

tornado (3): " he tornado seruo" (f1v)

tornam (4): " *uirgees* tornam conrrutas" (f18r)

tornamos (1): " E tornamos h • corpo" (f60r)

tornar (15): " deseio de tornar a ssua terra" (f19v)

tornara (4): " tornara semelhauell a elles" (f80r)

tornaremos (1): " E lla tornaremos" (f19v)

tornarey (2): " nom *tornarey* a elles" (f88r) tornaria

(2): " logo tornaria doçe" (f29r)

tornariam (1): " elles se tornariam a *deus*" (f103v)

tornarom (5): " cada dia tornarom nouos" (f98r)

tornasse (1): " tornasse em negregeñça" (148r)

tornastes (1): " tornastes uossa face" (f34v)

tornate (2): " b • filho tornate a mim" (f62r)

tornaua (1): " tornaua da morte aa vida" (f136v)

torne (6): " vaa *e* nã torne aa terra" (f86r)

torn • (1): " os pecadores torn • seu coração" (f85r)

tornemos (2): " tornemos a nossa materia" (f4r)  
tornou (6): " E o ssoll tornou negro" (f76v)

**[Torno], sb, 1**

"**Bica de onde sai espadana forte**" (Morais).

tornos (1): " do seu precioso corpo foy aberta a quatro tornos que (...) lançou sangue" (f35v)

**Torpe, adj, 2**

torpe (2): " em os rreliossos he torpe pecado"(f7r)

**Torre, sb, 6**

torre (6): " a torre da menajem" (f48r)

**Torto, sb, adv, 4 "Torto; agravo; mal"**

torto (3): " morrer a torto" (f37v)

" de o auer e torto o reteer" (f7r)

tortos (1): " os tortos e emjurias e despreços"(f33r)

**Toruação - ver Toruacom**

**Toruacom, sb, 4 "Torvação"**

toruacão (2): " sem toruacão de uossa v•tade"(f79v)

toruacom (2): " Paz sem toruacom" (f113v)

**Toruam, sb, 3 "Torvão"**

toruam (2): " ouuj hua uoz assy como de gram toruam" (f73r)

toruom (1): " ao corisco e ao toruom" (f41v)

**Toruar, v, 18 "Torvar; estorvar"**

torua (7): " beuediçe torua a pallaura" (f119r)

toruada (1): " pensamento foi toruada" (f17r)

toruado (5): " seja toruado dalghua cousa"(f29v)

toruados (1): " e nom serees toruados" (f62v)

toruam (1): " da conçiência que nos toruam" (f78r)

toruar (3): " pode toruar. nem fazer triste" (f132r)

**Toruo, sb, 1 "Torvo"**

toruo (1): " nõ auer alg• toruo das cousas de fora" (f50r)

**[Toruoear], v, 1 "Trovejar" (Machado)**

toruoear (1): " Se nom quando elle toruoear" (f84v)

**Toruom - ver Toruam**

**Toste, adv, 2 "Logo; sem demora; com muita diligência; paressadamente" (Viterbo).**

"Cedo" (Nunes).

toste (2): " que pera a oraçõ mais toste sobir ao çeeo" (f51r)

**[Toucarse], v, 1 "Toucar-se"**

toucasse (1): " e oolhasse e toucasse bem" (f11r)

**Trabalhar, v, 30 "Trabalhar; esforçar-se; afligir"**

trabalha (6): " se esforça e trabalha" (f22r)

trabalhaes (2): "do bem por que trabalhaes"(f80v)

trabalhaeuos (1): "trabalhaeuos daproueitar"(f66v)

trabalhado (1): " que tem asaz trabalhado"(f45v)

trabalhado (1): " e estando e trabalhado" (f148r)

trabalhando (1): "en trabalhando. ou fazendo"(f65v)

trabalhar (5): " trabalhar cõuem a todollos"(f110r)

trabalharmos (1): "trabalharmos de ressurgir"(f38v)

trabalharom (1): " aquy bem trabalharom" (f110v)

trabalharsseham (1): " trabalharsseham de a buscar"(f71v)

trabalhasse (1): " nom trabalhasse" (f68v)

trabalhassem (2): " seis dias trabalhassem"(f110v)

trabalhe (1): " e trabalhe de buscar" (f117v)

trabalhem (1): " trabalhem cada dia" (f56v)

trabalhemos (1): " trabalhemos deuotamente" (f68v)

trabalhey (1): " eu trabalhey h• pouco" (f57r)

trabalhom (2): "os seruidores que trabalhom"(f110r)

trabalhou (1): " trabalhou por auella" (f116v)

**Trabalhador, sb, 1**

trabalhador (1): " lia quer dizer trabalhador" (f115v)

**Trabalho, sb, 54 "Trabalho; ofício; aflição"**

trabalho (33): " pena e trabalho do corpo" (f45v)

trabalhos (21): " que folgue dos trabalhos" (f57r)

**Trabalhoso, adj, 1**

trabalhoso (1): " seja longo ou trabalhoso" (f22r)

**Traça, sb, 2**

traça (2): " serem comestas da traça" (f89r)

**Traiçom, sb, 1 "Traição"**

traaçom (1): " ffez matar per traaçom" (f144v)

**Traijo - ver Trajo**

**Trajo, sb, 3 "Traje"**

traijo (1): " de uosso onesto traio" (f104r)

trajo (2): " he amostraao em traio" (f20r)

**Tranquilidade, sb, 2**

tranquilidade (1): " serem em tranquilidade" (f143r)

tranquillidade (1): " segurança e tranquillidade" (f143v)

**Tranquillidade - ver tranquilidade**

**Transfeguraçom, sb, 5 "Transfiguração"**

transfeguraçom (2): " vinho na transfeguraçom" (f119v)

tresfeguraçom(3): " tresfeguraçom de Jhesu" (f137r)

**[Trapos], sb, 1**

trapos (1): " de uelhos trapos nom se poderom cobrir" (f94r)

**Tras, prep, 1 "Trás; atrás"**

tras (1): " os malles dos outros tras uos" (f66v)

**Trauctado, sb, 4 "Tratado"**

trauctado (4): " se acaba o trauctado das alegrias do paraíso" (f123r)

**Trauctar, v, 22 "Tratar"**

traucta (2): " honde traucta da amjzade"(f82v)

trauctar (3): " de trauctar em liuro" (f149r)

trauctarom (1): " trauctarom per quatro caminhos" (f124r)

trauta (14): " aqui trauta dos rreliossos" (f7v)

trautou (2): " em çima trautou da primeira"(f133v)

**[Trautar] – ver Trauctar**

**Trazer, v, 23**

traz (9): " o diabo traz ao coração" (f12v)  
 trazem (4): " a trazem emcrynada aa terra"(f19v)  
 trazendo (2): " apareço trazendo em seus braços"(f3v)  
 trazer (3): " podem trazer pecado" (f9r)  
 trazera (1): " obliquaç•es trazera *deus*"(f87r)  
 trazido (1): " seer trazido de noite" (f33r)  
 trouxe (1): " e trouxe a morte" (f75r)  
 trouxerõ (1): " quando lha trouxerõ" (f144v)  
 trara (1): " *Deus* trara todas as cousas" (f98v)

**[Trazer], sb, 1 "Traje; vestimenta"**

trazer (1): " em trazer desordenados" (f8r)

**[Trebelhar], v, 1**

trebelha (1): " que salta e trebelha" (f110r)

**[Treçeiro] - ver Terçeiro****[Tredor], adj, 1 "Traidor"**

tredores (1): " ladr•es e tredores" (f20v)

**[Treer], v, 1 "Trair"**

treera (1): " Judas que o treera" (f34r)

**Treeuas, sb, 14 "Trevas"**

treeuas (17): " terra chea de treeuas" (f89v)

**Tregoa, sb, 1 "Trégua"**

tregoa (1): " demandara tregoa de hua sooora"(f24v)

**Tremer, v, 4**

treme (1): " o castello do coração treme"(f49r)  
 tremem (1): " poderios do paraíso tremem"(f54v)  
 tremeo (1): " e tremeo a terra" (f36v)  
 tremer (1): " tremer todo de medo" (f37r)

**Tremor, sb, 1**

tremor (1): " gram tremor de terra" (f76v)

**Tres, num, 73 "Três"**

tres (73): " ha dauar tres graaos" (f20r)

**Tresfeguraçom – ver Transfeguraçom****[Trespasar], v, 2**

trespassada (1): " a alma auya trespassada" (f36r)  
 trespassom (1): " trespassom o çeeo" (f45r)

**[Tribulaçom] - ver Tribullaçom****Tribullaçom – ver Tribullaçom****Tribullaçom, sb, 30 "Tribulação; atormentação"**

tribulaç•es (6): " vilanias tribulaç•es" (f26v)  
 tribullaçõ (1): " tribullaçõ gaaanha a coroa" (f29r)  
 tribullaçom (6): " tentaçõ ou tribullaçom" (f32v)  
 tribulaç•es (17): "tribulaç•es tenporaes"(f28v)

**[Tribullar], v, 1 "Tribular; atormentar"**

tribullados (1): " nom for dos tribullados" (f63r)

**Triguãça, sb, 2 "Trigança; pressa"**

triguãça (2): " *per* triguãça mastigua mall" (f8r)

**Triguarsse, v, 1 "Trigar-se; apressar-se"**

triguarsse (1): " triguarsse que çedo hi seia" (f19v)

**Triguosamente, adv, 2 "Apressadamente"**

triguosamente (2): " triguosamente correr" (f146v)

**Triguoso, adj, 7 "Trigoso; pressuroso"**

triguosa (2): " deue seer triguosa" (f12r)  
 triguosas (1): " mujto triguosas ou mujto tardinheiras" (f139r)  
 triguoso (4): " comer muyto triguoso" (f8r)

**Trijgo, sb, 2 "Trigo"**

trijgo (1): " depois da boo trijgo" (f18r)  
 trijguo (1): " meu trijguo e meu vinho" (f122v)

**Trijguo – ver Trijgo****[Trilhar], v, 3 "Trilhar; calcar"**

trilhado (1): " e assi trilhado como a llama" (f93r)  
 trilhara (2): " *deus* trilhara e despreçara" (f140v)

**Triste, adj, 8**

triste (8): " assaz nojoso e triste" (f36r)

**Tristeza, sb, 10**

tristeza (10): " ha door ou tristeza" (f5r)

**Trono, sb, 3**

trono (3): " do trono de Sallamom" (f143v)

**Trosqujar, v, 2 "Tosquiar"**

trosqujar (1): " torna a seguar e trosqujar" (f98r)  
 trosquya (1): " a llaa que trosquya" (f97v)

**[Trosquyar] - ver Trosqujar****Trotar, v, 1**

trotar (1): " neçessidade faz uelha trotar" (f117v)

**[Trusar], v, 1 "Troçar"**

**Não encontrámos nenhum registo desta forma, embora Viterbo registe "Trufar" com o sentido de "Gracejar; zombar".**

trusou (1): " E se escarneço ou trusou" (f65r)

**Tu, pr, 75**

tu (75): " se tu has alg• bem em ty" (f16r)

**Tua, pr, 58**

ta (1): " quando ta façe rresprandeço" (f119v)  
 tua (40): " vissem tua fealldade" (f70v)  
 tuas (17): " Nos somos tuas" (f24v)

**Tudo, pr, 1 Cf. Todo**

tudo (1): " tudo passou assy como soonbra" (f88v)

**Tulio, np, 2 "Túlio"**

tulio (1): "E tulio o saies" (f17r)  
 tullio (1): " diz tullio no liuro da amjzade"(f80v)

**Tullio – ver Tulio****Turuo, adj, 1 "Turvo"**

turuo (1): " profundo e turuo e amarguoso" (f70v)



**Ty, pr, 23 "Ti"**

ti (1): "amaras teu prouximo como ti meesmo"(f30r)

ty (20): " Mes como a ty praz" (f34r)

t• (2): " ama teu prouximo como t•." (f30v)

**T•– ver Ty**

**Tyrano - ver Thirano**

# U

**U•mente, adv, 1 "Em vão"**

u•mente (1): "que u•mente se glorificam" (f73v)

**U•o, adj, 32 "Vão"**

u• (9): " combates da u• gloria" (f54v)

u•o (4): " todollos u•os penssam•tos" (f59r)

uaaom (2): " em uaaom he lançada a rrede" (f19v)

u•os (5): " todollos u•os penssam•tos" (59r)

u•s (7): " em fallas u•s" (f50v)

uaa (3): " se perdem per uaa glloria" (f51r)

v• (2): "mestura alg•a V• gloria" (f4v)

**Uaguar, sb, 1 "Vagar; demora"**

uaguar (1): "gram uaguar nom como couçe em brasa" (f34r)

**Uaguar, v, 2 "Vaguear"**

uaguar (2): " uay muytas uezes uaguar" (f41v)

vagando (1): " vagando per ca e per lla" (f20r)

**Uaidade - ver Uaydade****Ualle, sb, 3 "Vale"**

ualle (2): " morar em este ualle de miseria" (19v)

ualles (1): " enuja as fontes aos ualles" (f45r)

**[Ualer] - ver Ualler**

**[Uallente], adj, 1 "Valente"**

uallentes (1): " estes dous uallentes hom•s" (f83v)

**Ualler, v, 49 "Valer"**

ual (2): " pouco ual combater contra" (fIIIr)

ualera (2): " boa querella lhe ão ualera." (f102v)

ualho (1): " que nom ualho nem sey nada" (f144v)

uall (29): " huu sem outro uall pouco" (f17r)

ualllem (2): " enx•pros que mujto ualllem" (f51v)

ualleo (1): " Que nos ualleo nossa soberua" (f88v)

ualler (5): " Nem a oraçom muyto ualler" (f51v)

ualleram (1): " promessas nom ualleram" (f101v)

uallerom (1): " nom uallerom guabanças" (f24v)

uallia (1): " do tabernacullo pouco uallia" (f67r)

vall (2): " embeudado que tanto vall" (f128r)

vallera (1): " Mes ally nom vallera" (f102r)

valleriam(1): "pouco valleriam pera defensiva" (f30r)

**Uallereo, np, 1 "Valério"**

uallereo (1): " Mas uallereo maximo pom em seu liuro" (f82v)

**[Uallioso], adj, 1 "Valioso"**

ualliosa (1): " nom acharom escusa ualliosa" (f77v)

**Uara, sb, 1 "Vara"**

uara (1): " he sofrer a uara do castiguo" (f28v)

**Uaso, sb, 10 "Vaso"**

uaso (5): " como uaso da alma" (f130v)

uasos (1): " Hos uasos diz elle" (f117r)

uasso (1): " no uasso de sseu coraçom" (f108v)

vaso (3): " b• vinho em maaõ vaso" (f117r)

**Uasso - ver Uaso**

**Uassoira, sb, 1 "Vassoura"**

uassoira(1): " çugidade com a uassoira da lingua" (f2r)

**Uaydade, sb, 12 "Vaidade"**

uaidade (2): " se contemplar na uaidade" (f62r)

uaydade (6): " sacorda a honrra e uaydade" (f22v)

uaydades(3): "contarom fabullas e uaydades" (f136r)

vaidade (1): " na vaidade do mundo" (fIVr)

**[Uazio], adj, 3 "Vazio"**

uazia (1): " N•ca esta uazia de d•es" (f51v)

uazios (2): " pedras e terra e tonees uazios" (f22r)

**Ueado, sb, 1 "Veado"**

ueado (1): " saltarees como ueado" (f110r)

**U•dima, sb, 1 "Vindima"**

u•dima (1): " querem atender a u•dima" (f117v)

**[U•çe] - ver Uençer**

**Ueer, v, 177 "Ver"**

uedes (1): " uedes o homem mostrando" (f35r)

uee (29): " claramente uee deus na glloria" (f31r)

u• (1): " tanto u• os olhos do coraçõ" (f125r)

ueede (1): " e ueede como deus he doce" (f140r)

ueem (3): " por que ho ueem e ouuem" (f51r)

ueemos (6): " nos ueemos claramente" (f11r)

ueer (27): " como he ueer Jhesu christo" (f114v)

ueera (1): " o ueera façe a façe" (f40v)

ueerã (1): " ueerã os saluos em sua fremossura" (f114r)

ueeram( 2): "os dapnados ueeram os que som saluos" (f99v)

ueerees (1): " os ueerees cheos de pecados" (f64r)

uees (2): " amaras tu deus que nom uees" (f30r)

ueja (5): " o ueja em sua fremossura" (f142r)

uejo (2): " nom uejo o lume do çeeo" (f91r)

uera (3): " o uera de façe a façe" (f40r)

ueremos (1): " Nos o ueremos e amaremos e louuaremos" (f113v)

ues (2): " disse ues aquij tua madre" (f36r)

uio (2): " prouou e uio como esta era" (f116v)

uira (1): " lhe disse que de todo o que uira" (f83r)

uirem (1): " quando uirem os dapnados" (fVIIr)

uissem (1): " os danados uissem seus jmijos" (f98r)

uistis (1): " Ora uistis os quatro signaaes" (f18v)

uisto (1): " dos deuses sera uisto em siom" (f105r)

uja (1): " uja no çeeo nossa senhora" (f40r)

ujo (3): " ella o ujo per h• buraco" (f10r)

ujrom (1): " que quãdo o ujrom cayrom" (f54v)

ujsto (2): " *deus* dos deoses sera ujsto em ssiom" (f114r)  
 uy (4): " Eu uy diz sam Joham" (f76v)  
 uya (1): " jmagem da gloria que elle uya" (f138v)  
 uyo (11): " a uyo e qujsea auer" (f10r)  
 uysse (1): " uysse mujtos dinheiros" (f17r)  
 vedes (1): " Vedes aquy minha ospeda" (f57r)  
 vee (12): " homem vee • h • spelho" (f136v)  
 veelloemos (1): " veelloemos sem fim" (f114r)  
 veem (3): " o veem ou por que he louuado" (f4v)  
 veendo (1): " veendo os tormentos daquelles" (f11r)  
 veeo (1): " veeo a tam grande graça" (f144v)  
 veer (12): " veer *deus* em tres pessoas" (f41r)  
 veerem (1): " por veerem longe" (f56v)  
 veeren (1): "elles veeren os danados pereçer" (f111r)  
 veerom (1): " veerom os *que* sam saluos" (f100r)  
 veram (1): " veram as espantossas façes" (f96r)  
 veremos (1): " veremos E Por jssio o amaremos" (f114r)  
 uerõ (1): claramente uerõ *deus*" (f31v)  
 vi (2): " o *quinto* seello eu vi disse" (f75v)  
 vio (5): " des que vio a ssua gloria" (f145v)  
 vir (2): " vir alghua noda de pecado" (f11v)  
 vir• (1): " elles vir• como *deus* vingua" (f111r)  
 virem (3): " quando virem a uinguaça" (f111r)  
 virom (1): " que como virom *deus*" (f119r)  
 visse (2): " *quem* visse seu padre" (f37v)  
 vissem (2): " que todos vissem tua fealldade" (f70v)  
 vistas (1): " auja vistas e ouujdas" (f79r)  
 vistas (1): vistas uos *per* eleuaçom despritu" (f135r)  
 visto (1): " por sseer melhor visto" (f35v)

#### [Ueerm•] - ver Uerm•

#### [Uehua], sb, 1 "Viúva"

uehuuas (1): " E na cõtyn • çia das uehuuas" (f67v)

#### [Uela] - ver Uella

#### Uelho, adj, sb, 6 "Velho"

uelha (4): " mandou na ley uelha" (f50v)  
 uelho (1): " sse conselhar a h • uelho" (f85v)  
 uelhos (1): " Nem de uelhos trapos" (f94r)

#### Uella, sb, 11 "Vela"

uelas (1): " boas uelas da nosa forteleza" (f111v)  
 uella (7): " Esta uella he o temor de *deus*" (f52r)  
 uellas (3): " sam uellas em cima do castello" (f56v)

#### [Uemder] - ver [Uender]

#### Ueeo, sb, 1 "Véu"

ueeo (1): "fendeosse o ueeo do tenplo" (f36v)

#### Uençedor, adj, 1 "Vencedor"

uençedor (1): " agora es tu uençedor" (f52v)

#### Uençer, v, 21 "Vencer"

u • çe (1): " u • çe o apitito da guargantoice" (f46r)  
 u • çem (1): " assy ellas u • çem *aquelle*" (f45r)  
 uençeo (1): " daujd vos uençeo" (f144v)  
 uençer (6): " Pera uençer esta batalha" (f23v)  
 uençestes (1): " *Senhor* assy como uençestes" (f52v)  
 uençida (1): " primeiro nom he uençida" (f46v)  
 uençido (6): " diaabo uee que he uençido" (f52r)  
 vençee (1): " outros conbates vençee ajnda" (f52v)

vençem (1): " vençem os sofredores" (f27v)  
 vençido (2): " nom podees seer vençido" (f144v)

#### [Uender], v, 2 "Vender"

uemde (1): " uemde o que as dao aos pobres" (f89v)  
 uendera (1): " nem dões nom se uendera" (f102r)

#### Ueniall - ver Uenjall

#### Uenjall, adj, 6 "Venial"

ueniall (1): " jsto he pecado ueniall" (f4v)  
 uenjaaes (1): " pollos pecados uenjaaes" (f14r)  
 uenjall (2): " jsto he pecado uenjall" (f8v)  
 uenyaaes (1): " alma dos pecados uenyaaes" (f39r)  
 veniall (1): " pecado mortal e veniall" (f4r)

#### Uento, sb, 11 "Vento"

uento (11): " *que* lança poo ao uento" (f147v)

#### Uentuira - ver Peruentura

#### Uentuira, sb, 2 "Ventura"

uentuira (2): " he *allegria e* bõa uentuira" (f112v)

#### Uentura - ver Peruentura

#### [Uenyall] - ver Uenjall

#### Uerdade, sb, 9 "Verdade"

uerdade (8): " com uerdade e uergonha" (f69v)  
 verdade (1): " verdade he que alg • s carçeres hi ha" (f91r)

#### Uerdadeiramente, adv, 14 "Verdadeiramente"

uerdadeiramente (13): " uos possa amar *uerdadeiramente*" (f69r)  
 verdadeiramente (1): " diz verdadeiramente rroguar" (f50r)

#### Uerdadeiro, adj, 54 "Verdadeiro"

uerdadeira (24): " em boa e uerdadeira tençõ" (f80r)  
 uerdadeiras (1): " sam uerdadeiras e graues" (f84v)  
 uerdadeiro (19): " uerdadeiro soll da justiça" (f21r)  
 uerdadeiros (4): " s • es amigos uerdadeiros" (f37r)  
 verdadeiro (2): " amor extitico e verdadeiro" (fVIIv)  
 verdadeira (4): " *per* verdadeira confisom" (fVv)

#### Uerde, adj, 4 "Verde"

uerde (2): " *quem* comer huva uerde" (f120v)  
 uerdes (2): " booscos uerdes *que* os secos" (f99r)

#### Uerdura, sb, 1 "Verdura"

uerdura (1): " *uerdura* ou *secura* dos pecados" (f99r)

#### Uergõha - ver Uergonha

#### Uergonça - ver Uergonha

#### Uergonha, sb, 37 "Vergonha"

uergõha (2): " guarda castidade e uergõha" (f42v)  
 uergonça (2): " poderia cayr em *uergonça*" (f117v)  
 uergonças (1): " tantos viltos e uergonças" (f4v)  
 uergonha (29): " ueeo de uergonha *uirginall*" (f17r)  
 uerguonha (1): " Que elles ajam uerguonha" (f91v)  
 vergonha (2): " vergonha sem prudencia he bestiall" (f17r)

#### [Uergonhoso], adj, 9 "Vergonhoso"

uergonhosa(7): "auer companhia uergonhosa" (f46v)  
uergonhosas (1): "natureza sooes uergonhosas" (f3v)  
uerguonhosa(1): "cruell e uerguonhosa morte" (f37r)

**Uergonhosamente, adv, 2 "vergonhosamente"**  
uergonhosamente(2): "saies uergonhosamente" (f17r)

**Uerguonha - ver Uergonha**

**[Uerguonhoso] - ver [Uergonhoso]**

**Uerm•, sb, 7 "Verme"**  
ueerm•s (1): " dos ueerm•s em sua morte" (f23r)  
uerm• (2): " uerm• ou alghua terribell besta" (f32r)  
uerm•s (2): " serpentes e bestas e uerm•s" (f95v)  
uermem (2): " o uermem he uill cousa" (f23r)

**[Uermelho], adj, 3 "Vermelho"**  
uermelhas (3): " grossas e uermelhas" (f68r)

**Uermem - ver Uerm•**

**Uersso - ver Verso**

**Uertude, sb, 55 "Virtude"**  
uertude (20): "Esta uertude tenpera o cheiro" (f43v)  
uertudes (20): " tres das uertudes cardeaaes" (f56r)  
uirtude (9): " per uirtude de paçiençia" (f27v)  
uirtudes (3): " priuilegios de todas uirtudes" (f1r)  
ujrtudes (1): " semelhamça de ujrtudes" (f94r)  
vertude (1): " esta vertude a n•h• a pode" (f27r)  
vertudes (1): " quatro vertudes cardeaaes" (f43v)

**Uertuosam•te, adv, 1 "Virtuosamente"**  
uertuosam•te (1): " e uertuosam•te obrar" (f46t)

**Ueso - ver Verso**  
**Uespera - ver Vespera**

**[Uestido], sb, 3 "Vestido"**  
uestidos (2): " desuestido daquelles uestidos" (f35v)  
vistidos (1): " e dos vistidos sobejos" (f77r)

**Uestir, v, 7 "Vestir"**  
uestida (1): " uestida de roupa de uertudes" (f11v)  
uestir (1): " beuer e uestir e calçar" (f113r)  
uistir (1): " que teue em sse bem uistir" (f13v)  
uisterõno (1): " desy uisterõno de purpura" (f35r)  
ujstir (1): " homjlldoso em ujstir" (f69r)  
ujstas (1): " louuo que tu te ujstas" (f94v)  
vistir (1): " em sem vistir e em todo ho all" (f104r)

**Uez, sb, loc.adv, 59 "Vez"**  
uez (17): " ao menos hua uez na somana" (f11v)  
uezes (41): " aas uezes purguam a alma" (f12v)  
vez (1): " em que declara outra vez" (fVIIv)

**Uianda - ver Vianda**

**[Uiço] - ver Ujço**

**Uiçoso, adj, 4 "Viçoso"**  
uiçoso (1): " quiser seer bem uiçoso" (f121r)  
uyçossa (1): "uyçossa cousa he a comssolaçom" (f46v)  
viçossa (2): " viçossa cousa he a deujnall" (f60v)

**Uiçossamente, adv, 1 "Viçosamente"**  
uiçossamente(1): "que uiuem uiçossamente" (f135v)

**Uida - ver Ujda**

**[Uigillia] - ver Ujgillia**

**U•da - ver Vijnda**

**[Uilanya] - ver [Vilania]**

**Uill - ver Ujll**

**Uilla, sb, 3 "Vila"**  
uilla (2): " andando de uilla em ujlla" (f33r)  
ujlla (1): " andando de uilla em ujlla" (f33r)

**Uill•o - ver Vill•o**

**Uilleza - ver Ujleza**

**Uinagre, sb, 2 "Vinagre"**  
uinagre (1): " comer salssa de uinagre" (f120v)  
uynagre (1): " derõ fell e uynagre" (f36v)

**Uinguança - ver Ujnguãça**

**Uinho - ver Vinho**

**Uirg• - ver Uirgem**

**Uirgem, sb, adj, 41 "Virgem"**  
uirg• (4): " figura da uirg• maria. madre" (f1r)  
uirgeens (1): " destas sete uirgeens" (f83r)  
uirg•s (5): " dirom aas uirg•s sandias" (f6v)  
uirgees (1): " as uirgees tornam conrrutas" (f18r)  
uirgem (21): " espiçialmente a uirgem maria" (f25r)  
ujrgem (1): " esposa se nom he ujrgem" (f16v)  
virg• (1): " deuaçom em a virg• maria" (f24v)  
virgem (7): " a virgem gloriosa Senhora" (f25v)

**Uirgijdade - ver Uirgijndade**

**Uirgijndade, sb, 18 "Virgindade"**  
uirgijdade (3): " terceiro signall de uirgijdade" (f17r)  
uirgijndade (10): " de muro de uirgijndade" (f1r)  
virgindade (4): " çertos sinaaes de virgindade" (f16r)  
vijrgijdade (1): " recobrar sua vijrgijdade" (f18r)

**Uirginall, adj, 1 "Virginal"**  
uirginall (1): " ueeo de uergonha uirginall" (f17r)

**Uirtude - ver Uertude**

**Uirtuoso, adj, 4 "Virtuoso"**  
uirtuosa (1): " enxenpro de uida uirtuosa" (f33r)  
uirtuoso (2): " mais uirtuoso que daujd" (f42v)  
vjrtuoso (1): " posto que vjrtuoso seia" (f45r)

**Uisam - ver Uisom**

**Uisom, sb, 15 "Visão"**  
uisam (1): " em esta uisam sam todollos delleitos" (f114v)  
uisom (9): " sera na uisom de deus" (f114r)  
visom (1): " esta visom som todos os prazeres" (f113v)

ujssom (3): " ataa ujsom de *deus*" (f147v)  
ujssom (1): " chegar aa ujssom de *deus*" (f116r)

[Uistidura] - ver Vistidura

Uistir - ver Uestir

Uiuer - ver Viuer

[Uiuficar] - ver [Viuficar]

Ujãda - ver Vianda

Ujanda - ver Vianda

[Ujçejar], v, 1 "Vicejar"

ujçejara (1): " E ujçejara sem fim" (f57r)

[Ujçio] - ver Uyçio

Ujço, sb, 34 "Atractivo; mimo; encanto; engodo"  
"Satisfação; alegria" (Michaëlis).

uiços (4): " *nos* uiços deste mundo" (f20r)

ujço (2): " ao gram ujço enbarguom" (f121r)

ujços (25): " *ujços* esprituaaes e carnaaes" (f60v)

viço (1): "viço he morar em nossos coraç•es" (f57r)

viços (2): " *saborosos e groriosos* viços" (f141v)

Ujctoria - ver Ujtoria

[Ujçyo] - ver Uyçio

Ujda, sb, 132 "Vida"

uida (18): " tam *aspera* uida faziam" (f3v)

uidas (1): " fim de ssuas uidas" (f8v)

ujda (85): " o mall a ujda e a morte" (f10v)

ujdas (1): " nas ujdass dos padres" (f85r)

uyda (11): " que sera em outra uyda" (f143v)

vida (16): " somos em esta mortal vida" (f52r)

Ujgillia, sb, 2 "Vigília"

uigillias (1): " jej•s e uigillias e oraç•es" (f24r)

ujgillia (1): " grande jej• nem ujgillia" (f29r)

[U•r] - ver V•r

Ujleza, sb, 3 "Vileza"

uilleza (1): " • o jnferno auera uilleza" (f97r)

ujleza (2): " e a ujleza do pecado" (f62r)

Ujll, adj, 13 "Vil"

uill (4): " nom ha cousa tam uill" (f6v)

ujll (5): " he ujll cousa de ssy e pobre" (f23r)

vijs (1): " em estes vijs deleitos" (f8v)

vill (3): " nom ha cousa tã vill" (f1r)

Ujlla - ver Uilla

Ujnguãça, sb, 5 "Vingança"

uinguança (1): " quando virem a uinguança" (f111r)

ujnguãça (2): " *amargrossa* ujnguãça" (f88r)

ujnguança (1): " outro hi nom ha ujnguança" (f30v)

vinguança (1): " amor de cluell vinguança" (f111r)

Ujnguança - ver Ujnguãça

Ujnho - ver Vinho

Ujrgem – ver Uirgem

[Ujrtude] - ver Uertude

Ujsitaçom, sb, 1 "Visitação"

ujsitaçom (1): " sabe mujto da ujsitaçom" (f130v)

[Ujsitar], v, 2 "Visitar"

ujsitados (1): " os *perdidos* *seram* ujsitados" (f90r)

ujsitara (1): " no dia do juizo ujsitara *deus*" (f92v)

Ujsom - ver Uisom

Ujssom - ver Uisom

Ujstedura - ver Vistidura

[Ujstidura] - ver Vistidura

Ujstir - ver Uestir

Ujtalha - ver Vitalha

Ujtoria, sb, 6 "Vitória"

ujctoria (2): " ujctoria de *seus* jmijgos" (f46r)

ujtoria (3): " a coroa da ujtoria" (f53v)

vitoria (1): " vitoria deste *primeiro* conbata" (f24r)

Ujturiso, adj, 1 "Vitorioso"

ujturioso (1): " se tem *por* ujturioso" (f53r)

Ujuer - ver Viuer

Ujueza, sb, 1 "Viveza"

ujueza (1): " e cõ ujueza rrequerer *deus*" (f68v)

[Ujuo] - ver [Uyuo]

Uoar, v, 4 "Voar"

uoam (3): " *senom* as aues que uoam baixas" (f19v)

uoar (1): " faz oraçom uoar a *deus*" (f51r)

[Uoda], sb, 3 "Boda; banquete"

uodas (3): " uodas honde *Jhesu Christo* era" (f131r)

[Uoguado], sb, 3 "Advogado"

uoguada (3): " encomenda a esta uoguada" (f40r)

uoguados (1): " como os saies uoguados" (f102r)

Uollo - ver Uos

Uoomtade – ver Uoontade

Uoontade, sb, 90 "Vontade"

uoomtade (14): " • quanto ha maa uoomtade" (f51v)

uoomtades (1): " todas minhas uoomtades" (f146v)

uoontade (27): " *contra* a uoontade daquelle" (f33v)

uoontades (3): " *compre* uossas uoontades" (f146v)

u•tade (15): " *contra* sua u•tade" (f28r)

uõtade (1): " segundo a uõtade de *deus*" (f60r)

vontade (2): " aa vontade de *deus*" (f111r)

voomtade (5): " voomtade de bem fazer" (f75v)

voomtades (1): " que as uossas voomtades" (f146v)

voontade (15): " *sogeitos* aa ssua voontade" (f32r)

v•tade (5): " que de uossa boa u•tade" (f34r)

v•tades (1): " *ligeiros* como as v•tades" (f113r)

## **U•tade – ver Uoontade**

### **Uos, pr, 128 "Vos; vós"**

uollo (1): " eu uollo darey liure" (f35r)  
uos (112): " mayores *e* a uos meesmos" (f16r)  
" Por *deus* uos rrogo" (f25r)  
volla (1): " disse o pagu•o volla auerees" (f83r)  
vos (14): " que sse mester for vos" (f79v)  
" vos deuees s•tyr os tormentos" (f37r)

### **Uosso, pr, 80 "Vosso"**

uossa (18): " tornastes uossa face" (f34v)  
uossas (14): " uossas doces lagrimas" (f38v)  
uosso (22): " como de uosso jmiigo" (f79v)  
uossos (22): " amaae uossos jmiiguos"(f30r)  
vossa (2): " diligência de vossa vida" (f64r)  
vosso (2): " vosso ouro *e* uossa prata" (f89r)

## **Uõtade – ver Uoontade**

### **Uoto, sb, 2 "Voto"**

uoto (1): " leixarõ o mundo ou de uoto" (f61v)  
uotos (1): " os tres uotos da rrellegiom" (f11r)

### **Uoz, sb, 18 "Voz"**

uoz (11): " aquella espantosa uoz" (f26r)  
uozes (7): " braadauom altas uozes" (f34v)

### **Uozina, sb, 1 "Buzina"**

uozina (1): "hua uozina que senpre soa"(f32r)

## **Uyãda - ver Vianda**

### **Uyagem, sb, 1 "Viagem"**

uyagem (1): " uyagem desta estranha terra"(f80v)

## **Uyanda - ver Vianda**

### **Uyçio, sb, 9 "Vício"**

ujçios (1): " conbate com os outros ujçios"(f42r)  
ujçyos (1): " *conbate nos* outros ujçyos"(f66v)  
uyçio (1): " rresistir alg• uyçio" (f8r)  
uyçios (1): " peleja com os outros uyçios"(f46v)  
viçios (4): " combater contra os outros viçios"(f41r)  
viçyos (1): " *contra* uossos viçyos" (f34r)

## **[Uyçosso] - ver Uiçoso**

## **Uyda - ver Ujda**

## **Uynagre - ver Uinagre**

### **Uytor, np, 1 "Vitor"**

uytor (1): " diz hugo de sam uytor"(f41r)

### **[Uytuperyo], sb, 1 "Vitupério"**

uytuperyos (1): " çujas palauras *e* em uytuperyos" (f8r)

### **Uyuamente, adv, 1 "Vivamente"**

uyuamente (1): " tira uyuamente das cousas m•danaaes" (f123v)

## **Uyuer - ver Viuer**

## **[Uyuo], sb, adj, 3 "Vivo"**

uyuos (2): " pollos uyuos *e* nom pollos mortos"(f3r)  
viuos (1): " E a terra dos viuos"(f105v)  
ujuas (1): " todas as ujuas creaturas" (f19v)  
uyua (1): " cõfesar com uyua deligência" (f2v)  
uyuas (1): " pessoas a•da uyuas" (f126r)  
viua (2): " mais viua *e* mais aspera" (f87r)

# **V**

## **[V••• - ver U•o**

## **[Vagar] - ver Uaguar**

## **Vaidade – ver Uaydade**

## **[Valler] – ver Ualler**

## **Vaso - ver Uaso**

## **Veer - ver Ueer**

### **Vellar, v, 1 "Velar"**

Vellar (1): " Vellar em dormindo" (f62r)

## **[Vençer] - ver Uençer**

## **Veniall - ver Uenjall**

### **Ventre, sb, 1**

ventre (1): " seu ventre *e* dos della seu coraçom" (f116v)

## **[Ver] - ver Ueer**

## **Verdade - Uerdade**

## **Verdadeiramente - ver Uerdadeiramente**

## **Verdadeiro - Uerdadeiro**

## **Vergonha - ver Uergonha**

### **Verso, sb, 3**

uersso (1): " este uersso <de> dauid." (fVIIv)  
ueso (1): " palaura em o ueso daujd" (f106r)  
verso (1): " palaura em o verso" (fVIv)

## **Vertude – ver Uertude**

### **Vespera, sb, 4 "Véspera"**

uespera (1): " que aa uespera" (f117r)  
uesperas (1): " Aa ora de uesperas" (f38r)  
vespera (2): " como aa ora de vespera" (f36v)

## **Vez - ver Uez**

## **Vianda, sb, 42 "Vianda; alimento"**

uianda (2): " darei a este poboo uianda" (f94r)  
 ujanda (11): " primeira ujanda do Paraíso" (f110v)  
 ujandas (5): " ujandas com salssas custosas" (f8r)  
 ujāda (2): " Vijnho e ujāda" (f41v)  
 uyāda (1): " mastigua mall sua uyāda" (f8r)  
 uyanda (1): " de tam proueitosa uyanda" (f61r)  
 uyandas (1): " desuayradas uyandas" (f44v)  
 viamda (2): " A terçeira viamda sera alegria" (f111r)  
 vianda (14): " o ssabor da boa vianda" (f120r)  
 viandas (2): " he a agrura das viandas" (f120v)  
 vjanda (1): " s • vjanda dos grandes" (f59v)

**[Viçio] - ver Uyçio**

**Viço - ver Ujço**

**[Viçosso] - ver Uiçoso**

**[Viçyo] - ver Uyçio**

**Vida - ver Ujda**

**[Vigiar], v, 1**

vigiando (1): " o seruo que seu senhor achar vigiando" (f47v)

**V•da - ver Vijnda**

**Vijnda, sb, 5 "Vinda"**

u•da (1): " em a u•da do espritu santo" (f128v)  
 v•da (1): " aa v•da dos filhos disrraell" (f129r)  
 vijnda(1): "comsollaçom ante de sua vijnda" (f131v)  
 vijndas (2): " ssuas hidas nem vijndas" (f15r)

**Vijnho - ver Vinho**

**V•r, v, 129 "Vir"**

u• (1): " u• hom• do amor spritual" (fVIIv)  
 ueeo (2): " da toruaçom lhe ueeo de uergonha" (f17r)  
 u• (2): " se nom u• da cousa amada" (f139r)  
 ueem (7): " que ueem longe de suas terras" (f19v)  
 ueheo (3): " quando ueheo a ssam Joham" (f21v)  
 ueherom(2): "espantossos pecados ueherom" (f146r)  
 ueho (2): " Mes huu anjo ueho" (f73r)  
 ueio (1): " claramente ueio deus" (f31v)  
 uem (27): " diz uem minha esposa" (f11r)  
 uenha (2): " que nom uenha sobitamente" (f10v)  
 u•nha (1): " esta alegria u•nha da cruz" (f63v)  
 uenham (1): " que as tribullaç•es uenham" (f29v)  
 ueo (4): " . Entõ ueo judas" (f34r)  
 ueyo (2): " Jhesu ueyo por saluar" (f145v)  
 veem (3): " quando veem tarde por dormir" (f6r)  
 veherom (1): "Os filhos veherom ataa o parto" (f76r)  
 vem (8): " muytas uezes vem a morte" (f41v)  
 vemham (1): " a tall perfeiçõ vemham" (f139v)  
 veo (3): " que veo a Jherusalem ueer" (f106r)  
 veera (1): " elle veera a termo assignado" (f82v)  
 veesse (1): " esperaua que lhe veesse" (f131v)  
 vier (2): " vier em moor conhoçim•to" (f63v)  
 v•m (1): " eu nom v•m pera sseer seruido" (f33r)  
 vijnde (2): " mortos leuātaayuos e vijnde" (f26r)  
 vijndo (1): " Eu nom sam vijndo chamar" (f144r)  
 vijndos(3): "som vijndos a gram perfeiçom" (fVIIIv)  
 vijr (5): " vijr em conhocimento" (fVr)  
 v•r (35): " v•jr senom ha uerdadeira contriçom" (f1v)

v•ra (3): " Nom nos v•ra tentaçom" (f55r)  
 vijrey (1): " vijrey eu aa perfeita folguança" (f143v)  
 vijria (1): " A este estado vijria" (f15v)

**Vijrgijdade - ver Uirgijndade**

**[Vilania], sb, 4 "Vilania"**

uilanyas (1): " per enjurias e uilanyas" (f27r)  
 villanjas (1): "villanjas e emjurias çugidades" (f35v)  
 vilanias (2): "per jnjurias vilanias" (f26v)

**Vilhçe, sb, 1 "Velhice"**

vilhçe (1): " . hu ha mãçebia sem vilhçe" (f113v)

**Vill - ver Ujll**

**Vill•o, adj, 7 "Vil"**

uill• (1): " e sem uill• tacha" (f11v)  
 uill•o (1): " e uill•o pecado" (f8v)  
 uill•s (1): " uill•s contenenças" (f8r)  
 vill•o (1): " perigos deste vill•o mundo" (f109r)  
 vill•os (1): " vill•os tocamentos" (f9r)  
 vill•os (1): " com tocamentos vill•os" (f13v)  
 vill•s (1): " palauras vill•s" (f5v)

**[Villanja] - ver [Vilania]**

**[Vilto], sb, 1 "Aviltamento; vileza"**

viltos (1): " viltos e uergonças por Nos sofreo" (f4v)

**[Vinguar], v, 2 "Vingar"**

vingua (1): " Senhor vingua nosso sangue" (f75v)  
 vingua (1): " vir• como deus vingua" (f111r)

**Vinguança - ver Ujnguãça**

**Vinha, sb, 1**

vinha (1): " aguora trabalhom na vinha de deus" (f110r)

**Vinho, sb, 29**

uinho (5): " beuer de uinho muy puro" (f107r)  
 ujnho (5): " assy como o forte ujnho" (f61r)  
 vijnho (1): " Vijnho e ujāda" (f41v)  
 vinho (16): " meteo hi vinho e augua" (f58v)  
 vinhos (2): " b•s vinhos e fortes" (f8r)

**Virg• - ver uirgem**

**Virgem – ver Uirgem**

**Virgindade - ver Uirgijndade**

**Visom - ver Uisom**

**[Vistido] - ver [Uestido]**

**Vistidura, sb, 5 "Vestidura; traje"**

uistiduras (1): " uistas de uistiduras brancas" (f94v)  
 uistedura (1): " he mingua de uistedura" (f94r)  
 ujustiduras (1): " ujustiduras foram brancas" (f119v)  
 vistidura (2): " mingua da vistidura" (f94r)

**Vistir - ver Uestir**

**Vistoso, adj, 1**

vistoso (1): " como vistoso começamento" (f115v)

**Vitalha, sb, 8 "Vitualha"**

ujtalha (1): " que a ujtalha da alma" (f44v)  
 ujtalhas (3): " bem guarnjdo de ujtalhas" (f45r)  
 vitalha (1): " *que* a vitalha da alma" (fIIIr)  
 vitalhas (3): " as vitalhas sprituaaes" (f46r)

**Vitoria - ver Ujtoria****Viuemda, sb, 1 "Vivenda; lugar"**

viuemda (1): " desta mortall viuemda"(f138v)

**Viuer, v, 44 "Viver"**

uiua (1): "assy uiua como que cada dia" (f61v)  
 uiue (1): " *e* espritu santo uiue *e* reina" (f103v)  
 uiuem (2): " uiuem em obediência" (f2r)  
 uiuer (1): " nom deue uiuer por comer"(fIIIv)  
 uju • (1): " *que* uju • no stado ja dito" (f126r)  
 ujuendo (1): " *e* morrerõ ujuendo" (f98r)  
 ujuer (1): " mes comer por ujuer" (fIIIv)  
 uyuaamos (1): " uyuaamos ou moyramos" (f128r)  
 uyue (3): " *quem* uyue em obidiência"(f11v)  
 uyuemos (1): " se uyuemos jssso meesmo" (f128r)  
 uyuer (9): " Mes comer por uyuer" (f50r)  
 uyuerõ (2): " Ca uyuerõ morrendo" (f98r)  
 viue (2): " *deus* que viue *e* rreyna" (f150v)  
 viuees (1): "viuees segundo o deseio da carne"(f63v)  
 viuem (2): " elles viuem tenperados" (f45v)  
 viuemos (3): "em esta ujda viuemos em door"(f109r)  
 viuendo (1): " Morrer em viuendo" (f62r)  
 viueo (1): " Meu amigo viueo" (f127v)  
 viuer (5): " quer viuer segundo *deus*"(f21v)  
 viuera (2): " dinamente viuera *per* mym"(f60r)  
 viuerrey (1): " viuerrey *e* morrerey" (f127v)  
 viuerom (1): " E viuerom senpre bem" (f83v)  
 viuya (1): " seu mais amado filho viuya"(f136v)  
**[Viuiificar], v, 3 "Vivificar"**  
 uiuificado (1): " assy me as uiuificado" (f103v)  
 viuifica (1): "  
 viuifica (1): "

**[Viuo] - ver [Uyuo]****Vjr্তুoso - ver Uirtuoso****Vltimo, adj, 2 "Último"**

vltime (2): " do vltimo manjar *que* he ueer a *deus*" (f113v)

**Vmdecimo - ver Vndecimo****Vndecimo, num, 2 "Undécimo"**

vmdecimo (1): " do vmdecimo frujto" (f60v)  
 vndecimo (1): " do vndecimo fruito"(fIVr)

**Vnjdade, sb, 1 "Unidade"**

vnjdade (1): " juntamente naquella vnjdade"(f111v)

**Vnjuerssall, adj, 1 "Universal"**

vnjuerssall (1): " se chama bem vnjuerssall"(f83r)

**[Vollo] - ver Uos****Vol•tarioso, adj, 1 "Voluntarioso"**

vol•tarioso (1): " vol•tarioso aa penitência" (f69r)

**Vontade – ver Uoontade****Voomtade – Uoontade****Voontade - Uoontade****V•tade – ver Uoontade****Vos - ver Uos****Vosso - ver Uosso**

# Y

**Yda, sb, 3 "Ída"**

hidas (2): " ssuas hidas nem vijndas" (f15r)  
 yda (1): " *e* conhece a yda" (f130v)

**Ygualza, sb, 1 Cf. Jgualança****"Igualdade" (Viterbo)**

yigualza (1): " tehuda pareilha *e* ygualza" (f81v)

**Ylario, np, 1 "Hilário"**

ylario (1): " como diz santo ylario" (f61r)

**[Yllumjnado], adj, 2 "Iluminado"**

yllumjnada (1): " he tam yllumjnada do rrayo"(f21r)  
 ynlomynada (1): " a auer fe ynlomynada" (f61v)

**Ymag• - ver Jmagem****Ymagem – ver Jmagem****Ymijgo – ver Jmijgo****[Ynlomynado] - ver [Yllumjnado]****Ynorância, sb, 8 "Ignorância"**

jnnorança (1): " jnnorança de seu propio estado" (f24r)  
 jnoramça (1): " jnoramça do *proprio* estado" (f24r)  
 jnorança (1): " jnorança do *proprio* estado" (fIIr)  
 ynorança (5): " açijnte ou *per* ynorança" (f12v)

**[Ynoräte], sb, 1 "Ignorante"**

ynorâtes (1): " E emsynar os ynorâtes" (f67r)

**[Ynsensiuell] - ver Jnsensiuell****Ypocras, np, 1 "Hipócrates"**

ypocras (1): " segundo diz ypocras" (f12r)

**Ypocresia, sb, 3 "Hipocrisia"**

ypocresia (2): " ypocresia *e* pecado mortall"(f4r)  
 yprocresia (1): " que he yprocresia" (f4v)

**Ypocrita, adj, sb, 6 "Hipócrata"**

ipocritas (1): " como fazem os ipocritas" (f75r)

jpocritas (2): " jpocritas que fazem suas faças amarelas" (f74v)  
ypocrita (1): " leixo eu rreinar. ho ypocrita" (f15r)  
ypocritas (1): " coraç•es de taaes ypocritas" (f75r)  
yproquitas (1): "sam entendidos os yproquitas"(f75r)

**Yproclesia - ver Ypoclesia**

**[Yproquita] - ver Ypocrita**

**Yra – ver Hira**

**Ysidoro, np, 4 "Isidoro"**

jsidoro (2): " disto diz jsid<o>ro" (f77v)  
ysidoro (2): " Por jsto disse ysidoro" (f21r)

**Ysidro, np, 1 "Isidro"**

ysidro (1): " E ysidro diz em duas maneiras

**Ysto – ver Jsto**

## **V. OS SETE TRATADOS CARTUSIANOS:**

### **Contributos para o Estudo Linguístico**

#### **1. Alguns aspectos da língua dos *Tratados*.**

O manuscrito apresenta uma flutuação gráfica significativa, havendo formas graficamente distintas para a mesma palavra, como facilmente se pode comprovar no Glossário (*descurudom/squridom*; *afliç•es/ afriçom/ afryçom*; *uaidade/ uaydade/ vaidade*; *espeçias/ speçias*; *hira/ jra/ yra*; *emclinada/ emcrynada*; *mesquiijndade/ mezquindade/ mijzquiijndades*; *mizquiijndade*; *minguas/ minguoas/ m•guas*; *moises / mouses/ moysem/ moyses*; *hubidiençia/ obediênçia/ obidi•çia/ obidiênçia*; *horaçõ/ horaçom/ oraçõ/ oraçom*; *auengelho/ euãgelho/ euamgelho/ auãgelho*; (...)), havendo subjacente a esta oscilação gráfica em algumas formas justificações relativas a possíveis pronúncias distintas (*afliç•es/ afriçom/ afryçom* ; *emclinada/ emcrynada*; *etc.*).

Esta característica da língua levanta a questão do valor que o sistema gráfico pode ter para o conhecimento do sistema linguísticos e, em particular, para o sistema fónico da língua. Dado que o acesso que temos à língua de períodos pretéritos só é possível por meio de documentos escritos, concordar-se-á que a interpretação grafemática é importante e imprescindível.

Neste âmbito é pertinente abordar a questão da problemática da periodização linguística. As propostas de periodização linguística do Português, das quais as primeiras remontam aos inícios do séc. XX, não são convergentes no que toca



sobretudo às balizas cronológicas dos períodos, o que se deve em parte ao critérios que lhes subjazem. Não cabendo aqui discutir esta problemática, fazemos uma breve resenha das propostas de alguns dos mais prestigiados historiadores da língua, de forma a sustentarmos a selecção que faremos de algumas variáveis relativas ao período arcaico da língua e que estudaremos a seguir no diz respeito aos *Tratados*.

Leite de Vasconcelos<sup>153</sup> aponta três fases: uma pré-histórica (até ao séc. IX e que se caracteriza pela ausência de textos escritos); uma proto-histórica (compreendida entre os sécs. IX e XII, em que, no conjunto de textos escritos em latim, aparecem segmentos escritos em latim bárbaro); uma histórica, subdividida em fase arcaica (séc.XII- séc. XVI) e uma fase moderna (do séc. XVI aos nossos dias).

Também Carolina Michaëlis<sup>154</sup> considera quatro períodos, sendo os dois primeiros coincidentes com a proposta de Leite de Vasconcelos; o terceiro período é o histórico ou arcaico, sendo para esta filóloga composto por duas fases: trovadoresca (sécs.XII-XIII até 1350) e fase da prosa histórica (de 1350 até ao séc.XVI); a última é a fase moderna (do séc. XVI aos nossos dias).

Serafim da Silva Neto<sup>155</sup> partilha a posição de Michaëlis, denominando, contudo, a segunda fase do período arcaico como fase do português comum, a qual teria início em 1385.

No que diz respeito à língua portuguesa, estes estudiosos encaram a sua periodização em duas grandes fases - uma antiga ou arcaica e outra moderna.

No entanto, esta não é uma posição unanimemente aceite. Na verdade, Vázquez Cuesta, Lindley Cintra, Evanildo Bechara e Dieter Messner apontam quatro períodos, embora divergindo entre eles quanto às denominações e limites cronológicos.

Assim, Pilar Vázquez Cuesta<sup>156</sup> fala do período galego-português (até 1350), do período pré-clássico (de 1350 a 1540), do período clássico (de 1540 a meados do séc. XVIII) e do período moderno (de meados do séc. XVIII aos nossos dias).

Lindley Cintra considera o português antigo (séc. XIII a 1420), o português médio (1420 a 1550), o português clássico (de 1550 ao séc. XVIII) e o português moderno. Evanildo Bechara, por sua vez, fala da fase arcaica (séc. XIII a finais do

---

<sup>153</sup> Vasconcelos, José Leite de (1966), *Lições de Filologia Portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro, pp.14-20.

<sup>154</sup> Vasconcelos, Carolina Michaëlis de, *Lições de Filologia Portuguesa*. Lisboa: Dina Livro.s/d, pp.17-22.

<sup>155</sup> Neto, Serafim da Silva (1970), *História da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, pp.397-425.

<sup>156</sup> Vázquez Cuesta, Pilar e Mendes da Luz, Mª Albertina (1971), *Gramática portuguesa*. 3ª ed., vol.I, Madrid: Gredos, p.202.

séc. XIV), da fase arcaica média (primeira metade do séc. XV à primeira do XVI), seguidas das fases moderna e hodierna, coincidindo as balizas temporais com as apresentadas pelos dois últimos autores referidos. Dieter Messner (1994) apresenta uma proposta de periodização mais assente em critérios exteriores, embora inclua os linguísticos, referindo quatro fases que apresenta como: polimorfia (até 1300); analogia (até 1550); a consolidação da língua escrita (até 1800); e a difusão diassistemática (início do séc. XIX até 1950)<sup>157</sup>.

Alguns autores realçam que as propostas de periodização se devem fundamentar sobretudo em traços linguísticos, sendo, por conseguinte, valorizadas propostas como as de Carolina Michaëlis e de Evanildo Bechara, por apresentarem marcas linguísticas que, no que diz respeito à fase arcaica, caracterizam estádios distintos no seu interior que a distinguem da moderna, reflectindo igualmente o carácter paulatino da cadência evolutiva dos fenómenos que marcam as mudanças na língua. Na verdade, e tal como diz Michaëlis, os limites entre os períodos são vagos, havendo épocas de transição, pois “Uma língua não nasce em dia e hora certa, nem evoluciona num momento de um estado a outro. Algumas transformações realizam-se muito devagar; outras muito depressa”<sup>158</sup>. Também Bechara realça, na sua proposta de periodização, a história interna da língua, apontando tempos de transição, com base em traços linguísticos ao nível da fonética, da morfologia e da sintaxe. Azevedo Maia (1995:29-30), partilhando da opinião de Bechara no que diz respeito à importância da história interna da língua na delimitação periodológica, aponta duas grandes fases, arcaica e moderna, e subdivide o período arcaico, compreendido entre o início do séc. XIII e as primeiras décadas do séc. XVI, em duas fases: a primeira entre o séc. XIII e meados do XIV; a segunda, que denomina de arcaica média, entre meados do séc. XIV até às primeiras décadas do séc. XVI, apresentando traços sobretudo fonéticos e morfológicos<sup>159</sup> como parâmetros essenciais do português arcaico.

Não obstante a importância da história interna da língua para a sua periodização, ao historiador da língua caberá um trabalho que integre igualmente

---

<sup>157</sup> Na opinião de outros estudiosos, que se debruçam sobre esta problemática, designadamente Brocardo (1995: 101), à periodização apresentada por Messner falta “fundamentação, quer em termos da divisão cronológica, muito diferente das divisões tradicionais, quer em termos de uma caracterização linguística das “épocas” consideradas, relativamente às quais se limita a referir traços isolados, nem sempre enquadrados cronológica e tipologicamente de forma rigorosa”.

<sup>158</sup> Michaëlis, op.cit., p.19.

<sup>159</sup> Maia fundamenta a não inclusão de traços sintácticos pela “escassíssima tradição da Sintaxe histórica na linguística portuguesa” (1995:23).

uma perspectiva das mudanças linguísticas não apenas como “manifestações de uma característica inerente a todas as línguas – a mudança – mas procurando determinar a sua relação com aspectos concretos da existência histórica dessa língua, e como tal ligadas a condicionantes específicos do espaço, tempo e sociedade em que a mesma se insere” (Brocardo, 2005: 97). Esta autora remete para Castro (1991:15), que define o objecto da história da língua como “a língua em particular na sua existência definida temporal e espacialmente, o que significa que os factos linguísticos devem ser permanentemente correlacionados com factos históricos que os condicionaram”, perspectiva que ganha relevância no que toca à periodização da língua.

Não cabe nos objectivos do presente trabalho a análise detalhada desta problemática, embora não sejamos alheios à relevância que tem, nomeadamente para estudos de textos de épocas passadas, e da sua proficuidade para o desenvolvimento da História da nossa língua. Contudo, e como refere Brocardo (2005: 115), “ a periodização não é, de todo, o ponto de chegada ou o fim em si, é, em cada momento e em função dos avanços conseguidos na investigação, a síntese interpretativa possível, sempre provisória, do estado do nosso conhecimento sobre a história da língua”.

Assim, tomaremos como ponto de partida uma síntese possível, unanimemente aceite, que enquadra a divisão da história da língua em duas grandes fases, a arcaica e a moderna, centrando-nos na primeira para relevar alguns traços da língua do texto dos *Tratados*.

Num período tão alargado como o que decorre entre os sécs. XIII e XVI, a língua vai sofrendo mudanças graduais expressivas, existindo tempos de transição de que os textos nos vão dando conta. O Glossário dos *Tratados* permite-nos dizer, numa análise prévia, que o documento apresenta um conjunto de traços linguísticos que parecem marcar um tempo de transição.

Com o objectivo de contribuir para um estudo da língua dos *Tratados*, considerámos relevante abordar, embora sumariamente, aspectos da língua do texto que remetem para características apontadas como pertencentes à época arcaica média, tendo seleccionado aqueles que considerámos mais pertinentes no documento que ora analisamos.

1. Particípio passado dos verbos da segunda conjugação com vogal temática em *u+do*/ formas do particípio passado com vogal temática em *i+do*.

2. Encontros vocálicos, situações de hiato, resultantes da síncope de consoantes em posição intervocálica/ eliminação dos encontros vocálicos criados pela síncope de consoante intervocálica.
3. Terminação hiáticas nas formas do plural de substantivos que no singular terminam em -l.
4. Terminações hiáticas *-aaes*, *-ees*, *-aae* e *-ee* consequência da síncope do *-d-* no morfema número-pessoal *-des / -de*.
5. Três terminações nasais diferenciadas: *-ã-o*, *-an* e *-on*, correspondentes a formas de singular de alguns substantivos (que representam historicamente substantivos latinos terminados em *-anum*, *-anem* e *-onem*) e de algumas formas verbais da terceira pessoa do plural.
6. Sistema de demonstrativos com formas simples e compostas.
7. Sistema de possessivos com duas séries para o feminino, uma de formas átonas e outra de tónicas.

### **1.1. Participípio passado dos verbos da segunda conjugação com vogal temática em *u+do*/ formas do participípio passado com vogal temática em *i+do*.**

As três conjugações verbais do português, que derivam das quatro latinas (dada a junção da segunda e da terceira), apresentavam inicialmente três formas de participípio fraco: *-ado* (<*-atum*), *-udo* (<*utum*) e *-ido* (<*itum*). A forma relativa à segunda conjugação dos verbos da segunda conjugação com vogal temática em *-u-* (*+do*) vai sendo substituída pela forma dos verbos da terceira conjugação.

Mattoso Câmara (1985:159) refere como causas possíveis para esta mudança o facto de, no paradigma da segunda conjugação verbal, a vogal *-u-* não ter apoio estrutural, bem como a homonímia com o sufixo nominal *-udo* dos nomes e adjectivos. Nunes (1989: 316-317) aponta a influência dos participípios em *-ido* dos verbos da terceira conjugação como factor determinante para aquela mudança enquanto Piel (1945:46) considera que o participípio em *-ido* se explica pela analogia da vogal *-i-* do pretérito perfeito. Esperança Cardeira (2005: 278) considera que a substituição dos antigos participípios em *-udo* por *-ido* se tornou mais relevante no segundo quartel do séc. XV. A ocorrência de formas participiais da segunda

conjugação em *-ido*, a par das em *-udo*, remontará já ao séc. XIV e ter-se-á normalizado no séc. XVI<sup>160</sup>.

Nos *Tratados* registam-se as duas formas do particípio fraco dos verbos da segunda conjugação, em *-udo* e em *-ido*, tendo esta última um número mais elevado de ocorrências (indicadas entre parênteses):

*contheudos (1); contheudo (1) perdido (1); proueudo(3); proueudo(1); proueudos (1); rretheuda ; rretheudas (1); theuda (1); theudas (1); theudo (10); theudos (2).*

*combatido (1); combatida (1); decido (3); defendido (1); entendido (1); entendida (5); entendidos (3); escarnecido (2); escarnido (1); escondido (2); escondida (4); escondidos (1); esqueeçidos (1); esqueeçadas (1); guarido (2); metido (4); metida (3); metidos (3); mjtidos (1); oferecido (1); oferecidas (2); oferecida (1); perdido (4); perdida (5); perdidos (1); perdidas (1); rrepr•dido (1); rreçebido (5); rreçebida (1); rreçebidos (1); trazido (1) ; uençido (2).*

## **1.2. Encontros vocálicos, situações de hiato, resultantes da síncope de consoantes em posição intervocálica/ eliminação dos encontros vocálicos criados pela síncope de consoante intervocálica: Encontros vocálicos: -eo, -ea.**

Estas terminações corresponderiam a realizações hiáticas como consequência da síncope da consoante latina intervocálica que se resolveria por ditongação<sup>161</sup>.

Nos *Tratados* registam-se várias formas com terminação em -eo, algumas em -ea, havendo apenas 4 formas em -eyo e nenhuma em -eya<sup>162</sup>.

---

<sup>160</sup> Sobre este assunto debruçam-se, para além dos capítulos que se podem encontrar nas gramáticas históricas do português, alguns estudos, dentre os quais assinalamos os de Barros, Anabela Leal de (2000). *O Particípio Passado: Aspectos da sua morfologia do século XIII ao século XVI*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, de Brocardo, Maria Teresa (2002), “Sobre a mudança -udo > -ido nas formas de particípio passado em português”. In *Saberes no Tempo. Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*, ed. Maria Helena Mira Mateus e Clara Nunes Correia, pp.137 - 145. Lisboa: Colibri.

<sup>161</sup> Na situação de /e/ tónico antes de vogal átona: desenvolvimento de uma semivogal palatal, resultando em tritongo; /e/ átono antes de vogal tónica: semivocalização.

<sup>162</sup> Entre parênteses o número de ocorrências.

Não obstante serem reduzidas as ocorrências das formas em *-eyo*, pode admitir-se que a eliminação do hiato por inserção de glide faria já parte do uso da língua no séc. XV.

*alhea* (2); *alheas* (5); *alheo* (4); *alheos* (10); *çea* (2); *cheo* (8); *cheos* (5); *chea* (8); *correas* (1); *creo* (2); *feo* (4); *fea* (8); *freo* (1); *lea* (2); *rreçea* (3); *rreçebeo* (1); *tea* (1); *ueeo* (2); *ueheo* (3); *ueo* (4) (...)

*feyo* (1); *meyo* (3); *ueyo* (2); *creyo* (5).

### 1.3. Terminação hiáticas do plural de formas que no singular terminam em *-l*.

O plural de vocábulos terminados no singular em *-l* ou *-ll* formam no português arcaico o plural com terminações hiáticas em *-aes*, *-aaes*, *-ees*, *oes*, *ues*, *ies*, *iis*, devido à síncope do *-l-* intervocálico, o que origina inicialmente um hiato que posteriormente será resolvido por ditongação ou por crase.

Nos *Tratados* estão registadas várias formas com a terminação *-aaes*, bem como algumas com *-ees* e *-ijs*.

*cardeaaes* (6); *çellistreeaaes* (2); *espiçiaaes* (6); *geeraaes*; *jguaaes* (4); *leaaes* (2); *mortaaes* (5); *princepaaes* (1); *mundanaaes* (2); *m•danaaes* (5); *quaaes* (16); *quaees* (9); *sinaaes* (5); *synaaes* (1); *signaaes* (14); *esprituuaes* (16); *sprituuaes* (1); *spirituuaes* (1); *taaes* (37); *terreeaes* (6); *uenjaaes* (1); *uenyaaes* (1) (...)

*cruees* (1); *fiees* (1); *jnujsivees* (1); *perdurauees* (3); *praziuees* (2); *tonees* (2); *ynsensiuees* (1).

*passiuijs* (1); *praziuijs* (1); *vijs* (1).

### 1.4. Terminações hiáticas *-aaes*, *-ees*, *-aae* e *-ee* consequência da síncope do *-d-* no morfema número-pessoal *-des* / *-de*.

Segundo Bechara (1991: 70), a síncope do *-d-* intervocálico nas formas verbais da terminação da 2ª pessoa do plural de todos os tempos (com excepção do futuro do conjuntivo e do infinitivo pessoal em que a queda da vogal postónica deixa

o –d em posição não intervocálica) é o traço linguístico mais significativo para delimitar o período arcaico do arcaico médio. Desta síncope resultam terminações hiáticas que posteriormente se resolverão por ditongação e assimilação.

Nos *Tratados* ocorrem formas verbais com terminações hiáticas em *-aaes*, *-ees*, *-aae* e *-ee* resultantes da síncope de –d- intervocálico, não se verificando formas com ditongação ou assimilação e apenas uma forma em *-ay* (uay).

*ajaaes* (3); *amaaes* (2); *buscaaes* (2); *defendaaes* (1); *detraae* (1); *emuorilhaaeo* (1); *encubraaes* (1); *entraaes* (1); *esqueçaaes* (1); *façaaes* (1); *mandaaes* (1); *mãdaaes* (1); *metaaes* (2); *percaaes* (1); *possaaes* (2); *queiraaes* (2); *seidaes* (2); *siguaaes* (2); *sofraaes* (3); *tenhaaes* (1).

*acabarees* (1); *apaguees* (2); *auees* (12); *conprirees* (1); *corregees* (1); *deuees* (9); *direes* (1); *doerees* (1); *escusees* (1); *fazees* (1); *leixees* (2); *matees* (1); *morrerees* (1); *poderees* (1); *querees* (4); *rreçeberees* (1); *sairees* (1); *saltarees* (1); *serees* (1); *sofrees* (1); *viuees* (1).

*amaae* (2); *buscaae* (1); *caae* (8); *filhaae* (2); *guardaae* (2); *honrraae* (1); *huntaaao* (1); *saae* (3); *supultaao* (1).

*aprendee* (1); *auee* (8); *beuee* (1); *comee* (1); *defendee* (1); *entendee* (3); *fazee* (5); *fazeeme* (1); *sabee* (10).

### 1.5. Três terminações nasais diferenciadas: *-ã-o*, *-an* e *-on*, correspondentes a formas de singular de alguns substantivos (que representam historicamente substantivos latinos terminados em *-anum*, *-anem* e *-onem*) e de algumas formas verbais da terceira pessoa do plural: terminações nasais: *-om*, *-õ*, *-am*, *-ã*, *-•o/ -•os*, *-••/ ••s*.

As três terminações nasais do português arcaico resultaram da queda da nasal etimológica com nasalização da vogal precedente (*-ã* < *ane* / *-ant*; *-õ* < *-one*, *-udine* / *-unt* – *um* e *-unt*; *-ão* < *anu*), ocorrendo em distintas categorias de palavras gramaticais e plenas.

As terminações *-ã* e *-õ* sofreram posteriormente ditongação, transformando-se em *-ão*, processo que estaria generalizado na segunda metade do séc. XV, como

consequência de ditongação por evolução fonética espontânea (Leite de Vasconcelos (1911), Silva Neto (1986) e Sampson (1983)) ou por evolução analógica (Carolina Michaëlis (1930), Williams (1938), Tilander (1959)), ou ainda pelos dois processos (Nunes (1906), Bourciez (1910), Louro (1952) e Lipski (1973)). Outras explicações e reformulações foram adiantadas por Lorenzo (1988), Carvalho (1989), Mattos e Silva (1991) e Martins (1995).

Os *Tratados* oferecem inúmeras formas com terminações nasais em várias categorias gramaticais, nomeadamente em palavras gramaticais (*nom, entom, senom, gram, tam, seno, nã, entõ, tã, (...)*), mas sobretudo em palavras plenas, nomes e verbos. A terminação *-om* é a que oferece um maior número de ocorrências, não havendo nenhuma ocorrência em *-ão* e poucas em *-•o*, não se comprovando no documento a convergência em *-ão* das terminações *-an e -on* de alguns substantivos e de formas verbais de terceira pessoa do plural, havendo alguns casos de ocorrência nas mesmas palavras ora da terminação *-am* ora da *-om*, como *confissam (4)/ confissom (38), prisom(4)/ prisam(1), estõ(1)/ estam(1), falleçom(1)/ falleçam(1)*.

As formas gráficas não traduzem cabalmente a fonética, pelo que o levantamento realizado da ocorrência das terminações nasais não permite dilucidar as reais realizações finais nasais, embora, como se pode verificar pelos exemplos a seguir transcritos, possamos estabelecer a ocorrência de múltiplos casos de terminações nasais etimológicas e menos de não etimológicas.

## Nomes

### **-om:**

*beençom (2), capitom (3), çenturiom (1), condiçom (7), confisom (9), confusom (8), conpaixom (15), comparaçom (6), consolaçom (3), consisijraçom (7), contriçom (12), conuerssaçom (5), coraçom (138), contriçom (12), danaçom (5), deliberaçom (2), descreçom (7), desesperaçom (1), deuaçom (15), encarnaçom (1), entençom (4), exposiçom (4), guallardom (23), ladrom (6), liçom (9), multidom (8), murmuraçom (1), oraçom (24), paixom (13), perdom (5), perfeiçom (25), prisom 84), profissom 81), rrazom (40), rrelligiom (7), sallamom (21), saluaçom (15), satisfaçom (11), saudaçom (2), tençom (3), tentaçom (2), toruaçom (2), tribullaçom (6), uisom (9), (...)*

### **-õ:**

*condanaçõ (1), condiçõ (1), confissõ (1), consideraçõ (1), conssolllaçõ (2), contemplaçõ (1), coraçõ (106), cryaçõ (1), danaçõ (1), detrauçõ (2), discreçõ (4), doraçõ (1), entençõ (3), maginaçõ (1), oraçõ (12), paixõ (3), perssiguiçõ (1), preeguaçõ (2), rrazõ (14), rrelligiõ (2), rrendiçõ (1), tentaçõ (2), tribullaçõ (1), (...)*



**-am:** *afam* (1), *cam* (2), *çipriam* (3), *cõfusam* (1), *confissam* (2), *dadam* (1), *joham* (30), *jordam* (1), *pam* (14), *sam* (102), *uisam* (1), (...)

**-ã:** *adã* (1), *cã* (1), *Johã* (5), *sã* (3).

**-•o/-•os**

*ch•o* (1), *christ•o* (6), *gr•o* (2), *jrm•o* (7), *m•o* (10), *m•o* (11)<sup>163</sup>, *pagu•o* (5), *s•o* (3), *u•o* (2), *u•o* (4), *uill•o* (1).

*christ•os* (1), *jrm•os* (4), *m•os* (2), *m•os* (17), *pagu•os* (1), *s•os* (1), *u•os* (5), *vill•os* (1)

**-••/••s**

*certid•e* (2), *multid•e* (2).

*afeiç•es* (13), *afliç•es* (1), *condiç•es* (4), *conpreijss•es* (1), *consideraç•es* (2), *consolaç•es* (2), *contenplaç•es* (2), *coraç•es* (24), *deleitaç•es* (4), *fornjguaç•es* (1), *liç•es* (4), *ocasi•es* (2), *ocupaç•es* (6), *omizi•es* (1), *openy•es* (1), *oraç•es* (9), *perssigujç•es* (2), *possiss•es* (2), *rrez•es* (10), *saudaç•es* (1), *serm•es* (3), *tenç•es* (1), *tentaç•es* (20), *tribulaç•es* (6).

## Verbos

**-om:**

*acusarom* (4), *auyuom* (1), *braadarom* (3), *britom* (1), *çercarom* (1), *dirom* (2), *encaminhom* (1), *fezerom* (14), *fogirom* (1), *forom* (11), *hordenarom* (1), *guardauom* (1), *juguauom* (1), *jurom* (1), *leguarom* (1), *leixariom* (1), *leixauom* (1), *leixom* (3), *leuantarom* (1), *leuarom* (2), *mereçiom* (1), *pecarom* (2), *pecom* (1), *perg•tarom* (1), *poderom* (7), *rresponderom* (1), *sabrirom* (1), *serom* (9), *som* (68), *tardom* (1), *uaaom* (2), *uallerom* (1), *ujrom* (1), (...)

**-õ:**

*agrauõ* (1), *bradarõ* (1), *cantauõ* (1), *carregarõ* (1), *cayrõ* (4), *contarõ* (1), *contõ* (1), *derõ* (1), *erõ* (1), *estõ* (1), *fezerõ* (1), *filharõ* (1), *forõ* (4), *lançauõ* (1), *partirõ* (1), *passarõ* (1), *perderõ* (1), *rreçeberõ* (1), *rresponderõ* (1), *sayrõ* (1), *sõ* (7), *temerõ* (2), *uerõ* (1), (...)

**-am:** *ajam* (9), *allegarseham* (1), *aueram* (18), *botarsselheam* (1), *busquam* (1), *cujdam* (2), *despendam* (1), *faram* (5), *farnosham* (1), *faziam* (4), *guardam* (4), *guardarsseham* (1), *ham* (42), *hiram* (1), *husam* (5), *notam* (2), *pequam* (1), *saibham* (2), *sam* (314), *seram* (45), *seriam* (5), *tenham* (1), *tomam* (1), *tornam* (4), *ualleram* (1), *ueeram* (2), *uoam* (3), (...)

**-ã:**

*acabã* (1), *achã* (1), *amã* (12), *amarã* (1), *apaguã* (1), *auerã* (10), *aujã* (2), *beuã* (1), *buscã* (1), *cantã* (2), *cobijçã* (1), *deseiã* (3), *deueriã* (2), *deuiã* (3), *deujã* (1), *deziã* (1), *enbargã* (1), *entrã* (1), *erã* (1), *escaparã* (1), *esqueeçã* (1), *façã* (1), *faleeçã* (1), *fallã* (1), *filhã* (1), *forã* (1), *guardauã* (1), *jaziã* (1), *lançã* (1), *liurã* (1), *morã* (1), *poderã* (2), *poderiã* (1), *possã*

<sup>163</sup> m•o (mau), m•o (mão).

(1), *prazeriã* (1), *procurã* (1), *queriã* (1), *sã* (1), *saibhã* (1), *seiã* (1), *serã* (5), *seriã* (1), *sucupã* (1), *tenhã* (1), *terã* (1), *thirã* (1), *uã* (1), *ueerã* (1).

- • • s

s • es (3).

### 1.6. Sistema de demonstrativos com formas simples e compostas.

Os demonstrativos distribuem-se por duas séries, uma simples e outra composta, embora não pareça existir manifesta distinção no seu emprego. Os demonstrativos que são usados nos *Tratados* são os seguintes<sup>164</sup>:

Variáveis			Invariáveis
este/s (292) esta/s (216)	essa (8)	aqueste (1) aquelle/s/ aquell (204) aquella/s (58)	esto (47) isto/jsto/ysto (358) hiso/ jssso (25) aquello (9)

Nota-se a ausência de *esse e esso*, bem como de *aquesto, aquisto, aquesse, aquessa, aquesso, aquisso*, havendo uma nítida preferência pelo uso dos demonstrativos na sua forma simples, havendo 946 ocorrências destes contra 271 dos compostos, o que se insere num conjunto de traços linguísticos que parece marcar um tempo de transição na língua.

### 1.7. Sistema de possessivos com duas séries para o feminino, uma de formas átonas e outra de tónicas.

Nos *Tratados* ocorrem possessivos nas formas tónicas e átonas, havendo, no entanto, apenas 8 ocorrências destas (somente de 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoas) contra 733 das tónicas<sup>165</sup>, sem que o contexto de ocorrência possa fornecer elementos pertinentes para uma possível distinção de uso entre formas átonas e tónicas.

	Masculino	Feminino
--	-----------	----------

<sup>164</sup> Entre parênteses o número de ocorrências nos *Tratados*.

<sup>165</sup> Entre parênteses o número de ocorrências nos *Tratados*.

Pessoas				
	Possuidor único	Vários Possuidores	Possuidor único	Vários Possuidores
1 <sup>a</sup>	meus/s (69)	noso/nosso/s (108)	minha/ m•ha /mjnha/s (45)	nosa/nossa/s (49)
2 <sup>a</sup>	teu/s (29)	vosso/uosso/s (46)	tua/s (57) ta (1)	vossa/ uossa/s (34)
3 <sup>a</sup>	seo/ seus/s (533)		sa (7) sua/ssua/s (378)	

As formas *ta* e *sa/ssa* surgem apenas com função de determinante e sem artigo (*quando ta faça rresprandeção como o soll (f119v); E Nunca abrio sa boca senom por rroguar (f35v); com ardor de luxuria. ou por ssa fremosura (f9r)*)

As formas tónicas aparecem com função adjectiva e substantiva, embora nesta com um número muito menor de ocorrências (*meu* (5); *seu* (6); *tuas* (1); *suas* (3)), havendo ainda a assinalar ocorrências com artigo anteposto (*o meu* (3); *os meus* (2), *a minha* (7); *as minhas* (3); *o seu* (38); *os seus* (12); *a sua* (6); *a ssua* (39); *as suaas*(1); *suas* (3)), situação em que surgem 8 ocorrências em função substantiva das formas de 3<sup>o</sup> pessoa.

## 2. Organização enunciativa do discurso nos *Tratados*.

É inquestionável o lugar essencial que o estudo linguístico de textos escritos em fases pretéritas da história da nossa língua tem para o seu conhecimento histórico e diacrónico. Esses estudos de análise filológica debruçam-se, numa tradição que se inscreve numa gramática da frase, sobretudo sobre as vertentes gráfico-fónicas, morfológicas, lexicais e, embora em menor número e profundidade, sintácticas, estudos que têm como objecto de análise unidades que compõem a unidade texto/discurso, sendo por meio deles que se vão construindo as gramáticas das diferentes fases do português.

Quando a análise recai sobre textos mais extensos e com uma estrutura discursiva mais complexa, encarando-se estes textos como manifestações comunicativas de pleno direito (Barros, 2002), torna-se relevante e profícuo complementar e enquadrar as dimensões de estudo referidas numa dimensão relativa

à análise discursiva seguindo uma perspectiva recente oferecida por uma visão pragmática do estudo da linguagem e em particular do texto/ discurso como uma unidade de comunicação e, portanto, unidade de análise. Alargar os estudos linguísticos de textos medievais à análise das relações entre a língua em que são escritos, os usos dessa língua e os seus contextos acaba por criar um âmbito de estudo entre a Pragmática linguística e a Linguística histórica, perspectiva que tem sido desenvolvida por vários autores na área da Pragmática Histórica, e que se justifica, entre outros aspectos, pela interdependência da dimensão local face à dimensão global que acentua a necessidade de perspectivas diversas, embora complementares, na abordagem ao objecto complexo que é o texto/discurso<sup>166</sup>, pois, tal como aponta Fonseca (2003: 199), a propósito destas necessárias e complexas inter-relações, "A complexidade do texto obriga, como se sabe, a considerar, na sua estruturação e na construção do sentido que nele se dá, níveis diferenciados. É, assim, hoje corrente falar-se dos níveis microestrutural e macroestrutural do texto [...]".

Clarinda Maia, num artigo de 1995, falava da necessidade de abrir, em termos teórico-metodológicos, a Linguística histórica a novos conceitos teóricos, designadamente aos da Sociolinguística e da Pragmática, afirmando que "Não só se tem assistido à comunicação entre as construções teóricas destas duas áreas disciplinares e os aspectos da história das várias línguas, nomeadamente das línguas românicas, como se tem vindo mesmo a configurar uma Sociolinguística histórica e se entrevê também a possibilidade de uma Pragmática histórica." (Maia, 1995:3-4).

Na verdade, ao longo das duas últimas décadas, assistimos a um interesse crescente pelo estudo histórico do fenómeno discursivo não contemporâneo, estudo que foi denominado de diferentes formas, entre as quais as de Linguística sócio-histórica (Romaine: 1982), Sociolinguística histórica (Milroy:1991; Gimeno Méndez:1995), Linguística textual diacrónica (Fries:1983), Nova Filologia

---

<sup>166</sup> Não cabe no presente trabalho analisarmos a problemática da distinção entre *texto* e *discurso*, que tem sido, aliás, objecto de acesa discussão entre os linguistas da Análise do Discurso. Na verdade, como conceito de natureza teórica ou empírica, mais abrangente ou mais especializado, o *discurso* é analisado e definido na sua possível relação com o *texto*, havendo a referir diversas perspectivas na abordagem destes conceitos, nomeadamente na oposição entre ambos: entre escrita e oralidade, respectivamente, entre processo de construção da interacção verbal e produto da actividade linguística ou entre entidade empírica e entidade abstracta; por outro lado, e sobretudo na tradição anglo-saxónica, os termos são usados indiferenciadamente. Assim, e por questões operatórias aliadas a esta indefinição que subsiste na denominação do objecto unidade de análise da Análise do Discurso, usamos os dois termos de forma relativamente indiferenciada, predominando porventura a denominação de "textos" por ser essa a tradição académica mais enraizada nos estudos da língua de documentos não contemporâneos.

(Fleischman:1990), Pragmática Histórica (Jucker:1995) e Análise histórica do discurso (Brinton:2001).

Pragmática histórica e Análise histórica do discurso são as denominações mais frequentes para esta disciplina, usadas designadamente por Bax (1991), Fitzmaurice (2000), Fitzmaurice y Taavitsainen (2007), Jucker (1995, 2000, 2006), que preferem a primeira, e Atkinson (1996), Brinton (2001), Taavitsainen (2002), que usam a segunda, embora, cada vez mais, as duas designações se usem indistintamente. Sob estas denominações estão estudos que abordam os fenómenos pragmático-discursivos não contemporâneos como a estrutura retórica, os actos de fala, os marcadores discursivos, etc., estudando as funções comunicativas e as manifestações linguísticas destas plasmadas em géneros discursivos, numa perspectiva sincrónica (quando se reportam a estádios históricos determinados) ou diacrónica (se se interessam pela mudança linguística).

Clara Barros (2003) apresenta um quadro teórico-metodológico de análise de textos jurídicos medievais no âmbito da Pragmática histórica, concluindo que "para a análise exaustiva de um *corpus* extenso de textos do período medieval parece defensável uma metodologia ampla, abrangente, que proceda por um lado à descrição/explicação do uso da língua numa sincronia, estudando simultaneamente a mudança linguística em curso, quando observável no *corpus*" (Barros, 2003: 137), encarando, assim, as duas perspectivas propostas pela Pragmática Histórica, a diacrónica e a sincrónica, como convergentes na análise de textos medievais. A mesma autora, no seu trabalho de doutoramento, apresentado em 2007, fundamentando o seu estudo na Pragmática Histórica, ressalta o facto de, na sua fundação, na década de 80 do século passado, na Linguística alemã, aquelas duas perspectivas terem sido tidas como um dos problemas teóricos de base na própria definição da disciplina, referindo-se a Gunter Presch que fala do "problema da integração das perspectivas"<sup>167</sup> e ainda a Jacobs e Jucker (1995) que propõem as designações de "Pragmática Diacrónica" e "Pragmafilologia" para assinalar as diferenças entre, respectivamente, a Pragmática "que está focalizada na evolução do inventário linguístico e seu uso comunicativo através de diferentes estádios da mesma língua" (Barros, 2007: 7) e aquela que se debruça sobre "o estudo e a descrição de aspectos textuais e contextuais de textos históricos, incluindo

---

<sup>167</sup> Cit. por Barros (2007: 5).

nomeadamente a relação entre Locutor e Alocutário, o objectivo do texto e as condições de produção e recepção" (Barros, 2007: 7).

É esta perspectiva que seguimos no estudo que agora apresentamos, numa abordagem à linguagem como instrumento comunicativo usado numa comunidade historicamente determinada, para a qual se impõe considerar um outro aspecto, o que se prende com os dados a analisar, dados que fazem parte de documentos escritos que se configuram como os únicos que conservam as formas linguísticas dos tempos passados, documentos escritos afastados no tempo, o que, por si só, pode fragilizar o estudo se esses textos não tiverem sido alvo de um prévio trabalho filológico de edição de texto, trabalho que tem necessariamente de se pautar pelo rigor e fidelidade ao original.

Para o presente estudo, os dados em análise foram inicialmente alvo de uma edição conservadora do texto manuscrito. No Capítulo II apresentámos uma edição que, pelas características de fidelidade ao texto, acreditamos servir o objectivo de estudar o texto/discurso construído por um Locutor afastado no tempo e reconstruir as relações que com um Alocutário aquele estabeleceu, sem esquecer que o carácter histórico destes textos implica a utilização de metodologias específicas, porquanto apresentam formas linguísticas, funções discursivas e comunicacionais, bem como um contexto situacional e sócio-histórico, aos quais o investigador só pode chegar por meio do texto escrito. Foi igualmente necessário proceder a uma descrição, o mais completa possível, do contexto histórico, social e cultural que envolve os textos, bem como das características que o possam inserir num dado género discursivo, aspectos abordados nos Capítulos I e II.

Não obstante o visível interesse e utilidade em estudar o fenómeno discursivo não contemporâneo, há autores, como Christian Stetter, que apontam debilidades, se não mesmo impossibilidades, à análise histórica dos discursos escritos em fases passadas, por não ser, segundo ele, possível saber, por exemplo, qual o sentido real que o Locutor dá ao enunciado ou qual a reacção exacta do Alocutário a esse enunciado. Sendo realmente difícil, e até por vezes impossível, perguntamo-nos se o mesmo não acontecerá em muitos casos de análise de discursos orais e escritos do presente observados no seu contexto empírico. A nossa análise não pretende 'adivinhar' o que o Locutor pretendeu dizer, mas o que ele disse e a forma como o disse. Assim, o que se torna imprescindível é focar a atenção nas marcas da enunciação que permitem destacar um conjunto de dados linguísticos passíveis de

análise, mesmo que aproximativa, nos textos medievais, porquanto eles oferecem indicações sobre as condições de enunciação e do quadro comunicacional que possibilitam a recriação das circunstâncias de produção e de recepção. Na verdade, e como tem sido demonstrado pelos trabalhos de análise do discurso a que alguns linguistas se dedicam, o discurso que podemos analisar nos documentos que até nós chegaram fala do “mundo”, fala de si próprio e das suas condições de enunciação, as quais podem ser recuperadas nas marcas linguísticas ao nosso alcance presentes na superfície discursiva (Marques e Lemos: 2007). De igual forma, como prática social por excelência, o discurso capta e patenteia regras, convenções e valores doxais que enformam a comunidade em que foi produzido e que, em condições históricas particulares, o recebeu.

Um outro problema que é levantado diz respeito ao facto de a análise linguística ser feita sobre um discurso que chega até nós por meio de um trabalho de tradução, como é o caso dos *Tratados*. Também neste ponto há quem encare a tradução como mais um obstáculo à análise, considerando que afecta o valor documental do *corpus*. Os *Tratados* foram objecto de tradução mas sobretudo de adaptação, quer em termos de destinatários da mensagem, quer em termos de contexto histórico e social, e, consequentemente, discursivo, num processo de retextualização e recontextualização internas ao próprio discurso no que diz respeito, por exemplo, ao quadro enunciativo, em particular ao Locutor e ao Alocutário, sendo o primeiro objecto de apagamento enunciativo, como se verá mais adiante, e o segundo alvo de transferência – enquanto no texto original é um alocutário individual, Soeur Rose, no texto português o alocutário apresenta, como se verá, características diversas. Contudo, nos dois documentos é comum o género discursivo, o que supera no essencial e a nível pragmático aquilo que as duas línguas têm de linguisticamente diferente.

Aceitando-se que a tradução, como defende García Yebra (1994), enriquece a língua e a cultura de chegada, sendo o acto de traduzir uma operação de selecção em que se acrescentam, se transformam e se eliminam elementos linguísticos, estilísticos e retóricos num trabalho de cotejo entre a língua de partida e a língua do receptor – tradutor/ leitor<sup>168</sup>, também se aceitará que, ajustar um discurso a destinatários diferentes num contexto diferente do original, mantendo, contudo, a mensagem

---

<sup>168</sup> Ver ponto 4. Do Capítulo I.

essencial num discurso religioso, místico-espiritual, não empobrece a análise, antes a poderá enriquecer, oferecendo igualmente ao investigador a possibilidade de cotejar o texto com outros da mesma sincronia e pertencentes ao mesmo género discursivo ou a géneros similares, comprovando-se o carácter translinguístico dos géneros de discurso e do seu funcionamento.

O género discursivo, questão central da análise linguística do discurso, é uma componente fundamental da interacção verbal. A actividade verbal do (saber-)dizer do Locutor não pode ser indissociável do género discursivo, tal como o Alocutário que, desde o início da interacção com o seu interlocutor, se posiciona num determinado género: “Nous apprenons à mouler notre parole dans les formes du genre et, entendant la parole d’autrui, nous savons d’emblée, aux tous premiers mots, en pressentir le genre [...] dès le début, nous sommes sensibles au tout discursif [...]” (Bakhtine, 1984: 285).

Entendendo o género discursivo como a “configuração de escolhas que se cristalizam progressivamente no quadro de um grupo social/linguístico” (Marques, 2003: 194) e como “memória social dos discursos” (Marques e Lemos: 2007), importa, pois, abordar a questão do género dos *Tratados*, tanto mais que a determinação do género em causa permite responder a questões fundamentais relativas à unidade discursiva e à organização enunciativa do(s) discurso(s).

Os géneros discursivos, de natureza sócio-histórica, constituem a memória social dos discursos produzidos pela comunidade, não sendo exteriores ao uso da linguagem e influenciando a construção discursiva, nomeadamente o uso das estruturas lexicais e sintácticas (Marques: 2006). A questão dos géneros levanta-se sobretudo no que aos estudos sobre a linguagem diz respeito, desde os trabalhos de Bakhtine (1984: 285), segundo o qual “Si les genres de discours n'existaient pas et si nous n'avions pas la maîtrise, et qu'il nous faille les créer pour la première fois dans le processus de parole [...], l'échange verbal serait quasiment impossible.”. Este autor encara os géneros como pré-existentes aos actos discursivos, como “escolhas possíveis que a historicidade do uso da língua foi configurando, e o conformam e possibilitam, enquanto modos de dizer, de fazer discursivo, que interferem na produção e na interpretação do discurso, em interacção com o sistema funcional da língua.” (Marques, 2003: 192). No entanto, e deixando de parte a discussão sobre a problemática de tipos vs. géneros discursivos, importa realçar que o género discursivo deverá ser entendido como “cristalização temporária” (Marques,



2003:194), porquanto, como produto sócio-histórico, o discurso acompanha a mutabilidade social e cultural das sociedades que fará "emergir novas formas, mesmo novos géneros, onde os discursos ganharão também novas configurações" (Marques, 2003:194), o que vai ao encontro de uma das características dos géneros, a dimensão histórica, cultural e social que os enformam enquanto tal.

Com vista à inclusão dos *Tratados* num género discursivo distintivo, importa relembrar, e mesmo que relativamente externa à organização discursiva em consideração, a tradicional divisão dos textos medievais em textos literários e textos não literários, que distinguia textos com objectivos de produção e de recepção diferentes de documentos notariais e de outros basicamente utilitários. Numa época em que o conceito de literatura não estava definido como agora o conhecemos, a distinção principal assentava entre textos das *Escrituras* – os textos sagrados – e textos seculares e profanos, os quais serviam frequentemente a leitura das *Escrituras*.

O discurso religioso está presente em toda a vida do homem medieval que constrói de si próprio e do mundo uma visão moldada pelas palavras doutrinárias da Igreja que lhe chegam pela voz do clero, sobretudo do regular que, conhecedor das letras e das *Escrituras*, põe esses conhecimentos ao serviço da fé cristã e da instituição religiosa, mantendo uma grande ascendência, quer sobre os homens em geral, quer sobre o clero secular, quer ainda sobre aqueles que ingressavam nos mosteiros. Debruçar-se sobre esses discursos e analisá-los enquanto tal será certamente um contributo importante para a construção do conhecimento da história da nossa língua, em particular, e da história cultural portuguesa no seu sentido mais amplo.

Como objecto de estudo dos analistas linguísticos, o discurso pode ser definido como uma unidade complexa caracterizada pela organização sequencial, mas também configuracional, ou seja, sequencial e argumentativamente orientada (Marques: 2006), e que se organiza em dois grandes planos, o da sequencialização discursiva e o da organização pragmática ou configuracional, e, em particular, apresenta como unidades composicionais sequências de diversos tipos.

Desenvolvendo uma temática típica do discurso doutrinário da época com carácter instrutivo-didáctico, os *Tratados* tratam um tema de carácter místico-espiritual que visa o apuramento interior como via para a união com Deus, apresentando um discurso religioso, no subgénero *discurso doutrinal* pela intenção discursiva que propõem, que condiciona, por sua vez, a estruturação composicional

textual, marcadamente de tipo expositivo e argumentativo-explicativo. O plano textual destaca a interpretação alegórica e o estudo da exercitação interior, concretizadas por mecanismos linguísticos e textuais que operam uma constante alternância e correspondência entre evidências do mundo cotidiano e material e asserções relativas ao plano espiritual da relação com o divino. A correspondência entre os dois planos é assegurada por um recorrente paralelismo entre os dois mundos realizado no discurso pela articulação lógica, sequência a sequência, de asserções e evidências empíricas (por nexos causais, comparativos ou meramente analógicos), ou numa outra vertente, por excursos narrativos relativos ao mundo cotidiano e material. Tais correspondências funcionam como argumentos e exemplos ao serviço do processo argumentativo desenvolvido no discurso, já que tal correspondência se configura, como se verá, inquestionável para o alocutário.

Não sendo, pela temática, um documento único no panorama literário e cultural dos finais da Idade Média, a originalidade dos *Tratados* assenta sobretudo na disposição e configuração do discurso doutrinal que oferece, o qual traduz métodos de exercitação como caminho para a união mística com Deus, embora, e como nota Branco da Silva (2001: 11), esta união mística esteja longe "de ser uma atitude alienante ou especulativa, porquanto ela se define apenas pela tomada de consciência da própria identidade em Deus".

O mundo medieval é, talvez ainda mais do que o contemporâneo, um mundo interpretado, um mundo que conhecemos nos e pelos discursos que nos chegaram desse tempo longínquo. Assim, estudar a organização e os quadros enunciativos desses discursos permite conhecer esse mundo, bem assim como a linguagem que construiu e pela qual ele foi construído.

Considerando com Plantin (1990:232) que a linguagem "n'est pas un langage d'objets, mais un langage habité par les interlocuteurs et marqué par leurs points de vue", pretendemos estudar como se revela nos sete Livros que compõem os *Tratados*<sup>169</sup> a organização enunciativa, analisando a construção da imagem que o Locutor dá de si, a sua relação com o Alocutário e as vozes que ele convoca na interação com este que são fundamentais para a construção do discurso.

Os conceitos de autor do texto e locutor são, no âmbito da organização enunciativa, importantes para a análise do discurso. Nos *Tratados*, na versão

---

<sup>169</sup> Ver Capítulo II.

portuguesa, não existe atribuição autoral, embora, como tradução/adaptação do texto francês, haja investigadores que atribuam a voz autoral a Frère Robert (Neto: 2005), perspectiva que não seguimos. No final do manuscrito alcobacense em que se encontram os *Tratados*, pode ler-se a seguinte anotação: "Este livro compôs e escreveu Fr. Frutuoso, monge de Alcobaça, natural de S. Pº do Sul, o qual acabou de escrever na Páscoa de 1400"<sup>170</sup>. Contudo, tal anotação é temporalmente posterior à redacção dos tratados, provavelmente já no século XVI. A verdade é que não existem quaisquer informações sobre o autor dos *Tratados* escritos em português, não sendo possível saber se o nome dado na informação atrás referida se reportaria ao copista ou ao autor da tradução<sup>171</sup>. No entanto, numa época em que a autoridade do clero se sobrepunha à do leigo, mormente no que se reporta à capacidade de julgar e aconselhar sobre questões morais e religiosas, esta indicação resulta como factor adicional na construção do *ethos* institucional do locutor (a que adiante faremos referência), já que este se institui como membro da Igreja e, por consequência, como alguém capaz de conhecer, (re)produzir e divulgar as palavras que conduzirão à "Salvação", sendo também por isso investido da autoridade necessária para julgar os comportamentos de outrem e aconselhar os que efectivamente conduzirão à salvação dos homens. A tarefa da escrita doutrinária pressupõe aliás, à partida e enquanto dimensão integrante do contrato de leitura, "uma superioridade intelectual e moral que é honrada e reconhecida e que apenas no mosteiro tem possibilidades de ser plenamente concretizada" (Miccoli: 1989, 50).

O conceito de *ethos* remonta à Retórica aristotélica que assim designava a construção da imagem do orador no discurso e pelo discurso a fim de assegurar o sucesso da sua alocução. Modernamente, o interesse por esta dimensão da construção discursiva torna a questão do *ethos* uma questão crucial. Como exemplo, os trabalhos de Benveniste mostram que o acto de produção de um enunciado reenvia para o Locutor que mobiliza a língua e que a faz funcionar (Amossy, 1999: 10) e Barthes (1970) fala dos traços de carácter que o orador deve demonstrar possuir, sejam esses traços verdadeiros ou não, para dar uma boa impressão de si mesmo<sup>172</sup>.

---

<sup>170</sup> BN, Lisboa, Alc.199, fl.152v.

<sup>171</sup> Outras referências são dadas a propósito da autoria dos *Tratados*. Ver Silva (2001:19-20).

<sup>172</sup> Para Barthes, o *ethos* é constituído por "[...] les traits de caractère que l'orateur doit montrer à l'auditoire (peu importe sa sincérité) pour faire bonne impression: ce sont ses 'airs'. [...] L'orateur énonce une information et au même temps il dit: je suis ceci, je ne suis pas cela" (Barthes, 1970:315).

Também Pêcheux (1969) ressalta a imagem que Loc e Alocutário, respectivamente e de cada lado da cadeia de comunicação, projectam de si mesmos. Kerbrat-Orecchioni (1980) diz que, para além da imagem do Loc, é necessário incorporar na competência cultural deste e do Aloc, "l'image qu'ils font d'eux-mêmes, qu'ils se font de l'autre et qu'ils imaginent que l'autre se fait d'eux-mêmes" (1980:20). Ducrot (1984), enfatizando o discurso enquanto acto na sua pragmática semântica, foi, depois dos Antigos retóricos, o primeiro a usar o termo *ethos* no estudo da linguagem ao inseri-lo na sua teoria polifónica da enunciação. Para ele, é o próprio discurso que oferece informações sobre o Loc (interessando aqui a instância discursiva e não o ser empírico, real, o sujeito falante).

Maingueneau (1984), no quadro da Análise do Discurso, estabelece a ligação entre *ethos* e a noção de *tom* que reenvia quer para o oral, quer para o escrito, retomando até certo ponto as noções de "quadro figurativo" de Benveniste e de *ethos* de Ducrot. Na verdade, diz Maingueneau<sup>173</sup> que a forma de dizer autoriza a construção da imagem do Loc, estando o Aloc apto a apreender essa imagem a partir de marcas discursivas, estabelecendo-se assim uma interrelação entre Loc e Aloc, este último como co-enunciador do discurso.

Para Bourdieu (1982), numa perspectiva sociológica, o *ethos* designa o conjunto de princípios interiorizados que ligam o comportamento do Loc aos objectivos, sendo estes princípios de ordem sociológica. Assim, a acção exercida pelo orador sobre o seu auditório seria de ordem social e não linguística. Este autor considera mesmo que a autoridade do Loc depende não da imagem que ele constrói no discurso, mas antes da sua posição social e das possibilidades que tem de aceder à palavra oficial ortodoxa e legítima (Bourdieu:1982,107). Oposta a esta concepção está a da Pragmática contemporânea que põe em destaque os dispositivos enunciativos, subestimando os rituais sociais exteriores à língua. Assim, o *ethos* é encarado como um fenómeno discursivo que não se confunde com o estatuto social do sujeito empírico.

Contudo, e como defende Amossy (1999), estas duas visões podem ser complementares<sup>174</sup>. Assim, a uma imagem que o Loc faz do Aloc deverá

---

<sup>173</sup> "Ma première déformation (d'aucuns diraient trahison) de l'*ethos* a consisté à le reformuler dans un cadre d'analyse du discours qui, loin de le réserver à l'éloquence judiciaire ou même à l'oralité, pose que tout discours écrit, même s'il la dénie, possède une vocalité spécifique qui permet de le rapporter à une source énonciative, à travers un ton qui atteste ce qui est dit" (Cit. por Amossy (1999 : 78).

<sup>174</sup> Perspectivando-se a argumentação como um conjunto de meios verbais usados pelo Loc para agir sobre o Aloc num quadro comunicativo em que haja partilha de valores e crenças, ou seja, de uma *doxa* comum. A "Nova

corresponder uma imagem do próprio Loc perante aquele, pelo que a construção discursiva do *ethos* "se fait au gré d'un véritable jeu spéculaire. L'orateur bâtit son image propre en fonction de l'image qu'il se fait de son auditoire, c'est-à-dire des représentations de l'orateur fiable et compétent qu'il croit être celles du public" (Amossy, 1999: 133).

Neste âmbito ganha relevância o conceito de "estereótipo" usado por Amossy e Herschberg-Pierrot (1997); na verdade, para que o Aloc reconheça a legitimidade do Loc, é necessário que a imagem deste se imprima numa *doxa* comum e passe por um processo de "stéréotypage", este entendido como " l'opération qui consiste à penser le réel à travers une représentation culturelle préexistante, un schème collectif figé. Un individu concret est ainsi perçu et évalué en fonction du modèle préconstruit que diffuse la communauté de la catégorie à laquelle elle le range. [...] Le locuteur ne peut se figurer ses interlocuteurs que s'il les rattache à une catégorie sociale, ethnique, politique ou autre." (Amossy, 1999: 135). Assim, a eficácia do discurso do Loc perante o Aloc não dependerá exclusivamente nem dos meios verbais usados nem dos rituais exteriores à língua, ou seja, nem apenas do *ethos* discursivo nem unicamente do *ethos* pré-discursivo ou institucional<sup>175</sup>.

Em textos como o que analisamos, esta construção da imagem do Locutor<sup>176</sup> ganha contornos interessantes até por não podermos identificar um autor empírico, por desconhecimento da autoria da tradução/adaptação do texto, a que, pelo menos em parte, poderia ser associado o locutor, nomeadamente por via da actualização no texto/discurso de um *ethos* pré-discursivo. Poder-se-ia considerar, como já o referimos, que este Loc seria o autor do texto original, Fr. Robert; contudo, este texto é distinto do do texto francês, designadamente na relação interpessoal construída entre o Loc Fr. Robert e o Alocutário (Aloc), a sua prima, Soeur Rose. No texto português, "Locutor real" ou autor e Locutor (discursivo) não podem identificar-se,

---

Retórica" de Perelman (1989) defende que o Loc "en possession d'un langage compris par son auditoire, ne peut développer son argumentation qu'en l'accrochant à des thèses admises par ses auditeurs, à défaut de quoi il risque de commettre une pétition de principes. Il en résulte que toute argumentation dépend, pour ses prémisses comme d'ailleurs pour tout son déroulement, de ce qui est accepté, de ce qui est reconnu comme vrai, comme normal et vraisemblable, comme valable: par là elle s'ancre dans le social, dont la caractérisation dépendra de la nature de l'auditoire" (1989: 362).

<sup>175</sup> "O *ethos* pré-discursivo é construído a partir de representações sociais, estereótipos, que num determinado momento circulam numa determinada comunidade. Sendo uma caracterização *a priori*, ela resulta, no entanto, de um fazer discursivo, faz parte da memória discursiva colectiva, ao mesmo tempo que participa da construção do *ethos* discursivo, que assim conjuga a imagem discursiva com a imagem social. Estas representações sociais, que circulam numa determinada comunidade e numa determinada época, servem de ancoragem ao *ethos* discursivo." (Marques: 2008).

<sup>176</sup> O Locutor, tal como o definiu Ducrot (1980 e 1984), é uma entidade do discurso, distinta do autor: "Il est le responsable de l'énonciation, considéré uniquement en tant qu'il a cette propriété." (84: 199-200,)

pelo que teremos de considerar este Loc como a entidade discursiva responsável pelo discurso e que por meio dele constrói a sua imagem, o seu *ethos/ethe* discursivo(s), na relação com o Outro, não um Aloc individualizado, mas um Aloc colectivo - os monges, os homens cristãos, a comunidade cristã portuguesa da época.

A impossibilidade de atribuir a alguém historicamente definido a autoria dos *Tratados* está consignada pelas estruturas textuais, já que os 201 capítulos que os constituem são física e estruturalmente delimitados pelas sequências de abertura e fechamento<sup>177</sup>, marcadas pela ocorrência dos verbos "começar" e "acabar" integrados em estruturas sintácticas de indeterminação e passivação num acto discursivo-textual que, para além de uma ritualização de abertura e fechamento do texto, se institui como meio delimitação física e estrutural da sua unidade temática e composicional.

*Comecase o prologo em o liuro que se chama castello periigoso (fIr)*  
*E foy acabado a noyte da pascoa florida era 1400. (f150v)*

Exceptuando o segundo tratado que, eventualmente por erro do copista, aparece inserido no primeiro e não tem fórmula de abertura nem de fechamento<sup>178</sup>, todos apresentam ora as duas ora apenas uma, verificando-se sempre o uso de enunciados impessoais que têm como resultado um apagamento enunciativo do Locutor.

(A1) *Comecase o prologo em o liuro que se chama castello periigoso (fIr);*  
[ (F1) *Aqy se acaba o castello perijguoso que he o primeiro liuro desta obra (f61v) ]*

(A2) ---  
[ (F2) *Aqy se acaba o castello perijguoso que he o primeiro liuro desta obra (f61v) ]*

(A3) ---  
(F3) *Aqy se acaba como per a conheçença de sy vem homem aa conheçença de deus (f79r)]*

(A4) *E começasse o terceiro das çinquo cousas que deue cõssijrar (f79r)*  
(F4) ----

---

<sup>177</sup> Usamos o termo sequência tal como é definido pela Análise Conversacional (cf. Kerbrat-Orecchioni, 1990: 181.

<sup>178</sup> Cf. nota 142 do Capítulo II.

(A5) *Capitollo Cxv em que se começa o prologo sobre as penas do jnferno (f84r)*

(F5) *Aqui se acaba o trauctado das penas do jnferno (f104r)*

(A6) *E se segue das alegrias do paraíso (f104r)*

(F6) *Aquy se acaba o trauctado das alegrias do paraíso (f123r)*

(A7) *E começa ho vijº liuro dos tres caminhos (f123r)*

(F7) *E foy acabado a noyte da pascoa florida era 1400 (f150v)*

Este apagamento enunciativo do locutor tem como resultado a instituição do discurso como uma realidade em si mesmo, já que a emergência destas formas de abertura e fecho, de natureza meta-enunciativa, objectivizam a existência e consistência do seu conteúdo, “desligando-o”, tornando-o independente da consecução da tarefa de escrita: não é ao copista ou ao tradutor que se imputa a responsabilidade do discurso, e, por isso, não cabe ao leitor questionar a verdade das asserções nele enunciadas, porque é o próprio discurso que surge como objecto, traduzindo algo de real e tangível.

A objectivação do texto/do discurso em momentos estruturais tão importantes como os de abertura e de fecho resulta num acréscimo da sua autoridade e credibilidade. A planificação do texto não tem uma origem identificada (excepto no final do conjunto dos *Tratados* onde, ainda que haja uma referência a um nome, e portanto se opere uma individualização, não é identificável o autor), não sendo portanto imputável a uma subjectividade específica. A evocação da completude do enunciado independentemente de enunciador e de enunciação permite, num contexto histórico de produção e recepção como o da sua institucionalização, consagrá-lo como entidade autónoma e credibilizada *a priori* de acordo com esse mesmo contexto histórico, sendo portanto possível considerar aqui a construção de um *ethos* canónico e doutrinal.

A importância destas fórmulas de abertura e fechamento na construção da imagem do locutor é dissemelhante já que, para além do eventual erro do copista que terá originado a deslocação da fórmula de fecho do primeiro tratado, há uma indefinição relativa ao começo – e final – do segundo, o mesmo sucedendo, no caso de tal erro, relativamente ao começo do terceiro. Nos restantes casos, as fórmulas utilizadas asseguram não só a indicação de início e final de unidades temáticas, mas também e sobretudo um enlace entre estas que marca uma macroestrutura discursiva

única e compósita, confirmada pela fórmula final de fecho, que engloba todos os tratados.

*Hora praza a todos que este liuro leerem e ouuierem que por amor de deus e da sua bem dita uirgem madre ajam memoria em suas horaç•es daquelle que o ajuntou e escrepueo E foy acabado a noyte da pascoa florida era 1400.*

O carácter doutrinal e didáctico do discurso é explicitamente assumido no segmento inicial do primeiro tratado, sendo este indicado como *prólogo*<sup>179</sup>:

*[Jntraujt Jhesus jn quodam castelum] Luce xi capitulo. [...]  
E jsto he o que dizem as palauras suso ditas. E porque he cousa muy proueitosa seguir o enxemplo desta homrrada senhora Eu com a ajuda do senhor deus quero emssinar a todos e a todas fundar de seus coraç•es h••castello tam forte contra seus jmijgos e tam fremoso e tam bem guarnido de dentro que o doçe rrey Jhesu Christo uerdadeiro esposo das santas almas se cont•te e aja prazer de morar em ell Ca elle dise per salamom que (f1r) seus uiços e prazeres som destar e morar com os ffilhos dos hom•s (f1v)*

Neste segmento textual, igualmente com estatuto metaenunciativo e metadiscursivo, o Locutor, recorrendo ao verbo "ensinar", expõe o seu programa discursivo e manifesta uma intenção directiva, para a qual concorrem em simultâneo os usos dos verbos "querer" e o do verbo "ensinar", demonstrando o objectivo de instruir um destinatário colectivo, que convoca de modo directo: "*quero emssinar a todos e a todas*". Por via da utilização do pronome de primeira pessoa e em contraponto com a voz genérica, canónica e de autoridade, acima observada, o Loc assume a responsabilidade individual da globalidade do discurso doutrinal (e, por conseguinte, da concatenação das diversas vozes para ele concorrentes); enquanto Locutor individual, assume-se como porta-voz da *doxa*, instituindo-se assim um *ethos* de credibilidade e responsabilidade.

---

<sup>179</sup> De facto, no início do documento e ainda antes da "Tábua dos Capítulos", surge a seguinte indicação "Comecase o prologo em o liuro que se chama castello periigoso e de como a deuota Virgem maria com gram prazer rreçebio em o seu honrrado castello conuem a saber no tenplo do seu glorioso corpo o rrey e senhor do çeeo e da terra."(Ir)



Correlativamente, estabelece-se uma relação de superioridade – a daquele que ensina em relação aos que serão, por via do discurso, ensinados; tal relação investe necessariamente o Locutor numa posição de autoridade, reforçada pela pressuposição de que tal autoridade e intenção sejam capazes de convocar o auxílio divino (“com a ajuda de Deus”). Esta ajuda vai concretizar-se em convocações frequentes do auxílio (actos rogativos) ou mesmo da voz divina – directamente ou por intermédio de outras vozes, também elas autorizadas no âmbito do grupo social em que se inserem e a quem se dirige o discurso.

A esta intenção directiva corresponde a enunciação de um conjunto de passos e disposições prescritivas com vista à exercitação interior (*fundar de seus coraç•es h••castello tam forte contra seus jmiijos e tam fremoso e tam bem guarnido de dentro*) que permita a união com Deus (*que o doce rrey Jhesu Christo uerdadeiro esposo das santas almas se cont•te e aja prazer de morar em ell*). Ligadas a esta intenção doutrinal e didáctica estão estratégias argumentativas diversificadas, das quais se destaca a convocação pelo Locutor, ao longo do discurso, de diferentes vozes qualificadas e consagradas que servirão como elemento de construção da credibilização do seu discurso, o que faz já, aliás, no excerto transcrito ao invocar o conhecimento da palavra divina e de uma concomitante voz de autoridade: *Intraujt Jhesus jn quodam castelum* **Luce xi capitulo**. [... ] *Esta pallaura he scripta no auangelho de sam lucas (f1r) [...] Ca elle dise per salamom que seus uiços e prazeres som destar e morar com os ffilhos dos hom•s (f1v)*.

O poder da palavra e a eficácia do discurso dependem assim não apenas do que é dito pelo Locutor, mas também da forma seleccionada para o dizer e, paralelamente, da imagem que de si constrói e projecta no discurso, em função sempre do seu Alocutário. Esta imagem de si – o *ethos* – que é construída pelo e no discurso constitui-se como fulcral na análise do discurso desde a Retórica aristotélica até à Pragmática contemporânea, designadamente na Pragmática Histórica.

No *Castelo Perigoso* como nos restantes *Tratados*<sup>180</sup>, o Loc dá portanto de si uma imagem de grande conhecedor das Escrituras e das Autoridades e constrói essa imagem logo desde o início, quer citando, em latim, uma frase do Evangelho, [*Intraujt Jhesus jn quodam castelum*] *Luce xi capitulo (F1r)*, quer recorrendo sobre a referência principal dessa citação, a Virgem Maria, figura santificada e imaculada,

---

<sup>180</sup> Determo-nos-emos mais alongadamente na estrutura semântica, ideológica e argumentativa do primeiro *Tratado*, por este, para além de mais longo e portanto mais exemplificativo de estruturas semântico-pragmáticas recorrentes, apresentar características muito particulares no que toca à organização enunciativa do discurso.

quer percorrendo alegoricamente sobre a importância de receber Deus. A convocação de um *ethos* pré-discursivo, institucional, com a subsequente projecção no *ethos* discursivo, encontra-se reforçada pelo recurso à alegoria, estratégia retórica de dupla função no período histórico em questão e neste subgénero discursivo: para além de assegurar a eficácia do discurso face a um Aloc não iniciado nos mistérios da Fé<sup>181</sup>, reforça a credibilidade do Loc pela assunção da sua capacidade de construir um enunciado alegórico que explique e interprete os textos sagrados.

*Esta pallaura he scripta no auangelho de sam lucas. e posta por  
figura da uirg • maria. madre do filho de deus. porque este foi h •  
castello. muyto bem guarnido de caua de humildade. E de muro de  
uirgijndade. E de priuilegios de todas uirtudes. E dauomdamça de  
todas graças Este glorioso castello achou o rrey da gloria. assy  
praziuell e deleitoso que ouue gram desejo de o pobrar e morar  
em elle E enuyou deante seu messegeiro em maneira de rrey e  
gram senhor que lhe fosse filhar a pousada. Este foy o arcanjo  
guabriel que saudou a senhora do castello deuotamente dizendo.  
Aue maria etc. E a saje e deuota uirgem como era de siso  
comprida com gram prazer rreçeebo em seu homrrado castello.  
scilicet. No tenpllo do sseu glorioso corpo. o rrey e senhor e  
emperador do çeeo e da terra.(f1r)*

A construção de um castelo similar é imediatamente indicada como o caminho a seguir pelo Aloc, pois disso dependerá a sua salvação; o Loc, sabedor de tal importância, presta-se a ensiná-lo. O enunciado revela a voz de um Loc credível, com autoridade, que conhece os caminhos a trilhar para a união com Deus. A estratégia discursiva assenta no recurso a vozes de Autoridade, reconhecíveis ou aceites como tal pelo Aloc, como adiante se detalha. Traça-se assim um *ethos* com consistência institucional, fundamental para ganhar a confiança do Aloc, assumindo perante este que será capaz de ensiná-lo a construir esse castelo enquanto o persuade da relevância que tal tem para a sua vida.

---

<sup>181</sup> A alegoria representa um «compromiso necesario para una mentalidad familiarizada con lo sobrenatural, pero, simultáneamente, incomprensible. Lo espiritual carecía de una expresión plástica, concreta, que alcanzase a los no iniciados». Machado, Ana Maria (2000), “La prosa doctrinal religiosa», In José Luis Gavilanes, António Apolinário (eds.), *Historia de la literatura portuguesa*, Madrid, Editorial Cátedra, p. 111.

*E porque he cousa muy proueitosa seguir o enxemplo desta  
homrrada senhora Eu com a ajuda do senhor deus quero  
emssinar a todos e a todas fundar de seus coraç•es h••castello  
tam forte contra seus jmiijos e tam fremoso e tam bem guarnido de  
dentro que o doce rrey Jhesu Christo uerdadeiro esposo das santas  
almas se cont•te e aja prazer de morar em ell*

A alegoria seleccionada reveste-se de grande rentabilidade numa época em que o castelo é ainda a metáfora central de defesa, já que o discurso se estrutura preferencialmente nesta vertente. Trata-se tanto de receber o bem, o “esposo das santas almas”, “o doce rei”, como, sobretudo e numa concepção dualista, de evitar os ataques do mal, do diabo, do mundo (ainda que a primeira destas tarefas possa parecer decorrer naturalmente da segunda). De facto, num mundo dicotómico como o configurado por este discurso, perder o Bem significa cair nas garras do Mal, deixar que o inimigo entre traduz-se na perda do Bem. Por isso, “Quem quer fazer h••castello deueo edeficar em terra de paz” (f1v), já que a constante guerra com o inimigo implica paz com quem não o for.

*Pecando mortalmente honde perde deus e o paraíso e gu•ha os  
tormentos do jnferno E perde os b•s que dantes auya fectos. [...]E  
he tornado seruo (f1v) do diaabo. E a alma que era ffilha e esposa  
do rrey da gloria he fecta serua e barreguaa do jmiijo. (f2r)*

Assim, a alegoria funda-se inicialmente na enumeração dos inimigos; a abundância de exemplos e explicações reforça a metáfora de *defesa*, já que o Aloc é representado no discurso como cercado por tais inimigos a cada momento. Os pecados, ou inimigos, são meticolosamente discriminados, detalhando-se o seu grau de perigosidade e os contextos do quotidiano em que possam manifestar-se:

*em a mançebia fazem os os hom•s muy espantosos pecados (f2v)  
fala dos pecados mortaaes e rramos que deles procedem (f4r)  
dos pecados os prinçepaaes som sete de que muytos outros  
deçendem (f4r)*

*jsto he **pecado ueniall com tanto que** assy cedo como a rrazom  
conheçe que ysto he uaidade **logo se rrepreenda e alance de ssy**  
(f4v)*

***Ou quando despreza algh• de boca ou de coração Ou quando  
homem leixa de fazer algh• bem que poderia** (f4V)*

*Em **muytas outras maneiras** pecam os hom•s per soberua. assy  
como en buscar auantajadas rroupas e nobres. Muito estreitas ou  
muyto largas. Ou muy curtas ou muy longuas e estreitas manguas  
e rricos apostamentos e em desobedeeçer a seus mayores Ou em  
mall obedeeçer. assy como sosteer seus fectos e suas openy•es e  
muyto defender suas minguas e suas fallas em capitollio. Ou em  
com• parlamento desprezar os fectos e as palauras delles e teellos  
em menos que deue E em se guabar dos b•s que homem faz ou dos  
malles que he peor (f4v)*

***Per hira peca homem em muytas maneiras** (f5v)*

***homem filha ardimento de rroguar aa molher per sandias  
contenenças assy he molher per molher e homem per homem**  
(f9v)*

Para além das estratégias de defesa, o Aloc é aconselhado relativamente à forma de erradicar o Mal dentro de portas, ou seja, os inimigos que tenham já penetrado as defesas, incluindo-se neste particular dois sacramentos – a confissão e a comunhão.

***rreprendimento** dos pecados com que anojou o seu senhor (f1v)  
aa confissom Esta he a boa camareira que **alinpa a casa e lamça  
fora toda a çugidade** com a uassoira da lingua f(2r)  
procurar e buscar **confessor discreto** e sabedor que tenha **poderio  
de absoluer e legar** (f2r)  
**quitar** a morte da alma (f2r)  
deue com grã diligência **penssar em todos os malles que fez** f(4r)  
desy pollos b•s que homem perdeo pecando que **pode cobrar na  
confissom** (f10v)  
E como vir alghua noda de pecado **deue correr aa fonte da  
confissom e lauarsse** (f11v)  
E nos fara sobir ao çeeo cõssiguo se nos **Nos trabalharmos de  
rressurgir da morte do pecado a ujda de graça** (f38v)  
**sacramento** que faz mujtos proueitos aaquelles que dinamente o  
rreçebem. Primeiro **guareçe e alinpa a alma dos pecados  
uenyaaes** E os **mortaaes esqueçidos presenta aa memoria** pera  
se fazer delles emmenda per confissõ E defende a alma contra as*

*m•s tentaç•es. E apura a dos pensamentos e afeição•es desonestas.*  
(f39r)

*que nom aja cousa que rrepreender. E se for achada logo se deue*  
*corregger per uerdadeira confissom* (f47r)

A segunda parte do primeiro Tratado reconstitui aliás de forma explícita a metáfora do cerco, possuindo uma fórmula de abertura própria que marca na superfície discursiva-textual essa divisão e assegura a manutenção das isotopias estruturantes da alegoria, garantindo e reforçando a macroestrutura discursiva; estas são alicerçadas na vigilância e no combate, já que, neste passo, o Loc completa o quadro alegórico, identificando as defesas e as armas do “castelo”, bem como os pontos fracos deste, lugares por onde tal inimigo poderá entrar. Sendo expressão de uma posição de autoridade, é importante salientar que o próprio processo alegórico leva ao apagamento das marcas deícticas, assumindo um valor epistémico genérico, de “verdade das coisas”, incontestável.

*Aquy começa a segunda parte de nosso castello* (f18v)

*Ora he de saber que como a deuota pessoa saparelha a edeficar*  
*castello contra os jmijgos elles filham o mundo e a carne comsiguo*  
*e cercam o castello. E nunca se partem do cerco. ãte auera*  
*conthinuados combates ataa morte antre o senhor e a senhora do*  
*castello e os jmijgos. se sse lhe nom rrendem* (f21v)

*deue sseer aseentado em lugar alto. que os Jmijgos nom possam*  
*lla bem hir. desy **deue dauar aliçeçe porfundo e cauas altas e***  
***largas e os muros dobres.** E em meyo do castello deue sseer a*  
*fortelleza que se chama da menajem honde homem. se a dacolher.*  
*se o castello fosse filhado de sospeita. **a ho castello conpre hua***  
***prinçepall porta e h••porteiro e assy aas outras portas de fora.** E*  
*na prinçepall torre deue auer hua uella que aja boo cujdado de*  
*dia e de noite pera guardar. o castello. e deue sseer bem proueuo*  
*de bitalhas e daugua* (f19r)

*Ante que uaamos em nosso edefiçio. deuemos de fazer **as fosas***  
*[...] **Por jsto sam neçessarias as cauas** Estas seram de **profunda***  
***humildade e dobrez de coraçom e dobra.*** (f19r – f20v)

*Pollo **primeiro muro** conuem a defender este primeiro combate que*  
*he fecto por encher a primeira fosa. Jsto he **per descriçom** [...]*  
*E sobre este **muro achara quatro beestas** com que fara arredar seus*  
*jmijgos se ouuer esforço ••A Primeira he conssijsaçom de sua*  
*ouriginall naçença. ••A segunda. ynorância de seu proprio estado.*  
*• a terceira conssijsaçom da morte • A quarta **esperança do gram***  
***juizo.*** (f22v)

*E Por nom emcher• esta segunda caua he neçessario correr ao. segundo muro que sera chamado paçiençia. (f27r)*

*Em a fortelleza deste muro acha homem quatro engenhos per athirar contra os jmijgos que a segunda caua dhumjlldade querem encher per inpaçyençia que uem de sobreua **E estes engenhos som quatro pensamentos que homem deue a auer no coraçõ ho primeiro he penssar nas penas do jnferno. [...]** A segunda que muyto conforta contra as auerssidades **he pensar no galardom do paraíso [...]** A terceira cousa **he penssar na paixõ de Jhesu christo e no que por Nos soffreo [...]** A quarta cousa **penssar que os b•s que as tribulaç•es fazem. sam meezinhas da alma e guareç• as •firmjdades do pecado (f28r – f29v)***

*Ora he tempo de fallar nas portas. E he de saber que no castello honde o coraçõ he çarrado ha hua porta prinçepall que he a boca. **E ha hy çinquo portas de fora per que o coraçõ uay muytas uezes uaguar aas cousas deste mundo. Estas sam os çinquo sentidos. • os olhos. •as orelhas. • Os narizes. • o guosto. • E o tocam•to.** que sam mujto perijguosas. senom sam bem guardadas pouco uall çercar de fosas nem de muro. (f41r – f41v)*

*E quanto o castello he melhor E mais abastado de rriquezas **Mais ha de jmijgos e de fortes conbates.** Jsto quer dizer que quãto a pessoa he mais deuota. mais ha de tentaç•es (f45v)*

*E assy deue fazer a deuota pessoa. seia rrelligiosa ou secular. quer dizer sem obidiênçia. tall pessoa **nom deue sayr sem leçença de seu capitom. que he discreçom. E bem armada de deuota oraçom** E em gram temor que nom caya em alg••pecado ou outrem por elle. E deue de tornar a seu castello o mais çedo que poder. como aa defenssam e saude de sua aalma. Porque a gram tardança antre os jmijgos he perijgosa (f46v)*

*Aquelle doujom que **he torre de menagem** he chamada **Oraçom.** (f48v - f49r)*

*Ora he o castello acabado que **nom falleçe senom a uella** que ho ha de guardar de dia e de noite. **Esta uella he o temor de deus** (f52r)*

A superfície textual do *Castelo Perigoso* encontra-se marcada por uma macro-estrutura de recorrência tópica que assegura a coesão textual e a coerência da interpretação alegórica do discurso; as sequências que constituem essa macro-estrutura são marcadas por deícticos temporais característicos da prédica, reproduzindo para além disso uma situação de oralidade<sup>182</sup>. Sequências semelhantes

<sup>182</sup> No que respeita a marcas características de oralidade, serão adiante aduzidas outras observações.

surgem, em muito menor número (duas em cada) mas com os mesmos efeitos relativamente aos respectivos tópicos, no terceiro e no último dos Tratados.

*Ora tornemos a nossa materia que auemos leixada. (f4r)*

*Ora auees ouujdo como ha paz com deus que he h•a das iijº que perteeçe ante que homem possa seguramente edeficar seu castello (f15v)*

*Ora auees ouujdo a quem auees dauar paz. a deus e a uossos proximos e a uossos mayores e a uos meesmos. (16r)*

*Ora uistis os quatro signaaes per que homem conhece se h□a molher he uirgem. scilicet. humjldade e uergonha e pobreza e delguadeza de uoz. (f18v)*

*Pois que o aseentamento do castello he buscado ora deuemos de fazer o fundamento. que he de uerdadeira fe que homem deue auer e teer em deus e em seus sacramentos (f20r)*

*Ora he nosso castello çercado das cauas do coração que sam profundas per humjldade e largas per caridade. E de muros jssso meesmo que sam altos per discreçom E fortes per paçiença. Ora he tempo de fallar nas portas. (f41r)*

*Ora auemos postos aas portas do castello porteiros e guardas diligentes. do que hi ha tres de uertudes cardeaaes. scilicet. fortaleza. tenperança. E justiça. E nõ falleçe senom a quarta que he chamada prudência que deue seer a prima das quatro (f44r)*

*Ora he o castello çercado e proueudo de porteiros e guardas dilig•tes Ora conpre seer fornydo de ujtalhas e daugas que doutra guisa nom se poderia teer cõtra os jmijgos. (f44r)*

*Ora esta o coração em seu castello alto aseentado bem fundado E çercado e bem guarnjdo de ujtalhas (f45r)*

*Ora he o castello acabado que nom falleçe senom a uella que ho ha de guardar de dia e de noite (f52r)*

*Ora he nosso castello acabado com a ajuda de deus. de todo acabado (f55v)*

*Ora auees ouujdas tres liç•es asaz breues. em que deue estudar cada dia toda pessoa deuota. que ha cujdado de sua saluaçõ (f71r)*

*Ora ouuistes os sete enbargos do liuro da conçiência que nos toruam a nos conhecermos segundo os sete ssellos que sam Joham uio no apocalipse (f78r)*

*Ora auees ouuido rrudemente os sete signaaes per que homem conhece que cousas he amor extitico ou embeuedado (f138v)*

*Hora auees ouujdo como homem uem pollo caminho purguatiuo ao  
jnluminatiuo (f148v)*

Assegurado o *ethos* de autoridade, o Locutor dá seguimento a um conjunto de actos de linguagem que dão ao discurso uma dimensão instrucional” (doutrinal), nomeadamente por meio do uso de actos jussivos<sup>183</sup>, marcados por verbos de modalidade deôntica, tais como “dever”, que se repete com muita frequência (num total de 412 ocorrências):

*Quem quer fazer h • castello **deueo** edeficar em terra de paz (f1v)*  
***deue** homem tornar a descreção e penssar nos pecados e mjnguas que  
em elle som (f23v)*  
*Que homem nom **deue** louuar outrem ante de ssa morte (f23v)*  
*E **deuemollos** de seguyr ho mais açerca que podermos (f67v)*  
*tu **deuerias** desejar a ujda honde nom ha morte (f113v)*  
*E assi **deue** homem peenssar se ouue alg • a cousa do alheo per  
m • o titullo (f7v)*  
*E **deuesseuos** fender o coração per conpaixom e comtriçom e  
tremar todo de medo (f37r)*  
*Bem **deuyamos** deseiar que nossos prouiximos nos vissem (f16r)*  
*Nom se **deueriam** mujto a alegrar Por que nom sam suas (f122v)*  
*E **deueryamos** mais a amar morrer que a alma dh • nosso  
prouximo seer perdida (f30v)*  
***deueriamos** leixar e desamar os deleitos deste mundo (f37v)*  
*E por jsto **deue** hom • senpre mais amar as cousas que por  
melhores conhece (f31r)*  
*a deuota pessoa **deue** pensar amehude e conheçello em grande  
humilldade (f31v)*  
*elle sse **deue** temer que se lhe nom aparte sua saude (f60v)*  
*Nos **deuemos** leixar de pecar por quatro cousas (f62v)*

O final do primeiro Tratado (*Capitollo Lvvj*, f55v – f57r) consigna ainda a recapitulação dos termos da alegoria, sendo esta explicitamente retomada apenas no segundo e no último dos *Tratados*, ainda que possa ser considerada a ocorrência de

<sup>183</sup> Actos em que o Loc, por meio do enunciado que profere, e num dado contexto de interacção verbal, quer levar o Aloc a praticar uma determinada acção, verbal ou comportamental, no presente ou num futuro mais ou menos próximo, a qual visa a satisfação/benefício do Loc ou do Aloc, configurando-se como efeito perlocutório pretendido, alcançado ou não, conforme as relações entre Loc e Aloc no momento da formulação do enunciado.



similaridades no terceiro e no sétimo. De notar que a ocorrência no último *Tratado* não é mais que uma remissão para assunto alegadamente já explorado, assegurando uma vez mais tal estratégia a instituição do conjunto dos tratados como macroestrutura discursiva.

*De todollos benefícios de nosso senhor Jhesu christo que nos mouem a o amar. ho de ssua paixom he ho mais piadoso. E o de que os pellejadores de deus se deujã armar contra seus jmijgos* (Dos Benefícios de Deus, f 57v)

*Como o diaabo v•r teu coraçom abastado de claridade da çellistrialll presença. elle fugira Ca quando vee o coraçom deuoto armado darmas esprituaaes. scilicet. deste santo sacramento. elle se uay e diz Eu nom posso este castello filhar nem afamar per longo çerco Ca he guarnydo de pam e de vinho E nõ pode seer filhado per força.* (Dos Benefícios de Deus, f58v – f 59r)

*Aquy se acaba o castello perijguoso que he o primeiro liuro desta obra* (Dos Benefícios de Deus, f61v)

*Quem sua lingua nom guarda he tall como çidade sem muros. que nom ha fortelleza contra os jmijgos* (Do Livro da Consciência e do Conhecimento Próprio, f66v)

*Assy como he scripto nos cantjcos. que ella demandou as guardas da çidade. scilicet. aos pastores e rregedores da sãta jgreia* (Do Livro dos três Caminhos e dos sete sinais do amor embebedado, f135r)

*Disto acharees claramente no liuro da deujnall graça do espritu santo de Cconfissom e satisfaçõ de penssamento e doraçom E da homilldade acharees no castello perijguoso* (Do Livro dos três Caminhos e dos sete sinais do amor embebedado, 148r – f148v)

Os restantes *Tratados* mantêm uma expectável perspectiva dicotómica baseada em antagonismo e incompatibilidade de espírito/matéria, Deus/mundo,

amigo/inimigo, pecado/virtude, paraíso/inferno, entre outros. Ainda que não reconstituindo, integral ou parcialmente, as alegorias que tal sustentem, tal é frequentemente operado por recurso a analogias fundadas em recorrentes práticas discursivas similares. A analogia é um recurso linguístico fundamental para suscitar a adesão do alocutário às verdades/comportamentos propostos pelo Loc. A metáfora da *defesa* é, como já sucede também no *Castelo Perigoso*, desenvolvida na *recusa*, a da *construção* na *busca* ou *demanda* aconselhadas para traçar o caminho da salvação, ou seja, nas formas de buscar o amor de Deus.

*he conpridoiro que hom• hi aja desprazer e tenperança e  
paçiençia que assy se busca merito (f12v)*

*Que diz. quem pede rreçebe. E quem busca acha. E quem toca  
deus lhe abre. Isto se entemde quem demanda saiemente. E quem  
busca com deligençia. (f49r)*

*O prymeiro fruyto que este sacramento faz he que allimpa e  
guareçe a alma do pecado de que sātantoinho diz eu quero senpre  
ffilhar esta meezinha (f58r)*

*E rrabano diz em este sacram•to os deuotos que com•guam e  
rreçeb• acham huniam da santa companhia e de paz (f60v)*

*Nos deuemos demãdar a deus tres cousas antre as outras Isto he  
conheçimento de bem e mall E perdom de nossos pecados e da  
pena E dereita entençõ em todas Nossas obras. (f62v – f63r)*

*A Primeira cousa que homem deue consijrar em escolher espiçiall  
amigo. he que seja dyscreto (f80r)*

*Nom sejaaes amigos de pessoa jrosa quanto he despiçiall amjzade  
[...] Mes a amizade do mansso he pera escolher por que he doce e  
passiuell e duradoira. (f81r – f81v)*

*E eu digo. ou aquj pagar per pendença Ou no jnferno pender per  
justiça (f88r)*

*Quer dizer sey homilldoso de tua voontade sem tribullaçom ante  
que deus te humjllde per condanaçom (f92v)*

*Pello quall homem deue de boa mente em esta ujda sofrer todos  
trabalhos (f105v)*

*E ue aja prazer por que a ssoffre por deus. senpre mais deseia  
chegar ao luguar honde nom ha que sofrer (f109r)*

*Ca tanto como homem he mais alumeado da graça de deus. tanto  
uee e conhece melhor e mais claro sua comçiençia e ha purgua E*

*quanto ella he melhor purguada tanto u• os olhos do coração  
melhor a deujnall bondade de deus (f125r)*

A nível das micro-estruturas tópicas, o Tratado *Dos Benefícios de Deus* está organizado de modo a detalhar a forma como Deus beneficiou o Homem e os subsequentes benefícios do sacramento da Eucaristia (resumindo, portanto, parte do conteúdo do *Castelo Perigoso*, do *Capitollo xxxvj* ao *Capitollo xLviiij*, que versa sobre o amor a Deus, as suas características modelares e as da Virgem, a sua paixão e os benefícios da Eucaristia), alertando ainda o Aloc para os danos decorrentes da inadequada recepção deste sacramento.

No *Livro da Consciência e do Conhecimento Próprio* especifica-se o que a alma amiga de Deus deve saber sobre este e sobre o Mundo, as razões por que deve evitar o pecado e os pedidos que deve fazer a Deus, ensinando-se ainda que as tribulações purgam a alma e que quanto mais a alma tem conhecimento do mal, mais próxima está de Deus; com estes propósitos, são ainda versados os conteúdos do que deverá ser o “livro do coração”, bem como os “enpãchamentos da conçiência que enbargam ho homẽ vjr a conhoçimento de sy meesmo” (f72v).

No livro *Da Amizade e das Qualidades do Amigo* enumeram-se as características recomendáveis para os amigos em tudo semelhantes às que noutros passos se recomendaram para o próprio Aloc. No tratado *Das Penas do Inferno*, para além da tradicional visão das chamas e do enxofre, aquelas são descritas sobretudo pela ausência de elementos positivos (esperança, luz, honra, prazer, abastança) face à presença dos seus contrários. No *Das Alegrias do Paraíso* são expostas as razões por que se deve ter em mente o paraíso e aquelas pelas quais os eleitos escaparam aos males do mundo. Em seguida, descrevem-se as “viandas” do paraíso, das quais a suprema é a visão de Deus, seguindo-se o contraponto da ausência de elementos negativos e a correcção das imperfeições terrenas do corpo. Este tratado termina com a discriminação dos erros e vícios que impedem a ascensão ao paraíso, bem como das razões que levam Deus a esconder a sua doçura e os homens a não se aperceber dela; uma vez atingida, no entanto e como se comprova, a alegria de Deus é eterna.

O último tratado, *Do Livro dos três Caminhos e dos sete sinais do amor embebedado*, traça o caminho espiritual de ascensão ao amor divino (purgativo, iluminativo e contemplativo), detendo-se nas formas, etapas e efeitos de cada um deles; detalha os sinais que permitem reconhecer o homem tomado pelo amor divino,

assinalando ainda que Deus pode chamar a si os maiores pecadores e fazê-los redimir.

A análise revela assim, em toda a extensão do discurso como em cada um dos seus segmentos, a estruturação semântico-pragmática bipolar do discurso numa inequívoca bipartição entre Bem e Mal que funciona como rede argumentativa/explicativa de elevada eficácia face a um Aloc que, por isso mesmo, não pode contraditar qualquer dos argumentos aduzidos sem se excluir do colectivo social a que pertence já que, adicionalmente, esse colectivo é a própria comunidade cristã a que pertence e, em última análise, a própria Humanidade. Relativamente ao tipo de argumentos seleccionados, saliente-se a utilização de argumentos pragmáticos (a) e, sobretudo por via de uma constante analogia entre o plano do real e o plano da espiritualidade, a de argumentos quase-lógicos (b) que, também eles, tornam virtualmente impossível uma menor adesão do Aloc. A acrescentar a estes e decorrendo de uma incontestável dominância do divino na mente do Aloc, será igualmente de assinalar a rentabilidade do entimema (c) e do truísmo (d).

*(b) Pecando mortalmente honde perde deus e o paraíso e gu•ha os tormentos do jnferno (f1v)*

*(c) E perde os b•s que dantes auya fectos. sse o deus nom chama per sua graça. E he tornado seruo do diabo (f1v)*

*(b) que quem seu pecado Nom confesar. se ha tenpo e espaço. Nunca auera deus n• o paraíso por muytos que faça de b•s (f2v)*

*(c) [...] caae em tristeza. desy em preguiça. que quando homem esta triste Nom ha prazer em cousa que faça nem digua. Quem serue deus com tristeza. logo entra em preguiça: (f5v)*

*(d) E quem ha door no coração e he descontente e ha despreza nom ha paz comsigo (f15r)*

*(d) Mas o diaabo que muytos sabe de jogos e dartes (26v)*

(a) *E quer dizer que traz ao coração da boa pessoa. os b•s e uertudes que fez e as graças esprituaaes ou tenporaaes que ha ou cujda auer. mais que os outros. assy que alg•as uezes o coração se leuanta tanto que a caua dhumjlldade he fecta h•a gram montanha de soberua.* (f22r)

(a) *Ca por jsto sam as cauas dobradas. Por que as humjlldades sam duas como dicto he* (f26v)

(b) *sera boo meestre em as cousas que a deus perteçem se contenplar na uaidade do m•do* (f62r)

(c) *Mes ho amor de deus enche assi o coração que outra cousa nom deseja senom amar.* (31v)

(d) *A canp• do moesteiro senpre esta Callada emquãto a nom toquom. Mes como homem tira pella corda ella se faz ouuyr per toda a uilla.* (f28r)

(d) *Amar deus he tam gloriosa cousa E assi doce que nõ ha deleito nem alegria tenporall que o queira parecer.* (f31r)

(d) *E uyamos ou moyramos todos somos de deus* (f128r)

No âmbito desta rede argumentativa e de acordo com o já assinalado, as estratégias retóricas de apagamento enunciativo prendem-se sobretudo com a eliminação das marcas de enunciação de primeira pessoa, estratégia frequentemente ampliada por modalizações deônticas e epistémicas, recorrentemente de obrigação e de certeza, respectivamente. A rentabilidade de tal estratégia encontra-se intimamente ligada ao tipo de argumentos seleccionado e à correlativa dimensão sócio pragmática determinada pelo contexto histórico e cultural. Assegurado o *ethos* de autoridade, o locutor dá seguimento a um conjunto de actos de linguagem que dão ao discurso uma dimensão instrucional, doutrinal, sobretudo, como já foi referido, por via de actos jussivos marcados por verbos de modalidade deôntica como “dever”, “cumprir”, “convir”, com especial relevância para o primeiro, de ocorrência particularmente significativa. O valor genérico do sujeito indeterminado / sujeito

colectivo (genérico, constituído por toda a comunidade cristã) marca a intemporalidade reforçando o valor aspectual gnómico do presente do indicativo, sendo tal fundamental para a credibilidade e estatuto do *ethos* do Loc, já que este se institui como porta-voz de asserções que, para além de inquestionáveis, se configuram como intemporais.

***Conpre** esguardar e aprender. com quem deuemos dauar paz. (f1v)*

*Mes **conuem** que aquelles que uiuem em obediencia de rrelligiom se tenham a tall confessor como lhe for dado (f2r)*

***nom deue** homem leixar confessar todollos pensamentos que trazem pecado. e os maaos deleictos e consintimentos em que cayo (3r)*

*E **he prouado** como o ouro. que quanto mais he no foguo. tanto mais he claro e puro e melhor se traucta (f27v)*

*quem cada dia peca. Cada **dia lhe conpre** filhar meezinha [...] (f58v)*

*Nos **deuemos** leixar de pecar por quatro cousas [...] (f62v)*

*E **he certo** que nom ha comparaçõ do purgatorio ao jnferno (f86r)*

*[...] **certo he** que o liure aueria gram prazer (f110v)*

*Ca **certo he** que o estallagedeiro nõ mata de seu liuro aquelle que lhe deue. ataa que pagua (f124v)*

Para além das marcas linguísticas já assinaladas, o valor jussivo característico da estrutura aspectual do texto doutrinal é também concretizado pela utilização do futuro do indicativo em sequências que, adicionalmente e em algumas das ocorrências, reiteram a autoridade do *ethos* do Loc; de facto, este demonstra não apenas a capacidade de analisar o plano do real sensível, dilucidando-o e detalhando os seus aspectos essenciais, como a de associar, caso a caso, esses aspectos com as desejadas componentes do percurso espiritual.

*Por jsto sam neçessarias as cauas Estas **seram** de profunda  
humildade e dobrez de coraçom e dobra. (f20v)*

*Ora he o castello acabado que nom falleçe senom a uella que **ho ha  
de guardar** de dia e de noite. Esta uella he o temor de deus (f52r)*

*E por estas cousas percalçarmos e mais çedo auermos o doçe  
cordeiro que per nossos malles morreo que he dino dabrir o liuro  
de nossa conçiência. **rrogaremos** aficadamente E assy **poderemos**  
cõ grande clareza ueer e leer per nosso liuro (f78v)*

*Nos **poderemos** achar tres tormentos que hi ha contra tres cousas  
que os perdidos amarõ em este mundo (f91v)*

*Por que quem nom aprende a callar Nunca **sabera** bem falar. Jsto  
he honestamente e com proueitosa saieza. deue mais a cujdar como  
**hade fallar**. (f67r)*

*Antre os outros signaaes que podem seer em aquelle amor. Nos  
**notaremos** sete espeçias [...] (f126v)*

*[...] assy como he scripto no liuro de tobias. quando elle thirou  
fora da augua o peixe que ho mordera. per que **entenderemos** o  
diaboo que loguo morreo (f129v)*

Essa associação vai ao ponto de prever as consequências, na eternidade, das acções e atitudes da vida terrena. Com um concomitante e notável acréscimo da autoridade do *ethos* discursivo, o futuro do indicativo assume um valor preditivo, essencial na caracterização deste subgénero doutrinal. O Loc é uma entidade cuja voz traduz não só a *doxa* relativa ao mundo terreno mas também o conhecimento da autoridade máxima (a Igreja) sobre a eternidade, pelo que prevê eventos futuros, assumindo a sua ocorrência de acordo com condições específicas. Frequentemente, e como demonstram os dois primeiros exemplos abaixo, a sequência argumentativa implícita o seu contrário, numa estratégia demonstrativa da bipolaridade doxástica, funcionando tal como macro-estrutura jussiva no que concerne à *doxa*.

[...] *que quem seu pecado Nom confesar. se ha tenpo e espaço.*  
*Nunca auera deus n••o paraíso por muytos que faça de b•s (f2v)*

*Mes quando homem tem paguado o que deue entom pode fazer e dizer o que quiser E poder de bem. Espiçialmente a madre de deus saudar amehude. e seruir e amar. que quem b• a amar e seruir.*  
*Nom morrera maa morte: (f5r)*

*Ca dia v•jra que mais amaria o pecador h•a soo ora de tenpo pera fazer pendença se a podesse auer. que todo o ouro do mundo. Mes jsto sera muy tarde que a porta da pendença sera ffechada e dirom aas uirg•s sandias. neçio uos (f6v)*

*Nem auemos aquy çidade durauell. Mes aguardamos a que hade v•r. esta he a çidade do parajso. disse sam paullo que do parajso saymos. E lla tornaremos se per Nos nom fica. (f19v)*

*Entom seram as conçiências de cada h• a todos descubertas. Ca todos os pecados de dito e de feito e penssamento de que hom• não fez emmenda em sua uida parçerom a todo o m•do ally rreçeberõ os m•os perdurauell confusom. E serom lançados da allegria do paraíso. (f26r)*

*Como o diaabo v•r teu coração abastado de claridade da çellistrial presença. elle fugira (f58v – f 59r)*

*[...] que não soomente o foguo do jnferno queymara os danados Mes ajnda a memoria das rriquezas lhes dara tormento (f88v)*

*Primeiro contra a glloria delle. aueram uergonha e cõfusam sem homrra E contra os deleitos carnaaes aueram door sem deleitaçom E contra o amor das rriquezas auerã pobreza sem abastança. (f91v)*

*A Primeira mingua he fealldade ou maa feiçom por que homem nom acha na terra fremosura corporall em que não aja que dizer Mes lla sera fremosura perfeita (f112r)*

*E jsto pareço bem em sam Pedro [...] quando elle uyo a jmagem da gloria que ha de v•r em a fremossura de Jhesu (f137r)*

Tal como sucede por via das fórmulas de abertura e de fechamento atrás reportadas e dos mecanismos enunciativos referidos, o Loc apresenta-se como o fiel espelho da realidade e comportamentos que aconselha: é apenas o porta-voz de verdades universais que não lhe toca discutir ou contestar, já que essa realidade e esse comportamento são por natureza incontestáveis. De facto, o Loc constata o funcionamento do mundo por via de asserções cuja verdade não pode ser colocada em causa, quer pelo estatuto de autoridade que detém perante o Aloc, quer porque



tais estratégias se encontram estreitamente entretecidas com vozes outras de autoridade que assim confirmam, ainda que tal possa ocorrer apenas de forma implícita, a verdade de tais enunciados. As vozes de autoridade<sup>184</sup> incluem a dos santos, de profetas, do próprio Cristo, entre outras, todas elas concorrendo para expressar um único discurso, o discurso divino, sendo este assim recursivamente traduzido na polifonia dos discursos humanos que buscam a Palavra, o discurso de acesso a Deus.

As asserções, argumentos ou sequências argumentativas, dispensam prova ou completude lógica por dimanarem de vozes de autoridade, sendo recorrentemente exposto o mecanismo de transmissão dessa autoridade a partir da Voz suprema, a de Deus, reportada em discurso directo ou indirecto na voz dos textos sagrados. A partir do momento em que o Loc toma o seu lugar na cadeia dos discursos e vozes da palavra de Deus, a autoridade incontestável que lhes é reconhecida transvaza-se para o seu discurso, tornando-o canónico e reforçando a sua autoridade e força persuasiva.

*Que muy grande homildade he soberua **segundo dizem os santos***  
(f5r)

*Per hira homem jura e perjura e mall diz e fere e mata. quem per hira asanha seu prouximo deuelle pedir merçee ante do sol posto. **segundo diz a escriptura*** (f5v)

*[...] de que sam **Johã boca douro diz** Aquelle sacramento nom se torna em carne mes em alma E espira em ella e lhe da uertude* (f59r)

***Sam bernardo diz** deus he mell em boca mellodia em orelhas. allegria no coração. **Jhesu christo diz** nom uos metaaes nos fectos do mundo e nom serees toruados.* (f62v)

***Segundo diz deus no euãgelho** e a boom dereito se diz que a morte see sobrestes* (f75r)

*Contra estes **diz deus no auangelho de sam matheu*** (f76r)

*Deste amor **diz hua poeta** Nom ha tam fea cousa como dhom• auer tençom ou perfia com aquelles a que tem espiçiall famjliriadade E **santanbrosio diz** estauel e firme deue seer o coração e persseuerar em amizade* (f80r)

<sup>184</sup> São muitas as vozes da Autoridade convocadas pelo Loc: Santo Agostinho, Santo Ambrósio, Santo Anselmo, S. Bernardo, Ciprião; David; S. Gregório; Hugo de S. Victor; Isaías; Isidro; Isidoro; Jeremias; S. Jerónimo; S. João; Job; S. Lucas; S. Paulo; S. Pedro; Pudêncio; Salomão; Séneca; Cícero. De igual forma, são diversas as obras citadas: *Cântico dos Cânticos*; *Eclesiástico*; *Evangelho*; *Levitico*; *Cântico Magnificat*; *Novo testamento*; *Livro dos Reis*; *Saltério*; *Provérbios*. A este propósito ver Silva (2001: 323-337) que apresenta uma *tabulae auctoritatum* na qual dá conta das obras que são citadas ou referidas em cada Tratado.

*Jsto lhes promete deus per nahum o profeta. [ ]/ Eu descobrirey diz deus todas tuas çugidades aos olhos de todas as gentes (f94r – f94v)*

*E Por jsto diz sam geronjmo. [ ] quer dizer n•h• tenpo longuo Neh• trabalho he duro. per que homem guaaça a gloria perdurauell Por jssso disse deus a abr•o no genjsi. [ ]. leuantate diz deus aa santa aalma. fora deste mundo e anda de longuo e dancho a terra que te hej de dar. (f105v)*

*E nom cantar pello uento n• pella gloria do mundo que nom seiam daquelles a que deus diz per amos o profeta [ ] Tira dante mim diz deus o arroydo de tuas cantiguas (f132v)*

A citação em latim<sup>185</sup> que, numa estratégia argumentativa, se assume como um tipo de argumento, é seguidamente traduzida e/ou parafraseada pelo Loc por meio de nexos, sendo os mais frequentes "quer dizer", "que quer dizer", "isto quer dizer" "isto diz" e "diz ele":

*desta paz disse sam bernardo h• glorioso moto e breue. {Ama nesciri} Que quer dizer. ama que te nom saibham se tu has alg• bem em ty (f16r)*

*{Maria, mater gratie, mater misericordie, tu nos ab (h)oste protege et hora mortis suscipe}. Quer dizer. maria madre de graça. madre de misericordia defendenos do jmijgo e rreçebenos na ora da morte. (f25r)*

*Mes ajnda aos anjos segundo se canta cada dia no profaço •{Tremunt potestates }. Que quer dizer os poderios do paraíso tremem consiçrãdo a grandeza de deus (f54v)*

*daujd diz no salteiro. {Calix meus inebriante etc}. Em esto diz o meu nobre callez que embeueda. quer dizer que faz a alma esqueçeer todollos u•os penssam•tos (f59r)*

*conselho dazechiell propheta. {Lamentaciones, Cármen et uae, etc} Jsto quer dizer choros de ssuas mallezas e dos perijgos e das mizquiñdades do mundo (f70r)*

<sup>185</sup> Para além da citação, existem outros tipos de argumentos. Santana Neto (2005: 50-59) faz o levantamento das citações, das parafrases, dos exemplos, das referências e dos argumentos didáticos usados no texto: 494 as citações (342 bíblicas e 126 dos Doutores da Igreja); 154 as parafrases (87 dos textos bíblicos e 59 dos Doutores da Igreja); 51 exemplos (24 modelos, 12 antimodelos e 15 de personagens); 47 referências (31 bíblicas); e 22 argumentos didáticos na forma de pergunta.

A pergunta retórica, privada da exigência de "resposta" por parte do Aloc, permite a este apenas uma réplica para "confirmar ou infirmar as pressuposições activadas no enunciado formalmente interrogativo" (Ramos, 1996: 171), dando ao Loc, pela sua própria enunciação, uma posição de superioridade, e reforça-as como estratégias de persuasão.

*{Non omnem hominem introducas in domum tuam}* Estas palavras  
são escritas no eclesiástico. **E querem dizer** não deixes entrar  
todo homem em tua casa (f79r)

diz dauid no salteiro *{Declinantes autem in obligatione adducet  
Dominus cum operantibus iniquitatem, etc.}* **Quer dizer** aqueles  
que querem acrescentar em suas obrigações e trazerá deus com os  
condanados (f87r)

he scripto no deuterónimo. *{Ignis succensus est in furore meo,  
etc.}*. **Quer dizer** o fogo do inferno he aceso na mente. **ha sanha**  
(f87v)

segundo diz Isayas. *{Parata est ab heri thophet, etc}* que **tanto  
quer dizer** em linguagem como ualle de inferno he aparelhado des  
o ontem. scilicet. des o começo do mundo. (f90v)

com conselho de Job que diz. *{Depone magnitudinem tuam absque  
tribulacione, etc.}* **Quer dizer** sey humilde de tua vontade sem  
tribulação ante que deus te humilhe per condanção (f92v)

diz em o liuro dos amores *{Comedite et bibite (et) inebriamini  
carissimi}* **quer dizer** meus amigos eu vos rogo que uos afaistes  
dos carnaes deleitos (f141v)

A voz do Loc integra-se assim de pleno direito no vasto conjunto de vozes autorizadas, elaborando doutrina da sua própria responsabilidade, já que, para além de conhecedor do sentido dos textos em latim cuja tradução assegura, o Loc interpreta e explica as Escrituras, recorrendo a metáfrases interpretativas. Esta função parafrástica, reformuladora e recontextualizadora da Palavra, reitera e amplifica a autoridade do *ethos* do Loc. Como estratégia argumentativa complementar, a metáfrase é, pois, recorrentemente introduzida por conectores metafrásticos que, por isso mesmo, apresentam um valor epistémico de certeza. Esta operação inclui mesmo a exegese de episódios dos textos sagrados para deles extrair o *espiritual entendimento*.

diz **santo agostinho** [...] E assy diz elle que quem se quer  
sajemente confessar e achar graça ante deus elle deve a buscar  
tall confessor que seia entendido pera legar e desleguar. **Jsto quer  
dizer** que saiba bem conhecer o pecado e conselhar o pecador e  
que aja poder dasoluer e de dar a pendenza segundo o pecado.  
(f2r)

*E quanto o castello he melhor E mais abastado de rriquezas Mais ha de jmijgos e de fortes conbates. Jsto **quer dizer** que quãto a pessoa he mais deuota. mais ha de tentaç•es (f45v)*

*Estas palauras sam escriptas **no ecresiasitico**. E **querem dizer** nom leixees entrar todo homem em uossa casa (f79r)*

*Ora podemos dizer **assy como diz Jsayas que nos amoesta que rreçebamos** pobres e caminhantes em nossa pousada (f79v)*

*Estas palauras sam escriptas **no auangelho** de sam matheus e disseas o anjo a Josep. E **querem dizer em linguaagem** leuantate e toma ho moço e sua madre e uayte aa terra disrraell. Primeiro lhe dissera que deçesse ao egito com o moço e sua madre por erodes que o quiria mathar. Pois segundo o espiritual entendimento Josep que **tanto uall como** acreçentamento **Senifica a santa alma** que senpre deue creçer de bem em melhor. **E o moço he a boa obra. Herodes que tanto quer dizer** como glorioso. **sinifica a u • glloria.** que destruye toda boa obra homde quer que seia. **Ho anjo senefica** a graça de deus. que quando esta na alma amoestaa que deça ao egipto que he treeuas e choros como de çima he dito..( f104v)*

*Assy como homem lee **no terçeiro liuro dos rreis**. da rrainha sabba que veo a Jherusalem ueer a gloria de sallamom E quando a uyo tanto foy maraujlhada que desfalleçeo A rrainha sabba **tanto quer dizer** como enbrasamento e **senifica** a alma. que he enbrasada de desejo espirituall [...] (f106r)*

*Em este dia **diz Jsaias. scilicet.** despois do juizo. quando sera dia sem noite fara deus em este monte. **scilicet.** no paraíso h• grosso conujte de grossura de meollos que he cousa muy deleitosa ao corpo E fara h• beuer de uinho muy puro. • **que se entende** a delleitaçom da alma. Ca o uinho allega o coração do homem segundo **diz daujd** E bem diz muy puro Por que em aquella delleitaçõ Nom auera mestura damargura Nem de door no corpo Nem na alma. **E por jsto se entende** a groria do corpo na glosura dos meollos em que nõ ha cousa magra E o prazer da alma pollo vinho muy puro em que nom ha mestura (f106v – f107r)*

*Desto se lee no Jenesi que Jacob nom pode auer Rrachell por molher ataa que nom ouuesse lia Rrachell **tanto quer dizer como** vistoso começo E **senefica** a allegria do paraíso honde sse vee deus que he começo e fim de todo. segundo diz o **apocalipse** lia **quer dizer** trabalhador E **senefica** esta presente vida que he toda em trabalho. (f115v)*

A metáfrase concretiza-se (resultando frequentemente e uma vez mais em entimemas e/ou argumentos pragmáticos e quase-lógicos) para além disso pela recorrente articulação de vozes e segmentos discursivos, reportados ou directos, por meio de conectores causais e conclusivos.

***Ca** pouco aproueitou aaquella beguyna o que de ssy rreuellou Mes aproueita a Nos que ho ouuymos que podemos hi filhar emxenplo. **Por jsto** nom deue homem leixar confessar todollos pensamentos que trazem pecado. e os maaos deleictos e consintimentos em que cayo ca esta uergonha he gram parte da pendenza.(f3r)*

***Ca** esto he pecado segundo diz santagostinho. assy deue homem p•sar se corregeo Ja sua cabeça rricamente por prazer ou por u•groria e deueo confessar **desy** dos çinquo sentidos com que homem muy amehude peca.*

*E bem diz muy puro **Por que** em aquella delleitação Nom auera mestura damargura Nem de door no corpo Nem na alma (f107r)*

*Pollo mar se entende o carnal deleito que dereitamente se pode dizer mar por que he amarguoso. **Ca** todas as doçuras que per os carnaaes delleitos sam ofereçidas acabam em amargura e em door. E he dito aquella deleitação rruyuo **por que** he enuollto de carne (f128v)*

Numa estratégia semelhante, o Loc apresenta putativos exemplos do percurso de vida humana, sendo a autoridade do exemplo frequentemente reforçada pela menção da sua fonte. Estes *exempla* relativos ao quotidiano e às acções humanas – em oposição mas complementárias das vozes divinas – funcionam em correlação com a citação de vozes de autoridade religiosa. Tal estratégia demonstra, para além

da já esperada autoridade das Escrituras como normativo por excelência, uma paralela autoridade dos enunciados escritos e da figura do autor/enunciador de tais enunciados.

*Capitollo iij que sem confisom nos ñ podemos saluar E **poem este autor exemplo** Foy h•a beguina muyto boa e muy santa e de muy boa nomeada ao poboo. Aconteçeo que ella uyo [...] (f2v)*

*Capitollo iiij em que **poem outro exemplo semelhaujl** [...] H •a monja nobre de linhagem e de grande santidade foi assi pollo jmijgo enguanada (f3r)*

***Enxenpro** dh•a monja:[...] Foy em outro tenpo h•a monja deuota. fremosa de corpo e de coração e antre as outras fremosuras que auia tijinha muy fremosos olhos. (f10r)*

*[...] **outro exemplo e semelhaujl.** [...] Foy outra monja muyto desassemelhada a esta ja dita assaz era fremosa de corpo (f10r)*

*Jsto nos he bem **figurado no segundo liuro dos rreis.** honde he scripto que Naas amonjtes tijinha çerquados os Jebes. que erõ dos Judeus. E rrequereronlhe paz (f48r)*

***Em huu liuro he escripto** que forom dous filosefos pagu•os que muyto se amauam (82v)*

***Achasse em outro liuro** que se chama bem vnjuerssall doutros dous h• christ•o e outro pagu•o [...] (f83r)*

***Enxenplo.**[...] Foy hua molher dh• caualleiro mujto deuota que tam homilldosamente se gouernaua (f103v)*

O Loc demonstra a capacidade de fazer a ponte entre um mundo material, o único acessível ao seu alocutário e por ele compreendido, e a dimensão metafísica na qual se inserem os comportamentos e atitudes que pretende do Aloc; numa outra vertente e no que respeita à autoridade do próprio discurso, do *logos*, este encontra-se entretecido num vasto leque de analogias capazes de estabelecer a ponte entre os dois mundos. Os exemplos demonstram, para além do apontado, exemplares ritualizados

por uma recorrente utilização dos textos sagrados ao discurso doutrinal, bem como a justificação de tal prática por argumento de autoridade.

*diz santo agostinho que o que homem faria por esquivar a morte corporall deue fazer por quitar a morte da alma. E Nos ueemos que os doentes por sua saude busquam com bõa uontade os milhores e mais saies fisicos que podem E assy diz elle que quem se quer sajemente confessar e achar graça ante deus elle deue a buscar tall confessor que seia entendido pera legar e desleguar (f2r)*

*E he prouado como o ouro. que quanto mais he no fogo. tanto mais he claro e puro e melhor se traucta (f27v)*

*quando hom• ama tanto seu deleito que nom pode ou nõ quer deixar o pecado e peenssa que embalde se confessaria e assy se dormeçe em elle como porco em esterco (f14v)*

*[...] ho boy que hom• tem pera matar pollo fazer guordo dalhe a comer tanto como elle quer E o que quer guardar pera trabalho dalhe a comer per medida (f28v)*

*desy as tribullaç•es purguam a alma assy como a fornaza ho ouro E como a jueyra o gr•o E como a lima o ferro (f29r)*

*E santagostinho diz as tribullaç•es sam neçessarias pera purgar ho homem. Assy como a jueira pera alynpar o gr•o E a lima ao ferro E a fornaça ao ouro (f63r)*

*Aaquelles que ho mundo leem e esguardam aa de fora soamente pareçe elle seer deleytoso e de fremosura E emuorilhamssse neelle como porca em lodo (f71v)*

*Seeta metida em coxa de cam. tal he a pallaura no cora<ç>om do sandeu. Ca assy como o cã que he ferido nom queda braadar e correr ca e lla. Assy a pessoa sandia como ao hom• rrepreende por seu bem (f73v)*

*Aquelles que nõ rreçeam E que ssem descreçom rreçeb• todos em sua espiçiall amizade. Sam taaes como a praça e o moinho honde todos entram e n•h• ha paz Mes senpre arroydo (f79v)*

*Por que quamdo os b•s obreiros esguardam o grãde aluguer que atendem sam muyto mais esforçados em sua obra (f105r)*

*A Primeira he preguiça. Porque assi como homem diz. que o guato come de boamente o pescado e nom se quer molhar pollo pescar Assi ha muitos que de boa mente filharjom estas alegrias Mes que nom trabalhassem em as buscar Assy como diz santo aguostinho. (f115v)*

*Ouuessesmos sentido Nom he cousa que nõ sofressemos pellas auer.  
Assy como **a guolosa que proua o b• vinho** (f116r)*

*assy como o saies tauerneiro nom mete seu **b• vinho em maa**  
vaso. Assy nom poem deus a doçura de ssua conssollaçom (f117r)*

*Assy como ho tauerneiro da a prouar seu **b• vinho** por que lho  
conprem melhor E beuã delle tanto ataa que cada h• seja  
embeuedado (f118v)*

*Mes doçe Jhesu bem abastaria aa minha catyua e pecador alma  
que morre de sede. **se podesse auer do vinho da conpunçom** de  
que diz daujd. E Por que eu que n•h•a sey falle. dame a dizer  
cousa que te praza e que abaste aaquelles que te deseia Ca **tu es  
tauerneiro que o das a quem te praz.** E quando te praz Mostraste  
bem a bondade deste vinho na transfeguraçom quando ta façe  
rresprandeçeo como o ssoll (f119r - 119v)*

*Ca çerto he que o estallagedeiro nõ mata de seu liuro aquelle que  
lhe deue. ataa que paga (f124v)*

*E nom se deue alg• marauilhar se homem conhece o **b• amor**  
pollo maa Ca sam paullo disse {Invisibilia Dei por ea que facta  
sunt Intel(l)ecta conspiciuntur} **Pellas cousas que sam feitas de  
fora vee homem e ent•de as jnujsivees de deus.** (f126v)*

Numa perspectiva semelhante de comparticipação de Loc e Aloc numa mundividência cujas regras e estrutura são inquestionáveis, a argumentação surge suportada por aforismos e provérbios (consustanciando truísmos, entimemas, argumentos pragmáticos ou quase-lógicos), com ou sem indicação de uma fonte que lhes adicione argumento de autoridade; tais argumentos funcionam como manifestação textual da voz, colectiva, de um consenso social (a *doxa*), assegurando a adesão do Aloc. Estas estruturas são marcadas pelo presente do indicativo, com valor gnómico (e intemporal, face a asserções de tipo universal como são os provérbios), daí resultando o acréscimo de credibilidade, por analogia, das afirmações que sustentam; para além disso, instituem-se como vozes de um saber colectivo e incontestável que, em conjunto com as vozes já referidas na polifonia textual, subsumem, no contexto histórico e sócio-cultural uma amplitude de *saberes* sobre o mundo muito próxima da completude. Face a um Aloc como o que adiante se caracterizará, estabelece-se ainda uma relação de proximidade afectiva, favorável à intenção persuasiva do discurso.



*que o prouerbio diz. tanto uall quem tem o pee como quem o corta.  
(f9v)*

*Ca o boo padre castigua e fere o filho que ama. (f27v)*

*assy como diz o prouerbio quem de todo se calla de todo ha  
paz.(f16r)*

*Ca tribullaçom forja paciência (f27v)*

*Por jsto diz o prouerbio. Nom ha tam rrico no mundo que digua eu  
sam abastado. Mes ho amor de deus enche assi o coração que  
outra cousa nom deseja senom amar. (f31v)*

*Por jsto disse sallamon nos prouerbios. quem leixa hir a augua a  
todo seu cursso. scilicet. a pallaura aa ssua voomtade sem a  
rreteer cõ prema de discreçõ. amehude se lhe causam demãdas e  
tenç•es. (f42r)*

*Ca sallamom diz nos prouerbios. Justiça deluira de morte (f53r)*

*Ca se diz h• prouerbio com• Ou pagar ou pender. (f88r)*

*Ca se diz em h• prouerbio. Nom he muy pobre qu• tem b•s  
amigos (f94v)*

*O que diz o prouerbio. que mais uall h• dia de bem que çento de  
mall (f107v)*

*Por jsto diz o prouerbio maa triguãça nom he bondade (f117v)*

*E o com• prouerbio diz {Nimia familiaritas paret conten(p)tum}.  
Gram familiaridade jeera despreço (f130v)*

Para além do exposto no que se refere à(s) voz(es) e aos argumentos, o Loc dos *Tratados* é uma entidade discursiva complexa, já que as marcas linguísticas de definição da individualidade do *ethos* o definem ora como locutor individual, sobretudo quando na sua função mais directiva, ora como colectivo, enquanto parte da comunidade cristã que segue as leis de Deus e quer alcançar a salvação, o que é facilmente verificável nos deícticos usados:

***Eu** com a ajuda do senhor deus **quero** emssinar (f1v)*

*E porem ante que **começemos** de edeficar nosso castello (f1v)*

***digo** primeiro que homem (f1v)*

*Nos **deuemos** teer firmemente (f4v)*

Ora **tornemos** a nossa materia que **auemos** leixada (f4r)

Nos **deuemos** teer firmemente e assy he que sem a ajuda de deus nom **podemos** bem fazer (f5r)

Mes **eu** me **callarey** por que de tam vill e tam fedorento pecado n•h• nom deue fallar. que elle foy a causa do doluuyo (f8r-f9v)

Mes esto nom sabe senom quem o proua de que **uos direj** h□ enxenpro (f9v)

Mes **eu me callarey** (f9r)

Que assy como diz seneca. o amor doutrem nom pode alguu melhor auer que per amar (f15v)

Ora **auemos** buscado o lugar pera edeficar **nosso** castello (f18v)

E por Jsto **eu digo** (f19r)

Este castello **chamamos nos** perijguoso (f19r)

Ora seja deus **cōnosco** que Nos lhe **possamos** edeficar castellos de **nosso** coraç•es. em que a elle praza morar. assy como **nos elle prometeo** no euangelho (f19r)

E cada uez que **Nos oolharmos** a terra nos deue nembrar de **nosso** sepulcro (f24v)

Pois **eu diguo** que per uirtude de paçiençia vençem os soffredores todos seus jmijgos (f27v)

assi como **dissemos** que as cauas aujã (f29v)

nom **deuemos** escuytar as maas lingoas (f43r)

Ca o que **auemos** per natureza( (f53v)

E de como **auemos** a amar **nosa** saluaçom mais que a dos proximos. (f29v)

**eu digo.** ou aqui pagar per pendença (f88r)

É nesta base que se estabelece a relação com o Aloc, pertencente como o Loc a uma comunidade cujo horizonte é, ou se pretende que seja, a recompensa ou castigo na eternidade. O discurso manifesta claramente tais preocupações, deixando transparecer o carácter comum desse horizonte sem deixar de marcar, pela construção do *ethos* do Loc, o estatuto de autoridade que este detém face ao Aloc. De

facto, para além da intenção de “ensinar” consignada na abertura do discurso, o *ethos* do Loc surge, como se expôs, investido de autoridade e responsabilidade consentâneas com o tipo e objectivos do discurso, sendo por isso superior ao Aloc. A estruturação discursiva da figura do Aloc corresponde a este estereótipo já que, para além de ser putativamente “ensinado” pelo Loc, ele surge, na fórmula de abertura, designado como “todos e todas”, com a diferença de género a assegurar a completude da comunidade de alocutários a quem é, à partida, endereçado o discurso. Numa architectura de destinação marcada pela recorrência do termo universal “homem” (ou “todo o homem”), a formulação discriminativa da diferença de género surge ainda no primeiro, segundo e terceiro Tratados, com apenas uma ocorrência no sexto. Em alguns passos, o discurso particulariza os seus alocutários, discriminando o grupo social em que se integram.

*Ora deue de saber cada h • **homem e molher** (f4r)*

*[...] **homem ou molher** lançado aa guarguãtoçe espiçialmente ao uinho nom pode v • jr a perfeiçom (f8r)*

*[...] em luxuria pecam os **hom • s e as molheres** contra natura que he o mais espantoso e o mais auorreçiuill pecado de todos os outros (f9r)*

*assy pollo contrairo **ho homem e ha molher** que dinamente come este pam do altar (f59v)*

*Mes por que ujda **dhomem e molher** sobre a terra nom he sem batalha (f65v)*

*[...] disto se nõ pode escusar **crelligo nem leiguo homem nem molher pobre n • rrico** que ligeiramente nom aprenda esta çiençia (f68r)*

*A terceira rrazom he que **homem e molher** he mais auiuado a fazer bem (f117v)*

*os **crelligos e abades** aquelles que soubessem e podessem hos outros as oras de santa maria. assy como **bojeses e molheres oçyosas e begujnas**. hos outros as oras da paixom assy como he ja escripto. hos **lauradores** as oras do pater noster e aue maria. (f68v)*

*Em este canto se deuam as deuotas perssoas **freiras e monjas e crelligos a exerçytar** E os leiguos dauuyuar em deuaçom (f132v)*

A destinação particular mais significativa parece ser no entanto a que toma como alocutários os “religiosos”, “crelligos” “monjas e monges”, marca particular de endereçamento no primeiro dos Tratados e presente, ainda que em menor grau (duas ocorrências), no terceiro.

*Mes conuem que aquelles que uiuem em obediência de rrelligiom se tenham a tall confessor como lhe for dado Mes bem esguardem os mayores que confessores dam (f2r)*

*E uos todos seculares e rrelligiosos. per aquy uos guardaas e nom percaas uossas fremosas almas (f3v)*

*A quall cousa nom perteençe a rreligioso (f5v)*

*Per prigiça pequam os rreligiosos cada uez que adormeçem no moesteiro ou som molles ao seruiço de deus. (5v)*

*Propriadade em rreligiosos he gram pecado. (f7v)*

*Propriadade em rreligiosos he gram pecado. (f7v)*

*[...] da luxuria E de como este pecado he mais graue e feyo em os rreligiosos e rreligiosas (f8r)*

*[...] em que trauta dh•a monja que descreeo • este pecado (f10r)*

*[...] outro exemplo e semelhaujl. Foy outra monja (f10v)*

*E de como he mujto perijgosa cousa ao rreligioso ameude sair fora da claustra. (f10v)*

*E de como o rreligioso pode gaanhar paz e amor com seu abbade (f14v)*

Tal designação configura-se aliás como sinónima das “devotas pessoas” às quais o enunciado se endereça recorrentemente nos três primeiros e no último dos Tratados (e cumulativamente, no caso do *Castelo Perigoso* e do *Livro da Consciência e do conhecimento próprio*) ou mesmo da “amiga de Deus” deste último.

*Pois ora peensse cada h•a deuota pessoa que ha cujdado de sua saude (f61r)*

*Em este canto se deuiam as deuotas perssoas freiras e monjas e crelligos a exerçytar (f132v)*

*Pois se a al ma deuota E namorada quer ouuyr nouas de seu amigo (f135v)*

*Por que quanto a deuota alma busca e quanto ama todo he dentro em seu coração (f129v)*

*Assy a alma deuota em se fartando amehude da duçura de seu amigo sembeueda. (f140v)*

No âmbito de um discurso doutrinal com as características que lhe foram assinaladas, o Loc dirige-se assim à comunidade cristã em geral, estratégia que confere um valor de universalidade aos preceitos veiculados pelo discurso, já que nenhum elemento dessa comunidade se pode excluir como virtual alocutário; paralelamente, particulariza possíveis alocutários de forma a convocar a sua adesão. A oscilação entre o alocutário individual e o colectivo é uma característica do género, retomando a doxa religiosa, “Deus dirige-se **a todos e a cada um** de nós”.

Para maior eficácia do discurso, o Loc simula ainda o enunciado oral, nomeadamente pela semelhança com a prédica pública destinada a um colectivo; a estratégia discursiva, marcada pela utilização de interjeições e formas verbais de segunda pessoa do plural – com destaque para o uso do Imperativo, não só pelo seu valor jussivo, mas também e sobretudo por reproduzir um contexto dialogal. Note-se que a estrutura referida apenas ocorre nos segmentos correspondentes aos três primeiros e ao último dos Tratados, a exemplo do que sucede com a definição do Aloc como as “devotas pessoas”.<sup>186</sup>

*Em estes dous enxemplos podees ueer o bem e o mall a ujda e a morte. filhae quall uos prouguer (f10v)*

*Ora auees ouujdo a quem auees dauar paz. a deus e a uossos proximos e a uossos mayores e a uos meesmos. (f16r)*

*Hoo deuotas pessoas. defendee assy como diz sam gregorio. a honrra de uosso tam boo senhor (f33v)*

*Hoo uos deuotas pessoas esguardaae profundamente (f36v)*

---

<sup>186</sup> As ocorrências de segunda pessoa do plural e de imperativo do *Tratado das Penas do Inferno* não se encontram contabilizadas nesta análise já que se reportam, em discurso directo, a outras vozes – de Deus, de profetas ou outros fautores das escrituras.

A este propósito, Miranda, Florencia (2007: 1047) fala do processo de textualização, afirmando que o “cruzamento de géneros” constitui um processo particular de textualização para o qual propõe o termo/conceito de *intertextualização*: “Este processo pode ser sumariamente definido como aquele em que se estabelece uma relação de copresença entre elementos (ou traços) associáveis a parâmetros de textualização que relevam de géneros textuais diferenciados (dois ou mais) no espaço de um único texto. Em outras palavras, um dado texto que se inscreve em um género textual determinado, recorre à intertextualização quando introduz traços que se associam a outros géneros diferentes do próprio.”

*E uos deuotas pessoas fazee de uosso coração h□ sepulcro pera  
rreçeber nosso amigo (f38r)*

*Nom entendaaes que ajnda que estes seiam embeuedados damor  
como dito he que possam porem sentir a espirituall duçura e allegria  
que santo agostinho sentya (f126r)*

*Hora deuees de saber que pellos signaaes que homem uee (f126v)*

*Hora esguardaae e entendee como as palauras da alma namorada  
ham mester grãde adimento (f128r)*

Numa estrutura enunciativa marcadamente polifónica como a que brevemente analisámos, o discurso constrói-se em torno do *ethos* do Locutor; a sua eficácia é decorrente da presença e fusão, na enunciação, de diversas formas, tipos e vozes da estrutura macrodiscursiva e polifónica constituída pela *doxa*. No entanto, essas vozes são reportadas e reunidas num discurso de responsabilidade última da voz de um Loc que, assim, se institui igualmente como *autoridade* no momento da enunciação. Decorrendo dessa autoridade e da consistência do *ethos* do Loc (o *ethos* pré-discursivo, institucional, decorrente da própria tarefa de escrever e, nomeadamente, escrever um texto doutrinal, bem como o que se constrói intradiscursivamente), o próprio discurso institui-se como *auctoritas*, inscrevendo-se assim nessa estrutura macrodiscursiva doxástica.

Identificada ou não como uma pessoa física ou por um nome, a figura do *auctor* é construída no discurso e pelo discurso. Como marca discursiva dessa realidade, a construção é registada na fórmula de fecho dos *Tratados*, inscrevendo enunciação, enunciado e locutor num contexto sociopragmático e temporal e assim invocando a sua própria canonicidade, de acordo com o que assinala Rico (1997, 151): “no solo cada ejecución, sino también cada copia alcanzaba un estatuto superior al de mera reproducción y se constituía en texto con entidad propia [...]”

*Hora praza a todos que este liuro leerem e ouuïrem que por amor de  
deus e da sua bem dita uirgem madre ajam memoria em suas  
horaç•es daquelle que o ajuntou e escrepueo E foy acabado a noyte  
da pascoa florida era 1400. (f150v)*

#### IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciámos o projecto para o presente trabalho, decidimos estudar os *Sete Tratados Cartusianos* por considerarmos tratar-se de documentos relevantes para a história da língua portuguesa, em particular, e para a história literária e cultural, em geral, realizando a sua edição integral, na época inexistente, assim como o glossário exaustivo, com vista ao seu estudo linguístico. Com o trabalho que agora se encerra, embora sempre inacabado dada a natureza deste tipo de estudos, sobretudo ao nível da análise da língua, pensamos ter alcançado os objectivos a que nos propusemos.

Apresentámos a edição integral dos *Sete Tratados*, correspondendo a dois tipos de edição que seguiram uma lição “conservadora” e outra “modernizadora”, adoptando critérios que, numa e noutra, pensamos ser adequados aos fins a que se destinam. Este texto, normalmente conhecido pelo título do primeiro tratado, *Castelo Perigoso*, pela temática que aborda e pela estrutura discursiva alegórica que constrói, tem tido lugar de destaque nas antologias dos textos literários do passado, pelo que nos pareceu importante permitir, por meio da edição “modernizadora”, o seu acesso a um público mais alargado. Por outro lado, apresentando-se como um documento de grande riqueza linguística, a edição “conservadora” e o respectivo glossário possibilitam um trabalho de análise da língua em que o documento está escrito.

Pela abordagem sumária que fizemos dos aspectos linguísticos dos *Tratados* pensamos ter confirmado, com atestações de estruturas linguísticas relativas ao particípio passado em *-udo* e em *-ido*, aos encontros vocálicos em *-eo* e *-ea*, às terminações hiáticas do plural de formas que terminam no singular em *-l*, bem como às em *-aaes*, *-ees*, *-aae* e *-ee* consequência da síncope do *-d-* no morfema número-pessoal *-des/-de* e às nasais, para além das referentes ao sistema de demonstrativos e possessivos, que este texto se posiciona num tempo de transição na história da nossa língua, de finais do século XV.

Esta breve análise deixou necessariamente de parte aspectos importantes da língua do documento que mereceriam atenção e estudos aprofundados com vista ao estudo linguístico global do texto. Referimo-nos, por exemplo, à ocorrência e valores semânticos dos verbos *auer* e *teer*, à alternância de terminações verbais *-iu/ -io* em formas como *abriu e abrio*, à variação de *l/r* em grupos consonânticos, como em *prasma/ plasma, ploua/ proua, contemplatiuo/ contenpratiuo, deçiplina/ deçeprina*, à ocorrência de grafias latinizantes (*dapnado/ danado*) ou aos mecanismos de coordenação e subordinação, entre outros.

De facto, num estudo desta natureza, adstrito a condicionalismos vários, mormente os que se prendem com prazos, decidimo-nos por focar a nossa atenção nos objectivos centrais, já referidos, que perseguimos no presente trabalho. Assim, conscientes embora da importância de um estudo linguístico aprofundado e global do documento, optámos por seleccionar apenas alguns aspectos da língua, deixando para um outro espaço e tempo tal tarefa, tendo-nos centrado na análise da organização enunciativa do discurso nos tratados, abordagem menos frequente em textos de períodos pretéritos, mas que, como mostra a Pragmática histórica, é muito proveitosa no estudo de textos mais extensos e com uma estrutura discursiva mais complexa como a apresentada pelos *Sete Tratados*, que desenvolvem uma temática típica do discurso doutrinário da época com carácter instrutivo-didáctico, por meio de um discurso religioso, no subgénero discurso doutrinal, condicionando tal a estruturação composicional textual, marcadamente de tipo expositivo e argumentativo-explicativo.

Além disso, e considerando que o mundo medieval é um mundo a que apenas temos acesso nos e pelos discursos que dele nos chegaram, estudar a organização e os quadros enunciativos desses discursos permite não apenas aceder ao conhecimento desse mundo, mas também e sobretudo à linguagem que construiu e pela qual ele foi construído.

Como breves nótulas finais do trabalho caberá ainda apontar algumas questões que resultaram do estudo desenvolvido e que não puderam, pelos condicionalismos apontados e pelo momento em que se apresentaram, ter lugar a aprofundamento.



Em primeiro lugar, poderá assinalar-se uma acentuada semelhança estrutural entre o bloco constituído pelos três primeiros tratados (sendo credível que nesse bloco se possa igualmente incluir o sétimo); as características observadas levantaram a hipótese de que, pelo menos o *Castelo Perigoso*, e provavelmente os *Três Caminhos e Sete Sinais do Amor Embebedado*, possam ter sido produzidos para apresentação oral, nomeadamente como um sermão.

O quinto tratado, que inclui um prólogo com fórmulas próprias de abertura e fechamento ("*começa o prólogo*"; "*aqui se acaba o prólogo*"), apresenta uma estrutura singular no conjunto dos tratados; de facto, para além de consagrar um menor espaço à voz do locutor, já que se apresenta substancialmente como reprodução de outros discursos da *doxa*, é o único que explicitamente refere essas vozes como "auctoridade". Perante a hipótese de que possa ser um texto mais antigo, para além do cotejo com outros textos do mesmo subgénero e da sua putativa cronologia, haverá que verificar, face ao conjunto dos tratados como face a esses outros exemplares, as autoridades citadas bem como as marcas linguísticas do estádio da língua.

Um trabalho complementar como o apontado poderá, adicionalmente, integrar-se numa tarefa muito mais vasta e abarcante, já que a incipiente observação ora efectuada indicia a possibilidade de uma amálgama de textos de épocas e fontes diversas, com ou sem intervenção do autor dessa miscelânea; para tal, será necessário uma análise aprofundada da voz do locutor e do tom do discurso, tanto mais que o texto, encarado como um conjunto, poderá vir a ser considerado como um texto de transição entre a apocrifia marcadamente preceptiva (e um correlativo apagamento enunciativo) e a figuração intradiscursiva do *auctor*.

O trabalho que apresentámos pretendeu, pois, ser um contributo para o desenvolvimento do conhecimento sobre a prosa literária escrita em português do século XV, sobretudo no que diz respeito aos textos religiosos e místicos.



## V. BIBLIOGRAFIA

### Manuscritos

Códice alcobacense CCLXXVI/ 199 da Biblioteca Nacional de Lisboa.  
Códice alcobacense CCLXXV/ 214 da Biblioteca Nacional de Lisboa.

### Obras Impressas

ABOU-EL-HAY, Barbara (1997), *The Medieval Cult of Saints*. Cambridge: Cambridge University Presse.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, *Bibliografia geral portuguesa: século XV*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1941-1942.

*Actas do I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza* (1984). Ourense: Ass. Galega da Língua.

ADAM, J. M. (1990), *Eléments de linguistique textuelle*. Liège: Mardaga,

ALBUQUERQUE, Martim de (1984), *Estudos da cultura portuguesa*. Lisboa: Imp. Nac. Casa da Moeda.

ALI, M. Said (1921), *Lexeologia do Português Histórico*. São Paulo: Melhoramentos.

ALMEIDA, Fortunato de (1967), *História da Igreja em Portugal*. I. Porto: Portucalense ed..

AMOS, Thomas L. (1988), *The Fundo Alcobaça of the Biblioteca Nacional, Lisbon*. Collegeville (Minnesota): Hill Monastic Manuscript Library, p. 113-114.

AMOSSY, R. e HERSHBERG PIERROT, A. (1997). *Stéréotypes et Clichés - langue, discours, société*. Paris: Editions Nathan.

AMOSSY, R. (éd.) (1999), *Images de soi dans le discours – La construction de l’ethos*, Lausanne : Delachaux et Niestlé.

ANSELMO, A. J. (1926), *Os códices alcobacenses da Biblioteca-Nacional*. Lisboa: BN.

ANTUNES, José (1995), *A cultura erudita portuguesa nos séculos XIII e XIV [Texto policopiado]: juristas e teólogos*. Tese dout. Hist., Univ. Coimbra.

ASKINS, Arthur L-F., FAULHABER, Charles B. & SHARRER, Harvey L. (Eds.) (1999), *PhiloBiblon*. Berkeley: The Bancroft Library. Versão em cd-rom.

ATKINSON, D. (1996). “The Philosophical Transactions of the Royal Society of London, 1675-1975: a sociohistorical discourse analysis”, *Discourse in Society*, 25, pp. 333-371.

AVRAM, Andrei (1962), “Sur quelques particularités des systèmes graphématiques”. *Cahiers de Linguistique théorique et appliquée*, 1. Pp.9-16.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de (1987), *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença.

BADEL, P.Y. (1971), *Introduction à la vie littéraire du Moyen Age*. Paris : Bordas.

BAKHTINE, M. (1984), *Esthétique de la création verbale*. Paris: Gallimard.

BALDIN, Agostinho (1974), *Espelho dos monges*. Edição crítica com comentário fonético e glossário. Códice 200 dos Códices Alcobacenses da Biblioteca Nacional de Lisboa, fls. 75r até 125r. Maringá: Universidade Federal de Santa Catarina.

BARBOSA, Jorge Morais (1962), “Les voyelles nasales portugaises”. Proceedings of the fourth International Congress of Phonetic Sciences, Helsinki, 1961. Helsinki : Mouton.

BARBOSA, Jorge Morais (1988), “Notas sobre a pronúncia portuguesa nos últimos cem anos”. Sep. de “Biblos”, 64.

BARROS, C. (2003), “Pragmática histórica: perspectivas de alargamento da metodologia de análise de textos medievais” In FONSECA, F. I.(Org.). *Língua Portuguesa: estruturas, usos e contrastes*. Porto: CLUP, p.131-139.

BARROS, Clara (1995), “Porque e ca : aspectos do discurso justificativo no texto do foro real”. Sep. de: Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas, vol. XII.

BARROS, C. (2007), *Estrutura discursiva e orientação argumentativa em textos de versões portuguesas da legislação de Afonso X. Contributos para o estudo do discurso jurídico medieval*. Dissertação de Doutoramento. Porto: Faculdade de letras da Universidade do Porto.

BASSETO, Bruno Fregni (2001), *Elementos da Filologia Românica*. São Paulo: Edusp.

BAUMGARTNER, Mireille (2001), *A Igreja no Ocidente. Das origens às reformas no século XVI*. Trad. A. Mourão. Lisboa: Ed. 70.

BAX, M. M. H. (1991). “Historische Pragmatik: Eine Herausforderung für die Zukunft. Diachrone Untersuchungen zu pragmatischen Aspekten ritueller Herausforderungen in mittelalterlicher Literatur”. En D. Busse, ed., *Diachrone Semantik und Pragmatik. Untersuchungen zur Erklärung und Beschreibung des Sprachwandels (Reihe Germanistische Linguistik 113)*. Tübingen: Niemeyer, pp. 197-215.

BECHARA, Evanildo (1991), “As fases da língua portuguesa escrita”. In *Actes du XVIII Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*. III.. Tübingen (Max Niemeyer Verlag), pp. 68-76.

BEDIER, J. (1928), “La tradition manuscrite du «Lai de L’ombre ». Réflexions sur l’art d’éditer les anciens textes ». *Romania*, 54 (1928), pp.161-196 e 321-356.

BENVENISTE, Émile (1974), *Problèmes de Linguistique Générale*. Paris : Gallimard.

BERLIOZ, Jacques (Apres.) (1996), *Monges e Religiosos na Idade Média*. Trad. Teresa Perez. Lisboa: Terramar.

BERLIOZ, J e BEAULIEU, Marie Anne Polo de (dir.) (1998), *Les «Exempla» médiévaux: nouvelles perspectives*. Paris: Honoré Champion.

BIARD, J. (1989), *Logique et théorie du signe au XIV siècle*. Paris: Picard.

BISCHOFF, Bernhard (1985), *Paléographie: de l'antiquité romaine et du moyen-âge occidental*. Paris, Picard.

BLAISE, Albert (1954), *Dictionnaire latin-français des auteurs chrétiens*. Strasbourg : « Le Latin Chrétien ».

BLECUA, Alberto (1983), *Manual de crítica textual*. Madrid: Castalia.

BLUTEAU, Rafael (1789), *Dicionário da lingua portugueza*. Lisboa.

BOLÉO, Manuel de Paiva (1946), *Introdução ao estudo da Filologia Portuguesa*. Lisboa.

BOLÉO, Manuel de Paiva (1974), *Estudos de linguística portuguesa e românica*. I. Coimbra: Actas Universitatis Coninbrigensis.

BORJA, P. Sánchez-Prieto (1998), *Cómo editar los textos medievales. Criterios para su presentación gráfica*, Madrid, Arco Libros.

BOURCIEZ, Edouard, (1910), *Eléments de linguistique romane*. 4<sup>a</sup> ed. (1946). Paris: Klincksieck.

BOURDIEU, Pierre (1982), *Ce que parler veut dire : l'economie des échanges linguistiques*. Paris: Fayard.

BRINTON, L. J. (2001), "Historical discourse analysis". En D. Schiffrin, D. Tannen y H. E. BRISSON, Soeur Marie (1968), *Chastel Perilheux*. Paris: Société des Amis de la Romania.

BROCARD, Maria Teresa (1997), *Crónica do Conde D. Pedro de meneses. Gomes Eanes de Zurara. Edição e estudo*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian. Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.

BROCARD, Maria Teresa (1999), "Sobre o português médio". In Estudos de história da língua portuguesa, ed. Eberhart Gärtner, C. Hundt e A. Schönberger , pp. 107 – 125. Frankfurt am Main: TFM.

BROCARD, Maria Teresa (2002), "Sobre a mudança -udo > -ido nas formas de participio passado em português". In *Saberes no Tempo. Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*, ed. Maria Helena Mira Mateus e Clara Nunes Correia, pp.137 - 145. Lisboa: Colibri.

BROCARD, Maria Teresa (2005), "Sobre periodização da história do português europeu. Contributo para uma discussão", *Iberoromania*, 62. pp. 97 - 117.

BROCARD, Maria Teresa (2006), "'Haver' e 'ter' em português medieval. Dados de textos dos séculos XIV e XV", *Revue de Linguistique Romane*, 70. pp. 95 - 122.

BROCARD, Maria Teresa (2006), *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro. Edição do fragmento manuscrito da Biblioteca da Ajuda (século XIV)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

BROCCHIERI, Mariateresa F. Beonio (1996), “O Intelectual”. In *Monges e Religiosos na Idade Média*. Berlioz, Jacques (Apres.) Trad. Teresa Perez. Lisboa: Terramar, pp. 125- 141.

BUESCU, Ana Isabel, *Memória e Poder. Ensaio de História Cultural (sécs. XV-XVIII)*. Lisboa: Ed. Cosmos, 2000.

BUSA, R (1969), « L'instrumentation électronique dans les recherches linguistiques ». *IVème Rencontre Internationale de Mécanographie et Informatique*.

CALADO, Adelino de Almeida (1956), *Uma versão quatrocentista de sermões pseudo-augustinianos*, Coimbra. Sep. Arq. Bibliogr. Portuguesa, 2.

CÂMARA, Joaquim Mattoso (1985), *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Padrão.

CAMBRAIA, César Nardelli (1998), “Leitura de textos arcaicos: a variação dos grafemas <e>, <i>, <y> e <j> em um texto medieval”. *Estudos Lingüísticos - Anais de Seminários do GEL*. São José do Rio Preto, v. XXVII, p. 546-551.

CAMBRAIA, César Nardelli (1999), “Subsídios para uma proposta de normas de edição de textos antigos para estudos lingüísticos”. In: RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza, ALVES, Ieda Maria & GOLDSTEIN, Norma Seltzer (Orgs). *I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP.

CAMBRAIA, César Nardelli. et al. (2001), “Cinco breves tratados religiosos alcobacenses: edição semidiplomática (cód. ALC 461)”. *Caligrama - Revista de Estudos Românicos*, Belo Horizonte, v. 6, p. 7-28.

CAMBRAIA, César Nardelli (2003), “Crítica textual & lingüística histórica: a questão dos dicríticos”. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 8.

CAMBRAIA, César Nardelli, MIRANDA, José Américo (orgs.) (2004), *Crítica Textual: reflexões & práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos de Crítica Textual / Faculdade de Letras da UFMG.

CAPELLI, Adriano (1995), *Dizionario di abbreviature latine ed italiane*. 6. ed. Milano: Ulrico Hoepli.

CARDEIRA, Esperança (1990), *Contributo para o estudo da norma ortográfica no ‘Scriptorium’ de Alcobaça (1431-1446)*, Lisboa. (Dissertação de Mestrado policopiado).

CARDEIRA, Esperança (2005), *Entre o Português Antigo e o Português Clássico*. Lisboa: INCM.

CARPENTER, J. e LEBRUN, J. (1993), *História da Europa*. Lisboa: Estampa.

CARVALHO, Joaquim Brandão de (1989), “L’origine de la terminaison –ão du portugais: une approche phonétique nouvelle du problème”. *Zeitschrift für Romanische Philologie*, 105, pp. 148-161.

CARVALHO, Joaquim de (1982), *Obra Completa. História da Cultura. II*. Lx: Fund. Calouste Gulbenkian.

CASTRO, I. & A. RAMOS (1986), "Estratégia e tática da transcrição" in *Critique Textuelle Portugaise. Actes du Colloque* (Paris, 20-24 octobre 1981), Paris: Fondation Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, pp. 99-122.

CASTRO, Ivo (1984), *Livro de José de Arimateia: edição e estudo do cód. ANTT 643*. Lisboa.

CASTRO, Ivo (1985), *Vidas de Santos de um manuscrito alcobacense : coleção mística de Fr. Hilário da Lourinhã, COD. ALC. CCLXVI / ANTT 2274 (edição)*. Lisboa: Inst. Nac. Investigação Científica-Centro de Estudos Geográficos.

CASTRO, Ivo *et al.* (2001), *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.

CASTRO, Ivo (2004), *Introdução à história do português: geografia da língua – português antigo*. Lisboa: Colibri.

CASTRO, Ivo (2006), *Introdução á história do português*. Lisboa: Colibri.

CÁTEDRA, Pedro M. (1989), *Amor y Pedagogía en la Edad Media*. Salamanca: Ed. Universidad de Salamanca.

CEPEDA, Isabel (1962), *A Linguagem da «Imitação de Cristo» [Versão portuguesa de Fr. João Álvares]*. Lisboa: Centro de estudos Filológicos.

CEPEDA, Isabel (1995), *Bibliografia da prosa medieval em língua portuguesa: subsídios*. Lisboa: Inst. da Biblioteca Nacional e do Livro.

CHAVES, M<sup>a</sup> Adelaide Arala, *Formas de Pensamento em Portugal no século XV*. Lisboa: Livros Horizonte, s/d.

CHELINI, J. (1991), *Histoire religieuse de l'Occident médiéval*. Paris : Hachette.

CHIARI, Alberto (1951), "La edizione critica". *Tecnica e teoria letteraria*. 2<sup>a</sup>ed. Milano, 1951, pp. 232.

COCHERIL, Dom Maur (1966), *Etudes sur le Monachisme en Espagne et au Portugal*. Paris: Les Belles-Lettres.

COELHO, António Borges (1983), *Ensaio sobre a história de Portugal*. Lisboa: Caminho.

COELHO, António Borges (1983), *Questionar a História*. Lisboa: Caminho.

COELHO, Maria Helena da Cruz (1990), *Homens, espaços e poderes: séculos XI-XVI*. Lisboa: Livros Horizonte.

COELHO, Maria Helena da Cruz (1995), *Superstição, fé e milagres na Idade Média*. Coimbra: Inatel.

COROMINAS, Joan (1980), *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos.

CORREIA, João da Silva (1933), “Reflexos filológicos dos sinais gráficos e do seu aprendizado”. *Revista da Faculdade de Letras*, I (1-2), Lisboa, pp.136-37.

COSTA Pimpão, Á. J. (1959), *História da Literatura Portuguesa. Idade Média*, 2ª ed., Atlântida.

COSTA, A. de Sousa Silva (1983), *História da sociedade em Portugal no século XV*. Lisboa: Edições Rolim.

COSTA, Avelino de Jesus da (1966), *Album de paleografia e de diplomatica*. Coimbra.

COSTA, Avelino de Jesus da (1979), “Os mais antigos textos escritos em Português. Revisão de um problema histórico-linguístico”. *Revista Portuguesa de História*, XVII, pp.291-292.

COSTA, Avelino de Jesus da (1982), *Normas Gerais de Transcrição e Publicação de Documentos e Textos Medievais e Modernos*. Braga.

COSTA, Sara Figueiredo (2004), *A Regra de S. Bento em português. Estudo e edição de dois testemunhos*, Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Nova de Lisboa.

COUTINHO, Ismael de Lima (1967), *Pontos de Gramática Histórica*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

CRUZ, António (1987), *Paleografia Portuguesa*. Porto, Cadernos Portucale.

CRUZEIRO, Maria Eduarda (1973), *Processos de intensificação no Português dos séculos XIII e XIV*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.

CUNHA, Antônio Geraldo (1987), “Dicionário Etimológico e Histórica da Língua Portuguesa” in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XXII, Lisboa-Paris: Fund. Calouste Gulbenkian, pp. 189-187.

CUNHA, Antônio Geraldo (1991), *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

CUNHA, Antônio Geraldo (2002), *Vocabulário do Português Medieval*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. Versão em cd-rom.

CUNHA, Rosalina Branca da Silva (1968), “O estudo da Paleografia e os Métodos de Transcrição em Portugal”. *Actas do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, V, Coimbra, pp.221-223.

CURTIUS, E. Robert (1976), *Literatura europea y edad media latina*, 2 vol. Madrid: Fondo de Cultura Económica.

DANTAS, Júlio (1921), *Os Livros em Portugal na Idade Média. Anais das bibliotecas e Arquivos*. Lisboa, vol. II, nº5, pp.101-109. Jan-Março.



DAUXIN, Chantal. (1990), *Écrire à la fin du Moyen Age. Le pouvoir et l'écriture en Espagne et en Italie (1450-1530)*. Provence : Université de Provence.

DECLERCQ, G., (1992), *L'art d'argumenter - Structures rhétoriques et littéraires*, Paris, Editions Universitaires.

DELHAYE, Philippe (1962), *La philosophie chrétienne au moyen âge*. Paris: Arthème Fayard.

DELUMEAU, J. (1983), *Le Péché et la Peur. La culpabilisation en Occident. XIII – XVIII*. Paris.

DIAS, Aida Fernanda (1989), “Um livro de espiritualidade: o «Boosco Deleitoso»». *Biblos*. LIV. Coimbra: Universidade de Coimbra, pp.-229-245.

*Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. (Coord. por J. Malaca Casteleiro). 2 vols. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa e Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

*Dictionnaire de spiritualité ascétique et mystique: doctrine et histoire...* / publié sous la direction de Marcel Viller, F. Cavalleira et J. de Guibert . Paris: Gabriel Beauchesne, 1937.

DIEGO, Vicente Garcia de (1989), *Diccionario etimológico español e hispánico*. Madrid: Espasa- Calpe.

*Documentos Medievais Portugueses*, Academia Portuguesa de História.

DUBY, Georges (1984), *L'Europe au Moyen-Age*. Paris : Flammarion.

DUBY, Georges, *A Idade Média, uma idade do homem*. Lx: Teorema, s/d.

DUCROT, Oswald (1984), *Le dire et le dit*. Paris: Minuit.

ECO, Umberto (1989), *Arte e Beleza na Estética Medieval*. Trad. A. Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença.

ECO, Umberto (1992), *Os limites da interpretação*. Trad. José C. Barreiros. Lisboa: DIFEL.

ELIAS, Norbert (1987), *A Sociedade de Corte*. Lisboa: Ed. Estampa.

ENCONTROS SÃO BERNARDO, Alcobça, 1990; SIMPÓSIO SÃO BERNARDO E A PRESENÇA DE CISTER EM PORTUGAL, Lisboa, 1990  
*IX Centenário do Nascimento de São Bernardo: actas / Encontros de Alcobça e Simpósio de Lisboa*, org. Universidade Católica Portuguesa, Câmara Municipal de Alcobça Braga Alcobça: Universidade Católica: C.M., 1991. - (Memorabilia christiana, 2)

EUSÉBIO, Adelaide Maria Almeida (1949), *Ensaio sobre a "Metáfora e a comparação" na prosa literária do século XV*. Tese de licenciatura em Filologia Românica, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

FARACO, Carlos Alberto (1991), *Linguística Histórica*. São Paulo: Ática.

FERREIRA, José de Azevedo (1980), *Alphonse X. Primeyra Partida. Edition et étude*. Braga : INIC.

FERREIRA, José de Azevedo (1987), *Afonso X. Foro Real. Edição, estudo linguístico e glossário*. 2 vol. Lisboa : INIC.

FERREIRO, Manuel (1996), *Gramática Histórica Galega I*. Santiago de Compostela: Ed. Laiovento.

FERREIRO, Manuel (2001), *Gramática Histórica Galega II*. Santiago de Compostela: Ed. Laiovento.

FIGUEIREDO, Cândido de , *Grande dicionário da língua portuguesa*. (Edit. Rui Guedes). Venda Nova: Bertrand, 1996-97.

FITZMAURICE, S. M. (2000). "Some remarks on the rhetoric of historical pragmatics", *Journal of Historical Pragmatics*, 1(1), pp. 1-16.

FITZMAURICE, S. M. e I. TAAVITSAINEN (eds) (2007b). *Methods in Historical Pragmatics*. Berlin y New York: Mouton de Gruyter.

FLORES, Stefano de, GOFFI, Tullo (orgs.) (1989), *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Ed. Paulinas.

FONSECA, J. (2003), "Comparativas condicionais como elementos configuradores de textualidade". In: FONSECA, F. I. (Org.). *Língua Portuguesa: estruturas, usos e contrastes*. Porto: CLUP, p.199-257.

FONSECA, Joaquim (org.) (1998), *A Organização e funcionamento dos Discursos. Estudos sobre o Português*. Porto.

GARCÍA YEBRA, V. (1994), *Traducción y Historia y teoría*. Madrid: Gredos.

GARCIA-VILLOSLADA, LLORCA, Bernardino, MONTALBAN, Francisco J.(1953), *Historia de la Iglesia Catolica: en sus cinco grandes edades*. Madrid: La Editorial Catolica.

GERHARDS, Agnès (1998), *Dictionnaire historique des ordres religieux*. préf. Jacques Le Goff. Paris: Fayard.

GODINHO, Hélder (1986), *Prosa Medieval Portuguesa*, Lisboa: Ed. Comunicação.

GOMES, Saúl António (1998), *Visitações a mosteiros cistercienses em Portugal: séculos XV e XVI*. Lisboa: IPPAR.

GONÇALVES, Iria (1989), *O Património do Mosteiro de Alcobaça nos séculos XIV e XV*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

GOULEMOT, Jean Marie (1990), « As práticas literárias ou a publicidade do privado ». *A História da Vida Privada*. III. Porto: Ed. Afrontamento.

GUIRAUD, Pierre (1966), *La sémantique*. Paris: Presses Universitaires de France.

GUREVITCH, Aron I. (1990), *As Categorias da Cultura Medieval*. Trad. de João G. Monteiro. Lisboa: Caminho.

- HAMESSE, J. (1992), *Les problèmes posés par l'édition critique des textes anciens et médiévaux*. Turnhout : Brepols.
- HEAD, Brian, Marques. M. Aldina e Sampaio, Aida (org.) (2001), *José de Azevedo Ferreira. Estudos de História da Língua Portuguesa. Obra dispersa*. Braga: CEHUM. Universidade do Minho.
- HÉLYOT, Pierre (Père Hyppolite) (1862), *Album ou collection complète et historique des costumes de la cour de Rome des ordres monastiques, religieux et militaires et des congrégations séculières des deux sexes*. Paris: Ancienne Maison Silvestre.
- HÉLYOT, Pierre (Père Hyppolite), *Dictionnaire des ordres religieux ou Histoire des ordres monastiques, religieux et militaires et des congrégations séculières de l'un et de l'autre sexe, qui ont été établis jusqu'à présent*. Paris : Gosselin, 1714, 8 vol..
- HERVÉ, Martin (1998), *Mentalités Médiévales : XI-XV siècles*. 2<sup>a</sup>ed. Paris: PUF.
- HOUAISS, Antônio (1967), *Elementos de bibliologia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- HUBER, Joseph (1986), *Gramática do Português Antigo*. Trad. Manuela Delille. Lisboa : Fundação calouste Gulbenkian.
- HUIZINGA, Johan, *O Declínio da Idade Média*. Trad. portg. de A. Abelaira. Lisboa- Rio de Janeiro: Ed. Ulisseia, s/d.
- JACOBS, A. y A. H. JUCKER (1995). "The historical perspective in pragmatics". En A. H. Jucker, ed., pp. 3-33.
- JACQUES, Paul (1973), *Histoire intellectuelle de l'occident médiéval*. Paris : A. Colin.
- JARRETY, M. (1999), *La morale dans l'écriture - Camus, Char, Cioran*, Paris, PUF.
- JUCKER, A. H. (ed.) (1995). *Historical Pragmatics. Pragmatic developments in the history of English*. Amsterdam.
- JUCKER, A. H. (2000). "English historical pragmatics: problems of data and methodology". En G.d. Martino y M. Lima, eds., *English Diachronic Pragmatics*. Napoli: Cuen, pp. 17-55.
- JUCKER, A. H. (2006). "Historical Pragmatics". En J. Verschueren y J.-O. Östman, eds., pp. 1-14.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (1980), *L'énonciation de la subjectivité dans le langage*. Paris: Colin.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. (1990), *Les interactions verbales, I*, Paris: Armand Colin.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. (1994), *Les interactions verbales* tome 3, Paris, Armand Colin
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. (1996), *La conversation*, Paris, Seuil.

LANÇA, Maria Manuela (1995), *Para uma edição dos dois tratados cartusianos do «Castelo Perigoso» - «das penas do Inferno» e «Das alegrias do paraíso»*. Dissertação de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa.

LAPA, M. Rodrigues (1965), *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/ Ministério da Educação e Cultura.

LAPA, Rodrigues (1977), *Lições de Literatura Portuguesa. Época Medieval*, 9ªed. Coimbra: Coimbra Ed.

LAUPER, Roger (1972), *Introduction à la textologie. Vérification, établissement, éditions de textes*. Paris : Larousse.

LAWRENCE, C.H. (1984), *El monacato medieval. Formas de vida religiosa en europa occidental durante la Edad Media*. Trad. J. García (1999). Madrid: Gredos.

LE GOFF, Jacques (1977), *La civilisation de l'occident médiéval*. Paris : Arthaud.

LE GOFF, Jacques (1983), *A Civilização do Ocidente Medieval*. Trad. Manuel Ruas. Lisboa: Estampa.

LE GOFF, Jacques (1983), *Os Intelectuais na Idade Média*. Trad. Margarida Correia. Lisboa: Gradiva.

LE GOFF, Jacques (1991), *El orden de la memoria*. Trad. de Hugo Bauzá. Barcelona: Paidós.

LE GOFF, Jacques (1994), *O imaginário medieval*. trad. Manuel Ruas. Lisboa: Estampa.

LE GOFF, Jacques (dir.) (1989), *O Homem Medieval*. Lisboa: Ed Presença.

LE GOFF, Jacques, SCHMITT, chmitt, Jean-Claude ; colab. ALESSIO, Franco et al. (1999), *Dictionnaire raisonné de l'Occident Médiéval*. Paris: Fayard.

LECLERCQ, Jean (1963), *L'amour des lettres et le désir de Dieu*, Paris : Du Cerf.

LECLERCQ, Jean, VANDENBROUCKE, François, BOUYER, Louis, (1961), *La spiritualité du Moyen Age*. Paris : Aubier.

LECOY, F. (1974), “L'édition critique des textes » in *Atti del XIV Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia romanza*. Nápoles :Macchiaroli, pp.503.

LEMOS, A. S., (1999), “Subsídios para o estudo das definições léxicas na *Primeira Partida* de Afonso X” In Castro, Rui Vieira de e Barbosa, Pilar (2000) *Actas do XV Encontro Nacional da APL*. Braga, APL, 317-339.

LEMOS, A. S. (2002), “Para uma edição dos Sete Tratados Cartusianos”. In *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, pp.437-443.

LEMOS, A. S. (2002), *Tractado das meditações e pensamentos de Sam Bernardo: a edição de um texto apócrifo de S. Bernardo de Claraval*. in Head, B. et al. - *História da Língua e*

*História da Gramática – Actas do Encontro* Braga, CEHUM, col. Poliedro, nº11, Universidade do Minho.

LEMOS, A. S. (2002)., “Para a edição da prosa literária escrita em português do século XV”. In *Actes du XV Congrès International de la Société Rencesvals – L’épopée médiévale*, 2 vols. Collection Civilisation médiévale. Poitiers.

LEMOS, A. S. (2003), “Edição de Textos, Elaboração de Glossários e Estudo linguístico: a *Primeira Partida* de Afonso X”. In Veiga, Alexandre (ed.): *Gramática e lexico em sincronia e diacronia. Um contributo da Linguística portuguesa*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 143-153.

LEMOS, A. S. (2003), “Textos da prosa literária escritos em português do século XV: a edição do *Tractado das Meditações* do Pseudo-Bernardo”. In *Diacrítica*. 17/1.Braga: CEHUM, 2003, pp.161 – 188.

LEMOS, A. S. (2004), “Elaboração de Glossários: critérios e metodologias. Glossário da *Primeira Partida* de Afonso X”. In Coustaouec, Denis (org.) - *Actes du XXII Colloque international de linguistique fonctionnelle. Évora – Portugal (1998)*, pp.415-422.

LEMOS, A. S. (2004), “Para a edição de textos escritos em português do séc. XV – *Escada Celestial* de S. João Clímaco”. In *Actas do XIX Encontro Nacional da APL*. Lisboa, pp. 477 – 485.

LEMOS, A. S. (2004), “Textos apócrifos medievais na história da cultura da escrita”. In Sáez, C. (ed.) – *VII Congreso Internacional de Historia de la Cultura Escrita. Sección 1ª. Conservación, reproducción y edición. Modelos y perspectivas de futuro*. Alcalá de Henares, Letras de Alcalá 1, pp.105 – 114.

LEMOS, A. S. (2004), “Textos da prosa literária escritos em português do século XV: a edição do *Tractado das Meditações* do Pseudo-Bernardo (II)”. In *Diacrítica*. 17/2.Braga: CEHUM, 2004, pp.85-102.

LEMOS, A. S. (2005), “*Tornar em nosa lyngoajem*: a tradução na Idade Média”. In Macedo, Ana Gabriela *et al.* (org.) – *Colóquio de Outono. Estudos de Tradução. Estudos Pós-Coloniais*. Braga: CEHUM, pp.101-109.

LEMOS, A. S. e LAGO, Maria Paula (2006), “*Naceo e Amperidónia* – análise do discurso e linguística histórica”. In *Actas do Encontro da APL*. Lisboa.

LEMOS, A. P. (2006) “*Livros de Sinaes* medievais escritos em português”. In *VII Congrès de Linguística General. Actas*. Universitat de Barcelona. Barcelona. CR rom.

LINDLEY CINTRA, L. F. (1963), “Quelques observations sur l’orthographe et la langue de quelques textes non littéraires galiciens-portugais de la seconde moitié du XIII siècle”. *Revue de Linguistique Romane*, t.XXVII, nº105-106, 1963, pp.59-77.

LINDLEY CINTRA, L. F. (1963), “Les anciens textes portugais non littéraires. Classement et bibliographie”. *Revue de Linguistique Romane*, t.XXVII, nº105-106, pp.40-58.

LINDLEY CINTRA, L. F. (1984), *A Linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo*. Lisboa : Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

LIPSKI, J. M. (1973), "On the evolution of the Portuguese -ão". *Vox Romanica*, 32, 95-107. *Livros Místicos II* (1507) (documentação régia).

LOBO, António Costa (1903), *História da sociedade em Portugal no século XV*. Lisboa: Impr. Nacional.

LORENZO, Ramón (1988), "Consideracións sobre as vocais nasais e o ditongo -ão em português". In Dieter Messner (ed.), *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 85º aniversário*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 289-326.

LOURO, José Inês (1952), "Origem e flexão de alguns nomes portugueses em -ão". *Boletim de Filologia*, 23, 37-65.

LUCAS, M<sup>a</sup> Clara de Almeida (1984), *Hagiografia Medieval Portuguesa*. Lisboa: Bib. Breve.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (1999), *A pontuação em manuscritos medievais portugueses*. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, (Dissertação de Mestrado em Letras).

MACHADO, Ana Maria (2000), "La prosa doctrinal religiosa". In José Luis Gavilanes, António Apolinário (eds.), *Historia de la literatura portuguesa*, Madrid, Editorial Cátedra, p. 111.

MACHADO, José Pedro (1989), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 5 vols. 5<sup>a</sup> ed. Lisboa: Livros Horizonte.

MAGNE, Augusto, *Revista Filológica*. Rio de Janeiro. t. 4 (1942), pp.183-202; t.5 (1942), pp.81-87.

MAGNE, Augusto, *Verbum*, Rio de Janeiro, t. 2 (1945), p.116-123, 233-238, 345-353, 458-469; t.3 (1946), p. 79-89, 191-201, 298-307.

MAIA, Clarinda Azevedo (1995), "Sociolinguística histórica e periodização linguística". *Diacrítica*, 10, Braga: CEHUM, pp.3-30.

MAIA, Clarinda de Azevedo (1988), "Algumas questões scriptológicas relativas à prosa documental galego-portuguesa". In: *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 85º aniversário*. Tübingen (Max Niemeyer Verlag), pp. 327-347.

MAIA, Clarinda de Azevedo (1997), *História do galego-português; estado linguístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian-Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.

MAINGUENEAU, D. (1984), *Genèses du discours*, Liège: Mardaga.

MAINGUENEAU, D. (1987), *Nouvelles tendances en analyse du discours*, Paris : Hachette.

MAINGUENEAU, D. (1996), "Ethos et argumentation philosophique. Le cas du Discours de la méthode ». In COSSUTTA F., 1996 (éd.), *Descartes et l'argumentation philosophique*, Paris, pp. 85-110.

- MALTHEZ, Daniel A. (1961), *Pertencem os livros apócrifos à Bíblia?* Lisboa: D. A. Malthez.
- MARICHAL, Robert (1961), “La critique des textes”. *L'Histoire et ses méthodes*. Ed.Ch.Samaran.
- MARQUES, A. H. de Oliveira (1978), *História de Portugal*. vol. I. Lisboa: Palas Editores.
- MARQUES, A. H. de Oliveira (1987), *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*. Lisboa: Presença.
- MARQUES, José (1986), “Desconhecidas instituições culturais portuguesas. Alguns *scriptoria* cistercienses”. Sep. *Bracara Augusta*. 39. Braga.
- MARQUES, Maria Aldina (2000), *Funcionamento do Discurso Político Parlamentar. A organização Enunciativa no debate da Interpelação ao Governo*. Braga : CEHUM.
- MARQUES, M. A. (2003), “ Renovação dos discursos – Novas formas de interacção e legitimação dos interlocutores”. *Diacrítica*, Braga, n.17-1, p. 189-219.
- MARQUES, Maria Aldina e LEMOS, A. S. (2007), "O tractado das meditações e pensamentos de sam bernardo – dimensões da construção discursiva". In *Trilhas Linguísticas*. Brasil.
- MARQUES, Maria Aldina (2008), “Arrogância e Construção do ethos no discurso político português”. In Imediato, W, Machado, Ida e Mello, R. *Anais do III simpósio internacional sobre análise do discurso*. Brasil: Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. CD-rom.
- MARQUES, Maria Alegria Fernandes (1998), *Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal*. Lisboa: Colibri.
- MARTINS, Ana Maria (1986), "Aspectos da pontuação num manuscrito medieval português" in *Actes du XVIIe Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*, vol.9, *Critique et Édition de Textes*, Aix-en-Provence: Publications Université de Provence, pp. 255-266.
- MARTINS, Ana Maria (1994), *Clíticos na história do português*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 Vols. (Tese dout.).
- MARTINS, Ana Maria (1995), “A evolução das vogais nasais finais [ã], [õ], [•], no português. *Miscelânea de Estudos Linguísticos, Filológicos e Literários in Memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 617-646.
- MARTINS, Ana Maria (2002), “Mudança sintáctica e História da Língua Portuguesa”. In Head, Brian *et al.* (ed.), *História da Língua e História da Gramática: Actas do Encontro*. Braga: Universidade do Minho, pp.251-297.
- MARTINS, José Pina (1992), “Entre a Idade Média e a Modernidade. Imagem duma Igreja Decadente no *Tratado de Confissom*” in *A Imagem do Mundo na Idade Média. Actas do Colóquio Internacional*. Lx: Ministério da Educação, pp.267-277.

MARTINS, Maria João Toscano Rico França (2000), *A tradução portuguesa medieval do 'Estabelecimento dos Mosteiros de João Cassiano: contributos para o estudo da formação de uma língua literária*. Lisboa (Tese mestrado Literaturas Clássicas, Univ. Lisboa).

MARTINS, Mário (1952), "Os Sete Tratados do cód. CCLXXVI/ 199 de Alcobaça". In separata de *Colectânea de Estudos*, 2ª série, nº3, Braga.

MARTINS, Mário (1955), "O *Castelo Perigoso* em português e no original de Frei Roberto". In *Brotéria*, 61, Lisboa, pp.291-296;

MARTINS, Mário (1955), "O *Castelo Perigoso* na sua forma original e numa adaptação francesa". *Brotéria*, vol. LX. Lx. MCMLV, pp. 36-43.

MARTINS, Mário (1956), "Os sete tratados cartusianos do cód. CCLXXVI/ 199 de Alcobaça". In *Estudos de Literatura Medieval*, Braga: Cruz, pp.159-167;

MARTINS, Mário (1956), *Estudos de Literatura Portuguesa*. Braga: Liv. Cruz.

MARTINS, Mário (1962), "Vida de S. João do Monte Sinai por Daniel de Raitu". *Brotéria*, vol. LXXIV. Lisboa, pp. 179-186.

MARTINS, Mário (1969), *Introdução Histórica à vidência do Tempo e da Morte*. vol. I. Braga: Liv. Cruz.

MARTINS, Mário (1980), *Alegorias, Símbolos e Exemplos Morais na Literatura medieval portuguesa*, 2ªed.Lisboa: Brotéria, pp.159-165.

MARTINS, Mário (1990), "Alcobaça". *Dicionário de Literatura* (direct. Jacinto do Prado Coelho). Porto: Figueirinhas, pp.28-30.

MARTINS, Mário (1990), "Copistas dos códices alcobacenses". *Brotéria*. LXVI. Lisboa, pp.412-423.

MATOS, Manuel Cadafaz de (1994), "A presença de Cícero na obra de pensadores portugueses nos séculos XV e XVI (1436-1543)". *Humanitas*, XLVI.

MATOSO, José *et al.* (1997), *História e antologia da literatura portuguesa: séculos XIII-XV*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1987), "Ser, estar, Jazer, Andar no Português Trecentista". *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XXII, Lx-Paris:Fund. Calouste Gulbenkian, pp. 31-47.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1989), *Estruturas Trecentistas. Elementos para uma Gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1991), *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (1992), "O que nos diz sobre a sintaxe a pontuação de manuscritos medievais portugueses. In *Reunião Anual da ABRALIN - Mesa Redonda: Sintaxe e Pontuação*.



- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2001), *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. 2ª ed. Salvador: Contexto.
- MATTOSO, José (1982), *Religião e Cultura na idade Média Portuguesa*. Lisboa: Imprensa nacional – Casa da Moeda.
- MATTOSO, José (1987), *Fragmentos duma composição medieval*. Lisboa: Ed. Estampa.
- MEGALE, H e OSAKABE, H. (1999), *Textos medievais Portugueses e suas fontes*, São Paulo, Humanitas.
- MEGALE, H. "Galego antigo e Português antigo", *Estudos lingüísticos XXIV, Anais de Seminários do GEL*, p. 460-465, 1995.
- MEGALE, H. (1997), "A leitura do texto antigo. *Estudos Lingüísticos XXVI: Anais de Seminários do GEL*, p. 74 - 83. Campinas.
- MEGALE, H. et al. (1999), "A leitura do texto antigo: variação lingüística em manuscritos". *Estudos Lingüísticos XXVIII: GEL*, p. 175-207.
- MENESES, Paulo (1986), "A narrativa hagiográfica: a expressão doutrinária da espiritualidade medieval". *Arquipélago. Revista da Universidade dos Açores*. Ponta Delgada, vol. VIII.
- MESSNER, Dieter (1983), "A peste de 1348, um factor muito pouco considerado nas histórias das línguas românicas" in *Boletim de Filologia*, t.XXVIII, pp.237-239.
- MESSNER, Dieter (1990), *História do Léxico Português*. Heidelberg: Carl Winter – Universitätsverlag.
- MESSNER, Dieter (1994), "Portugiesisch: Periodisierung/ Perodisation". In Holtus, Günter et al. (ed), *Lexikon der Romanistischen Linguistik (LRL)*. VI, 2, Tübingen: Max Niemeyer, pp.618-623.
- MICCOLI, Giovanni (1989), "Os Monges". In Le Goff, Jacques (dir), *O Homem Medieval*. Trad. de Mª Jorge Figueiredo. Lisboa: Presença, pp.33- 54.
- MICHAËLIS de Vasconcelos, Carolina, *Lições de Filologia Portuguesa*. Lisboa: Dina Livro.s/d, pp.17-22.
- MIRANDA, Florencia (2007). "Marcadores de gênero: uma pista para identificar a ficcionalização de gêneros textuais". In Proceedings of the 4th – International Symposium on Genre Studies – SIGET. Publicação em CD-Rom.  
(<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/54.pdf> (consulta em Setembro, 2009)).
- MORREAE, M. (1959), "Apuntes para una historia de la traducción en la Edad Media". *Revista de Literatura*, 15, pp.3-10.
- NASCIMENTO, A. e RIBEIRO, Cristina Almeida (org.), *Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*. Lisboa: Cosmos, 1991-1993.

NASCIMENTO, Aires Augusto, (1977), *Livro de Arautos: estudo codicológico, histórico, literário, linguístico De Ministerio Armorum*. Lisboa. Script. anno MCCCXVI ms. lat. 28, J. Rylands Library, Manchester.

NASCIMENTO, Aires Augusto (1979), *A propósito da edição de um códice alcobacense: B. N. L. 6747*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos. Sep. Euphrosyne, nova série, 9.

NASCIMENTO, Aires A. (1983), “Diferenças e continuidade na encadernação alcobacense”. In *Cinquentenário da Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa, pp.136-157.

NASCIMENTO, Aires A. (1991), “Livro e leituras em ambiente alcobacense”. In *IX Centenário do Nascimento de São Bernardo. Actas Encontros de Alcobaça e Simpósio de Lisboa*. Braga Alcobaça: Universidade Católica, pp.147-165.

NASCIMENTO, Aires Augusto (1992), *No limiar do humanismo renascentista: um texto para a Europa no início do séc. XV: O livro de arautos*. - Sep. Miscelânea de estudos em honra do Prof. A. Costa Ramalho.

NASCIMENTO, Aires Augusto, (1992), “Práticas codicológicas e sentido de enquadramento do livro manuscrito como produto cultural. *Colóquio sobre o Livro Antigo*. Actas. Lisboa: Biblioteca Nacional, pp.233-242.

NASCIMENTO, Aires . (1997), “ Traduzir, verbo de fronteira nos contornos da Idade Média”. In *Medievalia. O género do texto medieval*. 12. Lisboa: Ed. Cosmos, pp. 113-138.

NASCIMENTO, Aires Augusto, (1997), *História e antologia da literatura portuguesa: séculos XIII-XIV: a prosa medieval portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

NASCIMENTO, Aires A. (1998), “Traduzir, verbo medieval: as lições de Bruní Aretino e Alonso de Cartagena”. In *ActasII Congreso Hispánico de Latín Medieval*. vol. I. Universidad de León, pp. 133- 156.

NASCIMENTO, Aires A. (1999) “ O *scriptorium* medieval, instituição matriz do livro ocidental”. In *A Iluminura em Portugal. Identidade e Influências*. Lisboa: Biblioteca Nacional, pp.53-109

NASCIMENTO, Aires A. (2003), “Damião de Góis, tradutor: perspectivas para uma integração cultural”. In *Congresso Internacional Damião de Góis na Europa do Renascimento*. Actas. Braga: Pub. Fac. de Filosofia. Univ. Católica Portuguesa, pp.233- 265.

NAVARRO, Federico (2008), “ Análises Histórico des Discurso. Hacia un enfoque histórico-discursivo en el estudio diacrónico de la lengua”. In *Actas del VIII Congreso de Lingüística General*. Madrid,.

NETO, João Antônio de Santana (1997), *Duas Leituras do Tratado Ascético-Místico Castelo Perigoso*, Tese de doutoramento em Filologia e Língua Portuguesa, Univ. São Paulo.

NETO, João Antônio de Santana (2005), *Processos Argumentativos. Estudo Retórico de textos Didáticos Medievais*. Salvador: Quarteto Ed.

NETO, Serafim da Silva (1956), *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa.

NETO, Serafim da Silva (1986), *História da língua portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro : Presença.

NICHOLAS, David (1999), *A evolução do mundo medieval. Sociedade, governo e pensamento na Europa:312-1500*. Trad. A. M. Soares. Lx: Europa-América.

NUNES, José Joaquim (1906), *Cestomacia Arcaica. Excertos da Literatura Portuguesa desde o que mais antigo se conhece até ao século XVI*. 8ª ed. (1981). Lisboa: Clássica Editora.

NUNES, José Joaquim (1932), *Florilégio da Literatura Portuguesa Medieval*. Lisboa: Imprensa Nacional.

NUNES, José Joaquim (1989), *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, 9ª ed., Lisboa: Clássica ed

OLIVEIRA MARQUES, A. H. de, *A Sociedade Medieval Portuguesa. Aspectos da vida quotidiana*. Lx: Sá da Costa Ed., s/d.

PACAUT, Marcel (1970), *Les ordres monastiques et religieux au Moyen Age*. Paris : Nathan, 1970.

PACAUT, Marcel (1989), *La théocratie. L'Eglise et le Pouvoir au Moyen-Age*. Paris : Desclée.

PAIVA, Dulce de Faria (1988), *História da Língua Portuguesa II: Século XV e meados do XVI*. São Paulo: Ática.

PARKES, M. B. (1993). *Pause and effect: An Introduction to the history of punctuation in the west*. Berkeley: University of California Press.

PÊCHEUX, Michel (1969), *L'Analyse automatique des discours*. Paris: Dunod.

PENSADO, José L. (1962), *Fragmentos de un «Livro de Tristan» Galaico-Portugues. Edición y Estudio*. Santiago de Compostela.

PERELMAN, Ch. (1989), *Rhétoriques*. Bruxelles: Editions de l'Université de Bruxelles.

PERELMAN, Chaim e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie (1996), *Tratado da Argumentação. A Nova Retórica*. Trad. M. Galvão (2000). São Paulo : Martins Fontes.

PIEL, Joseph (1945), “A flexão verbal do português”. *Biblos*, 20, pp.359-404.

PLANTINI Christian (1990) *Essais sur l'argumentation*, Paris: Kimé.

POMEL, Fabienne (2001), *Les voies de l'au-delà et l'essor de l'allégorie au Moyen- Age*. Paris : Honoré Champion.

PRICE, B. B. (1996), *Introdução ao pensamento medieval*. Trad. T. Curvelo. Porto: Ed. Asa.

PUENTE OJEA, G. (1997), *Fe cristiana, iglesia, poder*. 3ª ed. Madrid: siglo XXI Ed..

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de (2002), *Dos Benefícios de Deus, Livro da Consciência e do Conhecimento Próprio, Da Amizade e das Qualidades do Amigo - Edição e Vocabulário onomasiológico de Três Tratados da Obra Ascético-Mística Castelo Perigoso (códcs. alc. 199 e 214)*, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.

RAMOS, R. (1996), “Estratégias argumentativas: as perguntas retóricas”. In L. M. ABREU, (coord.), *Diagonais das Letras Portuguesas Contemporâneas. Actas do 2º Encontro de Estudos Portugueses*, Aveiro, Associação de Estudos Portugueses/Fundação João Jacinto de Magalhães, pp. 171-186.

RAPP, Francis (1980), *L'eglise et la vie religieuse en occident a la fin du moyen âge*. Paris: Presses Universitaires de France.

Real Academia Espanola - *Diccionario de Autoridades*. Ed. Facsímil. 3 vols. Madrid: Gredos, 1979.

RIBARD, Jacques (1984), *Le Moyen Age: littérature et symbolisme*. Paris: Librairie Honoré Champion.

RICARD, Robert (1970), *Etudes sur l'histoire morale et religieuse du Portugal*. Paris : Fund. Calouste Gulbenkian/ Centro Cultural Português.

RIJK, Lambert Marie de (1985), *La philosophie au moyen âge*. Leiden: E. J. Brill.

ROBERT, Kimberley S. (1956), *An Anthology of Old Portuguese*. Lisbon : Schutz, A. H.

RODRIGUES, Graça Almeida (1977), *Crónica do Príncipe D.João de Damião de Góis*. Ed. crítica e comentada, Lisboa.

RODRIGUES, Graça Almeida (1982), “Edições críticas, textologia, normas para a transcrição de textos do séc. XVI” in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol.XVII, Paris.

Rodríguez, José Luís (1999), “De castelhano para galego-português: as traduções medievais”. In Álvarez e Vilaverdr (coords.), *Cinguidos por unha arela común. Homenaxe ó profesor Xesús Alonso Montero*. II, Santiago de Compostela: Universidade de Santiago, pp. 1285-1299.

RONCAGLIA, Aurelio (1974), *Principi e applicazioni di critica testuale*. Roma.

ROUDIL, Jean (1966), “Pour un meilleur emploi de l’adjectif critique appliqué aux éditions de textes espagnols du moyen âge » in *Homenage Estudios de filología e historia literaria lusohispanas e iberoamericanas*. La Haya, pp. 531-568.

ROUDIL, Jean (1993), “Le vouloir dire et le dit. Tradition partagée et originalité dans la littérature juridique espagnole du XIII siècle ”. *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*, nº 18-19, 1993-94.

ROUDIL, Jean, *Critique Textuelle et analyse linguistique*. La Haya: Martinus Nijhoff, s/d.

SACRAMENTADO, P. Crisógono de Jesus (1946), *Compendio de Ascética y Mística*. Madrid.

SAENGER, Paul (1989), "Manières de lire médiévales » in *Histoire de l'Édition Française. I. Le livre conquérant. Du Moyen Âge au milieu du XVIII<sup>e</sup> siècle*. Paris: Fayard-Promodis, 2<sup>a</sup>ed., pp.131-141.

SAMPSON, Rodney (1983), "The origine of Portuguese -ão". *Zeitschrift für Romanische Philologie*, 99, 32-68.

SANTIAGO-OTERO, Horacio (1996), *La Cultura en la Edad Media Hispana (1100-1470)*. Lisboa: Colibri.

SANTOS, M<sup>a</sup> José de Azevedo (1994), *Da Visigótica à Carolina. A Escrita em Portugal de 882 a 1172*. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian.

SEGRE, Cesare (1979), "Les transcriptions en tant que diasysthèmes » in *La pratique des ordinateurs dans la critique des textes. Colloques internationaux du CNRS*. Paris, pp. 45-49.

SILVA, António de Morais, *Grande dicionário da língua portuguesa*. 12 v. Lisboa: Confluência, 1949-59.

SILVA, Elsa Maria Branco da (2001), *"Castelo Perigoso". Edição crítica*. Lisboa: Colibri.

SOUTO CABO, José António (1998), *A História de Dom Servando. Edição do manuscrito e estudo*. Tese de Doutoramento em CD-Rom. Santiago: Universidade de Santiago de Compostela.

SOUTO CABO, José António (2001), "Pera esto se en romance tornar. Um documento notarial e poético de Santa Clara de Santarém". *Revista Galega de Filoloxía*, 2, pp. 89-104.

SOUTO CABO, José António (2001), *Rui Vasques. Crónica de Santa María de Íria. Estudo e edición*. Santiago.

SPAGGIARI, Barbara, PERUGI, Maurizio (2004), *Fundamentos da Crítica Textual*. Rio de Janeiro: Lucerna.

SPINA, Segismundo. (1977), *Introdução à Edótica*. 2<sup>a</sup> ed. rev. e atualizada. 1994. São Paulo: Ars Poetica-Edusp.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana (1979), *A Lição do Texto. Idade Média*. (trad. de A. Pimenta). Lx: Ed. 70.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana (1982), *La méthode philologique: écrits sur la littérature portugaise*. pref. Roman Jakobson, trad. Mai Mouniana. - Paris: Fund. Calouste Gulbenkian. Centro Cult. Português.

STRUBEL, Armand (1983), "La littérature allégorique » in *Précis de littérature française du moyen âge*. Paris.

TAAVITSAINEN, I. (2002). "Historical discourse analysis: scientific language and changing thought-styles". En T. Fanego, B. Méndez-Naya y E. Seoane, eds., *Sounds, words,*

*texts and change. Selected papers from 11 ICEHL*. vol. 2. Amsterdam: John Benjamins, PP. 201-226.

TEYSSIER, Paul (2001), *História da Língua Portuguesa*. 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes.

TILANDER, Gunnar (1959), "Porque –am, -om se tornaram –ão em Português? ". *Revista de Portugal, série A: língua portuguesa*, 24, 176, 292-303.

VASCONCELOS, José Leite de (1911), *Lições de Philologia Portuguesa*. Lisboa : Clássica Editora.

VASCONCELLOS, J. Leite de (1959), *Textos Arcaicos*. 4ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis (1930), "Inéditos de D. carolina Michaëlis". *Revista Lusitana*, 28, 16-41.

VÁSQUEZ CUESTA, Pilar e LUZ, Mª Albertina Mendes da (1971), *Gramática portuguesa*. 3ª ed., vol.I, Madrid: Gredos.

VAUCHEZ, André (1985) *La Espiritualidad del Occidente Medieval. (siglos VIII-XII)*. Trad. P. Iradiel. Madrid: Cátedra.

VAUCHEZ, André (1996), "S. Bento e a revolução dos mosteiros". In *Monges e Religiosos na Idade Média*. Berlioz, Jacques (Apres.) Trad. Teresa Perez. Lisboa: Terramar, pp.15-30.

VENTURA, Margarida Garcez (1997), *Igreja e poder no séc. XV: Dinastia de Avis e liberdades eclesiásticas (1383-1450)*. Lisboa: Colibri.

VERDELHO, Evelina (2007), *O Fidalgo Aprendiz. D. Francisco Manuel de Melo. Edição crítica, notas e índices*. Biblioteca – Arquivo Teatral Francisco Pillado Mayor.

VERDELHO, Telmo (1987), "Latinização na história da língua portuguesa. O testemunho dos dicionários" in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XXII, Lx-Paris: Fund. Calouste Gulbenkian, pp. 157-187.

VIEGAS, Rui (2002), *Livro dos três caminhos e dos sete sinais do amor embebedado. Edição e estudo*. Lisboa. Tese mestrado, Universidade Nova de Lisboa.

VITERBO, Joaquim de Stª Rosa de – *Elucidaria das palavras, termos e frases que antigamente se usaram.....* (Ed. crít. por Mário Fiúza). Porto: Civilização, 1983-84.

WILLIAMS, Edwin B. (1938), *Do Latim ao Português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. 4ª ed. Trad. A. Houaiss (1986). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

ZILLES, Urbano. *Fé e razão no pensamento medieval*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

ZUMTHOR, Paul (1993), *A letra e a voz*. Trad. A. Pinheiro e J. P. Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras

ZUMTHOR, Paul (1972), *Essai de poétique médiévale*. Paris : Du Seuil.

